ESTUDOS PSIQUICOS

★

Maria Gonçalves Duarte Santos

★

UMA GRANDE OBREIRA QUE DESAPARECEU EM PLENA MATURIDADE, QUANDO TUDO HAVIA A ESPERAR DA SUA INTELIGÊNCIA E DO SEU CORAÇÃO.

11.º ANO — JANEIRO DE 1950 — N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	28$00	42$00
A Génese (nova edição)	28$00	42$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	50$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	42$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

9.º VOLUME

1950

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

N.º 1

Oração, por *I. D. S.* 1
Uma Perda Irreparável — Maria Gonçalves Duarte Santos 2
O Livro da Minha Alma (soneto), por *Isidoro Duarte Santos* 7
Marília de Almeida Barbosa e Maria Gonçalves Duarte Santos, por *Henrique Magalhães* ... 8
Saudade, por *Guedes de Amorim* 9
Dolorosa Impressão, por *Leyguarda Ferreira* ... 9
Uma Lúcida Inteligência, por *Faure da Rosa* ... 10
Uma Mulher Invulgar, por *Ivone de Sousa* ... 10
O Meu Depoimento, por *Estêvão Rodrigues* ... 11
Fala o Médico Assistente, pelo *Dr. Fred Wachsmann* 12
Desgosto e Saudade, por *Túlio Rosa* 13
Uma Grande Dor, por *António Cardoso* 13
Uma Grande Obreira, pelo *Dr. Pedro Dias de Sousa* 14
Uma Grande Inteligência e Um Grande Coração, por *Henrique da Silva Horta* 15
Orémus, por *Ramos Pereira* 16
A Última Comunicação de Reper-Siam 17
Conformação, por *Isidoro Duarte Santos* 18
Salvé «Estudos Psíquicos»! 19
A Luz do Mundo, por *Djalma Farias* 20
A Casa da Mãe Pobre, por *Ivone Jean* 21
Ética Individual, por *Ramos Pereira* 22
Correspondências Cruzadas — II — por *Faure da Rosa* 24
Retornando ao Cristo, por *Medeiros Correia Júnior* 26
A Morte de Bach, por *Clóvis Tavares* 27
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 28
Notas & Comentários — Coração de Luto — por *I. D. S.* 30
Noticiário 31

N.º 2

Calvário, por *I. D. S.* 33
O Caminho da Harmonia do Espiritismo Brasileiro, por *F. Noronha* 34
Corações do Alto, por *Reper-Siam* 37
A Clarividência e a Quarta Dimensão, por *Nicolas Motta* 38
Os livros do nosso director na opinião de *La Revue Spirite* 41
O Homem e a Família, por *Ramos Pereira* ... 42
Cumpra-se a Lei, por *José Simões de Matos* ... 43
A Idade da Terra, por *António Cardoso* 44
Um Fenómeno Musical, por *Henrique Magalhães* 46
Correspondências Cruzadas — III — por *Faure da Rosa* 48
Bálsamo na Ferida, por *Maria Mendes Palma* 51
O Fim do Mundo, por *Cyrillo Aleixo* 53
Anda, Caminheiro!, por *Isidoro Duarte Santos* 54
O Espírita no Lar, por *Tito L. Bancéscu* 55
A Doutrina Espírita é Verdadeira?, por *Rufino Juanco* 56
Ensinamentos de «Silver Birch» — Porque Voltam os Espíritos-Guias, apresentado por *B. B. Martins* 58
Noite Estrelada, por *Huberto Rohden* 59
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 60
Cântico da dor e do Perdão, por *Pietro Ubaldi* 61
Notas & Comentários 62
Noticiário 63

N.º 3

Almas Amigas, por *I. D. S.* 65
Reino Espiritual, tese da Sociedade de Medicina e Espiritismo, apresentada ao 2.º Congresso Espírita Pan-americano 66
O Instinto, por *Cyrillo Aleixo* 70
O Magno Problema, por *Corina Novelino*..... 73
Ética e Teologia, por *Ramos Pereira* 74
Juventude Espírita 75
A Escrita Directa — I —, *por Faure da Rosa* 76
Incerteza Espiritual, por *Ernesto Moog* 78
Equilíbrio Hermético da Saúde, *segundo Mavric* 79
Fotografia Psíquica, por *Alfredo Miguel* 80
Situação Delicada, por *Reper-Siam* 81
De Ubaldi a Einstein, por *Ramos Pereira* 82
Uma Carta, por *F. Noronha* 84
Hora de Sementeira e Decisão, por *Natalio Ceccarini* 86

O Espirita na Pedagogia, por *Tito L. Bancéscu* 87
Prémios e Provas? A propósito de duas mortas queridíssimas, por *Leopoldo Machado* 88
Vigiai e Orai!, por *José Simões de Matos* 89
O existencialismo, segundo o meu critério espirita, por *Rufino Juanco* 90
Caridade, por *Túlio Rosa* 91
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 92
Notas & Comentários 94
Noticiário 95

N.º 4

Exortação, por *M. G.* 97
A Escrita Directa — II —, por *Faure da Rosa* 98
Carta de Longe, por *Olivio Novais* 100
O Espirita na Magistratura, por *Tito L. Bancéscu* 101
O livro «Pierino Gamba» e a Crítica portuguesa e estrangeira 102
«Pierino Gamba», por *Tito L. Bancéscu* 103
Os Fenómenos Telestésicos, por *Isidoro Duarte Santos* 104
T. James e o Romance de Dickens, por *Alfredo Miguel* 109
A Quarta Dimensão da Psicologia, por *Ernesto Moog* 110
Maria Gonçalves Duarte Santos 111
O Livro do Amor e da Saudade, por *Lia* 112
Novos Rumos da Terapêutica, por *Ramos Pereira* 114
Dez Maneiras de Matar Qualquer Instituição 116
Nunca São Demais, por *Amadeu Santos* 117
Uma Consagração 117
Intimidades, por *Um Homem* 119
Carta de Longe, por *Orlando Romero* 119
O Caso da «Grande Síntese» e a Nova Teoria de Einstein, por *Pietro Ubaldi* 120
Pomba, Mensageira do Espiritismo, por *Rufino Juanco* 124
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 125
Notas & Comentários 127
Noticiário (Fundo de Beneficência) 128

N.º 5

Profilaxia, por *M. G.* 129
O Paraíso Perdido e a Origem das Primeiras Civilizações, por *Cyrillo Aleixo* 130
A Data de 18 de Abril, por *Djalma Farias* ... 132
A Mulher no Espiritismo, por *F. Noronha* 133
A Vossa Perspectiva, por *Reper-Siam* 134
Viver, por *Lux* 135
Do Nascer e do Morrer, por *Ramos Pereira* ... 136
O Problema do Amor — I —, por *António Cardoso* 139
Confraternização — I —, por *Faure da Rosa* 142
O Livro do Amor e da Saudade, por *Lia* 144
Ensinamentos de «Silver Birch» — O Plano Divino, apresentado por *B. B. Martins* 146
Maria Gonçalves Duarte Santos e a Imprensa estrangeira 150
O Livro «Pierino Gamba» e a Crítica brasileira 152
A Perda de Um Ente Querido, por *António J. Martins* 154
Notas & Comentários 155
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 156
Noticiário 158

N.º 6

Saneamento, por *M. G.* 161
A Vida no Além, por *Charles L. Tweedale* ... 162
Grande Homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos no Centro Luz e Amor 166
Scaramuzza, por *Alfredo Miguel* 170
A Resistência ao «Contrôle» Mediúnico, por *Tito L. Bancéscu* 171
Pelo Mundo dos Mortos, por *Ramos Pereira* 172
Dadores de Luz 175
Páginas de Saudade, por *Lia* 176
A Verdade e a Ciência, por *E. F. M.* 178
Guiado Pelo Espírito, por *B. B. Martins* 179
Confraternização — II —, por *Faure da Rosa* 180
O Problema do Amor — II —, por *António Cardoso* 182
Três Aparências de Verdade, por *M. Maeterlinck* 186
Para a Perfeição (Soneto dedicado ao Espírito de Maria G. Duarte Santos, por *Ruderico* ... 188
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 189
Notas & Comentários 191
Noticiário 192

N.º 7

Em Frente, por *I. D. S.* 193
Sono e Sonho — I —, por *Faure da Rosa* ... 194
Os Fundamentos da Tese Espirita, por *Ramos Pereira* 196
A Sinfonia do Silêncio, por *Huberto Rohden* ... 198
O Sonho de Calpúrnia, por *Alfredo Miguel* ... 199
Eça de Queiroz e a Reencarnação, por *Deolindo Amorim* 200
A Metamorfose (excerto de «Dois Mundos» ... 201
Atenção, Irmãos Espiritas, por *F. Noronha* ... 202
João Amado Venâncio 203
Firmeza na Fé, por *José Simões de Matos* 204
O Pecado Original, por *Damião de Vasconcelos* 205
A Reencarnação de Jesus — I —, por *Rómolo Mantovani* 206
Exortação, Soneto de *Sebastião Lôsneau* 207
Declarações de *Pietro Ubaldi* 208
Grata Surpresa 210
«Dois Mundos» (anúncio deste livro) 211
Orientação e Depuração, por *Tito L. Bancéscu* 212
Maria Gonçalves Duarte Santos 213
Psicologia dos Vícios, por *Paulo Hecker* 214
Notícias do Brasil 215
Sacrifício, por *Estêvão Rodrigues* 216
O Terror da Morte, por *Cyrillo Aleixo* 217
A Onda e a Sombra 219
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 220
Notas & Comentários 222
Noticiário 223

N.º 8

Firmeza, por *M. G.* 225
O Que é o Espiritismo, por *F. Noronha* 226
Materialização, por *André Luiz* 227
A Mulher Espírita (Homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos no Rio de Janeiro ... 230
Maria Gonçalves Duarte Santos, Esposa, por *Dasy Pastor de Almeida* 232

Saudade, por *Iolanda Trindade* 233
Maria Gonçalves Duarte Santos, Médium, por *Diamantino Fernandes* 234
Maria Duarte Santos, Jornalista, por *Guiomar de Matos* 235
Os Mestres da Sabedoria, por *H. Costa* 236
Duas poesias de Leopoldo Machado: «Receber e Dar» e «Dar e Receber» 237
O Hermetismo dos Trovadores, por *António ardoso* 238
Os Inimigos do Espiritismo, por *Tito L. Bancéscu* 239
«Dois Mundos» (Transcreve-se o Capítulo «Ânsia de Conhecimento» 241
O Sentido Espiritualista da Vida, por *Leopoldo Machado* 242
Pio IX Espirita, por *Djalma Farias* 243
Apontamentos Sobre o Perispírito, por *Abdallah* 244
Rumo Conhecido, por *Reper-Siam* 246
Sono e Sonho — II —, por *Faure da Rosa* 247
Livros de Todo o Mundo, por *Ramos Pereira* 250
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 252
Notas & Comentários 254
Noticiário 255

N.º 9

Falsos Médiuns, por *I. D. S.* 257
A Sobrevivência de *Sir* Oliver Lodge 258
A Minha Homenagem, por *F. Noronha* 264
A Ressurreição de Jesus — II —, por *Romolo Mantovani* 265
Pensamento Amigo, por *Lia* 266
Fundo Permanente de Beneficência 269
Mesmer, A sua Vida e a sua Obra, por *António Cardoso* 270
A Física Moderna e o Futuro do Espiritualismo, por *Pietro Ubaldi* 273
Sono e Sonho — III —, por *Faure da Rosa* ... 275
Comunicação Espirita Pro-Paz 277
Fraternidade, por *Mariana Mendes Palma* ... 278
Graças Sobre Graças, por *Leopoldo Machado* 280
O Espiritismo no México, por *Rufino Juanco* 282
Livros 283
Crónica Estrangeira, por *Isidoro Duarte Santos* 284
Notas & Comentários 286
Noticiário 287

N.º 10

Ventos Contrários, por *I. D. S.* 289
Deus, Sonho ou Realidade?, por *F. Noronha* ... 290
As Provas da Imortalidade, por *Alfredo Miguel* 293
A Ressurreição de Jesus — III —, por *Romolo Mantovani* 294
Escolas Preparatórias, por *Tito L. Bancéscu* ... 296
O Meu Filho Escreveu-me, por *Frederico Duarte* 297
Religião, por *Damião de Vasconcelos* 298
Lenda Hindu, por *André Luiz* 299
Hilda Simms numa Casa Assombrada, por *Fred Archer* 300
Trabalho, Solidariedade e Tolerância, por *Anita Rosa* 303
Retalho de Lenda, por *Amadeu Santos* 304
Sono e Sonho — IV —, por *Faure da Rosa* ... 307
O Nosso Semelhante, por *Mariana Mendes Palma* 308
Grande Movimento de Moços Espiritas 309
Sem Rei Nem Rôque, por *Cyrillo Aleixo* 311
Os Que Dormem, por *André Luiz* 311
A Religião das Religiões, por *Leopoldo Machado* 312
Auxílio aos Necessitados 313
Relatividade do Conhecimento Humano, por *Deolindo Amorim* 314
«Dois Mundos» (Anúncio deste livro) 315
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 316
Livros de Todo o Mundo, por *Ramos Pereira* 318
Notas & Comentários 319
Noticiário 320

N.º 11

Um sector Diferente, por *M. G.* 321
História de Uma Reencarnação — I —, pelo *Dr. Jules Pérès* 322
Ideia Que Me Sorri, por *F. Noronha* 327
Sofrimento, por *Lia* 328
Recordando, por *Rocazatoné* 329
Guerra Junqueiro, poeta-filósofo, por *Arnaldo S. Tiago* 330
Cartão Fraterno 333
Da Ideia de Deus e do seu Culto — I —, compilação de *Damião de Vasconcelos* 334
Apologia das Almas Gémeas, por *Tito L. Bancéscu* 338
Os Mortos Governam os Vivos, por *Leopoldo Machado* 340
Os Cépticos não Acreditam... 341
Uma Figura Que Parte (Faure da Rosa), por *Isidoro Duarte Santos* 342
Saudade, por *Ivone de Sousa* 343
Marco Postal 344
Dormir... Sonhar — I —, por *Faure da Rosa* 345
Vallantine e Margery — Correspondência Cruzada entre a Europa e a América, por *Pascal Forthuny* 347
Finados, por *José Simões de Matos* 348
A Volta (excerto do livro «Dois Mundos» 348
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 349
Notas & Comentários 350
Noticiário 351

N.º 12

Tolerância, por *I. D. S.* 353
História de Uma Reencarnação — II —, pelo *Dr. Jules Pérès* 354
Hospital Espirita de Porto Alegre, por *I. D. S.* 360
Farisaismo, por *Alfredo Miguel* 363
Guerra Junqueiro, poeta-filósofo, por *Arnaldo S. Tiago* 364
O Coronel Faure da Rosa, por *F. Noronha* ... 357
«Páginas de Saudade» (transcreve-se o Capítulo «A Alvorada das Almas», por *Lia* 368
O Espiritismo no Parlamento Inglês, por *Isidoro Duarte Santos* 371
Do Espírito, por *Ramos Pereira* 376
Rectificação Necessária, por *Damião de Vasconcelos* 377
«Dois Mundos» (Anúncio deste livro) 378
Natal Cristão, por *Mariana Mendes Palma* ... 379
Natal, por *José Simões de Matos* 379
Auxílio aos Necessitados 380
Crónica Estrangeira, por *I. D. S.* 381
Notas & Comentários 382
Noticiário 383

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1950 — N.º 1

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ORAÇÃO

Quando abri a revista de Dezembro com o balanço do ano que findou, mal sabia eu o que tão cedo me esperava! O drama evolucionava à minha volta com seus tentáculos nebulosos e mortíferos. Sentia qualquer coisa a minar um alicerce que me parecia tão sólido, a carcomer um elo que resistia aos mais duros embates. E o desmoronamento atingiu em cheio o meu edifício moral. A alegria esfusiante transformou-se em véu de saudade. O sol da minha vida foi toldado pela ausência do maior esteio que pode acompanhar um homem no seu apostolado. Fiquei inerme, fiquei só, reduzido à expressão mais simples.

Agora, Senhor, que a tarefa suplanta as minhas farças abaladas, que tendes vós para me dar, além do sacrifício que aceitei resignadamente? Que tendes vós, Senhor, para o servo humilde que se arrasta ansioso de luz espiritual ? Para o verme que não ousa erguer os olhos ao esplendor da vossa misericórdia ? Para o viandante que há séculos caminha e não conhece o rumo da jornada ? Que tendes vós, Senhor, para quem ajoelha e aguarda a justiça de vossas leis imutáveis ?...

Eu só vos peço coragem. Eu só vos peço força para resistir ao terrível embate. Se tenho de continuar, temperai o meu espírito e dai-lhe coragem. Incitai-me. Não me deixeis cair no marasmo.

Senhor, escutai-me. Perdi o maior bem do mundo. O meu braço treme. Minha palavra hesita. Meu olhar amortece. O choque paralisou-me as energias. Sou um extático que não resiste ao aguilhão.

Mas é assim a vida ? Não nos deste, acaso, meios de vencer as duras provações ? Porque me falecem então esses meios ? Porque choro eu, quando devia rir ? Porque rastejo, quando devia ascender em surtos de alma ?

Porquê, Senhor, a tristeza que invade o coração dos que muito sofreram, porque muito amaram? Isto não são queixumes. São interrogações que afloram aos lábios ressequidos pela febre das vigílias. Interrogações que envolvem dramas pungentes que nos aguardam e que teremos de afogar no oceano do Tempo e da saudade.

Senhor, permiti que a bondosa companheira volte a inspirar a minha pena, que as suas vibrações me envolvam em celeste eflúvio. Eu quero dar-me, quero transcender-me...

Esta é a minha oração. Seu corpo está a transformar-se no laboratório da natureza. Sua alma atingiu a plenitude em volições etéreas. Nada mais desejo que a sua presença amiga, Senhor. Nada mais desejo. Sei que é possível senti-la, vê-la, ouvi-la, tocá-la. Mas isso pertence aos eleitos. Eu sou um mísero cavouqueiro do Ideal.

É grande a lacuna. Como preenchê-la ? Dai-me intuições salvadoras. Iluminai-me e guiai-me. Tenho fé na vossa bondade infinita. Tenho esperança no vosso poder magnânimo.

Sobretudo, dai-me resignação e movimentai-me. *Estudos Psíquicos* poderão morrer ? Ela era o seu móvel, a sua causa. Sem Ela, nada disto existia. Tudo ficaria em projecto. Mas Ela «quis» e a obra realizou-se...

Que Ela continui a querer com decisão e eu possa expandir ainda mais as tarefas que deixou em meio.

Não vos peço, Senhor, os bens da terra. Peço-vos atributos do espírito: conformação na dor, resignação na saudade.

É pedir muito para um coração alanceado ? Se é, perdoai, Senhor. Aceito tudo o que me derdes. Menos chorar. Isso não quero, Senhor, porque o choro é negativo, isola-nos das almas amigas que nos desejam consolar.

Eu quero ser alegre. Só a alegria triunfa. Só a alegria resolve os grandes problemas espirituais. Só a alegria salva, só a alegria imuniza contra o Mal que ronda os simples de coração. Dai-me um pouco da alegria que Ela espalhava a mãos cheias e eu serei forte da Sua força, confiante da Sua confiança.

Senhor ! Genuflexo e contrito, ergui a minha prece à vossa misericórdia. Dai-me o que mereço e serei contente. Submeto-me aos vossos desígnios com a fé do verdadeiro crente.

UMA PERDA IRREPARÁVEL

Maria Gonçalves Duarte Santos

por ISIDORO DUARTE SANTOS

Por mais que procure no léxico amorável do coração despedaçado, não encontro palavras adequadas. Tudo o que me sai da pena é sombra da realidade que vibra numa alma angustiada. É que eu vi. Fui testemunha ocular. Fui esposo. Fui companheiro. Fui amigo. Fui tudo o que pode ser um homem sensível buscando na amizade o símbolo de uma ligação que o tempo não consegue alterar ou escurecer.

Maria Gonçalves Duarte Santos não é mais deste mundo ingrato, impostor e cruel. Voou para a celeste morada, atraída por luminosas ideias de ascese espiritual. Mas... triste irrisão das coisas! Partiu, quando mais vida humana lhe era necessária, para as ingentes tarefas que aguardavam o nosso esforço comum.

Tantos e tão grandiosos programas lhe bailavam na mente esclarecida! O que ela trabalhou, o que ela fez pelo Espiritismo em Portugal! Poucos o sabiam, mas a sua acção permanente desentranhava-se em marchas promissoras, em resultados estimulantes. Toda a obra do Centro Espiritualista Luz e Amor e da revista Estudos Psíquicos *está impregnada de suas vibrações fortes e amorosas. Era a «alma mater» destas organizações que se amparam mùtuamente. Mais do que esteio, mais do que pedra fundamental, era um piloto seguro soltando rumos admiráveis no oceano da Doutrina. Que o digam quantos aqui trabalharam. A sua presença inspirava confiança aos desalentados. Eu próprio, que sempre fui animoso, que sempre encarei a vida com serenidade, dela recebi toda ou quase toda a inspiração que me levou à busca de novos caminhos na disseminação do Ideal espirita.*

Eu não faço panegírico. Presto homenagem. Sirvo a verdade. Cultivo a justiça. Deus sabe o que me custa escrever estas linhas...

COMO SURGIU O DRAMA

No dia 22 de Dezembro de 1949, estava bem disposta e fazia preparativos de viagem à terra natal. Era assim todos os anos. Gostava muito de ver a família e as pessoas amigas. Cartas, lembranças a este e àquele... E seguimos para Cebolais de Cima, a passar o Natal e o Ano Bom.

Viagem óptima, sem o mínimo incidente. À chegada, muitos abraços, muitas explosões de alegria. Mas aquela cabeça! Era uma dor pequena, inquietante, que já a apoquentara em Lisboa, antes da jornada. E um leve fluxo sanguíneo proveniente das gengivas foi progredindo, progredindo, à medida que as forças diminuiam, sem, contudo, prevermos complicações graves. O Natal passou-o no leito, mas depois levantou-se e jogou animadamente com a família, num serão que jámais esquecerei.

Em 2 de Janeiro, regressámos a Lisboa, um tanto alarmados. Consultámos o médico, vieram análises de urgência... No dia 4 é levada à pressa para a terra natal, onde expira, sem que lhe tivessem valido os recursos da medicina terrena.

O trespasse foi rápido. A leucemia aguda cerceou-lhe as forças. Perdeu a consciência e eu fiquei a braços com o maior drama da minha vida...

E agora, senhores ?... Que faz o barco desarvorado em pleno mar revolto ?... Que faz ele ?... Só a inspiração do seú elevado espírito me poderá valer nesta enorme crise. Só a sua presença conseguirá animar o meu coração que sangra por todas as feridas.

Mas tenhamos ânimo. É preciso dizer alguma coisa da querida ausente, alguma coisa que pertence mais ao Ideal do que a mim próprio...

A MULHER

Maria Gonçalves Duarte Santos era um espírito invulgar. A sua cultura humanista, a sua inteligência cintilante aliada ao senso prático das coisas, distinguiam-na imediatamente, mal abria os lábios numa opinião ou numa análise. Nunca encontrei quem se lhe assemelhasse em compreensão, quem apreciasse com mais acerto a sociedade em que vivia. Dotada de peregrina intuição, previa os acontecimentos com tamanha clareza, que chegava a assombrar pelo realismo dos vaticínios e pela lógica que se desprendia do seu pensamento equilibrado.

Lia tudo e sentia grande predilecção pelas questões sociais. Eu sempre lhe respeitei as ideias, a elas me convertendo, mercê do seu verbo sugestivo e convincente. Por vezes, desabafava:

— Não compreendo o mundo. Vim muito tarde ou muito cedo!

Sim, ela estava deslocada. O mundanismo não a seduzia. Nem a ideia do luxo e da abundância exerciam em sua alma a menor influência. Mas um pobre desnudo ou uma mulher ultrajada acordavam nela ecos de revolta que não sabia

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS em atitude reflexiva Um verdadeiro mundo de emoções paira no seu olhar expressivo e fulgurante ...

conter. E a sua palavra tinha sonoridades indiscritíveis. Era a voz do Baptista a «clamar no deserto». Uma mulher extraordinária, verdadeiramente extraordinária !...

O seu carácter igualava a sua coerência e o seu amor à verdade. Nunca mentiu. Mulher impoluta, talhada em bloco, virtuosa até à medula, era o meu orgulho de marido e de homem.

Da sua fronte irradiavam vibrações fulgurantes. Alguns amigos me disseram muitas vezes, a respeito dela:

— Aquele olhar penetrante revela a presença de um grande espírito.

E a nossa irmã Gertrudes Marramaque Silva confirma-o, no seu cartão de solidariedade:

— Que a sua alma no Além alcance uma Luz tão pura como era o seu olhar !

Na verdade, quem a via uma vez, não a esquecia mais. A sua conversação aliciava e encantava. E partiu, inexoràvelmente, deixando em torno a desolação e o silêncio...

A ESPOSA E A COMPANHEIRA

Poucos homens avaliarão pela experiência os atributos quintessenciados de uma verdadeira esposa entregue exclusivamente ao bem-estar dos seus familiares. E digo isto, porque são muito raras as mulheres que se exteriorizam tanto em dedicação e renúncia. Sentia grande mágoa de não ter filhos e em vão esperou essa ventura, que lhe não pertenceu na terra. Mas o seu poder afectivo desdobrou-se sobre duas criaturinhas que durante muito tempo agregou ao lar, uma das quais permanece junto de mim, para continuar a obra iniciada. Conhecendo a fundo o sistema de Kneipp, de cura das doenças pela água, fez centenas de aplicações nos doentes que a rodeavam e por vezes conseguiu o milagre da salvação, sem drogas nocivas.

A sua concepção de esposa revelava uma poderosa evolução espiritual. Não lhe interessava a submissão, mas a compreensão. Eramos dois espíritos a trabalhar em comum, de mãos dadas, vibrando no mesmo pensamento. E os laços que nos uniam tornavam-se cada vez mais fortes. Nada podia enfraquecê-los. Nenhuma força terrena ou espiritual conseguiria quebrantá-los. Formara-se a rocha e nela construimos a muralha da fé e do amor, para os séculos dos séculos.

Em 26 anos de convivência nunca me deu motivos de ciúme. Foi uma nova Lucrécia, na melhor acepção do termo. Que bela organização moral! Bem dizia ela que não entendia o mundo e que viera muito tarde ou muito cedo ! Bem dizia ela !...

A sua alma estava no seu coração e nós vivíamos em perfeito sincronismo de ideais e sentimentos. Por isso eu choro a sua perda. Por isso eu sinto o vazio à minha volta, apesar da extrema dedicação e encorajamento da Maria Eugénia, nossa filha adoptiva. É que esta longa caminhada sintonizou as nossas vibrações e os três pareciam um só, plenamente harmonizado...

NO RETIRO DE SAGRES

Os oito longos anos que estivemos no Promontório Sacro e as mensagens do Além recebidas pelo seu punho amadureceram em nós ideias e projectos que mais tarde viriam a realizar-se. Aquele estágio constituiu o maior aprendizado da nossa vida terrena. Lá escrevi milhares de páginas, de lá irradiei profusa colaboração para dezenas de publicações portuguesas, espanholas, brasileiras, sul-americanas, tudo sob a inspiração que provinha do seu espírito gentil. Junto dela, a minha pena desentranhava-se em rajadas doutrinárias. O «Luz no Caminho» escrevi-o pertinho, muito pertinho do seu coração amantíssimo, sentindo-lhe o influxo palpitante que me dava alegria inenarrável. Mas, quando ela se afastava, a inspiração decrescia, eu era outro homem, diferente, muito diferente... Misteriosas coisas são estas, Deus meu ! Vidas passadas em comum há séculos talvez, temperadas ao calor de ilimitada afeição ? Assim deve ter sido. O problema não se resolve de outra maneira.

Outros livros ali esbocei, que se mantêm inacabados. Trabalho gigantesco que só um grande amor poderia cimentar em tantos anos de luta junto ao maior rochedo de Portugal, ouvindo bramir o escarcéu e sibilar o vento em medonhas invernias, ou acalentados pelo melhor sol do mundo em dias belos que não esquecem mais...

E quando soou a hora da retirada, as mensagens do Alto mudaram de tom :

— Agora, amigos, outros trabalhos vos esperam em Lisboa. Isto foi treino para lutas bem maiores...

E o nosso regresso não trouxe repouso algum aos dois caminheiros que sustinham a mesma cruz e continuaram a trabalhar sem esmorecer...

NO CENTRO LUZ E A AMOR

Quem desconhece a acção poderosa e constante que ela exerceu no Centro Espiritualista Luz e Amor, ficará admirado se eu disser que foi o escudo de todas as direcções, desde a reorganização da colectividade, em Setembro de 1939. O trabalho começou na nossa casa da Junqueira, onde o Centro permaneceu quase um ano. Depois, acompanhou-o com grande sacrifício, quando ele se instalou na Rua do Salitre. E as comunicações do Alto, que ela recebia desde o nosso retiro de Sagres, subscritas pelo iluminado espírito Reper-

MARIA GONÇALVES D'UARTE SANTOS num sorriso aberto que irradiava simpatia: segredo que levou consigo como dádiva celeste e que nós recordamos com saudade...

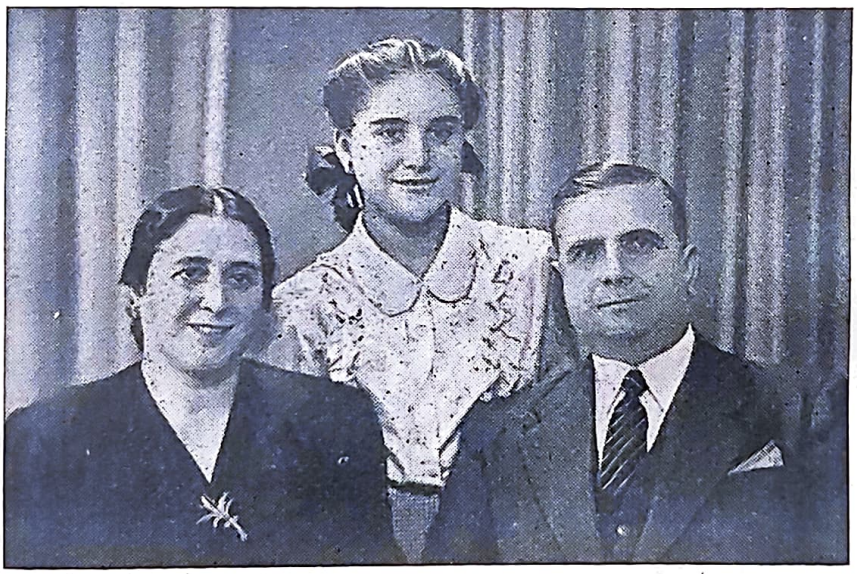
Sim, a todos davam incentivo e coragem nas grandes lutas que se travaram.

Não quis pertencer aos Corpos Gerentes. Trabalhava mais à vontade fora da burocracia. E centenas de sócios trouxe à trincheira onde alegremente mourejava...

Todos os directores do Centro a ouviam com admiração e respeito. A sua intuição e a sua viva inteligência evidenciavam-se espontâneamente, em qualquer lance decisivo da vida associativa. E os acontecimentos davam-lhe sempre razão, corroboravam sempre as suas palavras proféticas. Mulher extraordinária, mulher extraordinária !...

NA REVISTA «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Esta revista apareceu com a Guerra Mundial de 1939. Tínhamos abandonado o nicho de Sagres. O Espiritismo português extinguia-se ou abastardava-se. Era preciso um baluarte e uma bandeira que reunissem adeptos descontentes e tresmalhados pelas terras do Continente. E surgiu Estudos Psíquicos, *com o auxílio providencial do meu grande amigo Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro. E aqui começou uma grande luta, a maior de todas as nossas lutas. Revista pobre, sem recursos, sem assinantes, como pôde ela caminhar e triunfar, concitando a admiração de tanta gente culta? A causa é a mesma, senhores! Maria Gonçalves Duarte Santos resolvia todos os problemas económicos com facilidade assombrosa e aumentava dia-a-dia o âmbito de acção, em concorrência com os seus deveres de exímia dona de casa.*



Maria Gonçalves, Maria Eugénia, Isidoro Duarte Santos... uma trindade familiar que a morte não desfez...

Tantas cartas que escreveu e que eu assinei, cheio de orgulho por ter uma mulher assim ! Tantas cartas, tantas !... Tantas sugestões, tantos alvitres !...

E a revista ia singrando, mercê de força oculta que emanava da sua personalidade inconfundível.

— Está suspensa do Alto — dizia.

Sim, estava suspensa do Alto. Mas também estava suspensa da sua poderosa mentalidade, que eu desejaria imitar, se pudesse.

Mas não posso. Não seria capaz, por mais esforços que fizesse. A inteligência e o bom senso não se adquirem de um dia para o outro. São produto de mil vidas em avanço perene.

Hoje, Estudos Psíquicos *é um baluarte onde escrevem as melhores penas do Espiritismo Mundial. A sua evolução ascendente foi realizada em grande parte por essa notável pioneira. Fui eu o braço ? Mas ela foi o calor, o entusiasmo, o frémito aliciante. Foi quase tudo neste prélio titânico, sem um leve enfraquecimento, nem um gesto de fadiga. Nasceu para uma larga tarefa e assistiu parcialmente à realização dos seus admiráveis vaticínios.*

Eu devia-lhe estas palavras. Cometeria um crime se as não dissesse. Estou na situação de quem levou uma martelada na cabeça e ficou muito tempo atordoado. A pena cai-me das mãos, como se fosse um pesado madeiro. A alma sangra e o espírito rebela-se contra a onda emotiva. É uma luta gigantesca que amarfanha, desola e oprime...

Mas ela está presente... A sua Mensagem veio logo, na noite da separação:

«— Saudades. Quero-vos muito. Estou bem. Os irmãos do Alto rodeiam-me com seus cânticos. A dona Marília está comigo».

Em seguida, exortou-nos:

«— Não choreis. Quero paz e serenidade. Estou melhor do que ninguém. Continuai as nossas tarefas. Eu vos auxiliarei. Estarei sempre convosco para vos animar e consolar...».

Aguardemos melhores dias. Entretanto, a vaga há-de ir passando. Que as suas doces vibrações nos cerquem e nos inspirem ! Que o seu iluminado espírito paire sobre nós em círculos de harmonia! E quando a hora soar para os que ficaram empolgados pela saudade esmagadora, que ela venha esperar-nos com o mesmo olhar e o mesmo sorriso franco que tanto a distinguiram. E as nossas almas, de novo unidas em missão grandiosa, entoarão hosanas ao Deus das Alturas e continuarão a sua marcha comum através dos séculos porvindouros...

O Livro da Minha Alma

AO ESPÍRITO GENTIL DE MINHA ESPOSA

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

Guarda este Livro como um grande poema
se guarda numa urna sacrossanta!
E' meu e teu, Marília, é dor que canta
a nós ligada na mais forte algema.

Se amar-te sempre foi meu doce lema,
falar de ti é gozo que me encanta...
Por isso eu fiz a nossa Bíblia Santa,
vogando em ânsias de uma dor suprema!

Beija-lhe as folhas uma a uma; e quando
o souberes de cór, dirás baixinho:
— "São duas almas numa só vibrando,

a minha e a dele"... E corre a escondê-lo,
nas alvas dobras de um lençol de arminho,
de modo que ninguém lá possa ir lê-lo!

ISIDORO DUARTE SANTOS

Marília de Almeida Barbosa
e
Maria Gonçalves Duarte Santos

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Não atinamos com o motivo, mas o facto é que fizemos inúteis tentativas para escrever algo sobre o desencarne da esposa de Leopoldo Machado, irmã a quem nos liga a mais santa admiração e respeitoso afecto. Parece que motivo superior existia, independente de nossa vontade, inibindo-nos de extravasar o coração, à face do mundo, dizendo do que sentimos por esse vulto glorioso de mulher que se agiganta aos olhos dos homens, dando-lhes lições grandiosas de coragem, abnegação e altruismo.

Não precisamos de rememorar seus dotes de espírito. Todavia, lembramos tão sòmente aqui o momento culminante de sua última existência terrena, minuto esse que determinou a protecção, o amparo, o farol luminoso que guiará milhares de criaturas, iluminando-lhes o caminho escuro que atravessarão, em suas peregrinações pelo Planeta. Esse minuto dá testemunho da coragem de Marília Barbosa e os dias que se seguiram o dão também de sua tenacidade. Foi quando dentro de exíguo espaço, cercado de tábuas velhas e esburacadas e coberto de zinco, ela defrontou desditosa viúva, mais pobre que «Job». Após ter distribuído brinquedos e iguarias aos filhinhos da criatura visitada, e mantimentos e dinheiro à infortunada mãe, num gesto nobre e decidido proferiu mais ou menos estas palavras, após sentida prece:

— Vamos fundar um «Lar» para estas e outras criaturas onde se sintam à vontade como se em suas casas estivessem.

E em face das companheiras, assombradas com a iniciativa que brotava ali mesmo daquele coração generoso, emocionado com a miséria que os olhos observavam, rematou:

— Essa Casa chamar-se-á Lar de Jesus!

E assim foi! A ideia que germinou num instante, lançou raizes profundas, alteou o seu tronco, nasceram os ramos e as folhas, consubstanciados na aquisição do terreno, na construção da casa e nos vários pés que para ali se dirigem para cooperar, e nas dezenas de braços que se movimentam em seu benefício, trabalhando desta ou daquela forma para o Lar de Jesus. *E os frutos lá estão, amadurecendo, representados pelas dezenas de crianças que lá se alimentam, nutrem o intelecto e fortalecem a alma!*

Porque só agora a pena corre célere sobre o papel e as ideias surgem como torrente tumultuosa, sem cessar, ao contrário do que ocorreu de outras vezes, quando intentávamos escrever sobre o assunto?

É a pergunta que fazemos a nós mesmo. No entanto, qualquer coisa nos diz que nosso pensamento devia externar-se simultâneamente para duas criaturas, cuja vida no Orbe teve as mesmas facetas, gravitando em torno do mesmo objectivo.

Referimo-nos a Maria Gonçalves Duarte Santos, companheira de lutas de Isidoro Duarte Santos. Uma em Portugal e outra no Brasil, deram o melhor de suas vidas à mesma missão.

Por inúmeras observações e experiência própria, sabemos que esposa e esposo se nutrem um ao outro, na troca de ideias, nos conselhos mútuos, nas observações que às vezes tomam a forma de admoestações!...

É que os pensamentos do casal, quando comungam na mesma doutrina, unem-se, formando um todo. Reciprocamente se alimentam de ideias superiores, fortalecendo os objectivos para o mais Alto. É um todo homogéneo e harmonioso. E quando a outra parte falta, parece que um vácuo nos rodeia, separando-nos do resto do mundo... É como se nossa alma se partisse em duas partes, sumindo-se uma delas.

Têm fundamento científico, portanto, as observações do Mestre:

— Não separeis o que Deus ajuntou!

Contudo, sabemos hoje, por mercê e graça do Eterno, e sabem-no melhor ainda o Leopoldo e o Isidoro, que a acção da criatura não está circunscrita ao corpo; reside, sim, no próprio espírito.

Raciocinando superiormente, pois, verificamos que as mesmas criaturas que nos auxiliavam na terra continuarão a nos secundar do espaço, dando-nos suas sugestões através da intuição e conselhos directos, quando, dormindo, nossos espíritos se alçam ao espaço. Dessa forma, nossos queridos irmãos continuarão li-

gados às dilectas esposas, bebendo-lhes as sugestões amigas e avisos salutares.

Como procuramos demonstrar, as duas valorosas mulheres, espíritos inteligentes e de acção, foram e continuarão a ser, embora em outro plano, os cireneus de seus esposos; o espírito animador, o fogo vivo que alimentará suas almas dos sagrados dons do amor, da renúncia, do trabalho e da perseverança.

Marília Barbosa, além de fundadora e Directora do Lar de Jesus, foi o espírito animador de seu companheiro. Foi o que se pode denominar uma esposa ideal.

Maria Gonçalves Duarte Santos foi igualmente o braço direito de seu marido nas lides diárias em prol da doutrina.

Foi ela que animou o marido a fundar a notável revista Estudos Psíquicos, trabalhando com ele dia e noite na sua confecção, distribuição e outros trabalhos atinentes a esse mister. Sua acção estendeu-se a todos os sectores, desde a limpeza da oficina à expedição da revista, aos trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, às consultas de que a direcção da revista era alvo e outros misteres. Houve tempo em que o trabalho em peso, tanto do Centro como da revista, repousava exclusivamente nos ombros de Isidoro e sua esposa. O Isidoro que o diga.

Marília Barbosa e Maria Gonçalves Duarte Santos foram, portanto, duas vidas que vieram ao Orbe com missões idênticas e em Campo igual, como complemento de duas missões mais extensas.

Deus, em Sua infinta misericórdia, as proteja e Seus Santos enviados as acolham em seus domicílios celestes.

SAUDADE

A senhora D. Maria Gonçalves Duarte Santos deixa, em todos quantos tiveram a honra de conhecê-la, uma profunda impressão de energia e dignidade. As suas palavras comunicavam saúde e confiança no amanhã. Soube seguir conscientemente, na terra, a estrada áspera e direita do Espiritualismo, mas sem nunca trair a vida verdadeira. Foi sempre notável e exemplar a sua actividade. Foi também, em grande parte, e sem desfalecimentos, a chama e a alma desta revista e do Centro Luz e Amor. Por conseguinte, todos quantos a conhecemos lastimamos, bem sinceramente, a sua inesperada partida !...

GUEDES DE AMORIM

Dolorosa Impressão

Por LEYGUARDA FERREIRA

Ainda hoje — e já decorreu quase um mês — ressinto a impressão de doloroso assombro e de intenso pesar que me causou a notícia do desencarne súbito da irmã Maria Gonçalves Duarte Santos, estremosa esposa do confrade e prezado amigo Isidoro Duarte Santos.

Com o seu desaparecimento, a causa espírita e a revista Estudos Psíquicos perderam um valioso elemento e um dos seus mais poderosos esteios.

Nem todos os que se dizem espíritas o são. Ser espírita é ser modesto, caridoso, compreensivo, ter sempre à flor dos lábios uma palavra de carinho para quem sofre e um sorriso de benevolência para quem erra, aceitar com coragem as tarefas que Deus destribui e desempenhá-las, não com resignada passividade, mas com consciência, com o ardor combativo de quem desbrava terrenos incultos para neles germinar a semente divina do Bem.

Pois Maria Gonçalves Duarte Santos era espírita na verdadeira acepção do termo, espírita pelas qualidades que a exornavam, pelo carácter, pela fé sem fanatismo, pelas virtudes e pelo exemplo da sua vida simples e digna, repartida entre os cuidados do lar e o esforço incansável para o desenvolvimento da revista, que fundou com seu marido.

Prudente, sensata, dotada de larga visão e calmo raciocínio, foi para o esposo a companheira por excelência, o apoio moral e o estímulo enérgico, tanto como a conselheira ponderada, a auxiliar dedicada e inteligente.

De trato agradável, delicado mas lhano, sem as blandícias hipócritas da cortesia de encomenda, a todos cativava e prendia em cadeias de simpatia que logo se transformavam em verdadeira amizade. A sua alma de eleição vivia um nobre ideal e sabia impô-lo com simplicidade, sem pretensões de proselitismo.

Embora saibamos que a morte não é mais do que uma passagem, o simples transpor de uma margem para a outra, nós, os que ainda vivemos na terra, não conseguimos evitar o pungir da saudade, quando um espírito do seu quilate se liberta e voa a caminho dos mundos superiores, das regiões de luz, onde, por certo, tem o seu lugar.

E com o seu desaparecimento a causa es-

UMA LÚCIDA INTELIGÊNCIA

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

O telégrafo trouxe a triste notícia da desencarnação, em Cebolais de Cima, desta nossa ilustre confrade, esposa dedicada e querida do nosso amigo e companheiro de trabalho 1.º Tenente Isidoro Duarte Santos. Horas amargas de pungente saudade deve ele estar passando, apesar da robusta fé espírita que o acalenta. O desaparecimento da nossa convivência dos entes queridos, dói sempre fundo e a saudade perdura pela vida fora.

Maria Gonçalves Duarte Santos pôs a sua lúcida inteligência e incansável actividade ao serviço do Ideal espírita e, assim, veio a ser, durante anos seguidos, um dos melhores colaboradores de Estudos Psíquicos *e um dos melhores obreiros do Centro Espiritualista Luz e Amor.*

Através da sua mediunidade, psicografou numerosas comunicações de um Espírito que dizia chamar-se Reper-Siam, comunicações repletas de ensinamentos, de moral elevada, de conselhos sensatos e práticos.

Desencarnou em pleno vigor de uma pujante maturidade: nada fazia prever o doloroso desenlace; mas atingira, decerto, o termo do ciclo da sua existência terrenal para passar a um plano superior, onde, a esta hora, deverá residir. Espírito evoluído, não deve carecer das preces daqueles que ainda neste planeta de expiação lutam contra as imposições do invólucro putrescível a que estamos apegados. Nós é que precisamos que a luz do seu Espírito nos ilumine, que por nós interceda junto das Potências Superiores para que a protecção do alto nos não falte.

---

pirita e a revista Estudos Psíquicos *perderão, de facto, o seu valioso apoio, como acima afirmo?... Não. Devo enganar-me... Não creio que o seu espírito de escol abandone a obra a que tão afincadamente e com tanto carinho se devotava.*

Ergamos o nosso pensamento e supliquemos ao Pai que, do Além, ela continue a amparar-nos e a inspirar-nos, para que todos nós, que a conhecemos e estimámos, prossiguemos na senda, a caminho da luz, com a coragem de que nos deu tão belo exemplo, e que esse exemplo persista sempre vivo na nossa memória e no nosso coração.

UMA MULHER INVULGAR

Por YVONE DE SOUSA

A sua alma voou; deixou a terra, e hoje brilha na Pátria Espiritual.

Não podia ficar silenciosa ante a dor de um companheiro de lutas espiritualistas, que acaba de perder metade da sua alma. Sim! Isidoro Duarte Santos tinha na sua estremosa esposa o complemento do seu robusto intelecto e da sua espiritualidade.

Maria Gonçalves Duarte Santos era uma inteligente e tenaz pioneira do Espiritismo, acalentadora do seu querido companheiro, tanto nas horas de triunfo como nos momentos difíceis por que todos passamos nesta grande batalha em prol do progresso espiritual da humanidade.

Lar felicíssimo que eu muita vez citei como exemplo, porque se impunha pela harmonia que dele irradiava, perfeita expressão do amor terreno entre esposos espiritualistas, confrange e comove vê-lo agora desfeito, quando tudo parecia prometer-lhe ainda ridentes e longas venturas.

Revejo-a, falando-me com a esperança de um dia, não longe, poder realizar generosas obras de assistência espírita, à semelhança das existentes no Brasil.

O seu belo rosto tão genuinamente português, seus olhos negros, escuros e profundos, brilhavam ainda mais intensamente, com claridades espirituais, quando a sua alma acariciava estes lindos sonhos.

A estoica compreensão da Lei da Vida erguerá o fervoroso propagandista Isidoro Duarte Santos acima da sua própria dor, perante a qual se inclinam todos quantos conheceram aquele amoroso lar.

Mas a luz que nele brilhou continuará a refulgir ainda mais intensamente, porque Maria Gonçalves Duarte Santos, das alturas a que certamente subiu, irradiará o mais fulgente, terno e carinhoso amparo e a mais elevada inspiração àquele que foi o seu maior amor na Terra.

Agora resta-lhe a saudade, que, como disse Leopoldo Machado, «é dor que não doi».

Maria Gonçalves Duarte Santos mudou de pátria, mas a sua alma, descendo das regiões etéreas em voos de amor, virá beijar os seus queridos e abraçar os seus numerosos amigos e admiradores.

Salvé reconfortante Espírito!

O MEU DEPOIMENTO

Pelo Capitão ESTEVÃO RODRIGUES

Na noite de 20 de Dezembro findo fui de visita ao Centro Luz e Amor, de que sou membro, e aproveitei o ensejo para prestar um pequeno serviço a um amigo.

Esse serviço provocou a minha presença perante a grande e dedicada auxiliar que sempre tive durante os dois ou três triénios em que consecutivamente fui secretário da nossa vigorosa agremiação.

Entrei na sala com aquele à-vontade que já me era peculiar, e fui encontrá-la atufada num amplo «maple», junto de uma mesinha.

A inseparável braseira irradiava um calor brando e confortável, enquanto um alto candeeiro de «abat-jour» projectava a sua luz clara sobre o que estavam fazendo. Digo estavam, porque outra personagem, também já muito nossa conhecida — a Maria Eugénia, — fazia companhia à «mãezinha», como habitualmente a tratava, pois fôra desde os dois anos de idade adoptada como filha.

E que faziam estas duas almas naquele ambiente de paz e de amor? A primeira, se não estou em erro, continuava na sua árdua missão de alinhar contas, passar recibos, tomar notas, operar, enfim, como zelosa administradora que era da já gloriosa Estudos Psíquicos, e não menos atenta auxiliar das coisas do Centro. Posso mesmo afirmar que se não fôra a sua permanente abnegação, com bem reconhecido sacrifício do seu bem-estar, o Centro alguma vez teria fracassado. Publicamente o afirmo — porque o sei — que durante os anos que secretariei o Centro — e não foram poucos — deve-se a ela o retorno ao equilíbrio associativo, que por duas ou três vezes vi em perigo de se desmantelar.

Mas reentremos na minha narrativa: Que fazia a Maria Eugénia, enquanto sua «mãezinha» alinhava contas? Fazia o que hoje poucas meninas fazem: bordava. Bordava a matiz um lindo pano que contava levar para Cebolais, onde ia passar as férias do Natal.

Ao aproximar-me da mesa fui recebido com aquela efusão de alegria com que sempre me acolhia, e sentei-me familiarmente formando um trio. Conversámos então de coisas banais, a princípio; mas breve as palavras tomaram calor, e mais uma vez veio a lume o progresso do Centro, da Revista, da Doutrina. Não. Na minha frente não estava uma mulher vulgar. Era alguma coisa de alado que subia, subia, levando-me também nas suas asas diáfanas para um país de sonho, — talvez esse país que nos Evangelhos tem o nome de Reino dos Céus...

Quem dera que fosse verdade!

Quem dera que os homens se amassem como eu o sonhava naqueles momentos!

Infelizmente, acordando do meu sonho, deparava com a Maria Eugénia absorvida no seu bordado. Mas voltava a sonhar... via-a, quando pequenina, a cavalitar às costas do alferes Teixeira — o que despertava em mim a vontade de ser avô... E agora, uma senhora feita! O que é a Vida!

— Mas para que é isso? — perguntei — Para o seu enxoval, não, decerto...

— É para adornar a casinha de Cebolais — responde a «mãezinha». — Ela tem estado muito preguiçosa...

— Não, não! Não vale fazer córar.

E a Maria Eugénia continuava embrenhada no seu trabalho, sem se desconcertar, enquanto eu me desempenhava de parte da missão que ali me levara.

E se até aqui eu observara a D. Maria Duarte Santos — que é, afinal, por onde eu deveria ter começado esta minha descrição — como espírita dedicada, vamos agora vê-la sob outro aspecto da sua admirável personalidade — o de esposa e dona de casa.

Com efeito, alguém me pediu para tratar, junto daquela boa senhora, de um assunto caseiro: — o arranjo de um colarinho para uma camisa de seu estremoso marido. Que exemplar criatura! Que modelo de Virtude! Ela nada descurava; nem o arranjo do lar, nem o orçamento da casa, nem a ordem da cozinha. Era a perfeita conjugação do Espírito e da Matéria em todas as cambiantes de Beleza, em todos os tons de Harmonia, em todas as florações de Amor! E tecendo estas altas considerações a propósito da pequenez de um colarinho, despedi-me das adoráveis criaturas, desejando-lhes mùtuamente muito Boas-Festas e um Ano Feliz!...

Passaram-se cerca de 15 dias depois daquela memorável noite, quando fui de visita

Fala o médico assistente

Pelo Dr. FRED WACHSMANN

D. Maria morreu? Não, não! Faleceu! Não pode ser que um espírito tão vivo, tão enciclopédico, uma alma tão bondosa e viva possa ter acabado. Deixou o corpo que a prendia, desencarnou obedecendo a leis superiores. Mas temos a certeza de que ela é feliz e vive mais do que na Terra.

Lembro-me como ela me procurou oito dias antes de morrer sùbitamente. Vindo da sua terra, na Beira, onde passou o Natal, apresentou-se-me sangrando das gengivas e com mau aspecto geral. Concluí logo uma grave transformação de sangue e exigi com urgência uma análise. Resultou uma doença fatal que, mesmo descoberta e tratada no primeiro dia, teria conduzido ao desenlace, porque não existe ainda remédio contra a leucemia aguda.

É curioso como os senhores do Karma escolhem o nosso destino e a doença que nos faz sucumbir. Para D. Maria havia de ser uma enfermidade tão rara e fulminante, que, poucas horas após o resultado da análise, entrava em coma.

D. Maria suspeitava do seu estado. Pediu-me com energia e ansiedade nos olhos um remédio e na noite anterior reuniu amigas em volta do leito. Mas, corajosa como era, nada disse a ninguém, para não inquietar o marido, a quem também não revelei a gravidade da situação, embora pedisse uma conferência médica.

Ela entrou na agonia sem dar por isso e morreu — pode dizer-se — como uma santa, sem a mais leve disfiguração.

Sempre foi uma santa. Esposa dedicada e colaboradora do marido, dona de casa estremosa, educadora carinhosa de duas sobrinhas, ainda teve tempo de se dedicar com zelo à nossa revista, de aprender piano, tirar com espantosa energia a carta de condutor de automóvel e de sacrificar o resto do tempo aos necessitados e a todos que a visitavam para conhecer a filosofia espirita. Meu Deus! Quantas discussões sérias e fervorosas não tive com ela sobre assuntos políticos! Com qualquer outra pessoa sem a cultura e o espírito de tolerância de D. Maria, teria resultado uma inimizade pessoal — como infelizmente acontece tantas vezes nesta vida mesquinha e interesseira.

Se Deus chamou D. Maria tão nova, é porque o Karma precisa dela no Astral. Muitas vezes morrem cedo os espíritos superiores.

De certo, ela faz-nos falta. Fazem-nos falta aqueles a quem não podemos falar directamente, aqueles que não são palpáveis e e cujo olhar não pode mais impressionar-nos.

Mas quem é espirita sabe que ela vela por nós, que está perto e que comunicará logo que lhe seja possível.

Não ponham luto. Não chorem nem façam cenas lamentáveis, pois D. Maria, cujo envólucro jaz no cemitério da sua terra, ali não está — porque ela não morreu, mas nasceu para uma vida superior.

---

ao nosso ilustre confrade e colaborador Coronel Faure da Rosa. Encontrei-o encatarrado, como é próprio desta quadra de inverno, quando já dobramos o cabo dos sessenta.

E de súbito, como num empuxão arrancado do peito arfante, dispara-me esta pergunta:

— Já sabe a triste notícia?

Supus a princípio que se tratasse de algum caso da direcção federativa, de que ele era zeloso presidente.

— Não homem. Morreu a D. Maria, a mulher do Isidoro!

Uma bomba que me estalasse aos pés não me produziria maior abalo! Vim pela rua fora a cambalear. A luz dos candeeiros que acavavam de se acender pareciam-me círios alumiando o fantasma do meu corpo. Porque eu não estava em mim. Eu ia outra vez sonhando; mas agora para ver se encontrava entre as estrelas a alma daquela que acabara de partir. Só assim eu poderia obter a certeza de que ela já não era deste mundo.

Infelizmente, não a encontrei. Pudera! Sou ainda muito pecador para merecer alçar-me a tão estelares alturas. Mas a D. Maria está lá. Tão virtuosa esposa e mãe — embora adoptiva, o que ainda lhe realça mais o mérito, — tão exemplar modelo cristico, pois se desfazia em benefícios aos pobres, a ponto de projectar um orfanato; tão excelsa e ponderada propagandista da Fé e da Doutrina, só no «Plano Mental» — no Devakhan — pode ter lugar.

Desgosto e Saudade

Por TÚLIO ROSA

O Centro Luz e Amor sofreu uma grande perda. Perda enorme que dificilmente poderá ser reparada.

Desencarnou a esposa querida do nosso muito amigo 1.º Tenente Isidoro Duarte Santos. O seu corpo não resistiu à fatal doença.

Nada fazia prever uma partida tão próxima e, por isso mesmo, o choque foi brutal e profunda a surpresa.

Desgosto e Saudade? Quem o duvida?

Era ela a alma desta Revista. Dela partia a maior parte das sugestões para a orientação do Centro. Espírito culto e realista, era, por vezes, o travão ao voo idealista dos sonhadores.

A Direcção do Centro perdeu uma grande e leal colaboradora e a Revista a sua Administradora, a mola que fazia mover o seu organismo.

Por isso é uma grande perda. Perda para o Centro, para a Revista e para o Espiritismo Luso-Brasileiro.

Que o Divino Mestre, com a sua infinita bondade, permita que o seu espírito breve retome a posse de suas faculdades para a continuação da verdadeira Vida e para que possa enviar a seu marido as vibrações de Paz, de Resignação e de Força, a fim de continuar a Obra, que é da Causa.

Libertação Divina

Pelo Prof. Doutor BAPTISTA RAMIRES

Conheci aquela iluminada alma que, ligada pelo matrimónio ao notável director desta Revista, em tudo a seu lado estava sempre. Notando sua lúcida inteligência, também notei e admirei a sua perfeita moral cristã, por ela desprezando sempre tudo que nesta triste vida terrena se faz, só por vaidoso aparato.

A morte a levou há pouco; mas se ela não chegou à curta primavera que nos vem do astro solar, em outra primavera entrou a sua alma, essa larga e fecunda para o seu espírito, que recebeu toda a luz de outro astro, aquele que há vinte séculos veio iluminar o Mundo, astro espiritual, a que em tempos nesta Revista me referi.

Ainda muito longe da velhice — decorrida a juventude com a simplicidade já reveladora da sua invulgar elevação moral — Deus libertou seu espírito do presídio corpóreo onde ele estava encerrado — penitenciária destinada à remissão de faltas cometidas nesta ou em passadas vidas — e para outra mais feliz, após curto sofrimento, ela se elevou. Conheceu bem para onde ia, pois à hora do seu passamento, um terno sorriso se lhe estampou no rosto, mostrando ver o amparo que lá de Cima lhe vinha, com o seu sorriso dando também amparo aos entes queridos que deixava.

Esse espírito de eleição partiu, deixando em densa névoa de tristeza aqueles que no seu querido lar ficaram; e nesse estado moral próprio do ser humano, à alma vem essa luz doce e também triste que é o luar da saudade, e esse ficará sempre naquele que ela mais amou. Bálsamo supremo ele terá, lembrando-se da libertação divina, em curto sofrimento daquela que deste vale de lágrimas se elevou; e à sua memória votará Avé sublime de ternura e veneração.

Uma Grande Dor

Por ANTÓNIO CARDOSO

Aqueles que como eu, conheceram bem de perto a actividade de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, aqueles que conheceram a sua vontade de ferro e a sua viva inteligência, aqueles que a viram sempre alegre nas horas felizes e resignada nas horas amargas, aqueles que sentiram bem de perto a sua superior direcção na administração desta revista, sentiram — como eu senti — uma dor enorme por verem que tão cedo o seu Espírito nos deixou para se unir aos irmãos que, do outro lado do véu, a receberam cheios de alegria.

Nós, espiritas, não usamos luto, não vestimos essas vestes escuras que inspiram terror, não andamos em casa de bico nos pés, quando alguém desencarna, nem fechamos janelas para que a luz não entre em casa. A nossa doutrina ensina-nos que tudo isso faz parte dos mil e um preconceitos da sociedade. Nós sabemos que o choro, os gritos e

UMA GRANDE OBREIRA

Pelo Dr. PEDRO DIAS DE SOUSA

Dentre as pessoas que nestes últimos tempos melhor e mais completamente têm servido o Espiritismo no nosso país, ocupa lugar de especial relevo pelas suas invulgares qualidades de inteligência e de dedicação, a sr.ª D. Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa muito querida do Director desta Revista, falecida no passado dia 4.

Agora que a morte afastou temporàriamente do convivio cotidiano dos seus familiares essa prestimosa obreira do Ideal Espirita, podemos, sem receio de parecermos excessivos, exaltar-lhe as virtudes e apontá-la, merecidamente, como exemplo, aos que ficaram.

A sua grande obra dentro da seara espirita, o seu persistente e fecundo labor, o seu entusiasmo que não sofria quebra nem desfalecimento, embora conhecidos apenas de bem poucos, existiam, efectivamente, como belas e produtivas realidades que a muitos e à Causa aproveitavam.

O Centro Espiritualista «Luz e Amor» deve-lhe muito do seu actual prestígio e desafogo associativo e a Revista Estudos Psíquicos *encontrou, desde o seu primeiro número, na sr.ª D. Maria Gonçalves Duarte Santos, uma entusiasta e incansável auxiliar dos seus múltiplos serviços.*

Também Estudos Psíquicos Editora *pode dizer que uma parte apreciável do triunfo que colheu foi cimentado na fé, na tenacidade e no carinho que aquela Irmã punha em todos os empreendimentos a que se votava.*

Outro aspecto não menos notável da sua operosa existência terrena, foi a sua mediunidade.

Correm mundo, transcritas em quase todas as revistas e jornais da especialidade, as centenas de explêndidas, salutares, altamente moralizadoras e filosóficas comunicações por ela recebidas através da sua mediunidade escrevente e assinadas pelo instrutor espiritual «Reper-Siam».

Com a desencarnação da nossa Irmã Maria Gonçalves Duarte Santos cumpriu-se uma parte da grande Lei da Evolução.

Mais uma vez, perante esse acontecimento tão vulgar quanto inevitável que é a morte, sangraram corações, correram lágrimas — sofreu-se, enfim!

É humano e natural. Diremos mesmo — indispensável.

Se não houvesse essa dolorosa reacção, se, escudados na sua crença, os espiritistas não sofressem nestes momentos, ficaria amputada a Lei num dos seus aspectos e a provação seria sem resultados.

Felizes, no entanto, aqueles que nesses amargos transes têm a ampará-los a fé espirita!

Sofre a matéria a saudade do afastamento, mas nós temos a certeza de que o espírito do ente querido está junto de nós, que nos acompanha e nos ama, que procura animar-nos e auxiliar-nos, que recebe, jubiloso, os nossos pensamentos afectuosos e é beneficiado com as nossas preces!

Estas consoladoras certezas devem bastar para nos dar coragem e resignação quando chega a hora das grandes provações.

Oxalá, pois, a coragem e a resignação resultantes da verdade da nossa doutrina permitam ao confrade Isidoro Duarte Santos enfrentar serenamente e vencer confiante a dor que o alanceia.

---

as lágrimas só podem perturbar aquele que acaba de desencarnar. Por isso, nós não devemos chorar, embora nos fique a saudade do ente que vemos desaparecer deste mundo.

Da mesma forma, neste momento em que desencarnou a nossa confrade D. Maria Gonçalves Duarte Santos, nós não choramos, nós não chamamos injusto ao Destino por a ter tão cedo arrebatado ao nosso convívio. Nós apenas queremos testemunhar a profunda saudade que a sua passagem pela terra deixou vincada em nossos corações. Nós temos saudade e não desespero; temos confiança e não desilusão.

Portanto, nesta hora que passa, neste momento em que o Espiritismo Português acaba de perder na terra mais um dos seus grandes obreiros e ganhar no Além mais uma irmã sempre pronta a auxiliar-nos, elevamos pensamentos ao Alto, para que o seu Espírito tão esclarecido, já livre das garras que o prendiam à matéria, possa agora subir, evolucionar sempre e continuamente, para seu progresso e para glória do Espiritismo.

Uma grande inteligência e um grande coração

Por HENRIQUE DA SILVA HORTA

Ainda não se extinguira no meu espírito a impressão causada pelo desencarne da companheira do professor Leopoldo Machado e eis que sou dolorosamente surpreendido pela notícia da partida para o Além de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, estremosa esposa do meu querido amigo Isidoro Duarte Santos.

Se o Espiritismo brasileiro ficou desfalcado com o desaparecimento de D. Marília Barbosa, o Espiritismo português, com o trespasse de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, acaba de perder um dos seus maiores valores.

Só quem privou de perto com esta senhora pode avaliar da sua dedicação à Causa espírita!... A sua actividade junto de seu marido durante anos consecutivos, colaborando com ele, animando-o e encorajando-o, foi simplesmente admirável.

Ela foi a sua única colaboradora durante oito longos anos no «retiro» de Sagres. Quanto trabalho ali produzido! Quantos projectos feitos e que mais tarde foram materializados!... Separados quase do mundo exterior, trabalhando, estudando e meditando juntos, esse período da vida do casal, tendo por cenário único a natureza — o mar imenso — teve influência decisiva no seu futuro e na evolução do Espiritismo português. As afinidades que os aproximavam e os uniram sempre, radicaram-se mais ainda com a sua vida em plena solidão e em contacto permanente com a natureza. Foi esse, sem dúvida, o seu tempo mais feliz: em que as suas almas e as suas existências se ajustaram numa realidade bem vivida.

D. Maria Duarte Santos alimentou sempre dois grandes sonhos: o amor de seu Lar — seu querido marido e a pequena Maria Eugénia a quem dedicava o mais acrisolado afecto — e o Neo-espiritualismo na sua verdadeira essência. O seu dinamismo ao serviço da Causa espírita foi absolutamente admirável! Ora se dedicava a angariar fundos para os desprotegidos da sorte; ora colaborava com seu marido na revista Estudos Psíquicos *e no Centro Espiritualista Luz e Amor, que tanto lhe ficam devendo. Embora possuidora de um temperamento afectivo, também era enérgica nos momentos em que era necessário sê-lo.*

Recordo com saudade a sua intervenção oportuna numa assembleia geral do Centro Espiritualista Luz e Amor! Quando das discussões acaloradas que ali se trocaram e das decisões que se propunham executar alguns sócios e que iriam, sem dúvida, prejudicar a vida do Centro e possivelmente contribuir para a sua extinção e também da revista Estudos Psíquicos, *D. Maria Duarte Santos, com aquela intuição que todos lhe conhecíamos, prevendo o perigo iminente, intervém no debate com desusada energia (embora convincente e criteriosa), evitando assim o desmoronamento de uma obra que tanto trabalho dera a construir.*

Durante as reuniões da Direcção do mesmo Centro, a sua intervenção nos vários assuntos de interesse para a vida da colectividade, foi sempre inteligente e providencial. Todos nós lhe admirávamos o seu poder persuasivo e a sua grande visão ao serviço de um cérebro extraordinàriamente equilibrado. Era enérgica quando devia ser! Mas, passado o momento de perigo, voltava ao trabalho com a maior calma e com a mesma dedicação de sempre. Nada de melindres nem de ressentimentos! O seu bondoso coração não abrigava outro sentimento que não fosse de amor pelo seu semelhante!

Era manifesta a sua influência benéfica no espírito de seu esposo. Ele sente que ela faz parte integrante do seu ser e que a ambos está entregue a mesma obra que é necessário levar a cabo.

A revista *progride e o Centro desenvolve-se cada vez mais! Surge então «Estudos Psíquicos Editora». D. Maria e Isidoro Duarte Santos vão realizar mais esse sonho. Não conhecem frequezas, nem quebra de ânimo, nem acreditam no impossível. Ela colabora com seu marido e encoraja-o no prosseguimento dessa grande obra. Os livros sucedem-se com uma regularidade admirável e vão enriquecer as bibliotecas espíritas. O ca-*

sal Santos, com o seu dinamismo, persistência e dedicação à Causa, presta assim um serviço inigualável ao Espiritismo luso-brasileiro.

Há sonhos maiores, horizontes mais vastos, anseios sem limites a alimentar o espírito do Casal. A sua obra estava em meio, quando a D. Maria Duarte Santos parte inesperadamente para o Além, deixando o inconsolável esposo e grande companheiro de todas as horas e todos nós que a admirávamos e estimávamos.

Conquanto tenhamos a certeza da imortalidade da alma, a saudade de uma prolongada ausência veio ferir muito profundamente os nossos corações. A obra agora interrompida continuará certamente em breve com o mesmo ritmo e entusiásmo. A sua impulsionadora, embora vivendo num mundo diferente, trabalhará com afinco, e os laços que a unem a seu esposo não se quebrarão e os seus incitamentos e as suas intuições continuarão cada vez mais fortes e mais vividas.

A missão de ambos não terminou ainda. Ela continuará com o mesmo ardor e entusiasmo de sempre, para prestígio do Espiritismo português e para esclarecimento dos nossos espíritos ansiosos por um mundo melhor.

Saudade! Saudade!

Que a nossa irmã Maria Santos esteja em paz, junto dos irmãos de Luz e que Deus lhe conceda todas as graças de que for merecedora. Que ela possa vir até nós e em especial do seu querido esposo e sua filha adoptiva a quem desde os dois anos criou e educou com extremos de carinho! Que ela os conforte e auxilie nos trabalhos desta Revista, nas edições e noutras tarefas que empreendam. Que ela continui a ajudar o Centro Espiritualista Luz e Amor, de que foi uma grande obreira!

Tudo isto eu peço humildemente, para que seu desolado marido e nosso irmão Isidoro Santos não fraqueje na sua acção de propagandista.

Elevemos o nossa pensamento ao Alto, queridos irmãos, procurando encontrar as vibrações da minha grande amiga, numa estreita comunhão que se prolongue por todo o sempre!

HELENA PILAR

OREMUS...

Por RAMOS PEREIRA

Quando, no decurso das múltiplas existências, se criaram laços que uma união actual reforçou e de que a morte quebra a sua expressão terrena;

Quando se encarava a vida com um riso, enfrentando todos os problemas com uma inteireza de ânimo invulgar;

Quando ainda se não atingiu aquela provecta idade em que viver se transformou em simples «hábito»;

Quando estamos todos inclinados para a Vida e julgamos longe o momento do ressurgir do «outro lado do véu»;

Quando nem torturas físicas nem tempestades mentais devastaram a força do equilíbrio interno;

E somos tocados pela asa branca da Morte que nos abre os olhos espantados para um Mundo de que esquecemos os pormenores no deambular pela terra;

É humano que a alma vergue no arranco de um soluço de tristeza.

Mas quando se tem a consciência de que se cumpriu um dever, lutando pela realização do ideal supremo da regeneração interna do Homem;

Quando sentimos que norteámos os actos pelo princípio da equidade e que tentámos, em todos os momentos, pautar a expressão pela pureza da Ideia;

Quando se compreende que a missão estava cumprida sem falhas irremediáveis;

Quando se soube ser um esteio nos momentos de hesitação de um outro, um amparo nas horas do seu desânimo, um incentivo nos impulsos para caminhar mais longe, uma resistência de bom senso aos idealismos impossíveis de momento;

Então, por sobre o soluço ouve-se o grito jubiloso da alma que voltou à sua verdadeira pátria e ali fica esperando a «hora» dos que ama e que ficaram por mais alguns momentos.

E nós, de cujo olhar a saudade faz cair uma lágrima, oremos, para que as pègadas do Mestre sejam estrada eterna para aquele que partiu!

A ÚLTIMA COMUNICAÇÃO DE REPER-SIAM

Queridos amigos, que Jesus nos ilumine, são as palavras sinceras que todos os dias devemos erguer ao Criador dos mundos. A luz da alma é o farol que vos guiará pela estrada da vida universal, através de todos os obstáculos, que vencereis, se nunca vos afastardes do recto procedimento.

É preciso que os espiritas e todos os cristãos se convençam radicalmente de que a vida aí não é mais que um simples incidente na grande e acidentada marcha da evolução. Vós sabeis tudo isso, mas é como se não o soubesseis; por isso, munca me canso de vo-lo lembrar. É que a vida é muito difícil de viver, quando o homem compreende que deve enquadrar-se em limites estreitos. Quem não tem limitações, encara a vida como uma arena, onde o touro é o semelhante. Com farpa ou espada, cada qual procura obter o maior número de pontos no jogo. Mas essa era já passou há muito. Agora, tendes que olhar, tanto para o semelhante, como para vós próprios. Já lá vai o tempo do egoismo feroz, da luta cega pelo nosso reduto.

Não, amigos. Quando se atinge uma certa evolução os ideais são diferentes. É preciso olhar pelos outros. Olhar apenas pelos filhos, como fazem muitos, é acção meritória, porque há quem os enjeite, mas não basta! É preciso lembrarem-se dos que não têm pai, dos que não tiveram quem os acarinhasse, pela simples razão de que nem a si próprios se souberam acarinhar. Todos os que nascem abandonados também abandonaram.

Mas os que já subiram mais alto têm o dever de olhar por esses atrasados, a fim de que, pela lei do amor, eles se aperfeiçoam. É preciso mostrar-lhes que o amor existe e que, apesar de serem egoistas, há quem os auxilie. Se o mal fosse sempre a resposta ao mal, ai de todos vós, que em breve a sociedade voltaria aos tempos da animalidade!

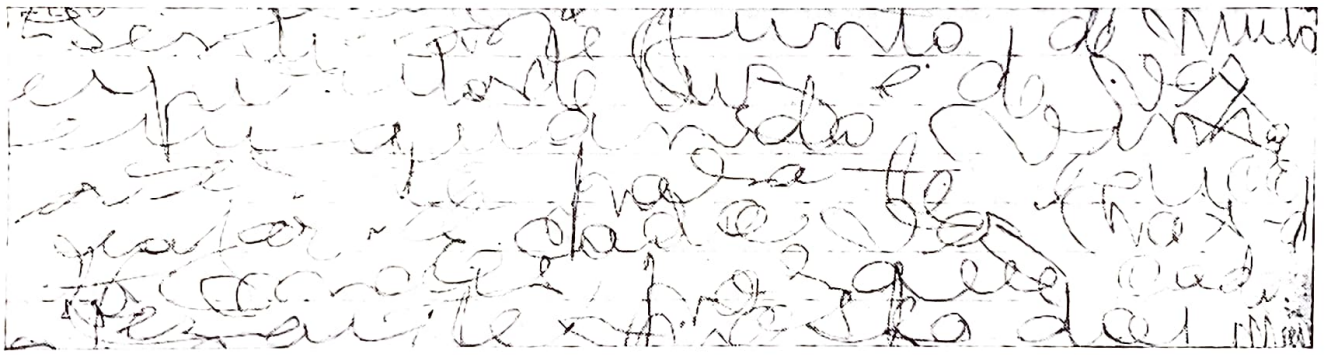
É necessário que se comece a contar com a terceira força, que Jesus exemplificou há dois mil anos e que tão pouco tem frutificado. É preciso que a caridade seja um facto.

Corações empedernidos muitas vezes não é a machado que se abrem, mas por processos de dissociação em que a pedra se vai amolecendo. É o que se dá com a alma humana. É mais fácil abrir fenda numa rocha do que num cérebro empedernido, desde que não se usem os métodos apontados.

Amigos, tudo isto vós o sabeis; mas, repito, precisais de o ouvir muitas vezes. É que vós também sois empedernidos, também aceitais de bom grado aquilo que o vosso egoismo vos aconselha, desprezando a luz da razão e da caridade.

Sois dois elos do progrèsso. Todos os viventes o são, direis. Mas há diferenças. Sem vos aperceberdes bem do vosso papel, fostes caminhando para uma situação vista por muitos, para uma situação estratégica de onde observais muitos pontos até há pouco desconhecidos. Por isso, não vos admireis se fordes chamados a desempenhar papeis para os quais vos sentireis impotentes nesta altura.

Repito uma vez mais: o descanso ainda vem longe, o sol ainda não ultapassou o meio dia.



Fac-simile da comunicação de Maria Gonçalves Duarte Santos: «Senti-me junto de muitos espiritos de luz e de vez enquando vinha ver-te para te encorajar. E cada vez hás-de ter mais, porque cada vez te posso dar mais coragem»

Já vedes que o vosso cansaço aparente se tornará em azáfama constante, porque os acontecimentos às vezes precipitam-se. É preciso movimentar, agitar. Todos os colaboradores aparecerão na hora própria. Compenetrai-vos bem da vossa tarefa. A luz não se fez para estar escondida e o auxílio que temos para vos dar não é para vós apenas. O que mais nos importa é a colectividade. O auxílio individual envolve egoismo, envolve objectivos que não são os nossos.

Na era actual, que viveis, o problema está posto. Ou se olha a sério pelo rebanho todo, ou o mal ameaçará os alicerces do mundo que construistes. É o ressurgir do lodo que o marasmo dos últimos séculos julgava sepultado para sempre.

O tempo do senhor e do escravo de compra e venda acabou, mas o que se lhe seguiu pouco mais conforto deu ao maior número. A escravatura exerce-se em muitos sectores e de muitas formas diversas. O cristianismo era uma luz capaz de acabar com ela, mas os homens não o compeenderam. Continuaram fazendo de uma doutrina de amor e caridade uma doutrina individualista, onde cada um procura o auxílio divino para atacar o semelhante, esquecendo-se de que o amor a Deus se exerce no amor ao semelhante. Quem não amar o semelhante, não ama Deus, nem que pratique com extremo rigor os preceitos da sua religião.

Em duas palavras se sintetiza o maior mandamento: «Amai-vos uns aos outro, como eu vos amei». Nada mais era preciso para evitar o sofrimento na Terra. Onde quer que haja dois seres, aí se pode exercer a lei.

Amigos, o Espiritismo tem maior bagagem do que outra religião ou filosofia para mostrar a realidade. Por isso, propagai-o, mostrando ao vosso semelhante que sois diferentes dos outros.

Afastai do vosso convívio as plantas daninhas do egoismo e do orgulho. Que vossas palavras e acções sejam despidas de reticências e signifiquem sempre a mesma coisa, num lado ou noutro. Que a sinceridade presida aos vossos actos e que a Caridade e a Humildade sejam os bordões a que vos apoieis pela vida fora!

Lisboa, 18 de Dezembro de 1949.

(Recebido psicogràficamente por Maria Gonçalves Duarte Santos)

CONFORMAÇÃO

Peregrino sou. Venho do Ignoto e vivo o presente em dor e em luta. Na minha alma vibrátil reflecte-se o drama do universo. Sou de longe e a longe me dirijo, ansioso e trémulo, apoiado à Fé, rente à Esperança que dealba além, fugaz e indecisa.

Estou na encruzilhada. A bússola quebrou-se e o pélago ruge enfurecido.

Alma partida ao meio, segue o teu calvário de sofrimento. Nele está o mistério da tua vinda. Resigna-te. O bem que perdeste não se extinguiu nem extinguirá. Mudou de situação, mas vive. Vive e ama e perdoa, olhando para mais altos cumes... Mais ainda: está quase sempre ao pé de ti.

Se tens consciência desse facto, se tens a prova através de sensações reais e de mensagens que enchem de prazer o teu espírito, o caminho é um só, não há outro para quem assumiu a tua responsabilidade.

A exortação é clara: «Tens de trabalhar muito para chegar ao fim que desejamos. Não podes descansar um momento. Todo o tempo é preciso. Não percas um minuto».

O bem que «perdeste» inspira-te e vela pela obra comum. E no final da empresa, na hora da tua partida, receber-te-á de braços abertos, com outros amigos e velhos conhecidos. Então sentirás a felicidade suprema, num abraço supremo de anelo espiritual.

Conforma-te, caminheiro do Ideal, que a vida não tem ocaso. A campa é um degrau sem importância. Muitos, nem dão por ele.

O bem que «perdeste» falou-te claramente: «Fizeste tudo muito bonito, mas eu não estou «lá»... Estou aqui, vestida de luz».

Conforma-te. Busca no trabalho o lenitivo da saudade. São mais alguns instantes. A existência é curta. Depois segue-se o mar largo da vida verdadeira...

Trabalha. Na Terra, como na Terra. No Além, como no Além. Cumpre a tua missão. Segue em frente. Não te desvies do objectivo. ELA vigia os teus passos...

ISIDORO DUARTE SANTOS

SALVE!

ESTUDOS PSÍQUICOS

O mundo presente assiste, neste instante, ao surgimento do espírito a reclamar o seu posto na direcção das consciências transformadas através dos entrechoques materiais, quer individuais, quer colectivos.

Em toda parte vemos surgir dos escombros labaredas espirituais, iluminando as consciências humanas despertadas pela dor, a encetar novas construções sociais, onde haja mais paz e harmonia.

Um frenesi de espiritualidade invade todo o orbe. A RELIGIÃO está sendo estudada em todos os recantos da terra.

Sim, a Religião que existe e sempre existiu, de toda a eternidade — A RELIGIÃO do AMOR, cuja bandeira é a CARIDADE.

Só agora, depois que os espíritos do SENHOR derramados na carne descobriram verdades transcendentes que constituem a base da própria vida; só agora, depois que a humanidade se purificou através do baptismo de fogo, representado pelos grandes sofrimentos físicos e morais levados a efeito nas dolorosas encarnações; só agora está sendo permitido à inteligência humana a contemplação e meditação das leis do espírito que, unificadas, constituem uma trindade científica, filosófica e religiosa, trindade esta consubstanciada numa palavra — Espiritismo.

Espíritos outros, missionários do progresso na base espiritual, através dos jornais, do rádio, dos congressos e das caravanas, procuram difundir, febrilmente, os ensinamentos da RELIGIÃO UNIVERSAL.

E assim, cada país, cada continente, tem tido o seu papel preponderante na desmaterialização da essência divina, ou melhor, na evolução do espírito, ou melhor ainda, na EVOLUÇÃO UNIVERSAL. Vejamos em nossa mente: lá está a misteriosa Índia, berço das religiões e dos grandes iniciados na CIÊNCIA SAGRADA, na CIÊNCIA DOS DEUSES; lá está Egito e a Grécia, SANTUÁRIOS esplendorosos, onde os sábios em êxtase tentavam penetrar no ámago da esfinge para de lá trazer à vida de relação, se não verdades transcendentais que não seriam concebíveis pela maioria, pelo menos algumas regras, por intermédio das quais, mais tarde, aquelas verdades viessem a ser reveladas.

Depois, a Inglaterra, com William Crookes, a revolucionar o meio científico; os Estados Unidos, despertando, por intermédio das irmãs Fox, todo o mundo profano para um mais profundo estudo do espírito. Em seguida, vem a França, berço do grande missionário Allan Kardec. Em seguida, Portugal, pátria de grandes trabalhadores da Seara Divina, entre os quais o grande médium António de Pádua. Temos, também, na América do Sul, a Argentina e o Brasil, sendo este último cognominado por Humberto de Campos de «Coração do Mundo e Pátria do Evangelho». Em suma, é patente que o ciclo evolutivo da matéria está se fechando e o do espírito se abrindo com toda a sua pujança e esplendor.

É porque analisamos, desta maneira, o desenvolvimento dos seres e das coisas; é, ainda, porque temos a convicção de sermos operários incumbidos de unir o céu e a terra, a humanidade e todos os seres visíveis e invisíveis; é porque julgamos um dever incentivar as nossas hostes em campanhas regeneradoras, que resolvemos homenagear o orgão espírita de Portugal «Estudos Psíquicos», revista que tem sabido cumprir a sua nobilitante tarefa no momento em que festeja 10 anos de lutas.

A revista «Estudos Psíquicos» editada em Lisboa, completou 10 anos de existência em Janeiro do ano em curso. A revista em apreço, que obedece à esclarecida direcção do nosso prezado confrade Isidoro Duarte Santos, é, sem favor, uma das mais completas revistas espiritas.

Foi em 1939 que Isidoro Duarte Santos, ampliando a sua missão de difundir o Espiritismo, realizou, no plano físico, no plano objectivo, o seu grande desejo, aquele que, à força de ser alimentado pelos seus pensamentos, a par da sua firme vontade, desde há muito tomara corpo em seu mundo mental — a fundação de uma revista. E, assim, apareceu, naquele ano (Janeiro 1939), «Estudos Psíquicos». Isidoro Duarte Santos não cantou vitória e, como todo espírito perscrutador, verificou que havia necessidade de vitaminizar, fortalecer, cada vez mais, o veículo recém criado, a revista, a fim de que com mais calor e vida, atendesse a sua sublimada finalidade — difundir a verdade espirita e levar a todos os recantos do mundo a luz necesária à interpretação dos Evangelhos do Cristo. E com este objectivo, Isidoro Duarte Santos trabalhou desassombrada e dinâmicamente, atraíndo, pela nobreza de sua atitudes e destreza de sua pena esclarecedora, colaboradores da estirpe de um Cel. Faure da Rosa, de um Dr. Inácio Ferreira, de um professor Leopoldo Machado, de um Henrique Magalhães e tantas outras inteligências brilhantes que formam um foco de luz despertador de consciências, para uma análise mais profunda da vida. E depois de vencer todos os obstáculos, «Estudos Psíquicos» iniciou a gratíssima tarefa de unir os continentes pelos liames sagrados da verdadeira fraternidade, aquela que em si contém a trindade manifestada pela vida: — *Ciência, filosofia, religião.*

Avaliamos a luta tenaz empregada por Isidoro Duarte Santos, para vencer os miasmas que então infestavam o mundo, transmitindo a todos o vírus da guerra com suas nefastas consequências. E foi num ambiente como aquele, absolutamente refractário a todo e qualquer grito de harmonia, que surgiu «Estudos Psíquicos», como um sol a irradiar saúde espiritual nas consciências humanas, como um bálsamo suavizador das dores morais e físicas. Mas, certamente, era aquela mesma a hora marcada anteriormente no mundo espiritual, por ocasião da Assembleia em que Isidoro Duarte Santos e a sua dedicada esposa recebiam a sacrossanta missão de fundar «Estudos Psíquicos». E, também, com certeza, na mesma ocasião, outros colaboradores e cooperadores foram destinados a trabalhar com Isidoro Duarte Santos e esposa, aparecendo, cada um, na sua época aprazada, obedecendo assim ao magnífico programa traçado no astral. «Estudos Psíquicos» tinha que vencer e venceu. É hoje um possante farol a atrair os navios que singram nos mares da existência, cujas águas calmas ou revoltas mostram os estados de consciência dos que viajam a seu bordo. E o farol atrai

A LUZ DO MUNDO

por DJALMA FARIAS

Eu sou a Luz do mundo;
Quem me segue, de modo
nenhum andará nas trevas.
Jesus

Esse ensino sublime de Jesus encerra uma verdade evidente, que sòmente os que estão distanciados dos Evangelhos não podem compreender.

Porque aqueles que não conhecem Jesus, que não sentiram ainda a doce influência da sua santa Doutrina, não são capazes de penetrar o «espírito» das verdades que Ele semeou.

Os que tiveram a felicidade de conhecer e sentir Jesus, de consagrar-lhe, com entusiasmo, seu puro amor, de se deixarem envolver pelos raios da sua Luz, nunca mais poderão viver sem Ele, na sua mente, no seu coração; nunca mais poderão dispensar o seu convívio amoroso, os seus eternos ensinamentos e jamais sentir-se-ão desamparados.

Quem, ao menos uma vez na vida, esteve com Jesus, em espírito; quem, ao menos uma vez, levantou os olhos da sua alma para o Alto à procura de Jesus; quem elevou sua prece um dia ao divino Mestre, jamais perderá o seu contacto, a sua convivência e a sua amizade.

Ele é o nosso grande Amigo invisível. Sim, Amigo «invisível», é melhor assim, pois, se assim não fosse, se dissessemos «visível», E é necessário perceber, compreender que nós é que devemos colocar-nos ao seu lado, logo surgiriam possìvelmente os que afirmariam vê-lo ao seu lado.

em vez de pretendermos que Ele se coloque ao nosso.

Confesso que sem Ele não entenderia como pudesse viver, viver pela mente e pelo coração, viver pelo espírito.

Quantos sentem assim? Todos quantos o amam sabem que é impossível viverem sem Ele, sem a sua assistência e protecção.

Ele é Amigo de todos, a todos sempre protege.

Ninguem é por Ele desamparado.

Há, no entanto, os que se afastam de Jesus por não terem ainda experimentado a sua doce influência.

Aqueles que o seguirem, de modo nenhum andarão nas trevas. Seguir a Jesus-Cristo é praticar os ensinamentos evangélicos que nos legou, é conduzir-se na vida com aquela simplicidade, amor e renúncia que foram o apanágio da sua vida sublime. Com efeito, não andam nas trevas aqueles que seguem a Luz do mundo, os que se iluminaram com a luz interior que de Jesus-Cristo irradia.

Com Jesus encontramos a Luz, o Amor, a Caridade e a Renúncia.

Sem Jesus vivemos nas trevas, andando sem rumo certo, dominados pelo ódio, pelo egoísmo, pelo orgulho, apegados aos bens materiais.

Espiritas cristãos, que temos os Evangelhos por bússola, sigamos o caminho recto que nos foi traçado por Aquele que é a Luz do mundo, que tem inundado a terra de divina claridade, e que nos aguarda de braços abertos para conduzir-nos à perfeição espiritual.

---

esses navios indicando-lhes porto seguro, onde os viajantes de consciência formada avançam para estados superiores e os demais despertam por entre as consolações derramadas em seus sofrimentos, para a nobilitante análise filosófica do espírito.

A «Estudos Psíquicos», que não há muito tempo homenageou o Ceará, registrando a história do Espiritismo cearense em 4 de suas magníficas páginas e onde o nosso mui prezado confrade Isidoro Duarte Santos deixou extravasar coração e cérebro, apresentamos, nesta oportunidade, os nossos ardentes desejos de progresso, numa prece silenciosa aos mensageiros da luz. Aqui, a nossa homenagem, que não é nossa sòmente, porque é da Confederação Espirita Cearense, célula mater do Espiritismo na Ceará, a cuja frente se encontra um emulo de Isidoro Duarte Santos, — o nosso companheiro José Borges dos Santos, em cujas veias corre, também, o sangue português, e em cujos sentimentos vibram entusiásticos desejos de progresso.

Salve! Isidoro Duarte Santos e os seus companheiros de lutas!

Salve! a revista espirita portuguesa «Estudos Psíquicos»!

ANTÓNIO IZAIAS
(De A Voz do Alto», de Fortaleza, Ceará, 30-4-949)

A Casa da Mãe Pobre

por YVONNE JEAN

Do «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro

Quando cheguei à rua Frei Pinto, na Estação do Rocha, uma das senhoras que costumam passar algumas horas da semana na «Casa da Mãe Pobre», estava examinando roupinhas de criança. «Oferecemos um enxovalzinho à mãe indigente quando deixa a maternidade», explicou. Levantou-se para guiar-me na casa. Contentou-se em abrir as portas, deixando-me perfeitamente à vontade para examinar cada canto das cozinhas ou dos banheiros e conversar com as parturientes. Não me perguntaram se tencionava fazer uma reportagem e vi um dos directores sòmente no fim da visita.

Desde o momento em que penetrei na administração até que, antes de sair, vi a lavandaria — uma lavandaria modelo magnifica na qual três mulheres levavam e passavam, com a maior facilidade, quantidades enormes de roupa — fiquei impressionadíssima pela limpeza e a ordem reinantes. Nunca ainda vira, no Rio, mesmo nos hospitais de luxo, tamanha organização! Quando me lembro das casas de saúde de países socialmente muito adiantados, não é para admirar progressos técnicos que mal entendo, mas paredes muito brancas, camas bem feitas, flores nas mesas que criam uma atmosfera na qual os doentes se sentem bem. Pela primeira vez sentia uma atmosfera acolhedora que desmente o nome da maternidade cuja escolha, segundo me parece, foi pouco feliz.

Quem diz «casa da mãe pobre» imagina mulheres mal à vontade em camas que deverão deixar o mais depressa possível para ceder o lugar a outras infelizes, mulheres que se sentem constrangidas por ter que pedir tudo à caridade, mulheres que, em vez de gozar da felicidade despertada pelo acto da vida, que acabam de cumprir, pensam com ansiedade nas dificuldades ainda aumentadas que as esperam à saída do hospital.

Na maternidade da Estação do Rocha reina uma atmosfera de paz, tanto nos quartos particulares como nas salas gratuitas. Conversei com muitas dessas mães, deitadas em lençois muito brancos e com o bébèzinho nos braços, pois era hora da mamada. «Já recebi alta — disse uma, — mas não me deixam sair porque o menino apanhou um resfriado e só querem que volte para casa quando estiver bom». «Veja minha filha — disse outra — é bonitinha, não é? Infelizmente eu ainda estou muito fraca. Mas não preciso ter preocupações. Disseram-me que só sairia quando forte para poder trabalhar e tratar dela direitinho». «Acha que escolhi um nome bonito? — perguntou outra em voz ansiosa — ou talvez deva mudar enquanto é possível?».

Vendo essas mulheres, vemos mães, sem indagar se são pobres ou não. Sua tranquilidade é devida, parcialmente, à sensação de amparo que não será retirado no dia de saída da maternidade. Sabem que poderão deixar os bébés na creche durante dois anos. Os bébés, com os vestidinhos brancos que vestem ao chegar, sorriam e brincavam. As enfermeiras me pareceram carinhosas. As crianças, as camas e a sala eram de uma limpeza escrupulosa.

— Se tivéssemos obras como esta em cada bairro, muitas coisas melhorariam!—disse-me um dos benfeitores da obra. «Que não me digam que é muito difícil. Basta boa vontade! Começamos com pouco dinheiro e muito amor. Não recebemos nenhuma ajuda oficial. Mas temos muitos sócios: 17.000. A maioria paga 3 ou 5 cruzeiros mensais. Isso e os quartos particulares — (aliás baratos: paga-se 1.200 cruzeiros e a parturiente fica o tempo que fôr preciso, recebendo todos os remédios e assistência médica constante) — mantém a casa. Já comprámos a casa ao lado e quando fôr possível transformaremos as salas gratuitas, nas quais o espaço entre as camas é apertado demais, como viu.

— Se pudessem criar uma escola maternal e um jardim de infância, no mesmo espírito que a creche, o problema das mães do bairro ficaria resolvido! — respondi.

— Quem sabe... Boa vontade não falta. Todos os directores e médicos gostam da obra, nem pensariam em receber remuneração.

Ainda vi a biblioteca, que está sendo organizada numa sala de reunião para os médicos. Gostaria de estender-me sobre esta ideia da biblioteca, que representará mais um laço entre a Casa e o bairro, mas vejo que minha crónica está se transformando em reportagem! Só me resta espaço para pedir livros para esta biblioteca e chamar a atenção para uma Maternidade que deveria servir de exemplo a muitos outros bairros.

ÉTICA INDIVIDUAL

Por A. RAMOS PEREIRA

Afirmava Augusto Comte a impossibilidade de construir uma moral individual, por não haver deveres do homem para consigo mesmo... Para o filósofo francês, o indivíduo era uma abstracção, só tinha realidade em função da família e da sociedade. Mas se notarmos que sociedade e família são agregados de indivíduos, deveremos concluir... que o indivíduo vive em função do outro indivíduo ! Julgamos preferível, então, a afirmação de que a individualidade só começa a sua realização completa no meio social, o que não implicará a conclusão errónea daquela «abstracção». Pode-se (e talvez mesmo deve-se) fazer sempre uma referência dos deveres individuais ao social, o que se conseguirá por extensão e pela dedução dos efeitos (É este o princípio impresso na moral kantiana).

O reencarnacionismo aclara a posição do indivíduo, postulando a responsabilidade individual, quer pelos actos próprios quer pelos levados a cabo em função social. Em existência, a sociedade é uma abstracção; só como fenómeno da vida ela possuiu realidade. É a existência quem sofre *sempre* os efeitos éticos do viver; e a existência (consciente) é toda individual.

OS DEVERES INDIVIDUAIS

Há, de facto, pois, deveres individuais nos quais é necessário fazer uma distinção: — deveres da vida (individuais-particulares) e deveres da existência (individuais-gerais).

Analisemos os primeiros. Imediatamente, pela sua relação com a Natureza do Espírito (vivendo em carne), aparece o dever de conservar a vida, transferência para o campo ético do instinto da conservação individual. «Aniquilar na sua própria pessoa o sujeito da moralidade é extirpar do mundo, enquanto este de um depende, a existência da própria moralidade» (Kant). Mas se concluirmos que o indivíduo continua «sendo» após a morte, não será lícito buscar o «Além» quando a vida se torna um fardo demasiado pesado ? Argumentar-se-á, considerando que o acto é cobarde... que há mais mérito em suportar uma vida que pesa, que fugir-lhe. Este argumento só terá força quando encarado em termos de «existência», quando analisado à luz do contributo reencarnacionista: — «...para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabrunham, ùnicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias». «O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral* (A. Kardec, in «Evangelho Segundo Espiritismo», p. 89).

Geralmente, pretende-se desviar o homem do suicídio apontando-lhe as penas infernais, que o esperam (catolicismo, protestantismo e certo espiritismo). Que se consegue com isso ? Afastar alguns por medo e... dar um colorido de coragem sobre-humana ao acto daquele que *sabendo*, não teme arrostar com as sanções...

Não; o argumento assim é imperfeito. Encaremo-lo sob o prisma das últimas deduções reencarnacionistas. Pode o homem estar presentemente esquecido das vidas anteriores, mas isso não destrói o facto de as ter vivido e de, como ser consciente, ter aceitado, ou solicitado, a linha do actual viver, sabendo o que o esperava e o fim em vista: — ganhar numa vida nova o que se perdera em outras. Logo, se houve escolha ou, pelo menos, submissão voluntária a uma sugestão-conselho, contra ninguém poderá revoltar-se, a ninguém poderá importar a responsabilidade da dor que o atormenta, além de... si mesmo. A vida, a sociedade ? Essas não passam de meios da sua experiência. Com o suicídio não se afasta da causa da sua dor, porquanto ela é... *ele-mesmo. O suicídio é um acto inútil.* Do ponto de vista da existência, nada se ganhou; pelo contrário... deteve-se no seu caminho. E a dor recrudescerá *necessàriamente* com a consciência da inutilidade do acto. Daqui então o primeiro princípio fundamentado na natureza espiritual do homem:

— *O indivíduo deve viver e procurar extrair de cada momento da sua vida o máximo de experiência espiritual; cada vida perdida é uma tentativa frustrada para a fuga do condicionalismo doloroso dessa mesma vida.*

OS CASOS DE CONSCIÊNCIA

Surgem, agora, a nossos olhos os chamados casos de consciência. Ergue-se a «casuística», onde... a especulação pode ir ao ponto de justificar as mais descabidas afirmações.

Mas, realmente, há casos de consciência que marcam a plasticidade, a não-rigidez do princípio enunciado. Nestes casos entra sempre em jogo um estado de necessidade perfeito (Na casuística de estrutura sofística colocam-se estados, enganadores, de necessidade aparente).

Vejamos o caso de Sócrates condenado ao suicídio pelo tribunal de Atenas. Aceita a sentença e

e bebe a cicuta, sorrindo, pois sabe que no seu espírito os homens não têm poder. Um suicídio imoral ? Não, porque o filósofo grego não era livre, encontrava-se em estado de necessidade. Diz-se, porém, que amigos lhe ofereceram a fuga para outra cidade onde poderia esperar a revisão da sentença. Então, o estado de necessidade não era perfeito, dilemático. Sócrates recusou e bebeu a cicuta. Responsável ? É preciso compreender a recusa de Sócrates: — não quis dar um exemplo de derrogação da lei e sim de submissão completa; quis ser até ao fim a prova viva da coerência do pensamento com o acto. Sócrates não falhou, opondo-se à vida; ganhou o direito de viver melhor.

Outros casos poderíamos analisar, mas o apresentado é suficiente para ilustrar o que dissemos.

Note-se que quanto mais antigo é o caso e menos conhecidos os pormenores que o acompanharam, se mais difícil se torna uma «valorização». Vejam o suicídio de Judas que uns justificam e outros condenam irremediàvelmente; e o do escritor austríaco Stefan Zweig.

PRINCÍPIOS ÉTICOS DERIVADOS

Do princípio atrás enunciado, deduzem-se outros que poderemos designar por «deveres de viver derivados»:

— *Devemos desenvolver na medida do possível a saúde física e a vida psicológica; o ascetismo espiritual é moralmente superior ao ascetismo físico, à supliciação da carne pela recusa à expansão natural dos instintos.* Não será a clausura fundamentalmente uma fuga semelhante ao suicídio ? No entanto é considerada moralmente superior, vista do lado unilateral da religião. Torna-se, de facto, assim, se o indivíduo, recusando o caminho geral, segue o da renúncia e do devotamento ao semelhante. Não é super-humana a «fuga» do Padre Damião, tão bem compreendida por Pierre Croydis ?

— *Devemos satisfazer as necessidades fisiológicas naturalmente, sem paixões.*

À que conduz o desregramento na satisfação das necessidades? Sempre ao empobrecimento físico, a um suicídio que, por ser lento, não perde as suas características morais. A vida psíquica ressente-se necessàriamente e o homem não cumpre o papel para o que veio viver. Por outro lado, criou em si uma causa de sofrimento, insuportável e inútil. O espírito desenvolveu paixões que se voltarão contra ele no dia em que já se não possui um organismo capaz de satisfazer, totalmente, todos esses impulsos elaborados.

Como afirmava Jesus: — «não basta não praticar o pecado; é preciso praticar a virtude». Torna-se necessário não só evitar o desregramento físico pelas deploráveis consequências inindividuais (e sociais), como cultivar a vida psicológica no sentido da positividade.

— *Devemos aceitar a morte na sua simplicidade.*

Eis um postulado ético bem pouco compreendido, na generalidade. Só quem meditar em tantas comunicações vindas do «outro lado do véu» poderá vislumbrar os deploráveis efeitos pessoais, arrastados pelo desconhecimento deste princípio. Para os que o não fizeram, lembramos as palavras de Guyau (in «L'Irréligion de l'Avenir»): —Não existe outro consolo que o de poder dizer que se viveu bem, que se cumpriu a sua tarefa a pensar que a vida contiuará sem interrupção depois de nós, talvez um pouco para nós; que tudo o que amámos viverá, que os nossos melhores pensamentos se realizarão sem dúvida em qualquer parte, que tudo o que havia de impessoal na nossa consciência, tudo o que não há feito senão passar através de nós; todo esse património imortal da humanidade e da Natureza que recebemos e que é o melhor de nós mesmos; tudo isso viverá, durará, se acrescentará sem cessar, se comunicará de novo sem perder-se; que o mundo está longe de ser um espelho quebrado; *que a eterna continuidade das coisas recomeça o seu caminho;* que nós não interrompemos nada».

Todos estes princípios e outros que deles se podem deduzir, resumem-se nos seguintes axiomas:

1.º — Ama-te a ti próprio e mais a tua alma que a tua carne.

2.º — Não odeis nem ames demasiado a Vida, como não temas nem cubiças demasiado a Morte.

DEVERES DA EXISTÊNCIA

Passemos aos deveres de existência, aos quais se transpõem lògicamente e na medida própria os deveres do viver; tal como aqueles darão luz mais viva a esta.

Considerado o homem como espírito existindo entre sucessivas e escalonadas vidas, com uma estrutura específica, espaço aberto e abrindo-se para o outro espaço individual e supra-individual, induzem-se desde logo os seguintes postulados:

I — Conhece-te, para que possas expurgar as paixões que te prendem às formas deixadas atrás e cultivar aquelas que lentamente transferem a tua consciência para modos mais requintados de sentir.

II — Ama-te, sem que te entronizes em vaidade-orgulho; ama *o* que *em ti* é já o prelúdio do que serás depois.

III — Procura tirar de cada momento da tua existência o melhor que nele está, pensando que ele surgiu para ti.

IV — Aceita a dor como corolário necessário da culpa que foi, é e será tua; se sentes dor é porque a tua consciência está desfeita.

V — Não cries imagens, não formules pensamentos que se enraizem em ti, constituindo causas para novas dores.

VI — Pensa no longo caminho que já percorreste; isso te dará consolo e o revigoramento de forças para andares o que te falta.

VII — Quando julgares ou te mostrarem ser necessário uma nova vida, faze um severo exame à tua existência, pensando-a como não sendo tua e sim de um réu de quem és juiz.

Resumindo, direi:

— Age sempre, pensando que da tua acção és o único responsável e o que efeitos mais fundos, extensos e duradoiros sofrerá.

E os deveres individuais têm noutros capítulos da Ética os seus complementos naturais.

Correspondências Cruzadas

pelo Coronel FAURE DA ROSA

II

Sudre — um dos maiores detractores do Espiritismo, e dos mais perigosos por virtude do seu poder de dialética sofística — Sudre, explica ràpidamente, mas de modo claro, em que consiste o fenómeno das «correspondências cruzadas», e, num curto resumo, relata dois casos dentre os mais simples, entretanto importantes e eloquentes para a interpretação espirita. Mas em vez de lhes dar a explicação natural, passa a outros assuntos sem tentar a difícil tarefa.

Bozzano entende que este procedimento de Sudre não constitui novidade e tudo leva a crer que a imparcialidade da exposição — como manda a justiça reconhecer — não obedeceu a outro intuito senão ao de prudentemente fugir à interpretação natural desses factos por os julgar irredutíveis.

A única prova incontestável da sobrevivência de uma inteligência pessoal e activa, é a que conseguir patentear a actividade *actual* dessa inteligência. É essa prova que as «correspondências cruzadas» fornecem. A ideia filosófica que as inspirou consiste em eliminar, quanto possivel, a hipótese telepática como explicação dos conhecimentos injustificáveis que aparecem nas mensagens automáticas dos médiuns.

Os factos obtidos pelas correspondências cruzadas, coligidos e analisados pelos psiquistas anglo-americanos são numerosos. Para os conhecer é necessário compulsar volumes inteiros dos *Proceedings*.

A característica desses fenómenos é nunca serem simples nem elementares. As mensagens provenientes das correspondências cruzadas formam verdadeiros enigmas metapsíquicos. Umas vezes vêm cheios de obscuras alusões clássicas que só podem ser interpretadas por eruditos; outras vezes são dadas sob uma forma simbólica, cuja compreensão, muito difícil, pode prestar-se a equívocos.

O Dr. Gustave Geley, na conferência que fez em Paris, em 20 de Dezembro de 1913, apresentou factos de grande simplicidade e de nitidez indiscutível, que estão ao alcance do entendimento de toda a gente.

As pessoas que figuram nas experiências são: Madame N., espirita convicta, mas cuja crença em nada compremete o seu senso crítico. Esta senhora não é propriamente médium; ela fez experiências com duas médiuns que, por razões pessoais, não desejam ser conhecidas. São designadas pelas iniciais de Madame T... e de senhorinha. R... —. Madame T... estava em Paris junto de Madame W..., a experimentadora. A senhorinha R. encontrava-se na praia de Wimereux, a 7 quilómetros de Boulogne, na Mancha, a mais de 800 quilómetros de Paris. Ambas são médiuns escreventes. Madame T... revelou-se vidente. Vê-la-emos descrever com exactidão cenas longínquas que ela ignorava. Durante as sessões, esta médium declara reconhecer as personalidades mediúnicas sob a forma de «luzes», que são três: a principal é designada pelo nome de Rodolfo, que foi o iniciador e organizador da produção dos fenómenos. Diz-se auxiliado por outra personalidade apresentada com o nome de Carlos, que desempenha, apenas, um papel mudo. A terceira personalidade, chamada Emília, manifesta-se num único caso.

A descrição é feita pela sr.ª W..., em conformidade com as notas por ela tomadas em cada sessão.

Em 7 de Agosto de 1913 — escreve ela — «o meu querido médium, a senhorinha R... anuncia-me que vai passar três semanas na praia de Wimereux, o que me desgosta. Principiamos a escrever: Rodolfo, o nosso amigo habitual, diz-nos: «Durante essas semanas de solidão — ausência da senhorinha R... — é preciso desenvolver a vidência da sr.ª T... Diligencie que ela descreva a região e a casa onde vai alojar-se a senhorinha R... Esta médium estará de lápis em punho à hora que fizer as suas sessões obscuras e eu hei-de aparecer, tanto numas como noutras».

A sr.ª T... explica que as sessões obscuras eram necessárias para ela poder distinguir as luzes dos seus dois amigos que a sr.ª T... vê muitíssimo bem.

A sr.ª de W... nada diz desta comunicação à sr.ª T... que não torna a ver a senhorinha R..., a qual parte para Wimereux no dia imediato.

Neste mesmo dia—8 de Agosto — pelas 10 horas da noite — a sr.ª de W... começa a sessão obscura sem esperança de alcançar resultado satisfatório. Admirada ficou que a médium T..., que durante os dois anos de duração das sessões pouca vidência revelara, tivesse exclamado:

— Oh! Estou a ver uma casa que tem água em frente... Não é água de um canal... é mais largo que o rio Sena... é o mar!

Depois, descreveu a casa, descrição que se verificou ser exacta até nas menores particularidades. De repente, a médium diz:

— Vejo no terceiro andar uma dama a escrever. Oh! uma das duas luzes dirige-se para esta casa...

Na sessão de 12 de Agosto, a médium T... vê apenas uma luz, ao contrário do que era costume, pois durante dois anos apareceram sempre as duas luzes ao mesmo tempo. Faz a descrição da casa igual à da sessão precedente e, desta vez, reconhece a dama que escreve: a senhorinha R... De súbito, a médium tem um acesso de tosse que irrita a sr.ª de W... porque faz tremer o canapé em que estão assentadas e porque supõe que o incidente possa impedir a continuação das manifestações, o que realmente acontece. No dia seguinte, a sr.ª de W... recebe, de Wimereux, uma carta da senhorinha R..., datada da manhã desse mesmo dia, com a seguinte comunicação do Além, por ela escrita durante a sessão obscura da véspera, em Paris, em casa da sr.ª de W... e a esta última dirigida:

«Sou eu, Rodolfo. V. não cálcula, querida amiga, o trabalho que tive para organizar as nossas sessões. Imagine que o seu cão terra-nova se transformou numa aranha e que lançou entre Paris e Wimereux fios fluídicos provenientes em parte das médiuns sr.ª T... e senhorinha R... e em parte de mim mesmo, Rodolfo. Foi preciso tecer uma espécie de rede que permitisse à vidente (sr.ª T...) transportar-se sem bússola de modo que não errasse o caminho e não seguisse outras pistas, o que muitas vezes acontece na vista dupla quando se não possui no Além um amigo que prepare o

trajecto *(Pausa)*... Não quero dizer com isto que graças a esta preparação todas as nossas experiências venham a ser plenamente satisfatórias, mas teremos mais probabilidades de conseguir que o sejam... Eu exercerei, um tanto ou quanto, a função de lançadeira entre as duas, ao mesmo tempo *(Pausa mais prolongada)*... Sr.ª T... não tussa dessa maneira que enfraquece a corrente ... *(Pausa)*. Tranquilize-se, querida amiga, a sr.ª T... não está constipada. Foi a pimenta que está na gaveta que a fez tossir. Não é, portanto, de recear o contágio».

Depois de ler esta carta, a sr.ª W... perguntou à sr.ª T..., que nada sabia da comunicação de Rodolfo — se estava constipada em vista de ter tossido na vespera, à noite.

Que não, que não estava constipada, tivera um acesso de tosse como se realmente o estivesse, devido a ter tirado de uma gaveta um vestido de inverno que ali guardara e defendera com pacotes de pimenta em pó.

Em 15 de Agosto, ao começar a sessão obscura, a vidente declarou que nada se obteria porque o quarto da senhorinha R... em Wimereux estava às escuras... «A médium não escreve...». Depois acrescenta: «A sala por baixo do quarto da senhorinha R..., ao contrário, tem uma iluminação esplêndida. A senhorinha R... está sentada ao piano e muitas pessoas dansam».

No domingo, de manhã, chega uma carta da senhorinha R., datada da véspera, em que dizia:

«Ontem não pude ligar-me à vossa sessão. Teremos convidados para jantar. Não a preveni porque, aqui, nesta terra, os convites fazem-se de manhã para a tarde do mesmo dia. Depois de jantar, vários rapazes e raparigas organizaram um bailarico. Fui para o piano e toquei para divertir a juventude. Que triunfo se a nossa vidente tivesse visto qualquer coisa que se aproximasse...».

Até aqui trata-se, apenas, de vidência. A primeira comunicação cruzada produziu-se na sessão obscura de 22 de Agosto.

A médium vidente pega no bloco de papel e no lápis e diz que lhe parece que lhe agarraram o lápis e que sente a mão como morta. A sr.ª W... acende a luz sòmente meia hora depois.

Verificaram que havia poucas linhas escritas e que as duas frases que elas formavam eram de tal maneira incoerentes que a sr.ª W... teria rasgado o papel se não tivesse reparado, a tempo, no que se dizia no fim da página: «*Conserve estas linhas cuidadosamente*».

No dia seguinte, domingo, recebe-se de Wimereux a seguinte carta da senhorinha R... datada de sábado de manhã:

«Mais palavras apenas para lhe enviar a comunicação de ontem à noite. Sinto-me atrozmente fatigado porque não preguei olho toda a noite. É a primeira vez, desde que aqui estou, que semelhante coisa me acontece, e pergunto-me se a causa teria sido a experiência de Rodolfo. No começo da sessão doía-me imenso a cabeça e no final pareceu-me que me sentia livre. Mas, ao acordar, esta manhã, sentia-me esgotada».

Eis a comunicação de Rodolfo, que, como sempre, lhe é dirigida: :

«*Aqui estou, querida amiga.*

«*Vou experimentar andar de cá para lá na minha rede fluídica e escrever umas vezes com a senhorinha R..., outras vezes com a sr.ª T..., aproveitando o fluido da senhorinha R... enquanto ele se produz, e ligando-o ao da sr.ª T... para a fazer escrever a ela.*

«*Estou muito satisfeito com o êxito que obtivemos e digo-lhe que, neste momento, nos encontramos em condições muito favoráveis para as nossas experiências.*

«*A senhorinha R... está num meio completamente...* (nesta altura a minha mão *pára* e espero bastante tempo até que Rodolfo continui):

... obrigações diárias e das dificuldades a vencer. Se assim não fosse, eu não teria empreendido este trabalho.

«*Carlos também nos ajuda. O seu fluido tão suave e tão calmo* (Nova paragem ainda mais prolongada. Rodolfo prossegue).

...que a poderiam desorientar. «*Basta por esta noite... Vou restabelecer a corrente...*».

Ora, as duas frases julgadas incoerentes recebidas pela sr.ª T... eram estas:

«*...diferente do seu. As inquietações ficam de lado, e, assim, ela deixa de ter dia-a-dia a penosa recordação das...*».

«*... isola a nossa combinação das correntes perniciosas...*».

Intercalando estas frases nas paragens da senhorinha R... resulta:

«*A senhorinha R... está num meio completamente diferente do seu. As inquietações ficam de lado, e, assim, ela deixa de ter, dia-a-dia, a penosa recordação das obrigações diárias e das dificuldades a vencer. Se assim não fosse eu não teria empreendido este trabalho.*

«*Carlos também nos ajuda. O seu fluido tão suave e tão calmo isola a nossa combinação das correntes perniciosas que a poderiam desorientar*».

A sr.ª W... acrescenta que, no princípio desta sessão de 22 de Agosto, a médium vidente lhe dissera que a senhorinha R... estava a escrever, mas que lhe devia doer muito a cabeça porque passava a mão esquerda pela fronte e desfizera o penteado.

É a confirmação de que fora comunicado pela senhorinha R...

Em 26 de Agosto, a sr.ª T... anuncia que a médium escrevente R... mudou de quarto em Wimereux para um andar mais alto, o que leva a sr.ª W... a exclamar: «Oh ! então não conseguiremos nada !».

Efectivamente não se obteve coisa nenhuma e nem sequer Rodolfo apareceu.

No dia imediato a médium senhorinha R... comunicava que todas as forças fluídicas tinham sido empregadas para restabelecer a «teia de aranha» (a rede fluídica) desmanchada pela infeliz mudança de quarto.

Em 2 de Setembro, logo no começo da sessão obscura, a vidente diz: «Não me fazem escrever, mas vejo passar letras na minha frente como numa fita cinematográfica. Vou copiá-las».

Acesa a luz, encontraram uma frase acerca dos benéficos efeitos do ar da terra natal — assunto inteiramente estranho às nossas preocupações — em letras separadas umas das outras: «*O ar da terra natal reforça todas as faculdades, tanto as do corpo físico como as do corpo astral*».

O assunto fora escolhido por Rodolfo que descobrira que a médium escrevente R..., cujas faculdades médiúnicas via reforçadas, nascera nos arredores de Wimereux.

A carta que no dia seguinte se recebeu de Wimereux continha as folhas de papel em que no mesmo momento a senhorinha R... traçara as mesmissimas letras igualmente separadas umas das outras. A este respeito dizia a médium: «As letras separadas foram escritas duma maneira singular; dir-se-ia que de cada vez que eu escrevia uma, o fluido era cortado».

(Continua)

RETORNO

O retorno a Cristo, neste crepúsculo de civilização esgotada por guerras, ambições e egoismos, é uma necessidade urgente. O homem do século vinte, com todos os benefícios e prejuizos das conquistas materiais, habituado a viver dentro de esquemas convencionais, aceita a religião exteriormente, agregando-a à sua bagagem social como acessório elegante e imprescindível. Aquela comunhão espiritual, que é a finalidade sagrada da religião pura, do ser humano com a inteligência divina, foi deformada e desviada por muitos motivos, que não cabe analisar agora. Os deuses morreram, sem dúvida. O Olimpo ficou despovoado. Mas o paganismo permaneceu, encoberto em novas expressões da mentalidade politeista dos dias que correm, pretendendo retardar o triunfo de uma sociedade espiritual que se avizinha. Todas as religiões terão que se espiritualizar, se quiserem continuar nos séculos futuros. O porvir é o espírito, como o espírito vitorioso é o Evangelho aplicado à vida individual e colectiva. É o homem imortal dilatando as fronteiras do Reino que Deus localizou em seu coração.

A presença de Jesus-Cristo na Terra significou o fim da idolatria greco-romana, a instituição de um culto espiritual, a condenação de uma religião para uso externo, como a entendiam os sacerdotes hebreus, vorazes e hipócritas, a revelação, enfim, da responsabilidade indivdual dentro da vida e diante de Deus. Com ele cessaram os holocaustos sangrentos, a devoção exterior, o suborno da divindade, as longas orações labiais, o sacerdócio remunerado. A simplicidade de sua doutrina de amor constante é incompatível com as interpretações dogmáticas, nebulosas e distantes do entendimento popular. Seu Evangelho, legado de seu amor, de sua sabedoria e de seu martírio, não nos foi dado para os prélios brilhantes da inteligência, mas para atender às necessidades do coração. Erraram, por isso mesmo, todos os estudiosos da mensagem do Cristo que levantaram entre Ele e o homem os obstáculos dos sistemas teológicos, empanando a suave luz de suas lições singelas.

Por culpa desses novos doutores da lei, Jesus se tornou inacessível ao povo, longe de sua compreensão e afastado de seu coração. A descrença era a consequência lógica. É novamente um povo que anda às tontas, sem pastor. A dúvida foi então proposta pelos intelectuais honestos como meio de pesquisa, de indagação, sem o concurso da fé. Todavia as novas conclusões se revelaram incompletas, porque o homem nunca pôde prescindir das bençãos divinas. Quando ele se vê privado dos suprimentos espirituais, por deliberado afastamento da lei moral, debate-se num mar de incertezas crueis e aflições terríveis. Os meios em que confiava faliram. A base de suas ideologias era movediça e aluíu. Os chefes em que acreditara eram homens também. As massas estão hoje cansadas, desiludidas e desorientadas. Os problemas sociais se avolumam, com agravantes inesperadas e agressivas, num desafio permanente à sagacidade dos mais eminentes sociólogos. A instabilidade é a técnica em todos os campos da actividade humana. Ninguém sabe o que quer, nem como obter, imerso cada qual em doloroso caos mental. E como nossos processos comuns se mostraram ineficazes para trazer paz, prosperidade e alegria ao mundo, é preciso, agora, que a criatura busque em Deus, directamente, a inspiração para os seus actos, na angustiosa transição do século que passa. A exemplo do filho pródigo da parábola, todos os transviados do caminho recto precisam voltar para o Criador. Nenhuma fórmula política pacificará a alma aflita do homem. Nenhum *lider* conduzirá o povo à felicidade desejada. Nenhum sistema económico alterará a paisagem nublada dos horizontes terrestres. Porque a dor do mundo e a dor do homem têm raizes morais. Sua crise procede do espírito, e sòmente na alma imortal deve ser procurada a lesão que a motivou, enfermando e pondo em desequilíbrio todo o organismo eterno!

É por essa razão que o retorno ao Cristo se faz urgente. Seus lábios ensinam, suas mãos acalmam, seus pés orientam, seu coração ama! Seus braços novamente abertos, não em martírios pungentes da hora sexta, acenam amorosamente para que todos o acompanhem desta vez! Assim como em sua dextra poderosa repousam os destinos do planeta, a alma infeliz e triste do desgraçado homem da idade atómica terá de enquadrar seu doloroso destino nos postulados mansos do nazareno. Para ele, hoje ou amanhã, hão de convergir todas as esperanças de uma sociedade universal que se esfacela, porque não respeitou a vida nem se baseou no amor ao semelhante.

AO CRISTO

É uma volta obrigatória. O regresso ao espírito vivo de Jesus-Cristo será o único processo de recomposição moral e espiritual de um mundo que apodreceu na maldade, no ódio e nos corrompimentos de toda espécie. É um retorno directo ao Mestre do lago de Tiberíades, sem os impedimentos dos dogmas e dos ofícios que materializaram a adoração. Será um encontro pessoal, de alma para alma, de coração para coração. Nenhuma barreira impedirá esse colóquio inevitável entre o Cristo e o homem. Está na ordem natural dos factos, impondo-se com uma força invencível. Ele dará a cada um o que tem sido procurado, com afã e inùtilmente: direcção e tranquilidade. De novo, seus lábios se abrirão para repetir as verdades do Reino de Deus! Novamente, as bodas de Caná afastarão a imensa tristeza das almas! Os episódios memoráveis de Cafarnaum povoarão ainda uma vez, o espírito dorido da raça de esperanças e júbilos iluminados! E todos entenderão o sentido espiritual e sagrado da vida múltipla!

Nunca a presença do Cristo foi tão imperiosa como agora. Presença interior, profundamente localizada no coração das criaturas, e jamais uma presença externa, incolor, gelada, na rigidez da argila! As religiões, se fossilizaram em ritmos, cristalizaram-se em preceitos mosaicos. Há fome, frio e tristeza ao lado da abastança indiferente, do conforto fácil e do riso irónico. A fé transformou-se em mera afirmativa, quando devia ser uma chama ardente. A caridade, que é obrigação clara na lei do Evangelho, esqueceu o orfão e passou ao largo do necessitado do caminho. O amor está esfriando, como sinal da iniquidade multiplicada. O retorno ao Cristo não é apenas o cumprimento de um dever, mas providência imediata de incalculáveis benefícios. Não é, entretanto, buscá-lo nos templos de pedra, nos arquivos teológicos ou na convicção puramente intelectual. A volta ao Mestre da Galileia significa integração com o seu espírito puro, através de seus ensinamentos sentidos e vividos. Quem se unir com ele, após tantas experiências fracassadas de salvação pelo materialismo, se livrará dos violentos reajustamentos que vão preceder o advento do terceiro milénio, e para o qual somos arrastados por uma imperturbável fatalidade evolutiva. Só no Cristo, poder vivo que fortalece, renova, socorre e ilumina, suportaremos a dolorosa transição que o mundo desvairado e infeliz vai conhecer na noite próxima.

Campos, 1950.

MEDEIROS CORREIA JÚNIOR

A Morte de Bach

«Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus».

(PAULO, II, Cor., 5:1)

Um ano antes de sua morte, o grande Bach, relata sua esposa, foi operado pelo cirurgião John Taylor. Catarata. Não vingou o esforço do sábio inglês e João Sebastião Bach ficou cego.

Só meia hora antes de morrer, o famoso compositor recuperou a visão.

Pela primeira vez, então, viu seu neto, filho de João Cristóvão Altnikol e Elisabeth Bach.

Sua esposa traz-lhe uma bela e grande rosa vermelha, «uma dessas maravilhosas rosas da Saxónia».

O Pai da Música ainda diz:

— Que linda rosa!

Dirige-se a Altnikol e fala, sublime:

— João Cristóvão, traze papel e pena; ainda há música dentro de mim. Escreve-a...

Altnikol recebe o ditado de seu derradeiro canto: «Vor deinem Thron Tret ich Hiermit» («Diante de Teu Trono apresentar-me-ei, ó Senhor!»).

O grande organista pede, após, que cantem o famoso coral de Lutero: «Todos os homens devem morrer». E voltando-se, depois, para a esposa:

— Ana Madalena, esta rosa é tão bonita! Há quanto tempo eu não via as rosas... E eu vou para um lugar onde há cores mais lindas e música mais pura...

E Bach penetrou no Mundo Maior...

A morte é quadro de todos os dias. Depois das verdades da Fé, é a maior certeza da vida.

E, no entanto, quão poucos são os que se acham preparados para recebê-la, de ânimo sereno e espírito compreensivo!...

As ilusões do egoismo, alargando os impérios fictícios do «eu»; a ignorância voluntária das verdades divinas, favorecendo cegueiras e desvios morais; a ambição desordenada, estendendo áreas de falsas conquistas; o velho narcisismo, as crueldades estudadas, a incorrigível vadiice mental, o esquecimento dos princípios morais e religiosos que devem reger a vida, tudo isso tem impedido e impedirá sempre a alma do homem de encarar alegre e sàbiamente a visita inevitável da morte...

Felizes aqueles que, a exemplo de Bach, podem, no último dia, com o coração repousado na fé viva, admirar as rosas vermelhas, guardar a certeza de um mundo mais belo e ainda sentir música dentro da alma...

Campos, Brasil.

CLOVIS TAVARES

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

AS CURAS DE HARRY EDWARDS

O *Psychic News* de 1 de Outubro último insere a reportagem de uma impressionante cura psíquica realizada por Harry Edwards em Manchester, o qual ultrapassou os seus trabalhos anteriores e foi muito aplaudido pela enorme multidão que enchia os jardins de Belle Vue, em King's Hall.

Um dos cépticos que ali se encontrava aceitou o convite de Edwards para subir ao estrado e declarou:

— Não sou médico. Sou um céptico. Desejo compreender e esta é a única maneira de o conseguir.

Depois falou à assistência, dizendo que as costas do doente que Edwards estava a tratar tinham-se tornado flexíveis, em vez de conservarem o estado rígido, próprio da esclerose.

— De facto — acrescentou — considero Harry Edwards um grande esteio da cura espiritual neste país.

O caso mais notável foi o de um rapazinho chamado Brian Lees, morador em Dynson Road, 32, Oldham.

A criança, que fez quatro anos em Março, sofria de paralisia infantil desde o nascimento. Para descer as escadas tinha de ir de costas apoiado nas mãos e a cambalear. A espinha arqueada foi nalguns segundos endireitada por Edwards. Depois tratou as pernas à criança, que se pôs em pé, e começou a andar.

— Agora desces as escadas, — disse o médium curador.

A criança desceu normalmente os degraus e subiu-os novamente.

Outro caso foi o da senhora Barber, moradora em Mil Lane, 52, Woodley, atacada de artrite reumática. Movia dificilmente os braços e tinha os joelhos retesados. Os dedos de Edwards normalizaram as articulações e um minuto depois a doente levantou os braços.

Tinha subido para o estrado com o auxílio de uma bengala. E o médium pediu-lhe que experimentasse, outra vez. A doente começou a andar sem bengala ! Tinha estado cinco meses no Hospital Buxton Devonshire, sem o mínimo resultado.

O sr. G. Self, residente em Poolsbrook Road, 179, perto de Chesterfield e que sofria de artrite reumática havia 27 anos, pôde pentear-se pela primeira vez depois da cura.

Uma criança chamada Patrícia Ann White, residente em Hallwood Road Wythenshawe recebeu tratamento na espinha e ficou muito melhor.

A sr.ª C. Booth, moradora em Oakmere Close, 6, Browley Green, Wythenshawe, foi tratada de papeira e os sintomas desapareceram, ante a admiração geral.

O sr. B. Brooks, de Liverpool Road, Cadisheal, que fôra à reunião por simples curiosidade, foi tratado de surdez do ouvido esquerdo e melhorou consideràvelmente.

A sr.ª J. Merrin, residente em Heaton Mercey, Chapel Street, 7, tinha a espinha arqueada devido a uma operação feita na idade de nove anos. Agora tinha 38.

— Gostaria de poder tocar com as mãos nos dedos dos pés ? — perguntou-lhe Edwards.

Alguns segundos depois, endireitou-lhe a espinha.

— Agora toque nos dedos — disse-lhe Edwards.

Muito admirada, esta senhora conseguiu fazer esse movimento, conservando os joelhos firmes. Um mal que durara 30 anos, desapareceu nalguns instantes !

Todas estas doenças crónicas foram melhoradas sem a mínima dor. Durante as experiências e para que a assistência pudesse observar, Edwards ia perguntando se os doentes sentiam alguma dor. As respostas eram sempre negativas, mesmo quando confessavam ser a primeira vez que, depois de muitos anos, as articulações se moviam.

Uma enfermeira que estava presente confessou que se tivesse feito a mesma coisa que Edwards, os doentes se teriam contraído antes dela lhes tocar e se tivesse persistido no tratamento, causar-lhes-ia muitas dores.

Este grande médium curador tem realizado inúmeras demonstrações públicas do seu poder magnético, tanto em Londres, como noutras cidades de Inglaterra.

UM CASO ESTRANHO

A *Gazeta de Alagoas* de 14-6-949 publicou a seguinte narrativa transcrita pela revista *Raios de Luz*, de Recife, Pernambuco.

No dia 7 do corrente, em Barra dos Dois Riachos, distrito de Major Isidoro, ocorreu um caso que despertou grandes comentários.

Trata-se do seguinte: uma criança de 12 anos de idade de nome Lourdes, filha do lavrador José Marcelino e de sua mulher Rosa Generosa, moradores do proprietário Nereu Vicente, foi, em companhia do seu irmãozinho Nascimento, de 6 anos, buscar um pouco de água ao rio Ipanema. Em dado momento, Nascimento caíu à água desastradamente, sendo mobilizados os vizinhos do lavrador que tudo fizeram para encontrar o cadaver da infeliz criancinha, pois a supunham morta, afogada no rio.

Os país do Nascimento ficaram desolados, e, nos dias seguintes, realizaram novas buscas sem resultado. E o pai, meio alucinado, exclamava.

— Só Deus ! Só Deus poderá salvar o meu filhinho !

No dia 10, o lavrador José Dionísio Filho, acompanhado de sua mulher, apascentava uma cabrada a cerca de um quilómetro do local onde a criança caira ao rio, quando julgaram ouvir gritos que vinham de lá. Como era tarde, os lavradores não ligaram importância ao caso. No dia seguinte, 6.ª feira, a mulher do Dionísio contou-lhe que ouvira gritos alarmantes vindos do rio.

O lavrador chamou o seu sogro, sr. Francisquinho Vicente, e dirigiram-se ao Ipanema. Ouviram novos gritos. Resolutos, entraram no rio com água até à cintura e lutando com a correnteza. O Ipanema, ali, corre sobre pedras grandes e pequenas. E qual não foi a surpreza dos dois homens, quando se lhes deparou sobre uma pedra, num dos braços do rio a criança que fora dada

como afogada, quatro dias antes !

Nascimento estava vivo e são, não sentindo fome.

Fizeram-lhe perguntas sobre perguntas, às quais o menino respondia naturalmente, não ligando muita importância ao caso. Limitou-se a dizer:

— Eu caí à água e uma mulher veio nadando comigo e pôs-me nesta pedra.

— E como dormias tu na pedra, no meio da água, sem comer ?

O menino, então, apontando outra pedra maior, defronte daquela em que se encontrava, respondeu:

— Uma mulher levava-me para lá e eu dormia no colo dela. Ela cobria-me e não chovia.

Não fazemos comentários. Os leitores que apreciem o caso e tirem as ilações que julgarem convenientes.

O CASO DA JOVEM VIAJANTE

A revista *Mundo Argentino*, de Buenos Aires, publicou em 16 de Novembro último a seguinte narração, devida à pena de Patrício Mahony:

Girard Hale, um pintor dos Estados Unidos cuja cabeça de Cristo é mundialmente conhecida, teve uma vez que executar um dos seus trabalhos em Paris. Em 1928 encomendaram-lhe o retrato de uma senhora francesa a que ele dá o nome de «Madame Jouvenet». Nunca a tinha visto, nem a seu marido e combinaram fazer o quadro no castelo que possuíam no Laire.

O pintor tomou um comboio com destino à estação mais próxima do castelo. No compartimento escolhido para a viagem só ia ele. Mas a solidão pouco tempo durou. Ao despertar de leve sesta, viu uma mulher nova sentada no lado fronteiro. Era uma rapariga elegante e formosíssima e o seu rosto parecia reflectir ao mesmo tempo uma grande doença e um profundo pesar, circunstância que atraíu logo a sua atenção.

Em poucos minutos iniciaram conversação. Depois, com surpresa, a jovem levou o assunto para a pintura moderna e o artista ficou encantado com tantos conhecimentos acerca da sua própria arte, e muito mais pela certeza de não ter visto, antes disso, a sua companheira de viagem. Mas ela perguntou-lhe se ele seria capaz de pintar de cór o retrato de uma pessoa que só tivesse visto uma vez na vida:

— A mim, por exemplo. Seria capaz ?

— Creio que sim. Mas gostaria mais de o fazer consigo na frente — respondeu Hale gentilmente.

A dez quilómetros da estação de destino, a rapariga levantou-se e despediu-se amistosamente do artista.

— Encontrar-nos-emos antes que o sr. tenha tempo de me esquecer — foram suas últimas palavras, antes do comboio prosseguir na sua marcha.

Quando Hale chegou ao castelo foi recebido muito cordialmente pelo seu anfitrião e respectiva esposa, mas admirou-se de ver que os Jouvenets eram mais velhos do que ele tinha imaginado. Dirigindo-se à sala de jantar, desceu as escadas do Castelo e quase lhe deu uma síncope, quando, a meio caminho, encontrou a jovem que fôra sua companheira de viagem.

Ela saudou-o com uma dessas expressões alegres que em certas ocasiões fazem parecer formosa a mais infeliz das mulheres.

— Disse-lhe que nos encontraríamos novamente — exclamou ela, sorrindo.

Hale perguntou-lhe como conseguira chegar tão ràpidamente ao Castelo, acrescentando risonhamente que gostaria de poder fazer uma viagem tão veloz.

— Ter-lhe-ia sido difícil — foi a desconcertante resposta —. Depois, com um gesto indicativo de que se achava em dificuldade, a jovem continuou o seu caminho.

Durante o jantar, Hale referiu-se casualmente à atraente jovem do comboio e o rosto de Jouvenet ensombrou-se.

— Não sei a que pode referir-se — disse ele —. Não há nenhuma mulher nova nesta casa, nem esperamos nenhuma convidada.

Hale começou então a descrevê-la pormenorizadamente; mas quando notou o estranho efeito que as suas palavras produziam no casal, resolveu mudar de assunto, embora o seu anfitrião voltasse, pouco depois, ao mesmo tema, quando se sentaram à mesa para tomar café:

— Sr. Hale, — disse Jouvenet — faça-me um ligeiro esboço do rosto da rapariga que encontrou nesta casa.

Pegando num lápis e num papel, o artista começou a trabalhar, admirando-se da facilidade que sentia no esboço da jovem que tinha visto no comboio e no patamar da escada. Mas antes de terminar o esboço, madame Jouvenet caiu da cadeira com um desmaio.

— É que nós tivemos uma filha que faleceu há muitos anos — disse Jouvenet quando a esposa começou a recobrar os sentidos —. Deve ter sido ela a jovem que o sr. encontrou no comboio e nesta casa. O seu esboço tem notável parecença com ela.

FILIAL DE ALMEIRIM

Comunica-nos a nossa Filial de Almeirim que durante a quadra do Natal socorreu várias criancas pobres e alguns adultos indigentes, com tecidos, vestuário, etc. Foram contemplados 46 lares e 84 pessoas, sendo 80 crianças e 4 adultos, num total de 110 peças de vestuário.

Graças a Deus, o Centro Espiritualista Luz e Amor, as suas Filiais e a revista *Estudos Psíquicos* continuam a formar um bloco que o tempo e a dedicação de muitos confrades fortalecem cada vez mais.

Aos confrades de Almeirim, os nossos melhores agradecimentos pelo esforço desenvolvido.

APELO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor mais uma vez apela para os antigos associados com direito à revista Estudos Psíquicos, *no sentido de aumentarem as cotizações para 7$50, a partir de Janeiro do corrente ano, pois as receitas ordinárias não cobram as despesas e se estes amigos não acederem ao pedido que se lhes faz, o Centro não poderá manter-se perante uma situação dificitária, sem ter qualquer outro meio legal de resolver o grave problema.*

Na esperança de que todos cumpram o seu dever, a Direcção agradece antecipadamente e vai proceder de harmonia com o exarado nestas linhas.

Notas & Comentários

CORAÇÃO DE LUTO

Esta secção não podia fugir à dolorosa impressão do que se passa, porque o coração está de luto, num lance confragedor de saudade.

Vinte e quatro dias se escoaram sobre o acontecimento. Vinte e quatro noites torturantes, de anseios e esforços vãos, vinte e quatro noites desoladas, buscando luminosidades imprecisas no céu nebuloso da existência.

Ao terceiro dia sonhei. Era a ilusão benfazeja, a miragem da vida junto d'Ela, uma nesga de Paraíso terrenal, névoa de júbilo sem par... Senti-me feliz. A Natureza em festa entoava cânticos de alegria. Mas o sonho terminou e eu provei novamente o amargo espinho da realidade. Chorei lágrimas compreensíveis. Os contrastes experimentam a sensibilidade. Tocam-na de longe ou de perto. Depois vem a reacção inevitável. Quando o coração não tem reservas naturais, vem a dor que punge. Ou vem o prazer que exalta e domina o nosso edifício moral. Outras vezes a indiferença apodera-se do espírito saturado de emoções.

Para lá do meu olhar é a distância que não tem fim e liga a terra ao céu em meias tintas que se esbatem na orla indecisa. Cairel sem nome onde me lebruço, como sequioso que os lábios cola ao fio da nascente !...

O sonho transformou-se. Estranha mutação de almas rodopiando em mágico torvelinho ! Mãos que nos agarram, olhos que nos fitam, ideias que nos verrumam! Miscelânea fantástica de vibrações concêntricas dirigidas ao âmago do homem !

O coração de luto não sabe para onde vai. O espírito lhe diz que não vibre tanto. É a voz da razão a gritar o seu império, a iluminar caminhos pedregosos, onde os barrancos espreitam nossos passos. Nem sempre a escutamos, nem sempre a seguimos. O motivo não sei...

Meus olhos dilatam a pupila e minha alma desdobra-se cada vez mais... Em toda a parte indago da Sua presença, porque o vazio me enfraquece e apavora. Mas a Sua irradiação não oferece dúvidas. Cerca-me em eflúvios harmoniosos, ampara-me nas maiores crises, como bálsamo infalível.

Cumpriu a sua promessa:

— Se partir primeiro, comunicarei contigo logo que possa. Será a minha grande preocupação. Hei-de procurar o médium.

E ele estava pertinho! Tão pertinho e ninguém dava por tal ! Nem ele próprio, que nunca assistira a uma sessão, que nunca lera livros de doutrina. Era a Maria Eugénia, a nossa filha dileta !

O corpo ainda estava no leito, iluminado por sorriso angelical que permaneceu até à hora derradeira. Coisa de pasmar ! Todos olhavam e diziam:

— Aquilo não é morte, é sono brando e suave...

E ficavam à espera que Ela despertasse... Eu também ficava, apoiado à doce ilusão.

A Maria Eugénia estava à cabeceira do leito. Meditava, o braço sobre a colcha branquinha e o pensamento a vogar muito alto:

— E se minha mãezinha me tocasse na mão ?...

Acto contínuo, seu braço alteia-se sessenta centímetros sobre o corpo que ali jazia. Sentiu a estranha força que a tocara e teve a intuição rápida de que era Ela...

Duas horas depois voltaram os mesmos eflúvios inefáveis. Eu tive a ideia súbita de colocar uma caneta e um papel em frente da Maria Eugénia, que escreveu de jacto, em letras grandes e legíveis :

«Maria. Saudades. Quero-vos muito. Eu quero que vivam os dois sempre. Meus amores, estou muito bem junto de vocês. Amanhã estaremos melhor. Continua a tua tarefa, que eu ajudo-te sempre que possa. Não se preocupem, estou melhor que ninguém. Estou cheia de luz e os irmãos do Além vêm rodear-me com seus cânticos. A D. Marília está comigo».

Era a linguagem dela. Não podia haver palavras mais simples nem mais incisivas. Era tudo o que eu necessitava de saber na terrível emergência. Era tudo o que a preocupava e me preocupava. Ela vivia e pensava e amava... Continuávamos a ser objecto do seu amor puríssimo, da sua dedicação, do seu desvelo. Que grande felicidade espiritual para a nossa condição humana !

E nos dias seguintes continuou o seu colóquio, aos meus ouvidos:

«Estou muito contente. Eu gosto muito de falar contigo. Não andes triste. Estou tão bem, que vocês não calculam. Vemos coisas muito lindas. Não tornes a chorar. Eu não quero. A gente é sempre alegre, sabes? Eu gostava muito que tu tivesses alegria. Vamos inspirar-te muito. Não quero que chores, ouviste? Eu também rio. Não quero vestidos de luto. O meu vestido aqui é muito claro. Eu e D. Marília já nos conhecíamos de outras vidas».

E novas mensagens vieram, vibrando a mesma nota emotiva, com o desejo intenso de que eu não chorasse, que lhe fazia mal...

«Olha... Ri muito... Eu também rio muito. Não sofro nada. Não tenho saudades do mundo. Tenho saudades tuas, meu filho. Tu gostavas muito de mim. Enquanto tiver forças, hei-de ajudar-te sempre, querido. Sempre. Toda a vida. Dou-te força da minha para te auxiliar. Tenho muita força. Sou muito feliz. Eu quero que sejas feliz. Vim a correr, porque sabia que estavam tristes. Senti que me chamavam e vim. Fala comigo na vida. Amanhã vais ali... Vais além... Eu não quero luto. Não adianta nada. Tu envelheces e pronto. Deves ir aqui, ali. Passeia muito. Faz mal estar amarrado em casa. Não chores. Fala muito. Não chores, eu não quero. Sinto-me mal. Eu protejo-te. Dou-te luz».

E eu vivo agora numa ilha deserta, imerso em luar de saudade, aguardando sempre as suas vibrações amorosas...

Vem, doce amiga, vem... Fortalece o companheiro, norteia-o, para que o mar largo da vida lhe seja favorável na viagem incerta. Ele quer reagir. Quer empunhar de novo o arado e vibrar contigo em uníssono... A obra não pode ficar em meio...

A Maria Eugénia será a tua continuadora, o prolongamento do teu olhar nostálgico e do teu bondoso coração... Trabalharemos juntos e juntos viveremos, pés na terra e olhos em ti, nessa luminosa auréola que te cerca a fronte... É preciso que se cumpra a Lei... e tu queres ajudar-me sempre... sempre... sempre !...

Noticiário

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Recebemos mais os seguintes donativos destinados à Subscrição do Natal.

Transporte do número anterior	5.757$00
Estevão Rodrigues	10$00
Mário Simões	10$00
Lucília	10$00
Bastos dos Santos	10$00
Helena Pilar	20$00
João José Pilar	20$00
Guedes de Amorim ...	20$00
Jaime Neves	10$00
Uma Camponesa	20$00
Alvaro Garcia	20$00
Um Grupo de Lourenço Marques	200$00
Júlio Magalhães	10$00
António Martins	50$00
Laura Valdez	30$00
João Rodrigues Paulo	20$00
Anónimo de Lisboa ...	20$00
L.	10$00
Elisabete Correia	10$00
António G. L. Campos	20$00
Elmano	5$00
H. S.	20$00
Leonildo Correia	10$00
César Alves	20$00
Francisco Augusto Pereira	10$00
Manuel Oliveira Valente	20$00
José Fernandes	20$00
Maria F. Lopes	7$00
Armindo A. Pinto da Cruz	100$00
Piedade Silva Tavares	10$00
Henrique da Silva Horta	50$00
Espirita amigo	50$00
Estrela de Castro	50$00
Francisco E. Carvalho Simão	50$00
Francisco Marecos Henriques	100$00
Francisco Paulino Mendes	20$00
Adelina Nobre e Silva	5$00
Augusto Gomes Queriol	10$00
Manuel Carvalho Silva	20$00
Arnaldo Carvalho da Cruz	5$00
E. C. P.	10$00
Albertinho	500$00
Astreia	50$00
Pelos espíritos de Joaquim Fernandes e Emília do Vale	25$00
C. S.	15$00
Barbara Brito Ramos	20$00
Albano António Ribeiro	20$00
Eduardo Barbosa Fonseca	37$00
Jaime João Jerónimo	50$00
Deolinda Goucha	3$00
Um Grupo de Lourenço Marques	146$00
Augusto J. S. F. M. Pinto	63$00
António C. Brites	10$00
Isaura Santos	,5$00
Mário Bacelar	20$00
Anónimo de P. Delgada	20$00
Dulce Pereira de Brito	10$00
António J. S. Formigal	40$00
Floripes Dias Leitão ...	30$00
Policarpo Rocha	25$00
Horácio da Silva Matos	20$00
Etelvina Nobre	10$00
Capitão Cabral	22$50
Leonel Gomes Pinto ...	45$00
Total	8.065$50

Graças à bondade dos nossos leitores e amigos, pudemos contemplar 403 famílias necessitadas: 353 pela quadra do Natal e 50 que vão receber donativos no próximo dia 4 de Fevereiro, trigésimo dia do trespasse de Maria Gonçalves Duarte Santos, que durante muitos anos foi a grande animadora desta subscrição. Que a sua alma puríssima possa continuar a colaborar conosco nesta cruzada de benfazer !

A todos agradecemos a boa vontade, especialmente à nossa bondosa irmã D. Maria Clementina França, que foi incansável na sua tarefa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1950

Dia 2 de Fevereiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam* dirigida por António Cardoso.

Dia 4 de Fevereiro, sábado, às 21 horas — Palestra pelo Coronel Faure da Rosa no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «A Escrita Directa». Às 22,30 funcionará o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano* dirigido por Ramos Pereira.

Dia 5 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua* com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida por José F. Cabrita, e destinada a todos os sócios.

Dia 9 de Fevereiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 12 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua* com a médium D. Inês Maria de Brass, dirigida por José F. Cabrita, e destinado a todos os sócios.

Dia 16 de Fevereiro, 5 feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 18 de Fevereiro, sábado, às 21 horas — Palestra por Isidoro Duarte Santos no *Grupo Gabriel Delanne* intitulada: «Tiptologia». Às 22,30 funcionará o Grupo Experimental *Ernesto Bozzano* dirigido por Ramos Pereira.

Dia 19 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua* com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida por José F. Cabrita, e destinada a todos os sócios.

Dia 23 de Fevereiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigido por António Cardoso.

Dia 26 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, Presidente da Ordem Esotérica Iniciática e Sociedade Portuguesa de Naturologia, intitulada «Magnetismo Curativo».

Dia 2 de Março, quinta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 4 de Março, sábado, às 21 horas — Palestra por Ramos Pereira no *Grupo Gabriel Delanne* intitulada «Radiações Psíquicas». Às 22,30 funcionará o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano*, dirigido pelo mesmo confrade.

Dia 5 de Março, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua* com a médium D. Inês Maria de Brass destinada a todos os sócios.

Dia 9 de Março, quinta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Cultura (A) da Coragem	20$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados)	200$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00
Vida (A) Depois da Morte	25$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00

OBRAS DIVERSAS

Clarividência e Psicometria, por C. Phaneg	20$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecço de preces várias)	8$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Iniciação (A) de Jesus, por S. Clymer	8$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Lei (A) do Mentalismo, por A. V. Segno	28$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Mistérios (Os) Iniciáticos, por Henri Durville	28$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Projecção de Eflúvios Vitais, por A. Lália-Paternostro	20$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Ritual de Magia Divina (colecção de preces ocultas)	24$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold	22$00
Sonhos e Visões (Sua interpretação)	26$00
Tesouro (O) dos Humildes, por Maurice Maeterlinck	28$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville	35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc	28$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA

	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	12$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas às idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	46$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	46$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	40$00	54$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	56$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Arcolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espirito de Guerra Junqueiro)*	24$00	38$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por C. *Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, musica para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espirito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o pais, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

GIANELLA DE MARCO
Jovem Maestrina de 5 anos

(Ver pág. 47)

CONTÉM: Calvário, **da redacção**; O Caminho da Harmonia do Espiritismo Brasileiro, por **F. Noronha**; Corações ao Alto, pelo **Espírito de Reper-Siam**; A Clarividência e a Quarta Dimensão, por **Nicolas Mota**; Os Livros do nosso Director na Opinião da **La Revue Spirite**; O Homem e a Família, por **A. Ramos Pereira**; Cumpra-se a Lei, por **José Simões de Matos**; A Idade da Terra, por **António Cardoso**; Um Fenómeno Musical, por **Henrique Magalhães**; Correspondências Cruzadas, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Bálsamo na Ferida, por **Mariana Mendes Palma**; O Fim do Mundo, por **Cyrillo Aleixo**; Anda Caminheiro, por **Isidoro Duarte Santos**; O Espirita no Lar, por **Tito L. Bancescu**; A Doutrina Espirita é Verdadeira ?, por **Rufino Juanco**; Porque Voltam os Espiritos-Guias, por **B. B. Martins**; Noite Estrelada, por **Humberto Rohden**; Crónica Estrangeira; Cântico da Dor e do Perdão, por **Pietro Ubaldi**; Notas e Comentários; Noticiário; Livros da Editora «O Pensamento».

11.º ANO FEVEREIRO DE 1950 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	28$00	42$00
A Génese (nova edição)	28$00	42$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	50$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	42$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1950 — N.º 2

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

CALVÁRIO

Ó homem, que trabalhaste e viveste feliz, aureolado por aspirações tão altas, que te sentias pequenino e frágil ante a sua grandeza! Onde buscavas o alimento espiritual que na pira fumegante era lançado em rajadas de fé? Onde haurias a inspiração de tantas páginas acolhedoras que davam alento aos fracos? Como conseguiste erguer um baluarte e nele fixar tão grande número de combatentes? Qual o segredo dessa obra que muitos consideram invulgar pelo âmbito e pela projecção?... A resposta a estas perguntas não na sabe dar a minha pena partida ao meio, escalavrada pela dor cruciante. Para responder com propriedade seria necessário entoar um hino grandioso à companheira que partiu, mas continua «presente». Seria necessário historiar, analisar, relatar muitas coisas que a memória guarda em escrínio indelével. Eu não o posso fazer. É superior às minhas forças. O que dantes fazia alegremente, como imperativo de consciência, é hoje feito em transes revestidos de saudade. Subo um calvário onde os abrolhos eriçados rasgam a carne exangue. Luta desigual entre o homem e o elemento! Como poderei vencer a jornada? Como poderei atingir o cume da montanha adusta? Como poderei sair do colapso? Outras perguntas sem resposta. E, todavia, sinto que é preciso reagir intensamente. A vida humana é amassada em dor e em luto. É arena de sofrimento. Em cada segundo que decorre, o homem prova o amargo fel da taça. E felizes daqueles que escudam a provação na fé sem limites, que minam a tristeza e extinguem a revolta! Felizes dos que encontraram o segredo do equilíbrio total! Eu não estou nessas condições. Sou espírita? Propago uma doutrina de regeneração que ensina e encarar a morte com serenidade? Sem dúvida. Mas isso não me inibe de sentir os embates da matéria, de medir a extensão do calvário. Não me inibe de forma alguma. Não há incoerência no meu drama. Há realidade e lógica. Há sentimento. Há esforço compreensivo.

A minha cruz redobrou de peso. Falta-me o cireneu. Falta-me o alento da sua palavra. Tenho de avançar sozinho por algum tempo, até soar a hora do seu auxílio. Parar não é possível. O calvário desdobra-se a meus olhos pávidos e eu contemplo, resignadamente e alheadamente, a vereda que espreita os meus passos. Uma aragem doce e enebriante me envolve às vezes em tom de carícia inefável e eu sinto nascer em mim o calor suave da sua presença amiga. A cruz torna-se mais leve e a ferida menos dolorosa. Subo ladeira íngreme, firmando o pé na rocha, mas ela esboroa-se e, por fim, retrocedo vinte passos, num misto de avanço e recuo. É assim a vida. Por cada prazer usufruído, mil dores nos verrumam as entranhas. Por cada alegria, um mundo inteiro de sofrimento. Chegamos então ao ponto de nos interessarmos mais pelo infortúnio alheio. Alma que não reflecte anseio ou dor, não é humana. A ascensão espiritual é demasiado lenta para quem tem pressa de chegar. Ventos tempestuosos vergastam almas e corações e a ladeira aumenta de volume, sempre maior que a nossa coragem. E o suplício prossegue e o homem busca em si os meios de o superar, de o vencer, de o transmudar em ânimo varonil. Oh, que estranho mundo de saudade me envolve todo! Lembranças fagueiras, sonhos altos, elevadas aspirações... Tudo rolou no tempo e fora do tempo. Rolou e anda comigo, neste calvário que vou subindo, nos abrolhos que vou pisando. O vácuo é coisa pavorosa. Sente-se e não se descreve. É a queda incompreensível nos abismos do não ser.

Ó homem, que trabalhaste e viveste feliz, reclinado em peito amante, escuta a Voz do Além e prepara-te para novas empresas! O calvário que percorres há-de florescer em bênçãos divinas. Como e quando, não sei. Mas há-de florescer, porque Deus é grande. Há-de florescer, porque a alma não limita os anseios que a caracterizam. Há-de florescer, porque as vibrações que recebo são poalha de ouro e banho lustral que me encorajam e fortificam.

O CAMINHO DO ESPIRITISMO

Um artigo de

Já desde antes de ser impressionado, em minha casa, directamente, a sós, pelo fenómeno que me tornou adepto do Espiritismo, este não me era estranho e, até, a seu respeito elaborara composições, ou fossem dez artigos extensos, que tiveram publicidade nos semanários *O Barreiro, Gazeta de Cantanhede* e o *Cezimbrense;* e, precedendo anos, lera William Crookes e Allan Kardec.

Com o tempo, fui notando um facto que lamentei, por me parecer destituido de fundamento inabalável.

Tendo eu como princípio de ciência pura, que a união faz a força e não verificando esta, perfeita, na esfera espirita, deparava-se-me, neste capítulo, uma falha incompreensível, prejudicando a Causa.

Sendo o Espiritismo, como é realmente, uma ciência, em contacto com todas as ciências e um campo experimental, improcedendo com dogmática, ou hemos de caminhar com acerto de lógica e eficiência de razão, evoluindo sempre, sem que nos coloquemos em diametral oposição, aliás irrisória, ou hemos de encontrar-nos separados por barreiras dispersivas e dispares em conclusões. O que deveras compete ao espirita estudioso, inteligente e desassombrado é fazer luz, muita luz nos problemas que se lhe patenteiam, coordenar com método, nunca perder de vista o princípio de causalidade e arredar de si mesmo todos os riscos de falência de interpretação.

Ele é, por essência, um apóstolo da verdade, um arauto de paz, um veículo de elevação para o Além, aspirando à perfectibilidade.

Nós afirmamos a existência do ser supremo, a sobrevivência da alma e a sua imortalidade, não afirmando por afirmar, mas com argumento de causa, de factos, de conclusão matemática.

Flammarion elaborou o «Deus Na Natureza» em base irrefutável, e até agora não vi negativista que fosse capaz de demonstrar, por $a + b$, que os movimentos de precisão imperativa, que registamos com assombro, sejam devidos ao acaso.

Este é sequer concebível com feição de realidade?

Dizer acaso não interessa coisa alguma, de sério e honestidade, é dizer ignorância, não passando de recurso parvo de falência antecipada.

Ora, de certo momento em diante, afigurou-se-me no Espiritismo uma sombra de falência.

Alguns casos de divergência, caminho de diferenciação de fundamento essencial, para mim incompreensível ou inabordável, deram-me no goto e até, num determinado dia, encontrando-me, face a face, num lugar público, com um espirita ponderado, já com fios de prata assomando na cabeça e possuidor de diploma universitário, conquistado por merecimento próprio, encontrando-me com pessoa, assim apreciável, recaiu o nosso dialogar sobre o ponto referido, por ele citado como causa de enfraquecimento e motivo de crítica sã.

De facto, que haja discordância em matérias secundárias e num que outro processo de estudo e investigação, não colidindo entre si, compreende-se e aceita-se, visto que cada um de nós difere, naturalmente, do seu semelhante; mas em princípios básicos de modalidade científica, acrescendo-lhes reforço experimental repetido, não é concordante com a lógica e a razão, denotando apenas teimosia ou capricho. E porque o Brasil realizou uma aspiração de bom senso operante e de larga transcendência oportuna, que este brilhante mensário intitulou *Harmonia,* em seu artigo editorial, de Novembro último, e porque harmonia, na emergência de que se trata, exprime avanço e representa união, equivalente a força, não em sentido de explosivo atómico ou de outra especie liquidativa ou decisiva, mas de equilíbrio ético e de elevação de nível moral, é resolução congratulatória para todos os espiritas de boa vontade do mundo inteiro, os quais, se entendidos por laços comuns e por espírito de confraternização arraigada, ficarão mais aptos para o emprego de suas faculdades no ideal mais nobre de ascese humana e de acerto social: a *Paz!*

O Espiritismo está talhado, de molde, para activação complementar da grande obra iniciada há séculos, em terras da Palestina,

pelo judeu a quem o pretor romano perguntou o que era a verdade e a Madalena ungiu os pés com bálsamo aromático.

Aquele homem, porém, pacífico por natureza, afectivo por condição, apóstolo por amor; aquele ser, em suma, sem precedente nem sequente que o igualassem, nascido num período de fulgurância alta, com só grau equivalente em época helénica genial, aquele missionário de concórdia e paz viu-se postergado e até renegado, embora ao longo das idades pósteras haja sido flâmula e pé de altar, de que hão proveito bastardias inovadoras!

A paz não prevaleceu fora dos seus lábios. É certo que os seus discípulos directos, menos um, se converteram em pescadores de homens, mas, o dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus não teve, em

DA HARMONIA BRASILEIRO

F. NORONHA

breve, interpretação de sentimento original mas de temporalidade, e a paz foi sendo o que estamos presenceando.

Todavia, apesar de tudo, com sacrifício de suas vidas, os primeiros onze levaram o conhecimento da Cruz aos confins do seu mundo conhecido.

E se isto «Pela Vitória do Espírito» foi levado a efeito por gente rude e pobre, o que não poderão excutar e conseguir, nesta data, milhões de membros da mesma família, fraternalmente unidos, inspirando-os o mesmo missionário, grande iniciado, que legou à humanidade, nas pessoas dos seus discípulos, numa ceia de despedida, estas palavras de inexcedível conceito anímico e de expressão pura da mais alta filosofia de alma:

«*Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem sicut dilexi vos* (que vos ameis uns aos outros como eu vos amei) ?!

A *Harmonia* da população espirita brasileira, a primeira na vanguarda da ciência do Além e no entusiasmo reflectido da crença na Imortalidade da alma, essa *Harmonia* não redundará, finalmente, num clarão de suavidade penetrante, iluminando inteligências e atraindo multidões de mãos dadas, no anseio de cessar sobre a Terra a corrida aos armamentos e a chacina destruidora ?!...

E toda a América não é habitada por núcleos valiosos de espiritas, em todas as suas nacionalidades, com publicações regulares numerosas ?

O que tem faltado, evidentemente, é uma aproximação mais íntima, mais consumada, de maior coordenação, de maior entrelaçamento, de escrupulosa eliminação de arestas e também de retraimento, brigantes com convicções profundas e com sugestivos desassombros.

Os fenómenos espiritas, comprovados, são tão resistentes à crítica severa como as demonstrações de teoremas matemáticos; e há alguém que se abstenha de confessar-se simpatizante com as ciências materialistas ?

Não será certo, que qualquer ciência, quanto mais matemática for mais confiança inspirará ? Perfilho, abertamente, o exortação com que fecha o artigo a que aludi nas presentes considerações: «Que a harmonia perdure nos corações e a Causa ganhará em extensão e profundidade e novos lauréis a encherão de força e prestígio imorredouro».

É silogisticamente certa esta prosa exortativa. Envolve, em sínteses palpitantes, raciocínios perfeitos e argumentos de autoridade inconcussa. É o potencial de validade máxima, quer de fundo, quer de forma e o estilo genuino de orientação guiadora, tanto psiquico, propriamente dito, quanto empírico e especulativo, em acepção não pejorativa ou de interesse grosseiro.

Cada espirita deve etnder para o seu próximo e para o meio que o informa, como os rios para o mar. Então, constituindo um todo homogóneo, de verdade e consciência, a ciência espirita não possibilitará sombras de desaprumo individual, fantasias dissidentes.

Dizia-me ontem um industrial de doçaria, que gentilmente me honrou de presença, há poucos dias, numa conferência , em instituto espiritualista:

«Não é aceitavel o desvio, o desacordo, a desarmonia em matéria científica, e sim o bom senso evoluindo na dinâmica de horizontes mais largos, na sede insaciável do homem para atingir as últimas cumiadas do saber».

Há um limite, que não cabe em nós transpôr: *o porquê, o porque razão.*

O fenómeno, efeito de causa; o nada absoluto, impossibilidade insofismável; a vida,

sem origem eficiente; o absurdo, tomado como axioma; a radiação, a sonância e a universão, negadas *ad hoc* ou consideradas utopia de vesanos, eis afirmações e repulsas que, afinal, só vingam e traduzem razão no que é congruente com a existência real e nos transportam ou conduzem o ânimo à fronteira para lá da qual a visão física paralisa e a inteligência, equilibrada e lúcida, se eleva à concepção primacial da Fonte soberana e autêntica, que reluz através da imensidade sobredoirando o espaço infinito.

Ante miragens tais e assombramentos típicos em semelhante grau e quilate de grandeza e imponência deslumbrantíssimas, o animal por excelência no plano da Natureza queda, absorto, na contemplação do peregrino quadro, e confessa, em sua consciência, que lhe é defeso o domínio das esferas, o sublime do Belo, o alcandor inefável das órbitas esfusiante de sintilações de pura estética fascinadora, o clima do Incriado, que igualaria, se lhe fosse dado, pigmeu de um planeta em provação, nivelar-se ou medir-se com o ser dos seres, a Causa das causas, o Eterno Legislador dos mundos, na retorta majestosa do Universo! E não permanece depreciado nem diminuido em dignidade e brios o indivíduo humano que, embora condicionado em campo restrito, não encontra barreiras e tropeços que o detenham no voo e enlevo do seu pensamento criador; no esforço psíquico vital triunfante na luta contra tantas incógnitas da vida, em que, por vezes, basta-lhe um instante de relampeio genial para aliviar a Grei na jornada ininterrupta dos séculos; na aspiração de ingência suma que define cada uma das suas faculdades, colocando-o senão a par com a Divindade, dentro de sua excelsitude perdurável. Espiritas brasileiros! Tendes dado um passo de reflexão imarcessível, de disciplinamento voluntário e de continuidade garantida.

E nesta hora do globo terráqueo, ameaçado e trabalhado por impulsos contrários e por forjas deletérias, sois exemplificação de cordura, de apego sóbrio precioso e válido e sois também estimulo, incentivo pulcro a imitação feliz, arco-iris de ingência social, impedindo mais graves destrambelhamentos, vicejando e englobando, continente a continente, nação a nação, povo a povo, língua a língua, por aderências de simpatia, por sorriso de esperanças, por abraço de cívicas modalidades!

Convencido estou, apoiando-me na História, de que o querer é poder, e não ponho em dúvida o dito da sabedoria das nações, de que mais vale quem quere do que quem pode.

Glória vos seja, irmãos da outra margem do Atlântico, pugnai pela união, pela harmonia, pela Paz!

Haverá, porventura, àquem regiões americanas, estendendo-se de polo a polo, com rios que são mares, com mares que são viveiros, com viveiros que são especialidades e com gentes que ousam e conseguem todos os empreendimentos de útil emprego e de acesso prático, que vencem todos os obstáculos e realizam sonhos capazes de converterem-se em fonte prestimosa, haverá, estranho ou alheio aos céus daquelas regiões de características e predicados ideais, algum espirita, de coração e de alma, que não se integre e identifique na expressão e actividade espontânea e luminosa que a concordância e harmonia significam e representam?!... Por certo, em todos os peitos, as vísceras nobres serão idênticas na pulsação a tal respeito, e capacito-me de que todas as consciências, de espiritas e não espiritas, sensatos e esclarecidos, lhe consagrarão aplauso unânime!

Em 26-XII-49.

AS NOSSAS EDIÇÕES

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William* Barrett.

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

CORAÇÕES AO ALTO

pelo Espírito Reper-Siam

Queridos irmãos, que Jesus vos acompanhe sempre, são os nossos votos, porque sem o seu amparo nada somos, nem os daqui, nem os daí. Jesus é o nosso Mestre, é o nosso Guia, é o nosso Caminho, é a nossa Vida. Os seus ensinamentos deviam ser meditados por todos os homens de boa vontade. Os cristãos não constituem seita alguma, ao contrário do que muitos julgam. Cristão devia ser quem quisesse evolucionar, pois só aproximando-nos do Cristo o poderemos fazer. Quando digo nós, digo-o com propriedade, visto Jesus representar para nós o que para vós representa. Seus ensinamentos destinam-se a todos os seres da Criação que tenham capacidade para os assimilar. Portanto, nós, pequeninos como somos neste mundo espiritual em que vivemos, sentimos como vós a mesma necessidade de comungar com o Cristo, de merecer a protecção do Cristo.

Já vedes que a distância que nos separa é muito pequena. Somos cavadores da mesma seara. O infinito não tem divisões impermeáveis ao espírito humano. Todos os mundos se interpenetram. O que é preciso é evolucionar, a fim de passarmos dos mais densos aos mais subtis. O que é preciso é conhecer o porquê e para quê de tudo o que nos cerca. Vós aí, nós aqui, temos as mesmas atribuições, porque os nossos estádios de evolução, embora diferentes, estão muito longe da perfeição almejada. Desta maneira, temos que persistir em nossas tarefas sem o mínimo desfalecimento.

Os homens são de pouca fé. Não admira, dada a atmosfera pesada que os envolve. Mas os que já descortinaram um pouco do seu destino têm o dever de andar em frente, sem se prenderem com arestas ou impecilhos, venham de onde vierem. Quem quiser singrar na esteira do Cristo têm que se envolver num tal manto de caridade e resistência, que não dê pelo mal que lhe façam. Deve continuar a rota alheio aos murmúrios ou ofensas, atendendo sempre ao fim em vista, aproximando-se do Cristo. Se lhe parece que foi atingido sem razão, lembre-se de que mais sofreu o Cristo, sendo um espírito puríssimo. Se o salpicarem de lama, resigne-se, porque os que algum dia trabalharam em benefício do semelhante, não tiveram outra paga.

Nesse mundo atrasado só é bem sucedido quem põe o egoismo em acção. Aos que saiam da regra geral, todas as más intenções lhes são atribuídas. Isto dá-se em todos os campos. Mas nem por isso devem arrepiar caminho. Devem continuar a marcha, porque dos fracos não reza a história.

Isto vem a propósito do que suportais, quando alguns apreciam o vosso esforço pela Causa. Mas a nada cedais. Ouvi tudo, suportai tudo, contanto que a obra prossiga, contanto que as vossas actividades não esmoreçam, mas avolumem cada vez mais. Repito: o nosso auxílio não vos faltará, desde que vós esforceis em favor da nossa Causa, que é a causa de Jesus, a causa da Humanidade. Sofrei as injustiças dos cegos, dos invejosos, dos que ainda não abriram os olhos para a grande obra do Cristo, dos que apenas procuram o seu interesse, o seu conforto, sem cuidar do sofrimento alheio.

As grandes obras foram sempre incompreendidas pela maioria. Mas, repito, para a frente, que o nosso auxílio nunca vos faltará, desde que tudo façais pela Causa, desde que a última gota de sangue ou de suor seja em prol da doutrina salvadora que é o Espiritismo, doutrina cristã, científica e religiosa, com a filosofia e a lógica por seu lado.

O nosso auxílio estender-se-á a todas as vossas necessidades e compromissos. Não deveis, pois, desanimar. Empunhai o arado e nada temais, porque nós vigiamos. Tendes, sim, que velar pelos inimigos internos que se alojam em vossas almas, que são o egoismo e o orgulho, com o seu cortejo de males que tanto atrasam a humanidade.

Corações ao alto e mãos à obra, que precisa de todo o esforço!

(Comunicação mediúnica recebida por Maria Gonçalves Duarte Santos)

A CLARIVIDÊNCIA E A QUARTA DIMENSÃO

por NICOLAS MOTA

I

Se alguns leitores tivessem assistido a uma sessão de clarividência com uma excelente médium, como sucedeu ao signatário, teria notado que a distância quilométrica é coisa que não existe para o clarividente. Quando muito, a distância, o tempo e o espaço encontram-se englobados num só presente.

Na sessão experimental a que me refiro tratava-se de controlar e comprovar, ao mesmo tempo, o fenómeno citado e, para isso, encontravam-se presentes, além de outras pessoas cultas, um indivíduo cujo nome não posso revelar, mas que conhecia perfeitamente a cidade em que residira, quando era *ordenança oficial do então Príncipe de Saboia.*

Como digo, o objectivo era precisar através da médium o lugar e as habitações (uma delas particular) do Príncipe em Roma e outros pormenores só conhecidos daquele indivíduo, visto a médium desconhecê-los completamente.

Logo que esta atingiu o estado de predisposição indispensável nestes casos e guiada de certo modo pelo senhor X para iniciar a parte fenoménica, começou a descrever a rota, como se se tratasse de uma viagem a bordo de um transatlântico, e com tal rigor fazia a descrição, que a pessoa que conhecia o assunto ficou assombrada da realidade, pois esta particularidade testemunhava por si só a carência absoluta de qualquer interferência pessoal que se poderia confundir com a transmissão de pensamento.

A referência exacta que nos deu de Roma e das habitações do Príncipe, descendo aos mais pequenos pormenores, foi deveras impressionante, não só pela minúcia, como também pelo aspecto fenoménico da veracidade e de tal maneira que o próprio senhor X, conhecedor daquelas regiões, se encontrava admiradíssimo.

O fenómeno chamou a minha atenção, porque, estando a médium presente, nos descrevia lugares e coisas distantes dela; e com tal naturalidade nos informava, que tínhamos a sensação de que todas essas coisas estavam encerradas nas quatro paredes da sala da sessão.

Ora bem; todos sabemos que a geometria euclidiana só admite três dimensões: comprimento, largura e altura (embora se afirmasse, graças aos trabalhos do sr. Henry Saville, em 1621, a insuficiência da geometria pròpriamente dita acerca das paralelas, etc., assunto que não vem agora para o caso); pois o fenómeno de clarividência apresentava-se-nos como um facto importante em deduções filosóficas, com respeito ao problema que tantas vezes se menciona no campo da metafísica pura com o nome de *quarta dimensão.*

Chamamos-lhe quarta dimensão, não no sentido de que ela exista realmente num ponto determinado do espaço, que é trifásico em todas as suas manifestações (ver o último trabalho de Pietro Ubaldi «A Grande Síntese», editado pela Editorial Constância, de Buenos Aires), mas como hipotético sinal de referência para explicar aquele fenómeno.

Para apreender ou conseguir interpretar em toda a extensão o fenómeno em si, é necessário bosquejar algumas considerações científicas ou filosóficas relativas ao mundo físico que nos envolve e apresentarmo-nos a esse ente a que chamamos espírito, para que nos faça assistir às suas andanças através das três dimensões vulgares e possamos conhecer ou explicar suficientemente como se move na latitude da *Quarta Dimensão*, com referência às nossas dimensões trifásicas.

II

O NOSSO MUNDO FÍSICO VISTO ATRAVÉS DAS NOSSAS PERCEPÇÕES SENSORIAIS

«Se é certo que a existência do mundo dos corpos não é duvidosa — segundo os cánones da Ciência e o filósofo inglês Wallace — nada se sabe até agora a respeito da sua constituição. Neste ponto, a nossa percepção sensível nada pode ensinar-nos, posto que as qualidades de nossas sensações, tais como, cores, sons, aromas, gostos, etc., não representam a realidade das coisas e significam simplesmente impressões *subjectivas* que delas recebemos. Sabemos claramente que os corpos são substâncias cujo atributo é a extensão, enquanto a sua figura e grandeza, assim como o estado de movimento ou repouso que possuem em determinado momento é a sua característica, e da mesma forma conhecemos o pensamento. Os corpos caracterizados por estas propriedades são totalmente diferentes dos espíritos — substâncias imateriais, dizemos nós, para as distinguir da substância organizada — cujo atributo é o pensamento, o que levou Descartes a acrescentar: o espírito pensa sempre e os seus modos são as ideias, as representações, estádios de consciência, «modi cogitandi», etc.

Como se vê, Descartes distinguira duas espécies de substâncias, isto é, a dualidade na manifestação da vida ou seja a corporal e a espiritual, enquanto Leibniz *se opunha à ideia de substância corporal, embora dissesse que, se a substância é una, adapta-se à essência, à potencialidade, ou melhor, ao espírito da substância, à simplicidade e à individualidade*, acrescentando que *um composto susceptível de divisão nos seus elementos* (referia-se à matéria organizada) *não pode ser uma unidade e portanto não pode ser substância. Que a matéria, cujo atributo é a extensão* (matéria sem extensão é uma ideia contraditória) *é divisível, visto que é extensa. Que uma substância tem de ser algo que actua, tem que ser uma força, mas a matéria é inerte, passiva*, terminando por dizer: *se só as coisas que possuem unidade e capacidade de acção são os últimos suportes do «devenir» e os corpos, divisíveis e inertes, não podem ser estas coisas; as coisas em si têm de ser concebidas como seres espirituais, ou átomos psíquicos, como se disséssemos pontos metafísicos, átomos, espíritos ou egos.*

O mais atrevido e audaz, digamos assim, dos filósofos, é o bispo inglês Jorge Berkeley, ao querer desprender-se do mundo material, como quem se desprende das coisas que fisìcamente o molestam. Mas ele vai mais longe no seu puro idealismo, segundo as expressões do filósofo Wallace, quando trata da negação da existência independentemente do mundo exterior. Para este filósofo, o mundo exterior das coisas consiste apenas em representações subjectivas.

«A opinião geral — diz ele — supõe que o conteúdo dessas percepções, como as árvores, as pedras, as coisas, as estrelas, etc., têm existência independente de nossa consciência, isto é, que existem como nós as percebemos e também quando não são percebidas por nós». E acrescenta: «Esta opinião ingénua é falsa, e impossível. Tal espécie de realidade não deve atribuir-se aos objectos sensíveis, aos corpos. Se a mesa em que escrevo é real, isso apenas significa que a vejo e toco; é real como conteúdo da minha percepção, é real porque é percebida, portanto é dependente da minha consciência. Como me demonstrarão que também existe quando a não percebo, quando eu saio da habitação ? É certo que quando entro outra vez na habitação encontro-a no mesmo sítio, mas isto não demonstra que, no intervalo, lá exista também. Não há objecção alguma definitiva contra a afirmação de que toda a realidade da mesa consiste em ser uma representação que aparece na minha alma em determinadas condições. A afirmação de que a minha percepção de uma mesa implica uma causa exterior, afirmação baseada no facto inegável de que as nossas percepções sensíveis nos são impostas e não podemos alterá-las como as representações da nossa fantasia, pode estar certa, mas dela não se infere que a causa seja uma mesa existente em si e fora da minha consciência, isto é, uma coisa que exista realmente». Mas é mais, afirmava este filósofo: «*Não só se demonstra que existem fora de nós coisas independentes da consciência, como também que tais coisas não existem*».

Já Lock dizia que «as qualidades secundárias das coisas, as cores, os sons, os odores e os gostos são absolutamente subjectivas».

Está provado que uma cor só tem de realidade o conteúdo de consciência. Uma cor real é sempre e necessàriamente uma cor percebida, vista; um som real é sempre um som ouvido e o mesmo pode dizer-se das restantes qualidades, que são conteúdo de percepção, ou ideias, como diz Berkeley.

A extensão, a figura e a côr são coisas que só podem existir também como conteúdo de consciência, posto que não se concebe uma extensão sem a sua côr correspondente, como não se pode conceber ao mesmo tempo uma côr sem extensão. Se uma das duas coisas, como a côr, é totalmente subjectiva, a outra também o há-de ser.

«Indubitàvelmente, a afirmação de que todo o mundo dos corpos é, afinal, a minha representação — diz Berkeley — deve parecer à consciência ingénua um monstruoso paradoxo. Como é possível — dir-se-á — eu criar o mundo quando abro os olhos e destrui-lo quando os fecho ? Mas isto não se deduz necessàriamente das afirmações idealistas. O Universo não existe apenas na minha consciência como representação — como o seria uma simples representação imaginária — mas também existe na consciência dos outros homens. Neles continua a existir, quando fecho os olhos... embora os feche para sempre. E mesmo que desaparecessem todas as consciências humanas e animais, ainda ficaria a consciência eterna de Deus, com cuja representação o mundo possui uma existência eterna e indestrutível».

III

Resumindo as considerações destes respeitáveis senhores da Filosofia, o panorama de suas deduções nos dá um modelo de realidade dualista, pois se o mundo físico existe objectivamente, já não é assim, quando afirmamos que existe como conteúdo da substância. Quer dizer que a *essência* em sí da substância não representa as formas, mas é uma força que actua, rege e agrupa os átomos para lhes dar colorido na sua extensão e que estas formas e qualidades são conteúdo das nossas percepções e não das coisas exteriores.

Por nossa parte diremos o que entendemos por fenómeno espirita. Se o espírito, por um esforço mental, pudesse despojar-se momentâneamente do seu envólucro humano e com ele os seus sentidos materiais, estou certo de que nesse instante precioso todas as coisas do mundo físico que o rodeia desapareceriam simultâneamente e só veria uma realidade *no conteúdo da sua consciência*, ou seja, o presente de todas as coisas vividas através dos milénios percorridos na escala ascendente do seu progresso evolutivo. Compreendo também que seria um esforço difícil de realizar, mas não de compreender, pois já os sensitivos clarividentes assim o afirmam e até nós o poderemos saber, se nos sitonizarmos com as vibrações cósmicas. É questão de tempo, paciência e vontade.

Está bem — dirá o leitor —, mas ainda não nos disse se, na realidade, o espírito se transporta de um lado para outro nos seus planos astrais. Eis o problema.

Responderemos o mais aproximadamente, baseados em factos concretos, directos e objectivos. Para isso valer-nos-emos do fenómeno mais vulgar e que se encontra mais perto de nós, isto é, o dos seres perturbados que se manifestam nas sessões espiritas, para depois compreender os de mais levada inteligência em seus conhecimentos e moralidade. A maioria dos seres perturbados que temos tratado directamente, apresentam-se-nos sempre com as últimas imagens, ideias e preocupações dos derradeiros momentos da vida material; quer dizer, com as *coisas* que mais impressionaram a sua mente. De modo que, para estes seres em geral, *os seus mundos psíquicos* adaptam-se melhor à segunda dimensão dinâmica dentro do seu mundo mental, isto é, o seu mundo mental relaciona-se mais com a «razão cerebral» da vida que hão vivido socialmente e não com a que está latente na sua subconsciência à espera da *maturidade para aflorar no plano da terceira dimensão correspondente à razão inspiradora nas ciências e nas artes que, neste caso, seria a intuição.*

Quanto aos seres dignos de atenção e auxílio que não tem noção da *Consciência Espiritual* — salvo raras excepções — porquanto, ao dirigir-lhes a palavra e perguntar-lhes, nos dizem *que não vêem, que estão em trevas,* mas que se encontram em lugares frequentados nos seus últimos momentos, tudo isto parece contradição, mas não é, pois falam assim no seu estado de perturbação, obedecendo ao reflexo da sua mente astral desse instante e apesar disso os anos passaram desde o falecimento até ao presente em que lhes fazemos as perguntas.

Qual é o mundo destes seres ? Transportaram-se no seu mundo interno com relação ao nosso ? Não ! Na realidade, para a mente destes seres não houve movimento mental de translação em latitude de tempo e espaço. Objectivamente, para nós, é como se o nosso tempo seguisse o seu curso, enquanto o *tempo* desses seres se fixou na mente no instante do seu falecimento, embora a nossa consciência espiritual nos continui a dizer que o tempo segue o seu curso e não se deteve em qualquer parte.

Dá-se o contrário, quando as entidades superiores do espaço se manifestam com a clareza original da sua linguagem e a exposição nítida de seus conceitos, morais ou científicos. Na sua linguagem, quase sempre usam termos comuns, como «baixar», «vimos de longe», «revestimo-nos de substâncias do vosso mundo para chegar até vós». Ora, todos estes termos nos dão a realidade sensorial de tempo decorrido e espaço, porque estão consubstânciados na nossa linguagem; de contrário não poderíamos entendê-los no sentido abstracto e espiritual do seu mundo astral. Mas, aprofundando as coisas em si e o seu correspondente fenómeno, veremos que tempo decorrido e espaço são fenómenos privativos do ser que está circunscrito à forma e não do próprio espírito, elevado e livre dela.

À medida que se eleva espiritualmente, o espírito vai-se despojando paulatinamente das formas e forças biofísicas da matéria, mas a essência como distilação de seus conhecimentos, de suas vidas passadas, vai-se ampliando no perímetro conceptual do seu Eu. Assim, quanto mais avançar na sua ascensão espiritual, maior será o campo da sua *visão*, bem como a influência da sua força moral, donde se deduz que sem perder a individualidade como essência, encontra-se — digamos assim — nas coisas disseminadas e conhecidas como extensão do presente eterno, em essência e espírito.

Poderíamos actualizar a comparação com a analogia daquele viajante que, tendo realizado a ascensão das ladeiras de agreste montanha e já no cimo da mesma, abarcou o panorama percorrido, dominando-o com a vista desarmada: os vales, os povos e os arroios, lembrando-se das inquietações e dos anseios, das alegrias e das angústias e de ter podido vencer as dificuldades na sua perigosa empresa. Enfim, com todas as considerações expostas e seus antecedentes históricos e filosóficos, creio estarmos em condições de interpretar o conteúdo da clarividência e apresentar o processus de seu desenvolvimento fenoménico.

IV

Voltemos ao fenómeno. Se uma viagem a Roma significa para nós embarcar num veículo de locomoção e navegação, a fim de galgar a distância quilométrica que nos separa dessa capital (portanto de tempo e espaço), é lógico que a nossa viagem materialmente concebida ficaria englobada nas três dimensões euclidianas, comprimento, largura e altura, mas não assim para o espírito do clarividente.

Como explicar e decifrar a incógnita deste complexo ? Apresentando o problema do seguinte modo:

O espírito que animar o corpo humano é de origem *espacial* ou de origem *temporal ?* Vamos responder por partes.

Se o *Ego* ou Espírito tivesse como principio ou origem o primeiro, isto é, o *espacial*, seria perecedoiro, mutável e cambiante, como o corpo e o sujeito, em todas as alternativas da matéria, e todos sabemos que não sucede assim. Se, pelo contrário, partirmos da origem atribuindo-lhe qualidades temporais, isto é, eternas, então todas as coisas que pertencem ao mundo metafísico poderiam fàcilmente ser explicadas. Para o efeito tomaremos como exemplo uma imagem metafísica que já conhecemos e que se enquadra bem e concerne ao fenómeno e à qual damos o nome de *Tempo*.

Se nós perguntarmos o que é o tempo, sem dúvida que o não poderemos definir, isto é, encontrar-nos-emos no mesmo lugar, como vimos nos fenómenos de perturbação, e da mesma forma se nos perguntássemos o que é o espírito.

Diz-se materialmente que o tempo é a medida das coisas ou factos acontecidos, mas ao querer medir as coisas de um presente, o tempo foge e não podemos segurá-lo nem detê-lo, mesmo por um segundo, e ficamos sempre entre o passado e o futuro: e, todavia, o tempo existe. Considerando as coisas filosòficamente, só nos fica a solução de admitir que o tempo é um eterno presente e, como tal, está circunscrito onde puder ser captado por qualquer ser que tenha consciência de que vive e sente.

Sendo de natureza *essencialmente* eterna, o Espírito, como o tempo, deve estar presente na imensidade do Eterno. A causa de não poder abarcar assim, com lucidez, as suas condições, não é devido a ignorância, mas porque as suas projecções psíquicas ainda não foram dirigidas para este ângulo do conhecimento.

Se é assim, como parece ser, a realidade do mundo físico não será mais que uma pantalha de imagens subjectivas do nosso Eu, enquanto estivermos na massa orgânica a que chamamos corpo, e continuará a ser enquanto não intervier a consciência que a distinga no plano e latitude onde o ser está colocado.

Se para o clarividente não há *distância* ou espaço como nós sensorialmente o concebemos, é porque as três dimensões euclidianas desapareceram para ele, ou melhor, foram galgadas num instante, como se disséramos é o seu presente, e neste caso já se nos revela a realidade desta *Quarta Dimensão*, donde se deduz que não está circunscrita em determinado plano da substância, mas que está no Tempo e no Espírito, como sinónimo do *Presente* e do *Eterno*. Mais claramente: o clarividente fala-nos de uma Cidade separada de nós por milhares de quilómetros, enquanto nós continuamos a pensar nas três dimensões do percurso — tempo e espaço —, visto não nos podermos subtrair a elas. O clarividente também nos fala no plano das três dimensões, embora esteja presente com os experimentadores e no mesmo instante descreva uma cidade distante de nós, mas não assim para o espírito que está presente nela... Como se explica isto ? O presente daquela está aqui e ao mesmo tempo lá?... Neste caso, para o espírito do clarividente desapareceu distância, percurso e tempo, o que nos leva a pensar que, sendo isto assim, o espírito poderia tomar-se como extensão de tempo, como algo fundido neste, ou como extensão do Eterno. Portanto, creio que é mais racional admitir que, depois das três dimensões conhecidas, todas as demais pertencem ao espírito e não a outros planos concebidos e atribuídos à substância.

Rosário de Santa Fé, Setembro de 1949.

(I. D. S. traduziu)

Os livros do nosso Director

na opinião de

LA REVUE SPIRITE

La *Revue Spirite*, fundada há 93 anos por Allan Kardec e actualmente dirigida por Hubert Forestier, publicou no seu número de Janeiro-Fevereiro uma nota subordinada ao título: «Os livros testemunham actividade do Espiritismo em Portugal» e que transcrevemos a seguir :

O nosso simpático confrade Isidoro Duarte Santos, director e editor da cativante revista ESTUDOS PSIQUICOS, de Lisboa, enviou-nos as suas recentes obras: «Luz no Caminho» e «Pierino Gamba», que o nosso querido amigo Louis Fourcade amavelmente analisou para estas páginas.

«Luz no Caminho» apareceu em 1947. Tínhamos lido na imprensa espirita portuguesa, brasileira e argentina todos os encómios feitos a estas páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo, conforme o sub-título que lhe deu o autor. Duarte Santos é um espirita notável; escreve em puro estilo dirigido constantemente ao bom senso e reflectindo sentimentos elevados. A sua obra está em franco progresso nos países de língua portuguesa e não há dúvida de que levou o necessário conforto a muitas almas desamparadas e a resignação e a esperança a muitos corações mortificados pela dor. Estas páginas, ao mesmo tempo naturais e simples, mereciam ser traduzidas noutras línguas, pois espalhariam nas ideias um pouco da sua claridade e da sua pureza de coração, coisa que o mundo precisa com tanta urgência.

«Pierino Gamba» é um título que quer dizer muitas coisas: Pierino Gamba é o menino-prodígio que andou pelas grandes capitais do mundo, revelando-se como um verdadeiro mestre da batuta musical. Na idade de 11 anos, de calções, dirige sem partitura as maiores orquestras sinfónicas de Roma, Madrid, Lisboa, Paris, Londres, Bruxelas, incluindo as americanas.

Donde extraiu este bambino semelhante dom musical, esse prestígio inato do som e da harmonia?

Os psiquiatras e outros sábios não acordam numa explicação para esta extraordinária precocidade, mas o nosso autor demonstra de maneira concreta e precisa que só a lei palingenésica ou das vidas sucessivas pode explicar o caso.

Este livro de 174 páginas seria bem acolhido entre nós e prestaria um considerável serviço à nossa causa. Os capítulos sucedem-se com lógica segura e cheios de encanto. O autor colheu numerosos extratos na literatura espirita francesa. Vimos ali o desenvolvimento do caso de M.lle Djiska, publicado no livro de Henri Regnault: «Tu Reviverás». Também lá encontrámos o relato publicado na Revue Spirite *do caso Felix, narrado pelo Doutor Maurice Delarrey e transcrito na* Revista de Metapsicologia, de Lisboa, e no *Spiritualisme Experimental e Philosophique*, de Liège.

Só podemos felicitar Isidoro Duarte Santos, grande amigo da cultura francesa, por ter resolvido a questão perturbante das inteligências precoces e das crianças geniais. Estamos de absoluto acordo com ele.

PARA UMA FILOSOFIA ESPIRITA

O HOMEM E A FAMÍLIA

Por A. RAMOS PEREIRA

DESAGREGAÇÃO FAMILIAR

Apresentando-se sob as mais diversas formas, a família é a primeira resposta ao instinto de sociabilidade, em conjunção com o da conservação da espécie. No entanto, os seus efeitos transcendem essa resposta de tal modo que Höffding diz que «sòmente na família se vive verdadeiramente como homem completo: os instintos mais primitivos e os sentimentos mais ideais têm nela a sua satisfação».

Infelizmente, as condições económico-sociais, traduzidas para a sociedade moderna pelo industrialismo, têm-lhe feito perder campos da sua acção natural e mesmo desenvolvido forças antagónicas à sua realização necessária. A família perde unidade e carácter na medida em que o matrimónio se vai tornando simples contracto comercial legalizando uma união de sexos, consentida e nem sempre desejada. Cada vez mais, no geral, o matrimónio se torna um fardo de peso indesejável, cada vez mais se vinca a tendência para o substituir por uma união sexual livre dos compromissos familiares (que o divórcio e as práticas anticonceptuais protegem e reforçam). Colocado numa sociedade onde o factor económico impera soberanamente e que coloca ao seu alcance a satisfação fácil dos seus apetites, o homem vai retardando o matrimónio. Mas se a aceita, tenta escapar-se do encargo económico dos filhos... E a concorrência feminina no mercado do trabalho, os exageros feministas característicos da sociedade moderna são outros contributos não menos fortes para a desagregação da família. A fidelidade conjugal, pela licenciosidade de costumes, tornou-se uma frase bonita... para ser ouvida dos lábios de um sacerdote nos écos de um templo. «Reivindica-se pública e despudoradamente o direito ao amor físico para todos, direito sem limites, nem freio, ao passo que as uniões permanecem voluntàriamente estéreis e os lares se despovoam» (v. Goedseels in «O problema sexual e o casamento» p. 14).

E são ainda as classes menos favorecidas quem mantêm, na sua quase totalidade, as taxas de natalidade e crescimento populacional, *porque as suas bolsas não comportam o recurso sistemático às práticas neomaltusianas.*

E no casamento o homem exige da mulher a fidelidade conjugal mas... não lhe dá igual direito, especulando com supostas necessidades e com diferenças de constituição. Quando tal ouvimos, recordamos sempre a frase do professor russo Nemilow no seu livro «Tragédia biológica da mulher»: — o homem e a mulher são... «equipotenciais».

O aumento crescente das ligações livres (ilegítimas chamadas), prova sobejamente a cobardia moral do homem: — no lar que constitui à sombra da lei não quer os encargos dos filhos e... vai gerá-los em ventres de mulheres que nada podem exigir-lhes; em casa praticam o anti-conceptualismo e fora do lar espalham filhos espúrios em cuja alma ficará para sempre gravado o ferrete da sua origem manchada !

A FAMÍLIA E O REENCARNACIONISMO

À luz do reencarnacionismo, a família é simultâneamente uma unidade física e uma unidade psíquica; ou melhor, uma unidade física visando uma primeira realização de unidade espiritual. Ela é o casulo mais próprio para que forças externas não impeçam ou mesmo destruam as metamorfoses necessárias para que o espírito se adapte às condições da vida. É isto exactamente: — A família funciona como o casulo da larva dos insectos; é uma barreira de protecção e uma primeira corrente remodeladora espiritual.

Com o reencarnacionismo, o filho é-o apenas pela carne; espiritualmente, é um irmão a quem se deve amparo e auxílio para que não falhe nos intuitos com que desceu. Os reflexos emocionais que se geram nestas ideias são bem mais profundos que os do conceito vulgar. O papel dos pais é o de uma vigilância aturada pelo filho que, realmente, é um desconhecido que se ama por vir sofrer as mesmas dores e alegrias que sentimos, como por a sua carne provir da nossa carne.

Todos os deveres, toda a moral familiar comumente enunciada, ganha nova força, maior extensão e profundidade.

PRINCÍPIOS DA MORAL FAMILIAR

E olhando as linhas que fazem a unidade familiar, enunciaremos assim os princípios de moral prática:

A) linha dos filhos aos pais.

I — Ama teus pais porque sem o seu sacrifício voluntário seria impossível a tua descida ao mundo da vida para ganhares degraus mais altos na escada íngreme da existência.

II — Se a tua vida é árdua, dolorosa e triste não maldigas o teu nascimento, não acuses teus pais, porque eles sofrem por si e por ti essa limitação que te angustia. Embora não te recordes de vidas anteriores, pensa que o «agora» é o reflexo condigno do «ontem», e será o objecto da imagem do «amanhã». Teus pais não foram mais que o seio aberto à espera e se tu nele mergulhaste, se tu, espírito, a ele desceste, só em muito pouco eles contribuiram para tal.

III — Deves a teus pais o respeito que o seu papel merece, a gratidão que os seus sacrifícios impõem e a obediência que não é subserviência, servilismo.

IV—Deves a teus pais a resposta ao auxílio que te prestaram quando eras fraco. Esse auxílio que deves não é esmola, como esmola não foi a que eles

te deram jubilosamente. É uma prova do teu amor!

B) linha de irmão a irmão.

I — Ama o teu irmão. Ele é como tu, filho da mesma carne, ele é como tu um espírito que veio viver contigo no mesmo lugar.

II — Não uses para com o teu irmão do direito de mais forte ou de mais velho.

III — Não humilhes teu irmão diante de qualquer. Se julgas que deves repreendê-lo, chama-o em segredo e conta-lhe. Lembra-te das palavras de Venillot: — «eu tenho um amigo que diante dos homens me defende, que diante de Deus roga por mim; um amigo cuja felicidade é o meu desejo mais querido e que está pronto a todos os sacrifícios para fazer-me feliz, que sempre estará satisfeito da minha prosperidade, que me será fiel em todas as minhas desgraças, que para todos os meus defeitos encontrará indulgência e para todas as minhas penas compaixão: esse amigo o tenho eu em meu irmão».

C) linha entre os esposos.

I — O amor que deve unir marido e mulher não é uma labareda a queimar os sentidos, mas um fogo sempre activado onde as almas se acalentam.

II — Faz de cada hora a primeira hora de teu amor. Assim não conseguirás esgotá-lo.

III — «Saibamos amar-nos tão bem que o nosso trabalho seja melhorado pela nossa ternura e a nossa ternura seja mais doce graças ao nosso trabalho, saibamos amar-nos tão bem que ambos possamos merecer os encómios dos trabalhadores sinceros e dos verdadeiros enamorados» (Romney).

D) linha de pais aos filhos.

I — Deves proporcionar ao teu filho um ambiente calmo onde a sua alma possa desenvolver as suas melhores tendências e aprender a refrear as suas paixões negativas.

II — Sê justo porque se fores um mau juiz nessa mesma hora passarás a réu.

III — Não julgues teu filho nem o melhor nem o pior dos filhos. Toma-o sempre na medida tão exacta quanto possível do que ele é.

IV — O papel educador dos pais é formar uma linha de vigilância constante sobre as suas emoções. Habitua teu filho a contar-te francamente os seus problemas. Ajuda-o a resolvê-los, mas por forma que ele fique com a ideia de que foi quem os solucionou.

V — Não queiras que teu filho se coíba por medo. Castigar não é aterrorizar. Se não fizeres assim, terás a sua repulsa e não o seu amor.

Imediatamente, se conclui que a moral familiar é intrinsecamente moral de viver, porque os laços da consanguinidade são gerados pelas circunstâncias da vida terrena. E a tal ponto esses laços são fortes, que as uniões simpáticas, espirituais, criadas, se prolongam indefinidamente.

Os efeitos psicológicos do viver familiar e da aceitação dos princípios éticos derivados são extraordinàriamente profundos. O indivíduo colima numa expansão altruista o fundo naturalmente egoista. A família provoca a primeira dilatação emocional no homem e a sua acção pode e deve ser considerada decisiva no caminho da existência.

Todos estes princípios éticos, onde não supusemos ter esgotado todos os deveres familiares, se sintetizam numa lei de amor:

— Ama os teus familiares como desejarás ser amado se os vossos papeis forem trocados numa futura vida.

Cumpra-se a Lei

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Como todas as coisas que Jesus nos prometeu, a revelação dá-nos os ensinos e exemplos que no tempo de Jesus não podíamos receber devido à nossa condição espiritual não permitir tais revelações. O Mestre nos afirmou: «que em seu devido tempo nos enviaria o consolador prometido para nos dizer outras coisas que, naquele tempo, não compreenderíamos.

O consolador prometido é o mesmo Espírito Verdade que se apresentou ao codificador do Espiritismo, o grande apóstolo e missionário que todos conhecem pelo nome de Allan Kardec, o qual, no dizer de Camilo Flammariom, um sábio que o mundo também não ignora, foi a encarnação do bom senso.

Este espírito «Verdade» foi o guia do codificador, clareando-lhe a mente e iluminando-lhe a consciência sobre o porquê de todos os fenómenos apresentados através da mediunidade à luz da 3.ª Revelação. O Espiritismo é a manifestação do Espírito de Verdade, fazendo luz nas trevas.

Jesus disse: conhecereis a verdade e ela vos fará livres. *Para quem vive em trevas, sempre a luz foi indesejável. Porque não se cuadunam com a luz os interesses de quem vive em trevas. Por esta razão o Espiritismo tem muitos opositores interessados em afastá-lo de si para que a sua luz não lhes demonstre o erro ou a ilusão em que vivem através da sua consciência, à qual o Cristo a todos nos fala, fazendo mais luz no nosso caminho.*

Debalde estes opositores o procuram afastar ou desacreditar, porque ele é espírito e sopra em toda a parte como melhor lhe convém. Porque os seus poderes e meios de revelação estão acima de nossa vontade e de qualquer interesse humano.

É uma infantilidade nos tempos que correm negar ou procurar esconder e combater os fenómenos espiritas. Porque eles são factos provados por respeitáveis homens de ciência, em todo o mundo. Só espíritos pouco evoluídos ou sábios sem luz poderiam verdadeiramente opor-se a tais revelações. É possível que a sua prática, como doutrina perfeita que é, deixe ainda muito a desejar; mas isso não invalida o seu valor espiritual e o quanto ele possa ser útil a quem o procura estudar e praticar com fé e amor no coração.

A IDADE DA TERRA

Por ANTÓNIO CARDOSO

Desde as mais recuadas civilizações até aos nossos dias pensadores e homens de ciência têm tentado, quer por via directa, quer por pura e simples especulação filosófica, determinar com a maior aproximação possível qual a idade da terra.

Os velhos brâmanes, da Índia, especulando sobre este problema, diziam que a idade da Terra não existe, visto ela ser eterna — pelo menos é assim que Artur Holmes traduz os seus pensamentos. Por outro lado, Annie Besant falando acerca da Terra, afirma que o nosso planeta teve como primeiros habitantes seres que vieram numa bola de fogo de um planeta distante, chamado *Shukra* (Vénus), seres que desceram numa ilha (a Ilha Branca), mas nada nos diz com precisão quando é que isso se deu, e ainda mais, quando o nosso astro deixou de ser estrela para se transformar em planeta.

Outros pensadores como Lucrécio e Zoroastro, falam também do problema, mas igualmente de maneira vaga, imprecisa. Zoroastro, por exemplo, dava 12.000 anos à Terra, mas pouco ou nada nos dizia como chegou a esse resultado, donde se tem que concluir que chegou a ele por uma via mais ou menos empírica. Para a confusão ainda ser maior, muitos escritores da antiguidade não destinguiam as datas, extraordinàriamente diferentes, entre a formação do planeta e o aparecimento da primeira forma viva. Os sacerdotes da Caldeia afirmavam que o período que decorre entre a formação do nosso planeta até aos nossos dias é superior a dois milhões de anos.

O arcebispo Ussher, querendo interpretar as tábuas Gronológicas hebraicas, fixou o ano 4.004 A. C. como o do início da criação do planeta. Este facto, e outros, de tentar explicar problemas do domínio da ciência por interpretações mais ou menos duvidosas, cuja aceitação deve ser feita com toda a reserva, deu lugar a que a religião católica se revoltasse contra os *Uniformistas*, isto é, geólogos que não aceitavam interpretações ou afirmações que não tivessem declarado cunho científico. Foram perseguidos, apodados de herejes, insultados, mas... depois verificou que mais uma vez a Religião católica, *divinamente inspirada*, tinha falhado nos seus cálculos: a famosa data a que Ussher e os seus partidários tanta importância deram, não tinha qualquer motivo para ser tomada em consideração.

No ano de 1.770, devido aos trabalhos de Jean Guettard, começa-se a dar maior importância às modificações exercidas na crusta terrestre pelos agentes naturais. Os agentes internos (sismos e vulcões), e os externos (variações, ventos, precipitações atmosféricas, águas subterrâneas, etc.), aqueles mais do que estes, chegam a produzir modificações profundíssimas no aspecto de uma região onde esses agentes exercem a sua acção. Os sismos, como se sabe, dão lugar a vagas sísmicas, que levam o mar a afastar-se da costa, ficando a descoberto uma parte da superfície submersa, ao mesmo tempo que a uma certa distância se forma enormíssima coluna de água que vai chocar violentamente com a terra, chegando, a projectar os barcos a grande distância.

Mas, se os sismos e as erupções vulcânicas, devido ao poder da sua acção destruidora, podem modificar tão profundamente o solo, eles não devem servir de elementos de estudo, pois a sua acção não é contínua — pelo contrário, manifesta-se com intervalos de tempo mais ou menos longos. Os geólogos, observando estes factos, dirigiram então a sua atenção para os agentes externos, incomparàvelmente de acção mais lenta, mas mais ou menos contínua. Jean Guettard — a que já me referi — teve ocasião de notar a acção destruidora das chuvas nos rochedos, e John Ray, no ano de 1692, emite a opinião de que toda a terra pode ser reduzida a um nível inferior ao do mar, que explica por meio da teoria dos nivelamentos; no Pacífico, este facto tem realmente sido observado com o aparecimento e desaparecimento de várias ilhas. No próprio Oceano Atlântico isso também tem sido observado, e é facto conhecido que apareceu uma ilha desta feição nos Açores, em frente à costa Sul de S. Miguel, relativamente há poucos anos.

O astrónomo Halley sugeriu que os oceanos se tinham tornado salgados devido à retenção de partículas salinas, provenientes dos rios. Este facto parece nada dizer de concreto para o estudo do nosso problema, mas a verdade é que esta hipótese foi aproveitada e deu origem a que mais tarde Lord Kelvin apresentasse uma sugestiva modificação deste método.

A astronomia — e isto vem a propósito de termos falado de Halley — serviu também em parte para a resolução do problema. Os geólogos pensaram e com razão que se a terra, antes de ser planeta, era um simples bloco de fogo proveniente por sua vez de um bloco muito maior, de que hoje o nosso Sol é um fragmento, se conseguissem determinar a idade do sol teriam por assim dizer meio caminho andado. Por meio da espectroscopia, viram-se os elementos existentes no sol; nesses espectros aparecem também riscas escuras, provenientes das radiações absorvidas pelos elementos da atmosfera solar e terrestre — riscas de Fraunhofer e telúricas, respectivamente. Mas era necessário ir mais longe: era necessário determinar a causa por que a energia do Sol, pelo menos aparentemente não tem diminuido. Helmholtz e Kelvin foram os iniciadores destas investigações, chegando à conclusão que essa energia-transmitida pelo menos com aparente continuidade — era devida às grandes reservas de energia que o átomo possui a desintegração da matéria e a transmutação artificial dos elementos comprovam mais que suficientemente esta teoria. O Professor A. Eddington, seguindo por estas vias, calculou que a duração total do Sol é de cerca de 15.000 milhões de anos. Baseando-se nesta descoberta, o Dr. J. H. Jeans calculou que a presente razão de perda de massa é de cerca de 1 % em 150.000 milhões de anos: daí a razão por

que nos parece ser sempre igual a energia transmitida por esse astro.

No entanto, as investigações prosseguem e novas teorias surgem no desejo de que o problema se simplifique; o estudo da estrelas binárias, a teoria das marés (elaborada pelo Dr. Jeans e amplificada mais tarde pelo Dr. Harold Jeffreys, aclaram um pouco a questão. Outro caminho consistiu em arranjar um limite superior à idade da terra, servindo-se da teoria da origem e história da lua; pelo estudo das marés oceânicas, com consequências de aproximação e afastamento da Lua, chegou-se à conclusão de que a Lua *teria* derivado da Terra, no tempo em que esta se encontrava nos princípios da sua formação.

Recolhendo estas e muitas outras teorias que seria fastidioso descrever, mas conservando-as sempre com uma certa reserva, os geólogos voltaram a sua atenção novamente para a Terra, agora tentando, por meio das rochas, arranjar mais alguns documentos, que, reunidos, dessem a chave do problema. O trabalho não era fácil, pois a variedade de rochas de origens diferentes, dificultava o problema. Como se sabe, as rochas endógenas (também chamadas ígnias ou eruptivas) provêm de uma solidificação de matérias incandescentes — *magnas* — por sua vez divididas em dois sub-grupos: as plutónicas (como por exemplo o granito), que se formam sòmente a certa profundidade, e as vulcânicas (como o basalto) que, pelo contrário, é encontrada à superfície do solo. As rochas eruptivas por sua vez ainda se dividem em 3 grupos — ácidas, báricas e neutras — classificação feita tendo em conta a percentagem de sílica ($Si\ O_2$) que contêm. Além das rochas eruptivas, ainda temos mais dois grupos: as sedimentares e as metamórficas, cada uma delas por sua vez ainda apresentando subdivisões.

Por meio deste estudo, chegou-se a conclusões muito interessantes. Em Sheppey, por exemplo, numa mesma argila foram encontrados restos de corcodilo e tartaruga, indícios de que essa argila havia sido formada no estuário de um rio na Groelândia, os geólogos encontraram rochas contendo restos da árvore do pão, e junto ao Polo Sul foi encontrada hulha com restos de árvores coníferas — prova evidente de que essas regiões, onde hoje apenas existe neve, gelo e oceano, foram já extensas florestas. Ora, se se conseguiram estudar as condições em que essas modificações se deram, e portanto as suas causas, achar-se-ão sem dúvida dados que irão servir para a resolução do nosso problema. Na França, por volta do ano de 1.808, os geólogos daquele país, estudando os leitos dos rios, chegaram também à conclusão a que os de outros países haviam chegado: isto é, também a França havia sofrido, com o correr dos tempos, modificações profundas no seu aspecto geográfico. Foi assim que se chegou a uma divisão da idade da Terra. Essa divisão compreende 6 períodos. O 1.º (período arcaico ou azóico) é caracterizado pela ausência completa de fósseis; o 2.º período — chamado precâmbrico — é por assim dizer o período de transição entre o período arcaico e o período câmbrico, já considerado como 1.º período da era primária, terciária, e antrópica (ou quaternária), que é aquela em que agora nos encontramos.

Chegou-se à conclusão de que na era primária produziram-se movimentos da crosta de que resultou a formação sucessiva de Norte para Sul de duas categorias de sistemas de rugas, — grupo dos Sistemas Caledónicos e grupo dos Sistemas Hercínicos. Lapparent e outros geólogos célebres concluiram que no fim desta era existiam dois continentes, separados por um mar transversal.

Nessa era primária os animais predominantes eram os marinhos, ao passo que na seguinte já nos aparecem, além dos marinhos, animais que tanto são aquáticos como terrestres, como sejam os répteis. Aparecem as primeiras aves, e os primeiros mamíferos, pertencentes — escusado será dizer — a grupos muito inferiores, como sejam os dos marsupiais. Quanto a flora, que na era primária apenas era constituida por criptogâmicas e gimnospérmicas, é agora muito mais completa, com o aparecimento das angiospérmicas. A era terciária tem como principal característica grandes modificações que se produziram na crusta do planeta, devido a uma super-abundante actividade vulcânica. Eis-nos chegados à era quaternária, em que agora nos encontramos.

No entanto, apesar de tudo isto o problema ainda não ficava resolvido. Era necessária mais alguma descoberta que servisse de *prova real* a todas as hipóteses surgidas até ali. E essa prova começou surgindo, quando no ano de 1896 Becquerel descobriu que certos corpos têm a propriedade de emitir radiações susceptíveis de impressionar as chapas fotográficas. Estava descoberta a radioactividade, com os seus raios alfa, beta e gama.

Ora, com o estudo da rádio-actividade e graças à matemática, realmente extraordinária. Hoje por uma simplicíssima aplicação de uma fórmula algébrica, calcula-se num abrir e fechar de olhos o período de desintegração radioactiva ou tempo de vida média de uma substância dada. Isto deu aos geólogos possibilidades que até àquele tempo nem de longe tinham sido atingidas. Verificou-se assim que a Era Terciária, data de há 60 milhões de anos, ao passo que distam 1.260 milhões de anos entre o período Pre-Câmbrico e os nossos dias.

Russel levou mais longe os seus cálculos, partindo da suposição de que o chumbo provinha dos rádio-elementos, e calculou que a quantidade original equivalente ao urânio devia ser de 20,3 gramas. Ora partindo deste resultado, Artur Holmes diz-nos na «Idade da Terra»: «Ora o tempo necessário para 20,3 gramas de urânio se desintegrarem em 7,5 gramas de chumbo *(quantidade anteriormente calculada)* e 1,1 grama de hélio *(idem)*, ficando 11,7 gramas de urânio, é de mais de 3.000 milhões de anos. A idade da Terra não pode atingir este número, porque algum chumbo existente nas rochas pode ser chumbo vulgar de peso atómico de 207,2 e porque os elementos rádio-activos podem ter existido no Sol e ali terem gerado chumbo antes do nascimento da Terra. Devemos pois inclinar-nos mais para que a idade da Terra seja de 1.600 milhões, aproximadamente, do que 3.000 milhões de anos».

Ei-nos chegado finalmente à chave do problema: 1.600 milhões aproximadamente. Será esta a última palavra ? Evidentemente que não. O que no entanto não deve restar dúvidas é que a radio-actividade veio esclarecer e dar novos rumos ao problema da idade da terra, e se o resultado obtido não corresponde à realidade, não deve certamente andar muito longe dela.

UM FENÓMENO MUSICAL

por HENRIQUE MAGALHÃES

São precisamente 20 horas do dia 29 de Novembro de 1949. Estamos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, casa destinada aos grandes espectáculos, onde fomos pela segunda vez, após 37 anos de permanência neste país abençoado, sendo que o primeiro concerto orfeónico a que aqui assistimos o fizemos a convite. Não é que sejamos alheios ou refractários à música. Não! A música elevada faz-nos vibrar a alma e esquecer as preocupações, pondo-nos em contacto com o divino. É o que nós sentimos.

Gianella De Marco

Um fenómeno musical. Não sabe uma nota, mas conhece dezenas de melodias de cór...

Não temos ido a esses espectáculos por dois motivos. O primeiro é a falta de tempo e o segundo são os preços das entradas. Ora, as nossas humildes bolsas nem sempre podem aventurar-se a tão altas despesas...

Mas que relação tem a nossa vida particular com o caso que relatamos? — perguntará o leitor.

Vou explicar-me. Quero justificar os motivos que me levaram, pela primeira vez na vida, a adquirir entradas para mim e família, a fim de assistir a uma audição musical no Município do Rio. Só um motivo superior me impeliria a esse acto, tão fora dos meus propósitos. E o imã extraordinário que me atraíu, atraíu também milhares de outras pessoas, porque em todos os concertos os bilhetes se esgotaram com antecedência. Esse imã maravilhoso chama-se Gianella de Marco. Gravem bem: *Gianella de Marco,* a fenomenal regente de 5 anos, nascida a 25 de Junho de 1944.

Estávamos ao corrente dos murmúrios que de boca em boca percorriam toda a cidade.

— Menino prodígio! — diziam uns.

— Criança fenomenal! — diziam outros.

De onde lhe vem o talento? Que milagre a encaixou na cabecinha loira dezenas de melodias, óperas, etc., se não entende música?... E às pessoas que assim pensavam, dirigia-as ao recente livro de Isidoro Duarte Santos, intitulado «Pierino Gamba»:

— Leia-o, meu amigo. Lá encontrará a chave do fenómeno.

Relembrando estas linhas, achamo-nos sentado numa cadeira de Teatro Municipal.

Os comentários andam no ar. O zum-zum envolve-nos e nós, de binóculo em punho, para não perder um único pormenor, esperando, esperando...

Finalmente vão surgindo os músicos — cerca de 70 — que a batuta de Gianella comandaria daí a pouco. Tomam os lugares e experimentam os instrumentos. Minutos depois surge a menina loira. A saltitar, como é próprio das meninas daquela idade, foi-se aproximando do estrado, muito alto, nele trepando, auxiliada por um dos executantes. Salvas de palmas não se fizeram esperar. E depois de agradecer as ovações do público, eleva os braços, a batuta na mão direita, e dá o sinal de começar.

Sucedem-se as peças musicais, cada uma com seu ritmo próprio, seus altos e baixos, suas harmonias, etc.

Foi um espectáculo encantador. Ao ler as biografias de Beethoven e Mozart, nunca julgámos que assistiríamos a fenómenos de tal natureza. Que felizes os homens daquele tempo! — pensávamos. No entanto, em pleno

— **Atenção ! Todos em apoteose !**
Vibrando, vibrando, boca, olhos, corpo e alma em unissono com a melodia...

século vinte, tivemos a felicidade de sentir as mesmas vibrações que experimentaram os nossos avoengos.

Verificámos que a menina dirigia, de facto, os músicos. Quando determinado instrumento tocava sozinho prolongando algum acorde, a jovem maestrina estendia o bracinho, inclinava a cabeça naquela direcção e em dado momento dava um trejeito na batuta, marcando o final. Quando os instrumentos deviam subir do baixo para o mais agudo dos sons, Gianella baixava o busto e, com a mão aberta e os dedos curvos, em forma de concha, ia elevando o busto e o bracinho, mão e dedos sempre na mesma posição, até os instrumentos alcançarem o máximo de intensidade.

Veja-se, para maior compreensão, a figura acima: Os dedos da mão esquerda hirtos e curvos, a direita empunhando a batuta, lábios abertos demonstrando toda a intensidade e vigor que lhe brotava da alma.

Um verdadeiro fenómeno musical digno de admiração e estudo, em parte semelhante a Pierino Gamba.

Eis como o *Diário de Notícias*, do Rio, se refere à jovem maestrina:

Voltamos a ouvir e ver Gianella De Marco, no seu segundo concerto realizado com a Orquestra Municipal. E confessamos que a nossa admiração pela pequenina artista se manteve no mesmo nível de quando assistimos à sua estreia. Confirmamos, assim, a nossa opinião anterior: trata-se de um caso excepcional e sem explicação.

Há quem argumente, pretendendo com isto desmerecer o seu valor, que Gianella, o que faz, é porque aprendeu. Lógico ! Não se pode querer que ela tenha nascido sabendo. O que espanta, porém, chega a assombrar, é justamente que tenha aprendido, que tenha podido meter, em sua cabecinha de cinco anos, partituras e mais partituras, que conhece de ouvido a ponto de poder cantá-las, sabendo ainda a maneira de interpretá-las quanto às exigências expressivas. Que mais se poderia exigir dela ? Não basta isto, para que seja considerada como uma vocação rara, como possuidora de uma intuição musical estranha? Como uma revelação que só se depara de anos em anos, de séculos em séculos?

O que não se pode negar, no entanto, é que ela conduz a orquestra, que não se engana em nenhum movimento, não confunde os ritmos, não erra a expressão. O que faz se reveste de exactidão, de autoridade, muitas vezes ausente na regência de muitos maestros que poderíamos citar.

Também Mozart foi negado em seu tempo. Também seu pai foi tachado de explorar. E se a vocação de Gianella De Marco menos representa por ser filha de uma cantora, menos valeria, então, a do «Cisne Salzburgo», uma vez que era filho de um artista de profissão. E assim como ele, muitos, quase todos os grandes músicos da história.

Tudo isto são razões falsas. Gianella De Marco aí está demonstrando suas possibilidades incompreensíveis e inegáveis. Seja como for, por isso ou por aquilo, ela rege uma orquestra, diante da qual sabe se impor com a sua batuta na mão, espécie de varinha de condão, capaz de fazer milagres, que outra coisa não são as suas actuações musicais.

Correspondências Cruzadas

pelo Coronel FAURE DA ROSA

III

(Conclusão)

Em 5 de Setembro, antes de apagarem a luz, as sr.as W... e T..., conforme as instruções recebidas do Além, pegaram ambas no mesmo lápis; isto é, a mão esquerda da médium vidente pousava sobre a mão direita da sr. W... que foi quem escreveu o que segue: «*Indique numa folha de papel branco, por uma única palavra, o assunto sobre o qual quer que eu vá dizer, neste instante, que trate, a senhorinha R..., em Wimereux*».

Depois de reflectir um momento, a sr.a W... escreveu: «Sonhos».

No domingo de manhã a sr.a W... recebeu uma volumosa carta de Wimereux, cujas folhas continham a seguinte comunicação:

«*Não se impaciente senhorinha R..., foi indispensável que eu primeiramente preparasse a minha experiência. Aguarde.*

«*Eu, agora, estou muito ocupado; não me faça perguntas. Quando estiver pronto, partirei*».

(Alguns rabiscos, depois)

«*Querida amiga; não lhe digo em que sonham as moças; isto não a interessaria absolutamente nada e, além de que, Munet disse-o antes de mim numa literatura um pouco travessa, como então convinha. Eu só poderia ensinar-lhe isto: «que quando fecha os olhos, cerca da meia noite ou mais, a minha amiga toma um comboio para um país mais ou menos encantado, segundo o caso.*

«*Um de nós — dos deste lado — estende-lhe a mão para a ajudar a subir para o estribo fluídico, o que a faz passar do estado consciente para o do sonho, e nós, de cá, fazemos todo o possível para que atravesse ràpidamente as nuvens que poderiam não lhe agradar.*

«*Conduzimo-la assim para junto de nós, para as regiões que prontamente esquece.*

«*Mas, não lamente muito esta lacuna. Os sonhos que se recordam só são bons para as naturezas menos impressionáveis que a sua, porque a recordação das belezas entrevistas na nossa mansão tornar-lhe-ia a vida terrestre ainda mais odiável; e se, muitas vezes já se levanta triste e desanimada é que no fundo do seu ser subsiste a recordação inconsciente de um país encantador que as sombras da noite apagam.*

«*Querida amiga; dou-lhe a minha palavra que eu creio que o seu Rodolfo se torna literato à moda terrestre, mas com um certo ar do astral.*

«*Sim, sou eu sozinho, que arranjei isto, visto que Carlos está perto de si.*

«*Aqui tem, para responder ao seu pensamento quando ler a minha caligrafia mal semeada e e garrafal, o grafismo de um Espírito que já não se preocupa com economias nem mesmo a do papel que a senhorinha R... quer que eu poupe.*

«*Até mais ver.* «*Rodolfo*».

Em 9 de Setembro, a médium vidente T..., disse a sr.a W..., ao começar a sessão obscura: «As luzes estão ali ambas, mas uma vai e volta rápida como um relâmpago, e uma terceira luz está em Wimereux, junto da senhorinha R... que escreve».

A vidente copia as letras que vê passar diante de si: «SUFRAGISTAS, EMÍLIA, e depois escreve: «*Faça uma pergunta sobre este assunto que eu irei transmiti-la*».

A sr.a W... então, escreve numa folha de papel branco: «Emília, tu aprovas o que estão fazendo em Inglaterra aquelas que comungam nas tuas ideias ?».

As idas e vindas da segunda luz continuam, diz a vidente T..., mas nada mais se produz.

No dia seguinte chega, de Wimereux, uma longa e admirável comunicação de Emília, amiga da sr.a W... que diz, com um talhe de letra, exactamente igual ao que ela possuia quando vivente na Terra, quanto deplorava que as sufragistas de Londres tivessem seguido tão mau caminho.

Em 12 de Setembro, a vidente T... diz: «A moradia de Wimereux está inteiramente escura !». Depois, passado um instante: «A senhorinha R... embarca no comboio com três damas... Esta noite não escreverá».

Na sessão de 16 de Setembro, a médium T... assinala as idas e vindas tão numerosas quanto rápidas da segunda luz e sente que vão fazê-la escrever.

Efectivamente, escreve estas três frases absolutamente incoerentes:

1.a — Pacífico como um colégio de meninas bem educadas... (Pausa demorada).

2.a — Os seus grandes olhos tão meigos habituaram-se a ver passar... (Pausa).

3.a — A moderna cortesã cujos olhos... (Mais nada).

No dia seguinte, a sr. W... recebe de Wimereux várias folhas de papel escritas pela médium R..., naquela localidade, à mesma hora em que a médium T... escrevia as três frases incoerentes — em Paris. A comunicação de Rodolfo, que as folhas continham, principiava assim:

«*Querida amiga; nós vamos ter hoje uma pequena conversação a distância. Eu reforcei a minha filha fluídica, e, como um Espírito é uma coisa subtil, andarei de cá para lá e de lá para cá, algumas vezes nesta rede impalpável muito mais rápida que as redes do caminho de ferro.*

«*Desculpe este pequeno gracejo.*

«*Atenção, sr.a T...*

AS CORÇAS DOS BOSQUES

«*Algumas vezes encontrou, querida amiga, nos seus passeios pelos bosques, as corças que ali vivem e circulam por cima das folhas caídas no chão. Umas vezes... (Pausa) ... bem educadas outras vezes como manada saltitante e medrosa...? Nunca perguntou a si mesma o que pensariam esses lindos animais e o que viriam eles a ser mais tarde ? Longe de mim a ideia de lhes tirar o horóscopo, com o que elas, de resto, pouquíssimo se importariam, mas parece-me que a sua mentalidade deve ser bastante diferente da que anima outros animais das florestas... (Pausa) ... estranhas viaturas correndo sem o auxílio de pernas de animal quadrúpede; nessas viaturas, ao longo de caminhos mais ou menos frequentados, elas contemplavam mulheres de grandes olhos como os delas, mulheres finas e elegantes. Quem nos dirá jamais se... (Pause) ... aumentam desmesurada-*

mente, sob o traço do lápis, não teria sido uma corça do Bosque ?

«Querida amiga : custou-me um tanto a fazer o que fiz, porque a senhorinha R... queria compreender o que escrevia, mas, ainda assim, creio ter conseguido um pequeno conto inocente».

Intercalando na altura das respectivas pausas, as três frases escritas em Paris pela médium T..., obtem-se o sentido completo:

«Algumas vezes encontrou, querida amiga, nos seus passeios pelos bosques, a corças que ali vivem e circulam por cima das folhas caídas no chão, uma vezes pacíficas como um colégio de meninas bem educadas, outras vezes como manada saltitante e medrosa?

«Nunca perguntou a si mesma o que pensariam esses lindos animais e o que viriam eles a ser mais tarde ?... Longe de mim a ideia de lhes tirar o horóscopo, com o que eles, de resto, pouquíssimo se importariam, mas parece-me que a sua mentalidade deve ser bastante diferente da que anima outros animais das florestas. Os seus olhos tão meigos habituaram-se a ver passar estranhas viaturas correndo sem o auxílio de pernas de animal quadrúpede; nessas viaturas, ao longo dos caminhos mais ou menos frequentados, elas contemplavam mulheres de grandes olhos como os delas, mulheres finas e elegantes. Quem nos dirá jamais se a moderna cortesã cujos olhos aumentam desmesuradamente sob o traço do lápis, não teria sido uma corça do Bosque ?

«Querida amiga: custou-me um tanto a fazer o que fiz, porque a senhorinha R... queria compreender o que escrevia, mas ainda assim creio ter conseguido um pequeno conto inocente».

Terminam aqui as experiências de Wimereux realizadas pela sr.ª W... de Paris. Os factos expostos dividem-se em duas categorias: uns são fenómenos de visão a distância fora do alcance dos sentidos, isto é, são fenómenos de clarividência; os outros são correspondências simultâneas.

Recapitulemos os fenómenos de *clarividência.*

— Na sessão de 8 de Agosto, a médium T... descreve, com precisão, a residência da senhorinha R... à beira-mar, em Wimereux, residência que ela nunca vira. Descreve o quarto em que a senhorinha R... se encontra e vê-a em disposição de escrever.

— Na sessão de 15 de Agosto, a sr.ª T..., com grande surpresa sua, vê o quarto da senhorinha R... às escuras, e que esta médium em vez de estar em sessão experimental, toca piano para que rapazes e raparigas dansem numa sala do andar de baixo, muito bem iluminada.

— Na sessão de 22 de Agosto, a sr.ª T... vê a senhorinha R... em sessão, com o penteado desfeito e sofrendo de uma violenta dor de cabeça.

— Em 26 de Agosto, a sr.ª T... cumunica que a médium R... mudou inopinadamente de quarto.

— Finalmente em 12 de Setembro, a sr.ª T... vê a senhorinha R... numa estação de caminho de ferro, em vez de estar no seu quarto preparada para a sessão combinada.

O Dr. Geley considera estes factos de vidência muito notáveis. *Quase todos foram inesperados e totalmente imprevistos.*

São de tanta nitidez e precisão que eliminam a hipótese de simples coincidências.

Geley acrescenta que estes factos, que se verificou serem exactos, valorizam as visões das luzes que a sr.ª T... descreve indo e vindo, entre ela, em Paris, e a senhorinha R... em Wimereux a 800 quilómetros de distância... Tais visões não puderam ser controladas, mas não é possível que sejam de simples natureza subjectiva.

A médium R... não tem vidência, ela ignora totalmente o que se passa em Paris durante as sessões. Um fenómeno extremamente importante se produziu na sessão de 12 de Agosto, a que deve ser dado relevo. Como a sr.ª T... tivesse sido atacada por um violento acesso de tosse, em consequência de ter respirado um pó insecticida espalhado nos vestidos, Rodolfo faz com que a senhorinha R... escreva, no meio da comunicação começada: «Sr.ª T..., não tussa assim que enfraquece a corrente. Tranquilize-se, querida amiga, ela não está constipada, foi a pimenta que deitou na gaveta, etc...».

CORRESPONDÊNCIAS CRUZADAS

As correspondências cruzadas obtidas apresentam características admiráveis.

— Em primeiro lugar *são de uma nitidez perfeita.*

Nas experiências inglesas não há coisa alguma que lhes possa ser comparada sob este ponto de vista. Nenhuma delas oferece símbolos misteriosos ou alusões obscuras. São compostas, ùnicamente, por descrições, muito simples, escritas, uma parte pela sr.ª T... e outra parte pela senhorinha R... ou por ambas ao mesmo tempo.

— Apesar da sua simplicidade, *os fenómenos são de variedade surpreendente nos pormenores de execução.*

Na sessão de 22 de Agosto, onde se obteve a primeira correspondência cruzada, ambas as médiuns escreviam automàticamente, cada uma de seu lado. Ambas sentiram violento mal estar: a sr.ª T... sentia a mão como morta e não tinha a mínima consciência do que escrevia em plena obscuridade. A senhorinha R... queixou-se de uma fortíssima dor de cabeça, sentiu-se fatigada depois da sessão e teve uma insónia que durou toda a noite.

A mensagem de Rodolfo, acerca do método que emprega para que a experiência logre bom êxito, foi escrita parte pela sr.ª T... e parte pela senhorinha R... As duas médiuns escreveram alternadamente, uma durante as paragens da outra. As frases da sr.ª T... completamente incompreensíveis, isoladas, adaptam-se na perfeição nos intervalos deixados pela senhorinha R... O êxito foi completo.

Note-se que a mensagem, na aparência incoerente, da sr.ª T..., terminava com este «post-scriptum»: «Conserve estas linhas cuidadosamente».

Na sessão de 2 de Setembro, o processo empregado foi diferente. Não se trata, pròpriamente, de uma correspondência cruzada, mas duma correspondência simultânea: A senhorinha R... escreve primeiramente, sob a influência de Rodolfo, esta singular injunção dirigida à sr.ª T...: «Vamos, sr.ª T..., diligencie ler o que eu escrevo; vou fazê-lo lentamente». Depois a senhorinha R... escreve a comunicação acerca do ar da terra natal, não da forma corrente, mas com letras separadas umas das outras.

Ao mesmo tempo, a sr.ª T... declara que não a fazem escrever, mas que vê passar as letras, como numa fita cinematográfica e que as vai copiar. De facto, ela copia, letra por letra, o que naquele momento escreve em Wimereux a senhorinha R...

Na sessão de 5 de Setembro, Rodolfo inaugura ainda um novo

método. Pede à sr.ª de W... que indique um assunto qualquer que ele se encarregará de fazer com que a senhorinha R... escreva uma comunicação sobre esse assunto. A sr.ª de W..., embaraçada, reflecte um instante e escreve, de sua iniciativa e sem nada dizer à sr. T..., a palavra «Sonhos». Pois imediatamente, em Wimereux, a senhorinha R... escreve uma longa mensagem acerca de sonhos.

A sessão de 9 de Setembro é ainda diferente das outras. Marca pela manifestação de uma nova personalidade: Emília.

A sr.ª T... anuncia três luzes em vez das duas do costume; depois, vê desfilar na sua frente a seguinte frase que copia: «Sufragistas, Emília», e escreve automàticamente: «Faça uma pergunta sobre este assunto que irei transmiti-la». A sr.ª de W... faz então a seguinte pergunta: «Emília, tu aprovas o que estão fazendo em Inglaterra aquelas que comungam nas tuas ideias ?».

E a senhorinha R... escreve efectivamente uma desenvolvida comunicação, assinada por Emília, reprovando os excessos das sufragistas. Há a notar que a caligrafia da comunicação difere inteiramente da de Rodolfo e assemelha-se, com perfeição, à da falecida amiga da sr.ª de W... Finalmente, em 16 de Setembro, Rodolfo transmite às duas médiuns uma longa correspondência cruzada. É a descrição das corças dos bosques, escrita na mesma sessão, parte pela sr.ª T..., parte pela senhorinha R...

Note-se esta observação final de Rodolfo: «Querida amiga, custou-me um tanto a fazer o que fiz, porque a senhorinha R... procurava compreender o que escrevia; ainda assim, creio ter conseguido um pequeno conto inocente». Há ainda a notar quanto são judiciosamente escolhidas as palavras, para tornar incompreensíveis as duas mensagens, quando isoladas.

A primeira explicação que encontram os incréus para estes fenómenos, é que eles são produzidos por fraudes.

Geley declara terminantemente que tal hipótese deve ser arredada pelas seguintes razões:

A primeira é a razão moral. Ambas as médiuns são duma honorabilidade perfeita. Se não puderam, por razões pessoais muito legítimas, autorizar a publicação dos seus nomes, permitiram, entretanto, que o Dr. Geley os confiasse individualmente a todos aqueles que desejassem conhecê-los.

Pode objectar-se — é claro — que esta razão pouco valor tem na fenomenologia metapsíquica, onde as fraudes inconscientes ou semi-conscientes são tão frequentes, e onde o livre-arbítrio do médium está, em geral, aniquilado, bem como a sua vontade. Não é este o caso porque nas experiências da sr.ª de W... o livre-arbítrio não foi aniquilado.

A fraude não seria uma fraude mais ou menos inconsciente, mas uma trapaça premeditada, demoradamente estudada e preparada com todas as minúcias. Além de que, a produção artificial dos fenómenos exigiria um concluio permanente, pràticamente dificílimo, entre as duas médiuns.

Não é tudo: os incidentes múltiplos e imprevistos, tais como o baile improvisado, a mudança de quarto da senhorinha R..., o embarque em caminho de ferro; o acesso de tosse da sr.ª T..., etc., — tornam inverosímil a hipótese de conluio. Para preparar ou explorar esses incidentes seria preciso que as duas médiuns dispusessem não só de uma habilidade prodigiosa, mas também de um espírito de trapaceiras verdadeiramente infernal.

A segunda razão é que as correspondências cruzadas revestem um carácter de imprevisão, de espontaneidade e de variedade que excluia ideia de fraude preparada antecipadamente.

Nem a sr.ª de W... nem os médiuns esperavam obter o fenómeno de correspondências cruzadas.

A primeira comunicação de Rodolfo prometia sòmente factos de vidência, o que efectivamente aconteceu nas primeiras sessões. A primeira correspondência foi de tal maneira inesperada que a sr.ª de W... teria rasgado o papel onde a sr.ª T... escrevera as frases incompreensíveis, se não tivesse reparado na advertência final: «Conserve estas linhas cuidadosamente».

Geley apresenta ainda uma terceira razão e esta decisiva:

Consiste ela na mensagem sobre sonhos que a senhorinha R... escreveu a pedido inopinado de Rodolfo, directamente transmitida à sr.ª de W...

Para que este facto se possa explicar pela fraude, não basta aceitar a convivência dos médiuns; seria necessário admitir a complicidade da sr.ª de W... o que é absurdo e equivaleria a repudiar sistemàticamente todo o testemunho humano no domínio do metapsiquismo.

Quanto à interpretação, Geley declara que *tudo se passa, nas correspondências cruzadas como se uma inteligência autónoma, independente dos médiuns e dos experimentadores, tivesse tido a iniciativa das experiências, as tivesse preparado, dirigido e conseguido com o melhor resultado.*

Quem refletir bem e esteja isento de opiniões preconcebidas, reconhecerá que esta constatação se impõe irresistìvelmente.

De todas as hipóteses que se possam aventar para explicar tais factos, a teoria espirita é a mais simples, a mais clara, aquela que imediatamente nos acode, não por um motivo sentimental, mas pelo raciocínio.

AGRADECIMENTO

Sendo-me impossível responder individualmente à numerosa correspondência de confrades e amigos que me enviaram protestos de solidariedade e animação pelo golpe que me atingiu com a perda irreparável de minha saudosa esposa, Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga Directora desta revista, aqui deixo a todos o meu profundo agradecimento. Que Deus me dê forças para continuar a sua obra.

ISIDORO DUARTE SANTOS

BÁLSAMO NA FERIDA

Irmão :

A minha vida de estudo não me dá margem a dispender tempo noutra ocupação que não sejam os livros e trabalhos dessa natureza, e por essa razão raras vezes posso frequentar o Centro. Assim se explica que só agora, por intermédio da Revista, conhecesse o drama que veio enlutar o vosso coração de Esposo. Bem longe estávamos de o esperar, como longe estamos sempre dos mais rudes golpes. Não venho dirigir-vos palavras de consolação. Sei bem que não há palavras que de momento possam aliviar ferida tão profunda. Venho apenas fazer-vos um pouco de companhia espiritual, neste vale de lágrimas onde ainda nos encontramos e onde a Providência Divina nos vai experimentando, colocando-nos na frente as provas de exame, hoje uma, amanhã outra. Li a Revista àvidamente, e aqui estou para dizer-vos estas palavras :

Senti e compreendi a vossa dor, Irmão, e de tal forma que me não pareceu estranha. Vibra de um espírito superior, mas a mágoa funda da separação é tão humana! A vida terrena, porém, é um contínuo caminhar sob a cruz que abraçámos e ao peso da qual não é permitido desfalecer. De resto, nós, quando de novo pisámos a Terra, já conhecíamos as provações que nela nos aguardavam e aceitámo-las. É rude o golpe, e parece que à primeira vista a tanto não chegam as nossas forças. Mas quanta grandeza e triunfos morais e materiais ganhos no sofrimento, prestigiando a nossa rota, aproximando-nos mais de Deus ! Também eu, da forma mais brutal perdi o companheiro que adorava e admirava no mais alto grau. No primeiro momento fiquei varada sem compreender o que ficaria cá fazendo sem Ele. Por isso compreendi e senti tão bem as vossas palavras de dor, escritas com sangue e lágrimas humanas. Por isso as vossas orações me parecem minhas, traçadas pelo meu punho, arrancadas ao meu sentir.

Foi assim também a chicotada com que o Destino me fustigou. Mas depois, pouco a pouco, fui reagindo, aurindo forças que me vinham não sei de onde, e pouco a pouco compreendendo por que não partira também. Via tanto que fazer na minha frente ! Até aí vivera uma vida descuidada, sorvendo a felicidade tal como ela se apresentava, embora com anseios e sonhos de melhor. Foi uma sacudidela violenta. Acordei e compreendi que a vida não é aquele descuidado desfiar numa felicidade que não criámos pelas nossas mãos, mas sim a luta pelo Ideal, a ascensão espinhosa para Deus, a fim de gozarmos depois a felicidade merecida. E agarrei-me tenazmente ao trabalho, ao dever de dar-me a todos que de mim necessitem, e assim encetei tarefas em que não pensaria naquele marasmo tranquilo, e assim robusteci o carácter e tenho vindo alargando as possibilidades de evolução espiritual. Sofri atrozmente, mas hoje não lastimo o companheiro que partiu e não fujo ao peso da cruz para merecer a salvação, a libertação deste cárcere, quando soar a minha hora ! À primeira vista parece-me coisa impossível de suportar, e hoje vejo que o sofrimento ampliou o meu raio de acção, criando largas e ignoradas possibilidades. Como já vos disse, a vossa mágoa lancinante é humana, mas o que se segue a essa explosão de dor é divino — a resignação, a coragem bebida no padecer dos outros, a possibilidade de avançar mais e mais para a Perfeição. Por este motivo, se estas palavras vos levam algum lenitivo, tomai-as como de uma irmã que já passou pela mesma aflição. Mostro-vos o passado e o presente. Sim, Irmão, vale a pena viver! Há tanto bem espiritual a conhecer, tanto quem precise do nosso auxílio, para aguentar as refregas da vida e delas tirar proveito ! Fazemos falta neste mundo, e sabeis porquê ? Porque a Fé anda arredada de muitas almas e a confiança no futuro é tão pouca que não evita quedas, nem dá energias para prosseguir na ascese espiritual para que todos nós fomos criados. Felizes, pois, os que vêem a luz no caminho e possuem os conhecimentos da nossa finalidade e do nosso destino, como vós.

Felizes os que vivem com os pés na Terra e os olhos no céu, trabalhando continuamente para a sua obra, como vós. Acompanho a vossa dor, mas não vos lastimo. Do Alto vos virão forças para prosseguirdes e completardes a tarefa encetada, e que é conforme às vossas forças. Vossa Esposa era merecedora de subir a um plano superior, como o meu Esposo. Nós esperaremos que a hora chegue, com calma a resignação, e vamos trabalhando sem desalentos, antes com a alma erguida ao Alto, e o coração desdobrando-se por toda a humanidade. Para Ela, Presença da vossa vida, Espírito cintilante, Estrela que se apagou dos nossos olhos materiais, um fio de Saudade e a nossa veneração. Para vós, o amparo moral de amigo, de irmão, auxílio fraterno de combatente do mesmo Ideal nas pugnas terrenas.

MARIANA MENDES PALMA

O Fim do Mundo

O mundo virá a acabar um dia? Como? Estas perguntas feitas frequentemente e em todos os tempos, provocam, geralmente, um certo alarme nas pessoas mais timoratas.

Sem dúvida que o nosso planeta há-de forçosamente ter um fim, visto também ter tido um princípio, pois tudo que nasce, fatalmente há-de morrer. Eterno, só Deus.

A ideia, porém, de um cataclismo universal, fazendo cessar por completo toda a vida no nosso globo, enquanto ela se encontrar na sua pujança, é inconciliável com a infinita sabedoria de Deus.

Se tal sucedesse, seríamos forçados a concluir que Deus, ao formar a terra, se enganara nos seus desígnios por ela não ter chegado a preencher o lugar que lhe fora marcado. E assim, a sabedoria divina não seria, pois, infinita; teríamos forçosamente de conceber outro ser ainda mais inteligente, capaz de fazer mais e melhor. Mas então, Deus deixaria de ser o ente supremo, ante a possibilidade de poder ser excedido num dos seus atributos.

Mas não. Deus é, sem dúvida alguma, único, eterno, imutável, soberanamente bom e justo e infinito em todas as suas perfeições.

Fim do mundo devido a um choque imprevisto com outro planeta, ou por qualquer outra circunstância fortuita? Impossível. Teríamos assim em acção o acaso. Mas que vem a ser o acaso? Uma palavra engendrada pelo homem, para encobrir a sua ignorância. Aquilo que está acima da nossa limitada compreensão e que, portanto, não podemos explicar, é atribuído geralmente ao... acaso. Porém, na verdadeira acepção da palavra, o acaso não existe. Tudo, absolutamente tudo, é regido por leis imutáveis, num encadeamento surpreendente, donde resulta uma harmonia de conjunto, que escapa à nossa cegueira espiritual.

O mecanismo celeste está tão bem montado, o seu funcionamento é tão perfeito, tão maravilhoso, que choques de tal natureza são completamente impossiveis. As leis que presidem aos movimentos dos astros são invariáveis e perfeitas como a fonte de onde dimanam. É que o Universo é regido por um princípio único, não sendo, portanto, caos, mas sim ordem suprema. Admitir a hipotese de um choque fortuito, é, pois, apoucar a infinita sabedoria do divino Artifice, é compará-la com a limitadíssima sabedoria humana, é adorná-lo com as nossas deficiências.

O nosso planeta não pode acabar, sem que tenha cumprido cabalmente a sua missão, sem que a vida gerada no seu seio possa dele emancipar-se.

O fim do mundo só terá lugar, quando este houver exaurido a sua finalidade de dar apoio às formas orgânicas que nos sustentam a vida; depois de termos construido, mediante inumeráveis experiências, a nossa verdadeira consciência, para então podermos partir, em demanda de planos superiores.

Então, tal como uma velhinha que, depois de ter sido mãe, aguarda serenamente a morte, também a terra, depois de cumprida a sua missão, terá a mesma finalidade. Por enquanto, não; os seus filhos são ainda bastante jovens e não podem prescindir da sua tutela.

Como será, então, esse fim do mundo?

O nosso planeta, depois de ter percorrido toda a série dos séculos que a sua constituição especial lhe permite, depois de os elementos próprios terem perdido a sua virtude primitiva, isto é, depois de extinta a vida à sua superfície — vida que não sofrerá aniquilamento, mas apenas transferência para planos superiores, certamente não continuará gravitando nos espaços celestes, qual corpo morto, carente de finalidade.

Os seus elementos constitutivos irão formar novos mundos noutras regiões do infinito, lá onde outros sistemas tiverem desaparecido, num renovamento sempre constante, a fim de que a vida não páre e possa ascender cada vez mais alto, rumo a Deus.

Nas serenas noites estreladas, quando o nosso olhar contempla essas soberbas irradiações nos espaços longínquos, quantos desses esplendores há muito deixaram de existir e foram já substituídos pelo vácuo, ou por novas criações, desconhecidas para nós, por os seus raios luminosos não terem atingido ainda o nosso minúsculo planeta! Assim, os mundos sucedem-se aos mundos, num encadeamento majestoso, sem que o gigantesco mecanismo do Céu sofra qualquer perturbação no seu funcionamento.

A história do fim de um

planeta é a história inversa do seu início.

Nascido o nosso Universo por condensação de energia — energia esta proveniente da desintegração de outros universos anteriores — num dado ponto do espaço infinito, o seu fim não pode ser outro, do que o fenómeno inverso, isto é, a sua desintegração, para, noutro ponto do mesmo espaço, originar novas criações. Essa condensação de energia, deu lugar ao aparecimento de uma gigantesca nebulosa espiralóide — a nossa via Láctea — de onde derivam todos os sistemas solares, deste nosso Universo.

Em virtude da evolução a que a matéria também está sujeita, as formações derivadas daquela nebulosa-mãe, a princípio bastante rarefeitas, com predomínio do hélio e do hidrogénio, foram-se adensando, até atingirem no estado sólido, os corpos de máximo peso, os mais radioactivos, que não são mais do que os corpos mais velhos do Universo. Os extremos tocam-se e embora pareça um paradoxo, a verdade é que os corpos mais pesados estão bastante próximos daqueles que originaram a própria nebulosa. É que os corpos, à medida que envelhecem, ou melhor, que evolvem, tornam-se cada vez mais radioactivos. E o que é a radioctividade de um corpo se não a libertação da energia que o constitui? Logo, desintegrando-se, os corpos transformam-se em formas dinâmicas e essa energia, depois de ter passado por todas as fases da sua evolução — raios X, raios luminosos, caloríficos e químicos, espectro visível e invisível do infra-vermelho ao ultra-violeta, vibrações eléctricas, vibrações acústicas, além de outras vibrações, ainda desconhecidas — irá dar lugar a novas nebulosas, pela sua concentração num dado ponto do espaço.

Presentemente, o urânio é o corpo mais radioactivo que existe no nosso planeta, mas corpos há de radioactividade muito maior, nos mundos mais velhos do que este. Chegará o dia em que também aqui os teremos, quando o urânio tiver, mediante a sua evolução, atingido essas fases. E assim, lentamente, a terra, vai automàticamente preparando-se para a sua auto-destruição.

Com a tendência em evolver para corpos de peso atómico cada vez maior e consequente maior radioactividade, a matéria do nosso sistema solar irá produzindo uma série de elementos químicos cada vez mais complexos e instáveis, tendendo assim para a sua desagregação. E aí temos nós, não só o fim do nosso planeta, como também o de todos os componentes deste canto do universo.

Atingido o mais alto grau de radioactividade possivel, a matéria prepara-se, pois, para um período de autêntica dissolvência, que, aumentando gradualmente, terminará numa verdadeira explosão atómica. Assim morrerá a matéria, ou, melhor, se transformará em energia, mais tarde recambiada ao éter universal, ponto de partida de todas as criações do cosmos, numa alternativa, que parece não ser mais do que o gigantesco respiro do Universo.

Transformação da matéria em energia, não é bem o termo. Pròpriamente, matéria, no sentido que costumamos dar a esta palavra, não existe. O que chamamos matéria, não é mais do que uma condensação de energia e que, por desagregação, à energia volta. A diferença essencial entre uma coisa e outra, consiste na diversidade de direcção do movimento dos electrões: rotatório, fechado em si mesmo, na matéria e ondulatório, em ciclo aberto e lançado no espaço, na energia.

Sabe-se hoje perfeitamente, que a matéria não tem aquela solidez e concreção que se julgava e que esse aspecto é devido ao movimento rapidíssimo dos electrões, em volta dos respectivos núcleos.

Por sua vez, que são os electrões, senão também condensações de energia, com outros electrões infinitamente mais minúsculos girando velozmente em torno de outros núcleos e assim sucessivamente até ao infinito?

Nós não vemos nem tocamos a «matéria», vemos e tocamos, sim, a energia, sintetizada num movimento que se estabiliza em vertiginosa velocidade. Fosse possível paralizar todos os electrões e imediatamente o aspecto material das coisas se eclipsaria.

UM ARTIGO DE CYRILLO ALEIXO

O mundo há-de, pois, acabar, mas não sem que primeiro termine este reinado brutal da força que parece eternizar-se e sem que uma nova era, — a da paz e da justiça — se estabeleça à sua superfície.

Talvez se pergunte por que razão virá o mundo a acabar numa altura em que o género humano parece ter atingido um nível superior, com o estabelecimento da era da concórdia, mas se ele acaba, é

ANDA CAMINHEIRO!

Anda, caminheiro, anda! Persegue a luz que vai adiante, que te alumia o porvir, deixando atrás cortinas de sombra. Teus olhos não desvendam segredos áureos, não passeiam, estão circunscritos. A limitação é demasiado estreita e tu sentes nascer asas que te levarão onde Deus quer.

Anda, caminheiro, anda, eternamente, sem parar um minuto, sem desviar os passos do rumo que há milénios soltaste. A dor é galardão que te distingue no meio de tantos. Sofre e adapta as faculdades. Não atraições a tua missão.

Anda, cominheiro, anda, desdobra-te em novos anseios de luta generosa, para que a conquista não redunde em vilipêndio inútil. Olha para o Alto e escuta as vozes que te falam em vibrações de amor e te indicam veredas sinuosas que redimem culpas e conduzem a estradas amplas.

Anda, caminheiro, anda! Que importa que teus pés calquem abrolhos, teus olhos chorem lágrimas de sangue, teu coração sofra dores insuportáveis? Fecha as janelas do corpo, abre as janelas da alma. Há coisas que transcendem o humano sentimento e ficamos parados à espera da compreensão. E quantas vezes o tempo decorre sem que ela chegue ao nosso espírito? E quantas vezes adormecemos para «ver» melhor, com outros olhos, com outros ouvidos?

Anda, caminheiro, anda! O sulco de teus passos é farol de quem vem atrás de ti. E, — quem sabe?... — talvez essas veredas ásperas e sombrias tenham contribuído para a tua evolução.

Anda, caminheiro, anda! Persegue a luz que vai adiante, que te alumia o porvir, que te encaminhou à Terra e te levará ao céu. Mas não desprezes as vozes do Além que te aconselham, estugam teus passos e decidem — quantas vezes! — da vida de um homem!

ISIDORO DUARTE SANTOS

porque a sua missão chegou ao fim e à humanidade se impõem esferas superiores.

E o dogma científico da indestrutibilidade da matéria «desintegra-se» assim também, para se transformar, não em energia, mas na triste recordação de uma época de verdadeira cegueira humana.

Não é o fim do mundo físico, que, num futuro relativamente próximo, vai ter lugar, mas sim o fim do velho mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoismo, do ódio, da ambição e da hipocrisia. A humanidade tem vivido nas trevas das suas paixões ancestrais; a sua altivez, porém, terá de ser abatida, para que as portas de uma nova era se lhe abram de par em par.

Ó homem, quando é que te reduzes à tua insignificância? Quando é que, perante Deus, genuflexo, reconheces que és nada, perante a grandeza do infinito?

Humilha-te, insensato, desembaraça-te desse mal fundado orgulho, impecilho que te impede a ascensão para as cerúleas mansões, onde reina uma felicidade imorredoura! Não maneis a cabeça, não procures tapar os ouvidos, não te iludas mais. Abre os olhos às soberbas realidades espirituais.

Porquê tantas vaidades, se não passas de um insignificante verme, rastejando na lama, indiferente à luz?

Não sabes que para além desse teu sombrio e repugnante reduto, a natureza se expande em delicadas e infinitos encantos? Desembaraça-te dessa ganga grosseira; deixa esse lodo vil, que por tanto tempo te tem fascinado e vem ver cá fora, como a natureza é bela nas radiosas madrugadas estivais, nas profundas noites enluaradas, no silêncio majestoso das montanhas ou no seio dos bosques solitários.

Acaso serás capaz, depois da contemplação desses fulgores, de voltar à toca infecta, ao tugúrio repugnante, que tanto te custa a abandonar?

— Ah! Mas o orgulho e o comodismo são mais fortes e ei-lo que vacila.

Insensato! Que te vale essa rebeldia, se o teu livre arbítrio é condicionado e, quer queiras quer não, terás, mais cedo ou mais tarde, de entrar na harmonia universal? Não vês que assim só consegues protelar a tua verdadeira felicidade?

Vamos, ergue o pensamento a Deus, para que te auxílie a mudar de rumo e verás, depois, como tudo é diferente!

O ESPIRITA NO LAR

Por TITO L. BANCESCU
Correspondente em ROSÁRIO (Argentina)

Dizíamos num artigo que não é fácil ser espirita. E a largos traços apontámos as causa dessa dificuldade. Entrando em pormenores, poderíamos agora assinalar os escolhos que, em verdade, não são poucos para conseguir tal fim. O verdadeiro espirita conhece-se pelo seu comportamento, pelo seu modo de proceder, pelo seu trato com os semelhantes. O seu mundo interior é tão cultivado e pulido, que imediatamente o denota a sua estrutura psicológica, a sua maneira de ser.

Antes de mais nada e principalmente, o verdadeiro espirita é um homem culto em toda a acepção da palavra. É persuasivo. Estuda os opositores enquanto conversa com eles. Estuda-os, para compreender a sua evolução moral e espiritual. Nunca tem gritos desagradáveis, por saber que os que mais gritam menos raciocinam. Respeita as ideias e as consciências alheias, porque assim lhe respeitarão as suas. Não murmura na ausência dos outros. Acha melhor falar-lhes directamente, se alguma coisa tiver a observar.

O verdadeiro espirita começa no seu lar. É ali que se conhece integralmente o artífice de si mesmo, da família e da orientação desta. No ambiente familiar nunca manda autoritàriamente. A doçura real, sincera, constitui a sua norma cotidiana. Em companhia da esposa procura a harmonia e a concórdia. Evitam assim que os filhos escutem palavras fortes e injuriosas. Quando um deles observa uma falha nalgum filho, comunica-a ao outro. Consultam-se, estudam o caso e procuram emendá-lo.

Os esposos tratam sempre de criar, de formar esse indispensável clima moral em que eles e os pequeninos possam respirar a plenos pulmões. Os cônjuges vivem um para o outro, respeitando-se mùtuamente, sem cólera, porque ela constitui um péssimo delito que atenta contra a saúde psíquica de todos. Não fumam. Sabem que o tabaco intoxica o organismo e que será inútil impedir os filhos de fumar, quando eles, como pais, não são capazes de dar o exemplo. Tampouco abusam de bebidas espirituosas. Os filhos são grandes observadores e as palavras não os convencerão se não forem acompanhadas pelos factos.

Os verdadeiros espiritas estão convencidos de que a vida matrimonial é interessante escola. Nela devem os cônjuges ensinar e aprender, evitando que os filhos os eduquem. Sabem que sobre eles pesa grande responsabilidade e devem impedir que a consciência os acuse de alguma coisa. Têm obrigação de formar espíritos úteis à sociedade e a si mesmos. Por isso, tentam aperfeiçoar a alma, isto é, o seu perispírito, para que os filhos formem lares semelhantes, cada vez melhores, visto que as sociedades serão o que forem os seus núcleos familiares.

O verdadeiro espirita não teme a crítica dos estranhos. Teme a crítica do seu mundo interior. A primeira é fugaz, sem importância; a segunda repercute profundamente na personalidade. Cada espirita escreve a sua própria história terrena e palingenésica. Além disso, sabe que no seu lar não tem uma escrava obediente, mas uma irmã que deve amar e proteger, por ser mãe de seus filhos, talvez a mãe carnal de outras existências.

Os cônjuges que são espiritas sinceros não atribuem grande importância à erudição, porque a erudição vale pouco, se os eruditos não forem coerentes com os seus conhecimentos. Falar admiràvelmente numa tribuna pública, para no lar se proceder ao contrário do que se diz aos outros, é ser adepto do farisaismo. Eis, porque os espiritas inconsequentes causam muito prejuizo à Doutrina. Desprestigiam-na.

Para o matrimónio espirita, o lar é um santuário que não deve ser manchado. Qualquer das partes que ofende os mais elementares princípios do respeito mútuo, práticamente se coloca no terreno da deslealdade e do vitupério, aluíndo a base do lar ou preparando a desagregação da família. Os verdadeiros espiritas não trocam a felicidade permanente pelos prazeres fugazes e animalescos. Não profanam o santuário de que acima falamos.

Destestam a animadversão e ambos se integram na felicidade que sabem criar para o seu progressivo bem-estar e de seus descendentes. Sempre que o esposo chega triste ao lar, ela se converte em bálsamo dos seus dissabores, e consola mais o irmão do que o marido. Nunca ameaça os filhos com o velho «quando vier o papá, verão o que lhes sucede!». Procura convencer os pequenos de que o pai é o protector de todos e não uma espécie de tirano ou verdugo. Com efeito, o chefe de família que chega a casa a resmungar, a gritar e a dar pancada, será um pai qualquer, mas nunca um pai espirita.

E quando a mãe se encontra fatigada pelos trabalhos domésticos, o esposo espirita sabe aligeirar as penas, sabe desfazer as nuvens inquietantes, sabe consolar o seu cônjuge, valendo-se para isso de sua habilidade. Porque ele medita serenamente e filosòficamente, para dizer em seu foro íntimo: «Dos lares espiritas é que sairão os seres superiores, os super-homens».

Em nossa opinião, um autêntico espirita é um super-homem, ou, pelo menos, pretende sê-lo em próxima existência terrena. Não vive nem age de acordo com as leis e os códigos vigentes, mas suplantando-os em muito. E sincroniza-se com as futuras leis de um mundo melhor, regido por leis divinas.

Não lhe interessa muito nem o preocupa o aspecto exterior das coisas. Empenha-se em purificar o mundo introspectivo. Porque o verdadeiro espirita procura atingir as alturas espirituais onde as vibrações cósmicas proporcionam felicidade e uma vida diferente da que suportamos neste mísero planeta em que predominam as paixões inferiores, aproximando-nos dos irracionais, em vez de nos adelgaçar as asas do espírito que abrem perspectivas duradoiras nas esferas celestes, onde o homem é realmente sábio e bom, compreensivo e nobre. O verdadeiro espirita procura fugir a esta atmosfera densa, asfixiante, insuportável, em que o ódio avança, a discórdia reina, a vaidade entorpece, a cobiça relacha e o materialismo desvia e oxida as molas do mecanismo espiritual, destinadas a converter os homens em anjos. Não poderiam os lares espiritas ser laboratórios destes seres superiores ?

(I. D. S. traduziu)

A DOUTRINA ESPIRITA É VERDADEIRA?

Por RUFINO JUANCO
Correspondente no México

O grande Pascal diz o seguinte num dos seus «Pensamentos»: «A imoralidade é uma coisa que nos interessa tanto, que é preciso ter perdido todo o sentimento de humanidade para sentir indiferença perante a transcendência do nosso destino».

E eu pergunto a mim mesmo: O Espiritismo resolveria este problema se a sua doutrina fosse bela, mas não verdadeira? Claro que não.

Por outro lado, afirmam muitos ilustres escritores, entre eles, o eminente Dr. Gustave Geley, que *dá que pensar o facto de o Espiritismo ter ressurgido mais categórico do que nunca nos meados do século passado*, isto é, *quando* o Materialismo estava no apogeu, quando a maioria dos intelectuais asseguravam que toda a nossa vida se continha nos estreitos limites que vão do berço ao túmulo, ou seja, entre o primeiro grito ao nascer e o derradeiro estertor da agonia.

Certamente o Dr. Gustave Geley e outros escritores, ao exprimirem-se dessa maneira, pensavam (como eu pensei sempre desde que conheci o Espiritismo) que o Espiritismo vinha e vem, como objecto especial, destruir o Materialismo, e não com palavras, mas com factos, apresentando, sobre a existência e sobrevivência da alma, as provas *positivas* que o génio positivista daquela época exigia.

E aqui repito a mesma pergunta: terá logrado o Espiritismo esse objectivo especial, se a sua doutrina fosse bela, mas não verdadeira? Claro que não. Por conseguinte, creio que a melhor obra que podemos e devemos realizar é demonstrar, não só a beleza da Ideologia Espirita, mas também, e principalmente, a sua verdade, a sua realidade.

Devemos, pois, falar e escrever, não tanto para os que acreditam na imortalidade, qualquer que seja a sua filosofia ou credo religioso, mas sobretudo para os que a consideram uma ilusão ou uma quimera. Parece-me que muitos deles concluirão, como outros concluiram depois de exame sério e consciencioso do Espiritismo, que uma doutrina baseada em factos experimentais tão numerosos e precisos de acordo com todos os conhecimentos científicos dos diversos ramos da actividade humana, é muito verosímil e chegarão até a afirmar que deve ser verdadeira.

Com isto não quero dizer que os oradores e escritores espiritas não devamos também demonstrar o absurdo de alguns dogmas religiosos, como o do inferno eterno, o da vida única, etc., etc.; contudo, não esqueçamos que é muito difícil arrancar-lhes essa fé, principalmente fazendo-o bruscamente ou zombando. Em compensação, a ideia nova se imporá a muitíssimas inteligências que, se continuam aferradas a velhos erros, é porque sentem grande repugnância pelo Materialismo grosseiro ou pela filosofia materialista que é uma ingenuidade que nada explica.

E como podemos e devemos provar a verdade ou realidade do Espiritismo? Se se trata de mim mesmo, o caminho mais seguro é dedicar-me à experimentação ou à prática com um médium bem desenvolvido e dentro das condições devidas; é evidente que se o médium é de efeitos físicos, chegarei a presenciar factos ou fenómenos insólitos, supranormais, que serão captados por aparelhos de precisão a fim de evitar uma possível alucinação, fenómenos que hão-de requerer alguma explicação racional e cujo agente oculto terá de procurar-se. Mas, se se trata de levar a convicção espirita a outra, pela palavra ou pela escrita, nesse caso não há outro caminho que o de apresentar fielmente os principais estudos metódicos do Espiritismo feitos pelos sábios ou grupos de sábios até aos nossos dias, tais como os trabalhos de Sociedade Metapsiquica de Paris; as numerosíssimas experiências com a médium Eusápia Paladino e levadas a efeito por grupos de sábios em Nápoles, Milão, Roma e Varsóvia; as investigações realizadas em Filadélfia pelo Prof. Robert Hare em 1891, 92 e 93; as experiências de Gasparin em 1894; os estudos experimentais de Crookes, de 1870 a 1874; os trabalhos efectuados por R. Wallace, Zöllner, Aksakoff, Gibier, Pelletier, Paul Joir, de 1891 a 1899, assim como

as experiências realizadas por Morgan, Gregory, Lodge, Barrett, Myers, Varley, Delanne, Richet, du Prel, Weber, Notzing, Perty, de Rochas, Flammarion, Otero Azevedo, Ochorowics e muitos outros.

Isso, no que se refere à fenomenologia obtida até hoje através de grandes médiuns de efeitos físicos, entre os quais podemos colocar também M.me Esperance, como se pode ver no livro intitulado «No País das Sombras».

Quanto às Mensagens ou comunicações escritas e orais veiculadas por magníficas mediunidades, devemos publicar as mais notáveis, por não ser possível publicá-las todas; pelo menos, as de M.me Esperance, pondo em relevo o seu conteúdo intelectual, considerando-as do ponto de vista da sua origem e do ponto de vista do seu valor.

Em seguida, devemos ir expondo uma a uma e refutá-las todas as falsas teorias inventadas para explicar a fenomenologia física, assim como as comunicações de conteúdo intelectual, e assim se demonstrará claramente que a interpretação dada pela doutrina espírita, inclusive a teoria anímica, é a mais simples, a mais exacta e a mais racional, ficando assim destruída e desfeita para sempre a hipótese materialista de que o homem, depois da morte, desaparece totalmente no nada.

Em meio desse labor tão grande e belo, queremos, podemos e devemos *não desafiar, mas convidar* os inimigos do Espiritismo a inventar qualquer nova teoria para colocar em frente da nossa, já que as teorias até agora inventadas não servem, mas que seja uma teoria que esteja de acordo com todas as ciências, como sucede com a doutrina espírita.

O Espiritismo está de absoluto acordo com as *ciências naturais;* o *transformismo,* a favor do qual se acumulam dia a dia novas provas, dá à teoria da evolução anímica, inseparável da evolução orgânica, semelhança completa: a teoria da evolução anímica, tão sàbiamente interpretada por Gabriel Delanne, suprime todas as objecções aparentes feitas ao Espiritismo, em nome das ciências naturais. São três as mais importantes:

Primeira — Objecção baseada na semelhança orgânica e fisiológica dos animais e descendência animal do homem.

Segundo — Objecção baseada na correlação estreita entre o desenvolvimento dos centros nervosos e a extensão da consciência.

Terceira — Objecção baseada na impossibilidade de conceber o espírito e a matéria como coisas isoladas.

Todavia, a Evolução Anímica não só pulveriza essas três objecções, como também explica muito bem a conservação dos progressos orgânicos que as Ciências Naturais, com a selecção natural, não podiam explicar bem. Coisa grandiosa! As duas evoluções — a orgânica e a anímica — conciliam-se e completam-se precisamente a expensas do Materialismo pessimista e do Espiritualismo religioso.

O Espiritismo também está de acordo com a *Astronomia* que nos prova a insignificância do nosso planeta no Universo e nos oferece, além disso, a probabilidade de que outros mundos estejam igualmente habitados como a terra, segundo defendia em suas «Cartas Inéditas», o célebre frade espanhol, beneditino P. Freijó.

O Espiritismo está de acordo com a *Física* e com a *Química,* quando nos faz entrever a unidade de Matéria e a unidade de Força; o grande descobrimento do quarto estado da matéria — a Matéria Radiante — pelo eminente espiritista William Crookes, torna fàcilmente compreensível a constituição do *duplo, perispírito* ou *corpo astral;* e com os conhecimentos actuais acerca da constituição molecular dos corpos, compreendem-se bem os fenómenos espíritas de materialização e desmaterialização.

O Espiritismo também está de acordo com a *Filosofia:* o perispírito dá-nos a chave de tudo; por ele se explica o agrupamento das infinitas moléculas que constituem o nosso corpo; a conservação da individualidade psíquica, apesar da renovação constante do organismo; as relações entre o físico e o moral e as diferenças principais que separam o mecanismo do pensamento no organismo, das verdadeiras funções orgânicas. Com razão diz o sábio francês Claude Bernard que o que é fàcilmente do domínio da vida e que não pertence nem à física, nem à química, nem a outra ciência, é a *ideia directriz* desta acção vital maravilhosa. E claro está, a ideia não parte da matéria, mas sim da alma.

Finalmente, o Espiritismo constitui um guia magnífico nas dificuldades de toda a espécie que a *Psicologia* nos apresenta, pois que a Reencarnação ou pluralidade de vidas sucessivas nos explica claramente as desigualdades de sensibilidade moral e afectiva, que nem os esforços individuais, nem a influência do meio ambiente, nem a herança podem explicar.

(I. D. S. traduziu)

Ensinamentos de "Silver Birch"

Porque voltam os Espíritos-guias

Apresentado por B. B. MARTINS

III

Porque deveriam incomodar-se, regressando, a instruir-nos na terra, os que estão no mundo do espírito? É porque eles sabem que o mundo necessita da sua mensagem mais do que de outra coisa qualquer. Silver Birch explica aqui por que voltou para nos ensinar.

Como a muitos outros, foi-me perguntado se eu quereria voltar para a matéria para tentar salvar aqueles que no mundo se estavam destruindo a si mesmos e ao mundo em que viviam.

Temos tentado trabalhar entre vós e ainda trabalhamos, procurando provar, pelas vossas próprias normas, que aqueles que deixam esse mundo continuam a viver em regiões mais adequadas ao Grande Espírito.

Por isso deveis compreender que todos vós sois parte do Grande Espírito.

Ainda que nos esforcemos nestas coisas, há muitos que pensam que é mais importante apoquentarem-se com bagatelas do que com mensagens. Que importa se a mensagem vem de alguém a que o mundo chama branco, ou preto, ou amarelo, ou vermelho? Que importa se as leis do Grande Espírito vos são dadas por alguém que teve muita educação ou não, contanto que isso seja a Lei, contanto que isso seja a verdade?

Há muitos anos tinheis ensinado: «Uma criancinha os guiará». Até que aprendais a pôr de parte a enfatuada sabedoria dos sábios e volteis para a simplicidade da criança, não avançareis muito, no vosso mundo ou no meu.

O vosso mundo estabelece diferenças entre aqueles cuja epiderme foi colorida pelo sol do Grande Espírito. Olham para a sua epiderme e esquecem que os seus espíritos são todos um.

Porque pensais em guerras? Porque pensais em miséria? Porque pensais que haverá grande sofrimento no vosso mundo?

Porque os cegos da matéria que só vêem através das suas limitações não sentem que atrás das coisas materiais está o unificante Grande Espírito. Enquanto estabelecerem diferenças, terão o caos, terão a desgraça, terão a falência.

Eu disse-vos antes, que nós, a quem chamais índios selvagens, regressámos como parte da Lei do Grande Espírito para vos ensinar as leis que a vossa civilização tem esquecido.

Construís as vossas vidas sobre os sistemas do vosso mundo material. Educais-vos, cultivais-vos e edificais uma civilização fora dessa grande Lei. Por causa disso o vosso mundo está em ruinas exactamente como em ruinas está também a civilização dos velhos dias.

Porque nós vos amamos, porque esse amor que vem do Grande Espírito flui através de todos nós, voltámos atrás para ajudar-vos a levantar os destroços e construi-los sobre a estrutura das coisas eternas.

Porque quando vivemos sobre a terra tinhamos peles córadas, vós dizeis-nos:

— Não, nós recusamos endireitar o mundo por causa da vossa pele ser córada. Preferimos uma calamidade, se não pudermos ser ajudados por pessoas cujas peles sejam brancas.

Mas, apesar disso, quero que saibais que vos ajudamos. Muitas coisas que descobristes na vossa civilização nos ajudam. É uma lei perfeita em sua operação. Procuramos ensinar-vos o que temos aprendido nos reinos do espírito e receber qualquer conhecimento que nos derdes. Por meio desta lei de cooperação é que o novo céu virá para o vosso mundo.

Um dia, no vosso mundo, todas as cores se fundirão, porque todas as cores têm a sua função a desempenhar. Todos os povos se unirão porque cada um tem alguma coisa a dar ao mundo. Podereis observar o tempo futuro se olhardes com os olhos do espírito, quando todos viverem juntos em harmonia, dando todos os povos a superioridade da sua raça, da sua cultura, da sua ciência.

Somos todos servos do Grande Espírito — eu, vós e aqueles que trabalham conosco — procurando fazer a Sua vontade. Muitas vezes os nossos amigos são os nossos maiores inimigos. Mas fazemos o nosso trabalho e, por que fazemos aquilo que é recto aos olhos do Grande Espírito, chamamos em nosso auxílio todas as forças que pertencem ao espírito, que são mais fortes que as do vosso mundo de matéria. E, gradualmente, o bem triunfará do mal, a justiça vincerá a injustiça, o direito suplantará o agravo. Algumas vezes as forças do vosso mundo empurram-nos, por algum tempo, para trás, mas não para sempre. Havemos de ser bem sucedidos porque procuramos salvar a espécie humana de si mesma, procuramos apontar-lhe os caminhos mais altos e melhores que a habilitarão a viver a sua vida em serviço, para que possa receber as riquezas da alma, do espírito e da mente, a paz e a felicidade que não pertencem ao mundo da matéria mas às mais altas e maiores coisas do espírito. É uma grande tarefa esta em que estamos ocupados. É um laço sagrado que nos liga todos em conjunto e nos une em espírito, em objectivos, em desejos. Decidamos que juntos renovaremos a nossa oposição a tudo o que está no caminho da Verdade, de modo que os nossos esforços combinados tragam o poder do Grande Espírito para mais próximo dos seus filhos.

Se as poucas palavras que eu digo são úteis para vós, então elas habilitarão cada um a ir pelo mundo a servir os filhos da matéria como eu tento servir-vos a vós. Eu sei que isto é a Lei. Procuro sòmente interpretar, na vossa linguagem, as leis do Grande Espírito. Aqueles que lerem as minhas palavras, não concordarão sempre com estas interpretações, mas eu estou num mundo diferente do deles. Eu sou algumas vezes limitado pela vossa linguagem e pelo meu instrumento. Se nós falhamos em concordar, então é, ou por que as almas no vosso mundo não estão ainda desenvolvidas para a compreensão das verdades maiores, ou por que eu não posso exprimir tudo o que está dentro da minha alma, que é maior do que a vossa lingua-

NOITE ESTRELADA

por HUBERTO ROHDEN

Contemplei ao longe um grande ideal — e lá se foi o sossêgo de minha alma.

Nunca mais estarei quite comigo mesmo...

Sempre oscilará, irrequieta, a agulha magnética...

Sempre actuará a gravitação do espírito...

Entrou-me no sangue da alma uma toxina cruel...

Sempre clamará o helitropismo do meu ser.

Lavra-me, no íntimo, incêndio roaz...

Feliz do homem profano — satisfeito consigo e com todo o mundo — esse infeliz!

Infeliz do iniciado — insatisfeito consigo mesmo — esse feliz!...

Aquele não conhece esfinges em pleno deserto — não tem problemas...

Sorri-lhe o dia perene do seu plácido viver...

Mas o homem que pensa e ama — vive num ambiente de estranha agitação.

A sua noite é noite estrelada, sim — mas a treva é profunda e as estrelas altíssimas...

Todo pensar nos faz taciturnos — todo compreender nos abre Saaras imensos.

Todo querer oscila entre o Getsêmane e o Gólgota...

Todo amor agoniza entre os braços da cruz...

Entretanto, melhor é o inteligente sofrer — que o estúpido gozar...

Prefiro gemer numa noite estrelada — a sorrir num dia sem mistérios...

Prefiro sentir o que adivinho — a dizer o que ignoro...

Prefiro escutar a filosofia do silêncio fecundo — a ouvir a sociologia do ruido estéril...

Mais belos são os mundos que, incertos, entrevejo — *que a terra que meridianamente enxergo...*

Creio mais no muito que ignoro — do que no pouco que sei...

Mais firme é a minha fé num universo ideal — do que nesse cosmos real...

Mais me aliciam ignotos horizontes do que realidades palpáveis...

Bandeirante do além — não repousa meu espírito na querência do aquém...

Não me interessa o que sei — seduz-me o que ignoro...

Mesquinho é o passado, trivial o presente — como me encanta o futuro!...

Contemplei ao longe um grande ideal — e lá se foi o sossêgo de minha alma!...

Nunca mais terei sossêgo de mim mesmo...

Nunca mais estarei quite com o Eu...

Devedor insolvente — enquanto eu viver...

Empolgou-me a noite estrelada do Infinito...

Rebelaram-se as potências dormentes...

Impossível um tratado de paz...

Adoro, ó noite estrelada, teus astros longínquos!...

Por eles vivo... Luto... Sofro... Feliz...

---

gem terrestre me permite interpretar.

Mas eu estou sempre pronto a servir e a ensinar a Lei, porque é sòmente pela compreensão da Lei que as pessoas do mundo material podem viver como o Grande Espírito destinou que elas vivessem. É melhor ver, que ser cego; é melhor ouvir, que ser surdo; é melhor estar acordado que estar adormecido. Abramos-lhes as suas almas para o Grande Espírito. Esforcemo-nos por afiná-los com as suas leis, de modo que sejam um com Ele e Ele seja um com eles.

Então os seus corações estarão na paz, estarão em harmonia com o grande ritmo do universo, e a discórdia desaparecerá das suas vidas. E principiarão a viver como nunca viveram antes.

Todos os conhecimentos interessam. Não é sensato dizer-vos que desejeis receber sòmente esta parte de conhecimento e não queirais ir mais longe. Eu esforço-me por transmitir tudo o que sei, para que possais beber aí tanto quanto tenho para vos dar. Faço isto, não porque eu seja orgulhoso do que possuo, mas sòmente porque dando, posso servir. Todo o conhecimento tem o seu lugar. Não tentemos parar em qualquer degrau da escada do progresso. Só absorvendo, esforçando-nos por obter a imagem completa, a vida será compreendida por vós.

Isto refere-se à vida, nos seus aspectos materiais e espirituais, porque ainda que o vosso mundo necessite de guia nas coisas da matéria, é também necessário que o conhecimento do espírito seja dado ao mesmo tempo. A nossa mensagem é que sempre vivais no mundo do espírito e que o mundo da matéria é apenas um reflexo da vida eterna.

Embora aqueles que conhecem sejam fieis ao conhecimento, quanto mais não poderiamos nós realizar ?

O conhecimento e o serviço são maiores do que a individualidade. Aquilo que temos aperfeiçoado é pouco comparado ao que poderíamos ter aperfeiçoado. Mas nenhuns limites podem ser postos ao Grande Espírito Infinito, quanto à sabedoria, quanto à inspiração, quanto à verdade que pode ser derramada sobre o vosso mundo. Não há restrições para o forte poder do espírito que espera para encher esse mundo, quando os vossos instrumentos nos fornecerem os veículos convenientes para a nossa tarefa.

Lourenço Marques, 8/10/1949.

Crónica Estrangeira

UM MÉDIUM CLARIVIDENTE

No seu número de 26 de Novembro do ano findo, o prestimoso «Psychic News» inseria o relato da memorável sessão dada no «Longdon Town Hall», perante mais de 300 espectadores, pelo clarividente Gordon Higginson. Julgamos que esse relato é bem digno de ser arquivado nas páginas de «Estudos Psíquicos» pelo que o traduzimos de seguida.

«A uma senhora que se encontrava no fundo da sala disse o médium que estava um jovem com ela, o qual tinha desencarnado ràpida e tràgicamente.

Ele está chamado-lhe *mãe* — disse Higginson — e afirma-me que a senhora é uma estranha nesta localidade mas que tem estado muitas vezes junto de si. Diz chamar-se Booth e que foi morto quando dos ataques aéreos a Conventry. Era bombeiro.

Ele encontrou o pai—continuou o médium — e ambos estão desgostosos porque a senhora deixou a velha casa de Broad Street. O seu filho afirma que viveu ali. Ambos encontraram a tia Gertie e o seu filho lembra-se do tio que visitou em Stanyer Street bem como de vossa irmã Emily.

O marido e o filho tinham-se manifestado naquela noite — declarou Higginson — para provarem que não desamparavam a senhora. Neste altura, manifestou-se outra faceta da mediunidade de Higginson. Indicando outra senhora sentada à frente perguntou-lhe se ela conhecera Colin Morgan e Ron Bould que tinham vivido no n.º 10 de Broad Street. A senhora disse que sim e que também conhecera a de apelido Booth.

Dois irmãos que tinham desencarnado tràgicamente, um num acidente de viação e o outro afogado, manifestaram-se para saudar a mãe. Estabelecendo contacto com ela e fazendo notar os modos como tinham desencarnado, Higginson disse: — Eu vejo um desastre de bicicleta numa estrada, com o mais novo. Dizem-me que são irmãos e que o seu nome é Brian. Viveram em Edwards Street e perguntam por Emma Bryan, Thomas Charles Bryan, Elsie e Edwin.

A mãe, sufocada pela emoção, teve uma pausa antes de responder. Depois anunciou: — Eu sou a mãe deles. Meu nome é Emma Bryan. Tom Charles é meu marido, Edwin é o meu outro filho e Elsie é a esposa dele. Um dos filhos morreu afogado — explicou ela — e o mais novo foi morto quando andava de bicicleta. É tudo verdade.

Como se isto não fosse ainda suficiente, o médium continuou: Eles encontraram a Sr.ª Wilshaw que gostava de ir a uma taberna do princípio da rua. Ambos falam da Sr.ª Proctor».

Então a habilidade de Higginson para relacionar pessoas em vários locais da sala manifestou-se de novo.

Indicando uma senhora, pediu-lhe para se levantar, bem como à Sr.ª Bryan, dizendo depois:

— Conhecem-se? Eu vi os dois jóvens dirigirem-se-lhe dizendo:

— Esta senhora é nossa vizinha. Da nossa casa vêem-se as trazeiras da sua habitação.

Com a profunda admiração da assistência, a senhora concordou que conhecia os dois rapazes e que vivia a duas portas sòmente da S.ª Brygan.

Esta disse mais tarde aos jornalistas que a prova fôra extraordinária».

Nesta sessão, Higginson, dirigindo-se aos assistentes, relatou nada menos que 52 nomes completos, 49 nomes próprios e... 28 endereços perfeitos !

A COTINUAÇÃO DE UMA OBRA

Depois que William Parish, o justamente famoso médium-curador, desencarnou, sua esposa, Peggy Parish, a cancerosa que foi a primeira cura sensacional da Obra, continuou na senda aberta pelo primeiro e com os mesmos sensacionais resultados. Diàriamente, ela recebe os testemunhos daqueles a quem as suas faculdades conseguem curar das mais diversas enfermidades. Alguns pacientes chegam mesmo a sentir a presença e a acção das entidades curadoras.

Os sucessos não são obtidos apenas com aqueles em quem a intervenção é feita directamente. Para o provar bastará esta passagem de uma carta dirigida por Júlia Boyer, da Califórnia, a Peggy Parish: — «Eu abençoo o dia em que lhe escrevi sobre a minha amiga. Você fez por ela o que médicos e outros não conseguiram».

E parece que os médicos ingleses se não sentem diminuidos com tais factos, pois que não imprecam o rigor da lei contra os seus autores. Talvez até os meditem, incapazes de os explicar pelos postulados em que assenta a sua ciência. Melhor seria ainda se a medicina se esforçasse por estudar os limites e aplicação desta nova terapêutica que tantas vezes têm vencido onde outras mais usuais têm retumbantemente falhado. Merecerão também o apodo ignominoso de «charlatães» Harry Edwards ou Peggy Parish quando tantos recuperaram a saúde por seu intermédio e disso dão prova testemunhal em público ? Quando se duvida, deve-se estudar primeiramente o fenómeno por muito grande que seja a sua oposição às ideias comuns aceites. Verdade seja que (e infelizmente para a humanidade que sofre as agruras das doenças mais diversas) os Parish são pouco vulgares. Mas sê-lo-iam mais se em vez de se preseguirem os portadores de tais faculdads, os treinassem e protegessem.

O ESPIRITISMO E A RÁDIO

Em Dezembro do ano findo, ao microfone da B. B. C., em Londres, Mary Scrutton, assistente de filosofia, falou sobre um livro de Whately Carington onde este relata «factos que só indivíduos desencarnados podiam conhecer». Nos seus comentários, a locutora foi ao ponto de apontar que alguns desses factos são tão sensacionais que muitos se coíbem de os relatar para não serem apelidados de loucos, ou de mentirosos pelo menos, por aqueles em quem as ideias preconcebidas são

ponto de partida de qualquer raciocínio.

Lenta mas seguramente, através da fenomenologia estranha mas contundente, o Espiritismo vai penetrando, desde as cátedras universitárias aos microfones das grandes emissoras. Nalgumas estações americanas são periódicos os programas de propaganda espírita; é o caso de uma emissora da Flórida onde semanalmente fala o famoso médium Arthur Ford. E agora, na B. B. C. começam a ser radiofundidos com relativa frequência comentários ou exposições de pontos espiritas ou de trabalhos metapsicológicos. O movimento inglês têm-se tornado nos últimos 10 anos de tal modo impressionante que a conhecida estação não podia manter-se indiferente perante ele, a não ser que desprezasse uma fortíssima corrente da opinião pública.

O ELECTRO-CHOQUE NAS DOENÇAS MENTAIS

O *Psychic News* de 16 de Abril do ano findo refere-se a um assunto de grande interesse público, que tem absorvido a atenção de alguns médicos psiquiatras.

White Ray é um elevado espírito que naquele jornal responde a perguntas dos leitores. Pois esta entidade afirma que o uso indescriminado de choques eléctricos em doentes mentais é um caso muito sério e que a electricidade é às vezes benéfica em certas obsessões, mas não devia aplicar-se em todos os enfermos.

Em sua opinião, o electro-choque está indicado quando há entidades obsessoras. Nestes casos, pode libertar o doente, porque as vibrações eléctricas conseguem penetrar na aura do doente e expulsar o obsessor. *Mas em casos de simples alienação mental, os choques em questão são sempre desastrosos.*

Em dez por cento de ligeiro desarranjo mental, pode-se dar um choque, que leva ao entorpecimento durante alguns dias. Mas é só em 10 %. Nos restantes produz efeito desastroso e por vezes torna os doentes algo violentos.

O choque pode ser útil, quando haja entidade obsessora. Enfraquece o doente, mas liberta a depressão mental.

Quando o choque é demasiado longo, os doentes ficam apavorados.

Nos hospícios de alienados estão a usar-se novos métodos. Com os choques, conseguiram alguma coisa só em casos de obsessão. Nos outros, erraram completamente.

A perturbação mental necessita de tratamento médico, mas não de choques. O tratamento magneto-hipnótico poderia fazer muito para a cura.

E *White Ray* acrescenta :

— «Conheço uma pessoa de debilidade nervosa que tem feito tratamento de choques e fica inconsciente perto de 20 minutos. Será possível uma entidade obsessora permanecer ali depois disto ?... Não, porque não suporta semelhante tratamento. É como se fosse um tremor de terra. Penso que a ciência tem usado os choques ao acaso. Os cientistas são às vezes infantis com brinquedos muito desenvolvidos. Os choques eléctricos podem fazer muito, mas não aplicados de qualquer maneira».

O electro-choque foi pela primeira vez aplicado pelo doutor Carl Wickland e consiste em submeter o doente a uma corrente eléctrica, de modo que a possa suportar e na presença de um médium de incorporação. A entidade obsessora não suporta aquele verdadeiro suplício para o seu corpo etérico e precipita-se para o médium, a fim de escapar ao sofrimento. Então é fácil doutriná-lo, entregando-o aos cuidados de um Guia, que se encarregará do restante.

Isto, como se vê, é muito diferente do que faz a medicina terrena. Estamos, porém, convencidos de que não virá longe o tempo em que novos métodos sejam empregdos com proveito nos alienados mentais e a sociedade recuperará muitas unidades para o convívio familiar e para o trabalho comum. Os métodos espiritas são racionais e têm conseguido equilibrar milhares desses doentes. Porque não tenta a medicina oficial esses métodos, mesmo a título de experiência local ? Que mal haverá nisso ? Talvez não fosse mal tentar...

Cântico da Dor e do Perdão

de PIETRO UBALDI

No silêncio da noite imensa, eu escuto o cântico de minha alma: um cântico que vem de muito longe e traz consigo um sabor do infinito.

As coisas dormem e a voz canta.

Eu velo e escuto, porque a noite escuta comigo.

O mistério que existe em mim é o mistério das coisas: dois infinitos se olham, se sentem, se compreendem.

Lá em baixo, pela margem deserta, além da vida, o cântico responde, as sombras despertam e das profundezas todos os seres me estendem os braços: «Não temas a dor, não temas a morte; a vida é um hino que não tem fim».

Eu os olho; e perdoo à sarça a inocente ferocidade de seus ásperos espinhos; perdoo à fera sua garra, à dor sua investida, ao destino sua angústia, ao homem sua inconsciente ofensa.

«Perdoa e ama» — diz o meu cântico.

E eis que ele possui uma estranha magia: os seres todos me olham, como doentes, e cai o espinho, a garra, a ofensa...

E pouco a pouco, ignorantes e cheios de espanto, a magia os vence e comigo recomeçam o hino lentamente: a harmonia se dilata, espalha-se e ressoa em toda a Criação.

Sobre cada espinho nasceu uma rosa; sobre cada dor, uma alegria; sobre cada ofensa, uma carícia de perdão.

Abro os braços ao infinito e os seres, em falanges, me estendem os braços.

«Canta, — dizem-me — canta, cantor do Infinito; nós te escutamos. Teu cântico é amor, teu cântico é alegria, nós te acompanhamos. Teu cântico é a Grande Lei, é a grande festa da vida. Teu cântico é luz que afugenta o ódio e a dor. Canta, canta, cantor do Infinito».

E eu canto.

Meu corpo está cansado, e eu canto. Meu corpo sofre e eu canto. Meu corpo morre... e eu canto.

(De «Umanesimo», Roma, Aprile, 1949).

Tradução de *CLOVIS TAVARES*

Notas & Comentários

ESPIRITISMO E RELIGIÃO

No II Congresso Espirita Pan-Americano realizado no Rio de Janeiro em Outubro do ano findo, foi considerado o Espiritismo como «A Religião». É indiscutível que o Espiritismo possui um aspecto religioso. Realmente, o conhecimento da nossa natureza e destino espirituais cria-nos um «sentimento de dependência» para com o Super-Humano, para com Deus; e esse sentimento é... «religiosidade». Mas religião? Por tal, entende-se um «sistema de regras rígidas pretendendo ligar o homem espiritual a Deus», sistema que é, afinal, um condicionamento do sentimento da religiosidade. Certamente que não foi naquela acepção que na mensagem do Congresso foi tomado o termo religião. Então, porque a não redefiniram? Ou porque o usaram?

Religião, porque o Espiritismo é, por derivação necessária, uma doutrina intimamente ligada aos postulados evangélicos? E onde se encontram os templos, os sacerdotes, a liturgia e os dogmas? Não há religião sem estes aspectos. Dizer que há e apontar o Espiritismo é falsear o significado do termo e, parece-nos, gerar confusões indesejáveis.

Escreveu-se que o Espiritismo é a Religião, uma religião quintessenciada, despida de formalismos terrenos. Nem por isso deixará de ser um sistema de regras. E regular o sentir do mundo dos valores espirituais é encaminhar-se para a ladeira que fará do Espiritismo uma religião, mais uma no quadro policrómico da confusão humana. Que se construa uma moral prática, é humano e, talvez até, necessário; é um sistema de regras de conduta. Espiritualmente, porém, que valor terão essas regras ou mesmo a obediência a essas regras, se o indivíduo for incapaz de sentir em si o fundamento que é a moralidade? Onde caímos quando queremos condicionar em regras os valores estéticos? Em «escolas», nenhuma das quais poderá dizer, em consciência, que é Aquele que melhor sente o Belo.

Dizer então que o Espiritismo é a religião, por ser uma religião sem regras? Diga-se antes que o Espiritismo procura despertar no homem o sentimento da religiosidade, que procura, pelo Amor que o Cristo pregou e exemplificou, levá-lo a redescobrir por si o Caminho que conduz a Deus.

TRANSCRIÇÕES

«Estudos Psíquicos» tem visto sempre com o maior agrado a transcrição que outras revistas façam dos artigos originais que publica. Regista o facto e agradece, mas não pode deixar sem comentário o que a «Centelha» faz no seu número de Outubro de 1949 do artigo «Reencarnacionismo Experimental» da autoria de AKHAR e publicado em Julho do mesmo ano. Porque? Porque a transcrição é feita sem qualquer nota da sua origem (!) e porque, para melhor confusão, englobaram-no, sem título, na secção «Nos Domínios da Metapsíquica»! Só faltou substituirem o nome do autor... Quando folheávamos aquela Revista brasileira e vimos o artigo, julgámos até que havia pelo Brasil um outro AKHAR, mas a confusão inicial ficou logo desfeita pela leitura. Comentários? Simplesmente lastimamos o facto e afirmamos a nossa convicção de que os colaboradores de «Estudos Psíquicos» não se importariam de escrever para a «Centelha», mas não... daquela forma.

MEDIUNIDADE

Parece-nos fora de dúvida ser a mediunidade um dos grandes problemas do Espiritismo português. Será que no nosso País não existam médiuns capazes de ombrear com um Chico Xavier ou Estelle Roberts? É frequente ver um jornal inglês, como o «Psychic News», repleto de descrições sensacionais. Em contrapartida, as nossas revistas são prolíficas em artigos de estudo teórico, mas pouco ou quase nada inserem de fenomenologia contemporânea, pelo facto da... sua inexistência. E no entanto há médiuns... Os quadros de Miguel Albardeiro (de que nunca se fez uma exposição, diga-se de passagem e pelo que sabemos) em nada desmerecem dos de um Augustin Lesage. «Do País da Luz» de Fernando de Lacerda será inferior ao «Parnaso de Além-túmulo» de F. Cândido Xavier? Nós conhecemos uma senhora que possui extraordinárias faculdades de médium psicógrafo, mas não quer sujeitar-se a experiências, porque está convencida (houve quem conseguiu levá-la a essa atitude mental!) de que nos fenómenos espiritas Satã faz das suas... para arrastar os pobres mortais para as penas do inferno.

E depois, o que é bem mais grave, está-se a par e passo confundindo «médiuns» com simples passivos anímicos, ainda que estes sejam dignos também do mais aturado estudo. Há gente bem intencionada trabalhando no campo da mediunidade, mas sem possuir aquele mínimo de qualidades que a permita classificar como genuino veículo do Espiritual. Infelizmente, as «boas intenções» só por si são insuficientes para compensar a escassez dos atributos que estão ligados a uma especial conformação do sistema nervoso. O «querer» e o exercício aturado poderão levar a capacidade de sentir àquele ponto em que serão possíveis fenómenos de «intuição espirita», de comunhão mental com o mundo dos espíritos. Mas isso não é mediunidade; distingue-se do poder mediúnico, tanto quanto o «transe» do médium inconsciente se pode diferençar da «infusão» do místico super-consciente.

É preciso classificar faculdades, por um estudo aturado dos sensitivos. Consiguemos os passivos magnéticos aos trabalhos de animismo experimental, tão cheios de interesse e de ensinamentos; inclinemos os sensitivos intuitos para as sessões de ensino doutrinário, mas preparando-os para que só os influxos do Astral Superior os atinjam; reservemos os poucos médiuns perfeitos que se encontrem para as decisivas e convincentes sessões de Espiritismo experimental; e... procuremos convencer a massa dos espiritas que a missão dos incarnados... é viver para a sua reforma interior e contribui para melhorar o ambiente espiritual da terra e não «doutrinar irmãozinhos».

Noticiário

O FRACASSO DOS MÉDIUNS MECÂNICOS

Depois da tentativa de Edison para a construção de uma máquina capaz de substituir os organismos mediúnicos como meio de comunicação com as entidades espirituais, várias outras têm sido desenhadas e construídas para o mesmo fim. Porém, o fracasso tem sido completo!

Será que os «espíritos» não gostam de maquinismos complicados? Não, porque desde os aparelhos de medição e «contrôle» de William Crookes aos de S. Notzing e Ochorowicz, muitos têm sido utilizados com resultados perfeitos e concludentes, pelo simples facto de haver um médium capaz de fornecer aquela extraordinária substância ectoplásmica, indispensável aos «espíritos» para exercerem acções mecânicas.

Nós julgamos que todas essas ambiciosas máquinas estão condenadas ao fracasso, ainda que seja um Ernest Thompson, redactor do «Two Worlds», a argumentar pela sua viabilidade. A não ser que se consiga construir um aparelho tão perfeito que a acção magnética dos «espíritos» possa extrair dele o «ectoplasma» que é (a análise química assim o revelou) uma substância orgânica complexa.

Reduzir os objectos à construção dum «telefone» espiritual? Mesmo neste caso mais simples(?), ter-se-á que converter as radiações electromagnéticas emitidas pelos «espíritos» em ondas sonoras, dado que os espíritos irradiem vibrações daquele tipo... Que o «vivo» as emite é ponto quase fora de dúvida, mas... este possui um cérebro.

OUTRO CALCULADOR-PRODÍGIO

Há pouco tempo referimo-nos a um extraordinário calculador entrevistado pelo Dr. Xavier de Brito, num artigo publicado na *Gazeta de Física*, notícia que deu ensejo a uma carta em que se narrava outro caso do mesmo género, aqui publicado também.

Agora, tivemos conhecimento de um caso ainda mais extraordinário, relatado na *Voz da India*, de Margão, em 25 de Janeiro último. Trata-se de um rapaz do Estado indiano de Sangli, filho de merceeiro da localidade e que, apenas com 5 anos de idade, resolve mentalmente e com velocidade espantosa os mais transcendentes e complicados problemas de matemática, embora nunca tivesse frequentado a escola.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1950

Todas as 5.as feiras, às 21,30 — Sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigidas por António Cardoso, Isidoro Duarte Santos e Túlio Rosa.

Todos os domingos, às 16 horas, (excepto o dia 19 de Março), sessão doutrinária do Grupo General Passaláqua dirigida por José F. Cabrita. No dia 5, com a médium D. Maria Cecília Gorina. Nos dias 12 e 26, com a médium D. Maria Inês de Brass.

Dia 4 de Março, às 21,30 — Palestra de Ramos Pereira no Grupo Gabriel Delanne, intitulada: «Radiações Psíquicas».

Dia 11 de Março, às 21,30 — Sessão Experimental do *Grupo Ernesto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 18 de Março às 21,30 — Palestra pelo Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa no Grupo Gabriel Delanne, com projecções luminosas, intitulada «Os Fenómenos de Materialização».

Dia 25 de Março, às 21,30 — Sessão do *Grupo Ernesto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 1 de Abril, às 21,30 — Palestra por António Cardoso, no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada: «Materializações e Apports».

Dia 8 de Abril, às 21,30 — Sessão do *Grupo Ernesto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 15 de Abril, às 21,30 — Palestra por Ramos Pereira no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada: «As Hipóteses Metapsíquicas e o Espiritismo».

NOTA — As conferências são públicas e as sessões doutrinárias ou experimentais são privativas dos sócios, que devem para isso munir-se do Bilhete de Admissão e da última cota paga.

Aos Prezados Assinantes

A situação financeira de *Estudos Psíquicos* e a necessidade de manter um orgão que tantos serviços tem prestado à causa do Espiritismo obriga-nos, bem contra vontade, a fazer um ligeiro aumento no preço da assinatura, certos de que todos os amigos que nos têm acompanhado compreenderão o nosso problema e nos auxiliarão a resolvê-lo.

A imprensa particular não pode fugir às consequências de uma situação gravíssima e vê-se obrigada a adoptar medidas de salvação.

Assim, *Estudos Psíquicos* faz, a partir deste número, um aumento de 5$00 na assinatura semestral para Portugal, ilhas e colónias. São 80 centavos mensais de aumento. Esse pouco que pedimos contribuirá para aliviar a nossa responsabilidade.

Quem tantas demonstrações de apreço nos tem dado, certamente não regateará aumento tão ligeiro, que nem sequer se notará no orçamento familiar.

Esperando que todos concordem com esta resolução, aqui deixamos o nosso profundo agradecimento.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Cultura (A) da Coragem	20$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados)	200$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHÁRACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00
Vida (A) Depois da Morte	25$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00

OBRAS DIVERSAS

Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecço de preces várias)	8$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Iniciação (A) de Jesus, por S. Clymer	8$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Lei (A) do Mentalismo, por A. V. Segno	28$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Mistérios (Os) Iniciáticos, por Henri Durville	28$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Projecção de Eflúvios Vitais, por A. Lália-Paternostro	20$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Ritual de Magia Divina (colecção de preces ocultas)	24$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold	22$00
Sonhos e Visões (Sua interpretação)	26$00
Tesouro (O) dos Humildes, por Maurice Maeterlinck	28$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville	35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc	28$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	12$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	46$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	46$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	54$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		**15$00**
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	**12$00**	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	56$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	**7$00**	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	38$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	**5$00**	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00

	br.	enc.
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Olí de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Olí de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nestes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSÍQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DR. PIETRO UBALDI

(Ver pág. 82)

CONTÉM: Almas Amigas, **da Redacção**; Reino Espiritual, Tese apresentada no Congresso Espirita Pan-Americano, pelo **Dr. Levindo Mello**; O Instinto, por **Cirillo Aleixo**; O Magno Problema, por **Corina Novelino**; Ética e Teologia, por **A. Ramos Pereira**; A Escrita Directa, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Incerteza Espiritual, por **Ernesto Moog**; Equilíbrio Hermético da Saúde; Fotografia Psíquica, por **Alfredo Miguel**; Situação Delicada, pelo **Espírito Reper-Siam**; De Ubaldi a Einstein, por **A. Ramos Pereira**; Uma Carta, por **F. Noronha**; Hora de Sementeira e Decisão, por **Natálio Ceccarini**; O Espirita na Pedagogia, por **Tito L. Bancéscu**; Prémios e Provas?, por **Leopoldo Machado**; Vigiai e Orai, por **José Simões de Matos**; O Existencialismo, Segundo o Meu Critério Espirita; por **Rufino Juanco**; Caridade, por **Túlio Rosa**; Crónica Estrangeira; Notas e Comentários; Noticiário

11.º ANO MARÇO DE 1950 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	28$00	42$00
A Génese (nova edição)	28$00	42$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	50$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	42$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO | LISBOA, MARÇO DE 1950 | N.º 3

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ALMAS AMIGAS

Almas amigas, eu vos agradeço. Viestes dos quatro quadrantes trazer lenimento à dor que me alanceia, escudar-me contra a fraqueza humana que não sabe resistir a semelhantes embates. As vossas palavras acalmaram, tonificaram, cicatrizaram. Algo de imponderável me sustém para que não caia, para que não resvale no perigoso declive. E eu quero caminhar de pé, entregue ao ideal que decidiu da minha vida. Quero lutar, quero manter-me fiel à palavra dada. Quero gastar os dias que me restam trabalhando e amando, progredindo sempre.

Eu vos agradeço, almas amigas, pelo bem que me fizestes. Andava trémulo, apavorado, e os vossos pensamentos fortaleceram a minha fé. Julgava-me inerme, e sinto forças ignoradas que me soerguem, que se conjugam para me amparar. É qualquer coisa de novo que me rodeia, que me empolga, que me orienta os passos. Para vós, é «qualquer coisa»; para mim, sei o que é. Por isso vou tendo confiança, vou andando e apelando. Tudo se reconstituirá um dia, quando voltar a plenitude. Então hei-de ser o mesmo de outrora. Hei-de comprir a minha promessa, satisfazer o meu desejo.

Hoje sou outro ser. As minhas ideias modificaram-se. São mais precisas, mais concretas, mais humanas. Cada vez adoro mais a candura dos simples. O gongorismo não serve o apostolado.

Ó almas amigas, é preciso sofrer intensamente para sentir melhor a dor alheia. O que se perde para sempre deixa laivos que a memória não esquece e duram a vida inteira. Fazem sofrer a vida inteira. Reflectimo-los no semblante, no olhar, na fala, nos gestos, nas atitudes e acabam por nos transformar. Os familiares estranham-nos e os amigos desconhecem-nos. Entramos num mundo diferente cheio de esconsos misteriosos e acabamos por nos afazer a eles, saturados de sofrimento, enevoados pela saudade.

As vossas palavras fizeram-me bem. Diluiram-me a tristeza de alma e criaram um ambiente onde vislumbro nobres e generosas aspirações.

Tacteio e sinto apoio. Meus passos são mais equilibrados, mais coerentes. Preciso de me orientar, saber o que tenho à minha volta. Eu não me envergonho de confessar a minha fraqueza. Os orgulhosos é que se envergonham. Eu confesso-a sem receio. Quem for tão forte que não sinta estas dores é super-homem. Eu não sou. Mas procuro alcançar pelo meu esforço o que outros conseguem com esforço alheio.

Almas amigas, eu vos agradeço a intenção. O bálsamo que me trouxestes é ouro de lei. Guardo-o no coração amargurado, junto à minha esperança e à minha fé. Bálsamo que rejuvenesce é bálsamo divino.

Continuo a caminhar, recebendo o que de melhor existe na vida, elevando-me em preces e dando-me em abraços. Quero assim. Nesta ascensão harmoniosa farei o que puder para me transcender em bondade e caridade. O que se leva é isso. O mais é peso morto.

Almas amigas, irmãos espirituais que sentistes a minha dor e a grandeza do meu drama: recolho as vossas vibrações, como se um doce refrigério me invadisse todas as células. É um banho lustral que não posso descrever. Sente-se, mas não se descreve. A linguagem é tão mesquinha! O léxico é tão grosseiro!

Conto com a vossa amizade. Recompensar-vos-ei em gratidão eterna. De mim não se apagará jamais o vosso gesto fraternal. Guardá-lo é meu dever. Guardá-lo e acarinhá-lo.

Almas amigas que me trouxestes conforto e solidariedade, eu vos agradeço. Vamos trabalhar em conjunto para que a Causa Espirita seja prestigiada. Ponhamos o coração na inteligência e a inteligência no coração. Caminhemos de mãos dadas, olhos nos olhos, dispostos a sofrer, como quem não teme.

Vinde conosco, almas amigas!

REINO ESPIRITUAL

Tese *apresentada ao 2.º «Congresso Espiritista Pan-Americano» reunido na Cidade do Rio de Janeiro, de 3 a 12 de Outubro de 1949, pelo Dr. Levindo Mello, em nome da «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», de que é Presidente.*

I — Tudo que existe nos Universos: — Mundos, Espaços Siderais, Espíritos, Princípios Espirituais, Éter, Matéria, Energia, etc., constitui a Natureza, que é Criação de Deus.

II — A Ciência, que é materialista, considera a Natureza dividida em três Reinos: o Mineral, o Vegetal e o Animal. A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que põe em acção a Ciência Espiritualista, proclama a existência de um quarto reino: o *Reino Espiritual.*

Reino é o conjunto de seres, que têm caracteres comuns.

O Espírito é um ser.

O Espíritos, não obstante a multiplicidade de forma que apresentam, de acordo com os respectivos graus de evolução, têm caracteres comuns, tais como a imaterialidade relativa, a capacidade de orientação (inteligência, em gradações infinitas) a acção através do Éter e por vibração, e a possibilidade incessante de progresso.

O conjunto dos Espíritos constitui o Reino Espiritual.

O «habitat» dos Espíritos é o Espaço interplanetário, na situação de Espíritos puros (seres independentes, definitivamente), de desencarnados (seres independentes, temporàriamente, vivendo fora do corpo humano), de desinanimalizados (seres independentes, temporàriamente, vivendo fora do corpo Animal), de desinvegetalizados (seres ou formas espirituais independentes, temporàriamente, vivendo fora do Vegetal) e de desimineralizados (seres ou formas espirituais independentes, temporàriamente, vivendo fora do Mineral); e também é o corpo humano (na situação de encarnado), o corpo animal (na situação de inanimalizado), o vegetal (na situação de invegetalizado) e o mineral (na situação de imineralizado).

De todos os Reinos, o mais importante é precisamente o espiritual, até agora ignorado como Reino, porque abrange todas as inteligências, desde a que governa o Infinito, até às que animam ou comandam a vida dos seres dos demais Reinos. São pois os Espíritos, das formas mais rudimentares às mais aperfeiçoadas, considerado que seu progresso se faz de quase zero a infinito, que constituem o Quarto Reino da Natureza, ou Reino Espiritual.

Na escalada evolutiva, o Espírito vive ora no Espaço interplanetário, ora a dar vida ao mineral, ao vegetal, ao animal, de que se utiliza como instrumento de progresso. E sempre progredindo, cada vez que retorna do Espaço se utiliza de ser mais evoluído, até passar ao Reino imediato, e assim sucessivamente.

São características dos Quatro Reinos da Natureza os seguintes: do Mineral, a imobilidade; do Vegetal, a clorofila; do Animal, a deslocação; e do Espiritual, a imaterialidade (relativa).

III — A Teoria de Darwin, da selecção natural das espécies, com a sobrevivência dos mais aptos, demonstrativa de que os animais provêm uns de outros, e de que o homem provém do macaco, deixa entrever que na Natureza o progresso é incessante, e que não há ilogismo na teoria de que a evolução do Espírito se processe nos Quatro Reinos da Natureza: o Mineral, o Vegetal, o Animal, e o Espiritual.

Hoje, a teoria de Darwin não pode circunscrever-se ao Reino Animal, tem de invadir os Reinos Vegetal e Mineral, porque já se verificou que não há separação entre eles. Se não existe separação, como se deter na forma animal mais elementar ? E qual essa forma ? Há seres difíceis de classificar, seja no Reino Animal, seja no Reino Vegetal, porque possuem características de ambos. A Euglena, por exemplo, é um protozoário, flagelado, aquático, que se nutre pela boca como animal, e possui clorofila, elemento característico do vegetal. O Fungo, por sua vez, dotado de organização mais típica de vegetal que de animal, não possui, contudo, clorofila. As bactérias em geral (bacilos, cocus e espirilum) são seres intermediários dos Reinos Animal e Vegetal, que se nutrem pela foto-síntese e, portanto, estão mais próximos do Reino Animal; há bactérias, não obstante, que se deslocam e nutrem como os animais.

Assim como os seres provêm uns de outros, através dos milénios, os Espíritos, que são as forças inteligentes que os governam, inconsciente ou conscientemente, deles se utilizam, em sua graduação infinita, para progredir nos Reinos Mineral, Vegetal e Animal, até que fiquem em condições de evolver sòzinhos, independentemente deles, no Reino Espiritual.

Essa é a verdadeira vida — a do Espírito, da qual a terrena é apenas uma fracção; mas... que é a vida ?

A Ciência materialista considera a vida apenas na Terra, embora se utilize de instrumentos de óptica, pontentíssimos, para devassar o Espaço interplanetário e os astros; a Ciência Espiritualista considera-a, entretanto, no Espaço interplanetário e nos planetas, para ela de regra habitados — neste e em todos os demais sistemas solares existentes no Infinito. As duas definições de vida, tidas por melhores, dentre as materialistas, são a de Lewes e a de Blainville. Lewes definiu que «a vida é uma série definida e sucessiva de transformações, tanto na estrutura quanto na composição, que se operam no indivíduo, sem destruir-lhe a identidade»; e Blainville, que «a vida consiste em duplo movimento de composição e decomposição, ao mesmo tempo geral e contínuo, entre o organismo e o meio».

A essas definições da fracção, a Ciência Espiritualista contrapõe esta (do todo) — «A vida é o progresso incessante do Espírito, através dos Quatro Reinos da Natureza: o Mineral, o Vegetal, o Animal e o Espiritual».

IV — Deus não tem forma humana. Tal como o Espírito, que é uma inteligência a governar o Infinito, com os milhões de sistemas solares, que o integram. E por essa razão é que se diz, com acerto, que Deus está em toda a parte. Ele não vive a se deslo-

car, de uma parte para outra. Ele já está, em toda a parte.

Há duas espécies de força na Natureza: a que não é capaz de se orientar — energia; a que é capaz de se orientar—inteligência.

A vida do Espírito começa em quase zero. Em começo, o Espírito é a menor fracção da inteligência divina, que pode viver independentemente dela. Sendo força, pode deslocar-se; sendo inteligente, pode orientar-se. Deslocando-se, age no meio; pondo-se em acção, tende a sofrer reacções. A resultante das acções e das reacções é o progresso. A reacção pode ser de ordem intelectual, ou moral, trazendo, pois, conhecimento ou experiência, para o ser.

Para regrar as relações entre os corpos físicos, no Infinito, Deus estabeleceu leis físicas; para reger a vida, onde houvesse, no Espaço interplanetário, ou nos astros — leis morais. A vida de todos os seres, do micróbio ao homem, na Terra, no Espaço interplanetário e nos astros, está sujeita a leis, eternas e imutáveis, que, em conjunto, constituem a Moral Pura. Uma das leis da Moral Pura, que rege a vida do Espírito, em todo o seu ciclo, é a da acção e reacção: «A cada acção corresponde uma reacção, contrária e igual, imediata ou mediata, mas fatal». Cada acção má provoca reacção má; cada acção boa, reacção boa; cada acção mista, reacção mista. A reacção má dá experiência e faz com que se não volte a provocá-la. O mal dá experiência ao Espírito: faz com que renegue o próprio mal e busque o bem. É sobre o mal que floresce o bem.

O Espírito evolve à custa do que adquire, em conhecimento, pela observação e pelo estudo; e em experiência, pelas reacções que recebe, das acções que pratica — más, boas ou mistas.

E sendo o progresso moral uma das duas finalidades principais da vida do Espírito, a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro considerou insuficientes os conceitos de que «Fora da Igreja não há salvação» e «Fora da fé não há salvação», para adoptar o, de todos, mais completo — «Fora da moral não há salvação».

Por força de propagar que a evolução do Espírito se processa nos Reinos Mineral, Vegetal, Animal e Espiritual, teve, também, de ampliar devidamente a regra que encerra o mandamento de «Amai o próximo como a vós mesmos» para «Amai os seres vivos».

V — Para a Ciência materialista, o Reino Mineral é constituido de seres brutos, ou sem vida; e os Reinos Vegetal e Animal, de seres vivos. A Ciência Espiritualista proclama os minerais, enquanto na rocha, seres vivos.

Na acepção materialista, o que caracteriza o organismo vivo é a existência de protoplasma (à base de carbono, ou de compostos carbónicos: hidratos, gorduras e proteinas; água e sais minerais). O que caracteriza a vida, para a Ciência Espiritualista, no entanto, é a existência, no ser, de uma força dirigente. Os minerais nascem, crescem e decompõem-se. No conceito da Ciência materialista, o mineral cresce por adição, superposição, ou conjugação de partículas de idêntica substância, e de acordo com as leis da Cristalogenia. O crescimento, contudo, não é arbitrário; é dirigido. A forma natural do mineral é o cristal. O cristal está para o mineral como a célula para o vegetal e para o animal. Todo mineral é constituído de minúsculos cristais, da mesma forma geométrica e do mesmo tamanho. As leis da Cristalogenia não foram mero produto de invenção, mas induzidas pelo mineralogista, à observação dos factos. A Mineralogia adquiriu foros de ciência no século passado, graças à contribuição de Haüy, em Paris, interpretando as formas cristalográficas e publicando o «Essai d'une Théorie sur la Structure des Cristaux» (1784), o «Traité de Minéralogie» (1801-4 vols.) e o «Traité de Cristallographie» (1822); de Werner, em Freiberg, descrevendo e classificando os minerais; e de Weiss, em Berlim, estabelecendo a relação entre a posição das faces e os eixos dos cristais, com a «Lei de racionalidade dos Índices». Se é exacto que podemos obter a cristalização pela fusão, sublimação, dissolução e evaporação, dissolução a quente, e resfriamento, e, ainda, por efeito de correntes eléctricas, essa não é a forma natural da substância, mas provocada, artificialmente. A forma cristalina é propriedade geral do Reino Mineral. Se o crescimento do mineral se operasse por simples adição, superposição ou conjugação de partículas, mas arbitràriamente, o mineral acabaria disforme; há, sempre, uma força a assegurar a mesma forma, tamanho, coloração e pureza para os cristais, evitando, principalmente, a adição, superposição ou conjugação excessiva e, portanto, deformante. Além disso, essa força, entre várias substâncias, só permite que adiram as que convêm. Como se verifica, há uma força controlando, orientando, dirigindo o crescimento do mineral. Dizem os leigos que o crescimento obedece às leis. Apenas por si, todavia, as leis não bastam. Tal como no campo do Direito, em que as leis, para produzir efeito, precisam de um poder coactor, ou de força, que as imponha, no mineral também há uma força, fazendo com que se observem determinadas leis, durante seu crescimento. E essa força, com capacidade de orientar, embora muito limitadamente, é o Espirito, nos estágios primários de seu ciclo evolutivo. Provindo da inteligência divina, e sendo Deus perfeito, o Espírito, em começo de vida, é uma inteligência perfeita; como seja infinitesimal, entretanto, suas possibilidades são mínimas, sua potencialidade é infinitésima. E desse primevo é que ela se desenvolve, expande e agiganta, à custa de conhecimento e de experiência adquirida, através do Reino Mineral, Vegetal e Animal, até conseguir a sabedoria necessária, isto é, saber e moral em alto grau, para passar a progredir ùnicamente no Reino Espiritual.

VI — Julian Huxley e outros cientistas, expendendo conceitos sobre o comportamento animal, afirmam que o primeiro erro é admitir que os animais sejam dotados de faculdades superiores do Espírito humano, como a inteligência, a vontade, estados emotivos complexos, como a esperança, o temor, ou ainda capacidade de rápida aprendizagem, de imitação, de memória, etc. Haveria erro, evidentemente, em admitir tais faculdades nos animais, em grau de desenvolvimento igual ao do homem, ou pelo menos, dele aproximado. Cada animal possui inteligência, vontade e paixões da alma proporcionalmente a seu grau de desenvolvimento, considerado o ciclo evolutivo total do Espírito. O homem tem grau de inteligência tal, que basta ver um fio eléctrico, para lhe não tocar, supondo que possa levar choque. É conhecida, contudo, a experiência com a minhoca, que possui cérebro rudimentaríssimo e levou quarenta choques, até que aprendeu a subir na haste vertical de um tubo de vidro em T, ao invés

de continuar a caminhar, mais còmodamente, pela haste horizontal, cuja extremidade se achava obliterada por uma placa, carregada de ténue corrente eléctrica. É notório que o cão é susceptível de amizade, de ciúme e de cólera. E não são paixões da alma ?

Sobre o comportamento vegetal e sobre o comportamento celular, têm sido realizados estudos interessantes. Sir J. C. Bose, de Calcutá, em experiências que realizou, informa ter verificado que as plantas podem pulsar e transmitir sensações, como se fossem dotadas de coração e nervos.

O Dr. R. G. Canti, filmando células dissociadas, a grande velocidade, para depois projectar em câmara lenta, verificou que a célula rasteja; sente-se atraída por outra célula; e caminha para a outra, passando por cima dela, ou pondo-se a movimentar em sua volta — evidenciando a irritabilidade, a contratilidade e a coordenação de que é dotada.

VII — A Ciência materialista, oficial ou académica, estuda a Natureza em três grandes Reinos materiais — o Mineral, o Vegetal e o Animal (este com uma sub-divisão — «Reino Hominal»); a Ciência espiritualista, porém, lhe acrescenta lògicamente mais um — o «Reino spiritual» ou «Quarto Reino da Natureza», assunto da presente *Tese;* indubitàvelmente o mais importante de todos, pois é nele que existem Deus, Jesus, os Espíritos, os Princípios Espirituais Rudimentares, em gradação infinita.

A existência do Reino Espiritual está implicitamente revelada no Evangelho do Mestre, nos dois Testamentos, em todas as Religiões antigas e modernas, principalmente no Espiritismo científico, bem como nas melhores obras sobre Teologia, Cosmogonia, Filosofia, Metafísica, Astronomia, etc.

VIII — Deve ser ele estudado explicitamente, com método científico e filosófico, por todas as inteligências livres e cultas, emancipadas de preconceitos, a fim de produzir bons frutos, benéficos e necessários à compreensão segura de muitos problemas, até agora insolúveis ao saber humano.

IX — É um Reino eterno, independente, leve, livre, que existe por si mesmo, e orienta e governa os três Reinos da Matéria, que são de vida passageira e transitória, e cujos fenómenos lhe são determinados pelo Reino Espiritual — bem como a vida, o destino, a forma, a duração, a evolução, etc., dos seus elementos componentes.

É o Reino da energia de alta vibração, ao passo que os outros Reinos são da energia condensada, de baixa vibração, material, cativa e pesada. Poderiamos afirmar que os elementos mais evoluidos do Reino Espiritual vêem e conhecem não só os seres que o constituem, como os dos demais Reinos, sendo que os componentes destes não podem ver, nem conhecer os do primeiro, que lhes são invisíveis e desconhecidos.

X — Os seres inteligentes do Reino Espiritual, Espíritos e Princípios Espirituais, vivem em todos os planetas, bem como nos Espaços interplanetários. É um Reino que tem existência real, tangível para o seu meio vibratório, sempre em actividade e evolução, com a sua paisagem própria, cheia de luz, paz, harmonia, perfume, felicidade, espiritualidade, elevação.

XI — No futuro, com o progresso que há de vir para a Ciência, não mais haverá necessidade de se dividir o estudo da Natureza em Quatro Reinos, mas apenas em «Dois», que serão o «Espiritual» e o «Material»; o «Espiritual» com duas subdivisões — a dos «Espíritos» e a dos «Princípios Espirituais» (ou «Almas Fragmentárias»), — segundo seu grau de evolução espiritual, seu progresso moral, sua consciência, sua inteligência, etc.; e o «Reino Material», com três subdivisões — a dos «Minerais», a dos «Vegetais» e a dos «Animais».

XII — Quando a verdade do Reino Espiritual for admitida pela Ciência oficial, o Materialismo terá deixado de existir, e a Humanidade, com isso, terá realizado um progresso glorioso na estrada larga da evolução moral e espiritual.

XIII — Ele escapa à percepção dos nossos cinco sentidos, mas nos é evidenciado pelo Espiritismo científico, pela Metapsíquica, pelo sexto sentido, pela intuição, pelas faculdades mediúnicas em geral, pela consciência esclarecida da criatura em relação ao Criador, que é Deus.

XIV — É o Reino Espiritual que liga e religa, entre si, moral e espiritualmente, o homem e os Espíritos a Deus, bem como os seres dos quatro Reinos entre si, pela sintonização das suas vibrações; e também liga, uns aos outros, os diversos planos etéreos da vida, nos Espaços siderais e nos biliões de mundos habitados.

XV — A nossa «Tése do Reino Espiritual» explana doutrina valiosíssima, por seu teor de realidade, por seus aspectos novos, por sua existência na eternidade do tempo, por sua extensão no infinito dos Espaços; e também por ser ignorada pela grande maioria dos homens, devendo, por tudo isso, ser estudada com dedicação por todos, principalmente pelos intelectuais espiritistas.

XVI — Os seres livres do Quarto Reino deslocam-se através do Éter, segundo a sua evolução, com a velocidade do pensamento, isto é, muitíssimo superior à da luz, para os Espíritos de grande projecção moral e espiritual.

XVII — Há caracteres comuns aos seres dos Quatro Reinos da Natureza, tais como: — a «paternidade única» de Deus, para todos os Espíritos e Princípios Espirituais; o «destino único» de todas as criaturas que, conseguida grande evolução espiritual, outorga a todos igual felicidade, igual sabedoria, iguais encargos, iguais deveres e responsabilidade; o «elo comum» do amor fraternal, que une, inconscientemente, todos os seres, uns aos outros.

XVIII — A ideoplastia, a formação do pensamento e a sua transmissão ou telepatia, a prece, a monição, a premonição, a visão do futuro, a criação fluídica de quadros, objectos, seres, etc., bem como o preparo espiritual das sessões espiritas, a formação e o desenvolvimento das faculdades mediúnicas, a inteligência, os sentidos espirituais, o progresso moral e espiritual, as invenções, as descobertas, a cura moral, a reencarnação, etc., tudo, todos esses factos pertencem ao Reino Espiritual.

XIX — *Allan Kardec*, em a sua valiosíssima Codificação, há quase cem anos atrás, recebeu dos Espíritos o ensinamento de que, durante o sono, normal ou provocado, ou patológico, a vida orgânica do corpo físico se mantém à custa de uma corrente espirítica, que parte do Espírito e vai actuar no corpo material — através de um «cordão fluídico», que liga inevitavelmente um ao outro durante a vida terrena, e cujo rompimento provoca o chamado fenómeno da «morte» ou desencarne; bem sabemos que o Espiritismo é doutrina científica, evolutiva, dinâmica, e jamais retardatária ou estática; hoje, qua-

de um século após o advento da Codificação, os Espíritos de luz nos ensinam que a expressão «cordão fluídico» deve ser compreendida como significando uma «corrente vibratória espirítica», em jacto contínuo e em ondulações de altíssima frequência; à maneira do conhecido aparelho «rádio-emissor» de ondas hertzianas, só são recebidas pelo aparelho «rádio-receptor com ele sintonizado», — o Espírito emite contìnuamente copiosa torrente de vibrações, que percorrem o Espaço em ondulações concêntricas, a grandes distâncias e em todas as direcções — mas que só podem actuar no seu aparelho receptor sintonizado, isto é, no cérebro e no sistema nervoso do corpo físico por ele modelado e criado, e que dormem em qualquer local dos Universos, sintonizados de modo perfeito e absoluto com o Espírito emissor.

XX — Existe naturalmente, também, no Quarto Reino, a «Medicina», a dos Espíritos dedicados a essa Ciência e à caridade, por acção directa sobre os doentes encarnados, ou desencarnados, com a aplicação consciente e científica de todos os recursos da Terapêutica espirítica, tais como os «fluidos curadores do Espaço», a prece, o passe, o magnetismo, a luz, a água «magnetizada», etc.; e assim se explicam claramente as curas prodigiosas do Espiritismo, das demais religiões e também as aparentemente inexplicáveis curas espontâneas, em casos graves e mortais, tão comuns à observação médica.

XXI — O Reino Espiritual existe junto de nós, como os outros Três Reinos, uns ao lado dos outros, em perfeita harmonia psíquica, em evolução espiritual de um para outro, sempre progressivamente.

XXII — Como vimos anteriormente, o Éter pertence ao Quarto Reino, e é através dele que se propagam (como é lógico supor) as ondulações ou vibrações do altíssimo pensamento de Deus, bem como, em grau menor, as dos Espíritos livres, dos homens, dos animais, da luz, da electricidade, do magnetismo, das ondas hertzianas, da irradiação dos corpos materiais, da gravidade, da gravitação, etc.

XXIII — «Amar todos os seres» é uma consequência lógica do estudo do Reino Espiritual, bem como não maltratar os animais, não matá-los para devorar-lhes as carnes e as vísceras.

XXIV — Pela enorme diferença que existe entre as vibrações do Espírito livre e as do homem (Espírito encarnado), este não pode agir sobre aquele senão pelo pensamento, pela prece, pela superioridade moral e nunca, absolutamente, por «meios materiais», tais como velas, pólvora, defumadores, impropérios, etc.

XXV — Quando estamos «dormindo», passamos a viver mais no Reino Espiritual, que no Material ou Animal; quando «mortos» ou desencarnados, só existimos no Quarto Reino; «acordados», vivemos nos dois planos: pelos atributos do Espírito, no Reino Espiritual e pelos do corpo físico — no Material, sujeitos às sensações da dor, do calor, frio, fome, sede, fadiga, vícios, doenças, etc.

XXVI — Todos os fenómenos da Mediunidade, que é a melhor base do Espiritismo científico, quer se trate de «fenómenos subjectivos e inteligentes», quer de «fenómenos objectivos e materiais», tais como materialização de Espíritos, transposição da matéria através da matéria, levitação e transporte de objectos, etc., — são do domínio exclusivo do Reino Espiritual.

XXVII — A lei, que preside ao estado e à situação dos Espíritos no Espaço, é enunciada da seguinte maneira: «No Reino Espiritual, quanto menor for a massa fluídica, tanto maior será a sua frequência vibratória, bem como a sua pressão de irradiação».

XXVIII — O «Perispírito» é um elemento importantíssimo na vida e na evolução dos «seres», sejam «livres no Espaço», sejam «encarnados» ou «ligados à matéria bruta», pois além de constituir o seu organismo semi-material, é também evolutivo, plástico, sede e arquivo da memória, morfológico, fluídico, aura reveladora do nível moral, modelo do corpo físico, sede do instinto, do inconsciente ou sub-consciente, regulador gradativo da luz irradiadora do Espírito e que se vai adelgaçando progressivamente, conforme a elevação do princípio espiritual, possibilitando assim a sua luz brilhar cada vez mais; nos «encarnados», ele é o elemento animador do «fluido nervoso» e do «fluido vital», permitindo ao Espírito agir sobre o corpo físico; participa, por sua composição físico-química, das propriedades inerentes ao Reino Espiritual e Material; é o elemento de que o Espírito precisa para viver e actuar em diversos planos, principalmente no da existência terrena; a realidade perispiritual pertence aos Quatro Reinos da Natureza, precedendo rigorosamente ao nascimento, ou à geração dos corpos físicos, e voltando a viver nos planos etéreos, depois do «desencarne» — no Reino Animal, da «desinvegetalização» e da «desimineralização» — nos Reinos Mineral e Vegetal, respectivamente.

XXIX — O Perispírito, com o evolver incessante da moral e da sabedoria do Espírito que o anima, perde, depois de atingido um altissimo grau de evolução, como Espírito puro, as suas características semi-materiais, tão necessárias à existência dos seres terrenos e extra-terrenos, e se confunde, tal a delicadeza da sua trama específica, com o próprio Espírito, em um só elemento espiritual, fluídico, harmónico, luminoso, irradiante.

XXX — Enquanto o Quarto Reino contém em si todos os seres espirituais, os outros três Reinos, animadores da matéria bruta, possuem apenas uma fracção do todo, do conjunto de todos os elementos vivos da Criação, isto é, sòmente a parte que se acha «encarnada» — no Reino Animal, «invegetalizada» — no Reino Vegetal e «imineralizada» — no Reino Mineral, mas que, mesmo assim, pertence também ao Reino Espiritual — por seus elementos espiríticos imortais.

XXXI — É mister estejamos sempre atentos para não confundir o «Reino Espiritual», que é absolutamente «natural», com a velha concepção de «Reino de Deus», ilògicamente considerado «sobrenatural», pois não há o «sobrenatural»: tudo que existe é regido por leis naturais.

XXXII — Em 1 de Janeiro de 1944, «Mundo Espirita» publicou um longo artigo, explanando ideias recebidas psicogràficamente por um médico brasileiro, a respeito do «Reino Espiritual», ou «Quarto Reino da Natureza», sendo o primeiro estudo conhecido sobre o assunto — ao que sabemos.

XXXIII — Todas as ideias ventiladas nesta *Tese* são apresentadas pela «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de de Janeiro» como simples hipóteses de trabalho, pontos de partida, base para futuros exames mais profundos, investigações científicas, que tragam aos homens provas definitivas de sua realidade, ou irrealidade.

O INSTINTO

por CIRILLO ALEIXO

O que é o instinto?

Quem desconheça a harmonia que rege toda a natureza, ou pretenda ver em tudo o efeito de actuações sobrenaturais, não pode compreender que o instinto seja a acumulação das miríades de experiências de todas as existências pretéritas, armazenadas automàticamente no nosso duplo etéreo.

O instinto sintetiza todas as aquisições do passado, obtidas pelo nosso esforço, sabe Deus à custa de quantos sacrifícios, desde o dia em que as primeiras e rudimentares formas começaram a dar guarida ao princípio espiritual, numa evolução constante para a fonte de onde dimanam todos os seres.

Nem mesmo podia deixar de ser assim, porque do nada, nada pode sair e, no instinto, revelam-se conhecimentos profundos, que implicam necessàriamente, uma aprendizagem anterior.

Analisando bem, vê-se que instinto e razão no passam de duas fases de consciência, tendo sido ultrapassada no homem, a primeira — essa fase inconsciente — e tendendo a segunda, para a sua formação.

Nas primeiras formas que iniciaram a vida neste planeta, o princípio espiritual deu começo à gigantesca obra de expansão psíquica, numa luta titânica e, à custa de uma longa série de ensaios, em contínuas acções e reacções com as forças ambientes, acabaram por se fixar os primeiros automatismos, começando desde logo a formação do instinto, depósito de todas as nossas experiências transactas.

É por isso que ele alia à profunda sabedoria, uma inabalável firmeza, uma vez que é o conjunto de todas as aprendizagens vividas e definitivamente assimiladas.

De vida em vida, a evolução foi fixando lentamente as suas conquistas, dando lugar a que novas funções fossem servidas por novos orgãos e a zona dos instintos fosse também ampliada, num desenvolvimento sempre crescente, patenteando-se assim, através desse vasto transformismo, uma ideia directriz, actuando sempre do interior para o exterior, pois que é no ámago das coisas que reside a essência de todos os fenómenos.

E assim, a centelha divina, a princípio inexperiente, foi-se enriquecendo gradualmente com a prática de cada existência, porquanto tudo o que é assimilado definitivamente, passa a fazer parte integrante da nossa subconsciência, como património sagrado, onde jaz no estado latente, pronto a despertar, sempre que as circunstâncias o exijam.

Para se dar essa assimilação, essa transferência definitiva para o subconsciente, onde ficará eternamente gravado, é necessária uma repetição mais ou menos longa dos mesmos actos, até que eles sejam executados automàticamente, ou seja, sem o concurso do consciente.

A repetição de tudo que é novo exige no começo o concurso da razão, até que, fixando-se em automatismos, é definitivamente transferido para aquela zona, onde se armazenam todas as nossas conquistas.

Não assistimos nós diàriamente a fenómenos idênticos? Uma criança que aprende a andar, põe, a princípio, toda a sua atenção nos passitos que a medo e por tentativas vai ensaiando.

À força, porém, de inúmeras repetições, aquela atenção vai afrouxando à medida que os passos se vão automatizando, até dispensarem definitivamente o concurso do consciente.

A partir desse momento, a criança passa a andar inconscientemente, porque a repetição constante do mesmo acto deu lugar a um automatismo, que se fixou indelèvelmente no subconsciente.

Um indivíduo que aprende a escrever à máquina, a tocar piano, etc., terá, a princípio, de concentrar toda a atenção na manipulação do teclado, que, geralmente, lhe parece um bicho de sete cabeças. Com o prosseguimento, porém, da aprendizagem, aquela atenção vai abrandando, enquanto os de-

dos vão ganhando um automatismo cada vez maior, até dispensarem o concurso da atenção, isto é, até que esses movimentos, a princípio conscientes, se transformem em automatismos, definitivamente gravados no subconsciente.

Muitas mais comparações poderiam ser tomadas, a fim de nos mostrarem o paralelismo entre as mesmas existe e o que desde remotas eras vem sucedendo com a formação dos instintos. A princípio penosos, faceis depois e por fim automáticos e inconscientes, eis a trajectória dos nossos actos e a técnica da formação dos instintos, que não são mais do que o depósito sagrado de tudo o que lenta e penosamente fomos aprendendo, através de uma infinidade de formas e de existências.

O instinto é invariável, porque os automatismos que lhe deram origem foram moldados sob a influência das forças ambientes, que actuaram também de forma invariável, como, afinal, todas as leis do Criador.

Que extraordinária não é a presciência do instinto, assente assim sobre porfiadas aprendizagens, transferidas definitivamente para o envoltório fluídico!

Ele é, pois, previdente, sem jamais se enganar, por se ter instruído já o suficiente e actua sem reflexão, justamente por já ter reflectido o necessário.

Na fase instinto, a sabedoria está definitivamente conquistada, enquanto que na fase razão, se trabalha nas aquisições do futuro. A primeira fase alcançou um grau de maturação, ainda não atingido pela segunda, que age por tentativas. Esta última, é como que um laboratório imenso, onde o ser, em sucessivos ensaios, vai adquirindo gradualmente, os conhecimentos necessários, que se hão-de automatizar oportunamente, na zona do inconsciente.

Nos animais, a zona consciente é muito reduzida, mas existe, assim o atestam as observações que cada um pode fazer. Um animal carnívoro, por exemplo, é obrigado pelo instinto a alimentar-se de carne, porém, a forma como se apodera da presa, variável conforme as circunstâncias, é efeito da razão.

A zona dos instintos tende a ampliar-se com as conquistas feitas no consciente, ao mesmo tempo que a zona do consciente tende a delocar-se insensìvelmente para o superconsciente, essa fase divina, de onde há-de sair a super-humanidade do futuro.

Tentemos ilustrar, de alguma maneira, a técnica da formação dos instintos. Suponhamos que um ser rudimentar, vivendo no seio das águas oceânicas, se aproxima tanto da orla do mar, que acaba por ser atirado à costa, onde gradualmente se vai mirrando, sob a acção dos agentes exteriores.

O princípio espiritual que o animava, irá então dar vida a uma forma idêntica, a qual, suponhamos, acaba também por ter o mesmo fim e suponhamos ainda, que isso sucede milhares ou milhões de vezes.

Resulta de aí, que a constante repetição do mesmo facto, acabando sempre pela destruição física daquele ser, acaba por despertar no seu princípio espiritual, uma percepção sem dúvida muito vaga, mas no entanto real, que o levará a procurar afastar-se da orla oceânica. Essa percepção, à força de múltiplas repetições, transformar-se-á em automatismo, pronto a ser gravado indelèvelmente no duplo etéreo, sob a forma de instinto.

Quando os peixes desconfiam de armadilhas mal disfarçadas, obedecem também à voz do instinto, por, numa longa série de experiências fatais, terem adquirido aquela inconsciente sabedoria.

Só as pessoas alheias a estes assuntos é que poderão perguntar quem ensinou esses seres a afastarem-se de tudo que lhes é perigoso. Eles o aprenderam através de uma longa e dolorosa série de experiências e essa aprendizagem, uma vez assimilada pelo subconsciente, passou a agir sob a forma de automatismos. De futuro, não mais terão que se preocupar com uma coisa que já aprenderam e serão obrigados, pela rede de acções e reacções que os envolve, a progredir noutro sentido, para a formação de novos instintos e assim sucessivamente, ao mesmo tempo que o princípio espiritual, numa ânsia de perfeição, vai modificando gradualmente a forma, criando novos orgãos e sentidos, num progresso sem fim, rumo a Deus.

Quem ensinou os castores a edificarem cabanas sobre a água, a construirem estradas e diques, com uma perfeição incompatível com a sua rudimentaríssima inteligência? Poder-se-á objectar que por verem fazer a mesma coisa aos outros castores, mas, experiências feitas nesse sentido, levaram a pôr de parte essa hipótese, por se ter verificado que tais roedores, isolados para esse fim desde tenra idade, agiam na altura própria, sob a acção de uma força irresistível, acabando por edificarem com a mesma segurança e perfeição dos restantes.

Como é que os pompilos — insectos herbívoros — sabem que a alimentação de seus

filhos, quando nascem, tem de ser diametralmente oposta à sua, para depositarem os ovos justamente sobre cadáveres?

Quem lhes fez ver que a espécie não sobreviveria se os ovos fossem postos sobre vegetais? E como é que a abelha fura-madeira sabe que tem de pôr os ovos em espaços bem fechados a fim de assegurar a seus filhos um repouso de perto de um ano, sem o que a espécie se extinguiria? Estes insectos, que nunca viram os pais nem sequer verão os filhos, em virtude de morrerem pouco depois da postura, têm ainda o cuidado de rodear os ovos dos mantimentos necessários à alimentação das respectivas larvas.

E quem disse também aos oníderos que seus filhos, quando nascem, devem comer animais vivos, para o que os amontoam sobre os seus ovos, mas não sem que primeiro os firam, de forma a provocar-lhes uma paralisia incurável, para que não fujam e para se conservarem vivos até as larvas nascerem? Mas a sua «sabedoria» vai ainda mais longe, pois promovem a alimentação da própria presa, a fim de não morrer, antes de atingido aquele objectivo.

Quem ensinou, pois, todos estes seres a agirem com tanto conhecimento de causa, senão o instinto, essa sabedoria profunda, de que nos vimos ocupando?

Um cavalo, em cuja estrebaria seja colocada palha que tenha estado junto de um leão, é tomado de um terror indescritível, muito embora viva a milhares de quilómetros da selva e nunca tenha visto, sequer, aquela fera. É que no seu duplo fluídico, se há gravado aquela repulsão, após sucessivas e dolorosas experiências ancestrais, nas quais devia ter sido imolado muitas vezes.

Em cada existência, esses seres se comportam de forma idêntica, porque o invólucro fluídico, onde aqueles automatismos estão gravados, fará com que em todas as formas eles obedeçam aos seus impulsos invariáveis. Que importa que os animais não vejam o que fazem os seus semelhantes, se no perispírito é que reside a fonte dos conhecimentos adquiridos?

À primeira vista poderá parecer que estes seres são portadores de desenvolvida inteligência, mas não haja dúvidas a esse respeito, pois que são incapazes de agir com tanto conhecimento de causa, fora daquilo que o instinto lhes permite.

Que trabalho, que ânsia de progresso não representam os instintos, desde os zoófilos — os animais plantas — situados na fronteira dos reinos vegetal e animal, até ao homem! E que trabalho não representam também as aquisições feitas anteriormente pelas plantas, desde o seu aparecimento, até aos zoófitos, uma vez que a diferença entre planta, animal e homem, consiste apenas no maior ou menor caminho percorrido!

Mas era necessário que o espírito conquistasse primeiro a fase instintiva, que no seu invólucro se fixassem para sempre as leis que inconscientemente regem a vida, para se consagrar depois inteiramente à tarefa de aperfeiçoamento moral e intelectual. Embora ainda eivado das taras ancestrais, quanto labor e sofrimento para o homem ter atingido o estado actual! Sejamos, pois, tolerantes para com as faltas alheias, correspondentes a estados evolutivos que, se ainda não podem dar mais, nos mostram, pelo menos, o trabalho insano para ter chegado até ali e auxiliemo-nos fraternalmente nesta grandiosa escalada para o Alto.

Ao dinamismo material em que temos vivido, num atordoamento constante, para que os clamores da consciência não possam ser ouvidos, seguir-se-á uma nítida compreensão das leis morais que nos regem e que tão desveladamente nos foram reveladas por Jesus-Cristo.

Então, um vasto renovamento espiritual encaminhará a humanidade redimida para os surtos rutilantes do espírito.

«PIERINO GAMBA»

Quereis estudar o caso dos meninos-prodígios à luz de uma doutrina racional? Quereis estudar o problema dos génio e apreciar uma concepção lógica do outro mundo?

Lede o livro «Pierino Gamba», da autoria de Isidoro Duarte Santos.

Não é biografia, nem romance. É um estudo profundo e claro escrito em 12 dias, e que revela muita coisa ignorada.

Lede este livro e ficareis consolados. Lê-se de fio a pavio, numa ânsia crescente, e só temos pena de não ser maior para que maior fosse a nossa consolação.

Preço — 20$00
À venda nesta redacção

Missiva Fraterna N.° 2

O MAGNO PROBLEMA

por

CORINA NOVELINO

REPRESENTANTE EM SACRAMENTO — MINAS GERAIS

Meu amigo: Você insiste em obter minha opinião sobre a Felicidade. Eis um problema que tem suscitado locubrações profundas por parte dos filósofos e dos poetas. Todavia, a Felicidade é tão simples e natural, como simples e natural é a vida. Ela é perfeitamente definivel, embora os homens a tornem distante, quase inatingível. Os melhores anseios, na busca dessa fada esquiva, caem baldados em face da eterna incoerência e insatisfação humana. Onde a Felicidade ? Em vão o homem a tem buscado nas artes e nas ciências, na literatura e na poesia, nos divertimentos sociais e até mesmo no amor e na fortuna...

Contudo, essa perene busca, essa permanente obsessão, essa grande esperança pela aquisição da felicidade continua a habitar o coração humano, através dos tempos e das civilizações.

A criatura, em peregrinação na Terra, espera sempre algo que complete a ventura. Está sempre perseguindo um sonho, que nunca se concretiza de maneira absoluta. Um sonho belo que teima em se tornar elástico, que se amplia indefinidamente, subindo sempre mais e mais...

O coração humano se tem rebelado contra as razões da lógica, quando, por exemplo, vivendo um desses dias de alegria preciosa, em que tudo lhe parece claro — o Sol brilhando mais no firmamento, a natureza mais bela, o coração cantando dentro do peito — uma opressão inesperada e uma repentina mágoa visitam-lhe os arcanos desprevenidos e insondáveis...

É a grande inquietação originária do ideal que desconhece fronteiras e horizontes — porque ilimitado e infinito.

Mas existirá felicidade sem essa inquietude que demanda os voos libertadores do espírito ? Não, positivamente. Se tal se desse, não haveria a generosa preocupação dos Bons e dos Puros em torno da salvação das humanidades dos mundos inferiores e dos orbes de expiação. Esses Espíritos detentores dos cabedais da Perfeição são os primeiros a fornecer o exemplo do trabalho construtivo e do renunciamento sublime. E são felizes nas manifestações do Amor, que se funde em miríades de expressões habilitantes, em prol do aperfeiçoamento alheio.

Existe, no entanto, a classe dos que vêem e sentem a Vida do centro de si mesmos, inteiramente indiferentes ao que se passa na periferia. São os que se concentram num pernicioso ego centrismo, buscando os benefícios da felicidade. São os que se comprazem na permanência aos modestos ensaios de volição do ideal, que, destarte, fica restrito aos acanhados factores do terra-a-terra. Nada de expansões ousadas nos campos do pensamento. Para que voar mais alto do que podem alcançar os sentidos materiais ? Por que buscar problemas alheios, quando os próprios reclamam tempo e atenção ? Não. É melhor contentar-se o homem com as compensações relativas que a Vida oferece aos esforços de cada um...

Olavo Bilac, numa de suas belíssimas orações — esta dirigida aos moços do Brasil — cita uma das passagens mais impressionantes do «Inferno» de Dante e dá-lhe luminosa interpretação.

Dante, quando entrou no Inferno, — escreve Bilac, — ainda no vestíbulo da morada dos eternos castigos, antes de visitar o vórtice dos nove círculos horríveis, encontrou uma triste multidão cujos longos gemidos ressoavam no ar escuro, na temerosa noite em que não luziam estrelas.

Eram as sombras dos «sem alma», — esclarece o vate brasileiro, — dos neutros, dos indiferentes, dos que viveram sem merecer louvor nem desprezo...

O mundo está cheio de almas como estas: não são boas, nem más. Atravessam a existência sem fé, sem entusiasmo, sem ideal — pobre rebanho de consciências débeis, de vontades enfermas, de corações sem asas... Condenou-as Dante, porque elas não aproveitam a vida que Deus lhes concedeu. Vivem sem viver, e não deixam no mundo memória sua.

Os indiferentes, — acrescenta, — são ainda piores do que os maus. Porque os maus podem um dia ser bons. Mas não se pode extrair bondade dos que não são bons, nem maus — entes amorfos, indolentes, apáticos, que têm cérebro e não querem pensar...

Dissemos que a Felicidade é acessível ao homem da Terra. Realmente, meu amigo, dentro de nós se localizam o nosso céu e o nosso inferno. De nossa vontade depende o ampliamento do primeiro ou a neutralização do segundo.

E de uma coisa apenas dependem as claridades de nosso mundo interior: a misericórdia para com os nossos semelhantes. Criatura feliz é aquela que distribui as flores do amor e da compreensão, sem olhar a quem o faz. Criatura feliz é quem perfuma os caminhos da vida com o hálito generoso da beneficiência.

Sejamos, pois, felizes, meu amigo, no exercício da fraternidade e da tolerância. Essas virtudes são o eloquente desdobramento do coração humano nas ampliações do amor universal.

Sejamos bons e seremos felizes !

PARA UMA FILOSOFIA ESPIRITA

ÉTICA E TEOLOGIA

por A. RAMOS PEREIRA

O HOMEM, CRIADOR DE VALORES

A natureza dos valores e do sentir dos mesmos na nossa consciência, a auto-determinação na realização dos valores, arrastada pela liberdade necessária, pode conduzir à ideia de uma absolvição do homem como criador de valores. Esta atitude é bem expressa por Kerler numa carta a Max Scheler — (V. Hessen in «Filosofia dos valores») — «que me importam o Universo e o seu último fundamento, se eu, como ser moral, sei perfeitamente o que é o bem e o mal e aquilo que tenho a fazer ? Se existisse um ser absoluto e se este viesse a achar-se de acordo comigo no que eu devo fazer, muito bem, ... considerá-lo-ia um amigo e um aliado. Se, porém, não concordasse, desprezá-lo-ia e cuspir-lhe-ia na cara, mesmo sabendo que na sua mão estava o reduzir-me a pó» !

Alguns autores julgam mesmo que a ideia de um ser absoluto, de Deus, arrasta, imediatamente, a falência da Ética, por o homem ficar exonerado de responsabilidade (v. N. Hartman in «Ethik»; v. existencialismo de Jean-Paul Sartre).

Consideremos, porém, que a existência humana é um longo caminho unindo realizações progressivas de valores, cada vez de conteúdo mais subjectivo, mais idealmente objectivo. O homem caminha para maior exteriorização de si mesmo, de infusão de si no outro, de vibração harmónica com o tudo que o cerca. Mas quanto mais avança, maior se torna a sua angústia desesperada de saltar os limites da realidade, do condicionalismo actual, para se sentir e sentir o outro num plano de consciência em que os limites se percam no infinito. É a ânsia do *mais*, do longe que se não sabe que sejam mas que se querem exactamente por isso e pelos alvores que se vislumbram em certas rajadas. É a ânsia de absoluto, de perfeito, definindo a grande possibilidade de absolutização, de perfeição naquele que é hoje imperfeito e relativo. É a ânsia de sentir-se essência naquele que é hoje tão sòmente uma existência em linha socalcada, buscando o mais além, deixando atrás destroços, ruinas das vidas que fruiu e sofreu e que abandonou. Ânsia de fim, mas um fim de tal ordem que comporte tudo, em que já não seja possível desejo de mais. Mas esse desejo existe, porque existe a intuição metafísica de que há *o mais*, de que há *aquele fim*.

O ESPIRITISMO E A CAMINHADA HUMANA

A diferença fundamental entre o Espiritismo e outras correntes consiste no seguinte: — o Espiritismo afirma uma possibilidade de fim enquanto que as outras teorias concluem que a «caminhada não tem fim» (G. Tyrrel). O motivo da divergência reside em o Espiritismo ser evolucionista, mas num evolucionismo existencial (reencarnacionismo) ao passo que outras teorias pronunciam-se sempre em termos de viver e daqui a sua conclusão pela impossibilidade de fim.

Esse fim é a posse completa da Essência, posse como fusão na Essência que nos transcende e que *hoje* fundamenta a nossa existência. Essa fusão não é um acto exterior, porque *deve* passar-se na intimidade ilimitada do Ego que, conscientemente, *fez* a sua unidade, pela absorção progressiva da Ideia-Força essencial presente na Criação e que agora busca. O encontro é interno, o fim é consciência de *ser-se* uma unidade essencial, o que podemos chamar uma «unidade transfinita». (O somatório das unidades transfinitas integradas fará (ou refará ?) a totalidade da essência ?). O fim é a transformação última do «mikrotheos» em «makrotheos».

A UNIDADE ESSENCIAL DOS VALORES

A polaridade dos valores é um problema da existência ou talvez da vida dos mesmos. Em essência, o valor é a-polar *necessàriamente*. Em essência, não há bem e mal, *continuando o valor*, apesar disso. Referir a Deus esse problema é cair numa petição de princípio e isto ainda porque é mal interpretado, a meu ver, o conceito de criação e de Ente criador.

Mas dessa polaridade podemos induzir uma aproximação de Deus, através do sentimento resultante da realização do polo negativo dos valores.

«Quando nada mais houvesse no mundo donde pudéssemos tirar a ideia de Deus, bastaria o fenómeno do arrependimento para nos chamar a atenção para a sua existência. O arrependimento principia sempre pelo *me poenitet* de uma ante-acusação. Mas *perante quem* vamos nós acusar-nos a nós mesmos ?». — «Partindo da essência deste fenómeno, em cada um dos seus diversos momentos, segue uma linha de movimento *intencional* (tendente e propendente para algo) que nos introduz, de súbito numa nova e invisível esfera do ser...» (Max Scheler).

VALOR E SER

Na realidade actual, há uma distinção entre valor e ser, distinção que desaparece quando transcendemos para uma supra-realidade que sendo idealidade actual é a mais perfeita das realidades. De tal modo assim é que quanto mais alto for o degrau de evolução espiritual, mais íntima é a fusão da totalidade do ser no seu sentir

subjectivo da objectividade do valor. Captando valor por «éclats» íntimos e cada vez mais dilatados, o valor vai mergulhando na esfera do ontológico, valor e ser não-se identificando sem que haja sobreposição de um ou doutro lado.

O homem é uma essência que se busca, buscando no fora de si o fundamento de si-mesmo, pois acaba por encontrá-lo *em si*, de tal modo se tornam dilatados os limites do seu Ego. É uma essência que caminha, que evoluciona entre os planos dos valores, realizando-os em síntese cada vez mais perfeitas ou, o que é o mesmo, sentindo-os numa unidade cada vez mais absoluta. Deus encontra-se a si próprio no seio do ego essencializado, no seio do ego quando no fim. A sua presença actual está naquela angústia de ter e sentir que força à luta pela transposição das sucessivas barreiras e está naquela unidade que culmina a planimetria da Criação actual donde pendem os valores. A criação, mesmo, é uma realização de valores, à espera do ego que os sinta; é um meio para que a essência, na existência, possa reganhar-se totalmente.

A ESSÊNCIA E A EXISTÊNCIA EM DEUS

Esta ideia do ser não implica a falência dos intuitos da ética; antes a reforça porque, por ela, se busca o fundamento último dos valores. E não implica tal, porque no Ser-Deus temos lògicamente de considerar essência e Existência tal como no ser-homem. Se da primeira, Deus-Essência, nada (ou muito pouco) sabemos porque nada (ou muito pouco) sabemos da nossa própria, a segunda é a transcendência do nosso campo imediato de experiência. E assim os atributos divinos tornam-se em atributos de existência, uma expressão do que desejávamos ser, uma transferência para o infinito dos nossos atributos ônticos. Deus-Existência, Deus *sendo* em limites de Espaço-Tempo (que só aparentemente são infinitos) não é Deus todo (como a existência do homem não é o homem todo, mesmo no actual); é um aspecto, é o que chamamos Criação. Ora quando o homem atira para Deus atributos que induz de si e da Criação, faz uma generalização ilógica, não conforme com a Sua natureza e a da Criação. Deus-Essência é um «quid» que *É* além do espaço e do tempo, numa situação estática cheia de potencialidades inconcebíveis. Nele não há conhecimento, emoção ou vontade interpretáveis em termos comuns de existência (a viver). Não é lícito dizer que Deus vê, prevê ou provê, porque em qualquer dessas ideias se imiscuem ideias de espaço e tempo: Deus-Existência sim, que vê, prevê ou provê de um ponto que abarca a totalidade do criado e onde se foca a nossa consciência de valores. Existencialmente somos livres, tão livres como é o próprio Deus-Existência; mas essencialmente somos condicionados pela simples necessidade de termos de realizar essa essência, seguindo os carreiros torcicolados da existência.

Logo, nem essencial nem existencialmente considerado, Deus arrasta a irresponsabilidade do homem pela falência do seu destino. O homem continua sempre livre e inteiramente responsável; e agora *mais responsavel*, por conhecer a supra-realidade dos valores e a sua posição no centro da Criação.

JUVENTUDE ESPIRITA

Na Federação Espirita Portuguesa acaba de se fundar um núcleo de Juventude Espirita, cuja direcção ficou assim constituída; *Instrutora-delegada* — D. Adelaide Ivone de Sousa; *Presidente* — Sérgio Lopes Madeira; *Secretário* — Gilberto de Oliveira Gonçalves; *Tesoureiro* — Eglantine Morais.

Estudos Psíquicos coloca-se inteiramente ao lado de todos os jovens que enfileirem no nosso sector, animados e encorajados, cheios de fé nos destinos desta sublime e grande causa que há tantos anos servimos e pela qual faremos todos os esforços possíveis. Os incitamentos que temos feito aos jovens do Brasil tornamo-los extensivos aos novos de Portugal. É preciso que o ideal espirita penetre nas escolas, nas academias, nas oficinas, em toda a parte, enfim, onde haja pensadores que se não contentem com o pouco e mau que lhes oferecem. Há muitos jovens integrados na nossa doutrina. Porque não colaboram com a juventude Espirita Portuguesa? A união faz a força. Venham, amigos, venham trabalhar, tragam o seu entusiasmo e a sua fé.

Na carta que nos enviou, o jovem confrade Gilberto Gonçalves diz que a Juventude deseja estabelecer amistosas relações com as Mocidades Espiritas Brasileiras e espera o nosso auxílio, o nosso estímulo, para caminhar com mais confiança. Diz também que terão de lutar contra «pesos-mortos», contra a indiferença geral que emperra a marcha das organizações novas. Tem razão o ardoroso confrade. Mas, desde que haja vontade forte, os pedregulhos afastam-se, os obstáculos quebram-se e o alvo atinge-se com mais ou menos trabalho. O essencial é não esmorecer. Nós sabemos o que lutámos para atingir objectivos que uns julgamos fáceis, mas que exigiram esforço sobre-humano. Se desanimássemos, ficava tudo desmantelado.

Podem os jovens portugueses contar com o nosso apoio na sua obra construtiva. Se virem que para alguma coisa lhes serve o nosso concurso, utilizem-no. *Estudos Psíquicos* está no seu posto e só tem um fim em vista: difundir a doutrina e fortalecer a Causa.

A ESCRITA DIRECTA

pelo Coronel FAURE DA ROSA

A escrita directa, como as correspondências cruzadas e a Voz directa, quando resistem a uma fiscalização rigorosa, inatacável, constituem — em minha opinião — uma das melhores provas da sobrevivência da personalidade: em qualquer destes fenómenos se revela a actividade subjectiva de desencarnados durante o tempo da produção.

Para se obter a escrita directa, de um modo geral, mete-se um pedaço de lápis apropriado numa ardósia fechada, prèviamente bem limpa; se o médium operante possui essa modalidade mediúnica, decorridos uns minutos, depois de aberta, encontram-se mensagens escritas, muitas vezes respostas a perguntas dos experimentadores.

Mas o método adoptado com mais frequência consiste em pôr uma ardósia entre duas pequenas pranchetas, juntamente com um bocado de lápis ou de giz, e colocar a caixa assim formada, em cima de uma mesa ao alcance da mão dos experimentadores e sem a perder de vista, a fim de se ter a certeza de que não é possível qualquer fraude. Depois de uns instantes — se o médium for de qualidade — ouve-se um ligeiro ruído — o do lápis a escrever — abre-se a caixa onde está a ardósia: verifica-se que o lápis ou o giz serviu e que estão palavras escritas na ardósia.

Já em 1856, Guldenstubbé trabalhando com a irmã, que era bom médium, tendo posto papel branco e um lápis em uma caixa, ao cabo de uma meia hora viu que estavam escritos caracteres no papel. Esta experiência foi repetida mais de dez vezes, sempre com bom resultado. Mais tarde, este mesmo experimentador viu formarem-se os caracteres no papel metido numa caixa deixada aberta. O conde d'Ourche, que assistiu a algumas destas experiências, confirmou-as.

O General de Brewern e o marquês de Planty também assistiram ao fenómeno de escrita directa. As palavras escritas em grego eram assinadas por Platão e as que apareceram em latim assinava-as Cícero. É claro que não era possível averiguar que tivessem sido, realmente, os espíritos de Platão e de Cícero que as escrevessem. O que interessa, sobretudo, é saber que a escrita directa se produziu e que a médium — a irmã de Guldenstubbé — não sabia nem grego nem latim.

No «Relatório do Espiritualismo», elaborado pela «Comissão da Sociedade Dialéctica de Londres», conta-se que um Sr. Equire, tendo pegado num lápis e numa folha de papel que pôs debaixo da mesa, sem largar o lápis, após instantes sentiu que o lápis escrevia no papel e que uma mão invisivel lhe arrancava o lápis da mão e o atirava pelo quarto fora. Num lado da folha estava escrito o nome do comunicante e no outro o princípio de um salmo.

Noutra experiência também se ouviu distintamente o ruído do lápis no papel, onde estava escrita a palavra Deus três vezes.

O intenso poder mediúnico de Staiton Moses algumas vezes se manifestou pela escrita directa. O casal Speer que assistiu à maior parte das experiências, tendo fechado a porta de um quarto, onde deixara papel branco e um lápis, e estando Staiton Moses em transe, num outro andar, — voltou ao quarto fechado cerca de meia hora depois, e verificou que o papel estava escrito.

Doutra vez obtiveram-se algumas cartas escritas numa folha de papel branco posta na mesa. Nessa ocasião, o guia de St. Moses irritado, porque os componentes do grupo projectavam aumentar o número limitado dos assistentes, bateu com tanta força na mesa que St. Moses teve a sensação de que o guia, se quisesse, podia ter-lhe partido a cabeça.

Repetidas vezes, nos dias seguintes, se obtiveram muitas linhas de escrita directa no papel branco colocado debaixo da mesa, e isto conservando os Speer as mãos do médium agarradas.

Speer resume assim essas diversas experiências: «Otivemos muitas vezes escrita directa; algumas numa folha de papel branco colocado no meio da mesa posta a igual distância de todos os assistentes; outras vezes um de nós escrevia um nome em uma folha

de papel branco, prèviamente marcada com um sinal, e, em geral, no fim da sessão, verificávamos que uma mensagem estava escrita. Habilmente, as mensagens eram formadas pelas respostas às nossas perguntas. Algumas vezes eram curtas comunicações independentes das perguntas, e, uma ou outra vez, também havia palavras de simpatia».

O Dr. Charles Richet fez uma experiência com Eusápia Paladino, na ilha Rebaud, a qual estiveram presentes Ochorowicz, Myeres e Oliver Lodge. Eusápia produziu o fenómeno que narro em seguida. Ninguém pode pôr em dúvida a competência dos observadores.

Eusápia pegou na mão de Richet pelo dedo indicador, de modo que o dedo ficou ultrapassando notàvelmente a pequena mão de Eusápia. Então, com esse dedo, ela — Eusápia — percorreu o papel branco; e a impressão do dedo de Richet apareceu no papel como se tivesse sido feita com lápis azul. Com a mão esquerda levantada a toda a extensão do braço, Eusápia segurava um lápis azul que apertava convulsivamente. Este fenómeno produziu-se à luz de uma vela, quase em contacto com o papel, tão próxima dele estava. Quatro ou cinco vezes o mesmo fenómeno se produziu em folhas de papel e sobrescritos brancos. Myers observava o fenómeno atentamente, escrupulosamente. Richet afirma que está absolutamente certo de que a mão de Eusápia não tocou no papel, o qual só foi tocado pelo dedo indicador dele, onde não existia o mínimo vestígio de azul.

Durante dez minutos, aproximadamente, a experiência repetiu-se quer no papel, quer no peitilho branco das camisas dos assistentes.

Richet afirma que *não tem a mínima dúvida acerca da realidade do fenómeno assim caracterizado,* porque: 1.º — o papel era branco; 2.º — Eusápia não podia tocá-lo; 3.º — o sinal azul foi feito à vista de Richet a menos de 40 centímetros de uma vela acesa; 4.º — Myers, Ochorowicz e Lodge confirmaram a observação de Richet.

O Coronel Albert de Rochas, com Eusápia, constatou um facto análogo que Gramont ratificou. Paul Gibier, fisiologista experimentado e observador atento, conta que viu mais de cem vezes caracteres, desenhos e até frases inteiras serem produzidas com o auxílio de um ligeiro toque nas ardósias, que o médium Slade segurava, e até entre as duas ardósias, sem ter havido nenhum contacto, notando-se que ás ardósias pertenciam aos experimentadores por eles compradas numa papelaria e tinham sido marcadas com a sua assinatura. Quando a escrita se produzia numa única ardósia, era, em geral, sob o ângulo da mesa junto da qual os experimentadores se sentavam sem perder de vista nem a ardósia nem os dedos do médium Slade. Eis como Paul Gibier narra uma das suas experiências que ele considera uma das melhores: «Eu adquirira várias ardósias, duas das quais, entre outras, estavam aparafuzadas, juntamente atadas e embrulhadas num papel onde eu apusera o meu sinete... Propus que me fosse transmitida uma resposta nas duas ardósias novas nas quais marquei com o meu sinal tradicional. Logo que as pus na minha cadeira, sem as largar, assentei-me nelas e só retirei a mão quando o peso do meu corpo pousou em cima das ardósias. Coloquei, então, as minhas mãos na mesa ao lado das de Slade; *senti* e *ouvi* nitidamente que se escrevia na ardósia com a qual meu corpo estava em contacto. Acabada a sessão, *eu próprio* retirei as minhas duas ardósias onde li as onze palavras seguintes, mal escritas, é certo, mas, enfim, *escritas* e visíveis: «As ardósias são dificeis de influenciar; nós faremos tudo quanto pudermos«. Slade não tinha tocado nas ardósias.

Elliot Cowes e Emmette Colemem, trabalhando com a médium Francis, de São Francisco, *viram o movimento do lápis na ardósia.* Nalguns casos, a ardósia posta debaixo da mesa, foi parcialmente descoberta; noutros casos, era apenas coberta com um lenço; pois uma frase completa foi assim obtida. De uma outra vez, a própria médium segurava a ardósia com a mão, diante dos assistentes, e a escrita produziu-se.

Richet, porém, deixa estes casos de reserva por Coleman ser prestidigitador.

O Dr. Nichols com o médium Egliton obteve boas provas de escrita directa. O doutor colocava uma folha de papel — que ele prèviamente assinalava — dentro de uma caixa fechada à chave, entre duas ardósias, e, em plena luz e durante o tempo que ele segurava a caixa, a escrita directa produzia-se.

O próprio Richet teve ocasião de realizar uma experiência com este médium: fez um desenho numa ardósia sem que Egliton pudesse vê-lo. Voltou a ardósia, colocou-lhe em cima um pedacito de giz e, pegando-lhe num dos extermos e Egliton no outro, pô-la debaixo da mesa. Ao cabo de dois ou três minutos, o desenho de Richet aparecia reproduzido num curioso *fac-simile.*

(Continua)

Incerteza Espiritual

por ERNESTO MOOG

(Correspondente em Santiago do Chile)

Grande parte dos graves problemas que mais profundamente afectam o homem moderno têm origem na incerteza espiritual que caracteriza os nossos dias. Esta incerteza vem aumentando desde os começos do século, quando, após uma fase de extemporâneas concepções materialistas, surgiu a progressiva reacção que o transtorno ideológico, emotivo e conceptual produzido pela grande guerra de 1914-1915 levou ao ponto culminante. Tal reacção contra as insatisfatórias crenças e doutrinas filosóficas e científicas anteriores e as falsas promessas das religiões oficiais, não conseguiu nada de positivo e convincente, por ser impossível à mente humana em geral coordenar os novos pensamentos e assimilar, firme e seguramente, os insólitos factos e concepções mais recentes. Embora o conhecimento científico, impulsionado pela nova física e pela nova psicologia, realize uma viragem assombrosa e apresente um panorama inteiramente original do Universo e do indivíduo, não menos palpável é que tal mudança implica mais abstractas e complexas formas de pensar e de captação da realidade, que poucos estão em condições de adoptar convenientemente. E desta maneira, derrubadas ou arruinadas as antigas convicções ancestrais do homem, não será fácil substituí-las imediatamente pelas novas que surgem exigindo lentos e difíceis processos apreensivos. Neste interregno, a desorientação e a angústia dos que devem permanecer em estádios transitórios e instáveis de compreensão espiritual, que são a maioria, assume formas negativas e dolorosas. E assim, hoje mais que nunca, boa parte dos homens conscientes do nosso tempo são prejudicados por esse vai-vem mortal de contradições e incertezas espirituais, causador de muitas neuroses e transtornos mentais que os psicologos e os psicanalistas atribuem erradamente a sentimentos de inferioridade (Adler), à líbido sexual (Freud) ou ao predomínio do inconsciente individual colectivo (Jung). Donde se conclui que esses homens busquem inquietos e clamem apressados por uma base de conhecimentos, demonstrações e experiência suficientemente concreta, porque idealista, científica e espiritual, que lhes sirva para estruturar e manter sobre ela vivência íntima e concepção de vida coerente e adequadas às suas necessidades internas e que lhes permita afrontar estes momentos cruciais em que exercem a acção.

Muitos de nós estranham que as doutrinas espiritas, com seu assombroso tesouro de factos, experiências e concepções científicas e filosóficas, que em certos aspectos suplantam as informações e o conhecimento moderno e que tão profundamente avançam nalguns sectores do mundo interior do homem, não sejam tidas em conta e se mesnospreze o seu valor como elemento de segurança espiritual e orientação íntima, intelectual e moral. Assim, é interrogação perpétua averiguar por que motivo não é possível desfazer essa capa de indiferença, dúvida ou repulsa que lhe opõe tanta gente culta, ansiosa de luz e em permanente luta contra a incerteza e contradições mencionadas, apesar dos esforços, lutas, sacrifícios, abnegações e estudos de tantos obreiros da nossa causa.

Mas analisando a fundo o problema, buscando uma compreensão mais clara dos factos, podemos verificar a razão de tudo isto. Reconheceremos então como a incerteza espiritual da época penetrou também em nossas fileiras. As nossas vozes não demonstram acendrada convicção capaz de despertar nas almas alheias, angustiadas e indecisas, as novas notas das mais subtis e íntimas ressonâncias que exige a tónica da hora presente, tão diferente da das horas anteriores. E isto porque continuamos submersos nas correntes primitivas de nossas concepções filosóficas, científicas, ideológicas e religiosas, enquanto o oceano do saber aumenta poderosamente o seu caudal e novas correntes se acumulam sobre elas, afogando apelos e oferecimentos dos atoleiros em que nos encontramos. Não bastam os nossos antigos livros e velhos orientadores para avançar e lutar com plenitude de movimentos, na vasta superfície da hora actual, tão sulcada de problemas novos, de peremptórias interrogações modernas e de ansiedades dirigidas para um futuro imprevisto, que nada do passado caduco é capaz de aclarar e remediar satisfatòriamente.

Assim, em vão agitamos os antigos estandartes das ideias e noções espiritas da primeira hora, porque as suas cores desbotam e se esfumam nesta vibrante aurora avermelhada pelo sangue e pelo fogo da dolorosa eclosão de novo estádio de consciência, agitado e clamoroso, na humanidade.

Mas é verdade que no campo espirita não há nenhum elemento novo de conhecimento, espiritual e científico, que una mente e coração e fale a todos de acordo com as urgências psicológicas, mentais e morais que acabrunham o século actual ?

Muitos, por desgraça, responderão afirmativamente e mostrarão novamente, seus antigos textos agora ineficazes e voltarão os olhos para o passado que já não satisfaz, nem pode desfazer as novas inquietações. Outros se lamentarão, com impotência, da falta de mestres como os de antano, capazes de dar ao ideal novas orientações em concordância com as necessidades humanas do presente. A maioria se declarará satisfeita com o que tem e, aferrando-se ao passado e aos velhos moldes, anatematizará os que pretendam separar-se do tradicional e consagrado no Espiritismo.

Contra esta atitude, que conhecemos de perto, que temos apreciado em artigos, livros e conferências, que palpamos diàriamente no meio ambiente espirita, queremos chamar a atenção, sinceramente inspirado numa grande mensagem espiritual que contém, maravilhosamente, tudo aquilo que no coração e na mente avançada do homem de hoje necessita para sua convicção intelectual e para satisfazer seus mais ambiciosos anelos de conhecimento espiritual e de superação moral. Esta grande mensagem, que não se lê, nem se estuda,

ninguém se comenta, nem se propaga como merece, «A Grande Síntese», recebida pelo delicado sensitivo e puramente inspirado Pietro Ubaldi, contém em si, na sua letra e no seu espírito, no que se pode ler e no que se deixa intuir, todos os elementos científicos, demonstrações espirituais, concepções idealistas e noções estéticas que se requerem na hora presente para atacar com vigor a incerteza espiritual do nosso tempo. Frente a concepções caducas e pontos de vista actualmente ineficazes e anacrónicos, em contradição com a ciência e o espírito filosófico das nossas gerações, se eleva como sinal luminoso para o futuro, para o terceiro milénio que se aproxima vertiginosamente, a mensagem do invisível que, mais uma vez, renova os conhecimentos humanos, marca rotas à superação intelectual e abre largos caminhos a uma superior elevação moral. Como é possível desatender este chamamento ?... Como pode haver tanta cegueira, ante tão radiante impulso do alto ?... Grave responsabilidade recai sobre os espiritas do presente que se esquivam à difusão e estudo da sabedoria que tão generosamente se oferece aos homens, proveniente dos planos subtis do espírito !

Por isso, lançando novamente os olhos sobre o panorama da humanidade, confrontando os seus problemas e comprovando a incerteza espiritual que a atormenta, e vendo, ao mesmo tempo, como na sua própria mão se encontra o que lhe pode abrir as portas da paz interior e a compreensão profunda do seu destino e das suas possibilidades, não resta outra atitude do que lançar, uma vez e outra, estes apelos sinceros, reiterados e clamorosos.

Acabemos com todas as nossas mesquinhas preocupações doutrinárias, fechemos as nossas ineficazes capelinhas ideológicas e avancemos resolutamente pelo campo vasto, florido, ascendente da nova compreensão da vida que nos dá a grande mensagem recebida por Ubaldi. A humanidade necessita, hoje mais que nunca, do auxílio expresso nessa comunicação espiritual; a ciência, a religião e a filosofia renovar-se-ão e obterão unificado esplendor, reivindicando para si esse chamamento.

Trabalhemos em uníssono com a voz que nos chega das supremas Alturas !

Santiago do Chile.

EQUILÍBRIO HERMÉTICO DA SAÚDE

segundo o livro de MAVRIC

Os quatro temperamentos dependem da predominância de um dos quatro humores-princípios, líquidos constitutivos cujo equilíbrio produz a saúde.

A proporção humoral do corpo humano resulta das influências astrais anteriores que se fixam no nascituro, por intermédio dos pais.

O temperamento evoluciona com a idade em relação a influências astrais, e pelo regime, hábitos e género de vida.

As influências astrais provocam, solicitam e modificam.

O 1.º é propulsivo e as segundas atractivas.

PREDISPOSIÇÕES

No sanguíneo — *Abuso de iguarias e da carne.* Resultado: *plétora, gota, inflamações locais ou anemia e suas consequências.*

No linfático — *A origem do desiquilíbrio está na negligência do regime e da higiene. Circulação fria e lenta, apatia estomacal.* Resultado: *anemia, escrófula e suas consequências.*

No bilioso — *O desequilíbrio baseia-se na combustão orgânica excessiva, vitalidade febril, violência, cólera.* Resultado: *Uremia, hipocondria, histeria e perturbações nervosas.*

O sanguíneo assimila mais que os outros, mas a sua natureza atractiva conduz pouco a pouco à plétora.

A linfa excessiva engendra princípios húmidos e frios que dificultam a circulação, invadem o tubo digestivo e formam bolsas de líquidos incolores e passivos que produzem afecções cutâneas no linfático. O excesso de linfa dá origem a abundante formação de pus.

A icterícia, os ingorgitamentos do fígado, as dores hepáticas, as lesões, cálculos, cirroses, hipertrofias e intoxicação do sangue são geralmente devidos à bile.

A melancolia é humor inerte e pesado e tem origem nos resíduos funcionais do organismo.

O sistema nervoso humano emite radiação luminosa. É um fluido vital subtil e magnético em ligação vibratória directa com o Espírito universal e que só se exerce em meio húmido e quente. Quando o temperamento humano é seco e frio, o fluido já não se pode nutrir daquele Espírito, que é neutralizado.

Daqui nascem várias perturbações nervosas:

Nos melancólicos — *Nevroses da percepção; mania, vertigem, delírio, loucura. Do sentimento: languidez, desespero. Da sensação: visões, alucinações, surdez.*

Nos linfáticos — *Nevroses da alimentação: dispepsia, vómitos nervosos. Da respiração: tosses convulsas. Da circulação: enxaquecas. Da geração: impotência. Da transpiração: suores frios.*

Nos biliosos — *Nevroses da alimentação: perda de apetite, fome nervosa. Da circulação: palpitações nervosas do coração. Do movimento: caimbras, comichões.*

A alimentação carnívora é a causa principal das corrupções humorais e orgânicas.

A origem destas anormalidades está nas dissonâncias existentes entre as influências astrais e a natureza inicial do homem.

A melhor higiene dos temperamentos equilibrados é alimentação vegetal moderada, adoptando elementos contrários aos próprios da estação em curso. Quando há desequilíbrio humoral, a mudança de ares é importantíssima, desde que se observem as seguintes regras:

Para os sanguíneos — regiões ocidentais secas e frias. Para os linfáticos — regiões meridionais frias e húmidas. Para os biliosos — regiões setentrionais frias e húmidas. Para o melancólicos — regiões orientais húmidas e quentes. O máximo de pureza elementar das estações nesses meios é: 5 de Maio, ar puro; 6 de Julho, calor puro; 6 de Novembro, terra pura; 5 de Fevereiro, água pura.

(Tradução do *Bulletin de l'Action Intellectuelle*)

FOTOGRAFIA PSÍQUICA

por **ALFREDO MIGUEL**
(Correspondente na Bahia)

Um espirita inglês, Mr. Arthur Hill, citado por Conan Doyle, dizia há mais de trinta anos que chegámos a um ponto em que se torna supérfluo buscar mais provas da nossa imortalidade, cabendo sòmente aos negadores examinarem as que já existem.

Esse exame, sim, é que valia a pena ser feito pelos cépticos, mas eles preferem quedar-se numa atitude cómoda, afectando um ar de superioridade para dizer que no Espiritismo tudo é embuste...

A fotografia psíquica é uma dessas provas que afastam qualquer dúvida em relação à continuidade da vida após a morte.

São numerosos os casos de pessoas falecidas que vieram em Espírito impressionar uma chapa fotográfica. Eu mesmo possuo um desses *clichés,* em que aparece, por detrás de uma criança, fotografada com máquina *Kodak,* no quintal de sua residência, a sombra de um indivíduo, do busto para cima. Foi perfeitamente identificado pelos membros da família do garoto, como sendo a cópia fiel de um criado da casa, morto alguns anos antes.

Testemunho notável e onde não cabe a menor suspeita de fraude, aquele que toda a imprensa do país estampou em 1938, dando conta de uma foto, tirada à porta da catedral de Diamantina, Estado de Minas Gerais. Formando um grupo em *pose* para a objectiva do fotógrafo, — homem católico e conhecido na localidade, — reuniram-se Dom Serafim, Arcebispo de Diamantina, ladeado pelo bispo de Montes Claros, à sua direita, e o de Arassuaí, à sua esquerda. Atrás, na mesma ordem, pasaram mais dois sacerdotes. Ao ser revelada a chapa fotográfica, lá estava, bem nítida, no lugar de Dom Serafim, a fisionomia serena e por todos reconhecida, daqueloutro arcebispo de Diamantina, então havia seis anos falecido, Dom Joaquim Silvério de Sousa !

A fotografia transcendental tem sido objecto de experiências desde épocas remotas.

Ao que sabemos, as primeiras tentativas teriam sido empreendidas pelo sr. Mumles, em Boston, América do Norte, no ano de 1862, com pleno êxito.

O assunto foi apreciado em todos os seus aspectos e longamente debatido pela imprensa, ficando então irretorquivelmente assegurada a autenticidade do fenómeno.

Mais tarde, idênticos resultados alcançou o sr. Beattie, na Inglaterra. Nos anos de 1872 e 73, dedicou-se ele, em companhia de um médico, o dr. Thompson, a fazer experiências no *atelier* do sr. Josty, fotógrafo, em Bristol. No decurso dos trabalhos, o médium, que era o próprio sr. Josty, também vidente, em cada caso costumava descrever, minuciosa e correctamente, as aparições que deviam mostrar-se nas chapas.

Existe um acúmulo de provas que certificam a veracidade dessas experiências, sendo de notar acima de tudo a integridade de caracter do sr. Beattie.

Encontram-se nos livros clássicos do Espiritismo os relatos circunstanciados de todos os casos deste género, e eles são em grande número, sobrepondo-se a qualquer dúvida.

O famoso naturalista inglês Alfred Russell Wallace, conta que obteve um *retrato incontestável de sua mãe,* a 14 de Março de 1874, durante uma experiência no gabinete do sr. Hudson, fotógrafo em Londres, servindo de médium a sr.ª Guppy. O facto é descrito pelo próprio Wallace no seu livro *Os Milagres e o Moderno Espiritualismo,* e Gabriel Delanne o transladou para o seu volume *A Alma é Imortal.*

O escritor Alfred Erny considera bastante curiosas as experiências realizadas pelo sr. Traill Taylor, director do *British Journal of Photography,* em 1893, com o auxílio do sr. D. Dugnid, mecânico, possuidor de apreciável dom mediúnico.

Realmente, muitas imagens de mulheres e de homens vieram interpor-se na chapa fotográfica, entre o médium e o sr. Taylor, e ainda ocorreu que, numa sessão, pôde-se também obter a *imagem do médium, embora este não estivesse presente no momento da experiência.*

Os grifos que dão destaque a esta particularidade são de autoria do sr. Alfred Erny.

É diante de testemunhos dessa natureza e factos similares que o ceptiscismo dos descrentes esbarra e emudece.

Compete agora a eles submeterem a exame o acervo de provas que dão a evidência da nossa imortalidade pessoal, — ou provarem, igualmente com *factos verificáveis,* que a sobrevivência não existe.

SITUAÇÃO DELICADA

pelo Espírito REPER-SIAM

Queridos irmãos, que Deus vos ajude a viver e a evolver, que bem necessitais de auxílio e amparo. O mundo é tão falso, as criaturas tão frageis, que, para se dar um passo em frente, é preciso muita coragem e energia. Mas não é só com força e coragem que se avança. Há outros factores indispensáveis: a caridade e a humildade.

A humildade deve ser sentida e exemplificada. A caridade, sua irmã gémea, é outro factor indispensável. Antes de se iniciar a marcha, há coisas que devem obedecer às regras da prudência e do conhecimento.

No campo espiritual é mais dificil marchar e realizar do que no campo material. É mais fácil manobrar a matéria do que o pensamento. Por isso eu vos tenho dito muitas vezes que deveis mudar de ferramenta. Todos deviam ter humildade para abrir brecha no vosso sector e ser prudentes nas palavras e nos actos. Uma palavra a mais, um acto irreflectido, podem inutilizar um mundo de esforços e canseiras. Cada qual tem de apetrechar-se para singrar na sua faina, no seu caminho. A vida animalesca é fácil: basta coragem e atrevimento. Mas a outra, que deve ser vivida por quem quiser evolver, demanda muita prudência, porque os perigos espreitam de todos os lados.

É preciso vigiar Constantemente os pensamentos e as acções. Aquele que investiga no campo espiritual é presa de forças invisíveis e só com elevação e prudência pode libertar-se delas. É arriscado e portanto meritório, quando essa tarefa é levada a bom fim.

Eu sei quais são as forças que procuram isolar-vos dos que vos querem amparar, sei os perigos que correis e por isso não me canso de vos aconselhar a vantagem da paz e da harmonia. Só com paz duradoira e uma grande confiança conseguireis libertar-vos do estado mórbido que se cria, quando se não vigia e não medem bem as responsabilidades de quem semeia no campo do Senhor. As forças malévolas são mais numerosas do que as outras. As ondas de ódio e vingança propagam-se com mais intensidade, porque os seres que as emitem ficam cegos e empolgados. Para escapar a tais efeitos, os alvos devem revestir-se de grande força, que a paz e a harmonia conseguirão obter.

A força espiritual é menos acessível do que a física. Por isso, irmãos, eu vos mostro a gravidade da situação. Há sofrimento entre vós, porque há falta de equilíbrio.

Quem uma vez pisou o nosso campo, não pode seguir o caminho da perdição, inerente aos que ainda não abriram os olhos do espírito. Daí as contrariedades, as situações difíceis criadas entre pessoas que deviam viver em harmonia constante.

Os espiritas que queiram triunfar, têm que harmonizar os actos com as palavras. Fugir deste preceito é meter-se num lamaçal, onde não conseguirão equilibrar-se, tais e tantos são os declives que os esperam. O espirita militante, que prega, tem que dar o seu testemunho, na sombra e na luz, à vista dos homens e de Deus. Se o não fizer, o sofrimento aparecerá, devido a forças que não perdoam.

Não se pode servir a dois senhores. Não é possível sair de uma latrina sem que o cheiro denuncie o facto. Assim é o espirita. Não consegue iludir, nem iludir-se, porque o seu cheiro nauseabundo é mais forte que o cheiro da latrina.

Quando se atraem forças retrógradas, só um grande esforço consegue a libertação. Nós não vos abandonamos. Acompanhamos a marcha dos que mourejam, mas não se pode impedir a queda dos inadvertidos que não sabem vigiar.

Como vedes, trabalhar no vosso campo é difícil e perigoso. Exige elevação espiritual e muita resistência ao meio e aos hábitos.

É preciso que vos liberteis das materialidades de quem não sabe espiritualizar. Quem mais peca, mais deve sacrificar-se. Não podeis alhear-vos dos vossos actos. Não, amigos. Todos os pensamentos e actos se reflectem no vosso ambiente psíquico, sobretudo se forem impuros. A alegação de que a carne é fraca não desculpa os que semeiam no vosso campo, porque sabem os perigos a que se expuseram.

Amigos, orai e vigiai mais e não queirais exigir dos outros o que não sois capazes de fazer. Sem ambiente de paz e felicidade não se arriba. E é preciso arribar, sob pena de deitar abaixo obras com tanto esforço erguidas. Sede fortes e mãos à obra! Expurgai as vossas almas, vencei a animalidade e sereis gigantes do espírito!

Lisboa, 27 de Março de 1949

(Mensagem recebida psicogràficamente por Maria Gonçalves Duarte Santos)

DE UBALDI A EINSTEIN

por A. RAMOS PEREIRA

Do redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Itália recebeu o nosso Director a seguinte carta:

«A Grande Síntese, *que o senhor conhece, mencionou e explicou há 18 anos aquilo que agora é assunto da última descoberta de Halbert Einstein e que os jornais publicam com as suas teorias, ou seja, «Teoria Generalizada da Gravitação» e «Teoria do Campo Unificado», das quais deu as fórmulas matemáticas (ele está em Nova-York e eu já lhe escrevi).*

No jornal que lhe enviei sobre a minha conferência em quatro línguas no Congresso Espiritualista Mundial em Assis e no artigo dactilografado que lhe mandei para Estudos Psíquicos, *intitulado «A Física Moderna e o Futuro do Espiritualismo», verificará que procuro dar novas e sólidas bases científicas ao Espiritualismo. Pode mencionar tudo isto na sua revista e pôr em relevo como* A Grande Síntese, *escrita há dezoito anos, conseguiu predizer as conclusões matemáticas de Einstein. Isto é uma grande prova do fenómeno espírita, ao qual se deve* A Grande Síntese *e muito importante, quer para a ciência, quer para o Espiritismo e Espiritualismo. Fiz esta comunicação à imprensa estrangeira, mas a si antes de mais ninguém. Se a publicar, será, fora de Itália, o primeiro a fazê-lo.*

Cordiais cumprimentos do

PIETRO UBALDI

Recentemente os jornais notificaram a última comunicação desse Génio da física matemática que chama Halbert Einstein (que, com a sua mecânica relativista, completara e transcendera a «velha» mecânica de Isaac Newton) e na qual ele mostrava, pelas suas «teoria generalizada da gravitação» e «teoria do campo unificado», ter ultrapassado a sua anterior «teoria da relatividade». Nesta, Einstein demonstrava, pela via matemática, a relação quadridimensionl entre o espaço e o tempo e sobre as suas concepções assentaria Planck a «teoria dos quanta», fundamental em químico-física e, mais particularmente, em física nuclear.

Pelo que pudemos ler, Einstein lança agora, ainda pela via pura das matemáticas, uma ponte de ligação entre as diferentes formas de energia que surgem, assim, como simples aspectos de uma unidade substancial. O cam-

DR. PIETRO UBALDI

po das forças unifica-se e da gravitação à electricidade é uma descida num plano inclinado sem socalcos.

O inusitado de tal teoria é ter sido enunciada há 18 anos nas páginas dessa extraordinária obra de sincretismo filosófico que se chama «A Grande Síntese» e que Pietro Ubaldi escreveu por intuição mediúnica! Um médium, de faculdades excepcionais, recebe em 1932 comunicações que, em construção tipicamente filosófica, chegam às conclusões que em 1950 o génio invulgar de Einstein alcançou com o instrumento portentoso e plástico das matemáticas. Ainda se poderá dizer que no Espiritismo tudo é chão, vulgar, inferior e sem sentido?

No seu número de 30 de Janeiro findo, o jornal italiano *L'Umbria* dizia: — «Tudo quanto os jornais anunciam ter sido agora descoberto pelos processos matemáticos, já há 18 anos o tinha sido pelas intuições filosóficas e publicado em 1932 na revista *Ali del Pensiero*, de Milão, e mais tarde no volume «A Grande Síntese»... Todos podem verificar que ali, não só na teoria da «evolução das dimensões» que, filosòficamente, completa e enquadra, em toda a escala das dimensões, a concepção matemática de Einstein no «contínuo» espaço-tempo, mas que a própria afinidade entre a electricidade e a gravitação e a íntima natureza da última, apresentadas como o anel que faltava para demonstrar o plano unitário do Cosmos, já tinha sido descoberta»! «É certo que a intuição filosófica recebeu, assim, uma importante confirmação e as teorias cosmogónicas da «Grande Síntese» que, naquele tempo, foram consideradas erradas, são agora apoiadas e demonstradas pelas teorias do maior dos físicos-matemáticos». Na «Nazione Italiana», Riccaro Pieracci, amigo íntimo de Ubaldi, comentando uma notícia publicada sob o título «O caso de «A Grande Síntese» e a nova teoria de Einstein», fazia o elogio da Obra que só agora começa a ter a repercussão que merecia.

A síntese filosófica de Ubaldi parte do sistema periódico dos elementos químicos que considera uma verdadeira série estequiogenética e, pelas considerações sobre a estrutura íntima da matéria, liga aquela série à das formas energéticas que coloca em sucessão ininterrupta, da energia gravífica às derradeiras formas materiais — a elementos radioactivos. E nessa cadeia consegue entroncar ainda a cadeia (talvez mais complexa) das formas vivas.

A grandiosidade da construção é verdadeiramente alucinante e só um Génio a poderia conceber. E só um outro Génio poderia atingir um dos seus andares, seguindo árduo e seguro caminho da lógica matemática. Ubaldi recebeu-a daquele, mercê da estensíssima capacidade receptiva que lhe conferem as suas faculdades mediúnicas; hoje tem a alegria de ser confirmado por Einstein. «Isto é uma grande prova do fenómeno espirita» — diremos com ele. Isto é mais um marco de oiro a assinalar a caminhada triunfante do Espiritismo rumo ao futuro.

Em Janeiro de 1944, escrevendo em *Estudos Psíquicos* sobre «A Lei do Cosmos» e expondo um primeiro esboço sincrético do evoluísmo de Auvard, dos conceitos de Ubaldi e de algumas teorias científicas, diziamos: — «A coexistência destas forças obriga o movimento como que a dobrar-se sobre si mesmo, formando um vórtice cinético, surgindo a gravitação e desta a energia gravífica, como resultante da energia cinética do primeiro movimento unilateral. Esta energia gravífica evoluiu para as outras formas energéticas... (A lei de Newton não abrange assim o todo gravífico, mas apenas o princípio de medida de difusão daquela energia)».

Posteriormente, no artigo «Da energia para a matéria» publicado também nesta Revista em 1949, ensaiávamos nós atingir por sincretismo de teorias científicas as conclusões filosóficas de Ubaldi, terminando por apontar a linha que informa «A Grande Síntese». Quão longe estávamos de supor que um ano mais tarde viria Einstein comprovar as comunicações do médium italiano! Que outras confirmações virão ainda? Sabemos que Ubaldi escreveu a Einstein e que fez uma comunicação à imprensa estrangeira sobre o facto que comentámos. Mercê da sua amabilidade, porém, é *Estudos Psíquicos* quem, fora de Itália, tem a primazia do relato.

Desnecessário se torna avolumar com ditirambos retumbantes a importância que para o Espiritismo representa *chegar a Ciência às mesmas conclusões que uma comunicação mediúnica!*

AS NOSSAS EDIÇÕES

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William* Barrett. Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado 30$00 — Encadernado 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado 32$00 — Encadernado 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.* Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.* O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

UMA CARTA

por F. NORONHA

Prezado irmão:

Surpreendeu-me, doente, a notícia transmitida, verbalmente, por irmãos nossos, do súbito abandono do corpo físico pelo espírito daquela que lhe arrancou este desabafo expressivo de alma nobre:

«Se amar-te sempre foi meu doce lema,
falar de ti é gozo que me encanta...».

E, compungido também pela nova inesperada, impossibilitado de ir à sua beira, manifestei-lhe em postal a minha impressão de momento. Fiquei porém cogitando, insatisfeito.

Tanto mais quanto o golpe abrupto que o feriu avivou, em mim, a chaga incurável de golpe idêntico, de que, agora mesmo a 41 anos de distância, me sinto dolorido: a desencarnação de filha única, idolatrada, pelas 2 horas de 2.ª feira, 6 de Julho de 1908, com 18 anos de idade.

Saira eu cedo, para Lisboa, deixando-a bem disposta; sei que se entreteve na residência fronteira à nossa, com médico amigo, jogando as damas; que, repentinamente, foi atacada de congestão, sendo logo transportada para casa pelo parceiro e sua mulher e que, não obstante a aplicação sem demora de recurso de salvamento, ela, no espaço de alguns minutos, soltava o último alento e terminava a sua peregrinação talvez na terra, pronunciando estas palavras:

«Adeus, minha mãe! Adeus, meu pai!».

E, querido amigo, estou escrevendo, e elas retinindo em minha outiva e as minhas pálpebras humedecendo, sem embargo da razão e da consciência me garantirem destas verdades: o espírito sobrevive ao corpo, é imortal, nada absolutamente se perde. A morte não passa de aparência; o corpo físico, renovado constantemente enquanto lhe assiste o hóspede temporal, entra nos domínios laboratoriais da natureza apenas aquele o deserta e obedece às suas leis, impreterivelmente.

No entanto, compreendem-se os instantes angustiosos, o imperativo de mágoa funda, a vitória relativa da lágrima insustável sobre a inteligência e o raciocínio.

Quando ocorreu a ausência de minha filha, deparou-se-me um vácuo fulminante.

Reagi. Foi, posteriormente, que o fenómeno de uma visão pessoal directa me conduziu à nossa ambiência espírita, e tive então ensejo de, por três vezes, até à presente data, pairar meus olhos no enlevo do meu paternal afecto.

Não me emocionaram de pranto. Pelo contrário: sorriram-me, aqueceram-me, regosijaram-me intimamente, ministraram-me a certeza da sua vitalidade no Além astral.

Já, por certo, dilecto amigo, algum sinal autêntico lhe terá demonstrado que D. Maria Gonçalves Duarte Santos vela pelo esposo e continua sua ajuda, na missão gloriosa a que ambos se consagraram.

As subitâneas falhas de presença que constituem assaltos ferinos em nossas existências terrenas são, de positivo, provações abençoados com que a clemência do Alto nos proporciona genuinas antecipações no grau de aperfeiçoamento. Atentando nos factos, incluindo múltiplos contrastes e em determinados cenários irritos, convenço-me de que assim seja e recordo aquela frase correntia, de preclaridade incisiva:

«Deus escreve direito por linhas tortas».

«Tenho sido alongado, mas quero ainda dizer-lhe os motivos do meu culto, prestado à sua distinta consorte. Reconheci nela a mulher perfeitamente equilibrada, de mentalidade lúcida, de índole bondosa e de energia simultânea.

O seu bom senso, o seu ânimo ponderado, a sua ilustração larga e sólida revelaram-se-me por mais de uma vez, infundindo-me respeito.

Afirmei-lhe nas primeiras linhas desta mensagem que, depois de lhe apresentar os meus cumprimentos de pesar, por escrito, permanecera insatisfeito.

O aspecto de saúde e robustez de sua saudosa esposa apareciam-me como sinónimos de longa manutenção existencial, e nem

por sombras podia prever um breve desenlace.

Há notas destas na vida, surpresas a cada minuto, desenganos, desilusões, miragens-relâmpagos sem cessar!

Tudo em nós foge, grandemente, à prova perdurável.

O espectáculo da contingência acompanha-nos mais ou menos, desde o berço, aconselhando-nos a estar precavidos. É lição previdente e conceito experimental. Conforte-se o mais que lhe for possível, estudioso confrade, no afã profícuo do ideal que nos ilumina, soberanamente belo, radicalmente elevado, de fraternidade completa e de ungimento essencial de Paz, num plano de concórdia comum generalizado ao planeta que nos arrasta através da imensidade. E verá, verificará, por si e em si, que a fiel companheira, neste cárcere tragi-cómico, prevalece, auxiliar e inspiradora, junto Do que está para lá do véu e de Quem falam, na imponência de rigor algébrico e no deslumbramento de róseos alvores, tantíssimas maravilhas que nos extasiam e deleitam e nos provocam concepções de ousado alcandor, indo, indo, até atingirem o Incriado!

Chegado que se veja a esse indefenido cume de consoladora aura, encontrar-se-á restituido à normalidade que lamenta, e mais forte, menos vulnerável, menos exposto a trama innsidioso no apostolado do Espiritismo, em que Jesus ocupa lugar como Grande Iniciado e o Ser Omnipotente é fonte suprema e julgador eterno. Quem pudera eliminar da realidade histórica e do consenso espirita a consciência da sua fenonimia comprovada?

Factos são factos e nada há que os demude. O próprio Autor do existente, isento da possibilidade sequer de erratas, contém-se nessa imutabilidade, assente de toda a eternidade em sua infinitude.

Perlustre, anos e anos, de psique docente, a carreira de vocação que lhe imprimiu carácter e que o enamorou e absorveu perante o pensamento e a codificação de Allan Kardec.

D. Maria Gonçalves Duarte Santos, agora mais evoluída, rasgar-lhe-á das regiões de luz inextinguível horizonte desassombrado, em que ambos participarão, colhendo verdades avassaladoras e esclarecendo almas duvidosas ou cépticas.

Abraça-o, afectuosamente, o meu coração agradecido.

Março, de 1950.

Obras Novas

Alma (A) e o Subsconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra	**22$00**
António de Pádua, por Almerindo M. de Castro	**18$00**
Bezerra de Meneses, o Médico dos pobres	**20$00**
Ciência, Religião, Fanatismo, por *Minimus*, Br. 12$00; Enc.	**22$00**
Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy. Br. 22$00 — Enc.	**32$00**
Destino (O) Humano, pelo Dr. Lobo Vilela	**24$00**
Flores de Outono, poesias de um poeta leproso, por Jesus Gonçalves — Brochado 16$00, encadernado	**26$00**
História (Comentários à) das Religiões, por Arnaldo S. Tiago	**25$00**
História de Catarina, por R. Hermindo, dedicada às crianças das escolas espiritas	**16$00**
Iluminação, as mais belas poesias espiritas de Leopoldo Machado	**16$00**
Inquérito Original (É admitida a música nas sessões espiritas?», por Leopoldo Machado	**8$00**
Irmãos de Jesus, belo estudo de Kruger Matos	**10$00**
Jerusa, romance mediúnico recebido por Carmo Bianco	**22$00**
Livro (O) de Tobias	**6$00**
Mediunidade sem Lágrimas, por Eliseu Rigonnati	**15$00**
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann	**28$00**
Memórias do Padre Germano — Brochado 38$00, encadernado	**50$00**
Meneses (Os), romance espirita do Dr. Carlos Imbassahy	**20$00**
Mistério (O) das Sombras, por Alexandre Dias	**12$00**
No Caminho da Espiritualidade	**15$00**
Noções de Filosofia Espirita	**3$00**
Orador (O) Espirita, por Eliseu Rigonatti	**10$00**
Organização Federativa (Como organizar federações espiritas)	**12$00**
Para o Alto, formoso livro dos mais belos apólegos espiritas, por Leopoldo Machado	**20$00**
Pérolas Ocultas, por Abel Gomes	**14$00**
Personalidade (A) de Jesus, por Leopoldo Cirne	**10$00**
Prontuário das Obras de Allan Kardec	**5$00**

Hora de Sementeira e Decisão

por NATÁLIO CECCARINI

Um mundo carregado de ódio, de egoismo desenfreado e presa de angústia desesperante se oferece à nossa reflexão serena e fala de uma atitude que revela ansiedade da parte dos espíritos livres e amoráveis.

As diferentes doutrinas que pretenderam libertar o homem de seus erros e de sua miséria física e moral, incluindo as verdadeiramente inspiradas na paixão do bem, têm-se frustrado umas atrás das outras por falta de base espiritual que as solidificasse e facilitasse o cumprimento de sua tarefa. Houve sistemas de todos os matizes; uns, nutridos exclusivamente por um materialismo negativo, embruteceram e exploraram o indivíduo sem dó nem piedade; outros, apoiados principalmente em promessas celestiais, fanatizaram o ser e anularam-lhe as suas mais nobres faculdades.

Doutrinas que obrigaram o homem a transitar por sendas equívocas, ermas de vitalismo essencial, de ideias redentoras e progressivas, nada puderam fazer para libertá-lo e evitar-lhe tanto sofrimento e perturbação, e antes contribuiram para a situação confusa em que os povos se debatem.

Assim contemplamos o mundo presente, agitando-se em angústia que não se extingue, em ódio interminável, em incompreensão improdutiva, em intolerância cruel. Ideias que se encontraram e disputam a supremacia; as criaturas humanas inimigas entre si; ausente em toda a conferência, convénio ou pacto, o espírito vivificante da fraternidade, o desejo puro de entendimento, o nexo moral que cimente o que se estrutura. Tudo se traça e se levanta sobre o cálculo, o interesse e a hegemonia. Não importam os meios para chegar ao fim, nem que se destruam sem piedade as leis morais que governam as determinações dos homens. O essencial é conseguir o propósito, vencer e dominar, embora tudo se desmorone e sucumba.

Quem vive guiado pelos ensinamentos do Alto e compreende as causas do que afecta a criatura humana, pode cooperar na missão de desfazer a incerteza do momento e acender novamente a lâmpada da esperança no coração dos homens.

Quantos não gozaram a suprema facilidade de beber nas mensagens do «mundo invisível» a água fresca da verdade! Conhecendo o porquê da desinteligência humana, têm o dever de procurar a conciliação das almas no amor e na harmonia, através de entendimento e boa vontade.

Os que reconhecem a situação crítica dos povos, a consequência de conduta errada e falta de conhecimento espiritual do que é o homem e qual o sentido da vida, contrairam o dever de iluminar o caminho da humanidade e oferecer-lhe aquelas verdades que lhe podem esclarecer a consciência, rectificar a sua marcha e dirigi-la para destinos superiores e fecundos.

É preciso espalhar a semente da boa nova espiritual e que ela frutifique na alma das multidões, a fim de que descubram o seu destino e se libertem da dor e da ignorância.

Nesta acção e neste semear de luzes e sentimentos amorosos, jámais estaremos sós. Uma falange de seres espirituais mensageiros e interpretes da vontade divina, nos rodeiam e nos secundam. Eles nos darão a força necessária para impedir o desfalecimento e fortalecerão o espírito com a paixão do bem na hora do combate.

Mas neste mister sagrado em que temos de oferecer o melhor que tivermos e trabalhar sem descanso por um mundo mais compreensivo e fraterno, longe de nós qualquer ideia de orgulho, egoismo ou predomínio. Só deve guiar-nos a ânsia de servir, com absoluta renúncia e abnegação. Só assim triunfaremos no desejo de realizar o bem e só assim seremos sempre assistidos espiritualmente.

O mestre Allan Kardec, no seu momento de semeadura e de luta, foi advertido pelos mensageiros de Deus nesse sentido e é oportuno recordar a prevenção espiritual nos servidores sinceros que se possam desviar do seu caminho:

«Lembra-te de que os Espíritos bons só assistem aos que servem a Deus com desinteresse e humildade e repelem os que buscam no caminho do céu um trampolim para logro das coisas terrenas, afastando-se do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu corrido sobre a luz celeste e Deus não se serve dos cegos para mostrar a luz».

Afirmemos, pois, o nosso desejo de servir a reconstrução moral e espiritual do mundo.

O ESPIRITA NA PEDAGOGIA

por TITO L. BANCÉSCU

Correspondente em Rosário — Argentina

Delicadíssima é, sem dúvida alguma, a missão do espirita na vida caseira. Porque o lar é a primeira escola, poder-se-ia dizer que é no ninho que se forma a verdadeira personalidade. Enquanto a escola primária ilustra, o lar educa. A mãe é a melhor mestra, não sòmente dos seis anos elementares, como também de toda a vida. Crianças, adolescentes e adultos consultam suas mães antes de empreender qualquer coisa importante.

Quando os professores primários tiverem conhecimentos fundamentais acerca do que é o Espiritismo nas suas diferentes manifestações, poderemos ter a certeza de que as sociedades se irão transformando lentamente e seguramente. Não é que a escola espirita se proponha converter os seres ao que se tem chamado a «religião» espirita. O verdadeiro espirita não procura fazer proselitismo no sentido religioso da palavra, mas despertar consciências e convencer o homem, através de leituras comparativas, de que ele é o único artífice do seu destino e que ninguém o fará feliz, nem a própria divindade, se ele o não quiser ser.

Eis porque o verdadeiro espirita tem na pedagogia um campo vastíssimo e de imensas projecções. Cada criança, cada educando é para o mestre um sério problema. Trinta ou quarenta alunos são trinta ou quarenta psicologias diferentes. Aqui um menino buliçoso, irrequieto, inteligente, que facilmente muda de classe e aprende as lições. Além outro, cuja rebeldia é manifesta: interrompe as aulas, incomoda, mortifica o mestre, maltrata os companheiros, é mentiroso e indisciplinado. Mais além, um pobre retardado, indiferente a tudo, ri-se sem motivo ou diz palavras importunas, etc.

O mestre espirita depressa se persuade da sua função e procede consequentemente. Procura munir-se da história psíquica e clínica dos três discípulos ou das três categorias de alunos. O primeiro, aquele menino inteligente e perspicaz é filho de um carvoeiro do bairro. Os seus pais são humildes, sem ilustração. Interroga a decantada lei de hereditariedade fisiológica e ela emudece. Não é capaz de lhe responder para justificar o contraste que se nota. O segundo é filho de um médico, um verdadeiro apóstolo da medicina e sua esposa é uma santa. O terceiro procede de um homem exemplar: o pai é um célebre jurisconsulto e a mãe é um espírito nobre, filha de um industrial de sentimentos humanitários.

A lei de hereditariedade não lhe pode dar aqui resposta conveniente. Apesar disso, o mestre espirita trata do seu problema áulico por saber que tem na frente três espíritos diferentemente evolucionados. Aqui são indispensáveis três métodos didáticos. Quanto menor for a evolução de cada criança, maior empenho deve ter em ministrar-lhe o ensino. Essa evolução é que marca o caminho a seguir.

Mas neste problema surgem os obstáculos para o mestre, entre os quais está o plano de estudo imposto. E temos de acrescentar a não aceitação da evolução como factor determinante na marcha dos indivíduos e das sociedades. O criacionismo constitui imediatamente um entrave à nobre missão do magistério. A este respeito diz o Dr. Carlos N. Vergara na sua obra «Evologia»:

«Entre cada mil mestres e professores de ensino primário, secundário e superior, é difícil encontrar um só que considere as suas práticas e doutrinas como passageiras e rápidas manifestações da cultura humana que amanhã serão muito diferentes de hoje e que, se não evolucionaram nalgumas épocas, foi devido à ignorância dos dirigentes, que detêm a marcha do progresso com grande prejuizo para a educação dos povos.

«Veja-se quão grande seria a diferença na situação mental dos educadores a respeito dos seus educandos e da arte de ensinar, se soubessem que deviam modificar e renovar todos os anos os seu sistemas, métodos e práticas! «Sempre que se faz uma reforma no ensino, há guerra sem quartel entre um só e o resto do mundo. Um reformador lança uma ideia e todos os outros se voltam contra ele para o aniquilar e só a pouco e pouco aumentam os partidários da reforma, de modo que só em dez ou vinte anos triunfa o que podia ter-se conseguido num ano, se o conceito evológico do ensino existisse nos cérebros, claramente».

As leis da Natureza são suficientemente aliciantes naquele sentido, com a agravante de não obedecerem a impulsos simplesmente mecanicista, mas inteligentes, conscientes.

Achamos que os educadores deviam estudar o Espiritismo, não para se converterem, mas para utilizarem os seus conhecimentos científicos e as sua orientação psicológica e parapsicológica em colaboração com ele, nas tarefas cotidianas. As aulas do futuro estariam nas mãos de mestres metapsiquistas ou espiritas, isto é, em mãos de profissionais conhecedores das ciências do espirito. Não quer dizer que os pedagogos se entreguem a práticas mediúnicas, mas que apronfundem a psicologia infantil em todos os seus aspectos, intervindo neles a palingenesia admirável com suas encarnações e reencarnações sucessivas, que levantam um pouco o véu do que foi e é o educando que o mestre tem na sua frente.

Unidos estes antecedentes à história psicológica, clínica e económica, o educador salta todas as barreiras e encontra os problemas quase solucionados. A experiência demonstra assim que a psicologia clássica não pode resolver estas questões, que para a maior parte dos professores constituem verdadeiros pesadelos. Se alguns estabelecimentos psico-pedagógicos costumam afastar-se de suas normas com métodos psicanalíticos, a escola espirita oferece aos professores perspectivas imensas, capazes de transformar inteiramente as sociedades.

Por isso, entendemos que o mestre espirita tem grande vantagem no desempenho da sua missão. Se a rotina dos planos de estudo não lhe permite moldar o espírito das crianças de acordo com os novos métodos que lhe oferecem as ciências do espírito, pelo menos consola-se por saber que os seus problemas terão solução definitiva para a escola do futuro.

PRÉMIOS E PROVAS?

A propósito de duas mortes queridíssimas

por LEOPOLDO MACHADO
Correspondente em Nova - Iguaçú

Só compreende bem a dor alheia quem passou por dor igual.

Este, nosso caso a respeito da angústia que aflige o prezadíssimo irmão Isidoro Duarte Santos, em face do desencarne de sua esposa.

Vivendo em terras distantes, sem nos conhecermos, ainda, pessoalmente, somos, entretanto, duas grandes afinidades espirituais, como o eram nossas esposas, que não se conheciam, que nunca, ao contrário dos esposos, trocaram correspondência alguma...

★

Um telegrama amigo pôs-nos ao corrente do desencarne de D. Maria.

E uma carta do esposo desolado diz-nos de sua angústia, de sua desolação.

«A minha dor cerceou-me as forças. Tenho emagrecido muito. Ao contrário de você, nada há que me console. Sempre a saudade a verrumar-me» —, inicia assim sua carta aflitíssima, que termina contando a primeira manifestação do grande Espírito, como está na Estudos Psíquicos de Janeiro.

★

No transe por que passamos — o mais sério de nossa vida —, foi do Isidoro e de sua excelente Estudos Psíquicos que tivemos a maior manifestação de solidariedade cristã vinda de fora.

Exteriorizando aqui o que estamos sentindo em face de sua desolação, cumprimos, apenas, insuficientemente, um simples dever de solidariedade cristã.

★

Estudos Psíquicos de Janeiro põe-nos, particularmente, ao corrente do drama doloroso. *E traz-nos maiores convicções da grande, da enorme afinidade existente entre os dois esposos desolados, entre os dois Espíritos que se foram.*

★

Porque teria dito Henrique Magalhães que não podera escrever sobre o passamento da estremecida Marília, senão comentando a morte de ambas?

Aguardava, intuitivamente, o desencarne da outra, quase na mesma idade, em iguais circunstâncias quase; ambas sem deixarem filhos, por mais que o desejassem, devotadas ambas aos filhos alheios; deixando ambas os companheiros entregues à dolorosa saudade e crivados de compromissos doutrinários que dependiam muito delas. Até semelhança no cadáver de ambas, que um sorriso leve pairou nos lábios da querida morta, que mais parecia dormir. Ambas vítimas de enfermidade violenta e rápida, cabendo a uma a graça de manifestar-se imediatamente e a outra, de ser recepcionada a música transcendental na Espiritualidade, ouvida por médium audiente...

★

Chovem por aí comunicações verbais e escritas atribuídas à morta querida. Comunicações que ainda não podemos aceitar, adstrito ao conselho de Allan Kardec, que manda recusar, preferentemente, 99 manifestações verdadeiras a aceitar uma só, falsa...

Entretanto, aceitamos, perfeitamente, sua presença em Lisboa, ao lado da outra morta, tal como nô-la dizem a carta do esposo e a notícia da Revista. Aceitamo-la, a despeito do grande médium F. Cândido Xavier nos escrever de Pedro Leopoldo: «Tenho orado sempre pela felicidade e paz de quem nos foi, neste plano, devotada amiga e valorosa missionária do bem. Ainda não recebi, porém, qualquer manifestação dela, embora o nosso Emanuel *tenha afirmado que D. Marília, mesmo em convalescença espiritual, tem continuado a sua bela missão, ao lado do companheiro e do* Lar».

★

«Eu e D. Marília já nos conhecíamos de outra vida» —, explicou a desencarnada de Lisboa, na segunda comunicação que deu, justificando assim a presença da querida

esposa ao seu desencarne, essa coisa que só se dá entre espíritos de muita afinidade.

Velhos conhecidos os dois espíritos e irmãos de ideal, laborando, talvez, em iguais missões! Exactamente como os esposos que aqui ficaram, amargando sua saudade, cultuando sua memória. Cultuando e amargando uma e outra coisa, ainda que não o quisessem, porque de ambas nos falarão bem alto suas obras, o concurso que emprestaram a nossas actividades. Estudos Psíquicos, principalmento, ao Isidoro. O Lar de Jesus, a nós!

Mais felizes do que os companheiros, receberam já o prémio aos santos labores terrenos. E, muito principalmente, às qualidades excepcionais de filhos exemplares, irmãs desveladas, esposas extremosas, mães vigilantes de filhos de outras mães e cristãs de verdade.

Seu chamado à Espiritualidade, libertando-se, cristãmente, da carne e da Terra, este, o prémio redentor!

Mais devedores do que ambas, aqui permanecem, ainda, os velhos companheiros nas suas provas, procurando ultimar — bem ou mal — menos bem, sem elas, talvez! — suas tarefas, até que lhes venha, também, o alvará de soltura...

Consolemo-nos no trabalho, querido Isidoro, certos de que, se a colaboração eficiente das companheiras queridas não nos faltou, enquanto estiveram na carne, porque nos faltaria agora, com elas na Espiritualidade, mais livres e vendo as coisas de mais alto?

Que felizes ainda somos, a despeito de tudo!

Ficou-te uma filha querida, providencial porta-voz das comunicações da ausente, e mais a Revista e mais o Centro Espiritualista a falar-te, constantemente, dela!

A nós, ficou-nos o Lar de Jesus, com suas quarenta e tantas filhinhas espirituais, principalmente. E mais duas filhas queridas — nossa irmã consanguínia e a irmã da desencarnada — com as quais ficamos, pràticamente, residindo.

Bendigamos, assim, o prémio que lhes coube.

E, resignados e firmes na fé, peçamos a Deus as forças e os recursos precisos para levarmos a termo as provas que nos restam atravessar.

VIGIAI E ORAI

por José Simões de Matos

Pelos pensamentos que cultivamos constituimos a sociedade em que vivemos espiritualmente.

Porque os pensamentos atraem pelas leis de afinidade os espíritos de igual natureza.

Precisamos de considerar estas coisas para evitarmos muitos males e infelicidades, tanto da ordem material como espiritual e sobretudo não sermos injustos com o próximo, atribuindo-lhe uma série de culpas e responsabilidades que não lhe cabe e sim a nós, que as atraímos por nossos pensamentos viciosos e impuros. O mau humor destroi a saúde do corpo e da alma, e cria o sofrimento que conduz à perturbação, ao desespero, tanto de sua própria vida como daqueles que o cercam.

Temos o dever de ser resignados e alegres, quanto possível, não só porque desejamos ser felizes, como também pelo dever que temos de evitar sofrimentos ao próximo, procurando não o perturbar nem infelicitá-lo com a nossa vida.

Precisamos de cultivar o optimismo que nos faz ver a vida com mais beleza e o futuro com mais fé e confiança em nós mesmos.

Tudo que nos acontece tem a sua razão de ser motivada pela lei de afinidade do pensamento, seja o que for. Não há efeito sem causa nem causa sem efeito.

Nenhum mal pode acontecer verdadeiramente a quem, por seus pensamentos justos, viver em harmonia com a sua consciência, orientando sua vida pelos ensinamentos do Cristo, que aconselhou:: «Não faças aos outros o que não desejas para ti». Em todas as coisas busca primeiro o reino de Deus em ti mesmo, tornando-te obediente à lei que manda amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Significa dizer: Diante das propostas e tentações do mundo, não decidas jamais sem primeiro atender e considerar o que a respeito te aconselha e adverte a própria consciência para que não hajas de arrepender-te, mais tarde, quando fores forçado pela dor a reparar a falta praticada por desobediência à Divina Lei que em ti mesmo age, sempre presente no tempo e no espaço, porque é emanação daquele que tudo vê, tudo sabe e em tudo se contém.

Porto Alegre, Brasil

O EXISTENCIALISMO

Segundo o meu critério espirita

por RUFINO JUANCO
(Correspondente no México)

Uma doutrina contemporânea que o teatro, a novela e até a moda têm posto ao alcance do homem da rua, empenha-se em nos lembrar confusamente o risco de existir. É a filosofia que se chama existencialismo, filosofia *nova* no nome, porque assim a baptizou um filósofo contemporâneo, Sastre, mas muito velha no seu conteúdo. No fundo, é a mesma filosofia de Kierkegaard, de Diithey, de Stirner, de Heidegger, de Jaspers, de Pieper, de Soeren, de Dostojevski, de Cheston, de Pastore, de Ortega y Gasset e de outros. Não é, pois, um descobrimento de Sastre, visto que, nesse lapso, entram os famosos Nietzsche e Henerbach.

De onde vem o novo nome a essa corrente filosófica? Não, precisamente, porque se ocupe da existência, pois este conceito é um conceito clássico da filosofia; provém de que confere ao facto da existência um valor decisivo na apresentação e solução dos problemas filosóficos.

Em que consiste o existencialismo? Em explicar aos gritos que o homem é um ser abandonado neste mundo e para o qual não há mais do que duas saídas, isto é, ou o valor autenticamente humano que afronta o abandono e o perigo da existência, ou a fuga cobarde para a tranquilidade burgueza do gozo e da charlatanaria para esquecer o inevitável risco de existir.

E pergunto-me: não terão confundido os existencialistas o *risco de pensar* com o *risco de existir*? O homem, espírito prisioneiro na carne, está feito para transitar através do panorama tentador deste mundo e de outros, para assegurar o seu destino futuro. Este é o verdadeiro risco e esta deve ser a nossa única inquietude existencial. Assim o creio, como espiritista. Os riscos a que se referem os existencialistas não me preocupam muito nem pouco, nada. Mas se não é verdade o trânsito do homem por este e outros mundos em direcção a um destino superior, como receio que o não seja para os existencialistas modernos, então teremos de acreditar no risco do existir e não no risco de pensar que não passou despercebido nem a Sócrates, o mestre máximo, nem a Aristóteles, o maior pensador que tem passado pela Terra.

O existencialismo, ao reduzir-se, como se reduz, só ao concreto — este, isto ou aquilo — repele ou despreza os conceitos universais; e, como os criminalistas da Idade Média, pretende que tudo o que há de universal está ùnicamente nas palavras e não nas coisas. Daí a sua afirmação monstruosa de que os conceitos universais são algo de inútil para a ciência e para a sabedoria.

O existencialismo é o ódio às essências. O ser não lhe interessa, basta-lhe o existir, e assim forma uma embrulhada. Basta-lhes o concreto, o individual existente «aqui e agora», com exclusão completa de qualquer consideração acerca do que tem de «essencial», o que é um erro gravíssimo, em minha opinião.

A ciência é dos universais; assim o diz o grande Aristóteles, e disse bem, como os leitores compreenderão com este fácil exemplo: «este» electrão, ou «esta» molécula, não são objecto de ciência física; mas «o» electrão ou «a» molécula, *sim*, são-no. Outro exemplo: «este» fígado, no que tem de não universal, serve, quando muito, para fritar numa certã; mas «o» fígado, com o que tem de universal, interessa a todo o experimentador de biologia. Poderia multiplicar estes exemplos, mas não vale a pena. Só assim, falando em geral, ou em conceito universal, ou no essencial, é que podemos entender-nos. Se não, não. Não dizemos «este» coração palpita, mas «o» coração palpita. O concreto, o individual existente só se compreende à base do essencial, à base de um conceito universal, ou seja porque a linguagem humana tem estreitas relações com o pensamento.

Não é, pois, aceitável nem conduz à verdade o repelir ou dizer mal das essências e dos conceitos universais, como faz a filosofia (assim lhe chamarei) do Existencialismo. É muito mais interessante sabê-las manejar.

Os existencialistas permitem-se amputar um certo número de curiosidades naturais e perfeitamente lógicas e renunciam a saber donde vêm e para onde vão. E ordenam e dispõem que o homem individual, na limitada cerração do seu Eu concreto, é o último horizonte, assim como o ponto de partida do pensamento. Parece que vêm ao mundo com horror inato a tudo o que é essencial, assim como há quem nasça com alergias he-

CARIDADE

por TÚLIO ROSA

Caridade — palavra sublime que faz vibrar de ternura a alma que anseia a perfeição, pois já compreende e sente a dor alheia, como se a sua própria fosse.

Caridade — palavra ôca e sem sentido para todo aquele que, cego pelo egoismo e pelo orgulho, só em si próprio pensa, não vendo nem sentindo, pelo seu atraso moral, a dor e o sofrimento do seu irmão que, despojado de valores materiais, se vê a braços com a doença, a fome e a miséria.

Caridade — palavra tão linda, tão bela, tão cheia de Amor Divino, que nos faz recordar as dádivas que do Alto recebemos, quando, alquebrados pelo labor cotidiano, pela partida de um ente querido ou após uma provação que nos abalou o espírito, sem o auxílio invisível sossobraríamos, se ficássemos abandonados a nós mesmos, por falta de forças, de raciocínio e, quantas vezes, de Fé.

Para o homem, a palavra Caridade tem significados diferentes, consoante o prisma pela qual a julga compreender.

Para nós, espiritas, é o imperioso dever da consciência, amor, humanidade, renúncia.

Regra geral, a caridade é confundida com a esmola, e esta nem sempre traduz sentimento caridoso, pois há o mendigo profissional e o verdadeiro necessitado. Aquele é um parasita da humanidade; este, um sofredor que precisa de auxílio. Na rua é difícil a distinção. Quantas vezes a esmola não será um incentivo ao desleixo, ao vício, ao rebaixamento moral!

Da esmola beneficia um só indivíduo, que muitas vezes se sente humilhado ao recebê-la. Da Caridade podem beneficiar muitos com menor esforço de quem dá, sem humilhação para quem a recebe e com maior eficiência.

Quanto a esta parte da doutrina, pratica-a o espirita português conforme as suas possibilidades, mas isoladamente.

Se o Karma ou Lei de Causa e Efeito tem de ser cumprido, também pode ser atenuado. Se assim não fosse, que precisão haveria de *amar ao próximo como a nós mesmos?* Porque sentiríamos a necessidade de prestar auxílio ao nosso semelhante?... Numa palavra: Que razões subsistiriam para devermos praticar a Caridade? Essa seria então uma palavra vã de sentido. Seria o império do feroz egoismo no seu execrável «salve-se quem puder». Seria a *lei do mais forte* a imperar livre e desoladoramente na superfície da Terra.

Mas como deverá ser praticada essa Caridade que a razão nos ordena e a que o coração nos impele? A meu ver, nos moldes em que o Espiritismo a aconselha. Criando um organismo onde os espiritas tivessem a satisfação de ver realizados os seus desejos e a alegria de verificar os resultados dos seus esforços e da sua boa vontade.

Para isso unamo-nos, porque do Alto nos virá a inspiração e o auxílio.

Com a nossa vontade persistente e com a Fé inabalável nesse Auxílio Divino, completaremos então a prática do Neo-espiritualismo: estudo filosófico e científico, prática doutrinária e mediúnica e a prática da Caridade.

E mais uma vez não esqueçamos Kardec: «fora da caridade não há salvação».

Com Fé, aguardo ser compreendido pelos confrades que tiverem a paciência de ler estas despretenciosas linhas e, com a mesma Fé, espero ver realizados os anseios de quantos nesta ideia militam.

---

reditárias para isto ou para aquilo. E excluem toda a pesquisa acerca das origens e dos fins, o que me repugna profundamente.

O princípio de causalidade, que os existencialistas não podem nem devem repelir, é um forte e seguro fio condutor da inteligência que leva o homem onde ele quiser chegar: ao homem vulgar, conduz-lo a Deus, porque o homem vulgar não tem inconveniente algum de chegar até ele.

Quando o homem quer ir até ao ancestro primitivo ou até à Nebulosa primitiva, chega lá e de lá não passa; mas a explicação não é a impossibilidade de passar de lá, mas a falta de vontade e de sinceridade.

Oiçam, espiritistas: O existencialismo é uma das formas mais brutais de negação que se conhecem na História das ideias, pois chega até ao repúdio integral do que constitui o nervo de todo pensamento. E com isso de não chegar a Deus, nem ao Espírito, resignam-se a não ir a parte alguma e se por acaso, como Marcel, chegam a Deus, é saindo da estrita ortodoxia do horror ao essencial e aos conceitos universais.

Conclusão: A guerra dos existencialistas às essência é a guerra à inteligência com um tremendo saldo de obscuridades mentais e fumaradas de sufocação nas almas.

Crónica Estrangeira

AS CONFERÊNCIAS DA CEPA...

A CEPA (Confederação Espirita Pan-Americana) iniciou, domingo, 4 de Fevereiro, a série de conferências mensais de propaganda da Doutrina, das ideias de confraternização espirita pan-americana e de seu contacto com o público. A conferência foi na sede da Liga Espirita do Brasil, presidida pelo seu presidente, Aurino Souto.

Todos os lugares ocupados. O orador, Coronel Pedro Delfino Ferreira.

O conferencista estendeu-se em considerações doutrinárias e históricas, revelando a origem e formação da CEPA e de seus ideais de confraternização. E objectivamente, focou o que a CEPA espera realizar no Brasil, até chegar-se ao 3.º Congresso Pan-americano, que será em 1952, em Cuba.

Seguiu-se a parte artística, de colaboração de Mocidades Espiritas.

Para conduzí-la, a palavra do orador, que a CEPA não pode prescindir da cooperação geral de todos os espiritas brasileiros e, em particular, dos moços espiritas. Ali trazia o primeiro grupo de jovens amadoristas da arte de dizer e do canto; jovens que também se disporiam a trabalhar pela consubstanciação das finalidades e dos ideais da CEPA.

Amadeu Ferreira, da União da Mocidade Espirita de Bangú, declamou, com vibração e arte, *Andando Sobre o Mar* de Mário Barreto. A senhorinha Lúcia Costa, também de Bangú, segue as pegadas do primeiro declamador, dizendo *Esta Vida...* de Guilherme de Almeida. A senhorinha Maria Luiza Babo, canta *Quando se é moço* e a menina Léa Rodrigues Monte, do *Lar de Jesus*, declamou *Amor Filial*. Os quatro jovens receberam prolongados e merecidos aplausos.

Foi assim coroada de êxito a primeira conferência da CEPA.

A segunda será na Federação Espirita Brasileira, no domingo de Março, e o conferencista, o Dr. Miranda Ludolf, secretário daquela respeitável instituição.

A CEPA vai desenvolver inteligente propaganda de suas finalidades e difusão, visto que nem todos os espiritas, mesmo os mais esclarecidos, conhecem perfeitamente a sua organização.

São directores da CEPA, que estiveram presentes à reunião, os confrades, Delfino Ferreira, Dr. Miranda Ludolf, prof. Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Nelson Baptista de Azevedo.

A OPINIÃO DE UM MATEMÁTICO SOBRE O ESPIRITISMO

O jornal francês *Ici Paris Hebdo* publicou o seguinte artigo da autoria de René Trintzius, que foi transcrito pelas *Forces Spirituelles*, donde o traduzimos:

Sabeis vós que depois da morte de Dante Alighieri em 1321, se constatou que os 13 últimos cantos de «A Divina Comédia» tinham desaparecido? Durante oito meses foram procurados, mas Jacopo, o filho mais velho do Poeta, sonhou com o defunto que lhe mostrava no seu quarto um ponto na parede, dizendo: — «Eis onde se encontra o que procurais há tanto tempo». Descobriu-se com efeito nesse lugar um esconderijo contendo os cantos perdidos.

Sabeis vós que no princípio de Abril de 1348, o célebre poeta Petrarca teve um sonho inesquecível? Uma mulher de rara beleza estendia-lhe a mão:

— Reconheceis-me? dizia ela.

— Sim — respondeu ele. Vós sois Laura de Novas que celebrei nos meus poemas.

— Eu já não vivo sobre a terra — replicou — e eu só tive ao morrer a pena de vos abandonar.

Ora, Laura de Novas que ele tinha amado toda a sua vida, acabava de ser levada pela peste negra em Avinhão, onde ela vivia longe do poeta. Como Petrarca soube depois, ela tinha morrido no dia que precedera o sonho.

E eis factos mais próximos de nós. No fim do século XVIII, a M.me Herteville, viúva do embaixador da Holanda em Estocolmo, foi reclamada uma grande importância por um ourives. A viúva, convencida que esta soma havia sido paga pelo seu defunto esposo, pediu a Swedenborg, que tinha a reputação de se colocar em contacto com os mortos, que perguntasse ao embaixador se ele tinha pago em vida ao ourives. Através de Swedenborg, o defunto dava indicações que permitiram encontrar o recibo numa certa secretária que tinha um compartimento secreto ignorado de todos. Foi Emanuel Kant quem certificou o facto, um testemunho de peso...

E eis um exemplo contemporâneo, certificado pelo Dr. Tanagras, de Atenas, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas Helénicas. A 28 de Outubro de 1925, foi encontrado perto do lugar chamado Kaputsides, o cadáver de um pastor, guardado pelos seus quatro cães. As suspeitas recairam sobre dois indivíduos que foram presos. Alguns dias depois, o irmão da vítima viu em sonho o morto, coberto de sangue, que lhe dizia: — «Não foram os que estão presos que me mataram, mas Servos, com um pastor, e eles roubaram-me vinte «napoleões» que eu tinha. Mas passarão muitos dias antes que eles se curem das mordeduras que os meus cães lhes fizeram».

O irmão comunicou este sonho ao juiz de instrução que, em vez de sorrir e de encolher os ombros, foi interrogar o homem acusado pelo morto. Ele confessou o seu crime.

Tudo o que acabamos de relatar aqui, extraímos do manifesto a favor do Espiritismo que acaba de publicar o matemático francês Lemoine, sob o título «Vers l'Au-delá». Os sábios oficiais são muito raramente favoráveis às investigações psíquicas, sobretudo em França, pelo que o facto deve ser sublinhado com vigor.

Onde as coisas se complicam é quando vemos defuntos ocuparem-se de altas matemáticas e darem indicações preciosas a este sábio.

Lemoine que será um dos raros franceses de hoje a poderem-se entreter ùltimamente com Eins-

tein, e de que a Academia das Ciências coroou em 1918 um grosso tratado de matemáticas, enviara em Julho de 1922 ao Congresso da «Associação Francesa para o avanço das Ciências» duas memórias relativas a extensões de dois teoremas devidos ao geómetra francês Charles. Nesta época, ele ignorava toda a vida de Charles, que se pôde chamar «O Rei da Geometria».

A 20 de Dezembro do mesmo ano, Lemoine corrigia as provas das suas duas memórias.

Ora na véspera, numa sessão espírita «à qual o nosso sábio não assistia», um médium diz à esposa deste último: — «Eu vejo o vosso sogro... Conduz-me a uma tipografia. Trata-se de trabalhos de vosso esposo que vão ser impressos. Num deles há qualquer coisa a modificar».

Como seu pai não era matemático, Lemoine supôs que não se tratava das duas memórias, mas duma outra obra. Ele enganava-se, porque, dois dias depois, um outro médium, Albertina, renovava a mesma advertência. O mesmo defunto, dizia ela, levava-a a uma tipografia. Havia qualquer coisa a modificar numa obra de capa vermelho-tejolo. Dizia pois respeito a uma das memórias.

Mas Albertina, em transe, informava Lemoine que a entidade Charles estava presente e ela fornecia pormenores sobre a vida do grande geómetra cujos trabalhos constituiam objecto do livro a corrigir.

O nosso sábio recebeu a sua obra e apercebeu-se, com efeito, de que era necessário tirar uma linha gravemente errada sobre o teorema de Charles.

Para excluir a ideia de uma vidência extraordinária do médium e fortificar a sua convicção espirita, Lemoine interrogou o médium sobre outros geómetras de que conhecia melhor a biografia e os informes fornecidos eram falsos, enquanto tudo quanto respeitava a Charles (entidade presente, seguindo o médium) era exacto. Pode-se pois aqui dificilmente falar de telepatia entre o consulente e o passivo e tudo leva a crer numa intervenção dos mortos.

Esta atitude corajosa de um grande matemático permite juntar um nome à lista dos homens de ciência que, desde o grande físico Crookes ao antropologista Russel Wallace, tentaram construir a ponte entre o psiquismo e a ciência objectiva e quebrar o círculo infernal em que o materialismo tentou fechar o conhecimento humano.

TEATRO DA MOCIDADE

O Teatro Espiritualista e, fundamentalmente, espirita no Brasil, já é quase uma realidade.

Cabe a Leopoldo Machado grande parte de seu êxito, pois desde 1932 se vem batendo por um teatro espiritualista, objectivo, sério e alegre. Campanha elevada, com exemplos e factos, pela palavra falada e escrita, artigos substanciosos e livros de teatro. Até inimizades tem arrostado o ilustre confrade, da parte de irmãos menos avisados que fazem de uma plateia espirita, plateia de circo ou de estúdio de rádio, pelas baboseiras profanas que aí se representam.

Leopoldo Machado tem o seu terceiro volume de teatro, o *Teatro da Mocidade Espirita*, a ultimar-se na *Gráfica Mundo Espirita*, que tão interessantes volumes tem publicado. Trata-se de um volume de quase 300 páginas com mais de 60 peças, que variam do drama emotivo e forte à comédia ligeira e anedota teatral.

Mais um livro de Leopoldo Machado que, na ânsia de servir bem a Doutrina, já editou mais de vinte volumes de género diferente e variado.

A Gráfica editora e o autor já estão recebendo pedidos de volumes.

UM «CROCHT» REVELADOR

Sob este título, a *Revue Spirite* publica uma carta da Sr.ª Marsault que a seguir traduzimos:

«Nas férias da Páscoa de 1949, entrei em relações em Lamalou-les-Bains com a Sr.ª e o Sr... Ch... que perderam uma filha de 29 anos há quatro anos. Esta filha, que nascera normal, tivera uma meningite na idade de dois meses e não pôde depois desenvolver-se. Teve, pois, sobre a terra um longo martírio e sem pais, que sòmente tinham aquela filha, rodearam-na de todos os cuidados possíveis e de uma afeição sem limites. O desaparecimento da filha se bem que tenha sido o fim de tantas canseiras, deixou-lhes um vácuo imenso e a fadiga nervosa trazida por uma tal existência tinha abalado fortemente a saúde destas pessoas. Fui convidada a reforçar-lhes a sua nova fé espirita; a amiga que me tinha apresentado começara a sua iniciação e obtivera mensagens de Lucette pela prancheta. Nós obtivemos outras pela mesa e Lucette deu directivas a sua mãe para uma melhoria da sua saúde.

Em Sete, no nosso grupo, tentámos obter comunicações escritas, a pedido dos pais de Lucette. Por duas vezes recebemos uma assinatura com um «crochet» curioso como parágrafo. Ora, Lucette não sabia escrever e eu estava céptica sobre o valor destas assinaturas. Eram garatujas sem significado para nós, mas, no entanto, aqueles riscos intrigavam-me.

Tendo regressado a Lamalou em Setembro, levei o caderno aos pais numa tarde. À noite, ambos, muito emocionados, vieram dizer-me que a garatuja e o «crochet» eram sinais certos de identificação de sua filha. Quando o pai fazia um risco sobre um papel, ou um outro sinal, ela agarrava o lápis e juntava o «crochet». Vi também uma garatuja idêntica à que escreveu a mão do nosso médium. Junto a garatuja e a assinatura com o «crochet». Os pais poderão confirmar as minhas palavras, sendo necessário».

Como se vê — comenta a «*Revue Spirite*», as manifestações obtidas nos grupos ou mesmo nos círculos familiares apresentam por vezes um interesse muito vivo. E o facto relatado pela Sr.ª Marsault testemunha isso perfeitamente.

LEGIÃO DA BOA VONTADE

Realizou-se, sabado, 4, na sede da A. B. 1. mais uma reunião da Liga da Boa Vontade presidida por Alziro Zarur, a que compareceram muitos legionários e curiosos.

Levando-se em conta os considerandos judiciosos apresentados pelo legionário Leopoldo Machado, foram votados por aclamação o presidente e os dois secretários do Conselho da *L. B. V.*: Vitorino Eloi dos Santos, D. Maria de Lucena e Oli de Castro.

A *L. B. V.* terá sua sede definitiva na sede da Associação Brasileira de Rádio e fará as suas reuniões públicas na A. B. 1.

A sua Revista da *BOA VONTADE*, publicação para enorme tiragem, será muito breve, ainda no 1.º semestre de 1950.

Notas & Comentários

QUADROS MEDIÚNICOS

Recentemente, segundo lemos no jornal francês «Forces Spirituelles», os médiuns-pintores Augustin Lesage e Victor Simon realizaram uma exposição dos seus quadros, verdadeiras obras-primas do género. «Fica-se maravilhado pela harmonia dos coloridos e pela minúcia dos detalhes de execução de certos desenhos — diz o cronista —. Numa admirável sinfonia de cores vivas, estes conjuntos decorativos são do mais feliz efeito».

Críticos de arte jamais regatearam elogios às obras de Simon e Lesage. Este, lembramos, foi estudado pelos cientistas do Instituto Metapsiquico Internacional de Paris, quando Richet presidia aos seus destinos, sem que conseguissem explicar a extraordinária faculdade do mineiro que nada conhecia de arte e dos segredos da técnica da pintura.

Portugal possui um grande médium-pintor de quem nunca se fez (pelo que sabemos) uma exposição de quadros. Durante anos, Miguel Albardeiro trabalhou, produzindo, a «crayon» ou em «aguarela», verdadeiras obras-primas. Nós pudemos várias vezes apreciá-las, quando ainda não enfileirávamos nas hostes do Espiritismo. Não compreendíamos então como podia Miguel Albardeiro, sem mestre, sem cultura artística no estado normal, sem qualquer «jeito» para o desenho, produzir «em transe» uma maravilha de técnica como esse retrato da «Alcaidessa Salúquia», a a moura medieval que se suicidou para não entregar o castelo aos cristãos que lhe tinham morto o noivo amado. Não se poderá provar que as feições da Alcaidessa eram como Miguel Albardeiro as desenhou. Mas pôde ele dar uma cópia fiel do trajo e das joias duma muçulmana da época, como ouvimos comprovar a um ilustre etnógrafo português.

Porque não se faz, numa das associações espiritas de Lisboa, uma exposição dos quadros de Miguel Albardeiro ? A sua obra é bem digna disso e o seu espírito receberia assim a homenagem singela a que tem jus. Seria também a prova pública de que em Portugal há médiuns da envergadura de um Lesage e de um Victor Simon.

PERSEGUIÇÕES AO ESPIRITISMO

O «Jornal Espirita», de 7 de Fevereiro findo, informa que a Comissão de Ética Radiofónica do Ministério da Administração de Cuba proibiu as emissões espiritas, porque...» o espiritismo não é uma ciência, mas um conjunto de superstições. Seus filiados são charlatães que fazem as suas vítimas entre os humildes e os ignorantes» — escreveu o Dr. João Trajano, presidente daquela Comissão. Parece que o facto foi precedido de uma intensa campanha da imprensa e das associações religiosas dàquele país.

Que se proibissem as emissões espiritas, porque elas estivessem a arrastar demasiados adeptos (trânsfugas dos Credos que assim se viam diminuidos nas suas potencias fontes de receita), porque elas estivessem a magoar os ouvidos muito sensíveis dos senhores Trajanos que vivem em Cuba, ainda era compreensível. Mas dizer-se que o motivo da proibição era por ser o Espiritismo um conjunto de superstições é um indício seguro da mentalidade daquele «ilustre» doutor cubano. Se ele falasse há um século, ainda se poderia admitir; mas hoje... prova, a par da mais completa cegueira, a mais descarada e indesculpável ignorância. Supresticões as conclusões lógicas que assentam em fenómenos irrefutáveis? Seriam charlatães homens como Kardec ou Bozzano, como Delanne ou Léon Dénis? Era caso para remeter àquele senhor um exemplar de cada uma das revistas e jornais espiritas que pelo mundo se publicam, para que, pelo menos no silêncio da sua consciência, ele ouvisse o ápodo que merece e que nós, apesar de tudo, não lhe lançamos... Antes vimos agradecer à estultícia do Sr. Trajano a atitude que tomou, porque, com isso, só irá provocar no seio do espiritismo cubano um movimento de coesão mais forte e um impulso de propaganda mais activa. Escreve-se muitas vezes direito através das tortuosas inteligências «à Dr. Trajano»...

O ESPIRITISMO EM PORTO RICO

No seu número de Janeiro findo, a «Revista Espírita do Brasil» publica a entrevista que lhe foi concedida pela Sr.ª Guilhermina Massanet Fermaintt, Presidente da Federaço Espirita portorriquenha, bem como um seu artigo sobre o movimento nesta ilha da América Central, donde extraímos as seguintes notas.

Em 1871, quando Porto Rico era ainda uma colónia espanhola, desenharam-se os primeiros passos do Movimento, sob o impulso de Enveleiro Bacón que, lutando contra a oposição oficial, conseguiu obter umas colunas do jornal «La Razon» para publicar os resultados das experiências que dirigia. Durante 10 anos, em em Mayaguez, um grupo de espiritistas desenvolveu os seus trabalhos, «às ocultas do clero e do governo»! Porém, em 1888, era abolida a lei que condionava a liberdade de reunião. Mas da fundação oficial do Centro «Luz y Progresso» até à da Federação decorreram 15 anos (1888-1903). A vida interna da Federação sofreria épocas de crise tremenda. Esse lutador admirável que foi Telesforo Andino fé-la entrar, porém, numa nova fase, a actual, em que se apresenta como um verdadeiro modelo de instituição coordenadora e orientadora de actividades. Hoje, presidida por uma senhora, conta 59 sociedades filiadas que agremiam cerca de 10.000 espiritas !

«O Espiritismo em Porto Rico — diz a Presidente da Federação — está muito interessado na obra de assistência moral. Faz-se propaganda através da rádio e da imprensa», sendo a «orientação doutrinária a kardecista», de que o «Evangelho segundo o Espiritismo» é o livro-base. Verifica-se assim que o espiritismo porto-riquenho se enquadra na finalidade social que enforma, na sua maior parte, o espiritismo sul-americano.

Noticiário

OS NOSSOS GRUPOS

Os grupos que foram formados com a remodelação que os nossos trabalhos tiveram, a partir de Novembro de 1949, continuam progredindo dia-a-dia, mercê do interesse manifestado pela massa associativa a esses trabalhos. O Grupo Gabriel Delanne, continua todos os sábados, de quinze a quinze dias, a dar ao público profano ou espirita uma ideia mais ou menos completa do edifício criado pela ciência parapsicológica, suas conclusões imediatas para a campo da filosofia, e para o campo ético, para a construção de uma moral assente em novos alicerces. Até à data já foram tratados, por diferentes oradores os fenómenos de hipnotismo, magnetismo, telepatia, telestesia, criptoscopia, psicometria, psicografia, escrita directa, tiptologia, radiações fluídicas e materializaço. O Grupo Ernesto Bozzano continua realizando sessões de caracter acentuadamente experimental, cujos resultados talvez mais tarde venham a ser publicados. O Grupo Reper-Siam continua também com os seus trabalhos de projecção de energia mental a distância para cura de vários doentes e por último o Grupo General Passaláqua, prossegue também com os seus trabalhos ao cargo e sobre a responsabilidade do seu director José F. Cabrita.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme estava anunciado, realizaram-se mais duas conferências na Sede do Centro Espiritualista Luz e Amor. A primeira foi proferida por Ângelo da Costa Cabral, presidente da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portugesa de Naturologia, que abordou o problema do magnetismo curativo. Referiu-se no seu trabalho às mais recentes investigações que no estrangeiro se têm realizado, e leu alguns interessantes atestados de pessoas curadas por este ramo da Terapêutica Natural, algumas delas já desenganadas pela medicina oficial, e que só no magnetismo foram encontrar alívio e cura para os seus sofrimentos.

A segunda teve como conferente o Capitão José Gonçalves Losa que falou acerca do «Prolongamento da Vida»; disse no seu trabalho, que era possível ao homem, hoje doente e envelhecido devido a tantos e tantos erros cometidos por aquilo que ele na sua ignorância chama *civilização*, voltar a gosar saúde e alegria; para isso citou várias regras profundamente práticas, relativas não só a higiene mental como também à física, referindo-se principalmente ao valor de uma boa respiração (que como leitores sabem só existe na respiração completa Yogui) e de uma alimentação racional e natural.

António Cardoso, que presidiu a ambas as conferências, congratulou-se pelo facto de na assistência se encontrarem muitos sócios da Ordem Esotérica e da Sociedade de Naturologia, e terminou fazendo votos que estas sessões de confraternização entre sociedades congéneres continuem, pois só servirão para estreitar ainda mais os laços de amizade que as une e ajudar a combater o inimigo comum — o materialismo.

CONFERÊNCIA EM ALMEIRIM

No próximo domingo dia 23 de Abril, o Centro Luz e Amor vai deslocar-se até à sua sucursal de Almeirim, afim de realizar uma conferência de propaganda nessa localidade o nosso camarada de trabalho Ramos Pereira. Será sem dúvida mais uma bela conferência que aquele nosso confrade vai realizar, e portanto mais um passo para o progresso do Espiritismo no nosso país.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1950

Todas as quintas-feiras, às 21,30 — Sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigidas por Isidoro Duarte Santos, Túlio Rosa e António Cardoso.

Todos os domingos, às 16 horas — Sessão doutrinária do Grupo General Passaláquia, dirigida por José Francisco Cabrita, alternadamente com as médiuns D.ª Maria Cecília Gorina e Inês Maria de Brass.

Dia 1 de Abril, sábado, às 21,30 — Palestra por António Cardoso, no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Materializações e Apports».

Dia 8 de Abril, sábado, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 15 de Abril, sábado, às 21,30 — Palestra por Ramos Pereira no Grupo Gabriel Delanne, intitulada: «As Hipóteses Metapsíquicas e o Espiritismo».

Dia 22 de Abril, sábado, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 29 de Abril, sábado, às 21,30 — Palestra por Isidoro Duarte Santos no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Terapêutica Espirita».

Dia 6 de Maio, sábado, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 13 de Maio, sábado, às 21,30 — Palestra por António Cardoso no Grupo Gabriel Delanne intitulada «Provas da Imortalidade da Alma».

★

Examinai tudo e segui o melhor — S. Paulo.

★

Aquele que só sabe a questão do seu lado pouco sabe.

John Stuart Mill

★

Se o cão falasse, o homem teria muito que aprender. — A. C.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Cultura (A) da Coragem	20$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados)	200$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHÁRACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00
Vida (A) Depois da Morte	25$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00

OBRAS DIVERSAS

Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecço de preces várias)	8$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Iniciação (A) de Jesus, por S. Clymer	8$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Lei (A) do Mentalismo, por A. V. Segno	28$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Mistérios (Os) Iniciáticos, por Henri Durville	28$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Projecção de Eflúvios Vitais, por A. Lália-Paternostro	20$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Heméticas)	45$00
Ritual de Magia Divina (colecção de preces ocultas)	24$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold	22$00
Sonhos e Visões (Sua interpretação)	26$00
Tesouro (O) dos Humildes, por Maurice Maeterlinck	28$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville	35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc	28$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	12$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	46$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	46$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	54$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Jucar, romance mediunico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	56$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espirito de Guerra Junqueiro)*	24$00	38$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espirito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	12$00

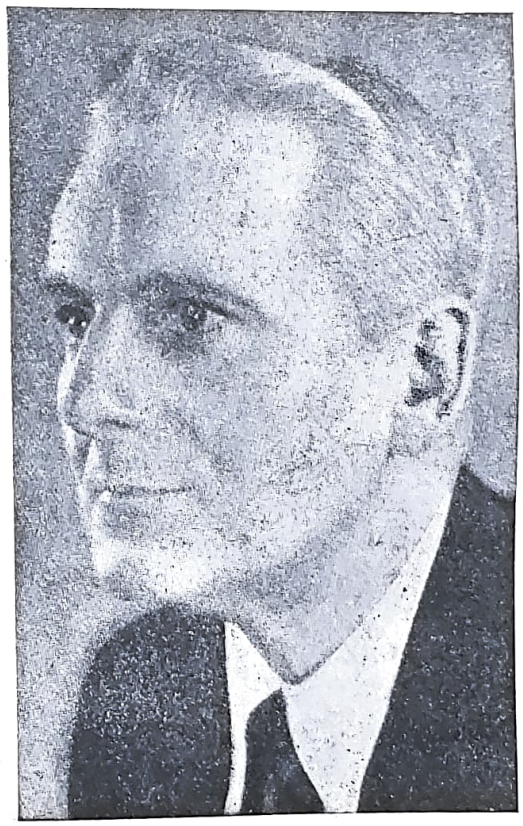
Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 °/. para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



HARRY EDWARDS

(Ver pág. 125)

CONTÉM:

Exortação, da **Redacção**; A Escrita Directa, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Carta de Longe, por **Olívio Novais**; O Espirita na Magistratura, por **Tito L. Bancéscu**; O Livro «Pierino Gamba» e a Crítica Portuguesa e Estrangeira; «Pierino Gamba», por **Tito L. Bancéscu**; Os Fenómenos Telestésicos, por **Isidoro Duarte Santos**; T. James e o Romance de Dickens, por **Alfredo Miguel**; A Quarta Dimensão da Psicologia, por **Ernesto Moog**; Maria Gonçalves Duarte Santos; «O Livro do Amor e da Saudade», pelo **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**; Novos Rumos da Terapêutica?, por **Ramos Pereira**; Dez Maneiras de Matar Qualquer Instituição; Nunca São Demais, por **Amadeu Santos**; Uma Consagração; Intimidades, de **Um Homem**; Carta de Longe, por **Orlando Romero**; O Caso da «Grande Síntese» e A Nova Teoria de Einstein, Esclarecimentos de **Pietro Ubaldi**: Pomba, Mensageira do Espiritismo, por **Rufino Juanco**; Crónica Estrangeira; Notas & Comentários; Noticiário

11.º ANO — ABRIL DE 1950 — N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Indácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	24$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	32$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1950 — N.º 4

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

EXORTAÇÃO

Meu querido! A minha exortação ergueu-te e vitalizou a tua posição no sector em que mourejas. Ressurgiste para a vida. Encaraste a faina, mediste a sua grandeza, olhaste para as tuas forças. E reagiste como quem se dispõe a lutar.

Tu não podias abandonar o que te foi confiado. Disse-to muitas vezes em vários tons. E digo-to novamente. Não podes abandoná-lo. Há compromissos grandes que dominam o homem, que o obrigam a trabalhar. O teu é um deles. Vem de muito longe, dirige-se para muito longe. É uma tarefa imensa. Não dura um ano, nem dois, nem três. Abarca esta vida e a outra.

O Espiritismo é uma causa nobre, é uma causa justa. Propaga-o sempre. Difunde-o o mais possível. Leva a revista a toda a parte.

Os colaboradores vigiam de seus postos de observação. Analisam a obra. Avaliam o teu esforço. E auxiliam com suas produções. A ideia dá a volta ao mundo. Impressiona milhares de almas sequiosas. Dessedenta. Alivia. Esclarece. Fortifica.

O teu lugar é aqui. Criámos este reduto e fortalecêmo-lo com a nossa dedicação. Não podias fugir dele.

Choraste a minha perda. Caíste afadigado. Mas eu ergui-te nos meus braços. Prossegue na marcha empreendida!

Não há repouso para os grandes obreiros. Trabalham sempre, bandeira desfraldada, olhos ao alto, coração nas mãos! O repouso é a morte e tu necessitas de viver! Ouviste?...

A doutrina quer braços que a sirvam, cavaleiros que a defendam. Dá-lhe o teu verbo e a tua pena, como fazias dantes. Eu velo pela obra. Aí, trabalhei pela sua pureza. Aqui, trabalho pelo seu prestígio. Hás-de vencer! Havemos de vencer!

Muitos julgavam-te liquidado. Eu não quero! De modo nenhum! Por isso te auxiliei na reacção.

As almas fortes encontram sempre outras que as amparam para que nada receiem. A tua é assim. Caiu na voragem, mas soube libertar-se a tempo dos liames que a prendiam à crosta. Salvou-se. Eu salvei-me também. Atravessei o rio de um salto. Estou na outra margem com maior actividade. Vejo melhor certos problemas.

O Espiritismo carece de quem o sirva com desinteresse. Muitas vezes o disse. Não me ouviam. Era uma voz no deserto.

Hoje hão-de ouvir-me. Tenho uma tribuna. Farei uso dela.

O teu posto é aqui. Empunha o camartelo para derrubar e edificar. Derrubar o mau, edificar o bom, de modo que a obra se dignifique e se engrandeça.

Escoima-a de elementos daninhos. Prepara o terreno para nova sementeira. Sobre os escombros do passado levanta um novo edifício esplendoroso que chame a atenção das pessoas conscientes.

O Espiritismo é de vivos, como diz o Leopoldo. Sim, é de vivos e para vivos, a fim de se modificarem, abandonando o lastro que os chumba à superfície.

Outro ideal não podes servir. Não pode haver incoerências nas tuas empresas.

Também tenho responsabilidades. Dirigi, orientei. Tenho responsabilidades.

Por isso estou aqui a assumi-las. Nunca as engeitei. Sou a mesma que sempre fui. Para te incitar, para te encorajar.

Uma nova seiva te percorre o ser. Aproveita o ensejo para reagir. Nós estamos vigilantes. Queremos alargar a empresa. Queremos que ela viva e se desdobre e se multiplique.

Meu querido, esta é a minha palavra, a minha exortação. Muitos hão-de estranhar. Não importa. A morte é vida. Lutei aí, luto aqui. A faina continuará sempre, enquanto houver alguém a converter! Nada de desânimos. Olha em frente, como sempre olhaste. Avigora a tua fé e transmite-a aos companheiros que te seguem. A vitória culminará o teu esforço porfiado.

M. G.

A ESCRITA DIRECTA

pelo Coronel FAURE DA ROSA

II

Eglinton deu uma sessão célebre ao estadista inglês Glastone, em plena luz, com resultados positivos. Aksakoff conta o caso de uma comunicação recebida pelo Dr. Richols em que este obteve o *fac-simile* da letra da sua falecida filha Willie por meio da escrita directa entre duas ardósias. A caligrafia era perfeitamente idêntica ao espécim eda letra de Willie enquanto vivente na Terra, e nenhuma semelhança tinha com a letra do médium Eglinton.

Aksakoff transcreve o facto que Owen publicou no *Religio-Philosophical Journal* de 26 de Julho de 1884. A descrição é feita pelo próprio Owen.

«Há 12 anos» — diz ele — «eu contava entre os meus amigos íntimos um senador da Califórnia, muitissimo conhecido e que era director de um Banco próspero em S. José. O Dr. Knox — é este o seu nome — era um pensador profundo e um resoluto partidário das teorias materialistas. Atingido por uma pneumonia progressiva, e sentindo aproximar-se o seu fim, falava muitas vezes no sono eterno que esperava e lhe traria o eterno esquecimento. Knox não receava a morte. Eu disse-lhe um dia: façamos um pacto, doutor: se, *lá em cima,* se sentir viver, faça todo o possível para me comunicar estas palavras: *Eu vivo ainda.* O Dr. Knox fez-me esta promessa solenemente. Após a sua morte, eu esperava, impacientemente, que ele me desse notícias. Este meu desejo mais se acentuou por ocasião da chegada à nossa cidade, de um médium de materializações, vindo do leste da América. Eu tinha uma confiança absoluta no carácter sério deste médium que me declarou que, às vezes, conseguia obter provas de identidade por meio da escrita directa numa ardósia, e propôs-me que tentasse eu a experiência visto que a ocasião se proporcionava... Limpei uma ardósia, pus-lhe um lápis apropriado e mantive-a contra a superficie inferior da mesa. O médium colocou uma das suas mãos na minha, por baixo da mesa, e a outra em cima da mesa... Ouvimos o rumor do lápis a arranhar a ardósia, e, depois de a retirarmos, encontrámos as seguintes linhas: «Amigo Owen: Os fenómenos que nos oferece a natureza são irresistíveis e o chamado filósofo que luta muitas vezes contra um facto que contraria as suas teorias favoritas, acaba por ser lançado num oceano de dúvida e de incerteza. Não é precisamente o caso que se dá comigo, se bem que as minhas antigas ideias sobre a vida futura estejam agora completamente transformadas. Mas, confesso, a minha desilusão foi-me agradável e sinto-me satisfeito, meu amigo, por lhe poder dizer: *Eu vivo ainda*».

Owen lembra que o médium de que se trata foi à Califórnia três anos depois da morte daquele seu amigo que o médium jámais vira e que a letra da mensagem era de tal maneira conforme com a do defunto, que foi reconhecida como dele próprio pelo pessoal do Banco a que presidira.

Aksakoff refere ainda o caso notável de Mary Burchett, por ela mesma narrada na revista *Light* de 1884 e 1886.

No espaço de dois anos, esta senhora recebeu umas cinquenta mensagens de escrita directa de um amigo íntimo falecido em 1883. Enquanto na Terra, ele não acreditava mais que o Dr. Knox «na possibilidade de uma vida após a morte»; e é por isso que ele diz na sua segunda mensagem: «É uma revelação para mim como para si; você não ignora quanto eu era refractário a qualquer fé numa existência futura». Antes da sua viajem a Londres, em 1886. Aksakoff escreveu à Sr.ª Burchett fazendo-lhe várias perguntas, às quais ela respondeu com a seguinte carta que contém numerosas minúcias inéditas: «Lamento não poder satisfazer o seu desejo de possuir alguns espécimes da escrita póstuma, mas natural, do meu defunto amigo, atendendo a que essas mensagens que ele me dirigiu, sendo, como são, de ordem inteiramente pessoal, são sagradas para mim. Além de que, o meu defunto amigo repetidas vezes me pediu que as não mostrasse a ninguém.

Quanto às perguntas que me faz, da melhor vontade respondo:

— Relativamente à escrita do meu amigo: até ao dia em que dele recebi trinta e quatro cartas, transmitidas pela mediunidade de Eglinton, as duas primeiras eram escritas em ardósias e todas as outras em papel. Uma destas últimas está escrita numa folha de papel de cartas que eu colara por um dos cantos, com um pouco de goma, em uma das ardósias, de maneira que pudesse ser retirada sem custo. Quanto ao que respeita a algumas das primeiras cartas, embora a letra se assemelhe muito à do meu amigo e estejam concebidas no estilo e linguagem que lhe eram próprios, eu descobri-lhe, ao mesmo tempo, certa semelhança com a letra de Ernest, um dos espíritos-guias do médium, o que me desconcertou um pouco. Mas esta vaga semelhança não tardou a diminuir gradualmente e acabou por desaparecer de todo; e então, a escrita das mensagens tornou-se-lhe igual à do meu amigo enquanto vivente na Terra, tanto quanto uma escrita a lápis pode assemelhar-se à que é feita com caneta. O meu amigo era austríaco de nascimento, e o talhe da sua letra era notàvelmente bonito e delicado; enfim, tinha o cunho da sua origem alemã...

«— Todas as mensagens, excepto uma, são escritas em inglês, com muitas frases em alemão. Durante a sua vida, ele tinha o hábito de me escrever em inglês. Nas proximidades do Natal de 1884, eu recebi, com grande admiração minha, uma carta em alemão, escrita com caracteres góticos muitíssimo bonitos e num estilo impecável... Tendo alguma dificuldade em compreender o alemão — porque nessa época só o conhecia imperfeitamente — eu exprimi o meu pesar por a carta estar escrita em alemão, acrescentando que me seria agradável receber algumas linhas na minha língua materna. O médium Eglinton prontificou-se, obsequiosamente, a experimentar. A folha de papel só estava escrita de um lado; o médium voltou-a na ardósia que nós segurávamos da maneira habitual; pouco temo depois, eu ouvi o ruído do lápis e, examinado o papel, encontrei algumas palavras sòmente, em inglês, no estilo do costume.

— Estas mensagens contêm alusões tão numerosas à sua vida na terra, que bastariam para me convencer inteiramente da identidade do seu autor, sem necessidade de outras provas...

Numa das suas primeiras cartas encontrei uma prova admirável: o meu amigo nomeou, incidentalmente, uma localidade da Alemanha; lembrei-me, então, que ele me dissera tê-la visitado. É um nome bastante extravagante que eu nunca ouvira citar, nem antes nem depois. Um dia em que estava sentada, sozinha, numa sessão de escrita automática... eu aludi a esse facto e perguntei ao meu amigo se queria escrever com a minha mão o nome do país a que pertencia essa localidade. Esforcei-me por tornar a minha mão tão passiva quanto possível, a fim de não exercer nenhuma influência na resposta; apesar disso, eu esperava ler «Austria» ou «Hungria». Com meu grande espanto, a minha mão escreveu, lentamente, o nome de uma cidade, e, então, lembrei-me que no decurso da conversação que tive com ele — quando lhe observei a consonância extravagante desse nome — que ele me dissera que tal localidade ficava perto da cidade de D... Considerei sempre este incidente muitíssimo curioso, embora, quanto à especialidade, não tivesse grande importância».

Aksakoff observa que reproduz esta última passagem da carta da Sr.ª Burchett a título de prova complementar da autenticidade da escrita directa, obtida pela mediunidade de Eglinton, em virtude de a Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres ter impugnado a veracidade do fenómeno de escrita directa.

Richet entende que é prodigiosamente excepcional que se possam ver os movimentos espontâneos do lápis sem ser tocado por mão visível. O caso de Home, considera-o Richet quase único. Ei-lo :

Crookes dirigia uma sessão, em que havia luz, com o célebre médium Home e à qual assistiram alguns amigos. Folhas de papel e um lápis tinham sido colocadas no meio da mesa. A certa altura, o lápis ergueu-se sobre a ponta, avançou para o papel, aos pulinhos, mal firmes, e tombou. Depois, reergueu-se e tornou a tombar. Ainda fez uma terceira tentativa, mas sem melhor resultado. Então, uma pequena lata que estava ao lado, na mesa, deslisou até ao lápis e elevou-se umas polegadas acima do tempo: o lápis ergueu-se de novo e apoiou-se na lata; em seguida, ambos objectos fizeram um esforço para escrever no papel. Depois de em vão o terem tentado, a lata abandonou o lápis e voltou novamente ao seu lugar.

Doutra vez, a pequena lata atravessou a mesa para ir até junto de Crookes, em plena luz, e, por meio de pancadas na mão, pelo

Carta de Longe

Do professor Olivio Novais recebemos a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 25-3-950

Ilustre confrade e nobre amigo :

Pela primeira vez me dirijo ao valoroso companheiro de Ideal e cuja personalidade marcada pelo traço luminoso do neo-cristianismo muito me tem impressionado desde que passei a fruir deste contacto espiritual, através das suas deliciosas crónicas e das aurifulgentes páginas do seu portentoso livro «Luz no Caminho», que não me canso de ler e reler, porque é um verdadeiro facho de luz na minha estrada de regeneração.

E escrevendo-lhe a minha primeira carta, como seu desconhecido perdido entre os dois milhões de habitantes desta cidade que é o cérebro e o coração do Brasil, o faço como um seu irmão em Cristo e pelo sentimento de solidariedade, pela saudade, por uma estranha tristeza que se apoderou de meu coração, ao ler a sua revista referente ao mês de Janeiro passado, em cuja capa temos a serena presença de nossa estimada e respeitável irmã Maria Gonçalves, *grande obreira da Vinha do Senhor, chamada à espiritualidade nos primeiros dias do corrente ano, quando grandes eram as esperanças de continuarem ambos, lado a lado, a luta para a completa vitória deste deslumbrante movimento de renovação do Homem — esse desconhecido.*

Lendo sua belíssima oração e a página a ela dedicada, meus olhos se humedeceram, desprendendo-se duas discretas lágrimas que senti terem brotado do coração, como prece sem palavras, mas que o Espírito sente e compreende. Duas lágrimas que significam a minha oração pela alma de sua inesquecida companheira e amiga dedicada, que o precedeu na longa jornada da espiritualidade, como bandeirante do infinito, na marcha luminosa do Além...

Meu bom amigo: Não venho de tão longe e tão anónimamente dizer-lhe palavras de conforto, que não as tenho nem mesmo para mim. Desejo tão sòmente que saiba dos sentimentos que me vão na alma após a notícia de ESTUDOS PSIQUICOS que estarreceu a quantos dela tomaram conhecimento. Escrevo para testemunhar ao nobre companheiro, ao eminente escritor que tanto me tem confortado com as suas luminosas mensagens de raro sentimento cristão, que sou solidário na sua grande — a maior de todas as suas dores — porque é o consórcio da Dor e da Saudade — e com a alma voltada inteiramente para Deus, numa prece de sincera harmonia, unir às suas homenagens de esposo e amigo a minha humilde simpatia e profunda admiração àquela estrela que tanto brilhou na Terra e que, na verdadeira pátria do espírito, prosseguirá, por certo, na sua fecunda caminhada esparzindo amor sobre os corações em dúvida !

Com os meus fraternais abraços, respeitosamente, envio-lhe meus votos de Paz e Harmonia, em Jesus, nosso Mestre.

Seu menor admirador

OLÍVIO NOVAIS

sistema da tiptologia, transmitiu-se uma comunicação.

E Crookes afirma peremptòriamente, com a sua grande autoridade: «atribuir estes resultados a fraudes, é absurdo».

Do Relatório já referido da «Sociedade Dialéctica de Londres» consta que o Sr. Wason possuia muitos desenhos coloridos obtidos pelo processo conhecido da escrita directa.

Artistas consagrados afirmaram que os desenhos eram perfeitos. Wason declara possuir numerosos desenhos, a cores, de pássaros e flores, pintados com pincel na sua presença, em Nova Yorque, sem a intervenção de qualquer operador humano visível e acrescenta que o tempo ocupado na produção de cada um variou entre dez e quinze segundos.

O juiz Edmonds, o professor Lymon, o Dr. Gervais, além de outros, certificam a veracidade destes factos. Mas os fenómenos de escrita directa são, na verdade, muitíssimo raros.

Richet recomenda que se desconfie sempre de experiências de escrita directa nas ardósias, por causa dos truques, dos ardis em que são férteis os prestidigitadores americanos. Se se permitir que o médium (geralmente um médium pago) forneça as ardósias, embora pareçam intactas, ou se simplesmente se lhe permitir que as segure ou sequer toque naquelas que trouxer—está tudo perdido; porque por habilidosas substituições tudo é possível.

A certificação absoluta, irrepreensível, é muito difícil, porque basta um momento de desatenção para que certas substituições se façam.

Mas se o experimentador levar a sua ardósia e não consentir que o médium ou pseudo-médium a toque um momento que seja, então não há, não pode haver manigâncias de qualquer natureza.

O ESPIRITA NA MAGISTRATURA

Por TITO L. BANCÉSCU

Correspondente em Rosário — Argentina

Se complexa e difícil é a missão dos pais na vida familiar e do educador no ensino, mais dificil e complexa é a do juiz. Fazer justiça aos outros, eis uma função delicadíssima. Certamente que qualquer espirita vacilará antes de julgar um semelhante, pois sabe que terá de absolver ou condenar, lidando com a parte acusadora e defensora; sabe que os interesses criados ou a criar são imensos e não ignora tampouco que há-de ser observado por todas as partes e que choverão influências de toda a espécie para absolver um delinquente de influência e condenar um inocente.

O espirita na magistratura deve pôr em jogo o seu futuro, quer dizer, as suas futuras existências. Naturalmente, procurará ser recto e justiceiro. Mas, será isso possível num mundo como o nosso, onde o materialismo é dono e senhor de tudo e de todos, onde 95 por cento da humanidade pensa com o aparelho digestivo e cem vezes por dia afoga a voz da consciência ?

Poder-se-á dizer que será preciso transigir com um e com outros. Em tal caso a sua função de magistrado judicial terminaria bem depressa. Aproximamo-nos, pois, de um dilema: ser juiz recto ou não ser, principalmente quando assim o indica a ética espirita e sobretudo a palingenesia.

O juiz espirita procurará evitar complicações para a vida futura. E agirá de acordo com a consciência. É o caminho mais recomendável. Saberá que, se não há efeito sem causa, também a delinquência deve ser analisada do mesmo ponto de vista. Há neste mundo muito Jean Valgean que a precária evolução moral dos homens coloca em transes desditosos. A criança abandonada de hoje será o delinquente de amanhã. O clima da rua, a má companhia, o contágio com os delinquentes adultos e com o vício, são factores que gravitam sèriamente sobre o seu destino. Deste modo, a vida do cárcere torna o coração empedernido, voltando ao mesmo trilho mal se recobra a liberdade.

Este ser vê como os outros homens experimentam as sensações do carinho da mãe ou irmã, embora nunca pudessem disfrutar essas expressões espirituais. Por isso as desconhecem. Cresceram sòzinhos na rua, em ambientes que pervertem e degradam. E se a vítima é mulher e teve a mesma sorte, vê-se lançada na rua, depois de ter sofrido as alternativas próprias de criada.

Que pode fazer o juiz ante os delitos desses seres humanos que nunca tiveram apoio de ninguém, que não foram aconselhados por almas boas, nem se criaram ao calor de mães carinhosas ? Certamente não poderá condená-los, porque não são culpados da sua infelicidade. Qualquer de nós, em iguais circunstâncias, teríamos sucumbido sob a deformação da vida circundante.

O juiz espirita — o que conhece o Espiritismo — meditará muito, antes de pronunciar a sentença; lutará com o código penal, para que a sua consciência se imponha. Este bom juiz — como chamarão também ao famoso magistrado francês Magnand — afrontará valentemente as iras e tormentas dos preconceitos, mas não meterá a consciência em veridictos injustos. É que o juiz espirita saberá que nas suas decisões arbitrárias se condena a si próprio, preparando um triste futuro, expondo-se a sofrer em carne própria as injustiças que fizer ao semelhante.

Pela mesma razão, o juiz espirita combaterá a pena de morte, em vez de aplicá-la. Porque ele estará convencido de que a morte não existe, e que é apenas um transe transformador. Saberá também que os justiçados podem deambular à sua volta, esperando a oportunidade para se vingarem no juiz ou nos membros da sua família, desde que encontrem terreno favorável aos seus objectivos. As obsessões demonstram realidades incontroversas.

O juiz espirita compreenderá que a sua missão é ser justo e medirá o peso da responsabilidade. Por conseguinte, abster-se-á de pronunciar condenações duvidosas. Preferirá absolver dez culpados antes de condenar um inocente. Não o preocuparão em absoluto os juizos adversos, a crítica jornalística, a zombaria da gente do foro. Cumprirá o seu dever de magistrado consciente só responsável perante Deus.

Profundando os problemas da sua especialidade documentará com factos as suas convicções, pondo na mesa provas irrefutáveis de inocentes condenados e lutará por fins superiores tendentes a reformar o Código Penal para o colocar à altura dos tempos modernos, em que o sentido da responsabilidade individual e colectiva adquire novas formas e perspectivas que se projectam para o divino. O direito penal deve diminuir a dureza das penas, visto que a pena de talião representa o passado com toda a sua barbárie. O juiz dos nossos dias, consciente da sua missão — ainda que não seja espirita — não deixará de lutar contra esse direito penal, incompatível com a evolução das sociedades.

«A hereditariedade e o atavismo — diz o Dr. Carlos N. Vergara em «Evologia», citada no meu último artigo desta série —, as condições do ambiente social e também o meio físico, tendo até em conta o grau de humidade e de calor da atmosfera, influem nos impulsos delituosos, pois todos estes factores se movem à vontade, de modo que, se se juntarem os defeitos das leis, os maus exemplos das classes dirigentes, os vícios arraigados da sociedade, os hábitos de adulteração, da mentira e da fraude na política, a liberdade individual ficará grandemente subordinada às condições de ambiente em que se vive e portanto deve reconhecer-se que cada crime e cada criminoso é um aviso da Natureza para que todos cumpram o dever de sanear o ambiente, melhorando as leis e as práticas defeituosas, ou conseguindo esse melhoramento com nobres exemplos».

Melhorando a vida, evitando que os orfãos se criem ao deus-dará, que a educação se generalize em todas as esferas sociais, incluso nos miseráveis «ranchos» onde abundam os seres que vegetam e se deformam na promiscuidade, constitui o método mais eficiente destinado a evitar a propagação da delinquência e da criminalidade, em detrimento da colectividade.

(I. D. S. traduziu)

O Livro «Pierino Gamba»

e a crítica portuguesa e estrangeira

Há poucos dias, a Associação Campineira de Imprensa recebeu um livro de Portugal denominado «Pierino Gamba — O menino maestro à luz de nova psicologia», de autoria do ilustre escritor lusitano Isidoro Duarte Santos.

Sendo uma obra actualíssima e a primeira que apareceu em língua portuguesa sobre o genial garoto de 11 anos que vem assombrando o mundo musical, demo-nos logo à sua leitura, sem mais detença.

Publicação de 174 páginas, empolga sobremaneira o leitor que, de fôlego, devora com rapidez o seu conteúdo. O notável escritor de além-mar, vigorosa pena e hábil no seu manejar, aborda o mago da batuta com simplicidade e ciência, focalizando-o sob a luz da psiquiatria e do médico espiritualista, fazendo um paralelismo psico-fisológico para além do corpo somático, Apresenta ainda uma teoria arrojada, transcendental. Descortinamos mais em suas páginas o drama evolucionista em seu todo que o autor classifica de «um dos maiores problemas que emergem deste caso espantoso».

O autor transcreve inúmeros comentários de críticos musicais que demonstram a genialidade do pequeno italiano. Basta dizer que Pierino, lendo uma só vez uma partitura sinfónica, aprende-a com fidelidade. A sua personalidade ao reger uma orquestra é de transfiguração. Imaginemos um menino de 11 anos a dirigir um conjunto orquestral de 150 figurantes, o maior da Itália. E domina todos os músicos. Corrige. Exige interpretação. Repreende com vigor e autoridade. Interrompe os ensaios para criticar alguns «defeitos quase imperceptíveis e que só não falham aos mestres !...».

Recomendamos a leitura deste livro a todos os que crêem nos desígnios de um Ente Supremo e nos destinos do homem.

Ao encerrarmos a sua leitura sentimos em nosso «Eu» um quê de grandioso, de majestático. É um livro empolgante, destinado, como diz o autor português: «aos romeiros da inteligência que lutam e sofrem e transcendem os limites da compreensão comum. Outros não sentiriam os elevados desígnios do autor».

(Artigo de Cataldo Bove, no Correio Popular, de Campinas)

★

O livro «Pierino Gamba» do consagrado escritor espirita Isidoro Duarte Santos, incansável batalhador do Ideal, apareceu no momento oportuno para esclarcer — quanto possível — o mistério do génio musical assombroso daquela criança de 11 anos de idade.

Meras hipóteses, *poderão dizer os adversários, mas eles que apresentem outras melhores, mais certas, mais probatórias.*

O livro de Isidoro Duarte Santos é precedido de um introito *em que diz da razão e do objectivo da publicação. Pode-se considerar o livro dividido em* três partes, *embora no texto não exista tal divisão. Na primeira, o autor descreve a genialidade musical de Pierino, de quem apresenta uma curta biografia — como curta é a sua idade —; alude à influência paterna e à do director da Ópera de Roma, maestro Romeo Arduini, inseparável e dedicado professor de Pierino; transcreve reportagens alusivas, bem como passos de críticas publicadas em jornais, entre as quais realçam a do maestro português Rui Coelho e a do poeta Cardoso Marta, o qual se mostra inclinado a aceitar a hipótese dos espiritistas e teósofos — a reencarnação; e reproduz o artigo de um médico psiquiatra, bem como a opinião de um médico espiritualista que contraria a daquele.*

Na segunda parte narra casos averiguados de reencarnação, um deles anunciado com antecipação e para cujo reconhecimento foram fornecidos elementos de identificação.

A terceira parte, ocupa-a o autor com a indução e dedução dos factos narrados com aquela elegância e simpleza de linguagem que Isidoro Duarte Santos costuma usar

em todos os seus trabalhos e que tão necessárias são para que todos o compreendam. «Pierino Gamba» é um livro que deve figurar na estante de todos os espiritistas e a sua leitura é indispensável àqueles que, sem opiniões preconcebidas, queiram estudar e compreender a palingénese.

(Artigo do coronel Faure da Rosa, na Revista de Metapsicologia)

*

Estudo magistral de «O menino-maestro à luz de nova psicologia». Análise robusta e serena, explicação profunda e racional, projecta luz abundante e resolve, lògicamente, os casos de precocidade. Obra de exposição científica, não simples ficção, não é biografia romanceada, mas indagação filosófica em que confronta casos e assertivas da ciência materialista para concluir brilhantemente, após exame frio dos factos.

Uma a uma, desfilam, ante a crítica expositiva de Isidoro Duarte Santos, as soluções possíveis dos que procuram no caso em espécie, tão só uma explicação materialista para elucidar o caso em foco.

Depois da exposição de princípios e de casos racionais do que há experimentalmente provado sobre a tese reencarnacionista, prossegue o autor a sua análise expositiva e crítica, fria e sensata, abalizada e consciente, pondo em confronto com as demais hipóteses da ciência materialista a perfeita segurança do fundamento apresentado.

Sobre ser um convite a gregos e a troianos, é demonstração segura de quanto é discutível a tese materialista, visto que não resiste à análise confrontativa com a doutrina espirita que encara e fundamenta, através da reencarnação, uma mais ampla e luminosa explicação.

Além do mais, o trabalho de Isidoro Duarte Santos é uma exposição sucinta do que a reencarnação demonstra, capacitando assim, aos ignorantes do assunto em poucas horas, fazerem uma ideia mais aproximada da hipótese espirita.

De preço módico e de valor inestimável, é uma obra oportunissima.

(De Raios de Luz, revista de Recife, Pernambuco)

«PIERINO GAMBA»

por TITO L. BANCÉSCU

Não pode ser mais plausível o esforço do ilustre escritor lusitano Isidoro Duarte Santos, ao lançar à publicidade o belo volume intitulado «Pierino Gamba».

Através de suas páginas, o leitor pouco familiarizado com os problemas do espírito e da sua sobrevivência poderá persuadir-se documentalmente acerca da realidade palingenésica, porquanto o menino Pierino Gamba constitui a prova viva e cabal de que os meninos-génios ou prodígios não aparecem no mundo por mera casualidade, mas à base da lei de causalidade.

O autor não se limitou sòmente a compilar apreciações jornalísticas. Reflecte opiniões de autorizados psicólogos e psiquiatras alheios à escola espirita que reconhecem que nestes raros e estranhos fenómenos alguma coisa há digno de sério estudo.

Apesar da sua empolada terminologia técnica, a teoria psico-somática encontra-se numa evidente incerteza, em face dos raciocínios do autor e das personalidades que expõem a sua opinião. Se o músico nasce músico como o poeta nasce poeta, temos de reconhecer que nalguma parte ou nalguma época anterior aprendeu o que agora sabe, visto que, de outra maneira, o problema não tem solução lógica.

Poder-se-ia recorrer aos mais hábeis sofismas para aguentar o critério materialista, mas os subterfúgios carecem de importância para tornar verosímil os progressos da ciência. E a ciência normal, anormal e supranormal reune em si mesma elementos suficientes capazes de marcar novos rumos ao género humano.

Claro que o autor, ao acumular apreciações de personalidades eminentes em favor do Espiritismo, presta à Causa um serviço considerável, pois todas comparações demonstram claramente que as ciências do espírito não repousam em bases frágeis e que o tempo produzirá uma autêntica revolução no campo da medicina, da metafísica e da psicologia.

Por isso é que o seu trabalho merece o nosso sincero aplauso, tanto mais que todos os capítulos constituem uma valiosa lição.

OS FENÓMENOS TELESTÉSICOS

Que é *telestesia?* Que vem a ser este fenómeno, ou antes este acervo de fenómenos que englobam outros subsidiários? Quem inventou a palavra foi o sábio inglês Frederico Myers, dando-lhe o significado de percepção a distância, independentemente dos sentidos comuns e de qualquer mentalidade estranha ao percipiente. Charles Richet abunda mais ou menos nas mesmas palavras. Nestas circunstâncias, o campo telestésico é independente do campo telepático. Para classificarmos com segurança um fenómeno telestésico devemos observar se há ou não *relação* entre o cérebro pensante e um *objecto inanimado*, porque a transmissão directa de cérebro a cérebro é pura telepatia. Por aqui se notam as dificuldades com que lutam os investigadores ao delimitar os variados sectores do psiquismo, cujas modalidades deixam boquiabertos os psicólogos da corrente metapsíquica.

Todos têm ouvido falar em vibrações, em ondas e em frequências, mas temos a convicção de que poucos ligarão o fenómeno à palavra. Nos tempos modernos em que os receptores de T. S. F. invadem os domicílios, ouvimos a cada passo: «Aqui, estação de tal, trabalhando na onda de tantos metros, correspondentes a tantos kilocíclos por segundo».

Ora muito bem. O cérebro humano é, ao mesmo tempo, emissor e receptor de ondas de mais elevada frequência que as electro-magnéticas, e, por conseguinte, de penetração muitíssimo maior. Propagam-se igualmente em círculos concêntricos e estão sujeitas aos mesmos fenómenos de *refracção*, de *reflexão* e de *interferência*. Por isso é que muitos sensitivos, principalmente clariaudientes e psicómetras, confundem sons ou cores, mercê de movimentos vibratórios heterogéneos que lhes invadem o campo de acção auditivo ou clarividente.

Tudo o que impressiona os nossos sentidos físicos apresenta-se em forma de movimento vibratório, traduzido em som, luz ou côr; e quanto maior é o corpo e a frequência ondulatória, maior é a nossa ilusão acerca da inércia da matéria.

Isto se verifica claramente nos chamados *movimentos brownianos*. Se observarmos ao microscópio qualquer líquido com glóbulos de poeira ou de óleo, vê-los-emos animados de movimentos contínuos ondulatórios. E quanto maior é a partícula, menor é o movimento, que cessa, aos nossos olhos, quando o diâmetro desta atinja quatro milésimos de milímetro. Não admira, pois, que os corpos de maiores dimensões estejam em repouso aparente.

No fenómeno telepático, o cérebro receptor capta as correntes mentais por meio da glândula pineal que, no pitoresco dizer de André Luiz no livro «Missionários da Luz», segrega *hormónios psíquicos* ou *unidades-força* que actuam de maneira positiva nas energias geradoras, mas tanto a emissão como a recepção das ondas é exercida nos orgãos físicos. No fenómeno telestésico dá-se o contrário: a recepção do pensamento faz-se através dos sentidos psíquicos ou astrais, com frequências infinitamente maiores e que a glândula pineal não pode abranger.

Assim, pensando bem, talvez possamos dizer que o treino telepático conduz à telestesia, uma vez que desenvolve a clarividência e permite ao sensitivo a captação de pensamentos, ideias ou emoções oriundas de pessoas que o cercam. Aqui, já começamos a sentir a dificuldade de estremar os fenómenos telestésicos, visto que os respectivos percipientes também têm faculdades telepáticas.

★

Como vêem, os fenómenos telepáticos confundem-se com os fenómenos telestésicos. A clarividência psicométrica apresenta-se às vezes de tal modo, que justifica perfeitamente a minha afirmação, como sucede quando as visualizações de objectos ou ambientes mentais são devidas a verdadeiras transmissões de pensamento emanadas de pessoas vivas psìquicamente relacionadas com o agente de ligação do sensitivo.

O fenómeno telestésico tem diferentes características, segundo a natureza dos indivíduos. Nuns, manifesta-se em forma de atitude especial que pode chegar à intuição e ao pressentimento; noutros, atinge a lucidez, quase sempre de origem magneto-hipnótica. Mas de uma coisa podem estar certos: nenhum obstáculo material poderá impedir a sua eclosão.

Como diz o doutor Léon Wauthy no seu livro «Science et Spiritisme», a produção do fenómeno telestésico está em relação directa com o afrouxamento dos laços que unem o perispírito ao corpo carnal e é muitas vezes acompanhado de certo grau de prostracção, donde resulta a amnesia, em virtude da matéria corporal não tomar parte activa na percepção da ideia.

Os fenómenos telestésicos dividem-se em várias classes, conforme os orgãos com que estão relacionados. Assim, temos a *clarividência*, a *clariaudiência*, a *psicometria* e a *lucidez*, para só falar nos principais.

A clarividência — muito usada na Inglaterra, onde as grandes médiuns Hellen Hughes e Stelle Roberts têm convertido milhares dos chamados espíritos fortes — é a faculdade de ver à distância sem auxílio dos olhos; a clariaudiência, a de perceber sons ou palavras que escapam aos nossos ouvidos; e a psicometria, a de conhecer o que está ligado a qualquer objecto, mediante prévio e necessário contacto com ele.

O facto de havermos dito que o fenómeno telestésico é quase sempre de origem magneto-hipnótica, não implica com a afirmação de que pode verificar-se muitas vezes no estádio de vigília, embora a mediunidade, o êxtase e o desenvolvimento sejam condições favoráveis à sua manifestação.

A clarividência — também chamada visão transcendental ou percepção de seres de outro mundo — é instantânea, e, na maioria dos casos, exerce-se espontâneamente, sem qualquer preparação antecipada. Todavia, se ela

surgir mediante o sono provocado, ou seja o transe sonambúlico, os seus efeitos serão muito mais apreciáveis.

Quando o sensitivo telestésico emprega a fundo as suas faculdades, isto é, quando ele sabe querer com resolução firme de atingir o alvo, tudo se apresenta transparente à sua vista psíquica e pode ver animais que trabalham, lençois de água subterrânea ou filões de minério. Neste caso recebe as emanações dos objectos traduzidas em correntes subtilíssimas. Uma coisa curiosa: a distância a que os objectos se encontram do sensitivo parece influir na precisão do fenómeno. Ainda que a radiação dos objectos próximos seja tão perfeita como a dos objectos distantes — referimo-nos aos que estão no sub-solo — e a visão astral do

A notícia, assim anunciada, espalhou-se pela cidade e causou tanta emoção, que o próprio governador e outras personalidades se inquietaram por alguns amigos que tinham naquela capital. Passados dois dias, o correio trazia a narração do incêndio, conforme a descrição de Swedenborg. O Dr. Lapponi cita este caso no seu livro «O Hipnotismo e o Espiritismo», a que já temos feito referências nesta revista.

O que acabo de narrar é pura telestesia, visto não haver aqui qualquer agente telepático. O que deve ter havido, certamente, é recepção de impressões por meio do chamado *tubo astral*, que é uma espécie de campo magnético condutor de vibrações e correntes psíquicas com a propriedade de polarizar as partículas da matéria cósmica em virtude de um grande

não me sentia bem. Uma pessoa que vive comigo aconselhou-me a experimentar o tratamento de Kneip, e eu, para lhe ser agradável, andei a passear, descalço, nos primeiros degraus de pedra da escada».

★

A clarividência apoia-se nos cinco sentidos astrais. A *visão*, como disse, observa cenas a distâncias incríveis e exerce-se através dos corpos opacos, como se fosse um aparelho de raios X, e às vezes tem carácter premonitório. A *audição*, próxima ou a grande distância, capta sons e palavras, até mesmo depois dos acontecimentos a que se referem, pois, segundo abalizados ocultistas, as vibrações astrais continuam a exercer-se ainda durante muitos anos. O *olfato* e o *gosto* pou-

Artigo de ISIDORO DUARTE SANTOS

telestesista não diminua de intensidade, diz Atkinson na «Psicomancia Prática» que há perda de energia na radiação dos corpos mais afastados e os sentidos astrais deixam de registar os factos para além de certo limite, pois a distância influi de indivíduo para indivíduo, à semelhança do que acontece com os olhos do corpo.

A propósito, lembro o caso bem conhecido de Swedenborg, o grande precursor escandinavo do Espiritismo. Contou-o Emmanuel Kant, após minucioso inquérito. O famoso clarividente tinha desembarcado em Gotemburgo no dia 10 de Julho de 1759, a 200 quilómetros de Estocolmo, onde residia, e alojou-se em casa de um amigo, em que se encontravam reunidos numerosos convidados. Às 6 horas da tarde, Swedenborg chegou a casa pálido e consternado, dizendo que naquele momento um grande incêndio lavrava em Estocolmo, precisamente na rua onde morava e que o fogo se dirigia violentamente para a sua habitação. Muito agitado, saiu de novo da sala. Pouco depois, voltou, dizendo que a casa de um seu amigo estava reduzida a cinzas e que a sua corria enorme perigo. Cerca das 20 horas, após terceira saída da sala, entrou e disse, em termos mais joviais:

— Graças a Deus, o incêndio extinguiu-se na terceira casa antes da minha !

esforço de vontade, ou, então, terá sido projecção da consciência no *corpo astral*, permitindo a visita directa ao local do sinistro. Refiro-me ao fenómeno de desdobramento da personalidade, que todos conhecem.

O tubo astral dizem os ocultistas que facilita a sensação real da luz e a percepção de sons emitidos a distância, da mesma forma que o telescópio e o telefone facilitam a acção dos nossos principais sentidos físicos. Às vezes forma-se espontâneamente, quando há desejos e emoções fortes. Os hipnotizadores conhecem-lhe a existência e não raro obrigam os pacientes a formá-lo para contarem o que se passa em lugares longínquos.

O fenómeno de Swedenborg deu-se em plena vigília; mas há casos semelhantes que se dão em sono magnético ou hipnótico. Maxiwell (1) narra um fenómeno de clarividência magnética bem elucidativa. Depois de adormecer o passivo (Mme. Angullana), ordena-lhe que visite um amigo dele. Eram 22,20. E o escritor informa:

«Com grande surpresa nossa, a médium diz que via M. B. (o amigo) meio vestido e descalço sobre a pedra. No dia seguinte falei no caso ao meu amigo, que respondeu, textualmente: «Ontem

(1) «Les Phenomènes Psychiques».

co se usam; mas o *tacto*, que mais pròpriamente denominaremos *sensibilidade*, manifesta-se com frequência em certos telestesistas, que chegam a sentir as dores do próximo, cujos sintomas descrevem com minúcia.

A revista *Light* publicou em 1914 um caso de *fobia especial* narrado por um sujeito cuja mulher pressentia ou adivinhava a aproximação das aranhas. Nesse momento adoecia, tinha náuseas e um grande esgotamento se apoderava do seu organismo. Logo que matavam esse animal articulado, todos os sintomas desapareciam. Ernesto Bozzano registou-o numa das suas monografias, não como telestésico, embora reconhecendo nele alguma afinidade com os fenómenos que estamos a analisar. Por esta razão lhe fazemos referência.

★

Há outros fenómenos interessantes que René Sudre incluiu na *metagnomia perceptiva*, ou conhecimento supranormal dos factos físicos, e que são conhecidos pelo nome de autoscopia interna, isto é, visão no inteiror do próprio corpo (Bozzano exclui-o da telestesia).

Os antigos magnetizadores observaram nos sonâmbulos fenómenos curiosos de transposição dos sentidos. Mais tarde, alguns histéricos conseguiram ver o seus orgãos ou os orgãos de outras

pessoas. A metapsíquica chamou a esta faculdade «clarividência sensorial no presente».

O Dr. Sollier, antigo professor da Universidade de Bruxelas e nome conhecidíssimo nos meios psicológicos mundiais, registou um caso de autoscopia interna, na sua obra «Les Phénomènes Autoscopiques» e ao qual tivemos ensejo de aludir no livro «Pierino Gamba». A doente, adormecida, engulira um alfinete e não havia possibilidade de lhe ser extraído pelos métodos usados em cirurgia. Um dia mergulhou-a em sono hipnótico e sugeriu-lhe que despertasse a sensibilidade do intestino; ela, porém, disse que alguma coisa a incomodava.

— Que coisa é ? — perguntou o médico.

— Não vejo bem — disse ela —, mas deve ser um alfinete que enguli há cerca de dois meses.

— Sinta mais fortemente e preste atenção — continuou o Dr. Sollier.

— Eu vejo muito bem — acrescentou ela —. Não é o alfiente que enguli há dois meses, mas o que enguli há seis (O seu estômago era uma pregadeira)...

— Então a senhora vê o alfinete ?

— Vejo, sim. É maior que o outro. Está espetado no intestino. Não poderá sair.

A sessão foi interrompida. No dia seguinte, a doente cai em sono hipnótico e descreve novamente o alfinefe. Diz que, para o extrair, seria necessário movimentar o intestino em sentido inverso.

— Experimente ! — ordena-lhe o médico.

Ela faz novos movimentos e diz :

— Já saiu um centímetro do ponto onde se encontrava. Mas a coisa sangra e eu não me atrevo a continuar.

Ao terceiro dia descreve o interior do intestino, desenhando com um lápis a situação do alfinete, e discute com o Dr. Sollier particularidades anatómicas, que bem demonstram a realidade da visualização do orgão afectado.

Ao quarto dia, nova sessão. Ordena-se-lhe que expulse o alfinete do lugar onde está, faz contracções peristálticas e vai dizendo:

— Pica outra vez, aqui pára, dá voltas, vai de encontro à parede... Agora está no intestino... O lugar onde estava converte-se numa chaga...

A sessão foi interrompida para recomeçar no 5.º dia, tendo o alfinete saído inteiramente despulido, devido aos líquidos intestinais. Quando o Dr. Sollier a despertou e lhe mostrou o objecto, disse imediatamente sem pestanejar:

— É ele mesmo, sem tirar nem pôr.

Nos dias seguintes, imersa em hipnose, descreveu os progressos de cicatrização da ferida e voltou ao trabalho completamente restabelecida.

O Dr. Comar também experimentou com um passivo cujo apêndice continha um fragmento de osso que lhe causava violentas dores acompanhadas de febre. A *viagem* da esquírola foi descrita até à evacuação.

O Dr. Sollier não acredita em visão, mas em sensação cenestésica traduzida em termos visuais. E acaba por ser obrigado a supor que a mucosa intestinal pode perceber a forma de um alfinete...

*

O fenómeno de transposição dos sentidos a que há pouco me referi é dos mais curiosos e foi observado em passivos histéricos e sonambúlicos por Petetin, Boirac, Farigoule, Lombroso, etc. O primeiro destes investigadores observou um sonâmbulo que indicava as cartas que lhe colocavam no epigástro. Boirac, por sua vez, teve um passivo que, de olhos vendados e em plena escuridão, lia o título de qualquer jornal e descrevia fotografias, tacteando esses objectos. Farigoule descreve fenómenos semelhantes, nos quais o passivo vê com os dedos, com o peito, e também de olhos vendados, mas sem necessidade de tocar nos objectos. Chama-lhes fenómenos de visão extra-retiniana e atribui-os, gratuitamente, a aparelhos visuais micoscópicos que estariam espalhados na periferia do corpo.

Em 1894, o médico Chrowrin apresentou um passivo à Sociedade Médica de Tambof que reconhecia as côres de um objecto envolvido em papel de seda e apresentava a transposição do gosto. Se lhe colocassem em qualquer parte da pele uma bola de algodão embebida numa solução salina inodora, imediatamente revelava o gosto da substância.

César Lombroso observou também um caso muito curioso, que ele conta no livro «Hipnotismo e Espiritismo». É uma menina histérica de 14 anos, com acessos convulsivos e sonambúlicos, depois dos quais apresenta várias mudanças de carácter com perda da visão ocular e adquire a faculdade de ver pela ponta do naris e pelo lobo esquerdo da orelha. Deste modo leu uma carta e os algarismos de um dinamómetro. E era interessante como reagia às excitações exteriores. Se lhe dirigiam os dedos ou jactos de luz para a orelha ou o nariz, irritava-se e gritava, dizendo que queriam cegá-la e levantava o braço para se defender.

O mesmo aconteceu com o olfato. Ficava impassível se lhe aproximavam amoníaco ao naris e reagia fortemente se lhe chegavam aromas mais fracos um pouco abaixo do queixo. «Mais tarde, — diz Lombroso — o olfato transportou-se para o calcanhar e então qualquer cheiro desagradável a obrigava a mover os pés e o corpo. Ao mesmo tempo, o cheiro agradável imobilizava-a e tranquilizava-a, acelerando-lhe a respiração».

Os pesquisadores materialistas ainda não conseguiram explicar estes fenómenos. A fisiologia moderna é muda neste sector da vida mental. Mas Lombroso levantou um pouco o véu do enigma, dizendo:

— O que é certo é que não se podem explicar cientìficamente estes fenómenos, que estão no limiar de um mundo a que podemos chamar *oculto*, por ser inexplicado.

*

Passemos agora aos fenómenos criptestésicos, que melhor fora denominar de *visão através dos corpos opacos*, visto abrangerem a leitura de livros fechados, que se não compadece com a objecção telepática.

O notável sonâmbulo Alexis Didier realizou uma experiência com o prestidigitador Robert Houdin que abalou extraordinàriamente as convicções deste perigoso detractor do Espiritismo. Trata-se de uma partida de cartas. Eis o relato do prestidigitador:

«Desembrulhei o baralho que levara comigo e cujo invólucro tive o cuidado de marcar, prevenindo a possibilidade de uma troca.

«Embaralhei as cartas e dei-as com toda a cautela de um profissional experimentado. Precauções inúteis ! Alexis deteve-me e, designando uma carta que eu aca-

bava de deitar na mesa, exclamou:

«— Tenho o rei.

«— Como pode sabê-lo, se a outra carta ainda não saiu ?

«— Continui e esperemos — disse ele.

«Efectivamente, tirei o oito de ouros e sua carta era o rei do mesmo naipe

«Prosseguimos. Didier dizia-me antecipadamente as cartas a sair, embora eu tivesse o baralho oculto nas mãos fechadas, por baixo da mesa. A cada carta minha respondia com outra do seu jogo, sem a virar, e que sempre correspondia com a da minha jogada. Voltei dessa sessão deveras maravilhado e convencido de que *é absolutamente impossível que o acaso produza efeitos tão extraordinários*».

Richet não se furtou a experiências deste genero com a sonâmbula Alice. Um seu colega professor meteu vários desenhos em sobrescritos fechados e ela reproduzia-os com verdade flagrante, mesmo aqueles que haviam sido feitos em películas fotográficas invisíveis, portanto, a olho nú.

As experiências de Wasielensky e Tischner deram o mesmo resultado. O passivo destes investigadores descreveu postais ilustrados metidos em sobrescritos fechados.

Maxwell e Schrenck-Notzing obtiveram ainda mais com Reese. Escreviam bilhetes e fechavam-nos numa gaveta, prèviamente misturados. Não obstante, o passivo respondia com precisão às perguntas formuladas, quer se tratasse de acontecimentos passados ou futuros.

É possível que algumas pessoas estranhem que me refira à leitura em livros fechados e omita a descrição de objectos metidos em invólucros. É que o invólucro pode actuar psicomètricamente, isto é, colocar o sensitivo em relação com o indivíduo que ali encerrou o objecto. E embora haja alguns motivos para crer no fenómeno telestésico, a hipótese da telepatia continuará de pé para neutralizar a veracidade do caso.

Continuemos, pois, em nossa tarefa de analisar a telestesia. O Dr. Ferroul tinha um passivo que, em estado hipnótico, fazia leituras em sobrescritos fechados. Um dia, o professor Grasset remeteu-lhe de Montpellier um desses sobrescritos, envolvendo outro em papel estanhado com dois versos em francês, uma palavra russa, outra alemã e outra grega. O Dr. Ferroul dirigiu-se a casa da sonâmbula para preveni-la, mas tinha deixado o sobrescrito em casa. Ela, porém, quis fazer logo a experiência. Uma vez adormecida, descreveu num minuto a carta e o papel de estanho, leu os dois versos, esquecendo-se de uma palavra. Quanto ao russo e ao grego, não os compreendeu, limitando-se a dizer a forma das letras. Depois disto, o prof. Grasset verificou que o sobrescrito estava intacto.

Um caso de verdadeira criptoscopia publicou-o a *Light* em 1904, relativo a um documento extraviado e depois encontrado por intermédio de um clarividente que foi conduzido aos Arquivos Oficiais de S. Paulo, no Estado americano de Minnesota. O número do documento era 86.575, mas por descuido deram-lhe o número 85.575. Mergulhado em transe sonambúlico, correu todos os arquivos e aproximou-se do advogado que lhe dera o número e disse-lhe que havia ali um erro. O advogado negou, mas depois verificou-se o erro de numeração. Uma vez rectificado, o passivo percorreu as dependências a passos rápidos e agitados. Havia ali mais de 90.000 documentos.

A certa altura murmurou: «Não, não está aqui. Está mais acima». E continuou a caminhada de vai-vem, com a mão levantada. Então parou sùbitamente, tirou um maço de papeis e disse :

— Aqui têm o documento que procuram.

Como o pacote tinha o número 46.133, o Director do Arquivo, Major Robinson, não acreditou na clarividência do indivíduo. Mas este abriu o pacote e encontrou lá o documento, misturado com outros.

— Eis um dos factos mais extraordinários que tenho presenciado — disse o Major.

Era um processo de divórcio. Nos Arquivos havia 100.000 pacotes e sem a intervenção do clarividente nunca mais o documento se encontraria.

São muitas as hipóteses explicativas deste caso puramente telestésico, embora permaneça enigmático o facto de o sensitivo perceber em certo momento que o número que lhe haviam dado não correspondia ao documento que procuravam.

Agora, um problema se apresenta. Se as faculdades telestésicas existem na subconsciência humana, também devem existir no espírito desencarnado.

Stainton Moses lembrou-se uma vez de fazer as seguintes perguntas à prancheta:

— Se a tua clarividência pode ler em nossos cérebros, deve poder ler num livro fechado...

— Perfeitamente — foi a resposta.

— Queres, então, ler a primeira linha da página 290 daquele volume mais grosso ? (Era um velho alfarrábio cheio de pó que se encontrava no alto da biblioteca e cujo nome ignoravam). Pois a prancheta soletrou imediatamente: «em testemunho, ele, cardeal, do que lhe tinham dito...».

Quem fizera a pergunta subiu à estante com auxílio de uma escada e viu que era um livro muito antigo com o título «História da Liga». A linha em questão tinha sido textualmente reproduzida.

Se a origem do fenómeno não foi anímica, temos de atribuí-la a uma entidade espiritual. De uma forma ou de outra, o facto persiste com toda a sua real importância.

★

Falámos na *lucidez*, um departamento telestésico dos mais curiosos e ao qual queremos fazer ligeiras referências. A lucidez é a faculdade que permite o conhecimento das coisas que escapam aos sentidos. Quem tiver esse dom, pode e deve desenvolvê-lo por meio de treino adequado; de contrário, corre o risco de perdê-lo. Para se manifestar exige também um estádio especial a que poderemos chmar hipnótico.

Há três categorias de lucidez :

1.ª — *O passivo está aparentemente acordado.*

Este estádio manifesta-se numa conversação ou no exercício de qualquer mister. O indivíduo fala espontâneamente. Para os leigos, parece normal; mas quem estiver habituado aos fenómenos hipnóticos, notará em seus olhos uma fixidez particular, um certo automatismo que indica a passagem da vigília sonambúlica ao 1.º grau do sonambulismo.

2.º — *O passivo está em ligeira hipnose, como sucede com a visão na bola de cristal, que provoca muitas vezes o fenómeno de lucidez*, assim como na audição através do búzio, da garrafa ou do espelho, enfim, qualquer objecto brilhante que provoque a hipnose necessária à manifestação

da faculdade, transformando em alucinação visual as radiações do objecto empregado. Estes fenómenos obtêm-se por tiptologia ou voz directa.

3.º — *O passivo está em sonambulismo profundo, espontâneo ou provocado.*

No espontâneo, o passivo passa do sono ao estádio sonambúlico. Agita-se como em sonho, manifestando-se então o fenómeno de lucidez, que demonstra admiràvelmente o valor do pensamento, não como simples imagem virtual, mas como existência permanente.

Para ilustrar estas palavras, recorremos mais uma vez ao sonâmbulo Didier, citado por Henri Delage na sua obra acerca do sono magnético. Diz este autor:

«O sr. Vivant foi a casa do magnetizador Marcillet, para consultar o sonâmbulo Alexis Didier.

— Alexis — perguntou ele — você poderia dizer-me qual o motivo da minha visita ?

— É uma perda que o sr. julga ter sofrido.

— É isso mesmo. E poderia dizer-me a causa dessa perda ?

— São quatro notas de 1.000 francos que o sr. guardou e não encontra na secretária.

— Exacto.

— Então, dê-me a sua carteira, pois se as notas lá estiveram ser-me-á fácil encontrá-las, tacteando-a.

De posse da carteira, o sonâmbulo disse que os 4.000 francos eram de um amigo que lhos confiara para compra de títulos de renda, o que era verdade. Em seguida descreveu o domicílio do consulente, chegando a dizer-lhe o nome e o endereço.

Maravilhado de tanta lucidez, o sr. Vivant pediu-lhe que continuasse.

— Está bem — disse Alexis —, mas com a condição de o sr. retirar a queixa que apresentou ao Comissariado da Polícia, pois as notas não sairam da sua secretária.

Ao chegar a casa, o sr. Vivant revolveu todos os papeis, sem o mínimo resultado.

Quando procurou novamente o sonâmbulo, este admirou-se do insucesso e disse-lhe que não tinha pesquisado bem. Mas, de repente, reflecte e diz:

— Espere um pouco. Eu pensava que o sr. poderia ver como eu vejo, mas isso não pode ser... A sua secretária é um móvel antigo com algumas fendas. É numa dessas fendas que estão as notas. Procure e garanto-lhe o resultado.

Munido de um arame, o sr. Vivant sondou todas as fendas e de uma delas tirou as quatro notas de 1.000 francos!

Neste caso há dois fenómenos distintos: o do esconderijo das notas é telestésico; mas o da carteira é nìtidamente psicométrico, pois o sonâmbulo disse que, tacteando a carteira, poderia encontrar o dinheiro com mais facilidade. No primeiro caso teria havido relação entre a subconsciência de Alexis e a secretária; no segundo, a relação deve ter sido estabelecida entre o subconsciente dele o do sr. Vivant. Como já acentuámos, na telestesia há a visão directa dos objectos, não por intermédio da visão ocular, mas de visualizações que se apresentam como imagens pictográficas esclarecedoras e oriundas do subconsciente.

A hipótese da radiação criptoscópica dos objectos, a que se apoiam alguns experimentadores, não é suficiente para explicar estes fenómenos, pois reduz a impressão sensorial a uma excitação motora tributária do cérebro e não do espírito, deixando irresolúvel o problema.

O que acabo de expor deve ser bastante para demonstrar a realidade dos fenómenos telestésicos. A clarividência, nos casos que apontámos, exerce-se de várias formas, conforme as faculdades do senstivo e as circunstâncias que se apresentam. A visão é simbólica, traduzida em imagens pitográficas. Os centros ópticos são alheios às imagens alucinatórias verídicas. Quem percebe à distância é o subconsciente.

Se me perguntarem qual a maneira de operar na eclosão dos fenómenos, encolherei os ombros em demonstração de ignorância. Os fenómenos telestésicos combinam-se com tantos outros, que, para explicá-los, alguns investigadores se apoiam na hipótese da *panestesia espiritual*, ou seja um único sentido psíquico que sirva de veículo a todos os sentidos e faculdades do homem terrestre. Quer dizer, tal sentido transformar-se-ia em visão, audição, olfato, gosto e taceto, segundo a estrutura anatómica que ele sensibilizasse. Se assim fosse, muitos enigmas encontrariam fácil explicação.

Enfim, — e para terminar, visto que não pretendi esgotar este filão de enorme transcendência — os fenómenos telestésicos, que mais não seja, provam exuberantemente uma coisa importantíssima : o cérebro não é o orgão da percepção. Há outros canais que escapam à análise materialista e que servem à exteriorização de faculades anímicas incontestáveis. Se, de facto, o sistema nervoso não pode, por si só, aprender certos fenómenos telestésicos, então, como diz o Dr. Léon Wauthy, somos forçados a admitir a existência de uma individualidade transcendental com faculdades psíquicas que se exteriorizem fora dos limites da percepção corporal e capaz de conhecer o que os nossos sentidos não podem alcançar. E se essas faculdades podem manifestar-se para além do corpo físico e não têm função normal na vida terrena, segue-se que terão de exercer-se na vida futura. E a sobrevivência da alma resulta absolutamente lógica, sem necessidade de se recorrer às manifestações mediúnicas.

SOCIEDADE ARGENTINA DE PARAPSICOLOGIA

Esta Sociedade sancionou há pouco o seu Estatuto, dando ingresso a vários universitários de diferentes escolas argentinas que dão novo carácter a esta agremiação no ano de 1950. A sua direcção é a seguinte :

Presidente — *Dr. Juan A. Scrhroeder*; 1.º Vice presidente — *Engenheiro José S. Fernandez*; 2.º Vice-presidente — *Dr. Eduardo Del Ponte*; Secretário — *Dr. Luiz Di Cristóforo Postiglioni*; 2.º secretário — *Dr. Hector J. Meson*; Tesoureiro — *Engenheiro Juan B. Krevor*; Bibliotecário — *Engenheiro Juan Boló*; Vogais — *Dr. Janos Toronji, Dr. Alejandro Herosa, Dr. Enib Bercetche, Dr. Pedro Baldasarre e Dr. Vicente Dragone.*

Ultimando pormenores da sua sede e ligada directamente às suas congéneres de Itália, Grécia, França, Inglaterra, Áustria, Holanda, Suécia, Canadá e Estados Unidos, proporcionará muitas satisfações aos que seguem de perto os trabalhos rigorosamente científicos. Felicitamos os seus diligentes directores e formulamos os melhores votos de triunfo para as suas elevadas e nobres tarefas.

T. James e o Romance de Dickens

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Baía)

Duas horas antes de morrer, trabalhou Charles Dickens no seu romance *O Mistério de Edwim Drood*, que, justamente por isto, ficou interrompido na primeira parte. Levando para o Além, segundo a opinião do sábio Carl Du Prel, esse monodeismo, o escritor teria podido concluir a sua obra, como se estivesse na carne, havendo sòmente que escolher um médium suficientemente apto para realizar semelhante incumbência. O seu Espírito, com efeito, passou um longo tempo procurando o meio de conseguir esse intento.

Em Brattleborough. América do Norte, morava um jovem aprendiz de mecânico, de instrução primária, pois só frequentara a escola até à idade de 13 anos. Um dia, assentando-se, descrente, com alguns companheiros, em torno de uma mesa, para uma experiência espirita, foi-lhe, com surpresa, anunciado que possuia um notável dom para a escrita automática. Por melhor dizer, era médium escrevente, — dócil instrumento de que se poderiam servir as entidades espirituais para transmitirem suas mensagens. Foi esse operário quase iletrado, pois, que Charles Dickens, *post mortem*, elegeu para a tarefa de levar a bom termo a conclusão do seu romance. Na véspera do Natal de 1872 o Espírito do romancista inglês fazia, pela mediunidade de James, o seu primeiro ditado em prosseguimento de sua obra. Retomava a narração no ponto exacto em que a interrompera ao morrer, — «e isso com uma concordância tão perfeita, que o mais consumado crítico, que não tivesse conhecimento do lugar da interrupção, não poderia dizer em que momento Dickens deixou de escrever o romance por sua própria mão».

Este acontecimento, como era natural, empolgou a opinião pública da América e da Europa, acendendo animadas controvérsias pela imprensa. Tomaram parte nos debates eminentes publicistas, cujos trabalhos vindos a lume, excepto alguns já esgotados, podem-se encontrar nas livrarias e nas bibliotecas espiritas. Alexander Aksakoff dá-nos sobre o mesmo, no seu *Animismo e Espiritismo*, interessantes detalhes, reproduzindo trechos de um extenso relatório, publicado em primeira mão pelo jornal *Springfield Daily Union*, de 26 de Julho de 1873, que destacou um representante para ir a Brattleborough com o fim de efectuar uma investigação, no local, de todos os pormenores «dessa estranha empresa literária». Na sua monografia, intitulada *Literatura de Além-Túmulo*, Ernesto Bozzano, por sua vez, analisa o caso com elevado critério científico. E ressalta a importância de um artigo de Sir Arthur Conan Doyle, estampado na *Fortnightly Review*, de Dezembro de 1927, no qual o seu ilustre e conhecido autor faz notar as analogias de forma, de estilo, de construção e até de ortografia que caracterizavam a personalidade de Charles Dickens. Conan Doyle transcreve, outrossim, duas passagens descritivas extraídas do ditado mediúnico, as quais põe em confronto com duas passagens do mesmo género tiradas da parte autêntica do romance, sem indicar os textos a que pertenciam os diferentes trechos, e convida os críticos a extremar as autênticas das mediúnicas. Du Prel, por seu turno, aludindo à parte completada de *O Mistério de Edwim Drood*, e fazendo menção a um inquérito promovido por um dos grandes jornais de Nova York, sobre o livro, observa que nele foi constatado que, quanto às figuras típicas, ao estilo, ao meneio característico das frases, até mesmo quanto à ortografia e à descrição minuciosa dos logradouros de Londres, — tudo se casava perfeitamente com a primeira parte da obra de Dickens, feita em vida.

Do valor probante deste facto são os demais em que os espiritas se inspiram para sustentar, com firmeza, a tese científica da sobrevivência da alma humana.

«PIERINO GAMBA»

Já leu o livro «Pierino Gamba», da autoria de Isidoro Duarte Santos? Se não leu, adquira-o nesta redacção e ficará sabendo como a psicologia experimental encara e resolve o problema dos génios precoces ou meninos-prodígios.

Preço — 20$00

A Quarta Dimensão da Psicologia

Por ERNESTO MOOG

(Correspondente em Santiago do Chile)

Em consequência dos descobrimentos revolucionários nas ciências naturais produzidos nesta época de profundas transições do materialismo ao espiritualismo, principalmente em física e metapsíquica ou parapsicologia, o pensamento científico e filosófico encontra-se sob o signo do pensar tridimensional ao quadrimensional.

Sabemos que o pensar tridrimensional implica espaço e massa, comprimento, largura e altura, mas o pensar quadrimensional junta a isto o tempo como quarta dimensão para conseguir uma vasta visão de totalidade do Universo e do homem.

A psicologia moderna, nascida há uns cem anos, começou a claudicar na sua primeira dimensão, quando pretendeu criar instrumentos físicos para medir a mente e analisar com precisão as sensações, percepções, sentimentos, etc. Julgava-se com elementos densos e materiais, estendidos ao longo da massa encefálica e suas circunvoluções, e redutíveis a peso, tamanho e quantidade.

A segunda dimensão foi explorada com o concurso da psicologia animal, sob condições laboratoriais e por meio de reflexos condicionados, reacções estimulantes, etc., que deviam ser observados e estudados objectivamente (primeiro, nos animais), aplicando depois os resultados ao homem. A natureza humana estudou-se então como mecanismo que excluia a mente e a consciência, elementos inúteis, pois tudo — pensamentos, sentimentos, acções e evoluções psíquicas do animal ao ser humano — só constituia uma série progressiva de reacções maquinais a estímulos determinados. Organizando experimentalmente as reacções individuais em certos e definidos sistemas de hábitos, devíamos «predizer e controlar» o procedimento do homem.

A terceira dimensão, para cima ou para baixo, foi submetida à técnica da psicanálise e descobriu o inconsciente, atribuindo-lhe grande parte da direcção da vida psíquica do indivíduo. A actividade mental, o procedimento, a criação artística e os sentimentos religiosos surgiam descontrolados do oceano subconsciente, tumultuoso, profundo e desconcertante. O homem dependia de seus impulsos reprimidos, da sua sexualidade desviada e de vestígios do animal ou do selvagem na sua natureza, herdados na «estrutura do cérebro».

Mas surgem Einstein, Planck, De Broglie, Schroedinger, Eddington, Jeans e outros físicos modernos, que destroem a falaz independência do espaço, matéria e tempo, e os fundem num único conceito que trasborda o tridimensional comprimento, largura e altura (ou baixura), pois se desenvolve no interno ou subjectivo, no mental ou abstracto, só podendo exprimir-se através de símbolos metafísicos, intangíveis, não ligados a formas concretas de pensamento, como o electrão «que ninguém viu ainda» ou o campo eléctrico, magnético ou gravitatório, ou o contínuo «espaço-tempo», que não podem representar-se na imaginação, por carecerem de realidade objectiva ponderável.

Então a psicologia começa a penetrar na sua quanta dimensão, a parapsicológica e metapsíquica, que também podemos denominar espiritual, não obstante a resistência de alguns cientistas apegados ao pensar tridimensional já suplantado pela consciência humana.

Se os conceitos de espaço, tempo e matéria, há muito correntes devem ser abonados agora em física, porque não servem para estudar o que ocorre no interior do átomo, nos processos lumínicos ou nas vastas profundidades do universo expansivo, em psicologia demonstram ser absolutamente inadequados para atingir a realidade interna do ser humano e para explicar os processos supranormais, os factos parapsicológicos e os fenómenos mediúnicos.

O futuro e o passado, segundo o pensamento antigo, estão separados em fases definidas e isoladas. O presente é a barreira que

os separa. Na relatividade e na nova física, em que espaço e tempo se fundem, não há essa descontinuidade e o amanhã já está em existência, o que também demonstra a quarta dimensão da psicologia ao penetrar, mediante os factos ou sucessos da bem comprovada metagnomia ou metagnosia, no passado e no futuro, como se fossem actuais e se estivessem agora exercendo.

A metapsíquica ou quarta dimensão da psicologia, como a quarta dimensão da nova física, desdobra num plano o mundo espiritual, não separando o mundo físico, antes fundindo-o com ele. É o mundo dos electrões, «cargas de energia eléctrica sem corpo», cuja incompreensível acumulação dá lugar à sólida matéria que impressiona os nossos sentidos físicos, e da «substância mental que é a matéria do mundo» (Eddington), e é também o mundo do espírito, da nossa consciência e do subconsciente. Ali, não só existe o inconsciente colectivo de Jung, que compendia as experiências, vivências e imagens mentais mais primitivas, antigas e dramáticas da raça humana, mas também o supra-consciente cósmico onde radicam as mais elevadas potencialidades espirituais que o homem alcançará e desenvolverá no curso da sua luminosa evolução através de inúmeras vidas sucessivas. É, finalmente, o plano onde continuam a existir os que passam, com a morte, ao mundo oculto do ser, o mundo espiritual interno, de cuja existência dão testemunho os fenómenos espiritas.

Desta maneira, o progressivo desenvolvimento do ser humano, a natural expansão da consciência do homem, o cumprimento paulatino e seguro do Plano Divino, descobrem, de ciclo em ciclo, a ordem, ritmo e beleza, que é a base de evolução do indivíduo e do universo.

Os processos físicos e psicológicos aparecem assim, em cada época do conhecimento humano, com maior amplitude, complexidade e perfeição. O pensar quadrimensional proporciona-nos agora novos vislumbres desse maravilhoso Plano, ao permitir-nos entrar em esferas subtis e abstractas, onde energia, tempo, espaço e espírito se encontram prodigiosamente, onde os mundos visível e invisível se completam e interpenetram e onde a ciência e o espiritualismo se compreendem e interfundem, sobre as velhas cinzas do crú materialismo, característica abominável de uma fase inferior da compreensão humana.

Santiago do Chile, Fevereiro, 1950

(I. D. S. traduziu)

Maria Gonçalves Duarte Santos

Sob o título «Grande perda para o Espiritismo português. O falecimento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos emocionou também os espiritas do Brasil», o periódico Luz da Verdade, *de Salvador, Bahia, publicou a seguinte notícia:*

«O Espiritismo em Portugal acaba de ser desfalcado num de seus valores mais altos, com a desencarnação, no dia 4 de Janeiro, de D. Maria Gonçalves Duarte Santos. Num país onde a propaganda da nossa doutrina tanto carece de obreiros resolutos e esclarecidos que lhe dêem maior vigor e tornem mais abundantes os seus frutos espirituais, é deveras lamentável a partida súbita de uma obreira tão distinta por sua inteligência e brilhante cultura, a que aliava uma notável capacidade de trabalho. Carácter puro, alma nobre, coração trasbordante de peregrinas virtudes cristãs, D. Maria Gonçalves Duarte Santos era uma estrénua pioneira do movimento espirita em sua pátria. Quer no seu Centro, quer na imprensa ou na tertúlia, suas actividades em prol do Espiritismo eram sempre eficientes. Como médium, soube equiparar-se aos melhores no género psicográfico, destacando-se da sua copiosa produção as mensagens ditadas pelo iluminado espírito Reper-Siam, *vasadas nos mais puros ensinamentos.*

«O passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos verificou-se em Cebolais de Cima, sua terra natal, em consequência de leucemia aguda. Ficou, assim, privada a revista Estudos Psíquicos *de sua diligente administradora e Isidoro Duarte Santos, seu director, sente-se agora na solidão em que o deixou a dilecta e saudosa esposa.*

«Nós, desta parte do Brasil, e cremos que todos os espiritas patrícios, recebemos com grande surpresa e funda mágoa a infausta notícia, e daqui enviamos ao querido confrade a expressão mais sentida da nossa solidariedade no rude transe que abalou o seu coração e o Espiritismo português».

Também La Consciência, *de Buenos Aires, se referiu assim ao acontecimento :*

«Estudos Psíquicos, a importante revista lusitana de Espiritismo, acaba de sofrer uma importante baixa com a desaparição física de sua inteligente fundadora. D. Maria Gonçalves Duarte Santos era mentor de visão clara, de sagacidade pouco vulgar e bem inspirada no bem geral. Da pátria comum, prestes a sua irradiação suprirá a sua ausência corporal. De lá servirá com muito mais amor a causa do Espiritismo, à qual dedicou todas as energias.

Ao nosso querido amigo e irmão Isidoro Duarte Santos exteriorizamos o nosso sentimento espirita neste momento de provação».

Aos dois amigos distantes, os nossos melhores agradecimentos.

"O LIVRO DO AMO

(Ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista)

XIV

Isidoro querido! Esta conversa entre duas almas leva muito longe. Nem tu sabes onde leva. Vai-se estendendo, estendendo, atraindo os assuntos, lembrando particularidades dessa vida e às duas por três não é um regato nem um rio, é um oceano. É a nossa existência terrena com suas tonalidades, seus matizes. Recordo pormenores que já esqueceste, coisas que me sensiblizaram, que me deram alegria ou fizeram sofrer. Para que saibas a minha disposição, para que avalies o meu estado de espírito.

Isto não é romance. Não há coisas a mais nem coisas a menos. Há o que sinto, Isidoro. Há realidade, há vida intensa. Há clarões de saudade. Há amor sincero, desse amor que trasborda, que nos envolve em luz suave. Há tudo que nos encanta, que desperta em nós o que há de divino no ser. É um vai-vem de ternura, de afecto imenso.

Eu quero-te cada vez mais!

O amor é assim. Firma-se, alteia-se. Depois estravaza, imunda as almas, dá felicidade. Eu sou rica do teu amor.

Vejo que tudo segue no mesmo ritmo de sempre. Estás tu e a Gena no nosso lar. Eu também lá vou. Dou intuições e dou amparo. E saio. Vou aqui, vou ali... Mas volto a ver-vos. Mato saudades!

Faço a minha vida como qualquer de vós. Trabalho, estudo, investigo. Não tenho parança. É a vida, Isidoro. Ninguém pode estagnar. Quem julga que pára, não pára. Anda sempre. Avança ou recua. Mas pensa sempre. O recuo também é trabalho. Exige esforço. Logo, é progresso. Às vezes é preciso recuar. Cada um trabalha a seu modo. Quando as coisas não ficam à nossa vontade, que fazemos, Isidoro? Deitamos abaixo. Refazemos. Isto é estagnar, é recuar? Já vês que não.

Eu observo estas coisas e falo. Alimento a conversa, como aí fazia, quando me chamavas faladora. E tu gostas. Agora gostas... Eu falava com quem me entendia. Não era banal. Tinha assunto, tinha argumentos. Gostavam de ouvir e falava, falava de tudo, menos da vida dos outros. Disso não falava. Para quê? Cada qual que se arranjasse, que resolvesse os seus problemas. Falava em coisas mais altas. Ouvia opiniões, fazia juizos. Não falava por falar. Falava e ouvia. Era um prazer. Havia amigos que me admiravam. Tu sabes. Ouviste referências, sabes que é assim.

Que é o amor? Que origem tem? Se não fosse a palavra, se não fosse o olhar, haveria outra coisa que o descubrisse. Mas a linguagem basta. Traduz sentimentos. O resto é com Deus. Não sabemos o que nos impele, o que nos atrai uns para os outros... Chamamos-lhe isto ou aquilo, eu sei lá! O que é certo é que nos deixamos atrair.

Comigo foi assim. Agora, o idílio continua. São os teus pensamentos. São as tuas vibrações. Ando em torno delas num feixe de luz. Volto e revolto. Rodopio. É um doce bailado, Isidoro!

Onde está a morte? Palavras! Palavras! Vida é que há! Vida estuante e vibrátil, quando se ama como eu te amo. A morte nunca a vi. Não sei o que seja.

Se eu morresse, não pensava. Morte é morte. Eu transformei-me. Isso, sim. Transformei-me, como todos se hão-de transformar.

Mas eu vivo, eu amo, sinto o teu afecto e a tua saudade. Teus pensamentos são raios luminosos. Que bem me fazem! Que força me dão! Assim, a vida é mais bela. Há mais confiança e mais fé!

Não tenhas pena, Isidoro.

Como é grande a romagem das almas que vêm, das almas que vão!

É um minuto essa vida. Daqui a pouco... regressas. Voltamos ao idílio. Continuamos a obra com mais afinco e dedicação. Nunca é tarde para trabalhar.

O teu esforço é o meu esforço. Conjugam-se em harmonia. Completam-se. Formam um todo. Dou-te o que é meu, dás-me o que é teu. Assim, nem eu sou eu, nem tu és tu. Somos um bloco. É a tal fusão, entendes? Estou em ti, como estás em mim. É vida mental e espiritual.

Deste modo, onde está a morte? Onde está a separação? O corpo que lá deixei é pasto dos vermes. Mas tenho outro mais belo, mais diáfano. Penso melhor, falo melhor. Emito ideias, recebo ideias.

Porque choram então? Ignoram o que se passa... Eu não

OR E DA SAUDADE"

quero choro. Quero alegria. Dize-lhes que não chorem. Estou viva. Não me vêem? Que importa? Estou viva, penso e trabalho como os outros. Vejo tudo melhor, com mais clareza.

Tenho estado em Cebolais, junto dos meus. Há dor, há tristeza. Aquelas caras! Meu Deus, como eu sofro, vendo-os sofrer! Anima-os. Só tu os podes animar. Eles não sabem. E sofrem. Não se conformam. Coitados, tenho muita pena deles. Meu pai, minha mãe... Meus bons amigos! Não chorem, que eu vivo e penso em vós! Hei-de ajudá-los! Hei-de ajudá-los!

Não te afaste deles, Isidoro. Dá-lhes coragem. Quero alegria. Um corpo que se enterrou? De onde veio ele? Onde se formou? Na terra fica o que é da terra. Conosco vem o que é do céu, o que perdura eternamente. Eu tenho um corpo mais belo!

Dize-lhes isto, anima-os, convence-os. Não quero vê-los assim. Sofro muito com isso!

Se eles me pudessem ver! Não sei... É possível. A minha mãe talvez... talvez me veja, talvez me sinta. Hei-de tentar. Sou muito amiga dela. Retribuo-lhe em amor todo o bem que me fez. Meu pai, coitado, era mais ríspido. Às vezes arreliava-me, contradizia-me. Mas era amigo. Desculpo-lhe tudo, Isidoro. Que ande tranquilo. Não pense nisso. A vida é assim. Temos de sofrer. Perdoo tudo para que me perdoem. Farei tudo por eles. Sempre que puder, hei-de visitá-los e animá-los. Bem o merecem. Eram muito meus amigos!

Hoje destoei um pouco, fiz-te chorar. Que queres? É a a alma a vibrar, lembrando coisas que fazem sofrer! Não está mais na minha mão...

Há certos quadros que me comovem. Lembro-os com dor e com saudade.

Mais tarde talvez se esbatam, quando eu tiver evolucionado em toda a plenitude e tu sejas alegre e trabalhes com grande rendimento. Por enquanto, não. É muito cedo. Ainda me deixo impressionar.

Desculpa, Isidoro. Queria dar-te outra coisa. Queria alentar-te, fortalecer-te, dispor-te bem. E afinal... Deixa lá. Hei-de compensar-te. Farei o possível. O meu desejo é ver-te alegre.

Tu bem o sabes. Não andes triste, não penses tanto. A vida é a vida. Vive-se, trabalha-se, eleva-se o pensamento. Está-se preparado para o que der e vier. Sempre preparadinho... Boas acções, boas palavras com todos. Humildade e caridade, ouviste? Isto é que não descures. Quanto ao resto, coração ao alto!

Faze assim. Verás que aproveitas, verás que tudo se resolve.

Alivia dores. Socorre. Sê afável. Isto é que importa na vida. Não ofendas, não maltrates o teu próximo.

Como eu saltito! Falo em tudo ao mesmo tempo! Vêm-me as ideias e transmito-as. Não sou de reservas. Tu dizias que era. Mas, não. Calava-me às vezes, entristecia, mas não reservava. Passada a questão, contava tudo num grande desabafo. Era ou não era?...

Queres acabar? Espera um pouco, Isidoro. Não sentes prazer na nossa conversa? Para que a desejas tanto noutras alturas? Ainda duvidas? Homem de pouca fé! Não quero que duvides. Nem um minuto, nem um segundo!

Recebe tudo e aceita tudo. Presta atenção. Lê e relê. Medita bem. É melhor do que parece. Coisas soltas, desconexas... Mas pensa, medita e verás que não é assim. Tudo está ligado a um pensamento firme que não enfraquece. Em tudo há amor, um desejo grande de que não chores, de que não sofras. Isto não basta? Pensa bem, medita bem...

Não falo por falar. Nunca assim fui. O que digo é necessário. Expando ideias, capto pensamentos.

Queria dizer mais, alegrar-te mais, para que andasses mais tranquilo. Mas não sei, Isidoro. Alma que se entrega não fala. Irradia. É o que eu faço. Dou-me toda em prazer e em fé. Transcendo-me. Capta as minhas vibrações e serás feliz da minha felicidade!

Adeus, querido. Alma com alma, falámos os dois, vivemos e amámos. Tudo em pensamento, tudo em silêncio, em oração! Não te esqueças de vir sempre!...

Olha a Gena, a nossa filha! A mãezinha da-lhe beijos, como fazia dantes.

Deixa que te envolva num grande abraço!

Tua, sempre tua,

LIA

(Estas cartas são recebidas intuitivamente, sem a mínima rasura. Os originais estão à disposição dos interessados)

Novos Rumos da Terapêutica?

por RAMOS PEREIRA

Ainda que, na sua generalidade, a ciência oficial não reconheça valor à aplicação do método metapsicológico na diagnose e tratamento de afecções orgânicas, são irrefutáveis os resultados obtidos pelas vias mais dispares. Entendemos por «método metapsicológico» o uso de certas faculdades meta-normais para uma primeira linha sobre o diagnóstico e do magnetismo curador como instrumento de cura. Necessàriamente que, quanto a instrumento de diagnóstico, o método varia com as faculdades em jogo.

Encarando o conjunto das categorias fenoménicas julgamos poder considerar como de resultados mais perfeitos e rápidos as seguintes categorias :

I — Criptoscopia.
II — Telestesia.
III — Psicometria ou metagnomia táctil.

Se a energia magnética exteriorizada pelo indivíduo está em íntima ligação com o organismo, será natural, pois, que na «aura» se reflictam as alterações orgânicas. Estas apresentam-se ao clarividente sob o aspecto de manchas de tons escuros sobre a região afectada, o que leva, por vezes, alguns a confudirem este sintoma «áurico» de doença com pensamentos ou emoções «baixas» (que na «aura» se revelam sob forma semelhante). Mas se o clarividente, se o metagnomo pudesse efectuar diagnóstico apenas pela captação da vibração dos «chakras» ou princípios magnéticos» (v. C. W. Leadbeater in «Los chakras o los princípios magnéticos vitalis del cuerpo humano»), os relatos seriam demasiado imprecisos e sujeitos a erro.

Pela criptoscopia, porém, (sem dúvida, o melhor processo), o metagnomo vê o orgão e descreve minuciosamente a seu aspecto, efectuando, por vezes, perfeitas «radiografias»... A combinação da criptoscopia com a telestesia, permite obter o diagnóstico a distância (v. caso de Luiz Barros Torres). Dir-se-á, talvez, que, apesar disso, os «raios X» têm um valor probatório superior, caso se não pense na indecisão em que o clínico se encontra, às vezes, para determinar, à priori, sobre os sintomas de que toma conhecimento o local ou a extensão da afecção (1).

Mas nós pretendemos, apenas, apresentar o diagnóstico metapsicológico como um ponto de partida, permitindo a limitação de horizontes, necessária ao clínico. Este precisa sempre de conhecer sintomas, reflexos externos da afecção, geralmente muito variáveis e falhos de rigorosa precisão. O metagnomo dispensa o conhecimento da sintomatologia, porque o seu diagnóstico não é vasado sobre ela (Achamos mesmo que o sensitivo a não deve conhecer para evitar uma possível sugestão). Controlando a descrição metagnómica com a sintomatologia apresentada pelo paciente, o clínico possuirá então uma soma de dados que lhe facilitará grandemente o seu trabalho.

Embora haja quem não pense como nós, consideramos indispensável a assistência do clínico, do técnico especializado, capaz de reconhecer portanto a natureza da «doença» e de indicar o processo de tratamento a seguir.

A metagnomia táctil ou psicometria(por contacto ou não com o paciente mas sempre por descrição) é um processo de resultados menos definidos que os anteriores, pois dá-nos, quanto muito, a indicação do orgão ou função alterada. Há uma forma de sensibilidade táctil com tanto valor como a metagnómica, e a que chamaremos «sensimilidade magnética». Passando as mãos ao longo do corpo do doente, alguns «magnetizadores» localizam a «doença» por um prurido especial na ponta dos dedos logo que tocam na região dolorosa. Outros utilizam um pêndulo, estabelecendo o diagnóstico por rabdomancia, logo que a massa pendular altera o seu movimento natural oscilatório (1).

Não pretendemos acumular neste ensaio de síntese inúmeros factos comprovativos das nossas afirmações, remetendo o leitor desejoso de aprofundar o problema para os livros da especialidade.

Se o papel do método metapsicológico consistisse sòmente no *auxílio* (por facilitação) do diagnóstico clínico, seria sem dúvida valioso, mas de âmbito muito limitado. Os trabalhos do médico alemão Friedrich Wolf com o sensitivo Max Moecke mostravam a possibilidade de aplicação da metagnomia táctil no estabelecimento do processo terapêutico. Aquele sensitivo relatava não só os sintomas provocados por solutos medicamentosos que desconhecia e não ingeria, como, e mais, os órgãos em que os mesmos solutos iriam actuar caso fossem aplicados !

Eis um campo extraordinário aberto à técnica laboratorial farmacológica e ao receituário do facultativo. Eis um processo simples e das mais valiosas indicações para o estudo das aplicações dos produtos farmacêuticos. Não nos atrevemos a penetrar fundamente neste problema, porque... não nos esquecemos do conselho salutar que Apeles deu ao sapateiro que se atreveu, na sua crítica estética, a passar além da chinela.. Contudo, a equação fica aqui proposta esperando a solução de outros mais idóneos.

O «tratamento magnético» ou «terapêutica magnética» recua à antiguidade oriental, tendo sido revivida por Mesmer na idade moderna. Po-

(1) Durante o ano de 1946 pudemos observar vários casos de diagnose cuja veracidade foi comprovada. Deles relatamos o seguinte :

I — Ulceração de estômago e duodeno.
II — Arterio-esclerose.
III — Gânglios cancerosos (diagnose a distância).
IV — Reumatismo gotoso (idem).

(1) Tanto na metagnomia táctil como na telestesia nota-se, em vários casos, uma transferência sugestiva de sensações do organismo doente para o do sensitivo.

der-se-á negar a existência do «fluido magnético», mas será falsear a verdade dos factos negar... «a cura magnética». Quer seja por sugestão... como dizem os anti-fluidistas, quer seja por uma acção real de uma energia específica, a «cura magnética» é um facto. A melhor prova da sua possibilidade e realidade está no ataque cerrado que é movido pela medicina oficial aos «magnetizadores» e aos «médiuns-curadores».

Charlatães ? Como, se eles curam ? Onde mentem se nada mais prometem que o seu esforço para obter essa cura ? Que será então aquele médico que especula... com a doença ou o que estudou... para curar e o não consegue ?

Mais digna seria uma atitude de estudo que uma simples negação apriorística... Se há um «magnetismo curador». não seria preferível que ele estivesse nas mãos dos médicos como mais um processo terapêutico ? O senso comum diz-nos que sim, mas... os médicos julgam o contrário e enquanto assim pensarem continuarão os desiludidos da medicina oficializada a procurar a cura nas casas dos «magnetizadores» e dos «médiuns» (1). (V. relatos sobre William Parish e Lilbey).

Vejamos ainda a hipótese da sugestão... Achámo-la natural no caso de alterações nervosas e é bem conhecida a sua utilização no processo psicanalítico freudiano. Mas esta acção sugestiva pressupõe sempre um estado de sono magneto-hipnótico e dilata-se na medida em que esse sono se aprofunda.

Poderemos admiti-la no estado de vigília perfeita e com resultados orgânicos tão completos ? É disso que nos permitimos duvidar, porquanto a «fé» ou «crença» não é condição necessária nem suficiente para que a cura se produza. Quantos não caminham, em vão cheios de ardor, de fé, de ânsia de cura para os santuários de Londres ou de Fátima ? Quantos não saem aliviados ou plenamente sarados dos gabinetes dos magnetizadores ou dos médiuns-curadores (2) quando eram totalmente descrentes das possibilidades do tratamento ? (3) (V. Carlos Imbassahy in «A mediunidade e a lei»).

Em que consiste o tratamento magnético ? Se admitimos com Ludwig Laszky, que a energia magnética é uma resultante da alteração da energia química celular, o choque daquela sobre o organismo deverá provocar uma modificação do metabolismo. Para a produção desse choque variam os processos que podemos classificar nos seguintes tipos e sub-tipos :

I — Desfluidificantes ou descondensadores.
a) Passe.
b) Sopro frio.
c) Toque.
d) Flagelação.
II — Fluidificantes ou condensadores.
a) Passe
b) Imposição.
c) Sopro quente.

Categorias estas estabelecidas sobre a técnica individual mais comum.

Até hoje e de uma forma geral, o processo terapêutico vulgar e o magnético têm sido usados separadamente. Julgamos, porém, que se fossem aplicados simultânea e equilibradamente os dois processos, a possibilidade de cura aumentaria extraordinàriamente.

Apontemos ainda a contribuição trazida à cirurgia pelos fenómenos psico-dinâmicos. Lafow, Recamier, Pelletan, etc. puderam efectuar operações cirúrgicas demoradas em indivíduos em sono magneto-hipnótico devido à insensibilidade total característica de um dos estados deste sono. Tenha-se em conta ainda que, por acção magnética, pode obter-se a anestesia parcial do organismo. Objectar-se-á, porém, que o processo é mais lento do que o usado actualmente e isso é um facto, mas nós supomos esse inconveniente sobejamente compensado pela não necessidade de absorção de drogas que muitas vezes implicam dietas, etc. Embora artificial, o sono magnético ou hipnose não tem quaisquer efeitos nocivos orgânicos ou psicológicos.

Mais lato e proficiente é ainda o aproveitamento do método metapsicológico no tratamento das doenças nervosas, das «psicoses». Freud considerava as psiconeuroses resultantes de uma sublimação de tendências sexuais recalcadas e delineou o método psicanalítico que, essencialmente, consiste em «consciencializar» os resíduos subconscientes do recalcamento. Ainda que Freud não tenha dado uma teoria perfeita da natureza das psiconeuroses, tomando por geral o que era particular, a psicanálise continua como um processo em psiquiatria, processo moroso e nem sempre com resultados eficientes pela dificuldade de penetrar na camada tão instável do subconsciente apenas pelos reflexos conscientes. Freud viu no sonho uma forma ideal de pentração e na sugestão intensa (no estado de vigília ou em hipnose) a grande arma da cura. Com efeito, em muitos casos, obtem-se a cura, mas aqueles casos não passam geralmente de estados pouco profundos. Mas até à psicanálise, a metapsicologia traz a sua contribuição com o hipnagogismo provocado (v. trabalho de Zerda Bayon) e a metagnomia (1). (Notamos que estamos sòmente a tomar em conta as psicoses não causadas por lesões orgânicas ou de natureza tóxico-infecciosa). Como a própria psicanálise se socorre do fenómeno psicodinâmico, é desnecessário realçar o papel que ele desempenha no tratamento e na diagnose.

Mas há inúmeros casos onde a psiquiatria falha lamentável e estrondosamente, provocando uma acumulação de pseudo-loucos nos manicómios. Referimo-nos às neuroses obsessivas ou obsessões. Suposta como pretencente à unidade biopsíquica do paciente a causa da psicopatia, empregam-se inúmeros processos para a eliminar e nenhum deles consegue a cura e nem, por vezes, leves melhoras.

Entraremos agora na terapêutica «espirita» prò-

(1) Conhecemos o caso de um tuberculoso que no último período da doença que o vitimou, quando o seu organismo já não reagia a medicamentos e *sabia* que não poderia curar-se e absolutamente descrente das possibilidades de tratamento magnético, sentia alívios nítidos e visíveis dos seus sofrimentos depois daquele tratamento.

(2) Denominamos médiuns-curadores os médiuns de incorporação que fazem tratamento magnético sob o «contrôle» de um «espírito».

(3) Lembramo-nos de uma criança de 2 anos que, em poucos dias, foi curada de fortes perturbações nervosas ! Sugestão ?

(1) V. trabalhos do psiquiatra inglês R. Connell com o sensitivo Constance Cummings in «Perceptive Bealing».

priamente dita. Supõe-se que a causa das perturbações nervosas não está no doente mas sim numa força estranha, num «espírito inferior» que a ele se ligou por qualquer motivo; isto é, considera-se o doente como um indivíduo com faculdades mediúnicas: — metanoísmo. Partindo deste princípio, justificado pela metagnomia (ou clarividência), ataca-se a suposta causa e... a cura dá-se, o que, a nosso ver, é um argumento com força de prova.

Carl Wickland, o grande psiquiatra sueco, partiu exactamente deste princípio para o estabelecimento do seu método: — submetia o doente ao choque de uma corrente eléctrica de fraca voltagem, choque que obrigava o «obcessor» a destacar-se, actuando então na esposa do Dr. Wickland que era medium de incorporação.

Através dela, o médico levava a «entidade» à compreensão do seu estado e dos efeitos desastrosos que estava a causar, por ignorância ou por maldade. E... os doentes curavam-se...

Não é este o processo mais comum e sim o seguinte: — por magnetização do doente até ao transe mediúnico (incorporação), levar o obsessor a manifestar-se a fim de ser esclarecido, doutrinado; ou então fazer um tratamento magnético desfluidificante (passes, sopros frios, imposições) tendente a quebrar as ligações entre obsessor e doente. Parece-nos ser este preferível àquele, porquanto o primeiro poderá levar, por vezes, não à cura mas a um acrisolamento da acção do obsessor; e apenas sobre o de Carl Wickland (o melhor, sem dúvida) tem a vantagem de não exigir um bom médium de incorporação (que... é raro...).

Por «terapêutica espirita» entederemos então não só o tratamento destes casos, com ou sem auxílio de mediuns, e os tratamentos resumidos a princípio, quando feitos pelos chamados «médiuns-curadores».

A existência da «mediunidade-curadora» implica a dos chamados «guias curadores», espíritos livres superiormente evoluidos. Na maioria dos casos (e segundo testemunho de clarividentes) trata-se de individualidades que se dedicaram à medicina ou às ciências herméticas. (O «guia» de Lilley é o hindu Dr. Lejah Tari).

As recentes operações de Pindamonbangaba, feitas por um «espírito» materializado, e a que os jornais brasileiros fizeram larga referência, dilataram de tal modo os horizontes da «terapêutica espirita» que será hoje bem dificil difinir com segurança as suas possibilidades futuras. É um campo científico vastíssimo de que... a ciência escolar simula desconhecer o valor mas cujos reflexos públicos ataca de qualquer forma e sempre... à priori... É um campo em que os próprios «espiritas» caminham tateando, receosos mas sempre deslumbrados, e onde raramente penetram com genuino critério científico, de pesquiza, armados com a sua bem terrena e cartesiana «dúvida metódica»... E, assim, divorciada dos que melhor a podiam e deviam profundar, servida por uma maioria esmagadora de crédulos por ignorância ou por temperamento e de conservadorismos estáticos que se limitam a pisar na mesma cova, a «terapêutica metapsicológica-espirita» continua a aguardar os seguidores dos grandes pioneiros. Quando chegará a hora da Sociedade de Medicina e Espiritismo brasileira publicar os resultados técnicos das suas pesquisas, se acaso as tem feito, não lhe bastando pisar a... tal cova ?).

Dez maneiras de matar qualquer instituição

Nesta época em que em todas as instituições que visam o bem e o progresso as forças do mal penetram, insidiosamente, na pessoa de falsos associados ou directores mal intencionados, torna-se interessante a publicação abaixo que nos foi enviada por um confrade sem mencionar a sua procedência:

1.º — Não compareça às reuniões; mas, se o fizer, chegue atrasado.

2.º — Se o tempo não estiver muito bom, nem pense em estar presente.

3.º — Quando solicitado para auxiliar, diga que o trabalho deve ser feito pela Directoria.

4.º — Se não assistir às reuniões, critique os trabalhos daqueles que comparecem.

5.º — Nunca aceite um posto de responsabilidade. É mais fácil criticar do que trabalhar.

6.º — No entanto, fique «queimado» se não lhe pedirem que faça parte de alguma comissão; se for lembrado, não assista às reuniões e não mova uma palha.

7.º — Quando solicitado pelo presidente a opinar sobre assunto de importância, responda-lhe que nada tem a dizer. Depois da reunião, discuta com todo mundo como o assunto deveria ter sido resolvido.

8.º — Nada mais faça que o «absolutamente» necessário; mas, quando os outros associados meterem mãos à obra com toda a boa vontade e com todo o zelo se esforçarem pelo êxito dos trabalhos, grite que a organização é dirigida por uma «panelinha» que quer mandar e desmandar.

9.º — Para que arranjar novos sócios? Deixe o «seu» Fulano trabalhar.

10.º — Demore o mais possível o pagamento das mensalidades e só as satisfaça quando estiver para ser eliminado, desculpando-se com a falta de cobrança ou aviso.

(De «O Semeador», de S. Paulo)

NUNCA SÃO DEMAIS

Por

AMADEU SANTOS

Não se pode, em boa lógica, interceptar a marcha dos que seguem um determinado itinerário e forçá-los a retroceder do caminho encetado. Tudo quanto se pretenda impor pelos recursos violentos do constrangimento, do arbítrio ou da força é susceptivel de reacção e revolta.

A moderação, como meio de intervir no ânimo de alguém, é a medida mais aconselhável a ser adoptada. Nada de terrorismos ou prepotências!

Há que atender-se, no caso em questão, ao respeito que deve merecer essa lei imutável e prodigiosa que se chama livre-arbítrio, a qual não é dado a ninguém violar. A intervenção de quem quer que seja nas coisas de outrem, de foro íntimo, é uma medida antipática e repulsiva. Cada qual é dono de sua própria vontade e único construtor do próprio destino. Tentar, por conseguinte, interferir no exercício desse dom misterioso e admirável é querer obrigar uma criatura a tomar, compulsòriamente, atitudes em que nunca dantes cogitara. O que, no máximo, é lícito intervir no pensamento ou na conduta de determinada pessoa, é apenas através de um alvítre discreto, de um conselho comedido e criterioso, em que deverá observar-se o conveniente recurso de lançar mão dos meios suasórios, de maneira que as palavras não contundam nem provoquem explosões de antipatia ou firam susceptibilidades. De resto, cumpre averiguar se haverá vantagem na mudança de rota que cada um se traçou ou se será mesmo benéfico, para gregos e troianos, o encurtamento de distâncias! É notória a disparidade de velocidade das marchas individuais, mesmo quando se deseja alcançar o mesmo alvo. Muitos andam a passos tardos, descuidados e vagarosos, como que a imitar o andar dos bois, quando não das tartarugas. Há até quem prefira andar na cadência das preguiças.

Paciência. Algum dia se aperceberão do logro a que os conduziu a própria indiscrição e incúria. As consequências serão irremediàvelmente trágicas, mas oriundas, exclusivamente, da sua inépcia; do seu descanso; da sua culpa. Outros há que, agarrando-se à táboa, invariàvelmente podre, dos seus caprichos pessoais rasteiros, tentando salvar-se do inevitável naufrágio das imprescindíveis desventuras, como sanção pelo seu desgoverno e como preço da própria ignorância, ainda chegam a vislumbrar, ao apagar das luzes da vida, um lampejo de raciocínio! Mas, ainda assim, titubeiam ante os impulsos fortes da inferioridade, não chegando a ceder, nem a martelo, uma polegada do terreno que pisam e procuram defender, com unhas e dentes, no predomínio das decisões intempestivas, em pleno estado preagónico, no instante de transição da mudança de planos vivenciais. Essa casta de indivíduos só poderá gozar da necessária lucidez, quando, retemperados e despertos, mergulharem no realismo do sol de uma nova encarnação. Debalde será tentar atraí-los antes do tempo. Isso seria, talvez, aumentar-lhes o desespero da incompreensão. Entrementes, a cooperação impõe-se aos homens de bem. Todas as formas de auxílio são, em síntese, proveitosas. Os maus, todos, sem exclusão de um só, devem ser advertidos com prudência; admoestados fraternalmente, por quem tenha jeito, vale dizer autoridade para tanto, fazendo-lhes ver o perigo do retardamento, de consequências imprevisíveis, mas fatalmente amargas, que representará a indolência de que cada um é presa fácil.

É lógico que ninguém deve deixar de ajudar o próximo. Essa é, com efeito, uma virtude que todas as pessoas devem sustentar a todo transe. É um dever que não deve deixar-se de cumprir. O que é mister que se faça, para que não falhe o adjutório que se presta aos dissipadores, é que seja dado sem afectação, humilde e caridosamente, sem arrogância nem imposições. A cautela e a prudência nunca são demais.

Rio de Janeiro 20/1/50

Uma Consagração

Do nosso amigo e patrício Dr. Amadeu Santos, gerente de *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, e Secretário de *Alvorada de Uma Nova Era*, de S. Paulo, recebemos uma carta em que nos comunica que vai lançar uma revista espirita de orientação humanista cujo primeiro número será consagrado a Maria Gonçalves Duarte Santos. Além disso está organizada uma Comissão no Rio de Janeiro com o fim especial de realizar uma solenidade pública de consagração à que foi nossa companheira de todas as lides. Serão estudadas todas as facetas da sua vida e várias Mocidades Espiritas contribuirão com representação de jovens e vários números artísticos.

INTIMIDADES

De UM HOMEM

Houve tempo em que me perguntei a razão de ser assim e não doutro modo mas fungível na consciência pluriforme que me rodeia. E a razão da interrogativa estava no desespero sentido por ser assim. Agora não pergunto, porque quero ser assim, quero continuar sempre assim, quero continuar a andar em círculos nunca concêntricos, quero sofrer toda esta estranha angústia do desencontro; e isto porque sei, sinto que sempre assim quis desde que existo, desde o antes igorado ao agora incompreendido. E por tal tenho hoje o que ontem desejei e fruirei amanhã o que hoje não deixo de querer. Sofro? Não, não sofro este desencontro; se o disse alguma vez, desminto-me categòricamente. Não sofro a existência, porque a ambiciono assim. O que eu realmente sofro é o viver, o viver tão diferente do existir, o viver pelas forças que só aparentemente são desencontradas e que pretendem obrigar-me a parar num ponto. Eu iludo-as, desdobrando-me naquele que é envolvido pelas forças da vida, que vive como querem; e naquele em quem ninguém exerce a mínima pressão. Eu sei que sem o primeiro o segundo não poderia viver, mas também sei que sem este aquele seria meio autómato parado à espera que o empurrassem.

Olhei-me até ao mais fundo que me era possível e constatei que sentia prazer nesse dualismo, numa aparência de equilíbrio, deitada sobre a grande luta dos desencontros, porque se produzia uma multidão de desencontros mais.

E sofrerei eu realmente por viver? Para isso era necessário que eu me sentisse responsável perante a vida, o que não se dá. O que realmente sofro é o reflexo da dor alheia — uma espécie de dor telepática — e não o que a vida pessoalmente me causa. Sofrer a chamada «luta pela vida»? Isso não é sofrer, é suportar... E se não possuo meios para dela me libertar, posso talvez revoltar-me contra os homens que a tornam demasiado dura, que me recusam os meios e não contra a vida. E mesmo quem sente essa revolta é o «homem da rua» e não eu... *Eu* rio-me deste e daqueles porque sou mais forte, porque sou livre dentro deste meu desencontro, única forma de existir para lá da estupidez de viver.

Há uma faceta neste eu existencial em que, agora, atentei. É aberto, inteiramente aberto a todas as ideias, a tudo; e, ao mesmo tempo, e mais, um corpo fechado, impenetrável onde só as ideias elaboradas, tornadas suas, conseguem entrar. Talvez melhor ainda: — esse eu abre-se para que, ao choque do outro, se enriqueça o eu que se fecha em si mesmo, que se esconde e que eu próprio, muitas vezes, nem compreendo. A abertura para o outro, a infusão em outro é, afinal, uma forma de criar um desencontro donde há-de resultar necessàriamente um encontro mais completo. É isto precisamente: — eu amo, eu quero o desecontro constante porque sei que do choque de forças desencontradas há-de provir (é uma lei...) uma forma de equilíbrio, de equilíbrio natural melhor do que aquele que eu poderia criar de um aprioriismo. Esse equilíbrio de reflexo, chamemos-lhe, essa força resultante é a directriz absoluta da minha existência, directriz criada indirectamente. Se fosse eu a traçar essa directriz, acabaria forçosamente por delinear uma quebrada sem fim. Desta forma atinjo simultâneamente dois objectivos essenciais da existência: — satisfaço o meu desejo de busca insatisfeita em todas as direcções, de desencontro eterno e marco um ponto estático de encontro que forma com os pontos que ficaram para trás e com os que definirei amanhã a continuidade de uma linha recta, caminhando para o infinito.

Sinto por vezes absurdos desejos de nada, precedidos de uma sensação que não é de cansaço mas de um tédio sem fim. Nada como sinónimo de abstracção de tudo: — não querer, não sentir, não pensar, nenhum movimento, morte perfeita. Noto que não há qualquer forma de cansaço, de exausção, mas sim uma hiperactividade espiritual. Só encontro uma semelhança para este desejo de nada: — o nirvâna búdico. Desejo de nada que é afinal e paradoxalmente uma ânsia, de tudo e nada querer, pensar ou sentir por já tudo possuir, pensar e sentir.

Não consigo ainda objectivar perfeitamente esta sensação, embora a sinta mergulhando fundo, lá muito atrás, quando criança ainda murmurava um—não apetece nada—de tédio neurasténico. Eu sou estruturalmente um ciclotímico: — ora me gasto numa dispersão de actos dos quais fica o desespero de nada feito em totalidade; ora aquele desejo de nada.

Tenho procurado sempre exteriorizar os farrapos que vou largando, mas fico sempre com um travo amargo nos lábios — o que atiro de mim não é a formalização completa do que subjectivamente se passou. Porquê? Não consegui ainda uma forma suficientemente plástica para este trabalho de recriação, de ressurreição do que fui. Em toda a parte, sempre esta luta contra a resistência da forma de que não posso, nem devo prescindir. Embora liberto das regras alheias, não consigo criar uma forma que se sujeite às minhas regras. Daqui talvez aquele desejo de nada, de ficar confinado a existir sem querer viver porque viver é afinal a exteriorização da existência.

Passar-se-á isto com outro homem qualquer? Creio que sim, que muitos outros suportam esta resistência no vasar da massa fundida da existência nos moldes tão apertados do viver. E não sou um homem de génio, mas ainda que não seja génio (visto nada ter realizado do chamado «genial»), suporto toda a sua idiossincrasia e a luta entre a alma que existe e o cérebro que vive, entre a ideia que voa e o cérebro que rasteja incapaz de se alar com ela aos horizontes que ela entrevê. Quem dirá a brutalidade fantástica da guerra travada na minha mediocridade? Não muito, eu sou realmente como digo. A inteligência do meu cérebro é mediana; a faculdade de pensar é enorme na minha existência. Toda a insuficiência só aparece quando quero passar esta pelo crivo miúdo daquela. Dizem-me então confuso, especulativo e não sei que mais; quando sou o mais claro dentro da possibilidade do meu cérebro. Tenho culpa? Terá alguém culpa? Não; meus pais criaram inconscientemente o meu corpo como eu criei com uma mulher o do meu filho. E a minha alma surgiu no mundo da consciência já com a tendência para o desencontro integrante em equilíbrio ansioso de infinito. Tal como eles, não tenho culpa, ninguém teve culpa, nem Deus tem culpa.

Por tudo isto, invade-me muitas vezes o tédio a que se segue o desejo de nada, o desejo de... (sim, não pode ser outra coisa) me encontrar fora do abraço macabro deste travesti que enverguei para dansar no carnaval barulhento da vida.

Trepei a um «carroussel» vertiginoso, mas na pressa escolhi mal ou outros, mais lestos do eu, só me deixaram para rodar um cavalinho demasiado frágil para o meu peso, demasiado pequeno para o meu volume.

Carta de Longe

João Pessoa, 18 de Março de 1950

Amigo e confrade Isidoro:

Não há palavras que traduzam o sentimento que lateja dentro de mim. Senti, meu bom amigo; senti muito o golpe que te feriu de cheio. Golpe ríspido, violento, inesperado. Num instante, ficaste só; tacteaste em brumas, como se tudo em volta deixasse de ser. Experimentaste aquilo que não contavas experimentar. A princípio, supunhas um pesadelo asfixiante envolvendo o teu espírito em confusões medonhas. Transe inexplicável! De dor? De angustiantes expectativas? De perplexão? De quê, meu Deus? Sòmente tu, meu bom amigo, viveste o grande momento, a prova cruciante. Tu, sòmente tu. Talvez não saibas, ou não possas descrever o indescritível. Impossível conceber vida no vácuo!

Aos poucos, porém, acordaste. Compreendeste a extensão do sofrimento; avaliaste o valor da perda; mediste a distância que ainda tens de percorrer sobre sitios áridos. Vislumbraste uma claridade dentro das trevas. Era chegado o auxílio de Deus no instante mais urgente da tua vida — quando todas as coisas pareciam extintas. E assim, meu bom amigo, como espirita que és, ouviste exortações de tua companheira protestando bem alto contra a morte, verberando contra o mal do século, revivendo a fé na imortalidade da alma.

D. Maria Gonçalves Duarte Santos já cumpriu a sua missão neste planeta. Todos os tropeços foram, por ela, superados. Foi a glorificação do seu espírito. Todavia, as almas nobres ascendem; jámais estacionam. Desígnios superiores impõem-lhes compromissos outros em regiões mais transcendente e que reclamam os seus labores. É a marcha do Espírito na Eternidade.

Felizmente, meu bom amigo, assim compreendemos a evolução do espírito humano, em ciclos progressivos, em busca do Eterno.

«A Terra é o meio, Jesus é o fim».

Inútil, pois, apresentar-te os meus pêsames. Cumpra-se a vontade de Deus.

D. Maria Gonçalves Duarte Santos, cercada de Espíritos Luminosos, prosseguirá na sua faina, mais lúcida, mais viva, mais cheia de entusiasmo.

E tu, meu bom amigo, distinguirás sempre uma luz no caminho a vencer, apontando um porvir de glórias, de amor e de Justiça!

Que Jesus nos abençõe.

O teu amigo

ORLANDO ROMERO

O CASO DA "GRANDE SÍNTESE" E A NOVA TEORIA DE EINSTEIN

Esclarecimentos de PIETRO UBALDI

Tenho na minha frente diversos jornais: *La Nazione* de Florença, de 26 e 31 de Janeiro de 1950; L' Umbria de Perugia, de 31 de Janeiro; *La Settimana* de Firenza, de 31 de Maio, e aos artigos que publicam se referirão o *Tirreno*, de Livorno, a revista *Cadernos de 2.000*, de Milão, a *La Idea* e *Constancia* de Buenos Aires e outras semelhantes. Recebi também uma carta, datada de 16 de Fevereiro passado, do cientista Enrico Fermi, da Universidade de Chicago, U. S. A. Institute for Nuclear Studies. O caso foi tratado com o título: «A Grande Síntese» e a nova teoria de Einstein». Vou resumi-lo em breves palavras:

Nestas últimas semanas os jornais publicaram uma notícia sensacional: o grande matemático Einstein descobriu uma nova teoria pela qual teria sido encontrado o anel que faltava para a concepção unitária do Universo. Com a célebre teoria de relatividade, Einstein já demonstrou, por meios matemáticos, mais tarde experimentalmente confirmados, a estreita relação quadrimensional entre as duas dimensões, espaço e tempo. No entanto, faltava ainda a demonstração matemática entre todas as forças cósmicas e, por conseguinte, a sua unidade. Isto conseguiu-se com a nova teoria a que Einstein chamou «teoria generalizada da gravitação e teoria do campo unificado» que termina com quatro equações todas iguais a zero. Essa teoria explica a origem de todas as forças do Universo. Encontrou-se, assim, íntima relação entre a electricidade e a gravitação que, desta forma, assume um conceito completamente novo, muito diferente do da física mecânica newtoniana que, até hoje, tem sido aceite por todos. Esta afinidade faz da electricidade e da gravitação duas forças afins, duas forças irmãs, derivadas do mesmo princípio unitário. Eis o elo que faltava para demonstrar a concepção monística e unitária do cosmos.

No nosso caso, o facto é, simplesmente, este; aquilo que os jornais dizem ter sido agora descobertos pelos meios matemáticos, já o tinha sido pelo caminho metapsíquico há dezoito anos, sendo publicada a descoberta, pela primeira vez, em 1932, na revista *Ali del Pensiero*, de Milão, e depois inserta no volume «A Grande Síntese», cuja terceira edição foi agora publicada em Roma, em Buenos Aires, Rio de Janeiro, etc.

Todos podem verificar que ali estão desenvolvidas não só a teoria da evolução das dimensões que, filosòficamente, completa e enquadra em toda a escala das dimensões a concepção matemática de Einstein do «contínuo» espaço-tempo, mas que a própria afinidade entre a electricidade e a gravitação e a íntima natureza desta última já tinham sido explicadas a pág. 115 da terceira edição italiana. Transcrevemos algumas linhas:

«Eis a primeira afirmação, nova para o vosso mundo científico. A gravitação, ou, melhor dizendo, a energia gravífica, é a protoforma do universo dinâmico. Sendo energia, é radiante e transmite-se por ondas. Tem velocidade própria de propagação... máxima no sistema. Assim se completam os conceitos da teoria de Einstein. A gravitação é relativa à velocidade de translação dos corpos. A massa varia com a velocidade de que é função. O peso aumenta com as novas transmissões de energia e vice-versa. O conceito de transmissão instantânea fica anulado para todas as forças. A gravitação leva tempo, embora mínimo, para transmitir-se; como todas as forças dinâmicas, tem um comprimento de onda típico... As leis de Newton, de gravitação universal, limitam-se a indicar o princípio que mede a difusão da energia gravífica, que não é mais do que um aspecto do princípio que regula a difusão de todas as formas de energia e que demonstra a sua origem comum, o princípio da onda e da sua transmissão esférica. As radiações conservam todas as características fundamentais da energia cinética de que nas-

ceram e é esta origem comum que estabelece entre elas a afinidade de parentesco. Outra prova da afinidade entre as formas dinâmicas está na qualidade da luz, próxima derivação, por evolução, da energia gravífica. Nesta forma de energia radiante luminosa, encontram-se, em parte, as características da forma originária de energia radiante gravífica... Pode dizer-se que a luz pesa, isto é, que sofre a influência de impulsos atractivos e repulsivos de ordem gravífica; existe uma pressão das radiações luminosas. Direi mais ainda: todas as radiações, ao propagar-se, exercem uma pressão de natureza gravífica, apresentam fenómenos de atracção e repulsão, em relação directa com a sua proximidade genética, na sucessão evolutiva, na sua protoforma dinâmica, a gravitação».

Este capítulo concluía assim: :«Dirigi as vossas pesquisas neste sentido, analisai com atenção estes princípios...», como se previsse que só pelo cálculo se poderia iniciar a demonstração, como agora acontece.

Neste ponto, a imprensa que se ocupou do caso, perguntava como teria sido possível semelhante antecipação de conclusões, sem conseguir encontrar resposta para esta pergunta. Por isso me senti no dever de intervir, para expor directamente o meu ponto de vista. Como foi possível que um homem sem qualquer cultura matemática ou científica, que não estava ao corrente dos processos de Einstein pudesse antecipar tais conclusões?... Falou-se de intuição filosófica. Como devemos interpretar esse termo?

Dois problemas se apresentam que devem ser esclarecidos: o matemático e o psicológico. Com referência ao primeiro, evitando equívocos e reclamos exagerados, digo desde já que ninguém afirma que a «Grande Síntese» tivesse dado a fórmula matemática expressa por Einstein na sua «Teoria generalizada da gravitação e teoria do campo unificado». A nossa atitude não é de polémica no sentido de reinvindicar a prioridade nesse campo. «A Grande Síntese» foca as fórmulas filosóficas dos mesmos princípios e nesse sentido se entende a sua prioridade. Trata-se da descoberta e enunciação da mesma verdade, mas por forma diferente, o que pode ter alcance e consequências diversas e talvez maiores, não no campo físico-matemático, mas no campo filosófico. Não nos será possível profundar aqui tudo isto, mesmo porque a imprensa ainda não revelou pormenores sobre a nova teoria de Einstein. É certo, porém, que a enunciação, no seu conjunto, é muito mais profunda, pelo menos como processo lógico-matemático. Em compensação, ùnicamente a fórmula da «Grande Síntese» está enquadrada no sistema filosófico universal, coerente com os fenómenos, e justifica e prova a mesma fórmula filosófica de um ponto de vista racional e científico e, assim, indirectamente, também prova a fórmula matemática de Einstein. E isto a tal ponto que, enquanto esta, para sentir-se provada, espera a confirmação experimental, para nós surge-nos perfeitamente confirmada, tanto que, de futuro, todos os factos com que tome contacto só poderão robustecê-la.

Encaremos agora o outro problema, o psicológico, aquele que, mais de perto, se relaciona com o caso actual e a sua génese. É evidente que ambas as fórmulas são devidas a um caso de intuição. No fundo, às operações da lógica matemática de Einstein preside um caso de intuição que impeliu e guiou o seu raciocínio, o mesmo acto de intuição que, transportado para o método supra-racional, foi usado na concepção e exposição do sistema filosófico-científico da «Grande Síntese». Com a lógica racional, ùnicamente, demonstra-se, mas não se cria. Se existe uma diferença entre os dois casos é que nos processos de Einstein a lógica matemática surge-nos de preferência à intuição, enquanto que na «Grande Síntese», os processos intuitivos predominam, empregando a demonstração racional como meio de mais fácil compreensão, numa dimensão conceptual inferior à do homem actual. Só assim se explica como a «Grande Síntese» pôde alcançar idênticas conclusões, com 18 anos de antecedência, porque, pela rapidez, a intuição está para o raciocínio na mesma proporção de que a luz para o som. No entanto, é inegável que o raciocínio de Einstein deu às teorias da «Grande Síntese» poderosa confirmação, da mesma forma que esse raciocínio aguarda a confirmação experimental que será decisiva para ambas. Isto poderá levar-vos a supor que, em princípio, considero a «Grande Síntese» eivada de erros. No entanto, a fórmula filosófica prova a fórmula matemática, porque a enquadra num sistema universal no qual se encontram, orgânicamente colocados e lògicamente explicados, todos os fenómenos estudados; e vice-versa, a fórmula matemática, conduzida pelo grande matemático em linhas rígidas da lógica, prova a fórmula filosófica. As duas completam-se como partes de um todo.

Vou agora focar outro ponto, o mais complexo. Como cheguei à fórmula filosófica sem possuir a cultura de Einstein?... O que significa o termo «método intuitivo»?... A «Grande Síntese» apareceu na altura própria, devido a um fenómeno de inspiração, supra-racional, é resultado de um estado de consciência supranormal, ao mesmo tempo que eu, por minha conta, o investigava e controlava com a mais imparcial crítica psicológica e científica, a fim de explicar a mim mesmo o seu significado. O fenómeno, logo o verifiquei, era o mais complexo de quantos conhecia e a concepção espirita de entidade transmissora e de sujeito receptor, mais ou menos em transe, era muito elementar para que bastasse explicá-la. Iniciei o estudo deste meu caso no livro «Le Noùris» e fi-lo, nessa altura, sem custo, seja pela evolução do próprio fenómeno inspirador, que no meu caso é ascensão contínua, seja pelos meios, sempre mais completos, de estudo que ele me proporcionava. Hoje, a vulgar concepção mediúnica não é conveniente nem basta. Impõe-se não encarar o problema isolado, mas em função da solução do problema cósmico que abrange todos os outros e todos resolve, e ainda mais para o problema do espírito que tantos outros envolve, em si e em síntese. Nenhum problema se resolve isolado e, para conseguir compreender este, em 7 volumes, até hoje, tive primeiro de resolver muitos outros. Vejo, portanto, vencida a simplicidade da concepção mediúnica, e vou resumir em breves palavras a complexidade do fenómeno.

A mais desenvolvida ciência moderna, seja ela qual for, leva-me à mesma conclusão (ver o meu volume «Problemas do Futuro»), isto é, que a última substância do Universo é de natureza abstracta, um pensamento, aquilo a que as religiões chamam Deus. Este pensamento que a ciência, avançando sempre, não deixará de encontrar, está patente em todos os fenómenos, em todas as coisas, é o princípio vital que tudo anima, é a consciência do Universo, é o Deus transcendente que, tudo regendo e tudo guiando, assume o aspecto de imanente. A pequenina consciência individual é exíguo círculo que, tal como em mim, se distingue em todos os «eus» dos outros seres, no «todo» pensante, e evolve. E assim ele dilata-se e com isso mergulha cada vez mais na consciência universal que, normalmente, para ele, está fora do consciente, isto é, representa uma zona do inconsciente, manifestando-se por seu intermédio por síntese e impulsos, como o instinto e a intuição.

Nesse caso que coisa é a inspiração?... É uma penetração, por evolução, da consciência individual em expansão, no campo da consciência universal, Deus. Evolução implica sensibilidade, que é como que um abrir de novos olhos para alcançar mais longe... E alcança-se, não em transe, mas completamente conscientes e duplamente atentos. O pensamento desta consciência universal está impresso em todos os fenómenos que, pela forma como se desenvolvem, se mostram a todos quantos saibam abrir esses novos olhos do espírito. As descobertas estão todas feitas e, no Universo, podem considerar-se já um acto, todos os problemas estão já resolvidos, porque tudo funciona como consequência deles. As descobertas surgem, simultâneamente, nos pontos mais diversos do globo, porque resultam da intuição dada pela maturação biológica. O mistério reside apenas nos nossos pobres olhos, ainda míopes. Muitas vezes, não é raciocinando ou estudando nos livros, mas abrindo esses novos olhos (por meio de evolução, quantas vezes alcançada à custa de dores e sofrimento) que se consegue ver. Portanto, é pelo evolver do «eu» que se conseguem as descobertas. Eis o que é a intuição.

É esse o meu caso. Estudando-o, aprendi como funciona a evolução e os processos intuitivos que lhe estão ligados. De princípio, adoptei-o instintivamente, isto é, manobrado como um instrumento do consciente universal, sem que eu soubesse explicar o caso. Mas, observa daqui, investiga dali, consegui descobrir a técnica do fenómeno. Assim analizado, empreguei aquilo a que eu chamo o «método de intuição» que, pelo menos para mim, é hoje um regular instrumento de investigações e me dotou com original sistema básico que já vai no 8.º volume. Encontrei assim a chave de todos os problemas do Universo. Só assim posso explicar como as minhas investigações científicas têm origem nas espirituais e os problemas de Einstein são por mim conhecidos e coordenados com os do misticismo. Empregue-se ou não a palavra «monismo», é facto que o pensamento de Deus é só um. Gostem ou não dos termos «mediunidade», «ultrafania», «inspiração», etc. (palavras não são mais do que palavras), o facto é que a maceração evolutiva, neste caso, está operando a catarsi biológica que impele a minha consciência individual a transcender a média normal, fazendo uma incursão na consciência universal. Desta forma, sem estudos específicos ou processos racio-

nais, nasce no sujeito uma fuga de visão que ele, limitando-se a olhar com os novos olhos espirituais da sensibilidade, ràpidamente regista. Assim nasceu a série dos meus volumes, uns atrás dos outros, sem preparação e sem pausa. Nesses livros não sou eu que falo, mas sim a vida, a consciência universal, como sempre acontece quando um homem cria na terra coisas novas, porque tudo tem a mesma origem. É natural, portanto, que a ciência que dela provém esteja impregnada de sentido místico e religioso e dos estados de consciência a ele inerente, e que a sua exposição possa fazer-se em todos os campos e, sempre orientada pelo todo, resolver todos os problemas. Eis a síntese pela qual o pensamento provem do «Uno». Trata-se de um pensamento que está em ponto completamente oposto ao da ciência actual e que poderá auxiliá-la a salvar-se da especialização que tende a dispersá-la no individual e no múltiplo, que é o reino satânico da pulverização do «Uno» e está nos antípodas desse mesmo «Uno».

Conclusão: Eu tinha o dever de dizer isto, enquanto a impresa e em numerosas cartas, tantos manifestam a sua admiração e vêem em mim, só Deus sabe que talento. Não existe talento algum. Eu não faço mais do que ler o livro da vida e não passo de um pobre escrevente que tenta transcrevê-lo o mais fielmente possível. Será supranormal, concordo, mas apenas no que se refere ao normal humano. Perante o consciente universal, o infinito pensamento de Deus, que pode representar mais um milímetro ?...

Estas conclusões, resultantes da infinita miséria, da ínfima opinião que um ser deve ter de si próprio quando se aproxima do pensamento director do Universo, talvez sejam prova da genuína realidade do meu fenómeno. Não sei, porém, se a isto se pode chamar um caso natural de evolução que, como é lógico, é lei igual para todos e a todos espera amanhã, porque evolução significa expansão da consciência individual na consciência universal, isto é, ascensão da alma para Deus.

Quem sorrir com cepticismo, quem me considere louco, segundo a psicologia materialista hoje em moda, experimente primeiro ler as 3.000 páginas dos sete volumes já publicados e tente compreendê-las. Depois veja se pode escrever oito volumes semelhantes, o oitavo já em preparação e os outros que se lhes seguirão. Experimente publicar, em 18 anos, atravessando uma guerra como a última, nos dois hemisféricos, em diversos idiomas e edições que, para alguns desse volumes, já atingiram meio milhão de exemplares. Faça isso sòzinho, sem preparação e sem meios, desconhecido e atacado, sem representar qualquer interesse ou grupo que lhos publique e o sustente como seu representante. Experimente conceber um plano do Universo, resolvendo os problemas do espírito segundo as últimas teorias físico-matemáticas, enquadrando-se, portanto, nas de Einstein. Experimente fazer tudo isto e, se o conseguir, pode rir então. Porque os factos são factos e nem a própria psicologia materialista consegue destruí-los com os seus cépticos sorrisos. E, se excluir a intervenção de forças super-humanas, como explicarão os materialistas esses factos ?

PIETRO UBALDI

AS NOSSAS EDIÇÕES

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

Pomba, Mensageira do Espiritismo

Por RUFINO JUANCO
(Correspondente no México)

A minha resposta às objecções contra o Espiritismo, provenientes do campo materialista, é a seguinte :

Primeira — Que a origem do Espiritismo é demasiado humilde, isto é, uns *raps* ou ruídos.

Efectivamente, assim é; mas, se por isso desmerece, também desmerecerá o descobrimento da lei da gravitação universal, a queda da fruta de uma árvore, e, todavia, ninguém disse tal barbaridade.

Segundo — Que os fenómenos espiritas não se podem reproduzir à vontade. O quê ? Tampouco se pode reproduzir à vontade a aurora boreal e, apesar disso, tem grande importância.

Terceira — Que os fenómenos espiritas são imitáveis e, de facto, muitas vezes imitados. Mas também as moedas são imitáveis e, de facto, muitas vezes imitadas. Não obstante, ninguém despreza a moeda verdadeira.

Quarta — Que se abusa das práticas mediúnicas. Desgraçadamente, é certo e os espiritas somos os primeiros a condenar esses abusos. Mas, digo eu : de que não abusam os homens ? Não se abusa até da justiça ? E por isso suprimimos os tribunais de justiça ?

Quinta — Que, destruindo as camadas cerebrais se destroem também as manifestações superiores de inteligência e de vida. Assim é, na verdade; mas isso não demonstra que as faculdades superiores radicam no cérebro, do mesmo modo que, ao destruir o teclado de um piano, desaparecem também as manifestações artísticas musicais, sem que isso signifique que as faculdades artisticas tenham origem no piano, mas sim no artista, assim como as outras residem no espírito.

Sexta — Que os sábios que aceitaram o Espiritismo o fizeram num momento de debilidade cerebral. Isto é falso, pois Crookes, Lodge, Lombroso, Richet, Zöllner, Beker, Notzing, Dreasch e outros, comprovaram e aceitaram a verdade espirita na época do seu maior vigor intelectual.

Sétima — Que as práticas espiritas envolvem o perigo da loucura. Também isto é falso, falsíssimo. Basta ler as estatísticas oficiais de todas as nações para ver que são raríssimos os casos de demência por espiritismo; por outro lado, contam-se por milhões os casos de loucura por outros motivos diferentes. Ninguém o pode negar.

Oitava — Que o Espiritismo não é assunto sério. E digo eu : se não é assunto sério, se o Espiritismo não merece que o estudem, porque chegou ele a ocupar e até a apaixonar a humanidade? E pode a humanidade ocupar-se, preocupar-se e apaixonar-se por alguma coisa que não seja séria e transcendente ? Precisamente, de muitos séculos a esta data, se não apresentou ainda à consideração dos sábios um assunto que produzisse tão grande polvorosa como o Espiritismo, e isto não só por ser uma novidade, já que ele é tão velho como o homem na Terra, mas porque chegou até nós em forma de conto ou de novela, principalmente pelas fábulas da Idade Média.

A sociedade moderna, impelida por duas orientações diferentes e opostas, como são a religiosa e a materialista ou ateia, julgou assistir a um ressurgimento dessa fantasia. Daqui, essa indiferença ou desprezo com que foram acolhidas as manifestações de Hydesville em 1848; e daqui também a contrariedade que experientam hoje os materialistas ao ver que, graças ao Espiritismo, tudo vacila em torno do seu famoso materialismo, e ao ver que as suas ideias a respeito de leis e forças, da vida e da personalidade, são tão unilaterais, tão infantis, e incompletas, que estão sujeitas a total revisão e inteira rectificação, dos pés à cabeça.

Os materialistas, ainda os mais furibundos e fanáticos da sua Escola, vêem com espanto ressurgir mais potente, categórico, lógico e indestrutível do que nunca o ideal que eles julgavam haver enterrado para sempre a mil metros de profundidade. Refiro-me ao ideal da existência e sobrevivência da alma. E isto não como elocubração da fantasia, nem como sentimento piedoso ou religioso, mas como coisa assente nos princípios melhor estabelecidos do Método Experimental, canal aberto há dezenas de anos pelo ilustre Cláudio Bernard.

Voa, pois, pomba branca mensageira do Espiritismo Moderno, voa por toda a parte e diz ao mundo que mentem os materialistas quando combatem o Espiritismo, como mentiu o eminente literato francês Visconde de Chateaubriand, quando afirmava que a voz do homem ou da humanidade não se reanima como a do Eco, porque o Eco, segundo ele, pode dormir muitos séculos no fundo de um deserto e também responder ao viandante que lhe pergunta, mas que o sepulcro não responde jamais.

Voa, pombinha branca mensageira do Espiritismo Moderno, e diz ao mundo que a voz da humanidade nunca se extinguirá, que poderá emudecer séculos e séculos, mas que também pode responder à evocação das almas pensadoras; que um triste eco perdido no fundo de um deserto não vale mais que a voz do homem mensageiro da divindade e sacerdote do progresso; que a voz da humanidade continuará sempre a retumbar no espaço e que a sua vibração é o hino glorioso e harmonioso cantado por todas as gerações ao Supremo Criador.

Voa, voa por toda a parte, pomba branca mensageira do Espiritismo Moderno, e diz ao mundo que o Espiritismo põe em uníssono a voz de ontem com a voz de hoje, para que, em imponente duo, ambas as vozes nos contem a história da humanidade, como nô-la contam hoje por meio dos espíritos, comprindo-se assim a profecia de Jesus, que disse: «Então falarão os mortos».

Pois bem; esse *então* a que Jesus se referiu, é o momento presente: É hoje.

(I. D. S. traduziu)

Crónica Estrangeira

por ISIDORO DUARTE SANTOS

AS CURAS DE HARRY EDWARDS

Harry Edwards, o grande médium curador que tem feito inúmeras demonstrações nos salões de Londres em doentes desenganados pela medicina oficial, continua a trabalhar com grande proveito para todos. Desta vez foi um médico que beneficiou, entre outros doentes que ficam devendo ao Espiritismo parte da sua felicidade.

Psychic News de 1 de Abril relata uma demonstração de Harry Edwards realizada em Dulwich nos fins de Março último.

O primeiro tratamento incidiu sobre um garotito que fora atropelado por um automóvel. Levado imediatamente ao médico, este declarou que não era nada de cuidado. Mais tarde, porém, começou a andar com dificuldade e descobriram que tinha perturbações na espinha dorsal. Embora não tivessem elementos para afirmarem que a causa da doença estivesse no choque sofrido, eram levados a crer que sim.

O pequeno George (assim se chamava ele) recebeu tratamento médico e sentiu ligeiras melhoras, mas anda com dificuldade e não pode manter os pés direitos.

Durante a guerra, sua mãe morreu de tuberculose e seu pai casou-se novamente. Hoje, George tem 12 anos e sofre ainda de perturbações na espinha, apesar de lhe terem aplicado doze tratamentos de banhos de sol.

Há pouco, seu pai, que trabalha nas docas de Londres, falou com um camarada espirita, que lhe contou as curas feitas por Harry Edwards sugeriu-lhe que fossem a Dulwich ter com ele. E assim foi. Apresentaram-lhe o garoto. Edwards, vigiado pelo sr. Carter, correu os seus dedos ao longo da espinha do doente e localizou uma curvatura. Em seguida aplicou-lhe o tratamento magnético auxiliado pela senhora Burton e afastou-se para o lado, pedindo, ao sr. Carter que visse se a espinha estava direita.

Pouco depois chegou o pai de George e declarou que já não havia perturbação alguma.

Harry Edwards observou que o rapaz tinha sofrido durante doze anos e em poucos segundos a cura psiquica fez o que os hospitais não fizeram nesse tempo todo.

Harry Edwards

Voltando ao garoto, Edwards notou que tinha os pés e os artelhos defeituosos. Após alguns passes magnéticos, George mantinha-se de pé, pela primeira vez na sua vida.

Depois foi outro garoto que mereceu a atenção do médium curador. Chama-se Clifford Lee, de 10 anos de idade, morador em 8, Graces Road, Camberwell.

Sofria de paralisia infantil. Havia sete anos que era tratado pelo médico e, segundo dizia sua mãe, poucas melhoras tivera nos últimos cinco anos.

Edwards voltou-lhe as costas para a plateia e todos notaram fàcilmente uma curvatura muito acentuada.

Começou então o tratamento, pedindo a algum médico que estivesse presente o favor de ir ao estrado, a fim de verificar as melhoras que se pudessem obter. Nisto, um jovem médico subiu ao estrado voluntàriamente.

Edwards, outra vez auxiliado pela senhora Burtun, tratou o garoto e pediu ao médico que verificasse.

Agora a espinha estava inteiramente direita,—disse este. Notou-se uma pequena diferença no comprimento das pernas de Clifford, que deu alguns passos no estrado sem necessidade do aparelho de que estivera munido e depois desceu e subiu escadas.

Em seguida, há casos de artritismo tratados fàcilmente pelo curador. Agora, chega a vez ao jovem médico de ser beneficiado por Edwards. Havia um ano que sofria de surdez, aumentada pelas suas investigações acerca do efeito supersónico nos seres humanos. Pois, enquanto a senhora Burton (que trata invariàvelmente casos de surdez e vista cansada) colocava as mãos sobre os ouvidos do médico, Edwards dirigia-se ao microfone e fazia afirmações raras vezes ouvidas em conferências espiritas. Disse ele:

— Prestamos homenagem a todos os que sofrem em holocausto às investigações, como muitos médicos na verdade fazem !

Voltando-se para o médico, Edwards perguntou-lhe se tinha sentido algumas melhoras e ele declarou:

— Agora, ouço bem dos dois ouvidos. Antes disto não ouvia.

Demonstrações assim, em sessões públicas a que assistem centenas e milhares de espectadores, impõem o Espiritismo e levam os homens cultos a aproximarem-se do nosso campo, no intuito louvável de estudar, para ver o que há de verdade nisto.

UM CASO CURIOSO

Reinvidicación, de Cuba, pu a seguinte notícia:

Um caso curioso referido pela imprensa e pela rádio se passou há dias numa conhecida emissora de Habana. O facto suscitou variados comentários, baseados na eloquente fotografia tirada pelo fotógrafo Gert, que ali se encontrava. Mas vamos transcrever alguns comentários publicados pela imprensa:

«Algo de insuspeito e que talvez nunca tivesse previsto o seu autor, H. Epinet Borges, ocorreu numa das mais recentes audições de «Tardes de Mistério». Rosita Mata, figura central do programa, encarnava uma «médium», a irmã Agora. Em plena transmissão do espectáculo. Rosita Mata caiu no chão com um forte ataque de nervos. O fotógrafo Gert, que se encontrava no *estúdio*, aproveitou o ensejo para tirar fotografias em que ela aparece, quando os actores Santa Cruz e Astorga a levantavam do chão. Este fenómeno, quase inverosímil, suscitou muitos comentários».

Até aqui, o comentário jornalístico. Deve acrescentar-se, porém, que, no momento de cair com o que eles chamam «ataque de nervos», a artista fazia uma invocação (de harmonia com o papel) a um espírito, pedindo-lhe que se apoderasse do seu corpo, como médium, e transmitisse a sua comunicação aos ouvintes. Parece — dizermos nós — que não se contou com as faculdades inatas do ser humano e o que não se fazia em farsa resultou em verdade como demonstram as eloquentes fotografias, que não iludem a natureza do fenómeno. Ao menos, que lhe chamem pelo seu nome e não se disfarce com «ataque de nervos» numa artista experimentada. Que o noticiário da rádio estude estes casos e terá uma apreciação mais verdadeira destas coisas que desconhece e pretende impingi-las com definições da sua colheita. Não se pode tapar o sol com um dedo, como não se pode negar a verdade do facto espirita, porque ele se produz, apesar das negações».

FACTOS INEGÁVEIS

Do *Spiritualisme Moderne*, de Liège, extraímos o relato de uma importante sessão realizada em 1936 em Charleville, após o Congresso Espirita Nacional Belga, com auxílio de Madame Gal, conhecida médium fotográfica, e subscrito por três componentes do Grupo Espirita Pierre Louis (Iwan Mathus, Armand Albertz e Pierre Louis).

A máquina fotográfica era um simples Kodac de formato 9 × 12 (objectiva rectilínea) e os trabalhos foram controlados na câmara escura do sr. Dangy, onde aqueles três confrades também carregaram os *chassis*. Depois prepararam-se grandes reflectores parabólicos isentos de sombras para iluminar inteiramente a entidade a fotografar. A médium concentrou-se cinco minutos e aos três *chassis* junta-se um quarto, que servirá para outra experiência.

Há ali nove indivíduos que aguardam a manifestação do invisível. Madame Gal está sentada em frente deles, com os ante-braços ornados de braceletes fosforescentes. A escuridão é completa, enquanto um fonografo antigo convida à concentração. Manifesta-se então uma entidade e ouvimos uma voz grave e profunda, mas pouco perceptível. É o guia da médium. Depois é uma voz clara, argentina, que dá a boa noite. É Liliana, desencarnada na idade de quatro anos. Tem palavras gentis para todos e pede um pouco de música para que outros amigos se manifestem e produzam fenómenos luminosos.

Ouve-se uma conversação astral; e enquanto a médium conversa com os assistentes, um amigo espiritual dá conselhos ao sr. Dangy.

Madame Gal pede às entidades que se tornem visíveis, pois todos notam uma luz azulada que aparece e desaparece em direcção ao tecto. Isto repete-se muitas vezes, à direita e à esquerda, em cima e em baixo, numa espécie de fogo de artifício, e uma onda de ozone imunda o ambiente e todos os presentes seguem as evoluções que se vão seguir. Todas as entidades que se manifestam se esforçam por trabalhar com proveito. Mas havia uma chapa que ainda não tinha sido utilizada. Com ela se fotografou um grupo dos três signatários do relato. Quando a revelaram, apareceram nela vários rostos de pessoas, entre o quais, um amigo de infância de Pierre Louis, desencarnado em 1914.

E o relato termina:

«Os incrédulos continuarão a falar de sugestão, telepatia, etc., etc.; mas já conseguiram eles sugestionar uma chapa fotográfica, sem meios fraudulentos?».

FANTASMA QUE FALA

De *La Revue Spirite* de Março-Abril, resumimos o seguinte caso:

The Two Worlds de 4 de Fevereiro informa que o sr. Elliot O'Dannel organizou um serão em casa da sr.ª Baker, de Brislonglon, perto de Bristol, que diziam ser assombrada por uma dama vestida de preto. Os factos começaram quando a sr.ª Baker abriu um quarto fechado havia 16 anos para lá instalar uma filha de cseis. Só lá havia algumas malas velhas que tinham pertencido a uma velha falecida 18 anos antes. A garota era constantemente despertada, e dizia que tinha alguém ao pé dela. Um dia, quando ensinava orações à filha, a sr.ª Baker sentiu «qualquer coisa» esfregar-lhe os ombros e murmurara palavras incompreensíveis.

Um dia, enquanto ela tomava chá com uma amiga, ouviram abrir a porta do salão. A sr.ª Baker, ao passar no corredor, viu na escada uma velha, que depressa desapareceu. De outra vez, quando a sr.ª Baker se encontrava fora de casa, tendo deixado a porta entreaberta para o marido entrar, este encontrou-a fechada à chave, e como entresse pela janela, ouviu abrir uma porta no primeiro andar. Procurou e não viu ninguém.

Mais tarde as pessoas presentes ouviram a sr.ª Baker dar um grande grito e encontraram-na inanimada. Quando recobrou os sentidos, disse que lhe tinham arrebatado um lápis da mão e que o seu braço ficara paralisado. As testemunhas verificaram então que o papel em que a sr.ª Baker escrevia, tinha a imagem do fantasma que subira as escadas. No dia 24 de Janeiro ,o cura da paróquia exorcismou a casa, mas duvida-se de que o fantasma abandonasse o lugar.

Notas & Comentários

NÃO ESTÁ CERTO !

Como dissemos no número de Fevereiro, vemos com agrado a transcrição por outras revistas de artigos publicados pela nossa. Por isso, registamos e agradecemos. Mas há uma coisa que não está certa. É transcreverem-nos integralmente, sem apontarem a origem. Isso não é bonito. Não o podemos deixar sem reparo.

Temos a maior consideração pela Revista Internacional do Espiritismo *e pela* Centelha, *ambas do Estado brasileiro de S. Paulo. Mas não gostámos que transcrevessem artigos nossos, como se delas fossem. A primeira publicou em sua* Crónica Estrangeira *de Fevereiro último a nótula que publicámos em Fevereiro do ano passado, intitulada «Enquanto dorme em Londres faz curas no Canadá», e a segunda publicou em Janeiro deste ano «Um curioso fenómeno» e «Um homem extraordinário», que nós inserimos em Outubro último. É a nossa prosa que ali está, com todos os ss e rr.*

Todas as nossas transcrições indicam a procedência. É um dever de lealdade. Mesmo quando resumimos as notícias, lá está sempre a marca da origem. Gostaríamos que fizessem assim. Cada um ficaria com o que é seu e a justiça também.

Pedimos que não vejam nisto animosidade ou mau humor. É um desabafo puro e simples, que oxalá tivesse o condão de pôr no seu lugar algumas coisas que não estão certas.

«REVISTA ESPIRITA»

O Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo, teve a feliz ideia de traduzir e editar em português La Revue Spirite *de Allan Kardec, cujos primeiros números se encontram inteiramente esgotados.*

O 1.º e o 2.º número, que recebemos, inserem farta matéria da autoria do Codificador do Espiritismo.

Aplaudimos o gesto daquele confrade, a ovulgarizar uma obra raríssima em países de língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

A secção «À Margem dos Livros», a cargo do nosso companheiro Ramos Pereira, encontra-se em grande atraso, em virtude de circunstâncias estranhas à nossa vontade, do que pedimos desculpa aos leitores e aos autores ou editores que nos têm enviado as suas obras para apreciação e análise.

É PRECISO LER !

La Consciência, *de Buenos Aires, publica o seguinte em seu número de 20 de Março último: «Quando se percorrem os centros espiritas e se observam as suas bibliotecas, entristece-se imediatamente. Há ali muitas teias de aranha, indício claro de que não se lê. Há tempos, um dos nossos redactores foi a uma sociedade e pediu ao bibliotecário que lhe deixasse ver os livros. Tirou um. As suas margens estavam intactas, ainda não tinha sido lido. Depois outro, outro e outro. Em conclusão: quase todos os livros estavam intactos, como haviam sido adquiridos na livraria. Prova concludente de que os seus associados não têem não estudam, não se ilustram. E assim caminha o Espiritismo, queridos leitores. Ler, para quê, se o que interessa são os fenómenos mediúnicos !...».*

Tem razão La Consciência.

Em Portugal dá-se o mesmo caso. É muito grande a aversão à leitura. As nossas bibliotecas reunem muitas obras de bons autores, mas «estão às moscas» à espera que surja um leitor avisado e dedicado sequioso de conhecimento. Entretanto, as sessões mediúnicas regorgitam de assistentes.

E é pena assistirmos a esta indiferença lamentável, quando há tanta necessidade de estudar e meditar esta bela doutrina !

O católico e o protestante contentam-se com a sua fé. São felizes com ela e não precisam de mais nada. Mas o espirita quer mais alguma coisa e por isso tem que estudar e meditar, aproximando-se das causas e satisfazendo a razão. Deste modo, estará apetrechado para responder às perguntas dos curiosos e aos ataques dos inimigos.

Tem razão La Consciência *nos seus reparos. Portanto, juntamos a nossa voz à sua e fazemos votos para que as bibliotecas espiritas sejam frequentadas e os livros saiam das prateleiras, para evitar que as aranhas ali possam fabricar a teia.*

«O LIVRO DO AMOR E DA SAUDADE»

O director desta revista está a receber intuitivamente uma série de mensagens do espírito de sua esposa Maria Gonçalves Duarte Santos que já ocupam um livro de 400 páginas. São comunicações originais em forma de conversa, no estilo da fundadora de Estudos Psíquicos *e onde há de tudo: amor, ternura, saudade, filosofia, agudeza de conceito e descrições profundas que fazem vibrar intensamente. Por vezes, atingem proporções estranhas que servem de bálsamo e de lição aos que se preparam para a viagem do Além. Desta obra, única no género, publicamos noutro lugar a «Carta décima quarta», das cinquenta até hoje recebidas, as quais irradiam luz poderosa sobre o problema da morte e dão indizível conforto aos que as lêem. Isidoro Duarte Santos todos os dias recebe uma mensagem da sua companheira e colaboradora. Esta fonte caudalosa fê-lo novamente erguer do barranco em que caira, preparando-o para a continuação da sua enorme tarefa. Deus não abandona os servidores do Mestre. Cura-lhes as feridas e dá-lhes força para o bom combate.*

Essa obra, única no género, intitula-se «O Livro do Amor e da Saudade»; e embora assuma, por vezes, carácter particular, contém preciosos ensinamentos que interessam a todos, ignorantes e letrados. Uma particularidade interessante:: em todo o vasto manuscrito não se encontra uma só letra rasurada, circunstância que impressiona todos os que o têm manuseado.

Noticiário

CONFERÊNCIA EM ALMEIRIM

Ao contrário do que foi anunciado, não se realizou em Almeirim a conferência do nosso camarada Ramos Pereira, por dificuldades que surgiram à última hora e não puderam ser debeladas, conforme nos informou a Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor naquela importante localidade. Oxalá que o seu adiamento seja compensado por maior interesse do público a trabalhos desta natureza. Há circunstâncias em que um compasso de espera é providencial.

GRUPO REPER-SIAM

Um pouco refeito do abalo sofrido, o nosso Director vai entrar novamente em actividade no Grupo de irradiação mental Reper-Siam, que funciona todas as quintas-feiras na sede do Centro Espiritualista Luz e mor.

APELO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro apela para todos os nossos consócios no sentido de angariarem mais um sócio, a fim de aumentar a população associativa. As despesas aumentam sempre e é preciso equilibrá-las. Só aumentando o número de subscritores faremos face aos encargos. Juntamos uma proposta para o efeito. Que ela nos seja enviada devidamente preenchida e acompanhada da importância relativa à inscrição.

O Centro Espiritualista Luz e Amor, que tantos serviços tem prestado à causa espirita, necessita de alargar os âmbitos de acção e só aumentando o número de sócios poderá atingir o seu objectivo.

Há muitos confrades alheados do nosso movimento. É preciso chamá-los a colaborar. Quem tem fé, deve dar testemunho dela.

Trabalhemos todos neste sentido. Mais um associado é mais uma raiz que alimentará a grande árvore do Espiritismo.

Esperamos que todos trabalhem em comum e que possamos aumentar a sementeira que vimos fazendo há onze anos, num campo estéril e bravio.

Se nos auxiliarem, a Causa lucrará e a humanidade também.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1950

Todas as 5.as feiras, às 21,30 — Sessões do Grupo Reper-Siam, dirigidas por Isidoro Duarte Santos.

Todos os domingos, às 16 horas — Sessões doutrinárias com as médiuns D. Maria Cecília Gorina e D. Inês Maria de Brass, no grupo General Passaláqua, dirigido por José F. Cabrita.

Dia 6 de Maio, Sábado, às 21,30 — Sessão experimental no Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 13 de Maio, Sábado às 21,30 — Palestra por António Cardoso no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Provas de Imortalidade da Alma».

Dia 20 de Maio, Sábado, às 21,30 — Sessão experimental no Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 27 de Maio, Sábado, às 21,30 — Palestra pelo coronel Faure da Rosa no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «A Reencarnação».

Dia 3 de Junho, às 21,30 — Sessão experimental no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Natureza e Estrutura do Espiritismo.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Acaba de ser criado no Centro Espiritualista Luz e Amor um «Fundo Permanente de Beneficência» com o fim de auxiliar os necessitados e constituido pelos donativos de sócios e não sócios. Organizar-se-à também um sorteio mensal de livros espiritas, mediante a contribuição mínima de 2$50.

Da importância destinada ao sorteio será retirada a terça parte para compra de um ou mais livros, conforme o seu valor e o total das importâncias recebidas, excepto quando houver livros oferecidos para o sorteio.

Emitir-se-ão senhas com os números dos interessados, que serão enviadas com a nossa revista e deverão ser devolvidas o mais depressa possível, devidamente preenchidas e acompanhadas daquela importâcia, em selos de correio.

O sorteio efectuar-se-á na primeira semana do mês a seguir àquele em que tiverem sido distribuídas as senhas numeradas e durante o qual as mesmas devem ser devolvidas acompanhadas das respectivas importâncias.

Pedimos a todos os amigos de Lisboa e Província a melhor boa vontade e necessária colaboração, para que o sorteio se faça dentro do prazo estabelecido e com o maior rendimento possível para o «Fundo de Beneficência».

As senhas cujas importâncias não tenham sido pagas até à data do sorteio, transitarão para o sorteio do mês seguinte.

Pedimos a todos os nossos amigos que se inscrevam, pois assim poderemos contribuir para minorar a aflitiva situação de muitos necessitados.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA

	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangelicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espiritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	**10$00**	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	**5$00**	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o pais, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ESTELLE ROBERTS

(Ver pág. 157)

CONTÉM: Profiláxia, de **M. G.**; O Paraiso Perdido e a Origem das Primeiras Civilizações, por **Cyrillo Aleixo**; A Data de 18 de Abril, por **Djalma Farias**; A Mulher no Espiritismo, por **F. Noronha**; A Vossa Perspectiva, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Viver, por **Lux**; Do Nascer e do Morrer, por **Ramos Pereira**; O Problema do Amor, por **António Cardoso**; Confraternização, pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Livro do Amor e da Saudade, pelo **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**; O Plano Divino, por **B. B. Martins**; Maria Gonçalves Duarte Santos e a Imprensa Estrangeira; O Livro «Pierino Gamba» e a Crítica Brasileira; A Perda de um Ente Querido, por **António J. Martins**; Notas e Comentários; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Noticiário; Livros

11.º ANO MAIO DE 1950 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	24$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	32$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1950 — N.º 5

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

PROFILAXIA

Meu querido: a doutrina e um programa, nada mais é preciso. A doutrina serve-se. O programa cumpre-se. Quando aí estava, vi muita coisa, estudei muita coisa. O trabalho pesava nos ombros de uns tantos que ajoujavam. A maioria não queria saber. Serviam dois senhores para não serem prejudicados. Era mais cómodo. Enquanto os lutadores se esfalfavam dando exemplos de renúncia, eles encolhiam os ombros, como quem diz: «Que me importa!». E seguiam o seu rumo material. A Doutrina era para os outros.

Isto vi eu quando aí estava. Umas vezes sentia tristeza. Outras vezes era a revolta que se apoderava de mim. Não podia compreender que houvesse tanto egoismo e tanto amor próprio dentro das fileiras espiritas. Não podia compreender.

Tínhamos um baluarte à nossa guarda. Vigiávamos tudo com atenção. Trabalhávamos de dia e de noite para que nada faltasse. E muitas vezes o vitupério era a paga da nossa tarefa. E eu dizia: «Que doutrina é esta, que estiola as energias dos que a servem com dedicação?». Disse isto muitas vezes. Hoje compreendo. É que o Espiritismo é renúncia. Quem nele ingressa, deixe lá fora as ambições. Ajude a cumprir o programa.

Assim faz quem se convenceu de uma realidade e quer mostrá-la ao mundo, em sinal de progresso. Não estratifica nem serve de calço à marcha gloriosa.

Vi muita curiosidade e pouca convicção. Falei com muitos adeptos, dei muitos esclarecimentos e trouxe algumas ovelhas ao aprisco. Mas a minha impressão é triste. Uns fazem e outros desfazem. A palavra escrita é o trigo da Causa, quando o semeador sabe corresponder ao que dele se exige. Quando não sabe, é joio que prejudica a sementeira.

A um espírito forte corresponde um braço vigoroso. De outra forma há desequilíbrio funesto. Quem sofre é a doutrina.

Por isso eu digo que os pioneiros devem renunciar, dando tudo e nada exigindo. Mas não é isto que sucede. Poucos compreendem o seu papel e o resultado é fácil de prever.

É chegada a hora de empregar a fundo as energias e de experimentar os combatentes. Depois se fará a selecção dos valores.

Os que derem provas serão utilizados na cruzada redentora. Os outros ficarão para trás. O ideal assim o exige para bem de todos.

Isto são verdades duras. Muitos não as compreendem. Conhecer a própria inferioridade é condão dos eleitos, é condão dos sábios. Os ignorantes julgam que sabem tudo e nada sabem, a não ser estorvar o caminho dos outros.

No vosso sector há ignorância que reina e sabedoria que trabalha humildemente. Papeis invertidos a prejudicar a Causa. Tudo fora dos eixos...

Mas o bom senso há-de chegar. A luz há-de fazer-se nas consciências e nos corações. A doutrina alargará os âmbitos. Os verdadeiros crentes não a deixarão periclitar.

É preciso falar claro aos que têm ouvidos de ouvir. Estou disposta a isso. Não há peias que me embaracem.

Se quereis caminhar com segurança, saneai as fileiras, libertai-as de escalrachos e falsos mentores.

Que a doutrina seja clara. Que os servidores sejam honestos, «sim, sim, não, não», como disse o Cristo.

Todas as ideias ocultas serão denunciadas. O oxigénio se encarregará da profilaxia.

Continuai a vossa marcha em passo firme e seguro. Quem tem uma lâmpada deve acendê-la. Quem tem energias deve empregá-las. O Alto vela por tudo.

Eu sou um instrumento que utilizais. Não venho demolir. Venho aconselhar.

Vejo melhor do que via e não quero a luz debaixo do alqueire. O Espiritismo necessita de braços fortes e de almas sãs. Desfraldai a sua bandeira e chamai os adeptos de boa vontade. É tempo de sanear o campo dos miasmas que o degradam.

M. G.

O PARAISO PERDIDO E A ORIGEM DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

Através dos tempos e de geração em em geração, se transmitiu a ideia de ter existido outrora, neste planeta, um lugar de delícias, onde Deus colocou Adão, o primeiro homem deste globo, formado do limo da Terra e do qual, mediante uma das próprias costelas deste, formou outro ser — sua companheira Eva.

Nesse Éden, onde cresciam numerosas árvores de frutos viviam felizes, até que um dia, Eva, tentada pela serpente, e Adão — induzido pela sua companheira —, comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, que se erguia no meio do Paraíso, desrespeitando assim a recomendação feita por Deus, para não tocarem naquele fruto. Em consequência d e s s a infracção, Deus expulsou-os do Paraíso, ordenando que de futuro, a mulher passasse a sofrer as dores do parto e o homem a comer o pão com o suor do seu rosto.

Esta lenda, chegada até aos nossos dias, encontra ainda quem ingenuamente acredite em como tudo se passou assim. E acreditam, como acreditam também em muitos outros absurdos, como, por exemplo, num Deus com aparência humana, de longas barbas brancas, sentado num trono, como qualquer monarca terreal, dali presidindo aos destinos de toda a criação.

Em eras remotas, quando a humanidade se encontrava ainda mergulhada na noite da ignorância, não admira que se aceitassem, como verdade, os maiores absurdos, mais tarde desfeitos, com o nosso desenvolvimento intelectual e com a descoberta de instrumentos de análise.

Não nos admira, portanto, que se tivesse acreditado — como se acreditou — em como o Céu era uma autêntica abóbada consistente, cujos bordos assentavam sobre este globo, crivada de buraquinhos de vários tamanhos, por onde passava a água, para dar lugar às chuvas, que, conforme a maior ou menor dimensão dos referidos orifícios, podia ir do simples chuvisco à chuva torrencial! Não admira também que, nesses tempos de crassa ignorância, se admitisse a ideia de que a Terra estava poisada em quatro elefantes, e estes, por sua vez, colocados sobre as asas de um abutre gigantesco!

É que Copérnico, Galileu, Kepler e Newton, ainda não tinham aparecido, para desfazer essas teorias, mais que pueris.

Apesar de existir m u i t a ignorância, creio bem que ninguém aceitaria, hoje, aquelas irrisórias concepções. Como continuar, então, na crença em coisas, cujo absurdo salta aos olhos e que a nossa razão condena?

Sob os símbolos de Adão, Eva, árvore da ciência do bem e do mal, etc., ocultam-se realidades, que a humanidade outrora jamais poderia compreender, por carência de um certo número de conhecimentos, adquiridos sòmente através do tempo, com a nossa lenta evolução e hoje acessíveis já a uma boa maioria.

A lenda do Paraíso Perdido, tem sua razão de ser. Houve, de facto, um bem que se perdeu e cuja lembrança, transmitida através dos tempos, se fixou definitivamente na Bíblia.

O Paraíso Perdido é a chave de muitos mistérios, havendo íntima relação entre ele e o aparecimento das antigas civilizações hindú e egípcia, que floresceram milhares de anos antes da nossa era.

Tem sido objecto da admiração o aparecimento, por assim dizer súbito, no meio de homens primitivos e ignorantes, da bela e adiantada civilização egípcia, portadora de extraordinários conhecimentos, muitos dos quais ignorados ainda no nosso tempo.

A Ciência desse povo era de tal ordem que, dado o atraso da época, os egípcios se viam obrigados a encerrá-la em templos próprios, onde era transmitida sòmente a quem provasse estar à altura de compreendê-la, mediante rigorosas iniciações.

Como apareceu e desapareceu essa florescente civilização, no seio de povos pouco mais que bárbaros, como brilhante relâmpago em noite tenebrosa? É que a raça egípcia, assim como a hindú e outras, era uma raça proscrita; uma raça que havia sido desterrada de um planeta superior, onde a civilização tinha atingido nível muito elevado.

O porquê desse desterro se encontra na falta de certas

virtudes exigidas pela subida na hierarquia dos mundos, do globo que haviam deixado, como está prestes a suceder conosco, nos novos rumos que se avizinham, nesta agonia da civilização. É que essa esfera distante tinha chegado a uma fase de transformação semelhante à que este mundo está prestes a atingir e era necessário que todos os espíritos reincidentes no mal, embora inteligentes e sabedores, fossem dali expulsos, por se tornarem um permanente obstáculo ao progresso moral e origem de perturbação à felicidade dos bons.

Jesus-Cristo recebeu muitos desses espíritos sofredores e infelizes, que passariam desde então a fazer parte da população deste mundo, onde ficariam desterrados, até adquirirem as virtudes necessárias ao seu regresso à pátria distante e indicou-lhes o caminho a seguir, para a conquista desse objectivo. Mostrou-lhes que a libertação só era possível pela reforma moral e pela aplicação da inteligência e da intuição, dos conhecimentos adquiridos, no progresso dos povos atrasados, entre os quais eram compelidos a viver, como expiação das suas faltas passadas e do seu endurecimento moral voluntário.

Essas almas aflitas e desoladas, reencarnando-se no nosso planeta, que então se encontrava em profundo atraso, vieram dar lugar às primeiras civilizações e assim apareceram os egípcios, os hindús, o povo de Israel e o grupo dos Árias, a que se seguiram várias migrações, algumas das quais atingiram o antigo continente da Atlântida, há muito submerso pelas águas do Oceano Atlântico.

De todos os espíritos degredados neste planeta, os egípcios eram os que menos débitos possuiam perante a justiça divina, tendo sido os que mais se destacaram na prática do Bem e no culto da verdade. Os seus conhecimentos eram profundos e a nostalgia da pátria distante levou-os particularmente ao estudo do Céu, base de todas as suas instituições religiosas.

ARTIGO DE CYRILLO ALEIXO

As ciências psíquicas do nosso tempo eram familiares aos sacerdotes de então, os quais conheciam perfeitamente o nosso destino após a morte, a pluralidade das existências e a comunicação com os desencarnados. O culto da morte atingia uma tão alta expressão, mormente quando se tratava da desencarnação de seus reis, que, ainda não há muito tempo, assistimos aos efeitos das saturações magnéticas, existentes ainda nos seus túmulos, provenientes da concentração suprema de todos, a fim de rodearem os régios despojos da mais subida veneração e respeito. Esses efeitos se fizeram sentir tràgicamente, quando a câmara mortuária de Tut-Ank-Amon foi profanada por Lord Carnavon e seus companheiros, os quais pagaram com a vida tal cometimento. Essas saturações magnéticas eram de tal natureza, que parecem mesmo eternizar-se, provocando, actualmente, o não funcionamento dos aparelhos radiofónicos, instalados nos aviões, quando estes atravessam a região onde os referidos túmulos ficam situados.

Todos esses espíritos ansiavam por regressar o mais ràpidamente possível ao orbe distante, trabalhando afanosamente nesse sentido e, uma vez quites para com a justiça divina, abandonaram definitivamente o nosso planeta, rumo à pátria querida, desaparecendo assim uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos.

Não quiseram, porém, partir, sem deixar neste mundo que lhes serviu de exílio, vestígios da sua profunda sabedoria. E assim nos legaram esses grandiosos monumentos — as Pirâmides — repositório do extraordinário cabedal científico desse povo estudioso. Aí se patenteiam importantes conhecimentos de astronomia, a que só volvidos milhares de anos foi possível chegar.

Os espíritos degredados que encarnaram na Índia, chegaram a este planeta muito antes dos egípcios, sendo os primeiros a instituir uma filosofia e uma religião neste mundo, condensadas nos Vedas e nos Upanishads.

Jesus-Cristo ali enviou Krisna, Budha e outros grandes espíritos, para difusão das verdades divinas. Mas o povo hindú continuava albergando o desmedido orgulho, que fora o motivo do seu exílio na Terra e depressa a criação das castas estabelecia para sempre a distinção entre os seres.

Os mais revoltados contra o degredo que lhes fora imposto, — os arianos — eram de carácter livre e insubmisso e nada inclinados a coisas de religião. Deles descende a maioria dos povos brancos da família Indo-europeia: Latinos, Celtas, Germanos, Gregos e Eslavos.

Mas nem todos os espíritos aqui desterrados conseguiram ainda o seu regresso à pátria longínqua, continuando aqui

A DATA DE 18 DE ABRIL

por

DJALMA FARIAS

Há dois anos, a 31 de Março, muitos espiritas reuniram-se para comemorar o primeiro centenário do Espiritismo, uma vez que se supõe ter ele surgido a 31 de Março de 1848, com os fenómenos das irmãs Fox, Catarina e Margarida, em Hydesville, fenómenos que muitos consideravam os primeiros ou os mais importantes que se realizaram no mundo e tiveram ampla repercussão.

Esta concepção foi ocasionada provàvelmente pelos dizeres de um oblisco, colocado no local onde existiu a cabana da família Fox: «Aqui nasceu o Neo-Espiritualismo, em 31 de Março de 1848».

Antes, muito antes de 1848, o célebre médium Emmanuel Swedenborg, vidente sueco nascido em 1688, tornou públicas as suas ideias sobre Espiritismo, em Londres, em 1744, ideias hoje confirmadas e desenvolvividas nas obras de André Luiz, «Nosso Lar», «Os Mensageiros» e outras, recebidas por Francisco Cândido Xavier.

Eduardo Irving, descendente de uma família de humildes trabalhadores da Escócia, demonstrou as suas faculdades mediúnicas com os fenómenos espiritas que surgiram em 1830.

André Jackson Davis revelou admiràvelmente a sua mediunidade a partir de 1840.

Davis predisse, em 1847, o aparecimento do Espiritismo, dizendo que mui brevemente essa verdade seria revelada e demonstrada.

Daniel Dunglas Home, os irmãos Davenpor — Ira Erastus Davenport e Guilherme Davenport — Os irmãos Eddy — Eddy, Horácio e Guilherme — Enrique Slade e inúmeros outros médiuns revelaram sua florescente mediunidade mais ou menos na época em que se deram os factos de Hydesville.

Além disso, se recuarmos ao passado e estudarmos os livros sagrados, especialmente a Bíblia, muitos fenómenos espiritas velhos como aquelas obras encontraremos a cada passo.

E foram nìtidamente fenómenos espiritas; não pode haver dúvida.

E a despeito de tudo o que foi exposto, a propósito da ancianidade dos fenómenos espiritas, dos factos que retiram às irmãs Fox a prioridade que lhes é indevidamente atribuída, e tudo isso é do conhecimento de todos os espiritas estudiosos, muitos entenderam levar a efeito a 31 de Março de 1948 o 1.º centenário do Espiritismo.

O primeiro centenário do Espiritismo deverá ser comemorado a 18 de Abril de 1957.

Porque?—perguntarão. Porque a publicação da primeira obra de Doutrina Espirita se verificou a 18 de Abril de 1857.

Por isso a data de 18 de Abril de 1857 deve ser muito grata aos espiritas de todo o mundo, porquanto assinala, na verdade, a estruturação, a fundação do Espiritismo pelo emérito pensador francês prof. Dr. Léon Hippolite Denizart Rivail, conhecido pelo pseudónimo, que o imortalizou, de *Allan Kardec*. Essa obra filosófica, que surgiu à luz da publicidade em 18 de Abril de 1857, foi «O Livro dos Espíritos», que estabeleceu em bases inabaláveis os fundamentos de uma doutrina divulgada com muita rapidez em todo o mundo. Esse livro foi baseado no método socrático pela sua própria origem e encontrou em toda a parte ambiente favorável, conquanto o materialismo e o negativismo dominassem o século, e venceu sem dificuldade.

Os ensinos do «O Livro dos Espíritos» são indestrutíveis.

Ali está o fundamento da filosofia científica e religiosa do Espiritismo.

Assim, 18 de Abril deve representar o advento feliz de uma nova era, a entrada da humanidade em novo mundo, pela nova compreensão e concepção da vida.

Preparemo-nos, pois, para comemorar a 18 de Abril de 1957 o primeiro centenário da Doutrina Espirita.

---

os que ainda não alcançaram a devida regeneração.

O Paraíso Terrestre, procurado em vão por toda a parte, era, pois, aquele mundo afastado e feliz, onde vivia a falange de espíritos, simbolizada na figura de Adão; e a expulsão do paraíso, indica-nos a altura em que os mesmos tiveram de abandoná-lo, para encarnarem entre os habitantes do nosso planeta. E assim se designa por raça adâmica essa colónia de espíritos de que vimos falando, o que está de acordo com o verdadeiro significado de Adão, cuja derivação provém da palavra hebraica *haadam*, que não é nome próprio, mas significa antes humanidade, o homem em geral.

O nosso globo apresta-se para profundas modificações e, tal como aquele mundo de onde foram desterrados os espíritos que deram origem à raça adâmica, não tardará também, pela lei do progresso, a subir na hierarquia dos mundos.

Então, uma imensa falange de espíritos endurecidos no mal serão daqui expulsos, como impecilhos ao progresso moral e factores de discórdia entre os bons e relegados para esferas inferiores, onde permanecerão, até conquistarem o grau evolutivo que lhes permita o regresso a este mundo transformado.

Nesse planeta remoto, para onde essa turba for exilada, terá lugar também, à semelhança do que aqui sucedeu, a lenda de um Paraíso Perdido... e se esse desterro nos causa pavor, é preciso que tenhamos bem presente que não há privilegiados nem deserdados. Cada um de nós é obreiro do seu próprio destino e para não virmos a sofrer a cruel tortura desse forçado afastamento, é indispensável extirparmos do nosso âmago os defeitos que o enxameiam, como ervas daninhas.

A MULHER NO ESPIRITISMO

Por F. NORONHA

Quantos séculos de existência se revelam no panorama vivo, de que fazem parte gerações incontaveis e de que não está ao alcance de nossa inteligência designar o instante de alvor?

Descobrimentos, absolutamente inesperados, vão forçando os cientistas de verdade a abandonar teorias restringedoras da antiguidade do homem sobre a Terra e a alargarem, mais e mais, os horizontes dos seus cálculos. E quando caminho tomamos à conta de avanço, maior é sempre o espaço que se nos depara e nos importa vencer.

Socrates não é, assim, desmentido em sua muito celebrada afirmação.

Não devemos vangoloriar-nos de ciência, mas sim de vontade de saber.

A massa colossal dos nossos conhecimentos actuais apaga o grau e o valor das aquisições de gentes do pretérito remoto sob o ponto de vista de cultura mental ?

Será lícito a alguém, equilibrado, negar ao Egito docencia oculta e não oculta, com milénios de idade?

Uma das famosas pirâmides não ministra a distância entre o nosso planeta e o Sol, o diâmetro da Terra, a ligação entre os raios e as circunferências de círculos, e não nos instrui acerca de datas culminantes da História Geral dos povos ?

Houve ou não houve iniciações no Egito faraónico, na Índia, na Grécia ?

Jesus não foi um dos grandes iniciados?

E aqui temos ascendências espiritas, de que o profetismo de Israel dá outrossim testemunho nítido, por igual fornecido pelos livros bíblicos.

Chegaram até nós nomes de iniciadas. Ainda, porém, que os não registássemos, não seria natural que só homens o tivessem sido.

Como quer que fosse ou haja sucedido, é certo que coube ao século XIX a manifestação autêntica, peremptória do mundo espirita.

E na vanguarda da ocorrência determinante, duas mulheres figuram, cuja memória foi honrada, condignamente, por ocasião da passagem do centenário do fenómeno de que elas participaram, tendo por teatro a casa de habitação da família Fox, no local de Hydesville, condado de Wayne, circunscrição de Arcádia, na República dos Estados Unidos da América.

Chamavam-se Margarita Fox e Catalina Fox, ambas filhas de John Fox, de procedência germânica.

Pancadas e movimento de móveis, aos 31 dias do mês de Março de 1848, na referida residência, mensagem do Além, identificações de espíritos comunicantes, de que dão fé as faculdades mediúnicas das duas aludidas irmãs, põem em evidência a acção feminina, prosseguida e mantida sem solução de continuidade até o presente.

Não me propus citar nomes de médiuns, da metade gentilíssima do género humano e apenas apontar, de momento, os que acabo de inserir, como aqui requeridos indispensàvelmente.

Ao ente feminino deve o Espiritismo ascese abundantíssima, e todos nós conhecemos factos de ordem experimental, eloquentemente comprovante de sua meritória intervenção.

Algumas das mais decisivas e brilhantes demonstrações espiritas, quanto à vivência dos desencarnados e à certeza da imortalidade, hão por agentes médiuns de sexo feminino, e com estes se têm encontrado vultos proeminentes de estudo, observação e confirmação, em sessões inolvidáveis. Tive ocasião de avaliar a lúcida intelectualidade e a visão preclara de uma médium bastante tempo, antes de um fenómeno directo, a sós, me trazer à nossa atmosfera. Distinguia-se na escrita, e chamara a minha atenção, a esse respeito, um dilecto e saudoso amigo dedicado, que desencarnou juiz conselheiro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça.

A médium a que me reporto vive ainda, possuo livro seu, e, não raro, percorro artigos seus em publicações que nos respeitam.

Mais tarde, já convencido pelo facto, troquei impressões aturadas com outro médium em quem verifiquei carácter e qualidades não vulgares e sólido e vasto cabedal de conhecimentos, bem como sentimento estético da ciência e arte dos sons e inspiração poética assombrosa.

Dispunha de biblioteca de bom recheio, profano e espirita, percorrendo eu este integralmente.

Tal médium presidira, precedentemente, a sessões espiritas, num meio populoso, e os seus passes haviam produzido efeitos de saúde.

As publicações espiritas que correm mundo, de idiomas diferentes e de países vários, quer noticiando, quer inserindo originais, mostram, constantemente, a capacidade mediúnica e o alto «cérebro» das mulheres filiadas e simpatizantes.

E o seu apostolado no excelso capítulo do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, proclamado e executado em todos os meios e centros espiritas, domina-as e avassala-as, de alma e coração, numa obra intérmina, inefável.

Talvez seja a América inteira a parcela do orbe terrestre em que esta obra e estas obreiras transcendem a meta de esforço que as define e dilatam o potencial de sua imensa bondade. No entanto, o Espiritismo não é pobre de presenças femininas, àquem Atlântico e em outras regiões não europeias.

Não há falência de mulheres convictas e abnegadas. As condições ou situações económicas é que perturbam os anseios de bem-fazer, a expressão e o gesto de fraternidade solidária.

Em suma, a mulher, a ideal companheira do homem, a mãe, que não tem émulo nem paralelo no plano da Natureza, sobressai no Espiritismo em número e qualidade. A verdade impõe esta afirmação categórica, firmíssima, que podia ser corroborada com nomes e sínteses de factos, que encheriam volumes e volumes de grandes dimensões, sem os esgotarem jamais.

Parece aprazer à Divindade, que a criatura que nos entrega à vida, com dores, de ela se aproxime, no acto da prece espirita, pela própria espiritualidade.

Unge-a, Senhor, com a benção do Pai, na eternidade do teu Ser e na pujança inconsumível, da tua suprema bondade !

És Quem És, pairando na Glória infinita e nos seios da amplidão ilimitada !

A VOSSA PERSPECTIVA

pelo Espírito Reper-Siam

Queridos irmãos, é necessário não deixar esmorecer a fé em nós, em vós próprios e em Jesus, que a tudo preside e por tudo vela.

Não vos julgueis abandonados no meio do deserto. Não. À vossa volta estão os maiores que tudo esperam de vós. Por isso, tudo vos dão, sempre na esperança de que tudo recebais. Sim, porque vós já sabeis que o auxílio que vos damos, se não é recebido totalmente, a culpa não é nossa.

Da nossa parte tudo está feito. O que falta só a vós pertence. Orai, pois, a fim de obterdes o estádio de caridade e humildade que vos levará a grandes realizações. Os pensamentos de egoismo e inveja afastam-vos do nosso auxílio.

O mundo psíquico é mais complicado que o vosso. É preciso saber conduzir os pensamentos, disciplinar a vontade e a mente para que não espalheis as energias em actos grosseiros.

Como várias vezes tenho dito, a vossa missão é melindrosa, espinhosa mesmo, porque implica muita elevação, sinceridade e pureza. O que a outros se releva, em vós constitui falta grave. Por isso não me canso de vos aconselhar a prática das virtudes cristãs: amar ao próximo como a vós mesmos. Ora, sem obterdes esse estado permanente de paz e harmonia entre vós, não podereis espalhar pelos outros o que vos aconselho.

O mundo toca as raias da desgraça e da loucura. Para vencer é preciso muita energia e vós tendes de criar à vossa volta uma couraça contra as podridões do mundo. Não julgueis que podeis usar o aforismo de alguns, segundo os quais «no meio do lodo é que se notam as pérolas». Vós tendes que fugir da lama que vos rodeia. Por isso vos aconselho sempre paz, harmonia, prudência e vigilância, para que recebais o nosso auxílio integralmente.

Os trabalhos que vos ocupam têm de ser feitos e outros esperam pela vossa vontade. A energia gasta em questões de lana caprina faltar-vos-á para o necessário. Responsabilidades? Só a vós serão pedidas, porque sabeis há muito o caminho que trilhais e o fim a atingir.

A propaganda espera-vos. É preciso atirar para a rua o maior número de escritos, para que leiam, espezinhem ou aproveitem. Tantos haveis de semear, que acabareis por triunfar na imprensa profana, cheia de palha e ervas daninhas.

É preciso que a imprensa espirita chegue a todo o lado. O meio profano é o vosso campo. A humanidade materialista tem de sofrer o choque de alguma coisa que a faça pensar no mais além. É ao Espiritismo que compete tal missão.

Deveis mostrar aos insensatos que a vertigem que os arrasta não termina na campa, como julgam, mas condú-los a tribunais sem apelo nem agravo — as vidas futuras —, onde pagarão, ceitil por ceitil, todo o mal que agora infligiram, por não admitirem autoridades extra-terrenas. Vós vedes e sentis o que anda à vossa volta. Egoismo feroz, insensiblidade ao que não seja influenciado e tacteado pela matéria grosseira. O pontapé e o soco foram elevados à categoria de veneração social. Vede o que são os desafios de futebol e as lutas de box. Olhai e pasmai! Mas as obras de valor científico e religioso, que alguma luz projectariam nos cérebros adormecidos, essas jazem nas estantes dos livreiros, se é que algum lunático se atreve a editá-las. Vós ireis despertar esses incrédulos com a nossa teoria, lançando a essa massa granitica a rigidez dos nossos postulados racionais e a penetrabilidade da nossa filosofia. É preciso que ao material e grosseiro se oponha o espiritual e subtil.

A inteligência do homem tem vencido a matéria bruta. Pois bem; utilizai igualmente a nossa doutrina de luz e amor contra a outra, de trevas e ódio, e vereis quem triunfa.

O que tendes de fazer é um simples preparo, um ligeiro esboço para a verdadeira batalha que se travará mais tarde, quando os homens verificarem que o seu caminho é errado.

Caminhai insensíveis aos ataques e aos motejos, porque o auxílio do Alto nunca vos faltará.

A vossa perspectiva está aqui levemente delineada. Mas está subordinada à vossa vontade de vencer, ao vosso ritmo de traba-

VIVER

Vós falseais a vida, porque vos desconheceis! Eis uma afirmação que vos parecerá comum, repisada, mas se vós conheceis o erro e nele reincidis, significa, portanto, que não estais completamente conhecedores, nem da vossa natureza nem da natureza do erro. Não é, pois, uma sinecura aquela afeição.

Embora tendo a sensação intuitiva de que a vida se continua indefinidamente, embora *sabendo* objectivamente que a morte não tem o significado de aniquilamento, o homem, logo que encarnado, esquecido do que foi e do que é, torna-se fundamentalmente actualista. Pertende viver exaustivamente o momento actual, mas no fora de si. E assim passa na terra como um meteoro perseguindo um ponto fugidio que não mais alcança. E o interessante é o homem saber, *antecipadamente*, que nunca obterá o ponto culminante que visou no início da corrida, que esbracejará no vácuo não só contra os fantasmas escarninhos dos seus próprios desejos como também e principalmente contra os fantasmas criados por iguais desejos dos outros homens. E tudo isto porque não sabe, esquece ou finge ignorar que a plenitude de vida só se atinge por interiorização. Eis uma afirmação um pouco audaciosa e que deixada sem esclarecimento poderá conduzir os que tomarem contacto com o meu pensamento a mal interpretarem. Explico-me. O indivíduo — exprimindo por este termo o homem consciente total ou parcialmente da sua natureza espiritual — é um complexo de dois campos emotivos. Isto é, a sua consciência cinde-se em duas partes: — uma abertura às solicitações internas revelando a tendência para se exteriorizarem em acto; outra aberta ao meio físico-espiritual através da qual se faz a experiência das existências. Pois bem; na sua maioria o homem bipartiu-se nestes dois campos, em vez de se tripartir. Dividido naqueles, o homem é joguete perfeito, não só dos seus impulsos internos que se radicam nas camadas profundas do seu ego, como das chamadas constantes do exterior. Sintetizando, direi que o homem, assim constituido, está sempre no fora de si. Falta a 3.ª parte, falta o campo da interiorização. Este é o plano da auto-análise, da auto-crítica, do juizo interno, o plano em que vibram vão só os reflexos da consciência moral como os das faculdades anímicas, aplicadas ao conhecimento do próprio indivíduo. Logo, quando falei de interiorização referia-me a uma atitude psicológica e não a egocentrismo. A interiorização—esta que foco — permite ao ser viver em plenitude, como disse, porque de tudo extrai a essência que lhe é possível, isto é, tira essência do que era apenas existência.

Essa interiorização é o prelúdio de uma exteriorização mais perfeita e de reflexos sociais e individuais mais profundos.

Infelizmente, os vossos sistemas educativos contribuem para que o homem esqueça a sua natureza e não *viva* superiormente; porque em vez de a encaminharem para o lema délfico, atiram-no constantemente para o fora de si. Se alguns mergulham em si, buscando algo que os satisfaça, é por estarem cansados de vogar nas sombras já demasiado escuras, por sobejamente conhecidas,

Muitos se atemorizam depois desse mergulho, tal a quantidade de lamas pestilenciais e fogem, fogem de si mesmos, cobardemente. Esquecem-se que a mesma vontade livre que acumudou esses miasmas, essa mesma vontade, guiada por um sentido superior de equilíbrio, poderá eliminá-los, clareando a atmosfera intensa, edificando lentamente o «céu» da calma, da beatitude. E esses muitos morrem como viveram e continuam vivendo como morreram, isto é, perseguindo fora de si a Beleza que só neles existe e que só por eles pode ser criada.

Bem-aventurados aqueles que se não temem, que se profundam, sabendo que irão encontrar forças negativas, que irão remexer em charcos pantanosos ! Bem-aventurados aqueles que se não angustiam com o tempo e prosseguem ardorosamente na faina da limpeza interna! Eles sabem que têm a infinidade das horas na sua frente, mas querem atingir o amanhã no momento que passa. Canalizam todas as forças nesse gigantesco trabalho e o seu melhor prémio é a paz que vão fruíndo, embora sejam de todos os homens os que mais sofrem! Eles suportam a ânsia desesperada de ressurgir completamente e de arrastarem consigo a humanidade inteira ! Eles sofrem simultâneamente pelo eu e pelo não-eu, porque estão de tal modo abertos para si e para outro que as barreiras individuais quáse desapareceram ! Eles ganharão o «céu» dos mundos espirituais porque o transportam dentro de si !

O céu, o inferno como o viver terreno... são sòmente reflexos do equilíbrio ou desequilíbrio anímicos.

O espírito encarna para esquecer-se momentâneamente de si mesmo e sobre os escombros daqueles que ele foi, edificar um homem mais forte e belo. *Por isso* encarna e *por isso*.. esquece.

Falo-vos, assim, ó homens, porque já fui como vós, porque também falseei a vida. E como eu, aqueles que junto de vós procuram despertar sons adormecidos e mostrar a única Verdade. E os daqui não terão descanso enquanto vos não tiverem ensinado a viver... Mas sois livres e podeis repelir as nossas palavras. Se falámos, se falamos, se falaremos é por todos, focando aqueles que podem escutar-nos.

LUX

---

lho e ao ambiente que criardes. Se souberdes obter a paz e a harmonia e se a vossa vida decorrer em calmaria feliz, tudo fareis, tudo obtereis. Se nada fizerdes neste sentido, a obra ficará inutilizada a juntar a outras e dirigir-vos-eis a futuro incerto. Portanto, em vossas mãos fica o encargo de vencer ou ser vencidos. Olhai em torno e vede o que vos seduz, se a glória ou a derrota. Tudo depende de vós. Em vossas mãos está tudo.

Lisboa, 1 de Maio de 1949.

(Mensagem recebida psicogràficamente por Maria Gonçalves Duarte Santos)

DO NASCER E DO MORRER

Na resolução deste problema, ainda hoje se tacteia, sem se poder apresentar uma tese segura baseada sobre a observação. Até agora, o Espiritismo tem-se limitado a afirmar e argumentar, sem procurar desvendar o «processus» de encarnação e desencarnação. Como em muitos outros pontos, o experimentador espirita detém-se na pura expectativa, aguardando que qualquer entidade extra-terrena venha, de moto próprio, aclarar estas importantíssimas e fundamentais questões.

Sobre a morte há dados mais seguros que sobre o nascimento, não só porque abundam as descrições sentidas no momento da morte, feitas por vários «desencarnados», como por indivíduos que voltaram à vida depois de um longo estado cataléptico, etc.

Naturamente que não iremos tratar aqui do problema da morte física, suficientemente esclarecido pelos fisiologistas. Procuraremos, pois, sintetizar os reflexos psicológicos dessa morte e o *processus* na desagregação do duplo alma-perispírito. Se mais elementos não tivéssemos, bastar-nos-iam os fenómenos observados no desdobramento voluntário ou inconsciente (v. bilocação) para que aquela libertação ficasse bastante esclarecida. Como sempre, não podemos falar em termos absolutos, porque o fenómeno é extraordinàriamente variável não só com o ambiente como com o comportamento interno do mesmo indivíduo.

Há homens que desencarnam num doloroso estado de desespero; outros há em quem a morte parece um sono calmo recheado de sonhos agradáveis. Há os que conservam até ao último momento a noção das realidades, consciência plena do seu estado e outros que, ainda vivendo no corpo, parecem ter perdido todo o movimento espiritual. Estes extremos concordam mesmo com as narrativas vindas do «outro lado do véu» que afirmam que, tal como há espíritos que despertam imediata e conscientemente no «seu» mundo, outros ficam num estado mais ou menos longo de sonolência anímica, de consciência, reflexo lógico do seu estado fisio-psíquico no momento da morte (v. L. Denis in «Aprés la Mort» p. 262).

Apesar, pois, destas divergências apresentamos a seguinte sintomatologia geral, extraída do fenómeno de desdobramento consciente:

1 — Sensação de arrefecimento gradual do organismo, a partir dos extremos inferiores; aumento considerável da actividade cerebral e sensorial. Impossibilidade de reflexos externos, como se se houvesse dado uma paralização do centro de coordenação desses movimentos.

2 — Sensação de calma perfeita, de equilíbrio. Extinção da função vegetativa do organismo. Enfraquecimento do ritmo cardíaco e respiratório (na morte, há anulamento; no desdobramento há apenas redução ou, quanto muito, o anulamento da respiração). Abundância de fenómenos metagnómicos e hipnagógicos, ora fugidios, ora estáticos (na morte, estes fenómenos aparecem no início da letargia).

3 — Sensação de flutuação fora do organismo, a princípio perturbada e depois mais lenta até se extinguir. Sensação de frio que aos poucos desaparece (o estado é semelhante ao da bilocação sem transferência de consciência). Impressão de que há apenas um ponto de contacto com o corpo somático, ponto localizado na base do crânio. Amortecimento gradual da actividade neurónica, revelado numa lenta diminuição do tom vivo da «aura» cerebral. Transferência de consciência. Ruptura do laço fluídico que se mantinha (no desdobramento não se dá essa ruptura).

4 — Falta de equilíbrio. Sensação de oscilação, como se o indivíduo se erguesse de um prolongado estado doentio. Impossibilidade momentânea de caminhar e desejo incompreensível de adormecer. Dilatação extraordinária dos limiares diferenciais e absolutos das sensações. Visão da forma física e além da mesma, por simples esforço voluntário. Aparecimento da sensação de domínio completo do novo «corpo», do «psicossoma» (o grande clarividente que foi Andrew Jackson Davis afirmava que a ruptura do laço fluídico existente entre o «espirito» e o corpo só se dava 36 horas depois da aparência fisiológica da morte).

Compara-se esta sintomatologia com as descrições feitas pelo médico Wilts, citado por Isidoro Duarte Santos no seu opúsculo «Os Mortos Vivem !» (v. Edmonds in «Letters and Tracts on Spiritualism» e Ernesto Bozzano in «A Crise da Morte»).

São múltiplos os factores que formam a «fisionomia» psicológica da morte e contribuem portanto para o estado do «espírito» após a desencarnação. Julgo poder resumi-los da seguinte forma :

I — Factores individuais

A) — Factores somáticos ou físicos — idade do individuo, estado do seu organismo, natureza e causa da morte (doença ou acidente) e ainda a natureza da doença, em particular.

B — Factores psicológicos; — estado geral do espírito (preocupações, paixões fortes focalizadas ou generalizadas), desejos, aspirações, etc.), grau evolutivo adquirido pelo espírito e natureza das suas crenças religiosas, etc.

II — Factores extremos — natureza do meio em que o indivíduo viveu, estado psicológico dos seus familiares, etc.

Deve-se notar que estes factores não exercem acção inferior à dos primeiros, se atentarmos bem na natureza energética do pensamento. A incompreensão da «morte» quase geral na espécie humana, mesmo no seio das religiões constituidas,

leva à explosão desvairada da dor que necessàriamente provocará no espírito livre um estado semelhante, um desespero e uma dor não menor, não menos intensa.

Há quem considere ainda como factor o processo usado para com o corpo somático: — cremação ou inumação. Pensando nele, muitos acham preferível e defendem o segundo processo — a inumação — argumentando que a destruição do organismo pode originar fundas emoções no desencarnado, em virtude da ligação fluídica. É facto, mas se a ligação se quebra ao fim de 36 horas, mais ou menos, não vemos que uma sensação após 48 horas possa ter a acção nociva que tantos lhe atribuem. E a inumação não terá também uma acção tão prejudicial ou mais ainda? É vulgar a afirmação feita pelos «médiuns» da horrível atmosfera magnética, do angustioso «ambiente metaetérico» dos cemitérios, ambiente criado não só pelo pensamento daqueles que para lá caminham em romaria para chorarem sobre as campas dos «seus mortos» a sua saudade, a sua

Artigo de RAMOS PEREIRA

dor, as suas queixas; como pelo estado das centenas de desencarnados que persistem em ficar junto das sepulturas onde lançaram seus corpos. Quantas obsessões não começam nas «cidades dos mortos» !...

Recentemente, foi-me dado observar um processo de morte, perfeitamente controlado, que me fez vislumbrar o processo mais perfeito de tratamento do corpo somático. Durante a noite em que o cadáver ficara exposto, uns videntes observaram não só o começo da desagregação do duplo espíritual, como também que duas «entidades astrais» tratavam magnèticamente o corpo que se decompunha. Uma névoa envolvia o indivíduo e a tal ponto era forte a acção magnética, que se distinguia perfeitamente, mesmo para quem não fosse clarividente, o baixar da roupa que cobria o cadáver, como se mãos pesadas corressem sobre ela. No dia seguinte, um dos videntes, durante uma prece proferida antes do encerramento do caixão, distinguia a elevação do duplo, a sua libertação, como se o espírito se encontrasse adormecido... Devo frisar que a causa da morte havia sido uma longa e dolorosa doença.

Daqui concluímos nós o seguinte esquema de tratamento do complexo psicológico do moribundo:

1 — Constituição dum círculo magnético, após os primeiros sintomas de morte, num lugar bem arejado e tranquilo, evitando ruídos fortes e manifestações violentas de pesar.

2 — Tratamentos magnéticos demorados em intervalos periódicos.

3 — Encerramento do cadáver num caixão depois dos primeiros indícios de decomposição, durante 48 horas, pelo menos.

4 — Cremação do cadáver.

Geralmente, o «espírito» recentemente desencarnado não apresenta contornos definidos, e tanto menos, quanto menos conscientemente se tiver dado o processo de libertação (no caso atrás descrito, o vidente dizia que apenas conseguia distinguir com nitidez a parte superior do espírito, estando a parte inferior confundida numa nebulosidade densa. É de ponderar aqui que o principal foco da doença — causa da morte — era a região abdominal).

O ganhar da consciência após a morte é função, em grande parte, da evolução espiritual, sendo corrente a conservação de sensações físicas no psicossoma nos indivíduos pouco desenvolvidos e tanto mais dolorosas ou prementes quanto mais forte fora a subordinação do espírito às solicitações carnais (a contra-prova destas conclusões e induções é fácilmente encontrada na numerosa bibliografia espirito-mediúnica, da qual fazemos aqui um simples resumo).

Abordemos agora o problema do nascimento. Os elementos de que dispomos são escassos e só muito recentemente as obras de «André Luiz» recebidas pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier vieram lançar um pouco de luz sobre a questão, ainda que nelas não esteja completamente resolvida. Isto é, poderemos sòmente traçar linhas gerais e algumas delas com soluções de continuidade. Mas se considerarmos o nascimento como o processo inverso da morte, o esclarecimento torna-se maior.

A encarnação pode dar-se conscientemente, sendo aqui ainda e naturalmente o grau de consciência função da evolução, do progresso do fulcro anímico. Há mesmo autores que falam de escolha, de moldes pre-fixados, de determinação de planimetria geral da existência seguinte, planimetria de grande plasticidade pela liberdade inerente à condição espiritual. «André Luiz», por exemplo, e as correntes ocultistas falam dos «Senhores do Karma», isto é, de entidades superiormente evoluídas que orientam a evolução psicológica da humanidade. Serão eles os «mahatmas» da literatura esotérica oriental, o núcleo da «Fraternidade Branca» a que Jinarajadasa se refere nos seus «Fundamentos da Teosofia» ? Julgo impossível no estado actual dos nossos conhecimentos resolver este problema cabalmente, ainda que seja de aceitar como premissa de probabilidade (devido à concordância das afirmações) que se possa dar uma pre-determinação existencial, mas só nos seres em fraca ascenção progressiva.

Porque encarnam os seres menos evoluídos ? Por atracção simpática pelo par terreno ? Ou por uma atracção mecânica ? Dado o primeiro caso, uma gestação seria anulada se não houvesse aquela atracção ? Dado o segundo caso, isto é, se a cada gestação corresponde a aproximação mecânica dum espírito errático, será essa atracção indiferente, embora unitária ? Haverá alguma relação entre as naturezas psicológicas do casal terreno e a do espírito atraído ? Se existe uma atracção mecânica poderá esta invalidar a simpática ou esta sobrepõe-se necessàriamente àquela desde que concorram ? Haverá uma Lei regendo a encarnação ? Como enunciá-la ?

Eis algumas das muitas preguntas que podem formular-se e cuja resposta desconhecemos ou não nos atrevemos a teorizar por enquanto. Note-se que muitas das entidades interrogadas sobre este problema ou evadem-se sistemàticamente ou... dão respostas vagas. A própria literatura ocultista pouco ou nada diz e não sabemos se no segredo inviolável dos seus templos... a questão foi proposta e resolvida.

O esquecimento é regra geral do fenómeno de

encarnação, embora regra não absoluta. Cada encarnação é uma nova experiência, se bem que não partida do nada, devido ao riquíssimo arsenal inato eternamente presente nas camadas inconscientes do espírito.

Supomos que o laço fluídico — o «cordão de prata» dos ocultistas — deve estabelecer-se muito cedo entre o duplo espiritual e o feto em gestação. Ora, se como dizem «ex-cathedra» os ocultistas e as comunicações, se dá uma redução da nossa psicossomática e um adormecimento magnético do fulcro anímico, é o cordão placentário o principal veículo de transmissão de acções e reacções entre o novo ser e o organismo materno; papel que vai diminuindo de importância na medida da evolução fetal e correlativa adaptação do psicossoma ao organismo. Esta identificação não está terminada no momento do nascimento, pois que não se completou ainda o desenvolvimento do sistema nervoso. Considera-se como términus deste trabalho a idade dos 7 anos, o que concorda com certas conclusões da fisiológica. Realmente, a extraordinária abundância de fenómenos metagnómicos até esta idade é prova suficiente de uma fácil exteriorização do «psicossoma». A continuidade na manifestação externa do comportamento psicológico através do aparelho neuro-sensorial reforça aquela identificação, originando naturalmente o progressivo desaparecimento da metagnomia característica. Casos há, porém, de específica constituição orgânica (relacionada com a epífise ou com a glândula pineal?) em que a ligação nunca chega a tornar-se absoluta e em tal julgo fundamentar-se o aparecimento da mediunidade em qualquer das suas formas. Suponho também, baseado na psicologia do misticismo-religioso e nos fenómenos observados nos grandes taumaturgos, que uma superior evolução anímica é factor impeditivo do completamento da ligação psicofisiológica, surgindo de tal uma fenomenologia que só em aparência se confundirá com a mediúnica. Nesta, a característica essencial é a passividade, a inconsciência; e naquela a actividade, a consciência.

Se o cordão placentário torna o feto fisiològicamente dependente do organismo materno, a sua ligação fluídica ao espírito «encarnante» e a sua existência no seio psicossomático materno, torna-o sensorialmente joguete de duas forças que se não são antagònicas, são pelo menos originárias em fulcros diferentes, por individuais. Logo, não só o estado psicológico da mãe se reflecte fundamente na evolução psicofisiológica do filho, como o do filho (espírito em processo encarnativo) no estado geral daquela. É este um facto tão corrente (pelo menos na via mãe-filho) que me parece desnecessário respigar casos comprovativos. (v. por ex.º Nemilow, in «Tragédia Biológica da Mulher»).

Quando e onde se dará a ligação em referência ? Nós supomo-la, salvo melhor opinião, só definida quando no organismo fetal se delinear o cordão nervoso central e no ponto em que esse cordão estiver em vias de dilatação para formar os tubérculos quadrigémios sobre os quais assentará a evolução posterior do sistema cerebral. O facto de um clarividente distinguir uma gravidez ainda não conhecida pelos meios fisiológicos comuns, não constitui para nós negação do que dissemos, pois que a visão é apenas de um ponto brilhante destacado no interior do ventre materno ou de um... espírito infantil *junto* daquele que será mãe e ligado a ela por um ténue cordão.

A falta de elementos seguros obriga-nos a parar... Parece-nos ser o momento de abordar a seguinte questão:

— Poderá um espírito «masculino» encarnar num corpo «feminino» ? Em princípio não há impossibilidade nem paradoxo, pelo simples facto de o «espírito» não ter sexo... Mas se o psicossoma é um corpo (embora semi-material ou para-físico) e se, quanto mais denso ou menos evoluído, tanto mais nítida é a conservação de uma «forma», somos levados a afirmar que, *geralmente*, a lei da encarnação terrena arrasta para o feto um espírito cuja forma seja similar da sua, isto é, um «espírito feminino» para um corpo de mulher, e um «masculino» para um corpo masculino; a não ser que se atribua o aparecimento do sexo a uma influência somática do espírito em encarnação ! Quer num quer noutro caso, não julgamos a regra-absoluta e poderíamos argumentar com certas «anormalidades» (assim chamadas ainda que na maioria dos casos inatribuíveis a qualquer causa orgânica...).

E quando se deu a diferenciação sexual no «espírito» ? Naturalmente, quando a evolução da espécie fez a diferenciação somática...

Dentro desta ordem de ideias, aparece claramente o erro de se considerar a mulher como um ser menos evoluído. Se o progresso do «espírito feminino» tem sido retardado, deve-se isso apenas à manutenção de uma legislação absoluta, de princípios essencialmente errados que têm retirado à mulher terrena uma grande parte das possibilidades de experiência «viva», acantonando-a forçadamente no seu papel de Esposa submissa ou escravizada, de Mãe ou de objecto decorativo de casa luxuosa, de boneca caprichosa e forjadora de ilusões.

"Nossas Forças Mentais"

de Prentice Mulford

Obra monumental do grande psicólogo americano, em quatro volumes repletos de ensinamentos, demonstrando que podemos modificar o carácter e a vida pelo emprego das forças mentais que existem em nós. Tem produzido grandes transformações na existência de milhares de pessoas que viviam desanimadas e tristes, trazendo-lhes bem-estar e felicidade.

Como aplicar as nossas forças no comércio, na indústria, nas artes, na educação da infância e na reforma dos nossos hábitos.

Colecção em 4 artísticos volumes

Brochados ..... 160$00

Encadernados ... 220$00

O PROBLEMA DO AMOR

por ANTÓNIO CARDOSO

I

Na nossa vida social, a todo o momento, e em todo o lado, vemos factos perturbantes, verdadeiramente paradoxais, que a nossa inteligência se recusa a explicar.

Ali, vemos um casal que apesar de tanto ele como ela terem a mesma idade, a mesma educação e terem durante o tempo de solteiros, antes de se conhecerem frequentado os msmos ambientes, se dão no entanto mal, pois não se compreendem um ao outro.

Ali vai uma mulher feia, aleijada, que se vê ser uma pessoa vinda da classe humilde, acompanhada por um homem distinto, médico talvez, que é o seu marido. Que beleza teria este homem encontrado nesta mulher?

Mais adiante, um casal de noivos passa. Ambos têm instrução, o mesmo curso, as mesmas tendência. Dentro de dias vão casar. E vão ser felizes? Não, não vão, porque cada um deles ama, *procura,* embora *ainda* não tivesse encontrado, o *seu* Ideal, embora esse Ideal corresponda a um tipo estèticamente imperfeito.

Naquela casa mora uma mulher cujo marido é um ladrão, gastando todo o dinheiro no jogo, tabernas e com outras mulheres. No entanto, ela, continua a amá-lo, continua a adorá-lo, como no primeiro dia de casados. Porquê?

E seguindo a mesma ordem de ideias podia continuar até ao infinito, apresentando cada vez factos mais complexos, de mais difícil compreensão.

As teorias apresentadas para a explicação de todos estes factos têm sido muitas, qual delas a mais interessante, e qual delas também a mais fantástica. Vamos examiná-las uma a uma, e vejamos se com alguma nós podemos resolver o problema.

TEORIA DA BELEZA FÍSICA E DO PORTE

A teoria da beleza física que mais tem sido aceite pelo povo, embora a menos aceite, pelos estudiosos do problema.

— Parecem mesmo talhados um para o outro — ouve-se muitas vezes dizer acerca de um ou outro casal. E no entanto, quantas vezes — a maior parte — passados alguns meses, esse mesmo casal se encontra divorciado. E encontra-se porque não casaram *por amor.* Talvez tivessem casado por interesse material ou por qualquer outro motivo, mas por amor...

E o mais interessante é que se nós formos à história encontramos precisamente o contrário; foram as mulheres mais estéticamente imperfeitas que maior número de paixões criaram. Pierina Riccia, débil, frágil, tuberculosa, foi amada loucamente por Pedro Aretino. Coesónia, embora não fosse jovem nem bela fez com que o cruel imperador Calígula dela se apaixonasse. Ainda mais eloquente é o caso de Ninon de Lenclos que mais amantes enloqueceu, e que apesar dos seus 75 anos fez com que o seu próprio filho dela se apaixonasse, e metesse um tiro nos miolos, ao saber que a mulher que amava era a sua própria mãe. O filho — 18 anos; a mãe — 75. Que diferença! E no entanto, que amor, que estranho amor fôra aquele...

No entanto, se examinarmos mulheres célebres como Holmquist, Joan Crawford, Rasputine, Leatrice Joy, Horma Shearer, Claudette Colbert, Mary Miles Minter, Brigitte Helm, Maria Walewska, Ginger Rogers, Glória Swason, May Mac Avoy, etc., etc., notamos que embora não possuam beleza física excepcional, ou mesmo vulgar, têm no entanto uma certa nobreza, uma particular distinção, um «charme» pessoal que as caracteriza, embora para o possuir não seja necessário o luxo, as joias, os perfumes caros, como tanta mulher infelizmente julga. Pelo contrário: se nós formos consultar Ginger Rogers, ela fála-nos apenas na simplicidade, atribuindo como factor de degenerescência física a uso e abuso de carnes, pasteis e chá; Sigrid Holmquist quando interrogada sobre a «maravilhosa droga» que tornava os seus lindos cabelos tão invejados limitou-se a dar uma série de regras e conselhos para a higiene dos mesmos. Mary Miles Minter que é invejada pelas mulheres de todo o mundo, pela extraordinária beleza das suas mãos,

afirma que na sua toilette apenas existem limões, um bom sabonete, uma finíssima água de colónia e... mais nada.

Do que fica exposto duas conclusões podemos tirar:

1.º — A beleza física não é condição nem necessária nem suficiente no amor.

2.º — O porte é condição quase sempre necessária (90 % a 95 %) mas *nunca* suficiente.

TEORIA DE FREUD

Para Freud, todo o amor, toda a amizade, não é mais do que uma manifestação da *libido*, que se manifesta mais claramente durante o sono, com os chamados símbolos oníricos, a que já me referi nos meus 3 artigos sobre este assunto.

No entanto, se assim é, em parte, outra parte fica por resolver. Como explicar aquele caso do próprio filho se apaixonar por sua mãe? Se a doutrina de Freud fosse 100 % exacta, não seria muito mais lógico que esse jovem de 18 anos se apaixonasse por uma jovem da mesma idade? Se a doutrina de Freud fosse completamente verdadeira em todos os seus aspectos, não seria mais racional que todos os homens fossem procurar as mulheres mais belas, mais estèticamente perfeitas? Mas é precisamente o contrário que a história nos apresenta...

TEORIA BACILAR

Stendhal e Doudet nos seus estudos sobre o problema, defendem a teoria de que o amor é devido a um micro-organismo. Da mesma forma pensa o professor M. Fleury em «Patologia das Emoções». Faure diz-nos ainda que o amor produz certas reacções no organismo, provocando a formação de certos venenos... mas nenhum, destes autores nem outros que seria enfadonho enumerar relatam como chegaram a essas conclusões, nem a maneira de as podermos também realizar. Se existe ralmente um micro-organismo, os microscópios (para não citar já os ultra-microscópios) devem dar a presença da sua existência. Tem isso sido verificado? Até hoje algum cientista descobriu nos seus trabalhos o bacilo do amor, como querem aqueles ilustres cientistas atrás citados? Por muito que pese a resposta tem de ser negativa.

TEORIA DAS VIDAS SUCESSIVAS

É esta a hipótese dos espiritas, e espiritualistas em geral, embora com algumas excepções.

Dizem eles:

— O amor, é devido a uma amizade que já foi criada numa existência anterior, entre dois seres. Portanto estes dois seres, encontrando-se novamente nesta vida, sentem uma grande atracção um pelo outro, devido à soma de experiências adquiridas, na última encarnação.

A esta afirmação, eu pergunto:

Se assim é, como se pode explicar que uma mulher, como Ninon de Lenclos tivesse, como tantas outras à sua volta, grande número de homens loucamente apaixonados por ela? E como explicar que *de repente*, essas mulheres percam, como tantas vezes sucede, todos os seus amantes, sem que aparentemente nenhuma causa estranha explique o fenómeno, e eles próprios, se interrogados, não saibam dar a razão?

Alguém poderá responder que todos esses admiradores a conheceram na sua vida passada, mas se assim fosse — o que já tornava a hipótese quase insustentável — como explicar ainda, que esses homens seus admiradores, de repente, se eclipsassem, sem qualquer razão? Se o afecto tivesse a causa numa vida anterior, certamente que esse afecto não se quebraria de repente — e muito mais sem causa que o justifique.

Não quero com esta afirmação dizer que não haja casos realmente em que a amizade seja fruto duma existência anterior. Os casos existem realmente, mas não com aquela generalidade com que o vulgo os admite.

TEORIA DA REFRACÇÃO CÓSMICA

Millikan e Georges Lakhovsky deram origem a esta nova teoria, que afirma que o amor não é mais do que a refracção das ondas cósmicas que os seres assimilam consciente ou inconscientemente, e irradiam em seguida à sua volta. A teoria é interessante, e tem sido seguida por individualidades de renome, mas quanto a mim, apresenta um defeito, um único: a falta de demonstração experimental. Como o fenómeno se dá? Como se produz essa assimilação? Nada dizem, nem nada demonstram.

TEORIA DO MAGNETISMO SEXUAL

De todas as teorias expostas até aqui, a que vamos agora expor é aquela que mais *esclarece* o problema — eu digo *esclarece*, não digo *resolve*.

Um dos principais fundadores modernos desta teoria foi o professor Ridley que se baseou nos fenómenos de magnetismo sexual que estudou durante alguns anos, principalmente no campo experimental. Já anteriormente Gustavo Le Bon, referindo-se ao incremento que as ciências psíquicas tinham atingido nos últimos anos, mercê de um estudo aturado dos mais insignes investigadores afirmara: «Enquanto que a magia antiga não contava como defensores senão meia duzia de iluminados, a magia actual conta entre os seus investigadores e adeptos, físicos célebres, fisiologistas ilustres, eminentes filósofos e verdadeiros filósofos em ciências naturais».

Mais recentemente no seu livro «Magnetismo e Amor» o professor Walde Swingle chegou às mesmas conclusões que Ridley.

TEORIA DOS FILTROS DO AMOR

Eis outra teoria que nos vai servir para no final compreendermos o problema em toda a sua plenitude. Esta como a anterior, não resolve a questão, mas apresenta certas facetas desta, sem dúvida interessantíssimas.

Os primitivos investigadores, esboçaram a teoria de que o amor era provocado por certos filtros (perfumes, etc.), mais ou menos mantidos em segredo. Os livros de Magia de então publicaram as fórmulas para se adquirir esses filtros, mas — ó céus ! — tão ridículas, quanto impraticáveis.

O leitor rir-se-á certamente desses tempos em que os livros de Magia apresentavam essas fórmulas mais ou menos fantásticas, e dirá para consigo: :— Que ignorância ! Tempos que já não voltam ! Mas o que talvez o leitor não saiba é que ainda nos tempos modernos certos livros de ocultismo trazem nesse capítulo, práticas tão ridículas, tão ridículas, que eu nem tenho coragem de as descrever aqui. Remeto o leitor para o livro «Ocultismo Prático» do Dr. Lawrence, traduzido para português, e lá encontrará provas suficientes do que afirmo.

Plutarco, dizia :

«Um filtro de amor é um composto de 16 espécies de substâncias, que não são misturadas ao acaso, mas sim metòdicamente e seguindo as instruções de uma fórmula secreta que se lê repetidas vezes durante os mistérios e operações».

Hoje em dia está já mais do que cientìficamente demonstrada a existência de perfumes que são capazes de provocar estados psíquicos especiais nos indivíduos. Ainda recentemente os jornais diários anunciavam que a América e a Rússia preparam nos seus laboratórios gases que são capazes de provocar nos indivíduos a sensação de não terem vontade de combater o inimigo.

Mas existem factos mais positivos e interessantes. Bourru e Burot, com a assistência do Dr. Duplouy — director da Escola de Medicina Naval de Rochefort aproximaram do sensitivo um frasco contendo *jaborandi*, trazido por um assistente, provocando-lhe quase imediatamente salivação e suor. Depois de outras experiências não menos concludentes, chegaram à conclusão que a acção da substância é mais rápida quando a aplicação se faz perto da cabeça e o *sujet* se não encontra adormecido.

Pitigrilli (V. A Decadência do Paradoxo), conta-nos que Henrique VIII num baile envergou-se na camisa ainda húmida de suor de Ana de Clèves e dai nasceu a sua grande paixão por ela, que mais tarde derivou em casamento.

O amor da princesa Chimay pelo zíngaro Rigó é outro caso idêntico ao anterior.

Montepan seduziu Luís XIV devido a um perfume que usava, preparado especialmente para ela por Lavoirier.

Cornelius Agripa diz também que «os perfumes mágicos, que só os sábios sabem preparar segundo fórmulas secretas por eles próprios estudadas, provocam um amor verdadeiramente irresistível».

No campo dos narcóticos notamos os mesmos interessantes efeitos; enquanto o *alcool de vinho* produz uma embriaguez alegre, o *alcool dos cereais* produz uma embriaguez furiosa. A *essência de anis* dá ilusão de saltimbancos, que o paciente procura repetir; e o *absinto* produz paralisia nas pernas...

Portanto esses filtros de que Plutarco, Cornelius Agripa e outros nos falam não são meras afirmações sem base como estamos vendo, embora eles — diga-se a verdade — não especificassem acerca da natureza desses produtos. Realmente dizer como Plutarco dizia que um filtro de amor é um composto de 16 espécies de substâncias, e não as enunciar, é um erro imperdoável para os cientistas modernos.

Mais 150

CONFRATERNIZAÇÃO

Artigo do Coronel FAURE DA ROSA

Confraternizar é conviver fraternalmente. Ora, a Fraternidade exige amizade recíproca e pura de irmãos, sincera, espontânea, onde não possa imiscuir-se a ruindade dum Caim, onde não possam abri gar-se os falsos amigos, os tartufos vulgarmente conhecidos, entre nós, pela expressão popular de «Amigos de Peniche».

Antes de praticarmos determinado acto deviamos dissecá-lo e meditar bem nas consequências que dele possam resultar, tanto para nós actuantes, como para companheiros que pelo cometimento do acto possam vir a ser influenciados. Varramos o egoismo.

O egoista só pensa em si, no seu bem-estar, no seu engrandecimento, custe o que custar.

Vivamos a vida em conformidade com as leis naturais, que assim cumpriremos as leis de Deus, eternas e imutáveis.

Para que a nossa existência trasborde de *vida*, isto é, de energia, de interesse pelos nossos irmãos e, ao mesmo tempo, se mantenha isenta de inquietações, é necessário, antes de mais nada, «amar o próximo como a nós mesmos» e «fazer aos outros o que queriamos que nos fizessem a nós».

É, pois, indispensável ser tolerante, paciente e em nenhuma das situações da vida deixar de ter o devido respeito pela opinião alheia.

Sem o exercício destes predicados a confraternização não é possível. A violência não sazona os frutos: estraga-os, apodrece-os. Em vez da imposição, a persuasão.

«Uma só coisa pode dirigir o homem, — dizia Marco Aurélio — a filosofia. Consiste ela em manter o espírito do homem livre de toda a violência, são e salvo, superior aos sofrimentos e aos prazeres; jamais agindo sem um fim, sem um vislumbre de falsidade, de hipocrisia, sem pretender saber o que os outros homens fazem ou deixam de fazer. Mais: Aceitando que tudo o que acontece, que tudo que lhe é indicado, seja o que for, provém desse Além donde ele próprio, homem, proveio, e, enfim, aguardndo a morte alegremente visto que ela não é outra coisa senão uma dissolução de elementos dos quais cada ser vivo é composto».

Esforcemo-nos, pois, por banir dos nossos pensamentos a maledicência e a inveja — produto da vaidade — bem como a tristeza, o medo, a avareza, a preguiça, a intemperança.

Uma vida de prazer não marca independência, porque o homem que assim procede se torna escravo das suas paixões mais gros-

AMAR O PRÓXIMO !

«O amor — diz Leon Tolstoi — é a única actividade razoável do homem; o amor é o estado de alma mais racional e o mais luminoso. Tudo de que ele necessita é que não se lhe oculte o sol da razão que é o único que o faz crescer... O amor é o bem real, o bem supremo que resolve todas as contradições da vida, que não só faz desaparecer o pavor da morte, mas também impele o homem a sacrificar-se por outrem: porque não há outro amor além daquele que dá a sua vida por aqueles que ama. O amor não é digno deste nome senão quando se sacrifica a si mesmo. Também o verdadeiro amor só é realizável quando o homem compreende que lhe é impossível adquirir neste mundo a felicidade individual. É então que toda a seiva da sua vida vem alimentar a nobre enxertia do verdadeiro amor; e esta enxertia desenvolve o seu crescimento à custa de todo o vigor do tronco desta árvore selvagem: a individualidade animal».

«Para progredirmos no amor — acrescenta Tolstoi — nós só temos um meio: a oração. Não a oração pública nos templos que Cristo formalmente reprova, como se verifica em S. Mateus VI, 5 a 13, mas a oração de que o próprio Cristo nos deu o exemplo: a oração solitária que nos fortalece a consciência da direcção da vida e o sentimento de que dependemos unicamente da vontade de Deus...».

«Lembremo-nos sempre que pregar o bem é bom, mas melhor é praticá-lo. Fazer o bem é o espírito, prega-lo é a letra. Para desejar é, que o bem-fazer e o bem-dizer estejam

acomodados no mesmo indvíduo». Só assim se poderá entrar no caminho da Bondade, sentimento que contém em si todas as qualidades altruistas.

Consideremos a nossa vida, as nossas acções em todos os seus pormenores, por mais insignificantes que nos pareçam. Diz um provérbio que «o grande sem o pequeno faz um muro mau». Duma velha história hindú consta que Ammi disse ao filho:

— Traz-me um fruto daquela árvore e abre-o: Que encontras lá dentro?...

O filho respondeu:

— Umas sementes pequeninas.

— Abre uma delas — replica o pai.

— Que vês?...

— Nada, senhor.

— Meu filho,— comenta Ammi—aí onde nada vês, reside uma árvore, grande e forte.

É caso para nos perguntarmos se é ligítimo admitir que haja alguma coisa *pequena,* na acepção de desprezível.

Porque não há nem *grande* nem *pequeno* para a alma que tudo criou; onde o espírito assoprou toda a coisa existe: e o Espírito assopra em toda a parte.

Poderemos nós dominar as nossa paixões? Com mais ou menos dificuldade, eu creio que sim, que o poder psíquico não tem limites, porque a sua força — o pensamento — é atributo da alma e a alma é imortal.

Se não conseguirmos sobrepor o espírito à matéria, se o comandamento dos nossos actos pertencer às paixões materiais, não poderemos confraternizar sinceramente, lealmente.

O filósofo italiano, da Ordem dos Dominicanos, Tomaz Campanella — que combateu a escolástica,(1) preconizou o método experimental e passou 27 anos numa prisão para expiar a ousadia das suas ideias. O filósofo Campanella (1568-1639) exercia tal domínio na matéria, que abstraía das suas dores físicas a ponto de suportar a tortura sem sofrer muito. Quem tiver a faculdade de concentrar a atenção e comandar a vontade, pode libertar-se de quase todas as pequenas misérias da vida.

É preciso manter impoluto o Ideal. Como dizia Victor Cousin, filósofo chefe da escola eclética: «Ao ideal sem realidade falta vida, mas à realidade sem ideal falta beleza».

Ora a realidade do nosso Ideal está em aceitar e cumprir a sua doutrina; «fazer bem sem olhar a quem» — que mais vale suportar o mal que cometê-lo.

Só conseguiremos resistir ao mal, refreando os nossos apetites, ou melhor ainda, fortificando e desenvolvendo os nossos bons instintos, as boas aquisições com que voltarmos à vida terrenal.

Portanto, é preciso que sejamos cuidadosos com os pensamentos que elaborarmos, em que nos detivermos. A alma é influênciada pelos seus pensamentos. Nós não podemos conservar as nossas ideias puras se nos permitirmos que elas sejam conspurcadas com descrições minuciosas do crime, da devassidão, da maledicência, da inveja, da coscovilhice.

A maior vantagem da confraternização está na troca de ideias, na defeza da integridade dos princípios doutrinários, no auxílio mútuo que nos devemos prestar tanto material como espiritual, nos ensinamentos que damos e recebemos.

A paz da alma, a paz da consciência que daí advém, não se adquire subitamente; deve vir com o tempo; da mesma maneira que a água agitada, só se clarifica e sossega pouco a pouco. É, pois, necessária, indispensável, a perseverança.

Recomenda Marco Aurélio que haja constância em fazer tudo o que estiver conforme a razão; que se mantenha a igualdade do seu humor, em qualquer circunstância, a sua piedade, a serenidade da sua moderação, da sua doçura, do seu desprezo pelas vaidades da glória, dos seus esforços para bem perceber as coisas.

Não deixemos passar coisa alguma sem primeiro a termos examinado com cuidado e claramente compreendido. Suportemos com paciência aqueles que nos censurem injustamente, sem que lhe retribuamos a censura, não demos ouvidos às calúnias, aos ditos, aos mexericos, antes observemos, com escrúpulo, as maneiras e as acções de outrem.

A maior recompensa que podemos alcançar neste mundo de misérias, é a paz de consciência que resulta do cumprimento do bem e da justiça. A recompensa das boas acções está nas próprias acções. A verdade, o belo, o bem, contêm em si bastantes atractivos para que necessitem duma autoridade que os comande ou de qualquer recompensa que lhes esteja adstrita.

---

(1) Filosofia da Idade Média cujo ensino era dado nos mosteiros e escolas episcopais. Um dos principais assuntos de ensino e de controvérsia, foi a questão das ideias gerais ou *universais.* Três escolas se ocuparam desta questão: A *realista* que sustentava que as ideias gerais já existiam antes das coisas; a *nominalista* que considerava as ideias gerais apenas nomes e só existiam *depois* das coisas; e a *conceptualista* que admitia a ideia geral, mas *na coisa* individual.

"O LIVRO DO AMO

(Ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista).

Isidoro querido! Que liga as almas, senão o amor? Que liga as almas, senão essa imponderável chama que sentimos e não vemos? Só o amor alegra e fortalece, só o amor acalma. Só o amor dá sacrifícios dignos de menção.

Antes e depois do amor, pouco existe. Toda a criação vive nele. Dá fé, dá confiança, dá prazer. Empolga. Sensibiliza os maus, eleva os bons.

Porque venho eu aqui? Porque me esforço por te acalmar? É o amor, Isidoro, é o amor. E isto diz tudo. Resume tudo: interesse pela obra, pela Gena, pela casa. Quase todos os meus pensamentos estão convosco. Como poderia ser de outra forma? Não sou a mesma entidade? Não penso, não medito, como pensava e meditava? Então, que admira? Que admira, Isidoro? Que admira que eu venha aqui? É tão fácil! Não faço esforço nenhum. Basta lembrar-me. Pronto! Já cá estou. É tão fácil!

Cada um vai para onde gosta. Há liberdade. Se estamos bem, ficamos; se estamos mal, voltamos. Mais nada. Eu estou bem e fico. É o amor que me faz permanecer. Nem tu calculas. Já pensaste num banho de amor? Eu não sei explicar. Vibramos, vibramos, vibramos. Luz suave que extinguisse o medo e a dor, não seria tão deliciosa. Esquecemo-nos de tudo. É um enlevo, é um êxtase.

Quando aí vou, sou feliz. O amor me invade, o amor me inunda. Os teus eflúvios me cercam. Ah! Isidoro! Como se pode viver sem amar?... As almas despertam, florescem, irradiam. É uma apoteose. É o amor!

O amor me leva, o amor me traz. Sempre a mesma ideia, Isidoro. Agora e sempre! Posso ascender? Isso não tira. Quanto mais subir, mais te amo. Que te disse eu tantas vezes? Que isto era amor para a vida e para a morte!

Estou cá e amo-te. Onde reside o amor? Se me acompanha, se anda comigo, não está na carne que lá deixei... Isso é roupagem... Quando se gasta, tomamos outra. Sempre assim foi.

Choram o corpo, é verdade. Compreende-se. Dá personalidade. Distinguiu-nos. Assinalou a nossa presença. Foi instrumento precioso. Por isso temos pena de o deixar. Choramos a sua perda. Mas não há remédio. Soou a hora... Nada se pode fazer contra a lei. Pára ali a ciência e a vontade. Caem os braços, as forças amortecem. A energia extingue-se e o espírito evola-se, como perfume que se eleva, mas continua a sentir-se. Saiu do recipiente, mas encheu a casa. Está lá. Agita o ar e vai para onde o levam. Avança, recua, vai para onde o levam, até que se dilui.

Eu sou um perfume diferente. Evolei-me, é certo, mas não me dispersei. O meu envólucro é que se transformou.

A vida é assim. Tem aspectos curiosos. Tem contrastes curiosos. Quem quiser filosofar tem muito onde o fazer.

Mas eu falava em amor. Nem todos pensam nisso, Isidoro. Andam distraídos com outras coisas... Andam absorvidos... Nada os demove de seus intentos... Seria melhor que amassem um pouco. Que se esquecessem de si. Seriam maiores, mais fortes, mais úteis... e mais felizes. Viver para a matéria, afincadamente, exclusivamente, é desequilíbrio que se paga caro. Há outros campos a arrotear. O amor é um deles. Semeia amor, colherás amor. Amor com amor se paga. A vida terrena é fugaz, dura um minuto. E nesse instante, quantas canseiras, quantas dores, quanto sofrimento! Inquietações, torturas, nervosismo, ambições, ódios, sei lá! E para quê? Tudo ao contrário da finalidade.

Vive bem para bem morrer — diz o povo. Há nisto grande verdade. Se todos vivessem bem, morriam bem. Vinham tranquilos, sem receios. A morte era suave. Mal a sentiam, como eu. Eu pouco senti. Foi um instante: Zzztt... Não sofri. Só me causou estranheza, julgava outra coisa. Mas, não. Foi tão fácil, foi tão simples! O pior foi o resto. Se viéssemos os três... Que prazer! Que alegria! Mas não pode ser, Isidoro. Há trabalho, há missões a cumprir. Era preciso que ficasses mais a Gena.

Sempre pensei outra coisa. Que por lá ficaria mais algum tempo. E tu pensavas o mesmo. Que admira? Era nova, tinha saúde... Era natural que fizesse projectos e gostasse de lá viver. Estávamos bem... a Gena estudava... íamos entrar em nova fase de trabalhos...

OR E DA SAUDADE"

Por isso não admira que gostasse de viver. Mas o futuro ninguém o sabe... Alguns entrevêem-no. Mas é só um pouco. Por isso trabalhamos até o fim. É talvez melhor do que se soubéssemos. Não é verdade? Se fossem assim... era uma desgraça. Tu compreendes...

Eu falava, fazia projectos. Tu estás lembrado. Mas em tudo o que eu pensava havia amor. Estava eu e estavas tu. Tu sem mim e eu sem ti, não era vida, não era nada. Mesmo que fosses velhinho, eu te quereria com o mesmo afecto e dedicação. Tantas vezes to disse! Tantas vezes! Que era isto, senão o amor a falar?

Isidoro querido, cá volta a saudade, esse aroma delicioso que nos faz sofrer! Cá volta a saudade de antigos tempos... Como eu recordo certas coisas da nossa vida! Quem não sente, quem não vibra, é que não tem saudade. Não estou apegada à Terra. A minha saudade é de ti. Pensar que ficaste só, tu, que eras tão meu amigo! E não me veres... Tudo isso me preocupa.

Deves reagir, Isidoro. Levanta o moral. Bem sei que essas lágrimas não são de fraqueza. São de saudade. Ficaste comovido. Sentiste as minhas palavras. E porque as sentiste tanto? Só o amor produz tais efeitos.

Digam o que disserem. Quem manda no mundo é o amor. É pena que os homens se matem. Isso é pena. São coisas misteriosas. Se manda o amor, não devia haver sangue, não é? Mas o amor de uns é paixão, é egoismo. Querem tudo para si. Não se transcendem... Depois é a reacção. Os outros também têm direitos.

O meu amor é mais belo. Não quer lutas, nem sangue. Quer beleza e bondade.

Quando venho aqui, dou-me em bondade.

Gosto da paz, quero harmonia e bondade. Fico contente quando te vejo? É natural. Se nada houvesse entre nós, como poderia eu estar aqui? Já vês... É o amor a exercer-se. Hei-de cá vir sempre que puder. O amor me traz.

Hoje tive saudade. Não é só hoje, Isidoro. Sinto sempre saudade. Por mais que suba, sinto saudade. Que coisa! Quero e não quero, choro e rio, ando e paro. Não são incoerências. São factos.

Não sei como é isto. Vivo mais de sentimento que de raciocínio. Penso muito, é certo. Mas sinto mais. Se assim não fosse, era diferente. Era prosaico. Mas não é. Há cá de tudo. É conforme estou. Se estou alegre, sou uma. Se estou triste, sou outra. É a realidade. Se choro, tu choras. Se rio, tu ris também. Que belo intercâmbio!

Eu falo e converso. Tu pensas e eu penso. Perguntas e eu respondo. O nosso colóquio prolonga-se, torna-se variado, assume proporções estranhas, porque o amor lá está a criar imagens doces, a dar alento ao mais fraco. É ou não é, Isidoro?

Hei-de sempre falar em amor. Hoje e sempre. Foi o amor que nos uniu, nos irmanou. Pelo amor vivemos e sofremos. Pelo amor realizámos as nossas aspirações. Que admira que eu fale nele? Hei-de falar sempre!

Se um dia falar de outra coisa, lá estará também o amor. Ele faz parte de mim mesma... Anda comigo... Não o posso alijar...

Pobre de quem não ama! Pobre de quem não sente a vibração de outra alma!

Eu quero amar! Quero realizar o meu sonho de amor! Tu e a Gena são meus instrumentos de amor! Tu verás. É preciso amar, dar exemplos de amor! Amor ao próximo, amor aos bons, amor aos maus! Aos animais e às plantas. A tudo o que há de belo e sublime!

O meu amor é assim. Começa em mim, passa por ti e pela Gena e segue em ondas concêntricas, sei lá para onde! Procura outras almas que precisem de alento.

Que bom é amar, Isidoro! A chama que me aqueceu está viva e forte. Há chamas semelhantes que atravessam vidas e vencem distâncias. Não se apagam mais. A nossa é bela. Aquece e ilumina. Ampara e guia. É a chama do amor puríssimo!

Hei-de sempre vê-la e senti-la. Hei-de envolver-me nas suas labaredas, para melhor te poder falar!

O amor é assim, Isidoro. Quem me dera a sabedoria do justo e a lucidez do sábio para te contar tudo o que sinto!

Um dia talvez te conte. Veremos. Nesse dia, oh! nesse dia cairá do céu uma estrela e o teu coração abrir-se-á como rosa fragante de perfume raro.

Adeus, Isidoro. Beijos à Geninha. Para ti, um abraço de amor imortal.

Tua, sempre tua, ***LIA***

Ensinamentos de "Silver Birch"

O PLANO DIVINO

Apresentado por B. B. MARTINS

IV

Silver Birch explica aqui alguma coisa do plano que está por detrás da comunicação dos espíritos.

O nosso trabalho é o de dar aquilo que tem um fim e um significado, de maneira que, enquanto demonstra a existência da Lei, proporcione também conforto a distribuir e conhecimento a espalhar. O nosso trabalho é não só o de revelar a existência de leis metafísicas, mas também o de revelar as verdades do espírito.

Nós temos que combater um gigantesco sistema de falsidade. Temos que desfazer trabalho de séculos. Temos que destruir a superstrutura de falsidade que tem sido construida sobre as fundações dos credos.

Lutamos sempre para ensinar aos filhos da matéria como se devem tornar livres e como se podem aquecer ao sol da verdade espiritual, como devem abandonar o hilotismo, a escravidão dos credos. Isto não é tarefa fácil, porque uma vez que os dogmas religiosos se apoderem de vós, é necessário muito tempo para que a verdade espiritual atravesse a grossa parede de superstições.

Nós esforçamo-nos sempre por revelar o significado da verdade espiritual, porque, quando o vosso mundo compreender a sua importância espiritual, haverá uma revolução mais poderosa que todas as revoluções e guerras sangrentas. Será uma revolução da alma e todos os povos do mundo reivindicarão o que lhes é devido — o direito integral às liberdades do espírito. Acabarão todas as restrições que os tenham agrilhoado.

A nossa obediência não é a um Credo, nem a um Livro, nem a uma Igreja; é sòmente apresentada ao *Grande Espírito* de vida e às suas eternas leis naturais.

Um grande poder do espírito descerá sobre o vosso mundo de matéria. Em todos os países se fará sentir uma poderosa força do espírito para neutralizar o egoismo e a ignorância do vosso mundo. Com tempo, essa força, vencerá, mas a operação dará muito trabalho. Muitos obreiros têm que enfileirar ao nosso lado.

Nesta tarefa há uns que são vossos conhecidos, outros que estão ligados a vós por laços de sangue e outros ainda que vos servem sem interesses particularistas. Quando pensais naqueles cujos nomes conheceis, procurai imaginar as incontáveis hostes de desconhecidos que servem anònimamente.

O mundo não será convertido num clarão que cega, como Saulo na estrada de Damasco. Gradualmente, a luz das verdades espirituais vencerá as dificuldades; e quanto mais pessoas se tornarem cientes das grandes verdades, mais instrumentos ficarão disponíveis para o serviço do *Grande Espírito Branco.*

Deveis lembrar-vos que as coisas do espírito requerem cuidadosa educação e desenvolvimento. As conversões súbitas não são duradouras, e o nosso trabalho deve ser permanente.

Cada alma tem que tornar-se um instrumento do *Grande Espírito,* tem que sair das trevas para a luz, tem que trocar a ignorância pelo conhecimento, tem que deixar a superstição pela verdade, ajudando o avanço do mundo, porque cada uma delas é um prego que se crava no caixão do materialismo terreno.

Não deveis esquecer que há duas formas de desenvolvimento. Podeis desenrolar o que é da alma e abrir o que é do espírito. Um é o desenvolvimento das faculdades psíquicas e o outro é o crescimento da alma. Onde obtiverdes o desenvolvimento do psíquico sem o desenvolvimento do espiritual, aí tereis um baixo plano de vibração. Quando obtiverdes uma combinação de ambos, então tereis um grande médium e um grande homem ou uma grande mulher.

Que gloriosa mensagem nós temos para o vosso mundo de matéria — uma mensagem que torna os homens livres e os ensina a regozijarem-se com a sua herança divina; uma mensagem que os ensina a deitar fora todos os vínculos e algemas; uma mensagem que os ensina a gozar a plenitude do conhecimento espiritual; uma mensagem que lhes mostra a vida nos planos da matéria e nos planos do espírito; uma mensagem que lhes traz beleza, amor e conhecimento, compreensão, verdade e sabedoria; uma mensagem que fala de serviço, serviço, serviço...

E ainda nós somos negados por aqueles que não compreendem a revelação do *Grande Espírito* e que negam o espírito, como o poder do espírito tem sido negado através de todos os tempos.

O trabalho que nós fazemos torna-se cada vez mais necessário. O vosso mundo está cheio de sangue derramado, cheio de lágrimas, de miséria e de amargura. Na sua cegueira, o vosso mundo não vive de acordo com as leis do *Grande Espírito,* porque escolheu o caminho que conduz às trevas e ao desespero.

Nós oferecemos o conhecimento que conduz à esperança, à luz, à paz, à harmonia. O vosso mundo pode menosprezar-nos, na sua ignorância. Pode rejeitar a mensagem que trazemos. Pode negar o poder que nos acompanha. Mas a nossa grande verdade há-de prevalecer, porque ela é do *Grande Espírito.*

Aqueles que se esforçam por viver contra a Lei colhem para si mesmos, o resultado de uma sementeira amarga. Aqueles que vivem com a Lei colhem felicidade e abundância nas coisas da matéria e nas coisas do espírito.

Através de toda a treva que prevalece, não abandoneis a esperança, mas atentai no conhecimento daqueles que trabalham convosco para o levantamento da espécie humana, daqueles que se esforçam por trazer melhores condições ao vosso mundo de matéria. Juntai-vos a eles, porque o poder que os auxilia é o poder mais forte do universo.

As coisas valiosas não se obtêm sem trabalho, sem sofrimento. O vosso mundo deve aprender as

lições da única maneira que pode aprendê-las. Estamos vencendo todas as dificuldades do mundo da matéria. A nossa mensagem ilumina as consciências em toda parte; e como a luz do espírito incide sobre esse mundo, assim os seus raios dispersam as trevas do vosso materialismo. Não procuramos aterrorizar-vos com ameaças de punições. Não procuramos fazer-vos cobardes, para que vivais guiados pelo medo. Esforçamo-nos por vos fazer compreender a divindade latente que está em vós, que podeis manifestar mais do *Grande Espírito*, que podeis elevar-vos para maiores alturas e encher a vossa mente com maior verdade e maior sabedoria.

Não deveis conformar-vos com aquilo que já tenho recebido, porque só por meio do descontentamento e do desejo de alcançar mais podem vir maiores conhecimentos. *Aquele que está satisfeito, estagna: aquele que está descontente lúta por maior liberdade.*

Nunca vos dizemos: «Não useis a vossa razão: tende fé sòmente». Nós dizemos: «Usai aquilo que o *Grande Espírito* vos tem dado. Experimentai-vos. Examinai-vos. Se alguma coisa que nós dizemos é aviltante, cruel, ou imoral, então rejeitai-nos».

Se nós procuramos sempre ensinar-vos a viver vidas mais nobres, vidas de maior sacrifício próprio e de idealismo, então isso demonstra certamente que o sinal do limiar do *Grande Espírito* está estampado no nosso ensinamento.

Se levantamos uma alma, se damos conforto a alguém que de luto chora, se damos esperança a algum coração em desânimo, se damos força a alguém que está fatigado, então nada fazemos de valor ?

Pensai em muitos que a nossa mensagem perturba, que ficam perplexos e que, ligados a um credo, não podem evadir-se também; esses ouvem a voz da liberdade chamando pelas suas almas aprisionadas e as suas mentes lutam para se tornarem livres.

São aqueles a quem a mensagem é destinada e que lhes serve de incentivo para alcançarem mais do que antes podiam atingir.

Se, através dos lábios do médium quem eu me exprimo, ouvirdes palavras que revoltem a vossa razão, que contradigam o amor do *Grande Espírito*, que sejam loucura, ou um insulto à vossa inteligência, então reconhecei que o meu tempo passou e que eu fali.

Ainda que eu vos tenha falado muitas vezes, julgo não vos ter dito qualquer coisa que fosse contrária às mais altas aspirações da alma. Porque o nosso apelo é sempre para o mais alto, que está dentro de vós.

O mundo tem que aprender a salvar-se. Não há planos executados. Não há sistemas preparados, não há sistemas prontos. O vosso mundo tem que aprender. Por detrás daquilo que ele olha como manifestações de vida, há a realidade eterna do espírito, pois os filhos da matéria não são apenas seres deste mundo, mas seres espirituais exprimindo-se por corpos de matéria.

Os corpos de matéria devem ser tão perfeitos quanto possível, de um extremo ao outro, tendo todas as necessidades da vida livremente à sua disposição, como o *Grande Espírito* as teria. Então os seus espíritos devem ser livres de todos os entraves dogmáticos, de entraves de crença, de modo que não obedeçam às coisas que não têm valor real ou espiritual, de modo que trabalhem sòmente para aquilo que é verdadeiro, para que sejam abolidos os combates, as discussões e as porfias sobre os credos e dogmas que têm mantido o vosso mundo escravizado durante milhares de anos.

Pregamos o evangelho da fraternidade espiritual de todos os povos, tendo o *Grande Espírito Branco* como Pai comum.

O que ainda permanece no caminho é a concepção terrestre, as igrejas construidas sobre o erro, a usurpação de privilégios, a presunção e o poder dos tiranos, mesquinhos tiranos que conservam as rédeas na mão.

Como os nossos ensinamentos aumentam no vosso mundo, isto significa o fim de todas as separações entre as pessoas. Significa o fim das barreiras nacionais. Significa o fim das distinções de raças, das distinções de classes, das distinções de cores e de todas as distinções entre igrejas, capelas, templos, mesquitas e sinagogas, porque gradualmente todos aprenderão que têm uma parte da verdade do *Grande Espírito* e que a parte guardada como relíquia no coração de cada religião, de maneira alguma contradiz a porção que é preciosa para as outras.

Assim, em vez de aparente confusão, o divino padrão tomará a sua forma e a harmonia e a paz virão. Eu digo-vos estas coisas para que possais compreender parte do grande Plano, a parte que nós, que voltamos do mundo do espírito, representamos nele, e a parte que cada um de vós deve nele representar, antes que o vosso curso terrestre esteja corrido.

Aquilo que *nós pregamos* adapta-se a todas as ideias nobres e elevadas que têm visionado todos os reformadores, todos os santos, todos os profetas e todos os idealistas que se esforçaram sempre por prestar serviço. Porque eles foram grandes almas, os seus olhos espirituais alcançaram vislumbres da vida que podia ser, e aquela visão de beleza sustentou-os em suas lutas e adversidades. Eles compreenderam o plano do espírito que, um dia, será posto em prática e esforçaram-se por levar os filhos da matéria a servirem.

Ainda que eles fossem caluniados, ainda que tenham sido combatidos e ridicularizados por aqueles a quem ajudaram, o seu trabalho continua a viver em inúmeros templos, tal como este continuará vivendo, mesmo que muitas pessoas o esqueçam. O forte poder do espírito foi lançado no vosso mundo material e os homens não podem deter aquela poderosa maré.

O vosso mundo pensa que resolve os seus problemas com derramamento de sangue. Mas nunca nenhum problema foi solucionado dessa maneira, porque o derramamento de sangue é inútil e não conduz a porto de salvamento. Porque não poderão eles usar a razão que o *Grande Espírito* lhes deu ? Porque pensam eles que a única solução é matar o mais possível, e quem mais matar deve ser considerado o vencedor ? É um mundo estranho, o mundo em que vós viveis !

O vosso mundo necessita da nossa mensagem, a mensagem do espírito, a compreensão das verdades do espírito, o conhecimento de que há leis espirituais e um guia, ambos de cima e de dentro, de modo que nas suas perplexidades possa voltar-se para onde encontre conforto e auxílio.

Não procuramos nada para nós. Não queremos nenhuma glória. Temos simplesmente o desejo de prestar serviço, de revelar uma vez ainda as leis que

têm sido esquecidas, de modo que o mundo material possa tornar a descobrir aqueles poderes do espírito que lhes tragam nova esperança e nova vida.

Na vossa hesitação, quando os velhos padrões são rejeitados, quando as autoridades são postas em dúvida bem como o seu poder efémero, nós procuramos revelar o *Grande Espírito*, a suprema *Autoridade*, através das suas leis que nunca faliram e nunca erraram. Se o mundo material deseja aprender a ordenar a sua vida de acordo com aquelas leis, a paz e a concórdia reinarão ainda mais uma vez.

Estas coisas são parte de grande missão que todos temos de executar, para que entre as ruinas das crenças desprezadas a espécie humana aproveite alguma coisa e aprenda a separar o trigo do joio, o facto do mito, e reter aquilo que é precioso, que está guardado no relicário de todas as religiões, as grandes verdades do espírito, tanto tempo obscurecidas com a imaginação dos filhos da matéria. O poder do espírito que inspirou aqueles em dias passados, que lhes deu visão e coragem, entusiasmo e desejo de servir — estará disponível se os filhos da matéria o souberem procurar de harmonia com aquelas leis que estão ao seu alcance.

A autoridade de igrejas, de livros, de credos, está empalidecendo. Mas a autoridade das verdades espirituais permanece para sempre. Quando volto ao vosso mundo, vejo a confusão e o caos e compreendo que podem ser dissipados se a luz clara do espírito penetrar na alma dos indivíduos.

Porque preferem as trevas, quando podem ter a luz ? Porque preferem a ignorância, quando podiam ter o conhecimento? Porque preferem a superstição quando podiam ter a sabedoria ? Porque preferem os ossos mortos de um credo, quando podiam ter a verdade viva do espírito ? Porque preferem o pó da teologia, quando podiam ter as águas da sabedoria espiritual ?

Há almas cegas que andam às apalpadelas nas trevas impostas a si próprias, prisioneiras quando podiam ser livres, escravizadas quando podiam fàcilmente ser homens independentes. Mas eu receio que tenham trazido as suas cadeias demasiado tempo e estejam com medo de se descartarem delas. Um pássaro que está muito tempo engaiolado tem medo que não possa voar quando é solto.

É bom quando largam as grilhetas, mas devem ter algum caminho por onde possam andar. Nós não os queremos ver abandonados, sem um sinal. Queremo-los livres, e que saibam aonde a liberdade os levará.

Quando se está muito tempo na escravidão, há tendência, nos recentemente libertos, para não escutarem qualquer guia que vos seja oferecido. Dizeis: «Eu tenho tido muito disto. Tenho tido anos de dúvida e de perplexidade. Agora, que estou liberto, não desejo por mais tempo associar-me a qualquer religião».

Às vezes, com o repúdio das algemas, há uma violenta reacção. Eu não quero que me dediqueis demasiada atenção. A mim só me interessa a mensagem.

O vosso mundo tem-se interessado em demasia por mestres que se engrandeceram em posições exageradas e se têm esquecido de que vieram para ensinar.

A nossa missão já não é exaltar homens e mulheres em lugares de autoridade, mas revelar a verdade, o conhecimento e a sabedoria. Que importa que eu seja um mestre de grande distinção ou um simples mendigo, contanto que o selo da verdade autentique o que eu digo ? O nosso apelo já não é para nomes, autoridades e livros, mas sòmente para a razão.

Não exigimos nada que seja contrário à vossa inteligência. Nada pregamos que não seja verdadeiro, que não seja digno, que seja ignobil, que rebaixe a espécie humana. Procuramos revelar o que elevará os homens e tentamos dar-lhes uma concepção verdadeira da sua posição na vida e no universo, a sua relação com o *Grande Espírito Branco* e a compreensão do seu parentesco com os outros membros da vasta família humana.

Já não recorreremos a livros ou a mestres ou a autoridades, mas sòmente à divina Razão, e apelaremos para ela. A nossa verdade não será espalhada apoiando-se na afirmação de que está selada com a autoridade divina. Se isto viola a razão, então rejeitai o que nós dizemos.

Verificareis que apelamos para os mais elevados e melhores instintos que sòmente procuramos varrer velhas falsidades e mostrar a grande verdade, segundo a qual o homem é parte do *Grande Espírito*. O que o vosso mundo apelida de religião deve ser fundado sobre a verdade, e vós deveis procurar libertar-vos de tudo o que não resista aos assaltos da razão.

Eu sou um mero instrumento, esforçando-me por revelar as verdades que o vosso mundo tem recebido tantíssimas vezes e que depois tem perdido. Agora foi determinado que nos colocássemos na frontaria do vosso mundo material, para nunca mais se tornarem a perder.

Desta vez, lutamos para que as forças do materialismo e do egoismo não prevaleçam, de modo que possais salvar-vos do mal que vos espreita. Só a aplicação destas verdades à vossa vida diária pode afastar as tremendas catástrofes que surgem na vossa frente.

O vosso mundo está em bancarrota. Está cheio de desespero, de contendas e de amargura. A razão foi destronada e o egoismo é que triunfa. Nós procuramos restabelecer a razão, substituir o erro pela verdade e a superstição pelo conhecimento, as trevas pela luz para que os fracos encontrem força e os desamparados se mantenham intactos e os que estão cansados cobrem energias, para que os que sofrem injustiça possam ter os seus direitos.

Esforçamo-nos por revelar estas verdades não sòmente em relação com as leis do espírito, mas também em relação com as leis da matéria, porque, para nós, o mundo material é uma parte do universo do *Grande Espírito*, e vós não podeis ser «religiosos» se fordes indiferentes aos sofrimento da humanidade desesperada. Aqueles que servem são por nós considerados grandes, e o serviço que prestam não se limita a ajudar a alma a encontrar a verdade, porque há outros serviços que carecem de realização.

Há o serviço de libertar o pobre, há o de aliviar os corpos torturados, há o de combater a injustiça e a tirania, o de combater o ódio, proteger a liberdade, extinguir o mal no vosso mundo e dar ao espirito do homem uma possibilidade para exprimir-se como o *Grande Espírito* desejaria que se exprimisse.

Lamento que os filhos do *Grande Espírito* se tenham desviado a tal ponto das coisas espirituais, que tenha de se dar uma pancada

numa mesa para fazer-lhes compreender as Suas leis.

Todos vós sois partes do *Grande Espírito*. Ele disse-vos: «Aqui estão as Minhas leis e aqui, em vós, está uma parte de Mim. Além de vós, há tudo que pode ser usado para fazer um universo perfeito. Dou-vos todas as ferramentas e vós podeis escolher entre as coisas que são boas e as coisas que são más. Podeis trabalhar com as Minhas leis, ou contra elas».

Os filhos escolheram. Mas os mestres do mundo espiritual, se encarnarem nos homens materiais, têm de sintonizar-se com as vibrações do *Grande Espírito* e, por meio deles, o Seu trabalho continuará. Até aqui, os filhos têm vagueado porque são cegos para as coisas do espírito e sòmente compreendem as coisas da matéria.

Mas depois das tempestades e do vento terem soprado através do mundo, volta sempre a nova vida da Primavera. Quando a neve cobre a terra e tudo parece desabrigado, não sois capazes de ver a beleza da Primavera. Mas ela vem.

E gradualmente, como o grande sol da vida se move nos céus do *Grande Espírito*, assim a majestade da vida vem para a sua maior plenitude. No mundo material lavra um grande descontentamento. Mas virá a Primavera das fantasias e o Verão das realizações.

Isto virá depressa ou devagar, conforme os filhos do *Grande Espírito* exerçam o seu livre-arbítrio. Mas onde quer que um homem se esforce por levantar outro homem, por detrás dele haverá milhares de espíritos que tentarão auxiliá-la.

Nenhum esforço para o bem se perderá. Nenhum desejo de servir pode ser desperdiçado.

Tem que haver um pioneiro que abra caminho através da floresta e torne a passagem um pouco mais fácil para aqueles que o seguiram. Gradualmente, o caminho torna-se batido e usado e amacia.

Às vezes, no meu mundo, vejo muitos mestres a verter lágrimas, baixando os olhos sobre a loucura daqueles que um dia hão-de compreender que rejeitaram as oportunidades que tiveram de levantar os filhos da Terra. Eu vi as suas faces engrinaldadas de sorrisos, só porque algum homem desconhecido acendeu novas tochas de esperança no mundo.

Eu, como muitos outros, vou-me aproximando das vibrações da Terra para impulsionar o que está tão próximo. Eu venho para ensinar as leis do *Grande Espírito* e para mostrar-vos que, se viverdes de acordo com elas, a prodigalidade do *Grande Espírito* pode ser derramada nos vossos corações e nas vossas inteligências.

Eu só vejo um mundo cheio de sofrimento e que deve encher-se de felicidade, cheio de trevas onde haverá luz, cheio de fome onde haverá fartura. Eu vejo que o *Grande Espírito* tem provido todas as coisas e ainda há os que impedem a sua distribuição. Há obstáculos que devem ser varridos do caminho. Eu não o posso fazer. Eu não posso mesmo criticar. Só posso dizer-vos como a Lei pode trabalhar se vós, que estais encaixotados na matéria, lhe permitirdes trabalhar através de vós mesmos. Aqueles que o fazem devem desprezar as coisas da terra e mostrar os remédios do *Grande Espírito*.

Mostrai em vossas próprias vidas que conheceis as coisas do espírito, porque o poder do espírito está em vós. Se eu posso ensinar-vos as leis e como elas trabalham, então regozijo-me. Se entre nós pudermos levar a felicidade aonde havia infelicidade, conhecimento aonde havia ingorância, então pelo menos, devemos ter feito algum serviço. Não procuramos tirar-vos as responsabilidades da vossa própria vida, mas sòmente inspirar-vos a viver de modo que os homens possam conhecer que o *Grande Espírito* está trabalhando por vosso intermédio.

Entristece-me às vezes ouvir as pessoas dizer: «Oh ! sim, dar-lhe-emos pão, mas eles têm que agradecer primeiro ao *Grande Espírito*». Porque não dar o pão e não se ralar se eles agradecem ou não ? Se um homem está com fome, porque não lhe dar o pão? Ou, então, dizem: «Podeis dormir aí, mas deveis dizer uma prece».

Vós, que conheceis o Espiritismo, tendes alguma coisa que o vosso mundo não pode medir. Tendes o conhecimento sem preço das verdades do *Grande Espírito*. Tendes a compreensão de que a vossa alma está ligada com a Sua grande alma. Aprendestes como responder às vibrações dos mensageiros que o *Grande Espírito* vos envia para vos auxiliar.

Comparados com estas coisas, as coisas da matéria são meras frioleiras. Vós vivereis milhares de anos. Achareis que o vosso conhecimento e sabedoria são de maior valor para a vossa alma imortal, que as poucas coisas que o corpo de matéria procura nesse mundo.

Não julgueis qualquer coisa pelos resultados aparentes. Vós só vedes com os olhos da matéria. Se pudesseis ver com os olhos do espírito, conhecerieis que para cada filho há perfeita justiça. Algumas vezes ouço as vossas preces e as preces de outros. Eu penso que se o *Grande Espírito* fosse a responder-lhes, nem todos vós serieis felizes com o resultado.

Tenho falado a muitos que vêm do vosso mundo para o meu. Não encontrei ainda um só que dissesse (quando eles vêem com os olhos do espírito) que não tivesse sido bem servido pelo *Grande Espírito*. Há três grandes problemas no mundo material. Um é a ignorância, outro é o sofrimento e o terceiro é a miséria. Estas três coisas vós as tereis sempre até que o conhecimento do espírito concorde com os interesses particulares e os filhos da terra pensem e vivam como o Novo Conhecimento lhes mostrar.

Mas a maré de vitória rola para a frente. A velha ordem morre, dando lugar à nova. O Novo Mundo está a chegar. Mas não pensem que por causa desta vitória deixará de haver mais lugares escuros. Haverá ainda muitos derramamentos de lágrimas. Haverá muitos corações a sofrer. Há muito sacrifício a fazer.

O que faz parte do *Grande Espírito* não pode ser aperfeiçoado sem sacrifício. Vós não podeis reconstruir, a não ser que deiteis abaixo. Em tempo de grande desastre material, as pessoas do vosso mundo principiam a examinar as fundações das coisas do espírito. Quando todas as coisas da matéria tenham falhado, eles olharão para um junco, a fim de se agarrarem, e olharão para o íntimo dos sistemas que têm sido experimentados, todos eles deficientes.

Então as verdades do espírito começarão a emergir e principiarão a construir o seu novo mundo — um mundo onde as leis do *Grande Espírito* representarão a sua parte adequada. Até que façais isto, haverá sempre grande perturbação.

MARIA GONÇALVES DUARTE SAN

Continuam as referências da imprensa estrangeira a Maria Gonçalves Duarte Santos, que foi nossa companheira de todas as lides.

O Jornal Espírita, *do Rio de Janeiro, escreve o seguinte, encimando uma grande foto da homenageada:*

«*Em Janeiro deste ano, desencarnou em Cebolais de Cima, Portugal, a sr.ª D. Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga Directora da excelente revista* Estudos Psíquicos *que se edita em Lisboa, esposa e colaboradora do operoso confrade luso, 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, actual director, editor e proprietário da citada revista. Devotada cultora da Doutrina, esposa modelar, mãe carinhosa, com uma brilhante folha de realizações cristãs, D. Maria Gonçalves Santos de há muito conquistou a admiração e a veneração dos profitentes da Terceira Revelação, mesmo além das fronteiras da sua pátria. Espírito invulgar, carácter diamantino e cultura invejável pela solidez de elevada formação espiritual, a querida e eternamente lembrada companheira do director de* Estudos Psíquicos *deixou nas duas pátrias irmãs um rasto de brilho indelével, marcando a passagem de um espírito aureolado pelo Bom Serviço à Causa da Cristandade.*

«Jornal Espírita, *que vem acompanhando as brilhantes realizações do dinâmico confrade Isidoro Duarte Santos, realizações que foram sempre iluminadas pelo estímulo de sua querida esposa — indomável obreira da Seara do Mestre — envia àquele irmão e amigo o nosso compromisso de pedir ao Pai, em nossas humildes preces, muita luz ao espírito de Maria Gonçalves, para que ele — segundo os altos desígnios celestes — continui a assistir à obra redentora dos que difundem o Evangelho de Jesus nas fecundas terras de Portugal.*»

Também La Idea, *de Buenos Aires, ilustrou o acontecimento com a fotografia da homenageada, à qual dedicou o artigo seguinte:*

«*As dificuldades que encontra a correspondência de Portugal deu motivo a que só muito tarde soubéssemos da desencarnação da esposa do nosso ilustre colaborador e representante em Lisboa, Isidoro Duarte Santos. Com efeito, no dia 4 de Janeiro, após rápida doença que a atacara poucos dias antes, desencarnava esta irmã espiritual, perdendo os seus companheiros de luta um valiosíssimo elemento de acção, assim como a companhia de uma alma cheia de bondosos encantos e de capacidade inestimável de trabalho.*

«*Foi com seu marido, nosso colega, uma activíssima obreira do ideal espírita no Centro «Luz e Amor». Notável médium dotada de subtilíssimo sentido prático, soube imprimir à sua acção nesse círculo uma efectividade dificilmente ultrapassada.*

«*Na revista* Estudos Psíquicos, *órgão daquela instituição e arauto espiritualista de volume respeitável, cheio de valiosas contribuições ao estudo da alma, também ela colaborava, resolvendo com o seu bom senso todas as dificuldades que estas publicações atravessam, a ponto de convertê-la de tímida expressão publicitária, como fora a sua aparição em 1939, no baluarte das ideias do Além, como é na actualidade.*

«*Muitas eram as suas virtudes, tais e tantas, que não caberiam no curto espaço de que dispomos, a ponto de levar um dos que bem a conheceram — Leygarda Ferreira — a escrever:* Embora saibamos que a morte é uma simples pasagem, simples transpor de uma margem para a outra, nós, os que ainda vivemos na terra, não conseguimos evitar o pungir da saudade, quando um espírito do seu quilate se liberta e voa a caminho dos mundos superiores, das regiões de luz, onde, por certo, tem o seu lugar.

«La Idea, *em seu nome e no da Confederação Espirita Argentina, envia ao correligionário despojado do seu melhor elemento de luta, da sua inspiradora, a sua expressão de alento para que continui no que ainda lhe resta realizar, trabalhan-*

TOS E A IMPRENSA ESTRANGEIRA

do sem desalento, como tem feito até hoje».

Survie, *órgão da* Union Spirite Française, *de Paris, escreveu também as seguintes palavras, sob o título: «Os que nos precedem»:*

«D. Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa de Isidoro Duarte Santos, Director de Estudos Psíquicos, *importante revista espirita portuguesa, desencarnou em 4 de Janeiro de 1950. Trabalhava com seu marido na obra tão útil de difusão para os espiritas portugueses. Do Além, ela se esforçará e auxiliará o seu companheiro, a quem apresentamos fraternas condolências».*

La Revue Sipirite, de Paris, *dedicou-lhe também as palavras que passamos a transcrever:*

«O nosso amigo Isidoro Duarte Santos. o activo director da excelente revista portuguesa Estudos Psíquicos, *de Lisboa, acaba de sofrer o humano desgosto de perder a sua companheira, D. Maria Gonçalves Duarte Santos. Desencarnou em 4 de Janeiro último, depois de ter sido uma digna esposa e uma propagandista zelosa do nossa causa.*

O número de Janeiro de Estudos Psíquicos *expõe a largos traços a vida desta alma altiva e generosa, sempre acolhedora e compassiva para com as angústias humanas.*

D. Maria Gonçalves Duarte Santos colaborou em numerosos periódicos da América do Sul e dirigiu o Centro Espirita «Luz e Amor». O Espiritismo e os nosos investigadores devem-lhe muitos serviços. Mais do que outros, ela poderá gozar no Além a paz prometida aos corações de boa vontade. Elevemos para ela o pensamento agradecido, certos de que, dentro em breve, continuará no mundo espiritual a nobre tarefa que aqui empreendeu.

No embaraço em que o mergulhou esta brusca separação, que o nosso amigo Isidoro Duarte Santos encontre aqui a expressão vivíssima da nossa fraternal simpatia, e do nosso director e dos nossos redactores, entre os quais se encontra o nosso querido Louis Fourcade, especialmente encarregado das nossas relações com os países de língua portuguesa e castelhana».

Eis como O clarim, *de Matão, S. Paulo, se refere ao assunto:*

A conhecida e apreciada revista Estudos Psíquicos, *que se publica em Lisboa, Portugal, revista que conta apreciável número de assinantes no Brasil, em sua edição de Janeiro último publica a notícia do passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, querida esposa do nosso amigo e confrade Isidoro Duarte Santos, director da referida revista.*

Não tivemos a ventura de conhecê-la pessoalmente, mas através do noticiário ficamos sabendo que D. Maria Gonçalves Duarte Santos prestou grandes serviços à Doutrina. Espirita invulgar, culta, inteligente, serviçal, não media sacrifícios no cumprimento dos seus deveres cristãos. Fundadora de Estudos Psíquicos *e directora do Centro Espiritualista Luz e Amor, teve oportunidade de pôr em acção, em benefício da difusão da Doutrina e dos seus semelhantes, o vasto cabedal espiritual, moral e intelectual que possuia, razão por que se tornou estimada de todos quantos tiveram a felicidade de conhecê-la.*

Com o passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, ocorrido no dia 4 de Janeiro em Cebolais de Cima, sua terra natal, um grande claro se abriu na fileira espirita, claro que dificilmente será preenchido, em face da escassez de bons trabalhadores.

Que Jesus proporcione a este Espírito Superior maiores probabilidades de progresso, permitindo-lhe que nos ilumine e nos ajude na difusão da Verdade.

As quatro publicações amigas agradecemos as palavras de justiça que escreveram a respeito de uma grande lutadora que tombou no seu posto e que do Além nos está enviando os primeiros auxílios.

O Livro «Pierino Gamba»
e a crítica brasileira

Sobre esse extraordinário maestro italiano que, com 11 anos apenas, assombra o mundo artístico de nossos dias, acabamos de ler, com muito interesse, a obra admirável de Isidoro Duarte dos Santos — «Pierino Gamba — O Menino Maestro, à Luz de Nova Psicologia».

Estudo de fôlego, em 174 páginas, que nos vêm comprovar, com argumentos lógicos, a realidade da reencarnação. O Tenente Isidoro Duarte Santos, Director da revista portuguesa «Estudos Psíquicos», quis, com o seu trabalho fecundo, oferecer subsídio seguro aos estudiosos sobre esse menino invulgar.

Orientado por trabalho útil e feliz, o escritor luso registou a passagem luminosa de Pierino Gamba em Lisboa, onde regeu magistralmente, no Coliseu dos Recreios, a Grande Orquestra Sinfónica Nacional, da sempre culta e histórica capital da Pátria de Camões.

Tese de subido valor. Incontestàvelmente, o autor escolheu nessa tarefa o modo de tornar clara, mais uma vez, a verdade dos factos, que todos os dias estão a chamar os homens para a razão forte do seu destino.

Expõe com clareza a lógica das vidas sucessivas. E Pierino Gamba só pode ser apreciado sob esse prisma que esclarece e mostra-nos que nada há de sobrenatural nos acontecimentos da vida somática.

E sòmente pela reencarnação se pode compreender, de perto, a precocidade dos que assombram o mundo com suas manifestações artísticas, culturais e científicas.

O nosso querido e talentoso confrade Isidoro Duarte Santos soube estabelecer as premissas entre as opiniões surgidas; criticou com acerto a questão de hereditariedade, demonstrou as conclusões inexactas da psicanálise; assomou, por fim, numa conclusiva robusta, no vértice de todas existências.

Sòmente quem se apercebe desses factos poderá sentir que há, nessas manifestações, a mediunidade de um lado a mostrar maravilhosas realizações artísticas.

E como emociona pensar na misericórdia de Deus! Como emociona sentir que um menino de calças curtas, criança de 11 anos apenas, conduz orquestra com segurança de um decano da batuta!...

E como isso vem para confundir os sábios presunçosos, documentando que Pierino Gamba é mais completo! Sem uma partitura à frente de seus olhos, sem um gesto dúbio, tendo, às vezes, sob sua responsabilidade cerca de 200 executantes, na maioria encanecidos, afirma seus gestos, como se o sexto sentido lhe fosse mais educado, para relembrar páginas de Beethoven numa 5.ª Sinfonia; de Listz nas suas acrobacias sonoras; de Bach na sua ficção pitórica e tantos outros imortais da DIVINA ARTE com suas características e personalidades!... Ainda mais: confunde e deixa todos perplexos a autoridade, a compenetração do «menino-maestro».

Assim fala sobre o músico portentoso o autor do livro de nossa referência nesta crónica. Os grandes mestres contemporâneos estão confusos mais uma vez em face dessa realidade extraordinária. É convite para que eles estudem o «porquê» das causas. No entanto, preferem externar opiniões pessoais e destituidas de penetração e observação. E Isidoro Duarte Santos tornou-se correcto e firme em mostrar esse infante à luz dos princípios reencarnacionistas.

Já conheciamos o beletrista lusitano através de seus artigos que definem atitudes e conhecimentos; sentímo-lo depois como o intérprete sem preconceitos do Evangelho, quando em «Luz no Caminho» fala da Doutrina do meigo Nazareno com a candura dos abnegados, com a sinceridade dos crentes, com a limpidez dos clássicos. Agora viemos estar mais de perto com a multiformidade de sua cultura.

O livro que escreveu em cerca de 10 dias sobre a personalidade e psicologia de Pierino Gamba é mais do que a apresentação do jornalista, bem mais ainda do que o escritor original. Sim, porque, por essa obra, o distinto com-

panheiro de ideal aparece-nos como o expositor sereno. E analisa... E observa... E expõe os princípios doutrinários da 3.ª Revelação, demonstrando factos numa argumentação maciça.

Felizes dos que conseguem externar seu pensamento nesse terreno sem sair da conduta dos mais esclarecidos. É trabalho árduo, sem dúvida, mas que vale por cooperação na Seara onde há muitrabalhadores!

Enfim — «Pierino Gamba — O menino-maestro à Luz de Nova Psicologia» — de Isidoro Duarte Santos, é um livro que deve ser lido por todos aqueles que se interessam por assuntos de descortinio da vida evolutiva. E depois que lerem esse trabalho, concluirão, como nós: — 174 páginas magistrais!... Que livro útil e como orienta e ensina a gente! — Agnelo Morato.

(De A Nova Era, de Franca, Estado de S. Paulo).

★

Esse novo livro, devido à pena cintilante do escritor português e nosso confrade de doutrina, Isidoro Duarte Santos, ele o escreveu em 12 dias, na pressa com que se viu compelido a intervir no assunto e tornar público o seu depoimento sobre o «caso» do menino maestro Pierino Gamba. Caso, na realidade, lògicamente inexplicável dentro dos cânones da ciência que se aprende nas academias. O garoto italiano, posto não tenha completado ainda uma dúzia de anos, vem há tempos fazendo delirar de admiração e entusiasmo o culto público de vários países europeus, inclusivé as maiores sumidades musicais, graças à sua autêntica genialidade como dirigente de orquestras. Em Lisboa, ele deu mostras de sua prodigiosa virtuosidade, no começo deste ano, exibindo-se perante enormes e selectos auditórios, nos principais teatros, a comandar, de batuta em punho, equipes de professores e mestres na arte musical, logrando, assim, os mais ruidosos triunfos. Os bilhetes eram disputados a alto preço, e, todavia, para adquiri-los tinham os interessados que encomendar com uma semana de antecedência. Foi, realmente, um acontecimento inédito que empolgou e encheu de assombro a distinta sociedade portuguesa.

O génio precoce desse músico de calças curtas suscitou acesos e prolongados debates pela imprensa de Lisboa. Todos pretendiam explicar, em consonância com seus pontos de vista e baseados em teorias várias, a exuberância daquele talento artístico. Não faltaram na arena da discussão, além dos críticos musicais de maior renome, o médico espiritualista e o sábio psiquiatra. Cada qual a seu turno aventou uma explicação para o «caso», mas um a um tiveram que ceder à dialéctica de ferro que dá vigor irresistível ao livro «Pierino Gamba — o menino-maestro à luz de nova psicologia». É que o seu autor, figura de vanguarda no movimento espirita português, dono de uma cultura das mais opulentas em toda a Europa espirita, nas 174 páginas da obra desenvolveu, com admirável segurança e a mais alta erudição, a tese da preexistência do espírito e suas voltas sucessivas ao aprendizado na carne, elucidando destarte o que aos antagonistas desta doutrina se afigurava um enigma inextricável:

«O espírito humano — com efeito — não é de hoje nem de ontem. Vem dos séculos para os séculos. Pierino Gamba é um trabalhador do progresso. Seu corpo tem 11 anos, mas o seu espírito tem milénios. Pouco lhe foi transmitido pelos pais, além dos caracteres físicos que o distinguem zoològicamente. Toda a sua inteligência é obra sua, do seu trabalho de muitas vidas. A tendência musical e o ouvido privilegiado são resultante de vidas passadas entregues ao ideal artístico do seu coração».

Esse, pois, o livro preciosíssimo, excepcional, que a pena adextrada do director de «Estudos Psíquicos» produziu em menos de duas semanas para ilustração dos mais doutos. Resta que Isidoro Duarte Santos concretize a sua promessa de realizar uma edição especialmente para o Brasil, pois o público de cá bem merece ser contemplado com essa dádiva inestimável do seu privilegiado talento.

(De «Luz da Verdade», de Salvador, Baía).

★

Isidoro Duarte Santos, o infatigável director de «Estudos Psíquicos Editora», com sede na capital portuguesa, acaba de nos ofertar mais um livro de sua autoria. Entusiasmado com o Grande-pequeno Maestro», surgido nos últimos tempos na Itália, a fim de aumentar a convicção dos reencarnacionistas, provocar comentários nos meios materialistas e confusão no seio dos defensores da hipótese de uma única existência terrestre, escreveu uma apreciável obra em torno do mesmo. O livro tem o título: «Pierino Gamba, o Menino-Maestro, à Luz da nova Psicologia». Disse o Autor que a obra foi escrita para profanos, porém, somos de opinião que os espiritualistas muito lucrarão com a sua leitura. Novas luzes obterão. De minha

parte não me contentei dedicar apenas algumas horas para a sua leitura e sim vários dias, chegando à conclusão de que o assunto é assás interessante, merecendo muita atenção.

Afinal de contas, quem é esse menino de 11 anos de idade, o prodígio surgido no «seculo das luzes», ao qual, tanto a imprensa, como as estações de rádio, têm tecido os mais diferentes comentários e tantas dúvidas tem levantado? Um génio? Inteligência precoce? Um privilegiado pelo Poder Supremo ou a volta à Terra de um espírito no cumprimento da Lei: «Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre?» Sim, Pierino Gamba, o garoto prodígio, vem sacudindo o velho edifício da ciência materialista, prestes a desmoronar com o sopro ciclópico do Espiritismo à luz da Terceira Revelação. Tem o pequeno Maestro mexido com os miolos de muita gente boa, mormente dos que têm tido a ventura de assisti-lo regendo as maiores e mais afamadas orquestras do mundo.

Isidoro Duarte Santos, defende com muita felicidade a tese sobre o assunto e conclui o seu apreciado livro, com as seguintes palavras: — «Estamos em erro? Não conseguimos defender a tese que levantámos? Dêem-nos outra melhor, repetimos, que ao mesmo tempo satisfaça o coração e o raciocínio. Nessa altura daremos a mão à palmatória e renegaremos a fé que abraçámos, certos de que nela residia a verdade de um problema que durante muitos anos desconcertou a nossa razão e a nossa inteligência». — Filipe Soares de Melo.

(De Natal Espirita, de Natal, Rio Grande do Norte).

A PERDA DE UM ENTE QUERIDO

por ANTÓNIO J. MARTINS

(Correspondente na África Equitorial Francesa)

A vida neste mundo é uma sucessão contínua de ilusões, de dores e amarguras. A felicidade, meigo estado de alma a que todo o ser aspira, nunca é completa na Terra. Sempre espreitada pela dor, como a planta o é pela estiagem, a sua vida é sempre efémera. É miragem que apenas entrevista logo se perde, na ilusão de um doce lago em que a pobre alma humana desejaria banhar-se eternamente. Sinónimo de suprema sabedoria, a felicidade só é acessível ao Divino e não aos ainda sujeitos à condição humana. A felicidade não é deste mundo; paira mais alto, muito para além da nossa esfera e é atributo sagrado dos imortais. Aos terrenos, só é dado entrevê-la para logo a verem fugir, qual ilusão a deixar na alma o sulco profundo da saudade...

A Isidoro Duarte Santos coube agora a vez de passar por este doloroso momento da vida dos seres. Quando será a nossa vez? Pergunta, cuja pungente resposta mais vale deixar no olvido.

D. Maria Duarte Santos, cujo prematuro desaparecimento da cena terrestre a todos surpreendeu, é das almas que, por seus méritos já sobejamente conhecidos, pelo talento e pelo desinteresse postos ao serviço da mais nobre das causas, por suas virtudes de esposa e dedicada companheira do valoroso defensor do ideal de Jesus tão querido, como o é o meu querido amigo Isidoro Duarte Santos, é sem dúvida uma alma de escol e de acentuada evolução espiritual.

Não venho fazer aqui o elogio fúnebre de D. Maria Duarte Santos. Já está feito por todos os que viram a sua obra e bem melhor que a minha pobre pena o poderia fazer. Venho tão sòmente prestar homenagem ao seu nobre espírito e rogar-lhe que lá dos páramos siderais onde passou a viver, continui a sua benéfica luta em prol da espiritualização humana.

Para Isidoro Duarte Santos a luta não terminou; aparece agora mais áspera, mais difícil e mais trabalhosa na solidão ingrata de um lar donde desapareceu a luz que o iluminava e a flor que sobremaneira o adornava. Quem, como eu, comunga no mesmo ideal das virtudes familiares e cristãs e que, como Isidoro Duarte Santos, tive a dita de ter por companheira a mais adorável das esposas, melhor compreende e mais duplamente sente a perda que ele sofreu.

A dor vem fortificar as almas; é através dela que se forjam os génios, os herois e os santos, e que o culto de Deus e do espírito é elevado ao sublime. Do fundo da alma desejamos — já que não foi possível evitar a dor —, que Isidoro Duarte Santos a aproveite no seu mais sublime significado, a bem do seu torturado espírito e dos Irmãos que o assistem neste doloroso transe.

Notas & Comentários

«CENTRO ESPIRITA 18 DE ABRIL»

O «Centro Espirita 18 de Abril», do Rio de Janeiro, é um núcleo selecto que impõe a doutrina e ao qual temos feito justíssimas referências. Estamos de acordo com a sua orientação. Quem assiste às magníficas lições que lá se ministram, através de novo e lógico sistema, sai com a impressão de que o Espiritismo é coisa muito séria.

Pois agora chega-nos às mãos parte do Relatório do presidente desta agremiação com lisongeiras referências à nossa revista. Diz assim:

«Quero registar neste relatório os agradecimentos e os louvores do Centro Espirita 18 de Abril à revista «Estudos Psíquicos», veículo de cultura espirita no mundo latino, orgão animador da amizade e compreensão entre os espiritas luso-brasileiros, pelo muito que fez em benefício deste Centro. «Estudos Psíquicos», de lá, do longínquo Portugal, acompanha os estudos do «18 de Abril» e transmite a todos o alento espiritual de que tanto carecemos, quando estamos empenhados em trabalhos de tal ordem. Aqui ficam, por dever de gratidão, as homenagens do Centro «18 de Abril» à grande revista «Estudos Psíquicos», na pessoa do querido confrade Isidoro Duarte Santos e de seus companheiros».

Desvanecidos, agradecemos tão amáveis palavras, que nos servem de antídoto contra a incompreensão de outros que nos actos mais simples procuram ver o que não existe.

PREVISÃO DA MORTE

O Diário de Notícias *publicou a seguinte nota proveniente do Ameixial, concelho de Loulé, datada de 30 de Abril:*

«O sr. Francisco Luiz, de 62 anos, casado, residente no sítio dos Cavalos, desta freguesia do Ameixial, anunciou há poucos dias à esposa que morreria antes do 1.º de Maio.

«— Manda chamar os nossos filhos que estão ausentes — disse ele —. Quero vê-los todos reunidos pela última vez.

«A esposa não ligou importância à conversa do marido, nem lhe satisfez o desejo, tanto mais que ele estava de perfeita saúde. O Francisco Luiz foi a casa do homem que fazia os caixões, tirou a medida a si próprio e à obra que tinha entre mãos e, como lhe servisse, mandou-a pôr de reserva. Anteontem, depois do jantar, reuniu os filhos mais novos que tinha em casa e rezou com eles algumas orações. Findo o acto, os filhos foram deitar-se e momentos depois o Francisco Luiz já não pertencia ao número dos vivos, vítima de uma congestão cerebral. Cumprira-se a previsão. O seu funeral realizou-se ontem».

Há muitos fenómenos deste género incluidos nos livros da especialidade. O professor Ernest Bozzano coligiu uma série deles. Já lhes temos feito referência.

Publicamos esta local a título de informação, tal como veio no diário lisbonense, que se limitou à narração do facto, sem aduzir comentários. Foi melhor assim. Quando os profanos se pôem a comentar, é asneira pela certa. Por isso, mais vale bem fiz eu do que se eu soubera.

«O NOSSO»

Aqui está um mensário interessante, que se publica no Rio de Janeiro como orgão oficial da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. O n.º 32, que temos presente, relativo a Abril próximo passado, traz 12 páginas de grande formato e insere variada e selecta colaboração, além de muitos artigos e noticiário espirita.

É seu director-gerente o nosso confrade Sérvulo Francisco da Silva, tendo como redactor-chefe e redactor-secretário, respectivamente, João Alfredo de Mendonça e José de Lima Viana.

A Fraternidade Eclética está optimamente representada. Fazemos votos pelo triunfo de suas ideias.

Que O Nosso *continui a circular como arauto de uma agremiação espiritualista que perfilha alguns dos nossos postulados e que encontre cada vez maior facilidade na sua marcha progressiva.*

A OPINIÃO DOS OUTROS

Muitas têm sido as referências feitas à nossa revista, por confrades, orgãos de propaganda e agremiações de muita espécie. Algumas foram registadas nestas colunas; outras fazem parte de nosso arquivo particular. Mas todas nos desvanecem profundamente. Todas nos dizem que temos cumprido o nosso dever.

Agora, foi a Alvorada de Uma Nova Era, *de S. Paulo, que, ao referir-se à nossa publicação, o fez da seguinte maneira: «...essa ultra moderna revista espirita portuguesa* Estudos Psíquicos, *que se pode reputar uma das melhores existentes na face da terra».*

Referências tais emocionam pelo inesperado e compensam-nos da miopia dos que têm medo que lhes atravanquem o caminho.

Meditem visto os novos Ca- Podem estar tranquilos. Nós desejamos o bem de todos. O campo é muito vasto e nele cabemos à vontade, sem nos pisarmos uns aos outros. Estudos Psíquicos *é uma revista independente e tem um director responsável. A sua divisa é pregar doutrina e dignificar a Causa. E quando lho permitem, ajuda os que necessitam de amparo, sem curar de hegemonias.*

O que se escreve a respeito, mais aumenta o peso da nossa cruz. É tão fácil imitar o trabalho desta revista! É tão fácil! É um ovo de Colombo como outro qualquer. Estudo, equilíbrio e bom senso, nada mais é preciso para fazer uma «revista espirita ultra moderna».

Ai fica um convite aos que desejam estrada larga. A nós, basta-nos um cantinho sertanejo onde caiba a nossa pena. O resto é com o progresso, que leva a palavra escrita às serras e aos vales, a velhos e novos continentes.

Meditem nisto os novos Catões e terão azeite para a candeia.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA NOTÁVEL EXPERIÊNCIA

O grande cotidiano *Sud-Ouest*, de Bordeus, relatou em 3 de Fevereiro último um fenómeno importantíssimo observado na *Association Bordelaise d'Etudes Métapsychiques*, graças às faculdades de Francis Prade.

Diz o jornal que esta Associação foi criada o ano passado pelo engenheiro René Pérat e continua a trabalhar cientìficamente. Depois fala na experiência. Eis as suas palavras :

«Logo que observou as faculdades mediúnicas do sr. Francis Prade, a Direcção organizou uma experiência muito interessante que resumimos para os leitores que se interessam por estes problemas.

«No dia 6 de Janeiro, os membros da Direcção escreveram vinte números em papeis, que foram metidos num chapéu. Cinco são tirados à sorte; e, sem ninguém olhar, metem-nos num sobrescrito, imediatamente fechado e selado. Os restantes números são queimados. Portanto, há no sobrescrito cinco números que niguém conhece. O sobrescrito é rubricado pelas pessoas presentes, a fim de evitar qualquer substituição, e enviado no domingo seguinte ao sr. Prade.

«Fez-se então a combinação seguinte: Como aquela Sociedade se reunia no Ateneu todas as quartas-feiras, numerar-se-iam 20 cadeiras das duas primeiras filas, segundo uma ordem estabelecida, de modo que o sr. Prade a conhecesse. Os números seriam escritos debaixo das cadeiras, para que ninguem os visse.

«O sr. Prade abre o sobrescrito em casa, a sessenta quilómetros de Bordeus, toma conhecimento dos cinco números e exerce a vidência sobre cada um. Vê o salão. E, conhecendo a ordem da numeração, concentra as faculdades na cadeira que tem o número correspondente. Depois, por escrito, toma nota do que vê e descreve as pessoas que se sentarão naqueles lugares dois dias mais tarde, na quarta-feira, 10 de Janeiro, dizendo se seria um homem ou uma mulher, descrevendo-lhe o aspecto físico, as particularidades do vestuário e a sua personalidade moral.

«Pois bem; no dia citado os associados vieram sentar-se nos lugares convencionados, sem saber que as cadeiras estavam numeradas e ignorando tudo acerca da experiência. Durante a reunião, comunicou-se o facto aos assistentes e o sr. Prade leu as notas escritas em sua casa, dois dias antes... *notas que correspondiam exactamente às pessoas sentadas nas cadeiras que tinham os números.*

«Esta bela experiência, que prova o extraordinário poder de vidência de certos indivíduos privilegiados, ultrapassa a experiência tentada há muitos anos no *Instituto Metapsíquico Internacional*, de Paris, com o célebre médium Pascal Fortuny, e constitui um importante resultado da *Association Bordelaise d'Etudes Métapsychiques*, cujo método notàvelmente objectivo lhe permite entrar nos domínios das ciências.

La Revue Spirite, de onde extraímos o relato, não faz comentários, por lhe parecerem inúteis no momento. Nós também os não fazemos. *Sud-Ouest* falou muito claro, para que necessite das nossas achegas.

UM CASO DE MATERIALIZAÇÃO

Segundo narra o *Psychic News* de 22 de Abril, os componentes de um grupo espirita familiar verificaram as extraordinárias faculdades de Leslie Flint, o conhecido médium de voz directa, quando ali se materializou parcialmente um espírito na presença de seu pai, que lhe iluminou o rosto com luz vermelha para evitar qualquer erro de identificação.

— o momento em que lhe vi o rosto de perfil, tive a certeza de que era ele— disse o sr. H. J. MacDonald —. Depois, virou o rosto para a frente. Foi quando projectei a luz. Era o meu filho ! Não havia dúvidas !

Além dos fenómenos de voz directa, já habituais nas sessões de Flint, produziram-se outros, quando «Mickey», o guia do grupo, pediu que dessem as mãos e formassem um círculo magnético à volta do médium.

Começaram então as materializações. Junto ao médium havia fachos luminosos que flutuavam da esquerda para a direita e que foram o prelúdio da materialização de um rosto voltado para a sr.ª MacDonald. Ao mesmo tempo uma voz se ouviu, dizendo ser Angus, filho do casal MacDonald, e perguntando se o seu rosto era reconhecível.

Quando Angus foi reconhecido pelos pais, sua irmã Jean também tentou materializar-se. No momento em que se apresentaram juntos não havia luz suficiente para assegurar o reconhecimento. Mas Angus materializou-se novamente e seus pais viram-lhe novamente o rosto iluminado.

— Meu filho falou-me e beijou-me ! — disse a sr.ª MacDonald —. Foi uma coisa maravilhosa !

Durante a sessão ouviu-se também uma rapariga a cantar, ao mesmo tempo que se movia à volta dos assistentes. Cantava em língua estrangeira e declarou ser Mickey, uma javanesa que tinha sido dançarina num templo.

O sr. MacDonald obteve ainda outra prova de sobrevivência. Com o médium em transe, uma voz dirigiu-se àquele sr. e chamou repetidamente:

— Saku !... Saku !... Lagos ! 1902 !

O sr. MacDonald elucidou que Saku era um rapaz de côr que trabalhava com ele em 1902-1903, num barco da *Eastern Telegraph C.º*. E acrescentou:

— Conheci-o muito bem e gostava muito dele.

A transfiguração do médium provou a comunicação de várias entidades espirituais.

TRAGÉDIA REVELADA POR UM ESPÍRITO

A grande médium inglesa Estelle Roberts continua a dar assombrosas manifestações de clarividência nos salões londrinos. No seu género, não há outra que se lhe compare. Cremos mesmo que não há instrumento mediúnico que reuna tantas e tão preciosas faculdades: clarividência, clariaudiência, psicometria, incorporação, diagnóstico, mediunidade, escrita automática e voz directa, materialização, levitação e fotografia. Tudo isto reune Estelle Roberts, verdadeira maravilha psíquica que tão belos serviços prestou ao sábio pesquisador Oliver Lodge.

O relato que se segue foi extraído do conhecido semanário londrino *Psychic News*, de 15 de Abril último.

A sr.ª Howard encontrava-se num iate e era esposa de um jornalista que só voltaria de madrugada. Como o barco baloiçasse muito, deu-lhe mais linha e veio para o convés, escorregando no orvalho e caindo à água. Quando o marido voltou, organizou-se uma busca e ao romper da alva encontraram o cadáver em Hadleigh Marsh.

Isto passou-se há 25 anos e foi lembrado agora, através da comunicação da sr.ª Howard transmitida em pricípios de Abril por Estelle Roberts, no *Victoria Hall*. A médium acrescentou que o corpo tinha sido levado para uma cabana e que um sapato se havia extraviado.

O sr. Hiscock, morador em Rasleigh House, 53, W. C. 1, e a quem a mensagem era dirigida, invocou a tragédia e a particularidade da cabana, afirmando que a observação do sapato era verdadeira, pois, como proprietário do «Robin Hood», ancorado perto do iate da morta, e amigo íntimo do jornalista, conhecia de perto o assunto. O espírito comunicante chamou-o pelo seu nome próprio (Bert), dizendo que convivera de perto com ele.

Manifestaram-se também alguns amigos e parentes deste senhor, incluindo duas irmãs (Lily e Edith), um cunhado (James Henry) e Mary Anne. Todos foram reconhecidos. A médium continuou a falar do grupo particular do sr. Hiscock, mencionando sinais que ali eram recebidos e uma pretinha que frequentemente se manifestava. Apenas falou nesta criança, indicou uma senhora sentada ao lado do sr. Hiscock e que tinha por ela grande afeição.

No final desta mensagem o sr. Hiscock anunciou que no seu Grupo lhe tinham anunciado que lhe revelariam este acontecimento numa sessão pública.

A extraordinária médium
ESTELLE ROBERTS
numa sessão de clarividência

Em seguida, Estelle Roberts dá uma comunicação muito pormenorizada, destinada à sr.ª Lytton Sykes, de Acton, Londres, W. 3. Dirigindo-se àquela senhora, informou-a que estava presente o espírito de seu marido. A viúva confirmou que seu marido havia desencarnado. Estelle acrescentou que ele estava muito emocionado por ser a primeira vez que comunicava. Diz também que a sr.ª Sykes vivia com uma irmã viúva. Tudo foi confirmado. A médium falou depois de uma fotografia do marido da sr.ª Sykes, que esta guardava, ora num livro, ora numa gaveta, quando vivia em Cheltenham e acrescentou que o sr. Sykes dizia que as suas pernas estavam agora boas.

Seguiram-se numerosos factos que deixaram a assistência surpreendida.

— Lembra-se de Taylor, que tinha uma tabacaria em *High Street*, em Cheltenham ? perguntou a médium à mesma senhora.

— Lembro.

— Pois o seu marido diz que o encontrou e pede-me que pergunte à senhora se se lembra da sr.ª Marshall (Alice). Recorda-se de visitar esta senhora há muitos anos? A casa dela não se chamava *Casa do Loureiro ?* Tinha um loureiro à frente...

A sr.ª Sykes ficou tão admirada, que não conseguiu responder e confirmou tudo com um gesto de assentimento. E a médium continuou:

— Seu marido diz que no n.º 4.º costumava estar um homem à porta, quando visitavam Alice... Chamava-se Williams e diziam que se parecia com Lloyd George.

Tudo isto era verdade. A evidência dos factos tornou-se tão notável que, para eliminar qualquer dúvida que surgisse, Estelle Roberts perguntou à sr.ª Sykes se não era aquela a primeira vez que se encontravam, ao que a mesma repondeu afirmativamente.

Estes factos eram surpreendentes. Mas o que se segue ultrapassou tudo. Em certa altura, a médium dirige-se à sr.ª Sykes e transmite-lhe a seguinte mensagem do marido:

— Pergunte a minha esposa se se recorda de um pequeno golpe que há muitos anos fiz na coxa. Meti um canivete aberto no bolso e escorregou-me para as calças, cortando-me a perna.

— É absolutamente certo — exclamou a sr.ª Sykes.

E a médium conclui:

— Esta prova é positiva ! Podem-lhe falar de John e Mary, mas o que a senhora deseja são factos. Eu gosto de pormenores como a senhora. Não se esqueça disto !

Os mistérios que a vida encerra ! São tantos e tão variados !

Noticiário

TEATRO ESPIRITA

O teatro espirita é uma forma de propaganda pouco usada em Portugal, embora a Federação Espirita Portuguesa tivesse pensado nela a sério ao construir o edifício da Rua da Palma, dotando-a com palco magnífico e bela máquina de projecções.

Estas palavras vêem a propósito da 1.ª representação no Instituto Espiritualista Português da peça espirita em 3 actos «Luz na Alma», do nosso redactor Álvaro Ramos Pereira.

Bem idealizada e estruturada, a peça desenvolve-se naturalmente, com grande interesse dos espectadores, sempre presos ao assunto e deliciados pelos diálogos expressivos que o autor escreveu com mestria, no intuito de extrair deles o melhor efeito teatral.

As personagens foram arrancadas à vida. Não são bonifrates que falam em verso ou em estilo rebuscado. São almas que labutam, que procuram os seus caminhos, que têm seus frémitos e suas angústias. O destino humano é um painel de fundo que domina as cenas todas, desde a morte de Leonor até à sua aparição ao pai incrédulo que acaba por ajoelhar contrito ante a realidade esmagadora.

É-nos impossível alargar comentários, embora o caso merecesse uma alusão maior.

Os actores sentiram os papeis que lhes foram distribuidos. Maria Eugénia de Oliveira Costa fez uma Leonor doente que lembramos com saudade. A sua figurinha gentil tirou o maior partido da acção, principalmente na cena final, quando o espírito aparece materializado. Maria Carlota Santos, muito bem no papel de mãe angustiada, sempre ansiosa por entrar em comunicação com a filha. Afonso Pinho (a figura principal da peça) fez um engenheiro autoritário e egoista renitente. Manuel dos Santos, com grande naturalidade, no papel de médico assistente. Julieta Pinho deu a nota cómica, numa criada bonacheirona. Lucinda da Silva foi correcta nas atitudes e nos diálogos.

Cabem louvores ao encenador S. S., que soube dar à peça de Ramos Pereira o necessário relevo de modo que as personagens não se movimentassem como bonecos articulados.

Óptimos os efeitos luminosos de Edmundo Saúde.

Enfim, só temos que louvar o Instituto Espiritualista Português pela sua iniciativa. Que a peça de Ramos Pereira seja o prólogo de novas representações em palcos adquados, sem a exiguidade daquele em que se desenvolveu a acção e que era demasiado exíguo para o temperamento e carácter das personagens.

O coronel Faure da Rosa escreveu algumas palavras do introito, alusivas ao acto.

O Centro Espiritualista Luz e Amor agradece ao confrade Virgílio Maia a hospitalidade com que foi distinguido e envia-lhe saudações cordiais, com votos de progresso e novos triunfos para a Causa.

GRUPO REPER-SIAM

Reconstituido do grande golpe que o abalou, o director desta revista encontra-se novamente à frente do Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam, que funciona todas as 5.as feiras na sede do nosso Centro. Com verdadeira satisfação notamos a acorrência de sócios a estes trabalhos que tanto elevam e dignificam a Causa que nos irmana.

«VIDA NATURISTA»

Sob a direcção do nosso amigo Dr. Fred Wachsmann, acaba de sair o primeiro número de *Vida Naturista*, que tem por lema «bem n ascer, bem viver, bem morrer» e se apresenta com um programa definido. De carácter científico, esta bem elaborada revista opõe-se ao curandeirismo, ao tabaco, às bebidas alcoólicas, aos estupefacientes, à vacinação, ao jogo, à prostituição, à literatura imoral, e preconisa a alimentação moderada, os agentes naturais, a higiene social, e o barateamento dos lacticínios e das frutas, com vista ao fortalecimento da raça.

Ao nosso querido amigo Dr. Fred Wachsmann e ao seu companheiro Luciano Silva, redactor da *Vida Naturista*, apresentamos as nossas cordiais saudações, com votos de longa vida.

«NATURA»

Voltamos a receber esta interessante publicação mensal, agora dirigida pelo jornalista Napoleão Gonçalves. As nossas felicitações pelo reaparecimento de tão útil revista. Que ela cumpra a sua missão de saneamento na sociedade portuguesa e consiga inteiramente os seus objectivos.

HOMENAGEM A MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

No primeiro domingo de Julho, dia 4, será inaugurada na sede do Centro Luz e Amor a fotografia de Maria Gonçalves Duarte Santos, sua antiga directora e impulsionadora. Realizar-se-à uma sessão solene em que falarão vários oradores, entre os quais, o nosso confrade Ramos Pereira.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NOS MESES DE JUNHO E JULHO DE 1950

Todas as quintas-feiras, às 21,30 — Sessões doutrinárias e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigidas por Isidoro Duarte Santos.

Dias 18 de Junho e 4 de Julho — Sessões do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Inês Maria de Brass e dirigidas por José F. Cabrita.

Dias 11 de Junho e 25 de Junho — Sessões do mesmo Grupo com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3 de Junho, às 21,30 — Sessão experimental no Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 10 de Junho, às 21,30 — Palestra de Ramos Pereira no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Natureza e Estrutura do Espírito».

Dia 17 de Junho, às 21,30 — Palestra de José F. Cabrita, intitulada «O Mundo do Além».

Dia 1 de Julho, às 21,30 — Sessão experimental no Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 8 de Julho, às 21,30 — Palestra de Adelaide Ivone de Sousa no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «A Moral Reencarnacionista».

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Lei (A) do Novo Pensamento	20$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Nova (A) Psicologia	16$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Fé	24$00
Poder (O) do Pensamento	35$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Segredo (O) do Sucesso	30$00
Sugestão e Auto-sugestão	25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar	8$00
Cultura (A) da Coragem	25$00
Correntes Mentais	8$00
Economizai vossas forças	25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Lei (A) do Triunfo	25$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc.	200$00
Vantagens da Riqueza	8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
Grande (A) Mensagem	32$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa	40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado	24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara	16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume	115$00
Caminho (O) de Jesus	32$00
Cartas Rosacruzes	25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca	40$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen	30$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Idéia, por Barlet	18$00
Evangelho de Ramacrishna	40$00
Filho (O) de Zanoni, por F. Waldemiro Lorenz	50$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda	24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston	20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00

Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker ..... 14$00
Preces Espiritas ..... 5$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot ... 15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz ..... 80$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico ... 30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas) ..... 45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck ..... 28$00
Segredo (O) da Concentração, por Walter Devoe ..... 8$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold ..... 22$00
Somos Todos Irmãos, por Afonso Schmidtt ..... 24$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville 35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc 28$00

Obras Novas de Várias Editoras

Alma (A) e o Subsconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra ..... 22$00
António de Pádua, por Almerindo M. de Castro ..... 18$00
Bezerra de Meneses, o Médico dos pobres 20$00
Ciência, Religião, Fanatismo, por *Minimus*, Br. 12$00; Enc. ..... 22$00
Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy. Br. 22$00 — Enc. ..... 32$00
Destino (O) Humano, pelo Dr. Lobo Vilela ..... 24$00
Flores de Outono, poesias de um poeta leproso, por Jesus Gonçalves — Brochado 16$00, encadernado ..... 26$00
História (Comentários à) das Religiões, por Arnaldo S. Tiago ..... 25$00
História de Catarina, por R. Hermindo, dedicada às crianças das escolas espiritas ..... 16$00
Iluminação, as mais belas poesias espiritas de Leopoldo Machado ..... 16$00
Inquérito Original (É admitida a música nas sessões espiritas?», por Leopoldo Machado ..... 8$00
Irmãos de Jesus, belo estudo de Kruger Matos ..... 10$00
Jerusa, romance mediúnico recebido por Carmo Bianco ..... 22$00
Livro (O) de Tobias ..... 6$00
Mediunidade sem Lágrimas, por Eliseu Rigonnati ..... 15$00
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann 28$00
Meneses (Os), romance espirita do Dr. Carlos Imbassahy ..... 20$00
Mistério (O) das Sombras, por Alexandre Dias ..... 12$00
No Caminho da Espiritualidade ..... 15$00
Noções de Filosofia Espirita ..... 3$00
Orador (O) Espirita, por Eliseu Rigonatti ..... 10$00
Organização Federativa (Como organizar federações espiritas) ..... 12$00
Para o Alto, formoso livro dos mais belos apólogos espiritas, por Leopoldo Machado ..... 20$00
Pérolas Ocultas, por Abel Gomes ..... 14$00
Personalidade (A) de Jesus, por Leopoldo Cirne ..... 10$00
Prontuário das Obras de Allan Kardec ... 5$00

AS NOSSAS EDIÇÕES

NOS UMBAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado .....18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em pape «couché».

Brochado ..... 20$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)	br.	enc.
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o pais, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

(Ver pág. 166)

CONTÉM: Saneamento, por **M. G.**; A Vida no Além; Grande Homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos; Scaramuzza, por **Alfredo Miguel**; A Resistência ao Contrôle Mediúnico, por **Tito L. Bancéscu**; Pelo Mundo dos Mortos, por **Ramos Pereira**; Dadores de Luz; Páginas de Saudade, ditadas pelo Espírito de **Maria Gonçalves Duarte Santos**; A Verdade e a Ciência, por **E. F. M.**; Guiado Pelo Espírito, por **B. B. Martins**; Confraternização, pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Problema do Amor, por **António Cardoso**; Três Aparências de Verdade, por **Maurice Maeterlinck**; Para a Perfeição, Soneto de **Ruderico**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas e Comentários; Noticiário

11.º ANO JUNHO DE 1950 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	24$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	32$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1950 — N.º 6

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

SANEAMENTO

Meu querido! Já afirmei bem alto o meu desejo de colaborar na propaganda da Doutrina. Quero cumprir a promessa. Aqui me terás à disposição.

As palavras que ditei foram lidas e compreendidas. Alguns houve que as assimilaram no verdadeiro sentido e agem de harmonia com elas. Outros enervaram-se e franziram o o sobrolho. Não gostaram. Acham razoável o que eu disse, mas não gostaram. Preferiam que fossem ditas por eles. Sempre teriam mais valor e mais autoridade.

Mas não tenham ilusões. A profilaxia há-de fazer-se. As fileiras hão-de sanear-se. Sangue novo correrá nas veias do Espiritismo. Os valores surgirão para a grande alvorada.

Há muitos que aguardam a sua hora. Aparentam indiferença, mas aguardam a sua hora. O toque de reunir os despertará. Vereis energias estranhas ao serviço da Ideia. Entusiasmo novo e nova fé. E o momento será propício à sementeira.

Eu quero aliciar as almas para a jornada do progresso. Quero-as voltadas ao sol, arado em punho e vibrando em uníssono. Assim é que eu quero ver as almas.

Juntem-se os responsáveis. Formem barreira contra o mal que se vai infiltrando nas hostes de boa vontade. Reajam serenamente aos assomos impulsivos que se manifestem e reduzam-nos à expressão mais simples. Não lhes ofereçam terreno de viveiro onde a planta medre.

A difusão de um ideal exige grandes sacrifícios do adepto sincero. Exige provas cabais. Exige desprendimento e renúncia.

Eu trabalhei assim. Firmei-me na fé e voltei-me para a Causa. Queria tudo puro, queria tudo são. Honestidade e verdade. Inteligência ao serviço da moral. E sobre tudo isto, o tapete verdejante da Doutrina.

Eu trabalhei assim. Olhava para cima e para o lado. Servia a Deus e à sociedade. Vi riqueza que se humildava e pobreza que se orgulhava num mundo fora dos eixos. Vi adeptos sãos por fora e podres por dentro. Verniz e cloaca. Vi muitos destes avejões que assombravam os grupos e inquinavam a atmosfera. Usavam insígnias moralistas e profanavam os lares. Isto é peso morto. É rebotalho que mancha as fileiras. Quem tem ouvidos de ouvir, oiça!

A Doutrina é coisa diferente. É um tabernáculo. Quem entra, deixe lá fora as impurezas e ajoelhe contrito. Depois empunhe as armas brancas e lute com denodo até cansar. O adepto é assim. Olha para a frente. Suporta o sol e a chuva. Motejos, imprecações, intrigas, maledicência, tudo suporta sem pestanejar. Acima dele está uma causa nobre, a mais nobre das causas. E por isso não olha ao esforço dispendido.

É preciso defender uma bandeira?

— Presente! — diz o verdadeiro adepto.

E oferece os braços, em holocausto. Oferece os braços, oferece a alma, oferece tudo, para que o ideal se engrandeça.

Eu trabalhei assim. Dei tudo, em holocausto. Dei tudo para que a árvore crescesse, para que o ar se purificasse. Renunciei aos prazeres da vida, para ajudar o companheiro na sua faina. Refugiei-me no anonimato para melhor pregar a ideia redentora. Fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Remei na galé da vida. Enfrentei a procela. Venci a batalha do amor.

Hoje continuo a trabalhar e a caminhar.

A árvore cresceu. Alteou os ramos. É preciso mais sombra acolhedora.

Mas também é preciso nova semente, nova germinação, nova planta, nova árvore que a seu tempo dê fruto e sombra.

Preparemos a terra. A causa aguarda o esforço dos obreiros.

A luz dardeja os campos, ilumina os marcos, consola as almas. Arejemos e purifiquemos as fileiras!

M. G.

A VIDA NO ALÉM

La Voz de Jesus, de Córdoba, Argentina, transcreveu um capítulo do famoso livro do Reverendo Charles L. Tweedale, intitulado «Notícias do Outro Mundo». É desse capítulo que extraímos o que se segue.

A identidade dos comunicantes foi comprovada pelas fotografias das aparições e comparadas com fotografias tiradas durante a vida terrena. Além disso, obtiveram-se as suas assinaturas por meio da «prancheta» e compararam-se com as existentes em cartas e documentos das respectivas épocas. As comunicações foram dadas por escrito, através da «prancheta».

O fenómeno da morte é uma experiência terrível que se deve temer?

Stradivários (fabricante de violinos (1644--1737) — A minha sensação foi de sonolência, vendo em sonho um anjo com bastão. Vi-o antes de expirar e acompanhou-me alguns anos. Disse que era de elevada categoria e que permaneceria comigo algum tempo. A minha morte não foi dolorosa.

Chopin (compositor musical (1809-1849) — A morte em si não é dolorosa, nem horrenda. A dor que sentimos antes dela é que às vezes é terrível, como foi no meu caso (morreu de tuberculose). No momento do trespasse nada senti, além de profundo sono.

Artur Conan Doyle (médico e espirita) — tive a sensação de grande rompimento, caindo logo em profundo sono, para despertar na margem de um rio de cá. O rompimento parecia atravessar-me todo o corpo (morreu de angina de peito).

George Brock (homem de negócios) — A minha morte sobreveio em estado semi-inconsciente e até uma hora antes do trespasse sentia, mas não falava. Passei muito mal e gostei de partir.

Como é o seu corpo actual? Funciona tão bem como o que tinha na Terra?

Stradivários — O meu corpo é tão real, como o seu. É visível para todos os que me cercam.

Chopin — O meu corpo é como eu quero e é imortal. O da terra era detestável. Nada sinto por ele.

A. Conan Doyle — O meu corpo é muito mais belo que o outro que aí tive, embora me possa materializar como dantes. Funciona melhor. Não tenho dores. A minha vida actual começou quando a outra terminou.

Brock — Achei que o meu novo corpo era demasiado real e a princípio senti uma dor que desapareceu, ao comunicar-me com esse mundo. Deixara atrás uma dúvida e devia esclarecê-la. Este corpo é tão real como o físico.

Comem, bebem e dormem? Ou necessitam de algo semelhante para manter o corpo espiritual?

Stradivárius — Se quiser, não bebo nem durmo.

Chopin — Posso dormir, beber e fazer o que quiser. Posso ir e vir, à vontade. Não somos obrigados a comer ou a beber. O ar que respiramos é suficiente para manter o corpo etéreo. Não precisamos de mais. Como, se me apetecer.

A. Conan Doyle — Não há necessidade de comer ou beber. Mas quem quiser pode fazê-lo. À medida que progredimos aqui, *deixamos* de sentir a necessidade das coisas terrestres e buscamos algo de mais elevado.

Brock — Sim, temos o que necessitamos, mas também nos pode ser negado. O corpo etéreo alimenta-se de coisas etéreas.

Qual é a sua maior aspiração nessa vida? Tem alguma ambição?

Stradivários — É progredir espiritualmente. Nada mais me importa. Temos ambições e progredimos no sentido que desejamos, de acordo com esta vida.

Chopin — Desejo ser um espírito glorioso, mas devo andar lentamente, pois me disseram que só me tinha ocupado de coisas pequenas. O meu fim é amar todos e ajudar os que têm afinidade comigo.

A. Conan Doyle — É amar todos, como fazia na terra. Sem ambições não há felicidade verdadeira. A nossa memória sobrevive, passamos revista à nossa vida terrena, compreendemos o mal que fizemos e, se estivermos dispostos, tratamos de o reparar.

Brock — A minha ambição é prevenir alguns que conheci na terra de que na morte tudo perderão. Dizem-me que será esta a minha missão. Não se pode fazer num dia o que se descuidou durante anos.

Qual a sua concepção do Tempo? Necessita de alguma medida para o avaliar?

Stradivárius — O vosso tempo não é igual ao nosso. Nós temos um equivalente, mas é tempo solar e guiamo-nos pelas variações da luz, que correspondem ao vosso sol.

Chopin — Conheço a vida terrena e sei como e quando devo ir. Sei bem onde estão as coisas. Se não pudéssemos medir o tempo, não poderíamos reunir-nos convosco em grupo. Quando vos visitamos, usamos os vossos relógios; mas cá servimo-nos das variações da luz.

A. Conan Doyle — Servimo-nos da luz e não de relógios. Podemos visitar-nos com rigor. Conhecemos também o vosso tempo e durante muitos anos ainda estaremos próximo da Terra.

Onde vive agora? Onde estão as esferas? A primeira fase do mundo espiritual está sobre a superfície da Terra?

RESPONDE STRADIVÁRIOS

— Estou num planeta com o seu sol, como é o vosso. Estou perto de vocês. Nós podemos ver-vos muito bem, mas os mortais não nos vêem, à excepção dos videntes.

— Quantas esferas há?

— Sete (aqui esboçou um globo central rodeado de círculos, representando cada um deles uma esfera com menor diâmetro que a anterior. Mundos dentro de mundos).

— Estas esferas rodeiam a Terra como a casca de uma laranja ou como atmosfera?

— É assim mesmo, mas um mortal não poderia lá viver. Antes do homem ter baixado à Terra havia ali anjos, como vocês lhes chamam. Isto explica a Génese.

— A que distância de nós está a sua esfera?

— Não sei, mas deve estar próxima.

— Como estão separadas?

— Pelo espaço.

— Se estão por cima da Terra, devem ser transparentes à nossa visão, visto que, através delas, podemos ver o sol, as estrelas e os planetas.

— Deixa-me explicar. A vossa visão é restricta a certos raios. Quando aqui chegamos, temos sensação de estranheza, de algo de novo, em todas as esferas, mas depois despertamos e vemos o solo, o mar ou a vegetação, como os da vossa Terra, mas muito mais belos.

— Tem a certeza de que não está a contemplá-la na superfície da nossa Terra?

— Não, não; mas há dois lugares perto de vós, que atravessamos ràpidamente.

— As esferas estão divididas em regiões, como as habitações numa casa?

— Temos um mundo igual ao vosso, com casas, terra, água e países.

RESPONDE CHOPIN

— Vivo onde me agrada para andar feliz e contente.

— Mas, onde está?

— Estou longe da sua esfera, fora do círculo.

— De que círculo? Da nossa terra? Está no ar, por cima de nós? A sua esfera está inteiramente afastada de nós?

— Estamos desligados da Terra. Os que se comunicam convosco estão perto de vós, enquanto dura o intercâmbio.

— Que viagem durará mais tempo, vir da sua esfera aqui ou ir daqui (Inglaterra) à Itália?

— Isso tem pouca importância. Vocês vivem num globo. Por fora tudo é espaço. Nós acomodamos milhões de espíritos no que para vocês é espaço. Com a vossa vista não podeis ver o que nós vemos. O éter é eterno e para vós invisível. Mas nós vemo-lo. Assim como as ondas electromagnéticas passam através da matéria, o espírito também pode fazer o mesmo. Eu posso aparecer-lhes através de uma porta. O espaço é real e eterno e muito maior do que a vossa Terra, que está cheia de restos mortais de pessoas que vieram para este mundo e cujos espíritos se encontram no espaço exterior da Terra, ou seja, nas esferas. As nossas casas, terrenos e flores são sólidos e reais para nós, mas só nos são dados de acordo com o que tenhamos feito na existência terrena.

— Podeis fabricar coisas e empregar a

substância ou matéria do vosso mundo, como nós fazemos cá ?

— Podemos.

RESPONDE CONAN DOYLE

— É uma pergunta difícil.

— A que distância estás da Terra ?

— Não sei.

— Que tempo necessitarias para ir de Weston a Crowborough ?

— O mesmo tempo que levas a pensá-lo.

— Então, o tempo existe em vocês, como já disseste, de contrário não poderiam ordenar assuntos ou satisfazer compromissos.

— Quando vos atendemos, conformamo-nos com as condições do vosso mundo.

Depois de abandonar a Terra, podeis percorrê-la à vontade para ver coisas que não vistes na vida mortal ?

Stradivárius — Só o fiz anos depois, mas gosto mais da minha morada espiritual. As cenas terrestres só interessam a alguns.

Chopin — Um espírito pode andar por onde quiser. Eu prefiro o mundo espiritual. Quando visito a Terra, pouco me interessa o seu ambiente. Fui lá, enquanto lá estavam os meus amigos. Agora, só o faço para ajudar os outros.

A. Conan Doyle — Estive na Austrália e no Canadá, mas interessa-me mais a minha pátria espiritual.

RESPONDE O ASTRÓNOMO R. BALL

— Como você é astrónomo, quero fazer-lhe uma pergunta (o autor também é astrónomo). Pode dizer-me se o mundo dos espíritos se acha nas esferas em torno da Terra, ou também está sobre a superfície dela ?

— Parcialmente, sobre a Terra.

— A que distâncias se encontram as esferas ?

— Umas a 32 kms., outras a 96 e outras a milhares.

— E são transparentes à nossa vista ?

— A vossa vista só pode ver certas coisas. Os mundos espirituais são transparentes à vossa vista e aos vossos telescópios.

— Não poderão, à semelhança do vidro, ter realidade e solidez, embora sejam transparentes ?

— É uma ideia bem apresentada.

— As esferas rodeiam cada mundo ou planeta ?

— Sim. Cada estrela tem os seus mundos ou planetas, cada mundo ou planeta tem as suas esferas e cada planeta ou mundo habitado tem o seu Cristo. As esferas contêm o mundo espiritual. O éter é o invisível.

— Se pudéssemos elevar-nos a 32 kms, entrariamos em contacto tangível com a esfera espiritual ?

— Isso é impossível.

— Então, esta esfera espiritual é para nós transparente e intangível.

— Isso mesmo.

— E é eterea ?

— É.

— É por isso que disse que o éter é o invisível ?

— É.

— Há esferas em torno dos grandes planetas ?

— Há.

— Os espíritos terrestres podem visitar as esferas de Vénus ou de Marte?

— Só quando são espíritos superiores.

RESPONDE MARY TWEEDALE, MÃE DO AUTOR

— Carlinhos, meu filho, faço hoje oitenta e oito anos, mas sinto-me como se tivesse vinte e um.

— Que diz da sua vida no além?

— Todas as coisas são melhores, à medida que ascendemos, sendo bom ter havido experiência terrena. O único laço que nos prende a esse mundo é quando lá deixamos um ser amado. Nunca nos achamos cansados nem aborrecidos, nem sentimos ansiedade.

RESPONDE CONAN DOYLE

— Tudo o que há na terra tem aqui o seu duplicado — flores, árvores, pássaros e animais. Mas o melhor é a sensação de liberdade. Esta vida é uma vida assombrosa, real e cheia de energia e interesse. Como não há comércio nem indústria, também não há necessidade de aparentar o que se não é, ou de ter o que se não tem. Tudo está à vista. Pareço mais novo e posso aparecer ou desaparecer à vontade. A cada passo recebemos indivíduos que aqui chegam e corremos a dar-lhes as boas-vindas. A sua expressão de assombro é divertidíssima. O tempo e o espaço, como vocês os conhecem, não existem para nós. As únicas doenças são as da consciência (inquietação mental, remorso, etc.). Não há as tentações que tivemos na terra. Não temos cá o corpo físico e o dinheiro não tem valor... Todas as competições são de carácter espiritual.

— E os teus sentidos da vista, ouvido e tacto?

— São muito mais finos do que os vossos.

— Encontras-te nesta casa ou a distância?

— Estou atrás da tua esposa.

— Estás aqui tão realmente, como eu?

— É a mesma coisa.

— Então não estás a enviar a mensagem de milhares de quilómetros daqui?

— Não. Não suponhas semelhante coisa!

— Podes ver tudo o que há em casa?

— Melhor do que tu. A nossa vista é mais penetrante.

— Há quem diga que um espírito só pode ver através dos olhos do médium. É assim?

— Tolices? Neste mundo tudo é natural para nós, ou ainda mais do que o vosso é para vós.

— Podes então ver uma coisa com a tua vista espiritual, como nós a vemos?

— Posso, ou ainda melhor.

— Que pensas agora a respeito da vida?

— Interessa-nos mais do que a vocês, visto que podemos fazer o que quisermos, sem as aflições da carne. Escolhemos as nossas amizades, temos as nossas ambições. E o mais interessante é que nenhum amigo nos pode apresentar duas caras. Podemos ler sempre as suas intenções. Trazem a aura consigo...

— Vocês sentem grande interesse pelas coisas? A vida é monótona ou difícil?

— O meu interesse é maior do que nunca, mas só me preocupa a vida das pessoas. Somos sempre jovens e nada nos impede de estudar o que desejamos saber.

— O teu interesse diminuirá?

— Tudo o que aí se pode conhecer é um grão de areia ao chegar aqui. Tudo o que aí tendes, temos nós cá, muito melhor.

RESPONDE CHOPIN

— As raças de côr mesclam-se com as brancas no mundo espiritual?

— Sim, de acordo com suas inclinações, como as orientais e ocidentais no vosso mundo.

— Mas, enquanto se mesclam com outras raças, também se agregam em regiões ou domínios próprios?

— Sim, têm países ou regiões próprias.

— Então essas raças têm países ou regiões determinadas?

— Certamente, com a sua própria raça ou casta.

INFORMAÇÕES DE PARENTES E AMIGOS DO CORONEL JOHNSON

Um parente — A ideia de que nas esferas inferiores se está mal é completamente absurda.

Outro — Quando aqui cheguei, disseram-me que podia passar às esferas superiores ou ficar nas condições terrenas. Escolhi as segundas durante algum tempo, pois desejava permanecer num ambiente familiar.

Um capelão militar — Estava muito enganado. (Envergonhava-se do seu dogmatismo). Vi que tudo aqui era muito diferente.

Nota do tradutor — *Enquanto traduzia este artigo, recebi intuitivamente os seguintes parágrafos:*

«Meu querido Isidoro! Tenho aqui estado a acompanhar a tradução. Já me sentiste várias vezes. Sabes que estou aqui. Como esses espíritos que responderam ao Tweedale, eu também poderia dizer alguma coisa. Não tive dores, quando se romperam os laços que me ligavam ao corpo físico. Só tive sensação de estranheza e de receio. Mas depois acalmei. Senti benéficas influências e fui atraída para ti. Deu-se a comunicação e fiquei melhor, mais aliviada. Depois, houve um período de que não me lembro. Foi pequeno, muito pequeno. Notei que as forças se iam restaurando e na minha memória afloravam os traços de um pasado recente em que tínhamos vivido e amado.

«O meu desejo era falar contigo, transmitir-te as minhas impressões. Mas qualquer coisa se opunha aos meus intentos. Havia dificuldades. Era preciso atravessar um grande nevoeiro.

«Passou o tempo. A minha vontade não passou. Mantinha-se cada vez mais firme. Queria dizer mais. Queria expandir. Queria contar-te muita coisa. Até que surgiste como veículo. Não podia ser melhor. A minha alma entrou em festa. Vibraria contigo! Que mais podia ambicionar? Que mais podia? Andava envolvida em sonho. Tu serés o meu veículo, forneceres o esteio providencial! Que mais podia ambicionar?

«Mas não senti dor alguma. Não senti. O que encontrei eram coisas previstas. Algumas já as tinha visto em sonho. Depressa me aclimatei. Hoje tenho saudade de vocês. Da terra não tenho. É um mundo grosseiro. Mas hei-de lá ir enquanto lá estiverdes».—M. G.

(I. D. S. traduziu)

GRANDE HOMENAGEM A MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

Foi descerrado o seu retrato numa sessão do Centro Luz e Amor, durante a qual foram exaltadas as suas faculdades e virtudes

A sessão de homenagem à memória de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, realizada na tarde do dia 4, no Centro Luz e Amor, teve cunho elevado, como não podia deixar de ser, e mostrou, entre outros aspectos, uma forte e grata união dos espiritas de Lisboa perante a saudosa personalidade daquela que, na sua passagem pela Terra, serviu sempre abnegada e conscienciosamente o Espiritismo.

No lugar da presidência, sentou-se o sr. coronel Faure da Rosa, tendo à direita e à esquerda, respectivamente, o nosso director, sr. tenente Isidoro Duarte Santos, e D. Ivone de Sousa, escritora ilustre e nossa prezada colaboradora. Assistência numerosa, enchendo as duas salas e alargando-se ainda pelo corredor. Estavam representados os organismos congéneres. A nossa Filial de Santarém estava representada pelo nosso amigo Marecos Henriques. A atmosfera que se respirava era de tranquila, agradável fraternidade.

Abrindo a sessão, o sr. coronel Faure da Rosa leu dois telegramas, o primeiro do confrade Anjos Natividade, de Carregal do Sal, e o segundo de D. Elisabete Correia, de Lisboa, associando-se aos trabalhos em curso, explicou que ia prestar-se merecida homenagem ao espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, de quem fez um rápido elogio, destacando a lição que a todos ofereceu antes de desencarnar, como mulher e como esposa, como antiga directora desta revista e, também, como alma propulsionadora do Centro Luz e Amor, aludindo depois às *Mensagens* que desse elevado espírito está a receber o director de *Estudos Psíquicos*, mensagens estranhamente lapidares e de conceitos filosóficos tão profundos, que as considera únicas em todos os anais do Espiritismo mundial. Em seguida convidou D. Maria Luisa Bravo a descerrar o retrato, que se encontrava coberto por uma colcha de seda e cercado de rosas, cravos e gladiolos, artisticamente dispostos pela querida Maria Eugénia (a Gena das *Mensagens)* e D. Natália Baptista, amiga da homenageada. Ouviram-se então prolongados aplausos. No retrato. D. Maria sorria o seu sorriso aliciante, como se ali estivesse, materializada e feliz, a agradecer a sentida homenagem. Nos olhos de muitos, rebentaram lágrimas, sinceras, comovidas e maravilhadas.

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS
Fundadora e impulsionadora desta revista

O espírito crítico, a caridade e o amor ao trabalho de D. Maria foram sempre homenageados

Usou então da palavra Ramos Pereira, nosso redactor. Começou por recordar a sua chegada ao Es-

piritualimo, há anos, e lembrou a salutar impressão que, desde o primeiro momento, D. Maria Gonçalves Duarte Santos lhe causou. Enalteceu-lhe o senso crítico e o pulso administrativo, de que deu sobejas e edificantes provas, na orientação desta revista e no aprumo com que soube conduzi-la, fazendo-a mesmo triunfar de dificuldades e perigosos escolhos. A seguir, para mostrar pela imagem comparativa, quanto D. Maria era activa, prática e precisa nos seus pensamentos e acções, declarou que ela completava com seu esposo, o nosso prezadíssimo director, uma unidade viva e presente de sonho e actividade: ele, poeta e sonhador, representava a asa que corta insaciàvelmente o espaço em voos frementes de imaginação; ela, por seu turno, era a cabeça com ideias serenas e bem arrumadas, que fazia descer o marido à terra e encarar, com realismo, a vida. Apesar de tudo isto, era uma alma sempre ansiosa de luz e altura, como a todo o instante o demonstrava. Recordou, também, quanto D. Maria preconizou e lutou pela dignificação do Espiritismo em Portugal, que queria fosse tão profundo, tão activo e beneficiante como é, por exemplo, no Brasil. E, congratulando-se por ver ali descerrado o retrato de D. Maria, homenagem inteiramente merecida a tão activa semeadora da Verdade que conduz a Deus, Ramos Pereira, fez votos por que o espírito da homenageada subisse cada vez mais alto, cada vez mais além, percorrendo as estradas de luz e da sabedoria divina.

Seguiu-se no uso da palavra D. Ivone de Sousa. Embora doente, esta distinta escritora não quis deixar de vir associar-se à festa de homenagem à memória da nossa antiga e saudosa directora. Apontou o casal Duarte Santos como modelo digno de ser imitado. A querida desencarnada, que tantas e tão profícuas lições deu sempre a todos quantos com ela conviveram, era espirita, como o seu marido é espirita. Trabalhando àrduamente, consecutivamente e vencendo obstáculos, estes espiritas exemplares construiram uma obra digna de todas as incondicionais admirações. Porém, como são lastimàvelmente diferentes — continuou a oradora — aqueles casais onde só um dos cônjuges pratica o Espiritismo, enquanto o outro, por desleixo ou cepticismo, mantém uma posição por todos os aspectos lastimável! As consequências, claro está, são geralmente deploráveis, frustrando-se, assim, na maior parte dos casos, a mais luminosa missão do matrimónio... Duas vidas unidas pelo casamento devem pensar harmoniosamente, caminhar na mesma direcção, olhar, de braço dado, os largos horizontes da sucessão de vidas. Os filhos devem ser educados na mesma religião-ciência dos pais. E, deste modo, não só se difundirá cada vez mais o espiritualismo, como também se baseará em mais sólidos alicerces a felicidade de cada lar. D. Maria Gonçalves Duarte Santos, a desencarnada — disse D. Ivone, a terminar — formou com seu marido, o nosso prezado director, um casal por todos títulos exemplar e espiritualmente feliz.

Em seguida falou o confrade Henrique da Silva Horta. Associando-se à homenagem,

Instantâneo da sessão de homenagem a MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS, no Centro Espiritualista Luz e Amor, enquanto falava Henrique da Silva Horta, vendo-se na mesa o 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, o coronel Faure da Rosa e D. Ivone de Sousa

lembrou o convívio e a alegria comunicativa de D. Maria Santos que inundava o Centro Luz e Amor e acrescentou:

«A sua fotografia acaba de ser inaugurada nesta sala. O seu olhar suave e puro voltará a alegrar o ambiente, a encorajar-nos na obra empreendida e a indicar-nos o caminho. Não mudou de critério, é a mesma personalidade, com os mesmos anseios e as mesmas abnegações. Ela o disse ao seu companheiro:

«— Só o amor alegra e fortalece, só o amor acalma. Só o amor dá sacrifícios dignos de menção».

Estas palavras são conselhos salutares para os que trabalham para conseguir um mundo melhor.

D. Maria era afectiva, sem deixar de ser enérgica quando necessário. Nas suas últimas comunicações o afirma claramente:

—«É chegada a hora de empregar a fundo as energias e de experimentar os combatentes. Depois se fará a selecção dos valores».

E mais adiante:

— « Saneai as fileiras, libertai-as de escalrachos e falsos mentores !»

Os seus anseios de caridade eram enormes. Quantas vezes lhe ouvi dizer:

— É necessário fazer qualquer coisa de útil. A Revista e os livros, não bastam. Temos que fazer obra mais grandiosa ! Um orfanato. É esse o meu grande sonho. Para ele trabalharei afincadamente !

Outras vezes, dizia:

— É preciso realizar muitas conferências, algumas simples e comprensíveis para os que não lêem ou lêem pouco. As sessões experimentais carecem de bons médiuns e devem ser devidamente controladas. Equilíbrio na doutrinação e conhecimento da Doutrina são factores importantes de triunfo.

Um orfanato com o seu nome ! Se fosse possível levar a cabo essa obra magnífica ! Porque não materializar esse grande sonho ?... D. Maria nos daria seus conselhos e sugestões. Seria a melhor homenagem àquela cuja vida foi um exemplo de trabalho, de ternura e amor pelo semelhante.

Foi recordado o espiritismo vivo e beneficente do Brasil e foram recordadas as mensagens poéticas, morais e filosóficas da homenageada

Após o discurso do sr. Henrique da Silva Horta, subiu ao estrado António Cardoso, nosso jovem redactor, que proferiu um brilhante discurso. Principiando por lembrar pormenores ligados à desencarnação daquela que ali era homenageada, pôs em relevo a viva inteligência que ela em tudo e a todo o momento manifestava. Fazia-se sempre ouvir com respeito e convencia pela lógica dos seus raciocínios. Sabia o que desejava e para onde se dirigia. Clamava, sem descanso, por sessões mediúnicas orientadas por um critério científico e, entre os seus grandes sonhos, acalentava o de instituir em Lisboa um organismo que, à semelhança de muitos que os brasileiros têm levantado na imensa e florescente terra de Santa Cruz, também agasalhasse velhos, crianças e doentes.

Depois, o capitão Estevão Rodrigues leu um soneto da sua autoria, delicada exaltação poética que vai inserta noutro lugar desta revista.

Por último levantou-se o sr. Isidoro Duarte Santos, para agradecer a homenagem à memória da sua querida esposa. Embora visivelmente comovido, soube dominar-se: o rijo beirão e o conscientíssimo espirita tem uma vontade e sabe fazer uso dela. Começou por confessar sincera gratidão a todos os irmãos que haviam promovido aquela impressionante homenagem ao espírito da admirável mulher que, na terra, foi a sua dedicada esposa — a mais leal das companheiras. Lentamente, recalcando a comoção e as lágrimas, o nosso director confessou sincera gratidão e inultrapassável apreço pelas faculdades e virtudes daquela que consigo compartilhou a jornada matrimonial. Destacou e exaltou-lhe, sobretudo, a argúcia, de que tão frequentemente dava provas, possuindo, por assim dizer, faculdades premonitórias que a faziam ver e julgar, antecipadamente, as pessoas e as acções. Lembrou, também, tudo quanto ficou a dever-lhe, quer como colaboradora dedicada e incansável das lides espiritas, quere como companheira de ânimo tão corajoso, quanto humilde, que dava sempre exemplos dignos de serem seguidos.

O nosso director, depois de passar em rápida e grata revista as palavras dos oradores antecedentes, referiu-se, em especial, às mensagens que, desde há meses, vem recebendo do espírito da sua saudosa esposa. (São mensagens recebidas intuitivamente pelo próprio tenente Santos, em que D. Maria comunica palavras de saudade e conforto, dá formosas lições morais e filosóficas e esclarece os mais exigentes sobre a vida do lado de lá do véu... Estas mensagens devem vir a público talvez brevemente, em volume de quatrocentas páginas). Estas mensagens — prosseguiu o nosso director — mostram a evolução do espírito de sua es-

posa, que não está apenas a esclarecer-se, mas a preparar-se (nós diríamos, na terra, a estudar) para servir a Causa que, neste plano, foi a maior paixão da sua vida. E concluiu afirmando que, ajudado por esse grande e formoso espírito, continuaria no seu posto, enquanto lhe restasse um sopro de vida.

Depois passou a ler a *Mensagem* que o espírito de sua esposa lhe ditara com destino àquela sessão de homenagem e que a seguir se transcreve:

A VOSSA HOMENAGEM

Irmãos e Amigos:

Quanto agradeço a vossa homenagem! Como sinto e aprecio as vossas vibrações! A generosidade dos vossos pensamentos, a ternura da vossa alma, o carinho das vossas palavras é incitamento à luta que se esboça na arena dos dois mundos. Lutei aí. Luto aqui. A bandeira é a mesma. A legenda é a mesma. O objectivo é comum.

Eu agradeço a vossa homenagem. É simbolo de união entre soldados do mesmo exército. Lembrais um lutador que tombou inesperadamente, que desapareceu para a terra, envolvida na labareda de um ideal que sentiu e viveu. Lembrais a sua obra persistente, a sua dedicação constante, o seu amor à Doutrina. Eu vos agradeço.

Quando um cai, outro se levanta. A Causa não deve sofrer com a mutação, porque é sagrada, porque exige do adepto renúncia e sacrifício. A árvore que se plantou deu fruto e sombra. Alimentou e acalentou. Atraiu os bons, salvou os maus. É uma árvore regeneradora.

Cuidemos dela. Tornemo-la mais forte.

Abandonei a terra, mas a faina continua. O esforço continua. Há obreiros de um lado e doutro. Conjuguemos o trabalho, unificando as vontades que surgirem. Unifiquemos, não desagreguemos. Estabeleçamos a paz. Entoemos canções de paz. Paz nas almas, paz nos corações!

Que a luz nos envolva a todos! Que o amor seja o nosso lema! Levemos a toda a parte a chama do ideal puríssimo! Arejemos as alfurjas, iluminemos as almas!

Irmãos e amigos! A vossa homenagem é um gesto simbólico que eu guardo no coração. Nada fiz de notável. Cumpri o meu dever. Ajudei a obra com toda a força do meu ânimo.

Ainda assim, se todos fizessem como eu! Se lhe dedicassem as horas de ócio, se lhe abrissem novos caminhos! Ah! Se tal fizessem, a árvore seria maior. Teria mais pujança. Seria mais frondosa. Daria sombra a maior número.

Juntai-vos em torno dela! É digna do nosso amor! É digna do nosso sacrifício! Nascente que brota é foco de vida. Beba quem tem sede! Deus é grande!

Todos tendes uma nascente luminosa! Procurai bem, irmãos e amigos! Procurai bem! Está dentro de vós! Eu achei a minha nascente e matei a sede. Da água que sobrou quero quero dar aos outros que ignoram a sua nascente! Quanto mais der, mais tenho! Mais corre em mim essa fonte cristalina!

Uni-vos todos, juntai-vos todos! Bebei pelo cálice do amor fraterno! Que a vossa fé aumente! Que o grão germine, que a planta cresça! E outros grãos e outras plantas se reunam no grande jardim das almas sequiosas que encontraram a sua nascente!

Parti. Galguei a fronteira que separa os dois mundos. Mergulhei num vasto oceano de névoa, mas orientei-me. Agora estou convosco. Partilho desta obra. Contai com o meu esforço!

Ela é de todos. Mas é minha pelo coração. Dei-lhe o leite materno. Acarinhei-a. Vigiei-lhe os primeiros passos. Amparei-a depois, quando o vento a fustigou sem piedade. Sofri com ela, chorei com ela, em permanente ligação, como se fizesse parte de mim mesma. Por fim, dei o salto inesperado. Senti-me fora da matéria e o meu companheiro ficou sòzinho com o peso de grande carga.

Auxiliai-o, irmãos amigos! Há tanto que fazer! Há tanto que arrotear!

Quando estava aí, poucas vezes falava. A minha faina era silenciosa. Não davam por ela. Só três ou quatro a conheciam. Mas era fundamental. Sem ela, como poderia ter crescido a árvore? Como poderia ter mergulhado tanto a sua raiz? Que o diga quem sabe, quem acompanhou a minha acção constante de obreira ignorada.

Irmãos e amigos! Eu agradeço a vossa homenagem. São rosas brancas que lançais no no meu caminho espiritual. Rosas de bondade e caridade! Pétalas votivas, aroma inebriante! Alimento subtil, luz e fogo das almas!

Recebei o meu coração em rosas orvalhadas! Se vos puder ser útil, chamai! Contai com o meu auxílio nas horas de amargura! Agora vivo para auxiliar! Dou-me em sacrifício e alimento uma fogueira imensa onde os erros se queimam e as virtudes se temperam. É a fogueira do apostolado.

Empunhemos armas brancas e vamos à conquista das almas! Em toda a parte há sol e sombra. Em toda a parte

SCARAMUZZA

por Alfredo Miguel

(Correspondente na Bahia)

Entre os bons médiuns escreventes que entraram para a história do Espiritismo mundial, conta-se o italiano Francesco Scaramuzza, antigo director da Academia de Belas Artes, de Parma.

Naquela escola superior ensinava ele pintura, em cuja especialidade era mestre exímio, mas escasseava-lhe cultura literária. É que, precisando de ganhar a vida, teve que deixar o colégio no começo da adolescência.

Andou por muito tempo ocupando-se com experiências de magnetismo animal, e só na velhice se tornou espirita. Coisa interessante: depois de sexagenário é que as faculdades mediúnicas se manifestaram no prof. Francesco Scaramuzza, e não duraram mais de 3 anos. De 1867 a 1869 ele psicografou uma quantidade enorme de ditados, e o fazia com o lápis a correr celeremente sobre o papel. A sua obra é variada na espécie e no género.

Para Ernesto Bozzano é «uma produção literária colossal», dado que ela se compõe de diversos volumes, que foram impressos, sem contar outros trabalhos menores, que ficaram inéditos. Os principais são os seguintes: um grosso volume de poesias líricas; *Poema Sacro,* ditado pelo Espirito de Ariosto, em 29 cantos e 3.000 oitavas, formando um livro de 915 páginas; duas comédias em verso, atribuidas ao poeta e teatrólogo Carlo Goldoni; treze longos contos, também em verso; uma tragédia, um melodrama, poesias cómicas, além de outras produções assinadas por muitos autores falecidos.

O facto de ter a mediunidade do prof. Francesco Scaramuzza uma duração apenas de 3 anos, desaparecendo em seguida, evidencia que ele era um médium verdadeiro. Os que simulam estados mediúnicos, pelo menos enquanto não são desmascarados, persistem na sua simulação.

Um biógrafo do médium Scaramuzza, escrupuloso e profundo analista da literatura de Além Túmulo, diz que as comédias de Goldoni são realmente vivas, brilhantes, muito bem concebidas e finamente urdidas, com todo o sabor da arte goldoniana.

Quanto ao *Poema Sacro,* de Ludovico Ariosto, é uma obra de sentido elevado, onde o seu autor espiritual trata da natureza de Deus, da génese do Universo, da criação dos sóis e dos mundos, da origem da vida, do destino do espírito e muitas outras questões.

Contudo, o médium não possuia aptidões literárias, como já ficou dito, e bem menos entendia de filosofia e ciência.

Casos como o desse médium italiano abundam nos fastos do Espiritismo, e em nosso país mesmo temos o grande psicógrafo de Pedro Leopoldo — Francisco Cândido Xavier — reputado o maior médium deste género no mundo inteiro.

Pena é que os homens de ciência do Brasil façam vista grossa sobre tais assuntos, — a não ser quando erguem a voz para negar *a priori,* em vez de examinarem a questão detidamente, como manda o bom senso.

---

há prazer e dor.. Aliviemos os tristes, orientemos os transviados! A seara é grande. Ceifemos com alegria!

Que viestes aqui fazer, irmãos e amigos? Reforçar os laços que nos unem? Evocar o soldado que tombou? Prometer apoio à obra comum? Se tudo isso fizerdes, grande será o vosso merecimento. O amor paga-se com amor. A obra é nossa. Engrandecê-la é engrandecer-nos. Lavrai a terra. Adubai a terra. A semente germinará na hora própria. A folha será caule e o caule será tronco. Os ramos estenderão os braços para o sol. Do noivado das flores surgirão os frutos em rajadas luminosas!

Isto é a vida pujante. É a metamorfose do amor. É o festim da criação. É a subida de um calvário que leva às alturas. É a ascensão dos fortes que avançam a passo seguro. É cântico. É hosana. É hino triunfal!

Irmãos e amigos! Tudo vos dou e nada peço em troca. Só amor ao Centro, amor à Causa, amor à Doutrina! Defendei tudo bem!

Sentireis as nossas vibrações em harmonia com as vossas. Nessa sublime comunhão, as rosas da fé perfumarão as almas. As rosas do amor lançarão nos corações as suas pétalas douradas. Seremos mais confiantes.

Cerrai fileiras! Aprestai-vos para a luta! Estarei onde estiverdes! É este o meu baluarte! É esta a minha trincheira!

Os que partem não desaparecem. Há olhos que os vêem, ouvidos que os ouvem. E de vez enquando surgem à luz do dia para exemplo dos incrédulos.

Eu parti, mas estou presente na vossa luta!

Encerrando a sessão, o sr. Coronel Faure da Rosa considerou-a como uma tarde de glória e triunfo para o Espiritismo em Portugal.

A RESISTÊNCIA AO "CONTRÔLE" MEDIÚNICO

Por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário — Argentina)

Um dos graves sintomas que se apresentam nas instituições espiritas é o que se relaciona com a resistência sistemática de alguns médiuns ao «contrôle» de seus trabalhos. E quando o director de sessões experimentais ou o sector adstrito têm o mesmo temperamento, é indício certo, matemático, de que as molas societárias funcionam mal e o perigo é iminente.

Os intermediários psíquicos estudiosos, longe de se sentirem menoscabados na sua missão quando se lhes exige «contrôle», são os que pedem, se tiverem faculdades mediúnicas inconscientes, de incorporação ou ectoplasmia.

Quando estes dedicados problemas não são rigorosamente analisados, é quase certo produzirem-se anomalias de sérias consequências. Já dizia Kardec que quando os médiuns se opunham à crítica das comunicações que recebiam por seu intermédio, existia um espírito ou um grupo deles que espreitavam a sua vítima para a perder. Todos sabemos que os espíritos moral e espiritualmente elevados se prestam voluntàriamente a esclarecer os problemas que parecem obscuros. Não sucede o mesmo com as entidades extra-terrestres mistificadoras. Estas opõem-ses à análise e exteriorizam aborrecimento, julgando-se omniscientes.

Os directores de sessões experimentais, quando são avisados e ilustrados, notam logo que a situação psíquica do médium resistente ao «contrôle» é anormal e adoptam as medidas correspondentes, com o fim de evitar que aquele sofra os efeitos das influências espirituais retrógradas, dispostas sempre a perturbar tudo o que se faça em benefício do progresso da humanidade. Os acessos dessas influências são tanto mais fáceis, quanto mais ressentido no aspecto moral estiver o instrumento mediúnico. A lei de afinidade é inexorável e não perdôa a ninguém: somos vítimas por onde pecámos, isto é, sofremos os efeitos do desvio. E como os sensitivos constituem uma espécie de antena psíquica, necessàriamente captarão as vibrações que pululam à sua volta. Se for de elevada categoria moral, vibrará da mesma forma. As ondas de baixa frequência serão repelidas e o médium, como qualquer outra pessoa, fica imunizado.

De modo que o factor moral, ao ser frequentemente recomendado, não é para se colocar em qualquer espaço rodeado de beatitude, mas para nos podermos defender na Terra, onde as paixões inferiores nos circundam e atacam constantemente. Os seres mais sensíveis são, pois, os que mais fàcilmente captam essas vibrações. Sendo o seu cérebro a parte mais sensível, por ser o instrumento do espírito, poder-se-á observar que, depois de haver permanecido num ambiente de baixas vibrações, a dor de cabeça se manifesta. Alguns experimentam os efeitos depois de terem estado sentados ao pé de uma pessoa desafecta. O contacto com essas baixas vibrações colectivas intoxica o perispírito a ponto de criar um mal-estar evidente.

As sessões mediúnicas apresentam a mesma particularidade, quando frequentadas por espíritos inferiores, atraídos quase sempre pela afinidade dos assistentes. Os médiuns — mesmo os de intangível moralidade — saem carregados de maus fluidos; e se a eles se juntar a descarga sistemática das entidades perversas empenhadas em afastá-los do lugar onde trabalham humanitàriamente, pode deduzir-se que a missão dos médiuns não é tão fácil e por isso devem ser tratados e orientados com esmero e carinho. Este é o método mais adequado para lhes evitar surpresas desagradáveis, cujo sintoma está precisamente nessa resistência ao «contrôle». Neste caso, é necessário prestar-lhes a maior atenção, rodeando-os de amor e submetendo-os a uma acção terapêutica metódica, com a qual devem cooperar os elementos mais puros da colectividade, visto que assim os espíritos-guias terão mais fácil acesso ao lugar onde se realizes este trabalho.

Nem sempre devemos culpar os médiuns do seu infortúnio, dessa má influência exterior. Temos observado como os assistentes os incensam, considerando-os uma espécie de semideuses. Tais adulações criam na mente do médium fraco um estado especial, que a pouco e pouco vai abrindo as portas da vaidade, por onde costumam penetrar os invisíveis dispostos a consumar a sua obra nefasta.

Diz o ilustre sábio Dr. Gustave Geley que «o médium é um sensitivo. Sente as menores impressões morais com intensidade excessiva».

Depois acrescenta: «Os experimentadores devem esforçar-se por merecer a sua simpatia, testemunhando-lhe uma atenção cortês e tratando-o como amigo e colaborador. Se os experimentadores o maltratam, desconfiando dele brutalmente, ou simplesmente o desprezam, como instrumento de laboratório ou animal de experiência... criam um ambiente deplorável e arriscam-se muito a não obter resultado algum. Repito que a simpatia entre médium e experimentadores é condição indispensável, ou quase indispensável para o êxito.

«Ainda mais que a malevolência ou a torpeza, exercem acção nefasta a ironia e o motejo. Por outro lado, — conclui Geley — são prejudiciais os desgostos e as preocupações materiais e morais».

Em geral, não se deve culpar o médium do fracasso das experiências, porque na produção dos fenómenos intervêm sempre todos os assistentes. Por isso é indispensável o «contrôle» para saber ao certo onde está a falha, quem deu origem à anomalia e quais foram os factores positivos ou negativos. E como nem sempre o instrumento sensível será apontado como culpável, a escola espirita e a escola metapsíquica têm obrigação de proceder com método e plena consciência, deslindando as responsabilidades correspondentes.

As experiências mediúnicas, são extremamente sérias para que estejam ao alcance de todo o mundo e muito menos dos que fazem abstracção das obras principais que até hoje ventilaram o assunto.

PELO MUNDO DOS MORTOS

Um artigo de RAMOS PEREIRA

Os grandes místicos e os grandes taumaturgos têm falado, através dos séculos, da existência dos mundos espirituais, lugares que esperam o homem após o momento decisivo da morte do corpo físico. Nas religiões abundam as descrições, mais ou menos fantasistas, desses «mundos». O «Livro dos Mortos»» fala-nos dos «campos de Ialu», o paraíso egípcio, onde as almas dos mortos serviam Osiris, como, em vida, tinham trabalhado para o faraó; a par deste «céu» existia um mundo das trevas, o «Duat». (Maspero não o considera o mundo inferior).

Para os caldaico-assírios, o «reino de Alatru» é um mundo onde só existe a dor; «tudo ali é podridão e do esplendor terrestre não resta mais do que uma sombra de vida miserável e lamentável» (Dr. Friedrich Jeremias in «Hist. das Religiões» de Chantepie de la Saussaye). Bem poucos conseguem atingir a Ilha dos Bem-aventurados.

Esta concepção dualista do céu-inferno aparece, ainda, entre os hebreus, mahometanos, hindus (brahmanismo), persas, gregos, etc.

Estas crenças não passam de fantasias acumuladas sobre um conhecimento esotérico e experimental dos «mundos espirituais», conhecimento transmitido aos iniciados no segredo dos templos. Jesus é o primeiro a erguer as pontas dos véus que ocultavam a Verdade: — «Há muitas moradas na casa de meu Pai» (Evangelho de João, cap. XIV, v. 2).

Com o advento do neoespiritualismo espiritista do séc. XIX, tem-se ido acumulando uma vasta bibliografia, concernente a este problema do destino do homem. A par desta, as obras dos teósofos (principalmente Besant, Leadbeater, Blavatsky e Jinarajadasa) têm contribuido grandemente para a solução do problema.

Confirma-se o pensamento de que não pode haver uma radical transformação no homem, pelo simples facto de se liberar do corpo físico. Os mundos espirituais continuam e continuam-se no mundo terreno. A mesma corrente de vida os percorre, sem soluções de continuidade.

Aparentemente, surgem divergências nas descrições, quer nas obras espiritas quer entre estas e as teosóficas. Dizemos — aparentemente — porque, afinal, os autores falam do «seu» mundo, do mundo em que estão vivendo, nenhum deles pode dizer mais do que sabe. Assim como não não conheceremos a Terra pela simples fisionomia dum país, assim bem pouco ficaremos a saber do «Mundo Espiritual» pela narrativa duma das suas regiões.

Sintetizar é, aqui, um trabalho árduo ainda que não seja impossível. O trabalho presente não pretende mais que essa «síntese», na qual procuramos não nos deixar arrastar pelo maravilhoso fantástico de algumas comunicações — «pessoais».

Os teósofos falam-nos de vários «planos» (físico, astral, mental, intuicional, espiritual, monádico e divino) (v. Annie Besant in «A sabedoria antiga»), planos que podem coexistir no mesmo espaço, «porque a matéria de cada um deles é mais subtil que a do imediatamente inferior». Não nos parece esta concepção anti-científica, porquanto a experiência nos mostra que num recipiente podem «coexistir» um sólido, um líquido e um gaz.

Perdido o corpo físico que lhe permitia sentir a «vida terrena», o homem passa a viver num outro mundo, no mundo que estiver conforme com a sua condição espiritual. De princípio, dá-se nalguns uma certa perturbação, resultado natural da adaptação a um meio diferente; ou mesmo a ilusão de que continuam a «viver» como antes da «morte» (de que acordam dum sonho).

Este ingresso num determinado «mundo espiritual» e não de qualquer, é a resultante lógica duma focalização da consciência nesse mundo. O perispírito, o corpo sensível de que falámos, é agora o meio de sentir e comunicar com o exterior. Logo, o maior ou menor poder de reacção perispírítica, o maior ou menos «plexus» (ou a maior ou menor fluidez desse corpo) permite à consciência o entrar em contacto com mundos mais ou menos «elevados», o sentir a vida num desses mundos.

Distinguiremos nas regiões espirituais dois tipos: — a) mundos somáticos; b) mundos meta ou parassomáticos.

Estas formas (com as quais definimos as duas classes apontadas) são as cidades, os objectos, etc., erguidos pelos homens com o material existente nesses mundos. E, assim, entre a vida na Terra e nos mundos somáticos pouca diferença há. Que desapontadas ficariam as pessoas que creem na omnisciência dos seus queridos mortos, se soubessem que a vida deste lado da esfera é sòmente um extensão da vida terrena» (v. «Cartas do outro mundo» recebidas por Elsa Baker). (cf. «Vida além do véu» de Dale Owen; «Nosso Lar» André Luiz; «Plano Astral, de C. W. Leadbeater.

Como serão feitas estas «formas» ? Em «Cartas do outro mundo», ainda encontrámos uma passagem que nos parece esclarecer o «modus faciendi»: — «Quando tornei a encontrar o mestre, mencionei-lhe o meu desejo de usar uma toga feita por mim, e ele esteve a mostrar-me cuidadosamente a maneira de criar trajes, segundo o meu desejo: — Devia fixar o modelo e formá-lo nìtidamente no meu espírito, vê-lo no meu íntimo e, em seguida, atrair, pelo poder do desejo, a matéria subtil do mundo do pensamento em torno do modelo, formando assim a toga».

Quantos realizam no mundo das formas os sonhos ideais que fantasiaram no mundo físico e onde as condições deste impediram a sua objectivação ! «Por seu poder imaginativo, alimentado pela casca estéril dos livros santos do mundo, constroem inconscientemente, em matéria astral os «castelos no ar» que eles tanto sonharam» (v. A. Besant in «A Sabedoria Antiga»).

Múltiplos são os mundos das formas; tantos quantos os degraus na evolução humana. «A ideia poética de que a morte nivela todos não passa dum absurdo, filho da ignorância, porque na grande maioria dos casos, a perda do corpo físico não tem a mais pequena influência no carácter e na inteligência da pessoa, e, entre aqueles a que chamamos mortos, há tantas variedades de inteligências como entre aquelas a que chamamos vivos» (v. C. W. Leadbeater in «Plano astral, p. 62).

É difícil pois estabelecer os tipos das sub-regiões, tanto quanto é difícil defini-los no progresso espiritual. Contudo, se este progresso é, afinal, uma realização dos «valores», parece-nos possível distinguir entre os mundos das formas:

I — Mundo das paixões negativas — de cujo aspecto repelente nos falam algumas comunicações espiritas e os teósofos. Donde resulta esse aspecto pesado, escuro, impressionante ? Mas dos pensamentos que animam os habitantes deste mundo, pensamentos em que predominam as paixões «negativas» e a recordação de actos em que apenas se realizaram os «valores negativos». Trazendo para aí aquelas paixões, a impotência para lhes dar uma satisfação provoca nesses seres um desespero horrível. «Convém recordar que a população desses abismos do Kamaloka se compõe da escória da humanidade: — assassinos, bandidos, criminosos de todo o género, bêbedos, libertinos; em uma palavra, tudo o que há de mais vil no género humano» (v. Annie Besant in « Sabedoria Antiga» p. 129). É o mundo do ambicioso que, na sua ânsia desmedida de atingir a fortuna ou o domínio, sacrifica egoisticamente, o seu semelhante à sua paixão; do sórdido usurário, do avaro, etc.

O sofrimento que esses indivíduos suportam não é um «castigo», mas a resultante natural da sua vida terrena, como dissemos. Durante ela, sentiam, deixaram-se possuir pelos sentimentos mais vis, pelas paixões mais baixas; a «morte» não os melhora, afasta-os sòmente do corpo físico que lhes permitia a satisfação dessas paixões (v. mensagens in «País da Luz» recebidas por Fernando de Lacerda). Mas o caminho está aberto, também, para esses indivíduos; apesar de tudo, ninguém lhes lança a «condenação eterna». Erguer-se-ão no dia em que, desperta a consciência moral, reconhecerem os erros e sentirem a dor do... remorso.

II — Mundo das sensações — É flagrante a sua semelhança com o mundo físico. A atenção está desviada para a Terra. Os seus habitantes são aqueles homens em cujo comportamento predominaram, essencialmente, as sensações físicas; aquelas cujas preocupações foram as «mesquinharias e trivialidades da existência». Quantos só tardiamente reconhecem que já não se encontram na Terra (pois que as sensações ali são tão vivas como aqui). Desejos, inquietações, etc., trazem-nos, repetidas vezes, ao contacto com os «vivos». Aparecem nas sessões mediúnicas, tratando dos temas que nortearam a mediocridade do que foi a sua «vida» e é um acto de caridade satisfazer esses desejos, esclarecendo-os, depois, da inanidade dos mesmos.

III — Mundo «celeste». «É aqui que se encontram todos os céus materializados que tão importante papel representam nas religiões populares do mundo inteiro». É, por assim dizer, a primeira idealização da vida terrestre. «Os religiosos e filantropos que outra preocupação não tiveram senão executar seus próprios caprichos, e impor ao próximo a sua maneira de ver, em vez de trabalharem desinteressadamente pelo acréscimo da virtude e da felicidade humanas, estão aqui muito em evidência». Edificam astralmente igrejas, casas, escolas, reproduzindo os céus materiais que ambicionaram; e, embora para um olhar mais clarividente estas construções possam parecer imperfeitas e muitas vezes grotescas, para eles nada deixam a desejar» (v. A. Besant in «A Sabedoria antiga» p. 137).

O religioso dogmático, aferrado à letra dos livros sagrados, interpretando estreitamente as leis morais ditadas pelos grandes taumaturgos, sonha com um «céu» de bem-aventurança, simples transposição da vida terrena a um plano de espiritualidade em que ainda se não comportou a franca realização dos mais altos valores éticos e místicos.

Este mundo é o «céu» dos que cumpriram preceitos morais sem o conhecimento do seu alcance humano, dos que foram «bons» (digamos, assim), dos que refrearam as suas paixões negativas pelo receio do sofrimento post-mortem. Eis porque mais não têm do que esse «céu», cuja previsão norteou as suas vidas.

Num grau mais elevado, mas num mundo que pudessemos denominar ainda de... «celeste» vivem os intelectuais e os artistas que ficaram demasiado aferrados às formas de trabalho a que estavam habituados. Prosseguem nos seus estudos, nas suas experiências, na sua ânsia de conhecimento, construindo modelos, sonhando harmonias. Sentem os valores estáticos e o amor ao estudo, mas numa interiorização egocêntrica. É este o mundo dos «modelos», descrito nalgumas comunicações (v. por ex.º «Cartas do outro mundo» de Elsa Baker).

IV — Mundo do «ideal» — Aqui vivem aqueles que sentiram os valores morais, num alterocentrismo, aqueles que se devotaram ao próximo, num desinteresse completo pelas suas próprias necessidades. Aqui fruem as delicias do êxtase os místicos devotados, por um amor cego, a uma forma antropomórfica da divindade. Aqui realizam inteiramente os seus planos os grandes devotos activos, os grande filantropos, os génios artísticos e científicos a quem norteou um ideal de humanidade.

É o mundo dos seres que, tendo realizado todas as categorias dos valores positivos, sentiram mais fortemente uma delas, tiveram um... «ideal» que transcende o homem pessoal visou o Homem superior. Que os faz permanecer aqui e muitas vezes baixar ao mundo da matéria ? O seu desejo de esclarecer os menos evoluídos, de trazer aos homens os frutos do seu génio.

Deve ser este o lugar em que se focalizam as consciências daqueles que tem iluminado a História com o facho do seu génio.

Serão apenas estes os mundos das formas por onde passam, na sua ascese, os espíritos humanos ? Indubitàvelmente que não cabe toda a escala dos tipos. Indicámos apenas os que pudemos definir de entre as inúmeras descrições recebidas; quisemos, sòmente, fazer ressaltar alguns degraus. E não pensamos que o homem passe necessàriamente por todos eles, na linha da sua evolução espiritual. Sendo a linha ascendente, não a ima-

ginamos como uma recta, mas sim uma linha poligonal de segmentos muito desiguais.

Embora entre a Terra e os mundos espirituais haja um vai-e-vem constante, ininterrupto, supomos que um ser elevado (por ex.º um habitante do mundo do «ideal») não necessita, como condição «sine qua non», descer à Terra para progredir. A nosso ver, mais um vai-e-vem se deverá dar entre os diferentes mundos espirituais.

O ser progride, exteriorizando-se, isto é, sacrificando-se pelos que lhe são inferiores, procurando comunicar-lhe o fogo que os anima. Mas esse devotamento, o cumprimento dessa missão para que produza efeitos reais tem de ser sentido independentemente dum «se...»; isto é, não se deve cumprir tendo o pensamento voltado para os resultados pessoais. Isso corresponderia a uma interiorização que é a paragem, o retrocesso.

O ser que «baixa», em missão, a um mundo inferior, tem de se apossar dum corpo semelhante ao dos que ali vivem (na Terra — um corpo físico), corpo que se desagrega quando ele o deixa para regressar ao «seu» mundo. Sem esse corpo, como poderia sentir as vibrações, a vida do mundo aonde desce, se a sua consciência já o encontra focalizado para uma vida mais subtil. (Eis porque os fenómenos da metapsicologia impõem um médium, isto é, um indivíduo capaz de ceder, momentâneamente, um «corpo», um meio adequado para que a força actue. Certas obras descrevem autênticos fenómenos de metapsicologia nos mundos espirituais).

Assim os teósofos distinguem quatro corpos — físico, astral, mental e causal — nos quais o homem se manifesta nos planos físico e mental (inferior e superior). (v. Jinarajadasa in «Fundamentos de teosofia»; Annie Besant in «O homem e seus corpos»). É lógico ainda o pensamento seguinte destes autores: — à medida que o homem sobe nestes planos, liberta-se do corpo com que viveu no plano imediatamente inferior; isto é, assim quando passar a sentir no plano mental inferior abandonará o corpo astral; etc.

Mas a experiência revelou apenas a existência do perispírito, *dum* corpo sensível, além do corpo material. Mas isto não invalida aquilo. Os corpos apontados pelos teósofos são, por assim dizer, degraus na evolução perispirítica, correlativos dos degraus da evolução anímica.

Logo quando o ser elevado viver num mundo que lhe é inferior e se apossa do «corpo» apropriado, mais não faz que atrair, por acção do pensamento, a matéria desse mundo na qual «incorpora», com a qual uniformiza o seu perispírito (numa operação em tudo análoga à do ectoplasma).

Que seres vivem nos mundos das formas? Apenas, humanos desencarnados, os chamados «mortos»?

Os «vivos» podem manifestar-se momentâneamente nesses mundos, quer conscientemente (quando muito desenvolvidos animicamente), quer inconscientemente, durante o sono (no indivíduo vulgar). «Todas as pessoas cultas, pertencentes às raças mais elevadas do globo, têm já hoje os sentidos astrais bastante desenvolvidos, de modo que se estivessem suficientemente atentas para poderem examinar as maldades que as cercam durante o sono estariam em condições de as observar e tirar delas proveitosas lições. Mas, na maior parte dos casos, tal não sucede, porque quase toda a gente, em vez de fixar a sua atenção no sonho, passa as noites numa meditação profunda, deixando-se ir atrás de qualquer pensamento que mais absorvente se tornou antes de se adormecer. Estes indivíduos tem as faculdades astrais, mas quase não se servem delas; estão evidentemente acordados no plano astral, mas não estão acordados para o que nele sucede e, portanto a consciência que têm do meio em que se encontram é extremamente vaga, se é que alguma têm (v. C. W. Leadbeater in «Plano astral» p. 43-44).

É este, também, o caso de muitos médiuns que, ao despertarem do transe, durante o qual se deu a exteriorização do seu «duplo», sentem uma impressão confusa de paisagens, seres, etc., vistas durante o sono mas que não conseguem definir.

Nos seres desenvolvidos, o despertar num dos mundos das formas é perfeitamente consciente. O místico que, nos seus êxtases, vê «pedaços do céu», vive, por momentos, no «seu» mundo, na região espiritual para onde seguirá quando abandonar o corpo físico.

Na antiguidade (e ainda hoje) nas escadas do esoterismo, muitos dos conhecimentos dos «adeptos» eram colhidos em viagens «astrais», sob a direcção dum «mestre» experimentado, antes de as poder efectuar, sózinho. (cf. obras de Blavatsky, Besant, Leadbeater, Schuré, «Kaibalion», etc.).

Os «mortos vulgares» são os que em maior número vivem nestes mundos (pois que seres elevados também ali se manifestam no cumprimento da missão atrás apontada). O tempo durante o qual permanecem num desses mundos é, naturalmente, muito variável; durará enquanto houver afinidades entre o «espírito» e as características desse mundo; cessará logo que a consciência desperte para uma vida mais perfeita, passe a sentir e realizar, pela vontade, os superiores valores morais e místicos.

Quase tão numeroso como este grupo, existe o dos artificiais, as «formas-pensamento», criadas consciente ou inconscientemente pelo homem. O que sabemos já sobre o poder mental e as características do pensamento. esclarece perfeitamente o que afirmamos agora.

Esses seres artificiais, quando formados involutàriamente, tem fraca duração, não se precisam; faltando-lhes a coesão dada pela força do pensamento, desagregam-se. Suponhamos, porém, que se mescla um desejo forte, que o homem acalenta uma paixão. A «forma-pensamento» estabiliza-se, define-se, adquire um simulacro de vida; entre ela e o seu autor gera-se uma corrente de influência recíproca. «Além disso, parece que a entidade assim formada é actuada por um desejo instintivo de prolongar a vida, reagindo sobre o seu criador, como força tendente constantemente a provocar a renovação do pensamento que a originou». Não se aclara assim o problema das formas patológicas da atenção, como a preocupação ou a obcecação?

Imaginemos, porém, que o desejo é geral, vago, por ex.º o de auxiliar o próximo, de contribuir para a melhoria do bem-estar deste. A forma criada deve adquirir uma plasticidade extraordinária, com tudo correspondente à ideia que a provocou.

Não serão filiáveis nesta categoria, nas «for-

mas-pensamento», os chamados «espírito nacional», «espírito rácico», «espírito de classe», etc. ? Parece-nos que sim e a maravilhosa vitalidade dessas «formas» deve ser explicada pelo «alimento» energético fornecido por milhões de seres que constituem aqueles grupos (nação, raça, etc.). Quem sabe se a estes artificiais (vitalizados pelo pensamento de sucessivas gerações, pelo seu amor fechado à terra natal, pelo seu culto ao passado das «glórias nacionais») se não podem atribuir as dificuldades para uma compreensão mútua, para uma «fraternidade internacional» que através da História sempre se tem verificado ? Os homens, na sua ignorância, criam «formas» particulares; raros são aqueles, capazes de originar artificiais duma plasticidade tal que alargue a humanidade !

Se é grande o papel desempenhado pelas «formas-pensamento», quando formadas inconscientemente, maior é o seu poder e a sua vitalidade quando o homem as gera, conscientemente.

Passamos agora aos «mundos metassomáticos». Infelizmente, na bibliografia espiritista nada existe que nos revele a natureza dessas regiões e dos seus habitantes, ainda que pudessemos induzi-la da descrição dos mais elevados «mundos das formas».

Nestes mundos o ser já se libertou quase totalmente do psicocorpo, isto é, serve-se dum perespírito extraordinàriamente rarefeito.

«Todos estes corpos estão cheios dum fogo vivo que desce dum plano superior, com o qual o globo parece ligado por um fio vibrante de luz intensa, relembrando duma maneira flagrante as palavras da estância de Dzyân: a centelha está suspensa da chama pelo fio mais fino do Fohat» (v. Leadbeater in «Plano mental» p. 127).

A consciência do ser está inteiramente voltada para o Espírito Criador, para a frente. A sua atenção já se não vira para os «mundos formais» de cujo condicionalismo se libertou. O ser tem a consciência plena do caminho andado e daquele que o espera ainda; realizou já o primeiro grande passo na superiorização do Ego.

Eles flutuam conscientemente num «oceano de pensamento».

Que haverá depois desses mundos sem formas ? Que esperará o homem que os atingiu ?

É natural que o Caminho não termine mesmo no mais elevado dos «mundos metassomáticos». O que se seguirá, não o podemos supor, dentro das linhas em que até aqui procuramos caminhar. Só pelo poder da intuição, o pensamento seria capaz de seguir, mas as afirmações que se fizessem pouco ou nenhum valor probatório teriam. Abandonaríamos o campo da Psicologia para penetrarmos no da metafísica. É lógico... que haja um fim ? Eis a interrogação que nos resta, mas da qual... nem tentamos dar um esboço de solução, pelos motivos indicados.

O reencarnacionismo assenta numa base de psicologia experimental, arrasta o homem à indagação dos transcendentes problemas metafísicos. Longo é o Caminho andado ! Não menos longo será o que nos resta percorrer !

Facilitar a jornada, pelo conhecimento do homem e do seu destino — eis uma das tarefas a que se impôs o Espiritismo, por tantos difamado e por tão poucos compreendido !

DADORES DE LUZ

La Conciencia, *de Buenos Aires, inseriu no seu n.º 62, de 31 de Maio último, a nota seguinte:*

«Muitas vezes temos ouvido dizer a alguns espiritas: «Eu dei luz a este ou àquele espírito». Referem-se, é claro, aos espíritos perturbados atraídos às sessões mediúnicas.

«A afirmação é arbitrária. Nós, os terrenos, necessitamos de luz. Neste caso, como dar o que não temos ? Nas sessões experimentais conseguem convencer os espíritos perturbados. E convencer não significa dar luz. A luz deve adquiri-la cada um pelo esforço próprio, purificando o seu perispírito. É costume orar por esses seres, isto é, influir no seu perispírito, mediante elevadas e eficazes vibrações. Mas, mal pode dar luz quem a não tem e que necessita de eflúvios beneficentes dos desencarnados. A este propósito, citaremos uma interessante anedota:

«Em face da renitência de um espírito que não queria submeter-se à verdade, o director da sessão indicou a leitura da prece dos espíritos endurecidos. A entidade extra-terrena escutou solenemente e perguntou:

«— Porque não oras por ti mesmo, que estás pior do que eu ?

«De modo que, neste caso, quem necessitava de luz era o director das sessões. Justifica-se, então, quando os irmãos do espaço se compadecem de nós, ajudando-nos com seus pensamentos e suas vibrações de alta frequência. Em vez de dar luz, temos que recebê-la. Por isso, não convém interpretar erroneamente um problema desta transcendência».

Por cá também há «dadores de luz» que encaram a sério o seu «apostolado». Não têm um só raio do maná celeste, mas espalham luz, como quem espalha poeira. Convencem-se de que, sem ouvir a parlenda do «sacerdote», os pobres espíritos não serão iluminados. Ora , sendo milhões os seres que partiram e dezenas os «grupos» que ficaram como fontes de luz espiritual, é fácil de imaginar as trevas que envolvem esse pobre invisível, que não poderá evolucionar sem o prévio auxílio dos luminares terrenos . . .

PÁGINAS D

(Ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista)

Isidoro querido! Fitas o meu retrato, embebes-te nos meus olhos... enleias-te no meu sorriso... Que vês tu? Que sentes tu? Que doce vibração é essa? E esse calafrio que te envolve? Pensaste em mim, pensei em ti. Foi rápido. Foi luminoso. Isto é identificação das almas. Correm umas para as outras. São imãs que se atraem. Há outras que se repelem. Não podem encontrar-se. Não há fusão. Quanto mais esforço, mais distância entre elas.

As nossas não são assim. Pensam, atraem-se. É um instante. Esteja onde esteja, venho aqui ou ali, onde estiveres. É o pensamento. É corrida vertiginosa. Chego e envolvo-te. É um abraço grande, Isidoro. Penetra todas as células. Sentes então os meus fluidos. Sou feliz e és feliz!

Eu queria assim permanecer toda a vida, a abraçar-te, a envolver-te, a sentir-te amorosamente. Queria. Era o meu maior gozo espiritual. Viveria em plena harmonia. Era uma grande felicidade!

Todos queremos ser felizes. Formamos um mundo e vivemos nele. Impregnamo-nos do seu ambiente. Fazemos parte dele, como ele de nós. É nosso, somos dele. Deixamos de ser todo, somos parte. É uma coisa curiosa!

Eu penso muito nisto. Quando aí estava era assim, Sózinha era um todo e contigo uma parte, uma parte de nós mesmos. O todo, o verdadeiro todo, éramos nós os dois, éramos nós os três. Coisa estranha! Mas vivia bem assim. Sentia-me forte, muito mais forte. Antes queria ser parte, que ser todo. Queria, Isidoro! A unidade amalgamava-se com outra unidade. O resultado era maior, mais perfeito.

A vida era mais bela, mais atractiva. Tudo era grandioso. Mesmo as coisas pequenas. Um grão de areia, uma pétala, a asa dum insecto... Tudo era grandioso, porque a alma estava em festa. A alma sorria... entregava-se em amor votivo, enchia-se de felicidade.

Nós é que fazemos a vida. Embelezamo-la com pensamentos optimistas. Damos-lhe côr. É através das cores que a vemos. Quem faz as cores da vida, senão as almas, com seus prazeres, com suas dores? Há muitos vidros diferentes. Eu quero vidros claros, Isidoro. Quero alegria. Quero luz deslumbrante. Uma apoteose de luz!

Não quero a penumbra. Gera tristeza, indispõe.

Os dias nublados chocam as almas. São pesados, causam dor. Eu queria dias de sol. Sol no campo, sol nas almas. Alegria, aleluia de cores!

Andava contente e feliz.

Agora tudo é diferente.

Tu és um polo, eu sou outro. Ando de cá para lá, sujeita ao amor. Vai-vem divinal, vai-vem de saudade!

Como isto é, Isidoro! Não faço qualquer esforço. Penso, e estou lá. Penso, e estou cá. Mais nada. Mas vibro melhor. Sinto melhor o bom, sinto melhor o mau.. Gozo mais, sofro mais, entendes?

Tudo por causa do corpo que lá deixei. Esse não vibra. Era grosseiro, era pesado. E não vibrava com eu queria. Às vezes notava. Cá dentro era um mundo de ideias, de impressões subtis. Quem podia traduzi-las em imagens concretas? Mesmo em palavras? Onde estava a linguagem? Onde estava ela?

Eu sofria com isso. O mundo interior era maior que o mundo exterior. Era mais vasto, mais opulento. Impressionava. Podíamos idealizar. Vivíamos nele, sentíamos nele, como se fosse uma grande realidade. Que admira que aqui suceda o mesmo? Esse mundo interior era do espírito. Uma vez liberto da matéria, entra no seu meio natural. Vive intensamente, sente intensamente. Não há limitação, como aí. As faculdades não são maiores. Exercem-se mais fàcilmente. Empregam-se a fundo, com pleno rendimento. Vive-se mais e melhor.

Quem me dera que estivesses cá, Isidoro! Como eu seria feliz! Nós os dois a vibrar! Mas a felicidade não é completa. Nem aí, nem aqui. Há sempre qualquer coisa que a atenua, que a modifica. São os contrastes, os reversos.

Toda a vida os tem. Se é mais subtil, são mais subtis. Se é mais grosseira, são mais grosseiros. Integramo-nos no ambiente com o corpo respectivo... É o vidro, é a côr. Vemos tudo através dele. É um aspecto da realidade. Se abandonarmos esse vidro e usarmos outro diferente, vemos tudo através deste. E muda o panorama, muda a côr, muda tudo. O vidro é que manda. Não é assim? Tudo questão

E SAUDADE

de sentidos. Não há dois mundos. Há mais ou menos vidros, mais ou menos sentidos.

É muito complicado tudo isto. Ainda não compreendo muito bem. Mas hei-de compreender. Hei-de contar tudo. Não tenho segredos para ti. Hei-de desabafar tudo nesta conversa deliciosa. É amor que se dá e que se recebe. É uma divina transfusão.

Tu gostas deste intercâmbio. É o abraço de duas almas amantes que se deram em prazer e em dor, que se entregaram para todo o sempre. Partilham tudo, o doce e o amargo, o belo e o feio, o claro e o escuro, o vulgar e o sublime. Partilham tudo inteiramente. Nunca vi uma coisa assim!

Ignorava isto. Vivia de ti e para ti, mas estava longe de julgar uma coisa destas. Estava tão longe!

Muitos não acreditam, nem no amor, nem na mensagem. Que importa! Não a sinto para eles, não a dito para eles... Vivo de ti e para ti...

Este é o meu mundo. Tenho-o dito sempre de mil modos diferentes. Estou nele, gravito nele, gozo e sofro nele, sempre ligada a ti por laços inquebrantáveis!

Alarguei o âmbito de acção e julgam que me extingui totalmente! Pobres ignorantes! O livro da vida é maior do que julgam. À medida que passamos folhas, surgem novas folhas, sempre diferentes. Estão em branco. Escrevemos nelas os nossos pensamentos e os nossos actos. Sucedem-se ininterruptamente. Quando se enche um volume, arruma-se no seu lugar. Depois desfolhamos outro e outro e outro, sem parança. Desfolhamos sempre, escrevemos sempre! Páginas belas, harmoniosas, que alegram e dão prazer inefável. Páginas tristes, dolorosas, onde registamos as nossas fraquezas, as nossas quedas. Perfeições, imperfeições, esforço para o bem, esforço para o mal, tudo lá se encontra arrumado. Mais tarde, lemos tudo. É uma biblioteca imensa, Isidoro. Lê-la, é vivê-la novamente. Sentimos novamente o prazer e a dor. Confrangemo-nos com as acções praticadas que o véu da carne tinha encoberto. Lembramo-nos de tudo. Às vezes nem é preciso abrir o volume. É o número tal? Pronto! Estamos alegres ou estamos tristes. Gozamos ou sofremos.

Há quem queira esquecer certos passos da vida. Mas, como? Estão vivos, palpitantes de realidade... A memória guardou-os nos seus arcanos... Há que vivê-los, uma vez, muitas vezes, até chegar à conta. Depois o livro vai-se esbatendo. Apaga-se o título, desfolha-se outra vez, lentamente, muito lentamente, e funde-se como um bloco de gelo batido pelo sol. É que já saldámos a conta. Depois vamos a outro...

Há sempre novas contas a saldar. É um deve e haver infinito. São os dias e as noites, ligados fortemente, rolando na mesma esfera do bem e do mal. Nós é que somos os guarda-livros. A letra é nossa. Os caracteres são inapagáveis. Só o pagamento integral os pode desfazer, Isidoro. É uma conta fatal. Tudo lá está enfileirado. Nem um algarismo falta. Nem uma letra falta. É pagar e pronto. Não se pode reclamar. Foi tudo escrito por nós... Tem a nossa assinatura... Não há apelo nem agravo. Por isso alguns choram de arrependimento: «Se fosse hoje!» — dizem eles. Se fosse hoje, procederiam diferentemente.

Mas vão avançando. A experiência vale muito. Aprende-se muito, Isidoro. Aumentamos o conhecimento. Vamo-nos transformando. Tens o exemplo. Que é uma estátua? Primeiro, um bloco tosco de granito. Depois, vem o canteiro. É o martelo e o cinzel. Desbasta aqui, desbasta além. Lima aqui, lima ali. Dá-lhe expressão. Por fim, surge a obra que todos admiram.

Conosco é assim. Somos canteiros, temos martelo e cinzel... e andamos a vida inteira a desbastar um bloco de granito que não quer ceder, que não quer aformosear-se!... Mas tem que ser. Num ano, em dois. Numa vida, em duas vidas... Ele há-de ceder. Parte-se o martelo? Arranja-se outro. Novo cinzel empunhamos. Bate que bate, o granito vai cedendo. Surgem os contornos... As curvas alteram-se... A vida aparece... E assinamos a obra com a nossa própria vida, com o nosso próprio esforço. A estátua somos nós, o canteiro somos nós. Que grandes mistérios encerram as almas!

Isidoro querido, a vida é assim. Mistérios e sombras...

Vai, meu filho. Volta à nossa casinha. A Gena está ansiosa. Eu seguirei contigo.

Um grande abraço da tua, sempre tua, **LIA**

A Verdade e a Ciência

por E. F. M.

O Professor Dr. Egas Moniz afirmou algures que ainda vagueiam no espaço e residem em nós e nos seres que nos cercam, muitas e ignoradas energias, ocultas na sombra do intangível.

Na verdade, a ciência não deu ainda a sua última palavra, apesar de vivermos no século das luzes.

Se muitos campos já desbravou, muitos lhe falta ainda desbravar para trazer à humanidade novos conhecimentos técnicos, novas energias ignoradas e novos conceitos filosóficos.

Mas ouso perguntar: Trará sòmente a ciência o conhecimento da verdade que a humanidade anseia para a libertar do mal em que vive?

Não creio. Descobrirá energias ocultas na sombra do intangível e distribuí-las-à em forças físicas em todos os sectores da vida. Mas por mais que investigue, por mais conclusões a que chegue, por mais verdades que descubra, jamais deixará de ter campo vasto franqueado às investigações e a pedra filosofal continuará no seu pedestal inatingível à espera de voos mais arrojados de indivíduos que lá procuram chegar por outros caminhos: os do discernimento espiritual.

No conceito profundo dos mestres do ocultismo não há realidade, vida ou inteligência na matéria. Portanto só no intangível encontraremos a vida, a inteligência e a realidade.

Se é portanto na parte intangível de nós mesmos que descobriremos a verdade, confirma-se a frase: *Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo.*

Mas qual será o mortal que consiga conhecer-se? Se é que ele existe na Terra, temos que idealizá-lo como um ser completamente liberto vibrando em harmonia com o Todo.

Para a maioria das massas é difícil conceber um ser liberto encarnado num corpo tangível. Até mesmo entre os desencarnados — como nós chamamos àqueles que deixaram já o corpo material — são poucos aqueles que podemos considerar libertos. A maioria nem sequer ainda despertaram do seu estado confuso de perturbações, apesar de há muito terem deixado de possuir um corpo carnal, como está justificado pelas entidades que se manifestam através dos médiuns, que julgam estar numa data muito anterior aquela em que dão a sua manifestação. O ser liberto é aquele que despertou para Deus, quer esteja ou não reencarnado num corpo físico e despertar para Deus é senti-lo e jamais dele nos desviarmos. Assim

GUIADO PELO

O nosso jovem espirita-cristão encontrava-se fora da pátria e longe da família. Tomara conhecimento da doutrina havia poucos meses, sentindo-se encantado e cheio de entusiasmo. Tinha muitos defeitos, mas logo tomou o firme propósito de trabalhar para a sua regeneração e aperfeiçoamento, tornando a sua vida correcta e pura. Estudou-se e começou a desbastar as suas imperfeições, uma a uma, mas denodadamente, sem descanso. O espírito estava preparado, mas a carne era fraca e às vezes, quando já se julgava firme, lá ia uma nova escorregadela. Mas como escorregar não é cair, o nosso jovem espirita-cristão, arrependido sinceramente, levantava-se, sacudia a lama que o tinha conspurcado, e, sem desanimar, recomeçava a sua luta na senda do aperfeiçoamento, vigiando, cada vez com mais cuidado, para não ser novamente vítima da fragilidade da sua máquina física.

Uma noite, o nosso espirita saiu de casa disposto a praticar um erro habitual. Porém, à medida que se ia aproximando do local do delito, começou a sentir-se cada vez mais maçado e aborrecido, cada vez com mais sono e mais cansado, cada vez com mais vontade de voltar para casa. Uma luta, que o fazia sofrer, se estava travando na sua mente. No entanto teimou e continuou para a frente, pelas ruas desertas e mal iluminadas. Mas a sensação de desprazer aumentava sempre e tornava-se tão persistentemente incómoda, que o nosso jovem hesitou, acabou por parar a meio do caminho e, falando consigo mesmo, disse, numa revolta:

— Vou-me embora!

Voltando as costas ao local do erro, principiou a andar para casa. Parece que se tinha libertado de alguma coisa que o oprimia, constrangendo-o. A sensação de cansaço, de sono e de aborrecimento passou como por encanto e o nosso espirita-cristão regressou, feliz e tranquilo, ao seu quarto.

Passado tempo, novamente a tentação o levou a repetir a surtida nocturna. Mais uma vez aquela estranha indisposição o obrigou a desistir a meio caminho e a paz e a tranquilidade voltaram a reinar no seu espírito. O nosso cristão compreendeu, então, que alguém velava por ele e que do invisível procuravam impedir as suas leviandades. Fez logo voto sincero de não voltar ao lugar da tentação e, daí em diante, conseguiu cumprir o que decidira.

ESPÍRITO

por B. B. MARTINS

Passados anos, o nosso espìrita-cristão viu-se um dia inopinadamente despedido do seu emprego, por um patrão iníquo.

Fóra da pátria, longe dos seus, com pesados encargos e dispondo de recursos que se esgotariam ràpidamente numa terra onde a vida era caríssima e onde não havia facilidade de arranjar emprego, o nosso espirita, apesar de procurar manter-se calmo, ficou, no entanto, um pouco atordoado com a desagradável surpresa. Mas lembrou-se de que sempre tinha sido protegido pelo Alto e que já tinha sentido, em mais de uma ocasião, a mão de Deus sobre si, amparando-o nalgumas circunstâncias difíceis. Como habitualmente, fez as suas preces e confiou na providência divina. Começou logo a arquitectar planos. Alguém lhe lembrou que fizesse uma lista dos estabelecimentos onde haveria qualquer possibilidade, ainda que fraca, de conseguir emprego.

Dia 2 de Janeiro de 1948 saiu de manhã com a sua lista no bolso e, ao descer do machimbombo, na baixa, caminhou pensativo, ao acaso, sem reparar para onde se dirigia. A certa altura, como que acordando, parou. Sacou do rol para percorrer os nomes das firmas nele inscritas. Depois de ter escolhido um rumo, dispunha-se a prosseguir a marcha, quando, ainda no mesmo local, tendo levantado os olhos, leu no edífico ao seu lado o nome duma firma importante — F. B. & C.ª Ld.ª. Como que um clarão iluminou o seu espírito e disse, para consigo, em voz alta:

— É boa ! Esqueci-me de pôr este na lista ! Vou já aqui...

Entretanto, no estabelecimento onde Deus o conduzira, procurou o chefe da secção que lhe interessava. Ninguém ali conhecia o nosso espirita, mas este teve a impressão de que a gerência já o esperava, pois que havia uma vaga latente, como que adormecida no cérebro dos directores e que teve o seu nascimento só naquela altura devido ao aparecimento do nosso espirita. Este, inspirado, sem saber por quem, expõe fluentemente os seus argumentos, provando a necessidade que a firma tinha dos serviços duma pessoa como ele. As palavras saiam-lhe da boca com uma facilidade desusada, atingindo certeiramente o objectivo em vista. E o nosso espirita-cristão, dentro de poucos minutos, tinha vencido a batalha, com a ajuda de Deus, tinha conseguido um emprego muito melhor do que aquele que ambicionava e muito melhor do que o que perdera pouco antes.

Louvado seja Deus !

15-1-1950

sentiremos a verdade que habita no mais íntimo do nosso ser.

Quem sentir essa verdade sentirá em si uma felicidade permanente.

Admiro aqueles que procuram a verdade em todos os campos científicos, alheios a todos os preconceitos sociais, superiores a todas as convenções humanas, no sentido de banir do espírito da humanidade a superstição e o medo que nos acompanham pelas crenças do passado. Esses legam-nos o progresso em todas as suas modalidades vibrando com o espírito de Madame Curie que nos diz : «Nada devemos temer, mas sim compreender».

No entanto admiro também todos aqueles que, não sendo cientistas, sentem a verdade que não sabem explicar com frases buriladas, mas a exteriorizam por actos de amor, de carinho e de abnegação.

Não é no aglomerado de conhecimentos que se revela a grandeza de uma alma, mas sim nos seus actos de abnegação e altruismo.

Que importa ao homem sedento de verdade armazenar conhecimentos, se não vibra dentro das coisas mais belas do espírito que a ciência pouco explica ?

Que verdade pode ele encontrar superior à que reside em si próprio ?

A verdade deve ser procurada dentro de nós mesmos.

Temo-la como património sagrado que Deus concede a todos.

Quando o Grande Mestre nos disse «sede perfeitos», não nos deu um preceito impossível de executar na vida actual, mas nele reside precisamente o segredo de satisfazer eternamente os nossos anseios de verdade.

Deus reside em nós e em todos os seres da criação. Da estrutura do átomo até à incomensurável harmonia do Universo, a Vida existe em mutação permanente.

Jamais o homem poderá compreende-lo na Sua máxima grandeza, porque nessa altura procuraria limitar o que é infinito. No entanto, não lhe é vedado subir cada vez mais, dentro de conhecimentos sublimes, nem lhe é vedado harmonizar-se com as leis do Todo para vibrar em perfeita harmonia com a Verdade que lhe revela o Bem e o Belo.

TEATRO DA MOCIDADE

É o terceiro volume de teatro espiritualista de Leopoldo Machado, reunindo mais de sessenta números de teatro diverso e de fácil representação.

O Espiritismo varia assim a sua propaganda, interessando o maior número de pessoas e levando aos palcos a chama viva da sua essência purificadora. A Leopoldo Machado se deve um dos maiores serviços à mocidade brasileira.

A edição é da «Gráfica Mundo Espirita».

Junho

CONFRATERNIZAÇÃO

Artigo do Coronel FAURE DA ROSA

II

Mais uma recomendação de Marco Aurélio: «Não procedas como se tivesses de viver dez mil anos: a morte está suspensa sobre a tua cabeça. Enquanto viveres, sê bom, tanto quanto puderes... que talvez sejas obrigado a deixar a vida terrenal dum momento para o outro; por conseguinte, regula a tua vida e os teus pensamentos. Se os Deuses existem, deixar este mundo nada tem de aterrorizador, porque os Deuses não te arrastarão para o mal; mas se eles não existem, se eles se não ocupam dos trabalhos humanos, então para que serve viver num universo sem Deuses, sem Providência?

«Mas, de facto, os Deuses existem e ocupam-se das coisas deste mundo e puseram nas mãos dos homens os meios de não cairem em faltas graves».

Sim, esses meios são a confraternização com os nossos irmãos, o exercício da Bondade, o despreso de tudo que possa alterar a calma, a paz de espírito.

Já Manú dizia que cada homem vem só ao mundo, só morre, como só recebe a recompensa das suas boas acções e só também suporta o castigo dos seus pecados, das suas maldades. Quando o homem morre, o seu corpo jaz na terra como uma árvore que tomba, mas o seu mérito e desmérito acompanham a sua alma.

Que havemos de fazer para conservarmos as condições de confraternização?... Uma coisa simples: Cumprir a moral espirita que é moral cristã na sua pura essência.

Não confundamos, porém, a moral cristã, que é a do Espiritismo, com a moral social. Esta última é quase inteiramente convencional. Enquanto que a moral espiritual é uma das expressões da lei eterna, divina, de evolução e progresso; lei de que não pode separar-se, porque em si mesma encontra o seu apoio e a sua sanção.

O ensino moral tem que mostrar a todos que o fim da vida não é nem pode ser a pesquisa da felicidade terrena, como muitos supõem; mas o aperfeiçoamento e a depuração da criatura para que saia de cada existência melhor do que nela entrou.

Os meios de realização são o trabalho, o estudo, o esforço constante para a prática do bem. E por bem deve entender-se tudo aquilo que nós desejamos que nos façam em nosso favor. O homem, observando a lei moral, eleva-se; mas se a violar deprime-se, diminui-se, É ele próprio que se condena a retrogradar, e muito mais penosamente pelo declive em que se deixou resvalar. Se olharmos em volta de nós, veremos nos males, nas enfermidades, nos revezes... as consequências das existências anteriores estragadas ou perdidas. Mas, como as verdades mais evidentes e mais rudes, as lições da adversidade são difíceis de compreender pelo homem moderno, cujo espírito tão falsificado tem sido por tantos séculos de erros dogmáticos.

Os sociólogos materialistas confundem o *conceito do bem e do mal* com *as leis de usos e costumes dos diversos países.*

Todos nós sabemos e compreendemos o que é um ser devasso, um homem que abusa dos prazeres carnais, que chafunda na crápula. O devasso não é considerado como *moral*, nem pelos estoicos, nem pelos epicurianos, nem na Europa, nem na India, nem na China... nem em parte nenhuma do mundo civilizado. O que muda ou pode mudar são, por exemplo, as leis, os costumes referentes principalmente, as relações sexuais. Nós reprovamos um bígamo, não porque a bigamia, em si, seja uma coisa «imoral» — como o é, incontestávelmente, a devassidão — mas porque contraria as leis e porque por elas se é punido.

O bem e o mal, o justo e o injusto, não existem para os materialistas. Diz o Dr. Alexis Carrel que nas prisões estão unicamente os criminosos pouco inteligentes ou mal equilibrados. Os outros, muito mais numerosos, vivem em liberdade, misturados, intimamente, com o resto da população.

A actividade moral é equivalente à aptidão

que possui o ser humano de se impor a si mesmo uma regra de conduta que lhe permita escolher entre muitos actos possíveis, aqueles que considerar mais profícuos para se libertar do seu egoismo e da sua maldade.

No «Fundamento da Moral», Schopenhauer afirma que os seres humanos têm tendências inatas para o egoismo, para a maldade, ou para a piedade. Há, entre nós, egoistas puros para quem a falsidade aos seus semelhantes é igualmente indiferente. Há quem sinta prazer em ver o infortúnio ou sofrimento alheio e até há quem os provoque... Mas, é certo que também há quem sofra verdadeiramente com a dor de qualquer ser humano. É esse poder de simpatia que gera a bondade, a piedade, a caridade e os actos que daí derivam. A capacidade de sentir o sofrimento alheio faz o ser moral que se esforça por diminuir entre os homens a dor e o pêso da vida.

A definição do bem e do mal é baseada tanto na razão como na experiência milenária da humanidade. Corresponde às exigências fundamentais da vida individual e social.

O bem é sinónimo de justiça, de caridade e de beleza; o mal é sinónimo de egoismo, de maldade, de fealdade. Na sociedade moderna, as regras teóricas de conduta são baseadas nos vestígios da moral cristã; à qual, na prática, quase ninguém obedece. O homem e a mulher modernos rejeitam qualquer disciplina para os seus apetites. Contudo, nem a moral biológica, nem a moral industrial têm valor prático porque ambas são artificiais e apenas consideram um aspecto do ser humano. Ambas essas morais — a biológica e a industrial — ignoram as actividades psicológicas mais essenciais e não nos fornecem uma armadura suficientemente sólida e completa para nos proteger contra os nossos vícios imanentes...

Inteligência, vontade e moralidade são funções muito vizinhas umas das outras; mas o senso moral é mais importante do que a inteligência. Quando esse senso desaparece duma nação, toda a estrutura social começa a aluir...

O senso moral é susceptível dum estudo tão positivo como é o da inteligência. É um estudo difícil, decerto; mas os aspectos do senso moral, tanto no indivíduo como nas colectividades, reconhecem-se fàcilmente.

A beleza moral deixa uma recordação inolvidável a quem a tenha contemplado uma única vez, porque grava uma impressão mais funda que a da natureza ou a da ciência. A beleza moral dá àquele que a possuir, um poder estranho, inexplicável: aumenta a força da inteligência, estabelece a paz entre os homens e é — muito mais que a ciência, que a arte e a religião — a base da civilização.

Há materialistas que não contestam que a moral possa ser mais alguma coisa que a simples «História de usos e costumes humanos»; mas pensam que é possível haver uma Moral sem Deus.

Mas, nem o espiritista, nem qualquer outro espiritualista, admite a Moral sem Deus.

Perguntaram uma vez, a um metapsiquista se era possível haver moral sem Deus. «Para responder a esta pergunta» — disse ele — «é necessário não a confundir com estoutra: «Há materialistas homens honestos?» — o que é coisa muito diferente. «Tanto pode haver materialistas homens honestos, como crentes deistas cuja conduta, pelo contrário, seja inteiramente deplorável. Mas o que importa é precisar *se a situação dum ateu homem honesto não é tão ilógica como a de um deista homem desonesto.*

Não obstante, eu persuado-me que os crentes desonestos são mais numerosos que os ateus honestos. É que para muita gente deista, que se considera «boa gente», a moral não é mais que um caso de opinião pública: *saber-se ou não se saber,* eis a questão. Desde que *se não saiba, tudo se permite.*

Hoje, como hontem, como, talvez seja sempre neste planeta de expiação — se faltasse, para ser rico herdeiro dum mandarim que jamais se tivesse visto, de quem nunca se ouvisse falar e que habitasse nos confins da China... se bastasse premir um botão eléctrico para lhe dar a morte e herdar a avultada riqueza, quantos homens haveria que não quisessem carregar no botão?...

NOTAS ESPIRITAS

Os matutinos *A Manhã* e *Diário Trabalhista*, do Rio de Janeiro, traziam secções espiritas diárias. «Notas Espiritas» era a do primeiro, dirigida por Leopoldo Machado e Gil Ribeiro. «Este mundo... e o outro» era a do segundo, sob a direcção de Leopoldo Machado e J. Alves de Oliveira. Ambas desapareceram por influência do clero.

Em compensação, *Vanguarda*, passando a nova direcção, restabeleceu a sua antiga secção de noticiário espirita, sob a direcção de A. Brandão da Rocha.

O PROBLEMA DO AMOR

por ANTÓNIO CARDOSO

II

TEORIA DA ATRACÇÃO UNIVERSAL

Foi Newton, que descobriu a lei da Atracção Universal, expressa pela fórmula

$$F = \frac{mm'}{d^2}$$

que diz que os corpos se atraem uns aos outros na razão directa das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias.

Kepler com o estudo dos astros observou também que os planetas descrevem elipses em volta do sol e o centro deste astro coincide com um dos focos de cada uma dessas elipses, as áreas descritas pelos raios vectores que unem o centro do Sol com cada um dos planetas são proporcionais aos tempos gastos em descrevê-las e por último que os quadrados dos tempos das revoluções siderais dos planetas são proporcionais aos cubos dos semi-eixos maiores das respectivas órbitas.

O que de mais recente existe sobre a constituição da matéria, já posterior aos trabalhos de Broglie e de Schroedinger criador da «mecânica ondulatória», demonstra cada vez de uma maneira mais positiva, que aquilo que existe no mundo infinitamente grande não é mais do que uma imagem do que se passa no mundo infinitamente pequeno, e vice-versa. Será necessário dizer que já se chegou ao ponto em que a teoria dos electrões descreverem circunferências em volta do núcleo, está sendo posta de parte? Hoje segundo Sommerfeld essas trajectórias são elipses de diferentes graus de excentricidade, que, segundo Korsel, não estão no mesmo plano. Razão tinham os cientistas e filósofos em dizerem que o átomo não era mais do que um sistema solar em miniatura! E se isto se dizia há já umas boas dezenas de anos, que dizer hoje?

Sabe-se hoje que o sol está animado de movimento de translação e que nesse movimento arrasta os restantes elementos do sistema de que ele é o centro, movimento esse efectuado com uma velocidade de 20 kms na direcção do *apex-solar* — ponto da esfera celeste situado na constelação de Hércules — sendo precisamente devido a essa trajectória do sol que nós vemos as estrelas seguirem um caminho precisamente oposto, isto é, do apex para o anti-apex.

Há pouco mais de 14 anos já a conhecida empresa alemã «Siemens und Halske Aktiengesellschaft» apresentou a descoberta — registada com o número 599.762 — da transmutação do mercúrio em ouro. Embora a pudesse aqui reproduzir, não transcrevo uma linha sequer, porque possuo um artigo de Pierre Devaux recentíssimo (19 de Maio de 1950) acerca do assunto; e como sei que os leitores gostariam de o conhecer, transcrevo uma linha aqui, outra acolá, porque transcrevê-lo todo seria quase ocupar 2 páginas ou mais de *Estudos Psíquicos* com ele.

«Foi com uma extraordinária notícia científica que o ano de 1949 findou os seus dias — a qual por certo, não teria encontrado outrora senão incrédulos. Nós porém assistimos já a tantos «milagres» da ciência, que o mundo inteiro acolheu sem cepticismo essa informação, vinda dos meios «atomistas» de Chicago, acerca da «fabricação do ouro»... Sob o ponto de vista científico esta «síntese atómica do ouro não é revolucionária; não é mais surpreendente que a do «plutónio» que se trabalha já diàriamente nas modernas pilhas atómicas».

«A Pedra Filosofal era uma dessas sementes preparada sobre a forma de pó — o qual se envoluia de uma leve camada de cera, antes de se projectar no mercúrio ou em um metal «inferior» em fusão. O metal transformava-se então integralmente em ouro. Helvétius — célebre médico do príncipe de Orange — teria assim conseguido, em 1666 transformar onça e meia (cerca de 43 gramas) de chumbo em ouro de bom quilate. No entanto, mantém-se ainda em mistério e composição da «Pedra Filosofal»; sabe-se apenas que ela era proveniente segundo essas teorias, da união «de um enxofre e de um mercúrio».

Vejamos agora o que se passa com o homem. O seu corpo é formado de milhares e milhares de células, formadas de moléculas, por sua vez ainda constituidas por átomos. Portanto dentro do nosso próprio organismo descrevem-se as tais *elipses*, infinitamente pequenas, é certo, mas que são a imagem das infinitamente maiores descritas pelos sóis e planetas.

E agora que chegamos a este ponto, poderemos compreender melhor o que se segue: sabe-se hoje, devido a Oersted que uma corrente elétrica é capaz de produzir um campo magnético; quando a corrente atravessa um circuito paralelo ao eixo de uma agulha magnética, esta desvia-se de modo que o polo norte fica à esquerda da corrente (entendendo-se, segundo Ampére, por esquerda de uma corrente a esquerda de um observador deitado ao longo do circuito, entrando-lhe a corrente pelos pés e saindo-lhe pela cabeça, e voltado para a agulha). Recordemos também em que consiste o aparelho receptor de Branly: é formado por um pequeno tubo de vidro, tendo interiormente um determinada porção de limalha de ferro, colocada entre os dois polos. A corrente eléctrica só pode atravessar de um polo ao outro quando e só quando a limalha se orientar no sentido dos polos. Sucedia no entanto que nos primeiros receptores, o fenómeno não se podia repetir sem que se desse uma pancadinha no tubo a fim de que a limalha que após a recepção ficara orientada num mesmo sentido, pudesse estar em condições de receber uma nova vibração.

Vejamos mais uma vez se podemos transpor estes factos para o reino hominal. Segundo Krœner «toda a sensação orgânica se origina num processo químico e se realiza segundo as leis de difusão e da osmose». Ribot por sua vez observa que durante a vertigem as excitações dos músculos mais dependem de excitações mecânicas que internas, embora estas tenham importância fundamental em outros casos. Para Bain, Wundt e outros autores não existe qualquer sensibilidade muscular especial, mas sim uma *quantidade de influxo* nervoso enviada ao músculo. Höffding diz por sua vez: «O movimento dos orgãos sensoriais permite-nos tornar a percepção sensível mais nítida, porque as excitações sucessivas actuam com mais força que as simultâneas, e ainda nos permite procurar novas excitações».

Mas para aquilo que nos interessa, mais interessantes e positivos são os trabalhos de Ramón y Cajal, espanhol, ao qual se deve a quase absoluta transformação do conceito dos nervos como condutores contínuos da corrente, demonstrando, após um laborioso estudo microscópico, que o nosso sistema nervoso se acha ligado entre si por uma série enorme de *contactos imperfeitos*. Mas isso foi o que vimos no recpetor de Branly! Recordemos que a limalha se orientava segundo os polos por um *contacto imperfeito*.

Comparemos o que se passa no aparelho receptor de Branly com aquilo que se passa nos seres humanos. Certos factores externos têm por vezes uma acção tão directa em certos seres originando ligações num único sentido, dos contactos imperfeitos dos nervos dando lugar a transmissões de fluido benéfico ou altamente prejudicial. Quando se trata de seres que não sofrem senão seduções unilaterais, o caso complica-se, porque aparece a neurastenia, e pior ainda, o indivíduo acaba muitas vezes por enlouquecer. Só o poderá salvar um outro foco de atracção, que seja capaz de o emocionar e que represente para ele o que a «pancadinha» representa no tubo de Branly!

O estudo da aura humana é também aqui um elemento precioso porque permite dividir os seres humanos em duas categorias: centrípetos e centrífugos. Os segundos irradiam em todas as direcções, consciente ou inconscientemente, e devido a tal esgotam-se fàcilmente. Infelizmente 96 ou 97 % dos seres humanos que habitam o nosso globo são centrífugos, verdadeiros escravos dos indivíduos que consciente ou inconscientemente os sabem subjugar.

Os centrípetos, pelo contrário, conscientes do seu poder, não gastam inutilmente radiações como os centrífugos, porque sabem que aquilo que desejam, tarde ou cedo se realizará: querer é poder — diz o adágio popular. Para isso é preciso conhecimento e força de vontade, e sobretudo não pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Perguntaram um dia a Newton o que fazia para realizar tantos descobrimentos notáveis; Newton respondeu simplesmente: «Pensando sempre neles». Mulford dizia: «Enquanto praticais um acto físico, se pensais em uma coisa estranha a ele, desbaratais a vossa força e o vosso pensamento».

Os centrífugos são capazes, em circunstâncias extremas de provocar fenómenos surpreendentes, e arrastar na sua perturbação um indutor poderoso. Um dos fenómenos ra-

ríssimos deste género que se tem dado sucedeu na capital da França há 23 anos.

O teatro de Paris estava cheio, e o facto era compreensível; ia-se assistir nessa noite a um fenómeno extraordinário, daqueles que só raras vezes os nossos olhos podem ver. Tratava-se de Ralph Cawder, o homem que era metido dentro de um canhão e devido a um dispositivo especial de que era formado, era arremessado como um projéctil pelo ar, enquanto se ouvia uma detonação que servia para dar ainda um maior efeito à cena. Como tudo isto ainda fosse pouco, Ralph Cawder durante o seu voo passava junto a um trapézio, a que se agarrava recebendo então do público, meio *hipnotizado* por tanta beleza, meio boquiaberto por presenciar um exercício arriscadíssimo, dos mais arriscados talvez que abservou até ali, um nunca acabar de palmas e aplausos. Tudo estava muito bem calculado é certo, posição do trapézio canhão, etc., mas bastava um único, um simples descuido, para que Ralph Cawder deixasse de pertencer ao número dos vivos...

Eram onze e meia da noite! A orquestra toca um alegre «passe-doble» anunciando o último número do espectáculo. Passados instantes Ralph Cawder surge no palco, sendo recebido por toda a multidão por um nunca acabar de salva de palmas. Os ajudantes acabam os últimos preparativos, enquanto que Cawder se oculta entre os bastidores. Está pensativo, está triste. Porquê? Estará doente? Terá medo? Mas medo de quê, se ele tantas e tantas vezes tem repetido o mesmo exercício, sem a menor ponta de receio? A razão é outra. É que Cowder recorda os tempos em que viveu em Paris, a sua terra natal, aonde havia a si próprio prometido não mais voltar. Recorrava-se de Paris, onde passara a sua meninice! Paris, onde vivera a sua mocidade! Paris, onde amara pela primeira vez! Paris, onde conhecera Clotilde! Paris, onde há já 5 anos amara essa mulher, e apesar de nunca mais a ver, continuava a amá-la como no primeiro dia em que a conhecera! Terminou o namoro com ela por uma futilidade, um motivo banal, pensando que entre eles findava tudo. Mas ó ilusão das ilusões, quando um dos entes é realmente o *polo de uma elipse*, o polo da atracção, nada os pode separar, nem o tempo nem o espaço! Passaram 5 anos, cinco longos e turturosos anos, durante os quais nem Clotilde nem Fernando (o verdadeiro nome de Ralph Cawder) se haviam esquecido do amor que os uniu e da tremenda separação que os afastou.

Que admira portanto que Fernando se conserve neste momento alheado de tudo, do próprio público que ansioso espera o começo do número de sensação? Uma rapariga que o acompanha e que ele trata como uma irmã, **veio tirá-lo** do torpor em que se encontrava e mostrar-lhe que o público esperava... Cawder mais automàticamente do que por raciocínio sobe a escada que conduz à boca do canhão, e antes de desaparecer pela escura boca dele olha em seu redor, como habitualmente fazia. Num camarote junto de uma senhora idosa e de um cavalheiro desconhecido, Fernando vê uma mulher que apesar do disfarce de coiro da Rússia, reconhece imediatamente ser Clotilde. O golpe é enorme! Ao chocarem-se os olhares, dois gritos horríveis, tremendos arripiantes ferem o espaço. Fernando parece petrificado, e só os seus ajudantes o conseguem tirar da posição em que se encontra, e fazê-lo penetrar pela abertura do canhão. O resto quase intuitivamente se deduz: Ouve-se a habitual detonação, vê-se Ralph Cawder ser arremessado como um projéctil, passar junto do trapézio, mas... não se agarrar a ele!

Um grito sai de todos os peitos em coro, enquanto Fernando se despedaça no solo. Clotilde, semi-louca, abeira-se do cadáver do antigo amante, caindo inanimada a seus pés. Ali jaziam dois farrapos humanos: o primeiro um cadáver, o segundo uma doida.

Este caso impressionante, embora raro, presta-se a algumas considerações: não será ele um exemplo frisante da teoria dos seres centrípetos e centrífugos que acabámos de enunciar? Não nos mostrou de uma maneira clara a existência dos focos de atracção, que temos descrito? Aplicando toda a teoria que temos exposto, não se torna o caso de Fernando e Clotilde extraordinàriamente simplificado?

Se assim é, e é realmente, podemos esboçar as Leis do Amor, enunciadas pelo Dr. Martins de Oliveira: (Vide «Os Filtros do Amor e da Ciência», do autor).

«Tudo quanto existe, desde o mineral mais grosseiro ao ser mais evoluído, atrai-se, entre si, na razão directa da sua beleza egométrica e na inversa das dificuldades a vencer».

« O mais belo — que pode não ser o mais formoso — atrai tão poderosamente o menos belo que, se a soma das dificuldades a vencer não ultrapassar o coeficiente de atrac-

ção, a conjugação entre os seres ou coisas torna-se absolutamente certa».

«Quando os coeficientes de subjugação e atrito se equilibram, surge então, se se trata de animais superiores, o desiquilíbrio nêurico, originando greves quedas de potencial, do induzido, na direcção de um dos focos da elipse, ocupado pelo indutor; e como este se acha em repouso, relativamente àquele, o induzido raras vezes pode suportar as exteriorizações de energia e, por via de regra, endoidece. O facto é tanto mais provável, quanto menor for a distância entre o induzido e o indutor, porque, neste caso, a queda atinge enormes proporções e quase a violência do jacto».

«Se pelo contrário a soma dos atritos a vencer ultrapassar muito o coeficiente de sedução, este enfraquece na razão directa do tempo e o induzido, vergado por outro indutor que o subjugue, descreve uma nova elipse, modificando de acordo com o novo «meio» a sua antiga forma de existir».

«Não há nenhum ser, objecto ou coisa que seja exclusivamente atraído numa única direcção, por uma única coisa, objecto ou ser; as atracções são sempre múltiplas, embora de intensidades diversas».

«O ser que impera (1) *ocupa, enquanto persistir o seu domínio, um dos focos da elipse, ao mesmo tempo que todos os outros centros de atracção se reunem no outro foco. Deste último, pode, em dado momento, partir uma força que neutralize ou faça mesmo desaparecer totalmente a primeira. Neste caso, as forças menores saltarão para o foco neutralizado, ficando no diametralmente oposto apenas o potencial que conseguiu um maior coeficiente de redução».*

Esta teoria, realmente magistral, da autoria do Dr. Martins de Oliveira, dá lugar a algumas considerações interessantes. Vimos em certo ponto que ela nos diz que *não há nenhum ser, objecto ou coisa que seja exclusivamente atraído numa única direcção por uma única coisa, objecto ou ser;* acrescentando que *embora de intensidades diversas.*

A história tem, desde os tempos mais remotos, confirmado esta afirmação. Napoleão — para falarmos só de personagens mundialmente conhecidas — teve amantes como Josefina, Maria Luiza, Eleonore Denewlle de la Plaigue, Maria Walewska, (2), etc. Porque foi que Fernando não foi impressionado por nenhuma outra mulher além de Clotilde? Porque não houve ninguém que ocupando o tal *foco da elipse* tivesse sobre ele maior atracção do que Clotilde.

Diz Pitigrilli na *Decadência do Paradoxo:* «As mulheres que possuiram mais intensamente aquilo que, na expressão tanto em voga, há anos, se chamava, *sex-appeal,* são as que encerram em si duas ou três mulheres, aquelas que têm uma dupla ou múltipla personalidade».

A teoria da reencarnação, tantas vezes evocada para explicar estas atracções, é como se vê posta fora de campo com a hipótese que apresentei. Quando realmente a atracção entre dois seres existe de uma vida passada, esse facto só pode servir para reforçar o *polo da elipse,* e nada mais... Freud, por meio desta teoria, fica bastante diminuido na sua hipótese sobre o Amor. Realmente pode-se explicar por meio da *libido* o caso de um estudante que foi encontrado com o coração varado por um punhal no Museu do Prado em Madrid, diante do retrato de Maria Antonieta, simplesmente porque se havia apaixonado por essa mulher que morrera há mais de século e meio... No entanto, assim como a teoria reencarnacionista, Freud tem razão em parte das suas ofirmações.

Podemos esboçar agora a

TEORIA GERAL DO AMOR (3)

1.º — O amor é uma consequência da Lei da Atracção Universal, e um reflexo do que se passa nos sóis e nos átomos (teoria apresentada pelo Dr. Martins de Oliveira).

2.º — Os centrífugos e centrípetos comportam-se no amor de maneiras diferentes.

3.º — A beleza física não é condição necessária nem suficiente no amor.

4.º — O porte é quase sempre condição necessária mas nunca suficiente no amor.

5.º — A teoria bacilar, e da refracção cósmica pecam por falta de documentação experimental.

6.º — Freud não tem razão em todas as suas afirmações, no capítulo referido ao amor.

7.º — A teoria da reencarnação é factor que só por vezes pode ser invocado para a explicação de certos amores, mas nunca é condição necessária nem suficiente.

---

(1) Tratando-se exclusivamente do homem ou da mulher.

(2) De todos os filhos que Napoleão teve, aquele que foi mais belo, forte e intiligente, foi da mulher que mais amou — Marie Walewska — ...embora M. Luiza fosse sua mulher legítima.

(3) Aqui apresentaremos apenas o resumo e as conclusões. O leitor encontra através do artigo desenvolvidas referências a todas estas afirmações.

TRÊS APARÊNCIAS DE VERDADE

Um dos grandes fisiologistas do nosso tempo dizia-nos um dia, passeando comigo no campo:

— Ainda não há verdade para nós, mas há em toda a parte três boas aparências de verdade. Cada um faz a sua escolha, ou, antes, recebe-a; e essa escolha, que ele recebe, ou que ele faz, muitas vezes sem refletir , determina a acção de tudo que o penetra. O amigo que encontramos, a mulher que vem para nós, sorrindo, o amor que abre o nosso coração, a morte ou a tristeza que o fecham, este céu de Setembro que nós vemos, este jardim soberbo e encantador, em que se veêm, como na «*Psique*» *de Corneille, caramancheis de verdura, sustentados por estátuas doiradas,* o rebanho que pasta e o pastor que dorme, as últimas casas da aldeia, o Oceano que se avista por entre as árvores, tudo se adorna ou se despoja antes de entrar em nós, segundo o pequenino sinal que lhe faz a nossa escolha. Aprendamos a escolher a nossa aparência. No declinar de uma existência, em que tanto tenho procurado a pequena verdade e a causa física, começo a prezar, não o que se afasta delas, mas o que as precede e principalmente o que as ultrapassa um pouco.»

Ao cabo de uma planície, que se estendia até o mar, uns camponeses construiam uma moenda.

— Olhe, — disse-me ele — vistos daqui, são belos. Constroem aquela coisa tão simples e tão importante, que é por excelência o monumento feliz e quase invariável da vida humana, que as fixa em qualquer região: uma moenda de trigo. A distância, a atmosfera da tarde, fazem dos seus gritos de alegria uma espécie de canto sem palavras que responde ao nobre canto das folhas, que falam por cima de nós. Por cima deles, o céu está esplêndido, como se algum espírito benévolo, servindo-se de palmas de fogo, tivesse varrido toda a luz para o lado da moenda, a fim de alumiar o trabalho por mais tempo.

«Aqueles homens edificam harmoniosamente o seu movimento de vida, à vista dos monumentos dos seus mortos, que tiveram igual procedimento e não estão ausentes.

«Observe o conjunto: nenhum pormenor, muito particular, muito característico, como se encontraria em Inglaterra, na Provença ou na Holanda. É o quadro amplo, e bastante vulgar para ser simbólico, de uma vida natural e feliz. Veja, pois, a euritmia da existência humana nos seus movimentos úteis. Olhe para aquele homem que conduz os cavalos; olhe para o corpo daquele que estende a paveia sobre o forcado; olhe para as mulheres inclinadas para o trigal, e para as crianças que brincam... Não deslocaram uma pedra, não ergueram uma pá de terra para embelecer a paisagem; não dão um passo, não plantaram uma árvore, não semeiam uma flor, que não sejam necessários. Todo esse quadro é apenas o resultado voluntário do esforço do homem para subsistir por um momento no seio da natureza; e, todavia, aqueles que entre nós não têm outro cuidado senão imaginar ou criar espectáculo de paz, de graça ou de pensamento profundo, não encontrariam nada mais perfeito, e vêm pintar ou descrever isso unicamente, quando querem representar a beleza ou a felicidade. Eis a primeira aparência, que alguns chamam a verdade.

* * *

«Aproximemo-nos. Ouviu bem o canto, que tão bem respondia ao murmúrio das grandes árvores? É formado de palavrões e de injúrias; e, quando se ouve uma gargalhada, é porque um homem ou uma mulher arremessou um pedaço de imundície ou porque zombam do mais fraco, do corcunda que não pode levantar um fardo, o coxo que empurram, do idiota que maltratam.

«Observo-os desde há muitos anos. Estamos na Normandia; a terra é fértil e fàcilmente arável. Em torno daquela moenda, há um pouco mais de bem-estar, que mal se suporia um espectáculo deste género. A maior parte daqueles homens são alcoólicos e muitas mulheres também o são. Outro veneno, que não é preciso nomear, corroi também a raça. Devem-se-lhe, assim como ao álcool, as crianças que ali vê: aquele anão, aquele escrofuloso, aquele cambaio, aquele de beiço rachado e aquele hidrocéfalo. Todos eles, homens e mulheres, novos e velhos, têm os vícios habituais do aldeão. São brutais, hipócritas, mentirosos, espoliadores, maldizentes, desconfiados, invejosos, inclinados a lucros ilícitos, a interpretações reles, à adulação do mais farto. A necessidade reune-os e obriga-os a auxiliar-se mutuamente; mas o desejo secreto de todos é prejudica-

rem-se uns aos outros, desde que o possam fazer sem perigo. A desgraça de outrem é, na aldeia, o único prazer sério. Um grande infurtúnio é objecto longamente acariciado, de satisfação simulada. Espiam-se, invejam-se, desprezam-se, detestam-se. Enquanto são pobres, nutrem ódio concentrado contra a severidade e a avareza dos seus senhores; e se por seu lado eles têm criados, aproveitam-se da experiência da servidão para exceder a severidade e a avareza que já sofrem.

«Eu podia pormenorizar-lhe aqui a sordidez, a velhacaria, a hipocrisia, a desumanidade, a injustiça, os ódios, que animam aquele trabalho, banhado de espaço e de paz. Não creia que a vista deste céu admirável, do mar que, além da igreja, reflete outro céu mais sensível, que se desenrola sobre a terra como um grande espelho de consciência e de sabedoria, não creia que isso os eleve. Nunca olharam para isso. Nada lhes agita nem lhes dirige o pensamento, senão três ou quatro receios circunscritos: receio da fome, receio da força, da fome e da lei, e, à hora da morte, o receio do inferno.

«Para mostrar o que eles são, seria preciso observá-los, um por um. Olhe aquele, mais alto, à esquerda, que tem o aspecto jovial e arremessa grandes paveias. No verão passado, os amigos partiram-lhe o braço direito, numa rixa de taberna. Pude reduzir-lhe a fractura, que era complicada por muito tempo; dei-lhe com que vivesse, esperando que ele pudesse voltar ao trabalho. Ia a minha casa todos os dias e aproveitou-se disso para espalhar na aldeia que me tinha surpreendido nos braços da minha cunhada e que minha mãe se embriagava. Ele não é mau, não me deseja mal; pelo contrário, note, o seu rosto ilumina-se de um bom sorriso sincero, quando me encontra. Não o impelia o ódio social. O camponês não odeia o rico; respeita muito a riqueza. Mas entendo que o homem do forcado não compreendia por que era que eu o tratava, sem tirar disso proveito nenhum; desconfia de qualquer manigância e não admite que o enganem. Muitos outros, mais ricos ou mais pobres, fizeram o mesmo antes dele, ou fazeram pior.

«Mas de que serve concluir um quadro, conhecido de todos aqueles que têm vivido alguns anos no campo? Eis, pois, a segunda aparência, que muitos chamam a verdade. É a verdade da vida necessária; e é certo que ela se estriba nos factos mais claros, nos únicos que todo o homem pode observar e experimentar.»

* * *

«Sentemo-nos sobre estes feixes de trigo, — prosseguiu ele, — e continuaremos a olhar. Não rejeitemos nenhum dos pequeninos factos, que constituem a realidade que expus. Deixemo-los afastarem-se por si próprios no espaço. Enchem o primeiro plano, mas é preciso reconhecer que atrás deles há uma força, deveras admirável, que mantem o conjunto. Mantem-no apenas, não o elevam, acaso?

«Aqueles homens que nós vemos já não são, realmente, os animais ferozes de La Bruyère, que tinha uma espécie de voz articulada e se retiravam à noite para covis, onde viviam de pão negro, de água e de raízes...

«Dir-me-à que a raça está menos forte e menos sã. É possível. O álcool e o outro flagelo são acidentes que a humanidade deve transpor, talvez prova de que alguns dos nossos órgãos, os nervosos, órgãos nervosos por exemplo, tirarão vantagem, pois que regularmente vemos que a vida lucra com os males que conseguem vencer. Demais, qualquer coisa que amanhã pode descobrir, bastará para tornar inofensivos aqueles acidentes. Por este lado, nada nos leva, pois, a restringir o nosso olhar. Aqueles homens têm pensamentos e sentimentos, que ainda não tinham os de La Bruyére.»

— Eu prefiro o animal simples e nu ao odioso semi-animal — murmurei eu.

« — Fala assim, segundo a primeira aparência, a dos poetas, que nós já vimos — continuou ele; — não a misturemos com aquele que examinamos. Aqueles pensamentos e sentimentos são pequenos e baixos, se assim o entende; mas o que é pequeno e baixo, já é melhor que o que não existe. Fazem uso deles apenas para se prejudicar e para persistir na mediocridade em que vivem; mas isso acontece também muitas vezès na própria natureza. Dos dons que ela concede, só nos servimos primeiro para fazer mal, para tornar pior o que ela parecia querer melhorar; mas afinal de contas, todo aquele mal resulta sempre certo bem.

«Demais, eu não desejo demonstrar o progresso; segundo o ponto de vista donde ele é considerado, assim ele é coisa muito pequena ou muito

Por MAURICE MAETERLINCK

grande. Tornar um pouco menos servil e menos penosa a condição humana é ponto enorme, é talvez o ideal mais seguro; mas desprendendo-nos, por um instante, das consequências materiais, a distância entre o homem que marcha à frente do progresso e aquele que se arrasta cegamente atrás dele, não é considerável. Entre aqueles jovens camponeses, cujo cérebro só contém ideias informes, muitos há que têm a possibilidade de atingir o grau da consciência, em que nós ambos vivemos. Impressiona-me às vezes o insignificante intervalo, que separa da inconsciência daquela gente, que se imagina perfeita, a consciência que mais elevada julgamos.

«Além disso, de que é feita esta consciência de que tanto nos ufanamos? De muito mais sombra que de luz, de muito mais ignorância adquirida do que de ciência, de muito mais coisas, a cujo conhecimento nós sabemos que é preciso renunciar, do que de coisas, que conhecemos. E todavia ela constitui toda a nossa dignidade, a nossa grandeza mais real, e, provàvelmente, o fenómeno mais surpreendente deste mundo. É ela que nos permite levantar a fronte perante o princípio desconhecido e dizer-lhe: — Desconheço-te, mas alguma coisa existe em mim que já te abrange. Destruir-me-ás talvez; mas, se não for para formar dos meus destroços um organismo melhor que o meu, mostrar-te-ás inferior ao que eu sou; e o silêncio que se seguir à morte da espécie a que pertenço mostra-te-á que foste julgado. E se nem sequer és capaz de te importar de ter sido julgado com justiça, que vale o teu segredo? Nesse caso, já não temos que o devassar. Deve ser estúpido e hediondo. Casualmente, produziste um ser, embora não tivesses qualidades para o produzir; e ele julga-se feliz de o haveres suprimido por um acaso contrário, antes que ele tenha medido o fundo da tua inconsciência, e mais feliz ainda, de não sobreviver à série infinita das tuas horríveis experiências. Nada tinha a fazer num mundo, em que a sua inteligência não correspondia a nenhuma inteligência eterna em que o seu desejo de melhoria não podia atingir a realidade do bem.

«Diga-se, ainda uma vez, que o progresso não é necessário para que o espectáculo nos apaixone. Basta o enigma; e esse enigma é tão grande, tem tanto esplendor misterioso naqueles camponeses, como em nós próprios.

«Encontra-se ele em toda a parte, quando se acompanha a vida até o seu princípio omnipotente. Este princípio, de século para século, tem diferentes epítetos.

«Houve-os, nítidos e consoladores. Reconheceu-se, porém, que essas consolações e essa nitidez eram ilusórias. Mas, chamássemo-lo Deus, Providência, Natureza, Acaso, Vida, Destino, o mistério ficou sempre o mesmo; e tudo o que temos aprendido em milhares de anos de experiência cifra-se em lhe darmos nome mais extenso, mais próximo de nós, mais maleável e mais dócil, perante o que se espera e perante o imprevisto. É o que se usa hoje; e nunca pareceu maior. E eis aí um dos numerosos aspectos da terceira aparência, da última verdade.»

De «A Vida das Abelhas»

PARA A PERFEIÇÃO

Ao lúcido Espirito que na terra animou o corpo de Maria Gonçalves Duarte Santos e que, em suas vidas sucessivas, caminha sempre para uma Beleza cada vez maior, para um Amor cada vez mais amplo e para uma Verdade cada vez mais firme.

Da morte além, no limiar ameno
aonde a luta põe final remate,
eu vejo o corpo meu, feliz, sereno,
que a vida já perdeu, no bom combate.

Eu vejo mais ainda, em seu contraste,
os corpos em que fui um rei pequeno,
ladrão, juiz, hindú ou agareno,
filantropo que quer quanto lhe baste.

Por isso tenho hoje a grã certeza
de vir a ser um sábio virtuoso,
— pois que ciência e virtude estão na mesa.

Subindo para Deus, tão poderoso,
eu hei-de ser jocunda e sã Beleza,
num corpo tão subtil... quão generoso!

4 - 6 - 950 RUDERICO

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

PERGUNTAS E RESPOSTAS

No Grupo Espirita londrino onde «Silver Birch» costuma dar preciosos ensinamentos, alguns dos quais temos publicado nesta revista, foram feitas algumas perguntas cuja resposta, subscrita pelo mesmo Espírito, envolve ideias bem dignas de meditação. As perguntas vão em itálico, para melhor compreensão do assunto:

Se o mundo dos espíritos está interessado na propaganda do Espiritismo, porque não tem ele feito maior esforço, relativamente aos inquéritos dos jornais ?

Oh, quão pouco vós sabeis! É sempre bom que o conhecimento seja espalhado. Quem sois vós para julgar do valor da propaganda ? Nem sempre sabeis quando as almas são tocadas.

Nós temos os nossos próprios métodos. Os nossos planos estão todos preparados; sòmente necessitamos da cooperação do vosso mundo para nos ajudar.

Mas deveis sempre lembrar-vos que não brandimos uma batuta. Não oferecemos nenhuma fórmula mágica.

Procuramos revelar as leis naturais do universo.

Procuramos estar em contacto com o vosso povo para que eles compreendam que é parte do *Grande Espírito* e que as suas leis se podem exercer através dele. A nossa propaganda não pára. Isto não é feito com o barulho do vosso mundo, mas impressionando a alma e o coração em íntima união com o espírito.

Não são as experiências sobre a terra — tais como guerra, dor, sofrimento mental e físico, doença, aflição, amor, ódio, alegria e felicidade — essenciais para o desenvolvimento e progresso da espécie humana e uma parte do plano divino ?

Não, não são. As guerras não são feitas pelo *Grande Espírito*. A doença não é dada pelo *Grande Espírito*. Estas são as coisas que os filhos da matéria têm acarretado sobre si próprios pelo abuso e aplicação errónea do seu livre-arbítrio. Há lições que se devem aprender, mas podem ser aprendidas sem as brutalidades e as horríveis crueldades que os filhos do *Grande Espírito* cometem uns contra os outros. Não confundamos as coisas do homem com os actos do *Grande Espírito*.

O que vem a ser esse plano do espírito, em que tanto ouvimos falar mas de que ainda se vê tão pequeno resultado ?

Não vedes os resultados de um plano porque olhais para estas coisas com os olhos de matéria. O vosso julgamento progride em relação com o vosso curto palmo de vida, mas nós vemos progresso porque olhamos as coisas de outro plano. Vemos a difusão do conhecimento, vemos maior compreensão das coisas espirituais, vemos aumentar a tolerância, vemos aumentar a boa vontade, vemos quebrar as barreiras da ignorância, da superstição, do medo e da servidão espiritual.

Isto não é como se estivesse para haver uma revolução súbita. Isso nunca acontecerá, porque a evolução espiritual deve ser lenta e progressiva. Não penseis que há necessidade de desespero. Há por um lado — quando vedes as massas crescentes das forças materialistas — mas por outro lado, há a crescente esperança, como a luz da verdade espiritual que penetra o nevoeiro do egoismo materialista.

É por isto que a nossa mensagem é tão importante. Não o é para nós — é-o para vós. Somos nós que nos esforçamos por vos servir, para que o vosso mundo compreenda o preço que deve pagar pelo seu egoismo, pela sua petulante ignorância, pela sua deliberada crueldade. Esforçamo-nos por ajudar-vos, porque vos amamos.

Nós não somos maus espíritos, procurando engodar-vos no caminho da destruição. Nós não vos aviltamos, levando-vos à crueldade ou ao pecado, antes nos esforçamos por fazer-vos compreender a divindade que sois vós, os poderes do *Grande Espírito* que possuis e como podeis praticar a lei de serviço e ajudar o Plano do *Grande Espírito*.

CURA MAGNÉTICA DE UM CÃO

O *Psychic News* de 18-3-950 publica um artigo referente à cura magnética de uma cadelita moribunda feita por uma entidade espiritual através de um médium curador. Eis o artigo em questão:

«Nella» é uma cadelita como qualquer Scottie, de olhos brilhantes, grande compreensão e amor por todos. Os Scoties parece terem tendência para doenças internas. Quando «Nella» recusou a comida em Outubro de 1949, era uma sombra do que fôra. Levada ao veterinário, este diagnosticou um tumor nos rins e declarou peremptòriamente que «Nella» pouco tempo durava.

«Foi então que recebi uma dessas mensagens misteriosas que nos vêm do íntimo e nos falam ao coração. Intuiram-me que procurasse um curador chamado W. F. White, do Centro Espirita de Hounslow, em Mogdan Lane, Isleworth.

«Jamais esquecerei o dia em que o sr. White chegou, porque a atmosfera da minha casa parecia saturada de poder divino. A pequena «Nella», que tem preferência por certas pessoas, simpatizou logo com ele.

«Quando as mãos de White lhe percorreram o corpo em passes rítmicos, mesmo sem lhe tocar, senti que um indiscritível poder saía dos seus dedos e vi que a expressão do seu rosto se modificava, enquanto as feições se alteravam. O médium caira em transe. Era como se outra personalidade se lhe tivesse apoderado do corpo. As suas mãos, agora controladas, continuavam o tratamento. Era a operação de um prático que parecia

dispor de força irresistível mais poderosa do que qualquer instrumento cirúrgico.

«Senti que «Nella» não morreria. Em seguida falei à entidade espiritual e deu-me esta resposta:

«— As minhas mãos são magnetos que retiram as impurezas deste corpo doente.

«Após três novas intervenções do sr. White, «Nella» ficou completamente curada».

CURAS NOTÁVEIS

Mais uma cura de Harry Edwards, a quem tantas vezes nos temos referido nesta revista. Segundo conta o *Psychic News* de 18 de Março último, Barry Griffiths, com sete anos de idade, sofria de paralisia infantil desde o nascimento, sem nunca ter conguido andar.

Tratado por este grande médium curador, conseguiu pela primeira vez elevar as mãos acima da cabeça. Sentou-se numa cadeira, enquanto o curador lhe restaurava os movimentos dos joelhos e pouco depois dava os primeiros passos hesitantes ao longo do estrado, apoiado nas mãos de Edwards.

Depois veio uma rapariguinha com a perna num aparelho. Sofria de paralisia infantil desde os 4 anos. Retirado o aparelho, toda a assistência viu tratar a perna até ficar do comprimento da outra. No fim, deu alguns passos com auxílio do curador e com mais equilíbrio do que dantes.

Estas demonstrações foram feitas no Santuário Espírita de Nottingham.

O sr. Findley, de Leicester, subiu ao estrado apoiado numa bengala e desceu sem ela. Os médicos tinham-no desenganado. Enquanto centenas de pessoas o observavam, o curador passou os dedos pela espinha rígida do doente e restaurou-lhe o movimento.

A menina E. Rose, de Leicester, há 15 anos que sofria de artrite e tinha os joelhos imobilizados. Sucedeu-lhe o mesmo e a enfermeira repetiu a declaração relativa ao sr. Owen.

Havia uma rapariga com dupla curvatura na espinha. Sob o poder curador de Edwards, a curvatura lateral foi normalizada e a interior reduzida.

Depois da demonstração formou-se bicha para o tratamento e Harry Edwards utilizou muitos outros curadores que estavam no estrado, enquanto ele examinava os casos apresentados. Foi tão grande o interesse despertado, que inúmeras pessoas vieram de Leicester, Nottingham, Uttoxeter e Burton-on-Trent para assistir. Foi uma verdadeira jornada de bem-fazer em que mais uma vez o extraordinário curador pôs à prova as suas qualidades.

PROVAS DE SOBREVIVÊNCIA

O *Psychic News* de 15 de Abril publica uma curiosa mensagem do espírito de um rapaz a quem uma vez lhe havia salvado a vida.

Resume-se no seguinte :

Há coisa de 40 anos, dois rapazes brincavam à beira de um canal, na Mata de Cambridge. Uma folha de palmeira flutuava na água e ao pretenderem retirá-la, um deles caiu e teria morrido, se o companheiro o não salvasse.

Nos princípios de Março o sr. Albert Street, 123, Mile End, Londres, E. 1, visitou o Santuário de S. Bernardo, em Caledonian Road. Este sr. desdenhava do Espiritismo e escolheu este local, onde ninguém o conhecia, para ver o que haveria de verdade no assunto. Mas ficou surpreendido, quando a médium Dorothy Mathewes lhe dirigiu uma mensagem que ele pretendeu negar terminantemente. A médium tinha-lhe dito que via uma folha de palmeira a boiar na água e que se relacionava com um espírito que estava presente, acrescentando:

— Está-lhe grato por o sr. lhe ter salvo a vida.

Foi preciso que a médium pronunciasse estas palavrás para que o sr. Coster se lembrasse do incidente ocorrido 40 anos antes em Cambridge Heath.

Pouco depois a médium proferiu o nome e o sobrenome de outro espírito presente e referiu-se a «6 badaladas», «7 badaladas». Também desta vez o sr. Coster não compreendeu logo. Mas no fim da sessão lembrou-se repentinamente de que, nos tempos de rapaz, costumava tocar a sineta principal da escola.

Ambos os comunicantes caçoaram do sr. Coster por ele não querer largar a corda da sineta, situada na 6.ª Camarata, temporàriamente ocupada pela 7.ª em Wilmot Street School, Bethnal Green.

Embora céptico, o sr. Coster ficou a pensar na comunicação. Os factos mencionados, só do seu conhecimento e da sua esposa, chocavam profundamente com o senso comum da sua opinião pessoal...

OBSESSÃO RELATADA POR UM MÉDICO

Segundo conta *A Centelha*, de S. Paulo, o *Jornal da Ubá* contou em Fevereiro último um caso de obsessão relatado pelo médico Alvaro Vieira, que em *O Jornal*, Rio de Janeiro, subscreve a secção «Medicina Para Todos». Dizia o citado médico aos leitores do orgão carioca:

«Lembram-se do caso que publicámos no domingo passado ? Tratava-se de uma senhora que ficara alucinada, queria estrangular os filhos, quebrava tudo dentro de casa, não reconhecia marido, nem filho, nem médico, tendo então sido internada no antigo Hospício da Praia Vermelha, onde fora submetida a todos os tratamentos indicados: choques diversos, cardiasol, insulina, eléctrico hormonal, sem qualquer melhora. Continuava a desconhecer as pessoas que a visitavam, não se alimentava, estava isolada num quarto escuro sem móveis, sem roupas, e era alimentada à força. A opinião dos especialistas era sempre a mesma: «não há mais nada a fazer».

«O marido, por insistência da sogra e do cunhado, leva-a a uma sessão espirita, sentada e amarrada a uma cadeira vulgar. Depois de umas rezas por um grupo de «médiuns», a mulherzinha foi desamarrada e vestida convenientemente, (pois não permitia nada sobre o corpo), e levada para casa em aparentes condições de saúde mental. Já lá vão alguns anos e até hoje nada de anormal se passou na vida do casal.

«Procurámos então saber o que teria ocorrido para a cura da paciente. Voltámos ao antigo pavilhão onde estivera internada e não recebemos qualquer explicação capaz de satisfazer uma pessoa interessada em conhecer a verdade. Geralmente, estes assuntos não são enfrentados.

« — São coisas que acontecem — responderam-nos.

« — Mas acontecem, porquê ? Quais as forças actuantes para operar verdadeiro milagre em minutos, quanto a ciência lutara muitos meses sem resultado ?...

Notas & Comentários

CORONEL DELFINO FERREIRA

Os temporais que ùltimamente assolaram a Europa estenderam-se ao Brasil. Assim, no Rio de Janeiro houve diversos desastres e falecimentos. A inundação atingiu a maior parte da cidade. Em consequência das chuvas desabou uma barreira em Copacabana, tendo caído sobre a residência da professora Sílvia Ferreira Borba, recém-casada, filha do nosso confrade coronel Delfino Ferreira, um dos mais ilustres espiritas brasileiros. Tiveram morte instantânea a professora em questão e o seu cunhado, que dormia no quarto vizinho. O marido ficou com alguns ferimentos, já estando, felizmente, fora de perigo.

O coronel Delfino Ferreira, apesar da saudade e do abalo que sofreu, soube dar testemunho da sua fé, ao lado de sua família, no momento do enterro da filha querida, ocasião em que proferiu uma prece verdadeiramente espirita. Este acontecimento entristeceu muito a colectividade espirita do Rio de Janeiro, onde aquele confrade é muito estimado e respeitado.

A este bom amigo apresentamos os protestos da nossa incondicional solidariedade, certos de que saberá enfrentar o acontecimento com a serenidade dos verdadeiros crentes.

GRANDE HOMENAGEM PÚBLICA

Segundo notícias do Rio de Janeiro aqui chegadas por via aérea, realizou-se no dia 28 de Maio último uma grande homenagem pública a Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga directora desta revista. O local escolhido foi a Liga Espirita do Brasil, cujo vasto salão estava literalmente cheio.

Falaram vários oradores, cada qual focando uma faceta do talento proteiforme da homenageada e, no final, quando a vibração era maior, uma patrícia nossa tirou do seio a bandeira portuguesa e a brasileira, como símbolo de união fraterna entre os dois países irmãos.

No próximo número faremos a reportagem desse acontecimento. A figura austera de Maria Gonçalves Duarte Santos não se restringe a uma simples evocação de saudade. Pertence ao Espiritismo universal. O seu amor à causa e os altos exemplos que deu sempre, através da renúncia e do sacrifício, colocam-na no altar do Ideal, como figura de bronze a atestar um ciclo de trabalho profícuo. Tudo o que se disser da sua acção e da sua vida modelar será pouco ainda perante a grandeza da sua obra.

O ESPIRITISMO NA ALEMANHA

Segundo lemos na Revista Espirita do Brasil, *o Espiritismo na Alemanha não é conhecido como ciência psíquica, mas como ciência física, relativa às materializações. Quem afirma isto é um tal Dr. Schwartz, nas colunas da revista inglesa* Two Worlds. *Este sr. deve andar a zero acerca do que se tem dito e escrito na sua terra em matéria de espiritismo, pois de lá nos vieram provas inequívocas de grande interesse pela parapsicologia, ou psicologia experimental.*

O facto dos nazistas terem proibido a circulação de publicações espiritas nada influi na mentalidade dos adeptos, que vão realizando belos trabalhos e fazendo bons estudos. A repressão de certas ideias quase nunca atinge os alvos colimados. A reacção é imediata. Quanto mais obstáculos põem à marcha do Espiritismo, maiores distâncias franqueia. Foi assim em todos os tempos. Assim será nos séculos futuros.

Deixem passar a onda. Os ideais regeneradores são forças imanentes que aliciam e subjugam muitas vezes os próprios adversários.

CENTRO ESPIRITA 18 DE ABRIL

Este centro modelar do Rio de Janeiro continua a expor doutrina segundo o princípio didático, coisa inteiramente nova na propaganda do Espiritismo. No passado mês de Abril, em comemoração do 93.º aniversário do «Livro dos Espíritos», os estudos dividiram-se em quatro palestras a cargo do universitário Sizínio de Araújo, Edson Abreu, Enéas Dourado e Deolindo Amorim, presidente da agremiação e nosso redactor-correspondente naquela capital.

Que estes confrades prossigam na sua faina, para que os cépticos sejam tocados na corda sensível.

OBSCURANTISMO

La Conciencia, *de Buenos Aires, publica em 20 de Janeiro um fundo intitulado «Instrumentos Estranhos no Espiritismo», em que se revela um perigo que avassala os meios espiritas do continente sul-americano e contra o qual é preciso assestar baterias, antes que se torne maior e mais prejudicial. Trata-se de elementos retardatários que do além influenciam os médiuns e os adeptos.*

«A prédica através da mediunidade — diz o articulista — é talvez a mais perigosa para o nosso movimento, porque se infiltra mais fàcilmente nas almas simples e crédulas. Isto se leva a efeito com singular habilidade, com mansidão, sempre sob o nome de Jesus de Nazaré e dos Apóstolos. E como não há controlo e aceitam tudo o que aqueles espíritos lhes dizem, caem na rede. Muitos chegam ao fanatismo e não se pode discutir com eles, chegando-se até a proibir a entrada ao observador. Os chamados «espíritos protectores» aconselham a não ler livros. mas a obedecer ao que eles, espíritos, indicam. A ciência é sistemàticamente combatida, classificando-a de «materialista». Sugere-se que basta a fé e a oração. E como existe o costume de atribuir «infalibilidade» aos espíritos, qualquer indicação é repelida.

«É preciso criar nova corrente favorável ao Espiritismo, recordando palavras do Mestre, de que os seus fundamentos devem ser científicos no aspecto experimental, anilítico e de observação. Não é possível continuar nesta rota anacrómica em cuja trajectória os homens se fossilizam».

Absolutamente de acordo, prezado amigo Genaro ! Assim é que se defende a Doutrina !

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No próximo dia 1 de Julho realizar-se-à no Centro Espiritualista Luz e Amor o primeiro sorteio de livros espiritas, entre os contribuintes do *Fundo de Beneficência* criado há pouco e destinado a socorrer a pobreza envergonhada. Ao mesmo tempo que auxiliam uma ideia generosa tendente a minorar a dor de alguns necessitados que não ousam divulgar o seu drama terreno, habilitam-se a um prémio que os compensará com uma leitura agradável.

Seria interessante que novos subscritores viessem aumentar a falange desta cruzada de altruismo. Poderíamos alargar o âmbito de acção e contemplar com maior número de bons livros os amigos que viessem ao encontro das nossas aspirações.

Inscrevei-vos no SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS ! Dai testemunho da vossa generosidade ! O Alto vos recompensará.

MARIA GONÇALVES DURATE SANTOS

A *Revista Espirita do Brasil* transcreveu o nosso artigo de fundo «ORAÇÃO», publicado na revista de Janeiro, em homenagem à nossa esposa, acompanhando-o das seguintes palavras, que agradecemos:

«Eis aí verdadeira página do coração. Ao transcrever esta página, que bem reflecte a amizade que unia duas almas afins, prestamos sincera homenagem àquela irmã, que soube dignificar, pelo exemplo e pela convicção, a mulher espirita portuguesa».

GRUPO ESPIRITA PREITO A JESUS

A nossa querida amiga D. Marcolina Alves inaugurou em 8 de Junho as aulas de moral cristã no *Grupo Espirita Preito a Jesus*, do Rio de Janeiro. Foi uma festa simples, mas agradável, que encheu de alegria quantos a ela assistiram. Estavam presentes o presidente do grupo, o tesoureiro e o incansável António Ferraioulo, que movimentou tudo com grande dinamismo. A Associação Espirita Seara de Jesus fez-se representar pela irmã Silvia Albuquerque e a *Casa de Luciá* pela nossa amiguinha Carmen, filha de D. Marcolina. No final foram distribuidos bolos às crianças.

A estes bons amigos apresentamos os nossos protestos de simpatia, desejando-lhes os maiores triunfos na sua tarefa.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Destinado a auxiliar a vida de *Estudo Psíquicos*, sempre precária e dificultosa, recebemos o seguinte donativo que muito agradecemos:

A. M. ..... 500$00

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO E AGOSTO DE 1950

Todas as 5.as feiras, às 21,30 — Sessões doutrinárias e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigidas por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Julho, sábado, às 21,30 — Sessão experimental do *Grupo Erneto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 2 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Maria Cecília Gorina e dirigida por José F. Cabrita.

Dia 8 de Julho, Sábado, às 21,30 — Palestra por D. Maria Carlota Santos no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «Religião e Reencarnacionismo».

Dia 9 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês Maria de Brass, dirigida por F. Cabrita.

Dia 15 de Julho, Sábado, às 21,30 — Sessão experimental do *Grupo Ernesto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 16 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 22 de Julho, Sábado, às 21,30 — Palestra por Adelaide Ivone de Sousa no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «A Moral Reencarnacionista».

Dia 23 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês Maria de Brass.

Dia 29 de Julho, Sábado, às 21,30 — Sessão experimental no *Grupo Ernesto Bozzano*, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 6 de Agosto, Domingo, às 16 horas — Palestra por Ramos Pereira intitulada «O Espiritismo e o Homem» e encerramento dos trabalhos do Centro.

NOTA — As palestras são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia, devendo para isso munir-se da última cota paga.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência à pobreza envergonhada, recebemos os seguintes donativos que muito agradecemos:

Março — P. B. — 10$00; A. C. — 5$00; A. — 10$00; P. B. — 20$00; E. M. — 20$00; Abril — P. B. — 20$00; Maio — P. B. — 20$00; I. D. S. — 20$00; J. A. V. (Brasil) — 100$00; T. R. — 25$00; Junho — P. B. — 20$00; D. B. — 20$00; I. D. S. — 20$00; M. L. — 20$00; Pelo Espírito de M. G. D. S. (Estrela Amiga) — 20$00; Maria Eugénia Paiva, pelo espírito de seu pai António Joaquim Paiva — 20$00. Total — 370$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com		
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr.* por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, Roma e o Evangelho, por *J. Amigó*		
por *João Evangelista*	20$00	32$00
Antão de Vasconcelos	30$00	44$00
y Pellicer	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A.*		
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, Isidoro Duarte Santos	50$00	
Wylm, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita. por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

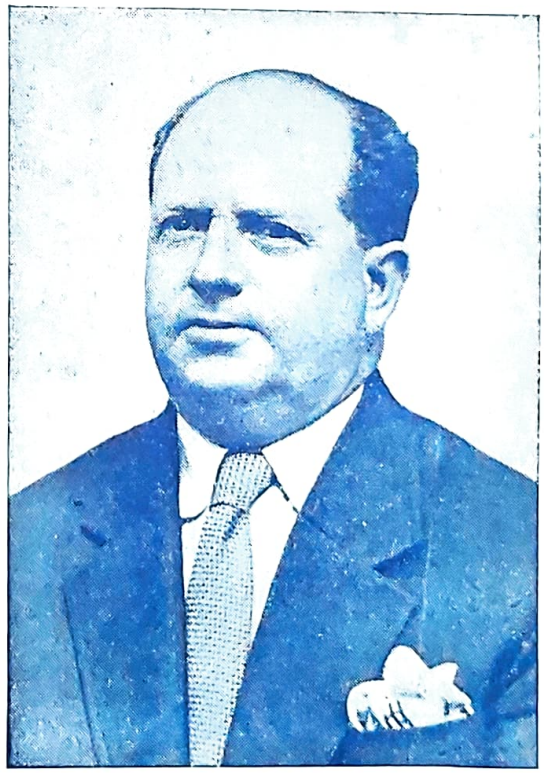
«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Em Frente, da **Redacção**; Sono e Sonho, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Os Fundamentos da Tese Espirita, por **Ramos Pereira**; A Sinfonia do Silêncio, por **Huberto Rohden**; O Sonho de Calpúrnia, por **Alfredo Miguel**; Eça de Queirós e a Reencarnação, por **Deolindo Amorim**; A Metamorfose, (Excerpto do livro «Dois Mundos»» ditado pelo **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**); Atenção, Irmãos Espiritas, por **F. Noronha**; João Amado Venâncio; Firmeza na Fé, por **José Simões de Matos**; O Pecado Original, por **Damião de Vasconcelos**; A Ressurreição de Jesus, por **Rómulo Montovani**; Exortação, por **Sebastião Lôsneau**; Declarações, de **Pietro Ubaldi**; Grata Surpresa; «Dois Mundos» (Narrações do Além, ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos); Orientação e Depuração, por **Tito L. Bancéscu**; Maria Gonçalves Duarte Santos; Psicologia dos Vícios. pelo **Dr. Paulo Hecker**; Notícias do Brasil; Sacrifício, por **Estevão Rodrigues**; O Terror da Morte, por **Cyrillo Aleixo**; A Onda e a Sombra; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário



JOÃO AMADO VENÂNCIO

(Ver pág. 203)

11.º ANO JULHO DE 1950 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	24$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	32$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO | LISBOA, JULHO DE 1950 | N.º 7

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

EM FRENTE

Os acontecimentos decidem dos indivíduos. Quando parece que tudo vai cair, uma voz se levanta para incitar e encorajar os que foram vergastados pelo destino. As energias voltam e tudo se prepara para novo impulso no caminho traçado à consciência. É preciso não perder o rítmo da marcha nem esquecer a responsabilidade que se contraíu. Coerência e força devem bastar ao segador que empunha a foice sem temer o sol que dardeja o corpo afadigado.

Encontramo-nos numa fase nova da existência. Ao choque, seguiu-se um período de abatimento que se vai restaurando; e aqueles que temiam o colapso podem estar certos de que haverá continuidade na obra empreendida. Nem marasmos nem colapso. Dinamismo, actividade crescente, eis o legado que nos coube em partilha. Lutar até o último extremo e até o fim da vida, se os bons elementos nos acompanharem. A doutrina será veiculada aos quatro ventos, sem apriorismos, com a firmeza de quem está cônscio da sua verdade.

O Espiritismo luso-brasileiro contará com este baluarte. A chama da fé que nos veio agora do Rio Grande do Sul acalentou o nosso entusiasmo. João Venâncio e Paulo Hecker serão correspondidos no seu gesto de amizade, assim como Henrique Magalhães, Chelmicki e outros que impulsionam a difusão desta revista em terras amigas do Brasil.

Conhecemos o campo que palmilhamos e já provámos os seus abrolhos. Habituámo-nos à aridez do clima, estamos imunizados contra as intempéries. O caminho é um só para quem empunha bandeiras, disposto a defendê-las com denodo.

Aliciaremos novos arautos que saibam espalhar doutrina e a luta continuará sem parança. O auxílio do Alto não faltará na hora propria. Já se está a afirmar neste momento. A coragem que sentimos é a melhor prova dessa companhia espiritual. E assim como atravessámos o período da última guerra mundial sem soluções de continuidade na tarefa que nos impusemos, também esperamos vencer outros obstáculos que surjam, certos de que os amigos de «Estudos Psíquicos» escudarão este baluarte e lhe proporcionarão elementos de vida longa e activa.

Infelizmente, a nossa marcha tem sido penosa e nem sempre pudemos atingir o alvo. As despesas crescentes estão em desarmonia com as receitas e só um grande esforço financeiro consegue manter o equilíbrio desejado, mercê do apoio de alguns amigos. O preço do papel e a dificuldade de o adquirir são factores que estão à frente do problema. Mas tudo será resolvido. Temos esperança de que alguma coisa nova impulsionará esta obra de propaganda. Não sabemos o que será. Embora sintamos um movimento oculto à nossa volta tendente a firmar a raiz da árvore, os seus contornos ainda estão mal definidos.

Aguardemos que se definam e contribuam para garantir a vida de uma publicação independente que não tem outro recurso além da assinatura e luta com a renitência de muitos que recebem e não pagam.

Enfim, desde que haja boa vontade, os impecilhos desaparecem. Continuemos, pois, com a mão no arado, olhos fitos na grande sementeira, que alguns frutos colheremos. As vigílias e as canseiras nada representam ante a necessidade de propagar a luz e o bem num mundo anquilosado pelas trevas materialistas.

É o que temos feito sempre e continuaremos a fazer sem desânimo. Estamos ao serviço do Mestre, a seus pés depomos o que grangeámos de útil para a Causa e para o homem. Nada queremos para nós, além da consciência tranquila. Esse é o maior galardão da nossa faina. É o maior tesouro das almas inquietas que pugnam sem descanso por um mundo melhor, por uma sociedade mais perfeita, em que todos tenham um lugar ao sol.

SONO E SONHO

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

I

Os sábios materialistas só estudaram o homem cerebral; e estudaram-no com o seu cérebro, como não podia deixar de ser, pretendendo que só o homem cerebral é digno de estudo, que só ele é real. São lógicos, portanto, os sábios, quando arregaçam os lábios em sorrisos de piedade ante o sentimento de imortalidade que surge das profundezas da alma dos indivíduos. Os materialistas clamam que tudo é superstição porque só estudaram e querem estudar o «homem cerebral» que não é imortal. E como os factos que buscam demonstrar a existência do homem transcendente, existente em todos nós, são, por vezes, tão desconcertantes, tão fugazes e tão difíceis de serem admitidos pela «consciência cerebral», muito bem se compreende que o homem de hoje negue todos esses factos pura simplesmente, até contra toda a evidência. Haeckel, o grande pontífice do monismo que, semelhante ao Todo-Poderoso, mediu o universo com o seu compasso; que, do alto da sua vasta inteligência, contemplava, com um desprezo profundo todos aqueles que não pensam como ele, Haeckel escréveu estas palavras arripiantes: «A crença mística em uma alma, existente por si mesma, independentemente do cérebro, é o resto das superstições de séculos passados que persistiu até nossos dias. Tal crença desempenha ainda um grande papel nos mistérios das religiões modernas e na imaginação dos espiritas. Contudo, a fisiologia científica, fàcilmente consegue mostrar que tais crenças assentam em ilusões voluntárias. A crítica sã faz reingressar no domínio da fantasia todas as descrições modernas concernentes a «espíritos» e a «aparições», da mesma maneira que as lendas de demónios e de fantasmas que nos transmitiram os séculos passados».

Comenta Michel Sage que só as crianças podem afirmar semelhante coisa tão categòricamente, porque só elas podem ignorar a infinita complexidade do universo e a debilidade do nosso espírito. Haeckel engana-se redondamente como qualquer mediocridade ignara. É ao que arrasta a vaidade humana! Mas, se a despeito da «crítica sã» de um Häeckel, os factos supranormais a que ele alude, existem realmente, deve-se isto ao homem transcendente. A esse homem transcendente, durante algum tempo adormecido na matéria, com um fim determinado e por processos que nos são desconhecidos, nada lhe diminui a certeza da sua imortalidade, ou melhor, da sua eternidade. Compreende-se, então, que nem todos os raciocínios, nem toda a lógica do homem cerebral possam chegar a destruir um sentimento que promana de origem tão profunda.

Dizia William James que nós vivemos à superfície do nosso ser; e Oliver Lodge definia, assim, a nossa situação: «Nós somos semelhantes a *icebergs* cuja parte de fora de água é insignificante em relação à enorme massa que se desloca dentro dela».

Frederic Myers — o genial autor do livro *A Personalidade Humana e a sua Sobrevivência Depois da Morte* — escreveu acerca do homem, *esse desconhecido*, como lhe chama o Dr. Alexis Carrel: «Nós temos duas consciências: a supraliminar (a supraconsciente), que é a nossa consciência no estado de vigília e a menos importante — e a consciência subliminar (o *eu superior* dos teósofos), que se entranha em profundezas infinitas. Esta consciência subliminar armazena tudo que aflora à consciência supraliminar e armazena-o para a eternidade. A consciência supraliminar do animal pode reduzir-se a muito pouca coisa, ao passo que a consciência subliminar, que contém tudo o que a raça conquistou na sua evolução, é poderosa e mais activa no homem.

Mas então... dir-se-á, como os resultados positivos que, até hoje, a humanidade alcançou, são devidos à ciência positiva, jamais essa ciência conseguirá desvendar o homem transcendente?... Sem dúvida; jamais poderemos alcançar o conhecimento completo do homem transcendente. Esse homem transcendente há-de estudar-se a si próprio quando acordar num outro mundo, onde lhe será dado perceber-

-se. Mas os factos acessíveis ao homem cerebral que testemunham não só a existência do homem transcendente, mas também lhe permitem entrever algumas das suas faculdades, são muito numerosos.

Entre os factos que as concepções monistas não explicam, figura um muito extraordinário cuja singularidade nos impressiona, simplesmente por causa da sua frequência: é o sono. Porque dormimos nós? Que vem a ser o sono? Nenhuma das explicações fornecidas, até agora, pelos sábios materialistas nos satisfaz.

Em que consiste o sono? Numa congestão do cérebro, dizia-se dantes: o órgão fatigado congestiona-se e a gente dorme. Mas... porque se congestiona o cérebro?

Outros pretendiam que em vez de se congestionar durante o sono, o cérebro se anemiava. Estas contradições provam simplesmente que os materialistas nada conseguiram nem conseguem explicar.

Depois, veio a descoberta dos neurones, isto é, acabaram por admitir que as células do encéfalo são independentes. O triunfo parecia certo: os neurones deviam dar a chave de todos os mistérios. Houve quem pretendesse que os neurones esgotados, tendo necessidade de se refazer, recolhiam os seus tentáculos e desinteressavam-se da vida da sua república. Outros imaginaram poder afirmar que os prolongamentos protoplásmicos dos neurones não mudavam de lugar durante o sono. Em resumo, o mistério continuava a ser o mesmo. A actividade do espírito não desaparece durante o sono; pelo contrário, em muitos casos, aumenta. Às vezes, há sonos profundos tão lúcidos como quando se está acordado; durante o sono elaboram-se pensamentos abstrusos: certos homens de génio trabalham mais a dormir do que em vigília. Mas, o que mais impressiona, é que, durante o sono, a ideação se faça por imagens e com tal rapidez que o tempo parece não existir para ela. Se o sono é pouco profundo, a ideação, que tem origem em excitações fracas vindas do exterior, é incoerente e absurda; porém se o sono for profundo, a ideação adquire coerência perfeita. Podem-se ver, em sonhos, lugares que nunca se visitaram, acontecimentos que ainda não se realizaram. Apenas com esta diferença; os sonos profundos esquecem-se mais fàcilmente, ao acordar, do que os outros: daí, o fenómeno tão frequente e tão estranho da paramnesia ou falsa memória.

Disse que ideação durante o sonho é extraordinàriamente rápida. Imaginem os meus leitores que um de V. Ex.as adormece na cadeira em que está assentado — o que é fácil acontecer, pois está provado que há leituras tão soporíferas como os mais poderosos e afamados narcóticos.

Ia eu dizendo: um dos leitores adormece por curtos instantes. Contudo, durante esses poucos segundos, o dorminte, a sonhar, teve tempo de cometer um delito, de ser preso pela polícia, de ser encarcerado, de comparecer diante de um tribunal, de ouvir os debates, de ser julgado e de ouvir até a sentença que o condenou! (Tudo isto em sonho, está claro).

A mesma rapidez de ideação produz-se no momento da morte. O moribundo num abrir e fechar os olhos, revê, como num panorama, toda a sua vida passada.

Se, como pretendiam os materialistas, o pensamento fosse uma secreção do encéfalo, como a bílis é uma secreção do fígado, como se explicaria ésta rapidez vertiginosa, precisamente no momento em que os tais neurones entorpecem? Mas, se o pensamento é — como nós espiritas acreditamos — independente do encéfalo; se o cérebro não é mais que um órgão de que o homem transcendente, que vive em nós, se serve para agir na matéria; se o cérebro não é mais do que um entrave para a manifestação desse homem transcendente que ignora o espaço e o tempo, então tudo se explica muitíssimo bem; tanto o sono, como os fenómenos concomitantes. O homem transcendente, retira, ligeiramente, do organismo que ele move, a consciência transcendental, com as suas faculdades próprias, desperta mais ou menos, conforme o sono for mais ou menos profundo. Então, nós passamos a pensar por imagens, imagens nítidas e intensas, sucedendo-se com uma rapidez prodigiosa. Os guias de médiuns probos com as Sr.as Piper e Thompson, afirmam: «no nosso mundo — o dos espíritos desencarnados — nós percebemos directamente o pensamento».

E nós, cá em baixo, apegados à matéria como a lapa à rocha, apesar do entrave do homem cerebral, podemos então compreender que assim é, desde que acreditemos que a morte não leva o pensamento para o túmulo, onde o corpo físico se transforma em milhões de novas vidas, onde portanto, o homem cerebral desaparece. O pensamento pertence ao espírito: — à alma revestida do seu perispírito. Um cadáver não se move porque o espírito o abandona: — o espírito move a matéria *(mens agitat molem)*.

(Continua)

OS FUNDAMENTOS DA TESE ESPIRITA

Várias têm sido as teorias surgidas para a explicação dos fenómenos que nós chamamos para ou metapsíquicos a-pessoais. Duas correntes gerais são determináveis:

I — Metapsíquica.
II — Espirita.

A primeira desdobra-se em variadas hipóteses, não tendo a característica duma explicação integral, sincrética como a segunda. Enquanto que aquela busca as causas do fenómeno no próprio «médium», esta encontra-as além do «médium» considerando este como condição necessária, mas não suficiente, para a eclosão dos factos supranormais. Isto é, tal como na «metapsíquica pessoal» há um agente com influência directa ou indirecta (diz a corrente espirita); na «metapsíquica a-pessoal» nota-se um agente também, diferente da personalidade do médium mas actuando nela e por ela.

.«Deve-se abandonar a explicação grosseira da simulação, porque há um número considerável de pessoas dignas de fé que afirmam ter sido autoras do fenómeno, ter colocado as mãos sobre mesas que giravam, ter segurado canetas que escreviam, sem a menor vontade de fazer mover a mesa ou escrever a pena» (Alfred Binet in «Les Altérations de la Personalité» p. 298).

Sem dúvida que se têm observado médiuns em fraude flagrante... mas daí à generalização é um passo demasiado arrojado. Como disse o prof. Botazzi, do Instituto de Fisiologia de Nápoles, «os cépticos não podem mais negar os factos a não ser que nos acusem de fraude e charlatanismo»...

Em 1854, Chevreul apresentava a sua Teoria dos «reflexos musculares inconscientes» para a tiptologia. Segundo ele, o movimento das mesas, dos pêndulos ou das pranchetas era resultante do somatório dinâmico de reflexos musculares. Admitamos esta explicação para os casos mais simples, como movimentos diversos sem significado ou ainda para aqueles em que há resposta a perguntas ou ordens mentais (para tal, seria suficiente ligar à tese de Chevreul o fenómeno telepático). Poderemos ir mais longe ainda e para casos mais complexos unir o fenómeno metagnómico (telestesia, criptoscopia, etc.) aos reflexos musculares inconscientes.

Analisemos, porém, o lado frágil desta hipótese. A metagnomia implica ou um passivo em transe magnético e, portanto, sem consciência,ou um sensitivo no estado de vigília e com conhecimento duma recepção supranormal. Nem um nem outro caso é observável na tiptologia. Logo a metagnomia só seria suficiente, se admitíssemos a sua possibilidade inconsciente no estado de vigília, tornada consciente apenas nos movimentos inteligentes do objecto! Com razão comentou Myers (in «La Personalité Humaine» p. 313): — «Quando se diz que os movimentos afectam a forma da palavra desejada ou esperada, apenas se dá conta da minoria dos casos, porque em geral as respostas fornecidas pelas mesas são das mais caprichosas e de modo nenhum em relação com o que se desejava ou mesmo se esperava».

Mas ainda que saltando sobre estes pontos fracos, aceitássemos esta hipótese, ela seria sòmente aplicável ao caso de movimentos com contacto, deixando em claro a telecinesia.

No mesmo ano da memória de Chevreul, Gasparin encontrava na telecinesia uma acção do fluido magnético. Ochorowicz, Schrenck-Notzing e Crawford, entre outros, provaram a existência das alavancas psíquicas, meio de produção dos movimentos sem contacto. Serão os deslocamentos obtidos por esforço consciente do médium? Mas o que neles é notável é a sua inteira autonomia, o seu aspecto caprichoso e inesperado.

Anotemos o que nos diz Charles Richet no seu monumental «Traité de Métapsychique», a pags. 82: — «Sem pretender inferir nada daí, é um facto que os grandes médiuns, desde o início dos fenómenos produzidos, tanto mecânicos como criptestésicos, atribuem todo o seu poder a um guia. Se se quiser ter mesmo boas experiências, é preciso experimentar como se se estivesse seguro de que esse guia existe realmente e incorporou no médium. *É, no sentido rigoroso da palavra, uma hipótese de trabalho quase necessária à produção dos fenómenos*»! Schrenck-Notzzing (v. «Les Phénomènes Physiques de la Mediumnité») tira conclusão semelhante dos seus trabalhos de verificação das «eflorescências rígidas» com o médium polaco Stanislawa Tomczyk que tomava a personalidade duma criança extraordinàriamente caprichosa que se dizia chamar Stásia.

Ora se o médium cai em profundo sono do qual «desperta» numa alteração de personalidade (metanoísmo), se é a nova personalidade o agente do fenómeno telecinético, se o médium não tem consciência do que se deu quando retorna à narmalidade; teremos de supor, não querendo ir mais longe, o paradoxo dum acto voluntário e inteligente de que se não tem consciência...

Frisemos desde já que tanto nestes casos como no metanoísmo simples (identificado pelos metapsiquistas com a prosopopese), as novas personalidades se afirmam sempre como indivíduos que... «morreram», identificando-se alguns perfeitamente. Olhemos isto agora com os casos de metagnomia mediúnica — visão de entes «mortos».

Como auxiliares da hipótese telepática, Gurney e Myers formulam duas teses: — a da latência e a dos resíduos. Segundo Myers (v. «La Personalité Humaine» p. 217), «nas observações em que uma alucinação auditiva ou visual nítida sobrevem no meio da noite algumas horas depois da morte,

podemos admitir a hipótese duma impressão telepática recebida durante o dia e conservada latente até ao desaparecimento doutras excitações, tendo-se em seguida exteriorizado sob a forma de alucinação depois do primeiro sono, da mesma maneira que somos despertados do primeiro sono por qualquer facto susceptível de excitar em nós interesse ou angústia e que, esquecido durante o dia, nos invade, de repente, a consciência com uma força e nitidez notáveis».

A fraca aplicação desta teoria levou Gurney à tese dos «resíduos», que afinal apenas dilata o período de latência possível (que no espírito do percipiente foi fixado em 17 horas). Se por si bastam para alguns casos metagnómicos, não será contra elas um objecção séria a natureza do metanoísmo ? Aqui não é um simples aglomerado de emoções ou imagens que se percebem como pertencentes a um ente falecido; é uma personalidade completa, com as suas características indivíduais, com a sua indiosincrasia específica. Será o médium quem, inconscientemente, personifica os «resíduos» e as «latências» obtidas por telepatia ? E eles serão possíveis passados anos e anos ? (Apontemos o caso de Rosemary). Teríamos de ir buscar os subsídios da prosopopese espontânea sub-consciente, da telestesia, etc.

E chegariam elas para destrinçar as causas das materializações ? (Lembramos «Katie King» e

ARTIGO DE

RAMOS PEREIRA

«Émile de Sainte-Amaranthe»). A sua insuficiência, levou Sudre à hipótese da «teleplastia» que podemos supor como filha das «ideias-forças» de Fouillé. Segundo ela, a substância ectoplásmica, extraída do organismo mediúnico, seria moldada consciente ou inconscientemente pelo pensamento do passivo ou de qualquer assistente. Vontade consciente do passivo não poderá ser, em virtude do seu estado de sono profundo. Dos assistentes ? Notemos, porém, que a «materialização fantasmática» difere estruturalmente da ideoplastia ou forma-pensamento. Caímos, então, novamente numa... vontade inconsciente ?... E mesmo que assim fosse, a «teleplastia» continuaria ainda suficiente, tornando-se necessário recorrer a outras hipóteses subsidiárias. O próprio Sudre o reconheceu com as teorias metagnómica e da prosopopese (v. «Introduction à la Métapsychique Humaine»).

Suponhamos agora, sobre Myers e William James, uma persistência de todos os estados de consciência, isto é, que finda a vida orgânica do indivíduo, há persistência indefinida do «ambiente metaetérico» criado. Todo o facto consciente se fixou num «meio» e logo é possível a sua captação por um indivíduo em condições especiais de sensibilidade. Imaginaremos, portanto que o médium se identifica com esse resíduo metaetérico, que o verifica, que lhe dá forma momentânea. Mas a consciência é uma corrente essencialmente instável e não preenche a totalidade do comportamento psicológico. Completemos, dizendo que nesse resíduo metaetérico se gravam também as linhas estáveis da «inconsciência» e, mais, a característica polar (passiva-activa» da «subconsciência»; isto é, que após a morte física persiste o substractum pessoal num estado de «sono». O médium receberia portanto em si a solicitação sugestiva latente nessa «unidade» e, por sua vez, dar-lhe-ia, personificando-a, a força activa...

Apesar de tudo, enfrentamo-nos ainda com a insuficiência de hipótese. Na materialização, a «unidade psicológica» revela-se como um todo independente do complexo biopsíquico do médium (William Cookes assistiu a Katie King» falar e despedir-se da médium Florence Cook !). Aquela unidade mostra-se superiormente activa, voluntária, um todo «vivo», independente de qualquer. Algumas mesmo são reconhecidas por assistentes que com essas «unidades»... privaram ! (1)

Em que diferirão então estas «unidades» de «espíritos», entendendo por tal os fulcros psicológiocs animadores e conscientes na matéria orgânica viva ? Imortalidade da alma, o problema eterno levantado pelo espiritualismo ? Notemos que o próprio William James na sua conferência célebre na Universidade de Harvard expôs as suas ideias favoráveis à tese da imortalidade.

A objecção mais forte que se levanta ao espiritualismo é a de que a actividade psicológica é função do cérebro. Sob dois modos podemos encarar a ideia de função: — como causa determinante ou como condição de algumas modificações. Ora se os fenómenos metapsíquicos provam suficientemente a independencia da actividade psíquica da cerebral, somos levados a admitir «função» no segundo sentido, tal como fez William James e o prognatista inglês Schiller. (2)

É lógica, portanto, em face de tudo quanto dissemos, a conclusão da persistência do «espírito» independentemente de qualquer organismo. Mas se o cérebro é uma condição necessária para algumas modificações (todas elas com reflexos físicos finais), será necessário ainda para que esses «espíritos» persistentes, imortais, se manifestem num meio físico. Eis o papel do «médium» e a tese psicológica do «espiritismo» cujas raízes mais profundas penetram na tradição esotérica da antiguidade e de que as mais modernas se prendem, principalmente ao pensamento de Léon D. Hypolite Rivail (Allan Kardec), Jackson Javis e Swendenborg.

Esta tese concorda plenamente com as linhas gerais da psicologia moderna. Como bem deduz Vicente Viquera (in «La Psicologia Contemporanea» p. 163), o «Eu» é um todo unitário, irredutível em que a «vida mental não aparece como uma soma nem como um tecido de processos, mas como uma expansão, um desenvolvimento do sujeito, desenvolvimento que se verifica num suceder caleidoscópico de qualidades. Não elementos, no sentido de elementos-partes, mas elementos no sentido de elementos-aspectos, é o que deparamos nas realidades da consciência».

Desta psicologia encarada pelo ponto de vista «espirita», somos conduzidos a uma construção metafísica. Ela é possível, apesar da crítica de Kant,

---

1 — Cesare Lombroso (v. «Hypnotisme et Spiritisme») reconhece sua mãe; Tumundo fotografa sua filha materializada. Casos semelhantes foram observados por Vassalo e Morselli.

2 — cf. as conclusões sobre a imortalidade tiradas Bergson.

porque não só nos baseamos numa experiência insofismável como na existência real do ser psíquico. Se agora enfrentamos o problema dos fenómenos metapsicológicos à luz da dedução deste agente espiritual, deste «espírito» no estado livre, as insuficiências desaparecem e, embora sem resolver todas as questões particulares, poder-se-á (e isso é muito) compreender a linha geral da causa ao efeito, através do meio. Como se dará a transmissão da acção ? A psicodinamia é um precioso indicador. Suporemos os «raios mentais» como o transmissor. Não se nos afigura impossível em face da persistência do «espírito», que persistam também estas radiações de natureza imaterial. (Não teria sido isto o que Cazzamali, du Bozas, Jurievitch ou Ochrowicz observaram nos «médiuns» ?).

Posto isto visionaremos assim e esquemáticamente a produção dos fenómenos metapsíquicos a-pessoais ou «espiritas».

I — *a*) Magnetização do braço com a acção nos centros motores — psicografia ou metagrafia inconsciente ou mecânica.

b) Acção sobre os centros psicomotores da memória visual e auditiva das palavras e dos movimentos da escrita — psicografia consciente.

c) Sugestão subconsciente — intuição.

II — *a*) Magnetização do passivo até à exteriorização do seu duplo — metanoísmo-possessão, xenoglossia.

b) Acção no centro psicomotor da memória dos movimentos de articulação da voz ou no centro psico-sensorial da fonação — metanoísmo inconsciente ou incorporação vulgar.

c) Acção no centro da memória auditiva das palavras e dos movimentos de articulação da voz — metanoísmo consciente.

d) Sugestão subconsciente — intuição.

III — cção nos centros psico-sensoriais (visual, auditivo, olfactivo-gustativo e táctil) — metagnomia mediúnica.

IV — 1 — Produção de ectoplasma por desmaterialização parcial do corpo do médium.

2 — Utilização da substância ectoplásmica nas seguintes formas:

a) «raios rígidos» — Telecinesia e «raps».

b) ideoplastias (ectoplasmias a duas dimensões).

c) materialização completa por «incorporação» no corpo ectoplásmico.

d) moldagens em parafina.

e) Psicofotismo, psicosmia, psicofonia ?

f) voz directa.

g) levitação dos médiuns.

V — Desmaterialização de objectos por acção especial com apoio no organismo mediúnico (conhecimento da 4.ª dimensão de Zoellner ?).

1) Passagem da matéria através da matéria — hiloclastia, «apport».

2) Criptografia.

VI — 1) Acção no centro psico-sensorial de condensação dos movimentos voluntários e nos centros motores — metacinesia com contacto.

2) Prolongamento da acção nos centros psicomotores — tiptologia com contacto.

A experimentação, porém, não nos permite ainda uma teoria completa, uma confirmação de afirmações contidas em certas obras psicográficas (como os «Mensageiros da Luz» de André Luís, recebida pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier).

A Sinfonia do Silêncio

Por HUBERTO ROHDEN

Sabes que o eterno silêncio envolve as grandes alturas e os grandes abismos ? Sabes que nos cumes supremos do Himalaia reina solidão imensa ? Sabes que nas ínfimas profundas do oceano impera quietude ? Sabes que taciturnas são as grandes altitudes e as grandes profundidades da alma ? O meio-dia do amor e a meia-noite da dôr ?... O zénite do querer e o nadir do sofrer ?...

Podem, parentes e amigos seguir-te até ao «Átrio dos Gentios» ou ao «Santuário dos Homens», mas no «Sancta Sanctorum» de Deus hás-de entrar sòzinho...

Só com Deus e tua alma. Nem pai nem filho, nem esposo, nem irmão, nem amigo — ninguém te pode acompanhar... Ninguém viajará contigo, por entre as agonias nocturnas do Gotsêmane... Todos os teus ficarão a «olhar longe», como no Gólgota os amigos de Jesus...

Nos momentos mais humanos e mais divinos de tua vida serás sumo-sacerdote, sem levita nem acólito...

Sòzinho, subirás ao altar dos holocaustos... Sòzinho, imolarás a vítima da expiação, queimarás sobre as brasas do incenso do Eu...

Em torno de ti, deserto imenso... Em volta de ti, solidão absoluta... Nenhum eco responderá aos gemidos do teu coração... Nenhuma Verónica enxugará as lágrimas dos teus olhos... Nenhum Cireneu ajudará a carregar a tua cruz... Nenhum samaritano pensará as chagas da tua alma... Nenhum discípulo «predilecto» receberá a tua última vontade... Nenhum Arimateia acolherá o teu corpo exangue... Madalena alguma te pranteará no túmulo fechado...

Arma-te, amigo, para o grande Saára da vida... Quanto mais te distanciares de ti mesmo e te aproximares de Deus, tanto mais vasto será o silêncio, tanto mais profunda a solidão.

Deus habita no deserto imenso da sua infinita plenitude.

Como suportarás o silêncio do Criador, tu, que nem a sós contigo queres estar ? Não te iludas, amigo. É necessário submergir neste abismo para encontrar as alturas eternas...

(De «O NOSSO», do Rio de Janeiro)

O SONHO DE CALPÚRNIA

por ALFREDO MIGUEL
(correspondente na Bahia)

Não foi por falta de advertências e solicitações, que Caio Júlio César encontrou a morte bárbara às mãos de seus falsos amigos, no Senado Romano.

Já do meio da turba desordenada que coalhava as ruas da cidade no dia das Lupercais, uma voz se desprendera, aguda e penetrante, ecoando-lhe no ouvido com a pronúncia do seu nome.

Era a voz de Spurina, um Áugur, que lhe concitava a tomar cautela com os Idos de Março!

Homem desassombrado e resoluto, César não deu importância ao aviso; e mais tarde, precisamente na data da tragédia, defrontando-se com aquele adivinho, falou-lhe com ironia, antes de galgar a escadaria do Capitólio:

— São chegados os Idos de Março.

— Mas ainda não findaram, César — retrucou-lhe o agoureiro, tristemente.

Muitos outros presságios antecederam e denunciaram o assassínio de César; porém o mais impressionante foi, sem dúvida, o sonho que tivera a mulher do ditador, Calpúrnia, vendo-lhe a estátua deitando sangue e muitos romanos a virem, sorrindo, banhar a mão nesse sangue... Durante a sua visão onírica, Calpúrnia, apavorada, gritara três vezes:

— Acudam, que assassinam César!

Shakespeare assim nos conta este episódio. O historiador Plutarco revela outros pormenores e faz saber que, depois da ceia, Júlio César deitou-se com sua mulher, como de costume, e todas as portas e janelas principiaram a abrir-se e a fechar-se de per si; acordou com este ruído e com a claridade do luar, e viu Calpúrnia, que estava profundamente adormecida, soltar gemidos confusos e proferir sons inarticulados que o sonho lhe arrancava. Sonhava, efectivamente, que chorava por seu esposo, porque o tinha no seu colo morto e degolado.

Na manhã seguinte, as súplicas e o desespero para que o companheiro não comparecesse ao Senado, chegando mesmo ao patético de se ajoelhar em pranto aos pés dele.

César relutou quanto pôde, mas, afinal, cedeu às instâncias de Calpúrnia; entretanto, Décio, a quem ele contou o sonho e fez saber a sua aquiescência ao pedido da consorte, não teve dificuldade em dissuadi-lo, graças a uma interpretação engenhosa que deu de pronto à cena espiritual.

Decidido, e lançando uma exprobação à desolada esposa, botou-se o poderoso ditador pelas artérias urbanas, à frente do seu séquito, até alcançar o recinto onde os senadores estavam reunidos em sessão.

Aí tudo está adrede combinado. A petição de Metelo e a senha para o crime. César repele-a. Faz-se um ligeiro tumulto, e Casca, achando propícia a agitação, lesto, crava-lhe a arma, ferindo-o no pescoço. Outros conspiradores desferem-lhe sucessivos golpes, e, por fim, Bruto acaba de extinguir-lhe a vida.

Então cumpriu-se o sombrio prognóstico feito pelo Áugur e reiterado através da cena que se esboara en sonho da retina espiritual de Calpúrnia.

Mas a tragédia do Senado Romano não termina aí.

César, morto, não perdeu o ânimo de combater e rechaçar seus inimigos.

Em Sardes ele aparece a Bruto, enquanto jazia em transe mediúnico um servo deste, Lúcio.

— Quem vem lá? — inquire, aterrado, o percipiente.

— Será a fraqueza da minha vista que dá forma a esta monstruosa aparição? Ela avança sobre mim. Que és tu? És Deus ou algum anjo ou algum diabo que vences o meu sangue-frio e fazes eriçar os cabelos da minha cabeça? Dize: que és?

E o espectro, fazendo-se identificar e prevenindo Bruto que tornaria a aparecer-lhe em Filipes para assistir-lhe à derrota se desvanece.

A funesta ameaça cumpriu-se à risca! Os soldados às ordens de Bruto são batidos pelas tropas de António e Octávio na planície de Filipes.

E Bruto, em desespero, se refugia na morte, arremessando-se sobre o próprio gládio, que o servo Stratónio empunha, a seu pedido.

Factos são estes que a História regista, e bastam por si sós para destruir as teorias subversivas do materialismo, que negam a existência de um elemento psíquico independente no homem.

EÇA DE QUEIRÓS E A REENCARNAÇÃO

por DEOLINDO AMORIM
(correspondente no Rio de Janeiro)

Muita gente sabe que Eça de Queirós teve certo interesse pelo Espiritismo. O grande escritor português não se tornou espirita, mas chegou a participar de sessões espiritas, naturalmente com o fito de resolver alguns problemas filosóficos ou, talvez, por simples curiosidade. Tendo estudado, depois, o Budismo, fez-se admirador desta última doutrina, circunstância que não deixa de ter alguma significação quando se estuda a psicologia de Eça. Mas ainda não se estudou, suficientemente, a psicologia de Eça de Queirós e de muitos escritores notáveis à luz da reencarnação. Como homem, tais são as contradições de suas atitudes, Eça é um enigma. A tese reencarnacionista poderia elucidar muitos pontos ainda considerados inexplicáveis na existência terrena do criador do Conselheiro Acácio. O ponto de vista puramente hereditário, conquanto não deva ser, de todo, desprezado, não esclarece as obscuridades encontradas na psicologia, aliás complexa, de Eça de Queirós, em cujas veias corria o sangue luso com as dosagens da ancestralidade, embora remota, do elemento árabe. Tendo tido antepassados juristas, militares, dramaturgos, Eça de Queirós revela, é bem verdade, tendências diversas: é irónico, inclina-se para o socialismo, é místico, cai no cepticismo, faz-se revolucionário, quer modificar tudo, reformar a sociedade, fica céptico.

A propósito de Eça, acabo de ler um livro muito interessante: Eça de Queirós — A sua psique, de Marques da Cruz, publicado pelas «Edições Melhoramentos», de S. Paulo. O Autor inclina-se para a teoria da hereditariedade, quando diz: «A psique de Eça revela vários destes influxos hereditários e ainda os de sua educação...» Mas logo adiante apela para a tese reencarnacionista, formulando a seguinte hipótese:

«Teria sido Eça, segundo os crentes da metempsicose, (ele mesmo fez sessões espiritas, em Neully, e, no fim, entusiasmou-se pelo budismo) uma alma já muito antiga, um avatar refinado, que, em multímodas encarnações sucessivas, veio assimilando aquela grande variedade de caracteres, de atitudes, de expressões ? Mistério !».

Dava-se o nome de avatar, na teogonia bramânica, às encarnações divinas. Diga-se desde já que a metempsicose é uma concepção reencarnacionista muito diferente da concepção espirita, porque o Espiritismo não admite a reencarnação do espírito em corpo de animal. Deixemos, porém, este ponto,. O autor, apezar de admitir a possibilidade, um tanto vaga, de haver preponderado na psicologia de Eça um acêrvo todo especial de elementos ligados a existências ou encarnações passadas, não chega, como se vê, a conclusão alguma, porque se limita a levantar a hipótese. Não consegue Marques da Cruz explicar, por exemplo, o seguinte contraste na psicologia de Eça: um espirito universal e, simultâneamente, um espírito nacional. De um lado, Eça é universalista, do outro lado o escritor como que se fecha, se enclausura dentro de um nacionalismo em que só se vê Portugal, sua terra.

Quando observado através de outro prisma, o escritor fica ainda mais enigmático perante os psicólogos modernos, porque as suas atitudes chegam a contrariar certas leis psicológicas. Veja-se bem este ponto, notado no trabalho de Marques da Cruz; ideològicamente, Eça era revolucionário; mais do que isto, um revoltado, que chegava, às vezes, a momentâneas reacções violentas; como funcionário, exemplar servidor do Estado... Como socialista, parecia querer destruir o Estado, a ordem vigente, ou cair no anarquismo; no exercício das suas funções de Consul de Portugal, um funcionário zeloso, metódico, cônscio de seus deveres. Ideológicamente, convém repetir, o escritor revela inquietação, falta de rumo certo, ao passo que ninguém foi mais prudente, mais meticuloso do que ele no seviço público. Quando estudante, na Uuiversidade de Coimbra, deixou-se impregnar do espírito revolucionário de sua época. Há, porém, uma observação a fazer. Diz-se que os estudantes mais destacados em geometria se tornam, na vida prática, homens metódicos, bem organizados. A observação é do próprio Autor de Eça de Queirós — A sua psique. Eça de Queirós não gostava da geometria, tinha horror aos teoremas e postulados geométricos.

Entretanto, na vida prática, como Consul (quem o diz é Autor do trabalho citado), foi muito metódico, muito rigoroso no exercício de suas funções, a julgar-se pelas minúcias, pela disposição de seus relatórios oficiais. É, portanto, muito complexa a psicologia de Eça.

A tese hereditária não satisfaz a determinados estudos. Não há dúvida que os antepassados transmitem aos descendentes alguns traços inevitáveis. Mas daí não se pode concluir que tudo se possa explicar simplesmente pela hereditariedade. Fisicamente, a hereditariedade não deixa de ter muita influência. Mas não é pela via hereditária que se vai encontrar, no caso de Eça de Queirós, por exemplo, a causa de certas tendências rivais ou antagónicas. Pelos vínculos da ancestralidade, sob o ponto de vista etnológico, o Autor descobre na psicologia de Eça diversos componentes: o nomadismo árabe, a astúcia judaica, o misticismo oriental, etc. De onde vem a afinidade de Eça com o Budismo? Ele, ocidental, educado sob a influência do determinismo científico, nascido em Portugal, país latino de origem, foi escolher justamente o Budismo (doutrina estranha à sua educação, ao seu meio) para assunto de suas predilecções espirituais. A hereditariedade não explicaria este fenómeno.

Não se pode deixar de correr à teoria das vidas sucessivas ou reencarnação diante de certas incógnitas da psicologia humana. Se, de facto, nas veias de Eça de Queirós corria sangue de procedência muito variada, por ser lusitano, este facto não responde, todavia, pelo antagonismo de suas atitudes, uma vez que os caracteres ancestrais, embora tenham influência na fisionomia e mesmo na organização psíquica, não chegam a determinar tendências irresistíveis, predisposições especiais para ideias completamente extranhas à linha da ancestralidade. Há indivíduos que adquirem hábitos ou seguem inclinações até mesmo contrárias aos hábitos e às preferências de seus antepassados. Logo, a hereditariedade não pode ser tomada como explicação definitiva no caso de Eça e de outros grandes homens. Claro é que o escritor não deixou de receber influências de seus pais ou de seus avós, sem que, porém, se deixe ver, através de sua psicologia, a manifestação, ora neste ou naquele ponto, de antigas raizes espirituais muito anteriores à existência actual. São estas as observações que me sugere o trabalho de Marques da Cruz sobre Eça de Queirós.

A importante editora brasileira «Melhoramentos» de S. Paulo está prestando bom serviço aos povos de língua portuguesa com a divulgação de trabalhos deste género. Sobre Eça de Queirós, por exemplo, há bibliografia imensa, mas o que é verdade é que Marques da Cruz escreveu sobre um terreno muito pouco explorado:: a psicologia do escritor, à luz de seus antecedentes mesológicos, culturais, etnológicos e, por fim, espirituais. Sem ter chegado à reencarnação, o livro de Marques da Cruz, que é um dos bons ensaios sobre Eça, levantou, como se diz, a ponta do véu para deixar uma interrogação, porque a hereditariedade por si só não explica tudo...

A METAMORFOSE

A metamorfose do corpo físico é um fenómeno transcendente e delicado. O que nos prendia a ele vai-se afastando pouco a pouco, até adormecermos inteiramente. Depois olhamos a forma que deixámos e não compreendemos a situação. Há duas coisas que nos preocupam e ficamos perplexos. Embora tivéssemos lido descrições adequadas, sentimo-las agora intensamente e o facto causa-nos engulhos e grande inquietação. Aquele corpo parece nosso. Há qualquer coisa quenos liga a ele. Reflectimos e chegamos à compreensão total. É um despojo, é um destroço da jornada.

Há saudade. Há sempre saudade do tempo que se viveu entre brumas que encobrem a distância. Aquilo serviu-nos de invólucro. Foi o nosso instrumento. O aperfeiçoamento moral e mental teve base naquele corpo.

Agora jaz abandonado. Algumas peças deixaram de funcionar e tivemos de sair dele imediatamente.

Apesar da metamorfose, o espírito persiste. Somos os mesmos que éramos. No fundo, somos os mesmos. As faculdades volitivas aumentaram, mas as ideias fundamentais que caracterizam o ser mantêm-se inalteráveis. A essência espiritual continua a irradiar energia e conhecimento.

Tudo está sujeito à metamorfose. No mineral, no vegetal e no animal há forças invisíveis que mantêm a unidade. Ignoramos o que sejam. Desconhecemos as leis que as regem. O papel do homem é observar. Põe questões, não resolve problemas.

Os seus postulados são de vez em quando rectificados. As leis de Deus são eternas, imutáveis. Querer derrogá-las é subir a montanha a rolar a pedra de Sísifo. Mais tarde ou mais cedo acaba por esmagar o insensato. E tudo volta ao princípio...

(Excerpto do livro «DOIS MUNDOS», ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista).

ATENÇÃO, IRMÃOS ESPIRITAS

por F. NORONHA

Um querido amigo e distinto professor, em artigo publicado, recentemente, em número de *Comarca de Alcobaça*, sua terra natal, Bernardo Vila Nova, , sob a rubrica: *O Prémio Nobel em Partugal*, diz assim:

«Como sempre, o método experimental nas investigações delicadas não dá logo o resultado procurado; a persistência e a inteligência necessária à direcção das experiências, caminham aqui, malogram-se ali, uma, duas, mil vezes, e de correcção em correcção, o investigador põe a cúpula final no edifício da descoberta que projectou e conseguiu. É a história das grandes descobertas.»

Um sobrinho meu, há anos, quis assistir comigo a uma sessão espirita experimental, e como não correspondesse uma certa manifestação ao que ele pusera na idéia, declarou-me que descria absolutamente de sessões espiritas experimentais !

Precipitado em tal critério, afigura-se-me que terá percorrido, depois, boa e sã literatura espirita ilustrada e que a lógica predomina, agora, em seu «cérebro».

O bom senso é sempre e em tudo o melhor conselheiro; e assim, contendo-se cada qual numa posição de sentido, sem exigências prematuras, obterá, mais cedo ou mais tarde, a resposta luminosa às suas preguntas de foro íntimo.

Não careci eu de ser presente a cenários de provas, pelo facto de não haver intermediários entre mim e o fenómeno que me abriu os olhos de alma a um convencimento matemático.

Todos quantos, porém, com diplomas científicos e elaborações de mérito reconhecido, afirmam experiências espiritas de intrínseca modalidade que presenciearam, e, por aí, aderiram sem reservas ao que viram, todos esses não constituirão elementos de fortaleza resistente em relação às sessões conclusivas do Espiritismo, levadas a efeito experimentalmente ?

Como vieram para o seu grémio médicos, naturalistas, homens de laboratório e de paciência, investigadores e descobridores consumados ?

Os físicos e os químicos, alguns catedráticos de afamadas Universidades, porque aceitaram e aceitam Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Camilo Flammarion, Lodge, e muitos outros, em seus livros e confissões ?

Todo o imenso labor de tantos homens, em posição definida e de nomes feitos, haveria aproximação com o Espiritismo por simples devaneio ou por mera gracilidade ?

Tais representantes directos das altas ciências, tais pesquisadores heroicos dos segredos e enigmas ou véus da Natureza, tais espíritos de lucidez ponderada e de mira equilibrada, não se contentam nem afazem em esfera anedótica e em chão resvaladio; põem as cúpulas derradeiras nos seus edifícios, após prévias experiências e investigações, conducentes a fundamento inabalável, que é a verdade esplendente, a luz nitidíssima do facto ou factos, contra o qual ou contra os quais, diz a sabedoria das nações, não caberem argumentos.

Que razão e motivo imperaram sobre mim para me trazerem ao plano espirita ?

«Não sou espirita» declarara eu em artigo do desaparecido semanário *O Barreiro*.

E talvez, dez anos antes, obedecendo à rubrica *O Universo — Magno Problema — Segredo Máximo*, citara Antero, Arthur Arnould, Ângelo Jorge, Max Heindel, Flammarion, transcrevendo até frases suas, de meu aplauso, tendo lido, precedentemente, em 1928, os oito volumes da autoria de Eduardo Niño, estampados em Madrid, no ano anterior, com esta designação ou divisa: *Nosce te Ipsum*.

Que incentivo poderia ter-me arrastado a uma ambiência, em que se me deparavam figuras notórias e trabalhos de peso docente, aliás despidos de interesse imediato meu?

Como, autênticos sábios, não só negativistas mas outros sim moteadores do Espiritismo, se fizeram seus prosélitos, a autorizadíssimos mentores ?

Vaidade, fobia, declinação mental, ambição e cálculo inconfessáveis ?

Admito alguma possibilidade esporádica a este respeito; mas, tomar o singular e raro na conta de princípio e generalidade, equivaleria a completa desclassificação ou a adormencimento de faculdades.

O fenómeno em si, a observação e análise experimentais, o investigar e corrigir, com simultâneo tentame e exucução prática de alargamento de horizontes há presidido, no campo espirita, ao avultar dos seus valores vivos.

E é inegável que estes abundam através dos países cultos da Terra, sem embargo de haver neles a sombra de preceitos que inibem muitos indivíduos prestimosos de pugnarem pela causa, científica e renovadora, desasombrada e publicamente !

Hoje, cresce o número dos orgãos espiritas impressos; e as elaborações de grande vulto e não menor desenvolvimento surgem, sem míngua, em empresas de publicidade e editoras idóneas, tentaculares, que fazem chegar uns e outros, nos originais e em traduções, a todas as zonas habitadas.

Aquele Brasil, pouco divergente, na superfície, dos dez milhões de quilómetros quadrados abrangidos pela do continente europeu, é teatro do intérmino bem-fazer do Espiritismo e centro ou foco de onde irradiam, para todos os pontos cardiais do planeta, as suas múltiplas e acessíveis publicações.

Tudo isto padecerá de senso, de base, de investigação regular, normal e de processos metódicos de experiência ?

Pois seria possível que o espirita se firmasse em séries hipotéticas, e em pés de barro sobre areia solta ?

Que conciliação seria viável entre quejando panorama e. William Crookes, e o Conde Rochester, e Vítor Hugo, e D'Arsonval, por exemplo ?!

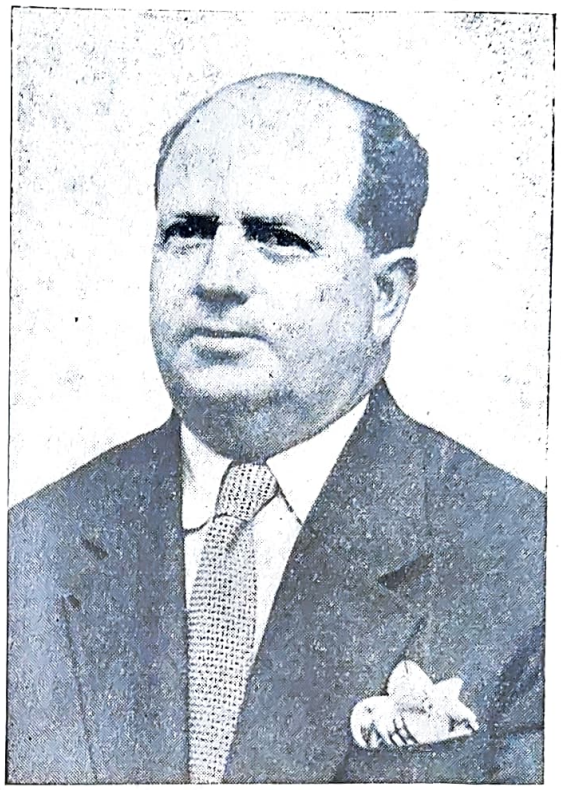
JOÃO AMADO VENÂNCIO

Vindo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde constituiu família e reside há muitos anos, chegou a Portugal o nosso confrade e amigo João Amado Venâncio. Acompanhado de sua esposa, aqui permanecerá até ao fim do corrente ano, junto de seus velhos progenitores.

É com grande júbilo que noticiamos este facto, porquanto o caro Venâncio é uma figura austera do Espiritismo brasileiro e a quem Estudos Psíquicos *deve os mais belos serviços. Quando maiores eram as dificuldades no tocante a transferências monetárias do Brasil para o estrangeiro, João Amado Venâncio foi um esteio providencial que, ao lado de Henrique Magalhães e Chelmicki Afflalo, tornou possível a continuação de uma obra a que nos entregámos absolutamente. Hoje encontra-se na mesma disposição de intensificar o intercâmbio espirita luso-brasileiro, fortalecendo ainda mais a posição desta revista na região onde exerce seus misteres.*

Como sempre, vem animado de ideias vastas que, se pudessem realizar-se, muito contribuiriam para o alargamento da propaganda e conhecimento da Doutrina. Veremos se poderemos materializá-las. O Alto vela sempre pelos obreiros da Seara. Aqui e ali, fornece-lhes os meios de semear o grão. João Amado Venâncio pôs a mão no arado e não cessa de lavrar e semear. Se não colher, outros colherão. O que é preciso é trabalhar.

Aproveitando a sua passagem por Lisboa, visitou o Centro Espiritualista Luz e Amor, onde falou a respeito do espiritismo luso-brasileiro, exortando os presentes ao trabalho doutrinário para que a Causa se engrandeça.



João Amado Venâncio

Algumas vezes arrebatou a assistência com palavras fluentes e entusiásticas deixando em todos a melhor impressão.

Este nosso amigo prometeu voltar a Lisboa, depois de visitar a sua terra natal, para onde seguiu no dia 23, no rápido do Porto, acompanhado de sua esposa, D. Mimosa Venância, a quem apresentamos as nossas melhores saudações.

Com o abraço de boas vindas a João Amado Venâncio, saudamos também todos os espiritas riograndenses, desejando-lhes felicidades espirituais com larga repercussão na Doutrina.

Salve, Espiritismo luso-brasileiro!

Atenção, meus irmãos espiritas, formai bloco, num mesmo plano e intento psíquico e ético de regeneração terrestre do animal primeiro, espargindo luz em todos os polos mediante o acerto impecável de observação analítica, de experimentação definitiva, e de plena satisfação de consciência.

Se houver assomância inteira e portanto acordo essencial neste conjunto, ou pura estética de fraternal unidade no mesmo conjunto e na respectiva componência ou seja nos agregados, tereis o hino da vitória pelo espirito, tão positiva e realmente, como serem iguais a 360 graus os quatro ângulos da figura geométrica, denominada quadrado.

É lícito à razão imparcial, que sustentamos ser o pensamento no Além, que preconisamos e pincelamos com beleza de matiz esplendoroso, prenúncio certo de objectividade congruente.

Na comburência da ideia, supremacia ridente do homem, que dignifica e subtiliza, preparamo-nos para estabelecer firmados no argumento irrefutável dos factos, a nossa emancipação vital do corpóreo organismo e o nosso trânsito, sem peias estorvantes, para um habitáculo fosforecente de imortalidade, se depurados no cárcere desta existência por provações satisfatórias.

É lei da Graça inefável no seio da Justiça incorrupta, visão nossa na aspiração do Infinito!

E o arcaboiço transforma-se, e

«A alma, bem como o arabe,
Deixa a tenda no deserto
E sobe, em voo aberto,
Da borda da campa ao céu».

Atenção, meus irmãos espiritas!

FIRMEZA NA FÉ

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Por toda a parte, em todas as doutrinas ou religiões, se nota uma acentuada falta de firmeza de seus adeptos ou praticantes, motivando constantes vacilações que os levam a crer e a aceitar verdadeiros absurdos nos momentos de prova e de testemunho de sua fé cristã. Isto porque nunca fizeram um estudo sério da doutrina que professam e consequentemente de suas pessoas em face à mesma, para ver se ela se ajusta às necessidades e aspirações da sua vida. Não raro vemos irmãos de outras religiões aproveitando-se dos benefícios do Espiritismo. Outros, querendo fazer espiritismo usando práticas e ritos de outras religiões, que lhes não pertencem. Tudo isto demonstra, claramente, falta de compreensão e de fé no seu credo, como dos homens que a professam e praticam, visto que, não mais podem acomodar nelas as suas esperanças, como necessidade à cobertura de suas contingências nos momentos de maior provação. Precisamos de ser coerentes connosco mesmos. Se somos cristãos ou procuramos ser, devemos estudar o Evangelho e seguir os ensinos de Jesus, fazendo dele o nosso roteiro. É ele que nos diz: «Não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo. Ou a um ou a outro. Precisamos de ser sinceros, definindo nossas crenças e atitudes, dizendo sempre o que a consciência nos dita. «Sim, sim; não, não...».

Tais vacilações são resultantes de mal orientada iniciação espiritual. Todas as coisas são regidas por leis, e não são como nós queremos que sejam. São como são. O erro está na maneira como as encaramos. Depois, dificilmente nos corrigimos de nossas faltas, acusando quase sempre os outros de tais desacertos. E enquanto assim procedermos estamo-nos afundando cada vez mais em nossos erros e aumentamos o nosso sofrimento e o daqueles que nos cercam. Urge uma séria revisão de nossas ideias, razões e aspirações, de modo a restabelecer a nossa fé em Deus, com Jesus e confiança em nós mesmos. Porque, nem a mudança de emprego, de casa, de religião ou de estado civil, poderão resolver o nosso problema, verdadeiramente, se intimamente não tivermos mudado o nosso «modus vivendi», reajustando melhor a vida à nossa consciência, restabelecendo o necessário equilíbrio que conduz à Paz que almejamos.

Sabemos que todas as religiões têm por objectivo encaminhar o homem para Deus, pela forma que seus inspirados fundadores melhor acharam. Entretanto, o Espiritismo, que é a doutrina dos espíritos, não é, nem foi objecto de inspiração de nenhum ser encarnado. Sua revelação é obra dos espíritos, livre de preconceitos, ritos, sacramentos ou cerimónias. O seu objectivo é despertar o Homem para a verdade, libertando-o da ignorância, que é a causa de todos os males. As religiões organizadas prometem a salvação e o céu, por meio de certas coisas. Mesmo determinadas religiões que procuram imitar o Espiritismo codificado por Allan Kardes, prometem curas e felicidade em troca de coisas. Mas o verdadeiro espiritismo cumpre a sua missão, despertando os homens para a verdade, dizendo-lhes, à luz da consciência, sem tapeações e conforme Jesus nos ensinou e exemplificou: «Receberás por tuas obras». A cura ou a felicidade é obra de cada um. O Espiritismo ensina e ajuda; cabe ao homem interessar-se por sua melhoria, tratando de corrigir-se, fazendo o bem, evitando fazer o mal. A diferença é grande na maneira de ensinar e proceder entre os instrutores de tais religiões. Entretanto, os homens que vivem na ilusão, incensados pela vaidade, em princípio, preferem crer naqueles que tudo lhes possam prometer por fora de sua reforma material ou moral, mesmo que para tanto tenham que pagar caro. São mistificadores que precisam de ser mistificados. É tempo do estudante da verdade, adepto de qualquer religião cristã, voltar novamente ao estudo e meditação do Evangelho. Ele é o nosso roteiro. É a luz que ilumina a senda do peregrino da vida eterna. Jesus disse: «Conhecereis a verdade e ela vos tornará livres». Onde estará a verdade, perguntarão? Está em cada um de nós. É a nossa vida em espírito e verdade. Precisamos amar a verdade; viver em verdade em todas as circunstâncias. Jesus é a Verdade. Quem vive na verdade vive com Jesus e com Deus. Nada teme nem precisa de preocupar-se com as coisas que terá de dizer, porque a verdade, por si mesma, se

O PECADO ORIGINAL

Por DAMIÃO DE VASCONCELOS

O pecado original, a culpa de que o homem tem a responsabilidade, é a das suas anteriores existências e que lhe cumpre extinguir por seus méritos, pela sua resignação e intrepidez nas provações. E assim, o homem é o *antepassado* de si próprio, o cumpridor da expiação dos actos das suas existências anteriores.

Porque o dogma do pecado original, que impõe um castigo igual para todos os homens como responsáveis pelo pecado de Adão (que, aliás, não foi o primeiro homem), é absolutamente inaceitável para quem pensa racionalmente. Se a alma se cria no momento do nascimento do corpo (ou do ovo), como pode ter já uma mácula original? Será transmisssível e porquê e como? Como todos os homens estavam contidos no primeiro? Foram as almas? Não pode ser, porque Deus as cria sucessivamente. E a água do baptismo não lava a mácula?

De resto, Ezequiel (XVIII, 2.º) dis-nos: «*O filho não carregará com a maldade do pai, nem o pai com o do filho...*».

O pecado original é, pois, a culpa de que o homem tem a responsabilidade nas suas anteriores existências, que lhe cumpre extinguir, por seus méritos, pela resignação e intrepidez nas suas provações, como já ficou dito, e, assim, o homem é o *antepassado* de si mesmo, como também foi dito atrás.

E assim se explica racionalmente e cientificamente a causa das suas desditas na vida presente, embora as julguemos imerecidas pela vida correcta actual. Tal como o bom devedor, cumpre-nos pagar as *dívidas* do passado, integral e completamente, ante a Justiça Divina e humana: «*Até os cabelos da tua cabeça estão contados*», disse Jesus Cristo.

Sim, porque o homem é um fantasma vivo e prisioneiro dos actos da sua vida anterior, e o resgate dos crimes consiste no sacrifício.

Porém Deus, na Sua imensa misericórdia, permite, ao nascermos, percamos a recordação precisa do passado criminoso, todavia, conservando-nos, em regra, um vago sentimento do passado.

E o pecado original lança as suas raizes nas profundezas do nosso próprio ser; o nosso nascimento é a consequência, portanto, do nosso próprio pecado, *origem* forçada e inevitável do mesmo.

E quando a nossa tarefa estiver cumprida com segurança e plenamente, também nós só voltaremos a este planeta de provação, se assim o quisermos, em missão, a fim de ajudarmos o progresso dos nossos irmãos nele peregrinos, em consequência do seu pecado original, isto é, dos seus pecados próprios, ainda não inteiramente expiados e que, *ipso facto,* inevitàvelmente são a origem do seu nascimento na Terra, como Jesus Cristo ensinou a Nicodemos quando lhe disse: «*Importa-te renascer de novo*». (S. João, III, 3).

E igualmente importa-nos renascer de novo, se não cumprirmos as Leis Divinas, Leis de Amor, neste mundo de provações, como etapa para mundos melhores, na ascese para Deus.

---

afirma e defende. O mistificador, sim, precisa de preocupar-se com o que tem para dizer, porque não vive em verdade e deseja passar por verdadeiro. O mundo vive em crise de verdade, porque o reino é da mentira e todos o amam. Foi por esse motivo que Jesus, a Verdade, teve de ser sacrificado para não prejudicar o reino da mentira. A religião da Verdade é a doutrina de Jesus. Amar a verdade é amar a Deus. É não querer para os outros o que não desejamos para nós. E esta verdade está em nós mesmos e se faz sentir em nossa consciência. Quem quer que a negue terá de confessar a sua falta em público. Jesus Cristo nos afirmou: «Que tudo que ocultamos desta verdade, vivendo às escondidas, terá que ser dito de cima do telhado». Prova esta verdade os constantes escândalos provenientes da publicação de factos ocultos que não foi possível esconder por mais tempo.

E isto acontece pela necessidade de repor a verdade, de restabelecer a verdade onde ela foi falseada ante o imperativo de uma lei divina que se cumpre no íntimo de cada ser, contra a qual não valem defesas nem discussões. Esta lei moral e espiritual, é DEUS em nós, a cuja lei devemos obedecer, procurando viver sempre em harmonia com este princípio divino, presente na vida de cada ser, através de sua consciência. Este princípio é lei a que é preciso obedecer acima de todas as coisas, porque é DEUS.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Por Rómulo Montovani

I

O presente estudo é um dos mais importantes que apresentaremos sobre o verdadeiro Cristianismo, porque não se trata de interpretação mais ou menos exacta de uma moral ou de uma filosofia qualquer, nem de simples curiosidade histórica e muito menos de um acto de fé cega.

Este estudo põe-nos em face de factos que são a base central de todas as manifestações após a morte; porque devemos estar convencidos de que sem a Ressurreição de Jesus, o Cristianismo, mesmo com a Cruz, ficaria uma simples e sublime moral que se diferençaria muito pouco de certas outras.

Eis porque o nosso estudo é de importância capital. Ele deve revelar se na verdade Jesus nos trouxe uma simples moral de vida que ele viveu até à morte, ou se nos trouxe algo de novo : a revelação da *vida eterna para todos.*

A Ressurreição é o que há de mais novo e de mais supra-normal e que pode parecer inverosímil no Evangelho.

Nós a estudaremos, pois, sob todos os seus aspectos, livres de qualquer ideia preconcebida, sustentando-a honestamente com o apoio do conhecimento dos fenómenos supra-normais.

O primeiro facto espirítico que encontramos nos documentos históricos depois da morte física de Jesus, é a aparição de dois anjos.

Três Apóstolos dentre quatro nos contam que, na noite de Sabá, os guardas do Sepulcro, após terem ouvido um tremor de terra, viram dois anjos descer do céu, aproximarem-se da pedra do sepulcro, virarem-na e sentarem-se em cima.

Dizem-nos também que os guardas foram tomados de pavor e ficaram mudos, que fugiram, foram a Jerusalém e contaram ao Príncipe dos Padres o que se havia passado.

É preciso notar que não se trata de pobres mulheres enfraquecidas pela tristeza e susceptíveis de alucinação, mas de homens, de soldados, e os soldados da época eram mercenários que faziam tal coisa por profissão, por consequência homens fortes, treinados para todas as fadigas, homens brutais, que não podiam ter sensibilidade de mulher histérica.

Eles tinham instruções severas de guardar o túmulo de Jesus, a fim de impedir que os discípulos viessem roubar o cadáver. Pois bem, estes soldados tiveram de assistir impotentes à manifestação espirítica dos Anjos. Estes não entraram pela porta, mas apareceram sùbitamente. Trata-se de uma verdadeira aparição de Espíritos. A Escritura diz: «Sua fisionomia era como o clarão, e sua vestimenta como a neve». Isto nos confirma ainda mais que se trata de seres espirituais e não de seres humanos.

Para nós, eis incontestàvelmente uma aparição de dois espíritos de luz.

No caso de que nos ocupamos, não houve sòmente aparição. Estes anjos viram sem fadiga aparente a pesada pedra do sepulcro e sentam-se em cima. Isto é um facto material que não se pode considerar como alucinação. Esta pedra que, normalmente, só podia ser removida por quatro homens reunidos, foi virada por dois seres fluídicos e o interior do sepulcro ficou vazio.

São factos incontestáveis. De outro modo seria necessário admitir que foram os próprios guardas que o fizeram, o que é inadmissível ; porque eles tinham justamente o encargo de vigiar o sepulcro. A escritura não diz que os soldados se apavoraram e fugiram.

Que os espíritos possam deslocar um peso enorme, como a grande pedra de um sepulcro, não nos espanta; estamos habituados em nossas sessões espiríticas a ver móveis muito pesados deslocados pela vontade dos espíritos. O nosso piano, por exemplo, que são precisos, pelo menos, dois homens para o deslocar, tem-se movido muitas vezes pela única vontade de um espírito durante as sessões de materialização. É muito fácil para nós, portanto, admitir o deslocamento da pedra pelo Anjo ou pelos Anjos.

Nós damos muita importância a este primeiro fenómeno espirítico após a morte de Jesus, porque nos ocupamos aqui de pessoas que não tiveram nenhuma relação com Ele, que não se podem portanto, considerar como alucinadas, nem como cúmplices, que, além disso, são soldados e que se trata de factos materiais verificados; a acção acha-se provada pelo deslocamento da pedra do sepulcro.

Naturalmente, esses factos encerram um grande ensinamento, que é o seguinte:

O Cristo preocupou-se em dar-nos um ensinamento espiritual e para isso teve o cuidado de nada deixar após si do que é material. Mesmo o seu corpo — isso para auxiliar os homens a compreender que ele era sobretudo «espírito», que seu ensinamento era «espiritual» e que o material deve ser sempre dominado pelo espírito.

A pedra do sepulcro simboliza o apego às coisas materiais e todas as preocupações materiais que envolvem a Humanidade.

Ora, é sòmente o anjo que pode erguer a pedra. O anjo é o Espírito. É pois sòmente pelo Espírito que a Humanidade poderá desembaraçar-se de todas as suas preocupações materiais e viver na verdadeira felicidade.

Três Evangelistas contam-nos que, nesta mesma manhã, de madrugada, Maria Madalena, Maria, Mãe de Jerónimo, Joana e outras mulheres, encaminharam-se em piedosa peregrinação ao túmulo de Jesus para perfumar o seu corpo.

Num certo ponto do trajecto, Maria Madalena, mais impaciente que as outras, corre adiante para chegar mais depressa e nota que o sepulcro está vazio e vai com rapidez prevenir os discípulos.

As suas companheiras chegaram e Mateus e Marcos nos falam da aparição de um jovem,

de um anjo, ao passo que Lucas nos diz :

«E enquanto em suas almas elas estavam consternadas (por encontrarem o túmulo vazio) eis que, perto delas, apareceram dois homens vestidos com hábitos resplandescentes. E como, presas de pânico, elas abaixassem a face para a terra, eles lhes disseram: «Porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo. Ele não está aqui, Ele ressuscitou. Lembrai-vos de que Ele vos disse, quando estava ainda na Galileia: *É preciso que o Filho do Homem seja abandonado entre as mãos dos pecadores, que ele seja crucificado, e que, ao terceiro dia, ressuscite*». Elas recordaram-se então dessas palavras de Jesus.

Aqui, estamos ainda em presença de uma aparição com voz directa. O jovem, ou os dois, não entraram pela porta, mas foram vistos «aparecer» instatâneamente; são, pois, na verdade, Espíritos. Além disso, as suas vestes conformam, porque estavam vestidos com roupa branca «resplandescente».

Sem dúvida, nenhum ser humano poderia estar vestido dessa maneira, que é própria dos Espíritos elevados, vindos certamente para preparar os Apóstolos para a aparição de Jesus.

De facto, Mateus diz-nos que as mulheres «sairam em seguida do sepulcro e correram a levar a nova aos discípulos». Enquanto as mulheres iam prevenir os outros Apóstolos, Maria Madalena chegou de novo com Pedro e João, que entraram um após o outro no sepulcro, mas Maria mortificada de dor parou perto da entrada. Chorando também, curvou-se e olhou para o sepulcro. Viu então dois anjos que lhe disseram:: «Mulher, porque choras ?» Ela respondeu: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram».

Tendo dito isso, voltou-se em direcção ao jardim e viu Jesus de pé, mas ela não sabia que era Jesus. Ele disse-lhe : «Mulher, porque choras ? A quem procurais ?».

Ela, pensando que era o jardineiro, disse-lhe: «Senhor se sois vós que o haveis levado, dizei-me onde o haveis posto e o carregarei».

Jesus chama-a então pelo seu nome : Maria.

Ela, voltando-se, exclamou: «Rabboni», o que significa Mestre. Mas Jesus lhe replicou: «Não me toques: Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus».

Notemos de passagem que, «mesmo depois de Sua morte corporal. ele não se considerou como sendo Deus», porque é lógico que, se ele se considerasse como Deus, não teria afirmado que ia a Seu e Nosso Deus». É portanto um erro tomá-lo por Deus, ao menos no sentido que se lhe dá geralmente.

Ele disse que era Filho de Deus e chamou-nos seus irmãos. Logo, Deus está dentro de nós todos. Entre Ele e nós, não há necessidade de intermediário.

Mas estudemos a aparição, que é notável.

Notemos em primeiro lugar que Jesus não se mostra de chofre.

Faz-se preceder de dois espíritos de luz. Em seguida, não se apresenta diante de Maria Madalena, para não assustá-la, mas faz com que ela volte: «Ela viu Jesus de pé, e ela não sabia que era Ele». Os que conhecem as aparições espirítica podem compreender a significação dessas palavras que, melhor que outra coisa, nos provam a veracidade da aparição de origem incontestàvelmente espirítica.

Quando uma entidade se nos apresenta antes de a reconhecermos pela visão, *sente-se* por irradiação, se se trata de tal ou qual espírito.

Maria Madalena não podia fixá-lo; sentia que era Jesus. A verdadeira revelação não vem do exterior. É sempre interior, mas a sua razão recusava-se a crer, porque a considerava impossível.

O que não nos engana é a palavra. Foi suficiente que Ele pronunciasse o nome de Maria com a sua voz e o seu magnetismo pessoal para que ela não tivesse mais dúvida alguma, e lhe respondesse: «Rabboni».

Jesus foi mais fàcilmente reconhecido pela palavra que pela aparição. Isto é importante, porque, reconhecido como aparição, poder-se-ia tratar de uma alucinação; mas ser reconhecido pela «sua voz» não nos podemos enganar, temos de admitir que não se trata de alucinação (sobretudo porque Maria, como as outras, julgam isso impossível), mas de materialização de um espírito falante.

Jesus recomenda-lhe expressamente que lhe não toque. Isto nos confirma que esta aparição não é fantasmagórica, mas muito delicada e susceptível de dissolver-se, se lhe tocasse. A mesma recomendação nos é igualmente dada pelos espíritos que se manifestam a primeira vez em nossas sessões; mas em seguida, quando a materialização toma mais consistência e solidez, deixa-se tocar, exactamente como fez Jesus nas aparições que se seguiram.

(Continua)

EXORTAÇÃO

Por SEBASTIÃO LÔSNEAU

Olha quantos irmãos arrastam pela vida
Uma cruz eternal de mágoa e de tormento !
Faze-te Cirineu ! Estaca um momento
E, dando-lhes o braço, ajuda-os na subida.

A senda do sofrer é longa, indefinida,
Porém, a tua mão de cireneu atento
Pode levar alívio a cada sofrimento,
Balsamizando a dor em cada alma ferida.

Tudo o que se fizer a um desses pequeninos
O céu registrará nos arquivos divinos
Como se feito fôra ao próprio Redentor.

E aos novos Cireneus, em dádivas imensas,
O Pai reservará sublimes recompensas
Nas moradas de luz de seu divino Amor !

Belo Horizonte 24/3/1949

DECLARAÇÕES

De PIETRO UBALDI
(Correspondente em Itália)

Estas palavras destinam-se a todos quantos, na América do Sul, têm seguido o meu pensamento, com o fim de lhes explicar claramente o meu trabalho até hoje e declarar-lhes abertamente qual a minha posição actual, o meu plano de actividade e produção, isto é, o meu programa para o futuro. Isto tem valor, não só quanto ao meu passado trabalho, mas sobretudo, no que diz respeito à pública declaração dos meus compromissos perante o mundo, para o futuro.

Tornei-me médium imprevistamente há dezanove anos, quando completei quarenta e cinco. Isto foi para mim espantosa revelação espiritual, foi o entrar em comunicação com o mundo super-humano, o que me permitiu a visão e a solução dos problemas do Universo. Ao contrário da ciência que tem de passar pelos longos caminhos do raciocínio, da experiência e da hipótese, eu seguia o caminho directo da intuição, da inspiração e do «ver» e assim tinha a solução de todos os problemas. A preparação cultural que me levou a isto foi, até aos 45 anos, uma vida de sofrimentos tremendos, suportados no isolamento e no silêncio desprezado por todos. A dor é o maior livro da vida, aquele que nos revela a verdadeira ciência, porque através dela se chega a ouvir a voz de Deus.

☆

Inexperiente nestes assuntos, de princípio classifiquei este meu novo estado de mediunidade. Mas depressa reparei que nunca caia em transe e que não era instrumento passivo e inconsciente. Classifiquei-o então como «mediunidade activa e consciente», depois «ultrafânia», isto é, captação das correntes do pensamento (Nouri) e, por fim, «inspiração». O meu fenómeno não é inato, mas sim maturação biológica, como o desenvolver da criança que se torna homem. Assim, o meu primitivo estado chamado mediúnico, transformou-se num estado de inspiração que se assemelha ao miticismo dos seres para quem tudo isso é apenas um meio de cumprirem a sua missão para o bem, neste mundo.

Presentemente, estou muito longe da mediunidade, no sentido comum da palavra, isto é, do estado do médium que transmite as mensagens num estado inconsciente.

A inspiração é, para mim, um meio de investigação no campo filosófico e científico, a que chamo «método de intuição» e que como tipo biológico sensibilizado por evolução, posso colocar a par dos métodos actuais da ciência, os métodos objectivo-experimentais. Utilizo normalmente este método, cujos resultados transmito nos meus livros, resultados que ninguém pode conferir.

Porque motivo me encontro em tão excepcionais condições e com tão grande poder de conhecimento ?

Não sei dizê-lo. Pobre de mim se me orgulhasse e se não me considerasse simplesmente aquilo que, de facto, sou, isto é, um pobre instrumento nas mãos de Deus para o bem da humanidade !

Há 19 anos, no início dos meus trabalhos, houve um colóquio supremo entre mim e as vozes do alto e com elas tomei o compromisso de absoluta obediência. Aquilo que aos outros pode parecer mediunidade, é para mim o cumprimento de uma missão para a qual nasci e para a qual fui preparado nos meus 45 anos de vida e de sofrimento. Nesta vida não sou, portanto, mais do que um dos instrumentos da vontade de Deus, contribuindo para a salvação do mundo, numa das maiores curvas da sua história. O mundo caminha para a nova civilização do III milénio, a civilização do espírito e Deus utiliza instrumentos humanos para a preparar. Os meus livros, visto que a hora se aproxima, apresentam a solução para todos os mistérios e problemas, para que ela esteja pronta amanhã e divulgada no mundo quando se torne necessário. Justamente por isso, repito, os meus livros resolvem todos os problemas, sociais, individuais e colectivos, morais e científicos, económicos e filosóficos.

O carácter geral deste pensamento que vem do alto até mim, é evangélico. Poder-se-ia mesmo classificar como o Evangelho demonstrado cientìficamente, até à química atómica e à física nuclear, visto que, para a Nova Civilização, se impõe demonstrar o Evangelho. O fulcro da minha inspiração é, portanto, o Cristo, um Cristo universal, Chefe de todos os justos da Terra, independentemente dos diferentes credos religiosos, um Cristo de bondade e de paz, que não divide, mas, pelo contrário, a todos unifica para o bem. Desta forma, assim como disse a todas as religiões «uni-vos», digo o mesmo a todos os espiritualistas. O mundo caminha para a grande unidade. Na Terra existem hoje dois grandes centros políticos, um na Ásia, outro na América, mas em breve um só existirá, porque o mundo, repito, caminha para a unificação em todos os campos.

Por mim, assisto como instrumento à *catarsi* ou maturação biológica que a minha missão implica, visto ele levar ao facto inevitável que se verifica em todos os místicos, à união da alma com a corrente inspirativa, que, neste caso, muitos afirmam ser o Cristo. Mas trata-se de um fenómeno íntimo que, nesta altura, me é vedado revelar. Neste estado é natural que eu viva as teorias por mim expendidas nos meus livros, isto é, o Evangelho. A minha vida, portanto, é como o campo experimental dos princípios do Evangelho, que muitos na Terra classificam de louca utopia. Dar sempre e nunca pedir, no mundo ávido

onde quase todos pedem e não dão, deveria conduzir ao desastre completo. Mas nessa altura intervêm, para nos salvar, forças que o mundo nega porque não conhece, isto é, a Divina Providência, forças que eu estudei, analisei e expliquei, que em mim se exercem, me salvaram e, milagrosamente, me salvam. Portanto, nos mais complexos fenómenos morais, eu adopto os métodos experimentais da ciência, com os quais controlo e provo os resultados obtidos pela inspiração.

★

Eis o balanço dos resultados por mim obtidos até agora, no cumprimento da minha missão, no que diz respeito ao mundo.

Tenho 64 anos e encontro-me em plena juventude espiritual. Um corpo temperado para todos os sofrimentos e renúncias pode aguentar mais 20 anos de trabalho intenso, que, comparado com as passadas dores, pode considerar-se alegre repouso. Isso não impede que esse trabalho seja tão pesado que, sem o milagroso e contínuo amparo que me assiste, há muito que eu teria morrido de cansaço. Em 19 anos, atravessando o período tremendo da guerra e muitas outras desventuras, escrevi 7 volumes que lenta, tenaz e milagrosamente e sem auxílio se vão espalhando pelo mundo. Além disso tenho de ensinar para viver, acudir a todas as minhas necssidades sem ter criados nem quem me sirva, atender a continua e numerosa correspondência, escrever artigos, conferências, etc. Até aos 45 anos nunca escrevi uma linha e era completamente desconhecido. Isto pode considerar-se evidente prova do auxílio do alto, sem o qual eu nunca saberia ou poderia fazer qualquer coisa.

Os referidos livros dividem-se em três trilogias ou seja, grupos de três livros:

PRIMEIRA TRILOGIA

1) — *Mensagens Espirituais e Introdução*

Estas mensagens foram publicadas em 1933, centenário da morte do Cristo e constituem o primeiro apelo ao mundo. Foram publicados cerca de meio milhão de exemplares. A introdução resume o prefácio ao volume seguinte, a questão da condenação ao Index da «Grande Sintese» e todas as opiniões da imprensa. Este volume, de cerca de 300 páginas, deve ser em breve publicado em Roma.

A «Grande Sintese», já publicada em Roma, edição Ergo (3.ª edição). É o texto da Nova Civilização e foi chamada a Bíblia do 3.º milénio. É o plano geral de orientação, o edifício filosófico nas suas linhas gerais.

2) — *As «Nuori»*

Este volume constitui o estudo do fenómeno inspirativo, na fase por mim alcançada quando o escrevi.

3) — *«Ascenção Mística»*

Estudo o fenómeno inspirativo desenvolvido na «Grande Sintese» até ao plano místico.

O primeiro, segundo e terceiro volume desta trilogia, esgotados em Itália, em breve serão publicados em Roma em edição Ergo.

SEGUNDA TRILOGIA

4) — *História de um Homem*

Enquanto os volumes 2 e 3 se esgotaram e já foram reeditados em Milão, por Hoepli, o volume «História de um Homem» ainda existe em Milão, editor Bocca. É, por assim dizer, a biografia do autor, principalmente no que diz respeito aos princípios evangélicos por ele professados e vividos.

5) — *«Fragmentos do Pensamento e da Paixão»*

Está inédito e em breve sairá em Roma. Compõe-se de todos os artigos que escrevi em várias linguas.

6) — *«A Nova Civilização do 3.º Milénio»*

Recentemente publicado em Roma, edição Ergo, com cerca de 500 páginas, desenvolve os assuntos tratados na «Grande Sintese», principalmente sob o aspecto social, económico e psicológico.

TERCEIRA TRILOGIA

7) — *«Problemas do Futuro»*

Em 2 volumes, com cerca de 300 páginas cada. Será publicado em Roma dentro de poucos meses.

1.º volume: — O problema psicológico, filosófico e científico.

2.º volume: — O problema social, biológico e místico.

8) — .....

Está em preparação. Actualmente, em fins de Fevereiro de 1950, já escrevi cerca de 100 páginas deste novo volume. Enquanto o precedente desenvolve a «Grande Sintese», em todos os campos, este volume trata do fenómeno da *cartarsi* ou transformação biológica que eu vivo e experimento, o que significa a superioridade do egocentrismo e a unificação com a corrente comunicante.

Aqui estão os meus trabalhos até hoje. Espero que a minha obra se componha de 3-3-3-1, isto é, 10 volumes em trilogias e mais um isolado que talvez seja a minha suprema visão do Cristo, que encerrará também a minha missão e a minha vida. É este o meu trabalho passado, presente e futuro.

Depois de ter tido grandes atribulações para publicar os meus livros, encontrei um bom editor, a Casa Editora Ergo, rua Cola de Rienzo, 28 — Roma, que os publica todos em italiano. Este editor tem já prontos «A Grande Sintese» e o n.º 6

número 7 em breve estará pronto. Depois publicarei ràpidamente todos os outros. No Brasil, em S. Paulo, preparam-se as edições portuguesas dos números 1), 2), 3), 4), 6) e já foi publicado o N.º 1 — Mensagens espirituais. Na Argentina saiu a «Grande Sintese» (edição Constancia) «Las Nouras» e mais nenhum. Desta forma, o público ar- — «Nova Civilização do 3.º Milénio» (1). O gentino só conhece os números 1) e 2), desconhecendo os outros volumes. Se os leitores tiverem interesse em conhecê-los, peço-lhes que se dirijam à Casa Editora Ergo para os obter em italiano. A mesma casa tem depósito dos ditos volumes em toda a América do Sul, aguardando que um editor argentino os queira publicar todos. Eu sou pobre como devo ser e não tenho meios para o fazer. Devo, pois, aguardar a Providência Divina.

Poder-se-à dizer: isto não é mediunidade e, portanto, não nos interessa. Por certo esta não é a mediunidade física que desprezo, porque o meu alvo é a ascenção moral até ao fim da vida, e na mediunidade física, em geral, não se manifestam os santos, mas sim os espíritos inferiores. A fonte inspirativa e o método de inspiração são a origem das minhas obras. No meu caso, portanto, trata-se de uma mediunidade que, sendo espiritismo também, o transcende por tal forma como método, conteúdo e finalidade, que deixa de ser espiritismo comum. É, em todo o caso, espiritualismo e do mais elevado e activo, porque se propõe atingir um grande fim: o bem da humanidade.

Eis um exemplo sensacional de que falam os jornais italianos destes últimos dias e que já apontei à imprensa da Argentina. Estes jornais demonstraram que as últimas teorias do grande matemático Halbert Einstein, ultimamente anunciadas, já tinham sido enunciadas filosòficamente, na «Grande Sintese», há dezoito anos, em 1932, na sua primeira edição. As teorias de Einstein são as seguintes : Teoria generalizada da gravitação e a teoria do campo unificado. A «Grande Sintese» pela intuição, chegou às mesmas conclusões, explicando-as no Capítulo XXXVIII: «Génese da gravitação» (pág. 115 do 3.ª edição). Isto vem provar que o método inspirativo é mais rápido do que o método racional, adoptado por Einstein. Por isto se pode fazer uma ideia dos resultados a que pode chegar a mediunidade inspirativa, quer dizer, poder antecipar-se à ciência nas mais árduas investigações e descobertas, E isto pelo lado cultural e científico, que, no meu caso, se combina com o aspecto moral e místico, isto é,ciência e fé num único pensamento e numa única paixão.

Eis a minha vida, o meu trabalho e a minha missão. Os meus livros espalham-se pelo mundo e agora também chegaram aos países árabes. Deus tudo guia lá do alto, segundo os seus desígnios. Eu sigo como posso, mas sòzinho nada poderia. Sigo cheio de entusiasmo e de paixão, sigo o Cristo que vejo brilhar lá do alto, vejo no Cristo as forças do bem que, numa grande batalha, tentam salvar o mundo das forças do mal. Na Terra, abro os braços a todos os homens de boa vontade, e dou-lhes o meu coração, porque deles depende a salvação do mundo.

(1) — Já foi publicado.

GRATA SURPRESA

Por intermédio do nosso amigo João Amado Venâncio chegou a esta redacção o documento abaixo mencionado:

Segue-se uma relação de 107 assinaturas anuais. Alguns pagaram duas anuidades e outros pagaram em quadruplicado e quintuplicado, a fim de lhes serem remetidos os respectivos exemplares.

A esta lista, outra se encontra apensa de 33 assinaturas anuais, angariadas por João Amado Venâncio.

O gesto dos confrades riograndenses foi para nós uma grata surpresa. Sabemos quanto Estudos Psíquicos *é apreciada naquele Estado gaúcho, mas estávamos longe de receber o documento que aí fica apoiado em 140 seareiros que desejam acompanhar-nos, fortificando a posição de uma revista que continua a batalhar por um ideal regenerador, à base do intercâmbio espirita luso-brasileiro.*

Agora, maior responsabilidade cai sobre os ombros dos que aqui mourejam. Teremos que nos esforçar no sentido de melhorar ainda mais a nossa obra, esta obra que uma grande alma de mulher soube erguer e manter durante anos e que representa um verdadeiro símbolo de união digno de imitar-se noutras latitudes.

Em nome de grande número de companheiros riograndeses, transmito a Isidoro Duarte Santos, valente batalhador espirita, mais que a solidariedade, o aplauso de todos nós à marcante acção que vem exercendo desde longa data a prol da difusão do Espiritismo. E comprovando nossa admiração pelos relevantes serviços prestados à Causa comum e, do mesmo passo, aumentar a propagação das luzes da Doutrina dos Espíritos, escoadas através de sua excelente revista ESTUDOS PSÍQUICOS, *relacianadas em separado.*

Receba esta homenagem cordial como honrosa menção aos seus invulgares méritos, manifestados na cruzada de redenção humana em que todos estamos empenhados.

Porto Alegre, 3 de Julho de 1950

PAULO HECKER

«DOIS MUNDOS»

(Narrações do Além ditadas pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas pelo director desta revista).

Vai entrar no prelo esta obra sensacional, inteiramente inédita e vasada em estilo elegante e sugestivo. Única no género pela essência e pela forma, preenche uma lacuna na bibliografia espirita, quer pelos ensinamentos que encerra, quer pela espiritualidade que irradia. Lê-la, é conhecer muitos arcanos da vida futura.

A morte é reduzida à sua expressão fenoménica e o leitor familiariza-se com o Além, reforça a posição moral e espiritual e encara serenamente os maiores problemas da sua vida terrena.

Dois mundos que se ligam, duas regiões que se interpenetram!

Obra de impressão e informação, obra de filosofia dedicada às almas inquietas, radica a fé e abre clareiras de esperança.

Lêde-a e ficareis consolados! Sereis os seus maiores propagandistas!

Tendes medo da morte? Receais o contacto com o Além? Embebei-vos em suas páginas e as sombras desaparecerão.

Dos 55 capítulos prometidos, já foram recebidos 50, cujo título é o seguinte:

1 — A Névoa; 2 — Os Arcanos do Além; 3 — Os Caminhos; 4 — A Viagem das Almas; 5 — A Missão do Apóstolo; 6 — No Mundo Mental; 7 — Dois Grandes Problemas; 8 — Ânsia de Conhecimento; 9 — A Marcha Progressiva; 10 — Atracção e Repulsão; 11 — O Comércio Espiritual; 12 — Observação e Indagação; 13 — O Sentimento das Almas; 14 — O Caminho do Trabalho; 15 — Espíritos Familiares; 16 — O Além e o Aquém; 17 — Inconsciente e Consciente; 18 — Os Dois Mundos; 19 — A Investigação; 20 — As Relações Espirituais; 21 — Labor Fraterno; 22 — Intercâmbio Espiritual; 23 — O Tempo e a Ideia; 24 — A transição; 25 — A Comunicação; 26 — Adaptação ao Meio; 27 — O Que o Véu Encobre; 28 — A Hierarquia dos Seres; 29 — Missões de Auxílio; 30 — Um Grande Problema; 31 — A Metamorfose; 32 — Notícias do Além; 33 — Sensação Integral; 34 — No Limiar do Além; 35 — Vibração Recíproca; 36 — A Experiência Terrena; 37 — Liberdade Espiritual; 38 — O Voo das Ideias; 39 — O Balanço; 40 — O Problema do Passado; 41 — OCulto dos Mortos; 42 — O Moral e o Temporal; 43 — As Fases da Evolução; 44 — O Orgulho do Homem; 45 — Os Desfiladeiros do Progresso; 46 — Auto-exame; 47 — O Instrumento da Pesquisa; 48 — A Manifestação Vital; 49 — Ataques Espirituais; 50 — Vantagem desta Obra.

Uma obra de *Estudos Psíquicos Editora* dedicada aos espiritas luso-brasileiros! Um grosso volume de 350 páginas recebidas em mês e meio, sem uma única rasura! O original está à disposição de quem o queira compulsar.

Aos nossos representantes no Brasil rogamos o favor de fazerem a maior propaganda deste livro, indicando-nos por via aérea o número de exemplares que lhes devem ser enviados, com os descontos habituais.

A primeira obra ditada do Além por Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga directora de ESTUDOS PSÍQUICOS!

Façam os seus pedidos à redacção, *Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA*

ORIENTAÇÃO E DEPURAÇÃO

por

TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário — Argentina)

As ideias que conduzem a humanidade a caminhos regeneradores encontram oportunamente conhecimentos necessários, susceptíveis de lhes imprimir os impulsos indispensáveis. O Espiritismo e a Metapsíquica também contam com os factores humanos que sabem colocar estas ciências à altura das exigências e rítmo dos tempos que correm.

O espiritista estudioso e imparcial há-de sentir-se contente ao ver que no campo há trabalhadores infatigáveis. Não nos referimos aos trabalhadores das instituições — na verdade muito poucos — dispostos a manter bem viva a chama idealista, mas àqueles que, como Ernesto Moog, se convertem em laboriosas formigas, empenhadas em oferecer aos homens de ciência, aos estudiosos, aos investigadores do psiquismo um trabalho que reputamos de orientação e depuração.

É que Moog é um investigador muito sério e um analista de elevado quilate. Não se tem limitado às investigações metapsíquicas da instituição que, sob o nome de *Sociedade Metapsíquica do Chile*, funciona na capital da vizinha república. Entregou-se inteiramente a estudos profundos, amplos e documentados da Metapsíquica, do Espiritualismo Científico, em pugna com o espiritualismo dogmático da física, da fisiologia, da psicologia e demais ramos inerentes ao dínamo-psiquismo, dentro do ser humano e dentro do Cosmos. Tarefa inglória, paciente e intrincada e que apareceu há pouco em 500 páginas compactas, subordinadas ao título: «Nova Visão do Universo. Nova Visão do Homem».

Da leitura dos originais se deduz que esta admirável produção do mencionado escritor e jornalista porá em evidência que tanto os espiritas, como os metapsiquistas temos vivido até certo ponto equidistantes da essência do psiquismo no seu aspecto dinâmico e sobretudo não temos contemplado nem analisado a evolução da física moderna. Eminências de fama mundial nesta matéria realizaram experiências tais, que abrem horizontes notáveis à interpretação científica do já conhecido dínamo-psiquismo, em suas imensas projecções e finalidades.

Essa mesma física espiritualizada é que dará sepultura bendita ao espiritualismo dogmático e ao materialismo histórico. O progresso das ciências constitui, pois, a maior arma contra velhos sistemas, concepções fisiológicas anacrónicas, oferecendo aos investigadores perspectivas novas, modo diferente de encarar a personalidade humana em relação com a constituição do Universo.

Ao referir-se aos novos conceitos e descobertas da física de hoje, diz:

«A noção dos campos (electromagnético, gravitatórios, etc.) dão forma a outro princípio abstracto de complexa representação que os novos modos de pensar aplicam de forma inusitada na experiência recente.

«A fim de descrever os mais importantes fenómenos físicos, é necessário compreender que não são as cargas de energia, nem as partículas, os elementos de análise e combinação a utilizar bàsicamente para isso.

«Aparece então o campo, ou seja o espaço que rodeia os corpos electrizados e no qual se encontra, como invisível armazem, a energia que dá origem às atracções e repulsões electricas ou constitui a gravitação.

«Como afirma Einstein, — acrescenta o autor da obra de que nos ocupamos — corroborando as nossas expressões anteriores é preciso uma grande imaginação para fixar a ideia exacta do campo com suas linhas de força invisíveis e tangíveis. Isto obriga, como disse um físico, a pensar espiritualmente, digamos assim, visto que outorga situação preponderante ao invisível sobre o visível, concedendo ao intangível que há entre as coisas maior importância do que às próprias coisas.

«Convém sublinhar que as actuais ideias científicas sobre o campo objectivo levaram os sábios a afirmar que a matéria é apenas a concentração do campo e que a energia é a rarefacção do mesmo progredindo gradualmente desde a densidade quase nula da energia radiante, até quase à densidade da matéria ponderável e tangível».

Eis como Moog reflecte nestes parágrafos uma noção diferente da concepção do Universo, criando assim uma situação pràticamente insustentável ao materialismo e ao criacionismo, igualmente materialista no seu aspecto fundamental.

Ao reforçar as suas afirmações, cita o eminente sábio Professor Walter Shenherd, que na sua obra «La Ciencia Avanza» diz textualmente:

«Não é exagerado dizer que o Universo é feito de electricidade, e a própria electricidade não é coisa tangível, mas uma espécie de «indeterminado» de Anaximandro que tem que ser imaginado pela mente. «A matéria do mundo é matéria mental — disse Eddington —. Conhecemos os seus efeitos, mas essa matéria em si mesma nos escapa e tratamos de descrevê-la com símbolos matemáticos».

Estes estudos, essas comparações, sem dúvida que exigiram ao escritor anos de labor tenaz e metódico. Já dissemos que não se refere apenas à física, mas a muitas ciências, entre elas, a medicina e a psicologia. A psicologia clássica, em sua opinião — como na das pessoas equânimes e analíticas — está, de facto, em bancarrota, porque, longe de explicar com fundamentos e provas irrecusáveis a sua verdade, deu origem a tal confusão, que há tantas psicologias como psicólogos.

Os metapsiquistas que, na realidade, deixam de o ser, se se apoiam na tese psicossomática, ao negar o dinamo-psiquismo essencial, seguem o caminho dos psicólogos clássicos. Moog demons-

tra-lhes com sólida argumentação que o cérebro não é forjador de pensamentos, mas instrumento deles, surgidos precisamente do dínamo-psiquismo, de Geley. Este capítulo reveste, como todos os outros, importância verdadeiramente transcendental, demonstrando que se usurpa o nome ou a denominação da metapsíquica, cujo significado é «mais além da psique» e não mais aquém, como afirma a ciência psicossomática.

Abundam nas mesmas páginas saborosas observações para os espiritas, especialmente aqueles que, sem estudos sérios nem conhecimentos médicos, se lançam em experiências ousadas, mediante as quais se desacredita o Espiritismo, metendo-o a ridículo. Esta valiosa contribuição de Moog constitui um esforço magnífico e ponderável, pois sugere a necessidade de estudar problemas de Metapsíquica e de Espiritismo, da Metapscologia ou Parapsicologia — que para ele é a mesma coisa, como o demonstra com seriedade e severidade.

A autoridade moral, espiritual e científica de Moog — posto que exerce invejável domínio sobre diferentes ramos da ciência — é a melhor garantia deste louvável esforço que, ao ser difundido, abrirá novas perspectivas aos que esquadrinham nas profundidades da alma humana. Poderíamos dizer sem receio de equívoco que a obra deste prestigioso escritor é a síntese mais cabal e admirável do que até hoje se tem publicado acerca de problemas metapsíquicos, psicológicos, físicos, fisiológicos, biológicos e psicanalíticos, abarcando opiniões e exposições dos cérebros mais robustos dos nossos dias que se ocuparam deles cientìficamente.

O leitor desejoso de ilustrar-se e ansioso de sair de dúvidas a respeito do problema do ser e do Universo, terá nestas páginas lições que só se encontram em Tratados conscienciosos redigidos por mentalidades privilegiadas. Eis porque este livro será recebido favoràvelmente por todos os homens capazes de visão mais precisa das realidades visíveis e invisíveis, do que é o homem na sua essência e o que será no seu destino. O Universo como aparelho mecânico fica reduzido a mera fábula. A velha tese materialista e criacionista é sujeita assim a um exame científico difícil de rebater e de ultrapassar.

(I. D. S. traduziu)

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

Ao registar, nesta coluna, o passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, queremos prestar ao espírito lúcido dessa confreira ilustre a nossa homenagem e relembrar o que ela representou para o Espiritismo internacional, em sua última encarnação, pela cultura de mulher independente.

Abrimos assim nosso sentimento emotivo e procuramos nos aproximar mais do querido confrade Isidoro Duarte Santos, a fim de que possamos sentir os desígnios de Deus, no instante em que foi chamada ao ajuste do salário a sua querida companheira.

Foi, nesta existência terrena, trabalhadora intemerata. Dedicada servidora da causa, fundou e dirigiu, conjuntamente com seu esposo Isidoro Duarte Santos, a magnífica revista espirita ESTUDOS PSÍQUICOS, que se edita em Lisboa — Portugal.

Maria Gonçalves Duarte Santos terminou o seu ciclo de vida terrena, segundo expressão de talentoso articulista, «em plena maturidade intelectual» e quando a sua acção como jornalista e educadora mais se fazia sentir em traços definidos.

Moça ainda, observadora rigorosa dos deveres cristãos, dedica-se com renúncia e carinho à propagação da 3.ª Revelação. Sentimentos nobres guiavam-lhe os gestos e sempre estava com seu estímulo de trabalho decidido em todas as iniciativas que se organizavam e levavam à frente na velha e querida Pátria Lusa.

Cabe-nos aqui, do Continente Americano, da Terra ligada à de Portugal por razões históricas e destinos espirituais, enviar à família espirita portuguesa, na pessoa do beletrista admirável que é Isidoro Duarte Santos, nossa solidariedade cristã pela lacuna que se abre no seio de actividades mais belas com a partida desse espírito de escol. Queremos abraçar nossos companheiros de além-mar no mesmo sentimento de fraternidade que pode, ainda, servir de motivo a uma compensação que se espera, pois desse acontecimento nos vêm lições que nos falam mais do que os comuns.

Desse modo, unidos, devemos pedir ao Todo Podroso consentir que a dedicada servidora volte para encorajar o ânimo de seu companheiro, de sua filha e de todos os que, com ela, privaram em actividades santas.

Em face disso, não devemos esmorecer, nem tão pouco deixar que o pessimismo desvie nossas acções. A Doutrina sempre nos confere têmpera forte para os embates e provas.

Por isso, em face do acontecimento, mais espiritas devemos ser para compreender os ditames da Vontade Superior.

E, assim podemos pedir a Jesus encha de compensação na lida aqui na terra, o claro impreenchível que se abre com o passamento da abnegada obreira — D. Maria Gonçalves Duarte Santos.

Que seu espírito, despertado como já se encontra no plano da realidade maior e alentado pelos Mensageiros da Luz, possa retornar sempre às lides do Bem, para incentivar seu esposo devotado e encher de festa a alma juvnil de sua dilecta filha Maria Eugénia.

(De *A Nova Era*, de Franca, Estado de S. Paulo).

Faleceu em Cebolais de Cima, Portugal, a sr.ª Maria Gonçalves Duarte Santos, dedicada esposa do sr. Isidoro Duarte Santos, proeminente vulto do Espiritismo em Portugal, cujos escritos são de sobra conhecidos de todos quantos se dedicam à doutrina. A passagem desta nossa irmã vem, indubitàvelmente, abrir um claro nas hostes do Espiritismo português, dada a incansável actividade exemplificadora que, como médium, não deixou de ser característica.

Que a luz amplie cada vez mais a acção benéfica desta obreira da seara do Senhor. Felizes os que bem regressam... Salvé...

(De «O Nosso», mensário da Fraternidade ecléctica Espiritualista Universal, do Rio de Janeiro).

PSICOLOGIA DOS VÍCIOS

pelo Dr. PAULO HECKER
Correspondente em Porto Alegre

Procuram-se as causas dos vícios no ambiente em que os viciados se desviaram, pretendendo sejam externas e independentes da vontade daquele se extraviou.

O determinismo, teoria que atribui os actos humanos a motivos exteriores invencíveis é que assim explica o hábito mau. Diante dele, desaparece a responsabilidade, porque o agente não teve ensejo de escolher o caminho que mais lhe convinha. Os deterministas fazem do homem um títere nas mãos do destino, enquanto os que pensam diferentemente, os livre-arbitristas, dizem-no um ser consciente e imputável.

É do ponto de vista espirítico, de que cada homem é o artífice da própria felicidade e que, por integrar certo ambiente, não lhe será possível fugir às suas influências, que se vai tentar este ensaio de contribuição ao estudo da psicologia do vício.

A razão de ser dos desmandos não está nos móveis externos envolventes, mas no mau emprego da vontade posta em acção para servir ideias inferiores inspiradas por sentimentos subalternos.

Causa eficiente ou primária de um fenómeno é a que por si só pode dar lugar à sua realização. Expressando o conceito negativamente, deve dizer-se que é aquela sem a qual o facto não aconteceria. Causa determinante ou secundária é a que favorece sòmente a execução ou surto fenoménico e que, se faltasse, retardá-lo-ia, porém não o evitava.

A vontade do agente é o germe, a semente viva que constitui a condição existencial dos actos conscientes humanos, é-lhes o motivo primário, eficaz. O meio, as influências circundantes como o preceito, a moral de época, a educação, são factores que influem na realização da ocorrência apenas como determinantes. Infere-se, pois, e positivamente, que o livre-arbítrio inicial é a causa primeira da fenomenologia humana, embora, depois, limitada pelo determinismo. São leis sucessivas. As causas primárias são fixas, inamovíveis e fundamentais; as secundárias são variáveis e podem deixar de existir. O acto é produto da vontade do seu autor, pela força mesma da deliberação deste, às vezes sem que força exterior alguma actui ou, ainda, contra todo um caudal de circunstâncias e vontades mesológicas em contrário.

Vício é a tendência habitual para o mal, o costume censurável de não proceder bem; a imperfeição, ou antes, a corrupção; um defeito que faz com que o homem se entregue à prática repetida e condenada de actos infensos aos preceitos éticos.

O vezo mau é emotivo, por isto satisfaz o egoismo, comprazendo quantos a ele se entregam.

Caracteriza a viciosidade a predominância do eu, sempre inconfessável e singularizante de inferioridade espiritual. Eis porque os viciosos são espíritos fracos de reacção, recalcitrantes, teimosos.

Submetem-se às tendências vis e aos tóxicos, fazem-se presas vencidas e passivas do erro, embora lhes sobre o discernimento para abrangerem a alçada inteira das responsabilidades que assumem. A certeza do decurso natural de um cortejo horrível de tormentos, fatal contingência que aguarda aos que se insurgem contra a recta trilha que a consciência aponta, não basta para neles activar os freios inibitórios.

Admitir que exterioridades independentes da vontade do agente arrastassem — no irresistívelmente a tão graves consequências, seria blasfemar contra os atributos de perfeição da Divindade.

O «dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és», é verdadeiro, não porque os males morais contagiem, mas porque os espíritos afins se reunem para mais fàcilmente esquecerem Deus, fazendo calar a consciência.

As origens dos vícios encontram-se nos próprios desviados e, por mais várias que se nos deparem, podem resumir-se em uma única: o descontentamento.

Os descontentes são infelizes, porque, por injunção natural, sofrem as justas consequências da fuga ao não cumprimento de suas obrigações.

A alegria de viver e o contentamento residem apenas onde morar o dever cumprido,

não como prêmio, porém, e apenas, como inferência lógica do procedimento.

O homem que descura em fazer ou não aquilo que lhe incumbe, descontenta-se, sente a auto-acusação, exaspera-se, porque reconhece que a culpa é sua; então, procura em emoções fortes e violentas, inùtilmente, o bem-estar de que se apartou.

As emoções de vulto sacodem o psiquismo e fazem adormecer por momentos o aparelhamento espiritual de «contrôle».

Recorrem ao jogo, à embriaguez, animalizam-se em amores ilícitos, entregam-se aos entorpecentes, na falsa persuasão de escaparem à responsabilidade assumida, pois esses vícios têm propriedades inebriantes, embrutecem a sensibilidade, e o que é mais, produzem relativa desagregação de consciência.

O estado penoso aumenta, porque o descaminho agrava a situação. Um crime nunca atenua outro crime.

Os descontentes são faltosos no exercício dos seus deveres; daí sentirem-se mal em toda a parte, inclusive no lar, convívio de amigos e diversões honestas. É que a lei do trabalho é fatal e aquele que a ela não se submete voluntária e alegremente, sujeita-se aos tormentos da revolta. Rebelar-se contra o trabalho equivale a revoltar-se contra a gravidade ou a sucessão dos dias e das noites.

A humanidade precisa aprender que a felicidade é inferência natural do mérito. O bem-estar que predispõe as criaturas para a fruição de gozos puros só pode provir do amor e da exacção na desincumbência das tarefas diuturnas.

É preciso mostrar-lhes ao vivo, como fazia Sócrates aos alcoólatras, os quadros negros a que chegarão se não retrocederem. Obriguem o viciado a meditar, até que, esclarecido, descirna que, quanto mais se chafurdar na perdição, tanto mais se afastará da felicidade procurada.

Levantem-se entre eles e o vício as imagens que lhes são caras e o dever que lhes assiste de, por elas, volverem ao lar, único refúgio capaz de os salvar do declive em que cascateiam.

O Espiritismo, demonstrando que o homem é o autor do próprio futuro, modifica o procedimento e produz a regeneração, por fornecer horizontes novos e fontes outras de encorajamento. além de dar a certeza de melhores dias, induzindo o transviado a vencer as más inclinações para poder entrar em sintonia com o astral superior e sentir Deus.

Maio, 1950.

Notícias do Brasil

Liga Espirita do Brasil — **Em virtude do acordo de 5 de Outubro de 1949, pelo qual se verificou a união entre a Liga e a Federação Espirita Brasileira, a Liga Espirita do Brasil reformou há pouco o seu estatuto para se adaptar ao referido Acordo. Em consequência da reforma estatutária, verificaram-se as seguintes alterações:**

1.º — A Liga Espirita do Brasil passa a chamar-se Liga Espirita do Distrito Federal.

2.º — A Liga passa a ter âmbito local, isto é, no Distrito Federal, conservando, porém, a autonomia administrativa e doutrinária, bem assim a do seu orgão oficial *Revista Espirita do Brasil*.

3.º — O Conselho Espirita Nacional (orgão da Federação Espirita Brasileira) superintenderá o movimento espirita neste país.

Festas das Mocidades — **Moços espiritas dos ramais de Santa Cruz, Nova-Iguaçú e Leopoldina realizaram um programa excelente na *Casa de Luciá*, na tarde de 2 de Abril, que teve enorme assistência e bela repercussão. O programa, que constou de *shows* radiofónicos e teatro espiritualista, foi animado por Leopoldo Machado, Oli de Castro e Alziro Zarur.**

O Espiritismo na imprensa profana — **O *Colégio Leopoldo*, de Nova-Iguaçú, comemorou durante uma semana o seu 20.º aniversário da instalação com uma série de programas litero-educativo-espiritualistas. Já publicou dois números do seu *Alvorecer*, interessante jornal educativo, cuja leitura instrui, recreia e esclarece.**

***O Colégio Leopoldo*, que passou novamente à direcção do seu fundador, prof. Leopoldo Machado, funciona agora como ginásio e colégio, em virtude dos altos serviços prestados naquela zona à infância e à juventude.**

Confederação Espirita Pan-americana — **Esta Confederação, sob a presidência do Coronel Delfino Ferreira, está a trabalhar no sentido de se tornar conhecida no interior do Brasil, para então activar a aproximar as sociedades espiritas da América. Já têm representantes credenciados junto à CEPA as seguintes entidades americanas: Federação Espirita Brasileira (Brasil); Confederação Espirita Argentina e Sociedade «Te Perdono», Sociedade Espirita Constancia (Argentina); Confederação Espirita Nacional Cubana (Cuba); Federação Espirita de Porto Rico (Antilhas).**

Desencarnações — **Verificaram-se há pouco as seguintes desencarnações: na cidade de Astolfo Dutra, Estado de Minas, a da sr.ª Anita Oliveira, esposa do nosso confrade Astolfo Olegário de Oliveira, muito conhecido na *Zona da Mata*; em Jacobina, Baía, a do confrade Paulo Bento de Sousa, antigo evangelizador espirita; em Recife, Pernambuco, a do professor Djalma Montenegro Faria, escritor espirita, conferencista, jornalista e director da Federação Espirita Pernambucana.**

SACRIFÍCIO

Por

ESTEVÃO RODRIGUES

O melhor caminho para atingir a espiritualidade é, sem dúvida, o caminho do sacrifício. O sacrifício engloba todas as virtudes de alma: tolerância, abnegação, altruismo; vontade, fé, coragem; lealdade, conformação, esperança. Todas as forças se conjugam para o alentar e todas as formas para o fruir.

Fruir, digo eu? Sim, fruir. Porque o sacrifício não é necessàriamente uma dor que não se espere, um sofrimento que se imponha, um acto, enfim, que se pratique sem grave desgosto espiritual. Então, não seria fruição; seria desolação.

O sacrifício, sendo sempre voluntário, raro dá prazer ao sacrificado. O asceta, sofrendo os jejuns e os exílios e a clausura, sacrifica-se; o fanático, ensandecendo nas alucinações da fé, sacrifica-se. Mas esse sacrifício que a ninguém aproveita — nem ao próprio sacrificado — não é o sacrifício eu quero aqui explanar. Esse é o sacrifício pela dor, e eu quero fazer a apologia do sacrifício pelo prazer. É certo que tanto se pode ser grande pela dor como pelo prazer; o essencial é ser-se imensamente grande.

Mas o sacrifício a que me quero referir aproveita a todos os homens, menos ao que se sacrifica. Ele consiste pràticamente em dar tudo e nada receber. «Não quero mais amor que a faculdade de transformar as agressividades em carícias e os ensejos de repartir com os demais tudo quanto em mim haja de valor, de prazer, de felicidade!» (Duma prece espirita).

Sacrifício do Cristo no alto do Gólgota aproveitou a toda a humanidade, menos a Jesus. Porque não foi acto sacrificante, perpetrado pelo Ódio dos homens, que constituiu o sacrifício, mas sim a voluntária e gostosa limitação do Ilimitado num corpo humano, originada no seu infinito Amor! Pois que, se todo o sacrifício é voluntário, só é meritório o que se expande em benefício de nossos semelhantes. Um exerce-se para *obter* a glória de Deus; o outro exerce-se para *dar* glória a Deus!

«Foi por um acto de sacrifício espontâneo que Deus se manifestou produzindo o Universo, é pelo sacrifício que este Universo subsiste, e é, finalmente, pelo sacrifício que o homem atinge a perfeição» (v. *Lei do Sacrifício*, em *Sabedoria Antiga*, de Annie Besant).

É pois a este sacrifício — *sacrum-facere* — *sacre-faire* — *acto sagrado*, que eu teço a minha oração. Sacrifício implica então um acto sagrado; portanto, um acto de Amor. E... o que é o Amor? «Duas gotas de água, postas em contacto uma com a outra, juntam-se numa só. Eis o emblema do amor. Duas almas igualmente em presença uma da outra, se os seus invólucros materiais vibram em uníssono, compreendem-se pelo seu corpo mental (inteligência), amam-se pelo seu corpo astral (desejo) e actuam pelo seu corpo físico (carne)» — (v. *Vida*, do Dr. Auvard, cap. VIII).

E onde encontrar duas almas que vibrem em uníssono? Há as teorias *das metades* e das *almas gêmeas*. Nem uma nem outra me satisfazem. Se a teoria *das metades* fosse verdadeira, que sucederia a dois amantes que, numa vida futura, viessem ambos em corpos de igual sexo? Provavelmente nunca mais se encontrariam ou viriam até a odiar-se, se se encontrassem... Mas se o Amor é eterno, como explicar essa anomalia?

Quanto às almas gémeas, no sentido que geralmente damos a esta palavra — nascidas no mesmo ventre e no mesmo tempo, — então, todas as almas são gémeas, visto que todas têm a mesma fonte de origem e, afinal, no mesmo Tempo — que é o Eterno-Presente. E assim, onde tudo é igual não deve haver desigualdade.

Não deve haver, mas há. Onde está essa desigualdade?

Sabemos que Deus-Espírito criou o Homem à Sua imagem e semelhança (Génesis). Sabemos também que Deus — o todo — contém em Si tudo. Portanto contém em Si o masculino (Actividade), e o feminino (Passividade). Logo, a alma, partícula do Espírito, contém em si os dois sexos. É andrógina. Erramos, pois, quando dizemos que os espíritos não têm sexo. Têm, sim. Têm até os dois sexos, mas ambos num estado tal de equilíbrio, que se neutralizam, como o magnetismo numa placa de vidro. Basta, porém, que o desejo os irrite, para logo se manifestarem.

Enquanto os sexos não foram separados (mas nunca totalmente, porque então a alma perderia uma das suas qualidades divinas de origem), as almas amavam-se umas às outras — e era outro o Paraiso Celestial; mas desde os tempos em que os sexos foram separados, — e isso aconteceu quando do simbólico aparecimento, na Terra, de Adão e Eva *tirada duma costela* daquele, — as almas começaram a lutar, primeiro pela procura daquilo que em si lhes faltava—grande parte do outro sexo,—depois pela obtenção do que precisavam para manter a união (alimentos, casa, vestuário e, por fim, variados prazeres). Daí o progresso material até aos nossos dias.

E o progresso espiritual? A união dos sexos não se resolvia com Amor. Antes pelo contrário, os homens martirizavam e até violavam a mulher ao seu capricho e orgulho. Como nasceu então o Amor? Pela lei do Sacrifício, com base nas leis da Reencarnação e do Karma. Os homens compenetraram-se, pouco a pouco, à custa da Dor, que era preciso primeiro sofrer com paciência as fraquezas alheias, e depois sacrificarem-se — dando-se, — para que essas fraquezas se transformassem em forças capazes de Alegria e Felicidade. E então, amou.

Amou dando-se primeiro, para que também a mulher se lhe desse depois. Ainda hoje o homem que ama *solicita* da mulher amada que lhe dê ao menos uma parte do seu amor. Mas com a evolução do espírito isso já vai caindo em desuso, e também já hoje há mulheres que, ao invés, *solicitam* dos homens a dádiva do seu amor.

Questão sexual? Decerto. Mas que é este amor terreno senão, como já vimos, uma resultante das divergentes forças sexuais? Quando essas forças voltarem a ser concorrente, isto é, quando os indivíduos tiverem outra vez em si os dois sexos completos, como ao princípio, então as almas, novamente andróginas, voltarão a amar-se como dantes; voltarão ao Paraiso Celestial; mas então, deixando de actuar a lei do Sacrifício — que conduz à luta, ficando apenas a reinar a lei do Amor,

O TERROR DA MORTE

Por CYRILLO ALEIXO

Se tivéssemos conhecimento de que os reclusos de certo cárcere, onde as condições de vida não podiam ser piores, sofriam horrìvelmente quando algum deles era posto em liberdade e que todos temiam sobremaneira esse momento tão ardentemente ambicionado por quem não hesita em deixar o soturno ambiente de uma enxovia e respirar a plenos pulmões o bemdito ar da liberdade, seríamos forçados a sentir por esses pobres seres uma piedade ilimitada e a deplorarmos sinceramente tão estúpida cegueira.

Pois bem: a humanidade é digna, também, de idêntica compaixão. Que somos nós, se não uns pobres reclusos, a quem a ideia da partida igualmente apavora ?

Desterrados neste vasto presídio, que é o mundo, a morte — a grande libertadora — causa-nos um irresistível terror e sofremos também profundamente, com a partida dos que nos são caros.

Uma boa parte da humanidade não se convenceu ainda de que a morte não é mais do que a nossa emancipação e esta vida não passa de uma verdadeira clausura.

Vive na ignorância de que a nossa verdadeira pátria é o Além e de que este globo não passa de uma prisão temporária, onde devemos permanecer durante o tempo indispensável à execução dos planos que originaram a nossa vinda aqui.

Daí o apego desesperado à vida terrena, como se ela nos pudesse dar tudo o que de mais profundo do nosso âmago ambicionamos.

A vida não é um fim, mas sim um meio e quem procura a felicidade completa neste mundo, não pode furtar-se a sucessivas desilusões, uma vez que jamais aqui poderemos encontrá-la, só revelando nesse propósito um lamentável desconhecimento da nossa finalidade e das leis divinas que nos regem.

Por outro lado, a constante sede de felicidade que nos persegue não passa de legítima pretensão, que demonstra termos sido criados para um dia atingirmos a bem-aventurança. Pretender, porém, alcançá-la neste planeta, é verdadeira insensatez.

A ventura suprema nos espera sem dúvida, mas para alcançá-la, é indispensável trabalharmos no burilamento da nossa alma, cheios de ardor, de fé e de confiança em Deus.

A morte deve ser encarada com júbilo, por nos facultar o regresso à verdadeira pátria, de onde estamos exilados, em cumprimento de determinados objectivos, impostos pela evolução anímica.

Depois de alcançado o fim em vista, a partida se impõe, não devendo, portanto, ser deplorado o ingresso no plano espiritual de quem nos vai antecedendo nessa viagem, devendo antes regosijarmo-nos com a libertação dos nossos companheiros de luta, por assim se desembaraçarem de mais uma prova, da série que nos há-de alçar ao apogeu espiritual.

A partida deste mundo só pode ser temida por quem empregou o tempo a manchar constantemente a sua consciência, pois esta, como juiz austero, esguer-se-á após a morte, para mostrar ao responsável toda a série de deslises que a enxovalharam.

Os bons, aqueles que ao morrer são senhores de uma consciência incólume, não podem deixar de encarar com serenidade essa partida inevitável, porque então, aquele juiz

---

que conduz à Paz, — o progresso material estará concluido.

Já há muitos indícios de que o fim se aproxima. O progresso material está atingindo o seu auge, e o progresso espiritual está também chegando à sua máxima expressão: o Amor Espiritual que, liberto da acção dos sexos, é a verdadeira Vida.

Dir-me-ão os cépticos: sim, mas isso será no «*outro mundo*»... E que me importa a *mim* que o mundo seja outro, se *Eu* sou sempre o mesmo ?!

Já há indícios de que o Fim se aproxima. Um desses indícios é o aparecimento na terra de muitíssimos jovens de ambos os sexos, que não sentem já aquele ardor que era apanágio e glória física de nossos ancestros. Não os vêmos ? Pois não. É que a timidez os encobre como se encobre a luz do sol por detrás das nuvens tempestuosas. Mas a seu tempo eles se mostrarão. O que vemos por enquanto, isso sim e por isso parecem muitos, são os hipócritas que querem fingir o que não são, e os atrevidos que se jactam de conquistar o mundo feminino à custa de adulações e... insolências.

inexorável não terá mais que felicitá-los, outorgando-lhes gozos inefáveis, merecida recompensa de quem, compreendendo a verdadeira finalidade da existência, a soube aproveitar sòmente na prática do bem e no cumprimento integral de todos os deveres.. Uma doce tranquilidade os invade, ao verificarem que conseguiram triunfar heroicamente de todos os obstáculos levantados pela vida fora aos seus objectivos espirituais, sendo-lhes particularmente grata a lembrança da fé inquebrantável mantida até ao derradeiro momento e mediante a qual souberam aceitar resignadamente todos os reveses, sem um queixume, nem um gesto de desespero.

Que felicidade, quando, ao abandonarem a ganga corpórea, sentirem despedaçar-se a corrente que os prendia à Terra e readquirem a liberdade de poderem juntar-se aos seus irmãos do espaço, mais alígeros do que uma pluma, inebriados com a harmonia e esplendores do infinito e de que não podemos fazer a mais pequena ideia, como cegos que somos, a tudo que não seja grosseiramente material!

Desembaraçados do ergástulo que os retinha a este globo de amarguras, vêem ampliar-se gradualmente as suas percepções e alargarem-se desmesuradamente os horizontes, sentindo-se ao mesmo tempo embriagados de espaço e de liberdade!

À perturbação causada pelos múltiplos rumores do mundo, sucede-se uma profunda e suave calma, no seio das melodiosas vibrações do éter.

Para esses, sim, é que a vida no Além é bela, valendo bem a pena esforçarmo-nos por também a merecermos. Não possuímos para isso o livre-arbítrio? Quem nos força a palmilhar o mau caminho, se temos sempre outro melhor à nossa disposição? A quem devemos, pois, imputar responsabilidades pelas consequências inerentes à má escolha feita, se não a nós mesmos?

Lançando um olhar sereno sobre a humanidade, chegamos fàcilmente à conclusão de que não passamos de crianças travessas e inconscientes, vivendo na triste ignorância das leis divinas que nos regem.

Confrangidamente verificamos que uma boa maioria se arrasta às cégas, indiferente às consequências de tão leviano modo de proceder, tal como quem, em noite cerrada, no meio de profundas trevas, tentasse a travessia de uma região desconhecida, indiferente aos mil perigos circundantes e à possibilidade de um despenhamento em qualquer barranco.

Alguma coisa falta a esta pobre humanidade que a guie através do labirinto da vida e lhe ilumine o caminho, de forma a poder desviar-se de tudo que seja suscéptível de lhe acarretar sofrimento e de lhe retardar o advento da verdadeira felicidade. Essa falta deplorável consiste justamente no desconhecimento das leis que presidem à execução do plano divino e no qual todos nós estamos integrados.

Desprezando esse código extra-humano, que não pode ser transferido sem lhe sofrermos a inevitável reacção, a humanidade tem vivido completamente às cegas e daí a origem de todas as calamidades e deste mal estar geral, que cada vez se adensa mais, num círculo vicioso, que parece eternizar-se.

Insensatos que somos! Em vez de procurarmos conhecer primeiro esse código divino que rege os nossos destinos, base que deveria ser de toda a aprendizagem humana, atiramo-nos às cegas pela trajectória da vida, qual bando de dementes em plena liberdade, indiferentes ao resultado de tal maneira de proceder!

Pobre humanidade! Quando acabarás de abrir definitivamente os olhos, que tanto teimam em fechar-se às magníficas realidades espirituais?

Já é mais do que tempo de sustares a desvairada correria e de raciocinar: «Para onde vou?» Se assim procederes, recuarás cheia de pavor ante os horrendos abismos que te esperam, se te obstinares em tão louca cavalgada!

Que deves fazer para evitar tal cataclismo? Aprender em primeiro lugar as leis espirituais que regem o teu destino e às quais te não podes furtar, por serem divinas e não humanas, procurando amoldar por elas a tua conduta neste orbe, a fim de poderes ingressar também na assembleia das humanidades redimidas!

Onde poderás tomar conhecimento desses preceitos redentores? Nos sublimes ensinamentos de Jesus-Cristo, o mais puro Espírito baixado à Terra e que o Espiritismo está empenhado em difundir por toda a parte, expurgados das deturpações seculares que te têm impelido na senda da hipocrísia!

Há nesse regulamento extra-humano prescrições de tal ordem, que parecem estar acima das tuas possibilidades?

Criança! O que te parece tarefa impossível, é antes o extermínio total desse egoismo, dessa ambição e sobretudo desse desmedido orgulho, que te tem acorrentado ao lodo das paixões, numa infracção às supremas leis do Criador!

Humilha-te, enfatuado pigmeu, ante a majestade do infinito, pois que és tu se não uma insignificante larva, ajoujada de estéril presunção?!

A ONDA E A SOMBRA

Homem ao mar!

Que importa! O navio não pára. O vento é fresco e o navio tem um rumo que é obrigado a seguir. Portanto, segue avante.

O homem que caiu ao mar desaparece, torna a aparecer, mergulha, sobe à superfície, estende os braços, clama. Ninguém o ouve. O navio, estremecendo com a violência do furacão, vai entregue à manobra. Marinheiros e passageiros nem mesmo vêem os homens a submergir-se. A miserável cabeça do infeliz é apenas um ponto na imensidade das vagas.

São desprezados os gritos que o desgraçado solta das profundezas. Que aspecto o daquela vela que se afasta! Contempla-a frenèticamente. Vê-a fugir, fugir, até desaparecer. Há pouco pertencia à equipagem e percorria o convés junto aos companheiros. Havia pouco, tinha ali a sua parte de ar e sol. Pouco antes ainda vivia. Que sucedeu então? Escorregou, caiu, acabou-se.

Acha-se nas águas monstruosas; debaixo dos pés tudo lhe foge e se desloca. As ondas revoltas e retalhadas pelo vento rodeiam-no medonhas, os rolos do abismo arrebatam-no, os farrapos da água agitam-se-lhe em volta da cabeça, a plebe das vagas cospe-lhe as faces e confusas aberturas quase o devoram. Cada vez que profunda, entrevê precipícios tenebrosos; sente presos os pés por hedionda e desconhecida vegetação; parece-lhe que se torna abismo e que faz parte da espuma; as ondas arremessam-no umas às outras, bebe a amargura, o oceano covarde empenha-se em afogá-lo, a enormidade diverte-se com a sua agonia.

O homem, ainda assim, luta.

Diligencia, defende-se, intenta suster-se, emprega todos os esforços, consegue nadar. Ele, pobre força de repente exausta, combate a que é inexaurível.

Ande está o navio? Muito longe. Mal se avista nas sombras do horizonte.

O vento continua em rajadas; sente-se salpicado por toda a espuma. Ergue os olhos e vê apenas a lividez das nuvens; assiste agonizante à gigântea demência do mar e é por ele supliciado. Ouve ruidos desconhecidos ao homem que parecem provir dalém da terra e de não sei que horrendo ponto externo.

Pairam aves perto das nuvens, como anjos sobre as desventuras humanas. Mas que podem fazer por ele? As aves voam, cantam e adejam e ele agoniza.

Sente-se ao mesmo tempo absorvido por dois infinitos, o oceano e o céu. Um, o túmulo, o outro a mortalha.

Anoitece, há horas que ele nada, exaustas as forças. O navio, esse longínquo objecto em que havia homens, desapareceu: o infeliz está só no medonho pego crepuscular; mergulha, estorce-se, sente debaixo de si monstruosas e invisiveis vagas, clama e pede que lhe acudam.

Não há ali homens. Onde está Deus?

Clama ainda, brada por socorro.

Nada no horizonte. Nada no céu.

Implora à imensidade, à vaga, à alga marinha, ao escolho. É tudo surdo. Suplica à tempestade; a tempestade é imperturbável, obedece só ao infinito.

Em torno a escuridão, o nevoeiro, a solidão, o túmulo tempestuoso e inconstante, o redemoinho infinito das águas enfurecidas. Nele, o horror e a fadiga. A seus pés o inditoso pensa nas aventuras tenebrosas do cadáver, nas sombras ilimitadas; paralisa-lhe os membros desmarcados o frio; as mãos encrespam-se e fecham-se, agarrando o vácuo. Ventos, nuvens, turbilhões, rajadas, estrelas inúteis.

Que há a fazer? Desesperado já, entrega-se ao acaso. Cansado de lutar, adopta a resolução de morrer, deixa-se despedaçar, deixa-se arrastar e ei-lo que roda para sempre nas lúgubres profundidades do abismo.

Oh! Caminhar implacável das sociedades humanas, que assim perdeis no trânsito homens e almas! Oceano em que desaparece o que a lei deixa cair! Desaparição sinistra de socorro! Oh! Morte moral!

O mar é a inexorável noite social onde a penalidade lança os condenados. O mar é a miséria imensa.

A alma em tal báratro pode tornar-se cadáver. Quem a ressuscitará?

(De «Alvorada d'uma Nova Era», de S. Paulo)

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

FOTOGRAFIA DENUNCIADORA

Eis um fenómeno sensacional que, por si só, demonstra a verdade da sobrevivência da alma humana e o grande poder dos «mortos» sobre os vivos.

O semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 10 do corrente, transcreve do jornal *O Mundo* a seguinte notícia datada de Goiânia:

«Está causando sensação em toda a cidade, mormente nos meios espiritas, o caso que se acaba de verificar em Santa Helena, lugarejo situado no município de Rio Verde, Estado de Goiás. Por mais estranho que pareça, o facto é que as criaturas mesmo as mais avessas a fenómenos e assombrações, estão atónitas com o episódio, que é, realmente, estonteante.

«Possuidor de uma pequena plantação vivia feliz ali, ao lado da esposa e filho, o agricultor conhecido por Filipe de tal. Suas relações eram poucas, já que se preocupava apenas com seus trabalhos no campo, raramente se dirigindo à povoação e, menos ainda, à residência dos vizinhos mais próximos para uma conversa — o que só fazia quando negócios importantes a tanto o forçavam. Era um homem que vivia só para o trabalho e para a família. Mas um dia, precisamente quando se dirigia à povoação a tratar de um negócio, Filipe deparou com uma mulher morena, nova ainda naquelas redondezas. E bastou uma troca ligeira de olhares para que o agricultor se sentisse atraído, profundamente enamorado pela estranha. Era uma paixão que nascia, de-repente, como nascem todas as grandes paixões.

«Em pouco tempo, Filipe e Laura — este o nome da fatídica mulher — fizeram-se amantes. E com esse amor criminoso e arrebatado veio o egoismo. A outra não compreendia que Filipe dividisse os carinhos com a esposa legítima. Não queria rival. Filipe também se sentiu bruscamente longe da esposa e do filho, que passaram a ser olhados como entrave à sua felicidade. Só a nova paixão lhe merecia tudo. E dessa psicose eclodiu a vontade criminosa de dar fim aos dois seres que, antes, eram a razão da sua vida de homem simples e trabalhador. E verificou-se o irremediável. Dominado pela estranha mulher, incapaz de reagir às suas insinuações, o agricultor assassinou, à punhalada, a esposa, quando esta dormia. E o filho do casal, despertando com os gritos angustiosos da pobre mulher, teve fim igual, pois Filipe, receoso de ser descoberto, abateu-o no mesmo instante. E, em seguida, acobertado pela escuridão da noite, sepultou os dois corpos no quintal da própria residência.

A fotografia denunciadora, vendo-se, por trás do casal culpado, a sombra perispiritica da esposa assassinada

«No dia seguinte, Filipe dirigiu-se à povoação e, dramático, fingindo profunda mágoa, anunciou aos quatro ventos que a esposa o abandonara levando o filho. Essa cantilena levou dias. E quando a celeuma em torno do caso serenou, Filipe e Laura uniram-se às claras, passando a sua nova paixão a ser a dona da casa, a senhora dos seus domínios. Urgia, porém, uma lembrança daquela união. E o casal dirigiu-se ao fotógrafo da cidade para a primeira fotografia — ele e ela de mãos dadas, felizes, como se não tivessem deixado atrás duas vidas imoladas...

«O casal sentou-se e esboçou um sorriso de felicidade. Entretanto, o profissional da objectiva ultimava os preparativos para bater a chapa. Mas nada dava certo. Havia uma sombra. Seria defeito da lente? O fotógrafo suava, irritado, surpreendido. Filipe e Laura já se mostravam aborrecidos com tanta demora. Foi quando o fotógrafo resolveu explicar-se:

«— Há uma sombra... a foto não ficará boa...

«Filipe disse que podia tirar. Não queria perder a viagem. Batesse de qualquer maneira.

«Dois dias depois, quando voltou para ver a prova, Filipe ficou pálido como cera. E o fotógrafo também. A fotografia não mostrava apenas o casal. Mostrava também duas outras figuras transparentes. Marta, a esposa assassinada, e Eduardo, o filho imolado à fúria sanguinária e à paixão desesperada do lavrador.

A cena foi chocante e rápida. Filipe dobrou os joelhos, as lágrimas tomaram-lhe os olhos e, em voz trémula, relatou o drama impressionante. O fotógrafo levou imediatamente o caso ao conhecimento das autoridades policiais de Rio Verde. Mas o destino encarregou-se de punir o criminoso, lançando-o na loucura.

«Filipe está no manicómio. Laura desapareceu. E toda a população, atónita, comenta o caso, enquanto os curiosos acorrem ao fotógrafo de Rio Verde, para ver de perto a estranha fotografia».

«SOU MÉDIUM !» — DECLARA BERNARD SHAW

Two Worlds, o semanário espirita de Manchester, publica em 1 do corrente um artigo em que o célebre escritor Bernard Shaw faz afirmações que revelam a origem mediúnica da sua obra teatral.

O que ele diz no prefácio da sua nova peça «Buoyant Billions» é uma revelação espantosa para muitos que o consideram o maior dramaturgo inglês depois de Shakespeare. Eis as suas palavras textuais:

— Quando pego na pena ou me sento para escrever à máquina, sou tão médium como Sludge Browing, Dunglas Home, Job ou João Evangelista.

Damos a seguir alguns passos do prefácio acima mencionado:

«Entre as muitas seitas de excêntricos que a Inglaterra produz caprichosamente estão os Espiritualistas, que têm médiuns de escrita directa e médiuns mecânicos, por intermédio dos quais um lápis qualquer, como se animado por vontade própria, escreve comunicações em que eles nem sequer sonhavam e que reputam sobrenaturais.

«Objectam-lhes que elas não encerram novidade, profundidade, valor literário ou encanto artístico e que não ultrapassaram a craveira mental do vulgo e tacham-nos de fraudulentos, afirmando ser mais provável que estejam a mentir do que a produzir fenómenos.

«Como britânicos sinceros, os médiuns não sabem defender-se. Lamentam-se e nada mais. Deviam simplesmente dizer que a mesma objecção se podia levantar contra qualquer famosa Escritura.

«Assim, os excêntricos conhecidos por baconianos acreditavam (apesar de tudo militar contra eles) que as peças atribuidas a Shakespeare deviam ter sido escritas por alguém de conhecimentos mais reduzidos. Quem teria sido esse alguém, se as peças ultrapassam a capacidade de Bacon e de todos os rivais que mais tarde as reivindicaram ?

«A nossa melhor obra prima de literatura é a tradução jacobina da Bíblia. Pois a igreja diz que nela se encontra a palavra de Deus ditada a médiuns cristãos e por eles transcrita literalmente, como qualquer carta ditada ao dactilógrafo por um comerciante.

«Vejamos o meu caso: Em mim nada existe que me distinga de qualquer filho família que se torne mau comerciante e bata sempre a mesma tecla da sua ascendência.

«Quando começo a escrever uma peça, não faço ideia do que vou escrever e a peça escreve-se por si mesma.

«Nos meus tempos de rapaz vi um médium escrevente de lápis na mão, enchendo páginas e páginas com velocidade espantosa e sem levantar o lápis do papel.

Estas palavras escreveu-as o nonagenário irlandês, que toda a vida assumiu a mais excêntrica das atitudes, a-propósito de tudo o que impressione a alma humana. Seja como for. Ele próprio enfileira nos *excêntricos ingleses*, quando afirma que é médium como Dunglas Home ou João Evangelista.

A título de informação diremos que o director do *Psychic News*, de Londres, se admirou de Bernard Shaw lhe ter escrito uma vez a desdenhar das sessões espiritas e a dizer que considerava os médiuns como uma seita e, no prefácio da última peça, fazer aquelas afirmações, a maior das quais é dizer que a peça se escreve por si. Nestas condições, escreveu o seguinte ao dramaturgo:

— Se as suas peças se escrevem por si mesmas, qual é o seu conceito de inteligência? ,Se como diz, é a parte desconhecida da personalidade, acha que o subconsciente é melhor escritor do que o consciente ?

A isto objectou o velhote, em linguagem teatral:

— Não faça perguntas, se não quer ouvir mentiras (Ask no questions and you will be told no lies). Aquilo a que se chama consciente é um instrumento guiado pela minha inspiração e que as faculdades humanas desconhecem. Eu chamo-lhe Força-Vital, mas não a sei explicar, nem o senhor.

E o jornalista comenta:

«Bernard Shaw está enganado. Um caloiro de Liceu podia explicar a Força Vital que o famoso dramaturgo acha «incompreensível», ou seja o consciente de B. Shaw. Quando o corpo está gasto e o cérebro já não encontra palavras para escrever, o espírito exprime-se através de máquina diferente. Quando a ferramenta se parte, o artista não desanima. Se for impossível consertá-la, continua o trabalho com outra. Deste modo, após a morte, B. Shaw há-de querer escrever peças teatrais. Mas se não encontrar um médium, não conseguirá exprimir-se neste mundo».

UMA COMUNICAÇÃO DE GUERRA JUNQUEIRO

O nosso confrade Frederico Duarte publicou no *Além* um artigo intitulado «Falando com os mortos» em que alude a uma comunicação de Guerra Junqueiro obtida em Inglaterra com um médium que desconhecia inteiramente a vida de estudante que o articulista passara no Porto. Quando este disse que presumia falar com Junqueiro, obtém a seguinte resposta:

— Sou eu mesmo. Olha lá, tu lembras-te do dia 5 de Outubro de 1910, quando estavas à porta da Tabacaria Teixeira ? Foste um maganão ! Até meses depois te meteste a carbonário !

E a seguir:

— Queres provas da minha identidade ? Lembras-te daquele chapèuzinho que eu usava ? Tu trouxeste um idêntico para Inglaterra que te custou quinze tostões... Olha que eu sei quem te deu o dinheiro.

— Diga-me quem foi.

— Foi o teu tio, casado com a irmã do Conde de Felgueiras, professor que foi da Universidade de Coimbra. Ela chamava-se D. Júlia e já cá está com o marido.

Frederico Duarte diz que esta resposta foi tão extraordinária, que, por momentos, ficou «mudo e quedo como um penedo».

E mais revelações fez o vate lusitano, que deixaram o confrade F. Duarte verdadeiramente perplexo e não transcrevemos dedido à falta de espaço.

Mais uma prova de sobrevivência a juntar ao monte das que temos arquivado nestas colunas...

Notas & Comentários

«CASA DOS CIRENEUS»

Já falámos na «Casa dos Cireneus» de Belo Horizonte, instituição espirita de fins caritativos e em moldes cooperativistas, com o fim de resolver o problema da assistência médica e do internamento hospitalar ao alcance de todos. Pois agora, uma notícia auspiciosa nos chega digna do maior relevo. O Dr. Noraldino de Melo Castro, vereador do município da capital mineira, conseguiu que a Perfeitura doasse à «Casa dos Cireneus» um quarteirão com 26 lotes de terreno, no total de 14.000 metros quadrados, avaliado, barato, em quintos mil cruzeiros!

No hospital projectado haverá uma classe única para todos, sem distinção alguma, e o doente escolherá o médico e gozará de plena liberdade religiosa.

Para se tornar accionista desta instituição basta adquirir um «bonus-solidariedade» de 20 cruzeiros, válido por toda a vida. Não haverá dividendo, mas na doença e na adversidade oferecerá serviços e vantagens inúmeras.

Eis uma obra digna de protecção que enobrece os trabalhadores da seara espirita !

COMO ELES FAZEM A PROPAGANDA...

Chegou-nos às mãos o folheto protestante Novas de Alegria. *Para justificar o título, insere um artigo do fundo assinado por D. R. e intitulado «O Espiritismo e a Bíblia». É realmente engraçado aquilo. Vinte e uma transcrições do Velho e Novo Testamento que nos deixam a pão e laranja ! E todas elas de flagrante veracidade. Vamos à amostra:*

«1.º — Sabes que Deus ordenou que se não deixasse viver o médium-espirita ? (Exodo, XXII, 18). «Versão de J. F. Almeida: «A feiticeira não deixarás viver».

«2.ª — Sabes que Deus proibiu o homem de tomar parte em qualquer coisa tocada pelo Espiritismo ? (Lev. XIX, 26). Versão de J. F. Almeida: «Não comereis coisa alguma com o sangue; não agourareis nem adivinhareis».

«3.ª — Sabes que aquele que se compromete com o espiritismo fica imundo e impossibilitado de servir a Deus ? (Lev. XIX, 31). Versão de J. F. Almeida : «Quando uma alma se virar para os adivinhadores e encantadores para se prostituir após deles, eu porei a minha face contra aquela alma e a extirparei do meio do seu povo».

«4.ª — Sabes que o Espiritismo é uma doutrina do Diabo ? (I-Tim. IV, 12). O que lá está é isto: «Ninguém despreze a tua mocidade: mas sê o exemplo dos fieis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito,na fé, na pureza».

Etc., etc., etc.

É verdadeiramente estranho que se utilize o imprensa para serviços desta natureza ! E depois das 21 afirmações fraudulentas, o sr. D. R. limita-se aos seguintes parágrafos: «O que acima fica exposto é o solene aviso de Deus contra o espiritismo. Pensa nisto. Rejeitar o aviso e cair em tal pecado indica a perdição eterna».

Que tal a autoridade do escriba ? A que género de leitores se destinará a burundanga ? Há gente para tudo, até para andar no mar !

«CHUVA DE TOMATES»

O nosso confrade José Luiz do Carmo enviou-nos o seguinte comunicado:

«Na propriedade do sr. Desidério Teresa, hortas de Vila Real de Santo António, andaram duas raparigas a apanhar tomates, quando foram surpreendidas por uma chuva de tomates vindas de todas as direcções, sem haver alguém que os pudesse aremessar.

«Prevenido o proprietário, este, vendo coisa tão estranha, chamou o seu vizinho, que se encontrava perto com outras mulheres a fazer a colheita e combinaram trocar as mulheres para ver se o fenómeno se não repetia. Mas nem isso obstou a que se desse o mesmo. Na casa deste sr. têm-se notado outros fenómenos. Assim, o telhado da sua casa têm sido destelhado várias vezes e ainda se encontra revolto, coisa que sucede logo após a reparação.

«Não são espiritas, mas já vão acreditando que isto só poderá suceder pela acção dos desencarnados».

COMO OS OUTROS NOS VÊEM...

L'Action Intellectuel, *de Paris, refere-se da seguinte forma à nossa revista :*

«A importância material desta revista (10.º ano) leva-nos a crer que o Espiritismo e a experimentação psíquica têm numerosos adeptos em Portugal e no Brasil. Os grandes mestres do Espiritismo francês, tais como, Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Bozzano e Camille Flammarion, têm ali o seu lugar de honra. Trata-se do ocultismo experimental e ao mesmo tempo do espiritualismo e idealismo. Ali se encontram ensinamentos acerca da actividade internacional ocultista».

Não sabemos o que seja «ocultismo experimental». Em pleno século vinte ainda haverá lugar para certos palavrões deste género ? O Espiritismo não tem práticas ocultas. Tudo nele é claro, tudo nele responde à inquietação humana, procurando meios de resolver os grandes problemas do espírito.

ACADEMIA ESPIRITA NOVA JERUSALÉM

Em Maio último foi inaugurada em S. Paulo a Academia Espirita Nova Jerusalém, *uma obra notável do nosso patrício António J. Trindade, à qual nos referimos com a largueza que requeria. À festa assistiram muitas centenas de pessoas que superlotaram o grande salão de conferências da* Sinagoga Espirita, *de que a primeira é um ramo. Presidiu António Trindade e falaram vários oradores, entre eles, o prof. Anselmo Gomes, prof.ª Luiza Peçanha, Dr. Carrizzo, José Papa e deputado espirita Campos Vergal, tendo a prece inicial sido proferida pelo Dr. Francisco Spinelli, do Rio Grande do Sul. A solenidade foi filmada e dela constou um programa artístico. A tudo assistiu o seu secretário e nosso amigo Dr. Amadeu Santos.*

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No primeiro sorteio de livros espiritas realizado no *Centro Esritualista Luz e Amor* em 1 de Julho corrente foram contemplados os seguintes subscritores:

D. Maria Luiza Leal Bravo, de Lisboa — 1.º prémio: «O Caso Humberto de Campos».

D. Marília Lameiras Franco, de Coimbra — 2.º prémio: «Domínio Nefando».

António Pereira, de Vila Nova de Cerveira — 3.º prémio: «A Casa Assombrada».

João José Pilar, de Lisboa — 4.º pémio: «Doutrina de Jesus».

No 2.º sorteio realizado em 29 de Julho foram contemplados os seguintes subscritores:

Henrique da Silva Horta, de Lisboa — 1.º prémio: «Eça de Queirós Póstumo».

Jaime João Jerónimo, de Lisboa — 2.º prémio: «Teatro Espiritualista» e 4.º prémio: «História de Catarina».

Isaac Oliveira Marques, de Viseu — 3.º prémio: «O Problema da Sobrevivência».

UM FOLHETO

A *Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas* editou um folheto de 22 páginas intitulado «Oração». É uma pequena colectânea de pensamentos em torno do «Pai-Nosso». Gratos, pelos exemplares recebidos.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos demais anos. o Centro Espiritualista Luz e Amor encerra os seus trabalhos no dia 6 de Agosto com a palestra de Ramos Pereira intitulada «O Espitismo e o Homem», voltando à actividade nos primeiros dias de Outubro. Apesar disso, a Secretaria continuará a atender a correspondência dos dignos consócios.

LIVROS NOVOS

Novos livros vêm a caminho do nosso Depósito, provenientes do Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira, da Livraria Allan Kardec e da Empresa «O Pensamento». O espirita tem de cultivar a leitura para formação da mentalidade. Sem bons livros não poderemos assimilar a Doutrina e propagá-la. Por isso nos esforçamos para manter um vasto sortido de obras neo-espiritualistas, a fim de que os nossos leitores possam dessedentar-se na grande fonte de bons autores.

FESTA DAS MÃES

As mães tiveram em Nova-Iguaçú, justa consagração em 13 de Maio último, no *Colégio Leopoldo* e no *Lar de Jesus*. Foram dois programas interessantes em que falaram muitas mães, ha vendo farta distribuição de cravos brancos e vermelhos a quem tinha mãe viva ou desencarnada. Houve muita emoção e significativos números de arte dicados às mães.

JORGE BÉRANGER DA SILVA

Encontra-se retido no leito o nosso querido amigo Jorge Béranger da Silva, solicito representante de *Estudos Psíquicos* em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, a quem desejamos rápidas melhoras. Que os amigos do Alto o preservem de intempéries e o tragam de novo à vida cotidiana.

SONHO AO SERVIÇO DA JUSTIÇA

O *Diário de Notícias* de 25 de Julho relata as diligências feitas pela Polícia Judiciária do Porto no sentido de identificar uma pobre mulher, cujo cadáver apareceu no Monte da Caverneira crivado de projecteis de pistola e cheio de equimoses.

Ninguém conhecia a desditosa criatura, nem no local, nem nas imediações e só dias depois conseguiram edentificá-la, graças às suspeitas de uma irmã residente em Vila Franca de Xira. Contou ela às autoridades que tivera um sonho em que lhe apareceu a irmã sem vida, e indicou sinais particulares — entre eles a cicatriz resultante de uma operação — pelos quais se pôde reconhecer definitivamente o cadáver.

TRANSCRIÇÕES

Várias publicações têm transcrito artigos insertos nesta revista, demonstrando concordância com o que neles se expende. A última foi *Progreso Espirita*, com relação ao artigo de AKAR, intitulado «A Criptestesia».

CORRRESPONDÊNCIA

Temos recebido inúmera correspondência acerca de variados assuntos e cuja resposta onera muito as nossas disponibilidades. Rogamos, pois, o favor de nos remeterem 2$50 em selos de correio, sempre que solicitem informações de interesse pessoal. Esta rubrica será aqui mantida durante meses sucessivos, para conhecimento de futuros correspondentes.

«REVISTA ESPIRITA» E «ÉDIPO»

O Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo, lançou há meses a tradução em português da *La Revue Spirite* de Allan Kardec. Sabido que os primeiros anos desta publicação se encontram esgotados, aquele confrade enfrentou uma obra de grande envergadura que acaba de pôr à disposição dos espiritas luso-brasileiros que se interessam pela acção kardeciana fora das obras fundamentais do Espiritismo. Ao mesmo tempo lançou o mensário da cultura espirita *Édipo*, onde colaboram penas experimentadas, como Deolindo Amorim, Leopoldo Machado, Carlos Imbassaby, coronel Delfino Ferreira, Pedro Granja, etc., etc.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência à pobreza envergonhada, recebemos mais os seguintes donativos, que muito agradecemos:

Mês de Julho — T. R. — 10$40; P. B. — 20$00; L. M. — 100$00; I. S. — 20$00; Francisco Joaquim Martins, de Lourenço Marques — 30$00; Luiz Maria Duarte Moreira, de Ponta Delgada — 20$00; Luiz Machado de Melo — 20$00. TOTAL — 220$00.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Lei (A) do Novo Pensamento	20$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Nova (A) Psicologia	16$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Fé	24$00
Poder (O) do Pensamento	35$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Segredo (O) do Sucesso	30$00
Sugestão e Auto-sugestão	25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar	8$00
Cultura (A) da Coragem	25$00
Correntes Mentais	8$00
Economizai vossas forças	25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Lei (A) do Triunfo	25$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc.	200$00
Vantagens da Riqueza	8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
Grande (A) Mensagem	32$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa	40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado	24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara	16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume	115$00
Caminho (O) de Jesus	32$00
Cartas Rosacruzes	25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca	40$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen	30$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Idcia, por Barlet	18$00
Evangelho de Ramacrishna	40$00
Filho (O) de Zanoni, por F. Waldemiro Lorenz	50$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda	24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston	20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Preces Espiritas	5$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Segredo (O) da Concentração, por Walter Devoe	8$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INÁCIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)	br.	enc.
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com		
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr.* por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, Roma e o Evangelho, por *J. Amigó*		
por *João Evangelista*	20$00	32$00
Antão de Vasconcelos	30$00	44$00
y Pellicer	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A.*		
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, Isidoro Duarte Santos	50$00	
Wylm, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 °/o para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

CONTÉM: Firmeza, por **M. G.** ; O que é o Espiritismo, por **F. Noronha** ; A Mulher Espirita ; Maria Gonçalves Duarte Santos, Esposa, pela **Dr.ª Dasy Pastor de Almeida** ; Saudade, por **Yolanda Trindade** ; Maria Gonçalves Duarte Santos, Médium, por **Diamantino Coelho Fernandes** ; Maria Gonçalves Duarte Santos, Jornalista, pela **Dr.ª Guiomar de Matos** ; Os Mestres da Sabedoria, por **H. Costa** ; Receber e Dar — Dar e Receber, Duas Poesias de **Leopoldo Machado** ; O Hermetismo dos Trovadores, por **António Cardoso**; Os Inimigos do Espiritismo, por **Tito L. Bancéscu** ; O Sentido Espiritualista da Vida, por **Leopoldo Machado** ; Pio IX Espirita ?, por **Djalma Farias**; Apontamentos Sobre o Perispírito, por **Abdallah** ; Rumo Conhecido, por **Reper-Siam** ; Sono e Sonho, pelo **Coronel Faure da Rosa** ; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira** ; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos** ; Notas & Comentários ; Noticiário.

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

(Ver pág. 230)

11.º ANO AGOSTO DE 1950 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	24$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	32$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1950 — N.º 8

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Admnistração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 66C5

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

FIRMEZA

Meu querido! Nunca o apoio faltou aos que trabalham. Encontram sempre o esteio e a coragem para enfrentar a tempestade. Quando fraquejam, um braço os ampara, um pensamento os eleva. A energia surge de onde se não esperava. Entre o homem e a obra há liames inquebrantáveis. Há traços de vitória.

Não desanimes. Não estás só. Forças superiores vigiam o baluarte. Os que nele combatem serão insuflados e outros virão a seu tempo. Há lugares marcados para este e para aquele. Há missões a cumprir. Há provações a sofrer e armas a temperar na grande forja.

Muitos adversários não gostam do nosso esforço. Temem os efeitos da vossa propaganda. E procuram neutralizá-los com meios impróprios. Mas não tenhais receio. A palavra de vida há-de espalhar-se cada vez mais. Será uma roda dentada a caminhar incessantemente. Quem for apanhado será convertido.

Deixai falar quem fala. Deixai zombar quem zomba. O mundo é dos fortes e dos convictos. O pensamento é um bólido que se dirige ao alvo. Projectai-o com firmeza. Nós auxiliaremos na medida do possível.

O mundo precisa da nossa verdade, que é também a sua. Tem os olhos vendados. Ouve sons confusos. Tacteia objectos duvidosos. Descrê de tudo. Vive inquieto. Sofre. Quer sair do lodo. Quer felicidade.

Uns tantos dirigem a bel-prazer. Monopolizam os veículos da ideia. Impõem-se aos que desejam paz. E difundem inquietação. Preferem a resolução violenta.

A nossa palavra é de concórdia. Confraternizai e amai. Esta é a síntese da harmonia.

Não percas de vista a obra. Carreia materiais. Renova as fileiras. Traz trabalhadores da última hora. Mão firme no arado, olhos fitos na doutrina. Venha o braço, não importe a origem. Realização é pensamento que se impõe. Sobre as raças e sobre as línguas há raios de sol comuns à falange. Aquecei-vos a eles.

Defende o ideal com firmeza. Não molestes, não ofendas, não motejes. Apresenta as questões com serenidade. A calma é que vence nos grandes e pequenos prélios. Sejam leais as tuas armas, seja firme o teu intuito. Não cedas terreno ao insensato, mas abre as portas à razão. Chega-te à verdade, baseia-te nela e proclama-a sem medo do cimo dos telhados. Assim, terás vencido meia batalha.

Já disse que estou presente nessa luta, não para demolir, mas para orientar. Continuarei a ser um esteio como aquele a que te apoiavas nos momentos críticos. Corresponde aos meus desejos. Dignifica o labor e aumenta a sementeira. A palavra escrita é luz viva que percorre o mundo.

Um passo é clarão que da fonte emana. É espaço que a asa franqueia. É movimento que se projecta no futuro. Firma-te na rocha e olha para o sol. O caminho é teu. Percorre-o com certeza de vencer.

Apoia-te no exemplo digno. Poderá chover e ventar, que a obra ficará de pé, como se nada a ameaçasse. Aceita alvitres que reforcem, mas aplica os que mais convierem. Serve a razão e a consciência e caminha a direito. A urze será esteva e a esteva será relvado.

Firma-te nesta base. Carrega no arado. Que o sulco seja profundo na crosta estéril. A humidade fecundará o campo. Sê lavrador e cultivador.

Não te importes que outros colham. Também colheste o que outros semearam. É a lei do progresso.

Esperar é tática mesquinha. Minuto que se perde é pedra que falta à obra. Age firmemente em todos os minutos, em todos os segundos. Este é o meu desejo e o meu conselho. Se trabalhares, o campo alargará. O sol abrasará a terra e da leiva adusta sairá a messe abençoada.

O pioneiro é desbravador de charnecas. Dá a força, dá o sangue, dá tudo o que tem de bom à fertilização do inculto.

Desbrava as almas da grande floresta que vos cerca!

M. G.

O que é o Espiritismo

Preguntaram a Jesus, o que era a verdade: e, ao longo de vinte séculos, ainda não lhe foi compreendida a resposta.

Pelo contrário: um homem do nosso tempo, Max Nordau, verificando na «cobardia» o mais «grave» morbo da época, elaborou e deu à estampa um livro sem precedentes, positivamente certo, vertido pelo menos nas línguas predominantes: «As Mentiras Convencionais da Civilização».

«Não há a coragem precisa, diz o aludido escritor no citado livro, — para cada um arvorar a sua bandeira, assumir a responsabilidade do que julga ser verdade, harmonizar os actos com as convicções».

O Espiritismo é avesso à mentira e é adverso à má fé, sem transigência de nenhuma espécie ou categoria, nunca porém usando sequer da sombra de violência ou descendo ao doesto e insulto.

São estas as suas incompatibilidades, aliás não tradutoras por sua parte de ódios formais, de febre de represálias ou de sede afrontosa de vingança represada.

Ele não é uma religião, não é uma unidade política, não é uma inovação, nem uma doutrina de programa e instituto económico para o mundo trabalhador. Não arma ao efeito sob pretexto algum, nem se enfeita ou pretende enfeitar com as penas de pavão. O fenómeno é o seu arsenal, detesta a máscara e abomina a hipocrisia, sempre contendo-se numa linha serena de civilidade genuína.

Daqui não se desvia, enlevando-se antes mais e mais para o desvelamento pleno dos mistérios ou enigmas aparentes da natureza e para a Fonte, onde assentam e de onde brotam os primeiros princípios do ser, do conhecimento e do dever.

Não é devaneador, nem tão pouco ardiloso e calculista. Todos os seus motivos e interesses consistem numa finalidade, que os orienta e a que são dirigidos: a verdade.

Esta e só esta é ponto de mira e aspiração máxima do Espiritismo, que escrupulosamente se liberta de confundir o real com o imaginário.

Prefere em tudo o significado categórico da celebrada legenda do famoso templo de Delfos; e, conhecer-se a si mesmo, importa, de facto, à dignidade humana e à ciência dos fenómenos.

Tais as suas compatibilidades, de que não é soberbo nem faz gala.

Fora disto, é um estudante, abroquelando-se com factos que examina e observa com pormenores analíticos, com experiências repetidas, e em suma, com inferências relativas, que atingem o grau e conceitos de conclusões inabaláveis.

Por vezes, poderá surpreendê-lo a anormalidade pasmosa, assombrando-o mesmo de momento com inteiro domínio; mas, passado esse eclipse parcial, em breve reconhecerá e confessará que o ontem pertence ao pretérito e que o então considerado utópico ou vesânico é no presente uma preciosa conquista consumada e uma benemerência formidável em proveito de toda a grei.

E no amanhã, não serão letra morta ou futilidades antiquadas por inuteis e até já inexpressivas, as maravilhas do hoje?!...

No Espiritismo não há uma única nota que autorize ou incite seja quem for a nivelá-lo, nos processos e expedientes, a todas as igrejas, a todas as escolas, a todos os centros e clubes.

Possui ele centros de realização prática em sessões regulares e também extraordinárias, comemorativas e de homenagem, mas estas obedecem rigorosamente às razões que as fazem convocar e anunciar e aquelas nada contêm que se pareça com propaganda ou motivos interesseiros de índole prejorativa.

São sessões experimentais, cujo interesse está expresso em sua própria designação, que não é iludida nem sofismada.

O que é, pois, o Espiritismo ?

Evidentemente uma ciência de construção edificante, mercê de fenomenologia.

Em polo de completo desconhecimento de recorrência ao emprego de prestidigitações e mistificações, diametralmente oposta a estas, guia-se e certifica-se, nutre-se e robustece, vincado ao seu fito: a luz dos factos e a verdade como argumento. Não assenta, assim, as suas bases sobre terreno escorregadio ou movediço, como areal ondeado pela ventania.

O vago não tem que ver com o Espiritismo, nem este se deixa acorrentar por simples miragens. Ele quer e consegue uma coisa: a chave invulnerável à ferrugem, ou seja a triunfal autenticidade da lógica, isto é, — *Contra factos*, ou contra fenómenos, que valem o mesmo, *não procedem*, ou não colhem, *argumentos*.

Eis a sua ribalta e o seu proscénio, por igual de invulnerabilidade a todas as ferrugens.

Não escapa nem é imune o Espiritismo à garra do erro. É este próprio do homem e lei imanente da sua fraqueza ingénita; mas defende-se e acautela-se quanto possível e o panorama de discórdias e dissidências não raro é quase imáculo na esfera espirita.

A perfeição moral, que a define como aspiração e como obra,

O espiritismo impr
política ou e

constitui-lhe égide baluártica difícil de ser expugnada e garantia honesta e nobre de pureza original.

Não é asceta na acepção de devocionismo e penitência. A sua ascese firma-se na ética permanência evolutiva, de melhor a melhor.

Desprender-se de jaças deprimentes, emancipar-se de lodos infectantes, varrer de si ou sacudir todos os ultras e, com almo querer e forte anelo, concentrando-se na asa ebúrnea do pensamento, subir, subir em vidência do Além, são seu *alfa* e *ómega*, sua estrela guiadora e seu itinerário definitivo.

★

Neste capítulo, tal como em seu anseio de luz radiosa, não assenta hipóteses; aponta factos de produção e presença realíssima, com testemunhos numerosos e exuberância documentativa.

Independentemente das sessões experimentais, incompatíveis com a fraude e a cobiça, delas banidas, cresce constantemente a iniciação

não provocada e pupulam comunicações espontâneas com convergência de publicidade, através de jornais, boletins, revistas, livros, impressos de todas as dimensões e de todos os formatos, que, sem exagero, cobrem o mundo culto, em especial a América, do polo setentrional ao meridional, com suas soluções de continuidade.

Os Estados Unidos do Norte, a plana e empolgante Argentina, o Brasil imenso e vegetalmente luxuriantíssimo, são eloquente espelho do Espiritismo e abrigam, em seus opulentos meios de actividade e de saber milhões de espiritas, que não se ocultam nem entibiam por prejuizos e preconceitos.

Rio de Janeiro e São Paulo representam, só por si, uma vasta literatura espirita, quer em originais, quer em traduções, bastante para abastecer ou mesmo inundar os grandes mercados livrescos e as bibliotecas particulares.

No género, por exemplo, en-

cede com religião, uilíbrio social

por F. NORONHA

contram-se em minha posse nem menos de cem volumes.

Por entre esta literatura, em face de tanta germinação intelectual, deveras fascinante pela fecundidade reveladora, avultam elaborações de notável mérito científico, de lição precìpuamente catedrática e de elevada forma de exposição didáctica.

Os motores dos espiritas, as ideias, as suas doutrinas e teorias ou consonantes sistematizações não buscam prosélitos, não afagam conveniências pessoais exclusivistas, não giram à roda de ganância, nem acenam a desejados sequazes ou adeptos fingindo-se do seu paladar, não, os espiritas erguem o seu edifício mediante junção de caboucos e alicerces cristalinos — a *verdade*, e às raizes desta arquivam factos, sem todavia os furtarem por dissimulados véus à visão imediata, tanto dos orgãos ou aparelho físico respectivo, quanto do ver interior, imaterial e ilocalizável.

Assim nasceu o Espiritismo, do alamiré de factos comprovados a que se prestou atenção e assim tomou corpo, sendo já agora como que uma árvore gigante, dando rebentos e desdobrando-se ou estendendo-se em ramificações que chegam a todos os continentes, com inviolada energia de seiva.

Não existe no minúsculo planeta que nos arrasta e transporta um único centro populacional de importância, em que não haja espiritas e notícia ou registo de algum fenómeno de espiritismo.

E nesta data, a distância crescente do cenário em que viveu Allan Kardec, sobre milhões de seres humanos, de todos os berços, de todas as falas e de todas as cores, que são espiritas, irrompe a fina flor da mentalidade racional em todas as situações e posições político-sociais, honrando e prestigiando as suas pátrias e a ciência espirita, que é cultivada com desassombro e metodismo com plena consciência.

Nenhuma barreira é obstáculo geográfico ou moral em susto dissolvente ou paralizante do Espiritismo.

Nem climas, nem montanhas, nem mares, nem desvarios de qualquer natureza, ou esplendores marcantes de zénite e apogeu nos focos de maior elegância prestimosa da Civilização.

Os insignes arautos e porta-bandeiras da sobrevivência não estão separados por *Muralhas da China*, enlaça-os o mesmo liame de fraterno amplexo, o mesmo cambiante atmosférico de solidariedade, mantenedora da Paz, a mesma firme vontade de servir o Supremo Legislador não transgredindo a sua eterna Lei e de servir o próximo, amando-o como a si mesmos.

E tal é o activo de preeminência nos centros espiritas e no essencial de suas sessões, no animo dos seus componentes e em suas peremptórias exemplificações práticas.

Estas correspondem sem falencias à expressão mutual de generosidade e amparo, no verbo oral e escrito, simbólico reflexo não da «letra que mata» mas de âncora leve, vivificante e salvadora, — *Espírito* e *Verdade*, ou a suma filosofia inigualável e o expoente inexcedível de glorificação incontingente, que talvez um dia conjuguem toda a espécie animal, responsável, desde a Austrália ponderada e dedicadamente progressiva, levantando-se da ampla entranha que é concha oceânica atapetada por alcatifas insulares, até às ilhas japonesas e às terras indianas, onde corre o Ganges, atravessando o celeste império, tocando a Pérsia e os minaretes do turco muçulmano, galgando de um salto, de margem a margem, da arábica península asiática para o Egito das milénias Pirâmides, que o espirita interrogou, auscultou e desvendou ou tem decifrado. Descendo da nortenha África, até à extrema que um bravo português, Bartolomeu Dias, dobrou em hora de bom agouro e outro português, João 2.º, que transcende a própria fundamentada fama, gravou e pendurou por suas mãos no quadro de honra das galerias da História, substituindo-lhe o fatídico nome de tormentas pelo áureo crisma de Cabo da Boa Esperança. Daqui, a mesma conjugação, de suma filosofia e expoente inexcedível, irradiando para o Novo Mundo e para a Europa, sem taras constrangedoras.

O homem lobo do homem não é condomínio nem agência de Espiritismo. Este é claridade na alma e afecto no sentimento, e outros lemas ou dísticos não possui nem mesmo outras directrizes dentro dos seus centros.

«Luz e Amor», «Luz e Caridade», títulos de dois deles em Portugal, ilustram as suas portadas e enobrecem as suas sessões, absoluta e completamente «caiadas» no exterior e límpidas interiormente.

Assim, Jesus, o Messiânico Evangelizador, a excelsa abnegação da palavra docente confirmada por actos inequívocos, é entidade predilecta modelar do Espiritismo e venerável objectiva de todos os espiritas.

★

É acusado de lunático e de inimigo da igreja católica o Espiritismo.

Quanto ao primeiro artigo desta arguição ou acoimamento, apenas um reparo: é de lamentar que haja manicómios pouco povoados contrastando com inúmeros povoadores dignos de manicómio, cá fora, presumindo douta sapiência. Quanto ao segundo artigo acusatório é de lembrar aos agentes graciosos de ministério público uma frase expressivíssima de andrajosos, opulentos de verdadeira virtude e de fé tão inabalável que não temeram o martírio: não temos ouro nem prata, o que possuímos damos-to em nome de Jesus:: levanta-te e anda.

O Espiritismo não semeia dis-

córdias, não insufla inimizades, não o alegram contendas e contendores. Visa espírito e verdade, senso humano de justa tolerância, disciplina social de conciliação e concórdia.

Rejeita estilos que não cabem no gesto e na palavra do filho de Maria e do carpinteiro José e não esqueceu, não esquece, nem esquecerá em circunstância alguma esta resposta que perfilha e oferece aos acusadores: *O meu reino não é deste mundo.*

O seu propulsor é aquela prova sincera de presença simples e de apostolado perfeito por parte do Messias, a quem Pilatos dirigira a pregunta com que abro o presente alinhamento.

A verdade não carece de pompas nem de ornatos e distintivos cravejados de gemas preciosas; é o que é, de limpidez de golpe acessível como o axioma e imutável por exactidão de ajustamento e de conformidade.

E sendo a verdade um dos anelos-faróis do Espiritismo, só coexistindo com outro que o precede, — o espírito, não há intervalo entre estas duas modalidades, esmaltadas pela virtude de tolerância, que possam fazer-lhe supor e ser-lhe possível colocar-se ao nível de inglórias ciosidades.

Màximamente, defende-se de arguições directas, mas não hostiliza alheios arraiais nem inquire ninguém que se lhe dirige acerca do seu credo religioso e de partido.

O Espiritismo não fala de cátedra. Regista fenómenos averiguados, acautela-se de precipitações prematuras, com todas as minuciosidades de exame lógico e de experimentação rigorosa, e não se enfada nem se desgosta com aplicar ao estudo sério das ciências todo o potencial de suas faculdades intelectuais e de raciocínio.

Não lhe está a carácter o ir intrometer-se onde não é chamado ou ir implicar seja com o que for. Não tem espírito de seita nem busca meios de acender fanatismos que lamenta quando se lhe deparam. Sabe que o fanático ou o estado de fanático é desequilíbrio, muitas vezes funestamente irreparável, que não será jamais título de consciência religiosa ou testemunho convincente de unção divinal.

O fanatismo, forma de paixão desordenada, autêntica cegueira, conduz ao crime em todos os graus de incidência e de gravidade, aos hospitais de alienados e aos cemitérios antes de tempo.

À conta da igreja dogmática, das penas eternas, do cenário temporal que escancarou um abismo que a tem afastado de Jesus, do ágape primitivo dos seus discípulos e do ósculo de paz das catacumbas, à conta dela páginas se encheram com tinta da côr do líquido que circula em nossas veias e artérias e a despeito porventura daquela peregrina filosofia que é o Sermão da Montanha, espírito e verdade condensados numa expressão serena e branda, que, se fôra acatada seria para frustrar maquinações hipócritas de toda a espécie e constituir-se código fundamental de indivíduos, de colectividade e de nações.

O Espiritismo curva-se reverente perante a soberana excelsitude ordenadora dos mundos e do Universo, que obedecem às suas leis inimitáveis e tributa à pessoa amant.íssima de Jesus, o Messias de Deus, o culto de acrisolada e respeitosa veneração.

Compreende claramente que a sua mediunidade não é mais do que uma complacência do Alto para com a criatura humana, dotando-a, individualmente, de poderes anormais que alguns entes bondosos e benévolos exercitam sem qualquer coacção.

Não há menos de trinta anos conheci, e Lisboa inteira conheceu neste género, com faculdades de efeito terapêutico, um cavalheiro, nascido em Gibraltar, britânico de berço, engenheiro de minas de incontestável merecimento, como tal deixando vestígios inapagáveis em Marrocos e como tal não desconhecido na Espanha, em Portugal e no Brasil, o qual, tendo-se-lhe notado a acção curativa em certos casos patológicos, foi levado por espírito de humanidade a franquear as portas de sua casa a quantos a elas batiam pedindo a sua assistência.

Em especial, a cidade brasileira de São Paulo deveu-lhe numerosas curas radicais, de que beneficiaram enfermos e mazelentos de todas as categorias, inclusivé médicos.

O cavalheiro a quem aludo chamava-se Eduardo Silva, fervoroso crente no Deus potente e omnisciente e invocador sincero de Jesus-Cristo, o crucificado do Calvário.

Este homem foi por mais de uma vez denunciado às autoridades por exercício ilegal de medicina, e tanto na outra margem do Atlântico, quanto entre nós, demonstrou-se que não receitava, não se inculcava como clínico, declarando não o ser a todas as pessoas que assim se lhe dirigiam, não estabelecia tabelas de consulta nem exigia remuneração pelos serviços prestados, que se reduziam a passes fluídicos e rápidos contactos.

O meu conhecimento pessoal com Eduardo Silva datou do dia em que assisti, no gabinete do falecido Dr. António Tavares Festas, inspector da antiga e extinta Polícia Administrativa, ao interrogatório que o referido magistrado lhe fazia, por virtude do mencionado exercício ilegal de medicina, que lhe atribuiam em denúncia.

Soubera, anteriormente, por pessoa de minha muito próxima consanguinidade, haver-lhe Silva, com o seu processo de passes e contactos fugidios, eliminado do rosto uma espécie de tumor que a molestava, e que, de facto, desaparecera.

Depois de reduzidas a auto as declarações prestadas então pelo denunciado, houve ensejo de troca de impressões e de conversação, que não deixaram a mínima dúvida em nossos ânimos, de que não estávamos na presença dum explorador arteiro e dum sujeito vil, mas dum ser educado e honesto, que não recusava o seu socorro aliviante ou curativo a quem lho solicitava.

Improcede com as crenças religiosas e com a igreja de Jesus Cristo a doutrina contida nas máximas precedentes ?

Em algum centro espirita professa-se ou sustenta-se filosofia contrariando-a ?

Não, não improcede. Improcedente é, deveras, com superstições. Estas, sim, é preciso repeli-las sem tergiversações, «combate-las desassombradamente» como diz Élie Méring, professor da Sorbonne, terminando o seu artigo *Science et Superstition*, a lume em o n.º 4, 6.º ano, Setembro de 1903, da *Revue du Monde Invisible*, Paris.

★

Importa-me não exceder o alcance da proposição interrogativa que formulei e tomei como ponto de partida destas desvaliosas considerações e inibir-me de lugares-comuns, que já enfadam como repetições sediças.

Aqui e acolá ia perdendo ou tendendo a resvalar, e não duvido de deficiência ou arrojo no meu assunto do momento.

No entanto, provocou-me classificação de que discordo, e tenho em má conta aqueles que vituperam, anatematizam ou condenam sem bagagem suficiente e sem o argumento de factos.

Contundir por contundir, sem mais razão ou vislumbre sequer de razão e de agravo justificado, não é honesto, não é sério, nem é de bom senso exteriorizando equilíbrio.

Não participam destes princípios os que se presumem privilegiados de torres de marfim e com direitos exclusivos de atacar quem os não ataca, só por motivo de mesquinha ciosidade e total ausência de lógica vitoriosa.

Fenómenos, factos, são a lógica espirita, superior ao aguilhão da inveja e crítica de deprimência e de negativa no ar.

Tudo isto apenas traz à memória uma celebrada estátua, de material pesado, asente «sobre pés de barro».

Convenço-me de que ao longo das presentes linhas ficou demonstrado que o Espiritismo não improcede com as crenças religiosas, com os ideais políticos, com a Arte e com o equilíbrio social.

Encaminhar o homem de melhor a melhor pelo amor e caridade, imitando a lição preciosa do Mestre cujo retrato os quatro Evangelhos transmitem e contribuir para o seu depuramento e elevação ética voluntária, libertando-o por si próprio do agérrimo remorso que o punja e promovendo-lhe um desencarnar tranquilo ao abandonar o corpo, transpondo os véus do Além, este apostolado, místico e vivificante, proposto ao aperfeiçoamento do indivíduo na terra, em plena liberdade de mérito e de demérito, nada ofende o culto de alma, as formas de Governo, a expressão estética e as aspirações do mundo trabalhador.

Não soam no Espiritismo clarins de revolta, não se segredam incitamentos incendiários e de assassínio, não se forjam calúnias nem se assacam falsidades, é santo e senha ou palavra de ordem «espírito e verdade», lei e graça da consciência o sentimento fraternal.

Eis o Espiritismo em sua acepção categórica e definição legítima. Tudo o que assim não é, desmente-o aberta e escandalosamente, define-se em escórias que não lhe pertencem nem com ele se coadunam.

«Não é poeta quem quer sê-lo, mas quem nasce tal».

No que afirmo presto outiva ao meu foro íntimo e não me iludem *os bastidores da comédia humana*, desde Setembro de 1939, transformada em blasfema tragédia e martirização crudelíssima.

É talvez a escritura do direito por linhas tortas d'Aquele artista surpreendente que na mesmíssima renúncia dos que o negam, nos lábios dos professantes de ateismo se assevera existente.

Se não crês, homem, quitas de declará-lo, é redundancia escusada.

Se falas Nele, sente-lo, embora fugindo-lhe.

Mais uma vez imploro a benevolência dos leitores para os meus extensos arrazoados.

MATERIALIZAÇÃO

— Temos cooperadores do serviço que ionizam a atmosfera combinando recursos para efeitos eléctricos e magnéticos. Nestes trabalhos exigem-se processos acelerados de materialização e desmaterialização da energia. As entidades manifestantes ao campo visual de nossos amigos encarnados são quase sempre criaturas muito ligadas à crosta e aos seus planos de sensações, mas os organizadores legítimos da tarefa em curso são verdadeiros e competentes orientadores dos planos espirituais, com grande soma de conhecimento e responsabilidade.

Não decorreram muitos instantes e alguns trabalhadores da nossa esfera compareceram, trazendo pequenos aparelhos que me pareceram instrumentos reduzidos de grande potencial eléctrico, em virtude dos raios que movimentavam em todas as direções.

Minha curiosidade não tinha limites.

— Estes amigos — explicou o meu generoso instrutor — estão encarregados de operar a condensação do oxigénio em toda a casa. O ambiente para a materialização de entidades do plano invisível aos olhos dos homens requere elevado teor de ózonio, e, além disso, é indispensável semelhante operação, a fim de que todas as larvas e expressões microcóspicas de actividade inferior sejam exterminadas. A relativa ionização da paisagem interior é necessária, como trabalho bactericida.

E, depois de um gesto significativo:

— O ectoplasma, ou força nervosa, que será abundantemente extraído do médium, não pode sofrer, sem prejuizos fatais, a intromissão de certos elementos microbianos.

(De «Missionários da Luz», ditado pelo espírito de André Luiz ao médium Francisco Cândido Xavier)

A MULHER ESPIRITA

SIMBOLIZADA EM MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS, É HOMENAGEADA NO RIO DE JANEIRO, NO VASTO SALÃO DA LIGA ESPIRITA DO DISTRITO FEDERAL

Ainda se não extinguiram os ecos do passamento de Maria Gonçalves Duarte Santos, ocorrido a 4 de Janeiro último, em condições inesperadas que tanta impressão causaram em quantos dele tiveram conhecimento. De toda a parte continuamos a receber correspondência alusiva. Corações bondosos que apreciavam as qualidades da fundadora desta revista, expandem sua mágoa pelo infausto acontecimento.

O dia 28 de Maio marca vultosa efeméride no calendário espirita do Brasil. Por iniciativa de Amadeu Santos, Abstal Loureiro, D. Maria Cardoso (nascida em Portugal), Ferraiuolo e outros e com o apoio da Liga Espirita do Distrito Federal) *(antiga* Liga Espirita do Brasil) *relizou-se na sede desta instituição, à Rua Uruguaiana, 141, sobrado, uma sessão dedicada à mulher espirita, simbolizada em Maria Gonçalves Duarte Santos, cuja vida foi apreciada sob diversos aspectos. Presidiu à reunião Deolindo Amorim, como Secretário Geral da Liga e redactor-correspondente de* Estudos Psíquicos *no Rio de Janeiro.*

Este confrade fez a prece inicial e produziu um belo improviso sobre «Maria Gonçalves Duarte Santos — a intelectual».

Em seguida, o jornalista Abstal Loureiro, antigo director de Jornal Espirita, *da Capital Federal, diz das «Razões da Homenagem».*

Dulce Santos, filha do Dr. Amadeu Santos, apresenta um número de declamação.

O Dr. Amadeu Santos leu um trabalho dedicado à homenageada e a sair no primeiro número da revista espirita «O Futuro», explicando as razões de esta não ter saído no dia anunciado e prometendo apresentá-la dentro em breve, ainda em memória da nossa antiga directora.

Dulce de Fátima Oliveira, como homónima da Juventude Espirita Abel Gomes, declamou uma poesia. Depois discursaram os seguintes oradores: Professora Dr.ª Daisy Pastor, sobre «A Mulher no Lar», tomando pór base Maria Gonçalves, como esposa; jornalista Abstal Loureiro, sobre o motivo da homenagem; Diamantino Coelho Fernandes, sobre «Maria Gonçalves Duarte Santos, médium», trabalho lido pelo Prof. Dr. Lauro Pastor de Almeida, na ausência do autor; Doutora Guiomar Ferreira de Matos, que tratou de «Maria Gonçalves Duarte Santos, jornalista»; D. Marcolina Alves (nascida em Portugal) deu interessante documento pessoal, porque tivera ocasião de privar com a homenageada em Lisboa, terminando assim o seu discurso: «Tudo o que aqui se disse é verdade, porque a conheci de perto e ainda é pouco em vista do que ela realmente foi», comovendo a assistência até às lágrimas; jornalista José Bernardo, em nome do jornal Himalaia, *de Niteroi.*

A seguir, discursou ainda a jovem Iolanda Trindade, em nome da *Mocidade Espirita* «Joaquim Murtinho». *O confrade Enéas Dourado, incumbido de agradecer em nome da Comissão promotora da homenagem, proferiu um discurso em que fez um paralelo entre Maria Gonçalves Duarte Santos e Marília Machado Barbosa, duas almas afins. Por fim, lançou, entre palmas da assistência, a ideia da fundação da* Legião Espirita Feminina Marília Machado.

Finalmente, pediu a palavra a sr.ª D. Maria Cardoso, organizadora da homenagem e animadora da Caixa de Excursões Espiritas. *Depois de declamar oportunos versos de sua composição e como filha de Portugal, recordou o seu país distante, exaltou o Brasil e, em nome da mulher espirita portuguesa, agradeceu a homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos, que simbolizava a mulher espirita da terra lusa. Ao encerar o seu discurso abriu duas bandeiras: a do Brasil e a de Portugal. Foi uma apoteose!*

A prece final de encerramento foi proferida pela nossa colaboradora Idalinda Aguiar Matos, directora do Departamento Escolar da Liga.

Segundo relato de Deolindo Amorim, que representou Es-

tudos Psíquicos, e Amadeu Santos, um dos maiores entusiastas da homenagem, o Salão encontrava-se literalmente cheio de público em constante vibração.

O intercâmbio espirita entre as duas nações atlânticas abre clareiras nas almas predispostas, em toda a parte onde esta revista chega a pregar ressurgimento, aproveitando ensejos que se lhe oferecem e aceitando a colaboração dos que nesse vasto país se multiplicam em serviços à Doutrina e que vão materializando em actos as bençãos que o Alto concede à sua bondade.

O nome de Maria Gonçalves foi a nobre legenda dessa ala de viajeiros que não esmorecem no seu labor constante de aproximação.

Foram horas solenes que darão seus frutos. Os gestos esboçados e as palavras proferidas ligaram esta revista a compromissos de honra que serão observados na devida conta, quanto soar a hora do ajustamento. É uma dívida de gratidão, uma dívida moral que não se apaga da nossa alma agradecida.

A ideia da Comissão Organizadora, de que fazem parte amigos dedicados desta revista, fortaleceu ainda mais os laços que nos uniam ao Brasil espirita, que vive no nosso coração de portugueses amantes do progresso dessa grande e florescente nação irmã.

Foi uma linda festa, cheia de emoção e saudade, a que o Himalaia, de Niteroi, Estado do Rio, deu grande relevo, dedicando-lhe uma página ilustrada com cinco gravuras de flagrandes colhidos, em que se vê D. Maria Cardoso pronunciando a sua brilhante oração, tendo nas mãos as bandeiras do Brasil e de Portugal, gesto com que simbolizou a unidade fraternal entre as duas nações; a Mesa da Presidência e parte da assistência; o jornalista Abstal Loureiro e Enéas Dourado, quando proferiam palavras de enaltecimento à memória da homenageada e de fé na fraternidade espirita.

Seguem-se as peças oratórias, aqui insertas por sugestão do confrade Amadeu Santos, como dignas de figurar nestas colunas:

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

Maria G. Duarte Santos, Esposa

pela Dr.ª Dasy Pastor de Almeida

Quando fui convidada pelos promotores desta homenagem, para falar sobre a personalidade invulgar de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, confesso que, de início, quis recusar.

Quase nada sabia a respeito de D. Maria. Apenas, que era fundadora e administradora da revista Estudos Psíquicos *e que o senhor seu esposo era o director-proprietário.*

Havia lido no Mundo Espirita *um artigo interessante do Professor Leopoldo Machado que me elucidou bastante. Mas eu desejava saber mais sobre essa senhora, a quem os espiritas do Brasil iam prestar tão significativa homenagem. Conversando com o meu amigo e visinho Óscar Carneiro, o santo paralítico, que trabalha sobre o leito mais que muitas dezenas de pessoas de saúde, consegui o número da revista* Estudos Psíquicos *publicado em homenagem à sua antiga fundadora e administradora.*

Li toda a revista! Todas as suas páginas eram um canto de saudade! Cada artigo, um panegírico!

Todos exaltando o espírito inconfudível de D. Maria; recordando a sua maneira encantadora de tudo resolver sem melindrar ninguém e agindo com prudência e justiça.

O seu devotado amor pela causa espirita; a certeza inabalável que possuia dessa vida eterna e cheia de empreendimentos e belezas!

O seu médico assistente, o ilustre doutor Fred Wachsmann, refere-se a ela de maneira tão original, quando diz: «D. Maria morreu? Não, não! Faleceu! Não pode ser que um espírito tão vivo, tão enciclopédico, uma alma tão bondosa e viva possa ter acabado! Deixou o corpo que a prendia, desencarnou obedecendo a leis superiores. Mas temos a certeza de que ela é feliz e vive mais do que na terra».

Os poemas feitos de amor e de saudade que o seu esposo lhe dedica bastam para se poder avaliar quem foi D. Maria Gonçalves Duarte Santos.

Jamais, senhoras e senhores, vi, de público, um esposo, transbordando todo o sentimento puro que lhe ia na alma, referir-se de maneira tão bela, tão cheia de carinho e amor à sua companheira de vida terrena! Só o amor puro, amor espiritual que une duas almas gémeas, é capaz de atitudes tão raras nos nossos dias, onde o sentimento é desprezado e por vezes criticado! A sua «ORAÇÃO», página de infinita doçura, tocou-me fundo a alma. É um cântico sacro, uma respeitosa e humilde prece ao Senhor para que lhe norteie os passos na nova fase da vida. Ouvi, irmãos meus, este trecho, que é todo amor e saudade: «Senhor, escutai-me. Perdi o maior bem do mundo. O meu braço treme. Minha palavra hesita. Meu olhar amortece. O choque paralisou-me as energias. Sou um extático que não resiste ao aguilhão.

«Mas é assim a vida? Não nos deste, acaso, meios de vencer as duras provações? Porque choro eu, quando devia rir? Porque rastejo, quando devia ascender em surtos de alma?

«Porque, Senhor, a tristeza que invade o coração dos que muito sofreram, porque muito amaram? Isto não são queixumes. São interrogações que envolvem dramas pungentes que nos aguardam e que teremos de afogar no oceano do Tempo e da saudade. Senhor, permiti que a bondosa companheira volte a inspirar minha pena, que as suas vibrações me envolvam em celeste eflúvio. Eu quero dar-me, quero transcender-me...».

Depois de ler toda a revista, pus-me a pensar nessa criatura admirável, que talvez por isso mesmo já foi habitar, por merecimento, planos superiores, de onde irradia a sua bondade e a sua inteligência. E pensando nela, verifiquei quanto exemplificou! Pois não são os exemplos as melhores sementes que podemos lançar no campo da pregação doutrinária?

Saber ser esposa, companheira e amiga compreensiva; ser no lar o exemplo vivo de amor, de renúncia e tolerância; ser mulher virtuosa na acepção do termo; ser dona de casa, equilibrando a vida do lar com outros afazeres sem prejuizo de nenhum lado; ser mãe dos filhos que não são de sua carne; ser gentil, afável e sentir o sofrimento alheio, também é trabalho social e de maior relevância!

A organização do lar e sua conservação, é, dentro da sociedade, a base maior, o alicerce sobre o qual se podem colocar todas as outras colunas que formam o organismo social.

Se todas as mulheres fossem do carácter de D. Maria, não haveria lares desfeitos, crianças infelizes; não precisaríamos de asilos para crianças abandonadas.

É dentro da família que se formam as mentalidades! É da mulher-mãe que depende o futuro das nações e isso podemos verificar se analisarmos as hecatombes havidas nos países onde a mulher não soube ou não quis fazer do lar e da maternidade a razão de ser de sua vida.

D. Maria Duarte Santos, apesar de não ter tido filhos, fez dos filhos alheios os seus, amando-os com ternura e aí está Maria Eugénia, essa criança-adulto, já pensando como mulher e assumindo o lugar que lhe deixou a sua mãezinha.

Nem por essa razão deixou de ser menos amada, adorada e compreendida pelo terno esposo, esse homem que se sente «imerso num luar de saudade, aguardando sempre as suas vibrações amorosas».

Sentimos imensa alegria em sabermos que está junto a ela o espírito iluminado de Marília Barbosa Machado, que em terras brasileiras foi qual Teresa de Jesus, pescando almas para o Lar de Jesus, *mãe dedicada e afectuosa de inúmeros filhos que não eram seus.*

Os espiritas da pátria do Cruzeiro devem-lhe uma homenagem a que faz jús pelo muito que pregou e exemplificou como verdadeira e sincera cristã. Que não esteja longe o dia de saldarmos essa dívida de gratidão e saudade, é o nosso desejo.

A inteligência de D. Maria Duarte Santos, própria dos espíritos evoluídos, foi a viga mestra de Estudos Psíquicos.

Sem favor, podemos afirmar ser a revista Estudos Psíquicos *a melhor no género, editada em língua portuguesa. Se tivéssemos no Brasil, apenas 5 revistas dos moldes dessa congénere, a imprensa espirita brasileira caminharia a passos largos. E essa revista teve como fundadora uma*

mulher, que era a sua administradora.

Espírito extraordinário! Por meio desse periódico fez ela mais propaganda da doutrina codificada por Kardec, que dezenas de jornais em cujas páginas se vêem apenas ataques, críticas e pouco amor ao estudo!

Médium do espírito iluminado de Reper-Siam, *assimilou todo o ensinamento que esse irmão lhe transmitiu pela psicografia.*

Podemos avaliar a vida de maravilhosa afinidade que existia entre ela e o esposo, pelas palavras do senhor Henrique da Silva Horta no seu artigo «Uma Grande Inteligência e um Grande Coração». Diz ele, a meio da sua página: «Só quem privou de perto com esta senhora pode avaliar da sua dedicação à Causa Espirita!... A sua actividade junto de seu marido durante anos consecutivos, colaborando com ele, animando-o e encorajando-o, foi simplesmente admirável.

Ela foi a sua única colaboradora durante oito longos anos no «retiro» de Sagres. Quanto trabalho ali produzido! Quantos projectos feitos e que mais tarde foram materializados! Separados quase do mundo exterior, trabalhando, estudando e meditando juntos, esse período da vida do casal, tendo por cenário único a natureza — o mar imenso — teve influência decisiva no seu futuro e na evolução do Espiritismo português. As afinidades que os aproximavam e os uniram sempre, radicaram-se mais ainda com a sua vida em plena solidão e em contacto estreito com a natureza. Foi esse, sem dúvida, o seu tempo mais feliz: em que as suas almas e as suas existências se ajustaram numa realidade bem vivida».

Senhoras e senhores, só almas que muito se amam, compreendem a beleza dos sentimentos que uniam aquelas criaturas e que continuam, como força inquebrantável, desafiando o tempo e a distância, a unir as suas almas amorosas.

Justa e oportuna, a homenagem que os espiritas do Brasil rendem a esse formoso espírito que, neste momento, talvez, se o Senhor permitiu, esteja alegre, assistindo a esta manifestação de carinho.

A sua modéstia, é provável esteja protestando; mas no íntimo, a emoção, tão natural nos espíritos sensíveis, talvez a faça vibrar em sons harmoniosos de contentamento.

Praza ao Senhor que ela possa confortar, amparar e intuir para o bem todas as mulheres de sua pátria e do Brasil.

Que o terno e imenso amor que a ligou sempre ao esposo, agora mais puro, todo essência, realize o milagre de fazer que ele retorne à vida normal e que possa dizer como o grande poeta maranhense, Raimundo Correia nesta quadra magnífica:

Venha, após tanta lágrima bebida
E tanto fel provado, a doce e [branda
Alegria em que a murcha flor se [expanda
Do sorriso e eu de novo surja à [vida!

E não é esse o desjo intenso de D. Maria, quando pede ao esposo, em palavras meigas e familiares, que tenha coragem e alegria?

Possa essa alegria contagiar a todos os que ficaram saudosos de sua presença e fortalecer as energias do seu companheiro para que continui a obra majestosa de propagação da nossa doutrina aos quatro cantos da Terra.

Maria Gonçalves Duarte Santos, recebe a homenagem sincera da mulher espirita brasileira que vê em ti o exemplo dignificante de amor e de virtude.

Ave, Maria Gonçalves Duarte Santos!

SAUDADE

por Iolanda Trindade

Não podia a Mocidade Espirita, deixar de prestar seu preito de saudade à irmã espiritual que, em terras lusas, exerceu sua actividade em prol da doutrina codificada por Kardec. Como mulher, esposa e «mãe», ela nos deu exemplos edificantes de um espírito em crescente progresso. Como desbravadora das mentalidades incultas, levou por diante sua vontade férrea, descortinando novos horizontes aos irmãos que, estacionários, nada fazem no sentido de sua evolução espiritual.

É de espíritos perseverantes no bem, como o que accionou o corpo de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, que a humanidade precisa para desvendar-lhe o futuro que a aguarda.

O espírito da irmã que hoje relembramos, é um dos muitos que até nós veio para nos dar exemplos vivos de dedicação à causa do Cristianismo, que nos propusemos defender. Afastemos da beira do abismo os que persistem no erro e na ignorância das coisas divinas, tal como elas são e não como as religiões querem que sejam.

Muitos dos espíritos evoluídos que a Misericórdia Divina tem permitido vir à terra, têm vindo encarnar em corpos de mulher, e porquê? Porque um espírito que encarna num corpo feminino, já sabe que vem disposto ao sacrifício e à renúncia.

Da mulher, em grande parte, depende a reforma da humanidade. Quer como esposa, quer como mãe, ela muito pode influir no progresso dos que lhe são confiados, educando-os e encaminhando-os num progresso contínuo de cristianização e, consequentemente, intensificando entre os irmãos encarnados a solidariedade cristã, simbolizada no amor ao próximo e na caridade.

A humanidade muito deve à mulher, mas mister se faz que, para o futuro, mais lhe deva.

Não basta que a mulher se diga espirita; é preciso que a nobreza de seus sentimentos o comprove. Tomemos para modelo essa irmã boníssima que, ao lado do seu esposo dedicado, tudo deu em prol do Espiritismo Cristianizado. O Espiritismo muito deve às mulheres que, como a irmã que hoje rememoramos, tanto têm dado à causa dos desprotegidos da sorte, amparando-os, educando-os e acarinhando-os.

É para os exemplos de caridade e desprendimento próprio que essas irmãs nos teem dado, que chamo a atenção dos jovens, principalmente os do sexo feminino, para imitá-las, indo assim ao encontro da finalidade para que vieram.

Multipliquemos nossos esforços no sentido do progresso espiritual e não esqueçamos que de nós depende, em grande parte, o progresso do planeta.

Que Deus ilumine este espírito de escol, bem como os espíritos de tantas outras mulheres que têm merecido da humanidade a gratidão eterna.

Maria G. Duarte Santos, Médium

por Diamantino Coelho Fernandes

Os espiritas do Brasil, que são todos quantos neste país abençoado, iluminado pelas claridades do Cruzeiro do Sul, cultivam os ensinamentos do Evangelho do Mestre — querem estabelecer um inextinguível traço de união com seus irmãos habitantes das terras lusitanas, através deste símbolo que dia a dia se agiganta entre os cultores da seara divina — Maria Gonçalves Duarte Santos.

Deus criou a Terra e os outros mundos integrantes do Universo com presciente determinação a cumprir-se pelos milénios em fora. Nada aconteceu no passado, nada acontece no presente ou acontecerá no porvir, que não tenha o seu minuto rigorosamente previsto e devidamente encrustado no calendário divino. Deus selecciona os elementos primaciais por Ele enviados a cada um dos seus milhões de mundos, como forças aglutinadoras do bem, entre as humanidades peculiares a cada mundo. E a Terra, como um dos mundos integrantes do Universo, tem recebido, em todos os tempos, os enviados do Pai. A História aponta-nos os seus nomes terrenos, insculpidos, quase todos, pelo cinzel do martírio, do sofrimento, da dor, sempre que chamados foram a dar testemunho de sua missão. Em todos eles se tem evidenciado a marca da mediunidade. É mesmo de crer-se que uma das características fundamentais do enviado do Pai seja a mediunidade. Médium foi, por conseguinte, Maria Gonçalves Duarte Santos, a enviada do Pai às terras portuguesas, onde se fazia necessária a presença de um espírito valoroso como o seu.

Médiuns foram, igualmente, *Budha*, o sábio iluminado que viveu na Índia quatrocentos anos antes de Cristo, fundador do budismo; *Krishna*, que viveu também na Índia, mil anos antes daquele, considerado ainda hoje por alguns milhões de adeptos como a própria reencarnação de *Brahma*, a entidade máxima do panteão hindú; *Rama*, célebre instrutor e sábio, tido por setenta milhões de adeptos como a reencarnação de *Krishna*, pela identidade dos princípios filosóficos por ambos difundidos.

Descendo para o ocidente, iremos encontrar, entre outras, estas figuras marcantes das várias fases assinaladas pela evolução humana, desde os últimos quatro séculos que precederam a era cristã, nas quais a marca da mediunidade ressalta aos olhos do pesquisador atento: *Pitágoras* e *Sócrates*, cujos nomes se encontram hoje estreitamente ligados à difusão de princípios filosóficos que muito contribuiram para o actual estado de nossa evolução espiritual. *Sócrates* e *Pitágoras* viveram na Terra 470 anos antes de Cristo, ou seja há cerca de 2.400 anos! A marca da mediunidade de *Pitágoras* se afere pelas declarações feitas perante numerosos de seus discípulos, quando um destes perguntou ao mestre por que meios havia ele alcançado tão extraordinário conhecimento, visto não ser ele um letrado.

— O conhecimento que possuo — teria declarado *Pitágoras* — está tanto ao vosso alcance, quanto ao meu. Recolhei-vos dentro de vós mesmos e escutai a voz interior; ela vos instruirá a vós, da mesma maneira que me instruiu a mim.

Evidencia-se por esta declaração a modalidade intuitiva da mediunidade, graças à qual os mais preciosos ensinamentos têm chegado até nós. Pitágoras era médium. Como médium, foi mártir. Por isso, seu nome penetrou as páginas da História da Humanidade e permanece nos nossos dias. Quanto a Sócrates, o que dele nos referiu Platão, seu discípulo predilecto, evidencía igualmente toda a firmeza do missionário, do apóstolo, do médium, portanto.

Deixemos, porém, estas figuras extraordinárias da Grécia antiga, e penetremos o pórtico da era cristã, onde vamos encontrar o maior de todos os médiuns já baixados à Terra, que foi Jesus! Jesus foi bem o modelo, o paradigma dos médiuns. Seus longos momentos de êxtase, seus colóquios frequentes com o Pai, sempre que um passo mais difícil tinha de ser dado, confirmam de sobejo a excelsitude de sua mediunidade. Sua virtude no mais alto grau, sua decisão e fé inquebrantável no Pai Celestial que o enviara, representam qualidades intrínsecas a distinguir aqueles a quem o Pai haja confiado a elevada missão de médium.

Há-de ser, por conseguinte, pela excelente mediunidade de que tantas e tão eloquentes provas nos deixou, que os espiritas do Brasil hão-de identificar também, na seara espirita portuguesa, a irmã Maria Gonçalves Duarte Santos, recentemente desencarnada. A rápida peregrinação que fizemos da Índia ao Ocidente não tem outro objectivo senão o de evidenciar, nos vultos mais eminentes no terreno da religião e da filosofia, a posse da mesma qualidade mediúnica em tão alto grau demonstrada por aquele espírito boníssimo, há pouco chamado de regresso aos páramos siderais.

Fundando e dirigindo em Portugal, dez anos a fio, a magnífica revista *Estudos Psíquicos*, num ambiente saturado de malquerença e prevenção contra tudo quanto não obedecesse à inclinação do signo romano, Maria Gonçalves Duarte Santos, não foi apenas uma administradora; foi mais, muito mais do que isso: foi um médium, e um médium excelente, por cuja faculdade verdadeiras pepitas de ouro espiritual encheram numerosas páginas de sua revista, além daquelas muitas recebidas com endereço privado.

Não é médium quem quer, todos o sabemos. O dom da mediunidade, dizem-no os nossos maiores do Espaço, requer um conjunto de circunstâncias que só muito raramente fulguram na mesma criatura. Maria Gonçalves Duarte Santos era uma delas. Enquanto Pitágoras doutrinava e calculava sob a inspiração do Alto; enquanto Sócrates maravilhava os seus ouvintes com a enunciação de conceitos inteiramente novos, na época, como o «conhece-te a ti mesmo»; e enquanto Jesus pregou abundante a sua doutrina consoladora do «amai-vos uns aos «outros», a nossa irmã, de quem nos estamos ocupando, exemplificou pelo coração e pelo trabalho incansável a recomendação de Jesus, de fazermos aos outros aquilo que desejaríamos que nos fizessem. Sua acção se prolongou na Terra apenas o tempo necessário para que o último grão de areia escorresse na

Maria Duarte Santos, Jornalista

pela Dr.ª Guiomar de Matos

D. Maria Gonçalves Duarte Santos, cuja memória reverenciamos nesta noite de gala, e seu esposo Isidoro Duarte Santos, o denodado pioneiro do Espiritismo em Portugal, juntos durante 8 (oito) anos no Promontório de Sagres, realizaram o mais profícuo estágio de aprendizado de suas vidas terrenas, no dizer do próprio Isidoro.

Lá, receberam mensagens valiosas que, devidamente meditadas, fizeram amadurecer neles ideias e projectos que mais tarde realizariam. Lá, D. Maria Gonçalves inspirou a seu marido o magnífico livro que é o «Luz no Caminho» e profusa colaboração foi enviada a dezenas de publicações portuguesas, espanholas e sul-americanas, inclusivé ao Brasil.

Por fim, cumprindo determinações do Alto, subiram para Lisboa, e, em Janeiro de 1939, editam pela 1.ª vez a revista «Estudos Psíquicos», destinada a ser um expoente do jornalismo internacional. Nela cooperam hoje, regularmente, as mais preciosas penas do Espiritismo Universal.

Fundada quando a Europa se contorcia na tremenda crise que fez deflagar a 2.ª grande guerra mundial, constituiu-se num verdadeiro baluarte e numa bandeira do Espiritismo português, que se apresentava, naquela época, em situação deplorável: adulterado e prestes a desaparecer.

As mesmas dificuldades materiais que assoberbam os empreendedores de qualquer grande iniciativa, assoberbaram, também, aquele casal de lutadores inspirados.

Mas aquela revista pobre, sem recursos e sem assinantes, graças à habilidade e ao dinamismo excepcional de seus dirigentes manteve-se e progrediu de tal modo, que hoje se situa na vanguarda do periodismo internacional. Sua inspiradora, seu sustentáculo, Maria Gonçalves, possuidora de pujante mentalidade, parecia, no dizer de seu esposo, «produto de mil vidas em avanço perene».

Sua acção, seu entusiasmo pela causa se fazia sentir da limpeza da oficina à expedição da Revista e ao atendimento das consultas feitas à sua direcção, passando por mil outros misteres mais, inclusivé na liderança dos trabalhos do «Centro Espiritualista Luz e Amor». Tempo houve em que os trabalhos do Centro e os da Revista repousaram sobre os ombros dela e os do marido.

Dona de uma fé sem fanatismo, de um carácter recto e de um espírito verdadeiramente iluminado, era, sobretudo nos exemplos que dava a todos em sua vida cotidiana que demonstrava esssas virtudes e se tornou digna do respeito, da admiração e da amizade de todos os que com ela privavam.

Exemplos em que foi pródiga nos sectores em que actuou: em seu Lar, em sua Revista ou no Centro Espiritualista Luz e Amor.

Sua obra tornou-se um verdadeiro refúgio para os que em Portugal se encontravam desarvorados, sem saber o que fazer nem para onde ir, sem alento, quase sem Fé, em virtude da confusão reinante da seara espiritista.

Como jornalista, essa ilustre Matrona do Lar português dignificou altamente a classe, como sucedia, aliás com tudo aquilo que bafejado fosse pela sua inspiração, pois que editando uma publicação internacional de extraordinário alcance social, da maneira como o fez integrou o género jornalístico na sua verdadeira função de propulsor do progresso e da civilização.

Fez imprensa verdadeiramente sádia, integralmente útil, construtora e alevantada, superior sob todos os aspectos por que seja encarada, modelar.

Isidoro Duarte Santos assim se refere à sua esposa: «era o móvel, a causa de *Estudos Psíquicos*. Sem ela nada daquilo existiria, tudo ficaria em projecto. Mas Ela quis e a sua obra realizou-se».

Sua mente prodigiosamente esclarecida era plena de sonhos grandiosos que sempre lograva realizar com mestria. Sua actuação incessante conseguiu na seara espirita de Portugal frutos excepcionais que muita gente em várias existências não obtém.

O Centro Espiritualista Luz e Amor e a revista *Estudos Psíquicos* estão impregnados de suas vibrações fortes e amorosas. Deles era a «alma mater». Mais uma vez citamos seu esposo que nos diz: «sua presença era mais que um esteio, mais que pedra fundamensal; era um piloto seguro soltando rumos admiráveis no oceano da Doutrina. Sua presença inspirava confiança aos desalentados».

Apaixonada pelas questões sociais, diante do panorama conturbado do mundo costumava desabafar: «não compreendo o mundo; vim muito tarde ou muito cedo».

Contudo, alma eleita, espírito de escól, contornava bem todas as situações, apreendendo-lhes o sentido.

Outro aspecto não menos notável da sua operosa existência terrena foi a mediunidade. REPER-SIAM é o nome do instrutor espiritual que através de D. Maria Gonçalves se comunicava com os homens. Essas comunicações estão largamente difundidas, transcritas que foram em múltiplas publicações espiritas por serem altamente salutares, moralizadoras, filosóficas.

Pois essa figura luminar do Espiritismo é que, recentemente, a 4 de Janeiro do ano em curso, em Cebolais de Cima, terras de Além-mar, vem de fugir ao convívio terreno, levada por moléstia rara e fulminante, como a leucemia aguda, que, mesmo descoberta e tratada no 1.º dia, teria conduzido ao desenlace, no dizer de seu médico assistente.

É que assim estava escrito, dizemos nós. O Espiritismo não tem fronteiras, irmana todas as pátrias. Por isso cá estamos, nós, no Brasil, a prantear e a homenagear esssa mui querida irmã, cuja falta já sentimos, mas cuja certeza de que se encontra na região da bem-aventurança nos consola e alenta.

---

ampulheta levantada pelo Pai ao enviar aquele belo espírito em sua luminosa tarefa de elemento aglutinador do bem. Concluida esta, pelo exercício continuado e altamente profícuo de sua mediunidade, Maria Gonçalves Duarte Santos partiu, como Jesus, em busca de sua morada espiritual, a dizer ao Pai, tal como o Mestre:

«Pai, se mais nem melhor eu fiz, foi porque «mais não deram as minhas forças».

Que Jesus abençôe e ilumine o boníssimo espírito de nossa estimada irmã Maria Gonçalves Duarte Santos !

OS MESTRES DA SABEDORIA

por H. Costa

A literatura espirita por uma exaltação crescente da figura do Cristo, tem procurado pôr em primeiro plano o valor incontestável do aperfeiçoamento moral de cada um. A própria fenomenologia tomou, felizmente, um lugar secundário. Se esta acertada preocupação me alegra, outro tanto já não posso dizer da maneira como tem sido orientada.

Conheço bem a bibliografia espirita, mas a sede de saber levou-me mais longe; levou-me para fora do âmbito em que esta se circunscreve. Abri novos horizontes ao meu pensamento e de-repente a orientação espirita tornou-se, no sentido intelectual, por vezes ultrapassável. Um grande amor me prende no entanto à causa que eu gostava de ver singrar e tornar-se cada vez mais bela, e isso leva-me a chamar a atenção da élite espirita para outros factos, outras ideias aparentemente descuradas. São ideias que parecem novas, mas já são antigas; ideias que pertencem à Sabedoria Eterna, mas que, não cabendo nas directrizes apontadas, terão grande dificuldade em ser aceites ou estudadas. Os homens não são diferentes na sua psicologia pelo facto de serem espiritas. Os conceitos estabelecidos, que por serem belos se aceitam e defendem da crítica ignorante e destruidora, transformam-se às vezes em ideias mumificadas, sem plasticidade para conterem em si a descoberta ou redescoberta de novas situações. Eis porque talvez venha a fracassar o meu desejo de abrir novas perspectivas pelo alargamento do que está feito.

Escolhi como introdução um tema aliciante que poderia servir como ponto de partida para um conhecimento mais profundo.

Deduz-se da lei do karma e da evolução por reencarnações sucessivas, e verifica-se sem dificuladade, a existência de seres em variadíssimos estádios de evolução; há uma escala de valores. Concebe-se que, assim como o animal pela sua evolução deu o Homem, com todas estas possibilidades extraordinárias, o Homem pela sua evolução há-de dar um Super-Homem, um ser que transcenda a meta da evolução humana, que acorde nele todas as virtudes que aqui é possível desenvolver. A tradição chama-lhes Mestres. É admissível que um ser grandioso, da natureza de um Cristo, cuja consciência é não só a Sua mas a dos outros, sinta um tal amor pelos peregrinos que sobem esta espinhosa montanha da evolução, que fique entre eles para amparar essa ascensão, a fim de que se faça o mais ràpidamente e nas melhores condições.

Mas, onde actuarão esses Seres? Só nos planos espirituais? Ou levarão o sacrifício ao ponto de tomar um corpo físico como o nosso, para o auxílio ser ainda mais eficaz? Os espiritas seguem a primeira hipótese; muito maior é o número daqueles que aceitam a segunda. Estes sabem que o Universo manifestado pode reduzir-se a sete planos de subtilidade crescente e que a força proveniente do Logos, espalhando-se com grande facilidade ao longo dos planos subtis, encontra sérias dificuldades ao descer nos planos mais densos. Os homens evoluídos, porque têm corpos formados pela matéria desses vários planos, tornam-se veículos do Senhor e são belos centros de irradiação espiritual. Mas, só o Mestre porque não erra é um poderoso e permanente canal para as energias superiores. O Mestre exerce o papel de catalizador, de fermento da massa. Os químicos conhecem reacções muito morosas que, sem a adição de uma substância catalizadora, não se dariam ou levariam muitos anos. Eis, em pálida comparação, o que representa o trabalho dos Mestres — Catalizadores Espirituais da Humanidade. A existência desses Homens-deuses é imensamente racional e deriva das leis admitidas. Haverá, contudo, provas da sua existência física? A meu ver, há. Possuímos vastos elementos das origens mais diversas, de indivíduos pertencentes a várias instituições ou a nenhuma, para poder afirmar a Sua existência em corpos físicos reflectores, na medida do possível, dessa alta espiritualidade. Eles dirigem a evolução que se desenrola na Terra — desde as religiões até ao aperfeiçoamento de corpos adequados para o desenvolver das nossas faculdades criando novas raças; são os agentes do Logos, que fazem cumprir o Plano Divino.

Assim, para o Católico Liberal, o Cristo

DUAS POESIAS DE LEOPOLDO MACHADO

1.ª

RECEBER E DAR

Entre receber e dar
Há enorme diferença:
Ninguém dá com alegria;
A de receber, é imensa...

A faina de quem recebe
É grande, não pára, é infinda.
Quem recebe não diz: Basta !
Quer receber mais ainda.

Se o amor aos bens do mundo
Afasta a gente do Eterno:
Anda tão vazio o Céu !
Vive tão cheio o Inferno !

Entre os bens da Terra e os bens
Que do Céu sempre nos vêm,
Para nós, os bens da Terra,
São os bens que nos convêm...

Se é dando que o Céu se ganha,
Como ensina a Religião,
Poucos são os que trabalham
Para a sua salvação...

2.ª

DAR E RECEBER

Entre dar e receber,
Abre-se profundo abismo
De renúncias, de bondade,
De interesses e de egoísmo...

Para um que a gente dá,
Quer receber mais de cem,
Achando que já deu muito,
Que sabe fazer o bem...

Ninguém dá mais de uma vez,
Sem pensar que deu de mais;
E ninguém recebe muito,
Sem pensar que vale mais.

E quem dá reles migalhas,
Disso fazendo escarcéu,
A pensar que com tais dádivas,
Ganhará, de certo, o Céu ?!

Muita gente há que se esquece,
— Aliás, sem remorso algum! —
Cem favores recebidos,
Se não recebeu mais um...

não é uma entidade que morreu, subiu ao Céu e de lá dirige a evolução humana. O Cristo é tão real que mesmo fisicamente se pode encontrar, como a um amigo. Há anos, um budista, em conferência pronunciada em Lisboa, na Sociedade de Geografia, relatou-nos a sua experiência pessoal com esse Ser Superior de quem era humilde discípulo. Se procurardes, encontrareis abundantes referências ao trabalho de alguns desses Irmãos mais velhos e, quem sabe, talvez possais vir a ser Seus colaboradores dedicados.

A aceitação de que cada um de nós evolui segundo um determinado raio, de acordo com as nossas tendências, à frente do qual se encontra um Mestre, dá-nos a maravilhosa esperança de, uma vez atingido o grau de espiritualidade suficiente, entrarmos em contacto directo com esse Ser que nos dará a mão para nos elevarmos até Ele. Modelemos as nossas acções para depressa nos encontrarmos face a face com o Mestre. Se a característica principal for a Ciência, o Conhecimento do detalhe, sejamos capazes de nos servir dessa Ciência para a realização da Obra Divina. Se for a Harmonia, Devoção ou Sabedoria, se for um qualquer dos sete raios sob os quais evoluímos, estejamos certos de que na altura própria, o Mestre aparecerá. Isto é um facto de ordem experiencial para muitos; será também para nós quando o merecermos. Até lá, poderemos raciocinar, se quisermos, e julgar pela experiência dos outros. Se a racionalidade e o carácter íntegro dos que já tiveram a infinita felicidade desse encontro nos merecerem confiança, firmemos a vontade inquebrantável de caminhar até esses grandes Seres: Os Mestres da Sabedoria.

O HERMETISMO DOS TROVADORES

Por ANTÓNIO CARDOSO

Foi no princípio do século XI, em plena Idade Média, que os cristãos da Europa, com o objectivo de libertar os lugares da Terra Santa do jugo do islamismo, começaram a empreender essas expedições religiosas conhecidas pelo nome de cruzadas. O Papa Urbano II, consultado para esse fim pelos embaixadores do imperador Aleixo de Constantinopla não só concordou, mas foi um dos grandes entusiastas junto da massa popular na organização dessas expedições. E estas, sucedem-se sob a direcção de Gautier Sans-Avoir, Godofredo de Bulhão, Frederico Barbarruiva, Marquês de Montferrat e outros.

No entanto, aqui mais perto, em França, qualquer coisa de trágico se dava: a guerra, a cruzada, contra os albigenses, esse povo tão espiritualmente evoluído e que quase nenhuma história moderna — pelo menos as portuguesas — a ele se refere, o seu conceito da Vida, do destino do Homem, das suas relações com a Divindade, da vida depois da morte, eram precisamente as mesmas que nós — espiritualistas — hoje seguimos; o seu poder de intuição, de raciocínio era extraordinário, e só aqueles que conhecem a sua história com alguma profundidade podem apreciar as minhas palavras que à primeira vista parecerão exageradas.

Mas, por *verem* os problemas de maneira diferente, os cristãos daquele tempo alcunharam-nos de hereges e decidiram proceder ao *piedoso* acto de os aniquilar, pela formação de uma nova cruzada. E a guerra começou: dum lado estavam os cruzados doutro os albigenses, que apenas tinham como defensores os... trovadores.

Mas, afinal, quem são esses trovadores? Os dicionários classificam-nos de poetas que cultivaram nesse tempo a poesia lírica, e ainda hoje quando se fala de trovadores, emprega-se a palavra nesse sentido. No entanto, esses homens aprofundavam sòmente essa Arte? Eram simples cultores de poesia, e nada mais? A história responde-nos que não. Os trovadores formavam como que uma sociedade secreta, e os versos eram apenas o aspecto externo das suas reuniões e dos seus segredos. Estudavam tudo o que se relacionava com o Bom e o Belo, e combatiam a superstição e o fanatismo, não admirando portanto vê-los a favor do povo albigense.

Aroux, no livro *Dante Heretique, Revolutionaire et Socialiste*, diz: «Os trovadores tinham-se mostrado auxiliares ardentes e dedicados da heresia albigense; não contentes de a propagar com seus cantos, atingiam a igreja e os seus ministros, com os seus *risuentes* satíricos; muitos deles terçaram armas contra os cruzados». O próprio Dr. Teófilo Braga diz na *História da Literatura Portuguesa. Renascença:* «É um dos fenómenos da guerra dos albigenses, declara Fauriel, o ardor e a unanimidade com que os poetas provençais se esforçaram por combater o poder eclesiástico por ordem e no interesse do qual se fez esta guerra. Não houve ou, pelo menos, não encontrei, um só trovador notável nas tradições provençais, que se pusesse ao lado dos cruzados e esta excepção merece ser notada como uma confirmação solene do facto». Rutherford no seu trabalho *The Trobadours Their Loves and Lirics*, confirma também estas afirmações.

Apresentavam-se como cavaleiros andantes, ligados por um pacto austero, destinados a defender sempre a sua dama.

O sentido oculto, a que já me referi, é extraordinàriamente interessante, e um deles é-nos relatado por João Antunes em *Aedipus:* «A condesa de Narbonne sentenciava numa *Corte de Amor* que «l'époux divorcé peut for bien se devenir l'amant de sa femme mariée à un autre». Num *Code d'Amour* atribuído a un «chapelin du roy de France» lê-se: «Le Mariage n'est pas une excuse legitime contre l'amour. «Rien n'empêche qu'un femme soit aimeé de deux hommes ni qu'un homme soit aimé de deux femmes». Isto seria uma revoltante imoralidade se uma exegese oculta não remoldasse a violência. Na «religião provençal o *casamento* era a obediência à ortodoxia romana e o *amor* a filiação na doutrina ocitanica. Tal é, diz Peladan, a chave inicial de toda a literatura amorosa. *Une femme aimée de deux hommes* é a sede herética servida por dois pastores; *un homme aimé de deux femmes* é um mesmo pastor servindo duas sedes albigenses».

Cobrindo-se na capa dos *fieis do Amor* estes prosélitos fizeram suas ideias penetrar na

OS INIMIGOS do Espiritismo

Por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário)

Não é necessário muita perspicácia para ver que o desenvolvimento do Espiritismo tem sido prejudicado por alguns dos seus próprios adeptos. A falta de orientação orgânica e de controlo científico das experiências mediúnicas deu origem a situações intoleráveis em certos casos.

Nós entendemos que o Espiritismo deve constituir-se em escola teórico-prática, seleccionando prèviamente os elementos que devem reger os destinos de nossas instituições. Para isso é indispensável criar escolas teóricas em que se formem elementos idóneos, que fundem, organizem e orientem sociedades espiritas. Cada um desses colaboradores deve ser submetido a exame, para comprovar a sua capacidade, os seus conhecimentos científicos e filosóficos.

Note-se que em toda a América não há instituições deste género. A sua ausência determinou uma série de inconvenientes que levaram ao descrédito do Espiritismo. Porquê? Porque, em vez de se estudar metòdicamente o Ideal, se procurou fomentar o fenomenismo, sem atender às consequências que, tarde ou cedo, surgiriam.

Temos a certeza de que, se se tivesse começado a ensinar primeiro a teoria e depois a prática mediúnica, a estas horas outra coisa seria o Espiritismo no Novo Mundo. Tem-se procedido ao contrário e por isso aí estão os resultados, os desvios, a desorientação e tergiversação doutrinária científica, filosófica e moral. Cada um tem procurado interpretar o fenómenismo de acordo com seu precário ou nulo conhecimento, ou em conformidade com as indicações dos guias, que nem sempre se ajustaram às normas estabelecidas por Kardec ou à análise conscienciosa de Geley e de outras eminências científicas.

Por se não haver adoptado esta regra é que agora assistimos a interpretações erróneas que confundem a bel-prazer os mais simples pontos de vista assentes por Kardec. A continuar assim, daqui a algumas décadas o próprio Kardec desconhecerá a sua doutrina, pois que em mistéres improvisados as pessoas simples e boas não sabem já se o Espiritismo é uma religião a mais ou um dogma a juntar aos existentes, quando há grupos ou centros em que se desdenha a ciência e do espaço se afirma que «a cultura espirita é desnecessária».

Com isto não pretendemos erigir-nos em orientadores, mas em simples observadores, considerando necessidade imperiosa e urgente imprimir ao nosso movimento um carácter orgânico, que assim o exige a sua seriedade e os múltiplos problemas que lhe são inerentes. Em primeiro lugar, devemos ver que o animismo não tem sido estudado amplamente no nosso meio, com o objecto de evitar que os fenómenos anímicos fossem confudidos com os de natureza puramente espirita. Todos os que tiveram ocasião de analisar, por exemplo, a função do perispirito ou subconsciência, ter-se-ão encontrado ante uma fonte inesgotável de questões transcendentes que exercem enorme influência nas práticas mediúnicas, hipnóticas e sugestivas.

As leis físicas do éter e suas vibrações, as energéticas e ondulatórias, as leis de ambiência, e a atitude moral dos médiuns e dos assistentes, quer-me parecer que não têm sido encaradas com a devida serenidade. Realizam-se sessões com a mesma facilidade com que se organizam tertúlias expondo a sério perigo os médiuns desenvolvidos ou em desenvolvimento, expondo-os aos efeitos vibratórios de energias, cuja potencialidade se ignora.

Parece-me que este método deve terminar para dar lugar à era orgânica do Espiritismo.

França feudal e provocaram a «irreverência pagã dos humanistas da Renascença» — como descreve *Loor de Berceo*.

No entanto a cruzada contra os albigenses prossegue cada vez mais violenta: agora é Pierre de Breys que é queimado, depois, outro e outros até ao completo aniquilamento desse povo. Com o seu desaparecimento, morreu também a seita oculta dos trovadores, que marcou um «aspecto cíclico do secretismo medieval».

A seita morreu, é verdade! Mas as consequências que dela resultaram não se apagarão tão cedo de todos nós. João Antunes disse com razão: «*Os fieis-do-Amor* foram os *infieis-de-Roma;* prendendo o futuro ao passado na mesma continuidade orgânica, hermética, heterodoxa».

"DOIS MUNDOS"

Narrações do Além ditadas pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo Director desta revista

A ânsia de conhecer é o aguilhão da vida num ou outro mundo. Fazemos mil ideias acerca do que se não conhece. Depois desaparece a curiosidade. Ás vezes há desapontamento. Julgámos outra coisa bem diferente. Mas o anseio é contínuo. Morre um e outro nasce. Tem raiz no mundo interior. É uma alavanca propulsora. E lá vamos em busca de novas impressões. O aguilhão desperta e movimenta. Aí, como aqui. Queremos o que não conhecemos. É fruto proibido.

Será Deus a força que nos impele? Onde está ela? Em nós ou fora de nós? É o vosso e o nosso problema. Como vedes, há problemas comuns ao dois mundos. Queremos saber mais. Queremos ir mais além. O passado não interessa. Já o vivemos. *Interessa como recordação. Mas o que há-de vir inquieta-nos. A intuição penetra nele. Mergulha nele, Aproxima o acontecimento. Outras vezes ultrapassa-o. É um olho divino que vive em nós. De vez em quando faz surtidas, vai aqui e além. Vê coisas, sente coisas.*

Vós pensais num mundo maior do que esse e projectais nele o pensamento. Dirigis para lá as vibrações. Ligai-vos a ele. Convenceis-vos de que existe e de que nele entrareis um dia. É a vossa preocupação constante. Assistis à partida de familiares e amigos que constituiram para vós verdadeiro tesouro moral. Pensais a sério no fenómeno e ficais assombrados. Esse mundo afectivo era um sopro anímico que se evolou, como brisa que passa. O corpo somático fica inerte. É uma casa fechada. Mais: uma casa vazia. É um deserto. O que tendes na frente é um deserto.

—Será possível?—dizeis—. Tudo acabou?

Os olhos cerraram-se. A boca fechou-se. Não mais sentireis fremir esse corpo. O fenómeno dominou-o, reduziu-o a massa que vai desagregar-se É espantoso! Não quereis pensar nisso! Mas é assim. Que é que mantinha a vida? E produzia os movimentos? E fazia circular o sangue? Isso desapareceu de vossos olhos, mas está presente para outros olhos mais perfeitos. Quanto não darieis para ver a centelha que desapareceu? É o aguilhão da vida. Quereis saber, queremos saber. Queremos destruir as incógnitas.

Na terra, sentia tudo isto. Dominava-me este anseio. Agora continua. Domina-me também. Quero saber o que há para além dos meus sentidos. O conhecido interessa-me. O desconhecido preocupa-me. As faculdades que tinha faziam incursões neste mundo. Agora são mais poderosas e mais amplas. Dirijo-as não sei para onde. Será o APEX do conhecimento?

Eu tenho intuições. Qualquer coisa paira sobre os meus sentidos. Vai para outras regiões. Ignoramo-las, como vós ignorais as nossas. É a linha do progresso. Dirige-se ao futuro. Em nós há faculdades latentes à espera do seu minuto. Um dia surgem inesperadamente. O processus foi-se desenvolvendo em silêncio, à margem do nosso conhecimento. Depois eclodiu. Chocou a nossa ignorância. Mas não transgrediu a lei. Obedeceu-lhe.

O presente do Espírito é um misto de passado e de futuro. O que se realizou está em nós. É a sabedoria em que nos apoiamos. É a base, é o alicerce, é o fundamento da jornada milenária. Não podemos esquecê-lo. O nosso pensamento actual pertence-lhe em grande parte. E quando procuramos exercê-lo temos que voltar atrás, como o leitor que relê uma página para abarcar melhor o assunto. Em seguida, a visão dilata-se para

lá do presente que sentimos, e vivemos antecipadamente uma coisa que se entrevê ligada ao pretérito.

Isto é vida objectiva e subjectiva. É corpo e espírito. São dois mundos que se conjugam. Temos de conhecê-los. Para isso nos deram o aguilhão.

Estes problemas não admitem mansões de paz. Exigem actividade e dinamismo.

O que há na terra, há neste mundo. Há tudo o que precisamos.

As obras que iniciámos estão presentes na nossa luta. Não as abandonámos. Foi esforço que dispendemos. Está em nós. O progresso dirige-se a todos os quadrantes. É um foco de raios divergentes e envolventes que impregnam tudo.

Cada planeta tem seu mundo espiritual. A evolução é comum. É um vaivém subordinado a ritmo perfeito. Os que aí vão levam conhecimento e vontade. Os que vêm trazem experiência. A evolução não é foguete que sobe e desaparece. É magnetismo que se exerce integralmente. É vibração contínua que não conhece tempo nem espaço. Dirige-se ao passado e ao porvir. Os actos projectam a sua imagem no presente e ligam-se ao futuro. É difícil de compreender. É preciso raciocinar.

Neste capítulo há coisas que poderiam ser desenvolvidas com proveito para a obra. Seria dissecar um campo misterioso. Arrancando-lhe as plantas exóticas e cultivando as outras, formaríamos um corpo harmonioso.

Voltaremos ao assunto, em análise profunda e serena. O nosso desejo é fazer luz na penumbra. Iremos até onde pudermos, de harmonia com a vossa linguagem e no limite dos nossos conhecimentos.

Às vezes impetrais auxílios que vos são enviados, mas que não recebeis. Fechais as portas à correspondência e o correio devolve as notícias. Não está certo. Quem necessita e pede, coloque-se em condições de receber. Recebemos os vossos pensamentos, podereis também receber os nossos.

O vaivém das ideias alimenta a chama dos dois mundos. Num lado e noutro há interesse de intercâmbio. A cúpula nada é sem o alicerce. Da base é que depende a solidez do edifício. E se os dois campos se conjugam, há-de haver ligação estreita, há-de haver unidade.

Isto é raciocinar, é indagar. A base lá está. E a cúpula também. É a lei. Nela tudo foi previsto. É perfeita em tudo. É amor e justiça. Neles devia assentar a boa lógica.

Quando se fala num mundo, fala-se no outro. Estão ligados... Têm facetas comuns... Que admira que vivamos neles, sem perigo de atraso? Quando somos impelidos, há uma causa. Obedecemos a um poder mais alto. Procuramos um lugar ou um lugar nos procura. Não podemos viver deslocados.

Vêde se não há verdade nestas palavras. Ninguém sabe ao certo a missão que desempenha. Andamos ao sabor de forças ocultas e ignoradas. Às vezes sentimos vagamente o impulso que nos faz estremecer e os olhos curiosos nada vêem além da sombra. Necessitávamos de outros olhos. É o anseio das almas. Querem conhecer o desconhecido. Querem dirigir-se ao Apex.

E neste desejo intenso vive a população dos dois mundos. Trocam as posições e o mesmo anseio os empolga. O mesmo problema os tortura. Ir mais além, ver o que está atrás da névoa, não para satisfazer curiosidade, mas para cumprir a lei em seus artigos e parágrafos. É caminho obrigatório a que ninguém poderá fugir.

Transcreve-se o Capítulo

"ÂNSIA DE CONHECIMENTO"

O SENTIDO ESPIRITUALISTA DA VIDA

por LEOPOLDO MACHADO
Correspondente em Nova-Iguaçú

I

Antes e depois do Cristo, houve abnegados e luminosos missionários do alto serviço da Espiritualização da Vida, aos quais a humanidade ficou devendo lições e exemplos magníficos. Exemplos e lições que, se observados, a Terra já não seria este «vale de lágrimas», como lhe chamam as religiões e a humanidade, por haver-se acostumado a procurar o Reino de Deus e a Sua Justiça, tudo o mais, inclusive a saúde e o bem-estar, já teriam conquistado...

Dentre esses missionários da Era do Cristo, Francisco de Assis brilha como estrela de primeira grandeza!

Era um dia um jovem rico estroina, amigo de ceiatas e de bebedeiras, filho de um grande negociante da Umbria. Tinha pouca instrução e muito talento. Sonhava com guerras e conquistas que o levassem a armar-se cavaleiro. Mas, sem o saber e sem o sentir, era vidente, médium ou meténgico. Ouvia vozes, como Joana D'Arc. E suas vozes teriam que alterar-lhe o curso da Vida...

Nascido no faústo, teria de deixar, como Buda, o luxo do próprio lar pela humildade de uma vida simples. E, como Platão, teria de, após o banquete, abandonar tudo e todos para procurar a noiva querida: D. Pobreza, a mais linda e a mais pura de todas as mulheres. «Vou, sim, casar-me — diz aos amigos de quem fugira antes de terminado o banquete — Vou casar-me com mulher pura e amável como nunca se viu. Seu nome é D. Pobreza». E de tal maneira desposou a ilustre e modesta dama que, ao morrer, como o mitológico Anteu, quis exalar o último suspiro no regaço da mãe comum, na Terra dura e fria, longe de «todas as *coisas más da Vida:* os bens, a fortuna, o dinheiro... Sua extrema dedicação à esposa querida levara-o a inimizar-se com o pai, por haver esbanjado bens paternos com os pobres, os miseráveis. O pai chama-o ao tribunal como ladrão, e o acusa desapiedadamente, e pede aos juizes severíssimos que condenem o filho ingrato e mau...

— Sua defesa, Francisco? — perguntou ao acusado.

Sem proferir uma palavra, despe as roupas de veludo caro e vai, com algumas moedas que ainda lhe sobraram, depô-las aos pés do pai, diante do tribunal repletíssimo, todos curiosos de observarem cena tão original, qual a de um pai chamar seu filho ao tribunal como ladrão. Foi aí que o bispo D. Quido atravessou pelo meio do povo e foi cobrir a nudez de Francisco com a própria capa, comprometendo-se com o pai do acusado a indemnizá-lo do dinheiro delapidado. E Francisco, para toda a gente ouvir:

— Até agora, chamei Pedro Bernardone a meu pai. Agora, só chamarei pai ao «Pai Nosso que está no Céu...

As primeiras vozes que ouvira, e suas visões primeiras, opunham-se a que fosse à guerra, à cata de vitórias guerreiras.

Desobedeceu e foi.

Adoeceu em Spoleto.

Aí, volta a ouvir as mesmas vozes, que lhe disseram: Não compreendeste bem as aparições de Assis. Volta para a tua cidade natal. Aí, ser-te-á conhecido o que deves fazer.

Ele voltou.

O que devia fazer era completamente diferente do que desejava, por consagrar-se aos infelizes e sofredores. Era distribuir consolações e benefícios a necessitados. Era pugnar pela espiritualização de todos os seres, de todas as coisas, donde sair a chamar animais e coisas de irmãozinhos menores.

Talvez não fosse esta a sua inclinação natural:

O primeiro leproso que encontrou no caminho — que a lepra acabava de invadir a Europa, trazida da Ásia pelos cruzados — procurou evitá-lo, afastando, lépido, o cavalo dali. Sentiu, então, como que mão estranha e invisível estancar, pela rédea, o animal, e fazê-lo voltar ao leproso que evitara tão desumanamente. E pede desculpa ao leproso! E beija-lhe, os olhos em lágrimas de arrependimento, a mão descarnada e purulenta. E passa a frequentar o leprosário de S. Lázaro, a que ia diàriamente, orar com os enfermos, confortá-los, alegrá-los. Quando chegava, com ele chegava o Elixir da Alegria. E foi aí, e foi de lábios carcomidos pela terrível enfermidade, que ouviu, ainda em vida, lhe chamarem S. Francisco de Assis!

PIO IX ESPIRITA?

por DJALMA FARIAS

O título deste artigo escandalizará e surpreenderá muitos dos nossos caros leitores, pois, é, certamente, difícil de crer que o papa Pio IX aceitasse as crenças espiritas, fosse partidário sincero da comunicação com os espíritos. Por certo, os sacerdotes e muitos católicos extranharão o assunto desta crónica e não se convencerão jamais de que aquele papa tenha tido as suas simpatias pelo Espiritismo. Esquecem-se de que, na verdade, há muitos ministros da Igreja e grande número de adeptos do catolicismo que nutrem, uns intimamente, outros ostensivamente, as mais sinceras simpatias pelo Espiritismo. Por isso não o cambatem e são defensores da liberdade de consciência e de crença. Aliás, devemos observar que não temos grande interesse na divulgação desta crónica. Publicamo-la apenas a título de curiosidade.

Segundo lemos no conceituado periódico «Psychic News», de Londres, de Maio de 1933, o papa Pio IX, que tantos serviços prestou à Igreja, confabulava com os espíritos, através da mediunidade de sua irmã.

Assim o conta o famoso médium americano Loe F. Elmore, cujas «Memórias» foram publicadas pelo «National Spiritualist», de Chicago.

«Quando estive em Melbourne — diz ele — obtive a amizade de uma inglesa católica, a senhora Cecília Cokburn Campbell, que, havia pouco, se dedicava ao Espiritismo. Foi ela que me deu uma carta de recomendação para o director do Colégio Irlandês, de Roma, quando visitei a Itália, o qual, por sua vez, me proporcionou uma audiência com Pio IX.

«Todos os católicos tinham conhecimento de que Sua Santidade acreditava nas comunicações entre os vivos e os chamados mortos.

«Ao chegar a Roma, apresentei a carta de recomendação e o padre O'Reardon recebeu-me gentilmente. Falámos de Espiritismo; visto a carta me recomendar como pregador espirita: e quando ia retirar-me, disse-me que dois dias depois receberia uma carta do secretário do Papa a convidar-me para ir ao Vaticano. Primeiro, seria entrevistado pelo secretário e depois ser-me-ia marcado o dia e a hora em que o Papa me receberia. Entregaram-me o convite no hotel e no dia seguinte fui convidado a visitar o secretário do Papa, que me recebeu muito cordialmente. Falámos de Espiritismo; e quando ele soube que eu não sabia italiano, disse-me que isso era mau, porque Sua Santidade apenas falava um pouco de francês, além da sua língua natal. E acrescentou:

«— Estou certo de que ele gostará de falar consigo, visto interessarem-lhe muito os fenómenos espiritas. Uma de suas irmãs é médium e comunica muitas vezes com os parentes e amigos falecidos.

«No dia seguinte, fui acolhido por um cardeal no salão nobre do Vaticano, cuja beleza e riqueza não poderei esquecer jamais. Após a audiência, os olhos de Pio IX brilhavam de contentamento, ao saber que eu era partidário da comunicação com os espíritos».

Eis aí, meus inteligentes leitores, o que nos foi narrado pelo senhor Loe F. Elmore, em suas famosas «Memórias». Ele não teria, certamente, nenhum interesse ou qualquer motivo para criar uma lenda em torno do respeitável papa que foi Pio IX, nem a pretensão de vangloriar-se por ter o papa revelado alguma simpatia pelas suas ideias.

Narrou, apenas, o ocorrido, como faria qualquer outra pessoa de carácter.

Dons supranormais lhe alteraram o rítmo da vida.

Não há, na verdade, missionários abnegados da espiritualização da Vida, que não sejam assistidos do Alto, que não tenham, em consequência mesmo de sua abnegação e renúncia, a assistência constante dos anjos, que são os Espíritos puros, seus guias espituais, seus anjos-da-guarda.

Por isso é que Francisco de Assis, como Abraão e Moisés, como Jacó e todos os profetas, como Zoroastro e todos os grandes missionários, ouviam vozes, tinham visões, eram impelidos por forças estranhas a fazer, para seu bem, o que não desejavam...

São, portanto, intermediários do Outro Mundo, que influem mais do que se pode pensar, sobre este mundo, como ensinam e demonstram as ciências psíquicas.

São os mortos a guiarem os vivos, como diria, emprestando sentido diferente à frase, Augusto Comte.

São derrames do Espirito do Senhor por toda a carne, levando moços e velhos, servos e filhos a terem sonhos e visões, a profectizerem, como se vê no Velho e no Novo Testamento...

Aprender a renunciar como os grandes missionários, à altura de um Paulo de Tarso e Francisco de Assis, de um Estevão ou Vicente de Paulo, é candidatar-se, sem dúvida nehuma, a instrumentos divinos da vontade de Deus sobre o mundo, por contribuir, em actos, exemplos e factos, para a mais rápida espiritualização da Vida!

APONTAMENTOS SOBRE O PERISPÍRITO

por ABDALLAH

Nota prévia — Em Janeiro de 1947, submetemos ao espírito que se oculta sob o pseudónimo de *Abdallah* uma série de questões sobre o «perispírito». Esta entidade revela-se à visão mediúnica como um árabe alto, de longa barba branca, magro, de aura extraordinàriamente viva e clara. Quando ditava os «apontamentos» que se seguem, passeava, de mãos atrás das costas; a sua voz era cava, profunda, lenta, e só se interrompia quando a senhora que escrevia não compreendia qualquer palavra ou não conseguia acompanhar o ritmo do ditado.

Seguem-se as perguntas formuladas e a cópia das lições desse mestre de tão complexo e profundo pensamento.

A. Ramos Pereira

— O que é o perispírito ? Qual a sua natureza?

Perispírito ou corpo fluídico, como vós chamais, é: — *uma massa semi-material de natureza física específica que podeis colocar entre os gases leves rarafeitos e um conglomerado de partículas electrónicas em equilíbrio estável.* Não conheceis, presentemente, nenhuma forma material que se assemelhe à massa perispiritual e, por isso, torna-se-me difícil mostrar-vos objectivamente qual a natureza química do perispírito. De um modo geral, poderei dizer-vos que se trata de uma substância proto-celular ou, melhor ainda, proto-molecular, em que as moléculas se encontram bastante difundidas, num estado similar das micelas de um coloide. Que moléculas constituem esta proto-matéria ? Não são moléculas além do último grupo conhecido da série estequiogenética, isto é, do grupo trans-urânico, mas, antes, de um grupo anterior ao primeiro da mesma série, isto é, as moléculas psico-somáticas têm uma estrutura semelhante à do hidrogénio (Naturalmente que me refiro ao perispírito em que se manifestam fulcros anímicos já evoluídos; nos perispíritos mais densos agregam-se outras moléculas mais pesadas, o que dá ao perispírito um aspecto físico pastoso).

— De que natureza é a relação entre o perispírito e corpo ?

— A relação é íntima e mais de natuerza funcional, que celular; por outras palavras, o perispírito une-se mais estreitamente às partes orgânicas superiormente diferenciadas; na parte geral é como um elemento dieléctrico, transmissor das linhas meio-Alma e Alma-meio.

Não; o facto da ligação ser íntima não diminui o papel do perispírito, pelo que acabo de dizer; ele como que é, dizei mesmo, é o factor fundamental da própria função orgânica, é o elemento coordenador do sistema nervoso periférico com o central.

Não podemos falar de ligação no sentido comum da palavra, isto é, de um paralelismo psico-perispiritual em termos como durante tempo se pensou na terra. Há paralelismo mas relativo, tal como há relativo paralelismo psico-fisiológico e isto, naturalmente, porque não podemos aplicar ao fulcro anímico conceito espacial a quatro dimensões. Há ligação, mas como sinónimo de linha dupla de influência que poderemos sintetizar em acção externa —— reacção interna ou anímica; —— acção interna —— reacção externa.

Se falássemos de ligação no sentido vulgar, cairíamos no absurdo metapsicológico de localização da Alma no perispírito e, pela identificação deste ao corpo físico, cairíamos no absurdo de uma localização fisiológica.

Esta ligação específica é afinal uma expressão da possibilidade de vibração simultânea de duas substâncias cujo fundo comum é energia; a ligação faz-se por transmissão de onda, isto é, a onda interna propaga-se indefinidamente pelo ambiente, pelo éter. Ela choca com todos os obstáculos que se lhe deparam, muito embora os possa atravessar, mas esse choque num obstáculo, mais próximo por natureza da natureza daquela onda, altera o equilíbrio da massa desse obstáculo, isto é, produz nela uma onda reflexa. Se a onda vier do exterior produz no perispírito (desde que a sua frequência de vibração esteja entre os limiares máximos e mínimos da capacidade vibratória deste), uma alteração do estado ou, o que é o mesmo, uma onda reflexo que se transmitirá harmónicamente ao complexo vibratório anímico.

Mas essa excitação interna só pode redundar em acção externa, dentro dos limiares vibratórios, não apenas do perispírito, como do corpo físico; por outras palavras, a excitação interna sofre uma redução à medida que se propaga ao perispírito e ao corpo.

— Há diferenciação no complexo perispiritual?

Há diferenciação psicossomática, mas diferenciação, *sui-generis*, isto é, nem simplesmente funcional, nem semelhante à do organismo. A diferenciação psicossomática revela-se nos aspectos da condensação da massa perispiritual; melhor: — as moléculas psicossomáticas não se encontram em todos os pontos no mesmo estado fisico, isto é, não há homogeneidade na condensação da massa. Geralmente, a região superior do psicossoma é aquela onde as moléculas se encontram mais distanciadas, muito embora vós possais supor o contrário através da materialização não total.

Pois bem; é devido a essa maior distância entre as moléculas do psicossoma que se podem fazer essas materializações e, naturalmente, porque havendo maior espaço entre essas moléculas, maior número de células ectoplásmicas se podem intercalar.

Pelo que disse deduz-se que *eu não afirmo nem aponto qualquer diferença de função entre quaisquer partes que possamos distinguir no perispírito !* (Devo anotar que me refiro ao espírito livre quando tácitamente não diga que viso o espírito encarnado).

— *Existem vários corpos espirituais ou um só?*

Há um só psicossoma. Aqueles que afirmam a existência de vários, são iludidos, na sua visão, pelos vários tipos de psicossomas. Isto é, se na medida da evolução espiritual se dá a da evolução perispiritual, logo, existirão tantos tipos psicossomáticos quantos os graus da evolução espiritual. Ora, se esta é uma linha contínua, não há, portanto, na acepção precisa do termo, tipos ou categorias; contudo, por um poder de abstração, é lícito definir vários pontos que se considerem capitais na evolução perispiritual e portanto como tipos psicossomáticos, com uma classificação. Não poderei afirmar que a minha seja a única, porquanto os degraus que a mim se afigurem fundamentais a outro parece-lo-ão menos. Eu distingo, ou melhor, posso distinguir os seguintes :

1.º — *Protoforma humana*, caracterizada por moléculas pesadas, por um aspecto físico denso; é o perispírito do psiquismo intermediário entre o homem e o animal.

2.º — *Psicossoma inferior*, em que se nota já uma descondensação das zonas superiores, mantendo-se porém o seu aspecto denso e pesado; é o psicossoma da maioria das raças primitivas e selvagens actuais como dos seres habitantes das regiões mais baixas do astral.

3.º — *Formas médias:* — *tipo A* — Com o aparecimento de um ovo áurico pouco dilatado e de tons escuros (cinzento, vermelho-escuro, azul-ferrete, roxo-escuro, etc.); — *tipo B* — o ovo áurico dilata-se, aparecendo duas regiões mais ou menos definidas e em que tons escuros alternam com cambiantes médios (vermelho mais claro, azul-marinho, violeta, etc.); — *tipo C* — o ovo áurico apresenta três camadas mais ou menos distintas, onde surgem, pouco profusos, matizes claros.

4.º — *Formas metanormais* — Isto é, formas psicossomáticas pouco vulgares na terra e surgindo mais em zonas elevadas do astral; — *tipo A (ético)* psicossoma do espírito que realizou valores morais sem que desenvolvesse faculdades intelectuais ou mesmo emotivas especiais; o seu ovo áurico é dilatado, abundando tons claros, especificadamente: rosa, verde-claro, azul, violeta-claro, amarelos; — *tipo B (estético)* — tipo de psicossoma daquele que, embora sentindo e realizando valores morais, se embrenhou no sentir do belo; o seu ovo áurico possui um poder vibratório especial, surgindo tons semelhantes aos anteriores, sendo por vezes difícil distingui-los ao primeiro exame; — *tipo C (místico puro)* — o psicossoma está muito rarefeito e o ovo áurico muito mais dilatado; os tons são mais uniformes, aparecendo no máximo dois ou três, combinados, embora em gradação; — *tipo D (Ego superior)* — desaparecimento quase total do psicossoma; ovo áurico de dimensões extraordinárias (predominando o branco, o azul, o rosa, o verde e o amarelo, mas em tons simples e sempre diluídos).

5.º — *Espírito puro* — espírito sem forma psicossomática, com aura sem limites visíveis.

— *Mas, sendo o perispírito de natureza energética, como se dá a sua desagregação ? Que sucederia se fizéssemos incidir nessa massa uma onda electromagnética da mais alta frequência ?*

— Desde que o perispírito é, como disse, constituído por uma protomatéria, isto é, por moléculas algo semelhantes às do hidrogénio, moléculas essas bastante distanciadas, ao choque de fortes correntes electromagnéticas emanadas do e pelo fulcro anímico, dá-se a desagregação, isto é, há moléculas que vão sendo repelidas, que vão perdendo a coesão que as mantinha ligadas umas às outras; naturalmente, então, são as moléculas das camadas externas as primeiras que serão repelidas (daí, alguns seres terrenos suporem que se trata de deixar um corpo definido; não, o que se dá é a desagregação lenta contínua e progressiva do psicossoma; não podemos falar em que essa desagregação produz adelgaçamento e sim maior distância entre as moléculas, dando um aspecto de maior fluidez).

Se uma carga eléctrica de alta tensão, chocando com um corpo físico, (portanto, com uma matéria bastante densa ou de evolução já descendente) não produz nesse corpo mais do que uma transformação (carbonização) libertando o fulcro anímico, é lógico concluir que uma corrente eléctrica de alta tensão, muito menor ou nenhum efeito poderá produzir num corpo de matéria mais evoluída em ascensão (perispírito). Mas suponhamos que em vez de corrente eléctrica se tratava de bombardeamento electrónico. Sabe o homem que a inclusão de um electrão num edifício atómico quebra-lhe o equilíbrio, o que se revela numa emanação espontânea de electrões (radio-actividade artificial) ou até a desintegração da matéria (que é a sua transformação em energia). Pois bem; raciocinemos: se a matéria psicossomática é de natureza que eu designei por protomaterial, colocando-a semelhante ao hidrogénio, ela aproximar-se-á naturalmente da própria natureza do meio de que nos servimos para produzir a desintegração; logo, o efeito físico é nulo. Mas voltemo-nos para o lado mais complexo dos efeitos psicológicos desse choque: o indivíduo que desencarna sob o efeito de um choque eléctrico é retirado violentamente do organismo, pois que imediatamente se quebra a ligação fluídica occipital. Tal desencarnação, tão brusca, produz no espírito uma sensação de queda, um sono profundo sem sonhos, porquanto o próprio perispírito sob esse choque como que aumenta de volume, porque, naturalmente, a adição de cargas eléctricas obriga as moléculas a distanciarem-se. Pois bem, é neste princípio que nós, astrais, nos baseamos para actuar sobre entidades astrais pouco evoluídas e a quem desejamos retirar do meio em que se encontram para doutrina: Lançamos sobre eles fortes correntes eléctricas que os adormecem sem que isso altere o seu estado espiritual ou psicossomático, e du-

RUMO CONHECIDO

Por REPER-SIAM

Nunca duvideis do nosso auxílio, nem da nossa presença junto de vós. É certo que muitas vezes vos afastais de tal modo, que a nossa acção resulta nula. Não é, porém, nossa a culpa. Por isso, uma vez mais repito: não vos queixeis de ninguém. Queixai-vos de vós próprios. Tudo se deve conquistar com trabalho e sacrifício. Ninguém alcançará a felicidade à custa dos outros. Para que um bem seja apreciado absolutamente é preciso que seja adquirido com esforço próprio. Só a satisfação do dever cumprido dará felicidade plena. Nunca os espíritos serão felizes, se tudo esperarem dos outros

Quem anda à espera de lenitivo exterior ficará sempre insatisfeito. Portanto, amigos, não deserteis do caminho que vos tenho apontado e que em momentos calmos tendes a consciência de ser o verdadeiro: o caminho do dever cumprido.

Sempre que possais, fazei-o com a palavra e com o exemplo. Mas como sereis bem sucedidos, se cairdes constantemente? Eis, porque vigiamos, eis porque aconselhamos calma, paciência e resignação. Embrenhai-vos mais nas coisas espirituais. Daí ao campo terreno o que vos compete, mas afastai-vos do lodaçal. Não é nos prazeres mundanos que subireis. Não é na competição de valores materiais que conseguireis aquele estádio de alma necessário ao bom desempenho da vossa missão. Será na renúncia, no trabalho e no amor ao semelhante que encontrareis as forças para o triunfo. E porque assim não fazeis, eis a causa de vossos fracassos, de vossos sofrimentos.

Pensai como quiserdes. De uma coisa queria convencer-vos. Ninguém avançará um passo na evolução espiritual, sem sacrifício, sem esforço. Viver à custa dos outros só se pode fazer na Terra. No campo espiritual só se eleva quem trabalha, quem produz, e se esse trabalho for em proveito do maior número. Assim sendo, amigo, não esmoreçais na luta. Trabalhai, esforçai-vos, porque tudo vos será contado.

É verdade que os que menos fazem são os que mais criticam. Não admira. Como nada fazem de útil, nalguma coisa hão-de empregar o tempo. Por isso se assiste a essa praga de críticos inúteis, sugadores do suor alheio que vivem e morrerão ignorando o que é a vida real, e séria que se gasta no cumprimento de dever.

Avante, pois, e voltai costas ao mal, para que o bem prolifere.

(Mensagem recebida por Maria Gonçalves Duarte Santos)

rante esse sono retiramo-los para regiões mais próprias.

Mas será possível a desintegração de um psicossoma ? Tanto quanto é possível a desintegração material, isto é, como transformação total em energia, ele dar-se-ia necessáriamente se um *ego* superior actuasse, sem camadas de matéria intermédia, sobre um psicossoma ou sobre um corpo físico.

— Que se passa no perispírito com a encarnação ?

Há um fenómeno típico a que podeis chamar *redução volumétrica* e que consiste na diminuição dos espaços inter-moleculares; esse fenómeno é mecânico ou automático com a ligação do espírito encarnante no feto.

A redução perispiritual não tem influência no esquecimento referido, porquanto, se a houvesse, ela desaparececia naturalmente com a progressiva readaptação. A causa principal do esquecimento está em que a memória é um aspecto psicológico e o espírito não estando no estado livre domina um organismo novo, de modo que lhe transmite apenas aquilo que nele são linhas gerais, hábito e tendências simples.

— Como surge o perispírito na evolução da Vida ?

O psicossoma surge por fragmentação na onda da vida em fulcros particulares, ao contacto com a matéria, isto é, com esse contacto, a parte da onda da vida cria uma espécie de linhas de menor resistência, origem do psicossoma, portanto ele está directamente ligado ao fulcro anímico ainda que sofrendo os efeitos da evolução orgânica. Logo o psicossoma persiste com o fulcro e existem tantos tipos na evolução das espécies quantos os tipos particulares de psiquismo que podereis definir.

SONO E SONHO

pelo Coronel FAURE DA ROSA

II

INFLUÊNCIA MAGNÉTICA

Que é o Sono? Todos os seres, seja qual for o reino a que pertençam, estão sujeitos à sua acção benéfica e reparadora; mas nós ignoramos porque mecanismo e poderosa natureza faz curvar o mundo inteiro, e, certamente, todos os mundos, à sua lei. Da mesma maneira ignoramos a razão porque o sono é benéfico, a razão porque o sono dá repouso.

Michel Sage explica que, quando o corpo, máquina produtora de fluido magnético, obstruído por resíduos ou por outra causa qualquer, cessa de funcionar normalmente; quando o rendimento fluídico já não é o que deveria ser, nem em quantidade, nem em qualidade, a alma deixa, voluntàriamente, de agir no mundo físico, retira-se, parcialmente, em si mesma (afastamento do perispírito) e o homem dorme. Sage dá, então, a sua opinião pessoal: o sono, sob o ponto de vista psicológico — diz ele — é um fenómeno da vontade: o homem vela quando a alma quere agir no mundo físico e dorme quando a alma se desinteressa desse mesmo mundo físico.

Mas... pergunta-se: Porque é que a alma quer? Porque é que a alma se desinteressa? A que influência obedece, para umas vezes ser activa, outras vezes passiva? Porque se submete a vontade à força imperativa do sono? Estará a causa na influência magnética a que Sage alude?

Se é, como eu suponho, talvez a teoria de Miguel Rosen complete a de Sage.

Diz Rosen que a Terra tem o seu magnetismo, e isto toda a gente sabe; uma corrente magnética percorre-a de lés a lés. Os polos exercem a sua acção na agulha magnetizada da bússola com a qual se guiam o marinheiro e o aviador, e assim se prova a existência *real* dessa corrente em qualquer sítio, em toda a parte. Tudo isto é universalmente conhecido e certificado, sem contradição possível.

Mas a acção magnética da Terra não se limita só a isso: exerce-se em toda a natureza; não da mesma maneira que na bússola, de certo, porque difere e varia até ao infinito nos seres organizados, segundo as raças e as espécies. Nestes seres organizados, à semelhança do que acontece com o fluido magnético individual, que provoca o sono artificial, o magnetismo da Terra engendra o sono natural, tão irresistível como o outro, com esta diferença: o sono natural — devido à perfeição própria a todas as leis da criação — manifesta-se com tal facilidade, que a sua acção é imperceptível e, portanto, ignorada, como ignoradas ficam tantas outras coisas de que não podemos fazer nenhuma ideia.

O facto não deixa, por isso, de existir. Poderão negá-lo, como negam a Divindade, a existência da alma, todas as grandes leis espirituais que constituem os fundamentos essenciais da criação. Por esta teoria, o magnetismo terrestre provoca o sono natural, como o magnetismo individual provoca o sono artificial. De facto, se admitimos que o magnetismo individual — e já raros o negam — é a causa do sono artificial, porque não havemos de aceitar que o magnetismo terrestre — esparso por toda a parte — provoque o sono natural?

Todos nós sabemos que o descanso obtido por nos estendermos sem dormir, é muito inferior ao repouso que resulta de um bom sono. Todos sabem que nós somos constituídos por uma dualidade de corpos: o carnal e o espiritual. O afastamento do perispírito do corpo físico, permite o repouso completo de todos os seus órgãos. Enquanto o espírito está presente, o sono não pode produzir-se. Um corpo depende do outro: há acção e reacção mútuas. E isto não diz respeito sòmente aos homens: abrange todos os seres organizados, qualquer que seja o reino a que pertençam.

ANALOGIAS

Michel Rosen, para maior clareza da sua teoria, faz a comparação com duas das des-

cobertas humanas: a máquina a vapor e a máquina eléctrica. Também estas máquinas precisam de dualidade semelhante: o elemento motor e o mecanismo posto em movimento por aquele elemento, combinado segundo o género de trabalho a executar.

O elemento motor só serve para animar a máquina; fá-la trabalhar, sim; mas não é ele que executa o trabalho. Basta a sua presença, causa indirecta, mas não imediata, do movimento dos órgãos da máquina. Um é solidário do outro: sem a força motriz, a máquina não se mexeria, e se não fosse a combinação dos seus órgãos, a força nada produziria.

Por conseguinte, desde que o princípio animador esteja em presença do aparelho, este entra em actividade. Para conseguir que ele repouse é preciso afastar a causa do movimento. Quanto maior for o afastamento, maior será o repouso, e, suprimida a causa cessa o movimento de todo.

Todos os seres organizados que produzem movimento, necessitam de uma dualidade: a força motora e o motor. A presença da força motriz (o espírito) põe o motor (o corpo) em actividade; e esta actividade será maior ou menor, conforme o trabalho a desempenhar. Necessàriamente, quanto mais esta força actuar no motor, mais ele trabalha; mas, depressa acabaria por se inutilizar se não repousasse. O único meio, quer de diminuir o seu trabalho, quer de lhe dar repouso completo, é retirar parcialmente ou completamente a causa motriz. É o que se produz durante o nosso sono: Quanto mais profundo, mais reparador: quanto mais agitado for, menor será o repouso. E isto, porque, no primeiro caso, o princípio animador (o espírito) graças ao sono profundo, pode afastar-se mais, sem se retirar de todo, é claro, porque tal retirada ocasionaria a morte. Esse afastamento dá aos nossos orgãos o repouso completo..

No segundo caso, por virtude da nossa agitação, o desprendimento espiritual é apenas parcial; e, assim, os nossos orgãos, tendo desfrutado um repouso incompleto. dão-nos uma sensação de cansaço, ao acordar.

E como todos os seres de todos os reinos orgânicos são animados de um princípio vital que faz funcionar os seus orgãos como em nós, ràpidamente se arruinariam se não dormissem, se esse princípio se não afastasse pelo tempo necessário para deixar repousar a sua constituição. As árvores, as flores, todas as plantas, dormem tão bem como os animais, como nós mesmos, o que é mais uma prova da existência de um princípio espiritual embrionário, tanto no reino vegetal como nos outros.

É, assim, que Michel Rosen descreve a causa do repouso que o sono produz. Quanto mais se afasta o princípio activo, mais o instrumento repousa. Quanto mais elevada for a essência desse princípio activo, mais imediata é a sua acção.

E volta à exemplificação das máquinas para nos fazer compreender que a actividade é mais ou menos imediata consoante a qualidade do princípio animador. Com efeito, para o vapor, decorre certo tempo antes que ele possa engendrar o movimento : a água necessita de ferver para fabricar a quantidade de vapor capaz de produzir movimento. Pelo contrário, com a electricidade, de essência incomparàvelmente mais subtil, a acção é *imediata:* basta pôr o aparelho em comunicação com a corrente, que está sempre pronta para a acção. Além disto, um outro facto há a considerar: quanto mais elevada e subtil for a causa animadora, menos ela deteriora o aparelho e menos complicação exige, também; quanto mais longe levarmos o confronto connosco da natureza organizada, mais fàcilmente compreenderemos esta asserção.

A máquina a vapor deteriora-se mais depressa do que a máquina eléctrica, e, além disso, é mais complicada. Esta deterioração provém das alternativas de dilatação pelo calor e de contracção pelo frio. A estas duas causas, há que acrescentar a da temperatura elevada em que é preciso manter o aparelho para produzir trabalho. Na máquina eléctrica, trabalhando sempre à mesma temperatura, essas três causas de deterioração não existem. O seu trabalho, exercido por atracção e repulsão, é mais regular, mais constante, e mais limpo também. Acresce ainda que a máquina eléctrica é menos estorvante e, em consequência da simplicidade do modo de acção, muito menos complicada. Ora, todas estas vantagens se encontram nas criações da natureza, onde o grau de perfeição depende do grau do princípio animador.

Apliquemos ao homem o que acabamos de dizer relativàmente às nossas máquinas, onde vimos que aquelas que são movidas pela electricidade, se conservam melhor do que as que são acionadas pelo vapor. O mesmo acontece connosco. Quanto mais elevado for o espírito encarnado, melhor se conserva o seu corpo. Vemos, por vezes, indivíduos possuidores de inteligência de escol, conservarem até ao fim da vida terrena as suas preciosas faculdades

de espírito; ao passo que outros, apesar de muito mais jovens, as têm já deterioradas, envelhecidas, quase improdutivas ou de má produção.

Também, agora, podemos compreender porque é que os produtos do reino vegetal necessitam dormir. Nós imaginamo-los inactivos porque eles não se deslocam. Erro profundo. Os produtos vegetais também possuem um princípio que lhes dá a vida, que faz trabalhar a sua constituição.

Esse princípio, como a electricidade das nossas máquinas, posto em presença do organismo, *imediatamente* o faz entrar em acção. O mesmo acontece a todos os produtos animados, desde os mais inferiores até ao homem. E esta acção imediata do espírito, permite-nos, desde o primeiro momento do nosso despertar, após o sono, fazer funcionar os nossos órgãos. Basta a sua presença. Efectivamente, a vista, o ouvido, o tacto, todos os nossos sentidos, enfim, estão prontos a agir.

Também o sono, libertando o elemento espiritual, é necessário a todos os seres, e só essa libertação permite o repouso da sua constituição. A Natureza, como complemento, dá-lhe a noite, a obscuridade.

A noite a obscuridade convidam-nos a suspender o trabalho, a entregar-nos ao benéfico sono. No magnetismo artificial também assim sucede; para o obter, o paciente deve conservar-se tranquilo, sem o que nada se consegue. É mais uma anologia entre os dois magnetismos.

O PODER DO ESPÍRITO

A alma, no sono, nada perde do seu poder, em muitos casos poderia até afirmar-se que ganha. Um trabalho intelectual que intensamente nos preocupou durante a vigília, sem que pudessemos chegar ao fim, muitas vezes é concluído, durante o sono, divinamente bem. No dia seguinte, ao acordarmos, acode-nos ao espírito o que durante o sono fora elaborado; e, então, perguntamos a nós mesmos quem, sem nós sabermos, poderia fazer, com tanta facilidade, aquilo que nos parecia tão difícil. Se a alma não fosse mais que um produto do corpo carnal, o sono não poderia ser senão afrouxamento ou interrupção de funcionamento da alma, e, neste caso, não se explicariam não só as criações do génio, mas também qualquer trabalho feito durante o sono.

Voltaire declarou ter concebido, uma noite, num sono, um canto completo de *A Henriade*.

La Fontaine compôs, a sonhar, a fábula dos *Dois Pombos*.

O poeta inglês, Coleridge um dia adormeceu a ler, e, ao acordar, lembrou-se de ter feito, a dormir, duzentos versos, que escreveu sem interrupção. Compositores como Bach e Tartini, ouviram durante o sono, a execução de sonatas e assim que acordavam escreviam-nas de memória.

Em todos os casos, a actividade intelectual e o poder de trabalho parecem maiores no sono do que na vigília.

Às vezes, a alma comunica, por meio do sonho, com outras pessoas vivas ou desencarnadas e delas recebe indicações e avisos.

O jornal francês *Matin*, publicava o seguinte telegrama de Messina, em 5 de Janeiro de 1909, por ocasião do célebre terramoto.

«Ainda hoje se retiraram muitas pessoas vivas dos escombros. E a propósito merece ser registado o seguinte impressionante caso que se deu esta manhã. Um moço marinheiro do couraçado *Regina-Helena* estava noivo de uma rapariga que ficara sepultada nas ruínas de uma casa. Tendo obtido autorização para, com alguns camaradas, procurar salvar a noiva e outras pessoas tragadas pela derrocada, o marinheiro debalde trabalhou, com afinco, durante 4 dias. Hoje, cheio de desespero e exausto, adormeceu. De repente, sonha com a noiva a quem ouvia dizer: «Estou viva. Acode-me! Salva-me!» Logo que acordou pediu instantemente aos camaradas que o ajudassem mais uma vez, seria a última. Os seus esforços foram milagrosamente coroados do melhor êxito, porque, horas depois, o marinheiro encontrou a jovem viva a qual declarou que um sono profundo se apoderara dela imediatamente a seguir à catástrofe e que algumas horas antes do seu salvamento, sonhara que falava com o noivo.

(Continua)

"DOIS MUNDOS"

Desta obra, que se encontra no prelo, continuamos a receber pedidos de várias partes do império, alguns deles por via aérea.

Façam os seus pedidos a esta redacção.

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

Amigo Guedes de Amorim

Li a sua «Cidade e o Sonho» e fiquei sem saber onde neste livro, acaba o «real» e principia o «imaginado». Senti que o contista se esfumava para ficarem apenas — vivas, ora sonhadoras, ora prosaicas mas sempre perfeitamente *vivas* (e porque não vividas ?) — as figuras que você, com o gosto requintado de um coleccionador de estampas policrómicas, detalhou da «revista» da vida do monstro citadino.

A «Cidade» está nas páginas que escreveu, estua nas veias das figuras que fez subir à ribalta; o «Sonhos» está em você, Guedes de Amorim, na cavalgada de imagens que os seus olhos arremessaram ao espírito para voltarem mais nuas dos falsos ouropeis da arte pensada e rebuscada e, por isso, mais prenhes de Vida real e Arte verdadeira.

Você «viu» e o que eu mais lhe admirei foi o modo de numa curta pincelada fazer palpitar a «alma» onde parecia que apenas iria ficar «forma».

Retalhos da vida quotidiana, mas retalhos que, embora encarcerados nas páginas brancas-negras do seu livro, conservam ainda o vivo das cores que tinham no momente em que você os cortou. É isto — Guedes de Amorim — é mesmo isto o que fez: — mostrou à Vida que se julga escondida por detrás das fachadas anódinas desta Lisboa que há olhos que vêem os seus claros-escuros e ouvidos para ouvirem as suas lágrimas e os seus risos, os berros da carne e os queixumes do espírito.

O seu livro, meu Amigo, deu-me a sensação de uma janela aberta onde me debrucei para ver passar... Fechada a janela, fiquei com pena de o cortejo ter caminhado tão depressa, talvez por ter visto mesmo muitos conhecidos: — aquela Antonieta que fugiu de casa para não ver o chapéu do pai dependurado no prego do calendário... a rapariga que leva pequenos «alugados» para as sessões de cinema... as vizinhas... o poeta... tanta gente daqui, de ao pé da porta ! Ana Maria ? Passeia agora com um balofo, suado e rotundo comerciante da «nossa praça»... já muito «maduro» que lhe paga a ilusão do que ela dá a um bonifrate com quem dançou há dias no Estoril. Já não vive com os pais, cansada de ver as lágrimas da mãe e de pagar as contas do padeiro com o dinheiro metido na malinha, à surrelfa, depois de uma noite de «flirt»... com um caçador de ilusões rápidas mas fortes.

Obrigado, pois, Guedes de Amorim, por me ter trazido diante da janela tantas figuras, umas entrevistas num passado há muito atirado para o baú das coisas velhas, outras com quem frequentemente cruzo nas ruas do meu bairro.

Foi assim que senti o «seu» livro, meu Amigo, e, por isso, o abraço fraternalmente.

ALMAS LIBERTAS — por *Damasceno Sobral*. Divinópolis, 1949.

«A poesia tomou nestes últimos vinte anos tão imprevisíveis proporções, estendeu o seu domínio até tão ignotos mundos, revelou-se sob aspectos tão dificilmente coordenáveis com qualquer tradição — que não devemos espantar-nos por ela dar aos homens sonolentos (e são a maior parte !), a impressão duma Arte de Agonia» — disse Casais Monteiro.

A nova poesia quebrou os grilhões da forma clássica; quiz buscar uma nova forma, mais plástica, menos convencional e sufocante onde ideia-sentir pudesse ecoar mais fundo e mais longe. O facto de ela virar as costas ao cânon do passado não é significado de que ela possa existir sem forma, e sem uma forma específica. Uma poesia sem forma não teria comunicabilidade. Mas não bastará dispor palavras em linhas assimétricas para que daí resulte poesia. A forma não pode ser apenas... gráfica. Há-de se ouvir *sempre* um eco rítmico, há-de-se ouvir sempre uma onda, ora alta e bramadora como o uivo da tormenta, ora lenta, longa e leve como a carícia dum respiro de criança adormecida. Os versos têm de ser *sempre* a transposição para o espaço das palavras-símbolos dum cântico que se formou em um ponto qualquer e que entrou pela janela escancarada do sentir do Poeta. Pode a Poesia ser a atracção para o abismo olhado dum ponto que paira por sobre o «sem fundo e sem limites», no «sem suporte» de Sá Carneiro, toda a maravilhosa pujança do desfazer das barreiras entre «eu» e «não-eu»; pode ser o «sentir pensando» de Fernando Pessoa, a recristalização do lírico em Almada Negreiros, a musicalidade abstracta de Camilo Pessanha, a plasticidade da parte com a realização completa no todo em António Boto, a análise agudíssima de Mário de Saa, o dramatismo do real em José Régio, a procura «sempre e sem fim» de Casais Monteiro.

A Poesia tem de ser *sempre* a expressão de uma *presença* através do ritmismo de um cântico de alma.

Não basta a aspiração idealista de um mundo melhor, não basta a vontade de comunicar aos outros o que os olhos do espírito, sôfrego de espiritualidade, vêem do mundo efémero como tudo que é material; não basta pressentir a finalidade da Arte. É preciso sentir o valor estético, rasgar a alma num imenso boqueirão por onde possam entrar as vozes da Vida e, depois, criar uma *forma* por onde se ouça o que essas vozes deixaram nos ecos que se formaram. Não basta *dizer* em frases curtas, aos arrancos; é preciso *cantar*.

Damasceno Sobral pressentiu o poético e abriu-nos a alma, mas os seus poemetos saem quase

sempre como aves sem asas para voar nos azuis do verdadeiro cântico. Os poetas nascem e não se fazem à custa de boas intenções.

Damasceno Sobral, neste seu livro, salvo num ou noutro poemeto, não consegue, a nosso ver, pisar decididamente o limiar do templo da Poesia. Há em «Almas libertas» muito de pensamento cristão-espirita, muita ânsia de regeneração, um grande desejo de fuga, mas... pouca Poesia.

UMBANDA EM JULGAMENTO — por *Alfredo d'Alcântara*. Ed. Mundo Espirita. Rio, 1950.

Sendo pela forma um trabalho de investigação, é, por essência e finalidade, uma obra de defesa da pureza dos princípios do Espiritismo.

O «culto» de Umbanda, onde sobre o travejamento das informes religiões africanas bantús se assentaram linhas católicas e dos oradores de Tupã, vem aliciando adeptos pelas terras brasílicas, não já apenas entre os descendentes dos escravos negros que vivem nos «morros» e «favelas»: — as classes mais cultas começaram a frequentar os «terreiros». Desenha-se a tendência para criar uma filosofia «umbandista», de nítido recorte «espirita», procurando-se, para tal, ir buscar as origens da seita à Índia !... É fácil argumentar pela existência dum exotismo negro, mas ter-se-à de fazer um grande esforço de imaginação para considerá-lo ligado ao esoterismo dos árias hindus, e ligado como veículo de transmissão de linhas de efeitos. Os drávidas (negros), habitantes orientais do primitivo continente hindu-malgache, foram subjugados pelos árias vindos do norte. Mas como puderam estes estar em contacto com as tribos da costa oriental africana donde sairam os principais contingentes de escravos para o Brasil, que viu nascer e desenvolver-se o culto da Umbanda ?

Tem a Umbanda pontos de contacto como o Espiritismo ? Tantos como inúmeros cultos, desde os mais primitivos aos mais elaborados, porque todos eles são mostras da existência de um «animismo» universal (animismo-crença da existência de espíritos e na possibilidade da sua comunicação).

A obra em epígrafe é uma admirável achega para o esforço de manter separados os campos das ideias, para a defesa da pureza doutrinária e teórica do Espiritismo. Poderão basear-se sobre o fenómeno metapsicológico inúmeros edifícios de ideias; nem por isso o Espiritismo deixará de ser uma construção específica, um todo distinto.

Alfredo d'Alcântara faz um valioso ensaio histórico, ao mesmo tempo que, numa forma colorida, nos dá imagens do estranho culto umbandista. Lendo-o, parece-nos voltar a ver a «coladeira» com que os «crioulos» cabo-verdeanos festejam os santos populares, numa mistura de arraial português e batuque africano e onde acaba por se fazer ouvir a sensualidade do sangue negro.

Este livro, com o «Africanismo e Espiritismo» de Deolindo Amorim, coloca o problema umbandista no seu verdadeiro pé perante a ideologia kardecista. No nosso critério, o Autor escreveu uma boa obra, não só pelo estilo e argumentação como pelos fins que a nortearam.

CIÊNCIA METAPSÍQUICA — por *Carlos Imbassahy*. Edição Mundo Espirita. Rio 1949.

O autor é um daqueles poucos escritores espiritas hodiernos que consegue libertar-se do lugar-comum, do «repizado», da repetição do que já foi dito pelos construtores da ideologia. Por isso as suas obras revelam uma característica pessoal na construção, não só pelo estilo másculo, bem rendilhado e com loiros duma ironia aguda e fina, mas também pelo ângulo específico em que o pensamento se coloca para delineamento do edifício analítico.

Neste livro, o Autor desse monumento de defesa e crítica que é «O Caso de Humberto de Campos» coloca-se, isento de «parti-pris», perante o «metapsiquismo» doutrinário e desfibra as suas afirmações mediante uma argumentação sólida, perfeita e contundente. Os exemplos que escolheu para patentear a fraqueza dos detratores e adversários do Espiritismo traduzem, a par de uma vasta cultura, um conhecimento profundo da sintomatologia do fenómeno. Lendo-o, lembrámos a directriz que Delanne e Bozzano imprimiam às suas obras de exposição ou defesa.

Carlos Imbassahy rebate as teorias criptestésica, do subconsciente, da sugestão, da fraude, etc., ao mesmo tempo que prova a universalidade do fenómeno espirita (universalidade espacial e temporal) e equaciona e resolve o problema da posição deste no campo da psiquiatria. Obras assim trazem na estrutura o cunho daquelas que «duram», daquelas que se não dirigem para a satisfação duma idiossincrasia momentânea, mas para os pensadores de todas as épocas e latitudes.

Carlos Imbassahy, felizmente, ainda é daqueles para quem o estudo e o «pensar» são necessários ao Espiritismo, para quem «sentir» é um corolário e não uma permissa.

Nós temos vindo notando a abundância de livros que colocamos no grupo de... «literatura espírita de cordel»... A par destes vem outra avalanche onde se grita em todos os tons o que Kardec disse, mas sem que possamos distinguir nesses tons a mais singela e descolorida nota pessoal. É o que chamamos «literatura de papagaios»... Parece haver a preocupação de escrever, mas de escrever qualquer ocisa... para se ter satisfeita a estulta vaidade de ver o próprio nome impresso. E confrange ter que ler nas entradas desses cadernos cosidos apresentações louvaminheiras assinadas por «nomes que deveriam ter a coragem de recusar o facto. É levar longe de mais a apregoada caridade cristã, porque esta não se coaduna com a mentira. Por isso, quando no desempenho da minha ingrata missão de anotador acabo de ler esses livros e tenho de passar ao papel os comentários que a leitura sugeriu, desabafo numa catilinária que depois rasgo e deito para o cesto dos papeis... juntamente com o livro que lhe deu azo.

Eis porque uma obra como a presente de Carlos Imbassahy nos consola e nos merece o incondicional encómio de que tão avaros somos. Eis porque vamos até a aconselhar a sua leitura e meditação aos espiritas portugueses e brasileiros de todas as classes intelectuais, porque a obra não tem aquela pesada e farfalhuda erudição com que tantas vezes se esconde a... escassez franciscana de ideias próprias.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA CLARIVIDENTE DE OITO ANOS

O *Psychic News* de 22-12-945 publicou um artigo assaz curioso acerca de Christine Hunter, uma pequena clarividente de oito anos de idade, natural de Falin, em Stirlingshire, região montanhosa da Escócia. Desde muito nova que começou a fazer previsões a respeito da guerra mundial, falecimentos e doenças de familiares, usando palavras cujo significado desconhece.

Sua mãe, a sr.ª J. H. Hunter, esposa de um electricista de minas, escreveu a este jornal, descrevendo as notáveis faculdades da filha e logo um correspondente saíu de Edimburgo para investigar o interessante caso.

Eis o que a sr.ª Hunter escreveu:

«Tenho uma filha que me deu previsões exactas sobre a guerra. Predisse com rigor a entrada da América e da Rússia. Em 1944, disse que a guerra terminaria na primavera de 1945 e que estivéssemos atentos ao mês de Agosto seguinte, pois algo sucederia no Japão. Em 12 deste mês disse que a paz seria declarada dois dias depois».

Faltava saber se a garota fazia as previsões antes da eclosão dos acontecimentos. Pelas revelações da sr.ª Hunter, o correspondente soube que Christine previa com irregularidade. Às vezes, com intervalo de 5 meses, e por isso não registou qualquer acontecimento confirmado pelos factos. Contudo, houve um incidente dramático que demonstrou bem as faculdades da pequena. Uma senhora que vivia a pouca distância estava gravemente doente e a garota dizia que não chegaria ao Natal. Um vizinho que viera observar as faculdades de Christine disse que lhe parecia que a doente ainda viveria mais algumas semanas. Então a garota assegurou à mãe que a tal senhora estava a amamentar um bébé. Christine nunca tinha visto a doente, mas o vizinho disse que ela fôra em tempos ama e que, agora, delirava, julgando ter junto de si uma criança. A pequena clarividente continuou a a afirmar que a senhora não chegaria ao Natal. De facto, o desenlace veio confirmar a previsão de Christine.

Na primeira carta dirigida ao *Psychic News*, a sr.ª Hunter dizia:

«Christine disse em 1944 a minha irmã que seu filho morreria em combate. Dois anos depois foi morto em Anzio. Disse-lhe também que o marido dela morreria brevemente, embora ele se encontrasse de perfeita saúde. Quando

CHRISTINE HUNTER

a pequena vidente de oito anos

minha irmã sorriu de incredulidade, Christine objectou:

«— Ria, se quiser. Te-lo-à só este Natal. No outro já não o terá.

«Efectivamente, faleceu em Agosto do ano seguinte.

«Há pouco descreveu um rapaz de cabelo loiro que estava acompanhado da letra *R*. A descrição correspondia ao filho da nossa antiga vizinha Richardson. Chamava-se Ronie, tinha o cabelo loiro e falecera muito novo.

«Christine começou a falar muito cedo e aos 18 meses sentou-se no berço e disse que via um homem de muletas. A sr.ª Richardson declarou-me que isto era estranho, pois recebera dias antes numa sessão a mesma mensagem em que ninguém acreditou. Pois alguns dias depois um amigo de seu marido magoou-se num pé e teve que andar de muletas.

«Quando seu tio estava para morrer, disse que um dos seus filhos de nome John (estava na Alemanha) não chegaria a horas de assistir ao funeral. Apesar de ter obtido licença e vir o mais depressa possível, não chegou a tempo. Mais tarde, Christine disse que viu o tio como que «transparente».

«Uma vez combinei com meu marido uma viagem a South Queensferry e não disemos nada a Christine. Pois ela disse-nos que gostava de ir a um porto onde houvesse barcos».

As frases que a garota emprega desde a mais tenra idade, são de pessoas crescidas e quando lhe perguntam o significado, diz que não sabe. Mas é muito inteligente e a primeira da classe. Repete várias vezes: «Na casa de meu pai há muitas moradas» e diz que ouve uma voz muito suave.

O correspondente do *Psychic News* informa que as faculdades da pequena Christine devem ser hereditárias, pois a sr.ª Hunter diz ser clarividente e a avó também é médium.

— Quanto a mim — conclui o articulista — Christine deve ser médium de nascença.

UM FACTO ESPIRITA

Édipo, de S. Paulo, pública um artigo de S. Adjar que resumimos para estas colunas. Em certo hospital estava um paralítico que aguardava intervenção cirúrgica, segundo informação do Dr. C. que se encontrava com quatro pessoas em casa de L. S. Uma delas era médium, razão por que se lembraram de fazer uma sessão espirita. Logo que se manifestou o guia dos trabalhos, deram-lhe o nome e a idade do doente, o nome do hospital e o número da enfermaria e do leito. Passados alguns minutos voltou, descrevendo o tipo do doente e dizendo

que a paralisia era provocada por concentração de fluidos maléficos na espinha, os quais tomariam a forma de uma aranha caranguejeira e daria grande trabalho aos médicos para classificar aquela neoplasia. E acrescentou que o operador também ficaria surpreendido pela forma como a operação seria conduzida.

Eis a consequência do caso, contada pelo articulista:

«Soubemos depois que a operação fôra feita: durara três horas e meia; o paciente resistira bem; fôra consumido muito pouco anestésico; a pressão arterial mantivera-se na casa dos 14 e não houvera choque operatório nem reacção febril. O campo fôra na altura da segunda vértebra lombar.

«À primeira vista o operador supusera tratar-se de um tumor sanguíneo. Verificou logo que não era e continuou o trabalho operatório: lá estava o corpo escuro com a forma de uma aranha, cujas patas alcançassem a implantação dos filetes nervosos.

«Pedido o exame anatomo-patológico da peça, a ficha do doente suportou o nome de tumor de altíssima malignidade: *melano-sarcoma.*

«Sabedor do facto, um especialista em tumores malignos discordou do diagnóstico por duas razões fundamentais: naquela vértebra não há tecidos adequados ao desenvolvimento desse tipo de tumores; a sua malignidade é tal, que resiste à operação recidiva e o doente só resiste alguns meses.

«Mais de um ano é passado. O paciente chegou a ter alta, mas não está curado. Entretanto, fica de pé o facto espirita naquilo que era nosso desejo caracterizar e que podemos assim resumir: 1) um espírito, através de médium, fez diagnóstico a distância sobre pessoa desconhecida de todos os presentes ao trabalho; 2) entrou em minúcias, que foram verificadas 60 horas depois; 3) nenhum dos médicos que lidavam com o caso é espirita ou conhece qualquer das testemunhas desse trabalho; 4) a opinião de um especialista em tumores — que também não é espirita, não soube da sessão espirita, nem é conhecido dos espiritas acima indicados — concorda com a opinião exarada pelo Espírito consultado; 5) o tempo já decorrido, permitindo até que o doente se locomovesse na rua, vem em apoio da opinião desse especialista e depõe a favor da opinião do Espírito.

«As informações posteriores sobre o caso foram dadas ao Dr. C. por um seu parente estudante de medicina que frequentava a enfermaria do doente.

«Não importa o facto de o rapaz não ter tido cura completa. O que importa é o facto em si.

«O Espírito tinha-nos dito que dois de seus companheiros haviam ficado ao pé do doente: um para o proteger contra más influências; outro para ajudar a operação. E é um facto que, ao terminar o trabalho o cirurgião exclamou:

«— Nunca me sucedeu uma coisa assim. Não sei como fiz esta operação».

A MEDICINA DESCONCERTADA

O diário católico *El Pueblo Gallego*, de Ferrol de 25-6-950, publica o seguinte, assinado por Lopez Mac Millan, em serviço especial daquele cotidiano: «A Medicina desconcertada. Harry Edwards realiza curas instantâneas, inexplicáveis». Em seguida, glosa o título do artigo com o que vai ler-se e dá que pensar, atendendo ao sector de origem.

«Toda a Inglaterra fala deste caso. Nas ruas e nos grandes laboratórios, nas cátedras e nas clínicas, se estuda o que sucede com verdadeiro desconcerto.

«As multidões não crêem no testemunho de seus olhos. E os médicos estão atónitos e desconcertados.

«Os fisiólogos e os biólogos não compreendem o que sucede.

«E apesar disso é preciso rendermo-nos à evidência: Harry Edwards realiza curas instantâneas, inexplicáveis.

«Harry Edwards já tem 50 anos de idade, é muito simples no trato, é de figura atraente e modos simpáticos. Não tem aspecto de impostor., nem de charlatão, nem de vendedor de elixires. Não vende nem fabrica droga alguma; não prescreve tratamento, nem indica regimes dietéticos; não oculta os seus actos e reconhece a sua completa ignorância. Segundo afirma, não conhece medicina nem tem qualquer bagagem científica.

«Contenta-se com impor as mãos e fazer alguns passes sobre o enfermo. Não explica o que sucede. Simplesmente prova que cura, que os paralíticos andam e que os incuráveis recuperam a saúde.

«Possui forças misteriosas, faculdades desconhecidas, poderes mágicos e de efeitos imediatos.

«Há dias, numa das suas últimas estadias em Londres, enquanto trabalhava num Salão do sul da capital, foi-lhe apresentado um rapaz de 12 anos com um grande desvio da coluna vertebral e uma perna mais curta do que a outra, tudo consequência de paralisia infantil. Os médicos examinaram o doente e reconheceram-lhe a gravidade dos padecimentos.

«Harry Edwards mandou sentá-lo com as costas desnudadas, de modo que a enfermeira viu claramente a deformação das vértebras. Fez rápidos movimentos com a mão sobre a coluna vertebral e pouco depois verificou-se o desaparecimento do desvio de que sofria. Tirou logo a perna do aparelho ortopédico e pela primeira vez começou a andar normalmente com as suas pernas, que agora não tinham diferença alguma.

«Outro facto: Harry Edwards ocupou-se recentemente de uma mulher que há 30 anos sofria de terrível reumatismo, que não podia mover a cabeça, nem os braços, nem dobrar os joelhos. Tentara todos os meios, consultara os maiores especialistas e recorrera a grande número de balneários sem o mínimo resultado. Não obstante, em poucos minutos Edwards restituiu a flexibilidade aos membros afectados e as dores desapareceram como por encanto.

«É isto mera superstição? Não o sabemos, mas de uma forma ou de outra mantém-se ignorado o recurso secreto usado por ele. Médicos e hospitais preocupam-se com o caso e ali só se tomam a sério os factos comprovados.

«Harry Edwards é um caso único entre os da sua espécie, por não vender drogas «maravilhosas» e não exigir honorários. Contenta-se com o que lhe dão e nunca reclama. Quando se trata de pobres, nega-se a receber o mais leve favor.

«Harry Edwards é um caso estranho, a que prestam atenção os homens de ciência».

Embora já tivessemos feito referência a estas curas de Harry Edwards, arquivamos a notícia do jornal católico espanhol. Só lhe falta acrescentar que Edwards é espirita e, como tal, faz da sua vida um sacerdócio.

Notas & Comentários

«A DOENÇA DO ESPIRITISMO»

A propósito do que o sr. Pacheco e Silva, da Faculdade de Medicina de S. Paulo, escreveu nos Anais Portugueses da Psiquiatria *contra o Espiritismo, um tal B. de O. insere no* Diário da Manhã *uma série de catilinárias e inexactidões de confranger. Se não estivéssemos habituados ao ataque desleal de uns tantos que ignoram ou fingem ignorar os fins da doutrina espirita, era questão de arripiar os cabelos. Vejam um naco de prosa do sr. B. de O.:*

«Já por esta atitude de guerra às religiões superiores, o espiritismo — espécie de feitiçaria dos tempos modernos — começa a desmascarar-se. Quer dizer, do ponto de vista religioso, o espiritismo, embora tenha características de uma religião selvagem, ultrapassa os perigos de um regresso, pois representa subversão dos valores mais altos da vida do Homem: os que se situam nos planos da Metafísica e da Moral».

Quem assim fala, não conhece Espiritismo. Onde é que o sr. B. de O. viu ataques às religiões, oriundos de espiritas responsáveis? Porque lhe chama «feitiçaria dos tempos modernos»? Porque diz que «começa a desmascarar-se»? Aqui estão três afirmações gratuitas que definem um articulista ainda mais gratuito.

Lamentamos que se acoberte sob o anonimato para lançar ataques aleivosos e subreptícios. Era mais digno terçar armas a peito descoberto. Se o sr. B. de O. declinasse a identidade, talvez lhe disséssemos que é que subverte os valores mais altos da vida humana. E então veria que o Espiritismo nada tem de comum com os «delírios» de Henrique Roxo e que, pelo contrário, procura fortalecer as almas através do mais sério humanismo.

O articulista diz também que «não é só nos países novos que a doença alastra». «Em Portugal, por exemplo, há um trabalho de penetração insidiosa, nas altas camadas, como nos meios incultos, que, nem por ser pouco ruidosa, deixa de significar um perigo gravíssimo para a saúde dos portugueses e para a alma da nação».

Quanto pode a ignorância e a quanto chega o atrevimento!

Agora mesmo nos chegou às mãos o seguinte apelo, vindo de Santos, Estado de S. Paulo:

«O Centro Espirita Isménia de Jesus, dando prosseguimento ao programa estabelecido pelos Guias Espirituais, erguerá nesta cidade a VILA DO POBRE (Abrigo Miguel Máximo) em terreno recentemente adquirido para esse fim, no qual serão construidas 50 (cinquenta) casas para abrigar famílias verdadeiramente necessitadas». Eis o apelo:

«Deus de infinito amor e bondade, ajudai-nos no empreendimento que nos fará cumprir um dos mais sublimes deveres de amor e caridade para com os nossos irmãos mais necessitados e sem abrigo. Dai-nos, Pai, a possibilidade de encontrar nos corações generosos o apoio que almejamos para que as famílias verdadeiramente pobres, possam receber do Centro Espirita Isménia de Jesus *e dos vossos obreiros na Terra o teto que as torne felizes, onde encontrem a luz do sol que os aqueça e a luz do vosso amor que os ampare em nome de Jesus, nosso Mestre. Deus vos cobrirá de bençãos e às vossas famílias, se atenderdes ao apelo que parte de nossos corações de irmãos em Cristo».*

Sim, de facto, «nenhum Estado poderá ficar estranho» a esta moral aliciante. Assim o entendeu o Parlamento do Estado de S. Paulo, mandando distribuir três milhões de cruzeiros por instituições espiritas, muitas delas consideradas de utilidade pública. Só o sr. B. de O. não vê estas coisas que estão ao alcance de toda a gente! Na sua fúria demolidora, falta pedir a cadeia para os que trabalham «na regeneração do homem».

Não desejamos mal ao sr. B. de O. Desejamos que seja esclarecido para que não volte a atacar quem o não atacou e observe a máxima do Cristo: «Faze aos outros o que queres que te façam». Talvez depois tenha outra ideia do Espiritismo.

CENTRAL ESPIRITA MEXICANA

É com grande regosijo que damos a notícia da fundação na cidade do México da Central Espirita Mexicana *que congrega um núcleo esforçado de obreiros, à frente dos quais se encontra Rufino Juanco, nosso redactor-correspondente naquela capital.*

Agradecemos os termos amáveis da carta que nos enviaram e aqui retribuimos as saudações de tão simpáticos amigos, a quem Estudos Psíquicos *deseja os maiores triunfos doutrinários.*

FALSO MÉDIUM DESMASCARADO

O Psychic News *de 20 de Maio dá uma notícia sensacional: Harold Barnett, célebre médium inglês de materialização, foi apanhado em flagrante delito de fraude numa sessão particular dirigida pela senhora Lapish. Fôra contratado por dez guineus (moeda equivalente a 21* shillings, *além de passagens pagas. Barnett foi surpreendido com musselina branca, cabeleiras e barbas postiças. Antes da sessão recusou-se a despir a roupa branca. Ameaçado com a polícia, assinou imediatamente a seguinte declaração que ele própria escreveu:* Pela presente confesso ter produzido falsos fenómenos com mira na ganância material. Não tenho quaisquer faculdades reais e pratico unicamente a fraude (assinado — H. Barnett.

O director do Psychic News *diz que é possível que nem todas as sessões deste médium sejam fraudulentas; mas, desde que um médium esteja convencido de fraude voluntária, não deve ser autorizado a dar novas sessões. E acrescenta, num assomo de dignidade:*

— É com infinita mágoa que relatamos este facto. Mas o nosso dever é ser claros. Devemos proteger os investigadores que choram um desaparecido contra os intrujões sem escrúpulos que exploram os sentimentos respeitáveis dos que desejam obter um conforto, mesmo à custa de grandes despesas.

Noticiário

SOCIEDADE DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPIRITAS

Subscrita pelos Drs. Randolfo Pena Ribas e José Vieira da Silva, respectivamente, presidente e secretário da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas, recebemos a seguinte carta:

Niterói, 12 de Agosto de 1950

Prezado confrade:

Cumprimos o grato dever de vos participar a fundação da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas, abreviadamente SEPE, com sede provisória à Rua Mariz e Barros, 513, nesta cidade de Niteroi, Brasil.

«Como fàcilmente se depreende da sua própria denominação, a SEPE propõe-se realizar um vasto programa em prol da difusão da Doutrina, seja ensinando e estimulando o estudo da Filosofia Espirita, seja empreendendo pesquisas científicas comprobatórias da fenomenologia espirita, seja, finalmente, desenvolvendo um amplo plano de assistência médico-social.

Dadas as finalidades espirituais e a comunhão de ideais que unem, por um vínculo sagrado, a revista que dirigis com a sociedade que temos a honra de orientar, contamos que haveis de propugnar por uma estreita cooperação entre ambas, da mesma forma que, da nossa parte, tudo faremos no sentido de que mantenham um constante e útil intercâmbio intelectual.

«Certos de que, com o vosso elevado critério, estimareis na devida conta o valor que representa para o progresso do Espiritismo a fraternal colaboração entre as entidades espiritualistas, valemo-nos da oportunidade que se nos apresenta para formular os melhores votos pela vossa prosperidade pessoal».

Congratulamo-nos com os termos desta carta e tudo faremos no sentido exposto, a bem da Causa que servimos. Aos dois confrades citados apresentamos as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Destinados a auxiliar a manutenção da nossa revista, recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Jaime João Jerónimo, de Lisboa — 100$00 ; A. da Silva Braga Júnior, de Coimbra — 60$00 ; João da Silva Gomes, de Malange — 120$00 ; = Total 280$00.

«DOIS MUNDOS»

Encontra-se em activa composição, nas oficinas da Editora Gráfica Portuguesa, o livro «Dois Mundos», ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista. Esperamos fazê-lo circular no próximo mês de Setembro numa edição de *Estudos Psíquicos Editora.*

Livro elucidativo e consolador, deve ser lido por todos os espiritas ansiosos de renovação moral. É o depoimento de uma alma que passou os umbrais e continua a auxiliar a nossa tarefa com o mesmo afã de antigamente.

CORRESPONDÊNCIA

Temos recebido inúmera correspondência acerca de variados assuntos e cuja resposta onera muito as nossas disponibilidades. Rogamos, pois, o favor de nos remeterem 2$50 em selos de correio, sempre que solicitem informações de interesse pessoal. Esta rubrica será aqui mantida permanentemente, para conhecimento de futuros correspondentes.

COOPERADORAS DO BEM

Acaba de fundar-se no Rio de Janeiro a instituição espirita «Cooperadoras do Bem Amelie Boudet», com sede na Rua Uruguaiana, 141, sobrado. A nova sociedade é presidida pela nossa colaboradora Idalina de Aguiar Matos. Os restantes membros dos corpos gerentes são os seguintes.

Vice-presidente — Aparecida Saldanha da Cruz. *Tesoureira* — Isabel Brandão de Aguiar. *Secretária* — Helena Aguiar de Almeida. *Directora da Assistência* — Isaltina Moreira.

Conselho Fiscal — *Efectivos:* Ester Madeira, Berta Dias, Olga Viana, Daymar Costa, Sílvia Machado, Hercília Oliveira. *Suplentes:* Ocarlinda Costa, Regina de Melo, Noémia Neves e Alda Tavares.

A todas estas obreiras as nossas saudações, com votos de longa vida e merecidos triunfos.

AOS REPRESENTANTES DO BRASIL

A todos os solicitos representantes brasileiros de *Estudos Psíquicos* que ainda não prestaram contas, pedimos o favor de enviar os respectivos balancetes ao nosso amigo *Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30, 1.º, Rio de Janeiro,* com todas as informações que julguem necessárias à remessa da revista, a fim de evitar encalhes que muito nos prejudicam. Aqui deixamos exarado o nosso agradecimento pela forma como nos atenderem.

«REVISTA ESPIRITA»

Recebemos os números 10 e 11 da *Revista Espirita* fundada por Allan Kardec e traduzida pelo Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo. Bela iniciativa de propaganda que põe a descoberto um manancial de conhecimentos do Mestre codificador e que uma iniciativa arrojada salvou do esquecimento ! A assinatura anual é de 50 cruzeiros. Aceitamos pedidos nesta redacção.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Agosto — P. B., 20$00; I. S., 20$00; R R., 20$00; Subscrição do 1.º sorteio, 135$00; Subscrição do 2.º sorteio, 134$00; Total, 329$00.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Lei (A) do Novo Pensamento	20$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Nova (A) Psicologia	16$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Fé	24$00
Poder (O) do Pensamento	35$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Segredo (O) do Sucesso	30$00
Sugestão e Auto-sugestão	25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar	8$00
Cultura (A) da Coragem	25$00
Correntes Mentais	8$00
Economizai vossas forças	25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Lei (A) do Triunfo	25$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc....	200$00
Vantagens da Riqueza	8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
Grande (A) Mensagem	32$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa	40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado...	24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara.....	16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume	115$00
Caminho (O) de Jesus	32$00
Cartas Rosacruzes	25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca...	40$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen	30$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Idcia, por Barlet	18$00
Evangelho de Ramacrishna	40$00
Filho (O) de Zanoni, por F. Waldemiro Lorenz	50$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda	24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston ...	20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Preces Espiritas	5$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot ...	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico ...	30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Segredo (O) da Concentração, por Walter Devoe	8$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espiritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de		

	br.	enc.
crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

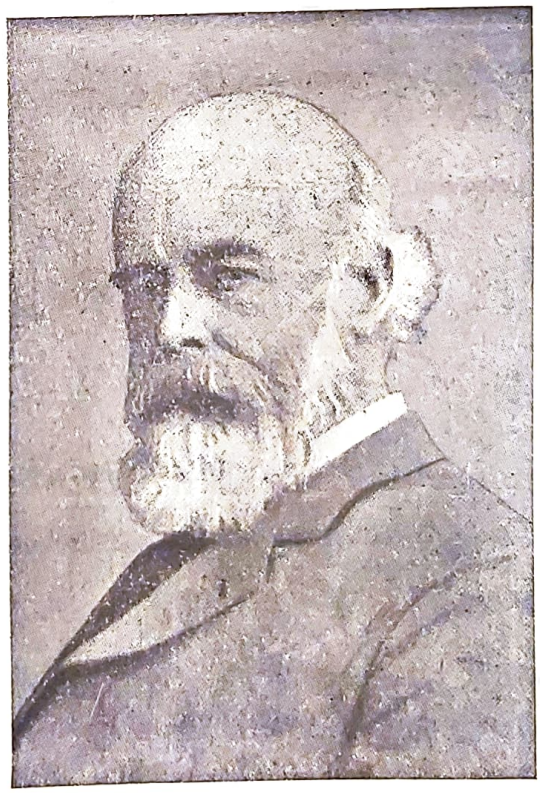
Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 °/o para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



SIR OLIVER LODGE

(Ver pág. 261)

CONTÉM : Falsos Médiuns, da **Redacção**; A Sobrevivência de Sir Oliver Lodge; A Minha Homenagem, por **F. Noronha**; A Ressurreição de Jesus, por **Romolo Mantovani**; Pensamento Amigo, por **M. G.**; Fundo Permanente de Beneficência; Mesmer (A Sua Vida e a sua Obra), por **António Cardoso**; A Física Moderna e o Futuro do Espiritualismo, por **Pietro Obaldi**; Mensagem, por **Paulo Hecker**; Sono e Sonho, pelo Coronel **Faure da Rosa**; Comunicação Espirita Pró-Paz, por **Um Espírito**; Fraternidade, por **Mariana Mendes Palma**; Graças Sobre Graças, por **Leopoldo Machado**; O Espiritismo no México, por **Rufino Juanco**; Livros; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros da Editora «O Pensamento».

11.º ANO SETEMBRO DE 1950 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*Antônio J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no Interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e mor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisivel (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1950 — N.º 9

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

FALSOS MÉDIUNS

Como os leitores viram no último número, o médium inglês Harold Barnett foi desmascarado numa sessão dirigida pela senhora Lapish e declarou voluntàriamente que produzia falsos fenómenos com mira na ganância material. Assim mesmo: com mira na ganância material. E assinou a declaração quando o ameaçaram com a polícia. Entre dois males, escolheu o que lhe pareceu menor e mais cómodo: aplicar um ferrete de ignomínia à sua dignidade... compreendida.

O Psychic News *relatou o facto com infinita mágoa. Preferiu o relato ao silêncio que poderia ser tomado por conivência no delito. Um médium fraudar? E porque não? Muitos têm fraudado após grandes períodos de fenómeno genuíno. Mas ao contrário do que se pensa nalguns sectores, isso em nada desmerece a verdade da nossa doutrina. Porque se aponta a excepção? É que a regra é não fraudar, e, quando se frauda, o espanto é geral, porque não estamos habituados a semelhante manigância, que só prova a má fé do impostor.*

Harold Barnett era médium profissional e fôra contratado por 10 libras esterlinas, com passagens pagas. Portanto, tinha interesse particular na produção do fenómeno. É possível que ele tenha faculdades mediúnicas; doutro modo não o teriam contratado para uma sessão de efeitos físicos. Mas o profissionalismo leva a expedientes indecorosos para manter reputações formadas. A vaidade e o interesse conjugam-se para esses deslizes criminosos e um dia tudo se vem a saber.

Repito: não é a Doutrina que está em causa. É o médium, que deixou de cumprir a sagrada missão de veículo do Espírito. Esse é que está em causa e deve ser denunciado e segregado.

Quem serve o Ideal tem que ser honesto e dar provas de evolução. Doutra forma é agir em pura perda.

Há médiuns que no fim do trabalho perguntam aos outros se gostaram. O médium-sacerdote não se incomoda com isso. Transmite o que lhe dão e nada mais. O bom ou mau da sessão não lhe pertence. Assim, não há grandes, nem pequenos médiuns. Há médiuns mais ou menos sinceros. Uns dizem o que «ouvem» e o que «vêem», sem preocupações de ordem individual. Outros têm preocupações de toda a ordem... E o investigador assiste a quadros lamentáveis que os leigos erròneamente atribuem à Doutrina.

A fraude consciente é um delito irreparável. Quem frauda uma vez, frauda cem, se tiver oportunidade para isso. É da sabedoria popular.

Temos defendido os médiuns sinceros e defendê-los-emos sempre, porque a sua acção é fundamental na propaganda. Mas quando descerem à fraude consciente, desaparecerá a nossa defesa e a nossa benevolência. Seremos os primeiros a denunciá-los. Faremos como fez o semanário londrino, para «proteger os investigadores que choram um desaparecido contra intrujões sem escrúpulo que exploram os sentimentos dos que desejam conforto, mesmo à custa de grandes despesas».

Se não defendermos o Espiritismo, como orgão de opinião, quem o defenderá? E como disse La Conciencia, *de Buenos Aires, os seus maiores inimigos estão ocultos em nossas fileiras. É preciso descobri-los e aplicar-lhes o «ferrete». Assim se fará o saneamento indicado há pouco, nesta mesma coluna, pelo luminoso espírito de Maria Gonçalves, fundadora e antiga directora de* Estudos Psíquicos.

Sejamos cristãos, defendendo o reduto que nos foi confiado. Sejamos fraternos, sem abdicar de nossas convicções espiritas. Mas sejamos intransigentes como os médiuns que recorram à fraude, para se lucupletarem, desacreditando a nossa bela doutrina.

A SOBREVIVÊNCIA DE "SIR" OLIVER LODGE

As comunicações seguintes foram obtidas pela médium psicógrafa Mary Spencer e que Maurice Barbanell só publicou no seu prestimoso Psychic News *depois de várias e concludentes experiências de controlo.*

I

O trabalho deste imenso Universo é uniforme e só podemos dizer humildemente que tudo é bom, porque é feito por amor. Vamos trabalhar de novo juntos, expor todos os problemas da sobrevivência humana depois da morte.

Este é o factor central das nossas investigações por ser o objecto de discussão, da qual tudo o mais deriva. Desejamos ver esta questão resolvida, enquanto na terra estamos — o que é natural — porque é algo que permanece no fundo do pensamento da maioria, quando contemplam a imensidade do Universo.

Desse grande esquema da vida, onde penetra o homem com todos os poderes do pensamento? Eis um que pode responder agora um pouco melhor do que dantes ao mistério que rodeia a vida do Além. *A sensação ao despertar nesta nova vida é de conforto e felicidade, porque aqueles que amámos vêm saudar-nos à chegada.*

É o período de dependência absoluta do auxílio externo. Somos incapazes de movimento — tudo se faz com método perfeito. Mais tarde poderei examinar e explicar tudo isto em pormenor.

Depois de longa estadia em agradáveis subúrbios, *somos obrigados a erguer-nos. É estranho, porque de momento não temos desejos de nos movermos* — tal como se, depois de longa doença, — você se sentisse demasiado fraca para fazer qualquer esforço. Mas, fazendo esforço, a vontade desperta e é isso precisamente o que eles pretendem de nós.

Logo após o desejo de movimento, todo o corpo se ergue. Isto não é muito fácil. Se, porém, tentarmos com propósito firme de aprender, como concentramos as nossas ideias em andar, gradualmente virificamos que *temos pernas para caminhar.*

Quando tentei erguer-me do leito onde permaneci desde a minha chegada, senti-me desamparado. Depois, o seguinte pensamento me acorreu à mente:

— Podes andar. Experimenta.

A minha mente recomeçava a funcionar e eu dizia para mim mesmo, uma e outra vez, como uma criança repetindo uma lição:

— Tu podes andar. Tu podes andar.

E pouco a pouco, depois de vários esforços, verifiquei que tinha pernas. *Apesar de a princípio parecerem fracas e flácidas, pude erguer-me depois de repetidas tentativas.* Foi um momento febril — que não mais esquecerei — porque, disseram-me, é uma das maiores experiências do pensamento sobre *re-criação*; por isso estava orgulhoso e contente, dizendo para comigo:

— Eis-me Lodge, mais uma vez. Estou de pé.

Após o primeiro passo voluntário, segue-se a gradual mas segura recriação de um corpo inteiramente novo, adaptado a este estado de vida.

Posso andar, falar e sentir como se estivesse na terra, com uma única diferença — não haver linguagem como na vida terrena. Parece-lhe estranho, porque a voz humana pode ser muito bela. Este estado é silencioso, exactamente para desenvolver a actividade mental. Como sabe, os grandes faladores raramente são grandes pensadores. Por isso, o pensamento está em primeiro lugar.

Creio que as velhas faculdades da voz e do ouvido aumentarão de valor e de beleza, à medida que mais evolvermos. Nós encontramo-nos num degrau elementar de renascimento. Deste modo, evolvemos muito lentamente; mas, *exercendo o nosso pensamento, poderemos recuperar todas as faculdades, relativamente ao esforço individual.*

Por agora a minha atenção fixa-se numa coisa — provar que há vida depois da morte. Em breve poderei descrever com mais expressão tudo o que se move à minha volta.

Aqui, a médium perguntou:

— Estais assim tão alegre? O escrito continua:

Sim, porque sei que esta vida é interessante. Estamos a reaprender. Há aqui belos caminhos e maravilhosos meios para adquirir conhecimento. Para mim, a vida aqui é um

pouco mais do que aprender — e, para pensamentos científicos, isto seria o céu. Por favor, não emita a ideia de que isto é uma vida nebulosa, irreal — porque não é esse o caso. Assim como progredimos, assim vemos que o que nos rodeia é muito mais claro e vívido do que na luz terrena. É interessante ver as cores.

Uma das coisas que mais me impressionam é o facto de poder raciocinar e imaginar. *Estas duas faculdades, se assim lhes podemos chamar, são especialmente claras na nossa vida mental.* Começo a ver mais claramente como as coisas terminam, e a pouco e pouco juntá-las-ei e dar-lhes-ei sentido para ajudá-la a resolver o «puzzle» da evolução. Estamos tão ansiosos de esclarecer o mistério da vida após a morte, como os homens de resumir a vida noutro plano de pensamento.

Aprendi agora o segredo de outros movimentos do corpo e o meio de conservar a minha energia. É desconhecido, visto pertencer às faculdades mentais. A vida aqui é encantadora — nada desperdiçado, nada por limpar —; tudo é feito por tão formosos métodos, que fariam vacilar os cépticos que pensam que a vida termina com a morte dos poderes físicos.

Por isso, o novo corpo que estou elaborando é de grande valor para mim — o novo homem —, tanto mais que me fornece o veículo, através do qual utilizarei o pensamento e poderei readquirir a memória da existência terrestre.

Logo que «encontrei» as minhas pernas, comecei uma viagem de descoberta com vários indivíduos interessados no mesmo assunto; andámos a fazer perguntas e a ver os métodos usados para o esclarecimento de cada alma humana «nascida» nestas paragens. A vida, tal como a vivemos agora, parece-se muito com a da terra, com esta diferença: *não é um estado estático, entendendo-se por isto que nós estamo-nos sempre a reformar para novos e melhores círculos.*

Por exemplo, quando despertei pela primeira vez, estava numa espécie de hospital onde muitos repousavam, todos naturalmente sossegados. Depois dos meus primeiros movimentos, veio outro lugar que surgiu sem qualquer auxílio da minha parte. Eventualmente, quando comecei a andar e a minha mente a evolver, verifiquei que me movia para onde me agradasse. É tão difícil explicar isto em poucas palavras! Por isso tentaremos explicá-lo desta forma: — tal como pensamos, assim sucede. Cada um faz as perguntas que quer e boas almas lhe respondem. Você sente-se imediatamente uma autêntica principiante e *ninguém pode ter aqui «duas caras»*... Tudo é revelado ao seu mestre. Os que estão em escuridão mental, isto é, voltados ao malefício, não podem juntar-se aos de mente esclarecida. Tudo é admiravelmente graduado!

Depois do meu primeiro e definitivo passo para aprender o processo de ajustar o pensamento a novo corpo, achei isto difícil de conseguir. Eis-me visìvelmente como outrora, com um corpo que parece sólido e que ainda é móvel. Por exemplo, eu digo a mim próprio:

— Como gostaria de ver isto e aquilo!

Imediatamente a forma do desejo surge na minha frente, real e «viva».

Isto, a princípio, parece muito estranho, mas carece de atenção contínua, porque é mais prudente restringir os desejos e ser guiado pelo raciocínio que poderá *iluminá-la* com a sabedoria. Isto é como se manejássemos nova «roda de leme» para guiar a mente durante este estado de provação e que é o meu caminho antes de ver mais longe.

Aprendo agora novos métodos e novas vias neste estágio de vida. Tenho encontrado vários indivíduos que desenvolvem comigo os átomos do poder intelectual para aprender o seu caminho, adquirir conhecimento e ajudar e encorajar outros.

Vivemos em mansões confortáveis e quase semelhantes às que tivemos na terra; mas, como disse várias vezes, isto é transitório. Desejo permanecer neste estado até saber como se fazem as coisas. Nós comemos e bebemos mas o efeito não é o mesmo que no corpo físico.

Os órgãos do nosso corpo são compostos dos elementos que nos rodeiam; portanto, as coisas que comemos não são de qualidade

A PSICOGRAFIA FALA DO PROGRESSO DESTE SÁBIO NO MUNDO ESPIRITUAL

terrena e a acção do alimento nos nossos corpos é diferente.

Isto explicará uma parte da mensagem, porque quero dar-vos mais dados deste fenómeno. É claro que questões da sobrevivência humana são necessárias para mostrar a simplicidade e beleza da vida após a morte.

II

Agora vejamos o progresso que fizemos depois do último escrito (1). Como lhe disse, estamos aptos a andar, a ver, ouvir e falar, ganhando valiosa experiência a respeito da nova vida.

Logo que morre o corpo físico, o corpo etérico penetra no seu novo domínio, penetra na zona que foi criada especialmente para recebê-lo. Agora isto, que é o mais importante: Deste ponto cada camada do universo é feita de diferentes vibrações, tão belamente graduadas que, quando eu ou você estamos no grau justamente adequado da nossa evolução, ficamos alegres, satisfeitos! Você não podia viver nesta parte do universo, porque está revestida por um corpo de carne. As vibrações aqui são demasiado subtis para que os seus pulmões pudessem respirá-las.

Mas, deixe-me dizer-lhe, que isto é sòmente um degrau para uma ainda mais alta vibração de vida; e assim nós vamos até nos ser possível atingir este período. Transmiti-lhe o meu pensamento com clareza, porque *quero* que todos vós caminheis comigo passo a passo para esse desconhecido território.

Saltar sùbitamente não teria valor. É um alimento demasiado rico para as vossas mentes terrenas digerirem. Passo a passo é o melhor caminho para ganhar conhecimento e sabedoria. Nós todos estamos aprendendo. Nós temos muito que aprender; por exemplo, as recordações das coisas contrárias a esta vida são muito dificeis de esquecer. Não fazeis uma ideia de como é terrível. Se seguirmos obedientemente as regras nada temos a temer. É tudo mental — o sofrimento é a sensação de remorso quando se percebe que todas as acções praticadas na terra foram contrárias à vontade do Criador. Vê-se como ao contrário da verdade se agiu na terra, verdade que esteve sempre junto de nós. Nada está oculto — pois os anos de existência na terra são aqui um livro aberto para todos lerem. Como vê, os hábitos constituem um obstáculo terrível para subir e os mais dificultosos são os que se prendem ao corpo físico — nosso instrumento do passado. Enquanto eles dominarem o pensamento, permanece-se como na Terra.

O primeiro passo na evolução é convencermo-nos de que estamos longe da Terra. Isto ajudará todo aquele que deseja aprender a verdade.

Agora, desejaria dar-vos uma ou duas ideias simples dos nossos sentimentos. Vemos à nossa volta estruturas familiares, ruas e casas e grandes salas onde nos reunimos para ouvir prelecções sobre todos os assuntos.

Temos de recordar e arrumar todas as ideias que nos transmitem, como deve compreender. Mas a lei vigia e, se o pensamento exteriorizado revela ideias maléficas, imediatamente se apaga como morto.

Actualmente temos presenciado este facto. É chamado falsificação da verdade e, por, isso, é repelido para não contaminar outras mentes e provocar violência. O livre-arbítrio existe ainda, embora os «guias» estejam perto para impedir que o homem comprometa outras almas na evolução.

Eu e os meus amigos empregamos o tempo buscando ideias novas e tirando o bom do mau. Podemos fazer perguntas e obter instantâneamente as respostas dos nossos protectores que gostam de responder àqueles que tenham desejo de progresso.

A síntese desta conversa sobre a minha evolução como membro da família humana, devemos torná-la bem clara: — primeiro passo — esforço; segundo — esforço; e assim por diante. Tudo é feito pelo nosso próprio poder criador, animando-nos a recriar-nos.

III

Sinto-me satisfeito, porque o primeiro estágio desta nova vida é simples e calmo. Ràpidamente, com um acréscimo de poder, ganho maior força e clareza de pensamento. Lodge regressa a si mesmo a largos passos.

Dos que vi, o primeiro foi um velho amigo da juventude — o professor John Kingswill, da Sociedade de Fisiologia, com quem trabalhei. O outro foi Thomas Hardy, o autor com quem tenho travado longas conversas. Treinou-se na transmissão de pensamentos criadores, com o que ajuda os outros.

---

(1) O primeiro foi ditado em Janeiro de 1942 e o presente em Março do mesmo ano.

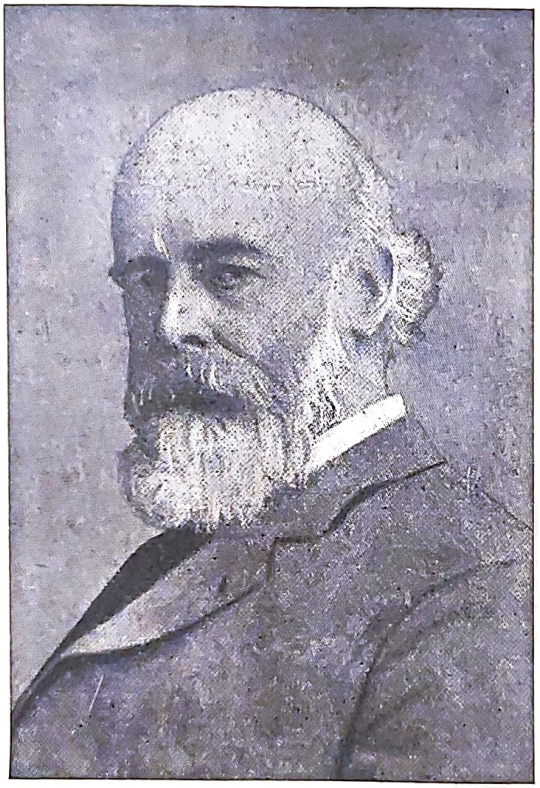
O problema científico dos nossos corpos e do alimento absorvido é difícil de expor.

Se bem compreendo, esse alimento é extraído da «atmosfera etérica» e constituído na maior parte por fluidos. Toda a energia se obtém respirando como outrora.

O corpo que possuo, como antes a carne, posso deixá-lo quando já não tiver necessidade dele. Um outro, conforme espero, mais novo e esplendoroso, será remodelado de acordo com o meu maior desenvolvimento espiritual. Repito que a vida não é estática e sim um contínuo movimento para mais além. Tudo se congrega para isso, mas temos de fazer esforço, tal como se o Criador nos estendesse a mão para ajudar-nos e nós tivéssemos de agarrá-la.

Como tudo é produto do pensamento, este é mais poderoso, mas ensinam-nos que é necessário agir sòmente quando soubermos o que desejamos fazer ou dizer. Logo, devemos pensar vagarosamente, coisa bem difícil em tão alta vibração.

Estou ansioso por escrever o seguinte: — como sabeis, tempo antes de desencarnar, deixei um «test» que, conforme esperava, daria ao mundo a prova da minha sobrevivência. É-me impossível, porém, recordá-lo, porque o pensamento está por tal forma concentrado na aquisição de conhecimentos novos, que os últimos anos se esfumam. Confesso honestamente que não consigo recordar com clareza nem as palavras nem o assunto. Mas se o conseguir, dá-lo-ei com alegria.



"SIR" OLIVER LODGE

IV

Prossigamos. Há miríades de almas humanas evoluíndo como eu em vários graus e, também, miríades que não evoluem. Recebemos a primeira lição sobre este assunto e não foi agradável, porque é imensamente triste ver estes desgraçados, todos em diferentes estados de evolução, como crianças selvagens, fazendo pouco ou nenhum esforço para recuperar o maravilhoso poder do pensamento.

Encontram-se em regiões do universo, especialmente construídas para este trabalho de redenção das almas não evoluídas.

O tempo não pode ser contado como na terra. Emitido o pensamento, ràpidamente nos encontramos onde queríamos ir, sim, tão depressa como as ideias correm no cérebro. Portanto, é necessário aprender a controlar a corrente do pensamento. Todos os que vêm para esta nova existência devem aprender, antes de partir, a ser humildes de espírito. Os mais difíceis de conduzir são os fanáticos, porque, reganhando força mental mas mantendo muito do que não devem usar na nova vida, por causa do seu amor próprio, injectam estas ideias falsas na sua remodelação. É ridículo e triste, ao mesmo tempo, ouvi-los a dirigirem-se aos socorristas, que têm com eles a maior paciência. Tenho um amigo que realizou grande trabalho neste sentido: ajudou-me, e depressa, a renovar o meu pensamento.

Sim, Myers é um dos chefes de um grande plano para levar a terra a uma qualidade mais alta de poder mental. Tem grandes possibilidades para este trabalho, devido ao seu entusiasmo pelo desenvolvimento de faculdades psíquicas e, agindo em mentes especialmente formadas, espera dar grande auxílio mental ao mundo.

Tudo aqui é actividade, mas nunca nos cansamos. Se quisermos, podemos repousar. Aprendemos que é necessário ter um período de provação a atravessar, quando há muito a extirpar do pensamento; mas, como estabeleci anteriormente, tudo se faz com tanto amor, que só devemos temer o remorso.

Um outro ponto inportante: — nenhum de vós deve retirar-se com a ideia de que a vida aqui não é estática; é indubitàvelmente está-

tica e aqui é onde o éter começa. Esta maravilha terá para mim grande interesse, por constituir o meu trabalho terreno e poder agora aprender daqueles que conhecem o seu poder e o modo como age.

Tudo isto me torna humilde, porque julguei saber muito e agora compreendo quão pouco sei.

(Interrogado sobre se se recordava do texto completo da mensagem deixada por Lodge, respondeu que não, justificando-se com motivos semelhantes aos expendidos atrás).

V

(Interrogado sobre o motivo por que ainda não revelou o «test» deixado, diz).

Primeiramente, o «test» é de carácter pouco usual. Dispendi nele grande esforço mental de modo que nenhuma espécie de trapaça pudesse ocorrer. Recordando, agora, que o meu poder mental se vai tornando mais claro, consigo visionar uma porção da minha memória referente a este período, mas não posso dizer que esteja perfeitamente esclarecido de tudo o que ocorreu nos últimos tempos da minha vida no corpo físico.

Uma coisa posso dizer com certeza: — o pensamento reganha o seu poder na justa medida do seu progresso. Imaginai que estivestes muito doente e que o vosso corpo morreu há pouco; tornaste-vos tão fraco como se fosseis um recém-nascido. Pouco a pouco, voltais à vida e o pensamento entra em actividade; interrogais-vos então sobre a vida passada na ignorância completa da vida real. E eu já vos falei do esforço necessário para trazer à superfície os acontecimentos passados. Como sabeis, sou partidário de pormenores correctos e até que me encontre em estado de perfeita claridade quaisquer dados fornecidos estariam em relação com o progresso do momento.

(Perguntam-lhe se falando e pensando no «test» não o fariam recordar).

Posso apreciar esta questão, embora seja difícil de explicar por palavras. Temos a mente absorvida com novas ideias pertencentes ao futuro, *não* ao passado.

Já dissemos atrás que todas as recordações da vida terrena se tornarão límpidas como cristal; esperemos pacientemente, como todos os cientistas fazem. Temos de aprender a controlar a ideia logo que surge, doutro modo seríamos navios sem rumo, vogando de cá para lá. Esperai; o momento chegará quando eu puder dizer por fim: — Aqui está a resposta»; e então podereis proclamar a verdade da sobrevivência.

Estou aprendendo a controlar a minha mentalidade, a fim de poder ser usado como médium para entrar em contacto com pensamentos colocados muito acima de nós.

Pediram-me uma vez informações sobre o éter. Como sabeis, interessei-me por este maravilhoso elemento do mistério da vida; é ainda um mistério, mas descobrimos mais isto — o éter é composto de substâncias que são aparentemente essenciais e sem elas todo o universo entraria em colapso.

VI

Entramos no estado em que os nossos pensamentos começam a criar com muito maior rapidez. Estamos justamente a aprender os métodos que nos conduzem à mediunidade telepática. Até aqui temos aceitado o «test» sem conhecer o porquê e para quê; mas, como podeis imaginar, o meu intelecto procura ganhar o conhecimento das coisas necessárias para dar um passo mais além nos novos métodos desta fase da existência.

Agora começo a explicar como este trabalho de mente a mente é efectuado. Estamos de pé atrás do instrumento que é de construção profundamente simples; parece um longo túnel feito de madeira preta. Coloca-se um véu sobre as nossas cabeças e que me disseram ser preparado com uma substância que liga as vossas vibrações mentais às minhas. A primeira coisa a aprender é a concentração. Devemos concentrar-nos na pessoa que está para comunicar, tal como o comunicante deve concentrar-se em nós; então o contacto está feito. Está aqui um auxiliar que sabe todos os «is» desta maravilha; diz-me o que devo fazer e como responder, logo que sinto as vossas vibrações. É ùnicamente um instrumento mental.

VII

Desde a última comunicação, fizemos uma grande descoberta. Aprendemos que todo aquele que o desejar fazer, pode ser iniciado no trabalho de transmitir pensamentos, por médiuns deste lado. Qualquer de nós, se estiver disposto e com mentalidade justamente adequada, pode ser usado como médium, através do qual pensamentos podem ser transferidos de mentalidades em extremo excitadas para alturas bem superiores às que podemos habitar. Esta é a grande novidade.

Descobrimos um novo método usado nesta esfera: — quando desejamos descansar, encontramos para isso os mais deliciosos lugares. São especialmente criados para o sossego mental. Podemos retirar-nos para lá e pensar demoradamente em tudo que estamos aprendendo.

Dizem-nos que isto é necessário a todos os que se encontram em provação, porque, fruindo esta quietação mental, o desenvolvimento do pensamento conduz a um maior auto-domínio.

(Perguntam-lhe se ele está aprendendo como as vibrações da sua esfera actuam através do éter).

Será o meu principal objecto, quando tiver inteiramente recuperado a minha capacidade mental. Até lá, não devo arriscar uma opinião decisiva. Lembre-se de que sou uma criança neste corpo e que devo aprender, primeiro, a remodelar-me.

VIII

Temos notado que pessoas fanatizadas ainda consideram como o «céu» esta esfera da vida. Vivem contentes por assim julgarem, mas aqueles que têm por missão vigiar e contribuir para uma mudança de atitude mental procuram tirá-los desse erro. Quão pacientes se mostram estas almas!

(Interrogado sobre a reencarnação, diz):

Temos falado muito sobre isso, mas não devo delinear conclusões decisivas, por sermos ainda aprendizes.

— Aprendeu mais alguma coisa sobre o «éter»?

Sim. Explicámos que estamos vivendo numa atmosfera vibratória, muito mais subtil que a terrena. Por exemplo, respiramos o ar muito mais livremente. A palavra «éter» não é suficiente para explicar a grandeza desta combinação de elementos.

Aprendemos que o universo é uma massa de elementos vitais tão belamente graduados, que um olhar pouco desenvolvido não pode ver os seus componentes. Fomos instruídos, neste sentido, que o principal elemento que inspiramos é a essência do «Amor».

IX

(Depois de ter falado com o espírito do que foi T. H. Huxley, descreveu as suas sensações de alegria por andar, falar, alimentar-se, beber... rir e gozar na sua nova forma de viver).

Interrogado sobre se há nuvens e chuva como na terra, visto estarem tão próximos desta, diz:

Aqui, a atmosfera é perfeitamente limpa, clara e deliciosamente temperada. Há no entanto partes escuras, sombrias, mas estas são habitadas por aqueles cuja actividade mental é enegrecida. Nós temos lugares deliciosos onde a atmosfera está inteiramente iluminada; aí, como nos disseram, encontramos radiações benéficas aos nossos corpos.

O estado de provação tem uma duração dependente da forma como se viveu a vida na terra. Para aqueles que guiaram o pensamento e a acção pela fé e pelo desejo de progresso, a duração é muito curta. Mas para aqueles que só buscaram o mal e permanecem no mesmo estado de espírito, a prova é longa e áspera.

Quero falar-vos ainda do «éter» e da sua essência de amor. O amor é a força mais poderosa do Universo. Sem o seu poder, não existiria vida. Os sóis são as estações que armazenam uma certa parte da sua força e a remetem nos seus raios para a parte do Universo que servem. Quando respiramos, nós vivemos numa forma diluída do poder imenso que enche os nossos corpos, mantém o coração palpitando e estimula a acção do cérebro.

O chamado «éter» é o elixir da vida e a sua natureza não é gasosa.

X

(Pergunta da médium — Para falar por mim toma algum lugar especial?).

Sim. Logo que percebo o vosso pensamento a chamar-me, concentro-me em vós e momentos depois estou no meu lugar.

(Pergunta — encontrou amigos?).

Encontrei o professor Faraday, aquele que descobriu a electricidade e tanto contribuiu para o progresso das gerações futuras.

Temos aqui uma gigantesca «neusery» onde milhares de crianças vivem e são carinhosamente tratadas. Como eu gostaria que vocês, mulheres, vissem este lugar. Diga ao mundo que não devem recear pelos pequeninos. Eles estão no céu, um céu de beleza, porque as queridas almas têm pensamentos de beleza. Não julgue porém que é um lugar prático. Nós ficámos admirados com o método seguido no desenvolvimento intelectual das mentes infantis no sentido de que aprendessem a viver e recriar-se para serem mais tarde homens e mulheres.

A MINHA HOMENAGEM

Meu querido Amigo e ilustrado Confrade

Passou o dia 4 de Junho do ano corrente sem que tivesse podido, como era por mim assente, ir abraçá-lo e render-lhe culto à memória d'Aquela que neste mundo lhe foi esteio dedicado e do Além está sorrindo ao seu coração.

Ela e o Isidoro realizaram aqui, o que encerra, de pureza e de verdade, este período que se lê no formoso «De Maria Para Suas Filhas», dado à estampa pelo Centro Espírita de Braga :

«O matrimónio, quando bem interpretado, é a melhor árvore que dois espíritos podem plantar, para colherem os frutos sazonados; porque, sabendo cultivá-la, enxertá-la com virtudes e amor, poderão colher sempre, e cada vez mais, novos e melhores frutos».

Ieis jornadeando na paz tranquila de afecto mútuo, identificados num mesmo ideal de ascese psíquica.

Soavam de permanência, em vossas outivas, trechos desta natureza :

«A elevação das vossas almas não pode fazer-se, ocupando-vos nas vossas reuniões de trabalhos de simples observação e crítica. Torna-se-vos necessário, para que a Luz irradie em vossa volta, que vos concentreis profundamente e prepareis o vosso ambiente por meio de leituras que, pela sua essência, atraiam pensamentos homogéneos. Quando vos reunirdes para exercer a Caridade, fazei-o ùnicamente com essa intenção. Não vos deixeis arrastar pela vaidade, nem pela lisonja. Lutai pelo Amor. Iluminai os vossos caminhos, com a Luz que irradia. Empunhai a Espada da Justiça. Dissipai o erro, erguendo bem alto o vosso Pendão. Confraternizai. Amai-vos em Justiça e em Verdade. Procurai essa Verdade e essa Justiça em vós próprios. Elevai-vos em Pensamento, e encontrá-la-eis.» (In Médium Ernestina — Trabalho incessante, de Vozes do Além).

D. Maria Gonçalves Duarte Santos e seu digno esposo eram já verdadeiros apóstolos consumados, exemplificações praticantes de LUZ e AMOR, na lógica expressiva do conceito e na estética impecável da ideia.

Eram dois obreiros classificados na construção e edificação de um trabalho, completamente alheio a materialismo, capaz de dilatar e melhorar o horizonte, no destino da humanidade. Guiava, assim, os esposos modelares, a mesma essência de sonância efluviosa, a mesma aspiração para o Alto, e o mesmo fim, de em espírito e em verdade.

Desprendeu-se do corpo físico, inesperadamente, a alma evoluida de D. Maria Duarte Santos.

Parecia em plena pujança de vitalidade e coluna forte, resistente, da evangelização de Allan Kardec, através do mundo.

E em tal idade, que tornava imprevisível a solução da continuidade próxima, entre marido e mulher, verificou-se o facto pungente que, no primeiro momento, desolou tristemente a alma alanceada do viúvo, não entenebrecido por sombras deletérias nem enfraquecido em sua crença na imortalidade da força que em nós pensa, sente e quer, mas impressionado de súbito por um fenómeno moralmente doloroso. Reagiu, porém, volveu ao plano de ciência experimental e de mérito doutrinário, em que ambos se compreendiam e agiam em comum, e ei-lo na missão nobre em que viveram inspirados, certo do incitamento e ajuda da consorte idolatrada, lá, das regiões inefáveis da Luz perpétua e da Legislação imutável.

Haverá um dia, de glória eterna, livre também de laços frágeis no cenário grosseiro e tragicómico deste planeta, visivelmente atrasado, o complemento espiritual que o acompanhou e animou nesta existência efémera e transitória, com o qual fundou, em homenagem ao espírito e à verdade, este orgão diamantino que envolve, no preito de adoração à Divindade, o agradecimento da sua Justiça e o reconhecimento da sua abençoada Paternidade.

E, então, a aura de ventura perenal, na atmosfera da Graça Excelsa, prémio de almas perfeitamente depuradas, onde cessam as diferenciações sexuais e os distúrbios de primazia e de posse de mando, encontrarão no Jesus-Messias, o Enviado de Deus, Omnipotente, não um julgador cruento, um monstro vingativo, mas o mesmo que pediu água a Samaritana, libertou a adúltera, abandonando-a os seus captores, e no ânimo da Madalena insuflou a benção de arrependimento !

D. Maria Duarte Santos paira nessa mansão etérea, em que o ódio, a maldade, o egoismo, a calúnia, a ambição desenfreada, não penetram e espera a presença espiritual do esposo por quem velará, assídua.

Eis, querido amigo, em palavras humílimas, o que a consciência me segreda e me tem ditado, e lhe ofereço como tributo meu respeitoso de aplauso à ínclita Senhora, leal, arguta e diligente que partilhou consigo o tálamo nupcial, e do lado de lá do véu o acalenta com primícias de afectuosa vibralidade em mensagens lucilantes e o exalsa e tonifica na tarefa ingente de esclarecida propaganda do Espiritismo, cerúleo traço de união racional, miragem fascinadora de beleza rara, unção fraternal manante do Ser dos seres, na apologia da vida universal criadora e no evento da grei perdurável.

Um abraço cordeal deste velho confrade e amigo

F. NORONHA

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

por Romolo Mantovani

(Presidente do Grupo "Amour et Vie", de Paris)

II

Sabemos também que um espírito não pode materializar-se sem presença de um ou vários médiuns. Certamente Pedro e João, médiuns, sentados sobre o sepulcro e chorando, forneceram a Jesus os meios de manifestar-se. É interessante observar como a materialização espiritica de Jesus segue as mesmas regras que as materializações de nossas sessões, e devemos deduzir que se trata, portanto, duma mesma lei da Natureza.

Porquê esssa proibição de tocá-lo feita por Jesus a Maria, quando, pouco depois, ele ia exigir que seus discípulos, ansiosos por saber se não se tratava de um fantasma, apalpassem suas mãos e seus pés, afim de lhes assegurar que não era um fantasma ?

Certamente para dar também um ensinamento espiritual.

— «Noli me tangere !»

«— Não me toques !

— Dizes amar-me e procuras um pobre corpo morto. Só crês no que vês com teus olhos e ainda não crês nas minhas palavras.

«— Procuras-me como «um morto» e esqueces o que vos disse: «Eu sou a Vida, sou Eterno, porque estou unido a meu pai. Sou o Amor».

«— «Noli me tangere».

«— Não és digna de tocar-me, de unires-te a mim, porque ainda não crês em minha resurreição. Surda a minhas palavras, procuras um corpo físico e eu te disse que sou Espírito, que «sou a ressurreição e a vida».

«— Procuras-me num túmulo, quando deverias sentir-me em tua alma, em tua vida.

«— Não te retardes em teus sentidos. Apoia-te na minha palavra de vida. Crê em mim. Tem a fé que não precisa dos sentidos. Quando creres em minha ressurreição, quando creres que «estou sempre convosco», então não me procurarás mais, porque sentir-me-ás vivendo em teu coração, em tua alma e então poderás tocar-me, porque estarás unida a mim».

Que sublime ensinamento espiritual ele nos deu com essas três palavras !

Essas palavras ! Melhor : essa severa ordem — «Noli me tangere» — não é dirigida a Maria Madalena, «pessoa humana», como a um único ser, mas a essa parte da humanidade que permanece ainda cega à realização do Espírito.

Vós todos que vos dizeis «cristãos», que credes amar o Cristo, mas que recusais crer em «sua palavra», reconhecer a sua resurreição, isto é, a sobrevivência após a morte e sua possibilidade de manifestar-se no mundo físico; vós todos que vos recusais a reconhecê-lo vivendo em vosso coração e no da humanidade inteira como Espírito, vivendo em todos, lembrai-vos de que é para vós que ele dirige esse severo aviso: *Noli me tangere*. Sois indignos de tocar-me.

No mesmo dia, isto é, o terceiro após a morte, como havia predito, apareceu a dois outros Apóstolos. Eis aqui a descrição que nos dá Lucas, confirmada por Marcos:

«E eis mesmo nesse dia, dois discípulos iam a uma aldeia chamada Emaús, afastada de Jerusalém sessenta estádios e eles conversavam sobre tudo o que se havia passado. Enquanto eles falavam e discutiam, Jesus aproximou-se e jornadeou com eles. Mas qualquer coisa impedia que seus olhos o reconhecessem.

«Ele lhes diz: de que falais caminhando, para que estejais tão tristes ? Um deles chamado Cleófas respondeu-lhe: «És o único que, estacionando em Jerusalém, não sabes o que aconteceu nestes dias ? — Que ! — lhes diz ele. E eles lhe responderam: O que aconteceu a respeito de Jesus de Nazaré, que era um profeta poderoso em obras e em palavras diante de Deus e diante do todo o povo, e como os principais sacrificadores e nossos magistrados entregaram-no para fazê-lo condenar à morte e o crucificaram.

«Esperávamos que seria ele que libertaria Israel; mas com tudo isso, eis chegado o terceiro dia...

«É verdade que algumas mulheres dentre nós nos espantaram bastante havendo ido na grande manhã ao sepulcro e não tendo encontrado seu corpo, elas vieram dizer que os anjos lhes apareceram e o anunciaram vivo.

«Alguns dos que estavam connosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres o haviam dito: mas a Ele não o viram absolutamente.

«Então Jesus lhes diz: Ó homens sem inteligência, e cujo coração é lento em crer em tudo o que disseram os profetas. Não era preciso que o Cristo sofresse essas coisas, e que ele entrasse em sua glória ? E começando por Moisés e por todos os profetas, ele lhes explicou em todas as Escrituras o que lhes concernia.

«Quando eles estavam perto da aldeia aonde eles iam, ele parecia querer ir mais longe. Mas eles lhe solicitaram dizendo: «Fica connosco, porque a noite se aproxima, o dia está em seu declínio». E ele entrou para ficar com eles.

«Então seus olhos abriram-se, e eles o reconheceram; mas ele desapareceu de diante deles.

«E eles disseram um ao outro: «Nosso coração não nos queimava dentro de nós quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras»? Levantando-se no mesmo momento, eles voltaram a Jerusalém; e eles encontraram os onze, e os que estavam com eles, reunidos e dizendo: «O Senhor realmente ressuscitou, e apareceu a Simão».

«E eles por sua vez, contaram o que lhes havia acontecido no caminho, e como eles o haviam reconhecido à divisão do pão».

Este relato é contado com tal sentimento de espontaneidade e de poesia, que se o adivinha escrito por alguém que teve a testemunha ocular dele. De facto, a Escritura fala-nos de «Simão e o outro». O outro é certamente Lu-

cas que, por modéstia, não se revela. É por isso que damos grande importancia a este relato.

Esta manifestação espirítica de Jesus é uma das mais belas. Não sòmente ele se há materializado, mas caminhou e falou com eles, senta-se à mesa com eles se revela por seu ensinamento mesmo, isto é, «agradeceu e partiu o pão». Nesse momento é que seus olhos se abriram e reconheceram Jesus. Nenhum outro humano poderia realizar identidade para toda pessoa de boa fé.

Como, nestes casos, podemos admitir uma alucinação de dois discípulos ? Impossível ? Talvez para a aparição durante a marcha e o discurso, mas o facto de «agradecer» e de partir o pão, é um gesto que Ele só podia fazer dessa maneira. Estes dois apóstolos não criam na possibilidade da aparição após a morte. Ser-lhes-ia impossível alucinarem-se reciprocamente sobre um facto que não sòmente eles não criam possível, mas que não esperavam absolutamente da parte dum passeante encontrado ocasionalmente.

É preciso considerar todos esses pormenores, que nos provam a veracidade da manifestação.

Notemos que, segundo a Escritura, «alguma coisa impedia que seus olhos o reconhecessem». Isto prova-nos ainda mais que não se trata de uma aparição interior, duma visão fantasmagórica porque então eles o haveriam visto e reconhecido em seguida.

É evidente que mesmo neste caso Jesus impede que o reconheçam para ter a possibilidade de manifestar-se por tempo mais longo e poder realizar o acto de dividir o pão.

Notemos a sincera exclamação dos dois discípulos que disseram um ao outro : «Nosso coração não queimava dentro de nós, quando ele nos falava e nos explicava as Escrituras.».

A melhor prova de que era verdadeiramente Jesus, seu Mestre, não foi dada por essa bela contestação espontânea ?

Dizem-nos que ele «desapareceu diante dos olhos deles». Ora, até aquele momento os dois apostolos criam falar com um companheiro de viagem encontrado ao acaso, um homem feito de carne e osso, nada de anormal, de tal modo em nada anormal, que ao momento de se separarem eles o convidam para entrar e comer com eles, porque a noite chega.

Ele aceita, entra com eles, senta-se à mesa, etc.; trata-se pois de um Espírito completamente materializado. Não obstante, logo que foi reconhecido, «ele desapareceu diante dos olhos deles». É este desaparecimento súbito, diante de seus olhos, que é a prova mais indiscutível de que eles se encontravam em face da materialização espirítica de Jesus. É mais que evidente que se se tratasse dum homem normal, ele não teria podido desaparecer num instante diante dos olhos deles.

Por outro lado, em nossas sessões espiríticas, os espíritos que se materializam desaparecem às vezes instantâneamente. Eles permanecem o tempo que lhes é possível e, finalmente, faltando a força, são obrigados a desaparecer inopinadamente.

Um outro facto que nos prova a indiscutível identidade de Jesus nessa manifestação, é que aquele desconhecido falou sobre as Escrituras aos dois apóstolos e lhas explicou de maneira que *sòmente* «Jesus» era capaz, pois ne-

PENSAMEN

Meu querido ! O pensamento amigo é guia seguro na jornada da vida. Quando se está cansado, é energia que fortalece. Quando se está triste, é ânimo que levanta. Quando se duvida, encoraja e ensina. O pensamento amigo vigia sempre. Facilita a viagem. Auxília a resolução dos problemas.

Tu tens o meu pensamento amigo a aplanar a vereda do teu rumo. Aí, arrancava abrolhos e espalhava flores. Aqui, espalho claridade e arranco dúvidas. Continuo a missão interrompida.

Aos que me julgavam morta, ofereço vibrações de paz. Aos que me sabem viva, dou vibrações de amor e simpatia. A todos envio alguma coisa do que possuo.

O pensamento harmonioso dá a volta à humanidade e regressa à origem, mais belo e fortalecido. Equilibra e ajusta, rectifica e ampara. É estrada de luz que os cegos vêem. Dirige-se ao interior do homem. E de lá segue para regiões que ignorais, mas que outros conhecem e não podem descrever-vos.

Espalhai o bem. Criareis pensamentos amigos que escudarão as almas na troca de afecto sublime. Envolvidas em luz, buscarão outras almas para a luta do amor puríssimo. E o mundo ir-se-á transformando. As muralhas sombrias que emparedam os seres desaparecerão a pouco e pouco e a sociedade rejubilará, entoando cânticos de beleza imortal.

Espalhai o bem. O pensamento amigo é um companheiro dilecto. Transforma o lodo em água clara. Transforma a lágrima em sorriso prazenteiro. Renova o espírito, abre caminhos, conduz à verdadeira felicidade.

Não conhece a inveja, nem o ódio. Resolve e facilita. Seu alvo é a bondade e a caridade.

Ilumina os antros da intriga e ajuda as vítimas do erro. Tem centelhas de justiça.

O meu pensamento amigo é força que impulsiona.

TO AMIGO

Quero-te sempre animoso e vigilante, sensível às nossas intuições. A jornada é grande e a estrada pedregosa. É preciso trabalhar inglòriamente. Sabes que é assim. O nosso compromisso está de pé. Um alto espírito no-lo disse durante a vida inteira.

A minha vinda não foi casual. Regressei à origem para melhor firmar a obra que iniciámos. Não poderia ser de outra maneira. Lembras-te do que nos dizia esse alto espírito?

«Superai-vos em boas acções! Estugai o passo, que a tarefa é grande e o tempo não espera! Um minuto que perdeis é atraso lamentável! Fostes à Terra para dura faina que não realizais! A seara aguarda o vosso esforço!».

Não soubemos ouvir a palavra... Fomos crianças que brincaram com o fogo... E agora o esforço é maior e mais difícil.

A marcha abrandou. Os braços cairam. O comodismo invadiu o campo. Por isso eu vim mais depressa. Foi um choque providencial que nos trouxe à realidade.

Lança-te ao trabalho. Põe nele a tua vontade e a tua vida. Somos dois a laborar, somos dois a agir.

Meu pensamento está contigo. Nada receies. Vê a aranha que faz a teia. Constroi o que lhe destroem. Exemplo de perseverança que ela dá aos humanos! Imita a aranha nessa grande virtude. Vive para a nossa obra e morre por ela. Quando vieres, a labuta será diferente. Terá maior amplidão.

Propaga o ideal com amor e solicitude. Não firas, não molestes o teu semelhante. Ergue bandeiras fraternais. Apela para o forte e protege o fraco. Ampara. Auxilia. Faze do Evangelho o teu bordão: «Não veja a mão esquerda o que dá a direita».

M. G.

nhuma outra pessoa poderia dar as mesmas explicações.

O Apóstolo Lucas continua e nos diz que esses dois discípulos... «levantando-se no mesmo momento, voltam a Jerusalém, onde eles encontraram os Onze reunidos, e os que estavam com eles, que lhes dizem: O Senhor ressuscitou verdadeiramente, porque apareceu a Simão».

Eles, por sua vez, contaram o que lhes havia acontecido no caminho, e como eles o haviam reconhecido à partição do pão. Mas as Escrituras dizem-nos que os discípulos eram incrédulos. Sabemos que eles todos eram almas simples, sem cultura. Como fazer com que esses homens aceitassem a realidade da Ressurreição, da Sobrevivência da alma? Não bastava que Jesus a houvesse várias vezes ensinado e profetizado.

Suas aparições às mulheres, a Maria Madalena, e aos dois discípulos de Emaús, maravilharam-nos, confundiram-nos, mas deixaram-nos incrédulos. Para eles era uma coisa incrível; não obstante, em seu coração eles esperavam poder ainda uma vez rever seu Mestre bem amado.

É por este motivo que Jesus, ao fim desse mesmo dia, o terceiro após sua morte, acha necessário aparecer aos discípulos.

Eis como Marcos nos conta o acontecimento::

«Finalmente ele apareceu aos Onze enquanto eles estavam à mesa, e ele lhes repreendeu sua incredulidade e a dureza de seu coração, porque eles não haviam crido nos que o haviam visto ressuscitado.

«Depois ele lhes diz: Ide pelo mundo todo e pregai a boa nova a toda a Criação. Aquele que crer e que for baptizado será salvo, mas aquele que não crer será condenado.

«Eis os milagres que acompanharão aqueles que tiverem crido: em meu nome espantarão os demónios; eles falarão novas línguas, eles agarrarão as serpentes; se eles beberem alguma beberagem mortal ela não lhes fará mal algum; imporão as mãos aos doentes e estes serão curados».

Infelizmente, nesta passagem, o Evangelista não nos entretem muito tempo nessa aparição. Mas podemos reconhecer Jesus sem dúvida alguma pelas palavras que ele pronúncia. Sente-se que é o Mestre que fala.

Vejamos antes o que diz Lucas sobre o assunto:

«Enquanto eles conversavam — isto é, enquanto eles discutiam a possibilidade da aparição — Jesus *apareceu* no meio deles».

Notemos bem que nos dizem que ele «apareceu», isto é, que ele não entrou pela porta ou pela janela, mas enquanto eles estavam reunidos à mesa discutindo, viram-no aparecer instantâneamente entre eles.

Uma tal aparição não pode ser feita por uma pessoa normal, mas sòmente por um espírito que se materializa, no local e no próprio momento. Isto lhe foi fácil de conseguir, porque ele encontrava-se num ambiente muito favorável e não faltaram médiuns para auxiliá-lo a materializar-se, pois sabemos que todos os seus discípulos se tornaram curadores espirituais, portanto eram médiuns.

Ele foi reconhecido pela sua palavra, porque ele lhes diz: «A Paz seja convosco». Vendo que eles estavam perturbados pela sua aparição, ele lhes certificou «sou eu, não vos assusteis». Eles,

cheios de perturbação e medo, criam ver um Espírito.

Notemos que o Evangelista diz claramente que eles «criam ver um espírito».

Já o facto de ver um espírito os perturbava profundamente. Certamente eles tinham conhecimento da crença popular que os espíritos tinham o poder de manifestar-se como fantasmas, sem, apesar de tudo, serem seres vivos, reais; sòmente fantasmas, seres irreais, a maior parte criados por alucinação ou desvairo. É por isso que ele lhes diz: «Porque vos turbais, porque tais pensamentos se elevam em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo; tocai-me e vede. Um espírito (um fantasma) não tem carne nem osso, como vedes que tenho. E, dizendo isto, mostrou suas mãos e seus pés».

Ele fez-lhes, pois, verificar, convidando-os a tocá-lo, que não se tratava de aparição efémera, fantasmagórica, ilusória, mas de uma realidade, de uma presença real em carne e osso. Ele quer que não fique dúvida alguma neles e que eles fiquem bem convencidos de que sua ressurreição *é real;* que ele está sempre vivo».

Era por isso que ele se empenhava em convencê-los da sua ressurreição real, que ele considerava como a parte mais importante de seu ensinamento.

Mas os discípulos, apesar da autorização que lhes era dada para tocar nele, não estavam convencidos. Na Escritura está escrito: «Como em sua alegria eles não criam em nada ainda e estavam pasmados. Jesus lhes diz: Tendes aqui algo para comer? Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe grelhado e um favo de mel. E após ter comido diante deles, ele lhes deu».

Para convencê-los ainda mais de que não era um fantasma ilusório, mas um ser vivo e real, ele comeu com eles.

A questão de saber se um espírito materializado pode comer, tem sido fortemente debatida nos anais do Espiritismo, mas é uma coisa definitivamente resolvida por nós, porque os espíritos que se materializam em nossas sessões, que nós tocámos, nos deram várias vezes a prova clara e irrefutável de comer e beber.

E ele lhes diz: «É o que eu vos dizia, quando eu estava ainda convosco».

Com esta afirmação ele confirma a sua morte e sua presença entre eles como «espírito materializado». Afirmação extremamente importante.

«Que era preciso que se realizasse o que foi escrito por mim na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos. Então ele lhes abriu o Espirito para que eles compreendessem as Escrituras».

João nos confirma o mesmo facto nestes termos:

«Nesse mesmo dia, o seguinte ao sabado, como era tarde, e as portas do local onde os discípulos estavam reunidos estavam fechadas, de medo dos Judeus, Jesus veio, e de pé no meio deles, lhes falou».

Mas nessa assembleia faltava Tomé. E, logo que ele voltou, os discípulos lhe disseram que tinham visto o Senhor. Mas Tomé lhes disse: «Se eu não vir em suas mãos os buracos dos pregos, e não meter minha mão em seu flanco, *não crerei.*

Aqui é preciso pararmos um momento e considerar sèriamente essa incredulidade de Tomé, porque ela é muito importante. Os discípulos eram homens simples, pescadores, muito atraídos pela doutrina de Jesus que eles não compreendiam bem, e por seus milagres, que o faziam considerar como um homem maravilhoso, mas mesmo no seu fanatismo por Jesus, eles não podiam aceitar a ressurreição; isso era uma coisa que os ultrapassava. Eles não podiam admitir que um morto pudesse viver e manifestar-se. Não obstante é precisamente esse ensino que Jesus queria dar-lhes.

Essa persistente incredulidade dos Apóstolos deve afastar duma maneira clara toda a suspeita de alucinação colectiva, porque esta é sempre uma visão fantasmagórica, Jesus materializou-se bem, como um ser humano normal, por várias vezes, justamente para convencê-los. É por isso que João nos conta:

«Oito dias depois, seus discípulos estando ainda no mesmo local, e Tomé com eles, Jesus veio; as portas fechadas e de pé no meio deles, lhes diz: a Paz seja convosco. Depois diz a Tomé: Ponde vosso dedo, e vede minhas mãos. Aproximai vossa mão e ponde-a no meu flanco; e não sejais incrédulo, mas fiel».

«Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus». Jesus diz: «Porque me vistes, Tomé, me crestes. Felizes os que nada viram e que creram».

Desta vez, temos uma outra materialização de Jesus, que chega a convencer Tomé absolutamente incrédulo sobre sua sobrevivência. Aqui ninguém pode objectar que poderia tratar-se de uma alucinação, porque Tomé não cria, mas quando ele tocou, foi forçado a render-se à evidência dos *factos.*

A aparição seguinte realiza-se sobre o lago de Tiberíades.

Aqui a Escritura não é baste pormenorizada sobre a aparição; pelo contrário, mas o que revela Jesus nos Apóstolos, é o milagre realizado, que é o facto mais evidente de toda a aparição.

Em seguida ele aparece aos 500 discípulos reunidos sobre a montanha (Mat. XXVIII, 16-20) I Corr. XVI; depois a Jerónimo (I Corr. XV-7) e, finalmente, sobre o monte das Oliveiras para a sua ascensão, explicada aos discípulos por essas poucas palavras do Evangelista.

Ascensão, de Jesus. «E após lhes haver falado, o Senhor Jesus foi elevado ao Céu, onde ele se acha sentado à direita de Deus. E eles tendo partido, rezarão por toda a parte, o Senhor cooperando com eles e confirmando sua palavra pelos milagres que os acompanhavam (Marc.).

Podemos aceitar as Aparições póstumas de Jesus como reais.

Afirmemos, sinceramente, que, para nós, são um facto histórico incontestável. Ou se aceitam os Evangelhos como verdades ou então não se admitem.

Devemos observar que a ideia de aparição não foi desenvolvida no pensamento dos discípulos após a morte do Mestre, mas que Ele mesmo a ensinou e prefetizou pelo menos dez vezes em sua vida, de modo que não deixasse nenhuma dúvida, justamente para preparar seus discípulos a aceitar essa realidade, para eles inconcebível.

Os próprios profetas do Antigo Testamento anunciaram a ressurreição de Jesus.

Ela é igualmente confirmada fora dos Evangelhos pelos escritos de vários Apóstolos. Os primeiros cristãos criam todos na sobrevivência da alma e em sua possibilidade de manifestar-se sobre o plano material. Ela deve pois ser aceite como um facto real, incontestável para o verdadeiro cristão.

Mas como explicá-la?

Alguns, não sabendo dar-lhe uma explicação qualquer, procuraram simplificar a coisa até admitir que Jesus não estava morto sobre a cruz, que ele havia simplesmente caído em catalepsia,

depois havia acordado e havia continuado a viver e a apresentar-se aos discípulos em seu corpo físico.

Parece-nos evidente que essa tese não é sustentável.

Primeiro, porque foi provada, como vimos em nosso estudo precedente à «Luz do Gólgota», que ele estava bem morto sobre a cruz.

Em seguida, porque as manifestações de Jesus após a morte corporal não são reconhecidas sob a forma de homem físico normal, mas como «aparições». Ele aparece e desaparece sùbitamente, o que é absolutamente impossível para um homem normal, vivendo em seu corpo físico.

Trata-se de alucinações colectivas ?

Demasiadas provas materiais foram dadas, como vimos em nosso estudo, e podemos afastar esta hipótese, de maneira categórica. Um iluminado vê e ouve no sentido de suas ideias favoritas; ora os discípulos não crêm na ressurreição de Jesus.

Outros querem aceitá-la, mas sòmente como um «milagre» feito por Deus.

Segundo o nosso ponto de vista, essa tese é muito menos sustentável.

Porque Jesus havia já profetizado a sua ressurreição, várias vezes, no curso de sua vida.

Porque se se admite que Deus é o autor da Natureza e por consequência das leis que a regem, esse Deus seria de facto muito imperfeito se ele houvesse dado à Natureza leis tão pouco divinas que, para mostrar-se Deus, lhe seria necessário violá-las. Ele daria no mínimo um mau exemplo, seria um Deus injusto. Segundo a razão e a lógica, Deus não saberia agir contràriamente a suas próprias leis.

(Continua)

"ALVORECER"

Em nossas mãos, o jornal Alvorecer, *orgão de publicidade do Colégio Leopoldo, de Nova-Iguaçú, Estado do Rio de Janeiro. É o n.º 2 da 3.ª fase, oito páginas de formato grande, repleto de conceitos e de gravuras. Por nos parecerem interessantes, transcrevemos noutro lugar deste número «Se és professor» e «Se és aluno do Colégio Leopoldo», duas formosas legendas de carácter espiritualista, que deveriam figurar em qualquer colégio.*

Fundo Permanente de Beneficência

NATAL DE 1950

Prezados consócios e amigos !

Como sabeis, por maior que seja o altruísmo, não é possível, no nosso meio espirita, tornar em realidade, por falta de recursos, aquilo que de há muito não passa de um sonho: Fundar uma obra de Beneficência e Assistência à infância desvalida, a exemplo do que existe na grande nação irmã, que é o Brasil.

Para isso, a Direcção do Centro Espiritualista «Luz eAmor» resolveu recorrer à seguinte modalidade, contando com o auxílio de todos:

Abrir uma inscrição, entre sócios e não sócios, para compra de um bilhete da lotaria do Natal, cujos prémios vão até oito mil contos.

Emitir senhas de 20$00, que os interessados poderão adquirir, enviando as respectivas importâncias, em carta registada ou vale de correio.

Todos os interessados devem atender às seguintes condições:

1.ª

Das importâncias entradas, serão retirados 10 % para o Centro E. «Luz e Amor» e para o seu Fundo de Beneficência.

2.ª

Comprar um bilhete, cujo preço é de dois mil escudos, logo que o valor das entradas atinja esta importância, cobrindo o Centro a diferença, se tal não suceder.

3.ª

Se o valor das inscrições feitas até ao dia do seu fecho (15 de Dezembro) fôr superior ao custo de um bilhete, o excedente será empregado na compra de outro bilhete ou suas fracções, depois de retirados seiscentos escudos, para compra de um bilhete da lotaria do fim do ano (29 de Dezembro) cujos prémios vão até dois mil contos.

4.ª

Se a sorte nos fôr favorável (Deus permita que sim) o valor dos prémios, excepção feita aos de valor inferior a cinco contos, será dividido em duas partes iguais — Uma a distribuir pelos interessados na proporção das suas inscrições — Outra para o Centro E. «Luz e Amor» e para o seu Fundo de Beneficência.

5.ª

O valor dos prémios inferior a cinco contos reverte para o Centro E. «Luz e Amor» e para o seu Fundo de Beneficência.

6.ª

A inscrição fecha no dia 15 de Dezembro — Após esta data as senhas serão enviadas aos interessados.

7.ª

A Direcção do Centro E. «Luz e Amor» resolverá sobre qualquer omissão na execução deste plano, o qual servirá de base a inscrições para futuros sorteios e fará publicar na revista «Estudos Psíquicos», orgão do Centro, tudo o que com os mesmos se relacione.

Pedindo o bom acolhimento a esta iniciativa, a todos agradecemos o seu concurso e o seu auxílio.

Setembro de 1950.

A DIRECÇÃO

MESMER

(A sua Vida e a sua Obra)

por ANTÓNIO CARDOSO

Estamos no ano de 1734. Perto de Stein, no Souabe à Weiler, acabava de nascer uma criança, que mais tarde seria baptizada com o nome de Francisco António Mesmer. De seus pais, e mesmo de sua família, pouco ou nada se conhece, e o mesmo podemos dizer dos seus primeiros anos de vida.

Todas as crianças gostam de rir, cantar e pular, como é próprio da idade; todas elas procuram geralmente o convívio com outras, para assim poderem brincar conjuntamente. No entanto, com Francisco António dava-se precisamente o contrário: procurava a todo o custo a solidão, fugindo, o mais que lhe era possível, do convívio com outras crianças da sua idade. Foi assim que concebeu um sistema geral de metafísica, que mais tarde lhe seria precioso, quando da sua tese.

Os anos passam, e Francisco António Mesmer chega a doutor em medicina. A sua tese, apresentada no ano de 1766 à Faculdade de Viena, é o seu primeiro grito contra a velha e caduca doutrina das escolas. O seu trabalho subordinava-se ao título «Da Influência dos Planetas no Corpo Humano» — tendo como objectivo unir à acção newtoniana as leis fundamentais da fisiologia. Como agente dessa atracção considerou o fluido universal, conhecido desde a mais remota Antiguidade, e a que os *yoguis* hindus chamam *prana*. Como chegou Mesmer a estas conclusões? Seria puro raciocínio dedutivo, somatório das suas meditações? Ou seria — e esta hipótese parece-me mais plausível — produto de leituras feitas acerca destes assuntos? Seja como for, o que não resta dúvida é que a tese causou admiração entre os professores da dita Faculdade.

O seu princípio fundamental era que todos os movimentos que se dão na natureza se realizam devido à *lei da atracção*, de tal maneira que os imãs não são mais do que simples manifestação rudimentar desta lei geral que rege o Universo. E foi precisamente com um imã que iniciou os seus trabalhos práticos, alcançando resultados interessantíssimos no tratamento de doenças. O seu primeiro doente — estamos em 1771 — foi uma rapariga que sofria de doença convulsiva. Durante uma das suas convulsões, aplicou-lhe placas magnetizadas sobre o peito e as pernas. O resultado foi extraordinário!

Com outros doentes, aplicando sempre o mesmo processo, chegou a resultados análogos. Este processo de tratamento — por meio do magnetismo mineral — é pouco ou mesmo quase desconhecido no meio português, e não conheço nenhumas experiências feitas nesse sentido. No entanto, no estrangeiro, esses processos têm sido aplicados, e julgo, com êxito.

As placas, que eram depois magnetizadas, obtinha-as Mesmer do Padre Hell, professor de Astronomia da cidade de Viena; este cientista, sabendo, portanto, melhor do que qualquer outro, em que consistia o processo da teoria nascente, não hesitou em se proclamar *descobridor* da virtude curadora do imã. Mesmer, surpreendido, e mais do que isso, indignado pelas injustas declarações desse Mestre, reuniu todos os seus esforços para, numa grandiosa campanha, mostrar ao povo de que lado estava a Verdade! Mesmer bateu-se como um herói, mas Hell... era um cientista conhecido em todos os meios intelectuais, e quando um homem goza de tais proveitos, mesmo que diga tolices, a sua opinião é ouvida com o maior respeito, e todos se curvam diante delas... Mesmer, desgostoso de tudo e de todos, lembra-se de escrever a um seu amigo, primeiro médico do imperador, o Barão de Storck, prometendo dar-lhe todas as particularidades da sua teoria, à medida que as fosse descobrindo, para ele poder levar os Mestres da Academia a estudá-la. Trabalho baldado! M. Storck não queria compremeter a Faculdade com a nova teoria, comprometendo-se consequentemente a si próprio. E registou o pedido do seu amigo.

Não param aqui as contrariedades. O físico Ingenhousch, que parecia interessadíssimo nos estudos e trabalhos de Mesmer, proclama bem alto que tudo a que havia assistido não passava de uma hábil intrujice. Mesmer não desanima; e embora os sábios do seu país pouca ou nenhuma importância dessem ao seu pedido para examinarem a descoberta que havia feito, percorre a Suíça, onde deixa, principalmente em Zurique e Berna, muitos médicos convencidos da existência do fluido magnético. Voltou a Viena onde obteve um êxito extraordinário com a cura de uma ra-

pariga que sofria de moléstia amorosa incurável. O pior é que o pai da donzela ficou fulo com ele, pois devido a essa doença *incurável* recebia uma certa pensão do governo... Chegou mesmo a pedir às autoridades científicas da época que encarcerassem esse mesquinho curandeiro que tinha ousado — e o que ainda é pior — conseguido curar a sua filha!

Não restavam dúvidas! Mesmer, por mais esforços que fizesse, por maiores que fossem as curas que tinha obtido, nunca seria respeitado com a devida atenção pelos homens da sua pátria. Os doentes não o esqueciam, é certo; um ou outro estudioso mais liberto dos preconceitos da época, pôs-se a seu lado, também é verdade; mas a grande maioria, o «grosso do exército» atacava implacàvelmente Mesmer e a teoria nascente.

— Talvez no estrangeiro me possa fazer compreender — pensou Mesmer desiludido de tudo o que tinha sofrido até à data. E se bem o pensou, melhor o fêz. Ei-lo, além fronteiras, a proclamar a Verdade que tinha *descoberto;* e é assim que no ano de 1778 entra em Paris.

A capital francesa acolheu-o generosamente, e o povo e os intelectuais interessaram-se logo vivamente pela teoria que ele apresentava. Poderão os leitores depreender daqui que os franceses são mais compreendedores, são mais fáceis de se convencer de uma verdade, que qualquer outro povo, numa palavra, que estão mais evoluídos. No entanto a razão é outra; Paris estava, ao contrário das outras cidades que Mesmer havia percorrido, preparada para o receber, pois não se tinha ainda apagado da memória dos seu habitantes o extraordinário êxito que alcançara anos antes José Bálsamo com as suas experiências de Magia. José Bálsamo, que adoptou o falso cognome de *Conde de Cagliostro* e possuía conhecimentos de ocultismo que aprendera numa das suas viagens ao Egito, tornou-se em pouco tempo um dos maiores charlatães que Paris conheceu. O seu amor ao luxo, a sua ambição de dinheiro, fizeram com que a título de *caridade* explorasse aos nobres as mais avultadas quantias, em troca das curas que ia obtendo. O caso de Cagliostro não é único nos anais do Ocultismo daquela época; a seu lado podemos figurar o Dr. James Graham, que não desejando ser menos *humanitário* que José Bálsamo, *apenas* levava por consulta a *bagatela* de quinze libras, e também o Conde de Saint Germain que dizia ter mais de 2.000 anos de existência e portanto conferenciado com o próprio Cristo; mas, apesar de tudo isto, apesar desta série de mentiras, actualmente ainda há pessoas que embora tenham a cabeça no seu lugar, o intitulam *Mestre!*

Não admira, portanto, que tendo Mesmer tão *ilustres* antecessores, as suas ideias encontrassem em Paris um ambiente acolhedor e propício. O director da Academia de Ciências era nessa altura o Rei, que assistindo às suas experiências, se sentiu preso de curiosidade, a tal ponto que em certa altura pediu a Mesmer uma exposição minuciosa de toda a sua teoria, para ele apresentá-la à Academia numa reunião que ia organizar. A ela assistiu o próprio Mesmer, cheio de confiança nos resultados... mas não contou com a oposição formal da Academia! Mais uma vez falhara, agora que tudo lhe parecia um mar de rosas...

Nesta altura aparece-lhe alguém, um tal Eslon, que defendendo as suas teorias, foi um dos seus melhores amigos, que o socorreu sempre nos momentos em que Mesmer via tremer os alicerces da sua campanha. Infelizmente, a ingratidão humana não tem limites. Mesmer não soube corresponder a tanta dedicação e mais tarde atacou-o injustamente numa carta vergonhosa que escreveu ao mais velho professor da Faculdade, M. Philip, e que não reproduzo por ser demasiadamente extensa.

Mas na altura em que Eslon apareceu, Mesmer agarrou-se a ele, como quem agarra uma tábua de salvação. Eslon, não perdendo tempo, pede a Mesmer para redigir uma memória sobre a sua descoberta, que apresentou à Faculdade, onde tinha certa influência; o resultado foi também quase nulo, pois apenas 3 ou 4 médicos decidiram estudar o assunto, e verificarem, portanto, as maravilhosas curas que por toda a parte se anunciavam.

O primeiro doente que apareceu era um paralítico, o qual, com 8 dias de tratamento, ficou completamente curado. A seguir apareceu uma menina escrofulosa, sofrendo horrivelmente com essa afecção, pois tinha o corpo coberto de tumores ulcerosos; Mesmer não desanima perante este caso que talvez fizesse desanimar muitos representantes da Medicina Oficial; sem perda de tempo começa os seus tratamentos magnéticos, e 6 semanas depois as chagas já se encontravam cicatrizadas!

No entanto os médicos atribuiram à Natureza as curas que se tinham efectuado, negando assim o poder magnético, embora —

quanto a mim — o 1.º caso, se não se quiser recorrer ao tratamento magnético se possa curar por forte sugestão, ou auto-sugestão *mística*, como sucede todos os anos em Lourdes e em Fátima.

Mesmer não se deu por convencido e durante sete meses seguidos os médicos tiveram ocasião de observar curas sensacionais... embora isso pouco ou nada influísse na sua opinião.

Enquanto isto sucedia, Eslon — o dedicado amigo de Mesmer — estava redigindo «Observations sur le Magnétisme Animal», que publicou em 1780. Dehorne, instruído aparentemente sobre esta próxima publicação, faz sair uma brochura da sua autoria, intitulada «Réponse d'un Médicin de Paris à un Médecin de Province sur le Prétendu Magnétisme Animal»... na qual só mostrava ignorância do assunto que pretendia tratar. Enfim, o livro de Eslon apareceu, e com ele a indignação da Faculdade contra esse seu membro.

Mesmer, animado por esta publicação do seu amigo, redige várias exposições que entregava a Eslon, para que este, por sua vez, entregasse à Faculdade. O resultado parece ser favorável: com efeito, alguns intelectuais, que até então se tinham mostrado alheios ao assunto, começam a dar mostras de interesse pela questão.

Mas esta vitória foi apenas aparente, porque um dos acérrimos inimigos da Teoria Magnética (M. Roussel de Vauzesmes) lança contra Eslon um encarniçado ataque, numa reunião que convocou para esse fim: os os resultados foram desastrosos. Além doutras penas, Eslon foi suspenso durante um ano do quadro dos professores da Faculdade.

Mas o caso não foi abafado por este facto. M. de Lassonne declara desassombradamente, numa linguagem que não admite dúvidas, que acredita na existência do fluido magnético. Mesmer, consegue então por sua influência — e de Eslon, que, como disse, jámais o abandonou — uma protecção merecida do governo, e, vamos lá... exagerada até. Luiz XVI e Maria Antonieta, em vez de ajudá-lo como deviam, reclamando oficialmente das academias um exame rigoroso da descoberta que obtinha de todo o público uma adesão e entusiasmo sem precedentes, colocaram num pedestal ridículo Mesmer e a sua teoria.

Então deu-se o inevitável! A 28 de Março, M. de Mauperas anuncia a Mesmer que o Rei lhe oferece, entre outras regalias, uma pensão de 20.000 libras. Mesmer tudo recusou, mas as razões que deu dessa recusa, mostraram bem claro a todos que debaixo daquele espírito inteligente e activo e empreendedor que possuía, existia o maior dos orgulhos, a mais ridícula das vaidades! E o que se pode dizer quando atacado — com toda a razão — diga-se de passagem — por M. de Mauperas, devido à sua recusa, resolve então responder à Corte. O Dr. Teste, professor de medicina da Faculdade de Paris, reproduz essa carta na íntegra (V. «Le Magnétisme Animal Expliqué», págs. 161 a 165), para todos poderem fazer uma ideia do carácter mesquinho do seu autor.

A opinião pública vendo em Mesmer não o cientista de outrora, não o desinteressado de alguns anos atrás, mas o orgulhoso, o ambicioso de hoje, revolta-se contra ele.

Que diferença, que extraordinária diferença entre Van Helmont e Mesmer! O primeiro, tudo recusando receber dos seus doentes, trabalhando única e simplesmente por amor à humanidade; o segundo, hesitava até quanto à quantia que devia pedir pelos escritos, acerca da sua *descoberta!* Mas na altura em que vê que o seu segredo está prestes a passar ao domínio público, *humildemente* resolve pedir a *mísera* quantia de 240.000 francos!...

Mesmer começou, como cientista, a bater-se desinteressadamente para que a sua teoria criasse raizes fundas. Sofreu humilhações, desenganos, aborrecimentos. Foi um trabalhador incansável a quem o Magnetismo muito deve. Mas, seduzido pelo luxo, pelo oiro, pela inesgotável vaidade, tornou-se no mais inferior dos charlatães. As suas últimas cartas, que citei, são a confirmação positiva e segura do que afirmo! Enfim! A ele muito devemos, é certo; mas pena foi que não se mantivesse como começou, até ao fim da vida. Hoje, para muitos, quando se fala em Mesmer, é o mesmo que falar em José Bálsamo, em James Graham e no Conde de Saint Germain, porque todos eles — com maior ou menor intensidade — exploraram miseràvelmente a pobre humanidade.

Mesmer foi grande, é certo; mas também foi, como diz o Dr. Martins Oliveira, «um dos maiores charlatães que a Humanidade conheceu».

NO MÊS DE OUTUBRO SAIRÁ

o livro «DOIS MUNDOS», ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos

A FÍSICA MODERNA
e o Futuro do Espiritualismo

Por PIETRO UBALDI
(Correspondente em Itália)

Nesta revista e em resumidas palavras, vou expor a forma como vejo o assunto. O leitor que deseje profundá-lo, deverá aguardar a próxima publicação do meu novo livro, já no prelo: «*Problemas do Futuro*» (Edição Ergo, Roma).

A minha recente e nova posição perante o espiritualismo é a seguinte: já não o encaro como problema biológico, social, artístico, místico, espirita, filosófico, religioso ou qualquer outro, mas apenas como problema estritamente científico. Esta nova posição resulta de uma espécie de cansaço por tanto palavriado inútil que predomina neste campo, por ter buscado em vão uma base sólida onde pudesse assentar um novo, racional e provado edifício do espírito, tal como o momento histórico impõe. Uma espécie de instinto que, nesta hora apocalíptica, me fez compreender a necessidade de modernizar o espiritualismo, que corre o risco, como muitas outras formas do pensamento humano, de envelhecer, ancorado nas suas tradicionais orientações.

Nesta época de rápida destruição e de não menos rápida renovação, parar significa morrer.

E então, depois de ter procurado a verdade em tantas formas do pensamento, resolvi pedi-la à ciência. E pude verificar que essa mesma ciência materialista está despertando no sentido materialista. O facto chocou-me e passei a considerá-la como a minha maior aliada. Os próprios cientistas que o lançaram não mediram a importância nem as consequências espirituais do grito que, mergulhados nos seus cálculos, inconscientemente deixaram fugir. O mundo também não compreendeu este forte sintoma, segundo o qual o caminho da vida está mudando de direcção, porque os grandes génios da vanguarda foram obrigados a passar da matéria ao espírito.

O espiritualismo, no sentido mais lato, abraçando também as religiões para se colocar nos alicerces da nova civilização, precisa de elevar-se em bases muito diferentes das actuais que o positivismo moderno considera pouco seguras, porque não são absolutamente objectivas e racionais.

Eis, portanto, o que fiz. Tomei as últimas conclusões alcançadas pela mais moderna e adiantada ciência materialista e, desses pontos, já aceitos porque estão demonstrados, fiz o meu ponto de partida. E verifiquei que as mais altas conclusões da ciência materialista são o melhor trampolim para o salto no mundo do espírito. E fiquei admirado ante a fatal maturação do materialismo no espiritualismo, facto de que a ciência nunca pôde suspeitar, mas a cuja evidência tem de render-se. À força de profundar a matéria, tinha de encontrar o espírito que nela está gravado, muito para além dela que era apenas exterior e superficial. Servi-me, pois, da própria ciência materialista para chegar às realizações espirituais, mesmo as do mais alto misticismo, e isto *continuando*, simplesmente, a lógica desapiedada de que essa ciência se tornou escrava. Só assim se conseguiria consolidar o edifício destruído da ciência-fé num único pensamento.

Neste artigo, não me é possível entrar em pormenores e por isso volto a recomendar o mencionado volume. O sólido ponto de partida, a permissa que outro se encarregou de demonstrar é constituido pelas conclusões da teoria da relatividade de Einstein, pelos «quanta» de Planck, pela teoria do *continuo* espaço-tempo e da evolução das dimensões, do espaço curvo e da sua expansão, etc. E tive de verificar que, pelo caminho da ciência físico-matemática se pode chegar à descoberta de Deus. Descoberta que, inevitàvelmente, a ciência deve fazer, porque à força de estudar cada vez mais a matéria, não poderá deixar de descobrir e de ler o pensamento de Deus que em tudo está escrito e a todo o momento nos fala. E assim, partindo da última teoria físico-matemática aceita pelo mundo científico, poderemos construir o novo espiritualismo, solidamente ancorado nos factos, a fé experimentalmente demonstrada, o espiritualismo com base científica, perante o que o ateismo não passa de forma de ignorância da realidade dos factos.

Desta forma, a ciência materialista deixa de ser combatida para ser assimilada e, principalmente, *continuada* pelo novo espiritualismo. Vemos que a ciência físico-matemática chegou, *por si só* (sem qualquer intervenção espiritualista), a admitir que a última realidade do universo é o pensamento e que este não é apenas uma faculdade do ser humano, mas de todas as formas do ser, de forma que o homem vive mergulhado num pensamento cósmico de que faz parte, mas que existe independentemente dele.

Algumas explicações mais precisas: A física clássica profundou-se numa física quantística ou estatística, na qual já não predominam as leis dinâmicas, mas sim leis estatísticas ou de probabilidade, que não são reguladas por um só caso, mas por uma infinidade de casos em que o indivíduo desaparece. Desta forma a ciência ultrapassou a velha concepção mecanicista do mundo. A concepção determinista desenvolveu-se e modificou-se numa concepção probabilista, segundo leis estatísticas relativas a grandes agregados de indivíduos.

Onde nos leva esta penetração analítica da unidade-síntese que, a princípio, era considerada unidade simples? Uma observação submicroscópica dos processos atómicos guiou a ciência a uma concepção diversa da que resultara da observação macroscópica, mais sensória e superficial. Ora uma ciência que trabalha sobre resultantes gerais de massa, constrangida a abstrair de uma realidade que se afasta cada vez mais do profundo e com o qual perde sempre mais contacto, se, por um lado, se liberta de contaminações antropomórficas, por outro lado deve trabalhar e construir no vácuo, em forma de abstracção matemática, tentando depois conjugar os resultados obtidos com a realidade experimental. É assim que a nova física deve confiar nos matemáticos, trabalhando sobre conceitos que não são da vulgar concepção sensória. Agora, a alta matemática está muito próxima das es-

peculações filosóficas. Não só hoje a matéria é considerada como pulverizada na sua estrutura atómica, mas toda a configuração antropomórfica e sensória do mundo desapareceu por completo.

Nesse caso, qual é, segundo a nova ciência, o último elemento, a realidade ou substância da matéria? O último elemento da realidade, o electrão, é hoje considerado um aglomerado de ondas. Segundo a física mais recente, esta última finalidade da realidade é mera concentração de energia ondulatória, tanto mais fàcilmente localizável, quanto mais diferirem entre si as frequências componentes do aglomerado de ondas. É lógico que, com uma frequência única, não fosse possível a localização, porque uma onda única não se distingue numa intensidade uniforme.

Eis porque o último corpúsculo material, o electrão, se dissolve em ondas. O material de construção do edifício das coisas não é mais do que um campo electromagnético, visto que estas ondas não precisam de apoiar-se a qualquer substracto material, sendo concebidas ùnicamente como modificações periódicas. A tudo isto não se pode dar significado real, mas apenas significado lógico, isto é, que o electrão se encontra, em dado momento, em determinado ponto do espaço.

A solidez sensória do mundo físico fica assim destruída e reduzida a uma coisa que está muito longe da realidade física, quer dizer, a uma probabilidade matemática. Eis ao que ficou reduzida a matéria por obra da própria ciência materialista. Da matéria resta-nos apenas uma fórmula matemática, simplesmente variações de fenómenos, sem qualquer coisa que exista e persista por si e independente do mesmo fenómeno. Em resumo, a ciência da matéria fica reduzida a uma ciência de relação, a puro processo lógico. E pela lógica se compreende que a última essência da matéria é abstracta, um imponderável, puro pensamento, o da mente directiva do Universo. Assim, esta ciência concebeu como este puro pensamento pôde criar, como sua expressão, o universo físico.

A matéria e a concepção materialista ficaram assim reduzidas a nada, por obra do realismo e não do absoluto idealismo. Eis como o materialismo, levado à maior profundidade, acaba por se confundir com o espiritualismo. No fundo há apenas um *quid* que do campo da física atinge o campo do puro pensamento e que assume a forma sensória a que chamamos matéria. Um dia, a ciência verá que o puro pensamento representa o elemento genético da criação da matéria.

Nesse caso, a estabilidade da matéria é abstracta, isto é, princípios imateriais que a regem (o pensamento). Assim, o materialismo se autodestruiu; e embora ainda impere na vida prática, já está ultrapassado no alto pensamento directivo, visto que a última interpretação do elemento extremo, o electrão, é como uma ponte lançada pela física no campo do espírito. A ciência encontrou no fim da matéria uma onda, uma vibração, qualquer coisa que pôde formar o elemento construtivo da matéria, da energia, ou do pensamento. Este denominador comum deu-lhes um significado de fundamental equivalência e torna concebível o transformismo de um para outro. Assim compreendida, a matéria, segundo a física moderna, não tem dificuldade em conceber o espírito, conhecido e extraído da forma material, capaz de determinar a formação e a criação. Nesse caso a energia pode representar o princípio criador e director da matéria, como o espírito pode representar o mesmo para a energia e, portanto, para a própria matéria.

Pode-se demonstrar assim o físico-dinâmico-psiquismo que é a base o livro, «A Grande Síntese», e a compreender e analisar o processo da criação. Mas não se pode esgotar assunto tão vasto num só artigo.

Concluindo, com nova orientação positiva e científica, o espiritualismo moderno e a própria fé das religiões podem tornarse uma verdade senão só aceitável, mas também obrigatória, tal como um teorema ou experiência química, para todas as inteligências racionais e capazes de compreender.

(Tradução de SIBIL)

MENSAGEM

Por ter saído com inexactidões, publicamos novamente a seguinte mensagem :

Em nome de grande número de companheiros riograndenses, transmito a Isidoro Duarte Santos, valente batalhador espirita, mais que a solidariedade, o aplauso de todos nós à marcante acção que vem exercendo desde longa data a prol da difusão do Espiritismo. E comprovando nossa admiração pelos relevantes serviços prestados à Causa comum e, do mesmo passo, aumentar a propagação das luzes da Doutrina dos Espíritos escoados através da sua excelente revista ESTUDOS PSÍQUICOS, solicitamos as assinaturas relacionadas em separado.

Receba esta homenagem cordial como honrosa menção aos seus invulgares méritos manifestados na cruzada de redenção humana em que todos estamos empenados.

Porto Alegre, 3 de Julho de 1950.

PAULO HECKER

Seguem-se 107 assinaturas anuais. Algumas são por dois anos e outras em quadruplicado e quintuplicado. A esta lista outra está apensa de 33 assinaturas angariadas por João Amado Venâncio.

S/50

SONO E SONHO

pelo Coronel FAURE DA ROSA

III

PREVISÕES DURANTE O SONO

Durante o sono, a alma pode prever o futuro, não o futuro todo, mas a parte que há-de interessá-la a respeito seja do que for. Os médicos materialistas admitem esta faculdade profética da alma no que concerne a doenças ainda não declaradas, porque imaginaram uma explicação que não destrói os sistemas a que estão apegados. Essas doenças — dizem eles — ainda no estado de incubação, determinam sensações demasiado fracas para serem percebidas pelo homem no estado de vigília, entregue, como anda, às suas ocupações e ao bulício dos afazeres; mas nada é para admirar que tais sensações fracas sejam percebidas no silêncio e na calma do sono e, assim, determinem sonhos correspondentes. É possível; entretanto, há o direito de lhes perguntar como é que, sendo a alma produto do corpo, como eles afirmam — uma alma cujas faculdades, durante o sono, deviam estar deminuidas de dois terços, pelo menos, — como é que a alma pode perceber aquilo que não percebeu durante a vigília, quando essas faculdades tinham atingido o máximo do seu poder. Mas não são só as doenças que nos ameacem que nós podemos entrever com antecipação; nós podemos prever também, e muito tempo antes, acontecimentos que coisa nenhuma ainda nos anunciava. A maior parte dos fenómenos de paramnesia (1), senão todos, são devidos a esta faculdade profética da alma. Nós podemos prever um incêndio que virá a causar-nos emoção profunda; uma rixa em que seremos feridos; um acontecimento da nossa vida futura de importância quase nula; podemos ver, durante o sono, com minúcias, lugares que nos são totalmente desconhecidos e que, mais tarde, viremos a visitar. Nesta previsão do futuro, tudo se passa como se, antes de encarnar-se, a própria alma tivesse fixado, pelo menos em parte, o programa da sua vida no mundo físico. Esse programa ficaria escondido na «subconsciência»... a famosa subconsciência dos metapsiquistas que, afinal não deve ser mais do que a reminiscência de um longínquo passado, duma aquisição latente devida ao potencial de vidas anteriores, à espera de oportunidade para se manifestar, por ocasião de um choque psíquico.

Camile Flammarion no seu livro *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, menciona 76 sonhos premonitórios, dois dos quais acerca da mãe dele. Esses casos trazem consigo o cunho de completa autenticidade. Um dos mais notáveis é o caso de Berard, antigo magistrado e deputado, que se deu deste modo:

Forçado pelo cansaço, no decurso duma excursão, a dormir numa miserável estalagem situada no meio de montanhas, Berard viu, num sonho, todos os pormenores dum assassínio que viria a ser cometido três anos mais tarde no quarto que ele então ocupava, e cuja vítima foi o advogado Vitor Arnaud.

Graças à recordação desse sonho é que se conseguiu descobrir os assassinos. Este facto foi também relatado por Goron, antigo chefe da Polícia de Segurança, nas suas *Memórias*.

São abundantes as predições de morte.

Nos *Anais das Ciências Psíquicas* de 1909, vem o extracto dum interessantíssimo caso de premonição de morte que William Stead narrara na *Review of Reviews*.

Stead tinha como empregada, havia anos, uma senhora, de nome Ester, dum talento verdadeiramente notável, mas de carácter desigual e de saúde precária.

Em Janeiro pensou em dispensar-lhe os serviços: «Júlia» (o guia) recomendou-lhe que tivesse paciência com Ester, porque antes do fim do ano ela iria juntar-se aos que habitam o Além.

Ficou estupefacto, porque nada o autorizava a supor que ela estivesse para morrer. Nada disse da mensagem e continuou a utilizar o trabalho da empregada. Foi em 15 ou 16 de Janeiro que Stead recebeu este aviso, repetido

(1) Memória que ultrapassa os limites normais.

em Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho. De todas as vezes que ele escrevia mensagens, «Julia» terminava sempre com esta frase: «Lembra-te que Ester deixa a Terra antes do fim do ano».

Em Julho, Ester, por descuido, enguliu um prego pequeno; alojou-se-lhe no intestino e ficou gravemente doente.

De uma das vezes que «Julia» comunicava com Stead, preguntou-lhe ele se era daquela doença que resultaria a morte de Ester.

Com grande surpresa sua a resposta foi negativa.

— Não; ela cura-se desta doença; apesar disso morre antes do fim do ano.

De facto, subitamente Ester restabeleceu-se, o que grandemente espantou os médicos, e voltou até ao seu trabalho habitual. Em Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, o aviso do seu fim próximo, foi-lhe de novo comunicado psicogràficamente.

Em Dezembro Ester adoeceu com influenza.

— É agora? — perguntou Stead a «Julia».

— Não, respondeu; *a Ester não virá para aqui* (para o *Além) em consequência de morte natural;* mas seja como for, ela há-de vir antes de expirar o ano.

Pelo Natal, Estar estava muito doente, Mas o ano acabou e ela continuava a viver. «Julia» explicou:

— Posso ter-me enganado em alguns dias, mas o que eu disse é a verdade.

Cerca de 10 de Janeiro, «Julia» ditou a Stead:

— «Vai amanhã ver Ester: despede-te dela. Faze os preparativos necessários. Não a virás mais na Terra».

Stead foi vê-la: tinha febre e uma tosse má. Iam transportá-la para o hospital onde a tratariam melhor.

Dois dias depois, recebeu telegrama informando-o de que Ester se atirara de uma janela do quarto andar num acesso de delírio e que a ergueram do chão já morta. A data da morte apenas excedera alguns dias a que «Júlia» lhe indicara na sua primeira mensagem.

CATEGORIA DOS SONHOS

A grande maioria dos nossos sonhos não são proféticos; têm uma origem muito menos profunda. A série de quadros mais ou menos coerentes que compõem um sonho, é sempre provocada por uma impressão vinda do exterior.

Esta impressão pode ser física a chegar à alma, como as outras impressões físicas, pelos órgãos dos sentidos. Daí duas categorias de sonhos: uns de origem corporal (de corpo carnal) e outros de origem espiritual.

Um raio de luz incide subitamente nas pálpebras fechadas do dorminte, e eis que ele vê, em sonhos, chamas, incêndios, vulcões. Um som harmonioso fere-lhe os ouvidos, e ele ouve melodias divinas. Fricciona-se um fósforo junto do ouvido do dorminte, e ele vê-se exposto ao tempo, no meio dum temporal, ouve até o estampido do trovão e a chuva torrencial a cair. O sentido da duração, durante o sonho, parece aniquilado: em poucos segundos, podem-se viver acontecimentos que, no estado normal, levariam um ano ou mais a desenrolar-se. Este facto não deve surpreender-nos visto sabermos que a alma fora da carne ignora o tempo, e que o sono não é mais que um começo de desencarnação.

SONÂMBULISMO E TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO

Disse um escritor (Carlos Lafontaine — *A arte de magnetizar)* que a transmissão de pensamento é o primeiro fenómeno a que o corpo é completamente estranho. Muitas vezes, confunde-se a transmissão de pensamento com a visão sem auxílio dos olhos. Quando um indivíduo, junto de um sonâmbulo, julga ter esta ou aquela doença — seja em consequência de sensações experimentadas, seja em consequência de diagnóstico médico — e estabelece uma relação directa entre o seu cérebro e o do sonâmbulo vê o que se passa no cérebro dessa pessoa e, guiado pela transmissão física das sensações do doente, diz-lhe qual é a doença que tem ou julga ter e descreve-lhe os sofrimentos que padece. Isto, é simplesmente transmissão de pensamento; da mesma maneira o é quando eu, por exemplo, meto na algibeira um objecto e o sonâmbulo me descreve esse objecto; é muitíssimo provável que ele o não veja, mas adquire o conhecimento de mim mesmo.

A transmissão de pensamento leva certos magnetizadores a crer que os sonâmbulos podem compreender e falar línguas que não conhecem. «Durante a minha residência em Tours — conta Charles Lafontaine — magnetizei uma sonâmbula a quem falavam em espanhol, latim, inglês, português, alemão, grego, — e a sonâmbula respondia em francês a todas as preguntas feitas nas diferentes línguas. Mas certa pessoa fez-lhe uma pergunta em hebreu a que a sonâbula não respondeu. Pedi-lhe que me dissesse porque não respondia; e ela explicou: «A razão é simples: esse senhor disse-me palavras

que ele próprio não compreende: não sabe o que significam e, por isso, não posso responder-lhe; ele não pensa. As palavras são sinais convencionais; é preciso que elas exprimam alguma coisa no pensamento daquele que as pronuncia para que tenham valor. Não me interessam as palavras; não posso compreendê-las! É ùnicamente o pensamento que eu vejo e só assim posso responder». A pessoa de quem se trata confessou que efectivamente, pedira a um Israelita, seu amigo, que lhe desse uma frase em hebreu, mas que não sabia o seu significado.

Para a transmissão de pensamento, a distância não existe, ou, pelo menos, parece inexistente. E isto é importante. Segundo a concepção dos materialistas, o pensamento não pode ser senão uma das numerosas formas da energia. Mas a energia, em todas as suas formas, deve contar com a distância; está submetida ao Espaço e ao Tempo. O pensamento, pelo contrário, parece estar isento; não é, pois, um fenómeno do mundo físico. É um abuso ou uma covarde transigência com os prejuizos em voga, propalar aos quatro ventos, a propósito de telepatia, velhas cantilenas de vibrações e de ondulações. Parece que certos sábios disseram a esta intrusa, a telepatia: «Ou tu te acomodas com estas nossas teorias, ou te faremos desaparecer». No tempo em que os animais falavam, também um dia, a rã disse ao Sol: Ou tu deixas de secar o charco onde habito, ou te apago do «Céu». A rã, até agora, ainda não cumpriu a sua palavra. Mas, também é verdade que ainda não secaram os charcos todos. Por isso o coaxar continua...

(Continua)

Comunicação Espirita Pró-Paz

Esta mensagem do Infinito é portadora do amor em toda a plenitude. Dirige-se de modo especial aos governantes, aos quais são confiados os destinos dos povos. Se compreendida, talvez possa afastar ao menos em parte a amargura e a dor; mas, se a hecatombe da guerra se desencadear, estalará a fúria da cegueira humana. Restarão ruínas e cáos.

É a advertência de um emissário das forças do Bem, que orientam os destinos do planeta Terra.

Perguntam por que falam os espíritos? Por que parte este apelo do mundo invisível, desconhecido das maiorias. É que nos momentos decisivos da vida, Deus permite que desça um aviso dos Céus. Neste instante de confusão intensa, vozes humanas não conseguiriam atravessar a muralha granítica com que se revestiram os grandes responsáveis, muralhas feitas de inveja, egoismo, intransigências e interesses mesquinhos. Os do lado de cá poderão falar com franqueza.

Se a humanidade for a uma nova guerra, hão de assistir ao fim da actual civilização. E a guerra está predita, mas maior que o destino é a força do amor, que quebra grilhões e afasta sofrimentos. Somos embaixadores dessa força. Vimos implorar aos homens para que afastem de si as preocupações de hegemonia, ideias de domínio e de supremacia. Procurem por agora viver com humildade. Então avaliar-se-á o horror do sofrimento e da desgraça que desabarão sobre a humanidade, se nova guerra deflagrar. Será a morte, a fome, a destruição de bens materiais e quiçá dos morais. Para os que creem em uma vida futura, em uma justiça incorruptível, será também a perspectiva de martirológios imprevisíveis.

Dizem que se não dispõe de elemento humano capaz, rico de espiritualidade, e que este século é pobre de génios e de santos. No entanto, há sete lustros que se sacrifica nas guerras a flor das gerações que despontam. Quantos seriam missionários do trabalho da edificação de um mundo melhor, no qual floreceriam as artes, a ciência e a virtude? Todavia, não amadureceram, ceifaram-lhes as vidas.

Sempre houve guerras. Entretanto, é preciso convir que a arte de matar e destruir alcançou, nos últimos anos, capacidade jamais imaginada. Os espaços siderais estão repletos de criaturas brutalmente arrancadas à vida nas duas últimas guerras. Algumas ainda estão presas ao desespero e à inconformação, vendo o que lhes cumpria realizar e não foi feito.

Duas gerações se sacrificaram sem piedade. Uma terceira será vitimada se não evitarem a guerra que se avizinha, para destruir a mocidade, esse elemento humano que deveria engrandecer o mundo futuro. Que restará, senão uma humanidade estropiada e vencida, composta de neuróticos, mutilados, velhos cansados e descontentes? E com tal gente não se pretenda construir o mundo de amanhã, melhor e mais digno que o de hoje.

Ainda é tempo de se reajustarem problemas por meios pacíficos. Necessitam de inteligência e habilidade para fazê-lo.

É árdua a missão de governar dando bem-estar e progresso às nações, enorme a responsabilidade que se assume perante a consciência, ao se concorrer para a eclosão de nova aventura sangrenta! Os sentimentos nobres e generosos devem aviventar a fé que anima os seres.

Homens da terra, ouvi este brado de alerta do mundo dos espíritos. Esta voz é mensagem de amor.

UM ESPÍRITO

(Recebida em Junho pela médium I. M. B., da Soc. Espirita Francisco Xavier, do Rio Grande do Sul).

FRATER

por MARIANA

Os míseros peregrinos da Terra alongam a vista em redor de si e para além-fronteiras e sentem-se oprimidos, conturbados.

O que presenciamos não é de molde a causar alegria e segurança no futuro. Sente-se um mal-estar geral, uma inquietação pelo dia de amanhã, retraimento e desconfiança em todos os rostos.

As dificuldades avolumam-se, as preocupações recrudescem, os espíritos, conturbados, debatem-se numa luta cada vez mais renhida e doentia. Certo é que todos nós baixamos a este mundo inferior com uma finalidade comum — a elevação do espírito, e remissão de passadas faltas. Não menos certo é também que muitos não podem ou não querem compreender seu verdadeiro fim, e uma vez com os pés firmes na Terra tratam de se arranjar o melhor posível, para que a vida lhes decorra sem faltas materiais, ou a chama das honrarias os envolva. E, deste modo, crêem ter resolvido o seu problema, e até o problema daqueles que lhes estão dependentes.

Está claro que esta luta, a conquista dos bens terrenos, faz-se à custa de atropelos e bastas vezes de iniquidades, doa a quem doer.

A verdade, porém, é que um dia chega o momento de fecharmos os olhos, e todo esse afã pelas coisas materiais nos trás desapontamento e a consciência do nosso erro, medindo o homem toda a inutilidade de uma existência que lhe podia ter criado um lugar mais alto no plano da evolução dos seres. Compreendemos então que nos embrenhámos em balofas ambições de poderio, de grandeza, de bem-estar, que, afinal, só serviram para nos amargurar, sem jamais resolver o nosso problema.

Porque o maior erro é a incompreensão do nosso problema.

Cremos que aparecemos na Terra para resolver um caso material, a satisfação das necessidades corpóreas, quando cá nos trouxe uma finalidade espiritual, e, por conseguinte, só pelo espírito se pode solucionar.

Uma vez em contacto com o mundo físico, o homem arreiga-se às sensações materiais, sem se lembrar que tem em si coisa de mais valia, que lhe cumpre honrar e engrandecer — a individualidade, os dons do espírito.

Lustros e séculos se escoam nesta negligência, nesta cerrada compreensão da vida humana. E, todavia, bastaria meditarmos com calma e desprendimento para compreendermos o absurdo da ideia, isto é, ter-nos uma vontade suprema criado exclusivamente para a luta das satisfações materiais, quando tudo isso estaria destinado a acabar no túmulo com a carne.

Mas o homem, levado no turbilhão das emoções exteriores, não quer ou não sabe reagir, sem coragem para suportar de pé firme a avalanche que o envolve.

Afigura-se-nos bastante o tempo perdido e deploráveis as consequências da nossa teimosia. Bom seria encararmos os factos tal como eles são, embora isso pese à nossa ambição e à nossa vaidade.

Resolvendo o problema dos outros na medida do possível, mais não fazemos do que resolver o nosso próprio problema.

Se és Professor e não és capaz...

1.º — De fazer da tua profissão um sacerdócio, por dares mais, muito mais do que se pede de ti;

2.º — De pôr todo o teu entusiasmo nas lições que preparas, nas aulas que dás;

3.º — De ser o exemplo vivo daquilo que exiges de teus alunos;

4.º — De tratar teus alunos com correcção e justiça, com energia bondosa, por dispensar gritos e exaltação, ofensas e nervosismos;

5.º — De cumprir fielmente o compromisso que assumiste, a partir da pontualidade às aulas e da compostura inerente à função de mestre;

6.º — De ser, finalmente, o *Segundo Pai* de teus alunos, como se diz alhures;

Se não fores capaz de tudo isto, então, erraste a profissão. Não nasceste para professor.

Se és Aluno do Colégio Leopoldo e não és capaz...

1.º — de pautar teus actos dentro do respeito e da disciplina, na consciência de que deves ser um homem de bem, útil a ti mesmo, à tua família e à colectividade;

2.º — de Estudar com prazer, pois só quem estuda com satisfação e alegria leva a melhor nos estudos;

NIDADE

NDES PALMA

Não deixa de ser uma manifestação da lei divina aceite e compreendida por todo o indivíduo de boa vontade.

Que é, afinal, a existência humana senão um encadeamento de destinos, um limar de caracteres ao contacto comum, uma pugna de combatentes que visam a mesma fortaleza? Seus interesses dependem entre si, seus sentimentos permutam naturalmente acorrentados. O homem não pode viver isolado, pois foi criado para viver entre o seu semelhante. Isto nos leva a crer que afastando-se de seu igual afasta de si as possibilidades de atingir o fim, pois tudo é correlativo.

A indiferença pela dor alheia é a causa da ruína e da miséria dos povos.

Tal como entre as famílias serão mais fortes e felizes aquelas em que os seus membros compreenderem o valor do auxílio mútuo, assim também entre as nações viverão em paz as que cumprirem o divino preceito de Jesus: «Amai-vos uns aos outros como irmãos».

Tão esquecida anda há séculos a palavra Fraternidade!

E, contudo, embora tal pretenda, o homem não pode esquecer que tem uma origem comum a todos os indivíduos do universo, que não passa de um componente da grande família humana, quer o distingam benesses da fortuna, quer nasça mendigo. Se todos somos irmãos, nascidos do mesmo Pai, Criador de tudo o que existe, para que nos havemos de dividir e alhear das lutas do nosso semelhante, não procurando ajudá-lo, tanto quanto estiver ao nosso alcance? Se erguemos um olhar mais atento ao companheiro de viagem que se apoia em qualquer estação, só porque jornadeou connosco, porque não havemos de dar a mão fraternalmente a estoutros companheiros de viagem mais longa que é a nossa passagem planetária?

As suas lutas devem ser as nossas lutas, as suas angústias as nossas angústias, assim como suas alegrias devem ser conforto para o nosso coração.

Aliviando quanto posível o sofrimento do próximo encontraremos lenitivo para o nosso próprio sofrimento, sem despendermos mais energias por isso, antes fortificando o carácter, tornando-nos mais aptos instrumentos da vontade divina.

Todo o indivíduo é possuidor de reservas incalculáveis que um pensamento caritativo lhe permite pôr em actividade.

Lembremos-nos de que todos nós temos sede e ansiamos por saciá-la.

Olhemos, pois, nossos irmãos de lutas com um pouco de afecto, façamos por consolá-los em suas desditas, e desse modo não faremos mais do que cumprir um dever de leal camaradagem.

Ricos ou pobres, inteligências esclarecidas ou dúbios entendimentos, elevados ou baixos espíritos, todos são nossos irmãos, e como tal os devemos tomar, embora isso por vezes nos custe.

Façamos da palavra Fraternidade uma divisa, e que à força de senti-la ela se nos grave na fronte como símbolo de nosos pensamentos, sentinela de nossos passos no caminho do bem, onde nenhum ser para nós será estranho.

3.º — de ser pontual às aulas e correcto na execução de teus deveres escolares;

4.º — de tratar teus professores com respeito, teus colegas com amizade e teus inferiores com bondade, tratando os outros, como gostarias de ser tratado;

5.º — de respeitar a propriedade alheia, restituindo a seu dono o que encontrares, sem manchar tuas mãos e tua alma, apanhando as coisas dos outros;

6.º — de resistir à tentação de proferir e escrever indecências, essas coisas tristíssimas, que mancham a alma, poluindo a alma e a mão do menino;

7.º — de ser atencioso com todos e bondoso, principalmente, com os mais velhos, as senhoras e as crianças;

8.º — de ceder, por bondade e delicadeza, teu lugar nos trens ou em lugares congéneres, aos doentes, às senhoras e aos velhos;

9.º — de envidar todos os esforços no sentido de fugir ao vício, a começar pelo vício nauseabundo de fumar;

10.º — de zelar pelo material do Colégio, aliás, para tua própria comodidade;

Se não és capaz destas coisas, nunca serás um aluno à altura do Colégio Leopoldo.

(De «Alvorecer»

Se és espirita verdadeiro inscreve-te no FUNDO DE BENEFICÊNCIA DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

GRAÇAS SOBRE GRAÇAS

por LEOPOLDO MACHADO

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Chegáramos a Pedro Leopoldo ao anoitecer de 17 de Julho, na presença de oito companheiros.

O grande médium, Francisco Cândido Xavier, à nossa espera, com um lauto jantar e generosa hospedagem. E tudo, inclusive as passagens da volta, em ónibus, sem pagamento de nossa parte.

Protestámos. Não fomos para dar despesas. Íamos na esperança de revê-lo e de receber alguma coisa do Céu...

A sessão, no moderno *Luiz Gonzaga*, que a simplicidade do Chico acha fino demais para sua modéstia. Tanto, que seus livros, psicografa-os no antigo, pequenino e rústico.

A sessão começa com uma prece e a leitura de um trecho evangélico, pelo presidente. Depois, toma três aspectos distintos: interpretação, por parte de assistentes, de um ponto evangélico; passes num cómodo àparte, a que vão os doentes, voltando, em seguida, a seus lugares, e receituário. O médium, e André, seu irmão, tiram mais de duzentas receitas, enquanto o Dr. Rómulo Joviano distribui passes. Oli de Castro toca *acordéon* e cantam-se hinos espiritas-cristãos, a pedido do Alto.

Dr. Flávio Pinheiro, ilustre médico de Ibitinga, que conhecêramos em Itápolis, vai apanhando os comentários em sua máquina de gravar.

Mais de cincoenta pessoas na na assistência...

★

Agora, comunicações.

O Chico passa-nos outro escrito: «Pedimos ao Oli de Castro uns trinta minutos, mais ou menos, de música suave. Hinos espiritas-cristãos, de preferência».

O acordeonista atende o pedido, enquanto o lápis do médium desliza, vertiginosamente, sobre o papel. A alturas tantas, sente-se que o *médium* chora, disfarçadamente. As folhas escritas se sucedem. Derredor, espectativa geral. Principalmente, de alguém, que mal disfarçava sua ansiedade. Depois de trinta minutos de música, o *acordéon* emudece. Novo pedido: «Nosso irmão Oli, quando puder, toque mais música suave, cooperando com os trabalhos na reunião». O Oli podia, sim. Mais trabalhos para o *acordéon*, e alguns hinos: *Canção da Alegria, Almas Gémeas, O Espiritismo*, etc., etc., tudo em surdina. Vimos, ali, na prática, destruídas as teorias que condenam, por inútil ou inóqua, a música em tais trabalhos, para preparação de ambientes...

★

Cessou a longa psicografação.

O médium, antes de ler as mensagens à assistência e para serem gravadas pelo aparelho de Flávio Pinheiro, esclarece:

«Nosso *Emmanuel* resolveu destinar os trabalhos desta noite ao irmão Leopoldo, para conforto de seu coração».

Era muita misericórdia e muito acréscimo para quem esperava, apenas, duas palavras da companheira querida, que lhe inspirassem absoluta confiança.

E foram, então, lidas as mensagens. Soneto de João de Deus, a emotivíssima comunicação da companheira, que o médium recebera sem disfarçar sua grande emoção e assim a lera; que fora ouvida em lágrimas, principalmente dos olhos que a conheceram. Depois, mensagem da Ilca dos Santos, nossa ex-aluna, e das mais distintas, filha do nosso querido Vitorino dos Santos. E do Eduardo Leite de Araujo, que o visitáramos nas vésperas de sua morte, em S. Vicente. E da Benedita Fernandes, a grande obreira de Araçatuba. E da poetisa Carmen Cinira. Por último, a de *Emmanuel*.

Ainda ficaram três espiritos, Anísio Almeida, Casimiro Cunha e Manoel Filomeno de Miranda, ex-presidente da *União Espirita Baiana*, sem suas mensagens, pelo adiantado da hora: uma e meia da madrugada.

Anísio, meu cunhado, portestou:

— Ora, esperei até agora, com umas quadrinhas que preparei para o Leopoldo, e acabou a sessão sem chegar a minha vez!

Foi-lhe dito que as quadrinhas virão depois, bem como as mensagens dos outros dois companheiros.

Foram, efectivamente, muitas graças para uma criatura só! Graças sobre graças, que nos sacudiram o coração violentamente, sufocando-nos a voz na garganta. Apenas pudemos dizer: «Obrigado, Senhor»!, que o poeta Sebastião Lasneau pôs em magnífico soneto.

A querida companheira, além disso, tornou-se visibilíssima ao *médium*, como que materializada, levando-o a descrever seu vestuário, alegre e luminoso, e suas atitudes. Viu-a beijar pessoas de sua amizade. Brincou com a irmã Risoleta Soares e deu, então, nova mensagem verbal, que o Chico repetiu cheia de conceitos admiráveis, de advertências amigas, de recomendações cristãs, tudo captado pelo aparelho do Dr. Flávio Pinheiro. E disse finalizando, ao companheiro: «A Lia, companheira de seu amigo de Lisboa, Isidoro, está comigo. Mas, não quer mandar nem um recadinho ao marido, pois não se satisfaz em dizer-lhe poucas coisas. Ademais, sabe que o marido está confortado, com o que ele, e mais a Gena, têm recebido dela.»

E o médium esclarece autorizado pelo guia dos trabalhos:

«D. Marília está numa estância muito próxima da Terra, numa escola de aperfeiçoamento de mães, aperfeiçoando mais ainda suas virtudes maternais. Mas, sempre que pode, junta-se ao companheiro, está no seu *Lar de Jesus*...»

Foi o maior salário que recebemos em toda a nossa existência de modesto lidador da boa lida. Ainda que tivéssemos amargo as maiores vicissitudes, os mais ásperos dissabores, só a comunicação indiscutível, porque até a letra da mensagem é a sua letra, da queridissíma esposa, seria pagamento mais do que suficiente... Entretanto, foi uma sessão inteira, facto inédito na vida do Centro Espirita Luiz Gonzaga, na acção mediúnica do maior médium que já se conheceu até hoje, dedicada a nós!

Graças sobre graças, meu Deus!

Na Seara do Mestre é assim: para um grão que, com muito boa vontade e sinceridade, se lance à terra, colhe-se uma seara inteira de benesses e compensações!

LEOPOLDO MACHADO

Mensagem da esposa Marília de Almeida Barbosa, para o esposo, *Leopoldo Machado Barbosa*

Meu querido Leopoldo:

Jesus nos abenoe.

Tenho meu coração em lágrimas de saudade e alegria, nesta hora de recordação e de prece. Debalde procuro meios para expressar-me... Tudo nos lembra o Lar, nesta hora de reencontro.

Eu não sei, Leopoldo, não sei ainda se vale a pena a libertação sem a companhia daqueles que mais amamos ! O coração suspira pela Eternidade, pelos altos voos que a Fé nos ensinou a desferir. Entretanto, o Amor nos prende ao domicílio terrestre, à casa onde nosso carinho vive prisioneiro em doce felicidade. Tomo as suas mãos, miro a mim mesma em seus olhos e só posso repetir: estamos juntos ! O Paraíso está distante sem você e sem os nossos filhinhos do santuário que a Bondade do Senhor nos deu a zelar. Não posso contemplar as estrelas senão a longa distância, qual nos acontecia em outro tempo, quando erguíamos aspirações para o Céu, indagando o futuro na visão dos astros suspensos. E as estrelas continuam para mim muito longe, porque vocês são as minhas flores celestiais.

Rendo graças a Deus, observando que você não desanimou, nem interrompeu o nosso trabalho. Nossas mãos entrelaçadas continuam agindo, embora a saudade esteja mais fundo em nossos corações. Ajude, sim, aos nossos queridos pirralhos. Nunca faltará calor de ternura, para as nossas crianças, e jamais seremos esquecidos pela providência do Alto.

Agora vejo que estávamos mais certos de nós mesmos que nunca, em erguendo, sob a inspiração do Divino Mestre, as paredes do nosso templo de amor cristão. Preparávamos o teto para todos aqueles que nos acompanham desde muito tempo. Eles, hoje, amparados, estão guardados em nossos corações de amigos que Jesus vem socorrendo amorosamente. Nunca duvide da assistência de nossos Maiores. As sementes de fraternidade que o seu apostólico devotamento vem plantando por toda a parte, grangeou-nos a amizade de muitos benfeitores que nos partilham os cuidados e as regalias na defesa do bem-estar de nossos pequeninos. Sigamos para diante, convictos de que o Céu nos descerrará novas oportunidades de servir com o Evangelho no coração e nas mãos.

Não altere nossos planos e nem diminua as actividades. O trabalho é o nosso refúgio e a caridade é a nossa benção. Arrimados um ao outro, não repousemos ! Cada manhã, repare na beleza do dia, com o optimismo de sempre, sentindo em cada particularidade do caminho a luz côr-de-rosa de nossos ideais e, cada noite, descance na paz do bom trabalhador, recebendo o dom de orar e confiar por graça maior. Nunca estivemos mais unidos que na actualidade ! O amor espiritual é clima de esperança e de alegria eterna. Nunca vi você tão nobre, tão valoroso e sublime, como agora. E eu, que me rendia sempre à superioridade com que o seu coração, humilde sempre, me orientou, hoje me inclino, com vaidade, perante os seus testemunhos de fé e segurança espiritual.

Continui. Continuemos...

Jesus segue à frente de nós.

Acompanhemos a beleza e a glória do dia que o Céu nos conferiu no serviço aos meninos, e, quando o crepúsculo se fizer sentir, então, Leopoldo, você observará o nosso deslumbramento na união divina.

Não posso escrever mais. As lágrimas falam por mim, nesta abençoada noite. Do Leopoldinho até você, derramo todo o meu coração em preces de alegria e reconhecimento.

Mãe Iza, a nossa querida mãezinha, e Ilca, me sustentam, para que eu possa dirigir ao seu coração estas palavras.

Receba-as com todo o meu carinho, na certeza de que você está sempre e sempre, e cada vez mais unido à companheira sempre sua,

MARÍLIA.

(Psicografado pelo médium F. Cândido Xavier, ao findar a noite de 17 de Julho de 1950, no Centro Espirita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo).

Nota — A letra, *ipsis-litera*, é a da irmã que deu a mensagem. Expressões, termos, particularidades e coisas reservadas, verificadas nas entre-linhas, absolutamente dela. O «Lar»», os «pirralhos», os «pequenos» e «meninos» constantes na Mensagem, as «paredes alevantadas», tudo referente ao LAR DE JESUS, a obra filha de seu coração generoso e bom.

Foi esta Mensagem o salário mais digno, elevado ao último grau da misercórdia e do acréscimo, de que fala o Evangelho, que seu companheiro recebeu até o presente.

A MENSAGEM DE EMMANUEL

O grande Espírito, querido e admirado de todos, despensa apresentação.

Foi dele que tivemos, em 1936, depois de uma conferência na tribuna da União Espirita Mineira, em Belo Horizonte, a primeira Mensagem de Estímulo, endossando o que dissemos sobre nossa civilização em Minas.

Irmão Leopoldo:

Que o Senhor nos abençôe!

Não desfaleça na missão de educar para a Eternidade.

O mundo é a nossa vasta sementeira e o Evangelho é, sem dúvida, o celeiro divino de todos os cultivadores da terra espiritual do Reino de Deus.

Repouso é estagnação e morte.

O trabalho é movimento e vida.

Jamais adiemos a concretização dos planos de serviços ao redentor que nos foram confiados pela Excelsa Misericórdia.

Educar é, por excelência, a função própria da vida.

Por isso mesmo, conferimos ao Amigo Celestial o título de Mestre, porque acima de tudo, Jesus é o mentor sublime de todos os séculos, ensinando com abnegação, em cada hora, a lição do sacrifício e da humildade, da confiança e da renúncia, por abençoado roteiro de elevação da Humanidade inteira.

Sigamos, desse modo, os Seus passos no testemunho constante de fraternidade e de socorro, edificando as asas da sabedoria e do amor com que o homem terrestre empreenderá a jornada suprema na direcção da Vida.

Educar é esclarecer e servir.

É honrar o templo, exaltar a universidade, engrandecer o arado, ajudar a semente, difundir o livro edificante, multiplicar valores da palavra consoladora e enobrecida e amparar o jardim da infância, como quem sabe que a grandeza da floresta começa sempre no grão pequenino e aparentemente inexpressivo.

Que Jesus o fortaleça em sua tarefa de missionário do Bem e da Luz, é o desejo sincero do amigo e servo humilde.

EMMANUEL

O ESPIRITISMO NO MÉXICO

por Rufino Juanco

(Correspondente no México)

O movimento espirita no México esteve paralizado nestes últimos anos, não em virtude dos nossos gratuitos inimigos que nunca poderiam ter chegado a tanto, mas da incapacidade e incúria dos que estiveram à sua frente durante esse tempo, a tal ponto que posso asseverar, sem receio de desmentido, que o Espiritismo no México tem vivido com 40 ou 50 anos de atraso.

É certo — não o nego — que há um pequeno grupo de pessoas bem preparadas; mas o grupo é tão pequeno, que não é possível ir mais longe.

Apesar disso, nota-se agora maior movimento pelo impulso que lhe comunica a *Central Espiritista Mexicana*, de recente formação, integrada por um grupo de entusiastas e fervorosos cultores do nosso ideal, pois bem sabemos que não deve ser platónico, mas de acção, realizando-se dia-a-dia, não esquecendo que é de dentro e não de fora que lhe tem que vir a renovação.

Nota-se já algo de pensamento moderno que se caracteriza por desorientação e desassossego, tanto no sentir como no encarar os problemas de ordem psíquica; e nobilíssimo afã de evitar uma possível catástrofe do Ideal Humano, procuram a recristianização do mundo ocidental. Outros procuram infiltrar as ideias orientalistas com grande espanto daqueles e não são poucos os que profetizam o advento de novos factores mais robustos e incontidos; mas poucos são relativamente os que prevêem o despertar lento mas seguro do carácter nitidamente espirita que se vem operando nos centros mais densos do formigueiro humano, como ritmo de sua música nova ou de um novo verbo chamado a derrubar falsos conceitos sobre a personalidade humana, sobre a vida, sobre o Universo.

O Espiritismo é um facto geral muito complexo e muito difícil de ser descrito e contado, mas que tem pleno direito a ser contado e descrito, não em estilo empolado, mas em estilo simples e claro, a fim de que as ideias do escritor ou orador fundidas no cérebro dos leitores ou ouvintes revistam as modalidades e a roupagem de seus próprios pensamentos e sentimentos.

Eu não penso que o ressurgimento do Espiritismo mundial em meados do século passado, nem o hoje incipiente ressurgimento do mesmo no México obedeçam ao acaso ou aos caprichos humanos. Não. Nada sucede no universo sem razão suficiente para isso. Há um poder misterioso e invisível que coexiste com a eternidade e que se harmoniza com o alvedrio relativo humano: esse poder rege constantemente os destinos do mundo. Preside à formação e desaparição dos impérios mais florescentes; transforma a civilização em benefício da humanidade. Nada há no universo, cujo número, peso e medida lhe sejam desconhecidos. Preenche com suavidade irresistível os seus fins; cuida de tudo e de todos. Pois bem; eu atribuo esses ressurgimentos à adorável Providência que se realiza pelos Mensageiros Invisíveis do espaço infinito.

Felizes nos sentimos, os espiritas mexicanos, porque a grandeza da ciência, da filosofia e da moral do Espiritismo, assim como os esplendores da sua história, afirmam em nosso peito o sentimento de lealdade a esta grande Causa, que é, no dizer de Victorien Sardou, a causa da humanidade, e porque ligam em nossas almas duas ideias: a ideia de adesão e a ideia de sacrifício.

É verdade que em todas as escolas filosóficas espiritualistas se sofre pela dura luta contra o implacável materialismo que é ciclone devastador da humana consciência; mas também é certo que os sofrimentos que se experimentam na escola espirita estão superabundantemente recompensados pelo júbilo de nossas almas.

É verdade também que outros credos, outras escolas e outras ideologias de índole filosófico-espiritual são mais poderosas do que a nossa, por disporem de mais numerosos e variados recursos do que nós; mas também é certo que nenhum outro credo, nenhuma outra escola, nenhuma outra ideologia contam com ideias tão luminosas, com tão radiantes con-

LIVROS

O mensário EDIPO, de S. Paulo, em sua edição de Março último, secção bibliográfica, faz referência ao trabalho de Estudos Psíquicos Editora. *Depois de aludir à pobreza das edições em língua portuguesa e à chusma de livros mediúnicos, alguns deles sem valor doutrinário; e de frisar a ignorância do público quanto às obras dos grandes pesquisadores ingleses, alemães, italianos, franceses e americanos; e de profligar algumas sociedades espiritas que «em vez de ensino sistemático da Doutrina preferem o espectáculo da mediunidade e o paradoxo das sessões de efeito físicos dirigidas por semi-analfabétos», acrescenta:*

«Excepção a esta regra dá-no-lo o sr. Isidoro Duarte Santos, oficial da marinha de guerra de Portugal e director de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA, Rua do Salitre, 149, 1.º — Lisboa. Este nosso confrade, lutando com as naturais dificuldades do meio, está fazendo uma obra impressa que, sem favor, classificamos de notável. É assim que já publicou: «Resumo da Doutrina Espirita», da autoria do Dr. Gustave Geley, Director do Instituto Metapsíquico Internacional, obra dirigida àqueles que exigem explicação científica dos fenómenos espiritas; «Nos Umbrais do Além», de Sir William Barrett, ilustrado membro da Sociedade Real Inglesa e Professor de Física na Universidade de Dublin, a quem se deve, por estes trabalhos, um enorme contributo para o Espiritismo na sua feição científica e para a sua propagação nos paises anglo-saxónios. Estes volumes são traduzidos pelo sr. Isidoro Duarte Santos; «Luz no Caminho», outro volume muito recomendável, de autoria desse operoso e brilhante confrade, explicando o Evangelho à luz da doutrina dos Espíritos.

«Essa Editora promete-nos para breve: «Hipnotismo e Espiritismo», de César Lombroso, possibilitando-nos, pela primeira vez, ler algo sobre Espiritismo escrito pelo grande criminalista italiano; «Não se Morre», de Léon Chevreuil, obra premiada pela Academia Francesa.

«É com prazer que fazemos este registo.

«E não fôra a angústia de espaço, já aqui deixariamos exarada a nossa opinião sobre a edição portuguesa do livro de Sir William Barrett. Fá-lo-emos, entretanto, no próximo número».

Agradecemos estas palavras de justiça acerca da nossa modesta obra, cujo fim exclusivo é servir a Doutrina. Se as grandes editoras revelassem obras de novos autores, em complemento das que já existem, lucraria o público e lucraria a Causa. O que há é velho e relho. É preciso arejar a bibliografia espirita !

ceitos, com juizos tão razoáveis, com provas tão concludentes, com verdades tão transcendentais e com virtudes tão excelsas, como a nossa ideologia, como a nossa Escola.

Se o grande pensador francês Vitor Hugo dizia queo teatro tem pábulo para todos e que todos podem satisfazer ali alguma necessidade do espírito, bem podemos dizer o mesmo do Espiritismo Moderno que tem amor para todos os corações e luz para todas as inteligências.

Certo é que gente indouta, ainda que revestida de aparente saber, e que gente maliciosa, ainda que revestida de aparente virtude, negam a realidade e bondade do Espiritismo; mas isso não importa, porque a negação gratuita e sistemática carece de valor científico, filosófico e moral.

Certo é também que não permitiram ao Espiritismo livre acesso às aulas universitárias os consagrados pela ciência clássica ou oficial; não porque lhe faltassem méritos para isso, mas porque o espírito sectário e dogmático da escola materialista se nega a reconhecer-lhe beligerância. E por isso me pergunto :

— Acaso o Materialismo clássico ou oficial se alimenta de realidade e é nele medida prudential não admitir que está matemàticamente demonstrado ?

Não. E digo que não, porque uma boa parte da literatura que doutoralmente se dita nessas aulas e que corre de boca em boca entre académicos e aspirantes a sê-lo, longe de estar demonstrada matemàticamente, se baseia em hipóteses, teorias e suposições. Daí erguerem formosos edifícios, brilhantes perspectivas e belezas encantadoras, abusando da linguagem, da lógica e até da grandeza do sentimento.

Mas não conseguem — como dizemos por aqui —; continuemos a estudar, defendendo e propagando o Espiritismo, porque é profundamente doce para o coração humano exalçar as obras que, a exemplo da nossa, se distinguem por alta finalidade e que levam, como selo inconfundível, a divisa do Progresso.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM MEIO DE VERIFICAR A SOBREVIVÊNCIA

Spiritualisme Moderne, de Liège, publica um extrato do discurso pronunciado em Paris pelo grande matemático Lemoine, presidente da União Espirita Francesa, no qual se expõe um meio simples de verificar a sobrevivência.

Foi em 1923. Lemoine lembrou-se de fazer experiências sem auxílio de médium, com o fim de obter pancadas em móveis ou nas paredes do seu quarto, segundo ritmo estabelecido. A princípio nada conseguiu. Mas quando faleceu o escritor espirita Gabriel Delanne, recomeçou os trabalhos e quando ouviu a primeira pancada perguntou imediatamente :

— És Delanne ?

Segunda pancada se ouviu, que ele interpretou como resposta afirmativa. Entretanto, pensou:

— Para me provares a tua existência, bate 4 vezes, de 5 em 5 minutos, a partir deste momento.

Esperou nove minutos pela 1.ª pancada, sete minutos pela 2.ª e dez minutos pela 3.ª.

Um ano depois perdeu uma filha muito querida e notou logo que as pancadas se faziam ouvir diàriamente. E recomeçou as experiências. Às 9 horas da manhã ouviu uma e logo a seguir outra.

— És tu, minha filha ? — perguntou Lemoine, ao mesmo tempo que fixava o relógio.

Era 10 horas em ponto. Meteu-o no bolso e o êxito foi completo. À primeira pancada viu que eram 10,30. Ficou entusiasmado e idealizou outra forma de experiência: fixar o relógio e pedir que a pancada fosse dada às 10,45. Quando os ponteiros marcavam 10,44, pensou:

— Daqui a um minuto, ouvirei a pancada.

Continuou a olhar, mas não ouviu coisa alguma, ao contrário da sua expectativa.

Verificou então que foi bem sucedido com o relógio no bolso e quando o seu espírito se encontrava alheado do assunto, o mesmo não sucedendo a olhar para o relógio e a fixar a atenção no que desejava obter.

Passados tempos, voltou a experimentar, sobretudo de 1924 a 1934, com considerável número de resulados positivos. Em regra, não conseguia obter mais de seis resultados positivos em cada experiência, embora um dia tivesse obtido, a seu pedido, *treze pancadas seguidas*, com intervalos de 15 minutos. Ora, é matemàticamente impossível atribuir ao acaso semelhante resultado.

Segundo Lemoine, é preciso não olhar para o relógio antes de ouvir as pancadas e manter-se ditraído, sem pensar no caso.

Agora, vamos à contra-prova, isto é, saber se ele tem a faculdade de obter pancadas pela acção da vontade.

«A manhã em que tentei esta nova experiência, murmurei:

«— Peço a minha filha e a todos os espíritos que se interessem pelas minhas experiências, que não provoquem pancadas às horas que vou indicar. Quero que, pela acção da minha vontade, se oiça uma pancada às 10, 10,15, 10,30 e 10,45.

«Não olhei para o relógio. Esforcei-me para não pensar no fenómeno pedido e esperei. Nenhuma pancada se produziu durante o tempo da experiência.

«Renovei muitas vezes esta contra-prova *sem o mínimo resultado positivo:* cheguei um dia a pedir que, se a produção das pancadas dependesse de mim, uma fosse dada às 9 horas; que, se dependesse de uma entidade do Além, fosse dada às 9,15. Às 9 horas, nada houve. Às 9,15 ouviu-se uma pancada. Como se compreenderá, neste caso sou um pouco céptico relativamente à acção do *nosso* espírito ou, pelo menos, do meu.

«Para concluir, direi que a acção da minha vontade nada influi na produção de pancadas obtidas a pedido, e que elas, pelo contrário, são devidas a uma inteligência diferente da minha, ou seja, uma personalidade independente, neste caso a da minha filha falecida».

E depois de falar nos seus trabalhos de comunicação directa com o Além, conclui:

— Estou convencido de que quase toda a gente pode realizar as mesmas experiências, desde que o experimentador tenha no Além uma entidade que o queira auxiliar nesse sentido. Gostaria que me imitassem, a fim de obterem directamente a certeza da vida futura. Se quiserem ter bom êxito, façam como eu, isto é, peçam à entidade que bata uma pancada ligeira à hora combinada, ou 15 minutos ou meia hora depois. E que tenham paciência.

«EU TENHO FALADO COM OS MORTOS

Segundo conta *Two Worlds*, de Manchester, o reverendo C. McDonald Hobley, vigário de Old Parish Church, Hove, Sussex, declarou há pouco que tenciona continuar nas suas investigações psíquicas, apesar da oposição da igreja. E, assim, manterá quinzenalmente sessões de cura divina, destinadas aos doentes crónicos. O reverendo permitiu uma vez que Harry Edwards fizesse demonstrações de cura psíquica na sua igreja.

— Espiritismo é uma palavra infeliz — disse ele ao *Sussex Daily News*. Eu prefiro a palavra crente. Como crente, estou inteiramente convencido de que os mortos vivem num mundo desconhecido que nos cerca. *Com vista, fala e ouvido, estão sempre connosco.* Nós só os vemos, quando estamos sintonizados com as suas vibrações. Da mesma forma, não vemos as asas de um moscardo ou os dentes de uma serra circular. *Mas eu creio, porque tenho falado com eles; tenho-os visto materializados e provarem a sua existência.*

O reverendo Hobley é de opinião que a investigação psíquica, do ponto de vista científico, tão oposta ao carácter religioso do Espiritismo, significa precisamente a pesquisa da alma. Portanto, — diz ele — os padres que não promovam este ensino não cumprem a sua missão.

COMO VÊEM E SENTEM OS VIDENTES

La Conciência, de Buenos Aires, interessante revista mimeográfica que tão revelantes serviços presta à dignificação do Espiritismo, entrevistou a médium vidente S. F. Amor, uma jovem seriíssima residente na capital argentina, que se limitou a responder a perguntas doutrinárias.

Por nos parecer útil esse trabalho jornalístico, vamos trasladá-lo para estas colunas.

— Há muitos anos que desenvolveu a vidência ? — indagou o redactor daquela publicação.

— Aos 10 anos, vi pela primeira vez a morte de uma condiscípula que, nessa altura, estava de perfeita saúde. Passaram alguns anos e esta amiga morreu pouco depois de casada, num desastre de equitação, aos 22 anos. Há 5 anos notei que possuía a faculdade de vidência.

— Se há médiuns videntes na mesma reunião experimental e sucede que todos vêem de maneira diferente, sem concordância entre eles. Qual será a razão.

— Há várias causas. Duas, posso explicá-las: Primeira — cada médium vê segundo a sua evolução e desenvolvimento; segundo — os médiuns presentes podem ver uma entidade espiritual, uma pessoa, uma paisagem, etc., em diferentes fases, ciclos ou idades.

— Como distingue os espíritos desencarnados? Pela fisionomia ou pela evolução ou côr da aura, isto é, do perispírito ?

— Conforme. Se forem seres que eu conheci antes de desencarnar, vejo-os fluídicamente, mas de forma muito clara e nítida, sobretudo o rosto. Se forem seres que eu nunca vi nem conheci, mesmo em fotografia, então começo a ver primeiro um corpo luminoso, de cujo centro surge imediatamente o ser, como que materializado. Se é necessário um sinal característico para o identificar, peço auxílio às entidades espirituais e vejo-os logo, nìtidamente. É preciso que seja muito pequena a cicatriz, o defeito, etc., para não o descubrir. Se, apesar de tudo isto, não há concordância, os irmãos espirituais ditam-me o que desejo saber e «recebo» auditivamente.

— Vê melhor num ambiente saturado de vibrações elevadas do que em lugares onde haja desarmonia e vibrações inferiores ?

— Não só vejo melhor, mas também me sinto mais à vontade. O meu maior desejo é ter sempre ambientes bons. Noutros casos, exerço a minha acção, mas noto maior dificuldade e procuro fugir a ttais ambientes.

— Como distingue o estado moral dos encarnados ? É pela simples visão na aura ou basta dar-lhes a mão para lhes sentir a influência ?

— Basta dar-lhes a mão, ou as mãos. Segundo o estado moral e evolutivo do sujeito, recebo as suas vibrações «denunciadoras», no plexo solar.

— Nunca encontrou pessoas que se elogiam a si mesmas, quando a senhora as vê psiquìcamente em toda a nudez espiritual? Pode citar-nos alguns casos de sua experiência ?

— É a minha grande e contínua tragédia. Para citar casos, teria que redigir um volumoso livro, porque, de 100 pessoas que trato, 99 têm a idiossincrasia que a pergunta exprime. Por razões fáceis de entender, trato diàriamente com pessoas assim.

— Nas visões a grande distância experimenta sensação de semi-transe, ou o fenómeno se desenvolve de forma natural, como se o lugar longínquo visitado estivesse a poucos metros de distância ?

— Conforme. Se as visões a distância são de pessoas que estão a sofrer desastres ou dores físicas, eu percebo, por reflexo psíquico, essas mesmas dores e todas as reacções sofridas pelo indivíduo, com a agravante de que, se o ser afectado está num lugar onde haja neve, eu sinto muito frio, e se, pelo contrário, está num lugar quente, eu sito calor, e se chora, caem-me as lágrimas, etc., etc. Ora bem; se o lugar onde se produz o facto é muito afastado, entro numa espécie de semi-transe e sei que o meu espírito se desloca ao lugar da visão, podendo ver claramente tudo o que se passa. Se a vidência é directa, isto é, se se produz no sítio onde estou, então vejo a certa distância que poderá limitar-se de um a três metros.

— A sua visão no futuro de uma pessoa pode ser-lhe anunciada ? Pode ver algum acidente que se dará com ela, os sofrimentos que tenha de suportar, ou a própria desencarnação?

— Tenho duas maneiras diferentes de perceber esse futuro: 1.ª Ou vejo-o na data do acontecimento; 2.ª Ou o percebo em forma de premonição. Nos dois casos pode ser como simples vidência ou como «percepção reflexa».

— E a leitura no passado de uma pessoa ? É produzida espontâneamente ou a seu pedido ? Vê-a em forma de películas?

— Depende das pessoas e do meu estado psíquico. Quando o ambiente é tranquilo e há afinidade, compreensão, etc., vejo e actuo sem qualquer esforço e sem «pedir auxílio». A visão apresenta-se-me como película, ou como se visse um quadro. Quando vejo em forma de quadro, é porque *tenho* em frente um só momento dessa pessoa. Quando vejo em forma de pessoa, é porque *tenho* várias fases *da sua vida* ou das *suas vidas*.

— Quando relata certo episódio de um ser encarnado e o interrompe por qualquer motivo, como procede para reatá-lo dias depois?

— Se há interrupção, já não vejo mais; se necessito ou quero ligar, dias depois, a mesma visão, tenho que me concentrar para a retrotrair. E se ainda assim tiver dificuldades, então peço auxílio e dão-me os elementos que requeiro do interessado. Às vezes posso vê-los; outras vezes sinto-lhes as vibrações, que estão sempre de acordo com o seu estado evolutivo.

— Como médium vocal, exerce inteiro autodomínio? Pode afastar a entidade que pretende comunicar-se, depois de verificar pela vidência a sua categoria ?

— Não poderia dizer com exactidão até onde chega o meu domínio, mas a compreensão que tenho do Espiritismo e da missão mediúnica que me corresponde jamais me permitiria repelir alguém. Quando vejo *a priori*, quer dizer, antes, um ser escuro, converso mentalmente com o «espírito, doutrinando-o e explicando-lhe com todo o afecto como há-de proceder, pois não quero prejudicar nenhum médium.

O que a «señorita» S. F. Amor expõe acerca da sua mediunidade é de grande interesse para a investigação. Outros médiuns encontrarão aqui pontos de contacto com suas faculdades. Baseados nestas declarações, melhor poderão coordenar ideias e fornecer elementos de estudo num departamento do psiquismo profundamente ignorado. Assim, não podemos deixar de aplaudir os nossos confrades de *La Conciência* no seu trabalho utilíssimo.

Notas & Comentários

«MELHOR DO QUE UM TELEGRAMA»...

O Psychic News de 5 de Agosto conta um caso subordinado ao título desta nota. Um aviador obtivera licença e seus pais aguardavam com impaciência o telegrama da sua chegada. Afinal, veio o telegrama... anunciando a morte do filho.

Mas pouco depois a médium Helen Hughes deu uma sessão na Sociedade Psíquica de Edimburg e o aviador manifestou-se a parentes e amigos, para demonstrar a sobrevivência. E lembrou o caso acima referido, como elemento de identidade, acrescentando que desencarnara num desastre de avião e dizendo em tom de faceto:

— Isto é melhor que um telegrama!

Depois, dirigiu-se a sua mãe, pedindo-lhe que não se afligisse, exclamando:

— Estou vivo! Não tenho pena!

Após alguns momentos, diz que sua mãe estava a pensar numa transferência. A mãe confirmou que tinha transferido as economias do filho para outro banco. E o espírito comunicante concluíu:

— Eu observei tudo isso. Não julgue que me desinteresso. Mas agora não preciso de dinheiro!

Melhor telegrama não podia ter esta mãe alanceada que chorava a perda do filho. Deu-lho o Espiritismo, doutrina de consolação e salvação.

MARIA DUARTE SANTOS

O Psychic News de 1 de Julho refere-se ao passamento da nossa fundadora e antiga directora.

Eis como se exprime o grande semanário inglês, cuja tiragem anda à roda dos 40.000:

«Desencarnou há pouco Maria G. Duarte Santos, um dos principais dirigentes do movimento espirita português. A esposa do director de Estudos Psíquicos espalhou o conhecimento e o conforto das verdades espiritas através do seu esforço de médium psicográfico. Em recente edição desta revista, vários colaboradores prestam homenagem à inteligência e tenacidade que, em tempos adversos, ela soube exercer, para levar a luz da verdade aos seus conterrâneos». Esta notícia é ilustrada com a sua fotografia.

Em 2 de Setembro, o mesmo semanário londrino publicava novamente a fotografia da nossa fundadora, ladeada das seguintes palavras:

«Maria Gonçalves Duarte Santos, a médium portuguesa cuja desencarnação anunciámos há pouco, tem comunicado com seu marido Isidoro Duarte Santos, director de Estudos Psíquicos. Através da escrita automática, Maria dita mensagens diárias a seu marido e descreve as suas experiências, a seguir à morte do corpo físico».

NORMAN ACREDITAVA EM FANTASMAS

Segundo lemos em Two Worlds, de Manchester, Montagu Norman, financeiro internacional, cujo poder era quase legendário, hipnotizava e acreditava em fantasmas e espíritos desencarnados. Isto mesmo afirma Cyril Kersh, em The People, acrescentando que ele falava num livro a publicar brevemente, no qual R. Thurston Hopkins, amigo pessoal de Norman, revelava esta faceta do carácter do banqueiro.

Hopkins diz que o falecido governador do Banco de Inglaterra exerceu a enorme influência através do seu olhar magnético, da sua voz hipnótica e do mesmerismo das suas mãos flexíveis. Em muitas conversas que teve com Hopkins, demonstrou que acreditava na existência de espíritos desencarnados. Para Norman (como para numerosíssimos espiritas de menos elevada posição e influência), um fantasma era simplesmente uma pessoa do outro mundo projectando a sua imagem neste.

«Se o vosso espírito tivesse o necessário comprimento de onda — conclui Hopkins, traduzindo o pensamento de Norman — poderia captar a imagem; mas se não tiver, então não poderá ver o fantasma. Era assim que ele via o problema. Seria difícil encontrar mais clara explicação da mediunidade clarividente».

CONFEDERAÇÃO ESPIRITISTA ARGENTINA

A Confederação Espirita Argentina renovou há pouco o seu corpo directivo, que ficou assim constituído: Presidente — Hugo L. Nale; 1.º Vice-presidente — Manio Rinaldini; 2.º Vice-presidente — António Melo; Secretário Geral — Ricardo A. Lopez; Secretário Administrativo — José Cáceres; Secretário de Relações — Elias Toker; Secretário de Actas — Florêncio Gomez; Secretário de Imprensa e Propaganda — Natálio Ceccarini; Tesoureiro — Luiz Travesaro; 2.º Tesoureiro — Júlio Cesar Medina; Contador — Mário Incerti; Directora de La Idea — Rosa H. de Garcia Romanó; Sub-director — Cesar Bogo; Bibliotecário — Vicente Branco; Sub-bibliotecário — Laureano Fanjul.

As nossas saudações com desejos de progresso espiritual.

SANEAMENTO NAS FILEIRAS

La Consciencia, de Buenos Aires, escreve o seguinte, que se adapta admiràvelmente ao nosso meio:

«É preciso sanear as fileiras, porque a quantidade amorfa e desconhecedora das ciências do espírito constitui séria ameaça para o Espiritismo. Este necessita, em matéria experimental, mediúnica, parapsicológica, metapsicológica ou metapsíquica, de gente capaz, conhecedora de todos estes complexos problemas estreitamente ligados a muitas ciências. É bem triste que pessoas que nem sequer leram «O Livro dos Médiuns», nem o «Livro dos Espíritos», se entreguem à prática de fenómenos mediúnicos, expondo os assistentes a sérias contingências, a obsessões e embustes grosseiros de espíritos baixos ou perversos. A par deste inconveniente, numerosos centros se encontram sob a influência de qualquer «Frei Nicola», desorientando gente boa e sãmente inspirada, a ponto de fanatizá-la. É preciso acabar com isto para defesa do Espiritismo».

Noticiário

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA ARGENTINA

Recebemos uma carta-circular da Confederação Espirita Argentina em que se pede aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor e leitores da nossa revista que se concentrem diàriamente às 22 horas, onde quer que se encontrem, elevando o pensamento um ou dois minutos para conjurar o perigo de uma nova guerra. E acrescenta:

«A elevação de pensamento dirige-se para Deus, no sentido de que os espíritos superiores irradiem harmonia na mente e coração dos signatários da UNO e em especial nos responsáveis por uma possível beligerância, dando fim à actual luta fraticida».

Pedimos a todos os leitores e associados que auxiliem o movimento espiritualista alvitrado pelos confrades argentinos, irradiando vibrações de amor e paz sobre a humanidade sofredora.

DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor resolveu distribuir pelas Casas do Povo do Continente e Ilhas a brochura de Allan Kardec intitulada «O Que é o Espiritismo». Quando este número circular, já os exemplares devem estar nas mão dos destinatários.

A função dos centros é difundir a Doutrina por todos os meios ao seu alcance. O melhor meio é levá-la ao mundo profano, cientificando o maior número. Se aqueles que combatem o Espiritismo conhecessem as excelências de seus postulados, mais seriam os adeptos e menos os adversários.

As Casas do Povo têm bibliotecas e os seus leitores não deixarão, certamente, de tomar contacto com as brochuras que lhes forem oferecidas.

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Continua a lavrar o maior entusiasmo em torno da ideia do sorteio de livros espiritas. É um meio interessante e útil de espalhar a caridade pela pobreza envergonhada e ao mesmo tempo o subscritor habilita-se a receber gratuitamente uma obra de grande valor.

O nosso desejo seria que todos pudessem tomar parte nesta cruzada de bem-fazer. Uma diversão a mais ou a menos nada influi na vida do homem, ao passo que um acto generoso aumenta sempre a reserva moral.

Inscrevei-vos no *Fundo de Beneficência* e tereis concorrido para o fortalecimento dos laços fraternais que devem unir pobres e ricos, para que a Lei do Amor se implante na Terra.

Espiritismo sem caridade é árvore sem folhas. Sejamos caridosos. Do que dermos, receberemos em grande parte.

CORRESPONDÊNCIA

Temos recebido inúmera correspondência acerca de variados assuntos e cuja resposta onera muito as nossas disponibilidades. Rogamos, pois, o favor de nos remeterem 2$50 em selos de correio sempre que solicitem informações de interesse pessoal. Esta rubrica será aqui mantida permanentemente, para conhecimento dos correspondentes.

AOS REPRESENTANTES BRASILEIROS

Aos solícitos representantes de *Estudos Psíquicos* que ainda não prestaram contas, pedimos o favor de enviarem os respectivos balancetes a *Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30, 1.º, Rio de Janeiro*, com todas as informações que julguem necessárias à remessa da revista, a fim de evitar encalhes que muito nos prejudicam. Aqui deixamos o nosso agradecimento.

«É PRECISO LER»

A *Luz da Verdade*, da Bahia, transcreveu na íntegra a nótula «É preciso ler», inserta nas «Notas & Comentários» de Abril, dando o seu aplauso ao que nele se contém.

Infelizmente, a família espirita lê muito pouco e esse facto contribui grandemente para o desconhecimento da Doutrina. Como poderemos nós responder aos ataques dos adversários, se desconhecermos o ideal que servimos? É preciso ler hoje e sempre, no interesse de todos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1950

Dia 8, Domingo, às 16 horas —Conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Mundo de Hoje e o Espiritismo».

Dia 12, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 15, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Inês Maria de Brass.

Dia 19, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 22, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 29, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Inês Maria de Brass.

Dia 3 de Novembro, 5.ª feira, — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6 de Novembro, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Nota — *As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia, devendo para isso munir-se da última cota paga.*

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Setembro — P. B., 20$00; I. S., 20$00; D. Maria do Patrocinio Manso, de L. Marques, 30$00; D. Maria da Conceição Balbina, de Benavente, 3$00; Subscrição do 3.º sorteio de livros espiritas, 130$00; Total, 203$50.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Lei (A) do Novo Pensamento	20$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Nova (A) Psicologia	16$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Fé	24$00
Poder (O) do Pensamento	35$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Segredo (O) do Sucesso	30$00
Sugestão e Auto-sugestão	25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar	8$00
Cultura (A) da Coragem	25$00
Correntes Mentais	8$00
Economizai vossas forças	25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Lei (A) do Triunfo	25$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc.	200$00
Vantagens da Riqueza	8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
Grande (A) Mensagem	32$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa	40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado	24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara	16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume	115$00
Caminho (O) de Jesus	32$00
Cartas Rosacruzes	25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca	40$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen	30$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Evangelho de Ramacrishna	40$00
Filho (O) de Zanoni, por F. Waldemiro Lorenz	50$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda	24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston	20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Preces Espiritas	5$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Segredo (O) da Concentração, por Walter Devoe	8$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		15$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivencia, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

HILDA SIMMS

(Ver pág. 301)

CONTÉM : Ventos Contrários, da **Redacção**; Deus — Sonho ou Realidade?, por **F. Noronha**; As Provas da Imortalidade, por **Alfredo Miguel**; A Ressurreição de Jesus, por **Romolo Mantovani**; Escolas Preparatórias, por **Tito L. Bancéscu**; O Meu Filho Escreve-me, por **Frederico Duarte**; Religião, por **Damião de Vasconcelos**; Lenda Hindu; Hilda Simms Numa Casa Assombrada, por **Fred Archer**; Trabalho, Solidariedade e Tolerância, por **Anita Rosa**; Retalho de Lenda, pelo **Dr. Amadeu Santos**; Sono e Sonho, pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Nosso Semelhante, por **Mariana Mendes Palma**; Grande Movimento de Moços Espiritas; Sem Rei Nem Roque, por **Cyrillo Aleixo**; Os Que Dormem; A Religião das Religiões, por **Leopoldo Machado**; Auxílio aos Necessitados; Relatividade do Conhecimento Humano, por **Deolindo Amorim**; «Dois Mundos»; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira**; Notas & Comentários; Noticiário

11.º ANO — OUTUBRO DE 1950 — N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Voraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e mor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisivel (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenomenos Psiquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1950 — N.º 10

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

VENTOS CONTRÁRIOS

Era uma vez um homem que remava contra a maré. A corrente impetuosa fazia valer a sua força e o frágil barquinho a custo se mantinha sobre as ondas revoltas. O homem contraía o rosto em esforço desesperado, enquanto os músculos se retesavam sob a pele tisnada de salsugem. Luta desigual de um contra cem, o resultado não se faria esperar com a derrota do mais fraco, por muito grande que fosse a tenacidade, por muito sábia que fosse a técnica empregada. Por fim o braço cedeu; e o homem do barco, exausto e desanimado, voltou à margem do rio, onde multidão de curiosos apreciavam a seu modo o combate estranho a que haviam assistido.

— Loucura! — diziam uns.

— Pretensão! — diziam outros. — Não se pode remar contra a maré!

E o homem do barco deixa os curiosos e aproa de novo ao rio com ideia fisgada. Em vez de se dirigir ao cachão, ladeia o obstáculo, contorna a dificuldade. O safanão da onda agita a embarcação, que ora se alteia, ora parece mergulhar a borda. Entretanto, uma remada mais forte e oportuna destroi a barreira e o navegante canta vitória ante a turba extasiada. Porfiou e venceu. O cérebro planeou e o braço executou e o fim atingiu-se.

Aplique-se o conto ao Espiritismo e teremos equacionado o problema. Há ventos contrários que se fazem ouvir muito perto e os adeptos não retesam o músculo nem remam no seu barco, à espera de que haja vento de feição. Nem há planos, nem vontade de executá-los. O homem espiritual sente a seus pés a enxurrada e fica magnetizado pelos elementos. Bela oportunidade de agir, de resgatar um erro ou uma fraqueza, pois nas horas más é que as almas se temperam. Bela oportunidade de substituir o homem velho pelo espírito iluminado! Bela oportunidade! Bela oportunidade!...

O apelo à fé cria energias novas. Olha-se em frente e caminha-se a passo mais firme no rumo que se traçou. Há segurança nas opiniões e certeza nos cálculos, muitas sendo as formas de atingir a meta.

A prudência que escuda a decisão dá probabilidades de vitória ao lutador que não perdeu o ânimo. Mantenhamos a esperança e transformemo-la em realidade. Busquemos no mundo interior os dados da batalha com ideia de a não perder, por fortes que os ventos sejam, buscando imitar o remador em seu batel, lutando sempre com coragem.

Todos os dias é preciso avançar alguma coisa. Todos os dias temos que alijar peso morto que nos chumba à crosta, para que o espírito esplenda sempre em beleza e maturidade.

Não abandonemos a galé, deixando-a à mercê de ventos contrários. Trabalhemos honradamente na dignificação da obra que empreendemos, façamos respeitar os princípios que a informam e os próprios adversários compreenderão a necessidade de um sector deste género, em que a vida se apresenta cheia de humanismo.

Caminhemos serenamente sem receio de fracasso. Remar contra a maré é lutar contra o erro preconceituoso, é construir muralhas de luz perene que separem o espiritual do temporal. A oportunidade orienta o labor do adepto sensato e oferece-lhe meios naturais de vencer.

As forças mentais estão latentes e responderão ao nosso apelo. Saibamos procurá-las, orientá-las e usá-las para dominar os ventos contrários que venham de nós ou de fora e teremos encontrado o segredo do triunfo. Mas que as armas sejam sempre leais e humanas, para que o moral se imponha onde o físico não chega.

Imitemos o remador contumaz que venceu pelo braço e pelo cérebro e ficará destruída a ideia de que não se pode remar contra a maré, porque o esforço conjugado vence tudo e resolve tudo. O que é preciso é saber esperar com prudência.

DEUS – SONHO OU REALIDADE?

Por F. NORONHA

> «O homem eleva-se ao ser criador do Universo; admira em silêncio as leis imutáveis que mantêm nos mundos a harmonia, o equilíbrio e a duração».
>
> VIREY (1)

E assim nos encontramos na esfera do Belo, assim se nos depara o sentido de estética, «a ciência que tem para objecto o estudo das manifestações do génio artístico», no dizer de Véron (2), assim compreendemos as palavras de conclusão final da *Harmonices Mundi,* do grande matemático e imortal astrónomo Kepler: «Eu interrompo, de propósito, o meu sono e estas vastas especulações, e não posso deixar de exclamar com o rei profeta: «Nosso Senhor é grande, grande é o seu poder; a sua sabedoria não tem limites; céus, celebrai seus louvores, louvai-o, sol, lua e planetas; tudo o que vós tendes de inteligência e de palavra, empregai-o em conhecer e em louvar o vosso Criador; louvai-o, harmonias celestes, louvai-o vós, árbitros das harmonias descobertas pelos homens; e tu, também, ó minha alma, louva teu Criador, porque dele, por ele, e nele estão todas as coisas, sensíveis e inteligíveis, as que nós ignoramos inteiramente, assim como as que conhecemos, mas que são em tão pequeno número, porque ainda há além delas infinitamente mais. A ele o louvor, a honra, nos séculos dos séculos. Assim seja» (3).

Não ficam descabidas neste lugar as seguintes frases: «o homem como tipo recebeu um impulso que o devia levar a um alvo mas que cessou a meio caminho; *o resto não descrito da sua trajectória* pode marcar a força que o atrai para esse termo inatingível. Percorrer *sob todos os aspectos de vida possíveis* o resto desse trajecto, seria realizar a Perfeição Suprema» (4). E a esta não chegamos. Igualar-nos-íamos ao sumo agente dessa Perfeição Suprema, aspiração aliás de nossas faculdades, concebendo o Infinito!

«Infinito e absoluto são sinónimos, no sentido metafísico», diz Liard (5) que define, por este modo, o segundo termo da frase transcrita: «*o absoluto é o que existe em si e é concebido por si,* o que, para existir, só precisa de si, e cujo conceito não carece doutro conceito algum».

Assoma o Belo em tudo, até mesmo no horrível, denunciando grandeza e Arte.

«A verdadeira grandeza do artista está em exceder o seu objecto, em ir mais longe do que pretende, em passar por cima da sua finalidade, atravessar o possível, ver ainda no além», disse Michelet (6).

Falando sobre *El Universo* em brilhante e eloquente conferência universitária, o dr. Ricardo Poenisch exclamava, quase encerrando-a, no dia 28 de Novembro de 1904: «Que templo magnífico erigiu a ciência à divindade! Quanto se ampliou o nosso horizonte intelectual nos escassos três séculos, desde que a lente do telescópio rompeu os densos véus que até então ocultaram à humanidade o segredo do universo!» (7).

E quanto mais se alargam os horizontes do saber, quanto mais o bípede por excelência penetra no âmago das coisas e transcende espaços, preadivinhando alvoradas de amanhã, tanto mais o espírito sobressai vitorioso e entoa as notas triunfais da sua acção radiosa e avante sobre a matéria.

É o hino da Glória, escrito em letras de oiro pela verdade irrefutável, com o testemunho de factos experimentais e o depoimento de laboratórios, não eivados de inconfessionabilidade.

A negativa formal do plano assente, de lei perdurável, de movimento regular à face da Natureza e na amplidão do Espaço, torna-se inconcebível, mais e mais em mente equilibrada e em entendimento lógico.

As doutrinas de tantas escolas filosóficas pretéritas, as crenças religiosas registadas, através da História e das civilizações, os períodos afestoados e de decadência dos povos e das raças, em sua marcha de séculos, tudo isto afirma um potencial de espiritualidade e de força biológica, orientado fora dos nossos meios, dos nossos raciocínios, e dos nossos recursos.

Orgulhamo-nos, é certo, de descobrimentos maravilhosos em todas as províncias do saber, mas não é a carne a vencedora, a sensualidade a obreira, o duplicado prosápia ou vaidade e insensatez o reduto.

Alguma coisa escapa às tempestades, aos naufrágios, à cegueira ciclónica destruidora. Essa alguma coisa, que a autópsia não revela e a anatómico não encontra, é o espírito, o sopro de Deus, no sexto dia moisaico.

Jean d'Estienne (8), quando chegado a este ponto, em livro notável, brada: «Vós podeis repousar, Deus omnipotente, podeis cessar de criar; a vossa obra-prima está consumada. No vértice do mundo material, haveis formado um ser misto pela aliança incompreensível da substância material, da carne, com a substância imaterial, com o espírito puro».

Chegado à última página de texto do *Resumé Cosmogonique* da sua elaboração primacial, Lapparent, proeminente geólogo, aludindo ao aparecimento do homem, acrescenta: «O ser que vai doravante dominar a criação é destinado a uma posição vertical e é para o alto que os seus olhares se dirigirão mais voluntàriamente» (9). Outro geólogo também proeminente, o inglês Lyell, termina assim uma de suas obras: «As provas que acumulámos sobre a estreita analogia existente entre os géneros extintos e viventes são tão numerosas e concludentes, que nos é impossível duvidar da harmonia comum presidindo a todos os componentes; e a mesma magnificência inventiva que admiramos na criação viva, caracteriza em igual grau o mundo orgânico nas épocas mais remotas. Mas isto é apenas um primeiro motivo de admiração: quando os nossos conhecimentos se completarem sobre a inesgotável variedade dos seres naturais, e o nosso espírito se inclinar, crescentemente, perante a sabedoria infinita e o supremo poder que tudo tirou do nada, tudo organizou, restar-nos-á ainda pensar que só à última das grandes séries de criação estamos no direito, até agora, de designar um número ou limites através do tempo» (10).

Realizei uma viagem, relativamente longa, por entre homens e livros, porventura estranhos ao Espiritismo, mas, em verdade, nuns e noutros, não é o material que prepondera e decide, mas a razão e o espírito que iluminam. E dos seus acertos reflectidos, das suas teses preclaras, dos argumentos que podemos extrair da sua dicção e leitura é fácil partir para a demonstração da existência d'Aquele, que o astrónomo Flammarion retratou empolgantemente.

E não só o insigne sábio espirita brindou o mundo com semelhante espécie literária. A palavra Deus abunda em exteriorizações de mérito original, e até os que se supõem ateus admitem o deus *acaso*!

O princípio de causalidade é autêntico baluarte resistente e iniludível, e os movimentos executados com precisão matemática nos seios da imensidade, a obediência da Natureza às leis que a regem, proclamam, invencìvelmente, o seu necessário ponto de partida inconfundível: o Ente fonte de todo o ser, de toda a energia, de toda a ciência.

Como seria possível e viável o efeito sem causa, o fenómeno sem origem?! Onde a vida, a Arte Bela, o génio esplendendo, o homem assumindo pela ideia, pela iniciativa, pela vontade própria o lugar de primata no planeta que o transporta com velocidade pasmosa, se não fora o Insuflador eterno?

Não se trata de um sonho. Deparamos com a realidade máxima, sem tergiversações nem erratas, representada, em geometria, por uma circunferência e o ponto central. Este «simboliza Deus, a Unidade Eterna, o Princípio de que todas as coisas emanam. A circunferência designa o Universo, a realidade sensível que emana do centro» (11).

E toda esta figura simbólica reporta-se a Deus Criador e ao *faça-se* da Criação. Suprimi do ser o não ser. O que fica?

É sequer concebível o nada, fora de relatividade?

«Simão, o Zeloso», autor de um livro (12) primoroso de verdade e de desassombro psíquico, diz, conceituosamente: «Temos, pois, dois factores em todas as coisas; «Deus» constituíndo a essência mesma, e a actividade mais ou menos voluntária e consciente operando livremente entre certos limites, segundo o estado de desenvolvimento das coisas sob consideração. Além disso temos a influência que tende a empurrar estas actividades a continuar em harmonia ou a reentrar em harmonia (onde esta harmonia tinha sido quebrada ou deformada) com a Harmonia Divina». Julgo a pêlo inserir, nesta altura, um trecho devido à pena de Sir William Barrett, sábio professor de física universitária, em capítulo intitulado *A Lição da Filosofia na Interpretação da Natureza* (13): «O materialista puro afirma que o universo se mantém por si próprio e consiste exactamente na aparência que apresenta a nossos sentidos; as aparências são para ele

a última realidade. Mas se construir uma teoria mecânica da natureza, dando aos átomos qualquer poder oculto, qualquer consciência, confere-lhes as mesmas prosperidades que é preciso explicar. Somos, pois, forçados a crer na Suprema Inteligência e a olhar o Universo como expressão do Pensamento Divino, mantido eternamente pela Vontade Divina. É esta, sem dúvida, a interpretação mais simples e verdadeira da natureza».

Houve, em mim, uma solução de continuidade, sob este aspecto, já em anos de assento, deixando-me enlevar pela ramaria e não pela árvore.

Subjugaram-me certas aparências, predispondo-me a fantasias, talvez pelo momento lhes ser propício; e ainda me aguentei por algum tempo.

Ocorreu, porém, o caso de contacto, por minha parte, com lúcida mentalidade serena e experimentada, intervindo valores didácticos de sólida ilustração e de medida imparcial, que me acalmaram na directriz que eu preferira e me despertaram o desejo de volver a pretérito de convivência íntima com elaboração filosófica de base e raiz não perfunctórias.

E desde essa data, sacudido de procedências parciais e sentindo-me avesso a cantos de sereia, hei percorrido, com ânimo firme, uma literatura vasta, de escolha, sem abandonar livros prestimosos, docentes e não docentes, que anteriormente folheara.

E, então, fui notando falta de pé, dissonância de material, porventura heterogeneidades não dissimuláveis, desequilibrando e anulando teorias insustentáveis. De pertinaz que fora, durante mais de um ano, campeão materialista, em letra impressa, com adversários de fundo, transitei, não de salto, para onde grafiei esta conclusão:

«O princípio de causalidade e a contemplação do espectáculo da Natureza, reveladora de leis a que o Universo obedece, conduzem-me, racionalmente, a crer numa energia intelectual suprema, acto eterno, a que rendo o culto de adoração. O espírito vence a matéria: acaso, não passa de grosseiro bordão e asnático recurso da ignorância».

Repito: Deus não é sonho, é o Ser dos seres, a Perfeição Suprema. É o que foi, é e será. Tem o Espirita a entranhada convicção da sua existência inefável, e o sentimento respeitoso de quem deve ao Legislador dos mundos o dom dignificante do livre arbítrio.

É responsável pelos seus actos, como aliás todo o humano e todas as almas, mas, depurando-se, de provação em provação, ascenderá do cárcere do corpo ao Além da Glória inofuscável, limpo de consciência, em seu destino imortal.

As Nossas Edições

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

BIBLIOGRAFIA

(1) «Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, Appliquée Aux Arts», t. I, pág. V — Paris, 1805.
(2) «L'Esthétique», pág. 129 — Paris, 1878.
(3) A. J. Ferreira da Silva — «A Cultura das Ciências», págs. 19 *in fine* e 20 — Porto, 1908.
(4) José Júlio Rodrigues — «Esboço de Uma Filosofia de Arte», pág. 14 — Lisboa, 1910.
(5) «La Science Positive et la Métaphysique», págs. 302 e 303 — Paris, 1883.
(6) «L'Oiseau», pág. 252 — Paris, 1856.
(7) «República De Chile — Anales De La Universidad» — Tomo CXVII, pág. 472 — Santiago De Chile, 1905.
(8) «Comment S'est Formé L'Univers», pág. 188 — Paris, Bruxelas, Genebra (2.ª edição, sem data).
(9) «Traité de Géologie», pág. 1259 — Paris, 1883.
(10) «Manuel De Géologie Élémentaire», tomo 2.º, pág. 498 (trad. francesa) — Paris, 1857.
(11) «Noções Elementares de Cabala — A Tradição Esotérica do Ocidente», por Francisco Valdomiro Lorenzo, pág. 45 — S. Paulo (Brasil), 1912.
(12) «Futilidades Velhas ou Ideias Novas? — Um plano prático para salvar a civilização moderna», págs. 162 *in fine* e 163 — Lisboa, 1938.
(13) «Nos Umbrais do Além — Análise Científica dos Fenómenos do Espiritismo», (tradução de Isidoro Duarte Santos), pág. 254 — Lisboa, 1947.

AS PROVAS DA IMORTALIDADE

por ALFREDO MIGUEL

Correspondente na BAHIA

Certa vez tive que dar explicações minuciosas a um rapaz, que me interrogara, desejoso de saber o motivo em que se fundavam os ministros das religiões ditas cristãs para condenarem a prática do Espiritismo e o seu código de moral. O que intrigava o moço interpelante, era precisamente o facto de pouco se incomodarem com o ruinoso *materialismo* — que é a negação da alma espiritual e de toda a ideia religiosa — ao passo que não cessavam de combater, com um vigor sistemático, pela imprensa, pela tribuna e pelo rádio, uma doutrina que tem por base a existência de Deus e proclama a imortalidade da alma humana, apoiada nas provas irrecusáveis da sobrevivência, trazidas, directamente, pelas próprias almas dos trespassados.

O caso dá mesmo o que pensar. Porque, em boa lógica, todos os que anunciam — *sem uma demonstração material possível* — a independência do princípio anímico e sua supervivência à destruição orgânica, deveriam confessar-se reconhecidos ao Espiritismo, pelos recursos que ele oferece para se chegar à *evidência* irresistível dessa verdade. Longe disso, nem reparam que as maiores notabilidades nas ciências e nas letras de todos os países — antes cépticos e negadores pertinazes — deveram ao Espiritismo o terem alcançado a mais lúcida convicção de que a vida do homem continua depois do seu derradeiro dia sobre a Terra. Tais como o célebre antropologista Césare Lombroso, que no seu arrazoado contra o Espiritismo alçou-se ao extremo de insultar os espiritas, foram quase todos que se lançaram a pesquisas no campo da fenomenologia supranormal. Os livros que depois escreveram falam-nos de suas anteriores concepções materialistas, de seu desprezo pelos médiuns, — e dão-nos a conhecer as surpreendentes conclusões a que chegaram.

«Certamente — dizia há muitos anos o filósofo alemão J. H. Fichete — é o Espiritismo uma revelação séria, feita num tempo em que a crença primitiva do homem na vida futura estava enfraquecida ou inteiramente abandonada. Desse modo o Espiritismo será um conselheiro e um estimulador para recuperarmos uma *certeza* sólida e perseverante da nossa imortalidade».

É estranho, pois, que aqueles que pregam e sustentam o princípio da sobrevivência do ser pensante, sejam os mesmos que rejeitam os testemunhos e as provas dessa *verdade verificável* — mas que eles erigiram e fazem questão de conservar sobre o alicerce movediço das hipóteses...

Discutem, propagam, garantem que a alma existe e persiste após o aniquilamento do corpo; mas, assim que outros, a corroborar a afirmativa, aduzem as provas irrefragáveis de nossa imortalidade e apontam os métodos científicos que conduzem à sua real constatação, logo mudam de tom e repelem os testemunhos, taxando de loucos e cobrindo de apodos aqueles que os trouxeram!

O que se não vê...

A ciência vai aos círculos atómicos; analisa a materialização da energia, o movimento dos electrões, estuda o bombardeio de átomos e esquadrinha corpúsculos diversos. Mas todo esse trabalho, com a colaboração de lunetas de alta potência e de geradores de milhões de vóltios, é serviço que apenas identifica os aspectos exteriores da vida. Há outros mundos subtis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreeender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para se tornar perceptível. A electricidade e o magnetismo são duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos do êxito completo. Sòmente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos.

A maioria das criaturas ligadas à crosta só entende estas verdades depois de perderem os laços físicos mais grosseiros. É de lei, que só devemos ver o que pudermos observar com proveito.

***(De* OS MENSAGEIROS, *de André Luiz*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier).**

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

por Romolo Mantovani

(Presidente do Grupo "Amour et Vie", de Paris)

III

Esses mesmos factos supranormais de que a Bíblia está cheia, bem como todas as histórias de santos até nossos dias, são aceitos como tais pelas Igrejas. Seria portanto ridículo que sòmente Jesus de Nazaré necessitasse de tornarse Deus para conseguir o que tantos outros conseguiram sem divindade.

Aceitar as aparições de Jesus «como milagre» é um fenómeno contrário às leis da Natureza; e emprestar-lhes uma intervenção toda particular da Divindade constitui um erro muito grande, porque ele leva em sua base o puro ensinamento do Cristo.

É pelo seu carácter *supranormal* que essa manifestação póstuma tem sido negada ou posta em dúvida: ninguém melhor que nós, espiritistas, é mais qualificado para esclarecer esse problema.

Eis a nossa explicação:

Em primeiro lugar, consideramos Jesus de Nazaré como um homem normal semelhante aos outros, o mais adiantado espiritualmente, o maior dos Iniciados que a Humanidade tenha tido, mas sempre um «homem» e não um Deus, como nos quereriam fazer crer.

Ele mesmo jamais afirmou ser «Deus», mas «Filho do Homem», «Filho de Deus». Ele dizia-se «Um» com Deus, o que é inteiramente diferente: não era Deus, em pessoa, mas o mais divino dos homens, e ele afirmava que nós podemos fazer tudo o que ele fez; «ele sempre considerou todos os homens como seus irmãos». Morreu sobre a cruz como um homem normal.

Após a sua morte, apareceu várias vezes a seus discípulos.

Essa manifestação não constitui milagre, isto é, uma coisa excepcional, porque então seria contra a lei da Natureza; isso não pode existir, mesmo para um Deus, porque ele contradir-se-ia.

Não teve lugar tampouco, se se quer entender por Ressurreição a coisa inconcebível do cadáver de um morto de três dias retomar vida normal. Uma ressurreição verdadeira, isto é, o «retorno» à vida orgânica de um corpo realmente morto é impossível, ao menos por muito tempo, sem contar que, se se tratasse disso, teria existido uma outra morte física.

Os apóstolos dizem todos que Jesus aparece e desaparece, portanto como um espírito e não como uma «pessoa física normal»; depois falam-nos de uma presença objectiva, exterior, sensível, sólida e não de uma presença ideal, muito menos de uma presença imaginária. Ele come, fala-lhes, dá-lhes ordens.

Eles não imaginam o Salvador como um fantasma; para eles está bem vivo, num corpo tão sólido quanto possível, que se pode tocar. Substancialmente, as condições desse corpo eram diferentes do seu corpo físico, mas tinha a mesma aparência deste.

Isto nos prova que essas aparições, pelas suas formas, pela sua substância e pelos acontecimentos que se desenrolaram, são incontestavelmente aparições que classificamos como fenómenos espiríticos de materialização, porque são idênticos aos fenómenos que obtemos em nossas sessões de materialização.

Jesus, Grande Iniciado e Mestre da Humanidade, por seus grandes poderes espirituais, pôde obtê-los muito fàcilmente, talvez com concurso despercebido e insuspeitado de seus discípulos que lhe serviram de médiuns. Ele pôde, desagregando momentânea e parcialmente seus corpos mediúnicos, consolidar seu corpo espiritual até torná-lo suficientemente tangível para ser visível e suficientemente sólido ao tacto para ter o aspecto perfeito de seu corpo de vivente.

Esses fenómenos de aparição não são exclusivos do Espírito do Nazareno; «eles sempre existiram e existem e não há necessidade de recorrer à divindade para justificá-los ou obtê-los.

O Espiritismo nos revela e demonstra diàriamente que esses fenómenos constituem uma Lei da Natureza. A comunicação entre o mundo visível e o mundo invisível, responde à necessidade da Lei do amor.

Assim, é insustentável acreditar que todos os fenómenos supranormais são devidos «exclusivamente» ao demónio.

Os que se dizem cristãos, que sustentam isso, não se apercebem que estão em contradição com os ensinamentos de Jesus e consigo mesmos, e que tratam de demónio esse mesmo Jesus que dizem adorar, assim como muitos santos da Igreja.

Uma Lei da Natureza não pode jamais ser exclusiva: é sempre «acessível a todos»; aos bons e aos maus.

A lei da Ressurreição era verdadeira ontem, como é hoje, como será sempre, e é igual para todos os homens.

Agora perguntamos-nos: «Porque o fez ele ?».

Certamente não foi para se divertir, mas primeiramente, para satisfazer um acto de amor e em seguida para confirmar e completar seu ensinamento moral e espiritual.

Desde que ele deixou a Terra, os homens viram os graves erros de sua traição, do mal que cometeram pela incompreensão. A voz do remorso começou a atormentar sua consciência, a perturbar a sua alma.

Amedrontados de havê-lo perdido definitivamente, seu coração pôs-se a invocá-lo desesperadamente.

Ele respondeu com um grande amor a esse apelo, materializou-se para mostrar-se, fazer-se conhecer, e lhes dizer: «Estou sempre vivo convosco, como prometi. Não vos guardo rancor algum. Trago-vos ainda minha palavra de Perdão, de Paz e de Amor».

Ao mesmo tempo ele completa o seu ensinamento.

No tempo do Cristo tinha-se a respeito das relações da alma com

o corpo uma concepção monista. Para os judeus, o corpo e a alma faziam um todo único. Um espírito não podia agir senão em um e para um corpo. Imaginar que o espírito do defunto, separado do corpo, podia viver e agir, tinha para a mentalidade corrente da época algo de totalmente inimaginável.

Jamais os discípulos teriam podido ter a impressão que ele havia verdadeiramente ressuscitado e estava vivendo em espírito, se não tivessem ao mesmo tempo percebido seu corpo e não houvessem visto exercer suas funções corporais.

Pelas suas aparições o Cristo quis portanto provar não a vida de além-túmulo como ela é admitida pelas religiões, mas dar a prova da sobrevivência da alma à desagregação da envoltura carnal após o trespasse e a certeza de encontrar uma forma de vida consciente, resultante lógica de nossa precedente existência. Em seguida, que o Espírito pode manifestar-se sobre diferentes planos.

Ele havia alimentado no coração dos homens a esperança de uma Vida Eterna. Por sua Manifestação Póstuma, ele quis demonstrar essa realidade.

Ele nos disse que eramos seus irmãos e que poderíamos fazer o que ele mesmo havia feito. Hoje cremo-nos «cristãos», porque pertencemos a alguma religião ou seita, mas não somos cristãos, porque pertencemos a uma religião qualquer.

Ser cristãos não é seguir cegamente uma religião, qualquer que ela seja, mas é tornar-se «um outro Cristo»; portanto, aceitar, ou, melhor, viver seu sublime ensinamento de Amor, com a Lei da Ressurreição, a realidade lógica e convincente da sobrevivência da alma e sua possibilidade de manifestar-se no plano terrestre após o trespasse.

É doloroso verificar que os que se dizem cristãos combatem esse ensinamento do Cristo.

O ensinamento Espiritual que Ele nos dá pela Ressurreição é que esta é uma Lei de Vida. É a Lei da evolução espiritual. O homem deve, pelo ensinamento adquirido através de vidas sucessivas, progredir incessantemente.

Ressuscitar é passar espiritualmente para um plano superior. Não há ressurreição sem morte.

Não é ao acaso que a Ressurreição teve lugar na Primavera. A essa época toda a Natureza ressuscita. O germe foi aprofundado na terra e encontrou a morte; após essa morte, que é só aparente, que é só uma transformação de energia, ele renasce, ressuscita para uma nova vida.

Deve acontecer o mesmo com o homem. A morte, de seu sentido pessoal egoísta, deve deixar desabrochar o germe do Amor puro que o Cristo semeou nele e ressuscitar para uma nova Vida Espiritual.

Saulo de Tarso tinha razão em escrever: «Se nós tivermos esperança no Cristo para esta vida sòmente, seremos os homens mais miseráveis. E se o Cristo não ressuscitou, vã é nossa Fé (Cor. XV-17, 19).

O cristianismo é a única filosofia que tem um salvador sempre vivo, sempre pronto a servir e a amar.

Com o sublime ensinamento de sua Ressurreição, Jesus ultrapassa todos os construtores espirituais da Humanidade, porque não sòmente nos dá uma filosofia da Vida que ele viveu, mas também a prova tangível de que esta Vida é eterna, isto é, a realidade da sobrevivência da alma e sua possibilidade de manifestar-se espiritualmente.

Ele prova-nos que o Espírito, pela Ressurreição, isto é, pela Purificação, pode manifestar-se à vontade em todos os planos da Vida.

Ele nos disse: «Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que vem a Mim não morrerá jamais». Ele no-lo provou: «Ele abre-nos uma porta para o Infinito, para o reino misterioso da Luz e da Vida eterna».

A Ressurreição como ela nos foi ensinada pelo Cristo não tem lugar em dia fixo, para todos, sem que cada um faça o seu esforço como muitos crêem, porque isso é impossível e ilógico. Ela tampouco terá lugar na carne, porque a carne é perecível.

Jesus chama «morte» à morte em espírito, aquele que está no pecado, no erro; a Ressurreição dos mortos é, pois, acordar, compreender, «viver na Verdade».

A verdadeira Ressurreição é a passagem do erro à Verdade, à qual todo homem deve chegar pelo seu esforço pessoal. Ela deve realizar-se todos os dias.

Esse esforço individual de compreensão nos levará à libertação da morte, isto é, do círculo das existências terrestres.

Eis o que nos diz o Cristo: «Ressuscitei dentre os mortos. Triunfei da morte, do pecado, da materialidade. Ressuscitei. O que eu fiz todos os homens farão. É preciso que o ser se torne Perfeito. Sede Perfeitos, como vosso Pai é Perfeito».

Não foram os fenómenos das irmãs Fox, nem as mesas giratórias, que nos revelaram o verdadeiro Espiritismo, mas o Cristo, pela sua Mediunidade Superior e seu Ensinamento de Verdade eterna.

O ensinamento espirítico do Cristo demonstra que o homem espiritual, aquele que se sente Filho de Deus e vencedor da Matéria e da Morte, é o homem vivendo na Vida Eterna, Espiritual.

Ele disse a Marta: «Sou a Ressurreição e a Vida; aquele que crer em mim viverá, mesmo quando esteja morto. E quem quer que seja que creia e viva em mim, não morrerá nunca».

Esse ensinamento crístico, que quase todos têm, por ignorância, sempre procurado abafar, deve o verdadeiro Espiritismo fazê-lo renascer. Deus é Espírito, diz o Evangelho; serão, pois, os que crêem no Espírito e nos Espíritos que estarão mais próximos da Verdade divina.

Como os dois discípulos de Emaús, os homens de hoje caminham cègamente, esperando o encontro com o Cristo.

Em nossas sessões esforçamo-nos por reproduzir o acto de amor que o Cristo realizou em Tomé, para tentar convencer todos os Tomés que não querem crer e que serão finalmente obrigados a render-se à evidência dos «factos».

Nossa Humanidade, por causa da falsa interpretação do Evangelho e de seu Ensinamento, é infilizmente composta quase inteiramente de Tomés, mesmo que se digam cristãos como ele.

É preciso que, em nossas sessões espiríticas, o Cristo desça entre nós para fazer tocar aos incrédulos o seu coração varado pela incompreensão dos homens e sua carne martirizada, para que finalmente eles tenham Fé.

Mas preferimos afirmar com Ele: «Felizes aqueles que crerem sem ter visto», porque eles são os ressuscitados; eles não têm necessidade de provas espiríticas, sabem que o único altar onde o Cristo está e estará eternamente vivo é o «coração de todos os homens».

FIM

Escolas Preparatórias

por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário)

Se o Espiritismo ainda não experimentou um impuso mais acentuado nas Américas e na Europa, tal se deve a uma causa lógica. Ainda se lhe não deu carácter didático, na parte teórica e na parte prática. Geralmente, estudam-se os complexos problemas do ponto de vista experimental, sem se cuidar — à excepção de sábios como Gustave Geley e Richet — das leis fundamentais que regem o fenomenismo. Qualquer pessoa ou grupo sem prévio conhecimento teórico dedicaram-se espontâneamente às práticas mediúnicas, sem olhar às consequências que derivariam dessas experiências que obedecem a leis psicológicas, psíquicas, físicas, biológicas e fisiológicas.

Os progressos dessas ciências são grandes e já não é possível que espiritistas, metapsiquistas, metapsicólogos e parapsicólogos girem dentro da mesma órbita rotineira, se não ajustarem as investigações às suas respectivas leis. De outra maneira persistiria a desorientação, visto que abundam as instituições espiritistas ou metapsíquicas que agem sem plano estabelecido.

Estamos convencido de que é preciso criar escolas preparatórias com aulas de todas as disciplinas atinentes às ciências do espírito. Esses cursos — como se realizam na Faculdade Espirita do Rio de Janeiro — poderiam durar três a cinco anos com os respectivos ciclos e correspondentes exames dos estudantes.

Todo o espiritista estudioso concordará que o fenomenismo mediúnico, o sonambulismo, a magnetologia, etc., são, evidentemente, ciências que não poderão dar bons frutos em mãos inexpertas, sobretudo quando se trata de problemas extremamente delicados. Temos visto como os próprios universitários, confiados em seu título de médico, advogado, etc., encaram estas questões à luz da psicologia clássica, pretendendo resolvê-las dentro da ciência psicossomática, isto é, valendo-se do parelelismo psicofisiológico.

Parodiando o Dr. Gustave Geley, diremos que a metapsíquica é uma ciência absolutamente nova e original. Com efeito: se é nova e original, de forma alguma seria possível apoiar-se a métodos em franca oposição à mesma. O próprio sábio Charles Richet tentou valer-se dos seus conhecimentos de psicologia clássica para aplicá-los à metapsíquica, sem resultado satisfatório.

É por isso que se impõe a constituição de escolas preparatórias para ventilar tão complexas questões com pleno conhecimento de causa, já que nem a fé cega nem a confiança nos concorrentes são factores capazes de evitar anomalias e consequências sérias, no caso da experiência sem método ou plano algum. É necessário, portanto, organizar instituições idóneas e bem orientadas, à frente das quais devem estar indivíduos dotados de provada capacidade, que possam reger aulas científicas das matérias citadas.

Sem dúvida que as instituições espiritas podiam ser excelentes colaboradoras nesta orientação por já contarem com certo número de elementos estudiosos e com anos de prática no aspecto experimental. Diríamos mais ainda: que essas instituições, sèriamente orientadas e estudiosas, deveriam organizar programas de estudo e assim assentariam as bases da nova orientação do moderno psiquismo, destinado a imprimir-lhe novos e eficientes impulsos.

A experimentação demonstra claramente que é necessário abandonar os velhos sistemas sem disciplina didática, sem orientação precisa e sem elementos capacitados em campo teórico e prático. Os jovens, essas correntes que amanhã hão-de reger os caudais espiritualistas do futuro, devem ser orientados por caminhos que tenham por norma a ciência em sua evolução íntegral.

Olhando retrospectivamente a marcha do Espiritismo nas Américas, vê-se bastante acerca das lacunas existentes nas últimas décadas. Se há instituições espiritualistas de grande prestígio com normas invariáveis de ciência, análise, observação acurada, descriminação perene, comparação necessária e estudo constante, temos de reconhecer que não são poucos os centros e as sociedades que praticam um espiritismo singular, derivado do analfabetismo, da indisciplina e até de sérios erros.

Nenhuma escola realmente espirita poderá ter sólidos fundamentos destinados a enaltecer o ideal, se não aplicar prèviamente a necessária disciplina, o método pedagógico clássico, a orientação baseada nos ensinamentos do Mestre Kardec e dos que ulteriormente alargaram o campo experimental e teórico com noções de importância transcendental.

Se todos os ramos científicos e filosóficos

repousam sobre métodos didáticos sérios e disciplinados, não compreendemos porque não adopta o Espiritismo o mesmo processo em suas múltiplas manifestações. A ausência das escolas preparatórias de elementos para orientação, organização e propaganda, especialmente experimentação mediúnica, determinou, como todos sabem, a pobreza às vezes alarmante que ridiculariza o nosso ideal pelas capciosas interpretações que se lhe dá ante pessoas que conhecem a fundo os nossos problemas.

Se contássemos com institutos preparatórios, com escolas — cada Centro espirita deve ser uma escola — é bem certo que muitos elementos ilustrados, especialmente médicos, professores, etc., teriam mudado de parecer a nosso respeito ao ver fontes de riqueza científica e possibilidades de aproveitá-las na sua profissão. A medicina luta angustiosamente com a impotência de curar os chamados «doentes mentais» quando são obsidiados, pois muitos educadores desesperam em suas funções, na presença de crianças extremamente rebeldes ou retardadas — ou mesmo assombrando-se com os meninos-prodígios — sem saber, em ambos os casos, a etiologia dessas anomalias. Os espiritistas ilustrados devem pôr-se em contacto com os médicos e pedagogos para demonstrar que não somos uns pobres «loucos» ou «endemoninhados», mas pessoas cultas capazes de resolver alguns problemas que a ciência oficial não consegue resolver.

Se dispuséssemos de escolas preparatórias perfeitamente organizadas e bem dirigidas, temos a certeza de que elementos valiosos dos mais variados sectores a elas viriam para aprender e certificar-se do que é, verdadeiramente, o Espiritismo e a Metapsíquica, quer dizer, as ciências do espírito. Temos teorizado demais até ao presente. Temos discutido exageradamente acerca de coisas sem importância. Algumas vezes temos confundido palavras para originar polémicas malsonantes, quando poderiam ter sido factores de educação de alta importância. E assim nos temos desviado dos pontos essenciais, embora a escola espirita não progrida sem a indispensável organização didática. Somos de opinião que o fenómenismo deve ficar em mãos que saibam sondá-lo com amplo critério científico, sempre que a ignorância invada jurisdição tão delicada e complexa e só produza danos a um ideal como o nosso.

(I. D. S. traduziu)

O MEU FILHO ESCREVE-ME

por Frederico Duarte

Meu querido pai.

Pediram-me para lhe escrever e vou fazê-lo agora. Eu não morri. Rommel matou a minha carne, mas não a minha alma. A minha alma foi entregue a Deus e o meu uniforme à Nação, com honra, e por conseguinte eu vivo como o senhor e outros.

Sou como uma velha árvore derrubada no solo, as suas raizes e tudo mais tendo sido queimado, transformando as cinzas, permanecendo sòmente a memória dessa árvore. Semelhante árvore nunca mais cresce e nunca mais terá vida na terra.

Gosto muito de expor-lhe novamente como vim para este lado. Como foi estranho para mim ter mais uma vez regressado aos seus próprios sentidos! Ali estava eu, vendo que me movia ràpidamente num mundo estranho, como se estivesse voando sem impulso ou esforço da minha parte, em completa escuridão.

Tratei de proferir algumas palavras. Havia só uma coisa que eu desejava: saber a razão porque meu pai deixou sùbitamente de me escrever. As únicas palavras misteriosas que podia ouvir eram «Para aprender» (To learn). Estas, em vez de virem dos meus lábios, eram da minha própria voz, mas completamente fora de mim mesmo, porém perto de mim. Resumindo, foram pronunciadas pela minha própria voz, continuando a dizer «Para aprender». Depois daquela sensação, abri os olhos espirituais e vi o Padre Domingos (Father Dominic, como ele gosta que lhe chamem), dando-me apoio, até que me levou para sua casa, mas o pai não estava lá. O senhor Cairbar Schutel e a mãe de meu pai estiveram lá também. Depois o Padre Domingos levou-me de noite a uma fábrica de Aeroplanos e vimos meu pai e salvámo-lo de ser esmigalhado por uma pesada vagoneta. Desde então, tenho estado consigo, até que na casa da Madame Bullock o meu professor me adoptou e me ensina as maravilhas do mistério de Deus.

Agora somos amigos, eu e meu pai, sòmente. O senhor foi o responsável pela minha carreira na terra, pelo que lhe fico agradecido. Peço me perdoe mais uma vez por lhe ter dito em várias ocasiões que o senhor ia a casa de Madame Bullock para falar com os «Espantalhos». Eu era um ignorante, mas agora sei que foi na casa dela que recebi os primeiros raios da LUZ.

Já vi o tio Raúl em São Paulo, mas ele não pode ver-me ainda.

Desejo-lhe sucesso no seu livro novo, o qual ajudará o Mundo para melhor comprensão.

Do seu amado filho Gabriel.

Nota — Os factos apontados são genuínos e é verdade que na fábrica onde eu era Gerente de Transportes, uma noite quase que fiquei estilhaçado com umas lâminas de alumínio que se deslocaram do guincho, quando dois dos meus operários as punham numa vagoneta. — F. D. (Médium: J. de Santos).

RELIGIÃO

por DAMIÃO DE VASCONCELOS

A religião é a Ciência de Deus, que o mundo ignora, e só se compreende no Evangelho por meio do Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque O não vê, nem O conhece. (João, XIV, 17).

Não se julgue, porém, que defendo a crença cega, intolerante, supersticiosa, que produz fanáticos, perseguidores intolerantes, inconscientes, e moinhos de orações. Não. A Fé verdadeira, sincera, a Fé que só Deus sabe insuflar nos nossos corações, é a que simultâneamente esclarece o espírito, ilumina a inteligência e dá abundante Amor, abundante Paz, abundante Gozo, abundante Paciência, abundante Ternura, abundante Bondade, abundante Modéstia e todos os preciosos frutos do Espírito Santo (Gálatas, V, 22 e 23), que levam os sinceros crentes a mostrarem ao mundo a diferença que há entre o espírito e a matéria; a crença e a superstição, o bem e o mal.

Religião, hoje, é sinónimo de bons costumes. Homem religioso é aquele que procura ler e compreender os ensinamentos do Cristo impressos nos Evangelhos e seguir-lhe os exemplos na vida de relação com o próximo.

A Religião tem por base a humildade, e para bem compreender a Religião, precisamos de despojar-nos de todo o personalismo, do orgulho e da inveja, para que possamos atingir aquele desiderato.

O orgulho e a inveja são factores de separativismo no seio das sociedades humanas. O orgulhoso julga-se sempre superior aos seres semelhantes; o invejoso não lhes reconhece o direito às mesmas graças que ele desfruta. Tais paixões más sòmente podem separar os homens; por conseguinte, ao passo que a humildade, levando-nos a reconhecer nos outros as mesmas prerrogativas que desejamos para nós, induz-nos à fraternidade, à união, que é em que consiste o objectivo da Religião.

A Religião, portanto, é a verdadeira ciência, a verdadeira filosofia, pois que nos leva ao conhecimento d'uma realidade espiritual que dimana de Deus e que é a causa eficiente de tudo o que existe.

E diz-nos a «*Imitação de Cristo*»:

«Bem-aventurado aquele a quem a Verdade por si mesma ensina, não por figuras e vozes que passam, mas como em si é. A nossa opinião e os nossos juizos muitas vezes nos enganam e pouco alcançam. De que serve a subtil especulação sobre questões misteriosas e obscuras, de cuja ignorância não seremos julgados? Grande loucura é descurarmos as coisas úteis e necessárias, entregando-nos, com avidez, às curiosas e nocivas. *Temos olhos para não ver*». (Cap. «Dos ensinamentos da Verdade»).

Toda a ideia sectarista é contrária a uma elevada directriz do sentimento religioso. Eis porque só se pode admitir consciência religiosa emancipada de todo o partidarismo que desune, ao passo que a Religião tende sempre a unir, segundo aquele eterno princípio do amor enunciado pelo Cristo: «*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*».

E com a evolução e o progresso dos nossos espíritos, o conceito de religião modificou-se fundamentalmente, e, hoje, graças ao Espiritualismo, podemos reconhecer que inútil e vão é todo o aparato do culto externo, perdidas como foram as expressões simbólicas da liturgia e obscurecido o seu significado primitivo, ou esotérico.

A Religião abandonou os templos e veio para as claridades quotidianas da actividade social a cumprir a profecia do Nazareno, no seu diálogo com a Samaritana, junto do poço de Jacob: «*Mulher, crê-me que a hora vem, quando neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai porém em espírito e verdade*».

Sublime inspiração reveladora da verdadeira natureza espiritual do Criador, e, simultâneamente, do verdadeiro sentimento religioso, completamente desprendida de formas e ritos, convenções e seitas, para afirmar-se como amor, nas suas mais alcandoradas manifestações de caridade, de abnegação, de humildade, de sacrifício pelo bem do próximo, como Jesus o exemplificou.

É assim o sentimento religioso, a que servem de amparo os estudos que empreendemos, para melhor descernimento das coisas santas; jamais, porém, lograrão esses estudos, só por si, dar-nos aquele sentimento, pois que ele é amor — e o amor não é fruto da inteligência, mas da consciência... a Caridade, porque *Deus charitas est.*

A histórias das religiões conduz-nos, gradativamente, à melhor compreensão da divina obra da Criação para lhe entrevermos a suprema beleza e aprendermos a amar a Deus, amando o nosso próximo, isto é, auxiliando-nos uns aos outros, na ascensão gloriosa para os cimos da perfectibilidade. E a nossa missão junto aos homens, nossos semelhantes, é a da divina prática da caridade.

E vendo assim as manifestações sinceras do sentimento religioso, conclui-se, evidentemente, que aproximam, ligam os homens, apesar das mais formidáveis diferenças da graduação intelectual que os separem. Eis porque é a Religião, em verdade, o laço que une os seres uns aos outros, religando-os, todos, ao Supremo Arquitecto do Universo.

Em tudo, pois, a Religião é a grande força do Amor, atraíndo-nos para a Divina Fraternidade, como veículo do progresso, difundindo a luz, dando movimento e vida ao Universo!

É, portanto, o menor ou maior grau de religiosidade o que determina a posição dos seres inteligentes no universo, podendo um espírito imensamente elevado em cultura, assemelhar-se a um bárbaro em sentimento — o que os iguala perante uma justiça imanente na consciência humana, como reflexo da infalível justiça Divina.

O verdadeiro sentido da Religião foi-nos dado pelo Cristo: alcançou o máximo poder pessoal *no espírito*, pela virtude do Amor, desenvolvida até ao sacrifício, para prodigalizar o máximo de caridade ao próximo, a fim de auxiliá-lo em sua ascenção constante e gloriosa.

E a religião popular não passa de acervo de fórmulas e ritos,

através dos quais nada se encontra da verdadeira prática religiosa, porque após 20 séculos de cristianização das consciências, ainda é enorme a luta que se trava contra a idolatria, que teima em manter o povo na ignorância da verdadeira concepção religiosa da nobre e consoladora Doutrina do Cristo, de que nos veio a renúncia às vaidades terrenas, o perdão das ofensas, a humildade, o amor e trabalho constante em prol do aperfeiçoamento moral dos espíritos — elementos sagrados da Religião, em seu alcandorado sentido da união da criatura ao seu Criador e Pai.

Infelizmente o que, em geral, se observa no mundo é um acentuado espírito sectarista, fomentador de ódios, conflitos religiosos, que têm feito correr mais sangue na humanidade do que todas as guerras desencadeadas por outros quaisquer motivos. Portanto, em vez de lançarmos acusações sobre esta ou aquela doutrina religiosa, reconheçamos que todas são boas, adaptáveis à índole do povo e da raça a que vieram servir, e sempre que os seus adeptos procurem bem segui-las, os frutos de suas doutrinas aparecem sazonados e satisfazem à grande aspiração humana, ainda infelizmente teórica, de paz e felicidade.

É preciso saber a distinção entre as crenças antropormorfas e a doutrina do Monoteismo judaico, culminando na Revelação Cristã, para se compreender o verdadeiro sentido da Religião, que é o desprender-nos de todas as seduções terrenas, das glórias falazes do mundo, formas mesquinhas internas, para tornar-nos, como o Cristo, colaboradores de Deus, fazendo-lhe a Vondade, *conscientemente* e não apenas como simples autómatos — o que acontece enquanto o homem persevera no desconhecimento da sua divina filiação.

Porque numa consciente submissão a Deus, é que repousa, em verdade, a estrutura social conducente à felicidade. Enquanto o homem perseverar em viver à margem da Religião e em afastar Deus dos seus negócios particulares, reservando as manifestações religiosas para os raros momentos da prece ritualística, será um eterno infeliz, sem bússula, sem directrizes morais e verdadeiras, devorando os frutos do trabalho, obtidos com o suor do seu rosto, com a mesma displicência com que os irracionais devoram o que podem obter, graças ao instinto de conservação.

Sòmente quando o homem passa a contemplar Deus como o o Deus vivo e que permanece unido aos seus filhos ininterruptamente, é que começa a viver da verdadeira vida moral que lhe reserva todas as graças divinas.

Foi o que nos veio revelar o Cristo.

Jesus é o executor da Divina Vontade entre os homens e, nesse carácter, oferece-se Ele como vítima propisciatória.

Efectivamente, se o Mestre veio para servir de modelo a todos que desejam enveredar pelos caminhos que levam à felicidade espiritual, consiste a nossa redenção num esforço constante de bem proceder, conforme os exemplos admiráveis que Ele nos legou.

LENDA HINDU

Contam as tradições populares da India que existia uma serpente venenosa em certo campo. Ninguém se aventurava a passar por lá, receando-lhe o assalto. Mas um santo homem, a serviço de Deus, buscou a região, mais confiado no Senhor, que em si mesmo. A serpente atacou-o desrespeitosa. Mas ele dominou-a com o olhar sereno e falou:

— Minha irmã, é da lei que não façamos mal a ninguém.

A vibora recolheu-se, envergonhada. Continuou o sábio o seu caminho e a serpente modificou-se completamente. Procurou os lugares habitados pelo homem, desejosa de reparar os antigos crimes. Mostrou-se integralmente pacífica, mas, desde então, começaram a abusar dela. Quando lhe identificaram a submissão absoluta, homens, mulheres e crianças atiravam-lhe pedradas. A infeliz recolheu à toca, desalentada. Vivia aflita e medrosa. Eis porém, que o santo voltou pelo mesmo caminho e deliberou visitá-la. Espantou-se, observando tamanha ruína. A serpente contou-lhe então a história amargurosa. Desejava ser boa, afável, carinhosa, mas as criaturas perseguiam-na, apedrejavam-na. O sábio pensou, pensou e respondeu:

— Mas houve engano de tua parte. Aconselhei-te a não morderes ninguém, a não praticares o assassínio e a perseguição, mas não te disse que evitasses de assustar os maus. Não ataques as criaturas de Deus, nossas irmãs no caminho da vida, mas defende a tua cooperação na obra do Senhor. Não mordas, nem firas, mas é preciso manter o perverso a distância, mostrando-lhe os teus dentes e emitindo os teus silvos.

(De OS MENSAGEIROS, pelo Espirito de André Luiz. Obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier)

HILDA SIMMS NUMA CASA ASSOMBRADA

Por FRED ARCHER

A actriz Hilda Simms será lembrada durante muito tempo pelos londrinos, que não esquecerão o papel que ela desempenhou em «Anna Lucasta». Após longa série de representações, Hilda e seu esposo Richard Angarola partiram para Paris e alugaram uma casa próximo da cidade, nas margens do Marne, com um jardim, um lago e uma fonte, aromatizados por rosas de todas as cores.

Ali viveram felizes algum tempo. No andar superior vivia um casal francês muito alegre. Os quatro jovens gozavam o jardim, onde se entretinham a jogar o «cricket».

LEMBRANÇA DE UMA PROFECIA

Foi na contemplação deste cenário, através da janela, que Dick teve súbita recordação. Chamou Hilda e perguntou-lhe se aquilo lhe não fazia lembrar qualquer coisa. Ela compreendeu a alusão e por que a mesma lembrança lhe ocorrera quase ao mesmo tempo.

Um ano antes, certo médium inglês dissera-lhes que habitariam uma casa perto de um rio, com um belo roseiral, onde encontrariam pessoas alegres. A descrição era perfeita.

O pior foram as coisas estranhas que começaram a suceder. O jardim tinha um muro muito alto e a entrada fazia-se por um forte portão de ferro que se conservava sempre fechado. A casa era de alvenaria e sólida como uma rocha. As janelas eram revestidas por férreas portas interiores. Contudo, sentiam abrir uma porta ou ouviam passos que deviam proceder de qualquer ser vivente. Os dois esposos ocultavam estas coisas um do outro. O que é certo é que Hilda começou a duvidar da sua imaginação, até que falou com Dick e viu que ele notara os mesmos fenómenos.

Dick ficou acordado, atento à porta, e quando ela se abriu atravessou o quarto e espreitou para o corredor. Depois viu se o fecho estava corrido e voltou para a cama. Minutos depois, ouviram-na abrir-se novamente.

Hilda ouviu passos no andar superior, os quais se extinguiram antes de chegarem ao fim da escada.

— Quem está lá? — perguntou.

Entrou no corredor e não encontrou viv'alma. Tentou explicar o caso por meio da acústica. Ou talvez fosse a senhora de cima ao descer as escadas. Mas ficou desapontada, quando a senhora lhe disse que naquele momento estava a casa deserta.

Um domingo de manhã encontraram no chão a carne que ficara na geleira e atribuiram isso ao gato, embora a explicação fosse inverosímil. Na semana seguinte, Dick tomou precauções contra a repetição da proeza. Fechou a pesada tampa da geleira, colocou-lhe tijolos em cima e verificou se o gato ficara de fora com a porta cerrada. Deitaram-se. Quando se levantaram viram a tampa da geleira derrubada e a carne espalhada no pavimento e cortada aos bocados. Na terceira semana tentaram vencer a situação, cozinhando a carne no sábado à noite. Pois na manhã seguinte, ao levantarem a pesada tampa da panela de ferro, viram que a carne estava retalhada...

Com as hortaliças sucedia a mesma coisa. Hilda encontrava-as em diferentes lugares e até no jardim.

Depois foi o incidente com a manteigueira. A tampa fora tirada e a manteiga apresentava vestígios de ter sido tirada à mão e espremida.

À noite ouviam passos à volta do jardim, com intervalos de uma hora, como de pessoa que andasse com dificuldade. Dick ficara na varanda, de pistola em punho, esperando ver surgir o intruso. Mas no jardim não estava pessoa alguma. Os muros e o portão de ferro eram defesa bastante contra qualquer visitante «físico». Todos estes factos, ligados entre si, pareciam indicar uma direcção especial.

Era também significativo o facto do senhorio nunca ter vivido naquela casa e demonstrar excessivo interesse pelo bem-estar dos inquilinos, a ponto de lhes telefonar, indagando se tudo corria bem.

Pouco depois, Hilda adoeceu. Parecia um ataque de sinosite. Mas sentia-se oprimida,

como se toda a casa lhe pesasse nos ombros. Dick tinha que ficar ali a tratar da esposa. Certo dia, a fim de aproveitar bem o tempo, desceu à cave, onde havia um compartimento cheio de toros de lenha. Queria empilhá-los segundo o tamanho, mas à medida que trabalhava sentia uma impressão desagradável, como se algo de terrível estivesse atrás da lenha. Disposto a não ceder a essa impressão, agarrou num pau comprido e espalhou ràpidamente a pilha de toros. Em poucos minutos descobriu a parede, onde se via um nicho coberto por um saco. Arrancou-o e notou que tinha manchas de sangue coagulado. Olhou para a parede ao lado do nicho. Estava esburacada com sinais de balas. As manchas apareciam por entre pinceladas de cal mal dadas. Certamente pretenderam esconder os vestígios do crime.

Naquele sítio, a terra parecia mais mole e estava coberta com ramagem. Dick teve então uma forte suspeita e quis investigar melhor, mas nada disse à esposa. O seu maior desejo era sair daquela casa o mais depressa melhor.

HILDA SIMMS

A CARTA

No dia seguinte chega carta de uns amigos de Londres com a notícia de que tinham arranjado uma nova peça para Hilda e sugeriam a sua presença na altura das negociações. Dick encorajou-a, mas a fraqueza e a depressão eram profundas. Entretanto melhorou e quando chegou a Londres sentia-se diferente. Depois encontraram-se com a médium que lhes descrevera a casa, para lhe dizer que a visão se realizara.

— Mas essa casa não é boa — disse a médium.

E acrescentou:

— Alguém lá foi assassinado. Está lá o espírito de uma jovem muito agarrado à terra.

Esta médium fez várias previsões a Dick, que se realizaram depois.

Dick voltou a Paris e encontrou um velho amigo chamado Babe Wallace, um cantor que ia trabalhar consigo. No decurso da conversa, este aludiu a um médium amigo, com quem gostava que Dick falasse.

O MOLHO DE CHAVES

Dick estava naturalmente interessado e combinaram uma reunião. Nessa tarde, entregou um molho de chaves à médium — as chaves da casa do Marne —. Quando lhes tocou, disse:

— Vieram de uma casa em que uma rapariga de 15 ou 16 anos foi brutalmente assassinada.

Estas palavras ditas em francês foram exactamente as mesmas que a médium inglesa pronunciara. A médium acrescentou que o espírito do pai de Dick estava ìntimamente ligado àquele lugar e que fora ele que lhe intuira a ideia de tirar Hilda da referida casa.

— Mas eu sou americano. Que relação pode ter o espírito de meu pai com essa casa? — perguntou Dick.

Mas a seguir lembrou-se de que seu pai tinha falecido muito novo, de desastre de automóvel, perto de Paris. Ainda que isto lhe não tivesse ocorrido antes, todavia, ao localizar o lugar provável do acidente, viu que tinha ocorrido na estrada principal que ladeava aquela casa. A médium acrescentou que seu pai queria que ele lá voltasse. Então Dick pediu a Babe Wallace que o acompanhasse, ao que este acedeu prontamente.

Entraram na cave; e quando Babe chegou ao tal sítio da terra mole, sentiu que alguma coisa lá estava enterrada. Notaram que as manchas de sangue e a marca das balas na parede condiziam mais ou menos com a altura da jovem citada pela médium. Depois, enterrado na terra mole e misturado com pequenos ramos, encontraram um pequeno tamanco que deveria ter servido precisamente a uma rapariga de 15 ou 16 anos, aproximadamente. E ficaram por ali, com o mistério na sua

frente. Não podiam ir além nas suas investigações... Babe tinha compromisso de cantar nessa noite. Dick queria ficar, mas Babe persuadiu-o a voltar ali mais tarde com a médium.

Evitou a identificação exacta da casa por razões especiais. A aldeia próxima fora abandonada, quando os alemães invadiram a França. A casa serviu então às actividades da «resistência».

Na sua clarividência, a médium afirmara que a rapariga tinha sido assassinada por quatro rapazes para evitar a divulgação das actividades da «resistência». Talvez que o espírito vingativo da rapariga, ainda muito agarrado à terra, não pudesse conceber a ideia de ver gente nova e feliz onde ela tivera destino tão cruel. Devia ser esta a razão dos distúrbios provocados, bem como da influência opressora exercida em Hilda.

E o caso não acaba aqui. Hilda teve em Inglaterra um sonho notável relacionado com a casa de França. O rapaz que lá vivia no andar de cima dera entrada num sanatório com tuberculose adiantada, apesar de parecer uma pessoa forte e saudável. Era inspector da Prefeitura de Paris. Pois Hilda sonhou que ele tinha voltado para casa às 6 horas da manhã de domingo e que, ao tocar a campainha do portão, fora visto pela esposa, que estava à janela.

— Vim passar o domingo contigo — disse ele.

Depois montou na bicicleta para ir comprar carne, acabando por desistir devido ao seu estado de fraqueza.

Em regra, Hilda nunca se lembra do que sonha, mas desta vez viu aquele indivíduo tão fraco, que lhe parecia que ele não podia voltar para casa. Ficou tão impressionada, que telefonou a Dick para Paris, pedindo-lhe que se pusesse em contacto com a esposa do doente e lhe perguntasse o que se tinha passado. Dick assim fez, embora ocultando o motivo por que telefonava. Imediatamente a esposa, usando as mesmas palavras de Hilda, lhe disse que seu marido chegara inesperadamente. Ela tinha-o visto da janela depois da campainha soar, e ele informou:

— Vim passar o dia contigo.

Acrescentou que o esposo mostrara desejos de comer *rosbife* ao jantar e saira para o adquirir. Montou na bicicleta, mas desistiu, por se encontrar muito fraco.

A acção de Hilda Simms nas duas peças aqui representadas, «Anna Lacusta» e «The Gentle People», revelou-a como grande actriz dramática.

O que se segue faz-nos acreditar que Eleanora Duse, a grande actriz italiana da famosa «Dama das Camélias», esteja interessada na carreira de Hilda, que, por sua vez, sempre se tem também interessado por Duse, a quem dedica verdadeira admiração.

Quando Richard Angerola se encontrou com a médium francesa acima referida, viu em casa desta uma boneca dançante javanesa. A médium disse-lhe que a boneca pertencera ao poeta Gabriel D'Anunzio, amigo e compatriota da Duse, que gostava muito de a fazer dançar, puxando-lhe os cordéis. D'Anunzio dera-a a um médium muito idoso e que, por sua vez, lha oferecera. Gostava que a boneca pertencesse à esposa de Dick, sem saber que se tratava de Hilda Simms, nem se esta admirava a Duse. A boneca está agora no vestiário de Hilda, onde a vi a semana passada.

Outro incidente pouco vulgar sucedeu há muito em Nova Iorque. Encontraram numa pequena loja, em «Greenwich Village», a última fotografia da Duse, com a seguinte inscrição: «A actriz dos olhos mais tristes do mundo».

Apesar das ofertas de famosos actores e produtores, o velho dono do estabelecimento nunca a quisera vender. Hilda e Dick, embora interessados, não tinham esperança de a poder comprar e muito menos nessa altura em que não estavam preparados para isso. Pois o velhote prometeu guardá-lo para eles, exclamando, dirigindo-se à actriz:

— Julgo que lhe pertence.

Quando foram buscar a «Eleanora», o velhote despediu-se com os olhos rasos de água.

(Do *Psychic News*, de Londres)

"Nossas Forças Mentais"

de PRENTICE MULFORD

Obra monumental em 4 volumes cheios de ensinamentos, demonstrando que podemos modificar o carácter e a vida pelo emprego das forças mentais que existem em nós. Tem produzido grandes transformações em milhares de pessoas que viviam desanimadas e tristes, dando-lhes bem-estar e felicidade.

COLECÇÃO EM 4 ARTÍSTICOS VOLUMES

Brochado ..... **160$00**
Encadernada ..... **220$00**

Trabalho, Solidariedade e Tolerância

Por ANITA ROSA

Tal é o lema kardecista. Magnífico preceito este que, em resumidas palavras, exprime tão elevado significado!

— Trabalho, benção sublime de oportunidades redentoras, seja-nos ele a oração viva que elevamos ao Criador, diàriamente.

Trabalhemos para suavizarmos as dores dos que sofrem, para que a luz do Evangelho se espalhe em todos os lares, em todas as almas.

Trabalhemos para que a humanidade encontre a sua elevação espiritual, a sua felicidade. Trabalhemos para que reine a paz entre a família universal. Trabalhemos ainda para que Jesus, o nosso Mestre amado, seja compreendido e para que encontre guarida nos corações humanos. Quantas desventuras, quantas mágoas e provas difíceis seriam evitadas, se grande parte das criaturas se esforçassem nesse labor sacrossanto: Entretanto, se não conseguimos fazer com que todos compreendam estas verdades, façamos o possível para que ao menos nós sigamos este caminho bendito, com despreendimento e sem esperarmos resultados imediatos. Amar a Deus é amar o nosso próximo, assim nos ensina o Evangelho; portanto, amemos sem distinção, todos aqueles que aqui estão em busca do aprendizado cristão. Seja o nosso trabalho para benefício de todos os que são colocados em nosso caminho. Procuremos dar instrução, porque a ignorância é a mãe de todos os erros. Quando a humanidade compreender que todo o bem e todo o mal que se faz ao próximo, faz a si própria, então verá que não há nenhuma vantagem em ser egoista, má e orgulhosa.

A Terra é uma oficina de trabalho, onde as almas em comum fazem o seu progresso espiritual; por isso necessitamos de *Solidariedade* entre nós.

Nosso trabalho tornar-se-ia inoperante se não tivéssemos solidariedade. Se desejamos encontrá-la, cooperemos com o esforço alheio

Lembremo-nos sempre de que ela é o labor em comum e, quando dirigida em sentido elevado, grandes realizações opera.

Necessitamos uns dos outros. Desde que nascemos, necessário se faz a assistência de outras criaturas e até quando desencarnamos também precisamos que nos sepultem. A vida é uma grande sequência de auxílio recíproco.

Quando Jesus nos ensinou o «amai-vos uns aos outros», bem conhecia a grandeza da lição, porque não podemos prescindir uns dos outros. Portanto, façamos tudo com capricho, com dedicação e boa vontade, pois cada um receberá de acordo com suas obras.

Tolerância, coluna mestra para a elevação do nosso espírito e para a edificação do reino de Deus na Terra! Tolerância e humildade devem ser as nossas companheiras na luta de aprendizado cristão. Lembremo-nos de que Jesus recomendou essas virtudes, para entrarmos no reino dos céus. Ele não só as ensinou, como as exemplificou. Ser tolerante é ser indulgente, é desculpar aqueles que não pensam como nós, é ama-los como a nós próprios. Ser tolerante é ser bom, simples, meigo, é ser grande e é ser feliz.

A tolerância é a coroa de louros da alma evoluida, ou melhor, são as asas subtis que nos alçarão aos planos superiores.

Lembremo-nos de que para ser espirita é necessário observar esse lema kardecista, de *Trabalho, Solidariedade* e *Tolerância*. Sem o que nada conseguiremos fazer, porque Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, e não iremos ao Pai senão por Ele, e essas três virtudes se enquadram dentro do programa cristão.

(Divulgação Cultural da Liga Espirita do Estado de S. Paulo)

BOLA DE CRISTAL

Quereis desenvolver a vidência e outras faculdades correlativas? Adquiri a *bola de cristal* ou espelho mágico, que vos proporcionará momentos de verdadeira alegria espiritual.

À venda nesta redacção ao preço de 50$00.

RETALHO

Pelo DR. AMA

«Mourir, c'est partir un peu».
Louis Piercelin

«Partir, c'est mourir un peu».
Edmont Heraucourt

«Quem morre não morreu, partiu [primeiro,]
E o que há depois da morte é eterna [vida».]
Camões — Elegia X

Partiu recentemente Maria Gonçalves Duarte Santos. Partiu, que é como quem diz, desencarnou. Partiu um pouco, mas não morreu, que não há morte!

Partiu um pouco, para reaparecer, com outro corpo somático, no esplendor de uma nova vida planetária, ou, o que é mais provável, partiu definitivamente para uma existência extra-terrestre, de vez que se trata de um espírito de categoria, alçando-se à mansão dos bem-aventurados.

De qualquer modo, a renomada espirita lusa há-de permanecer na lembrança querida de quantos — e não são poucos — beneficiaram da acção construtiva por ela desenvolvida no ensejo da peregrinação terrestre, ora extinta. As suas obras ficaram e, com elas, o seu exemplo, retratando a imagem do seu sentimento de fraternidade e amor.

Partiu, ou, melhor dito, mudou de plano, transferindo-se de uma posição a bem dizer mediocre, porque da Terra, para uma posição provàvelmente ideal, porque da Espiritualidade. Foi troca de ambiente apenas. Pode dizer-se que foi promovida de posto no campo dificultoso do mérito, talvez passando a lugar de comando, por merecimento, que não por antiguidade.

Ainda dispunha de energia, vigor e força para viver muito tempo entre os vacilantes e pusilânimes terrícolas. Bastante já a jornalista portuguesa havia feito por eles. Justo era que se fosse, como prémio das suas vigílias, fadigas e sacrifícios, para um habitat mais consentâneo com o progresso atingido, embora deixasse uma lacuna aberta, no meio tão hostil às coisas do espírito, dificilmente preenchível, sobre deixar quase só o amargurado — e porque não? — o idolatrado e intrépido companheiro de todas as lides.

Belo serviço prestado à Causa em terras legendárias e estremecidas do velho e invicto Portugal! Lindo poema, o deles, de esforço e realização, de sacrifício e vitória! Como é encantadora a comunhão de propósitos e sentimentos!... Vale a pena contemplar esse retalho de lenda!... A separação devia dar-se um dia. Era o inevitável. Tinha que ser assim...

Partiu? Partiu um pouco? Talvez. Morrer um pouco? Isso é que não. Um espírito ilibado pode sofrer, definhar; mas morrer, nunca! Com a obreira dedicada do Espiritismo lisboeta, que nos deixa, dá-se precisamente isso. A sua personalidade está presente em tudo o que constitui o feixe de seus feitos. As coisas, os objectos que tocou, estão impregnados do seu halo, guardando as suas vibrações de amor e mostrando a silenciosa força da sua bondade, da sua abnegação, do seu desvelo. Essa, a tessitura misteriosa do punhado de realizações que soube tecer o seu espírito de iniciativa, perseverança e boa vontade.

Maria Gonçalves não desapareceu de todo. Ela vive, estuante de vitalidade, no seio da própria humanidade que ai está, no culto da saudade que todos que a conheceram ou sabem da sua obra, hão-de tributar-lhe sempre. Os que militam na Seara Espirita portuguesa, esses é que jamais a olvidarão. Hão-de lembrar-se dela obrigatòriamente, no decorrer dos embates que forçosamente travarão. Embates dificultosos, em prol do bem, da moral e da fraternidade. Ela os inspirará, proporcionando-lhes ânimo forte nas lutas em que se empenharão destemerosamente. Será para eles o nume tutelar de todos os momentos, em todas as situações. Na antiga Lusitânia, especialmente porque é lá que muito há que fazer no terreno complicado do pensamento, os espíritos bons precisam de inspirar os nossos irmãos que lá mourejam, a fim de que possam quebrar todas as algemas do obscurantismo deletério, quer vencendo o perigo da subserviência, quer destruindo as peias do fanatismo em todas as suas formas. À imprensa espiritualista portuguesa cabe a grande responsabilidade desse difícil e arriscado cometimento. Ela perdeu, materialmente, um dos seus esteios: Maria Gonçalves. Ocupava um lugar de projecção na direcção de Estudos Psíquicos, sem favor a mais bem cuidada revista espiritualista em língua vernácula: o de administrador. Esse, o cargo vago, de difícil preenchimento, que ficou com a desencarnação dela. Aliás, ela é insubstituível nesse, como noutros dos seus múltiplos encar-

DE LENDA

MADEU SANTOS

gos. Dona de uma inteligência lúcida, aliava a esse dom a virtude da humildade. Agia seguramente e sem afectação. Porém, mais do que tudo isso, representava o exercício apostolar da sua excelente mediunidade. Dessa graça divina fez um legítimo sacerdócio.

Reper-Siam! Como me sabe bem relembrar as belas lições do esclarecido espírito! Que mensagens admiráveis! Que magníficos conselhos!...

A inesquecível esposa de Isidoro Duarte Santos, esse corajoso batalhador, cujo ânimo deve estar, a esta hora, com razão abatido, à força do rude golpe (pois é golpe rude a privação, embora temporária, da companhia de um espírito superior, vale dizer um anjo), era a intermediária das bênçãos que Reper-Siam tem trazido do Céu aos homens de boa e má vontade! Isto significa muito para mim.

Era eu ainda criança, traquinando pelas escassas, tortuosas e estreitas vielas da minha aldeia, de que não posso esquecer-me, em plena Beira Alta, e já lia Espiritismo. Como é bom recordar!

O menino que quiseram fazer padre, de modo que os anseios da ilustração para o filho querido, de um pai culto e previdente, não fossem de todo mortos com a adversidade da fortuna que já se pronunciava assustadoramente num meio provinciano, onde a instrução superior é privilégio dos ricos, havia de reduzir-se à situação de simples e pobre emigrante, indo residir num país opulento, mas desconhecido para ele. E foi precisamente nessa fase crítica da sua vida atribulada que através das mensagens magistrais de Reper-Siam, insertas em O Mensageiro e Estudos Psíquicos, que ele viu temperadas as energias despendidas em canseiras e cuidados quase insuperáveis, curtido de saudades da família e da pátria distantes — embora sentindo-se em longes terras inteiramente à vontade, graças ao conforto que as lições da querida entidade espiritual lhe proporcionavam. Com outros adjutórios, também preciosos, a fé espirita se lhe consolidou definitivamente e a vida passou a encarar-se-lhe por um prisma diferente e ideal. Pois bem: essa personagem era eu!

Quando soube, mais tarde, que Reper-Siam se servia da psicografia de Maria Gonçalves, tornei-me seu grande admirador. E desde logo acalentei a esperança de a conhecer pessoalmente, tão depressa a sorte me bafejasse com o esperado e tardio ensejo de uma visita à terra de origem!...

Imaginem os amáveis leitores o desapontamento e quiçá desventura experimentados ao saber que ela partira, a bem dizer, inesperadamente!

Consola-me a certeza de que ela não se foi de todo... Eu a sentirei, pujante e vigorosa, quando eu voltar à terra-mãe, no próprio ambiente que ela soube saturar de magia, encantamento e graça, através da sua bondade, da sua ternura, e, sobretudo, do seu espírito de sacrifício.

Ela era bela, simples e boa. Fazia o que podia e, às vezes, até o que não podia. Era um regalo vê-la, activa e alegre!

Convenhamos que é uma pena perder de vista a sua presença amiga!

Mas é justo que nos conformemos. Do Alto, continuará a velar pela obra que cá deixou. O Isidoro, o Ramos Pereira e o António Cardoso não dispensam, decerto, a sua colaboração. E eu posso garantir-lhes, de cá do meu cantinho inexpressivo e ignorado, que ela não lhes regateará o esforço de cooperação...

Os frequentadores do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, devem, a esta altura, estar desolados com a súbita partida da companheira da primeira hora! Eles têm toda a razão. O caso não é para menos. Entretanto, não são de todo desventurados, pois que podem reconfortar-se nas próprias lições da vida proveitosa daquele espírito serviçal e venerando. Os exemplos de nobreza e piedade suavizam as penas dos sofredores.

Partiu Maria Gonçalves! Reper-Siam deve tê-la esperado para encaminhamento de novas e certamente mais importantes tarefas. Apesar de a sabermos feliz (eu e todos que a estimam), estamos tristes com a sua partida. Que quereis, amigos? Somos ainda muito egoístas! Deviamos estar conformados, que não há explicação melhor para o caso vertente do que o que nos fornece a mesma Doutrina que procuramos servir.

Maria, querida irmã de ideal! Aceita as minhas singelas e sinceras homenagens póstumas e os meus votos de paz e alegria.

Isidoro, infatigável lutador! Recebe a minha solidariedade integral.

Rio de Janeiro, 5 de Março de 1950.

SONO E SONHO

pelo Coronel FAURE DA ROSA

IV

A transmissão de pensamento e a telepatia são uma e a mesma coisa; a única diferença está na maneira por que nós encaramos os fenómenos, nós todos, espíritos encerrados naquilo que chamamos matéria. O espírito libertado parece ter junto de si tudo aquilo em que pensa e longe dele tudo aquilo em que não pensa. Para o espírito está aí toda a distância.

Acerca da distância na transmissão de pensamento, o sábio alemão Carl du Prel, na sua «Psicologia e Metapsíquica Experimental», diz que nas suas experiências, com a médium Lina, o seu fim principal foi verificar a transmissão de pensamento sem contacto e que o maior ou menor afastamento do hipnotizador parecia coisa indiferente. A experiência lograva bom êxito, quer o hipnotizador estivesse junto da médium, quer na extremidade oposta da sala em que a experiência se efectuava. Era de supor que o pensamento, como qualquer outra força terrestre, decrescesse de intensidade com o quadrado da distância; mas isto parece que não é exacto. O decrescimento de uma força com o quadrado da distância, só se dá se essa força irradia em todos os sentidos, como a luz e o calor do Sol... Pelo contrário, na transmissão de pensamento, que é um fenómeno da vontade, o pensamento parece ir direito ao percipiente e só a ele.

Um exemplo de telepatia durante o sono: Lady Gert e a irmã tinham passado a noite com a mãe a quem deixaram de perfeita saúde, tanto de corpo, como de espírito. Recolhidas cada uma à sua casa, já alta noite, a irmã de Lady Gert acorda assustada e diz ao marido: «Vou imediatamente a casa de minha mãe; manda pôr a carruagem. Tenho a certeza que minha mãe adoeceu neste instante». Debalde o marido procurou convencer a mulher de que era apenas imaginação. Partiu. Quando esta senhora chegou ao cruzamento de duas estradas, perto da moradia da mãe, distinguiu a carruagem da irmã, a de Lady Gert...

Logo que se juntaram, mùtuamente se perguntaram a razão daquela jornada e ambas responderam a mesma coisa: que não tinham podido dormir por terem sentido que a mãe caíra doente, e iam vê-la. À entrada da casa, a criada de quarto da mãe destas duas senhoras, contou-lhes que ela se sentira sùbitamente indisposta, que estava moribunda e exprimira o ardente desejo de ver as filhas.

Este caso é um dos muitos de transmissão de pensamento entre vivos. Ao meu objectivo, porém, o que, essencialmente interessa, é provar que há comunicações oníricas em que os agentes são, verosìmilmente, espíritos desencarnados e os percipientes dormintes na Terra. É isso que vou tentar fazer.

Um facto narrado por Carl du Prel no seu livro *A morte, o Além e a vida no Além.*

Um indivíduo chamado Klockenbring, de Hanovre, perdeu o seu amigo Strube. Em vida, ambos eles se tinham ocupado, muitas vezes, do homem depois da morte e mùtuamente se prometeram que o primeiro que morresse viria a este mundo dar notícias ao sobrevivente. Pouco depois da morte do amigo, Klockenbring sonhou que recebera uma carta de Strube, assim concebida: «Meu caro Klockenbring: existe uma vida depois da morte; esta existência é bem melhor do que imaginávamos. Adeus». Depois, em *post-scriptum,* acrescentava: «Sobretudo, não vá V. supor que isto seja um sonho; eu cumpri a promessa de lhe dar as minhas notícias e não tinha outro meio de o fazer».

Do livro *Phantasms of the living* (Fantasmas dos Vivos), de Gurney, Myers e Podmore, reproduzo o seguinte caso:

A Sr.ª Menneer, em Inglaterra, sonhou com o irmão, que ela não sabia onde parava; via-o de pé, junto da cama dela, mas sem cabeça: a cabeça via-a, mas ao lado dele, num caixão. Soube-se, mais tarde, que este desgraçado fora assassinado pelos chineses em Sarawak e que a cabeça tinha sido decepada. Posteriormente uma carta do rajá de Sarawak deu porme-

nores que permitiram acreditar que era o pensamento dum morto e não o dum moribundo o que a Sr.ª Menneer percebera. O corpo da vítima fora queimado pelos assassinos; só a cabeça, primeiramente levada em triunfo e depois entregue, pudera ser metida no caixão e provara o crime. Parece que a vítima, na visão apresentada à irmã, lhe quis dizer que o tinham morto e cortado a cabeça e que só esta se encontrava no caixão. Porque este pormenor — o de lhe cortarem a cabeça — só o morto o podia saber e não o moribundo, com certeza.

Outro caso. — O Dr. Bruce de Micanopy, passa a noite de quinta-feira 27 de Dezembro de 1883, numa propriedade plantada de laranjeiras que ele possui perto da Flórida, e onde tem uma pequena moradia composta de três compartimentos. Havia pouco tempo que adormecera, quando julga que alguém o acorda intencionalmente. A princípio crê que seja um ladrão; mas, depois reflecte que não há nada na casa de qualidade a seduzir um industrial do roubo, e dispõe-se a tornar a adormecer. Mas, acto contínuo, invade-o a inexprimível sensação da presença de alguém no quarto, da presença, não dum ser vivo, mas dum espírito. Ao mesmo tempo, um terror supersticioso apodera-se dele como se alguma coisa estranha e pavorosa se fosse passar. Torna a dormir e mergulha profundamente não sabe se num sonho, se numa alucinação. O que sabe é que perde a consciência dos objectos que o rodeiam e que vê dois homens envolvidos numa questão aparentemente sem gravidade; depois, um deles cai ferido mortalmente e o outro desaparece. O Dr. Bruce não vê a ferida que a vítima tem na garganta, mas *sabe*, tem a *certeza* que a ferida é na garganta. Vê o ferido estendido, com as mãos debaixo do corpo, a cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda e os pés unidos; há o que quer que seja que lhe esconde o rosto. Sabe que conhece este homem, mas não pode dizer quem seja. O percipiente volta-se e, então, vê a própria mulher, não longe do ferido, o qual está estendido em cima dum estrado rodeado de cadeiras, de bancos e de estantes; dir-se-ia a sala de uma escola. Fora da sala há uma multidão, composta principalmente de mulheres, e o percipiente tem a consciência de conhecer algumas dessas mulheres. Acaba aqui o sonho.

O Dr. Bruce acorda à meia-noite e é tal a impressão causada por aquela visão que não consegue dormir mais... Uns dez dias depois, recebe uma carta da mulher em que ela lhe dá conta do assassínio do irmão, assassínio que fora cometido na noite da visão e cujos pormenores concordavam: o cunhado do Dr. Bruce entrara numa loja de bebidas, cujo gerente era seu conhecido e com ele trocara algumas palavras azedas. O gerente segue o seu adversário na rua e, sem outra provocação, enterra-lhe uma faca na garganta. O desgraçado perde os sentidos quase imediatamente; conduzem-no para a loja e deitam-no sobre o balcão, próximo duma estante e duma vitrina. Isto passou-se nas primeiras horas da noite de 27 de Dezembro. A Sr.ª Bruce assistiu aos últimos momentos do irmão.

No caso que acabo de expor nada indica a acção telepática da parte da vítima e nem a telediestesia (a percepção a despeito de obstáculos materiais e da distância) pode explicar a sensação da presença de alguém, que o Dr. Bruce sentiu no quarto em que dormia, de alguém que ele sabia que não era um vivente da Terra, mas um «espírito». A única explicação aceitável é que foi de facto o «espírito dum desencarnado» quem lhe fez as comunicações referidas durante o sono; isto é, quem, sob a forma onírica lhe transmitiu os acontecimentos. Se o sono é, como eu creio, originado pelo afastamento do espírito do corpo físico, a que o liga o perispírito — revestimento da alma — parece-me racional que os espíritos desencarnados, desejosos de comunicarem com os viventes na Terra, busquem os dormintes de preferência, precisamente por neles poderem actuar com mais facilidade, separados como estão, durante o sono, do seu próprio espírito, pelo afastamento do perispírito.

É esta, pelo menos, uma explicação simples, clara e precisa das relações entre o homem carnal e o espiritual, entre o visível e o invisível: o homem completo, isto é, corporalmente vivente, participa do mundo visível por intermédio do seu corpo físico; do mundo invisível pelo seu *corpo astral,* ou *perispírito,* e do Divino por intermédio da alma, tal qual a planta aquática que tem as raízes na terra, o caule na água e a flor no ar.

Compreende-se também que as impressões que o homem recebe do corpo físico, mais vivas no estado normal, lhe ocultem, mais ou menos, as que recebe do corpo astral; a sua actividade física mascara, igualmente, a sua actividade astral. E a conclusão é esta: a doutrina espirita é a única que apresenta uma teoria racional da explicação do sono e do sonho.

O NOSSO SEMELHANTE

por MARIANA MENDES PALMA

No imenso mar da vida terrena onde ora nos encontramos, há estreita relação entre os seres que a povoam.

Como todas as obras maravilhosas do Criador, a humanidade obedece a leis que forçoso é seguirem seus trâmites e se não podem infringir sem incorrer nas consequentes penalidades. De degrau em degrau o espírito humano conquista a possibilidade de raciocinar, assimilar os conhecimentos que chegam ao seu raio de acção, agir, sustentar a luta entre o meio materialista e o meio espiritualista, que vive latente em cada um de nós.

Essa conquista obtém-se não apenas pelo próprio esforço, mas devido a elementos espalhados à nossa volta, vogando no mesmo oceano em busca do mesmo fim.

Esses elementos são nossos irmãos de luta, caminheiros da mesma jornada iniciados como nós na vasta escola da vida.

É em contacto com suas asperezas de carácter, que nosso espírito se vai polindo e adquirindo a têmpera de virtudes que todos teremos de possuir um dia.

Deus não criou o homem para viver isolado, solidão esta que só pode ser proficua ao ser humano que já adquiriu o poder de se pôr em contacto com as potências superiores, e assim, pela meditação, condicionar reservas que distribua a seus irmãos necessitados. Fora dessas circunstâncias o homem lucra vivendo em sociedade, pois a luta de interesses mais ou menos materialistas, o antagonismo das ideias, a multiplicidade dos conflitos morais, o choque dos sentimentos, as reacções de cada um, constituem factores de aprimoramento do espírito que se encontra no plano terrestre, como num vasto laboratório em que cada praticante manipula o seu destino. Como poderia esse destino realizar-se sem os componentes da experiência em que satisfizéssemos as necessidades corpóreas, sem surgir algo que despertasse nossas faculdades anímicas e realizadoras?

Desta forma, o espírito impossibilitado de agir, cristalizaria, o que é contrário à lei da evolução.

A verdade é que a maior parte dos males que nos atormentam vêm em grande parte de nossos semelhantes, o que prova que esforçando-se cada um na medida do possível para ser prestável ao próximo e querer-lhe fraternalmente, diminuirá de forma considerável o número e a intensidade dos males, ao mesmo tempo que construiremos um futuro em que tais provas não nos serão exigidas por nossa anterior obediência às leis da fraternidade.

Irmãos não são apenas aqueles que nos estão ligados por laços de sangue, pois mais fortes são os laços espirituais que a todos ligam num amplexo único.

Laços de sangue são liames que Deus criou em nosso subconsciente para nos preparar e impelir para a fraternidade universal que terá de reinar entre os seres esclarecidos, como reina nas esferas superiores, onde se trabalha para o bem comum.

Se não podemos ser indiferentes à dor de nosso irmão carnal que vive sob o mesmo tecto e cuja afinidade é destruída pela morte do corpo, como poderemos sê-lo perante o vizinho, que embora não tenha nascido da mesma árvore genealógica imediata, pode estar-nos mais fortemente ligado que qualquer de nossos irmãos de sangue?

Lembremo-nos de que entre os irmãos da carne pode existir um espírito adverso, inimigo ancestral, que connosco tenha de comum apenas o nome, enquanto longe de nós não raras vezes sucede toparmos na vida com espíritos amigos, aos quais nos sentimos fortemente atraídos por laços de simpatia remotos e inexplicáveis.

Mas, amigos ou inimigos, está da nossa parte tratar todos como irmãos e com essa prática alcançaremos bênçãos incalculáveis para o presente e para o futuro.

Na maior parte dos casos não é tarefa fácil transmudar um inimigo em amigo; todavia, por mais renitente que se mostre o indivíduo possuído de ódio para com o semelhante, não tem uma só probabilidade de vencer, antes está condenado a sossobrar na mais completa derrota.

Preciso se torna, pois, que tomemos como irmãos, não apenas aqueles que nos auxiliam, mas aqueles outros que espreitam nossas

acções e se encontram sempre prontos a deturpar-lhes o sentido.

Estes são verdadeiros instrumentos do nosso aperfeiçoamento espiritual, e por isso lhes devemos estar gratos, tanto como aos primeiros que não perdem ocasião de nos patentear a sua afeição.

Deste modo, não existem para nós pessoas estranhas. Sem necessidade de apresentações formalistas, não devemos permanecer alheios aos problemas do semelhante que se debate como nós na melhoria do seu Eu e cujas directrizes são as mesmas para todos os seres. De resto, essa estranheza não é mais do que um momentâneo esquecimento, pois nos reconhecemos e sentimos irmãos bastas vezes na pátria comum donde viemos e onde voltaremos de quando em quando.

Conclui-se daqui que apenas o nosso convencionalismo e vãs paixões estabelecem balizas que jamais poderão existir nos planos superiores em que a elevação espiritual de cada um é o único ponto de diferenciação.

A verdade é que todos nos sentimos mais ou menos inclinados à camaradagem com os comparsas de lutas, e esse impulso outra coisa não é senão uma grata recordação de remota vida fraternal e a necessidade de a manter para nosso benefício.

Observemos a criança que agita os bracitos no berço sem que voz ou presença humana lhe desperte a atenção.

Porém, se alguém se abeira ao alcance da sua vista e ouvido, a satisfação é manifesta para o pequenino ente que assim mostra as tendências da criatura humana à sociabilidade. Logo, nós, adultos, para que havemos de reprimir no coração esse impulso fraterno que constitui uma das mais belas manifestações da infância?

Irmão, abre as portas do teu coração à dor alheia, leva-lhe o conforto da tua voz amiga, o bálsamo dos conhecimentos adquiridos, o amparo moral da tua presença. Deita para trás despeitos ou ressentimentos e oferece-lhe o que tens de melhor, como se fora a um amigo. Arvora a bandeira da solidariedade não esquecendo que a união faz a força e que tu próprio fazes parte de um todo de que não podes emancipar-te.

Crê que não estás só nesse labor e que teus bons propósitos serão recompensados.

Cumpre à risca o programa traçado sem te ferirem incompreensões e malquerenças e espera com firmeza, que um mundo novo surgirá lentamente dos escombros e da agitação fremente de nossos dias...

Grande Movimento de Moços Espiritas

A 1.ª Semana Espirita dos moços de Minas Gerais, realizada de 20 a 25 de Julho de 1950, marcará, com certeza, uma fase distintíssima na História do Espiritismo no Estado montanhês e no Brasil.

Foram seis dias de intensa vibração espiritual-social, que ficarão indelevelmente na memória e no coração de quantos tiveram a satisfação de tomar parte no grandioso movimento.

Uma cópia exactíssima do 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil !

A todos os programas compareceram o grande médium F. Cândido Xavier e o maior animador do movimento juvenil espirita, prof. Leopoldo Machado, aclamado, por unanimidade, Presidente de Honra do certame. O médium fechava cada reunião com uma comunicação do Alto, que vale bem por admirável «chave de ouro», em prosa ou verso, subscrita por Pedro de Alcantara, João de Deus, Casimiro Cunha, Nina Arueira, Olavo Bilac, Emanuel.

As reuniões foram na sede da União Espirita Mineira; nos centros Amor e Caridade e Oriente; no Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo; no Conservatório de Música e no Instituto de Educação. E todos literalmente cheios, sem espaço para uma pessoa mais. Em todas elas, uma oratória de moço e de mais velho, além de uma parte artística bem cuidada.

Compareceram representantes de muitas «mocidades» do Estado e delegações do Rio de Janeiro, de Nova-Iguaçú, Cruzeiro e outras localidades. Todos, hóspedes de confrades, na intimidade dos lares cristãos.

Entre as delegações, salientaram-se as de Juiz de Fora, Lavras e Iguaçú. Esta, só pelo presidente de honra do certame e pelo Oli de Castro, que vale, por si só, um programa inteiro.

O Prof. Leopoldo Machado, além da distinção de que foi alvo, por parte dos moços e confrades de Belo Horizonte, e das emoções fortíssimas que experimentou, encontrou a maior paga para seus esforços de lidador sem tréguas: a sessão em Pedro Leopoldo, em que a querida esposa lhe envia expressivíssima Mensagem de amor e de carinho, além do grande espírito de Emanuel lhe consagrar os trabalhos da noite, constante, ainda, de mais sete mensagens.

A Doutrina Espirita agitou toda a capital de Belo Horizonte, dentro do programa de espiritismo de vivos. Foi uma coisa inédita para a cidade. Tanto, que o clero local, por sua mais alta autoridade, teria dito: «Enquanto o Espiritismo só interessava a velhos, o perigo não era muito grande. Mas agora, que interessa também, os moços...».

SEM REI NEM ROQUE

por CYRILLO ALEIXO

Existe no Universo o que se chama acaso, ou tudo se encadeará num ajustamento perfeito, em obediência a leis superiores, tão sábias como imutáveis?

Não serão devidos a causas puramente fortuitas todos os fenómenos da Natureza, ou antes, uma infinita sabedoria dirigirá tudo o que existe na Criação?

Suprema harmonia rege o Universo inteiro ou estará ele submetido a um eterno caos? Sem dúvida que, para muitas pessoas, este assunto não terá importância de maior e num pronto encolher de ombros virarão com indiferença as costas a estes importantes problemas, dos quais, no entanto, depende a sua própria felicidade.

Aferradas à velha rotina, passam a vida numa constante apatia espiritual, de que fatalmente hão-de sofrer as consequências. Aquelas, porém, que pensam a sério no futuro e sabem perfeitamente que a vida não se interrompe no túmulo, acolhem com satisfação todos os problemas espirituais, uma vez que, para alcançarmos a verdadeira felicidade, é necessário trocarmos primeiro as pesadas vestes materiais, pela diáfana túnica dos redimidos, sem o que, só conseguiremos correr atrás de quimeras

Ignorantes e comodistas, os indiferentes engendraram o termo «acaso», milagrosa panaceia a que recorrem, quando se encontram em face de problemas situados acima da sua tacanha compreensão.

Na verdadeira acepção da palavra, o acaso não existe, tudo se combinando num ajustamento grandioso, em obediência às sábias e inflexíveis leis do supremo arquitecto do Cosmos.

Devido ao nosso relativo atraso moral e intelectual, poderá afigurar-se-nos que, pelo menos às vezes, o acaso parece entrar em acção, mas, pudessemos nós abarcar o conjunto da Criação e ficaríamos maravilhados com a harmonia estendida através do infinito, qual gigantesca rede, prendendo em suas malhas tanto os ínfimos, como os gigantescos fenómenos do universo.

Se o acaso é pura ficção, forçoso é reconhecer-se a existência de uma potência criadora, de infinita sabedoria, tudo regendo, mediante leis de perfeição absoluta, porque, como é sabido, a efeitos inteligentes corresponde, ipso-facto, uma causa também inteligente.

Se todo o Universo está subordinado a uma directriz superior, seria, portanto, «remar contra a maré» pretender actuar fora do âmbito dessa directriz, mas, desgraçadamente, é isso mesmo que temos feito e daí o acervo de sofrimentos que constantemente nos hão-de flagelar, até acabarmos por amoldar a nossa conduta, pelas harmónicas leis do Incriado.

A ignorância é muita e bem deplorável é que, ao ministrar-se a instrução, se passe em claro aquilo que mais interessa à nossa felicidade presente e futura — o conhecimento do código divino, a que os nossos destinos estão subordinados e de cuja transgressão derivam inevitáveis sofrimentos, seja para quem for, porque então entra em jogo, não a parcialidade humana, mas sim a infinita justiça do supremo soberano do Universo.

Vive-se à toa, sob o maléfico impulso das paixões, sem outra directriz que não seja a indicada pelas tentações de toda a ordem e sem outro alvo que não seja a satisfação dos apetites materiais.

Qual frágil barco, batido por vagas alterosas e fustigado por inclemente nortada, a humanidade voga sem rumo, no mar encapelado das suas delinquências, acumuladas através dos séculos e, para evitar um cataclismo eminente, urge que o farol da espiritualidade lhe ilumine a rota segura que há-de levá-la, enfim, a porto de salvamento.

Mas como se obter esse desiderato? Espancando intrépidamente as trevas da ignorância, de forma a tornar cada vez mais acessíveis as verdades primordiais que mais possam contribuir para essa reviravolta indispensável, a fim de que este desorientado planeta possa vir a ser o berço de uma verdadeira civilização. Só temos o direito de nos dizermos civilizados, quando deste mundo houvermos eliminado definitivamente todos os defeitos que nos infelicitam e quando, compreendendo sermos partes integrantes de um conjunto majestoso, reconhecermos, como uma necessidade, a prática da fraternidade universal.

A civilização não consiste apenas na obtenção das comodidades materiais, pois, a esse respeito, é inegável termos atingido um notável progresso, porém, a verdadeira civilização é alguma coisa mais: é principalmente a aquisição das virtudes morais, que nos assegurem o verdadeiro bem-estar, baseado numa paz inalterável, sem a qual a vida não passa de um pesadelo. Essa paz, porém, não é possível sem se estabelecer primeiro a confiança nas relações sociais, confiança essa que só poderá ser alcançada, mediante o nosso progresso moral. Se o adiantamento material deste globo é evidente, sob o ponto de vista espiritual, deixa muito a desejar.

Talvez fosse preferível termos progredido primeiramente neste último sentido. Não teríamos, é certo, tantas vantagens materiais, mas gozaríamos, pelo menos, daquela paz de espírito, sem a qual a vida é bem pesado fardo.

Atingido o progresso espiritual dos nossos dias, temos necessidade absoluta de firmá-lo quanto antes em bases inabaláveis, mediante o concurso do espiritualismo, de contrário, esta civilização não será mais do que a lendária estátua com pés de barro, acabando por ruir fragorosamente por falta de bases adequadas.

Para se atingir aquele momentoso objectivo, é preciso, em primeiro lugar, tornar bem conhecida a certeza de que a vida, à superfície deste planeta, não gira sem rei nem roque e de que leis superiores e imutáveis presidem à execução dos planos divinos, de nada valendo rebelarmo-nos contra elas, em virtude de mais cedo ou mais tarde termos de acatá-las, por a isso nos obrigar o sofri-

mento, imposto pela sua transgressão.

Se a dor reina soberanamente neste vale de lágrimas, é porque a humanidade tem vivido num profundo alheamento espiritual, assim o atesta o sofrimento mundial, o qual sintetiza todas as infracções ao harmonioso código extra-terreno. Ora, se formos esclarecidos sobre a natureza desse código e sobre a certeza de que toda e qualquer violação ao mesmo acarreta consequente e dolorosa reacção, muito sofrimento se poderá evitar, com a observância dos preceitos que o constituem.

Impõe-se, pois, para base de toda a instrução, o conhecimento integral desse conjunto de leis harmónicas, guias soberanos que nos conduzirão a estados evolutivos superiores, onde encontraremos finalmente aquela felicidade, pela qual e em vão suspiramos toda a vida. Continuarmos a viver na mesma inconsciência de até aqui, é protelarmos o advento da era de paz e bem-aventurança, glorioso destino desta humanidade ainda tão criança.

Entramos na vida prática ignorantes das leis superiores que regem os nossos destinos ? Que importa, é coisa de pouca monta! O essencial é gozar-se a vida o melhor possível, tendo-se o cuidado — quando o há— de não cairmos sob a alçada da justiça humana, única geralmente admitida.

Que diríamos nós de quem desconhecesse o regulamento dos serviços em que trabalha? Certamente que lamentaríamos tal conduta, na certeza de que agindo às cegas predominariam as probabilidades de errar.

E se ninguém ignora das leis humanas aquilo que mais interessa ao seu bem-estar e segurança a fim de se não cair sob a alçada da justiça, de maneira idêntica deviamos proceder quanto ao outro regulamento — o divino, de um alcance infinitamente superior, donde resultaria o cancelamento do estendal de misérias, que tem por arena este triste planeta !

Não nos iludamos a esse respeito. Só quando as leis divinas servirem de base às leis humanas, é que poderemos atingir uma superior fase de civilização.

Desse código extra-humano, a observância da lei do amor, da caridade e da justiça, por conter tudo o que o homem precisa para ser feliz, é suficiente para garantir a regeneração da sociedade. A violação constante desta lei primordial é que tem feito desabar sobre nós toda a espécie de calamidades, sendo particularmente responsável pelo lamentavel estado a que chegamos, essa execrável chaga da humanidade que é o materialismo, com seu nefando cortejo das mais sórdidas paixões, origem desta desconfiança geral, de que derivam todas as perturbações nas relações sociais.

Importa saber-se que para além da felicidade transitória concedida pelos bens terrenos, outra existe de maior vulto, a felicidade que se adquire quando tivermos alcançado a necessária pureza, através dos sucessivos tirocínios nos mundos da matéria.

Nossas vidas corpóreas podem ser comparadas a uma como que viagem, cujo fim é levar-nos a gloriosas paragens, com seus inevitáveis acidentes, sintetizados nos mil percalços da existência e, assim, já nesta vida poderemos gozar de uma relativa felicidade, não dando demasiado valor às coisas mundanas, que sabemos transitórias, como viajantes a quem principalmente interessa a chegada ao seu destino.

O conhecimento dos objectivos espirituais é uma necessidade premente, porquanto a dor procurará manter seu reinado de desolação, até conseguirmos libertar-nos da nefanda tutela do materialismo e compreender finalmente, que o papel dos fortes é não oprimir, mas auxiliar os fracos.

OS QUE DORMEM

Sim, André, este sono é, verdadeiramente, avançada imagem da morte. Aqui permanecem, com a benção do abrigo, alguns milhões dos nossos irmãos que ainda dormem. São as criaturas que nunca se entregaram ao bem activo e renovador em torno de si, e mormente os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno. A crença na vida superior é actividade incessante da alma. A ferrugem ataca a enxada ociosa. O intorpecimento invade o espírito vazio do ideal criador. Os que, nos círculos carnais, homens e mulheres, crêem na vida eterna, ainda que não sejam fundamentalmente cristãos, estão desenvolvendo faculdades de movimentação espiritual e podem penetrar as esferas extra-terrestres em estado animador, pelo menos quanto à locomoção e juizo mais ou menos exacto. No entanto, as criaturas que perseveram em negação deliberada e absoluta, não obstante, por vezes, filiadas a cultos externos de actividade religiosa, que nada vêem além da carne nem desejam qualquer conhecimento espiritual, são verdadeiramente infelizes. Muitos penetram nossas regiões de serviço, como embriões de vida, na câmara da Natureza sempre divina. Um amigo nosso costuma designá-los por fetos da espiritualidade; entretanto, a meu ver, seriam felizes se estivessem nessa condição inicial. Mas temos a certeza de que muitos dormem, porque estão magnetizados pelas suas concepções negativistas; permanecem paralíticos, porque preferiram a rigidez ao entendimento; mas dia virá em que se levantarão e pagarão os débitos contraídos. Eis porque os considero sofredores. Primeiro, demoram no sono em que acreditaram; mais tarde acordam, mas a maioria não pode fugir à enfermidade, à perturbação, como acontece aos irmãos dementados que vimos há pouco.

(De «*Os Mensageiros*», de André Luiz)

A RELIGIÃO DAS RELIGIÕES

por LEOPOLDO MACHADO

Correspondente em Nova-Iguaçú

Há uma religião das religiões?

Escreveu o general Moreira Guimarães, como bom positivista que era, que a religião das religiões é o Positivismo.

Que é o Cristianismo, como a Religião Absoluta, de Engels, dirão os cristãos em geral.

Mas, vultos dos mais eminentes do Cristianismo, como Tiago, Paulo de Tarso e o próprio Cristo, apresentam, como a Religião de verdade, o Bem.

Para os maiores vultos do Cristianismo, é o Bem a Religião que salva. E só a religião que salva pode ser a Religião das religiões.

O Bem, que é Amor com maiúscula.

O Amor, que ressalta do espírito e da letra de todas as religiões e de todos os livros sagrados, a começar do Evangelho.

O Amor, através de suas formosas e diversas modalidades.

Amor-fraternidade, que leva a tratar o próximo como a si mesmo. Amor-perdão, o que prepara para esquecer as ofensas. Amor-altruísmo, que objectiva o esquecimento de si mesmo a benefício do semelhante que sofre. Amor-caridade, que é o maior dos amores, sempre pronto e disposto a «fazer o bem sem olhar a quem». Amor-espiritualismo, que faz se viva no mundo sem ser do mundo, como ensinou e exemplificou o Cristo...

Estas, as manifestações mais nítidas do Amor.

Do Amor, Religião das religiões, «pura essência divina». Amor que nada tem desse amor que o mundo conhece: cegueira dos sentidos, perturbação de instintos, desejo egoístico de posse...

Todas as religiões preparam para esse amor, porque são as religiões — já é velho chavão da pena de analistas de verdade! — caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo.

Ora, se existe religião, por mais bela que se presuma, por mais infalível que se julgue, por mais sumptuoso que seja seu ritual e sua contextura; se existe religião que, a despeito de tais credenciais, exorbite do Amor como aí está, essa religião nem chega a ser, a rigor, uma religião, quanto mais a Religião das religiões...

Deus é amor.

Criador e Pai de todos, Omniciente e Omnipotente, se criou homens de diferentes credos, nacionalidade, e cor, e se negou a tais e quais filhos seus, o entendimento preciso para compreender a verdade religiosa integral, e, se consentiu — que Deus tudo pode — que se criasse o inferno; se Deus consentiu na existência do inferno e se não deu a todos os seus filhos o entendimento e o sentimento para compreender a verdade religiosa, a ponto de se condenarem ao inferno, seria, neste caso, o próprio Deus o maior culpado de tal condenação. Pela mesma razão por que um pai da Terra é o maior culpado, pela educação que deixou de dar ao filho, dos desmandos deste.

Liberal dos liberais por excelência, Deus, o Criador e Pai, não nega o poder de respirar àqueles que não crêem nele; nem o brilho do sol e o benefício da chuva às propriedades dos maus. Nem elimina da Vida o ateu, só pelo facto de ser ateu...

Nada há de mais doloroso e de menos espiritual e divino do que os homens se odiarem em nome de Deus, como se viu, nos negros tempos da Inquisição, se queimassem hereges, *ad majorem Dei Gloriam,* nas fogueiras purificadoras do fanatismo religioso.

Ora, contrastando com a atitude dos inquisidores, que assim procederam, para maior glória de Deus, apresenta a Religião da Humanidade, sem imortalidade e sem Deus — e é força voltarmos ao Positivismo mais uma vez! — exemplos maiores de que Deus é Amor, de que sem o Amor não pode haver religiosidade perfeita.

Conta Jean Marie Guyau, filósofo positivista, no seu livro, *Esboço de uma moral sem obrigações nem santidades,* que tivera um sonho. Fora levado a voar, a voar sempre, guiado por um anjo, rumo ao Reino dos Céus. Adiante, chegam-lhe aos ouvidos rumores estranhos, que sobem da Terra. Indaga do anjo, seu guia:

— Que gritos são estes?

Responde-lhe-o-anjo:

— São brados de desespero, gritos de revolta, ais de sofrimento, gemidos de desgra-

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

(SUBSCRIÇÃO DO NATAL)

Amigos leitores ! Aproxima-se a quadra do Natal e por isso voltamos à vossa presença fraterna, em nome dessa coorte imensa de necessitados que aguardam auxílio. Mais uma vez pedimos e mais uma vez soará a voz da generosidade.

Neste momento não há palavras que traduzam a mágoa dos corações bondosos por não poderem estancar as lágrimas de tantos miseráveis vergastados pelo vento e pelo frio. Ah! Se pudessem, todos teriam o necessário à vida! Não haveria casa sem lume, nem lar sem pão! O mundo seria um prado florido e os homens amar-se-iam como irmãos.

Mas a Terra vai-se transformando num matagal espesso, onde mal vegeta a flor mimosa da caridade. A luta pela vida assume aspectos dantescos e o verdadeiro altruísmo tem vergonha de se mostrar.

Por isso apelamos mais uma vez, certos de que seremos ouvidos e atendidos. Superemos o nosso esforço de 1949! Que este ano possamos duplicar a boa vontade que nos acompanha sempre! Deus abançoará o esforço que fizermos.

A subscrição está aberta. Vibrem os corações, enviando-nos os seus donativos!

Centro Espiritualista Luz e Amor	**100$00**
Revista «Estudos Psíquicos»	**50$00**
Isidoro Duarte Santos	**50$00**
Maria Eugénia Duarte	**50$00**
Anónimo do Rio Grande do Sul	**1.000$00**
Outro anónimo da mesma região	**200$00**
Total	**1.450$00**

çados que ficaram sofrendo na Terra, que acabas de deixar. Não vale isto coisa alguma, para quem conquistou o Céu, como tu. Subamos mais depressa, vamos!

O filósofo estacou, já agora, ouvindo, porque o panorama se transformara, músicas celestiais, suavíssimos gorgeios de vozes do Céu, recepcionando-o, e disse:

— Não! Não quero subir ao Céu. Não seria digno do Céu, se lá ficasse, sabendo que, enquanto eu gozo, outras criaturas sofrem e se desesperam na Terra. Existe em mim, vibrando na alma, a humanidade. Preciso lutar em prol das criaturas! Quero servir a Humanidade, até que, um dia, todos possam, como eu, ascender ao Céu!...

Um sonho, claro.

Mas, um sonho de amor ao próximo como a si mesmo, que vale muito mais do que a realidade macabra do *ad majorem Dei gloriam* das fogueiras inquisitoriais.

E teria sido por isso que o general Moreira Guimarães chamou ao Positivismo *Religião das religiões.*

Não o é.

Falta-lhe Deus e a Imortalidade, que são as coisas que, em nome da Filosofia e da Ciência, da observação natural dos factos e da análise da Vida, mais se provam lògicamente.

Mas, não deixa de ser uma bela escola de espiritualização da criatura e da Vida!

RELATIVIDADE DO CONHECIMENTO HUMANO

por Deolindo Amorim

Correspondente no Rio de Janeiro

O conhecimento humano, por mais desenvolvido que seja, é sempre relativo, como tudo o que é de origem humana. Embora tenhamos os sentidos materiais para que, por intermédio deles, possamos conhecer as coisas, não podemos dizer, apesar disto, que os sentidos materiais sejam capazes de nos dar o conhecimento integral do Universo e da vida. Há realidades que escapam às possibilidades humanas de compreensão e definição, porque não podem ser aferidas pelos instrumentos e processos materiais.

Se assim não fosse, nós poderíamos dizer que já chegámos a um ponto em que é possível determinar, com a precisão de todos os cálculos, com o resultado de todas as experiências, o exacto lugar da Verdade no conjunto universal. Entretanto não é isto o que se dá. Em toda a parte, seja no domínio da ciência, seja no domínio da Filosofia ou da Religião, o que se nos depara em qualquer dos ângulos do conhecimento é a velha pergunta de todos os tempos: «Onde está a Verdade?». Com quem está a Verdade?

A capacidade humana, não tenhamos dúvida, chega a conclusões satisfatórias em determinados assuntos, permitindo que possamos, até certo ponto, firmar conceitos definitivos, aceitar princípios evidentes, reconhecer dados positivos da experiência. Mas ainda assim — a própria experiência que o diga — a criatura humana está sempre insatisfeita, porque não encontra explicação para os seus problemas de ordem interior. Isto quer dizer, portanto, que, por mais que se investigue, por mais que se procure a causa de tudo no mundo exterior, há sempre uma interrogação em cada criatura: onde está a Verdade?

É justamente neste terreno que o Espiritismo se define como doutrina de conjunto, destituída de carácter sectário. Esta pergunta, como se sabe, constitui o «ponto nevrálgico» de toda a discussão filosófica. O Espiritismo não se julga detentor de toda a Verdade. Já se vê que o Espiritismo jamais poderia ser uma seita. Quando Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, deu preferência à divisa: «Fora da Caridade não há salvação», divisa de sentido universal e não particular, é claro que o fez em vista de razões notórias e sensatas. Quem no-lo explica é o próprio Kardec. Se ele dissesse, por exemplo: «fora do Espiritismo não há salvação», cairia imediatamente no círculo fechado de uma seita; se dissesse: «fora da fé não há salvação», formaria um dogma como tantos outros; se, finalmente, dissesse: «fora da Verdade não há salvação», provocaria um conflito interminável, porque as religiões e as filosofias se julgam possuidores da Verdade.

Eis aí, em resumo, as explicações de Kardec a respeito desta grande questão. À proporção que nos libertamos do erro, que rompemos o véu da ignorância espiritual, caminhamos para a Verdade, porque vamos compreendendo melhor as coisas; porque sabemos, com mais equilíbrio, desenvolver o senso de autocrítica, julgando os nossos actos mais íntimos. Então, a maior tarefa do Espiritismo na terra é libertar a criatura humana da ignorância espiritual, porque está no Evangelho: «Só a Verdade nos fará livres». Sendo relativo o conhecimento humano é natural que recebamos apenas partículas da Verdade por meio da iluminação de nosso espírito. Trabalhemos, pois, pela nossa iluminação, caminho da Verdade e da liberdade.

Centro Espiritualista Luz e Amor

Como fora anunciado, o *Centro Espiritualista Luz e Amor* abriu os seus trabalhos em 8 de Outubro findo como uma bela conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Mundo de Hoje e o Espiritismo».

Depois de prestar homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos, grande pioneira do Espiritismo em Portugal, presenteou-nos com magnífica exposição de tema verdadeiramente sugestivo, que ele soube tornar mais sugestivo ainda, através do seu verbo fácil e convincente.

O Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, analisou o trabalho do conferente e exortou a assistência a refinar o sentimento espiritualista e a sacrificar-se pela doutrina espírita de que este Centro é estrénuo baluarte, terminando com a afirmação categórica de que lutaria até o fim da vida pelo ideal que o iluminou e salvou.

"Dois Mundos"

Acaba de sair do prelo este livro estranho ditado pelo Espírito de *Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)*, ao director de «Estudos Psíquicos», que o recebeu intuitivamente em 50 dias, sem a mínima rasura!

Livro estranho pela finalidade e pelo conteúdo, livro em que se conjugam vários factores num trabalho de fundo verdadeiramente espiritual! Cada página é um grande problema que os olhos do leitor desfiam numa ansiedade aliciante. O Além e o Aquém num abraço portentoso que domina os seres e os leva para lá do efémero. Um livro estranho e único para crentes e descrentes. Aos primeiros, radica a fé; aos segundos, fá-los oscilar em suas convicções.

Eis o sumário da obra:

Esclarecimento — Este livro... — A Névoa — Os Arcanos do Além — Os Caminhos da Vida — A Viagem das Almas — A Missão do Apóstolo — No Mundo Mental — O Bem e o Mal — Ânsia de Conhecimento — A Marcha Progressiva — Atracção e Repulsão — Comércio Espiritual — Observação e Indagação — O Sentimento das Almas — O Caminho do Trabalho — Espíritos Familiares — O Além e o Aquém — Inconsciente e Consciente — Os Dois Mundos — A Investigação — Relações Espirituais — Labor Fraterno — Faina Meritória — O Tempo e a Ideia — A Transição — A Comunicação — Adaptação ao Meio — O Que o Véu Encobre — Unidade na Variedade — Missões de Auxílio — A Volta — A Metamorfose — Estudos Comparativos — Introspecção — No Limiar do Além — Incompreensão da Lei — Uniões Fraternas — O Ergástulo — Transmutação — O Balanço — O Problema do Passado — O Culto dos «Mortos» — O Moral e o Temporal — As Fases da Evolução — O Orgulho do Homem — Ronda Progressiva — Auto-Exame — O Instrumento da Pesquisa — A Manifestação Vital — Ataques Espirituais — O Que lá Vai — O Voo das Ideias — Epílogo.

Uma obra de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA é uma obra honesta que se impõe por si mesma.

Aos nossos representantes do Brasil rogamos o favor de fazerem a maior propaganda deste livro, indicando-nos por via aérea o número de exemplares que lhes devemos enviar com os descontos habituais.

PREÇO { *Para Portugal* — 30$00
Para o Brasil — Cr$ 30,00

Façam os pedidos à redacção — Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

EXPERIÊNCIAS COM O PÊNDULO

Yours Fraternally, orgão mimeografado da Federação Espirita Internacional, publicou uma série de considerações acerca do uso do *pêndulo* e da causa de suas oscilações. Eis o relato:

«Após a Guerra Mundial e principalmente a guerra contra a Rússia, há muito mais mulheres e familiares que ficaram na incerteza a respeito do destino de seus pais, esposos, irmãos e filhos e por isso se justifica o grande desejo de obter algumas notícias desses desaparecidos.

«Numerosas mulheres nos têm procurado e mostrado fotografias de seus entes queridos e o nosso primeiro esforço foi examinar as fotografias para averiguar se eram cópias ou originais.

«A *radiação* da força vital humana adere à fotografia original, mas uma cópia ou ampliação dificulta a radioacção e por isso se evitam nas investigações.

«O visitante que nos traz a fotografia é informado de que não deve pensar na fotografia ou no parente em questão e só escutar e atender o sensitivo. Os pensamentos do visitante ou do sensitivo podem alterar o efeito da oscilação do pêndulo. Cada visitante deverá manterse calmo e alheio ao resultado da experiência.

«O sensitivo coloca a fotografia na sua frente segurando na mão o fio do pêndulo, bem apertado entre o polegar e o indicador. Assim, o *pêndulo* entra em contacto com as radiações do corpo da pessoa procurada e delineada na fotografia.

«Quando o *pêndulo* não oscila, diz-nos que o sujeito da fotografia está extremamente doente ou morto, visto a sua força vital ter desaparecido.

«Muitas vezes nos têm trazido fotografias de meio corpo, mas não há diferença alguma, porque o sensitivo conseguiu imaginar todo o corpo, pois todas as partes do corpo fotografado é esquadrinhado pelo *pêndulo*. As oscilações indicam com rigor o estado da parte pesquisada. Se houver defeito, o *pêndulo* não oscilará sobre a parte defeituosa.

«Depois de usar o *pêndulo* com a fotografia de um esposo desaparecido, uma jovem senhora foi informada em 1946 que ele vivia na Rússia e que, no estado normal, não podia fazer uso do braço esquerdo. Em Setembro de 1949 o soldado voltou do sul da Rússia após uma ausência de alguns anos sem a mínima comunicação. A esposa pediu-lhe informações relativas ao seu braço esquerdo e soube que, «em 1946, as suas costelas esquerdas tinham sido violentamente partidas e deu entrada num hospital militar russo, onde esteve mais de um ano sem poder mover aquele braço».

«Uma velha e triste mãe que uma só vez em seis anos recebera comunicação de seu filho, sentiu grande felicidade nas experiências com o *pêndulo*. O sensitivo disse-lhe que o seu filho estava vivo e que ela devia cuidar da sua própria saúde, pois veria o filho novamente. No verão de 1946, ele voltou da Sibéria, embora doente e estropiado. Mas depois recobrou as forças.

«Uma senhora que vive num povo muito afastado, na Alemanha, mostrou o retrato de seu filho ao sensitivo. O *pêndulo* registou que vivia, mas que o seu olho esquerdo estava afectado. A mãe contestou, dizendo que o olho esquerdo é que era defeituoso e que, portanto, o resultado do *pêndulo* era falso. Ela regressou a casa, mas depois informou-nos que seu esposo examinara as lentes que o filho usara e viu um cristal especial para o olho esquerdo e outro natural para o direito. Isto satisfez a mãe acerca da possibilidade de que o *pêndulo* «tinha razão» e o filho estaria vivo. De facto, este voltou oportunamente e com saúde.

«É muito interessante usar o pêndulo para examinar o corpo de um indivíduo. A força vital impressiona imediatamente o *pêndulo* e nalguns casos as oscilações são extremamente fortes. Um rapaz que salvou a mãe, a irmã e ele próprio, escapando de Frankfort (Oder) e que trabalha muito para sustentar a família, foi-nos recomendado por um médico para ser diagnosticado. Adoecera e tinha um olho inflamado. O médico pediu diagnóstico por meio do *pêndulo*. Estabeleceu-se que havia uma desordem pulmonar. O médico tinha a mesma impressão, mas não dissera nada ao sensitivo. O doente convenceu-se de que era necessário submeter-se a um tratamento cuidadoso.

«A *força vital* é que produz as oscilações do pêndulo. O corpo humano irradia parcial e totalmente e o sensitivo interpreta que esses raios e suas frequências causam as diferentes oscilações.

«Está demonstrado que os pensamentos do sensitivo influenciam fàcilmente as oscilações, de acordo com o desejo, desde que a mão e os dedos que seguram o fio do *pêndulo* se mantenham absolutamente firmes. É necessário que o sensitivo conserve a mente calma, visionando apenas as diferentes partes do corpo».

O que aí fica está abonado pela experiência. Nós próprios temos em nosso activo provas concretas que atestam a veracidade dos fenómenos observados. Ignoramos a espécie de relação existente entre o *pêndulo* e o ser que é objecto de pesquisa, mas sentimos uma reacção palpável, uma «presença» iniludível que se exerce à margem do nosso conhecimento e cujo efeito nos maravilha.

A PSICOMETRIA CONTRA O CRIME

Two Worlds, de Manchester, publica um artigo do Almirante Dr. Tanagra, presidente da Sociedade Helénica de Investigações Psíquicas, em que revela que 500 membros da polícia de Atenas assistiram a conferências realizadas em 1949 naquela agremiação, sobre o *modus operandi* da psicometria em crimes de origem ignorada.

Diz o Almirante que há 100 anos o professor Buchanan ficou admirado de médiuns experimentados pedirem objectos pertencentes a certos indivíduos, cuja vida passada, presente ou futura

queriam desvendar. Foi assim que este descobriu os fenómenos psicométricos. Parecia-lhe que, assim como um magnete transmite as suas propriedades ao ferro, também os humanos impregnam os objectos de uso com suas vibrações pessoais.

A seguir, informa que estes fenómenos são estudados nas sessões da Sociedade Helénica de Investigações Psíquicas, onde se tem verificado que as vibrações de um objecto podem sobreviver à morte do seu possuidor, desde que não tenha sido usado por outras pessoas.

O professor Fisher, da Universidade de Praga, que se especializou em psicometria, fez notáveis experiências. Pegou em objectos que tinham sido utilizados em vários crimes e que não haviam fornecido elementos de prova à justiça. Depois misturou-os com outros que não tinham participado em crimes e entregou-os ao médium. Quando este tocava nos da segunda classe, não demonstrava qualquer reacção; mas quando tomava contacto com os primeiros, sentia grande agitação, começando a descrever pormenorizadamente os factos sucedidos e revelando às vezes importantes informações destinadas à polícia.

O Almirante Tanagra conclui assim o seu artigo:

— A prova psicométrica tende a valorizar a criminologia. A Sociedade Helénica organiza conferências anuais de psicometria para oficiais de polícia e em 1949 quinhentos oficiais das Forças da Polícia de Atenas assistiram a esses trabalhos.

Por aqui se vê se o Espiritismo é «feitiçaria dos tempos modernos» ou «religião selvagem», como um tal B. de O. lhe chamou no *Diário da Manhã*...

UM FILME DE EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

L'Heure d'Être revela no seu número de Julho-Agosto que o reporter-fotográfico dinamarquês Sven Taurck se dedicou em 1938 à tarefa de coleccionar documentos que provassem a exactidão das experiências psíquicas e por isso aperfeiçoou a tal ponto o seu laboratório, que é considerado o melhor e mais perfeito.

Para isso, emprega máquinas cinematográficas silenciosas com lâmpadas infra-vermelhas colocadas nos sítios mais variados, de modo que todas as coisas sejam constantemente vigiadas pelas objectivas. Tudo gira automàticamente e silenciosamente. Além disso, os aparelhos de captação do som permitem registar os mais fracos ruídos. Com estes aparelhos e as suas experiências de mais de 10 anos, o sr. Taurck realizou um filme que dura mais de 2 horas e que exibe durante as suas conferências.

Levitação de um médium numa sessão de efeitos físicos

Entre estes fenómenos, que são os mais surpreendentes que até hoje se têm observado, nota-se a desmaterialização e a rematerialização quase instantânea dos mais variados objectos e fenómenos de telecinesia, levitação, *apports*, materialização, voz directa, fenómenos luminosos, etc.

Sven Taurck escreveu um livro muito interessante que provocou da parte da Universidade dinamarquesa a sugestão de serem reproduzidos ante uma Comissão Científica alguns destes fenómenos. Feita a experiência, os sábios admitem os factos, mas não sabem explicá-los. Nenhum deles ousou assumir qualquer responsabilidade. Taurck considera naturais estes fenómenos e não lhes atribui carácter espirita.

A fotogravura que acompanha esta notícia mostra o médium levitado com o banco onde estava sentado, enquanto os assistentes parecem verdadeiramente admirados. Os pés do banco têm uma faixa fosforescente para serem reconhecidos em plena escuridão.

UMA CASA ASSOMBRADA

A Agência Reuter espalhou pela imprensa a seguinte notícia:

«A polícia francesa investiga misteriosos acontecimentos que se assinalam há semanas numa «fazenda assombrada» nas vizinhanças de La Poirinière, em Rochetrejoux, na França Ocidental.

Segundo as informações prestadas por pessoas da família Briant, dona da propriedade rural, os móveis, as louças, as panelas e os sapatos passeiam pelo interior da casa. O dinheiro, quer em notas, quer em moedas, recusa-se a ficar nas gavetas e espalha-se por todos os cantos.

«O mais curioso é que as dentadura do sr. Briant não querem permanecer dentro do corpo de água e saltam para fora. O seu pincel de barba destina-se a fim para que não foi comprado. Sempre que o sr. Briant quer fazer a barba, o pincel salta-lhe das mãos, para o armário do banheiro.

«Há poucos dias, os cães da fazenda uivaram toda a noite. Ao amanhacer estavam soltos e as coleiras tinham desaparecido.

«Todos os dias, às $8^{h},20^{m}$ da manhã, os relógios param.

«Os Briant são huguenotes, mas em desespero de causa chamaram o padre católico local que lhes deu uma estatueta da Virgem Maria e uma pequena medalha benta.

«Centenas de pessoas já visitaram a «fazenda assombrada», sem resultado. Todavia, quando em casa só estão os proprietários, estes factos sempre se repetem. Por outro lado, quando os guardas lá permanecem, nada acontece. Quando estes saem, parece que os objectos rejubilam e passeiam nos seus aposentos.

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

POEIRA DA ESTRADA. *Júlio Abreu Filho*. São Paulo, 1949.

Neste pequeno opúsculo, o Autor conta uma sucessão de episódios passados nos bastidores do espiritismo brasileiro, sem dúvida edificantes, mas que não comentaremos porque isso seria... uma atitude de adesão a um ou outro dos partidos. As palavras de Abreu Filho revelam-nos que nem tudo no espiritismo brasileiro é da cor azul do céu, que... «lá como cá, más fadas há»... e isso causa-nos pena e outros sentimentos que, neste lugar, não deixaremos passar... a letra de forma.

NOVOS RUMOS À MEDICINA. *Dr. Inácio Ferreira*, 2.º vol. Uberaba, 1949.

O psiquiatra espirita Dr. Inácio Ferreira volta na meritória tarefa de tentar chamar a atenção dos seus colegas para as possibilidades que os «métodos espíritas» abrem no campo da psicopatologia para a cura de certos «casos». Aberto o ficheiro do sanatório que dirige, recolheu uma sucessão de dramas obsessivos impressionantes que podem justificar a sua afirmação de que 70% das psiconeuroses têm a sua origem em actuações dos «seres invisíveis». São obsessões como consequência de actos e factos ocorridos em vidas anteriores, verdadeiros argumentos militando a favor da inexorabilidade da lei kármica, obsessões que tanto atingem o indiferente como o católico, o protestante como o espirita: — a loucura acomete o homem, seja qual for o princípio religioso ou a moral que professe.

Se das psicopatias excluirmos as tóxico-infecciosas e as de origem fisio-patológica, resta-nos o complexo (tão mal estudado) das psicoses constitucionais e adquiridas, sem causa fisiológica, que tanto podem resultar da pura obsessão, como do recalcamento (sem sublimação) das tendências inatas, como ainda de reflexos kármicos pessoais. A psicopatologia dará um decisivo passo em frente no dia em que quiser socorrer-se *completamente* do que a metapsicologia pode e deve fornecer-lhe. Se a psicanálise e a acção magnética são meios de cura de algumas dessas psicoses, outras só serão compreendidas e *curadas* quando olhadas do ângulo especial espirita. Provam-no à saciedade os trabalhos de Carl Wickland, de R. Connell e agora os do Dr. Inácio Ferreira. É de louvar, pois, a tarefa deste médico, tanto como é de desejar que ela termine com êxito.

Mas seja dito também, em abono da verdade, que ainda não foi tentada uma revisão de psicopatologia à luz da metapsicologia. Não basta dizer que certas psicoses maníaco-depressivas, que certas psicastenias, que certas ciclotimias, etc., são, na realidade, obsessões. É preciso mais: — caracterizar os casos pelas sintomatologias, reclassificar os fenómenos psicopáticos, rever conclusões e observações, construir uma teoria e definir, simultâneamente, a terapêutica mais adequada a uma dada classe de fenómenos. Não será assim ? Quando será tentado pelos médicos espiritas esse trabalho ? Parece-nos necessário, que só ele constituirá o esboço seguro de um «novo rumo» aberto a uma das ciências médicas. Então, o caso concreto e o seu «curriculum» ganharão uma nova luz e uma nova força, porque ilustrarão tanto quanto justificarão esse trabalho. Obra para um génio? De modo algum, porque o necessário é tão só um ensaio suficiente e não um edifício totalmente acabado; este será a obra dos homens de várias gerações. Que pensarão disto o Dr. Inácio Ferreira e os membros da «Sociedade Brasileira de Medicina e Espiritismo»?

Para o espirita não-médico, a obra do director do Sanatório de Uberaba apresenta um grande interesse pela nitidez dos factos recortados e pelos comentários de Doutrina que sobre eles soube o Autor bordar. É uma obra cheia de Vida, um mergulhar profundo dos olhos nos escarinhos ensombrados da alma de muitos homens que na cavalgada das encarnações apenas souberam tornar mais pesada a própria e a Cruz alheia.

TELEPATHY AND THE SUBCONSCIONS. *Alan Howgrave-Graham*. Pretória (África do Sul).

Publicista bastante admirado pelos espiritas anglo-saxónios e pouco menos que desconhecido dos latinos, o Autor mostra-nos neste opúsculo a par de uma sólida cultura metapsocilógica, um agudíssimo senso crítico. É um ensaio de análise dos fundamentos da teoria «telepática» e do «subconsciente» com que muitos metapsiquistas pretendem explicar a fenomenologia espirita. Vindo do agnosticismo e de uma «sociadede de investigações psíquicas», Howgrave-Graham usou, numa experimentação de longos anos, o mais puro método científico, o que lhe permite agora, no presente ensaio, estabelecer a distinção entre o «sono mediúnico» e o «sono hipnótico», distinção que constitui um argumento de peso contra aquelas teorias. O capítulo «O transe Mediúnico e a hipnose» constitui um dos mais formosos ensaios que temos lido na bibliografia espirita moderna, pois que até «original» o Autor consegue ser, não só no método da exposição como na finura dos «pontos» que cita para afirmar a realidade dos «agentes invisíveis».

Tendo trabalhado com médiuns da envergadura de Osborne Leonard, Annie Britain, Vango, Vout Peters, Baronesa Von Strahl e Margaret Lloyd, entre os quarenta que observou em mais de 300 sessões, o Autor constitui um exemplo para aqueles que estão convictos de que atingem o conhecimento absoluto pela... observação de um só médium que, infelizmente, por vezes, de tal só tem o nome. E o presente opúsculo é uma prova cabal de que nem tudo ainda foi dito sobre o complexo mundo do chamado «supranormal», de que o pensador espirita não pode nem deve limitar-se à atitude comodista... de glozar o que já foi dito.

Notas & Comentários

EXPERIÊNCIA PRODIGIOSA

O hebdomadário parisiense France-Dimanche *de 9 de Julho anunciou assim a nova obra de M.me Marcelle de Jouvenel, por cuja análise os leitores apreciarão o valor deste verdadeiro documento supranormal:*

M.me Mercelle de Jouvenel continua a viver uma experiência prodigiosa. Após a perda de seu filho Roland, falecido em 2 de Maio de 1946, nas suas 15 primaveras, tem estado sempre em contacto com o seu espírito. Não se passa um dia que, do Além, Roland lhe não dite as suas impressões, os seus conselhos e as suas exortações. A instâncias de uma amiga, M.me de Jouvenel pegou um dia num lápis e deixou escrever a mão. Primeiro escreveu as páginas do livro: «Au Diapason du Ciel». As edições da Colombe acabam de publicar um segundo volume intitulado: «Quand les Sources Chantent».

Nas suas mensagens, Roland encoraja a mãe — «Maman minichette», como ele às vezes lhe chama — a descorporalizar-se o mais depressa possível para dar a maior expansão ao seu duplo espiritual, que ele compara a uma borboleta quando sai da crisálida.

Roland insiste muito na importância da «metamorfose» em todos os estados da criação divina. As almas são como as flores: «o caule será desfolhado e renascerá muitas vezes, antes da síntese celeste estar em vós». «Será necessário descolorir os vossos instintos, extinguir os vossos desejos, limitar a vossa carne».

Roland não se limita a descrever os diversos estados da ascese *que nos conduzem a Deus. Dá indicações relativamente precisas de como as coisas se passam no céu «branco e nú», no país dos verdadeiros* vivos. *«Aqui como aí, — diz ele — é preciso conquistar a nossa posição, ganhar as nossas estrelas. Na terra há pedregulhos no caminho; aqui há os espinhos da Santa Coroa». Como sua mãe visse que não falava da Virgem Maria, ele explicou: «Se estamos no reino de Deus e da Santa Virgem, raras vezes atingimos a sua luz, pois há aqui leis complicadas». Por mais de uma vez Roland diz que está «muito atarefado», sobretudo ao meio dia. Sua mãe nota que as comunicações com o espírito do filho se tornam difíceis, quando há vento forte ou trovoada.*

«Quand les Sources Chantent» (Quando as Fontes Cantam) suscitará tantas polémicas no mundo católico, como a publicação de «Au Diapason du Ciel». Mas seja qual for o juizo de cada um acerca da natureza e valor destas extraordinárias mensagens, nenhum leitor ficará insensível à desconcertante natureza do testemunho de M.me de Jouvenel».

Estes são os comentários do France-Dimanche *e fazem-nos lembrar o livro «Dois Mundos», que acaba de sair do prelo e manterá o leitor na mesma ansiedade acerca dos problemas do Além.*

CARAVANA DA CORDIALIDADE

Acaba de se organizar no Brasil a Caravana da Cordialidade. *Os espiritas do Sul visitarão os irmãos do Norte, partindo em fins de Outubro rumo a Salvador, capital da Bahia, e tocando, sempre de avião, em todas as capitais, demorando-se 3 a 4 dias em cada uma, para estreitar ainda mais os laços fraternais entre os espiritas daquela terra admirável. Fazem parte da* Caravana: *Dr. Francisco Spinelli, de Porto Alegre; João Ghignone, de Curitiba; Dr. Lins de Vasconcelos, director de* Mundo Espirita, *do Rio de Janeiro; Carlos Jordão da Silva, de S. Paulo, Prof. Leopoldo Machado, do Estado do Rio. A excursão durará 45 dias, durante os quais o Espiritismo será apresentado nos seus múltiplos aspectos de doutrina rejuvenecedora e salvadora.*

O REPOUSO DE UM APÓSTOLO...

O Prof. Leopoldo Machado foi repousar *a S. Lourenço. Durante o descanço, carregou pedras a seu modo. E assim, todas as noites no Centro Espirita «Auxiliadores Espirituais», manteve conversações espiritas sob a rubrica: «Pergunte o que quiser, que responderei se souber». E foi tão grande o êxito alcançado, que professores e alunos do Colégio local lhe pediram que fizesse uma conferência no Conservatório de Música, que se encheu literalmente. De volta da estância, visitou Itajubá, Cachoeira Paulista e Cruzeiro, realizando conferências, na presença de muitos confrades e curiosos, que ouviam com interesse. Boa maneira de repousar !*

Quem sente um ideal, vive-o inteiramente. Até as ferroadas dos abrolhos se transformam em flores odoríferas para amenizar a caminhada... Quem dera que o seu aroma enebriasse as almas!...

GRUPO DE ESTUDOS ALLAN KARDEC

Acaba de fundar-se no Centro Espiritualista Luz e Amor o Grupo de Estudos «Allan Kardec», de que é director o nosso confrade Ramos Pereira. Este Grupo funcionará todos os primeiros e terceiros sábados de cada mês, a título particular, e tem por fim estudar a fenomenologia metapsicológica, segundo os meios e condições de que dispuser.

PROGRAMA SOCIAL

Fundou-se também o Grupo de *Acção Social e Propaganda «Maria Duarte Santos»,* em substituição do *Núcleo de Acção e Propaganda* «Estudos Psíquicos», *destinado a desenvolver a propaganda, promover espectáculos, a fim de angariar elementos para constituição de um* Fundo de Acção Social. *Encarar-se-á igualmente a possibilidade da organação de outro Grupo de que farão parte algumas senhoras nossas consócias, para angariarem esmolas e distribuirem auxílios pecuniários.*

Além destas, outras ideias serão postas em prática no presente ciclo de trabalhos, se da parte dos associados houver vontade de colaborar.

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No 3.º sorteio de livros espiritas realizado no Centro Espiritualista Luz e Amor em 31 de Agosto foram contemplados os seguintes subscritores :

1.º prémio — «Para o Alto»: D. Cecília Mesquita Guerra, de Benavente.

2.º prémio — «Contos»: D. Zahydra Fontes Pereira de Melo, de Lisboa.

3.º prémio — «Contribuições para o Espiritismo»: D. Carmen Barata, do Funchal.

4.º prémio — «Iluminação»: Álvaro Garcia, de Bragança.

No 4.º sorteio, realizado em 30 de Setembro, foram contemplados os seguintes subscritores :

1.º prémio — «A Crise da Morte»: Armindo Acácio Pinto da Cruz, de Luanda.

2.º prémio — «O Martírio dos Suicidas»: D. Maria do Céu Faria Lopes, de Leiria.

3.º prémio — «Alvorada Cristã»: Túlio Rosa, de Lisboa.

4.º prémio — «Volta Bocage»: Alberto Pinto Gouveia, de Lisboa.

Como se vê, é uma curiosa modalidade de assistência aos necessitados que não descura a questão cultural. Ao mesmo tempo que socorremos a pobreza envergonhada, vamos espalhando ideias necessárias.

GRUPO «JOÃO EVANGELISTA»

Durante o próximo ciclo de trabalhos funcionará no Centro o *Grupo «João Evangelista»* para estudo dos Evangelhos e dos princípios fundamentais do Cristianismo à luz da Doutrina Espirita, bem como de comunicações adequadas. Terá feição quinzenal pública e constará do seguinte:

1) Prece pelo director e invocação dos Espíritos tutelares. 2) Comentário evangélico. 3) Preces por um ou mais dos assistentes. Os comentários evangélico-doutrinários serão feitos, directamente, sobre textos do «Evangelho de João», «Epístolas de Paulo», «Eclesiastes», «Salmos de David», ou sobre comunicações escolhidas de «O Livro dos Espíritos», «Evangelho Segundo o Espiritismo» e «Dois Mundos» ou de trechos de «Luz no Caminho». Este Grupo será dirigido por Isidoro Duarte Santos, com a assistência regular de outros consócios.

PROGRAMA CULTURAL

Ampliando a série de trabalhos que caracterizam a orientação seguida, a Direcção do Centro resolveu estabelecer um programa cultural de que faz parte um ciclo de conferências a cargo de individualidades estranhas à colectividade e cujos temas serão ventilados livremente, desde que estejam de harmonia com os nossos princípios básicos. Criar-se-á um Curso de Filosofia Geral do Espiritismo destinado aos sócios do Centro e dos organismos congéneres. Nele se estudará o objecto da Psicologia Geral, o conhecimento do homem psicológico e das ciências psicológicas, vida cognitiva, afectiva e volitiva e o valor prático da Psicologia, a metapsicologia e os mundos astrais, a moral espirita e a religiosidade, a metafísica espirita e a filosofia da existência, do ponto de vista espirita.

Criar-se-á também um Curso Mensal de Metapsicologia, destinado aos sócios do Centro e tendente a explicar a natureza do fenómeno anímico e espirita e crítica das hipóteses interpretativas.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE DEZEMBRO DE 1950

Grupo de irradiação mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Grupo «General Passaláqua»

Nos seguintes domingos, às 16 horas, sob a direcção de J. F. Cabrita:

Dia 5 de Novembro — Médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 12 de Novembro — Médium D. Inês Maria de Brass.

Dia 19 de Novembro — Médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26 de Novembro — Médium D. Inês Maria de Brass.

Dia 3 de Dezembro — Médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Dezembro — Médium D. Inês Maria de Brass.

CONFERÊNCIA

Dia 25 de Novembro, sábado, às 21,30 — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, intitulada «A Reencarnação».

GRUPO «JOÃO EVANGELISTA»

Todas as primeiras e terceiras 6.as feiras de cada mês, às 21,30, sob a direcção geral de Isidoro Duarte Santos.

Dia 3 de Novembro — Isidoro Duarte Santos.

Dia 17 de Novembro — António Cardoso.

Dia 1 de Dezembro — Túlio Rosa.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados a este Fundo Permanente, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Outubro — P. B., 20$00; I. S., 20$00; R. R., 20$00; H. H., 20$00; António Augusto Rodrigues, de L. Marques, 20$00; Devota de S João de Brito 20$00; Subscrição do 4.º Sorteio de Livros Espiritas, 134$00. — TOTAL — 254$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Analise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	12$00

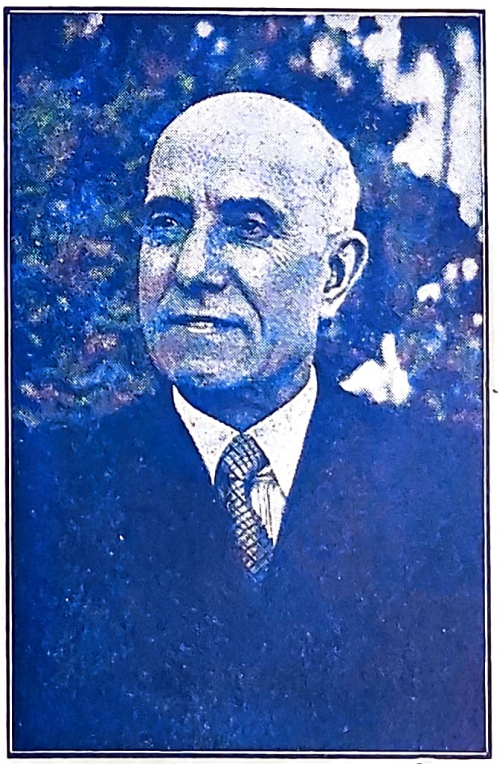
Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



CORONEL FAURE DA ROSA

(Ver pág. 342)

CONTÉM : Um Sector Diferente, por **M. G.**; História de Uma Reencarnação, pelo **Dr. Jules Pérès**; Ideia Que Me Sorri; por **F. Noronha**; Sofrimento, por **Lia**; Recordando, por **Rocazatone**; Dormir... Sonhar, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Valiantine e Margery, por **Pascal Forthuny**; Finados, por **José Simões de Matos**; A Volta (Excerto do livro **Dois Mundos**, que acaba de sair do prelo); Da Ideia de Deus e Do Seu Culto, por **Damião de Vasconcelos**; Apologia das Almas Gémeas, por **Tito L. Bascéscu**; Os Mortos Governam os Vivos, por **Leopoldo Machado**; Os Cépticos Não Acreditam...; Uma Figura Que Parte, por **Isidoro Duarte Santos**; Saudade, por **Yvone de Sousa**; Marco Postal; Guerra Junqueiro, Poeta-Filósofo, por **Arnaldo S. Tiago**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

11.º ANO NOVEMBRO DE 1950 N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisivel (nova edição)	36$00	50$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1950 — N.º 11

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UM SECTOR DIFERENTE

Meu querido! A ideia que se expende não pára nos limites que julgais. Percorre caminhos ignorados por grande número. Espraia-se com velocidade incrível e vós julgais que fica entre dois seres restrictos. É um erro de vossa parte. Todas as ideias, todos os pensamentos são meteoros que avançam e recuam no mar largo do mundo interior. Impressionam e são impressionados. Não há obstáculos que impeçam a sua eclosão. São absorvidos ou reflectidos, recebem ou transmitem influência, formam ou destroem ambientes, agrilhoam ou libertam almas. São como brisa que agita a folhagem ou como fumo que se evola na atmosfera. Assim, quando falais ou escreveis, há permuta de ideias, pois outros falam ou escrevem para vós. Há um sector diferente que freme e palpita e onde repercutem os vossos actos. Não o desprezeis. Não duvideis da sua existência. Está em constante ligação convosco. É um oceano que vos envolve e acalenta. Outras vezes, que vos inquieta e tortura, mas sempre para bem daqueles que necessitam de evolução dolorosa. Contai com ele quando pensardes e agirdes, mesmo se estiverdes sós, no vosso conceito de seres terrenos. Contai com ele. De lá vem muita coisa que vos serve e sem a qual não podereis corresponder às missões que levastes. O que ocultais aí é visto nele, ecôa nele. Às vezes, grandes choques vos atingem e ficais perplexos, ignorando as causas. Estão neste sector e nesse, em perpétuo movimento, dando origem aos mais estranhos fenómenos. Isto quer dizer que deveis pensar e agir sensatamente, como quem é testemunhado nos seus actos mais simples, a começar pela Consciência, severo juiz que está em nós e compreende a beleza de um gesto ou a felonia de uma acção, condenando ou absolvendo o sujeito em causa. As vibrações são coisas abstractas para uns e coisas tangíveis para outros. Vós não as captais. Sentis o seu reflexo, tomais conhecimento da sua passagem, mas não podeis captá-las. Terieis de ser infinitos, isto é, abarcar a distância que elas percorrem, impressionando corpos e almas. Isso é impossível. O âmbito é pequeno, não comporta grandes possibilidades. Na troca que se exerce há elementos de renovação mútua que auxiliam as obras comuns. Nisso devem pensar os adeptos da Doutrina, para bem da sua posição espiritual. Em vez de nos encostarmos à escada, é melhor subi-la, contando-lhe os degraus. Afastar-nos-emos da superfície e tomaremos contacto com horizontes novos onde os fenómenos são diferentes, embora subordinados à mesma lei. A vida é feita de movimento contínuo, de reacções permanentes, de harmonia com a capacidade sensorial. Quando chegamos à saturação, necessitamos de novo meio em que as vibrações se expandam. O mesmo recinto pode saturar-se de uma coisa e ter afinidade para outra. As vibrações sobrepõem-se sem se combinarem. O vosso mundo não tem limites apreciáveis para os seus habitantes. Só de fora dele se poderão analisar e compreender certas coisas que lhe pertencem. O simples facto de saber que existe um sector diferente do vosso que reage aos actos que vos caracterizam é ou deve ser motivo de condicionamento da vossa vida normal. Nem sempre se pode avaliar inteiramente o significado de um acto e sua intenção, mas casos há em que é possível. O delinquente fica mal colocado para consigo, neste campo onde repercutem as suas ideias. Difundi a Doutrina, tendo em vista o que vos exponho. Sede leais para com todos e reconhecei o que de bom existe noutros credos ou filosofias, pois nenhum contém toda a verdade existente. Procedendo assim, firmareis posições nobres no vosso meio e podereis entrar noutro onde o auxílio se obtém com garantias morais que dignifiquem o ser e o exaltem perante a Divindade. Meditai neste problema sempre que puderdes e fora das ocupaçõs cotidianas. Vereis que nova luz vos guia os passos.

M. G.

História de Uma Reencarnação

Tradução de I. D. S.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.

ALLAN KARDEC

I

Esta bela máxima do grande apóstolo do Espiritismo resume em poucas palavras a doutrina da Sobrevivência, da Expiação e do Progresso, para o qual deve tender toda a alma humana. A purificação total, o Nirvana ou a Beatitude completa, eis o alvo que o nosso Espírito atingirá um dia. Mas se a estrada demora a percorrer e se quem subir esta escada misteriosa atinge o Divino, quantas vidas múltiplas e sucessivas, quantos degraus variados não serão necessários para a transpor?

Ah! Se estas vidas diversas fossem todas construtivas em virtudes e boas acções, como o caminho se percorreria ràpidamente! Quanto mais cedo a alma se lavar das suas impurezas, mais depressa se livrará das misérias da vida corporal. Mas — ai de mim! — quantos espíritos ignorantes ou indiferentes são escravos das paixões, apesar de suas múltiplas passagens pela terra, onde não fizeram progresso algum! Serão, pois, obrigados a voltar atrás, retardando assim o seu avanço. Terão de viver uma ou muitas existências reparadoras para expiar as faltas da reencarnação mal empregada.

Os nossos actos seguem-nos — disse um grande romancista, palavra muito justa e profunda, à qual devemos acrescentar: *Na existência actual e em todas as nossas vidas futuras.* As provas dolorosas, que nos parecem injustificadas, são em regra a consequência expiatória de nossas más acções passadas, faltas remotas que mergulharam no esquecimento, mas que surgirão quando voltarmos ao Além. E para expiá-las e reparálas somos obrigados a retomar novo invólucro carnal e muitas vezes em meios diferentes e opostos ao nosso gosto. Deste modo, podemos ver quão admirável e racional é a justiça divina. Deus não quer a eternidade das penas, como afirmam certas religiões. Deixa a cada um a liberdade de voltar à terra para resgatar os nossos crimes pelo esforço, pela luta, pelo sofrimento físico e moral. Para isso nos deixa entregues ao livre-arbítrio. Podemos usá-lo, para melhor nos libertarmos das aflições motivadas pelos nossos pecados.

E assim, certas almas que se libertaram de suas fraquezas passadas e se submeteram a novas tribulações penosas ainda não cumpridas, escolhem o género de vicissitudes, de misérias e de morte a sofrer em nova encarnação e escolhem as amarguras mais apropriadas às suas faltas e à sua perfectibilidade.

Esta resolução é tomada conscientemente. Esses espíritos infelizes mais inteligentes preferem a experiência de outra reencarnação aos tormentos a que seriam obrigados indefinidamente sem esperança de alívio. Deste modo, este homicida que matou à punhalada, solicitará morte cruel; aqueloutro que foi mau patrão, renascerá em condições modestas para sofrer os maus tratos que infligiu. Outros ainda, para abreviar o ciclo das suas reencarnações futuras e chegar mais depressa ao estado feliz de elevada espiritualidade, pedirão a coroa dos mártires e aceitarão antecipadamente todos os horrores de um fim de vida difícil e os sofrimentos físicos de suplícios inqualificáveis. Cada um escolherá (se tiver coragem para isso) o género de vida e de morte mais consentâneo com a beatitude espiritual. Infelizes dos egoístas e estroinas que preferiram uma vida de riqueza e de prazer! Terão longo sofrimento e as portas do Céu lhes serão fechadas até que se arrependam e o remorso os leve a aceitar uma série de vidas penosas entre os gulosos e os párias e que lhes permita resgatar os seus erros.

* * *

Foi-nos dado assim o testemunho de uma segunda existência (a palavra «segunda» é empregada aqui como ligação a uma vida recente que a precedera), cujos pormenores e incidentes são bem conhecidos. A personalidade que tinha animado a primeira vida foi

uma das maiores celebridades da França, uma artista muito falada e cuja carreira teatral constituiu uma verdadeira apoteose. Pecara certamente por vaidade, orgulho, inveja, falta de caridade, embriagada pelo êxito retumbante que obtivera em salões reais, aplaudida pela fina flor das nações em que se exibia. Talvez já tivesseis adivinhado que esta artista foi uma das maiores actrizes da tragédia francesa, a quem a glória não regateou. Quero referir-me à ilustre Raquel.

Foi rica, adulada e forte; e, apesar de estar no fim da vida, que foi curta (1820-1858), expiando em grande parte os seus erros através de longa e implacável doença, nova reencarnação se lhe impôs, depois de sessenta anos de erraticidade. Quis pôr termo a seus tormentos, cujo fim não entrevia, para ascender às zonas de perdão e de calma onde sua alma viva e compreensiva pudesse, enfim,

Um artigo do DR. JULES PÉRÈS

gozar o repouso. E aceitou um corpo fraco, desfavorecido por gaguez enervante que a afastava do convívio humano. Como prémio de reabilitação quis suportar este destino num meio inculto e modesto, ela, que tinha animado tantas heroínas, através do seu verbo grave e forte e vivido nos meios mais ecléticos e brilhantes. Após semelhante prova, não custa a crer que o espírito redimido e purificado de Raquel voltasse ao espaço etéreo aureolado de luz e resplandecente de beleza.

Com efeito, que são alguns anos dolorosos de atraso na marcha em frente, em relação à eternidade, se tivermos como justo prémio a felicidade e uma vida radiosa?

Antes de expor todos os pormenores maravilhosos desta reencarnação, verdadeiramente interessante para o espírito que a animou, é necessário e útil tomar contacto com a família tão digna, no seio da qual as cenas se desenrolaram, de 1918 a 1938.

*
* *

Exercendo clínica em pequena cidade dos arredores de Argel, fui chamado numa tarde de Maio de 1926 junto de certa menina, cujos pais, recentemente chegados, se haviam instalado numa vivenda em frente da minha. Ela olhava para os homens encarregados da mudança da casa, quando um cão da vizinhança, talvez excitado por ela, lhe saltou à cara e lhe mordeu na face direita. Levei-a logo à minha sala de tratamentos para a operar. Era uma criança de oito anos, pequenina, embora muito turbulenta. É fácil de compreender a ansiedade de seus pais e o receio de a ver desfigurada. Este incidente ligou imediatamente as nossas duas famílias e fez de nós bons amigos. Foi assim que soubemos que eles tinham três filhos. Paulo, o mais velho, um rapagão de 11 anos, a filha mais velha, Julieta, de 8 anos, e Suzana, a nossa pequenina magoada.

O sr. R... (caixeiro viajante) viera instalar-se ali para melhor dirigir os seus negócios. Era um homem honesto, um trabalhador infatigável que não olhava a sacrifícios para sustentar a sua pequena família.

Julieta, a heroína da nossa história, não vivia em casa de seus pais. Eu depressa soube a razão. Como era meia surda e gaga, estava num instituto de surdo-mudos de Bordeus, onde permanecera dos seis aos dez anos (1922 a 1927).

Um dia, em conversa, o sr. R... falou-me no ideal da sua vida, das suas ideias filosóficas e sociais, que eram a sua grande consolação. Fez-me a apologia do Espiritismo e da sua doutrina, que me apresentou como a mais racional e consoladora de quantas existem na terra.

Encontrou em mim um homem experimentado, visto ter estudado há muito os problemas do destino, do bem e do mal. A tal respeito, lera, não sòmente a *Bíblia*, mistifério literário mais ou menos apócrifo, o *Novo Testamento*, o *Corão* e muitas obras filosóficas, sem encontrar qualquer solução satisfatória. Durante a guerra de 1914-18 visitei a Palestina, Jerusalém e seus arredores, e apaixonei-me por todas as questões religiosas. As pirâmides, os túmulos reais, os templos de Karnak e de Luksor tinham-me excitado profundamente e os estudos das religiões antigas, cujo desenvolvimento li nos livros de Maspero, pareceram-me ditados e caracterizados pela mais elevada e pura sabedoria.

Por outro lado, muitos factos mais ou menos misteriosos passados na minha família tinham tocado a minha inteligência de criança, obrigando-a prematuramente a reflectir.

A medida que o tempo passava, o meu entendimento se desenvolvia; e nos bancos do colégio e da Faculdade surpreendia-me com a imaginação mergulhada no desconhecido. Por isso, quando o sr. R... me falou do Espiritismo, já eu o conhecia nas suas linhas gerais e o pouco que dele tenho aprendido incitou-me a profundar os seus ensinamentos. Um médico cujos deveres profissionais o obrigam a costear a morte a cada instante tem sempre o espírito despertado e quando morre um doente cogita nos «porquês» e nos «talvez» que se apresentam à análise e à razão. Tanto mais que não sou daqueles que julgam ter graça, quando repetem este dito humorístico: «*Nunca encontrei Deus sob o meu escalpelo*». Ao contrário, entendo que no homem e na natureza tudo exalta a ideia de um Deus criador. Tudo canta seus louvores. Pode-se conceber maravilha tão sublime como a complexidade dos órgãos dos sentidos? Que arquitecto genial teria imaginado a admirável estrutura do aparelho visual e do ouvido? E onde se poderia encontrar um engenheiro electricista especializado, capaz de idealizar e instalar a magnífica rede do sistema nervoso com o seu tecido complexo de fios condutores de uma corrente fluídica incessantemente elaborada pela central eléctrica do cérebro? E não vale a pena falar de todos os outros órgãos viscerais, cujo funcionamento tem dependência recíproca. O seu mecanismo é sublime e denota um relojoeiro inimitável. Poder-se-á admitir um só instante, como proclamam os materialistas, que só o acaso possa combinar semelhantes maravilhas?

Também a conselho do meu novo amigo, devorei as obras de Allan Kardec, de Léon Denis e de Gabriel Delanne, e devo confessar que fui conquistado por esta bela doutrina.

De resto, os acontecimentos a que assistira fizeram de mim um adepto sincero.

Por seu lado, a senhora R... não tardou a abrir-se com minha mulher. Um dia, perguntou-lhe se conhecera o pai dos proprietários da sua vivenda. «*Imagine — disse ela — que hoje às onze horas vi no meu corredor avançar para mim um homem de muletas a quem faltava uma perna. «Sou o proprietário da casa — exclamou —, fui eu que a construí e, como morri antes de a pagar ao construtor, ando muito aborrecido*». Ele desejava que os herdeiros a vendessem quanto antes para pagar a dívida e indemnizar o credor, que tinha necessidade do dinheiro. Foram informar-se e verificaram que era tudo exacto. Pouco antes de morrer, o proprietário fora operado de gangrena diabética na perna direita e não conseguira tomar conta da casa. Agora, o construtor aguardava o pagamento, devido às dificuldades da sucessão. Um processo corria os trâmites legais e a sua alma estava alanceada por este estado de coisas.

Pouco tempo depois, um filho meu caía gravemente enfermo de enterite disenteriforme. Eu e minha mulher estávamos doidos. O pequeno tinha passado a noite muito mal e cheio de febre. A senhora R... vem à nossa vivenda e diz a minha mulher: «*Não chore. O seu filho não morrerá. Vi esta manhã uma senhora que me disse ser a primeira mulher de seu marido*». (Ela ignorava este pormenor). E depois de a ter descrito com certas particularidades que só eu podia conhecer, acrescentou: «Mas, porque estão inquietos? O pequeno não deve morrer» (1). Foi então que a senhora R... nos confessou que era médium com grandes faculdades de clarividência. Depois disto as nossas relações tornaram-se mais íntimas e propôs-nos a fundação de um pequeno grupo de sessões espiritas que nós aceitámos jubilosamente, como se compreende. E após o restabelecimento do nosso filho começámos a reunir-nos.

A senhora R... não era só clarividente; era também perfeita médium de incorporação. Por isso, as nossas sessões eram variadas e das mais interessantes. Entre dezenas, vou contar uma de psicometria. Passei-lhe para as mãos umas peças de bronze que eu tinha comprado em Gaza, na Palestina, aos beduínos, e logo viu homens vestidos de branco, montados em camelos, numa caravana através do deserto, entregando-se ao comércio. Essas peças serviam-lhes de moeda de troca.

De outra vez, uma medalha deu-lhe a visão de um oficial superior a sair de abrigo e declarando: «*Na minha mesa está a carta do estado-maior do meu sector e nela acabo de estudar um contra-ataque com o meu ajudante. Escondi-a horas depois e fui morto com uma bala na fronte*». Este facto teve plena confirmação, embora fosse ignorado pelos assistentes. E acrescentou: «*Este contra-ataque não era preciso e devia provocar a morte de muitas pessoas. Eu queria chamar a atenção dos meus chefes para obter os galões de General, que já me tardavam. A ambi-*

(1) Tinha 22 anos quando caiu no Campo da Honra, em Berg, Alemanha, em 20 de Março de 1945.

ção foi a causa da minha infelicidade e por isso fui punido cruelmente».

Noutra sessão, uma carta que lhe entreguei revelou-lhe a doença mortal do correspondente longínquo e uma gravata permitiu-lhe a descrição pormenorizada da morte de um homem novo, cujos últimos momentos foram particularmente aflitivos.

Mas as nossas reuniões eram muitas vezes emocionantes pelas diversas incorporações que se sucediam, em número de três ou quatro em cada sessão.

No começo das reuniões era quase sempre uma religiosa que se apresentava: *Irmã Annie Robert,* cuja vida monástica decorrera na Bélgica. Depois de cruzar os braços, como fazem as religiosas quando metem as mãos nas suas largas mangas, saudava a assistência, à direita e à esquerda, felicitando-nos por nos reunirmos assim e dava-nos bons conselhos. A voz da médium modificava-se inteiramente. Tornava-se doce, lenta, untuosa, e as expressões eram correctíssimas. Esta grande amiga deixava-nos sempre, depois de mil recomendações, com um «Bonsoir, Messieurs, Bonsoir Mesdames» que ela nunca esquecia.

Em seguida vinha o pai da senhora R..., que fora espírita e nos entretinha com muitos temas de grande elevação.

Sucedia-lhe muitas vezes o irmão do senhor R..., sempre presente nas sessões. Este irmão mais velho recém-desencarnado falava-lhe da pobre mãe que vivia em Paris. O que nos parecia mais surpreendente era a mudança de atitude e de expressão que tomava cada interlocutor incorporado. Alguns espíritos nos saudavam; a maior parte eram amigos que tinham desencarnado há pouco. Um médico que eu evoquei aconselhou-me a respeito dos doentes que me inquietavam. Doutra vez, um espírito grosseiro e indesejável que nós tivemos muita pena de desmascarar, veio perturbar-nos.

Era um epiléptico que ali mesmo foi vítima de um ataque. Mas a incorporação que mais me impressionou foi a de minha mãe.

No princípio da sessão, após algumas palavras da *Irmã Annie Robert,* minha mãe incorporou logo, levando inconscientemente a mão ao olho esquerdo, *gesto automático que lhe era peculiar,* pois cegara na mocidade e usava um olho de vidro, cuja fricção sobre as mucosas lhe produziam ligeira inflamação. O prurido obrigava-a a levar a mão à órbita e este gesto inconsciente foi para mim uma verdadeira prova de identidade. Depois de me dirigir algumas palavras afectuosas e colocando as mãos sobre os rins, disse-me que sofria profundamente (morrera aos 70 anos de afecção dolorosa na medula espinal) e que desejava voltar ao Além, onde era muito feliz.

Para terminar estas narrações mediúnicas de que fui testemunha, (pois se fosse necessário contar aquelas em que a senhora R... foi sujeito ou animador inconsciente, nem 400 páginas *in-octavo* bastariam) não resisto ao prazer de historiar uma sessão de mesa girante. Todos os episódios alegres foram descritos pela nossa médium. Naturalmente saturada pelos fluidos da assistência, a mesa-de-pé-de-galo começou a mover-se sòzinha em todos os sentidos, a dançar em ritmo cadenciado, a levantar-se alternadamente nos pés e a ir e vir, conforme desejávamos. A senhora R... retirara-se para um canto da sala e, de olhos semi-cerrados como nos seus transes, diz que a mezita estava envolvida por uma faixa fluídica e que três rapazes em trajo de futebol (um deles já tinha aparecido numa sessão precedente) «se divertiam doidamente a fazer girar a mesa, muito contentes de nos distrairem». Faziam esforço e as suas exclamações eram alegres. Nunca vi uma mesa fazer tanta acrobacia. Por isso (no dizer da médium), os nossos três amiguinhos ultra-terrestres se afastaram muito tristes no final da experiência.

*
* * *

Quis dar alguns esclarecimentos acerca das faculdades admiráveis da senhora R... Era, na verdade, uma extraordinária médium. O Dr. Osty vira-a por ocasião de uma viagem a Paris e sentiu não poder estudá-la do ponto de vista psíquico. Argel era muito longe de Paris. Depois de ter abandonado a pequena cidade em que eu a conheci, foi residir em Argel, onde encontrou muitos amigos, alguns deles médicos, apreciadores de seus dons mediúnicos. As suas faculdades haviam-se desenvolvido em sua casa de forma curiosíssima. Muito novinha e já órfã, cerca dos 10 anos, tinha visões frequentes, via pessoas desconhecidas no seu quarto ou na rua e atravessava sombras que logo desapareciam... Não se impressionava com isso, nem o contava a ninguém, julgando ser coisa normal.

Aos 15 anos viu muitas vezes seu pai, falecido havia muito; e, com medo de que a tomassem por bruxa, não falava nas aparições,

que se repetiam com grande frequência, conforme suas declarações. Casou e pôs o marido ao corrente do que se passava; mas ele ignorava o ocultismo, ficava céptico e sorria a tais declarações. Chegou a grande guerra e as visões multiplicaram-se. Estávamos no fim de 1914. Ela própria se cruzava na rua com pequenos soldados. Mas era uma coisa fugitiva, nebulosa, e logo esquecida. O meio operário donde provinham não lhes tinha dado ensejo a que ouvissem falar de espiritismo. Uma vez ouviram anunciar uma conferência acerca desta doutrina mal conhecida e os dois cônjuges sentaram-se nas primeiras filas da assistência. Escusado será dizer a avidez com que escutaram as palavras do orador. Este falou de várias mediunidades. «*Tu és médium vidente, — diz o senhor R... a sua mulher no fim da reunião — e o que tu vês são espíritos*».

Foi assim que a senhora R... teve consciência da sua mediunidade, que se começou a desenvolver imediatamente. Alguns amigos, entre os quais os V... ocultistas que viviam nos arredores de Argel, iniciaram-na no emprego das mesas girantes e aconselharam-na a usar a bola de cristal. Maravilha!... Os espíritos pareciam dóceis e acorriam às suas invocações. Depressa caiu em transe e, em estado semi-consciente, via então desenrolarem-se, nìtidamente e ràpidamente, como em fita animatográfica, as visões relacionadas com as perguntas que lhe faziam. A princípio teve muitas dificuldades para interpretar todas as imagens, mas a pouco e pouco as descrições eram mais claras e as palavras vinham-lhe mais fàcilmente, com mais imagens e um grande desembaraço, como se lhe fossem ditadas. Com o treino, tornar-se-ia depressa uma perfeita médium.

Uma noite, no início das suas experiências, marido e mulher estavam reunidos, após o jantar, e entregavam-se a experiências com a bola de cristal. Logo que fixou esta última, sentiu as pálpebras a pesarem e o corpo etérico a deixar o organismo... e, com espanto do marido, tomou uma atitude que lhe não era natural. Era a primeira incorporação. Cruzou os braços sobre a mesa e com voz lenta e melodiosa saudou o senhor R...: «*Sou a Irmã Annie-Robert, falecida na Bélgica*». Nomeou a ordem a que pertencera e a data do falecimento. Disse que era muito feliz por se manifestar e oferecer-se para guia familiar; e como o sr. R... não conhecia o Espiritismo, ela o iniciaria. E durante mais de uma hora fez uma verdadeira dissertação a respeito da sobrevivência, da evolução da alma, do objectivo da vida, da reencarnação, do problema do bem e do mal, da natureza do corpo fluídico, etc., enfim, tocou em tudo.

Foi assim que dois seres quase ignorantes do Espiritismo, das suas possibilidades, do grande papel que será chamado a desempenhar na evolução da humanidade, se tornaram adeptos convictos desta doutrina. Ela modificou a sua maneira de viver, agora feita de trabalho, de sensatez, de abnegação, e os seus sacrifícios podiam citar-se como modelos de honestidade. Suas provações terrestres foram numerosas, mas o Espiritismo deu-lhes sempre grandes consolações. Quando era preciso, os guias lhes davam os seus conselhos e lhes imprimiam coragem. Cito um caso em que evitaram ao senhor R... uma grande catástrofe.

Desaconselhando-lhe uma viagem de automóvel, desviaram-no de um grave acidente que vitimou dois amigos seus. Como toda a gente, tiveram aborrecimentos, provações, mas tudo suportaram admiràvelmente, como necessidade fatal para o seu progresso.

Uma criança nasceu, a segunda da casa, tinha Paulo três anos. Era uma linda menina, a rainha do lar, respirando alegria e felicidade. Ah! mas este nascimento reservou-lhe muitas surpresas, porque a chegada desta pequenina loira daria lugar a uma aventura bem inesperada em que o maravilhoso caminharia a par da triste realidade. Vou tentar agora descrever esta surpreendente e admirável história.

(Conclui no número seguinte)

Aos assinantes do Brasil

A crise da imprensa obrigou-nos em Fevereiro último a elevar o preço da assinatura para Portugal e Colónias. Era impossível continuar a manter o preço antigo. Não tocámos nas assinaturas do Brasil, julgando que as relações comerciais luso-brasileiras entrassem em nova fase de intercâmbio. Hoje, porém, verificamos que as dificuldades aumentam dia a dia, em virtude do congelamento dos capitais no Brasil e da baixa cotação em Portugal do cruzeiro-papel.

Somos, pois, forçados a fazer um ligeiro aumento de 80 centavos em cada número da revista, a partir de Janeiro de 1951, esperando que os amigos de além-atlântico continuem a acompanhar-nos numa obra de intercâmbio tão útil como necessária.

***Estudos Psíquicos* continuará a ser, como até aqui, a única revista luso-brasileira ao serviço da família espirita das duas pátrias irmãs.**

IDEIA QUE ME SORRI...

Por F. NORONHA

Não pára o anseio do homem em sua luta contra o ignoto, e nem se comporta em nossas aspirações de progresso interromper este sem causa sustatória.

O espirita de verdade não vive em ambientes dogmáticos. Nutre-se de fenómenos, e não da letra que mata.

Os factos, em sua crueza e positividade, são o que são, numa evidência dominadora, não admitindo réplica nem sofisma. Tudo o mais é sujeito à mentira, ao equívoco e à fraude.

E estes esconsos deletérios não se confundem com o erro.

Errar é próprio da humanidade.

E, assim, não faz excepção a este princípio o Espiritismo, aliás sempre correntio na finalidade que o orienta e na directriz a que não foge: a verdade!

É certo, porém, que se notam divergências de interpretação e distanciamentos aparentemente irredutíveis. No entanto, fora um que outro caso contraditório ou de negativa, pondo em guarda os veros conceitos de inteira boa-fé e provocando suspeitas de intenção malévola, pormenores estes denunciadores de degenerescência ou de influências dolosas de espíritos grosseiros e pérfidos, fora um ou outro caso desta natureza, eventual, de resgisto raro, o Espiritismo procede com disciplina e método, honrando-se a si próprio, sem mescla desdenhosa e nunca recuando.

Não deixa, apesar de tudo, de tornar-se um tanto sensível a ausência de um ponto de ligação e de referência, dando conta da situação mundial de todo o movimento, compreendendo iniciativas, soluções de problemas, definições experimentais, ocorrências esporádicas, diários de sessões e motivos, etc.

Parece-me que esta aproximação totalitária, incluíndo confrontos e nivelamentos, daria resultados práticos, tanto no sentido de propaganda generalizada, quanto em ajustamentos de doutrina e em conciliações de elementos dispersos. Muitas vezes haverá mínimas disparidades, que desapareceriam, com vantagem do ideal e sem melindre para quem quer que fosse.

Dá margem a doestos por parte de críticos insensatos, uma certa variante de modalidade, onde a essência das coisas e a presença de forças se combínam e identificam.

Nós afirmamos a sobrevivência e a imortalidade da alma, o autor do existente, suprema energia e sempre-eterna inteligência, e Jesus, o Messias, que julgará em última instância.

Presenciamos factos de prova indubitável, e não nos desviamos nem podemos desviar-nos do que vemos directamente, sãos no físico e não perturbados de espírito.

Mas importa uma consolidação expressiva de amplitude vasta, estabelecida sem coacção, incompatível com aderência livre, de molde a constituir um todo plenário, em que a voz dos grandes iniciados haja outiva e acatamento merecidos.

O que é preciso e se impõe, legìtimamente, é autorizar as realidades, mundo em fora, por um orgão que saiba delas, como consulta e fulcro de continuídade.

E até agora ainda não foi levado a efeito semelhante propósito, de que promanaria um sugestivo testemunho de solidariedade na unidade espirita. O onde se localizaria esse orgão?

Não houve o *Bureau International du Travail*, não há focos, sedes e centros de carácter internacional ? Quanto à instalação, seria um assunto secundário, fácil de arrumar, evidentemente.

E sendo o Espiritismo uma ciência, como tal não permanece preso a superstições e preconceitos, que destoam em absoluto num campo de investigação e confirmação escrupulosas e meticulosas, no qual se hão revelado e continuam revelando sábios proeminentes, estetas de nome consagrado, filósofos, astrónomos, génios de cintilação matemática, videntes e médiuns de indiscutível probidade.

A ciência e o amor desta não se contentam nem se satisfazem com torres de marfim, porfiam, identificando-se com o intuito de cada uma de nossas faculdades, persistentíssimas no imperativo de ascese, no enlevo de mais e mais, na conquista do desconhecido.

E quanto mais se ampliam e estendem, perante nós os horizontes do conhecimento, tanto maior é o nosso desejo e esforço correlativo de ir além, de ultrapassar e vencer todos os limites e obstáculos que se nos deparam e romper todos os véus impeditivos do radiar brilhante a que aspiramos.

Infelizmente, não tem sido de rosas o espectáculo do tempo, nos últimos períodos, principalmente neste século vinte, da era de Jesus Cristo.

Não existe nada na História, tão chacal, tão selvagem, tão hediondo como a chacina inglória e tigrina que ensanguenta o mundo desde o mês de Agosto de 1914 até à presente data, em que a Coreia, incendiada não garante a vitória triunfal da Paz no dia de amanhã. E a Paz, o afecto genuíno da Fraternidade só reside, integral, na atmosfera espirita.

Irmanam-se os espiritas pelo sentimento e pela prova ética experimental. E é pela prece que abrem as suas sessões.

Se evocam os espíritos desencarnados, rendem culto em primeiro lugar ao Ordenador dos mundos e Legislador supremo.

Quereriam, nesses momentos de concentração anímica, fitar, no transcendente Além, o Ser inefável de que pende a balança da Justiça Eterna e o termo final de nossas provações e angústias, se soubermos usar com consciência e brio do livre-arbítrio que Ele nos outorgou.

Nisto, cumpre-nos insistir com firmeza de convicção e ardência de apostolado.

Aqui, também se recomenda um orgão coordenador internacional, dotado de tentáculos para uma propaganda propícia permanente. A união faz a força e no querer consiste o poder.

Atentar nestas verdades, de positivo axiomáticas, e obedecer-lhes, individual e colectivamente, é engrandecer, valorizar e radicar o Espiritismo em sua missão voluntária, honrando, simultâneamente, a memória de Kardec.

Soa, manifestamente, a hora do espirita.

O material sossobrou em toda a linha, de continente a continente, de povo a povo.

Avariou e meteu água por todos os lados. Só o espiritual sobrevive às derrocadas, inspira confiança, aplana arestas, corrige

defeitos e equilibra desandâncias.

O facto verifica-se por entre as gerações no trânsito dos séculos, e até nas fases agitadas ou revolucionárias que abalam as sociedades constituídas.

Kardec, espírito evoluído, codificou, peremptório, sem penumbras ou frouxidões irritas.

Não cabiam restrições nem privilégios em seu pensamento lúcido, e impelia-o o nobre anelo de ensino, de luz ingente, varrendo sombras e frustrando confusões, que estas palavras suas traduzem com categórica preclaridade:

«A experiência nos confirma diàriamente que as dificuldades e enganos encontrados na prática do Espiritismo têm origem na ignorância dos princípios desta ciência».

E este seu benemérito, este peregrino fundador doutrinário científico, este ser de individualidade originalíssima, coluna resistente do edifício espirita, alcandorando-se em umbrais excelsos, transfundiu-se e conserva-se numa elaboração docente, não cerrada, cujas denominações o exibem, como os Evangelhos a Jesus.

E ela é completa de sentido e de estilo, não lhe falta unção e proporcionalidade, nem elo algum em sua cadeia de entrelaçamento, em suma: chamam-se ***O Livro dos Espíritos e o dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Genese, Obras Póstumas, O que é o Espiritismo, etc.***, bataria formal de entendimento, base coerente ou ponto de partida para lucubrações fecundas, fonte empolgante de teses engenhosas na urdidura e acerto rigoroso. Entretanto, toda esta produção, todos os estudos realizados por espiritas e adversários de boa-fé e mesmo de má-fé, carecem de exame e concatenação, de joeira e de bisturi, de análise sisuda e de sistematização metódica sintética, de que resultem apuramentos compendiosos, susceptíveis não só de amplíssima distribuição, elucidando toda a gente, mental e não mental, mas incitando a curiosidade e dignificando, por fundamento firme, a razão do Espiritismo e o valor não vencível ou anulatório das potentes provas, que o apoiam e lhe aproveitam.

Só se ajusta, em gozo de vitalidade eficaz para tanto, um organismo internacional, cujos componentes responsáveis se imponham, por competência de idoneidade prestigiosa e dedicada, calmos estudiosos, avessos a egoísmo, a interesses gananciosos e a conluios políticos.

Os espiritas de raiz e coração não são escassos em número, felizmente.

O organismo que me sorri não

SOFRIMENTO

Meu querido! As mágoas vencem-se com abnegação e renúncia. Quem sofre atapeta de flores seus caminhos futuros. Mas os que sofrem com resignação, esquecendo as durezas da vida para atender ao que de mais nobre encerra o pensamento elevado, esses concretizam anseios naturais que breve atingem a meta dos eleitos.

Há quem fuja ao sofrimento. Assim como a ginástica tempera os músculos, a dor tempera as almas. Torna-as mais dóceis, mais humanas. A dor é o azeite da candeia. Esclarece e ilumina. É bússola orientadora. O prazer, não. O prazer amortece a vontade, estiola as forças, adormece as energias. Embala o homem e leva-o, narcotizado e dominado. Vale mais a dor. Vale mais a luta. Avançar por entre realidades é melhor que alimentar ilusões. A estrada ampla é melhor que o atalho obscuro.

A tua vida actual é encontro e desencontro. É um mundo oscilante. A firmeza que procuras está longe de ti. Tens que sofrer para te adaptares. Muitas lágrimas verterás para temperar o ânimo. Caminharás desconfiado, a custo vencerás a distância. A dor há-de acicatar-te. A saudade há-de roer-te. As brumas do passado que vivemos guardam imagens que de vez em quando te impressionarão. Actualizarás a epopeia dolorosa. Vivê-la-ás novamente, não pelo sofrimento que te possa infligir, mas pela lição que te possa dar.

Já passaste o tempo das miragens, quando o coração estravaza sobre a inteligência. Hoje, meu doce amigo, a verdade é mais amarga e menos ardente o entusiasmo. Procuras a razão.

Mudaste e não sabes que mudaste. Teus olhos enevoados dirigem se a outro mundo, onde um afecto imenso te aguarda fielmente, onde uma fonte perene jorra sobre a tua alma o luminoso caudal. Estou longe e estou perto. Às vezes procuras-me distante e estou a teu lado. Mas nunca teu pensamento deixou de encontrar-me. E as almas que choram, às vezes entoam cânticos de felicidade.

Essa experiência é mais dura. Requer maior prudência. Mas nunca se deve desanimar. O homem tem sempre companhia, mesmo quando julga estar só. Não há abandono. Há provação.

Bebe a taça da amargura, que outras taças te servirão de nectar precioso. Não te importes de sofrer. O sofrimento recompõe.

Tua LIA

RECORDANDO

por ROCAZATONE

Duas figuras de valor, pelas suas realizações, evolaram para o Além, ùltimamente.

Uma, precedeu a outra, como que a preparar um lugar afim para aquela que iria também, brevemente.

E assim o foi D. Marília, companheira afectuosa do nosso estimado e prestimoso amigo Leopoldo Machado. Após depurar-se na dor atrós de sua enfermidade, partiu, deixando um sulco profundo nas actividades materiais.

Vimos de perto sua gigantesca obra de assistência social, presenciámos seus padecimentos conformados, como quem, ciente de que a dor pungente era nada mais, nada menos, que a aperfeiçoadora de seu próprio perispírito. Talvez a última mancha que desaparecia, para o perispírito se tornar perfeito.

Seu companheiro, pulso forte e valoroso, no início das provas, confiante e cheio daquela fé que lhe é peculiar, balbuciou: «Graças a Deus, que as provas chegaram para mim». E soube vencer todas as lutas, com verdadeira resignação. Por certo, a saudade desfigurou-lhe o semblante, mas a saudade é natural. Em compensação, a esposa extremada velava-lhe os passos, pois o Prof. Leopoldo desdobra-se à frente dos postulados que são inúmeros. Solidário com a sua dor, mantivemo-nos então.

Agora, no tempo exacto, quando ninguém suspeitava, é a outra a ser chamada.

Lá de outro lado, D. Marília recepciona D. Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa do nosso dilecto e distinto confrade Isidoro Duarte Santos.

Correspondência sua um tanto atrasada, já nos vinha preocupando... Eis quando a notícia nos chega, avisando-nos do desencarne de sua extremada companheira.

Elos de simpatia e amizade prendem-nos ao querido confrade; de súbito sentimos sua grande dor e nossos olhos se marejaram. Compreendemos a situação angustiosa de nosso irmão e refugiamo-nos na prece valorosa que sempre nos conforta. E sem conhecermos de perto essa grande alma que acabava de desferir seu voo para as regiões mais elevadas, vibramos de amor em sua intenção, para que ela continuasse dispensando do além ao Isidoro, como Marília ao Leopoldo, aquele mesmo carinho, aquele mesmo afecto ou mais ainda, proporcionado no plano material.

Agora, com o n.º 1, de Janeiro, *Estudos Psíquicos* traz à baila pormenores sobre a vida dedicada de D. Maria Gonçalves Duarte Santos. Coisa sublime! Extraordinário modelo para os que ficam!...

E ao meu bondoso irmão e confrade Isidoro, que tira da sua própria dor a inspiração para seus novos artigos doutrinários, digo apenas: «Para a frente e para o alto!». A sua prova é dos fortes e dos bravos. A recompensa também há-de fazer-se pródiga e farta de bençãos do Senhor Jesus. Tudo se desencadeia de acordo com os compromissos assumidos de véspera, ao reencarnarmos. Daí a necessidade do perfeito controlo, da calma e da resignação ante as provas ou resgates por que cada um de nós passamos de quando em vez. Maior consolo do que nos oferece o Espiritismo, não há, não pode haver.

Sòmente a certeza de que o ente a quem tanto amámos, está constantemente ao nosso lado, assistindo-nos, orientando-nos, enfim, continuando mais vivo que nunca, é uma felicidade que infelizmente a humanidade totalmente desconhece. Mas os factos concretos e irrefutáveis hão-de levar a todas as criaturas essas sublimes verdades, tão comuns nos arraiais espiritas.

Um fraternal abraço.

Rocazatoné

Cruzeiro, 10 de Setembro de 1950.

---

morreria à nascença nem faliria por vacuidade.

As suas gerências renovar-se-iam, regular e oportunamente, sem intervalos solucionantes.

E, repito mais uma vez: *a união faz a força, o querer é poder.*

Capacito-me de que enquanto o Espiritismo, actualmente membros dispersos de um todo, não enveredar por este processo lógico de bom senso, jazerá em estagnante marasmo, barreira ou obstáculo ao seu avanço luminoso.

Para a frente, clama a inteligência e requere o raciocínio, bem como a nossa ombridade.

Não somos quais esses espíritos «de moralidade muito baixa, que mentém conscientemente e acham prazer em seduzir os homens».

Não, os espiritas de verdade, ofegantes pelo esplendor desta em todos os sentidos e em todas as modalidades, reconhecem que o recuar é contraproducente e indigesto.

Como anteparo a este perigo e baluarte redentor agiria grandemente, com êxito decisivo, por *modus faciendi* atilado, o orgão coordenador a que me reporto e de maneira alguma se me antolha inviável.

Para a frente sem rebuço, com ânimo livre e alma tranquila, mirando sempre o Alto, o Inefável, o para lá do Véu, suma de sumas, excelsitude magna, pompa majestosa do bem, equidade perfeita e augusta do Divino Arquétipo Universal !

ARNALDO S. TIAGO ESCREVEU

GUERRA JUNQUEIRO...

I

Condicionada à Filosofia e à Religião, a obra poética de Guerra Junqueiro é um caudal rumoroso que desce dos cimos do Parnaso, para inundar as planícies humanas, esterilizadas pela hipocrísia e pelo materialismo.

A acção fertizante exercida pelo Nilo em uma nesga do imenso deserto africano, exerce-a o majestoso caudal da Poesia Junqueiriana nos desertos das almas, revolvendo-lhes a lama das contemporizações mistificadoras, com que mais à larga satisfazem as exigências da vida animal e dos vãos formalismos de fachada, em uma sociedade, atrás de cujos bastidores se desenrola a trági-comédia das realidades humanas!

Não é possível separar a obra do grande poeta lusitano da questão social e do problema religioso: Guerra Junqueiro sempre ferreteou destemerosamente os membros do clero que tinham negligências pecaminosas, como asseteou os magnatas e os potentados que tripudiavam sobre povos e nações.

Essa, a faina demolidora da sua arte poética, mesmo assim diminuta em face do que ele construíu de grandioso e de nobre para o espírito humano.

Usou de expressões, é certo, em sua obra demolidora, que não se coadunam com a atitude religiosa do crente sincero e humilde em presença da omnipotência Divina. Em seus lábios, porém, essas expressões não constituem blasfêmias, pois que ele apenas utilizava os nomes sob os quais eram praticados crimes de lesa-divindade, a esta prestando, contudo, o culto íntimo da sua fé raciocinada e pura, cujas cintilações filosóficas estão implícitas no sentido profundo da sua grandiloquência poética; sentido por vezes suficientemente explícito, para que nenhuma dúvida paire nos espíritos sobre a religiosidade do vate português: «*Creio que Deus existe e que a alma é imortal*».

Tudo em Guerra Junqueiro é luminoso e belo: o arrebatamento do seu temperamento, a excelsitude dos seus afectos, a extrema sentimentalidade das suas atitudes morais.

Nele o amor filial revela-se impregnado de comovedora delicadeza:

«Minha mãe! Minha mãe! Ai que saudade imensa
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti!
Caía mansa a noite e andorinhas, aos pares,
Cruzavam-se, voando, em tôrno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa em que nasci».
... ...

«A minha mãe faltou-me, era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto de um leão um sorriso divino,
Como sobre uma fôrca um ramo de oliveira».

À Igreja Católica prestou Guerra Junqueiro enorme serviço, que já vai sendo reconhecido nos tempos hodiernos e que será tido em sua mais ampla consideração, quando as reformas a introduzir na tradicional instituição cristã tenham vencido a resistência, até certo ponto justificável, oposta pelos velhos bastiões do ultramontanismo às ideias renovadoras que lhe marulham em torno, como as ondas tempestuosas do Oceano sobre as escarpas de um rochedo em meio da líquida solidão.

Para dispor dessa tremenda resistência histórica, é preciso que reconheçamos à Igreja características de organização privilegiada e de implícita capacidade de manutenção do espírito tradicionacionalista, que a distinguem, em meio das sucessivas remodelações e transformações políticas e sociais que têm sido operadas nos povos envolvidos nas teias do seu aranhol multi-secular: é que as suas obras de assistência social, condicionadas aos imperativos das distinções de classe e a distribuição de um cibo religioso adequado às multidões com tendências, em regra, meramente existencialistas, proporcionam-lhe elementos de resistência que constituiriam um milagre, se não pudessem ser explicadas pela eterna negligência do homem ao cumprimento do dever moral de subir para Deus mediante o esforço íntimo da sua própria consciência.

Guerra Junqueiro soube distinguir o vero e ingénuo sentimento religioso, dessa ganga vulgar de hipócrita religiosidade que se generalizou pelos países ocidentais e pela América.

No mesmo poema «Aos Simples», em que ele conclama:

«Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há-de guardar por sua própria mão
Numa jaula de ferro a alma de Lucusta,
Num relicário d'oiro a alma de Platão.

Mas também acredito, embora isso vos peze,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no universo inteiro há uma só diocese
E uma só catedral com um só bispo — Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste
E a excomunhão papal nos abrase e destrua,
A análise é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exumemos a fé desse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia»,

pôde também profetizar, afirmando-se crente sincero, como sempre realmente foi:

«E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Há-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua;
A razão é do céu o explêndido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol»,

respeitando, porém, toda a crença sincera, embora ingénua e simples:

«Mãe, ai, eu compreendo os martírios secretos
Do pobre camponês, já quase secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de afectos,
A casa onde nasceu seu pai, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Compreendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria,
Atravessa a montanha à luz de um facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lho co'a aza atlética e sombria,
Deixando-o fulminado e quase sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone que explui rouco do sorvedoiro
E se enrosca furioso aos plátanos partidos
A estrangulá-los, como uma giboia um toiro.
Compreendo a agonia, o desespero insano
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
Ó velhos aldeões, exhaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vossa alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva à noite para o lar!
Oh! não! guardai-a bem essa crença doutrora!
É ela quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz dum vergel inundado de aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miséria canta.
Guardai-a sim, guardai! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana, esquálida e feroz,
A agonia será bem rápida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Há-de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que embalou vosso sono infantil,
E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno,
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E a pender-vos gelada a fronte alabastrina

... POETA - FILÓSOFO

Do náufrago na rocha, entre o abismo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira hercúlea de montanhas,
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.
... ...
... ...
O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,
É um Deus que para nós há muito que está morto,
E que inda imaginais no entretanto imortal.
Vivei e adormecei nessa crença ilusória;
Já não podeis transpôr os mil anos da história
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei nessa ilusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o efêmero vão que dura um quase nada,
Que nasce de manhã num raio de alvorada,
E expira ao pôr do sol noutro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença, ignorante e sincera,
Não é a que ilumina as bandas do Porvir,
Mas vós sois o passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões góticos a cair.
Sim, essa crença é um erro, uma ilusão, é certo;
Mas triste de quem vai pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,
Sem nunca ver ao longe os palácios radiantes
Duma cidade d'oiro e mármore e diamantes
No quimérico azul dessa amplidão sem fim!
Quem há-de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingénuo ideal, ó trémulos velhinhos,
Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,
Rosa cheia de aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos há-de cortar a flor da vossa esp'rança.
Quem vos há-de apagar a angélica visão,
Se essa luz para vós é como uma criança
Que guia numa estrada um cego pela mão!
Quem vos há-de acordar desse sonho encantado ?!
Quem vos há-de mostrar a evidência cruel?!
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus há-de beijá-lo e aquecê-lo no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe exânime na mão!».

Os que falam em conversão religiosa de Guerra Junqueiro, na hora extrema, apenas demonstram com isso que, não lhe podendo destruir a obra imorredoira, preferem introduzí-lo, por essa forma, no redil de suas ovelhas...

Será, quando muito, maliciosa embora, esquiva maneira de consagrar-lhe a fama e o mérito; nunca, porém, uma verdade histórica, porque o grande poeta sempre foi um crente sincero e culto, um deísta perfeito, como já o demonstrámos, apenas emnacipado de tutelas que não mais se justificam em face da civilização e dos progressos da ciência.

Contemplemo-lo, pois, feita essa rápida digressão necessária, em sua obra poético-filosófica.

Guerra Junqueiro é o poeta solar que tranporta para os cenários sombrios e poeirentos das cidades as paisagens luminosas da própria natureza terrena, trescalando a aromas silvestres, que todos sabem estar longe dos apartamentos em cimento armado, nos quais somos constrangidos a viver, para cumprir o nosso destino planetário, até que a civilização possa coadunar-se com a fragrância dos bosques e o sábio exercer o seu trabalho, realizando as suas pesquizas em constante, imediato e pleno contacto com a Natureza.

«MANHÃ» — o admirável poema Junqueiriano, como tantos outros de sua lavra, sòmente pode ser compreendido pelos que permanentemente convivem com a Natureza:

«Que esplendor! que vigor! que graça! que har-monia!

A pulverização da luz acaricia
Da floresta viçosa, atlética, possante,
Os frescos vagalhões de verdura fragrante,
Que rolam da montanha em doidas gargalhadas,
Desgrenhando no azul as jubas inflamadas,
E inundando de sombra e de força e de amor
Os peitos maternais da natureza em flor!

Dir-se-ia um tropel de gigantes convulsos
Com tirsos colossais nos monstruosos pulsos,
Um ruidoso tropel de enormes briareus
Levantando e agitando os braços para Deus,
Cheios de luz, de sons, de frémitos, de vida,
E que ao verem de longe a campina florida
Correm àvidamente alegres, como outrora
Os robustos teutões de cabelos de aurora,
Ao verem com o olhar ingénuo e deslumbrado
Ao longe a Itália a rir, branca no azul doirado!

Como isto dá saúde, alegra e robustece!
Um ditirambo d'oiro aqui termina em prece
E uma oração termina em vermelha canção.
A morte não se vê nesta religião
Da natureza; aqui tudo resplende e canta,
Um sepulcro de planta é o berço doutra planta,
E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte,
Que está constantemente eliminando a morte.

Na floresta não há cruzes nem caveiras.
Os vermes sepulcrais aqui são trepadeiras,
A flor não se baptiza, o roble não jejua,
A lâmpada do sol e a lâmpada da lua
Não precisam de azeite, os frescos arvoredos
Abraçam-se dizendo adoráveis segredos
E casam-se à vontade a rir na luz imensa,
Sem precisar de cura e sem tirar dispensa,
Porque um dia os rosais votaram num concílio
Que havia só um papa infalível, — Virgílio!
Que esplendor! que vigor! que amor! que ple-
[nitude!
Eu quero mergulhar o corpo na saúde
Da terra que produz as árvores frondosas!
Quero aprender a ser vermelho com as rosas!
Águas vivas da encosta a correr transmiti
Para o meu coração a frescura que ri
Nesse vivo cristal! Lírios brancos do monte,
Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na fronte
Essa candura, intacta e virgem, de luar!
Rouxinóis, ensinai-me a chorar e a cantar!
Abelhas, revelai-me a graça misteriosa
Com que extraís o mel do cális de uma rosa,
Para eu extrair puras canções de amor
Duns lábios que também são como a rosa em flor!

Crianças, vinde rir, brincar, saltar, voar!
Abri o firmamento azul do vosso olhar
Onde cantam não sei que aves do paraíso...
O aroma do lilás transforma-se em sorriso
Nessas bocas em flor, cuja alegria pura
Borboleteia em nós, como o sol na verdura!
Para vos ver passar pelo caminho agreste,
Abre a pervinca em flor o seu olhar celeste...
Duma risada vossa, ó crianças vermelhas,
Fez Deus no mês de Abril asas para as abelhas!
Desprendei a correr os cabelos dourados,
Rasgai os aventais nas sebes dos valados,
Encharcai-vos de orvalho, estrelai-vos de amoras,
Perpassai, colibrís! Iluminai, auroras!
Sede um enxame d'oiro a rir pelos caminhos,
Tendes berço, poupai por conseguinte os ninhos!
Mas, como os Anjos são em Abril salteadores,
Anjos, colhei, cortai aos braçados as flores
Com que o Amor enfeitou as várzeas e as cam-
[pinas!
As rosas fê-las Deus para as mãos pequeninas.
E vós, noivas gentís, noivas de loiras tranças,
Virgens que já corais e que inda sois crianças,
Pombas em cujo seio o amor vai despertar
Como um lírio d'aurora em urnas de luar,
Vinde, correi também pelas profundas naves
Deste templo de Deus onde cantam as aves
E vestidas de branco e de graça inocente,
Pombas, deixai cair religiosamente
A benção patriarcal dos ramos da floresta
No divino esplendor da vossa fronte honesta!...

Tão intensa é em Guerra Junqueiro a cerebração, isto é, o poder de adaptação do cérebro às necessidades intelectuais do seu grande Espírito, que nem mesmo utilizando-se de um dos instrumentos mediúnicos mais dúcteis que se tem conhecido nos últimos tempos, conseguiu ele reproduzir aquela magnificência plástica da linguagem, com que soube modelar em versos impecáveis os seus poderosos surtos mentais, dos mais belos que nos tem dado a espécie humana e que sòmente comparados podem ser, na modernidade, aos de Castro Alves, Júlio Dantas, Martins Fontes, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e poucos mais dentre os que aspiram a suave fragrância da «última flor do Lácio, inculta e bela».

Vemo-lo assim poetar, pòstumamente, em «O Padre João» (Parnaso de Além Túmulo), pág. 237:

«Tombava o dia:
A luz crepuscular
Mansamente descia
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...
O meigo padre João,
Um puro coração,
Qual lírio a vicejar em meio a um pantanal,
Sonhava ao pé da igreja, um templo envelhecido
Ao lado de um verjel, esplêndido e florido,
Sentindo dentro d'alma um frio sepulcral».
... ...

É Guerra Junqueiro, certamente, indiscutìvelmente; mas é o Guerra Junqueiro destituído da sua potente cerebração, disciplinada, moldada à feição da sua própria mentalidade.

Em «CARIDADE», à pág. 241 do «Parnaso de Além Túmulo», ele como que se manifesta impregnado daquela sumptuosidade verbal que esplende em «A Caridade e a Justiça», de «A Velhice do Padre Eterno»:

Caía a noite em paz. Crepúsculo. Horas quedas.
Horas de solidão. Pelas planícies ledas
A asa ruflando inquieta, os meigos passarinhos
Recolhiam-se à pressa, em busca dos seus ninhos!
Repousavam, tremendo, os colibrís doirados,
Pipilavam febrís no beiral dos telhados.
... ...

Falta-lhe porém, evidentemente, alguma coisa daquela opulência de ritmos:

No topo do calvário erguia-se uma cruz,
E pregado sobre ela o corpo de Jesus.
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas

Corriam pelo ar como grandes manadas
De búfalos. A lua ensanguentada e fria
Triste como um soluço imenso de Maria,
Lançava sobre a paz das coisas naturais
A merencórea luz feita de brancos ais.

Aproximam-se, evidentemente; falta-lhes, porém, a perfeita igualdade...

Em «Romaria», pág. 249 daquela obra mediúnica, ele continua, após a morte, uma poesia começada em vida, constante do Livro «POESIAS DISPERSAS», atingindo a transmissão, por via mediúnica, quase a mesma expressão que o poeta soube dar aos seus versos, utilizando-se do próprio cérebro. Reproduziu-se aqui um facto já registrado nos anais do Mediunismo, com relação a um romance inacabado de Dickens. Com o auxílio de um médium quase analfabeto, nos Estados Unidos, o célebre romancista inglês pôde terminar o seu romance e de tal modo que é impossível distinguir o ponto em que termina o escritor a sua obra, em vida, daquele em que a recomeça, após a morte.

Com relação à «Romaria», de Guerra Junqueiro, convém reproduzirem-se as estrofes finais da poesia de 1888, escritas pela própria mão do poeta e as primeiras de 1939, que Junqueiro escreveu pela mão de Francisco Cândido Xavier, para que se possa reconhecer a identidade do autor:

... ...
Filhas, tendes horror a tanta desventura,
A tanta chaga hedionda, a tanta podridão,
Vendo, enquanto gorgeia o ninho na espessura,
Uivar o sofrimento humano como um cão?!

É que vós não sabeis o que é a vida, o globo
Hecatombe que vai, sem tréguas, sem parar,
Da raíz da açucena aos colmilhos do lobo,
Da vossa própria boca à boca d'um jaguar!

Não sabeis, não sabeis quanta dor, quanto luto,
Quanta mágua sem fim, chora, soluça e clama
Na terra este candente e miserável fruto,
Com a polpa de fogo envolucrada em lama!

Não sabeis, não sabeis que nesta própria hora
Milhões, milhões, milhões de vítimas sombrias,
A arder na mesma febre à luz da mesma aurora,
Tendo na mesma carne as mesmas agonias.

Se contorcem no mesmo eterno matadoiro,
Sem um ai de piedade, uma oração d'amor,
Indo engordar o estrume onde as abelhas d'oiro
Zumbem na madre-silva e na verbena em flor!
... ...
... ...
Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,
Calcular a extensão de tantas amarguras,
Existências em flor, fustigadas de pranto,
Lírios no lamaçal das grandes desventuras...

Almas na escuridão da noite sem aurora,
Corpos de podridão, urnas de lama e pús,
Anjos açucenais que a miséria devora,
Pobresitos sem pão, esquálidos e nús.

No entanto, há aroma e luz na beira dos caminhos,
Cantos de rouxinóis, árvores, fruto e flor,
Harmonias subtís, que se evolam dos ninhos
Dourados pelo sol da alvorada do amor !
... ...
Aproveitemos, pois, esta hora calma e mansa,
Em que há músicas no ar e olores nas estradas,
Hora em que a Terra acorda em haustos de es-
[perança,
Ébria de aroma e luz das flores orvalhadas.
... ...
Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,
Tenhamos a noss'alma em delubros de luz,
E acharemos no fim da romaria imensa,
As venturas e a paz nos braços de Jesus!».

(Continua)

CARTÃO FRATERNO

Caro Irmão:

Temos a grande alegria de convidá-lo nesta data, juntamente com os que o cercam, para o divino banquete de «Luz do Evangelho» do Reino.

Terá lugar essa grande efeméride, no amplo salão do Universo, na hora da paz, aos acordes da orquestra sinfónica da Natureza.

Será dirigido o extraordinário evento pelo Mestre Jesus, especialista máximo nos mais variados pratos para a alma.

Para sua orientação, remetemos, em anexo, um estrato do «menu» para preparar-lhe a alegria, predispondo-o à aceitação do nosso chamado:

Brinde ao amor com o delicioso vinho da afeição, filtrado no Ano 30 DC.

Sala da amizade com abundante óleo do coração.

Confeitos de sorrisos e esperanças.

Artístico prato de «confraternização» ornado de simpatia e alvos ramos de sinceridade.

Conservas da região da Honestidade.

Água cristalina da angélica fonte da União.

Variedades: — Permuta amiga de arrependimento, Humildade, Abnegação, Fé, Indulgência, Perdão, servidas pela dedicada Senhora Caridade.

Toda a festa será pontilhada de brindes ao Progresso à Paz, à Pureza e à Tolerância.

No seu encerramento será entoada a Canção da Gratidão e distribuída a Lembrança da Vida, para usar na lapela da Provação, como advertência para o Futuro do Espírito.

Traje — Pôe vontade e coração terno.

Contando com a sua presença, agradecemos comovidamente e ficamos ao seu inteiro dispor.

IRMÃO X.

Mensagem psicográfica, recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 26 de Abril de 1950 em Salvador-Bahia.

Distribuição da Caravana «Auta de Souza» por ocasião de terceira visita de Confraternização em 7/5/950.

DA IDEIA DE DEUS E DO SEU CULTO

O que o leitor vai ler, não é pròpriamente meu.

É uma tradução, colectânea e orientação do que li enlevado nas obras filosóficas dos grandes escritores franceses: Camille Flammarion e Léon Denis, e do «Mahatma» Gandhi: A beleza do estilo, a profundeza das ideias e o encanto dos conceitos, são deles; minha, é a ligação dos assuntos.

O motivo que me leva à publicação deste trabalho, é simplesmente tornar conhecida dos leitores a filosofia tão bela, tão pura e cientìficamente religiosa daqueles escritores, filosofia que nos eleva, nos arrebata e nos faz bons, e instila na nossa alma um bálsamo divino.

Não reclamo, pois, para o meu trabalho mais que a intenção de uma simples compilação, alentando, todavia, a esperança de que o presente trabalho não será inútil, e de que os seus leitores encontrarão nele um conjunto de conceitos e ideias que lhes agradará.

Deus é o Ente, princípio, causa, origem, espaço e fim, de todos os outros entes, ou antes que é Ele próprio, a eternidade, a forma e a lei de todos os seres, visíveis ou invisíveis, inteligentes ou não inteligentes, animados ou inanimados, vivos ou mortos, de que se compõe o único verdadeiro nome desse Ente dos entes.

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas; Deus é eterno e infinito, imutável, imaterial único, omnipotente, soberanamente justo e bom.

Deus não existe mais em qualquer parte do Céu do que na Terra, ou, para falar com mais exactidão, não está em parte alguma mais visível do que aqui.

Em região nenhuma do infinito está o lugar fixo, atapetado de pedrarias, onde se veja o trono do Altíssimo. O império da Idade Média não é mais verdadeiro do que o Olimpo grego.

O paraíso de Maomé nunca brilhou em outra parte que não fosse na imaginação ardente dos discípulos do Profeta. Os sete céus de Buda não têm realidade mais efectiva do que a que lhe deram nos fantásticos desenhos chineses e japoneses que os representam.

Ver Deus face a face, é uma expressão puramente simbólica. Os olhos do mais evangélico dos corpos purificados não poderiam ver nem admirar em parte alguma esse Ente invisível. O espaço astronómico é infinito.

Deus é um espírito puro, ou antes, o espírito puro consciente de si mesmo e de cada parte infinitesimal do universo inteiro, pessoal, mas sem forma; infinito e eterno, isto é, sem extensão e sem duração, tão presente aqui como nas estrelas mais brilhantes, tão activo nas obras da natureza terrestre como nas manifestações sublimes das esferas superiores.

O Ser infinito, causa das causas, princípio de tudo o que existe, virtude e apoio do universo, absoluto, eterno, é inteiramente incompreensível para todos os seres. Porque, na verdade, só Deus pode compreender a Deus, como só o Infinito pode compreender o Infinito. A sua existência é incontestável, porque, sem ela, seria incompreensível explicar a existência de entendimento na criação das matemáticas (que o homem não inventou mas descobriu), e das verdades intelectuais e morais. Mas o Autor e Juiz Supremo de todas as coisas está acima da nossa concepção e já podemos compreender que para Ele não há espaço, nem tempo, que vê tudo, e a própria astronomia deu a conhecer que a luz emitida por todos os sóis e todos os planetas leva a sua história antiga no espaço, de maneira que, estando-se colocado no ponto onde chegar o raio luminoso reflectido pela Terra, há cem anos, vê-se a Terra dessa época com seus habitantes, e todo o passado se pode ver da mesma maneira, e a história de todos os mundos, que fica assim permanentemente no infinito, em Deus. Já podemos compreender também que o futuro é para Ele presente, assim como o passado, porque os factos que hão-de suceder estão encerrados no estado actual do universo, exactamente como no passado. Mas procurar compreender a natureza intrínseca e o modo de acção do Ser infinito, era um trabalho absolutamente estéril.

Dizer, pois, a majestade divina, a majestade de Deus, não é senão materializar a Divindade. Deus não é majestoso: Deus é Deus, e o que Deus é, não pode o homem sabê-lo. Deus é a Vida Universal. Ter Ciência, é compreender Deus e o que d'Ele irradia.

Ciência e Amor, são dois aspectos do mesmo Deus: é por eles que o homem é imortal. E Deus é, por sua própria natureza, inconhecível e incompreensível para nós.

Deus é o centro para o qual convergem e onde vão terminar todas as potências do Universo. É o centro de que emana toda a ideia de Justiça, de Solidariedade, de Amor, e o alvo comum para o qual todos os seres se encaminham, consciente ou inconscientemente. É das nossas relações com o grande Pai dos mundos que decorrem a harmonia universal, a comunhão, a fraternidade. Para sermos realmente irmãos, é necessário um pai comum, e esse pai só pode ser Deus.

Admitido e convencidos, como estamos, da existência de Deus — Criador do universo e de todas as coisas — um dever se impõe: render-lhe homenagem, prestar-lhe culto.

Há um culto que pode convir ao homem e agradar à Divindade: é o que a Deus se presta pela beneficência e prática das virtudes, e esse culto não tem necessidade de intermediários entre o Ser supremo e o homem. Nele deve ser cada qual o seu próprio sacerdote e trazer em seu coração o altar puro sobre o qual, a cada instante, sacrifique ao grande Ser que todos os outros contêm na sua imensidade. Descansemos n'Ele do cuidado de prover às nossas necessidades.

Daí a necessidade imperiosa de ser-se religioso, cumprindo e praticando as Leis Divinas, Leis do Amor, Leis básicas de todas as religiões, em especial do Cristianismo. E a Religião baseia-se na consciência sem mancha, e metade da religião é ter a consciência limpa.

Deus tudo vê, tudo conhece, até os mais secretos pensamentos nossos. Deus está em todo o Universo, em relação com todos os elementos da Criação. O seu amor abrange e enlaça todos os seres, dos quais Ele fez, chamando-os à vida, os artífices da sua obra

eterna. A sua solicitude estende-se até aos mais humildes e obscuros, porque todos são oriundos d'Ele. Por isso todos, na falta de uma inteligência superior e de uma razão esclarecida, podem sentir e reconhecer Deus pelas potências do coração.

O que acima de tudo caracteriza a alma humana, é o sentimento. É por ele que o homem se prende ao que é bom, ao que é belo e grande, ao que será o seu amparo na dúvida, a sua força na luta, a sua consolação na prova. E tudo isto revela Deus. O belo e o bem não se encontram em nós senão em grau limitado e parcial. Não podemos existir senão sob a condição de volver a encontrar a sua fonte, o seu princípio, a sua plenitude em

Por DAMIÃO DE VASCONCELOS

um Ser que as possua em grau superior e infinito. Foi o que instintivamente sentiram todas as gerações, todas as multidões que passaram sob a poeira dos séculos e foi por isso que o surto dos seus pensamentos se dirigiu, em todos os tempos, para esse Espírito Divino, que paira acima de todos os sistemas filosóficos, para essa Alma do mundo, causa sem causa de todas as causas, de que tudo emana, para a qual tudo volta, eternamente.

Deus é a grande Alma Universal de que toda a alma humana é uma centelha, uma irradiação, e cada um de nós possui, em estado latente, forças emanadas da Divina Luz, e que pode demina-las, unindo-se estrictamente à causa de que é efeito.

Acima de tudo, Deus é amor. Por amor criou os seres para associá-los a suas alegrias, à sua obra. O amor é um sacrifício; Deus hauriu n'Ele a vida para dá-la às almas. Ao mesmo tempo que a efusão vital, recebiam o princípio afectivo destinado a germinar e a expandir-se nelas, pela provação dos séculos até que tenham aprendido a dar-se por sua vez, isto é, a dedicar-se, a sacrificar-se pelas outras. Com este sacrifício, em vez de se amesquinharem, mais se engrandecem, enobrecem e aproximam do Foco supremo.

O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus mais eficazmente actua no mundo. Por ele atrai para si todos os pobres seres retardados nos antros da paixão, os espíritos activos da matéria; eleva-os e arrasta-os na espiral da ascenção infinita para os esplendores da luz e da liberdade.

O amor conjugal, o amor materno, o amor filial ou fraternal, o amor da pátria, da raça, da humanidade, são refracções, raios refractos do amor divino, que abrange, penetra todos os seres, e, difundindo-se neles, faz rebentar e desabrochar mil formas variadas, mil esplêndidas florescências do amor.

Até às profundidades do abismo da vida infiltram-se as radiações do amor divino e vão ascender nos seres mais rudimentares, pela afeição à companheira e aos filhos, as primeiras claridades que, nesse meio de egoismo feroz, serão como a aurora indecisa e a promessa de uma vida mais elevada.

É o apelo do ser ao Ser, é o amor que provocará, no fundo das almas embrionárias, os primeiros rebentos do altruísmo, da piedade, da bondado. Mais acima, na escada evolutiva, iniciará o ser humano nas primeiras felicidades, nas únicas sensações de ventura perfeita que lhe é dado gozar na terra, sensações mais fortes e suaves que todas as alegrias físicas e conhecidas das almas que sabem verdadeiramente amar.

O amor é mais forte do que o ódio, mais poderoso que a morte. Se Cristo foi o maior dos missionários e dos profetas, se tanto império teve sobre os homens, foi porque trazia em si um reflexo mais poderoso do amor divino. Jesus passou pouco tempo na terra; foram bastantes três anos de evangelização para que o seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela ciência nem pela arte oratória que ele seduziu e cativou as multidões; foi pelo amor ! Desde a sua morte o seu amor ficou no mundo como um foco sempre vivo, sempre ardente. Por isso, apesar dos erros e faltas dos seus representantes, apesar de tanto sangue derramado por eles, de tantas fogueiras acesas, de tantos véus estendidos sobre o seu ensino, o Cristianismo continuou a ser a maior das religiões; disciplinou, amoldou a alma humana, amansou a índole feroz dos bárbaros, arrancou raças inteiras à sensualidade ou à bestialidade.

Todo o poder da alma resume-se em três palavras — Querer, Saber, Amar!

Querer, isto é, fazer convergir toda a actividade, toda a energia para o alvo que se tem de atingir, desenvolver a vontade e aprender a dirigi-la.

Saber, porque sem o estudo profundo, sem o conhecimento das coisas e das leis, o pensamento e a vontade podem transviar-se no meio das forças que procuram conquistar e dos elementos que aspiram governar.

Acima, porém, de tudo, é preciso amar, porque sem o amor, a vontade e a ciência seriam incompletas e muitas vezes estéreis. O amor ilumina-as, fecunda-as, centuplica-lhes os recursos. Não se trata aqui do amor que contempla sem agir, mas do que se aplica a espalhar o bem e a verdade pelo mundo. A vida terrestre é um conflito entre as forças do mal e do bem. O dever de toda a alma viril é tomar parte no combate, trazer-lhe todos os seus impulsos, todos os seus meios de acção, lutar pelos outros, por todos aqueles que se agitam ainda na via escura.

O uso mais nobre que se pode fazer das faculdades é trabalhar por engrandecer, desenvolver no sentido do belo e do bem, a civilização, a sociedade humana, que tem as suas chagas e fealdades sem dúvida, mas que é rica de esperanças e magníficas promessas; essas promessas transformar-se-ão em realidade vivaz no dia em que a humanidade tiver aprendido a comungar, pelo pensamento e pelo coração, com o foco de amor, que é o esplendor de Deus.

Amemos pois com todo o poder do nosso coração; amemos até ao sacrifício, como o Cristo amou a humanidade, e todos aqueles que nos rodeiam receberão a nossa influência, sentir-se-ão nascer para nova vida.

Porém, sòmente Deus é o amor na sua plenitude; é o braseiro ardente, e, ao mesmo tempo, o abismo de pensamento e luz, de onde dimanam e para quem ascendem eternamente os quentes eflúvios de todos os astros, as ternuras apaixonadas de todos os corações de homens. Deus chama e gera o amor, porque é a beleza infinita, perfeita e é propriedade da beleza provocar o amor.

Para se chegar à perfeição, é

mister elevarmo-nos até ao Ser Divino, esse amigo sublime que existe em nós próprios, e está dentro de casa um de nós. Porque Deus existe no íntimo de cada um, mas poucos sabem encontrá-lo.

A Consciência infinita de Deus está em contacto com as nossas consciências infinitesimais, assim a sua Consciência omnisciente e omnipresente colhe e aceita as impressões de cada um dos átomos que nós somos em comparação com ele. «*Os próprios cabelos da nossa cabeça estão contados*», disse o Cristo.

Por muito mesquinhos, por muito pequenos e incompletamente desenvolvidos que sejamos, se tivermos um dia, como um relâmpago, a visão do Sacrifício Divino, na Redenção Sublime, logo na alma se nos acende a chama do sacrifício. Nós desejamos também que a nossa voz seja o éco dessa grande Voz do Amor, sonhamos participar dessa imensa obra de salvação e ofertarmos inteiramente o corpo, a alma e inteligência, ao serviço do Divino Mestre.

A ideia de Deus, a Verdade, a Beleza e a Bondade infinitas revelam-se no homem consciente com um poder redentor que ressalta até às profundezas do céu pela força do amor e do sacrifício.

Impõe-se, pois, ao homem glorificar e honrar Deus, cumprindo as suas Leis Divinas, Leis do Amor.

Deus bom, Deus de caridade, de piedade e de justiça, pastor dos homens e das estrelas, a sua religião é a religião da luz.

Deus vê sempre o que nós fazemos, ouve sempre o que nós dizemos, sabe sempre o que pensamos: está fora de nós e em toda a parte; e, portanto, se só isto reflectirmos, não fazemos, nem dizemos, nem pensaremos coisa alguma que lhe desagrade, e combataremos sempre com valor contra o que lhe é desagradável.

Lembremo-nos, pois, que Ele está presente, e envergonhemo-nos de fazer diante d'Ele o que não faríamos diante de alguém. Respeitemos a sua divina presença.

Louvemos e glorifiquemos, pois, a Deus, cumprindo as suas Leis Divinas, Leis do Amor, e rezemos-lhe. E com fé e gratidão por nos ter criado.

Como se poderá definir a prece ? A prece é o esforço do homem para chegar até Deus, para se pôr em comunhão com esse Ser invisível, criador de todas as coisas, suprema sabedoria, força, beleza, bondade, verdade, pai e redentor de toda a humanidade.

Sabemos que toda a vez que nos dirigimos a Deus, melhoramos de corpo e alma. Não é possível que nenhum homem ou mulher reze, um momento que seja, sem algum bom resultado. «*Ninguém mais rezou*, disse Emerson, *sem que houvesse aprendido alguma coisa*».

A prece pode ser feita em toda a parte: na rua, no «eléctrico», no escritório, na loja, na escola, tão bem quanto no retiro de um gabinete particular ou entre a multidão que enche uma igreja. Não há atitude religiosa, nem hora, nem lugar prescritos.

«*Pense em Deus muitas vezes mais do que respira*», disse Epictitus, o Estóico.

Para imprimir à personalidade o seu verdadeiro modelo, deve a prece tornar-se um hábito. Não tem sentido orar-se pela manhã, e ser um bárbaro o resto do dia. A prece verdadeira é um modo de vida, como a vida, mantida em pureza, é literalmente um modo de prece.

O valor da prece está no pensamento e não nas palavras; as melhores preces são as do coração que não as dos lábios; finalmente, as que cada qual murmura de si mesmo, não as que se mandam dizer por dinheiro.

Orar é amar, e amor é orar !

Rezar de manhã, nas horas puras, rezar de noite, nas horas do mistério.

Há uma grande força na crença, e o essencial é crer.

Devemos conhecer que tudo vem de Deus.

«*Quem vir que Deus é tudo e referir tudo a Deus, vendo Deus em tudo, não terá torturas, viverá com o coração na paz de Deus. Ó verdade que sois Deus, permiti que eu seja vosso por um eterno amor*». (Da *Imitação de Jesus-Cristo*).

O que domina o espírito de um crente, não são os dogmas, e sim o impulso da sua alma para o infinito.

Como é bela a crença religiosa que dá remédio aos sofrimentos ! Só ela pode dar coragem para viver e morrer, ela que transforma o pavor do mistério numa sublime atracção.

Devemos fazer o balanço diário da vida e, verificando que o dia foi limpo e de boas acções, dar graças a Deus e reconhecer que a vida é harmonia, quando regida pelas Leis Divinas.

É preciso ter sempre em vista as leis da harmonia.

O segredo da felicidade do homem, tanto no presente como no futuro, está nos seus bons pensamentos. Com bons pensamentos não pode haver más acções.

É indispensável ter-se boa disposição e só produzir pensamentos elevados e boas acções; e sobretudo, repelindo com toda a força de vontade, a acção nefasta dos sete vicios, designados no Cristianismo, pelos sete pecados mortais. Assim o exige a nossa felicidade e a daqueles que connosco vivem. «*É o que basta para ter a graça de Deus*», como diz S. Paulo na primeira epístola a Timóteo, I-5, II-5, e S. Tiago, II-27.

A fé é a condição essencial da vida é a arma mais bela e forte para desfazer a dúvida e para a conquista da vitória sobre si mesmo. A crença é a melhor terapêutica da alma.

Orar pela paz e pela harmonia da humanidade é o mesmo que levantar um pensamento muito emocional e ferveroso em favor da paz e da fraternidade.

A oração é potente, regeneradora e refrigerante, não só porque as vibrações da prece atingem o próprio Deus, mas porque se agitam em uníssono, reforçando, assim, as esferas astro-mentais, sobrepujando-se às variantes baixas e ordinárias.

A verdadeira prece é acompanhada de ideias de submissão, de deliberação e peregrinação interior, com intenção de reforma. A fé na evolução espiritual, a esperança na vitória do espírito, eis o sentimento religioso.

A igreja é um lugar de oração, onde o crente encontra, a todo o momento um canto tranquilo para se pôr em comunhão com a Divindade, para estabelecer convívio com os Santos a que venera; é um recinto recatado, onde à vontade possam correr as nossas lágrimas.

Sejamos bons, sejamos pacientes, sejamos leais, sejamos humildes, sejamos honestos, sejamos justos.

Eis, em síntese, a Lei, a grande Lei, aquilo em que se condensam as prescrições de todos os profetas, aquilo em que se resumem os preceitos aureos de todas as religiões.

Amemos a Deus. E este amor é adoração.

Amemos o nosso próximo. E

este amor é caridade, é altruísmo, é fraternidade, é compaixão, é perdão, é tolerância.

Amemos a natureza. E este amor é arte.

Amemos o conhecimento. E este amor é ciência.

Cuidemos do nosso corpo, aprimoremos o nosso carácter, espiritualizemos os nossos desejos, purifiquemos os nossos sentimentos, elevemos os nossos ideais, robusteçamos a nossa alma.

Raciocinemos, meditemos, oremos.

Amemos a Deus e ao próximo.

E sob estes ensinamentos religiosos, reunam-se todas as criaturas, sem distinção de espécie alguma. Ninguém poderá ser excluído.

Pobres e ricos, tristes e alegres, fortes ou aleijados, brancos ou pretos, feios ou belos, bons ou maus, todos terão que formar um só rebanho sob a direcção de um só pastor.

E quando o verdadeiro amor tiver borbulhado nos nossos corações, deslumbrantes de um albor até então desconhecido, raiará o dia de amanhã e surgirá para o planeta o reino da Fraternidade Universal!

Aqueles, a quem a sua tendência mística arrasta para as igrejas, se fora delas levam uma vida de moral sã, isenta de vícios e de paixões de qualquer espécie e fundada no bem, indo para a igreja com o pensamento só posto em Deus, está bem. Porém, fazendo como muitos, que fazem tudo quanto pedem cá fora, correndo depois para a igreja persuadidos de que lhes basta a absolvição do sacerdote para ficarem ilibados de todo o mal que praticaram com seus vícios e acções, enganam-se redondamente, nada lucrarão com as práticas religiosas (Vide, S. Paulo, I aos Carintios, IV-20, e V-11-19; e Efesos, V-5-6; I Timóteo, I-5, S. Tiago, II-14 a 26).

Esforcemo-nos por nos parecermos com Deus, obedecendo às suas leis morais de justiça, de verdade e de dever, e vivamos em paz com Deus e os homens, realizando o céu na terra.

A religião assim compreendida, possui um poder moderador incomparável porque explica os verdadeiros meios de evitar o mal e praticar o bem, numa palavra, de cumprir o seu dever. Assim, o seu papel é capital para estabelecer na ordem social a legitimada das hierarquias e da disciplina e para impor a necessidade das leis e suas sanções. As ideias capitais de família, de pátria e humanidade vão buscar à religião as suas origens reais, porque ela demonstra que, em cada um dos agrupamentos, o esforço deve ser combinado e harmónico, a fim de se atingir em comum a unidade original.

Porque as famílias sem religião vivem sem respeito, na discórdia e na imoralidade; criam gerações votadas à decadência e à desgraça. Pelo contrário, as famílias religiosas, como se observa no começo das grandes épocas da civilização, formam povos dotados duma vitalidade prodigiosa, de uma energia moral extraordinária.

A oração, com efeito, seria vã se a vida não fosse pura, se o corpo e o espírito não fossem postos em estado de vibração superior e de boa receptividade para a obra de sabedoria. Se não se está resolvido a viver segundo as Leis Divinas é inútil o rezar. O pedido não recebe resposta, se aquele que o faz é um indigno. Não é mais do que um apelo lançado no vácuo ou uma prática supersticiosa.

Convém, pois, orar com toda a nossa alma, com a clara noção da nossa pequenez da nossa humildade perante a Potência Divina com infinito reconhecimento pelos benefícios recebidos dia a dia e insuficientemente por nós reconhecidos, pelos sofrimentos suportados, visto que uns foram recompensas e outros avisos e meios de progresso, e porque ambos são manifestações da Ordem e do Amor divinos.

É necessário ainda orarmos do fundo do nosso coração, pedindo os favores divinos com o fim de os repartirmos com os nossos semelhantes e expulsar da nossa alma todo o germe de ódio, todo o fermento de rancor contra quem quer que seja. Nós recebemos, com efeito, não para acumular e ficarmos inactivos, mas sim para agirmos com energia, e transmitirmos com amor aos bons e esclarecermos os maus.

A oração só actua poderosamente quando é dita com profunda atenção. Vale mais rezar só dois minutos concentrando todas as suas forças espirituais, todas as suas aspirações vitais sobre a completa significação de cada palavra, do que balbuciar orações durante horas, com o espírito perdido no vácuo.

O valor da oração reside, pois, sobretudo no rigor do pensamento que a concebe e que a exprime. Quer isto dizer que as fórmulas de orações perdem todas as suas virtudes, se nos contentarmos como pronunciá-las como mero e simples conjunto de palavras.

Por outro lado, a oração só é eficaz, se é paciente e repetida. A vontade de Deus deve cumprir-se. Só Ele sabe se nós merecemos ser atendidos e quando devemos sê-lo, para estarmos aptos a beneficiar dos Seus favores.

A oração não dá todos os seus frutos senão quando é praticada na passividade, no abandono total nos braços de Deus, com fé absoluta, com a crença de que mesmo o decaído nunca é abandonado por Deus, contanto que tenha decidido emendar-se e obedecer para o futuro às Leis Divinas e naturais. A oração consiste, pois, em praticarmos o nosso dever em todas as coisas, a invocarmos o apoio divino e mostrarmo-nos prontos a aceitar tudo com alegria e confiança.

Os melhores momentos para orar são de manhã e à noite. Logo ao acordar, devemos firmar as nossas resoluções, pensar no fim supremo da vida que se adivinha através da multiplicidade dos nossos deveres diários. Antes de adormecermos, convém agradecer a Deus o ter-nos ajudado a resistir às más solicitações do exterior e pedir-lhe o seu auxílio para os melhoramentos a realizar. É no isolamento, no recolhimento, no sossego e no silêncio que devemos efectuar a oração. É preciso auxiliá-la com uma emoção intensa que faça declarar-se em nós a emoção descida do influxo divino.

Mas quando diversos homens se agregam sob a direcção de um chefe espiritual, para desempenharem uma missão comum de beneficência ou de renovação, a oração dita em comum em união mental, é a mais eficaz: «*porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome*, disse o Cristo, *eu aí estou no meio deles*».

Pode-se orar em toda a parte, porque Deus está em nós e por toda a parte em volta de nós, mas o recolhimento de um templo consagrado ajuda a intensidade e ao alcance da oração. Além disso é necessário dirigirmo-nos a Deus não só com o espírito, mas também pronunciando a nossa oração. As vibrações verbais transformam de alguma fórma os pensamentos em actos. Aumentam a sua força

de emanação e o seu poder de realização.

Enfim, não só é preciso orar de manhã e à noite, mas é necessário também elevar os nossos pensamentos para Deus no princípio de qualquer trabalho importante, de maneira a nada produzirmos de fictício, de irreal, ou de erróneo.

Não podemos fazer obra de criação útil, verdadeira e benéfica, senão conservando sempre presente no espírito os pensamentos de progresso, de perfeição e de dever a cumprir e ligando à sua origem divina o esforço que empreendemos. Tudo então se torna oração e momento de oração latente. As ocupações manuais, a alimentação, o movimento, os trabalhos intelectuais, as criações artísticas, são conduzidos com fervor e perfeição, e a vida torna-se uma alegria perpétua. Toda a obra humana concebida sem oração e sem a ideia de Deus, está inquinada de erros e não pode resistir à acção do tempo. Sòmente as criações humanas que levam o sinal da fé em Deus e com o apoio do Alto, podem chegar a obras primas, benéficas e imortais.

Porque a indiferença religiosa, a ausência do espírito religioso conduzem ao mais moro pessímismo e como consequência, ao egoísmo pessoal. «Depois de mim o dilúvio!».

Mas o que se deve entender por espírito religioso ?

Religião é toda e qualquer doutrina filosófica, que eleva um povo à perfectibilidade moral; e Religião, hoje, é sinónimo de bons costumes, e baseia-se na consciência sem mancha, e metade da Religião é ter a consciência limpa, e homem religioso é aquele que procura ler e compreender os ensinamentos do Cristo expressos nos Evangelhos e seguir-lhe os exemplos na vida de relação com o próximo.

A Religião tem por base a humildade, e para bem compreender a Religião precisamos despojarmo-nos de todo o personalismo, do orgulho e da inveja para que possamos atingir aquele desideratum.

O orgulho e a inveja são factores de separativismo no seio das sociedades humanas. O orgulhoso julga-se sempre superior aos seus semelhantes; o invejoso não lhes reconhece o direito às mesmas graças que ele desfruta. Tais paixões más sòmente podem separar os homens, por conseguinte, ao passo que a humanidade, levando-nos a reconhecer nos outros as mesmas prorrogativas que desejamos para nós, induz-nos à fraternidade, à união, que é esse que consiste o objectivo da Religião.

A Religião, portanto, é a ver-

APOLOGIA DAS

Muitas vezes tenho pensado em escrever-lhe para exprimir a minha solidariedade com a sua dor, causada pela momentânea separação da sua querida esposa e nossa estimada irmã. Desejava vivamente exprimir-lhe o meu sentir profundo, humano e fraternal. Mas o tempo corre, devorado pelas ocupações diárias... Perdôe-me esta demora.

A libertação da alma da sua querida esposa, companheira e irmã que em vida se chamava D. Maria Gonçalves Duarte Santos, terá deixado, certamente, no seu espírito esse vazio que ela soube encher, com a sua bondade, com o seu consolo, com o seu amor fraternal. Inquebrantável fé na sobrevivência da personalidade humana. Apesar disto, estou convencido de que, quando dois seres se unem na vida terrestre, — ou talvez venham actuando juntos através de muitas gerações — formam esse laço sacrossanto das «almas-gémeas»; e assim, as suas mútuas vibrações psíquicas contribuem para a expansão da harmonia, de que fazem parte os que reunem condições para captá-la e compreendê-la.

Li as mensagens que a sua doce Maria lhe transmite mediunicamente. Encanta, sobretudo, esse estilo tão preciso, tão claro, tão convincente. Cada palavra constitui uma afirmação idealista e de convicção espirita. Quanta alegria não terá sua esposa ao poder acalentá-lo e acalentar os que na Terra se debatem num clima moral asfixiante ! Ditosos os que souberam cumprir o seu dever num mundo, num planeta como este, em que é delito punível ser irmão do nosso semelhante, difundir a paz, estender a mão ao desgraçado, praticar de alguma forma o amai-vos uns aos outros»!

E quando as vozes e os conselhos de nossos íntimos encontram eco em nossos ouvidos, corroborando mais uma vez a sobrevivência do espírito, devemos sentir-nos reconfortados, nós, os que sofremos no meio de tanta incerteza mundial, enquanto o ódio dos terrenos se estende e converte em perigosa ameaça. O alento de sua «alma-gémea» — permita-me, irmão e amigo, que faça uso desta bela expressão — dos espaços siderais; essa afirmação categórica: «Isidoro querido, a vida é assim. Mistérios e Sombras», constitui um presente do Criador.

Mistérios, sim, e sombras: o nosso «ontem» fala eloquentemente através de nós próprios. «Hoje» estamos a preparar o «amanhã». Somos artífices do nosso futuro.

Seja-me permitido dizer-lhe, meu querido amigo, que

ALMAS GÉMEAS

Por TITO L. BANCÉSCU

você deve considerar-se o homem mais feliz da Terra e também o mais rico de capital moral: teve uma esposa dinâmica e bondosa que infundiu valor à vida, ao lar, ao consorte, a seus filhos. Foi a encarnação da concórdia, a capitalista, a milionária moral e espiritual, a única riqueza que existe no mundo onde ela se encontra. Se não possuísse tão grande riqueza, não poderia, certamente, logo a seguir à desencarnação, distribuir consolação aos familiares, aos amigos e aos irmãos. Enquanto este espírito evolucionado recupera a lucidez pouco tempo depois de abandonar a vestimenta material, outros abundam, que no planeta foram milionários em dinheiro e se manifestam pelos médiuns, dizendo que não têm luz e são desgraçados mendicantes.

Como não havemos de sentir-nos felizes ao ler as magníficas páginas da nossa irmã Maria Gonçalves Duarte Santos, a sua Lia, cujos vibrantes conceitos são o melhor testemunho de que devemos imitar o seu exemplo, seguir impreterivelmente na senda empreendida, cultivando os princípios éticos e morais da nossa belíssima doutrina! É a voz do amor autêntico que, através das PÁGINAS DE SAUDADE, estimula os que ficam no seu lar, para saldar velhas dívidas...

E essas dívidas são mais fáceis de saldar, quando, como no seu caso, meu bom irmão, se tem a felicidade de contar com colaboradores tão eficientes, como foi a sua distinta esposa, na condição de «alma-gémea». Do infinito, ela lhe transmite coragem directamente, assim como, de forma indirecta, a todos os que nos sentimos mancomunados na causa comum de luta e elevação. Pode você, irmão, ter a certeza de que essa separação transitória é valiosíssimo contributo, injecção fortificante, para que nem você, nem a sua querida filha, nem nós próprios fraquejemos na jornada de projecções doutrinárias. Cumpramo-la fielmente, sem desfalecimentos, sobretudo quando cada um de nós estiver vinculado à sua «alma-gémea», neste ou no outro mundo. Rogo-lhe transmita as minhas saudações a sua estimada esposa, na convicção de que ela será, como tem sido sempre, a melhor colaboradora do jornalismo espirita, destinado a difundir o nosso ideal para emancipação das almas e do género humano. E você, meu bom amigo, receba um forte abraço cordial com fraternos cumprimentos a sua querida filha, deste seu admirador e irmão incondicional.

Rosário, Setembro, 1950.

«Bemaventurado aquele a quem a Verdade, por si mesma ensina, não por figuras e vozes que passam, mas como em si é. A nossa opinião e os nossos juizos muitas vezes nos enganam e pouco alcançam. De que serve a subtil especulação sobre questões misteriosas e obscuras, de cuja ignorância não seremos julgados? Grande loucura é descurarmos as coisas úteis e necessárias, entregando-nos, com avidez, às curiosas e nocivas. *Temos olhos para não ver*».

Toda a ideia sectarista é contrária a uma elevada directriz do sentimento religioso. Eis porque só se pode admitir consciência religiosa emancipada de todo o partidarismo que desune, ao passo que a Religião tende sempre a unir, segundo aquele eterno princípio de amor enunciado por Cristo: «*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*».

Com a evolução e o progresso dos nossos espíritos, o conceito de religião modificou-se fundamentalmente, e, hoje, graças ao Espiritualismo, podemos reconhecer que inútil e vão é todo o aparato do culto externo, perdidas como foram as expressões simbólicas da liturgia e obscurecido o seu significado primitivo, ou esotérico.

A Religião abandonou os templos e veio para as claridades quotidianas da actividade social, cumprir a profecia do Nazareno, no diálogo com a Samaritana, junto do poço de Jacob: «*Mulher, crê-me que a hora vem, quando neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai... porém em espírito e verdade*».

Sublime inspiração reveladora da verdadeira natureza espiritual do Criador, e, simultâneamente, do verdadeiro sentimento religioso, completamente desprendido de formas e ritos, convenções e seitas, para afirmar-se como amor, nas suas mais alcandoradas manifestações de caridade, de abnegação, de humildade, de sacrfício pelo bem do próximo, como Jesus o exemplificou.

É assim o sentimento religioso, a que servem de amparo aos estudos que empreendemos, para melhor discernirmos isto das coisas santas; jámais, porém, lograrão esses estudos, só por si, dar-nos aquele sentimento, pois que ele é amor — e o amor não é fruto da inteligência — mas da consciência... a Caridade, porque *Deus charitas est*.

dadeira ciência, a verdadeira filosofia, pois que nos leva ao conhecimento dessa realidade espiritual que dimana de Deus e que é a causa eficiente de tudo o que existe.

E diz-nos a «*Imitação de Cristo*»:

Os Mortos Governam os Vivos

por LEOPOLDO MACHADO

Nada existe de grande e de belo à face da Terra e adentro das civilizações e dos povos que não seja obra do Espiritualismo.

Todas as grandes civilizações orientais e ocidentais tiveram seus pitões e magos, suas hegérias e videntes, seus iniciados e iluminados, seus profetas e médiuns, criaturas intermediárias entre o Céu e a Terra, entre os Espíritos e os homens, entre os dois mundos. Por essas criaturas privilegiadas os *mortos* têm revelado aos *vivos* as grandezas e as belezas da Vida.

Até nas ciências negativas, os *sujets* e metérgicos não têm outras finalidades, digam o que disserem os cientistas e sábios materialistas.

É fácil de prová-lo. E vale até a pena a sua demonstração clara e indiscutível.

Vamos às provas, a partir do campo religioso.

O povo hebreu, incontestàvelmente, o primeiro grande povo monoteísta do passado, foi, indiscutìvelmente, um povo de profetas e videntes, de *médiuns* e de metérgicos.

Sua história é a maior história dos médiuns e profetas da antiguidade; é a história do povo em cujos actos houve mais interferências de Espíritos.

Deixando de lado a parte lendária de sua história, vamos ver Jeová aparecendo em espírito a Abraão na cidade de Ur, dizendo-lhe: «Far-te-ei uma grande nação». Depois, promete-lhe terras e filhos, «uma descendência tão numerosa como as estrelas do Céu». E, em atenção ao pedido do patriarca, poupará os justos de Sodoma e Gomorra. Experimenta a fé de Seu escolhido, mandando-lhe sacrificar o filho Isaac. Um anjo aparece, entretanto, a Abraão, no momento em que ia desferir o golpe mortal...

Seu filho, Ismael, nasce da escrava egípcia Agar, em pleno deserto, por interferência de um anjo — espírito puro — que ordena à escrava volte ao domínio de Sara, a sua senhora, prometendo que multiplicará a descendência do filho. Os ismaelitas ou árabes, descendência de Ismael, marcaram, realmente, a maior civilização moderna, depois da civilização cristã, se é que não a excederam em muitos pontos...

Vem Jacó, neto de Abraão, que chega a lutar, fisicamente, com um Espírito, vencendo-o, a despeito de julgá-lo o próprio Jeová. Daí, seu nome mudado para Israel: que significa «o que luta com Deus». Lição magnífica para muitas espiritualistas, que pensam que só pelo facto de se ser espírito, se pode tudo, se sabe tudo e se está com toda a verdade. A Escada de Jacó, eis outra figura mediúnica que comporta várias interpretações, sendo para nós as mais belas: a pluralidade de mundos habitados e de vidas por que teremos de passar, subindo e descendo, até chegarmos a Deus.

O povo de Israel, que chegou até nossos dias, perseverantemente, deve a sua formação a manifestações mediúnicas.

José é outro médium extraordinário. Suas faculdades oníricas são extraordinárias. A elas deve ter escapado, gloriosamente, a cilada que lhe armou, caluniosamente, a mulher de Putifar.

O povo hebreu, depois de quatrocentos anos de cativeiro no Egipto, logra sua liberdade, graças à intervenção de Espíritos. Moisés, arrastado por pruridos regionais, mata um egípcio, que o surpreende a esbordoar um patrício e foge. Em pleno deserto, desabrocha-lhe, extraordinária, a vidência, a mediunidade, ouvindo em meio da sarsa ardente:

— Descalça as sandálias, que o lugar é sagrado.

É Jeová que lhe fala, dizendo que o escolherá para libertar o povo de Israel do cativeiro egípcio. Para tanto, dá-lhe autoridade e poderes espirituais extraordinários. Diante do Faraó, realiza Moisés prodígios. Alguns imitados por adivinhos, — outros médiuns de menos poderes, trabalhados por Espíritos imperfeitos.

À frente de seu povo liberto, entra no deserto até às terras do Sinai.

Aí, no monte Sinai, recebe as Tábuas da Lei, os Mandamentos da Lei de Deus, o De-

Os cépticos não acreditam...

COISAS ESPANTOSAS

Conservamos o título com que a Tribuna, de Santos, por intermédio do seu colaborador Leslie Taylor, publicou esta notícia.

Na companhia de sir Henry Lawrence, governador de Punjab, o sábio alemão, doutor Honigberger, quis comprovar — em 1853 — a verdade quanto à experiência de um «yogbi», hindu que estava disposto a enterrar-se vivo na presença de dois europeus. O «yogbi», chamado Haridas, barbeou-se antes de se acomodar no caixão «mortuário», que foi colocado numa redoma devidamente lacrada. Em seguida foi enterrado no jardim da residência do alemão. Este semeou trigo na sepultura e colocou um guarda no local da mesma.

40 dias depois, vendo que a terra não fora removida, o doutor abriu a sepultura e viu, com outras pessoas, que o lacre da redoma não fora violado. No féretro estava Haridas completamente imóvel, em estado cataléptico, de onde saiu lentamente, ao cabo de uma hora. O rosto tinha outra feição, prova de que conseguira suspender completamente as funções vitais do corpo durante aquele período de tempo, sem que o sábio alemão conseguisse descobrir-lhe o segredo.

CHUVA DE PEDRAS

As 2,30 horas da madrugada do dia 4 de Setembro de 1886, centenas de pedras candentes caíram perto do edifício do diário News and Courier, *em Charleston, América do Norte. Os que ali estavam trataram de se pôr em fuga, julgando tratar-se de pilhéria de mau gosto. No dia seguinte comprovou-se que não havia tal coisa. Nova chuva de pedras candentes se repetiu no local, à vista de todos, pouco depois do meio-dia, num espaço de 30 metros quadrados. Segundo as declarações prestadas por testemunhas oculares, as pedras caíram directamente do céu, que naquele dia estava limpo. Não havia possibilidade de que uma ou várias pessoas as atirassem de qualquer esconderijo. As pedras, cujo tamanho variava entre um ovo e uma laranja, eram muito quentes.*

Por outro lado, não houve redemoinho ou outros fenómenos meteorológicos que sucedem na queda dos aerólitos. Segundo informações publicadas na imprensa de Charleston, não se observou luz ou ruído algum que geralmente se produzem nestes casos. A misteriosa chuva de pedras que duas vezes caiu no mesmo sítio, jamais pôde ser explicada satisfatòriamente, apesar das mais sérias investigações.

(De *A Centelha*, de S. Paulo)

cálogo, que é uma comunicação de Espíritos perfeitíssima, por que se orientam todas as religiões cristãs e israelitas, inclusive as que ensinam que *Spiritus qui vades non redit.*

Volta, sim, o Espírito que vai, para ensinar aos mortos na carne, em linguagem franca e clara, o sentido Espiritualista da Vida.

O Decálogo, o segundo grande chamamento de Deus a seus filhos, a fim de se prepararem para a felicidade, é a consolidação do Monoteísmo, é a sua Lei Escrita, que não foi, nem será revogada. O próprio Cristo, referindo-se a ele, disse:

— «Eu não vim revogar a Lei, mas dar-lhe cumprimento».

E por isso ele é o fundamento de todas as religiões e seitas inspiradas no Cristo e em Moisés. Fossem, portanto, israelitas e cristãos espiritualistas de verdade, integrados nos ensinamentos dos grandes e incomparáveis Missionários, as nações e os povos cristãos e judaicos não careceriam de outras leis e constituições, de outros Estatutos e Ordenanças para se governarem e viverem felizes...

Foi Moisés o maior vidente e profeta, médium ou metérgico do passado e do maior povo de profetas que já existiu no mundo.

Depois do Cristo, ninguém se esforçou mais — e até com desusada autoridade e rigores excessivos — para transmitir à humanidade o verdadeiro sentido espiritualista da Vida.

N/50

UMA FIGURA QUE PARTE

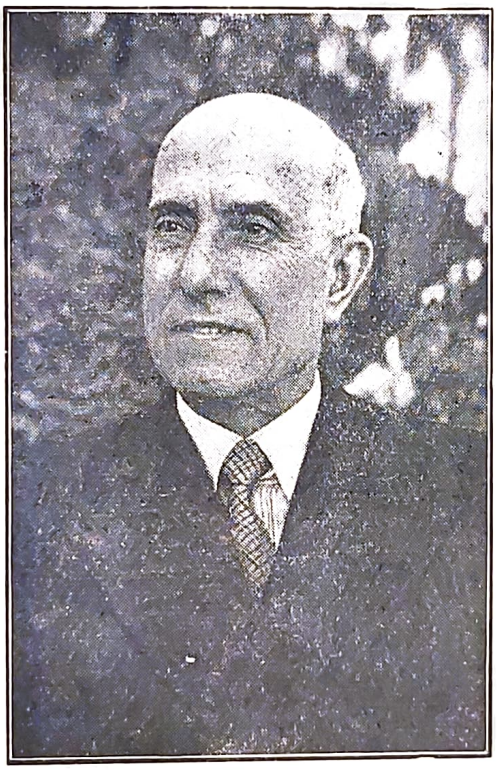
por ISIDORO DUARTE SANTOS

É com grande mágua que escrevemos estas linhas. Se não fosse o «dever de ofício», preferiríamos o recolhimento e a prece em homenagem à figura que acaba de abandonar a Terra e que durante muitos anos lutou tenazmente pelo prestígio da doutrina espirita.

Ainda não há um ano que *Estudos Psíquicos* sofreu rude golpe. Hoje, sofre outro. É a vida a manifestar-se, inexorável e eterna, através de mil cambiantes.

O Espírito de Faure da Rosa ascendeu aos páramos etéreos, desligando-se do corpo físico, ao qual esteve preso muitas dezenas de anos.

Foi no dia 8 de Novembro que nos transmitiram a notícia. Sabíamo-lo doente, mas longe estávamos de prever um desenlace tão prematuro. A última vez que lhe falámos tivemos a impressão de um ser alquebrado que se agarrava à vida, mais pela necessidade de auxiliar os outros do que pelo receio de enfrentar o desconhecido. Trabalhou muito pelo Espiritismo, respondeu a ataques, dirigiu publicações e foi presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa. Colaborou em todas as revistas portuguesas da especialidade e na *Região de Leiria*, onde por mais de dois anos manteve a secção «O Inverosímil... acreditável».



CORONEL FAURE DA ROSA

Estudos Psíquicos teve nele um grande amigo. Tão grande, que nunca deixou de aparecer em cada número, desde a fundação. Foi o maior exemplo de fidelidade a uma empresa espirita.

O Centro Espiritualista Luz e Amor sentiu igualmente o calor da sua amizade. Aqui proferiu dezenas de conferências, sempre ouvido com agrado e respeito.

O trabalho do Coronel Faure da Rosa caracterizava-se pela vulgarização das experiências de notáveis investigadores. Muito lido e senhor de vasta cultura, deixava sempre a marca erudita onde quer que aparecia, para ilustrar uma solenidade, para realizar uma conferência ou abrilhantar um serão cultural.

Houve uma altura em que ambos dirigimos a antiga *Revista de Espiritismo*. Ele em Lisboa e nós em Sagres, tivemos ensejo de nos conhecermos mùtuamente e cimentar os laços de amizade que nos uniram pela vida fora. Discutíamos problemas, tínhamos controvérsias, mas tudo resolvíamos com tolerância, porque a Causa assim o exigia. E deste modo nos mantivemos unidos perto de 20 anos, sem que a mínima núvém ensombrasse a nossa afinidade.

Traduziu uma obra de J. Lhomme, a que pôs o título de «O Além para todas as inteligências». É pena que não tivesse reunido em livro alguns interessantes escritos, como aqueles que publicou acerca de médiuns célebres. Seria um bom serviço prestado ao Espiritismo.

Ùltimamente dirigiu *O Mensageiro Espirita* e depois a *Revista de Metapsicologia*, orgão da Federação Espirita Portuguesa. Podemos dizer que tombou na *linha de fogo*.

Os derradeiros anos de vida terrena empregou-os em missão de concórdia. Só queria paz, harmonia e tranquilidade. Sempre que nos visitava, as suas palavras preconizavam a paz entre os homens e as agremiações espiritas.

Numa sessão tumultuosa do Conselho Superior Deliberativo da Federação, vimo-lo erguer as mãos ao céu, dizendo, por entre soluços e lágrimas pungentes:

N/50

SAUDADE

por YVONE DE SOUSA

A *Revista de Metapsicologia* anunciava no seu último número a mudança de residência do seu ilustre director para o bairro de Alvalade. Agora os seus colaboradores dolorosamente participam nova transferência da sua morada, desta vez para o País da Luz.

Dura lex, sed lex. Esta lógica é sempre vinculada pela dor, porque «quem parte leva saudades, quem fica saudades tem».

Serenamente, na madrugada de 8 de Novembro, abandonou este mundo de provação o Coronel Faure da Rosa, que não pôde resistir à doença que há cerca de um ano o minava. E, tristemente, na manhã do dia seguinte, manhã cinzenta, em que cada gota de chuva parecia uma lágrima vertida pela capital deste país aonde o Coronel Faure da Rosa tanto pugnara pela espiritualização deste povo, lá fomos, um pequeno grupo de amigos, que uma involuntária indiscrição minha permitira acompanhar os seus despojos mortais ao cemitério do Lumiar.

O seu funeral constituiu uma grande lição de desprendimento e desdém pelas vaidades terrenas.

Ordenara o Coronel Faure da Rosa esquife modesto, e que não participassem o seu passamento; que no seu funeral apenas se incorporassem duas pessoas de sua família, e três dos seus amigos íntimos e confrades: o Dr. Pedro Carreira de Sousa, o Tenente Isidoro Duarte Santos e eu. E embora adorasse as flores proibiu que lhas depusessem, assim como as tradicionais e mundanas coroas funebres, que tratassem a sua matéria como ela exigia e nada mais.

Perante tanta humildade, reveladora da elevação de um espírito que olha de muito alto as pequeninas coisas terrenas, retirou-se envergonhada a formosíssima palma de flores naturais que a Federação Espirita Portuguesa depusera no seu ataúde, num sentido preito de homenagem.

E assim foi a enterrar aquele corpo, complemento de um espírito que servira brilhantemente duas pátrias — a terrena e a espiritual — sem as pompas a que tinha jus a sua alta categoria de militar distinto, e a gratidão dos seus amigos e confrades, muitos dos quais a ele devem os conhecimentos da doutrina que agora os orienta na vida. Este supremo desdém pelas praxes que a nossa civilização estabeleceu para tais circunstâncias, demonstra a clara convicção que o Coronal Faure da Rosa possuía dos principios neo-espiritualistas. Abraçara-os quando o seu terno coração de pai sangrara pela perda de uma filha querida, e, desde então, tornava-se incansável investigador das Verdades Espiritualistas de Kardec.

Como Camões, honrou Portugal pela espada, pela pena e pela palavra. Bateu-se briosamente na campanha de Timor, em 1912, no cumprimento do seu dever profissional, e serviu na Índia e em Moçambique. No Es-

---

— Senhor! Senhor! Ilumina as consciências! Faze com que os homens se amem e respeitem o ideal que servem!

Era um grande admirador de Maria Gonçalves Duarte Santos, cuja cultura tanto o impressionava. Agora, ambos se encontram nas mesmas paragens. A primeira já deu provas do seu estado espiritual. O segundo dá-las-á quando puder.

O Centro Espiritualista Luz e Amor vai prestar a este grande obreiro a homenagem que lhe deve. No próximo dia 4 de Janeiro, aniversário da desencarnação de Maria Gonçalves Duarte Santos, inaugurará solenemente em suas salas o retrato do homem que tanto contribuiu para a consolidação deste baluarte. Reunirá no mesmo preito dois nomes que se equiparam em dedicação à Causa e que cairam de armas na mão no verdadeiro campo da luta.

★

A partida de Faure da Rosa deixou em aberto uma lacuna e não sabemos quem a preencherá. O Espiritismo em Portugal atravessa grave crise de unificação. Faure da Rosa era uma força polarizante, em torno da qual se congregavam vontades e dedicações. Sabia ligar, inspirava confiança. Era um elemento de projecção e união. Que farão os espiritas portugueses sem aquele trabalhador operoso?

Fazemos votos pelo apaziguamento das paixões que ameaçam entenebrecer o horizonte. E que o Espírito do nosso intemerato companheiro continui a auxiliar-nos do Além, logo que adquira a lucidez necessária.

piritismo, pela sua vasta cultura, também foi figura marcante e das maiores. A sua obra de espirita é por demais de todos conhecida, para que seja necessário recordá-la aqui, pois este grande defensor do Espiritismo só deixou o seu posto no próprio momento em que teve de partir para o Além. Pode dizer-se que lhe arrefeceu a mão quando ainda trabalhava para o último número da «Revista de Metapsicologia», a que se devotara inteiramente durante a sua doença que o forçara a abandonar a Direcção da Federação Espirita Portuguesa.

Amou fervorosamente o Ideal Espirita, e sofreu pela incompreensão dalguns confrades para quem teve sempre a máxima tolerância.

O seu idealismo fizera-o partidário do princípio da *não-violência,* porque o seu espírito ultrapassara o nosso século, tormentoso e bárbaro.

Esposo e pai amantíssimo, compreendendo a Unidade Divina e assim também amou os seus irmãos terrenos, e até os animais lhe mereceram grande carinho, pois igualmente lhes dedicou conferências e artigos, insurgindo-se sobretudo contra o cruel costume da vivisecção.

O Espiritismo perdeu um grande obreiro, e os seus amigos, um grande amigo. O Coronel Faure da Rosa pertencia aquela *élite* de velhos-novos da envergadura do Rei Gustavo V, cujo corpo também baixou ao túmulo no dia nove de Novembro, e de Bernard Schaw, que os precedeu de uma semana, e do nosso glorioso almirante Gago Coutinho, este felizmente ainda entre nós, juvenilmente trabalhando nos benefícios da Ciência.

A inconfundível personalidade do coronel Faure da Rosa deixou um rasto luminoso nos anais do Espiritismo não só pelo requinte das suas conferências e o sabor altamente doutrinário dos seus numerosíssimos artigos, como também pelo seu trato lhano e distinto. Polemista notável, vinculou o seu nome em duelos doutrinários que se tornaram célebres entre nós, como foram a defesa do Espiritismo perante os violentos ataques do escritor e conferencista belga Pierre Goemaere, do embaixador Duarte Leite através do *Primeiro de Janeiro,* e do Jornal *Novidades,* de Lisboa, que o cognominou de «Sumo Pontífice do Espiritismo Português».

Feminista convicto, tinha um grande culto pela Mulher, não à maneira dos poetas do romantismo, mas como pensador que vai além da nossa época e que vê na mulher um ser a quem Deus concedeu deveres e direitos inerentes a todo o Ego em evolução na terra, segundo a lei anímica-reencarnacionista.

Recordarei sempre com saudade o seu convivio de amigo sincero, dos raros, bem raros que tenho encontrado neste mundo de enganos. Doce saudade do amigo que partiu primeiro, terminada que foi a sua missão na terra.

A saudade é flor que nunca murcha, porque é verdadeira como a Vida. Contou-a o grande poeta Af. Lopes Vieira...

Esta palavra saudade
Aquele que a inventou
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou.

Que o Mestre envolva no seu Amor Divino aquele que na terra se chamou Faure da Rosa, e lhe permita ajudar-nos a pugnar pelo Ideal Espirita que ele tanto amou.

MARCO POSTAL

MANUEL COELHO CRUZ, *Salvador, Bahia.* — Recebemos a sua carta e muito agradecemos o seu interesse pelo livro «Luz no Caminho» e as palavras amigas que dedica à memória da fundadora desta obra. Os «ausentes» sentem e apreciam as vibrações de quem os lembra num pensamento amoroso ou de mera simpatia e sabem retribuir galhardamente em radiações benéficas. Continuemos, pois, a dar abraços fraternais a quem de nós se aproxima com desejos de comungar no mesmo sentimento regenerador, que a retribuição coroará a nossa obra afectiva.

★

MANUEL LUCAS GOULART, *Ponta Delgada* — Suas palavras animadoras vieram no momento próprio. Deus lhe pague a intenção e que o Alto lhe proporcione todos os meios de vencer na dura estrada da vida. Recebemos a importância da assinatura. Bem haja, amigo, e seja forte para suportar a adversidade, que outro mundo melhor nos espera.

★

ANTÓNIO MARIA DA SILVEIRA, *Lourenço Marques.* — Recebi a sua carta e a importância da assinatura relativa a 1950. Muito agradecido por tudo e que Deus se amerceie de nós todos.

N/50

DORMIR... SONHAR

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

I

DEMÓCRITO — 460 anos antes de Cristo — dizia que o sono era causado por um certo número de átomos que se desprendiam. Quando esse número fosse muito grande, o desprendimento de átomos produzia um estado semelhante à morte. Se todos os átomos se desprendessem, morríamos.

Em 1931, o Dr. Lhermite publicou um livro em que apresenta a teoria de o sono ser devido à *hipnotoxina*, toxina que seria o veneno do sono produzido durante o vigilia. Não diz, porém, o doutor como é que actua esse veneno, como, de resto, nenhum cientista explica porque é que os narcóticos fazem dormir o corpo físico e conservam desperto o corpo espiritual, por vezes, a maior parte das vezes até, muito mais fulgurante que no estado de vigilia. O Dr. Lhermite afirma ainda que os factos anatómico-clínicos demonstram que existe, realmente, na região base do terceiro ventrículo um ponto sensível do dispositivo regulador da função do sono. Não ficamos mais adiantados com esta explicação do que estavam os contemporâneos de Demócrito, 460 anos antes de Cristo.

A duração e a profundeza do sono é inversamente proporcional à idade: o recém-nascido dorme 21 a 22 horas em cada período de 24, e o velho dorme 4 a 6 horas.

Há grandes e pequenos dormidores como há grandes e pequenos comedores.

Entre os pequenos dormidores figura Edison que só dormia 3 horas em cada período de vinte e quatro.

É já muito conhecido o caso de Paul Kern que o *New-York*, de 16 de Janeiro de 1930, referiu. Este homem depois de ter sido atingido por uma bala na grande guerra de 1914-18, nunca mais dormiu. Apesar disso, faz a vida normal de qualquer outro homem sadio.

O Dr. Bret, que também entende que a *hipnotoxina* é o veneno do sono, não explica como é que ela deixa de exercer a sua acção soporífera no caso de Paul Kern. Limita-se a dizer que aquela vigilia permanente, depois dum traumatismo cerebral, deve aproximar-se da mediunidade de Tereza Neumann, a qual, como se sabe, sofre de insónias que duram desde sábado de manhã até à 6.ª-feira seguinte, mantendo-se em jejum permanente. Ficamos na mesma. Terminado o êxtase, Tereza fica muitas horas numa quietude como se o êxtase ainda durasse; depois tiram-lhe a roupa ensanguentada, enxugam-lhe o sangue e o suor, e dorme toda a noite como uma criança. Salvo este sono da 6.ª-feira, Tereza nunca dorme.

Esta comparação nada nos adianta porque Bret não dá explicação mais satisfatória da mediunidade de Tereza do que dera da insónia supranormal de Kern.

Para Freud — o grande psicanalista — todo o sonho é a realização dum desejo. O que enormemente choca, é ver o papel preponderante, para não dizer único, que Freud atribui à sexualidade humana. Para ele, quase todos os sonhos de adultos são originados pela sexualidade e exprimem desejos eróticos. Isto é rebaixar a humanidade aos instintos mais animalescos; é tão grande o exagero de Freud que até os materialistas estão em desacordo. Assim, a inteligência só serviria para o requinte sexual.

SONHAR

Nas suas longas noites de St.ª Helena, Napoleão I costumava recordar o sonho célebre do seu irmão mais novo, que mais tarde veio a ser o rei Luiz da Holanda.

Napoleão Bonaparte, em 1785, era simples 2.º tenente em um regimento de artilharia de guarnição em Valence. Este oficial corso era pobre, mas acreditava firmemente no seu futuro. Apesar das dificuldades financeiras com que lutava, Bonaparte, sem recear os novos encargos que ia contrair, chamou para junto de si seu irmão Luís, o mais novo do rancho, que então tinha nove anos, para cuidar da sua educação.

Os dois irmãos ocupavam dois quartos, cada um em seu pavimento, precisamente um por cima do outro. Logo ao amanhecer o oficial de artilharia, Napoleão, acordava o irmão batendo com um pau no tecto do quarto. Luís obedecia sempre da melhor vontade. Mas um dia foi preciso que Napoleão o fizesse sair da cama. A cara de Luís estava tão transtornada que Napoleão não teve coragem de lhe ralhar.

— Estás doente? — perguntou-lhe.

— Oh! estava a sonhar um sonho lindo! Porque o vieste interromper?

— Que sonhavas tu? — perguntou Napoleão a rir.

— Sonhava que era rei.

— E de mim não sonhaste nada?

— Sim; tu eras... imperador.

O moço oficial de artilharia encolheu os ombros, ao mesmo tempo que um clarão lhe perpassou pelo olhar.

— Bom; basta de tolices. Vamos à tua lição que já estás atrasado.

No final da sua prodigiosa carreira, o imperador também teve, por sua vez, um sonho profético. Em 17 de Junho de 1815, viu por duas vezes, dois exércitos avançarem um contra o outro em ordem de batalha. Ele hesitava acerca da conduta a adoptar, quando viu um enorme gato preto correr dum para outro exército e introduzir o pânico no segundo corpo de tropas.

Em 18 de Junho de 1815, dia seguinte ao do sonho, dava-se a batalha de Waterloo... Outro sonho premonitório, pouco conhecido:

No começo do ano de 1793, a rainha Maria Antonieta estava presa na Conciergérie, incomunicável. Na noite de 20 para 21 de Janeiro do mesmo ano, Maria Antonieta viu, em sonho, um sol escarlate erguer-se por cima duma coluna cujo capitel caiu quase em acto contínuo.

Em 21 de Janeiro de 1793, Luís XVI foi decapitado.

No livro «Reminiscências do Tenente-Coronel Tren», conta o autor que, durante a campanha do sudoeste africano, certa manhã, estava o general Smuts com um filho de 16 anos, a cavalo, observando um grupo de revoltosos que galopava a distância, quando, a galope também, se aproximou do general um homem escuro e alto, tendo atado no braço o lenço que, em tais pelejas, costumavam usar as tropas do Governo.

O homem entabulou conversação com o general Smuts e, repentinamente, sacou dum revólver e fez pontaria ao general. Em acto contínuo, o jovem Smuts, que estava atrás do pai, puxou o gatilho da carabina que trazia sobre os joelhos, e atravessou o homem com uma bala.

O rapaz suspeitara das intenções do cavaleiro desde que ele se apresentara, e, por isso, não o tinha perdido de vista. A bala do assaltante apenas furou o casaco de Smuts, debaixo do braço.

Dias depois, o general Smuts relatou esta ocorrência ao general Botha que lhe fez ver a imprudência de se deixar acompanhar por um rapaz tão jovem e delicado.

Smuts replicou que fora sua mulher quem insistira para que ele levasse o filho em sua companhia, dizendo-lhe que vira o rapaz em sonho salvando a vida do pai.

SONHOS PREMONITÓRIOS

Um caso contado por escrito ao professor Dr. Hyslop, caso rigorosamente documentado: «Em 14 de Agosto de 1935 tive um sonho extremamente vivaz que dizia respeito a um dos meus sobrinhos com 6 anos de idade. Durante esse sonho, vi que o retiravam debaixo das rodas dum veículo, cuja natureza eu não podia precisar. A pessoa que socorrera o pequeno e dava informações do desastre, ficara muito maltratada, embora as feridas não parecessem de perigo de morte. O sonho impressionou-me tanto que o contei imediatamente a minha irmã e a uma das minhas sobrinhas às quais recomendei que vigiassem atentamente o seu irmãozinho, porque a passagem frequente de automóveis pela rua onde residiam, constituia um perigo sério. Decorridos dois dias, estando eu em casa de minha irmã mais velha, que é a mãe do rapazinho, acudiu-me tão vivamente a lembrança do sonho que de novo insisti nos cuidados a ter e mais uma vez recomendei que não consentissem que a criança brincasse na rua.

Cerca de duas semanas mais tarde, minha irmã comprou uma pequena carruagem. Uns dez dias depois, quando regressava a casa com a família, terminado o passeio de carro pelas imediações, o meu sobrinhito, rolando do interior da carruagem para o estribo, foi cair junto duma das rodas de trás que lhe passou por cima do corpo e de que resultou fractura da perna, muito perto do fémur. Os médicos declararam que se a roda tivesse passado uma polegada mais acima, a criança teria morrido logo...

Este caso, como tantos outros, não pode ser explicado pela hipótese do subconsciente origem de *todas* as premonições, como pretendem os sábios. Para o *eu* subconsciente não podem existir *proibições superiores* que impeçam de salvar da morte ou dum acidente a pessoa designada, revelando-lhe o que soube.

E a não querer aceitar a hipótese *fatalista*, terão que admitir ou a *reencarnacionista* ou a *pré-natal*.

VALIANTINE E MARGERY

Correspondência cruzada entre a Europa e a América

Por PASCAL FORTHUNY

Em Dezembro de 1928, o Dr. Piero Bon, de Veneza, e o Dr. L. R. G. Crandon, de Boston, concordaram em que, na primeira ocasião favorável, fariam uma experiência de «correspondência cruzada» entre a Itália e a América.

Esta experiência requeria que o Dr. Bon tivesse um bom médium receptor à sua disposição. O médium escolhido foi George Valiantine que se encontrava em Veneza. Em 25 de Maio (de 1929), o Dr. Crandon foi advertido pelo telégrafo de que o Dr. Bon faria uma sessão naquela cidade em 27, às 21 horas (tempo italiano). O Dr. Crandon respondeu propondo-a para as 17 horas (tempo de Boston) que corresponde às 23 horas em Itália.

A SESSÃO EM VENEZA

Segundo o acordo, a sessão principiou a esta hora. A assistência era numerosa e Valiantine estava «em boa forma». Foram ouvidas vinte «vozes directas» diferentes. Particularmente manifestaram-se as entidades Iboney, Ko Kum, Blackfoot e Cristo d'Angelo e repentinamente de «Walter», irmão e guia usual de «Margery» (Sr.ª Crandon), de Boston. Walter reconheceu uma senhora presente — S.ª G. Hack — dizendo-lhe que estava contente por vê-la outra vez. (Ela tinha assistido, em 1925, em Boston, a várias sessões).

Naquele momento, Valiantine entrava em transe. Foi feito silêncio absoluto. As trombetas de alumínio, postas no meio do círculo magnético, ergueram-se e caíram. Depois colocaram-se atrás do médium. Um relógio luminoso levantou-se do soalho e esvoaçou pelo quarto como uma borboleta, parando diante de cada assistente. Eram então 23h,45. Em seguida, os ponteiros foram deslocados por mão invisível até marcarem 23h,15. Tudo isto era simples brincadeira do jovial Walter que disse estar tudo a correr bem e conversou um pouco com a Sr.ª Hack.

Valiantine sentiu muito frio. Pediu a luz vermelha e dirigiu-se a uma mezinha onde estavam papel e lápis. Colocou a cabeça entre as mãos, pediu a luz azul e escreveu depois numa folha de papel que passou ao Dr. Bon. Estavam escritos os algarismos «3. 5. 10» separados por um ponto. Acenderam a luz branca. Um relógio de igreja bateu meia-noite. As testemunhas assinaram o papel. Valiantine bebeu um pouco de vinho espumoso, pois estava algo fatigado ao despertar do transe. Escrevera os algarismos automàticamente, sem perceber o que significavam.

A SESSÃO EM BOSTON

Começou às 17h09 (hora americana), com a presença do Dr. Mark Richardson, Sr. Bligh Bond, Dr. Crandon e outros. Seguraram as mãos de «Margery», o médium, durante todo o tempo. Antes da sessão, o Sr. Bond destacou 9 folhas de um calendário, assinou-as nas costas, colocou-as num envelope que fechou com cera e meteu na algibeira do casaco. Não viu os números das folhas.

Margery entrou em transe às 17h,11. Walter (o guia) pediu ao Sr. Bond para não deixar ninguém ver as folhas antes das 21 horas. Depois conversou um pouco com os assistentes e deixou-os para ir a Veneza. Regressando poucos minutos depois, disse:

— Não percebo nada do que estão falando lá. Está um calor infernal.

(Aquela noite, em Veneza, esteve, de facto, excessivamente quente).

Às 17h,15 pediu ao Sr. Bond para escolher uma das folhas e colocá-la na mesa, no meio do circuito magnético. O envelope foi aberto no escuro e o Sr. Bond obedeceu à instrução. À 17h,19 Walter solicitou que tirassem segunda folha do envelope e a depusessem na mesa, enquanto retiravam a primeira. Às 17h,22, foi dada ordem de retirar a segunda. As duas folhas foram metidas num bolso diferente do que continha o envelope com as restantes folhas. Walter avisou que uma folha caira no sobrado; o Sr. Bond procurou-a, não a encontrando. Então depôs uma 3.ª folha na mesa, deixou-a aí um momento e, em seguida, colocou-a com as duas primeiras, no bolso.

Nesta ocasião, o espírito-guia informou que John Richardson, filho do doutor presente e já desencarnado, se encontrava na sessão de Itália para facilitar o sucesso da experiência. Sentiram-se brisas fortes e Walter profetizou:

— Uma das maiores descobertas do homem será, brevemente, a produção de luz fria que economizará muita da energia dispendida com a luz quente.

Partiu em seguida, por meia hora.

Ao fechar a sessão, Margery tomou um lápis e escreveu: — «Sessão em Veneza. Muita conversa, nenhum silêncio. Julgo que estão lendo o Pregador de Deus. Todos estão calmos, com excepção do Dr. Bon. Bons pensamentos, mas não compreendo. Feito silêncio, Valiantine entra em transe. Escreve «3. 5. 10». Tudo acabou. Comem e bebem. Valiantine está-se reanimando. Volta a si — W. S. S.».

A sessão de Boston terminou então. Depois o Sr. Bond mostrou as folhas. Marcavam as datas: domingo, 5 de Maio; sexta-feira, 3 de Maio; sexta-feira, 10 de Maio (1929).

O Dr. Piero Bon, depois de descrever esta sessão e outra da mesma espécie, escreveu em «Luce e Ombra»: — «O valor destas experiências consiste no seguinte: demonstram a colaboração efectiva do outro mundo com o nosso, e a intervenção activa dos que «passaram» e que estão ansiosos por trabalhar de forma a tornar evidente esta Verdade, que tem até agora despertado a atenção de bem poucas pessoas na terra. É muito satisfatório ter obtido os resultados Veneza-Boston, eliminando qualquer hipótese de animismo, sugestão, telepatia ou do subconsciente. Os nossos amigos de Boston, guiados por Walter, conduziram a experiência de modo tão rigoroso que afastam qualquer dúvida da sua probidade. Todo aquele que gostasse de sugerir a possibilidade

FINADOS

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Como todos os anos tem sido feito, grande parte do mundo espiritualista prestou homenagem aos seus mortos na semana que hoje finda, enfeitando os seus túmulos com variadas flores.

Tudo isto é muito significativo è digno de nosso maior respeito. Apenas lamentamos que muitos dos que tão bondosamente acorreram a levar, nestes dias, tão lindas flores a enfeitar a campa fria de alguns dos seus entes queridos, não tivessem tido a lembrança de, enquanto eles viveram ao seu lado, nesta vida, lhes ofertar, ao menos, um simples «bouquet», ou coisa relativa, em sinal de gratidão pelo muito que por nós fizeram. Porque existem espíritos encarnados cujos lares são frios e sombrios por lhes faltar o sol do amor que dá vida e alegria. E este amor se desenvolve e mantém, destas coisas que parecem nada; mas que, no fundo, são tudo. Precisamos de cultivar a memória de nossos queridos mortos, se assim me posso expressar; mas, acima de tudo, é preciso não esquecer que esse amor que lhes tributamos, deve ser cultivado enquanto vivos, tornando-nos mais tolerantes, amoráveis e justos com o nosso próximo. A vida prossegue sempre e o amor não deve ser cultivado em hora marcada, num determinado dia. Deve ser obra de todos os momentos. Todos os dias algo nasce e morre em cada um de nós. Em todos os dias algo finda e começa em nossa vida, devido às nossas caras ilusões que morrem e novas esperanças que nascem, graças a Deus. Por esta razão a doutrina espirita cristã nos encoraja e conforta, porque nos diz:

— Os mortos, pròpriamente, são todos aqueles que vivem sem consciência de seu estado. São todos aqueles que vivem no corpo, alheios à vida do espírito, que é o verdadeiro ser eterno.

Vivos estão todos aqueles que, convictos da vida espiritual, amam a vida e têm fé no seu destino.

Finalmente, os chamados mortos são invisíveis, mas não estão verdadeiramente ausentes. Sua presença se faz sentir para todos aqueles que, sem maiores perturbações e preconceitos, sabem compreender e sentir o que é a vida e o que é a morte.

de fraude teria de acusar um tal número de pessoas que, na verdade, a hipótese se torna absurda».

Podia o médium de Veneza enviar o seu pensamento a Boston e ler os 3 números das folhas ? É uma suposição que alguém pode fazer. O Dr. Bon replica-lhe então: — «Que uma parte do nosso espírito pode, em certas circunstâncias, destacar-se inconscientemente do nosso organismo, é uma hipótese absolutamente gratuita. Contradi-la a nossa consciência de ter preservado toda a integridade espiritual durante a sessão em Veneza. Mas se, apesar disso, fosse possível, não daria o fenómeno a prova mais segura da existência do espírito, e da sua independência do corpo físico ? E esta prova não seria a base mais sólida para sustentar a doutrina espiritualista»?

(R. P. traduziu)

A VOLTA

A Divindade atrai-nos poderosamente. Desfeita a ideia da morte que durante essa vida nos agrilhoou, pensamos no que será o fim dessa nova jornada. Voltaremos às plagas terrenas, num vaivém de resgate, ou seguiremos em linha recta para mundo mais elevado ? Oiço dizer que voltamos. Oiço dizer que a linha recta não existe na evolução. Mas a volta é feita em novo veículo. Do velho só resta vaga lembrança que se esbate paulatinamente.

Partir da terra é melhor do que voltar. Partir, é libertação; voltar, é prisão. Ninguém quer ser encarcerado.

Apesar disso, a permuta é constante. De onde vêm as almas que nos rodeiam, se já as conhecemos noutra parte, se foram nossos familiares e amigos? Devem vir da mesma região de onde viemos. Isto levanta um problema universal.

A ideia de voltar é grande preocupação. A memória nos diz o que fizemos e o que sofremos. Não é convidativo o regresso à carne. Por isso alguns reagem ao passar a fronteira.* Outras *vezes é a troca inexorável: a mãe ocupa o lugar do filho. A causa não a sabemos. O problema continua a prender-nos. Queremos resolvê-lo, mas a névoa adensa-se. A escuridão envolve-nos. Faltam termos à equação...

Há companheiros que não acreditam na volta. Acham-na incoerente e desnecessária. Chamam-lhe regresso inútil. Mas aí há vozes que nos impressionam. Há braços que nos solicitam. E nós voltamo-nos para lá... Habituámo-nos a esse pensamento. Não me admira que a volta seja o caminho natural. Acho-a mais lógica do que indicar espíritos novos para auxiliar a evolução terrena. Quem lá permaneceu, quem lá fez experiências, está mais apto a continuá-las. A volta deve estar na lei. As aparências militam a seu favor. Há ciclos históricos cujo progresso é semelhante. Aí e aqui. Devem ter sido orientados pelos mesmos seres em épocas diferentes.

(Do livro «Dois Mundos», que acaba de sair do prelo)

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM CASO DE PROTECÇÃO ESPIRITUAL

O doutor Delarrey enviou à revista belga *Spiritualisme Moderne* um interessante relato, no qual se mostra como procedeu um guia benévolo no intuito de proteger um médium contra a intervenção de um espírito atrasado. Eis o relato :

No fim de Junho de 1928, minha mulher estava no jardim a colher morangos e encontrava-se absolutamente só na propriedade com a nossa cadelita *Fox*, que brincava com bocados de madeira, levando-os aos pés da dona, para que esta os escondesse e lhos mandasse procurar.

Em certo momento, minha mulher ouviu um ruído semelhante ao de um punhado de saibro que lhe caísse aos pés e notou que não podia ser a cadela que tivesse esgravatado no chão. É verdade que não *viu* o saibro em *movimento; mas quando se produziu este fenómeno, a cadela calou-se medrosamente e chegou-se para a dona, deixou de brincar e pôs-se a resmungar, a mostrar os dentes e a erissar o pêlo.* Então, minha mulher disse em voz alta:

— Quem é que nos atirou o saibro ?

E a cadela acalmou-se e voltou a brincar.

Quando regressei a casa, propus a minha mulher uma sessão com a prancheta, a fim de conseguirmos qualquer explicação do facto. Quase imediatamente, obteve-se a seguinte frase:

— Hei-de vingar-me.

Não deu assinatura e foi impossível obter mais elementos de informação.

Mas na nossa próxima sessão semanal pedimos ao correspondente invisível que nos desse uma explicação do facto que nos espicaçava a curiosidade. Eis a resposta :

— É o vosso antigo vizinho L. (nome e sobrenome exactos), um pobre espirito inferior que muitas vezes procura fazer-vos mal ou, pelo menos, amedrontar-vos. Eu procurarei afastá-lo. O mais que podeis fazer é pedir por ele.

Havia mais de vinte anos que ele morrera. Fora sempre o que se pode chamar um desagradável e mau vizinho, intratável e orgulhoso, gritando por tudo e por nada e já nesse tempo tinha causado sérios desgostos aos meus sogros.

No fim desta sessão experimental, saí com dois amigos para os acompanhar até ao seu carro, no páteo, e conversei com eles uns escassos minutos. Quando voltei, fiquei estupefacto por encontrar minha mulher estendida e sem sentidos no soalho da sala de jantar, vítima de crise nervosa, voltando a cabeça para todos os lados e debatendo-se com braços e pernas, como para se defender de um agressor... invisível para mim, mas certamente visível para ela.

Nunca minha mulher tivera semelhante percalço. Compreendi logo que podia ser uma tentativa de «possessão» da parte de mau espírito, como aquele a que nos referíamos; e em vez de empregar tratamento médico, pus-me a pensar *intensamente* no nosso amigo invisível que nos deixara quinze ou vinte minutos antes. *Em menos de um minuto,* minha mulher veio a si e ajudei-a a levantar-se. Não se lembrava de nada. Só sentia mal-estar geral que uma boa noite dissipou por completo.

Na sessão seguinte o nosso espírito amigo deu-nos esta explicação:

«É o mesmo espírito que tentou amedrontar a senhora Delarrey e que a vossa cadelita *viu* há dias, no caso do saibro. Notou que eu estava ausente e que a mediunidade da senhora Delarrey era uma «porta aberta» a uma «tentativa»... Fez você muito bem em me chamar imediatamente. Recebi o seu S. O. S. e vim logo. De hoje em diante *tomarei mais precauções* para evitar-vos tais acidentes».

De facto, após esse dia, minha mulher nunca mais teve percalços deste género. É claro que os incrédulos que tenham conhecimento deste relato dirão que se trata de simples coincidência ou de qualquer crise epileptiforme devida ao exercício mediúnico e sobre isto construirão um edifício romanesco. Eu próprio, com o meu incorrigível cepticismo, poderia pensar o mesmo; mas a história tem continuação, um epílogo que me não deixa duvidar, como se alguém tivesse querido vencer a minha descrença.

Eis o que ocorreu alguns dias após os incidentes mencionados. Deviam ser duas horas da tarde. Estávamos sozinhos em casa, quando minha mulher, entretida nas lides da casa, passou em frente de uma janela do rés-do-chão e viu nìtidamente um homem vestido de operário ou jardineiro, sentado num banco de pedra, no jardim, à distância de quatro metros da janela. Naquele momento não prestou atenção ao caso, como se fosse uma coisa natural. Mas ainda não tinha dado dois passos, quando pensou de si para consigo: «Quem poderá ser? Agora não pode haver ninguém no jardim. Voltando-se e olhando com atenção para a janela não viu traços do homenzinho. Ela conservava bem vincados no espírito e na memória o aspecto e a atitude daquele indivíduo que estava sentado, de pernas cruzadas e o queixo apoiado na mão direita, olhando à sua volta...

A explicação do mistério tivemo-la nós na sessão a seguir àquela em que apresentámos a questão ao nosso amigo invisível, que nos respondeu:

«O homem que a senhora Delarrey viu é uma das minhas sentinelas. Tem a missão de me chamar, quando vir aproximar-se de vós esse antigo vizinho intratável. *Por si só, a minha sentinela* seria incapaz de o afastar».

A minha mulher tem percebido muitas vezes esta visão-relâmpago em diversos pontos da propriedade.

A sr.ª Delarrey é médium de apreciáveis faculdades. Um dos casos mais impressionantes que conhecemos é a «Reencarnação anunciada e controlada», que o Doutor Delarrey publicou na *Revue Spirite* e nós transcrevemos no nosso livro: «Pierino Gamba».

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

Acaba de chegar o *Reformador* de Setembro último, que insere o relatório da directoria da Federação Espirita Brasileira, relativo a 1949-50. Da sua atenta leitura ficou-nos a impressão de que esta veneranda colectividade vai em franco progresso, razão por que os seus corpos gerentes foram reeleitos por unanimidade.

Uma das coisas que mais nos impressionaram foi, sem dúvida, a que respeita ao Departamento Editorial, na Rua Figueira de Melo, 410, Rio de Janeiro, onde está projectada a «Cidade do Livro Espirita». Esse Departamento foi aumentado com mais quatro prédios, apresentando-se agora com perto de cem metros de frente e uma grande área que lhe permitirá acompanhar o seu crescente desenvolvimento. Eis alguns tópicos que extraímos do relatório::

«Todas as obras de Allan Kardec foram novamente revistas e esteriotipadas, de forma que possam ser impressas grandes edições, todas primando pela perfeição.

«O livro «Há Dois Mil Anos» já está traduzido em Buenos Aires.

«Já está terminada a tradução esperantista da obra «Há Dois Mil Anos», sob o título «Antau du Mil Jarob», feita pelo Prof. Dr. Porto Carreiro Neto.

«Em 10 de Julho foi criado o *Departamento de Assistência Social* e nomeado director o Dr. Artur Lins de Vasconcelos.

«Foi criado um serviço de costura.

«Foi mudada a biblioteca para o rés-do-chão. Actualmente, contém 10.000 volumes que podem ser procurados quase instantâneamente.

«Durante o último ano social foram impressas as seguintes obras:

De Allan Kardec ...	155.000 ex.
De Francisco Cândido Xavier	122.000 »
De vários autores	114.100 »
Folhetos	241.200 »

«Após o estudo das condições financeiras do *Reformador*, sempre em *deficit* desde a fundação, o seu Director-gerente conseguiu reduzir sensìvelmente aquele *deficit*, não para que a revista apresentasse lucros, mas para que pudesse aumentar ainda mais a tiragem, elevando-a, em Janeiro do corrente ano, a 20.000 exemplares».

«A Federação Espirita Brasileira aderiu ao movimento continental, ingressando na Federação Espirita Pan-americana.

«Foi adquirida mais uma impressora automática «Planeta»; tudo, porém, tem sido insuficiente: quanto mais aumentamos a nossa capacidade de produção, maior é a procura de obras espiritas, levando-nos a corroborar o que os católicos apregoam em livros e jornais: «O Espiritismo penetra em todos os lares brasileiros».

Damos esta notícia com grande alegria de alma. Apesar das dificuldades enormes do momento, há uma agremiação que cumpre à risca o seu programa e não olha a sacrifícios para difundir a luz espiritual.

O ESPIRITISMO NA AMÉRICA DO NORTE

A *Revista Espirita do Brasil* insere um relato circunstanciado da *Associação Nacional Espiritualista*, uma das mais antigas da América do Norte, fundada em Chicago no ano de 1893. Um dos seus fins principais é cooperar com todos os seus membros, desenvolver a educação, a ciência e a religião; estudar regularmente os fenómenos espiritas, bem como a parte filosófica e moral do Espiritismo, e prestar assistência jurídica aos adeptos da Doutrina.

The National Spiritualist é o orgão desta Associação e estabeleceu-se no Estado do Ilinois, onde se desenvolveu extraordinàriamente, chegando a ir aos tribunais de justiça para defender médiuns e assegurar a livre prática do Espiritismo. Esta revista começou a circular em 1919 e hoje encontra-se sob a direcção da senhora Verna K. Kuhlig, em Chicago, 15, Illinois, 756-E, Oakwood Road.

O *Liceu* é um dos seus mais importantes departamentos. Destina-se a instrução e educação e foi criado em 1897. Ali se ministram cursos bíblicos e a História do Espiritismo nos Estados Unidos. Adoptam-se hinos sacros e música variada na parte religiosa. Há um *Hinário* especialmente destinado às práticas religiosas, fazendo lembrar o protestantismo. Uma das particularidades mais admiráveis é a distribuição do trabalho e o espírito de ordem que preside a tudo. Os presidentes dos Centros (igrejas) são pastores (reverendos), com cursos especiais que incluem teologia, filosofia, exegese bíblica, etc. Sem este curso não podem ter o título de *reverendo*.

Eis os princípios fundamentais por que se rege a Associação:

a) O Espiritismo é Ciência, Filosofia e Religião.

b) Continuação da vida além da matéria, baseada nos factos, por meio da mediunidade.

c) Espirita (*spiritualist*, para os americanos) é aquele que crê na comunicação dos espíritos entre os dois mundos.

MANIFESTAÇÃO NUM CEMITÉRIO

La Revue Spirite relata o seguinte caso em seu número de Julho-Agosto:

«M. Prohon fez-nos chegar às mãos a seguinte narrativa:

«No dia 7 de Março último, quarta-feira, pelas 14,30, encontrava-me junto ao túmulo de um amigo muito querido (Fernand Balestin) em companhia da viúva, no Cemitério de Sous-le-Bois (Nord). Esta senhora falava comigo com grande emoção, o que era natural, pois havia apenas nove meses que seu marido desencarnara. Eu dizia-lhe que considerava um dever a manutenção daquele túmulo, convencido de que, se Balestin me pudesse agradecer, certamente o faria. Neste momento notei, a 22 metros do sítio onde nos encontrávamos e durante cerca de 5 a 6 segundos, um fenómeno que não mais esquecerei: três ramos de mimosa com flores azuis foram atirados a 1^{m},40 do ponto de partida, depois de terem sido erguidos a perto de 40 centímetros de altura.

«A projecção do primeiro ramo levou-me a pensar que talvez estivesse alguém escondido atrás de um túmulo que se elevava 30 centímetros do solo. Corri a este local e só vi os três ramos de mimosa, sem o mínimo vestígio de flores azuis.

«Devo precisar que Balestin era espirita e que falávamos muitas vezes da sobrevivência e da reencarnação. Nunca esquecerei este rápido fenómeno».

Notas & Comentários

A FRAUDE EM MAUS LENÇOIS

Após o espectaculoso embuste do médium londrino Harold Barnett, a que nos referimos no número de Setembro, os presidentes das maiores instituições espiritas inglesas, inclusive a Federação Espirita Internacional, declararam pùblicamente a necessidade de combater a fraude e punir os impostores, e de proteger os médiuns contra abusos e explorações. A declaração refere-se especialmente a fenómenos de materialização e voz directa, por serem os mais sujeitos à fraude.

«O FUTURO»

Mais uma revista espirita que surge na arena brasileira, mais uma barricada que se levanta a enfrentar o materialismo e os males do século. Com redacção no Rio de Janeiro, onde exercerá acção profícua, O Futuro *apresenta-se com magnífico aspecto gráfico e dirigido por um escol de óptimos trabalhadores que muito farão no sector confiado à sua guarda. São eles :* Director-proprietário — *Póvoa Santos;* Director-gerente — *Dr. Amadeu Santos;* Directores-comerciais — *António Ferraiuolo, Humberto Correia de Sá e João Scizínio Limimbau;* Redactores — *Abtal Loureiro e Samuel Linimbau;* Noticiaristas — *Enéas Dourado, Dulce Santos e Dulce de Fátima Oliveira.*

O seu primeiro número, de 32 páginas compactas, é dedicado à memória de Maria Gonçalves Duarte Santos, acerca da qual publicou alguns artigos, entre eles «Retalho de Lenda», que inserimos no número de Outubro, e uma mensagem inédita do livro «Páginas de Saudade», ditado do Além ao director de Estudos Psíquicos.

Da escolhida colaboração, salientamos alguns importantes trabalhos do nosso patrício e amigo Amadeu Santos, que se afirma excelente escritor, de que é lícito esperar os mais belos e oportunos trabalhos doutrinários.

António Ferraiuolo é nosso particular amigo, que muito apreciamos pela sua extraordinária actividade; e Abstal Loureiro foi director de Jornal Espirita, *do Rio de Janeiro, onde marcou bem a sua personalidade de jornalista ao serviço da mais humana das causas.*

Assim escudada, a nóvel revista singrará no mar inquieto da propaganda, firmando o rumo na descoberta de novos e mais dilatados horizontes.

Aos valentes lutadores, o abraço sincero e amigo de Estudos Psíquicos.

O SÉCULO DOS FENÓMENOS

Depois de Pierino Gamba, Gianella de Marco, Roberto Benzi, etc., apareceu outro «fenómeno». Trata-se da simpática Ana Maria Alberghetti, de 13 anos de idade e que há pouco chegou a Nova-York, a fim de se estrear no «Carnegie Hall». Nunca teve uma lição de música, mas cantou como profissional na passada temporada e foi considerada pela crítica «a maior voz dos últimos 20 anos».

Tudo leva a crer que estamos no limiar de nova Renascença. Pouco viverá quem não assistir ao clarear da aurora que se aproxima, na qual as ciências, as artes e a filosofia desempenharão grandes papeis e abrirão largos horizontes à humanidade ansiosa.

Espíritos de escol surgem aqui e ali a anunciar a transformação do mundo moral e espiritual. Outros virão a seu tempo, para que se não perca tudo no baixo império contemporâneo.

Estes fenómenos continuarão a surgir com regularidade para edificação de todos e só o Espiritismo poderá compreender e explicar o que a tantos se antolha indecifrável mistério...

TRANSCRIÇÃO

Sob o título «O que diz um sábio do Além», La Conciência, *de Buenos Aires, transcreveu da nossa revista o artigo de* Abdallah *acerca do perispírito, fazendo-o preceder das seguintes palavras que muito agradecemos:*

«A revista Estudos Psíquicos, *uma das mais importantes publicações, que aparece em Lisboa dirigida pelo nosso distinto confrade Isidoro Duarte Santos, publica na edição de Agosto um importantíssimo relato do espírito que assina* Abdallah, *o qual estuda cientìficamente o perispírito. Traduzimo-lo para* La Conciencia, *a fim de que os seus leitores lhe aproveitem o conteúdo. É um trabalho de grande valor, poderíamos dizer que é um dos estudos científicos mais sérios feitos até hoje. Esta colaboração intitula-se «Apontamentos sobre o perispírito» e precede-a uma Nota Prévia* subscrita pelo *prestigioso colega A. Ramos Pereira.*

Muito folgamos que La Conciencia *oferecesse este belo trabalho aos seus numerosos leitores, seleccionados entre gente culta e alheia a preconceitos de capelinha. É necessário difundir as boas obras, tornando-as conhecidas do grande público que se interessa pelos verdadeiros problemas do espírito.*

OBSESSÕES E VÍCIOS DE EMBRIAGUÊS

As pessoas que se achem atacadas deste mal poderão ser aliviadas ou curadas, desde que se tratem a distância pelo Espiritismo. Quem o desejar, envie nome, idade e endereço a Luiz André, Rua Senador Pompeu, 169, Rio de Janeiro.

RAOUL MONTANDON

Segundo o Spiritualisme Moderne, *de Liège, o conhecido propagandista Roaul Montandon acaba de abandonar a Terra, após uma vida de trabalho e dedicação à causa espirita e às ciências ocultas. Contribuíu grandemente para a difusão do Espiritismo, através de obras notáveis, como «A Morte, Essa Desconhecida», «Do Animal ao Homem», «Formas Materializadas» e «Mensagens do Além».*

Os bons elementos vão cedendo lugar aos novos. Que estes saibam continuar a obra dos velhos, dinamizando-a e actualizando-a, segundo os progressos e necessidades da época.

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se em 31 de Outubro o 5.º Sorteio de Livros Espiritas, cujos prémios couberam aos seguintes subscritores :

1.º prémio — «Flores de Outono», livro de poesias espiritualistas, por Jesus Gonçalves, o poeta leproso — D. Minérvina Lameiras Fernandes, de Lisboa.

2.º prémio — «O Problema da Sobrevivência», pelo Dr. A. Lobo Vilela, e 3.º prémio, «A Casa Assombrada», por D. Maria Veleda — José Luiz do Carmo, de S. Bartolomeu do Sul.

4.º prémio — «Últimos Contos», por Alexandre Dias — António Duarte de Almeida, de Lisboa.

Amigos ! Trazei-nos a vossa contribuição para o Sorteio de Livros Espiritas! Lucrará a beneficência e lucrará a cultura, duas coisas indispensáveis ao progresso do homem!

BILHETE DA LOTARIA

Informamos os prezados leitores de que o bilhete da Lotaria do Natal adiquirido pelo Centro Espiritualista Luz e Amor tem o número 26.486.

CURSO DE FILOSOFIA ESPIRITA

Como anunciámos, o nosso camarada Ramos Pereira iniciará brevemente no Centro Espiritualista Luz e Amor o *Curso de Filosofia Espirita,* cujas lições serão publicadas mensalmente nesta revista, para conhecimento daqueles que não possam frequentar o Curso.

AUXÍLIO A «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Para *Estudos Psíquicos*	1.500$00
Para propaganda ...	1.000$00

Também recebemos 30$00 do sr. A. Simões Froes, que igualmente agradecemos.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE DEZEMBRO DE 1950

Grupo de irradiação mental «Reper-Siam».

Todas as 5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Grupo «General Passaláqua»

Dia 3 de Dezembro, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Dezembro, às 16 horas — Médium, D. Inês Maria de Brass

Dia 17 de Dezembro, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 31 de Dezembro, às 16 horas — Médium, D. Inês Maria de Brass.

GRUPO «JOÃO EVANGELISTA»

Por conveniência dos seus directores, este Grupo passará a funcionar nas primeiras e terceiras segundas-feiras de cada mês, sob a direcção geral de Isidoro Duarte Santos:

Dia 4 de Dezembro — Túlio Rosa. Dia 18 de Dezembro — Isidoro Duarte Santos. Dia 1 de Janeiro — António Cardoso.

CONFERÊNCIA

Dia 24 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Espiritismo Renovador do Homem».

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Destinados à subscrição do Natal, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número	1.450$00
Faria & Novais, do Barreiro	50$00
Jerónimo de Almeida Estrela, de Olhão	20$00
Cipriano José Marques, da Anadia	26$00
Armando da Glória Alves, do Cartaxo	35$00
Maria do Céu Faria Lopes, de Leiria	70$00
Centro Espirita Luz, de Coimbra	50$00
Anónimo, de Lisboa	50$00
João de Deus Santana Fonseca, de Lisboa	20$00
Anita Lopes Mendes, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Cebolais de Cima	20$00
Estevão F. Alho, de Castelo Branco	20$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
Fortunata C. Bravo, do Cartaxo	55$00
Anónimo da Boa-Hora	20$00
João Ferreira Goucha	20$00
Anónima, da Sagres	50$00
Torcato Ferreira, de Almeirim	10$00
Vicente Pinheiro, de Almeirim	10$00
José Fernandes, de Leiria	20$00
David da Silva Guimarães, de Matosinhos	20$00
A. M. M., de Outeiro da Cabeça	10$00
Jaime Varela, de Leiria	20$00
Anónimo, de Lisboa	7$50
Maria Gonçalves Cid, de Lisboa	20$00
Cândida Lopes da Conceição	5$00
C. M. B.	10$00
Correia e Gouveia	20$00
Jaime Henriques Caetano, de Lisboa	20$00
	3.648$50

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Novembro — P. B. — 20$00; I. S. — 20$00; Cipriano José Dias, da Anadia — 20$00; João Muge, cidade da Beira, Moçambique — 100$00; Joaquina Alves Baptista, de Lisboa — 2$50; Subscrição do 5.º sorteio de livros espiritas — 130$00; Total — 292$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS	br.	enc
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	12$00	

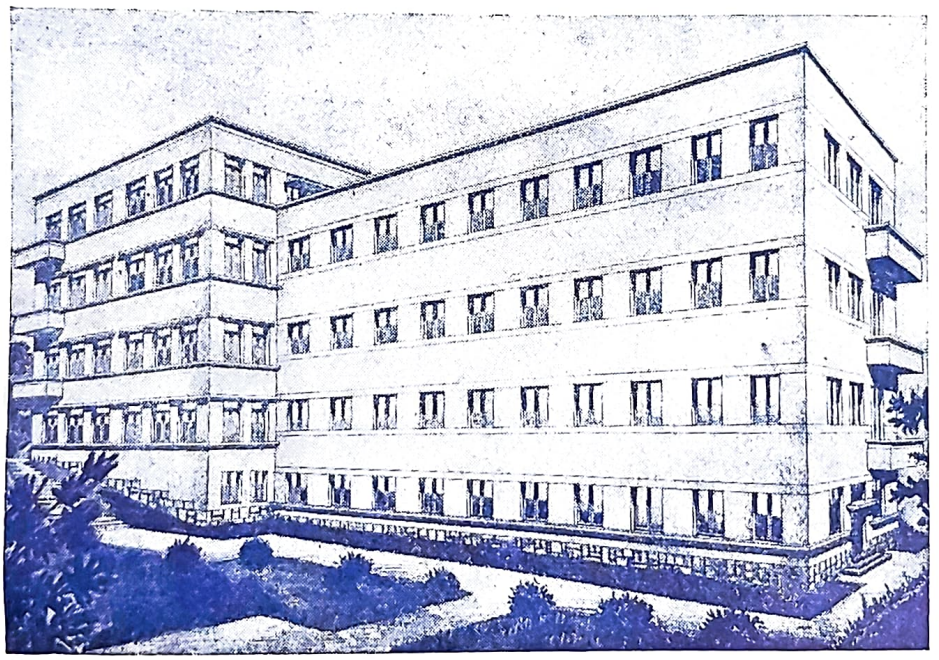
Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



HOSPITAL ESPIRITA DE PORTO ALEGRE

(Ver pág. 360)

CONTÉM :

Tolerância, da **Redacção**; História de Uma Reencarnação, pelo **Dr. Julio Pérès**; A Obra Social do Espiritismo — Hospital Espirita de Porto Alegre, por **I. D. S.**; Farisaísmo, por **Alfredo Miguel**; Guerra Junqueiro, Poeta Filósofo, por **Arnaldo S. Tiago**; Páginas de Saudade — Mensagem do Além, ditada pelo **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**; O Espiritismo no Parlamento Inglês, por **Isidoro Duarte Santos**; Do Espirito, por **Ramos Pereira**; Rectificação Necessária; Dois Mundos; Natal Cristão, por **Mariana Mendes Palma**; Natal, por **José Simões de Matos**; Auxílio aos Necessitados; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

11.º ANO DEZEMBRO DE 1950 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*Antônio J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*
Natal	*Filipe Soares de Melo*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Sacramento	*Corina Novelino*
Paraiba	*Dr. Orlando Romero*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

11.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1950 — N.º 12

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

TOLERÂNCIA

Como registamos adiante, está no Parlamento inglês o Projecto dos Médiuns Fraudulentos, tendente a libertar os verdadeiros médiuns da alçada de leis iníquas, uma das quais com cerca de dois séculos de existência. Mais de vinte deputados, incluindo o Secretário de Estado do Interior, que lhe deu a consagração do Governo, falaram largo tempo, sem que uma voz se erguesse a discordar. Durante quatro horas, a Câmara dos Comuns viveu momentos verdadeiramente elevados. Foi a vitória do Espiritismo, foi a vitória da Razão contra disposições legais indignas de um país como a Inglaterra, onde as liberdades populares são a base da vida cotidiana.

A maioria dos oradores eram alheios à nossa doutrina e outros não professavam crença alguma, mas todos reconheceram o direito que assistia aos espiritas ingleses de exercerem livremente o seu culto, como sucede aos adeptos de outros credos religiosos ou filosóficos.

Foi uma autêntica parada de bom senso e tolerância e o Espiritismo deu um passo em frente, no dizer de Mr. Chuter Ede, Secretário de Estado do Interior, ao perfilhar as seguintes palavras que lera no Saturday Evening Post:

«Só quando soubermos tolerar a opinião dos outros, poderemos dizer que somos civilizados».

Gostaríamos que todos pudessem emitir as suas opiniões, sem receio de represálias. Seria a maior prova de tolerância que daríamos uns aos outros. Quando as ideias não prejudiquem a ordem pública e não tendam à subversão da autoridade, que mal haverá na sua emissão natural? Em que é que o Espiritismo colide com os direitos humanos para ser atacado por indivíduos que não foram ofendidos nem lesados por ele? Não cuida de bens temporais... Não lhe importam hegemonias... Deseja pão e sol para todos... Porque o guerreiam então, porque o combatem? Porque o apontam como peste roxa do século, quando ele quer a salvação das almas à custa de acções meritórias? Não compreendemos. É por afirmar a verdade da sobrevivência e da comunicação dos espíritos? Que mal haverá nisso? O mal é não haver tolerância. Se ela existisse nas almas, como se verificou na Câmara dos Comuns, o ambiente seria outro. Haveria mais liberdade, mais compreensão, mais fraternidade.

Cada um é livre de pensar como entender. Por isso mesmo deve respeitar as ideias dos outros. Exigir respeito quando se não respeita, é intolerância, é arbítrio que se deve evitar para bem do género humano.

Os seres têm direito à vida, isto é, a todas as manifestações que lhes são próprias. As constituições o proclamam dentro do que é preciso observar para que haja harmonia no conjunto. Se é assim, se todos concorrem em justo limite na consecução desse objectivo, todos devem marcar livremente a sua posição no aglomerado social. Que mais faz crer em espíritos, que crer em bactérias? Uns e outros podem fazer bem e mal. Mas não temos visto perseguir os bacteriologistas por crerem na existência de virus que ninguém lobrigou ainda.

Sejamos lógicos e humanos. Ouçamos a opinião alheia, para que ouçam a nossa e respeitemos até o que nos parece absurdo, desde que dê consolo a outros irmãos e não colida com a liberdade própria.

Neste sentido se manifestou a Câmara dos Comuns, um dos mais altos organismos sociais da Grã-Bretanha, onde o pensamento contemporâneo está brilhantemente representado. O ano de 1950 não podia terminar melhor para o Espiritismo. Foi a recompensa de numerosas perseguições sofridas em holocausto a um ideal de regeneração e salvação.

O mundo marcha e tudo nele obedeçe à unidade. Seres contingentes subordinados a forças mais altas e poderosas, devemos ser tolerantes e conscienciosos, para reinvindicar em boa razão o nome de civilizados.

História de Uma Reencarnação

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.

ALLAN KARDEC

Tradução de I. D. S.

II

Já falei da grande facilidade com que o espírito da senhora R... deixava o corpo para o abandonar às entidades do Além. Ora, uma noite de Inverno deste triste ano de 1917, em que os corações estavam angustiados pelo prolongamento imprevisto de uma guerra impiedosa que tanto luto causara nos lares, os esposos R... tiveram, após o jantar, a ideia de evocar a alma de um primo que tombara recentemente no campo da honra. Fazia muito frio. As cortinas haviam sido tiradas das janelas e um pequeno lume brilhava na lareira. A criancinha, de cerca de um ano, estava deitada no seu berço morno.

Sentaram-se à volta da pequena mesa de pé-de-galo com intenção de interrogar o espírito do primo e depois o do pai do senhor R..., que lhes dava os seus conselhos.

A mesa começou a animar-se, mas a senhora R... tirou as mãos do móvel e passou-as muitas vezes em frente do seu rosto para fazer passes magnéticos, renovando assim o gesto que lhe era familiar, quando se servia da bola de cristal. Em seguida, mudou inopinadamente de fisionomia, os seus traços suavizaram-se e com grande espanto do marido levantou-se com dignidade e começou a monologar:

— *Eu sou* — dizia a alma incorporada — *o espírito da Raquel, a trágica do teatro francês, vinda à terra em expiação e reencarnada no corpo da vossa filha, além adormecida.*

Estupefacção angustiosa! O senhor R... apenas respirava, sem fazer o menor movimento. Olhava aturdido para a esposa e perguntava a si mesmo a que mundo se havia transportado, tanto mais que o ar ambiente parecia carregado de fluidos que nunca tinha sentido. O rosto da médium apresentava uma máscara trágica, a voz mudara, tinha mais amplitude, a elocução não era tão cadenciada e as palavras eram escolhidas mais rigorosamente. E com gesto largo e seguro o espírito contou a sua vida. Primeiro, a sua infância infeliz e ambulante, numa família pobre, os Félix, bufarinheiros israelitas. Ainda muito pequenina, em Lyon, já acompanhava as irmãs em frente dos «cafés», onde dançavam e cantavam ao som da viola. Depois a sua formação dirigida por Choron e a seguir por St.-Aulaire, professores de declamação. Após estreias penosíssimas, seguiram-se os seus êxitos no «Français» (1) e em seguida em todas as capitais, onde entrou na intimidade dos homens do dia. Não se esqueceu de falar dos seus papéis notáveis e da sua glória inigualável. Todos os seus contemporâneos mais célebres, poetas, artistas e financeiros, frequentavam a sua casa.

Após curta pausa, tornou-se mais humana e abandonou o carácter impulsivo, orgulhoso, cheio de ambição. É má para com os artistas que trabalhavam com ela. Olhava-os, não como amigos ou camaradas dignos de consideração, mas como inferiores a quem não regateava os sarcasmos e as humilhações:

— *Trato-os com altivez, sem a menor consideração. Fiz sofrer os homens e infelicitei algumas mulheres.*

«A minha expiação começou na terra e os meus últimos dias foram assombrados pelo sofrimento moral e pela doença. A minha desencarnação foi lenta e dolorosa, mas a dor e as derradeiras provações não me bastaram para merecer a compaixão de Deus misericordioso. Dera-me dons esplêndidos, tornando-me — a mim, pequenina judia — igual aos grandes do mundo, e eu não soube responder à sua generosidade. O orgulho, a inveja, a vaidade e a grande sensualidade obrigaram-me a infindáveis tormentos. Condenada para sempre às penas do inferno! O arrependimento das minhas numerosas faltas atraiu a piedade dos Bons Espíritos, que me aconselharam uma nova encarnação. Oh! Aceitei logo e agradeci a Deus a sua grande bondade para comigo. Sei que será

(1) Teatro da Comédia Francesa, em Paris.

para mim uma nova provação, visto que serei punida por onde tinha pecado. Não vos posso revelar os males que afligirão a minha nova existência. Proibiram-mo, para não vos entristecer. Peço-vos perdão dos desgostos e sofrimentos que a minha reencarnação punitiva vos imporá, permitindo-me atingir a felicidade que tanto anseio. Vós sois espiritas corajosos e ajudar-me-eis, com a graça de Deus.

«E para vos provar que não minto, que sou eu o espírito de Raquel, amanhã à mesma hora vos declamarei o grande papel em que me aplaudiram tantas vezes. É o de *Chimène*, no Cid, cena VIII do 2.º acto, quando eu pedia vingança: «*Sire, meu pai morreu, os meus olhos viram o seu sangue!*». Mas é preciso que a sua mulher (a médium) leia muitas vezes este papel para dotar o seu espírito

Um artigo do DR. JULES PÉRÈS

das necessárias expressões, a fim de me facilitar a declamação...».

★

Na manhã seguinte, o primeiro cuidado do senhor R..., ainda abalado pela emoção da última noite, singularmente alucinante, foi ir à biblioteca municipal consultar uma obra acerca de Raquel.

«Li — disse-me ele —, li quase palavra a palavra todas as revelações que ouvira na véspera. O meu espírito ficou atónito e fui logo comprar a obra de Corneille onde se encontrava a famosa tirada... E à noite, depois de minha mulher ter lido o papel três ou quatro vezes e quando a pequenina Julieta já estava adormecida, Raquel incorporou novamente. Você não acredita? Espero que não duvide da minha palavra. Você tem confiança em mim. Pois a cena que se seguiu foi das mais perturbantes, foi a mais dramática que se pode imaginar. Não sabia o que pensar, estou ainda em «coiro de galinha» e pergunto a mim mesmo se nos anais do Espiritismo haverá factos semelhantes.

«Raquel levantou-se (digo Raquel, pois que a personagem que tinha na frente nada se parecia com minha mulher). Afasta-se da mesa, assume um ar teatral, como supus que ela devia ter assumido em cena, e começa a declamar o seu monólogo com tanto calor, paixão e gestos trágicos, que minha mulher caiu no chão inanimada, onde pronunciou as últimas palavras.

«Avalie a minha emoção! Sòzinho, trémulo e perturbado! Felizmente, a inconsciência não durou muito tempo. O espírito de Raquel reintegrou-se imediatamente no corpo de Julieta, que não tardou a mexer-se no leito.

«Compreendo o entusiasmo que aquela actriz suscitaria aos espectadores. Comigo, naquela noite, não obteve ela os aplausos merecidos. Era a primeira vez...

«Na seguinte sessão, realizada poucos dias depois, comunicou-se o nosso guia, o pai da senhora R... e a irmã Annie Robert, mostrando-nos o perigo de tais experiências e recomendaram-nos que as não repetíssemos, visto que poderia ocasionar a morte da criança. A razão é simples. A cinta fluídica que ligava o corpo material ao espírito errante romper-se-ia, se este último não pudesse, por qualquer motivo, voltar ao corpo antes da criança acordar».

Agora, comentemos estes factos, cujo irrealismo põe em dúvida a sua veracidade.

Para os espiritas, as vidas sucessivas são uma certeza. Muitos espíritos, procurando melhorar a sua sorte e subtrair-se aos sofrimentos ocasionados pelas suas faltas, vêm em nova existência reparar os seus erros, numa vida angustiosa de expiação. Não admira que Raquel tenha obedecido a esta grande lei e voltasse à terra para iniciar nova experiência decisiva.

Mas onde a coisa é extraordinária é nos factos que envolveram esta reencarnação. Em regra, os espíritos que reencarnam permanecem longo tempo em confusão e só pouco a pouco voltam à realidade. Às vezes, são precisos alguns anos. Aqui, o espírito de Raquel manteve toda a lucidez da sua inteligência. A sua memória estava intacta. Todos sabem que durante o sono a alma se afasta para zonas do Além, ficando ligada ao organismo adormecido, através de um laço fluídico. Poucas vezes incorporam. Ordinàriamente, só espíritos desencarnados incorporam nos médiuns. Há, todavia, alguns casos de incorporação de pessoas adormecidas, embora vivas; mas o que até agora era desconhecido é o facto da alma de uma criança de 10 meses libertada pelo sono incorporar no organismo mediúnico de sua mãe. A alma

de Raquel, uma vez evadida do seu próprio organismo, encontra-se uma noite em contacto com um médium que ia iniciar uma experiência e não resiste à tentação de se comunicar e declinar a sua identidade, contando a sua vida anterior. Depois fixa o objectivo da sua nova vida e pede perdão pelo mal que vai causar. Vai até mais longe, mostrando que se trata da trágica Raquel. E para isso recita uma tirada em verso que caracterizava especialmente o seu génio trágico. Recita trinta e seis versos com todo o arrebatamento e ardor da juventude. Mesmo num organismo estranho, ela é sublime. Eis o facto realmente maravilhoso. Um espírito encarnado num corpo de 10 meses, fazendo recitar a sua mãe adormecida um passo de Corneille que na véspera ignorava. Não creio que os anais do Espiritismo ofereçam muitos casos semelhantes.

Numerosos profanos lhe negarão a possibilidade e por isso *eu me limito a factos* de que não fui testemunha, é verdade, mas que me têm sido frequentemente repetidos pelos autores, pessoas honestas, cuja boa-fé não se pode pôr em dúvida.

De resto, a continuação desta história só confirmará estas premissas. As predições da noite trágica vão realizar-se...

A VIDA DE JULIETA

A pequena Julieta R... é uma adorável boneca que se desenvolve normalmente. Era pequenina, bem conformada, de cabelos louros encaracolados e olhos azuis profundos que pareciam fixar o infinito.

Os pais encontravam-se em grande desespero (pensavam sempre nas predições da noite obsidiante) por ela só tarde começar a falar através de monossílabos ininteligíveis. A pequena não era surda. Ouvia muito bem os ruídos, sorria às palavras afectuosas da mãe e estendia os braços aos doces apelos do pai. À medida que crescia, conseguia dizer «papá» e «mamã», mas dificilmente articulava outras palavras. Aos dois anos, quando as crianças se tornam interessantes pela sua tagarelice, a criança apenas sorria ou esboçava pequenos gritos alegres acompanhados de mímica manual. Julieta seria muda? Ao pensar nisto, os pais sentiam lágrimas nos olhos. E quando Julieta chegou aos três anos, não resistiram à tentação de evocar uma noite o espírito de Raquel, mas sem incorporação, apesar da proibição dos guias.

— «*Sim — disse o espírito — devo ser punida na minha fala. A prova será terrível para mim. Não serei muda, mas serei desfavorecida com a gaguês, que me dificultará extraordinàriamente a troca de pensamentos. A vossa filha sofrerá muito desta enfermidade.*

Suzana, a sua irmãzinha, a pequenina ferida do princípio da nossa narração, tinha vindo aumentar esta bela família. A sua chegada foi saudada com alegria. Era bem constituída e embora prometesse ser menos bonita que a outra, pelo menos esperava-se que fosse normal.

Paulo, o irmão mais velho, era já um mocetão forte e tagarela. O futuro reservar-lhes-ia decepções? Os Espíritos interrogados tinham tranquilizado os pais. Paulo era a reencarnação de um investigador estrangeiro. Soube triunfar na vida e ser feliz na situação em que seu pai o deixou.

Quanto a Suzana, depois de crescida, tornou-se em menina adorável.

Foi neste ambiente particularmente honesto e trabalhador que cresceu a nossa pequena heroína. Era galante e desde pequenina que gostava de se enfeitar com ouropéis e mirar-se ao espelho em curvaturas e gestos rebuscados e profundos.

Aos seis anos foi internada num estabelecimento especial para tratamento, visto não ter melhorado a sua dicção. Esteve ali três anos e os progressos foram sensíveis, mas uma desastrosa pneumonia obrigou os pais a retirá-la mais cedo do que queriam. Obteve algumas melhoras. Articulava melhor as palavras e apesar de um zezeio desagradável, conseguia fazer-se compreender.

Depois transformou-se numa esplêndida e graciosa rapariga, tendo sempre um belo sorriso para os visitantes da casa. E uma perceptora veio completar a sua instrução, visto que já não era preciso mandá-la à escola. Mas a sua principal ocupação era ajudar a mãe nos serviços caseiros. Tinha por esta verdadeira adoração; com efeito, em virtude da sua enfermidade, não admirava que este amor a levasse a tão sensível preferência.

Os negócios do pai tinham-nos levado novamente a Argel. A pequena família vivia numa parte de casa com largas janelas sobre o mar, por onde a luz e o ar levavam saúde e alegria. A vida era fácil e agradável e, se a senhora R... fazia algumas sessões de clarividência, era para obsequiar amigos e acalmar angústias. Não lhe custava ser caritativa e era feliz, quando podia atenuar qual-

quer infortúnio. Julieta era educada nestes princípios e a felicidade deste tempo fazia esquecer as predições da «noite trágica».

Os interesses cada vez maiores do senhor R..., exigiam-lhe grande actividade. Para satisfazer os clientes, todos os dias percorria estradas expostas aos perigos das intempéries e acidentes. Mas na volta a casa causava o entusiasmo do seu pequeno mundo. E contava as mais lindas histórias. Não era sectário. Para ele, a liberdade de consciência era coisa sagrada. Lutava para melhorar a sorte dos operários, mas deplorava a luta de classes, o egoísmo dos chefes e a incompreensão de alguns.

Dizia-me ele: «*Porque será que esta bela frase do Cristo «Amai-vos uns aos outros» se mantém incompreendida há dois mil anos? O progresso da humanidade teria avançado extraordinàriamente se a interpretação dos ensinos deste divino Mestre fosse humana, sem redundância, sem complicação de mistérios impenetráveis. Jesus, o maior dos Espíritos celestes, o mais puro e o mais glorioso, continua a ser o amigo dos pequeninos que sofrem. E se os que compreenderem o valor e a verdadeira significação dos seus ensinamentos forem dignos e honestos, poderão estar certos de atingir as mais elevadas zonas do Além, isto é, o reino de Deus, que «ele nos deu a conhecer».*

Uma tarde, este pobre amigo voltou muito fatigado duma longa viagem e deitou-se cheio de febre.

Durante a noite, a senhora R... repousava numa poltrona e viu-se rodeada de todos os fantasmas da sua família.

«*Carlos terminou a sua missão — disse-lhe seu pai — e virá juntar-se a nós. Tem coragem!*».

A doença avançou ràpidamente e apesar dos fortes cuidados de médicos esclarecidos, sucumbiu a uma congestão.

Após este grande desgosto, entrou em casa a necessidade. A senhora R... teve que lutar para manter os seus três filhos e fê-lo com grande coragem.

Julieta tinha, então, dezoito anos. Era uma bela pessoa, respirando saúde. Muito linda, de cabelos loiros frisados a seu gosto, carnação esplêndida, atraía a atenção, quando passava na rua.

O seu aspecto era de uma rainha. Era doce e gentil, muito serviçal e de carácter firme, atractivo e encantador. Concitava a admiração de todas as pessoas que visitavam a casa e das que se aproximavam. Nenhuma palavra de ódio ou de inveja saía da sua boca. Sua mãe não se lembrava de lhe ter notado momentos de impaciência. Além disso, era muito caridosa. Se mais não dava, era porque mais não tinha. Era um anjo na terra, cujos eflúvios penetrantes irradiavam todos os que a rodeavam. Humilde de violeta de perfume subtil, parecia ter por divisa: «*Viver escondida para viver feliz!*».

Tudo parecia sorrir a esta gentil família. E como rapazes muito educados vinham animar a alegria daquele interior de bom quilate, o futuro apresentava-se radioso.

Julieta saberia que era o Espírito de Raquel? Sabia-o vagamente. A indiferença da juventude não lhe permitira aprofundar este mistério, mas agora sentia-se com direito à vida normal, com suas alegrias e tristezas, como toda a gente.

A história de Raquel não lhe tinha interessado. Se ela houvesse tido a curiosidade de ler a biografia desta última, veria quão diferentes tinham sido os seus dois destinos. Aos dezoito anos, Raquel era já um farol potente que deslumbrava todos os seus contemporâneos. Triunfava na Comédia Francesa. Todo o mundo a procurava. Em casa de Madame Recamier, onde se encontrava, Châteaubriand disse, ao vê-la:

— *Que infelicidade ver nascer tão bela coisa, no momento em que vou morrer!*

Génio precoce, espírito esclarecidíssimo, já obrigava os outros a falar dela. Mas a sua vida familiar e sentimental não seguia a mesma trajectória. Citam-se os seus protectores e as suas loucuras. Os seus triunfos nos palcos de todas as capitais embriagaram-na sem lhe atraírem verdadeiras simpatias e, pelo contrário, auxiliaram o desenvolvimento de defeitos lastimáveis, como o orgulho, a vaidade, a avareza, a maldade e a impudicícia, que um dia a obrigariam a prestar contas. Como teria sido bela esta alma magnífica dotada de tantos esplendores, se tivesse podido evitar todos estes perigos! A egoista Raquel, a impulsiva, a artista sem escrúpulos, compreenderá após a morte que, apesar de seus tesouros de inteligência, malbaratou a vida e que lhe era necessário sofrer para repará-la. E repará-la, aceitando o contrapeso de todos os seus erros. E é esta magnífica Julieta, esta criança pura em virtudes acumuladas na actual vida que vai servir de holocausto às faltas de um passado terrível. «*O meu reino não é deste mundo — disse o Eterno — e mais tarde compreen-*

derás o porquê destas coisas e tu me agradecerás».

Eis, porque esta felicidade que se anunciava tão completa, tão luminosa para a nossa amiguinha, estava comprometida. Surgiriam acontecimentos marcados pela justiça divina e desconhecidos de toda a gente, no momento em que ninguém pensava na infelicidade? Um ano antes, Julieta sonhara que se vira morta, estendida na cama e vestida de branco. Um rapaz chorava, segurando-lhe a cabeça. Sonho premonitório que a não impressionou e cuja lembrança esqueceu depressa. Os espíritos-guias também nada diziam e a senhora R... tinha leves pressentimentos, esperando sempre uma infelicidade, um acidente, e gozava antecipadamente os favores do céu, para afastar de si este cálice de amargura. Procurava destruir estas más ideias, embora um espírito familiar viesse um dia cochichar ao ouvido um quadro apavorante (depois exporemos esse quadro). Não obstante, ela queria gozar a alegria de estar rodeada por uma pequena família divertida. Paulo substituíra o pai e era bem sucedido nos seus negócios. Suzana tinha uma bela situação. Era a «mascotte» da casa. Viviam felizes. Entretanto, o destino espreitava...

A MORTE DE JULIETA

Aproximavam-se as festas do Natal. Deviam ter uma significação especial, porque o dia 1 de Janeiro de 1937 coincidia com os 20 anos de Julieta. Os seus amigos e amigas combinavam a maneira de os festejar. Já todos tinham escolhido o seu presente e uma grande surpresa coroaria a obra.

Julieta sentia um grande amor, que revelou a sua mãe. Entre os pretendentes, tinha notado um rapaz distinto; todavia, em presença do mistério que lera no semblante da rapariga, este não se declarava. Mas amava-a. Semelhante hesitação entristecia Julieta que, apesar de certas apreensões que confiava a sua mãe, esperava a declaração no dia dos presentes. Estava-se na véspera do Natal. O dia anunciava-se belo, uma dessas manhãs ensolaradas que só vemos em Argel no mês de Dezembro. Julieta estava a fazer um belo ramo de mimosas, quando sentiu uma dor súbita e viva na região ilíaca direita.

A mãe procurou tranquilizá-la: «*Isso não é nada... Uma cataplasma e a pontada passa*». Mas uma hora depois estava pior. Uma dor lancinante com angústias que lhe tornavam o rosto lívido.

Chamaram logo o cirurgião. Quando viu tão linda rapariga, ficou profundamente emocionado e mandou transportá-la sem demora à clínica próxima, dizendo: «*Uma pequena incisão e nada lhe sucederá*».

Mas o caso era grave. A apendicite estava gangrenada e a peritonite tinha-se declarado. E apesar do gelo e dos cuidados vigilantes, o prognóstico tornou-se fatal. Na véspera do 1.º de Janeiro as esperanças estavam perdidas e trouxeram-na outra vez para o seu lindo quarto cor-de-rosa.

Todos os amigos e os pequenos companheiros estavam consternados e com os olhos marejados de lágrimas.

Sua mãe segurava-lhe a cabeça, encorajando-a com esperança de cura:

— *Oh! — respondeu ela — tu é que deves ter coragem, mamã! Quando eu partir, tu virás depressa para o pé de mim, não é? Mãe querida, eu não quero ficar lá sem ti!* Palavras estas que depois martelariam no espírito da senhora R... e a mergulhariam numa astenia sem remédio.

Fortemente agitada e para não mostrar as suas lágrimas, retirou-se um momento para o seu quarto, substituída pelo rapaz, cuja declaração de amor Julieta esperava. Ele não pôde conter os soluços. Julieta compreendeu, e o seu sonho premonitório aflorou-lhe logo à memória, tomando forma real, e começou a chorar em silêncio.

Depois, esforçando-se por retomar a serenidade e dirigindo-se às pessoas íntimas que estavam ao fundo do leito, disse:

— *Ver-vos-ei no céu, onde todos seremos felizes.*

A última noite foi relativamente calma.

O cirurgião veio no dia 1 de Janeiro dar-lhe uma injecção de óleo canforado e elogiou-a pela sua coragem.

— *Oh! doutor! — exclamou ela —. Eu é que lhe devo agradecer os seus cuidados e permita-me que lhe deseje as maiores venturas no ano novo. Deus não quis que o senhor salvasse a sua amiguinha... Mas assim mesmo lhe agradeço.*

Nos derradeiros momentos — disse-mo depois a senhora R..., — a gaguês desapareceu quase inteiramente, a voz era mais nítida e a palavra mais fácil.

Quando o médico saiu, ela pediu que lhe tocassem o seu disco predilecto. A fraqueza acentuava-se de minuto a minuto, a respiração tornava-se brusca e as palavras vinham através de um murmúrio.

Ainda teve forças para abraçar a mãe e

enquanto a «Serenata» de Toselli desfiava na sala contígua, em surdina, as suas notas emocionantes, esta virgem pura, esta pequenina santa deixou cair a cabeça cada vez mais pálida no ombro de sua mãe, elevando os grandes olhos num êxtase prolongado. E numa espécie de arrebatamento, com alegria impressa no semblante, entregou a alma a Deus.

No meio da família lacrimosa e dos companheiros consternados; na véspera dos seus 20 anos que não puderam festejar com alegria e após uma vida de expiação, este anjo radioso trocava a terra por um mundo melhor.

Sob a palavra de Julieta, resgatava-se e emendava-se o espírito de Raquel; e, graças à misericórdia divina, alçara o seu voo e ascendera às esferas etéreas onde o sofrimento não existe. E oitenta anos depois esta bela alma voltava ao Além, purificada, radiosa, liberta das suas faltas.

Todas as predições se haviam realizado. A senhora R..., que viveu ainda muito tempo, sempre presa a uma vaga premonição que lhe dizia que um grave perigo lhe ameaçava a filha, viu as suas apreensões concretizadas numa catástrofe horrorosa.

Pois não ouvira ela uma vez murmurarem-lhe ao ouvido esta quadra: «*Um dia, dois lindos anjos virão procurar tua alma pura e franca e a levarão entre flores de lis e rosas brancas*»? Pobre mãe! O seu calvário foi maior que o de sua filha. Por isso, não admira que a desaparição de uma filha faça de uma mulher forte e corajosa uma pobre louca que nunca mais retome a energia...

★

Após a sua morte, o leito em que a nossa amiguinha repousou depressa se cobriu de flores de lis, de rosas e cravos brancos — como dizia a quadra — trazidas de toda a parte pelos seus amigos. Como parecia bela vestida de branco e com a fronte envolvida numa faixa da mesma cor!

Madame O'Connel desenhou a grande trágica Raquel no seu leito mortuário. Apresenta-a com um grande vestido branco de largo decote, mãos estendidas ao longo do corpo, em decúbito dorsal, e o busto elevado em atitude de deusa. A sua cabeça altiva e magra, cingida por uma coroa de louros, repousa como que adormecida na calma do trespasse.

É possível que a pintora que viu Julieta no leito da morte fosse tocada por esta analogia. Em lugar de cabelos negros, cabelos loiros, doirados e frisados e cingidos por uma linda fita azul enquadrando um belo rosto jovem alongado por um nariz aquilino e uma boca fina entreaberta. A dor cedia lugar à admiração ante tamanha graça e encanto. Era extraordinária a impressão de beleza que os visitantes levavam desta visão indescritível e inolvidável.

O préstito que acompanhou Julieta à última morada foi imenso. Muitos tinham a vaga impressão de acompanhar os restos mortais de um grande espírito. Mas bem poucos tiveram a explicação deste drama misterioso e incompreendido dos profanos, que reunia numa única personagem dois destinos diferentes que se completavam. Se a senhora R... não fosse médium, ignoraria sempre o sentido oculto da existência de sua filha. Mas as suas convicções espiritas esclareceram-na e consolaram-na.

Os casos similares são numerosos, embora quase sempre desconhecidos. Há uma grande lei que liga todas as nossas existências passadas e as torna solidárias entre si. Quantos acontecimentos misteriosos e obscuros se tornariam lúcidos, se a conhecessemos?

A Esfinge está sempre de pé no seu pedestal de pedra. O seu olhar impenetrável e misterioso mergulha no Infinito. Parece dirigir os nossos destinos incompreensíveis e impor o problema da vida humana às inteligências um pouco obscurecidas. Mas os seus enigmas permanecem indecifráveis e irresolúveis e vale mais assim...

EPÍLOGO

Tempos depois vi novamente a senhora R..., sempre inconsolável e mergulhada na sua dor. Esta prova abalou-a fortemente. Tinha angústias cardíacas e era esgotada por insónias incuráveis que aumentavam, à medida que Julieta lhe aparecia para lhe contar a sua felicidade e chamá-la para junto dela.

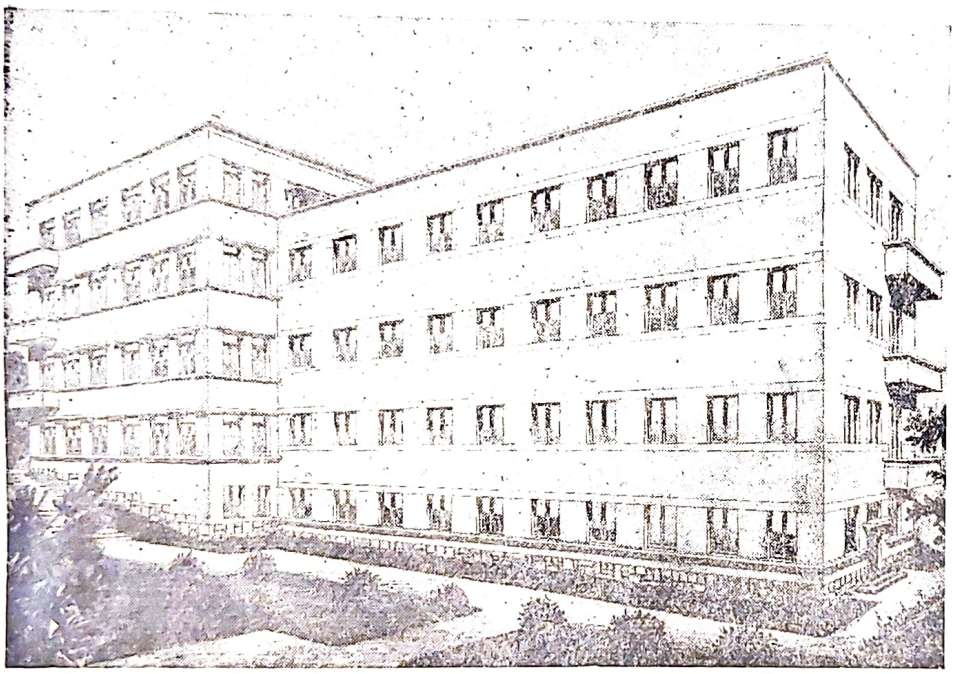
Antes de casar os seus dois outros filhos, a senhora R... julgou finda a sua tarefa e sossobrava dia a dia, sem a menor reacção.

Dezoito meses após a morte de Julieta, tomámos conhecimento da sua partida para regiões mais belas, onde esperamos que tenha encontrado a filha e o marido, já reunidos na paz do Infinito...

FIM

Hospital Espirita de Porto Alegre

Já nos temos referido a esta obra. Quando desejamos assinalar o carácter social da nossa doutrina, os hospitais surgem no primeiro plano, sobretudo os que se destinam a alienados mentais. Agora, com a vinda a Portugal do nosso grande amigo João Amado Venâncio, um dos seus operosos directores, mais uma vez temos ensejo de falar desta magnifica organização.



Hospital Espirita de Porto Alegre. 1.ª álea em funcionamento

Vamos fazer a sua história breve, sem descer, rigorosamente, ao pormenor. Queremos dar apenas leve resumo do esforço hercúleo de uns tantos que souberam querer, tornando possível uma ideia emitida há perto de quarenta anos.

O caso teve início em 1912. Um grupo de espiritas que frequentavam a Sociedade Espirita Allan Kardec, de Porto Alegre, capital do Estado Brasileiro do Rio Grande do Sul, estavam preocupadíssimos com o problema dos obsidiados, em virtude de não disporem de local onde os pudessem hospitalizar, quando receberam instruções do Alto por intermédio da esposa do médico Óscar Pithan, no sentido de promoverem a construção de um hospital para aquele fim. E logo se organizou a *Sociedade Humanitária Jesus Nazareno*, cujo objectivo era a concretização daquela ideia. Eis a sua primeira Directoria:

Presidente de Honra — Dr. Óscar Pithan, médico; *Presidente efectivo* — Dr. Augusto Pestana, engenheiro civil; *Vice-presidente* — Dr. A. Veríssimo de Matos, engenheiro civil; *1.º Secretário* — Afonso Guerreiro Lima, professor público; *2.º Secretário* — Dr. Henrique Domingues, médico; *1.º Tesoureiro* — Frederico A. Gomes da Silva, Director da Mesa de Rendas do Estado; *2.º Tesoureiro* — Alzemiro Morém, comerciante.

O primeiro apelo foi lançado em circular datada de 18 de Agosto de 1912, já lá vão 38 anos, e na mesma data se iniciou a colecta de fundos destinados à construção do edifício hospitalar. Esta faina durou um ano. Depois esmoreceu, em virtude de alguns dirigentes se haverem transferido para outros pontos do país, especialmente o presidente de honra, que era o principal animador. Por isso, a campanha paralisou até 1922. Em Agosto deste ano, novo impulso se verifica com a reorganização da Directoria, então sob a presidência do Coronel Frederico A. Gomes da Silva, ficando resolvido iniciar as obras do Hospital.

Um facto notável que proporcionou a realização do projecto foi a doação de 4.800 metros quadrados de terreno pela sr.ª D. Maria de La Grange Mostardeiro em bairro pouco povoado, mas em boas condições para a localização de um hospital do género.

Assim, em 24 de Setembro desse ano era lançada a primeira pedra do edifício hospitalar, apesar da Sociedade só dispor de metade dos recursos necessários para a construção da obra, que foi logo começada com várias interrupções e só sendo retomada com decisão em Novembro de 1925, para se concluir em Dezembro de 1926. O Hospital é então inaugurado solenemente com a comparência de toda a família espirita. Presidia à Sociedade a sr.ª D. Maria Mostardeiro.

A edifício tinha 30 quartos e iniciou o trabalho de assistência aos doentes pelo processo mediúnico e sem o concurso da medicina. Não obstante grande número de dificuldades, o Hospital foi conduzido durante sete anos pela Directoria presidida por D. Maria Mostardeiro e outras que lhe sucederam, passando por grandes reformas em 1932, quando a direcção hospitalar foi entregue a um médico, achando-se na presidência o Dr. Paulo Hecker e continuando-se a prestar a assistência mediúnica.

★

A grande procura de tratamento no Hospital sugeriu a respectiva ampliação, que foi sèria-

mente encarada em 1934. Verificou-se, porém, que não só o local era impróprio por estar rodeado de moradias, como também porque o terreno disponível era pequeno para a construção de novos pavilhões. Ficou então resolvido escolher terreno maior noutro local, para nele se instalar a primeira parte do futuro edifício, que obedeceria a projecto definitivo para ser executado parceladamente, na medida das possibilidades, durante 20 ou 30 anos. O novo terreno só foi encontrado dois anos mais tarde. Mede cinco hectares e está situado a grande altitude, com boa ventilação e deslumbrante vista para a cidade e para o estuário de cinco rios que formam o Guaíba. Fica num próspero arrabalde servido de bonde (carro eléctrico).

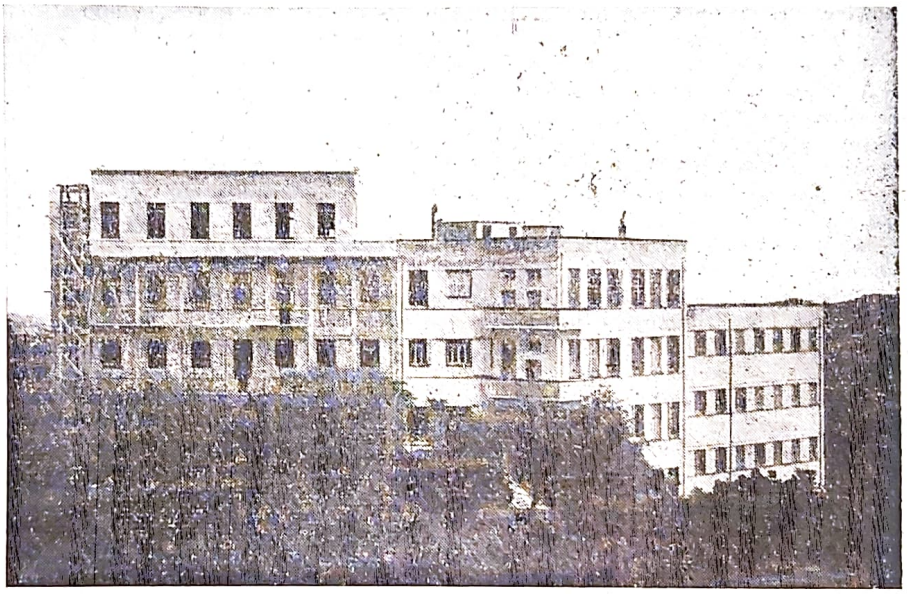
Projectou-se o novo hospital nas condições mencionadas e em princípios de 1940 deu-se início à primeira ala, que corresponde mais ou menos à sétima parte do todo. Esta ala foi inaugurada em Fevereiro de 1941 e tem cerca de 2.000 metros quadrados utilizáveis nos seus cinco andares. Dispõe de espaço para 120 leitos, sendo 26 em quartos fortes destinados a doentes agressivos, 30 em quartos de 1.ª classe e os restantes em enfermarias. Os quartos fortes são inteiramente impermeabilizados desde o solo ao teto. Os de 1.ª classe são impermeabilizados desde meia altura das paredes e têm o solo revestido de «parquet». Destinam-se a doentes calmos e nervosos. Os quartos fortes têm mecanismo móvel no corredor para abrir e fechar janelas de ferro e venezianas, sem ser necessário entrar nos quartos. As enfermarias são amplas, bem ventiladas, com soalho de «parquet» e também impermeabilizadas até meia altura, e destinam-se a doentes de 2.ª classe e aos gratuitos. Para se manter, o Hospital cobra hospitalização e tratamento a 70 % dos doentes e dá tudo gratuitamente a doentes pobres, na proporção dos restantes 30 %, embora uns e outros tenham tratamento absolutamente igual.

O Hospital tem um corpo médico próprio destinado à assistência clínica, que obedece às exigências legais e às normas mais adiantadas da ciência. Ali se usam os modernos processos de electroterapia, insulinoterapia, termoterapia, borrasca, malária e outros. Tem também um seleccionado grupo de médiuns que, diàriamente, se revezam na aplicação de passes aos doentes, e outros grupos adestrados fazem sessões mediúnicas para o processo de desobsessão, através da invocação e evangelização dos obsessores.

Este processo de tratamento misto (médico e espirita) foi preconizado no Brasil pelo Dr. Adolfo Bezerra de Meneses, médico de grande renome no século 19. Hoje, do espaço, dirige o Hospital Espirita de Porto Alegre, o primeiro estabelecimento do género que tentou o tratamento misto. E tem conseguido óptimos resultados. Atendendo a que, em geral, só se recorre ao Hospital Espirita depois de percorrer os outros hospitais da especialidade, a percentagem de curas tem sido altamente satisfatória. Foi de 47 % em 1944, 53 % em 1945, 61 % em 1946, 66 % em 1947, 65 % em 1948 e 53 % em 1949. É de notar que só se calculam na percentagem das curas os doentes que saem completamente normalizados, não incluíndo os que, grandemente melhorados, podem voltar ao trabalho, nem os alcoólicos e toxicómanos, mesmo quando curados.

★

A primeira ala do Hospital actualmente em serviço tem mais as seguintes dependências, além dos quartos e enfermarias acima citados: sala de cirurgia para casos urgentes nos hospitalizados, quartos para internos e enfermeiros, sala da administração, gabinete do Director, gabinete dentário, gabinete de passes, salas para curativos, refeitórios amplos, um em cada andar, quartos de banho com água quente e fria, rouparia, sala de exame médico para internamento, farmácia, gabinete de electroterapia, sala para insulinoterapia e borrasca, cozinha (situada no último andar superior), casa de máquinas com aquecimento central e lavandaria em edifício à parte. Dois andares são destinados a homens e dois a mulheres. No último, há várias dependências, além da cozinha.



Vista de frente, incluindo a 2.ª ála em construção

Desde Dezembro de 1949 está em construção a segunda ala, que deverá ficar pronta este ano. Dará mais 33 quartos fortes para doentes agressivos e 21 dependências com serviço sanitário próprio, destinadas a doentes nervosos, além de alguns quartos para operados e um amplo dormitório para empregadas. Procurou-se tirar aos quartos fortes a ideia de prisão, tanto numa, como noutra ala, pois os caixilhos são de ferro, mas com vidraças desenhadas.

A segunda ala incluirá também diversas dependências mais espaçosas para a cirurgia, raios X, electroterapia, hidroterapia, sala para conferências técnicas, gabinete para tratamento mediúnico, rouparia e outras. As salas de ci-

rurgia e os quartos de operados terão ar condicionado e todos os outros quartos serão calafetados.

O Hospital destina-se exclusivamente a doentes nervosos e mentais (incluíndo os chamados obsidiados), mas pensa-se no aproveitamento das instalações cirúrgicas e respectivos quartos para os utilizar como fonte de receita na cirurgia geral. Terão assim maior renda para atender mais doentes gratuitos.

O Hospital tem recebido auxílios do Governo do Estado do Rio Grande do Sul destinados à construção. Até à data, montam a 800 mil cruzeiros. O Governador do Estado, visitando o Hospital em 1949, registou no livro de visitas estas palavras: «*Esta instituição merece o amparo do Poder Público e da Sociedade, pois aqui se pratica, realmente, a caridade cristã*». a) *Cylon Rosa.*

A actual Directoria do Hospital está assim constituída: *Presidente* — Conrado Ferrari; *Vice-Presidente* — Dr. Fernando Pons; *1.º Tesoureiro* — Luiz Fontoura Júnior; *2.º Tesoureiro* — João Amado Venâncio; *1.º Secretário* —Mário Leivas Cardia; *2.º Secretário* — Italo Bruto.

Todos estes membros exercem os cargos gratuitamente e os médiuns que prestam serviços ao Hospital não recebem qualquer retribuição, nem mesmo para despesas de condução.

A desobsessão é levada a efeito por seis grupos mediúnicos que trabalham dentro e fora do Hospital. Trabalham dentro: Grupo Pedro Osório, dirigido por Conrado Ferrari, e Grupo Dom Feliciano, dirigido por Octávio L. Silva. Trabalham fora: Grupo Pedro Osório e Grupo Dom Feliciano, dirigidos pelos confrades mencionados, Grupo Dr. Bezerra de Meneses, dirigido por Hipólito Feijó, e Grupo Francisco Xavier, dirigido por Joaquim Leandro.

Há também grupos de vibração às 6.as feiras, das 20,05 às 20,30, correspondentes ao nosso Grupo de irradiação mental «Reper-Siam». São eles: *Em Porto Alegre,* «Ciro Freitas», «Vítor Carvalho», «Cabana de Caridade», «Sociedade Espirita Francisco Xavier», «União Espirita Porto Alegrense», «Ab. Espirita Francisco de Assis» (Umbanda), «Sociedade Espirita Luz no Caminho», «Liceu Espirita Luz de Cristo», «Sociedade Espirita Mont'Alverne» e «Paladinos da Paz». *No interior do Estado,* «Grupo E. Fé, Esperança e Caridade», de Pelotas, «Vivaldino S. d'Ávila», de Marc. Ramos; «Centro E. Fé, Luz e Caridade», de N. Hamburgo; «Sociedade E. Kardecista», de Rio Grande; «Bruno Lampert.», de Montenegro; «Soc. E. Fé, Esperança e Caridade», de Jaguarão; «Ana Maria Pires de Almeida», de Tupancireta. *No interior do Brasil,* «Casa dos Espiritas», de Rio Claro, S. Paulo, e «Grémio Espirita Paz e Fraternidade», de Ipameri, Goiaz.

Além disso, sete grupos de médiuns, num total de 55 pessoas, dão passes aos doentes em todos os dias da semana. Eis os nomes desses abnegados obreiros da seara espirita: Adão da Silva Oliveira, Alcide Medeiros, Alcione Lisboa Pereira, Almerinda das Neves Fernandes, Altiva Leite Medeiros, Antenor Figueiró, Antónia Rodrigues, Artur R. de Campos, Belarmina G. Vieira, Bento Cipriano Ramos, Berta da Silveira, Blandina Krauser, Carlinda Morais, Carlinda Cortese, Celina Silveira Veiga, Ciro Freitas, Conrado Ferrari, David de Filipe, Edite de S. Boeira, Estevão C. Vargas, Eugénio Caputo, Eusébia Delvalhas, Francisco G. d'Ávila, Hipólito Feijó, Idalina Bruto, Isabel dos Santos, Janete Figueiró Jahn, José Tomazzoni Primo, Julian Pérez, Júlio Silveira Marques, Júlio W. Roth, Luiz Campos, Manuel C. Ramos, Marcolina Escobar, Maria Alvim, Maria Ramona Ethur, Maria E. F. Santos, Maria Matte, Maria Neves, Nair Ferrari, Nécio Cardoso, Nelson Kern, Octávio da Silva, Otília Cardoso, Pedro Gonçalves da Silva, Pedro Machado Salles, Pedro José Rodrigues, Pedro Rodrigues Filho, Setembrina Figueiró Costa, Siegart Lichtenberg, Silvio Vargas, Waldemar César e Vitor Goulart de Carvalho.

★

O resumo que aí fica é bem elucidativo do trabalho gigantesco desse pugilo de abnegados que não olham a esforços para que esta obra se mantenha em plena eficiência. Não queremos, porém, terminar a notícia sem uma referência especial a três obreiros incansáveis que, por si sós, encarnam uma autêntica legenda de dedicação e sacrifício: *Conrado Ferrari, Dr. Fernando Pons* e *Mário Cardia,* que têm sido a verdadeira alma do hospital Espirita de Porto Alegre. Nessa Trindade se reunem os atributos necessários à tangibilização da caridade como nós a compreendemos. Enquanto eles se mantiverem no seu posto e se multiplicarem em serviços à causa que nos irmana, a obra prosseguirá ininterruptamente, oferecendo a uns e outros o generoso prémio da consolação.

É com obras assim que o Espiritismo se imporá aos homens de bom senso, deixando rastos de claridade na noite imensa da ignorância. É com obras assim que ele se imporá, como já se impôs a muitos pelo humanismo da sua filosofia e pela beleza da sua moral.

O Hospital Espirita de Porto Alegre contará sempre conosco. As colunas de *Estudos Psíquicos* estarão à sua disposição para lhe veicular os projectos e demonstrar que fora da caridade pouco ou nada haverá que justifique a existência humana.

Paulo de Tarso diz na sua 1.ª Epístola aos Coríntios: «Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios; e se tiver toda a fé até o ponto de transportar montes e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres e se entregar o meu corpo para ser queimado, mas se não tiver caridade, nada disto me aproveita».

E acrescenta:

«A caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não obra temerária nem percipitadamente e nunca jamais há-de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas ou seja abolida a ciência».

Estamos de inteiro acordo com o Apóstolo dos Gentios. E por assim pensarmos é que pomos estas colunas ao dispor dessa bela organização. Divulgar os seus trabalhos é excelente propaganda e pode servir de incentivo a outros que desejem concretizar a moral espirita com a mesma intensidade e no mesmo nível do Hospital Espirita de Porto Alegre, cujo programa é obra de gigantes e por isso terá que ser realizada o longo praso.

Temos em nosso poder um album fotográfico que sintetiza bem o esmero, o asseio e a técnica ali introduzidos e por ele se vê que a instituição nada fica a dever às suas congéneres. É que a Trindade Ferrari, Pons e Cardia está presente nas horas dificeis e dispõe tudo para que as engrenagens cumpram o seu dever de obreiras do progresso.

I. D. S.

FARISAÍSMO

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

Era eu ainda adolescente, quando me caiu à mão um livro incitante e optimista, cujo autor se pronunciava francamente a favor da hipocrisia. Segundo sua opinião, o indivíduo, à força de simular virtude, acabava sendo mesmo virtuoso. Por isso, o hipócrita parecia-lhe um tipo estimável e simpático, longe de merecer a repulsa que a sua figura de ordinário inspira.

Tal era a consistência do alicerce em que se afirmava o enunciado daquele risonho escritor.

Eis, pois, que já lá se foram vários lustros e eu não pude nunca compreender como se consegue evoluir da hipocrisia mais astuta à virtude verdadeira. A transição é sobremaneira difícil, senão de todo impossível. Porque no simulador desta espécie uma preocupação obcecante é, sem dúvida, aquela de se apresentar com as qualidades que dignificam aos outros e de que ele está baldo completamente. É claro que se possuísse, realmente, os sentimentos que afecta, não precisava viver de aparências. Numa obra de pensador portenho lembro-me de ter lido que «o hábito de parecer destroi no homem a capacidade de ser». Na realidade o hipócrita, por se ter inveterado no triste vezo de fingir, acabou incapaz de ser aquilo que parece. Ser homem de bem, pouco lhe importa; o que vale é passar como tal aos olhos de quem lhe não descubra a velhacaria e o disfarce. A insinceridade, mal congénito, ele a tem incrustada na alma; a maldade, no coração. Porém nada como saber ocultá-las com requintes de finura, de modo que todos o tenham em boa conta. Aliás, pecar secretamente não é pecar. «Et ce n'est pas pécher en silence» — tal é a lição que ele aprendeu de mestre Tartufo, quiçá mesmo sem ter lido a peça de Moliére.

O hipócrita curva-se mais aos clamores da opinião pública do que aos ditames da consciência. Não lhe doi a reprovação interior aos actos que pratica; a questão é não desmerecer no conceito mundano, ser alvo sempre de consideração e dos aplausos do grupo que o cerca. Ninguém o excede em apego às exterioridades e aos costumes tradicionais; por essa razão, principalmente em matéria religiosa, não há quem seja mais obediente ao formalismo do culto, a tudo aquilo que consiste em gestos e atitudes corporais. O hipócrita se exibe e se sobressai pelo seu fictício ar de contrição e afectada humildade. É quem melhor sabe adornar-se de pseudas virtudes, chegando até a ilaquear os menos perspicazes com o aspecto do semblante artificialmente austero. No tempo de Jesus-Cristo a hipocrisia mais execrável era aquela que revoluteava no íntimo dos Fariseus. Daí a identidade de sentido dos dois termos: farisaismo e hipocrisia. «Tartufo», a personagem criada por Moliére, é a personificação dessa mazela moral. Aos olhos do povo desatento, os Fariseus passavam por santas criaturas, exercendo sobre ele uma influência extraordinária; mas Jesus, penetrando-lhes até o cerne da alma, onde a iniquidade e a corrupção se aninhavam em recôndito sombrio, desmascarava-os de contínuo com arrojada e solene veemência.

Perguntará o leitor se cá pelos arraiais espiritas não temos os remanescentes do farisaismo judaico. Certamente que eles por aqui também intrujam, e não são poucos, entre nós, esses desgarrados discípulos de Hillet. Mas o que se não deve é confundi-los com os espiritas, embora não seja fácil essa confusão, porquanto na sociedade dos espiritas verdadeiros é impossível medrar a hipocrisia ou falsa virtude. O que os distingue é justamente a sinceridade e a franqueza. Aquele que estudou o Espiritismo, que compreendeu e sentiu a sua doutrina, sabe perfeitamente que se pode iludir aos homens, mas não haverá jamais quem consiga enganar a Deus!

Não calham, portanto, bem urdidos simulacros e habilidosas artimanhas. Até porque ninguém colherá senão os frutos da sua semeadura, levando consigo o seu próprio fardo, como lá diz o apóstolo. A alegria e a ventura acompanharão aos que se conduziram dignamente na pauta dos sentimentos elevados; os dissabores e os remorsos serão os verdugos dos que andaram na falsa fé, rumando aos impulsos da maldade que acumularam no coração.

ARNALDO S. TIAGO ESCREVEU

GUERRA JUNQUEIRO...

II

Felizes os poetas do século XX, que descem do Parnaso, ainda mesmo depois de haverem baixado à campa escura e fria, para dedilhar os doces acordes de suas liras, ainda que empunhadas, depois da magnífica metamorfose, por alheias e inexperientes mãos, que lhes não tolhem, contudo, o esforço mental com que continuam a traduzir os íntimos impulsos da alma, agora plausìvelmente modificados, graças ao conhecimento pessoal das realidades da Vida Eterna, com que apenas sonhavam, na Terra, para dizê-las em poemas sublimes à transviada grei das estéreis planícies do materialismo contemporâneo...

Não podem, por isso, os seus pensamentos impregnar-se das mesmas concepções. Contudo, elas nos chegam um tanto desfiguradas, porquanto, ainda que restituídos à vida livre dos espaços, com as nossas dolorosas *realidades*, tornam-se como aquele albatroz de Baudelaire, que, por vezes, os marinheiros conseguem escravizar, mantendo-o sobre o tombadilho, para se divertirem à custa das suas dificuldades de movimento no convés, ele, o gigante dos ares, que tão bem sabe cortar, lépido e célere, o azul cintilante do céu!

Falemos, pois, do Guerra Junqueiro humano; daquele que viveu e sofreu connosco, sobre a terra da nossa provação. Falemos da nobreza das suas atitudes, da extrema delicadeza dos seus poemas, da maravilha dos seus alexandrinos.

Guerra Junqueiro é um dos mais profundos intérpretes do sentimento cristão de fraternidade.

Na poesia «O primeiro filho», dedicada a um seu querido amigo, ele assim se exprime:

«Entre tanta miséria e tantas coisas vis
Deste vil grão de areia,
Ainda tenho o condão de me sentir feliz
Com a ventura alheia.

À minha noite triste, à noite tormentosa,
Onde busco a verdade,
Chegou com asas d'oiro a canção cor de rosa
Da tua felicidade.

És pai, visto nascer um fragmento d'aurora
Da tua alma, de ti...
Oh, momento divino em que o sorriso chora,
E em que o pranto sorri!

Que ventura radiante! oh que ventura infinda!
Olímpicos amores!
Ter frutos em Abril com o vergel ainda
Carregado de flores!

Deslumbramento!... ver num berço o teu futuro
Sorrindo ao teu presente!
Ter a mulher e a mãe: juntar o beijo puro
Com o beijo inocente!...

Eu que vou, javali de flanco ensanguentado,
Pelos rudes caminhos,
Ajoelho quando escuto à beira dum valado
Os murmúrios dos ninhos!...

Em tudo que alvorece há um sorriso d'esperança,
Candura imaculada!...
E quer seja na flor, quer seja na criança
Sente-se a madrugada.

Quando, como um aroma, o hálito da infância
Passa nos lábios meus.
Vejo distintamente encurtar-se a distância
Entre a minhalma e Deus.

A mão para apontar o azul, mão cor de rosa
Que aconselha e domina,
Será tanto mais forte e tanto mais bondosa,
Quanto mais pequenina»

Por vezes a sua mordacidade, ao escalpelar a dureza do coração humano, é tremenda! Em «Ideal Negativo» faz uma crítica severa da insensibilidade moral e da falta de fé, a que os homens chegaram. A sua lógica é de uma evidência filosófica, profundamente sentida no trato da sociedade mercantilizada dos nossos dias:

Lama, dissolução, fermentação de tudo,
Esterquilínio podre, esterquilínio mudo,
Onde a vida repousa em embrião, em germe,
Que desejas tu ser, ó lama infecta? — Verme.

E tu ao ver do mar soturno, em que te banhas,
A verdura que alegra os prados e as montanhas,
Ao ver da terra o vasto e embalsamado Abril,
Que desejas tu ser, monstro do mar? — Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros,
Florestas, vagalhões, nuvens, crateras, astros,
O que desejas tu, em teu sonho idealista?
— A asa para o voo e a mão para a conquista.

Quadrúmano — gorilha, ourango, chimpanzé,
Quase lobos, no chão, quase gente, de pé!
Ambíguos animais d'olhar manso e feroz,
(Adão inda com cauda, almas inda sem voz),
Que aspirações, fundas e estranhas, vos consomem?
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto?
— É o homem.

E tu da Natureza, ó imorredoira glória,
Tu que em tantos milhões de séculos de história
Conseguiste, num grande esforço triunfal,
Pôr a prumo no globo a tua espinha dorsal,
Tu que nesse ascender de vértebras, que vai
Da moreia no lodo a Moisés no Sinai,

Resumiste o marchar sem fim da criação,
Tu que foste Jesus, Buda, Maomé, Platão,
Tu, que encarnaste em mil heróis, em mil gigantes,
Ésquilo, Shakespeare, Isaías, Cervantes,
Sócrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,
Tu, átomo de pó, que encaras face a face
A eternidade, tu, Prometheu resoluto,
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fruto,
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu cérebro, teu braço,
Escravizas a luz, a terra, a água, o vento,
Tu, cujo misterioso e imortal pensamento,
Inquilino fugaz duma caveira a rir
Enche o universo desde o zénite ao nadir,
Sabendo com o mesmo idêntico rigor
Como nasce um planeta ou germina uma flor;
Tu, que depois de dar, enfim, águia altaneira,
Um balanço grandioso à natureza inteira,
Estacaste assombrado e perplexo e contrito,
Contemplando o horroroso enigma do Infinito,
Dize-me tu, ó débil criatura
Em frente dessa eterna imensidade obscura,
Onde, águia, o teu olhar é um carvão apagado,
Que é que desejas, diz! Prometheu fulminado,
Qual a tua ambição, teu ideal incoercível?

— É ser ou lodo inerte ou rochedo impassível!

«Depois de ter destruído o mal, simbolizado nesses dois vultos grandiosos, é necessário afirmar a justiça encarnada em duas figuras sublimes, Cristo e Prometheu.

«É a ciência e a consciência, a liberdade e a fé, o sentimento e a razão.

«Quando estes dois termos do espírito humano, há tantos séculos afastados, se identificarem numa harmonia completa, o homem desde esse momento será justo, será bom, será feliz».

Esta magnífica exposição filosófica de uma doutrina pacificadora dos espíritos, que consiste na união da Ciência e da Religião, proclamada substancialmente por Denizard Rivail e aceita por todos os luminares da inteligência, entre os quais tem lugar destacado o vate lusitano; união que está a caminho de realizar-se, contra os mil obstáculos que lhe antepõem os interesses sectaristas, os ódios gratuitos, a cegueira propositada dos mentores actuais da grei humana, bem acentua a disposição profundamente religiosa de Guerra Junqueiro.

Para compreendê-lo, basta possuir-se o bom senso e o discernimento comum de que é dotado o homem de mediana cultura. Não obstante, insistem os mais obstinados em considerá-lo ateu, concordando outros em que ele seja apenas panteísta, baseados nas produções poéticas referidas.

...POETA-FILÓSOFO

Mas porque, dir-me-eis, porque deixar, nesta hora de exaltação do grande vate, aqueles seus imponentes poemas: «O Melro», «O Fiel», «Caridade e Justiça», etc., etc.; porque silenciar sobre «A Morte de D. João», que ele mesmo considerava a primeira parte de uma trilogia, de que a segunda parte é «A Velhice do Padre Eterno» e a última sòmente virá depois de destruído o mal, com a consagração de duas figuras sublimes, o Cristo e Prometheu?

Quero explicar-me a este respeito, citando as próprias palavras do poeta:

«Tudo o que hoje se opõe à realização da justiça pode sintetizar-se em duas grandes figuras, em dois símbolos — D. João e Jeová.

«D. João resume em si tudo o que há de doentio na sociedade moderna: o idealismo, o tédio, as nevroses, a indiferença, a dúvida, os paradoxos, a falta de carácter. D. João anda nos *cafés*, nos *boulevards*, nos teatros, na literatura, nas igrejas e nas consciências.

«Simboliza perfeitamente *uma parte* da sociedade moderna, pelo lado exterior dos costumes.

«É necessário matá-lo; moralmente, já se vê.

«Jeová representa a tirania, o direito divino.

«É pelo papa contra a Itália, é por Chambord contra a república francesa, é por Carlos VII contra a república espanhola, e é por D. Miguel II contra D. Luiz I.

«Papista, chambordista, carlista e miguelista.

«Com o despotismo, nega a liberdade; com a transmissão do pecado nega a responsabilidade.

«Anda nos espíritos: é o dogma.

«Anda na natureza: é o milagre.

«Anda nos códigos: é o privilégio.

«Depois da negação, a afirmação.

Mau vezo, que revela astucioso procedimento, de julgar um autor, não como o indica o bom juízo crítico, pelo conjunto total da sua obra, mas por frases isoladas, a propósito coligidas para esse maldoso fim!

A realidade dolorosa, porém, é que essa parte da obra filosófica do poeta, ainda suscita animosidades, porque os homens não toleram qualquer espécie de crítica, por mais justa que seja, às suas ideias religiosas, ainda que erróneas.

Por mim, aceito integralmente Guerra Junqueiro; aceito-o e louvo-o nos seus ímpetos de revolta moral contra todas as imposições feitas à consciência. Não receio, mesmo, atrair sobre mim odiosidades, sempre que se trata de ferir fundo o problema da emancipação religiosa, sem a qual ninguém pode orientar-se livremente, honestamente na vida; não tenho, porém, o direito de fazer o mesmo com relação aos outros.

Estamos num ciclo universal de comemorações a Guerra Junqueiro. Os corações estão em festa. Quero, por isso, apreciá-lo no terreno neutro, em que todos o amam enternecidamente — gregos e troianos —: a suavidade, repassada de filosofia, do seu lirismo fecundo em oblatas à Divindade.

«Os Simples». «Oração ao Pão». «Oração à Luz». «A Lágrima»...

Quanta poesia, quanta religiosidade, quanto amor perpassam por essas estrofes sublimes, por esses versos de impecável sonoridade rítmica!

Essa religiosidade, esse amor à humanidade, revela-os ele mesmo neste belo trecho de prosa, inserto na parte final do 1.º volume da *Velhice do Padre Eterno*:

«Publico hoje o 1.º volume da *Velhice do Padre*

Eterno. O 2.º, já na imprensa, sairá à luz com brevidade. No 1.º volume predomina a sátira; no segundo a epopeia. Os dois completam-se. A crítica, só reunidos, os poderá julgar inteiramente.

«Creio, se a saúde me não faltar, que a *Morte do Padre Eterno* dentro de um ano estará impressa.

«E depois de morto D. João e Jeová, resta-me ressuscitar Jesus e desagrilhoar Prometheu.

«Esse último poema, o *Prometheu Libertado*, será o facho da trilogia, o complemento da obra.

«Terei os anos de vida necessários para escrever esse livro? Não sei; no entanto, rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hino de esperança e de harmonia uma batalha de cóleras e de sarcasmos».

Vê-se bem, por esta sua própria afirmativa, o que lhe ia nalma de sofrimento e de mágoa, ao ter de acutilar tão rìspidamente os adversários da verdade, porque também seus irmãos, e qual o seu intuito elevado ao abalançar-se a uma pugna tão rude e violenta!

Terminemos, porém, a transcrição:

«O plano está concebido há muito — acrescentava ele —. A ideia é simples, e creio que bela. A primeira parte é a epopeia do Trabalho, a glorificação de Prometheu pela humanidade e pela natureza.

«Na segunda parte, Jesus Cristo, levantando-se do seu túmulo, vem fulminar o abutre e desacorrentar Prometheu.

«O herói é libertado pelo santo. A crença e a ciência, a razão e a fé, após um combate de milhares de séculos, reunem-se finalmente numa paz luminosa, numa comunhão indestrutível.

«A liberdade de Prometheu significa o desaparecimento de todas as tiranias, e a ressurreição de Jesus a morte de todos os dogmas. Um é a justiça humana, e o outro a aspiração imortal para uma justiça absoluta. O Cáucaso e o Gólgota ficam sendo para a humanidade os dois grandes altares da religião eterna do Futuro».

Poeta-Filósofo, educador da juventude nos sãos princípios da moral e do dever, Guerra Junqueiro faz jus a todas as homenagens que à sua memória queira render a humanidade.

A *Sociedade Brasileira de Filosofia*, pela voz de um dos seus mais obscuros componentes, toma parte nesse coro universal de aplausos à sua obra regeneradora e essencialmente cristã, reproduzindo-lhe nesta oportunidade os louvores do poeta ao cumprimento do dever, para depois fazer-lhe, com os seus próprios versos, a apoteose com que ele soube homenagear a caridade.

Fala o dever; é o fecho de «A Caridade e a Justiça»:

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.
Judas, ficando só, meteu-se pela estrada,
Caminhando ligeiro, impávido, terrível,
Como um homem que leva um fim imprescritível,
Uma ideia qualquer, heróica e sobranceira;
De repente estacou. Havia uma figueira
Projectando na estrada a larga sombra escura;
Judas, desenrolando a corda da cintura,
Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,
Dando um laço à garganta. O seu olhar odioso
Tinha nesse momento um brilho diamantino,
Recto como um juiz, forte como um destino.

Nisto ecoou através do negro céu profundo
A voz celestial de Jesus moribundo,
Que lhe disse:

— Traidor, concedo-te o perdão.
Além de meu carrasco, és inda o meu irmão.
Pregaste-me na cruz; é o mesmo, fica em paz.
Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz.
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrifício.
Não te cause remorso o meu atroz suplício.
Estes golpes crueis, estas horríveis dores.
As chagas para mim são outras tantas flores!».

Judas fitou ao longe os cerros do calvário,
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinário,
Exclamou:

— «Não aceito a tua compaixão.
A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdoa. A justiça é implacável.
A minha acção é infame, hedionda, miserável;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos farizeus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um
[Deus,

Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nú,
É maior do que Deus, mais justo do que tu:
À tua caridade humanitária e doce,
Eu prefiro o dever terrível!
E enforcou-se.

Como discernimento filosófico, essa conclusão é irretorquível: por muito que o perdão nos possa vir amenizar os padecimentos da alma, a reparação é absolutamente imprescindível. A pena de Talião é apanágio da consciência humana. Está insculpida na personalidade inteligente, de uma forma indelével. É, na ordem moral, a *LEX LEGUM*. Ao poeta-filósofo não podia escapar o seu conhecimento.

Mas a caridade suaviza-lhe os rigores. E ao condenado permite Deus que os seus irmãos lhe levem a gota de água para matar-lhe a sede e o estímulo para que persevere nas provas reparadoras.

«Fora da caridade não há salvação». Pode Guerra Junqueiro conceituá-la admirávelmente nos versos tocantes de «A LÁGRIMA», com que terminaremos esta homenagem à memória do poeta solar da humanidade:

Manhã de Junho ardente. Uma encosta escalvada,
Seca, deserta e nua, à beira duma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sobre uma folha hóstil duma figueira brava,
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava.

A aurora desprendeu, compassiva e divina,
Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.

Lágrima tão ideal, tão límpida que, ao vê-la,
De perto era um diamante e de longe uma estrela.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a
[olhar:
Há safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Há rubis orientais sangrentos e doirados,
Como beijos de amor a arder, cristalizados.

«Há pérolas que são gotas de mágoa imensa,
Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa.

«Pois brilhantes, rubis e pérolas de Ophir,
Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir.

«Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema,
Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema».

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,
Passa no seu ginete um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz à lágrima irisada:
«Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!

Far-te-ei relampejar, de vitória em vitória,
Na Terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!

«E à volta há-de guardar-te a minha noiva, ó astro,
Em seu colo auroreal de rosa e de alabastro,

E assim alumiarás com teu vivo esplendor
Mil combates de heróis e mil sonhos de amor!».

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Montado numa mula escura de caminho,
Passa um velho judeu, avarento e mesquinho.

Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesoiro,
Grandes arcas de cedro abarrotadas d'oiro.

E o velhinho andrajoso e magro como um junco,
O crânio calvo, o olhar febril, o bico adunco,

Vendo a estrela, exclamou: «Oh Deus, que mara-
[vilha!
Como ela respandece e tremeluz e brilha!

«Com meu oiro em montão podiam-te comprar
Os impérios dos reis e os navios do mar.

«E por esse diamante esplêndido trocara
Todo o meu oiro imenso a minha mão avara!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Debaixo da figueira então um cardo agreste,
Já ressequido disse à lágrima celeste:

«A terra onde o lilás e a balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se, a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,
O céu manda-me em paga o fogo em que me
[abraso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
Ouvi trinar, gorgear a música dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas
Debandaram, cantando, em noites estreladas...

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,
Porque ai! nunca dei sombra e nunca tive flor!...

«Ó lágrima de Deus, ó astro, ó gota d'água,
Cái na desolação desta infinita mágoa!».

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Tremeu, tremeu, tremeu... e caiu silenciosa!...

E algum tampo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flor cor de sangue.

Dum roxo macerado e dorido e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cális virginal da pobre flor vermelha,
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha!...

Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1950

O CORONEL FAURE DA ROSA

por F. NORONHA

Desencarnou, em um dos dias de Novembro, este distinto espirita, de esmerada educação, de fino trato e de docente autoridade inconcussa.

Devi-lhe uma gentileza cativante, alterando para mais cedo a hora habitual das conferências na Federação Espirita Portuguesa, num dia, em que a convite de Sua Ex.ª ali tive a honra de ser ouvido.

Colhi muita edificação, lendo as suas elaborações notaveis nas páginas de *Estudos Psíquicos*, tendo sido no «Centro Luz e Amor» que travámos relações pessoais, mediante a delicada apresentação de Isidoro Duarte Santos, benemérito apóstolo do Espiritismo e sua figura docente, de rara modalidade.

Em suma, o espírito de eleito, revelado em completa evidência na entidade bondosa que evolou para o Além, recentemente, por certo continuará sua missão operante nos páramos da glória, comunicando-se, perduravelmente, com esta morada planetária que honrou de presença e ilustrou de palavra.

E creio, que já não carecerá de provações, evoluído e depurado como se nos deparava, como o ouvíamos, como o seu verbo escrito nos fazia vibrar. Neste capítulo, o coronel Faure da Rosa demonstrou-se infatigável na obra literária propriamente dita, na erudição, na análise, no extrato, na crítica filosófica, na exposição sintética, no fundo, na forma e no estilo.

Em matéria de problemas sociais foi desassombrado e preclaro, pondo os pontos em suas alturas, sem exageros nem desproporções. Quando se propunha versar um assunto estudava-o, exaustivamente, e as suas conferências constituem lições magistrais.

Muitas vezes o consultaram confrades, a propósito de determinadas asserções de aparente deficiência pelo menos, e ele, escruploso e amante da verdade, respondia, cautamente, dentro da lógica é de ciência experimental.

Tive notícia de mais de um caso desta natureza, com plena satisfação do consulente. Descança, agora, no seio imáculo da Justiça Eterna e irradia, para nós e até nós, pensamentos que nos consolem e efluvios que nos amparem!

"PÁGINAS DE SAUDADE"

Narrações do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo Director desta revista

Isidoro querido! A alvorada das almas! Como ela desperta em nós um mundo de vibrações adormecidas! Vai entrando a luz, vai entrando a vida! Vida e luz entrelaçando-se na mesma grinalda. Misturam o seu perfume a sua cor. E o sonho vai-nos embalando. Sentimos em nós o eco de outras vozes, o frémito de outros corações. É uma festa grandiosa!

A alvorada das almas é um apelo ao ser. Tudo nela se contém. Aspiração de vida, aspiração de amor! Luz que deslumbra, cântico que enebria! Tudo isto está nessa doce alvorada!

Nossas almas vão entrar em nova fase. Sairam da penumbra. Atravessaram a névoa. Galgaram a outra margem do rio. Vão tentar o voo a maior altura.

Elas deram o seu abraço. Desejam fundir-se. Desejam irmanar-se. Querem ser mais fortes. Querem partilhar em comum os acontecimentos do futuro. Uma de um lado, outra do outro, mas estreitamente ligadas.

A alvorada segue-se a um período de dor intensa em que tudo se lançou na fogueira. Sonhos, ilusões, esperanças, tudo se lançou na fogueira. E quando as almas parecem sossobrar, inermes e aflitas, surge um clarão espiritual que tudo inunda. Alegram-se de novo. Ressurgem para a vida. Ouve-se um grito de vitória!

É a alvorada das almas! É a luz, é a vida, é o amor! É o ser a desdobrar-se.

Vamos entrar em nova fase. Ambos seremos melhores. Trabalharemos mais. Teremos mais confiança um no outro. As nossas almas terão novas aspirações. Sinto tudo isto. Vejo tudo isto. É o progresso do espírito, a caminhada do espírito, o retorno à fonte originária.

E eu estou contente. Os meus pensamentos são abraços luminosos. Envolvem-te, Isidoro. Envolvem-te inteiramente! Não podes fugir ao amplexo. Procuram-te. Encontram-te. É o abraço! É a luz, é a alvorada! É a música, é a cor, é o perfume! Sou eu, somos nós! Vida com vida! Amor com amor! Duas almas em festa, ascendendo para o Alto! Como não hei-de ser feliz, meu querido Isidoro!

Assim, a ausência diminui. A separação vai-se esbatendo. É menor a saudade. Doi menos o aguilhão. Volta a esperança, volta a fé, somos mais calmos e mais felizes.

É que as almas irradiam mais brilho, mais bondade. Sentem melhor, dão melhor, recebem melhor. Funciona melhor o coração.

Nesta alvorada de amor, as nossas duas almas voam a par, buscam juntas a felicidade espiritual. Não sei o que sinto. É uma corrida vertiginosa. Corremos os dois ao mesmo tempo, enebriados, extasiados. Vais num círculo de fogo. São os meus braços luminosos!...

Estou a renascer. Sou água clara de nascente. Tu és o viandante afadigado. Vês o o fio de água... Matas a sede... e segues o teu caminho na longa jornada. Mas eu vou contigo. Estou em ti, já me não pertenço. Como pode ser de outra forma a nossa alvorada?...

Vai sonhando e cantando. Embeleza a dor, quando ela te bater à porta. Embeleza a vida com novo perfume e nova cor. Embeleza o sentimento, embeleza tudo o que puderes. O belo e o sublime são de Deus.

Também renascerás nesta alvorada que nos envolve. Serás melhor, serás mais terno e compassivo. Tocar-te-ão as dores do próximo. Sentirás melhor as minhas vibrações. Os teus abraços serão vestidos de luz. E a nossa alvorada irradiará para outras almas. A mão de Deus estará em nós,

com seu brilho e seu fulgor.

Não sei descrever o quadro. Só vejo claridade à minha volta. Raios de luz que se confundem: brancos, azuis, amarelos. Elevação, bondade e amor. É a nossa alvorada a expandir-se, a circundar-nos.

Deus quer assim. É o prémio do trabalho que se realizou. Há satisfação, há calma, há felicidade.

Já atravessámos a neblina. Vimos os actos maus da nossa vida. Dispusemo-nos a remediá-los. Estamos no caminho. Agora, o arrebol da alvorada anuncia novo ciclo de vida estuante. Preparemo-nos para ele, Isidoro. Entoemos canções de bondade!

paz e de perdão que inspirem simpatia. Empunha bandeiras de amor e lança o grito da bondade e da caridade! Verás como a falange aumenta! Quanto mais aumentar a falange, mais felizes seremos. Obra que alegra e dá prazer conforta as almas. Eleva-as para Deus. Enche-as de luz espiritual!

E as alvoradas tornam-se mais belas e harmoniosas. O amor é mais puro, a comunhão é mais perfeita. O abraço é mais envolvente e a sua luz mais poderosa. Sente-se mais, goza-se mais. Dilata-se o coração, dilatam-se as almas.

Como é potente o meu abraço luminoso! Como ele corre

perta novos sentimentos. Mas as que ficaram também a sentem. São mais amoráveis e mais fortes.

Tudo ama, tudo canta, tudo vibra nessa doce alvorada! É a vida pujante, a vida intensa aureolada pela luz do Alto! Luz que banha e que ilumina! Que vai dos olhos ao coração e do coração aos olhos! É a luz do nosso amor, a luz da nossa vida! É renúncia e bondade! É esquecimento e perdão! É uma vida em duas vidas! São duas vidas numa só!

É a alvorada das almas! São cânticos que elevam para Deus e que arrastam o coração!

É a sinfonia de dois seres que se amaram para a vida e

TRANSCREVE-SE O CAPÍTULO
A ALVORADA DAS ALMAS

A música dos ninhos, o cheiro da terra, o aroma das flores convida o homem a meditar em muitos segredos da criação, entre eles, a sua natureza e o seu destino. A nossa música é diferente. Sabemos o que muitos ignoram.

Por isso a nossa alvorada enche de luz o horizonte e de alegria as nossas almas. É um festim de núpcias. É uma apoteose!

Não voltes à penumbra. Não voltes à neblina que dificulta a marcha e impede a visão. Não voltes, meu querido Isidoro. Esquece o que lá vai. Busca outros elementos de combate. Empunha bandeiras brancas, bandeiras de

para ti! Como ele te envolve e envolve a Gena!

Oh, mistérios profundos que a vida encerra! Antros sombrios em que a dor regela! Estradas de sofrimento cheias de peregrinos a soluçar! Infortúnio e desesperança! Lúgubre cortejo de amarguras que enegrecem as almas! Tudo isto existe subordinado à lei para bem do homem. É o cadinho que amarfanha e que salva, que tritura e que enobrece.

Pensando nisto, melhor compreendemos e avaliamos a alvorada das almas. As que partiram e se libertaram sentem melhor a ventura dessa luz feérica. Dessa luz que inunda os seres. Dessa luz que des-

para a morte!

Esta é a nossa alvorada, cortejo luminoso que nos guia, que nos segue e envolverá sempre!

Não podes viver sem mim! Não posso viver sem ti! Pacto de duas almas que se fundiram numa só alma!...

Adeus, querido. A Gena também partilha da nossa alvorada. Dá-lhe beijos e que tenha confiança.

Muitos abraços luminosos da

Tua, sempre tua,

LIA

Mensagem n.º 68, recebida em 17 de Maio de 1950

O Espiritismo no Parlamento Inglês

Eis um grande acontecimento a que é preciso dar o maior relevo. Precisamente quando o Espiritismo atravessa uma grande crise, impossibilitado aqui e ali de cumprir a sua missão orientadora, surge um facto que nos enche de surpresa e nos anima a prosseguir na marcha iniciada.

Como é sabido, os juizes ingleses apoiam-se muitas vezes em leis obsoletas, com três e quatro séculos de existência, para punir o chamado dilinquente, o contrafactor do Código. É a tradição levada ao extremo.

Todos sabem que o homem é essencialmente evolucionista e não pode submeter-se à lei estratificada, cujo espírito é preciso renovar de quando em quando e adaptá-lo às épocas decorrentes, sob pena de anquilosar ou amputar o organismo social.

Pois na Inglaterra há duas leis antiquíssimas, uma de 1735 e outra de 1824, feitas no intuito de reprimir adivinhos, vagabundos e ladrões que nesse tempo infestavam as províncias, pondo em risco as pessoas de bem. Essas leis têm sido aplicadas aos médiuns espiritas, como se o exercício da mediunidade estivesse de algum modo relacionado com aquele género de «vida».

Várias tentativas se fizeram para remodelar a lei iníqua e dar à grei o mínimo de liberdade a que tem direito, mas todos os esforços resultaram inúteis ante a admirável teimosia de muita gente culta. As perseguições sucediam-se como sistema ordenado, a imprensa livre *falava e gesticulava*, reclamando um lugar ao sol para os milhões de adeptos da nova doutrina, mas a Câmara dos Comuns a nada se movia, como se esses cidadãos faltassem no aglomerado britânico.

Os ânimos exacerbavam-se. A revolta surda apoderava-se das almas. Então podia lá ser que se coartasse a alguém o direito de seguir uma filosofia racional que era elemento de ordem, que demonstrava a existência de uma vida futura, preconisando a reforma integral do homem, para que a sociedade se aperfeiçoasse e as discórdias se extinguissem? Era lá possível que se invadissem os centros espiritas como se fossem casas duvidosas, de baixa moral, quando ali se estudava o Evangelho do Cristo e se comunicava com seres de outro mundo que o materialismo nega? Era, sim, era possível, para vergonha de uma legislação e de um arbítrio que levava muitos juizes a proferir sentenças inverosímeis.

Em 1930, o notável escritor Sir Arthur Conan Doyle, então membro do parlamento, chefiou um grupo que apresentou um projecto de remodelação das duas leis, mas nada conseguiu. Em 1943, o ministro do interior recebeu uma Comissão de que fazia parte o Marechal do Ar Lord Dowding. Em 1946, o actual Ministro do Interior recebeu alguns espiritas de nomeada, entre eles a Duquesa de Hamilton e o deputado Leslie Halle, afirmando a mais franca simpatia pela reivindicação apresentada. Em 1948, os espiritas insistem novamente, através do nosso prestante confrade T. J. Brooks, deputado por Normanton e que há quarenta anos defende a nossa Causa.

Pois bem; no dia 1 de Dezembro o projecto voltou à Câmara dos Comuns apoiado por mais de 40 deputados e nem uma só voz se ergueu a combatê-lo. Um verdadeiro triunfo para o Espiritismo, que durante quatro horas foi objecto de viva apologética pela boca de Walter Monslow, T. J. Brooks, Leslie Halle, Oldham West e Chuter Ede, Ministro do Interior.

O primeiro a falar foi Mr. Walter Monslow, membro do Partido Trabalhista. As suas palavras de abertura foram estas:

— Apresentando o projecto à consideração da Câmara, espero o seu apoio, mas quero desde já esclarecer a minha posição. Eu não sou espirita, sou metodista!

E descreveu calorosamente as injustiças sofridas pelo Espiritismo na Grã-Bretanha e os esforços feitos por elementos responsáveis no sentido de eliminar a fraude das experiências psíquicas. É o que têm feito os espiritas — diz ele — pois a prática da fraude no sentido de imitar a mediunidade é uma ofensa essencial que é preciso divulgar por meio do público ou dos tribunais. Além disso, não se pode admitir que se apliquem leis antiquíssimas ao exercício da mediunidade, que data de 1853, e mais ainda, que tais leis se apliquem indistintamente a culpados e inocentes.

E pouco depois:

«Os médiuns honestos necessitam de protecção. Não podem estar à mercê de maus informadores e ser tratados como mendigos e vagabundos. Eles não são párias da sociedade! O movimento espirita tem adoptado todas as medidas para eliminar impostores e exibir charlatães, mas pede, em nome da justiça britânica, que se libertem os médiuns das malhas dessas leis antiquadas!

— Dá-me licença? — interrompeu Mr. Paget —. Que é o movimento espirita?

E Mr. Monslow respondeu:

— São mil igrejas (churches) filiadas em duas grandes organizações: a «*Spiritualists National Union*» e a «*Greater World Christian Spiritualist League*», com um activo de 50.000 associados. Além disso, há muitos milhares de aderentes que assistem às sessões espiritas e que não se encontram ligados às igrejas (centros). O movimento espirita não se exerce apenas na Grã-Bretanha, mas em todo o mundo e em muitos países é reconhecido pelo Estado. No Congresso Internacional realizado em Londres, em 1948, 48 países se representaram e nós estamos aqui a discutir um assunto de importância vital para um vasto sector da nossa comunidade.

Referindo-se depois a Mr. Chuter Ede, Ministro do Interior, exalta as suas qualidades de isenção, um homem simpático, compreendedor e tolerante em matéria de religião, cheio de bom senso para servir de fiel da balança na medida da justiça. Faz o seu apelo em benefício de grande número de espiritas britânicos que devem adorar o seu Deus sem receio de julgar que estão a infrigir a lei ou de ser condenados, como mendigos e vagabundos. Concluindo, diz que o fim do projecto é separar os impostores dos cidadãos honestos, de modo que pratiquem livremente a sua religião e mantenham suas opiniões sem interferência da lei.

Em seguida, levantou-se Mr. T. J. Brooks, velho espirita com quatro dezenas de anos de serviços à Causa. Admirou a coragem de Mr. Monslow, dizendo ser interessante que um membro responsável da Igreja Metodista se coloque tão alto para advogar a liberdade religiosa dos outros. Depois lê alguns parágrafos de uma Carta Aberta que as organizações espiritas enviaram à imprensa em Agosto último:

«Para os espiritas — diz — a prática da fraude como imitação de mediunidade é um crime que merece o castigo mais severo. A fraude deste género serve para destruir os mais belos sentimentos do coração humano, porque através da verdadeira mediunidade é que vem o conforto e a prova do interesse permanente dos nossos entes queridos, além da realidade do mundo espiritual. Embora as fraudes sejam comparativamente raras, causam grande desgosto e destroem a confiança. A fraude deve ser desmascarada e os impostores castigados. A mediunidade deve proteger-se contra o abuso e a exploração e a perseguição. Mas, lá porque detestamos a fraude, não é razão para que as pessoas honestas que tenham faculdades mediúnicas e desejem usá-las em benefício dos seus semelhantes vivam à sombra destas leis antigas.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

«Eu tenho muitas razões para saber que os dons espirituais apontados na Bíblia se encontram hoje nas pessoas a que chamamos médiuns. Tenho mais de 40 anos de experiência pessoal e conheça-os como decentes e honestos.

«Eu próprio tenho presidido a muitas sessões espiritas e digo, sem receio de errar, que os adeptos desta causa não são ignorantes nem iludidos. Alguns dos mais finos intelectos desta e doutras regiões têm enfileirado connosco de Robert Owe, um dos fundadores do socialismo no nosso país, e do Presidente Abraham Lincoln na América, até os cientistas Alfred Russel e Sir William Crooks, e os literatos como Thackeray, Ruskin e William Howitt. E se me for permitido uma velha citação, vejamos o que Gladstone disse em 1884:

«— O estudo da mediunidade é o maior trabalho que se está a fazer no mundo».

Depois citou Lord Balfour e Conan Doyle, e disse que estávamos em boa companhia, acrescentando:

«Pedimos ao Parlamento que arranque o estigma daqueles que, servindo os seus semelhantes, possam usar as faculdades que Deus lhes deu. Permitam-me que termine com uma afirmação que é um ponto cardial no

movimento espirita: Não, não podemos acabar a nobre tarefa da vida. Não podemos deixar de trabalhar. Nunca cessaremos de ser. Nenhum período se aplica ao nosso ser, porque é eterno».

Depois levantou-se Mr. Arthur Colegate, deputado por Burton:

«Apoio o projecto com grande satisfação, especialmente nos tempos que correm, quando abrimos os jornais e lemos a série de intolerâncias e perseguições à religião nas diferentes partes do mundo. Para mim, não é preciso discutir os méritos do Espiritismo. Para apoiar uma medida desta espécie, basta-me que um número de cidadãos reputados a apoiem também. O simples facto do meu velho amigo T. J. Brooks ser espirita é suficiente para crer que há qualquer coisa que muitas pessoas dignas gostariam de praticar e apreciar».

Em seguida referiu-se aos médiuns fraudulentos, que devem ser isolados para bem de todos, terminando as suas considerações, pedindo que na primeira cláusula do projecto fique bem expressa a ideia que acaba de emitir, bem como o desejo de que as pessoas honestas pratiquem livremente a sua religião. Assim, não só desejamos, mas temos o dever de repelir aquelas Leis e substitui-las pelo projecto que está em discussão.

Seguiu-se Mr. George Rogers, que, depois de citar a Epístola de Paulo aos Coríntios relativa aos dons outorgados pelo Espírito a certos indivíduos, referiu-se a vários inquéritos a respeito realizados pela igreja anglicana, dizendo ser possível que estejamos no limiar de nova ciência que nos dê a certeza de um mundo por detrás do que vemos. Disse que em 1938 o Arcebispo Lang nomeou uma comissão para inquirir acerca do Espiritismo e a maioria dos seus membros afirmou que a comunicação dos espíritos era um facto:

«Há aqui muitos deputados que desfrutam eminentes posições nos serviços do Estado e que têm dirigido inquéritos acerca dos argumentos dos espiritas e acabaram por acreditar na possibilidade de demonstração da vida futura, embora não se disponham a enfileirar neste movimento com receio do ódio que lhes possa advir, relativamente a essas velhas leis, e também porque muitos ingleses que não comungam nestas ideias olham os espiritas como pessoas excêntricas, desagradáveis e repelentes».

E após várias considerações de ordem crítica, terminou, dizendo:

«Acho que a Câmara deve habilitar os espiritas a erguerem a cervis como homens livres, orgulhosos da crença que professam com ardente sinceridade. Finalmente, peço que se remova o estigma de espiritas».

Mr. Gordon Lang fez o elogio de Conan Doyle que, na opinião do orador, era um verdadeiro museu psíquico. E prossegue:

«Eu ainda me não convenci de que o Espiritismo é tudo o que os seus adeptos afirmam. Mas isso não é o principal ponto da questão. Estou certo de que a Câmara mantém a sua melhor tradição, mesmo quando dá liberdade ao povo com quem não concorde inteiramente. As pessoas que pertencem a um movimento são dele a melhor recomendação. Há mais coisas na nossa filosofia do que estes sonhos mundiais. E quem entre nós ousaria revelar o que podia ou não podia suceder na fronteira que existe entre a mortalidade e a imortalidade? Há quem perscrute ansiosamente e não possa dar uma resposta. Há outros, julgo eu, que não admitem que tenhamos quaisquer faculdades psíquicas especiais.

«Sir Arthur Conan Doyle escreveu-me uma carta antes das eleições de 1931, dizendo que o mundo espirita tinha os olhos em mim e que eu não necessitava de me inquietar acerca da eleição e de outras futuras eleições. Infelizmente, os seus amigos não constavam de registo eleitoral, ou, se estavam, como eu era um jovem e inocente moço, pensaram que era melhor afastarem-me da Câmara por algum tempo. De uma forma ou de outra, eu sofri a maior derrota da minha vida.

«Se o povo acha conforto e pode ser restituído à pureza da sua crença, eu estou ao lado dos que auxiliam seja o que for, mas é essencial que nada seja permitido que possa explorar essas injustiças e traficar com elas. É necessário que se previna qualquer espécie de fraude, que é sempre deplorável; e embora esteja na alçada dos tribunais, nestes casos é quase repreensível mencioná-la. Em conclusão, quero realçar que acredito na liberdade de religião e que desejo dar aos outros a liberdade que me dão a mim».

Depois levantou-se um judeu para falar. Foi Mr. L. M. Lever, deputado por Manchester, que declarou:

«Como adepto do judaísmo, desejo ardentemente apoiar a medida que se trouxe à Câmara e que eu encaro como parte do processo de emancipação religiosa que começou no século dezanove, e que hoje temos a satisfa-

ção de apresentar em relação com a comunidade espirita.

«Nos tempos que decorrem, nada podia haver mais belo do que proclamar ao mundo o nosso respeito pelas crenças religiosas dos outros.

«Os espiritas são um ardente e fervoroso corpo da comunidade que crêem na sua fé e eu respeito os homens que crêem na sua fé. Com efeito, eu julgo que há pouca tolerância e liberdade religiosa e nós queremos mais.

«Estes homens activos têm sido perseguidos e arrastados aos tribunais pelo antigo Estatuto e isso parece-me que tem prejudicado aqueles que se preparavam para sofrer em holocausto à fé que lhes é mais cara.

«Actualmente, todas as demonstrações psíquicas nos centros espiritas registados como lugares de culto estão expostas ao perigo de perseguição, à sombre dessas Leis. É a primeira vez que se integra o Espiritismo na legislação deste país».

Desculpem os leitores a extensão do relato, mas o acontecimento é digno do espaço que lhe dedicamos neste fecho de ano, em que as almas procuram alguma coisa que as eleve e afaste ao mesmo tempo do erro e da injustiça. Agora surge a questão de saber se os tribunais poderão julgar os médiuns. É Mr. Viant que encara o assunto.

«Eu apoio este projecto — diz ele — não como sócio de um centro espirita, mas como homem verdadeiramente ansioso de liberdade religiosa para todos.

«De quando em quando leio na imprensa relatos de perseguições que levam médiuns aos tribunais sob pretexto de fraude eu pergunto a mim mesmo: Quais são os elementos que têm os nossos tribunais para julgar se um médium é ou não fraudulento? Os médiuns não têm possibilidade de provar que podem fazer certas coisas sem o demonstrar e os tribunais ingleses não estão apetrechados para isso; e eu duvido muito se um juri ordinário é capaz de julgar um caso desta natureza.

«Não sou sócio de nenhum centro espirita, mas estou convencido de que há mais coisas do que julgamos e devemos preparar-nos para estes assuntos.

«Se não estamos convencidos de que o Espiritismo é uma realidade fundamental, devemos pelo menos admitir que outros tenham faculdades que nos são negadas. Por isso digo que devíamos manter uma atitude favorável neste caso. Eu não posso repelir o Espiritismo de uma forma tão simples. Como disse o meu colega e amigo T. J. Brooks, muitos intelectuais se converteram ao Espiritismo, como o falecido Dr. Alfred Russel Wallace que, principiando como físico, se tornou espirita, devido aos seus estudos e investigações».

Agora cabe a vez a Mr. Parker. Suas palavras circunspectas dão a justa medida do bom senso britânico:

«Tudo o que podemos designar por Espiritismo, incluíndo a exaltação dos espíritos, será legalizado se o projecto passar. Ao propormo-nos fazer isso, devemos pensar sèriamente no que pode acontecer. Quando Mustapha Kemal revogou as diferentes leis contra a liberdade religiosa, a fim de permitir inteira liberdade, abriram-se excepções contra o Espiritismo. Há leis que protegem os indivíduos que sejam enganados e eu jugo que as intenções do projecto não atingem este fim. O centro espirita pode ficar satisfeito com as normas aqui expressas para o controlo das sessões; nós não devemos pensar só no centro espirita, mas no grande público. Peço à Câmara que veja se é suficiente salvaguardar no projecto a protecção do público contra as formas de fraude que possam surgir da revogação de várias Leis do Parlamento».

Mr. Woods, deputado por Droylsden, diz que o «Witchcraft Act» (Lei da Feitiçaria) foi uma tentativa para acabar com um costume antigo, apesar de haver muitas pessoas que ainda acreditam na comunicação com espíritos malignos.

«Eu não conheço muito espiritismo—acrescenta —. Tenho assistido a sessões e estudado o assunto, mas sou apenas simpatizante. Contudo, estou convencido de que há clarividência, de que homens e mulheres possuem faculdades que outros ignoram na vida normal.

Mr. Weitzman fechou o debate, dizendo que o projecto marca um passo em frente, reconhecendo que certas pessoas não devem ser perseguidas pelo facto de seguirem determinado caminho... Podemos dizer que qualquer pessoa que pratique Espiritismo ou outras coisas que impliquem com o «Witchcraft Act» está, *ipso facto*, a transgredir a lei, se honestamente acreditar no que está a fazer. Não há intento de prejudicar. Contudo, neste projecto realizamos uma coisa muito importante. Repelimos o que era considerado ofensa cometida por um indiví-

duo que honestamente acreditasse no que estava a fazer, em Espiritismo ou noutra coisa qualquer.

«Aprovo o projecto, porque revoga perseguições à sombra do «Wichcraft Act», substituindo-as por uma cláusula que obriga a provar o intuito de prejudicar alguém. Ninguém poderá perseguir um espirita, a não ser que prove ao magistrado ou ao juri que houve intento de prejudicar. Acho que o projecto é útil, pelo facto de abolir o horrível método de punição, à sombra dessa lei obsoleta que não exige a «intenção de prejudicar». Por isso, a Câmara deve apoiá-lo».

Levanta-se agora Mr. Ede, Secretário de Estado do Interior, grande defensor das liberdades populares, à frente das quais estão as crenças religiosas de cada um. Depois de dizer que já revelara a opinião do Governo acerca do projecto, acrescenta:

«É claro que não desejo fechar a discussão; mas temos tido tantos discursos — e todos tão breves e relevantes — que julgo poder afirmar que o sentimento da Câmara tem sido muito bem exposto. O que eu desejo esclarecer é que não estamos a decidir se o Espiritismo é razoável ponto de vista digno de se manter, mas que esta medida representa um avanço considerável no sentido da tolerância religiosa. Com os seus médiuns sujeitos ao «Vagrancy Act» (A Lei da Vadiagem), os espiritas sentem-se colocados numa categoria em que pessoas sinceramente religiosas não devem ser colocadas.

«Não é a primeira vez que se apresenta uma proposta de emenda a leis criminais que prejudicam os espiritas. Vários Secretários de Estado do Interior têm posto e discutido este assunto nos últimos 20 anos. Em 1930, por exemplo, houve um projecto com o intuito de imunizar os espiritas e investigadores psíquicos contra as perseguições autorizadas pela lei, mas não foi considerado em segunda leitura.

«Nenhum antigo Secretário de Estado do Interior falou na Câmara acerca de um projecto semelhante. Está reconhecido há muito não ser da alçada governativa o que o povo crê e como exerce o seu culto ou dirige os serviços religiosos; do mesmo modo, o seu procedimento não constitui ofensa à lei, à ordem ou à decência pública.

«A nossa civilização baseia-se na tolerância. Há dias abri o *Saturday Evening Post* e li as seguintes palavras: «Só quando sabemos tolerar a opinião dos outros podemos dizer que somos civilizados». Ora, eu desejo oferecer esse ponto de vista à Câmara, de forma categórica.

«Eu nunca fiz experiências semelhantes ao que os espiritas realizam e apreciam, mas isso não prova que elas sejam falsas. Só prova que eu não sou susceptível do que eles podem ser. Eu posso ser surdo, mas isso não me autoriza a pensar que tudo o que os meus amigos músicos me explicam seja ilusório e que eles estejam imaginando essas coisas. Nem só no nosso país, mas onde quer que tem chegado a nossa civilização, esta tolerância tem sido o nosso maior orgulho, a mais saliente prova da nossa liberdade espiritual.

«Algumas pessoas não ligam importância a crenças heterodoxas e isso não deve surpreender-nos. O Governo devia abster-se de emitir opinião pró ou contra qualquer crença heterodoxa. Neste caso, o seu principal dever é proteger o público contra a fraude. Em todas as grandes comunidades há numerosos ignorantes e crédulos que podem ser explorados por charlatães ou ledores de *buena dicha*.

As nossas leis actuais protegem contra a exploração de ignorantes e crédulos como aqueles a que nos temos referido, e se a lei vai ser alterada, não se deve esquecer esta protecção.

«Os promotores do projecto reconheceram isto, que, de facto, tem objectivos limitados. O que os genuinos espiritas não querem é ser considerados pela lei como impostores fraudulentos e classificados nas variadas turbas de vagabundos, como sucede no «Vagrancy Act» de 1824, ou na «bruxaria, feitiçaria ou conspiração», como no «Witchraft Act» de 1735.

«Nos últimos anos, os espiritas não se queixaram da forma como a lei tem sido administrada. Em 1943 a polícia foi avisada pelo Lord Presidente que só devia proceder contra pessoas cujas actividades merecessem reclamações do público, ou que se visse que eram impostores ou cobravam dinheiro ou coisa semelhante. Dois anos depois foram avisados de que deviam consultar o Director da Investigação Criminal antes de procederem contra médiuns espiritas.

«Este projecto revoga o «Witchcraft Act» de 1735 e isenta de perseguição quem possua faculdades psíquicas, permanecendo, todavia, a secção 4.ª da Lei de 1824, relativa a quiromantes e ledores de *buena dicha*. Se o projecto for aprovado, será substituida a nova penalidade por ofensa de imposição pública

com mira em recompensa, mas não atingirá a pessoa que se ocupe de sérias investigações psíquicas.

«A troca é mais nominal que substancial, mas para os espiritas tem grande importância. O que para uns é ilusão, para outros é realidade suprema. Não quero dizer com isto que o Espiritismo seja uma ilusão, pois reconheço que para muitos é a suprema realidade. De uma forma ou de outra, os que não estão habilitados a fazer essas experiências devem reconhecer o facto.

«Alguns admirar-se-ão que os espiritas de hoje sejam embaraçados por duas leis antigas, mas se perlustrarmos o livro «Golden Bongh» (Ramo Dourado) de Sir James Frazer, veremos que em todos os tempos houve a crença nos espíritos e que muitas superstições actuais e certas práticas estão ligadas à primitiva crença nos bons e maus espíritos. Hoje talvez haja mais tendência para acreditar nos bons, que nos maus. No século 17 muitas pessoas certamente acreditavam nos bons e receavam os maus».

E depois de referir certas particularidades das leis antigas em apreço, disse, em conclusão:

«A atitude do Governo é de benevolente neutralidade, mas nós recomendamos à Câmara a necessidade de não esquecer o grande espírito de tolerância nesta matéria que tem sido apanágio desta Casa nos últimos 200 anos.

«O debate tem sido interessante e estou certo de que continuará, competindo-me agradecer aos deputados que nele participaram a orientação dada e os argumentos apresentados em torno desta medida, e sinceramente espero que possamos libertar alguns dos nossos concidadãos de uma afronta que os atinge».

Após o Secretário de Estado do Interior, outros oradores falaram, como o Coronel Lipton, Mr. Deer, Mr. Mellish, Mr. Gibson, Mr. William Ross, Mr. Leslie Halle, Mr. James Hudson, Mr. Pannell, Mr. Janner, Mr. Norman Smith, Mr. Douglas Houghton, Mr. George Wigg, etc.

Por nos parecer curiosa, vamos transcrever parte do seu discurso. Primeiro, relatou o célebre caso Duncan, a que oportunamente nos referimos nestas colunas, para demonstrar a incongruência das velhas leis agora em foco. Depois disse:

«Eu nunca assisti a sessões espiritas. Nunca vi uma materialização. Não acredito numa, nem noutra coisa, mas sei que muitas centenas de milhar de concidadãos nossos estão convencidos da realidade destas manifestações e muitos deles encontram nelas alívio e consolação. Os que olham o Espiritismo como mito curioso ou aberração da mente são descendentes do mesmo povo que há 60 ou 70 anos, dizia as mesmas coisas do hipnotismo. Há 30 anos poucas pessoas acreditavam na telepatia. Hoje mesmo creio que ainda não é verdade estabelecida. Mas grande número de indivíduos já aceita a genuidade dessa crença e pode bem ser que os respeitáveis aderentes da doutrina espirita sirvam de grande exemplo, como os que não aceitavam esse credo.

Lamentamos que a falta de espaço não permita relatar mais circunstanciadamente os debates a que o projecto foi submetido na Câmara dos Comuns da Grã Bretanha. Ver-se-ia o elevado conceito que presidiu às considerações aduzidas e o respeito que a todos mereceu o Espiritismo.

O projecto agora ficará em estudo, havendo todas as probabilidades de ser convertido em lei. Depois da segunda leitura irá para a Comissão de Redacção. Todos os pontos levantados no debate serão rigorosamente considerados por outra Comissão e todas as modificações e emendas serão nele incluidas, a fim de voltar aos Comuns para terceira leitura. Só então seguirá para a Câmara dos Lordes, onde Lord Dowding o patrocinará. Finalmente, exigirá a sanção real e logo que esteja assinado será transformado em lei.

O que se passou no Parlamento inglês no dia 1 de Dezembro deve-se em grande parte ao nosso confrade e valente pioneiro T. J. Brooks, a quem todos os oradores, ou quase todos, renderam sincera homenagem. Foi um dos maiores triunfos conseguidos pelos espiritas ingleses nos últimos anos.

Não comentamos os discursos pronunciados, visto serem suficientemente elucidativos, para que necessitem de comentários. Houve circunspecção, clareza e bom senso na boca de todos os que ergueram a sua voz autorizada em prol da liberdade religiosa, apanágio das nações cultas em que o respeito mútuo é a base da fraternidade e do bem colectivo. Isso nos basta para augurar dias melhores para a nossa sublime causa.

Deste extremo ocidental da Europa saudamos os nossos confrades ingleses pelo triunfo alcançado e permita Deus que a doutrina espirita vá rasgando as trevas em sulcos de luz inofuscável.

DO ESPÍRITO

por RAMOS PEREIRA

Tratámos num outro artigo publicado nesta Revista da existência de dois tipos de radiações diferentes: — um biopsíquico ou magnético, de fraca frequência de vibração; outro mental ou psíquico, de alta frequência, com formas análogas à dos raios X de Roentgen. Designêmo-los por raios Z e Y, respectivamente. Excluída a radiação calorífica, temos de imputar à «psique» o papel de factor determinante da natureza destas radiações (único factor dos raios Y).

Por agora, é-nos impossível apresentar uma teoria completa, não só sobre a natureza como sobre as causas destas formas de energia. Contudo, julgamos que em qualquer hipótese teremos de partir de uma premissa tirada do pensamento de Driesch, por indução: — a «psique» não cria nem transforma energia, na acepção física da ideia e, isto mesmo, por ser um fulcro energético em constante transformação, ou melhor, modificação interna.

Mas esta modificação transmite-se espontâneamente ao meio ambiente e sob os tipos Z e Y. Ora bem. Supomos que essa vibração se chocará principalmente com as células nervosas, devido à sua natureza, muito embora a transmissão vibratória abarque a totalidade orgânica. Logo, a radiação psíquica produz, por esse choque, uma «fluorescência» específica reveladora do estado orgânico. Chamemos-lhe raios Z_1. Mas se, como pensou L. Laszki, ela causa uma alteração da energia química molecular, teremos uma radiação Z_2, conhecida vulgarmente por «fluido magnético». A propagação da vibração inicial será os raios Y ou mentais.

A «aura» deverá ser a resultante deste complexo energético, uma espécie de registo biopsíquico. Mas nela não se exteriorizam apenas as modificações anímicas, o que, ao dar-se, fariam um «registo» instável, legível por momentos. A «unidade» do «eu» terá também o seu duplicado áurico, pois só assim se explicarão certos fenómenos metagnómicos. A «aura» é o «ambiente metaetérico» de Myers. Kylner distinguiu nela 3 camadas sobrepostas, o que não se nos afigura impossível, em virtude dos diferentes factores que a produzem.

As radiações físicas, (raios Z_1), devem constituir a zona profunda da aura, isto é, a que se encontra adjacente à superfície do corpo. Qual a sua natureza? Hipotetizamos uma origem dupla, ou melhor, distinguimos dois elementos: — energia calorífica radiante e quimioluminescência (v. conceito de luminescência em Wiedemann).

A natureza protomaterial do perispírito leva-nos a julgá-lo (até prova em contrário) como sede de radiações típicas que tanto podem ser uma electro-luminescência, como (o que consideramos mais provável) serem reflexos produzidos pelo choque dos raios Y (radiações psíquicas) nas moléculas perispirituais, uma espécie de catodo de luminescência (Z_3). Serão estas radiações que constituem, com Z_2, a zona média da aura, sendo a camada mais externa formada pelos raios Y.

Toda a vida (física e espiritual) se exterioriza, pois, na aura como se esta fosse um somatório de forças.

Certos sensitivos dizem ver uma luminosidade especial (pela tonalidade e intensidade, variável com os indivíduos) localizada em certas regiões do corpo: — crânio, tórax e parte superior e esquerda do abdómen. Ora se é nestas regiões que a actividade química das células é mais intensa, é lógico que seja aí notada mais intensa luminescência. O sensitivo «lê», então, a «aura» física e é-lhe possível localizar afecções pelas quebras (riscas enegrecidas mais ou menos largas) na tonalidade geral (v. conceito de «chakras», in teosofia).

É difícil, se não impossível, classificar as «auras» em tipos, tanto quanto o é classificar os indivíduos em tipos psicológicos irredutíveis. Os videntes ligam, geralmente, a um cambiante de cor certos estados de consciência; assim, os pensamentos e sentimentos elevados mostram-se nas auras por tonalidades esbranquiçadas (azul ou cor de rosa pálido, por exemplo) e os inferiores por cores escuras (negro, cinzento carregado, vermelho intenso, etc.). Mas não conhecemos qualquer trabalho *experimental* em que se faça o estudo comparado das côres áuricas com os estados psicológicos (além de que julgamos as cores como atribuíveis a um fenómeno de fotoluminescência perispiritual e não directamente ligadas aos raios Y). Mas tem fundamento lógico esta visão de cores, visto o «branco» resultar de não-absorção luminosa (em acordo com a fraca densidade da massa perispiritual dos seres superiores) e o «negro» de uma absorção total. Olhando a série cromática, julgámos poder dispor da seguinte forma as cores áuricas em relação com o progresso espiritual, embora sabendo que nos é impossível um paralelo perfeito:

I — Cor de rosa pálido II — Alaranjado pálido III — Amarelado IV — Branco esverdeado V — Azul pálido	Ser superior
VI — Vermelho pálido VII — Alaranjado forte VIII — Amarelo IX — Verde-mar X — Azul celeste XI — Anilado	Ser de elevação média
XII — Vermelho sangue XIII — Amarelo carregado XIV — Verde escuro XIV — Azul vivo XVI — Anil XVII — Violeta escuro	Ser pouco evoluído
XVIII — Azul intenso XIX — Violeta escuro XX — Negro	Ser inferior

Notemos ainda que os videntes geralmente apercebem-se da tonalidade dominante e foi nesta ordem de ideias que estabelecemos os cambiantes. Mas, na mesma aura, as cores alternam-se, misturam-se, na mesma medida em que o indivíduo acalenta «bons» ou «maus» sentimentos...

Estabelecem-se, por vezes, graves confusões entre «aura» e «corpo astral» ou «perispírito» em livros de divulgação, talvez mesmo porque as descrições dos clarividentes não permitem que sempre se faça a distinção. A tendência é mesmo identificar a «aura» com o perespírito por se julgar aquela dependente deste. Lê-se, por exemplo, em Annie Besant: «a aura kâmica é simplesmente a parte do corpo kâmico que se estende para além do corpo físico» (v. o que diz Leadbeater in «Plano astral» p. 27-28).

Para nós, até melhor opinião, supomos o perispírito ou psicossoma um agregado de moléculas protomateriais, de natureza química ainda desconhecida, mas que se revela como uma substância sensível, estabelecendo a ligação entre o fulcro anímico e o meio ambiente. A sua evolução é paralela da alma e os seus limiares sensoriais são muito mais dilatados que os psicofísicos.

Extraordinàriamente plástico, a coesão das moléculas é mantida (inconscientemente?) pelo fulcro anímico e nós supomos na psicogénese, na evolução desde a «onda da vida» (v. «Grande Síntese», de Ubaldi) ao «espírito humano» uma lenta diferenciação em perispírito — corpo sensível — e alma — fulcro consciencializado. Só pela existência do perispírito se poderá compreender melhor a «materialização» e mesmo a encarnação, ainda que não consigamos distinguir a par e passo o «processus» do fenómeno. Deve tratar-se de algo semelhante à dissolução; isto é, as moléculas perispirituais devem unir-se às moléculas orgânicas do corpo físico, adaptando-se à sua forma ou ocupando os espaços intermoléculares da substância ectoplásmica, dando-lhe a forma que esta não tem. O fulcro anímico transcende esta espacialidade (de 3 ou 4 dimensões) para uma espacialidade ainda por nós inapercebida. É através da capacidade vibratória do perispírito que a alma entra em vibrações harmónicas com o meio ambiente.

Afirmaremos então, que o perispírito é apanágio das formas «vivas», animais ou vegetais, e que *a sua densidade está na razão directa do progresso anímico.*

O papel do perispírito não desfaz o bem patenteado peralelismo psicofisiológico, antes o esclarece; não invalida a teoria das neuroses de origem orgânica ou tóxico-infecciosas, nem a das localizações cerebrais se a tomarmos por uma teoria de especificação dos centros nervosos e não pretendermos inferir dela argumentos para provar a «origem» do pensamento, etc., nesses mesmos centros.

A densidade que substitui o que constitui o perispírito deve ser função do aperfeiçoamento anímico. Julgamos indemonstrável a opinião dos que dizem que «baixos» pensamentos adensam o perespírito, isto é, que a maior ou menor fluidez da massa depende da natureza do pensamento. Teríamos de concluir que para a produção de uma ectoplasmia era necessária a baixeza das ideias, etc... Parece-nos que se faz uma confusão de perispírito... com «aura». Pensamos antes que a densidade do perispírito e a frequência de vibração dos raios Y são consequências das causas condicionadoras da evolução do fulcro anímico.

Qual a constituição do fluido perispirítico? As análises levadas a cabo por Schrenck-Notzing e Lebiedzinski são pouco concludentes. Se permitem hipotetizar a natureza da substância extraída do corpo do médium (ectoplasma), nada esclarecem sobre a do perispírito. «Corpo fluídico», quase material», etc., são expressões vazias de sentido, escapatórias mais ou menos hábeis... mas que não resolvem a problema. Chamar-lhe «corpo etérico» já envolve uma hipótese, pois que o assemelhamos ao «éter»!... Mas sobre a essência deste, as opiniões são discordantes. Depois da relatividade de Einstein, o «éter» é um meio uniforme, homogéneo: «No lugar dos espaços interparticulares vazios e sem realidade que não participavam em nada dos fenómenos físicos e cujo único papel era o de se deixar franquear por acções a distância, faz-se intervir agora um meio extremamente activo, que não é senão «vácuo» porque é impalpável, mas que, em todos os fenómenos que nós atribuímos aos corpos palpáveis, manifesta a sua actividade de múltiplas formas, porque é ele que transmite, segundo leis que lhe são próprias, as acções de força de partícula a partícula». (v. G. Mie in «La théorie einsteinienne de la gravitation»). E, afinal, a semelhança é... entre os papeis que desempenham: meios de transmissão de acção.

A bibliografia teosófica também pouco adianta, chamando-lhe corpo de «matéria astral». Que elementos a formam? Que tipos de moléculas? Não se pode ainda dar uma resposta precisa.

(Este artigo foi escrito muito antes das comunicações transmitidas por Abdallah e publicadas nesta Revista sob o título «Apontamentos sobre o perispírito». As «notas» de agora devem ser conjugadas com a leitura daqueles «apontamentos»).

Rectificação Necessária

O número da Revista Estudos Psíquicos, *referente a Outubro de 1950, publicou um artigo intitulado «Religião», assinado por mim. Devo, porém, declarar, muito lealmente, que o artigo em questão não é da minha lavra e sim trata-se de uma colectânea extraída do belo livro «Comentários à História das Religiões», do sr. Arnaldo S. Tiago, distinto escritor brasileiro, colectânea de que eu apenas fui autor, e por ser esta a verdade, aqui o confesso.*

Devo mais esclarecer que por lapso meu, não precedi a minha assinatura daquelas transcrições das palavras seguintes: «Do livro Comentários à História das Religiões, *de Arnaldo S. Tiago», como era meu dever.*

Tenho colaborado em vários jornais e revistas nacionais e é sempre meu costume citar os autores de que transcrevo textos completos ou não, como é dever de quem preza o seu e o alheio, e como probidade literária.

Mas tal não se deu agora, por um lapso meu involuntário, de que peço desculpa ao sr. Arnaldo S. Tiago e a Estudos Psíquicos, *e a bem da verdade. Aqui fica, pois, a rectificação necessária e justa.*

Damião de Vasconcelos

"Dois Mundos"

Acaba de sair do prelo este livro estranho ditado pelo Espírito de *Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)*, ao director de «Estudos Psíquicos», que o recebeu intuitivamente em 50 dias, sem a mínima rasura!

Livro estranho pela finalidade e pelo conteúdo, livro em que se conjugam vários factores num trabalho de fundo verdadeiramente espiritual! Cada página é um grande problema que os olhos do leitor desfiam numa ansiedade aliciante. O Além e o Aquém num abraço portentoso que domina os seres e os leva para lá do efémero. Um livro estranho e único para crentes e descrentes. Aos primeiros, radica a fé; aos segundos, fá-los oscilar em suas convicções.

Eis o sumário da obra:

Esclarecimento — Este livro... — A Névoa — Os Arcanos do Além — Os Caminhos da Vida — A Viagem das Almas — A Missão do Apóstolo — No Mundo Mental — O Bem e o Mal — Ânsia de Conhecimento — A Marcha Progressiva — Atracção e Repulsão — Comércio Espiritual — Observação e Indagação — O Sentimento das Almas — O Caminho do Trabalho — Espíritos Familiares — O Além e o Aquém — Inconsciente e Consciente — Os Dois Mundos — A Investigação — Relações Espirituais — Labor Fraterno — Faina Meritória — O Tempo e a Ideia — A Transição — A Comunicação — Adaptação ao Meio — O Que o Véu Encobre — Unidade na Variedade — Missões de Auxílio — A Volta — A Metamorfose — Estudos Comparativos — Introspecção — No Limiar do Além — Incompreensão da Lei — Uniões Fraternas — O Ergástulo — Transmutação — O Balanço — O Problema do Passado — O Culto dos «Mortos» — O Moral e o Temporal — As Fases da Evolução — O Orgulho do Homem — Ronda Progressiva — Auto-Exame — O Instrumento da Pesquisa — A Manifestação Vital — Ataques Espirituais — O Que lá Vai — O Voo das Ideias — Epílogo.

Uma obra de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA é uma obra honesta que se impõe por si mesma.

Aos nossos representantes do Brasil rogamos o favor de fazerem a maior propaganda deste livro, indicando-nos por via aérea o número de exemplares que lhes devemos enviar com os descontos habituais.

PREÇO { *Para Portugal* — 30$00
Para o Brasil — Cr$ 30,00

Façam os pedidos à redacção — Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA.

Natal Cristão

por MARIANA MENDES PALMA

A quadra mais bela do ano é sem dúvida a do Natal.

Bela pelo significado de que se reveste, trazendo em cada ano que passa a evocação do Presépio, a lição de Jesus, o caminho seguro para a Humanidade sofredora e ansiosa.

Perfeita lição essa que Deus abençoava do Alto, transmitindo as palavras o poder avassalador da convicção; a ideia a graça de tornar-se forma viva, palpável, acessível aos olhos dos descrentes; e ao exemplo a força estranha que conduz multidões, fascina e convence.

Jesus veio ao mundo dotado para expor a lição, vivê-la por seu trilho espiritual e pelo exemplo.

Abriu os olhos num tosco estábulo aos afagos de mansos animais e sob os olhares cativos de José e de Maria, seus pais, a quem o anjo anunciara a vinda do Filho de Deus.

Humilde foi sua vida, do berço ao Infinito. Inteligência que era sabedoria, bondade para além de todos os sentimentos humanos, Jesus sofreu como enviado do seu destino, e amou com sublimidade.

Conhecia o caminho, e em cada uma das suas pisadas o foi ensinando aos homens. Árdua e espinhosa caminhada, mas era o caminho.

Do alto do calvário olhou a Humanidade postada a seus pés, num turbilhão de virtudes e de faltas, e disse, com a doce calma do justo:

— Vinde até mim!

Em sua figura, farrapo ensanguentado, ardia a transcendência do Espirito. E no calvário acendeu-se um facho enorme que ficou a alumiar a obscuridade do mundo.

Essa pequenina luz assinalada por Deus, apareceu suspensa por sobre uma choupana. Foi pelo Natal. Guiados por ela os peregrinos vinham de longe, adorar Aquele que trazia o Amor. A luz resplandecia, e a terra de Jerusalém alargava-se para nela caber a grande família humana em volta do Filho de Deus.

Por isso o Natal é a festa da família e a quadra mais bela do ano.

Façamos que em nossos lares brilhe continuamente a luz do presépio.

O Natal de Jesus Cristo pode ser o Natal de todos nós. Cristo é a fonte inexaurível, o Amor e a Verdade. Sigamo-lo!

NATAL

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

A Cristandade, todos os anos em 25 de Dezembro comemora carinhosa e festivamente o Natal de Jesus.

É uma das festas de maior confraternização espiritual pela sua tradição verdadeiramente íntima e cristã. Os laços da família humana recebem por intermédio destas reuniões familiares o melhor tónico reconstituinte da amizade e da fraternidade, apesar do modo material por que muitos as realizam.

Entretanto, para os espíritos já mais cristianizados, em espírito e verdade, elas recordarão o nascimento de Jesus em seu coração, acontecimento de facto grandioso, porque representa o seu despertar no mundo espiritual, à luz da consciência.

Representa ainda o despertar de uma nova aurora, depois de uma prolongada noite de trevas, carregada de pesadelos provenientes de uma vida mal sonhada nos domínios da inconsciência.

Porque, não basta para a nossa melhoria espiritual, conhecer e festejar o nascimento do Cristo na terra; assim como não basta a quem tem fome, saber da existência e ver mesmo bonitos pratos de alimentos substanciosos. É necessário, sim, que o Cristo nasça em nosso coração para que o possamos sentir e apreciar no seu poder e no seu amor por toda a humanidade. Assim como também é indispensável que aquele que tem fome não só saiba e veja os belos pratos de substanciosos alimentos; mas sim, que os utilize para o seu fortalecimento material.

Há muitas pessoas que festejam o nascimento do Cristo; porém, em realidade, ele ainda está para nascer em seu coração, apesar de toda a sua religião e títulos com que muitos se apresentam.

As festividades e alegrias do verdadeiro cristão são tão íntimas, que o mundo raramente delas se poderá dar conta. Porque elas só podem ser apreciadas e sentidas pelos espíritos que muito sofreram, que muito amam e têm fé.

Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

Auxílio aos Necessitados

Destinados à subscrição do Natal, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número	3.648$50
Francisco Marecos Henriques	50$00
Bernardo C. de Almeida	10$00
Álvaro Garcia	12$50
Anónimo XX	10$00
Manuel F. Pereira	5$00
M. T.	8$00
Frederico Pereira	10$00
Eva da Conceição Pires	40$00
Cesaldina Gonçalves	10$00
Por M. H. S. B.	100$00
Cristiano Henriques	42$50
Pureza Madeira	10$00
Henrique da Silva Horta	50$00
José A. Taveira	20$00
Humberto C. da Silveira	5$00
António Mendes	150$00
Lília C. e Silva	40$00
Albertina Serrano	30$00
Mário Rui Rodrigues	5$00
Maria Manuela	20$00
Joaquim Dias	20$00
Augusto	20$00
Manuel da Silva Dionísio	10$00
Ernesto B. Andrade	20$00
Laura Valdez	25$00
Miguel M. Carvalho	30$00
Artur Levi Gomes	10$00
José Joaquim	7$00
A. N. C. e M. L.	50$00
A. Manuel Nogueiro	20$00
Isaac O. Marques	20$00
José Pinho Trindade	100$00
Júlio Curado	20$00
José A. Barnabé	20$00
B. B. e G. F.	600$00
Maria de Vasconcelos	20$00
Eduardo M. Cortes	20$00
Domingos Duarte Belo	20$00
Silvina C. Duarte	50$00
Elisa de C. Cardoso	10$00
Carlos Bivar	10$00
Gracinda Rocha	20$00
Alfredo Vieitas	20$00
José Cabral	20$00
S. A. S.	10$00
Anónimo	20$00
Maria Luiza Bravo	50$00
Adelina G. Baptista	50$00
Romão S. Velez	25$00
Maria Rosa Gineta	15$00
Estevão Rodrigues	10$00
Luiz Machado de Melo	20$00
Tomaz Alcaide	20$00
António Pereira	20$00
Américo Arnedo Freire	70$00
Inês da Costa Lapa	20$00
Eduardo da C. Pratas	100$00
Domingos J. C. Guerra	20$00
Cecilia Mesquita Guerra	15$00
Horácio Rodrigues	400$00
A. C. G.	20$00
Zahyra Pereira de Melo	20$00
Maria E. Armada	20$00
Um Ilheu	30$00
A. Gonçalves Campos	20$00
Maria Alice de Sousa	30$00
Luiza Martins Alves	30$00
Matias Nobre	10$00
Catarina C. Charrua	12$30
Maria M. Jesus Macedo	5$00
Eduardo F. de Matos	50$00
José Farinha	30$00
Policarpo Rocha	25$00
Maria Conceição Santos	40$00
António Simões Froes	20$00
João José Alves	20$00
Emília da Piedade	20$00
Leonildo Correia	10$00
Luiz Campos da Glória	20$00
H. S.	20$00
A. Constantino Brites	10$00
Gabriel J. Pereira	5$00
Ana da C. Lopes	5$00
Lucília A. Silva	20$00
Adelina Nobre e Silva	5$00
Damião Teixeira	20$00
João V. de Freitas	10$00
A. Caseiro Junior	20$00
Anónimo	20$00
Maria E. de Oliveira	10$00
Anónima	10$00
Cesar Alves	20$00
Manuel dos S. Ramos	10$00
Júlio C. de Almeida	20$00
Manuel Carvalho Silva	20$00
Francisco C. Simão	50$00
Sócio 376	20$00
Francisco Paulino Mendes	40$00
Anónima do Funchal	20$00
Luiz C. Fernandes	15$00
Amélia D. Santos Barreto	1.000$00
José Pais de Carvalho	30$00
Sara de Castro	20$00
Hermínio Mendonça	20$00
Ana Colaço Guerreiro	25$00
Augusto L. de Vasconcelos	20$00
Adolfo O. Fernandes	15$00
Eugénia de F. Nabais	5$00
Manuel Tavares	20$00
Albano António Ribeiro	20$00
Horácio da Silva Matos	150$00
António Natálio Júnior	10$00
Francisco Gomes Paixão	20$00
Maria e Mário Bacelar	40$00
Maria F. Vaz de Freitas	20$00
Manuel G. Viana da Cruz	20$00
Leonel Gomes Pinto	100$00

O donativo de 50$00 que figurou no último número no nome do Centro Espirita «Luz», de Coimbra, deve figurar no nome de César Alves, Também Anita Lopes Mendes é do Funchal e não de Lisboa.

(Continua)

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

FENÓMENOS DE EFEITOS FÍSICOS

O jornal *Notícias Gráficas*, do Rio de Janeiro, publicou uma crónica de A. Santos acerca de um fenómeno espontâneo de efeitos físicos observado na cidade mineira de Cataguazes, conhecida pela designação de «Princesa da Mata». Trata-se de materialização registada em plena rua pública. Vamos transcrever:

«Os jovens Jorene Portilho Magalhães e José de Melo, passeavam, displicentemente, no jardim principal da cidade, quando depararam com um fotógrafo ambulante. E resolveram tirar um instantâneo fotográfico que lhes lembrasse futuramente as alegrias daquela tarde. O profissional não perde tempo. Prepara a objectiva e focaliza o grupo. Minutos depois, a chapa é revelada.

«Quando entrega os retratos, o fotógrafo arregalha os olhos. Só então notou o fenómeno. Para surpresa de todos, a foto mostrava um vulto de rapariga junto a um arbusto que serve de fundo ao grupo. Entre os dois amigos apareceu uma materialização parcial minúscula, junto da qual se vê o ectoplasma gasto pelo médium Jorene Portilho.

«O rosto da jovem foi logo identificado pelo da menina Léa Pereira Amorim, morta recentemente e que fora colega dos moços que pousaram para a objectiva.

«O caso provocou viva sensação na bucólica cidade da zona da Leopoldina Railway, em virtude do ineditismo e excelência do facto.

«Ambos os jovens pertencem a famílias tradicionalmente católico-romanas, desconhecendo por completo os ensinamentos da Doutrina Espirita, ignorando assim o acervo fenomenológico de que a mesma dispõe.

«Diante de provas inconcussas, Jorene é impelido a estudar as obras fundamentais da Terceira Revelação, tudo levando a crer que se transformará num dos melhores médiuns do mundo.

«A mãe de Léa, reconhecendo o vulto de sua saudosa e querida filha, cuja vida fora ceifada prematuramente na plenitude de suas dezasseis primaveras, mandou extrair várias cópias fotográficas e está a distribuí-las entre pessoas íntimas. Embora não seja espirita, reconhece a evidência do facto».

Por toda a parte fenómenos semelhantes aparecem despertando as consciências para o grande clarão espiritual que ilumina o mundo. De que valem perseguições a uma doutrina que mergulha as raízes no Além, donde irradiam a cada passo ensinamentos e revelações que deixam os homens boquiabertos ? As barreiras que se levantarem e os obstáculos que opuserem à marcha do Espiritismo estimularão ainda mais o desejo e a vontade daquelas que tudo podem e se não cansam de aconselhar e orientar, desde que encontrem veículos.

UM FACTO INEXPLICAVEL

La Fraternidad, de Buenos Aires, transcreve um artigo de Camille Flammarion, sob o título desta nota, e que vamos arquivar nestas colunas:

Uma jovem de 28 anos, orfão, cujo irmão morreu tuberculoso aos 8 anos, foi recolhida por amiga da família. Filha de tuberculosa, o seu estado começou a agravar-se e caiu à cama em Abril de 1905. Possuo três diagnósticos independentes que coincidem nas conclusões, que resumo assim:: 1.º — Perda absoluta da sensibilidade e dos movimentos das pernas; 2.º — Extrema inflação do abdome com dores que impossibilitam a palpação profunda; 3.º — Respiração lateral diminuída, principalmente no lado esquerdo, onde se percebem ruídos. 4.º — Sensibilidade muito aguda na região vertebral. A coluna apresenta um desvio convexo para a esquerda.

Considerando estes sintomas e o estado geral da enferma: enfraquecimento, debilidade extrema, perda de apetite, constipação tenaz, insónias que resistem a todos os tratamentos, hemoptises frequentes e síncopes e o facto da mãe e o irmão terem morrido tuberculosos, levam os médicos a diagnosticar: «mal de Pott, paraplegia dos membros inferiores provocada por lesão medular, retenção vesical e intestinal, tuberculose pulmonar: Estado muito grave».

Os três diagnósticos foram estabelecidos pelos Drs. S. Martin, Grandjean e Diehl, e vieram confirmar o diagnóstico do Dr. Lery, que em várias ocasiões examinara a enferma durante dois anos. Estas consultas não alimentavam esperança de cura. Eis o estado dela em 28 de Fevereiro do mesmo ano:

«Está estendida e inerte sobre o leito e mal pode mover o braços. Pode voltar um pouco a cabeça para a direita; mas quando se lhe levánta o corpo, a cabeça cai pesadamente para um lado e outro.

«O rosto está muito pálido e enfraquecido, mas os olhos estão brilhantes e animados. Não é possível mantê-la sentada no leito, visto a coluna vertebral não apresentar rigidez alguma. Qualquer tentativa lhe provoca síncopes. O ventre está muito inchado e podem ver-se as asas intestinais distendidas que se apoiam à parede do intestino. As pernas estão inertes».

Nesse estado, M. Emile Magnin, que se ocupa de hipnotismo e magnetismo, teve ocasião de examinar a pobre doente e supôs que em caso tão desesperado pudesse tentar um tratamento especial, pois notou nela uma grande sensibilidade psíquica.

Entre outras coisas, ela contou o seguinte:

— No dia 18 de Setembro, às duas da manhã, eu estava acordada e o meu candeeiro apagou-se de repente. Acendi-o novamente e notei que ainda tinha petróleo. Apagou-se outra vez. Como estava em plena escuridão, vi uma luz na cozinha, através da porta do vestíbulo que ficara entreaberta e ouvi claramente: — «Posso». Vi então uma mão fina estendida que tinha uma tocha que iluminava todo o quar-

to e pude ler sobre a minha cabeça:: :«Levantar-te-ás no dia 8 de Maio». A visão desapareceu lentamente e após alguns momentos de escuridão o candieiro voltou a acender-se espontâneamente».

A mãe adoptiva da doente e também uma enfermeira fizeram o mesmo relato a M. Magnin, que perguntou à rapariga se voltara a ver a mão.

— Não, — respondeu ela —. Nunca mais a vi, mas reconhecê-la-ia entre mil.

M. Magnin supôs que poderia tirar proveito da visão e esperou formar uma segunda personalidade, evitando qualquer sugestão para não originar observações de tipo, de uma personalidade sem originalidade nem vontade, que tão fàcilmente se obtêm em hipnotismo.

De acordo com os três médicos, cujo diagnóstico já se conhece, tratou de provocar, por imposições magnéticas e sugestão, diminuição nas dores e no sonho. Era tudo quanto podia exigir. Provocou também uma acção sedativa no abdome, por meio de passes circulares.

A enferma dormiu tranquilamente. Depois manifestaram-se indícios de exteriorização de sensibilidade. Conseguiu-se que dormisse duas horas em cada visita cotidiana. Era o primeiro ponto principal. Isto sucedia no princípio de Março passado.

As funções intestinais começaram a restabelecer-se. Era um segundo ponto principal.

Pouco a pouco voltaram as forças. Em 8 de Março, ao acordar, a doente contou ao novo médico que via perto dela uma linda senhora, cuja descrição, disse M. Magnin, coincidia com a de uma personalidade que me foi muito querida e na qual devo ter pensado involuntàriamente.

— Quis fazer uma pergunta — acrescenta — mas a enfermeira não respondeu, tinha desaparecido num estado hipnóide. Poucos momentos depois, parecia sufocar e estendeu os braços para diante, em extensão forçada, e custou-me a perceber estas palavras: — «Ajude-me! Ajude-me!»

Fiz uma massagem na laringe e algumas insuflações no coração, dizendo: «Aqui tem forças!». Então ouvi mais claramente:

— Ajude-me a baixar nesta pequena...

Alguns segundos depois suspirou profundamente, o rosto distendeu-se, moveu a cabeça e fez esforços para sentar-se. Ajudei-a a incorporar e ficou perfeitamente sentada.

Estupefacto e naturalmente comovido, disse a essa personalidade: — «Sim, é realmente você que está aqui. Faça com que esta doente se endireite e caminhe». Então vi a doente levantar-se lentamente, deixando cair a perna direita sem esforço apreciável; em seguida a perna esquerda foi colocar-se ao pé da direita; os dois pés tocaram no solo com os dedos para dentro e as pernas rígidas, permanecendo apoiada na cama. Nesse instante, disse-lhe: «— Caminhe, pode fazê-lo». Deu então duas vezes a volta ao quarto. Tinha as mãos juntas, a cabeça erguida e os olhos voltados para cima. Pouco a pouco, a expressão mudou e produziu-se uma verdadeira transfiguração; e julgo não alterar a verdade dizendo que vi uma pálida auréola em torno da cabeça do sujeito à semelhança da que já descreveu o doutor Feré. Ao chegar a dois passos do leito, o dorso curvou-se, a cabeça inclinou-se e as pernas fraquejaram. Tomei-a nos braços e coloquei-a outra vez no leito.

No dia 16 de Março dormiu 7 horas sem despertar e contou-me com satisfação que a sua amiga lhe dissera que estendesse as mãos, que lhas havia tocado e que sentira uma força nova que lhe penetrava os membros superiores. Pouco depois escreveu-me uma carta (coisa que não pudera fazer durante 23 meses), acrescentando que não tivera hemoptises em todo o dia. Tinham cessado inteiramente.

Desde então, a enferma entrou no caminho da cura. No dia seguinte, a personalidade misteriosa disse a M. Magnin:

— Sentirá dores, enquanto a sensibilidade se não estender a toda a perna. «Quando será?». A sensibilidade voltará de 10 em 10 centímetros e em 27 de Março estará completamente restabelecida. Medi então a perna e o pé e obtive 102 centímetro, isto é, exactamente dez dias, de 17 a 27 de Março. Perguntei a data da cura e a personalidade respondeu: «15 de Maio». — «Que dia será?». — «Quarta-feira». Consultei o calendário. Era exacto.

Lentamente e gradualmente, foi realizada a cura considerada impossível dois meses antes. Sem entrar em todos os pormenores, podemos tentar a explicação. Em primeiro lugar, não podemos negar a influência do magnetizador sobre a doente. Era uma sensitiva desesperada, completamente disposta a receber promessas de cura. O magnetizador acreditava na sua possibilidade e não é um caso absolutamente novo. E dedicou-se a ela com energia e convicção.

Estamos em presença de manifestação notabilíssima da força psíquica. Qual é exactamente a natureza dessa espécie de personalidade que desempenhou tão feliz papel no assunto? Não há explicação plausível. Todos os argumentos dos psicólogos acerca da alucinação, do histerismo, da sugestão, não têm valor algum. Pode admitir-se que um organismo profundamente afectado se cure por si. Todos os dias vemos que as feridas se curam e a natureza é o primeiro dos médicos. Mas neste caso apresenta-se outra personalidade aparente, um ser subconsciente que parece ter conhecimento do organismo humano e dos meios de reorganizar o que estava desorganizado, de reedificar todo aquele corpo reduzido a ruinas e capaz de anunciar o que havia de produzir-se. Essa entidade assemelha-se a algo que vemos nos sonhos. Mas as teorias ensinadas não nos proporcionam qualquer explicação aceitável.

É precisamente o caso mais curioso da aventura. Um facto é um facto, e somos obrigados a admiti-lo, a bem ou a mal. Pois bem, neste caso estamos mergulhados em mistério e este acontecimento biológico, que devemos às atiladas observações de um sábio independente e experimentado, ficará na ciência como um documento do maior valor. Por isso, merecia ser conhecido.

Bola de Cristal

Quereis desenvolver a vidência e outras faculdades correlativas? Adquiri a BOLA DE CRISTAL ou espelho mágico que vos proporcionará momentos de verdadeira alegria espiritual.

À venda nesta redacção ao preço de 50$00.

Notas & Comentários

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE PINTORES ESPIRITAS

Por iniciativa da Liga Espirita do Distrito Federal (Liga Espirita do Brasil) realizou-se no Rio de Janeiro, de 1 a 29 de Outubro último, em comemoração do natalício de Allan Kardec, a 1.ª Exposição de Pintores Espiritas. Figuram na exposição 32 a 34 quadros, tendo concorrido mais de 10 artistas, todos espiritas, inclusive dois profissionais. A próxima Exposição, segundo o pensamento da Liga, deverá apresentar também trabalhos de diversos Estados brasileiros visto que a 1.ª Exposição se limitou, como experiência, ao Distrito Federal. Foi uma iniciativa original e por isso mereceu os mais francos louvores dos visitantes. A 1.ª Exposição de Pintores Espiritas do Rio de Janeiro constituiu, pois, uma nota inédita nas comemorações do aniversário de Kardec.

LIVROS MAUS...

Pessoa amiga enviou-nos há pouco o orgão clerical Correio do Minho, *que se publica na Roma Portuguesa, extremo norte deste formoso país abençoado pelo anjo da paz. Ali vimos uma interessante notícia que revela bem o estado mental de uma sociedade digna de melhor sorte. O correspondente é de Fafe, terra da* boa justiça, *e escreveu o que vai ler-se, intitulado «Livros Maus»:*

«Apareceu por aí, em certos organismos, especialmente nas Casas do Povo, um livro remetido como oferta, que não deve figurar nas bibliotecas de tais organismos sem perigo de envenenarem as consciências do nosso bom povo, tradicionalmente católico. Não são precisos tais livros para que o abastardamento das convicções se dê, infelizmente. Portanto, o livro «O Que é o Espiritismo» deve ser banido dos meios rurais, devolvendo-o sem demora à Delegação em Braga do I. N. T. P. que, neste sentido, tomou já atitude muito louvável».

Eis a notícia, sem alteração de uma vírgula.

É lamentável que se escrevam tais incongruências. Em que é que o livro em questão abastarda às convicções existentes? Se o Espiritismo é incompatível com a cultura ou com a moral, maior razão haverá para o dar a conhecer às classes rurais, a fim de se defenderem de suas maléficas irradiações. Os focos de infecção devem localizar-se e não ocultar-se aos viajantes. Mas o caso é outro. A luz meridiana não convém a certas candeias que necessitam do escuro para se revelarem. Que Deus nos ilumine a todos!

ESCOLHA DE PATRONOS

Segundo notícia publicada na Revista Espirita do Brasil *(Rio de Janeiro), foram incluidos na lista de* patronos *da Sociedade Brasileira de Filosofia diversos vultos históricos do Espiritismo. Em virtude da recente reforma por que passou o seu estatuto, a Sociedade Brasileira de Filosofia, entidade cultural, fundada há mais de 20 anos por um grupo de estudiosos da Filosofia, criou a categoria de sócios titulares em número de 40, com os respectivos patronos. Pelo critério adoptado nessa escolha, cada sócio titular teve ampla libertade para designar o seu patrono, dentro da sua corrente filosófica. Assim, pois, os espiritas que pertencem àquela Sociedade cultural preferiram os seguintes patronos:*

Coronel Delfino Ferreira — Allan Kardec.

Deolindo Amorim — Léon Denis.

Dr. Henrique Andrade — Gustave Geley.

Arnaldo S. Tiago — Bezerra de Meneses.

Dr. Lins de Vasconcelos — Camille Flamarion.

General Araripe de Faria — Gabriel Delanne.

Para completar a lista, ainda faltam outros patronos, tanto na corrente espirita, como noutras correntes.

«PSYCHIC WORLD»

Mais um semanário espirita inglês chega à nossa redacção. Dirigido pelo belo temperamento de Maurice Barbanell e Silvia Barbanell, o novo jornal intitula-se Psychic World *e apresenta-se profusamente ilustrado e com magnífico aspecto gráfico.*

O triunfo que o Espiritismo acaba de alcançar na Câmara dos Comuns, onde este orgão foi distribuido momentos antes do debate acerca do projecto de médiuns fraudulentos, há-de ficar memorável e dará ensejo a que novos jornais apareçam, para maior glória da doutrina que nos irmana. Barbanell é jornalista experimentado e considerado por quantos acompanham a sua actuação nos círculos londrinos.

Ao novo semanário e a seus directores apresentamos a expressão da nossa maior simpatia.

«A OBESESSÃO»

Segundo informa a revista belga Spiritualisme Moderne, *de Liége, dirigida pelo nosso correspondente Achille Biquet, as Edições da União Espirita Belga vão lançar um novo livro de Allan Kardec, intitulado «A Obsessão», extraído de* La Revue Spirite, *(de 1858 a 1868).*

Trata-se de textos que se não encontram em qualquer obra do Mestre. O volume atingirá 320 páginas cheias de ensinamentos e vender-se-á ao preço de 60 francos belgas.

UMA OBRA NOTÁVEL

Recebemos o livro «Fantasmas e Fantoches», de Carlos Imbassahy e Pedro Granja, que resolveram analisar o livro «Mistérios e Realidades deste Mundo e do Outro», do Prof. Silva Melo, que se meteu a atacar o Espiritismo sem conhecimento de causa.

Através das suas 400 páginas, o livro daqueles operosos confrades, o primeiro dos quais consagrado polemista, reduz a pó o amontoado de patranhas bolsadas por um catedrático a quem não bastam os pergaminhos do magistério para falar do que não sabe, nem experimentou.

Brevemente o nosso crítico falará da obra com o relevo que merece.

A edição é da Édipo, *de S. Paulo, e insere um belo prefácio de* Júlio Abreu Filho.

Noticiário

6.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se em 30 de Novembro último o *6.º Sorteio de Livros Espiritas*, cujo resultado foi o seguinte:

1.º Prémio — «Teatro da Mocidade», por Leopoldo Machado — *António Soares dos Anjos, de Viseu.*

2.º Prémio — «A Nova Luz», por Jorge Déjean — *José Pinho Trindade, de Luanda.*

3.º Prémio — «Pérolas Ocultas», por Abel Gomes — *João de Deus Santana Fonseca, de Santarém.*

4.º Prémio — «Didaquê Espirita», por Carlos Lomba — *D. Palmira Duarte Santos Bacelar, de Lisboa.*

Aos contemplados, as nossas felicitações, com votos de alegria e entusiasmo por esta forma de beneficência. Que eles incitem outros amigos a entrar no Sorteio de Livros Espiritas e que em breve possamos ampliar e reforçar esta cruzada de bem-fazer.

«UMA HORA DE LEITURA

Acaba de fundar-se no Centro Espiritualista Luz e Amor um Grupo intitulado «Uma Hora de Leitura», que funcionará semanalmente em dia e hora a estipular. Serão lidos trechos selectos de vários autores espiritas, de modo que os ouvintes possam formar uma ideia mais ou menos perfeita do que se tem escrito a respeito de Espiritismo.

COMEMORAÇÃO

No domingo, 7 de Janeiro de 1951, às 16 horas, realizar-se-à uma sessão solene na sede do Centro E. Luz e Amor, que comemorará dois acontecimentos de grande interesse: o trespasse de Maria Gonçalves Duarte Santos e o descerramento do retrato do nosso saudoso colaborador Coronel Faure da Rosa. Ligando estes dois acontecimentos, evocar-se-á a memória de dois grandes pioneiros que baquearam no seu posto e que tudo deram à Causa, inclusive a própria vida física.

Nos tempos que decorrem é necessário lembrar as figuras de bronze para que alguns possam imitá-las, abandonando a vulgaridade que as persegue como uma sombra.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Está a despertar grande interesse o nosso *Fundo Permanente de Beneficência* destinado a socorrer a pobreza envergonhada. De toda a parte surgem generosos donativos com o fim de minorar a miséria que lavra por esse mundo. Como os governos não podem, por si sós, resolver este magno problema, é preciso envidar esforços no sentido de auxiliar as autoridades. É o que estamos fazendo e continuaremos a fazer, certos de que novos amigos acorrerão com seus óbulos, para que na alma dos infelizes haje um pouco de luz e esperança.

Reforçai o nosso *Fundo de* Beneficência com contribuições permanentes e tereis contribuido para uma obra abençoada. Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

CONFERÊNCIA

Dia 27 de Janeiro, às 21.30 — Conferência por Álvaro Loureiro, intitulada «A Espiritualidade da Música».

GRUPO «JOÃO EVANGELISTA»

Dia 1 de Janeiro, 2.ª feira, às 21.30 — Palestra por António Cardoso.

Dia 15 de Janeiro, 2.ª feira, às 21.30 — Palestra por Túlio Augusto Rosa.

Dia 29 de Janeiro, 2.ª feira, às 21.30 — Palestra por Isidoro Duarte Santos.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JANEIRO DE 1951

Todas as 5.as feiras, às 21.30, sessões do *Grupo de irradiação mental «Reper-Siam»*, dirigidas por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «General Passaláqua»

Dia 7 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 14 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Inês Maria de Brass.

Dia 21 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Inês Maria de Brass.

Dia 4 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As sessões deste Grupo são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.

DISTRIBUIÇÃO DE DONATIVOS

No dia 23 de Dezembro foram distribuidos donativos a 380 famílias necessitadas por intermédio desta revista e do Centro Espiritualista Luz e Amor. Como, porém, os donativos continuam a afluir, faremos nova distribuição no próximo dia 4 de Janeiro, aniversário de Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga directora de *Estudos Psíquicos*, além de criadora da *Secção de Beneficência* que durante dez anos tem espalhado muitos milhares de escudos pelos nossos protegidos.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Dezembro — Francisco Marecos Henriques, de S. Tomé — 100$00; Álvaro Garcia, de Bragança — 20$00; A. Sequeira, de Lisboa — 500$00; P. B., de Lisboa, 20$00; J. J. S., de Setubal — 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00. Subscrição do 6.º Sorteio de Livros Espiritas — 130$00. Total — 810$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA

	br.	enc
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

	br.	enc.
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA